

# OS LUSÍADAS

## de Luís de Camões

Comentados por D. Marcos  
de S. Lourenço

*Cónego Regular da Congregação de Santa Cruz de Coimbra*

OS LUSÍADAS de Luís de Camões  
Comentados por D. Marcos de S. Lourenço



# OS LUSÍADAS

## de Luís de Camões

Comentados por D. Marcos de S. Lourenço



# OS LUSÍADAS

## de Luís de Camões

Comentados por D. Marcos de S. Lourenço

*Cónego Regular da Congregação de Santa Cruz de Coimbra*

TRANSCRIÇÃO E FIXAÇÃO DO TEXTO

Isabel Almeida, Filipa Araújo, Manuel Ferro,  
Teresa Nascimento, Marcelo Vieira

NOTAS

Isabel Almeida, Filipa Araújo, Marcelo Vieira

REVISÃO, ÍNDICE E NOTA INTRODUTÓRIA

Isabel Almeida



TÍTULO  
OS LUSÍADAS DE LUÍS DE CAMÕES  
Comentados por D. Marcos de S. Lourenço

EDIÇÃO  
Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos

IMPRESSÃO • ACABAMENTO  
PAPELMUNDE

DATA DE EDIÇÃO  
2014

DEPÓSITO LEGAL  
390981/15

ISBN  
978-989-8660-03-9

---

**FCT** Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA



Este trabalho é financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Fatores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto PEST-C/ELT/UI0150/2014.

*À memória do Professor Aníbal Pinto de Castro,  
Mestre de todos nós*



## APRESENTAÇÃO

Em coerência com os propósitos que presidiram à sua instituição, o CIEC – Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos tem vindo a concretizar largo programa de publicações, maioritariamente consagradas à edição e ao comentário de textos, à dissertação e ao ensaio de índole histórico-literária e crítico-interpretativa, mas também às buscas e elaborações de índole filológica e linguística.

A par dos esforços e dos instrumentos de trabalho para alcançar novos tratamentos do «texto recebido» de Camões, que erradiquem infundadas proposições impressionistas, iluminem dúvidas e indefinições, colmatem lacunas e adensem indagações, o CIEC tenta levar a cabo projectos de pesquisa, edição crítica e anotação actualizante quer de cancioneiros com relevância para a compreensão de Camões e dos principais marcos da história editorial da sua obra, quer dos grandes «Comentos» que ela suscitou desde os inícios do século XVII e que umas vezes chegaram aos prelos, outras quedaram inéditos.

A importância reconhecida ao Comentário, a par da atribuída aos estudos da densa intertextualidade propiciatória das obras camonianas e da sua recepção crítica e criativa no quadro dos saberes propedêuticos indispensáveis para a prática fundamentada da hermenêutica textual, leva a que a actividade científica do CIEC se desdobre entre a atenção consequente ao encadeamento histórico das exegeses e paráfrase tutelares e uma linha de investigação especificamente consagrada à actualização desse tipo de conhecimento do literário com sua genealogia de «anotações», isto é, o comentário como «aparato de ilustrações verbais, destinado a tornar mais compreensível um texto», que Cesare Segre e outros recolocaram na ordem do dia sob beneplácito teórico-metodológico.

Assim, enquanto um grupo de experientes críticos, portugueses e estrangeiros, sob coordenação de Rita Marnoto, vem realizando sucessivos seminários e vem produzindo sucessivos volumes de Comentário a poemas das *Rimas* camonianas, outras equipas de investigadores do CIEC vêm concentrando o seu labor ora na revisitação de edições da obra camoniana ou na pesquisa de cancioneiros circum-camonianos, ora na identificação e edição de Comentários.

Não deixou, por conseguinte, o trabalho do CIEC, neste caso conduzido por Isabel Almeida, de remontar a *Os Lusíadas do grande Luis de Camoens. Príncipe da Poesia Heroica. Commentados pelo Licenciado Manoel Correa* [...] de 1613. Mas razões conjunturais levaram a que, entretanto, chegasse primeiro a bom termo outro trabalho maior, também de grupo e também coordenado por Isabel Almeida.

Trata-se da edição crítica do manuscrito, provavelmente autógrafo, de um daqueles grandes Comentários inéditos: o códice 46-VIII-40 da Biblioteca da Ajuda, que guarda o comentário de D. Marcos de S. Lourenço, cónego de Santa Cruz de Coimbra, aos três primeiros cantos d’*Os Lusíadas*. Nesta edição, aos méritos ecdóticos do grupo de investigadores responsáveis pela leitura e transcrição do manuscrito associam-se os méritos heurísticos do subgrupo responsável pelas notas que acompanham a fixação do texto. Assim se resgata do injusto e prejudicial abandono a parte conclusa de um trabalho mais vasto, que terá ficado incompleto ou parcialmente se perdeu.

A excelente introdução, com a segura e inostensiva erudição que é proverbial em Isabel Almeida, esclarece-nos quanto ao que se pode apurar sobre D. Marcos de S. Lourenço e sua situação relativamente à linhagem de comentadores do “nosso Camões” que no seu tempo avultava; e orienta a nossa leitura no sentido de atentarmos devidamente nas tendências e características peculiares do discurso do erudito crúzio, ao mesmo tempo que aponta para os inestimáveis contributos que a presente edição, com suas proficientes notas, seu índice remissivo e sua bibliografia final, traz à dilucidação do substrato cultural explorado por D. Marcos e dos inúmeros autores por ele citados, traduzidos ou parafrazeados.

Diferentemente do que ocorre em outros grandes comentadores de Camões (numa derivação reflexiva que, aliás, se repercute na actual prática dos investigadores do CIEC, de modo que os seus volumes de Comentário juntam uma vertente de ensaio à de comentário *stricto sensu*), D. Marcos de S. Lourenço não chega a propor e fundamentar uma interpretação estruturante d’*Os Lusíadas*, cuidando antes de primar pela «explicação» exegética de cada passo e pela sua glosa, que convoca intertextos e aduz pareceres autorizados. Mas nem por isso menos transparente, como evidencia Isabel Almeida, a paixão mundividente e cívica, não apenas estético-literária, com que D. Marcos lê e comenta *Os Lusíadas*, empolgado pelo seu cativante e profético potencial de energia simbólica.

Aos apreciáveis recursos retórico-estilísticos, a que não são alheios a faceta juvenil de criador poético que não perde oportunidade de trazer à colação, nem a assimilação da hegemónica arte parenética pós-tridentina que deixa transparecer no tratamento tropológico de episódios sacros, junta D. Marcos o domínio, ainda que desigual, das grandes línguas antigas e modernas da cultura humanística, e dispõe de invejável erudição nos vários campos de eleição da intelectualidade católica seiscentista.

Tal como prevalecia entre os comentadores camonianos do seu tempo, D. Marcos de S. Lourenço trabalha prioritariamente sobre um exemplar d’*Os Lusíadas* de 1572, visando ser tão fiel quanto possível ao «original» de Camões. Mas, além do próprio poema épico, D. Marcos tem na mira o «Comento» de Manuel Correia, com o qual estabelece relação não unívoca – de crítica e de diferente motivação final, mas também de adopção de características afins. Entre o discurso de Manuel Correia e o de Faria e Sousa, a escrita de D. Marcos dá razão a Isabel Almeida para a arguta referência ao modo como, alicerçado «num ideal

poético classicizante, que valorizava a *imitatio* sem negar a liberdade e o mérito da diferença criativa», os comentários de D. Marcos enaltecem *Os Lusíadas* como obra que assimilava e suplantava a lição dos mestres, pois a «excelente poesia» de Camões soube meter «cousas suas» e «com mais propriedade» no entretecer paragramático do texto.

JOSÉ CARLOS SEABRA PEREIRA



## PARA UMA LEITURA DO COMENTÁRIO DE D. MARCOS DE S. LOURENÇO

O manuscrito que agora se edita (códice 46-VIII-40 da Biblioteca da Ajuda) guarda o comentário de D. Marcos de S. Lourenço, cónego de Santa Cruz de Coimbra, aos três primeiros cantos d'Os *Lusíadas*<sup>1</sup>. Trata-se provavelmente de um testemunho autógrafo, a julgar pelas rasuras, as substituições, os acrescentos, as tentativas de polir o discurso – marcas próprias do zelo de autor. Se outra mão produziu a cópia ou nela interveio, resta pensar que D. Marcos a guiou de perto.

Nas últimas folhas surgem apontamentos soltos, destinados talvez à prossecução deste labor, que ficou incompleto ou só em parte sobreviveu. É verdade que, em declarações preambulares, D. Marcos o dá por acabado e prestes a sair «à praça do mundo» (p. 2). É igualmente verdade que, numa missiva porventura endereçada a Jorge Cardoso<sup>2</sup>, fala do «comento» como se o tivesse concluído: garante que preparara «cartas a modo de mapas, onde estava pintada a navegação de Vasco da Gama, notando com letras o lugar onde se sucedeu alguma história que o poeta conta» (iconografia de que não há vestígio no ms. 46-VIII-40); assevera que «no nono Canto e parte do décimo, em que o poeta usava de algúas palavras lacivas, coment[ara] em alegorias por fugir e encobrir a lacívia da letra»<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> No século XIX, o Visconde de Juromenha não hesitou em considerar «autographo» o manuscrito então pertencente à «Real Bibliotheca das Necessidades», e deu relevo à obra do P.<sup>e</sup> D. Marcos de S. Lourenço, da qual transcreveu alguns fragmentos (*Obras de Luiz de Camões precedidas de um ensaio biographico no qual se relatam alguns factos não conhecidos da sua vida pelo Visconde de Juromenha*. Vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional, 1860, pp. 323-325). No século XX, foi Luiz Piva quem destacou este Comento e dele fez uma apresentação, citando múltiplos trechos (v. «Marcos de S. Lourenço – um comentarista inédito de Os Lusíadas», *Revista Camoniana*, São Paulo, II série, vol. II, 1979, pp. 77-89).

<sup>2</sup> Se a epístola referida por Diogo Barbosa Machado for o texto hoje conservado através de uma cópia setecentista na Biblioteca da Ajuda (BA 51-VI-34) – texto sem nome de destinatário explícito, embora o tratamento por «V. R.» indique um sacerdote –, não está certa a informação segundo a qual D. Marcos apenas «Tinham completos 5 Cantos para a Impressão, como escreveu a 25 de Setembro de 1637 ao celebre Antiquario Jorge Cardoso.» (*Bibliotheca Lusitana [...] por Diogo Barbosa Machado*, Lisboa, Ignacio Rodrigues, 1752 – reimpressão fac-similada, Coimbra, Atlântida Editora, 1966, p. 410). Na verdade, D. Marcos dá o trabalho por terminado e explica até como tratara a «lacívia» dos cantos IX e X. Se outra tiver sido a missiva dirigida a Jorge Cardoso em 1637, haverá que admitir que o texto de BA 51-VI-34 é posterior.

<sup>3</sup> «Relação do P. Dom Marcos. Importante p.<sup>a</sup> muitas antiguidades deste Reyno de Portugal» (BA 51-VI-34, f. 186).

(a exposição disponível, porém, termina no canto III). É ainda verdade que, por meados do século XVIII, Diogo Barbosa Machado noticiou a existência de obra pronta sobre cinco cantos d'*Os Lusíadas*<sup>4</sup>. Mas nem Barbosa Machado terá visto os escólios<sup>5</sup> (e não custa imaginar que, na lide com informação alheia, o desenho dos algarismos «3» e «5» se prestasse a equívocos) nem será inverosímil que D. Marcos, solicitado por uma figura como Jorge Cardoso, preferisse afirmar, e com persuasivo detalhe, que havia muito encetara e levava a cabo a sua iniciativa.<sup>6</sup>

Cardoso arquitectava já então o *Agiologio Lusitano*<sup>7</sup>, e integrava uma rede cultural cujo centro era o Chantre de Évora, Manuel Severim de Faria, o que além de o dotar de autoridade o associava ao círculo de influência de um reputado camonista<sup>8</sup>. Entende-se pois que, perante Jorge Cardoso (como perante outro nome de prestígio), D. Marcos se apressasse a reclamar o estatuto de comentador do «príncipe dos poetas». Era um título que atraía candidatos (basta lembrar Diogo do Couto, Manuel Correia, Luís da Silva de Brito, Pedro de Mariz, Manuel Se-

---

<sup>4</sup> Num dos folhetos da polémica que a edição das *Obras* de Camões pelo Padre Tomás José de Aquino suscitou (*Camões defendido; e o editor da edição de 1779, e o censor deste julgados sem paixão em huma carta dada á luz por Patricio Aletophilo Misalazão*. Lisboa, Na Regia Officina Typographica, 1784), é mencionado «o Ms. com os Commentarios de D. Marcos de S. Lourenço, Conego Regular da Congregação de Santa Cruz de Coimbra». O códice, então conservado «em huma das melhores livrarias de Lisboa» (p. 45), seria o mesmo que hoje se encontra na Biblioteca da Ajuda? Apesar da discrepância nas datas apontadas (discrepância que poderá ter resultado de um erro de leitura ou de apontamento), é uma hipótese razoável: «não cont[inha] mais de tres Cantos» (p. 21), «sendo escritos os Commentarios daquelle erudito Conego na Torre de Paderne pelos annos de 1630, 1631, 1632, como consta de assentos feitos no fim dos Commentarios de cada Canto.» (p. 9)

<sup>5</sup> No verbete dedicado a D. Marcos de S. Lourenço na *Bibliotheca Lusitana* (v. nota 2), Diogo Barbosa Machado escreveu: «Falleceo no Convento de Landim, onde sempre habitou a 12 de Fevereiro de 1645.» Bastaria uma rápida consulta do texto do comentário, porém, para se ver que a residência do autor não foi «sempre» nem sequer principalmente Landim.

<sup>6</sup> Na «Relação do P. Dom Marcos. Importante p.<sup>a</sup> muitas antiguidades deste Reyno de Portugal», D. Marcos associou ao casual manuseio de um exemplar da edição de 1584 a sua deliberação de comentar *Os Lusíadas*: «bem fora estava de tomar tal empresa, [...] e a causa que me moveu a emprehê-la foi esta, acaso um dia tomei um livro das Lusíadas na mão, que tinha algúas notações ou declarações à margem, e ali donde o poeta fala de Sesimbra chama-lhe piscosa, por caso do muito pescado que naquele mar se toma, a notação declarava este passo, dizendo piscosa se chama por rezão dos muitos piscos que nele se ajuntam, e quando eu vi tamanho dispreposito senti muito achá-lo escrito em língua Portuguesa, e daquele instante tomei a minha conta comentar isto como havia de ser, ou o melhor que eu pudesse [...]». (f. 185v). Teria assim anotado «os primeiros três Cantos, e querendo começar o quarto saiu o L.<sup>do</sup> Manuel Correa [...]». A prossecução do Comento (após 1613), dever-se-ia ao desgosto e ao escândalo de ver mal compreendido o poema de Camões, por entre «erros manifestos», «sentenças [...] sutis», «trocados [...] galantes» e «alegorias [...] profundas» apenas olhados «ao lume d'água, sem nunca penetrar os occultos mistérios que aí se escondiam». «A isto não chamo eu comentar, mas enxovalhar», vincava D. Marcos (f. 186).

<sup>7</sup> V. *Agiológico Lusitano*. Estudo e Índices de Maria de Lurdes Correia Fernandes, t. V, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2002, p. 9.

<sup>8</sup> V. Maria Lucília Gonçalves Pires, *A crítica camoniana no século XVII*, Lisboa, Instituto de Língua Portuguesa, 1982; Maria da Conceição Ferreira Pires, *Os Académicos Eborenses na Primeira Metade de Seiscentos. A Poética e a Autonomização do Literário*. Lisboa, Edições Colibri/CIDEHUS-UE, 2006.

verim de Faria, Manuel Pires de Almeida, Manuel de Faria e Sousa, João Pinto Ribeiro) e acendia paixões.<sup>9</sup>

No manuscrito, três registos (um no remate de cada canto) chamam a atenção:

«3 de Abril. 631.»

«Fim do 2º canto. 4 de Fev.º 1632, na Torre de Paderne, 11 horas da noite.»

«Fim do terceiro canto. Aos 10 de Março de 1633, às 10 da noite na Torre de Paderne.»

Mais do que situar no espaço e no tempo o avanço da empresa (apuramento de versão prévia?<sup>10</sup>), o cuidado de fixar um pormenor como a hora é revelador. Torre de Paderne – o mosteiro crúzio de Torre de Paderne – localizava-se no Alto Minho, próximo de Melgaço, na fronteira com a Galiza. Fevereiro e Março eram meses de inverno. Que significaria, no quotidiano monástico, com suas regras e rotinas, essa actividade nocturna que resistia às asperezas do clima para fervorosamente celebrar Camões?

Não se sabe muito acerca de D. Marcos de S. Lourenço. Para lá dos elementos recolhidos pelo Visconde de Juromenha, segundo os quais terá recebido «o acto canonico no Real Mosteiro de S. Vicente de Fóra a 11 de Fevereiro de 1606»<sup>11</sup>; para lá das linhas exíguas que João Franco Barreto lhe dedicou<sup>12</sup>; para lá do escasso (e não seguro) verbete que Diogo Barbosa Machado compôs para a sua *Bibliotheca Lusitana*, onde atribui também a D. Marcos um *Tratado historico em que trata se em tempo de Nabuco viviaõ Judeos em Hespanha* (inédito) e o dá por falecido em Santa Maria de Landim, junto de Braga, em 1645, tudo se reduz ao que o próprio comentador permite conjecturar ou vai patenteando nas suas palavras.

Nascido em Coimbra («pátria e mãe minha» – p. 128), D. Marcos terá vivido em Lisboa, onde ameahou gratas e fundas memórias (pp. 191, 553); estaria na capital em 1619, pois parece ter assistido a uma tourada no Terreiro do Paço, por altura da vinda de Filipe II, III de Espanha (p. 154); presumivelmente, residiria em S. Vicente de Fora, a cujo património é sensível (p. 617), como o é ao de Santa Cruz de Coimbra, por onde decerto passou (pp. 469, 491, 504, 528, 531).

---

<sup>9</sup> V. Aníbal Pinto de Castro, «Prefácio», in João Franco Barreto, *Micrologia Camoniana*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Biblioteca Nacional, 1982, pp. I-XXXV.

<sup>10</sup> Na «Relação do P. Dom Marcos. Importante p.<sup>a</sup> muitas antiguidades deste Reyno de Portugal», lê-se que a composição inicial do comentário aos «primeiros três Cantos» seria anterior a 1613. Afirma D. Marcos: «e querendo começar o quarto saiu o L.<sup>do</sup> Manuel Correa [...]». Se estas declarações forem verdadeiras, o códice 46-VIII-40 da Biblioteca da Ajuda será a cópia de uma versão intermédia do trabalho, e não desse original. Prova-o, por exemplo, o recurso insistente à obra do jesuíta James Gordon, que só em 1614 foi publicada.

<sup>11</sup> *Obras de Luiz de Camões precedidas de um ensaio biographico no qual se relatam alguns factos não conhecidos da sua vida pelo Visconde de Juromenha*. Vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional, 1860, p. 327.

<sup>12</sup> V. *infra*, p. XV.

Alguns anos permaneceu no Norte, em Torre de Paderne, com oportunidade para se abeirar de terra galega, que retrata em termos sombrios (p. 586), e, não menos, para visitar Braga (p. 490), o mosteiro de Refoios de Lima (p. 596), ou a Veiga da Matança e a igreja de Grade, nos arredores de Arcos de Valdevez (p. 512).

Da sua experiência em Torre de Paderne, nada conta, mas não lhe seria estranho o ofício de pregador. A maneira como acomoda trechos que cita, a perspectiva tropológica que adota sobre episódios sacros, a projecção de tópicos férteis na parenética são indícios de um hábito, se não de pregar, de escutar a pregação. Hábito inevitável, aliás, em período pós-tridentino.

As condições e o geral contexto do seu desempenho como escoliasta, tão-pouco desvenda. Contemporâneo de Manuel Severim de Faria (cuja «Vida de Luís de Camões», publicada em 1624, nos *Discursos Varios Politicos*, nunca refere), Manuel Pires de Almeida (que, tendo começado a pronunciar-se sobre a epopeia, acabaria por lançar-se a comentá-la, entre as décadas de 30 e 40<sup>13</sup>), Manuel de Faria e Sousa (o qual já desde os anos 20 progredia na orgulhosa construção das suas *Lusiadas Commentadas*<sup>14</sup>), D. Marcos deve ter trabalhado em recato, sem estabelecer laços com estes ou outros leitores do poeta. Seria ignorado? Desejaria sê-lo? Em que medida pesaram distâncias, desencontros, contingências biográficas? Quando Jorge Cardoso o consultou, apreciá-lo-ia quer como perito em «velhices e antiguidades de histórias», quer como responsável por um «Comento das Lusíadas»<sup>15</sup>? É D. Marcos quem o diz, mas nem Cardoso viria a tomá-lo como

---

<sup>13</sup> *Os Lusiadas de Luis de Camões Commentados por Manuel Pires de Almeida* (ms. Casa de Cadaval, 3, Arquivo Nacional da Torre do Tombo). Hélio Alves admite que a redacção dos comentários tenha tido início antes de 1636 (Hélio Alves, «Manuel de Faria e Sousa e Manuel Pires de Almeida: uma contenda fundamental em torno de Camões», in AAVV., *Homenagem ao Professor Augusto da Silva*. Évora, Universidade de Évora/Departamento de Sociologia, 2000, pp. 283-300). Quanto a intervenções camonianas de Pires de Almeida em Academias, Augusto Soares Amora fá-las remontar aos anos 20, mas a prova que aduz não é exacta. De facto, o códice 4515 da Biblioteca Nacional – Lisboa (*Hoc Libro Continetur ea quae acta sunt publice in hac Eborensi academia ab anno 1620*) guarda Orações e outros textos, produzidos no âmbito da Universidade de Évora, e nenhum é ali atribuído a Pires de Almeida. É certo, no entanto, que num dos manuscritos autógrafos de Pires de Almeida se lê a data de «1629» a acompanhar o «Juízo Crítico sobre a Visam do Indo, e Ganges, rios da India a el Rey Dom Manoel, representada nos Lusiadas de Luis de Camoens em o canto quarto.» (ms. Casa de Cadaval, 2, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, f. 215).

<sup>14</sup> V. Arthur L.-F. Askins, «Os inéditos camonianos de Manuel de Faria e Sousa», in *Critique Textuelle Portugaise. Actes du Colloque, Paris, 20-24 octobre 1981*. Paris, Fondation Calouste Gulbenkian/Centre Culturel Portugais, 1986, pp. 219-226.

<sup>15</sup> Na «Relação do P. Dom Marcos. Importante p.<sup>a</sup> muitas antiguidades deste Reyno de Portugal», D. Marcos dispõe-se a responder a duas perguntas. A «primeira questão» seria «acerca do nosso Comento», e para a satisfazer principia por afirmar: «A curiosidade de V. R., junto com a obrigação que tenho de o servir, e obedecer em tudo, me fazem sair a campo com velhices e antiguidades de histórias com que eu tinha feito tréguas depois que exercitei bem no Comento das Lusíadas de Luís de Camões, e porque daqui comece a satisfazer as perguntas e dúvidas de V. R. digo que o engenho desse famoso poeta me parece semelhante às linhas que lançaram à porfia aqueles dous célebres pintores Apeles e Portógenes, a que Plínio que as viu chama visum fugientes, que se

fonte do *Agiologio Lusitano*<sup>16</sup> nem um bibliógrafo como João Franco Barreto, colocado sob o patrocínio do Chantre de Évora, de quem Jorge Cardoso era correspondente, dele traçaria mais do que um perfil seco e impreciso<sup>17</sup>: «D. Marcos da Silva. Natural de Coimbra, Cónego regular de S.<sup>to</sup> Agostinho em S. Vicente de Fora da Cidade de Lisboa. Compôs um Comento sobre *Os Lusíadas* de Camões que entre os seus está manuscrito.»<sup>18</sup>

Desconhecido, ou quase, dos seus pares (sintomática volta a ser a ausência do *Hospital das Letras*<sup>19</sup>), e desconhecendo-os ou afectando desconhecê-los, o que D. Marcos de S. Lourenço recorda e o que insiste em criticar são *Os Lusíadas* [...] *commentados pelo Licenciado Manuel Correa*, postumamente impressos em 1613, graças a Pedro de Mariz, que nesta «sementeira» interferiu<sup>20</sup>. Na carta

---

era argumento de grande sutileza lançar com a mão e pincel linhas que a vista mal enxergava, não será menor escrever cousas tão enlevadas, que o entendimento muito agudo, e prespicaz, quando mais se quer afirmar no sentido e explicação delas às vezes as perde de vista. Confesso que depois de dez ou doze anos de estudo sobre esta escuríssima obra, o que posso dizer é que quem mais facilmente a entendeu, menos dela alcançou, porque as cousas que parecem ditas acaso, e por encher verso, ou responder a consoante, todas tem mistério e significação mais do que declaram. Homero escreveu o que quis, Virgílio imitou a Homero mintindo também como ele, ambos são excelentes, ambos Doctríssimos, o nosso Camões imitou a todos poetas, ainda historiadores, e falando sempre verdade tocou mais fábulas que todos, escreveu mais histórias que todos em verso tão elegante e polido como os melhores, e se é cousa sutil, e maravilhosa em um pequeno mapa descrever o mundo todo, maior riqueza, digo engenho, requiere e mais sutileza tem uma obra tão pequena adonde está o mundo, não pintado mas descrito, e as largas histórias que nele sucederam tão bem relatadas.» (fls. 185-185v). Este passo foi publicado pelo Visconde de Juromenha, numa leitura que por vezes se afasta da lição registada no testemunho setecentista, ou para o corrigir ou para dele fazer uma actualização linguística (v. *Obras de Luiz de Camões precedidas de um ensaio biographico no qual se relatam alguns factos não conhecidos da sua vida pelo Visconde de Juromenha*. Vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional, 1860, pp. 326-327).

<sup>16</sup> Ausente do *Agiologio Lusitano*, o nome de D. Marcos tão-pouco se acharia nos papéis em que Jorge Cardoso compunha uma Biblioteca Lusitana. Pelo menos o P.<sup>e</sup> Francisco da Cruz, que teve acesso a esse material, não o mencionou ao respigar «Aliqua ex ms. Georgi Cardoso circa Scriptorum Lusitanorum» (BA 51-V-47).

<sup>17</sup> Se a informação dada pelo Visconde de Juromenha estiver certa, D. Marcos nunca teve Silva por apelido. Seus pais, Marcos de Oliveira e Maria Carvalho, deram-lhe no baptismo «o nome de Lourenço que na profissão mudou para o de Marcos com o sobrenome de S. Lourenço.» *Obras de Luiz de Camões precedidas de um ensaio biographico no qual se relatam alguns factos não conhecidos da sua vida pelo Visconde de Juromenha*. Vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional, 1860, p. 328.

<sup>18</sup> *Bibliotheca Lusitana Autores Portuguezes 1.<sup>a</sup> Parte Offerecida por Joaõ Franco Barreto seu Autor natural da Cidade de Lx.<sup>a</sup> Autor da Eneida Portugueza*, f. 801 (Ms. da Casa do Cadaval, disponível em fotocópia na Sala de Reservas da Biblioteca Nacional – Lisboa).

<sup>19</sup> «Comentos», diz o Autor, «São dous e nenhum santo: de Manuel Correia o primeiro, e de Manuel de Faria o segundo.» Adiante, acrescentaria: «Há mais certos comentos manuscritos: um de João Pinto Ribeiro, outro de Aires Correia que depois reduziu a melhor forma Frei Francisco do Monte.» (Jean Colomès, *Le dialogue "Hospital das Letras" de D. Francisco Manuel de Melo*. Texte établi d'après l'édition princeps et les manuscrits, variantes et notes, Paris, F. Calouste Gulbenkian/Centro Cultural Português, 1970, pp. 10 e 11).

<sup>20</sup> *Os Lusíadas do grande Lvis de Camoens. Principe da Poesia Heroica. Commentados pelo Licenciado Manoel Correa, Examinador synodal do Arcebispado de Lisboa, & Cura da Igreja de*

cujo destinatário terá sido Jorge Cardoso, o ataque a Correia é demolidor<sup>21</sup>; nos escólios, acha-se moderado ou camuflado em táticas divergências. Seja como for, *Os Lusíadas* [...] *commentados pelo Licenciado Manuel Correa* estão na mira de D. Marcos de S. Lourenço, que, decidido a superá-los, não se poupa a esforços, exhibe erudição e mobiliza a filosofia, a Bíblia, a patrística, a historiografia, a geografia, a cronologia, a poesia, a emblemática; entra por campos infinitos; utiliza o castelhano, o francês (numa elucubração mínima em torno da palavra «Pares»), o italiano, o latim, e não prescinde de trazer à colação, embora vacilante, o grego e o hebraico. Se o manuscrito for autógrafa, as hesitações e a irregularidade da letra traem o afã de tudo investir – até o que escapava a um domínio perfeito.

\* \* \*

Já não existe a livraria de Torre de Paderne – mosteiro extinto em Setembro de 1770, por decreto do Marquês de Pombal<sup>22</sup>. Dessa livraria, porém, não terá D. Marcos dependido em absoluto. Viria de longe a sua resolução de «explicar» *Os Lusíadas*<sup>23</sup>, e a outras bibliotecas (desde logo, as de S. Vicente de Fora e de Santa Cruz de Coimbra) pôde recorrer. Livros e notícias circulavam, e habitar num cenóbio minhoto não constituiria um corte com o mundo. Nem o pretendeu D. Marcos, que da sua entrega ao poema de Camões fez, sim, oportunidade e razão para ler, ver, ouvir e falar.

Comentar *Os Lusíadas* seria sempre, nesta época, exaltá-los. O comentário distinguia e consagrava, e, enquanto autor épico, Camões foi objecto de honras sem paralelo entre os modernos. Se havia *annotationi* de Girolamo Ruscelli sobre um *romanzo* como *Orlando Furioso*<sup>24</sup>; se havia copiosas exposições da *Commedia* de Dante<sup>25</sup>; se havia escólios vários sobre a lírica de Petrarca<sup>26</sup> ou a de Gar-

---

S. Sebastião da Mouraria, natural da cidade de Elvas. Dedicados ao Doctor D. Rodrigo d'Acunha, Inquisidor Apostolico do Sancto Officio de Lisboa. Per Domingos Fernandez seu Livreyro. Com licença do S. Officio, Ordinario, y Paço. Lisboa, Pedro Crasbeeck, 1613. No texto preambular endereçado «Ao estudioso da lição Poética», Mariz assume ter metido «a mão» na «sementeira» de Manuel Correia, sem no entanto esclarecer qual o teor e o alcance dessa interferência.

<sup>21</sup> V. nota 6.

<sup>22</sup> V. José Marques, «O Cartório e a Livraria do Mosteiro de Torre de Paderne, em 1770», *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Melgaço*, 1, 2002, pp. 9-92.

<sup>23</sup> V. nota 6.

<sup>24</sup> *Orlando Furioso Di M. Lodovico Ariosto, Tutto Ricorretto, Et Di Nvove Figure Adornato. Con le Annotationi, gli Auvertimenti, & le Dichiarationi di Girolamo Ruscelli* [...]. Venetia, Appresso Vincenzo Valgrisi, 1560.

<sup>25</sup> O *corpus*, muito vasto, onde ressaltam nomes como os de Alessandro Vellutello, Bernardino Daniello ou Torquato Tasso, encontra-se disponível no *site* Dartmouth Dante Project (<http://dante.dartmouth.edu>).

<sup>26</sup> Sobressaem, no século XVI, nomes como os de Alessandro Vellutello ou Giulio Camillo Delminio. V. Gino Belloni, «Les commentaires de Pétrarque», in *Les commentaires et la naissance de la critique littéraire. France/Italie (XIVe-XVIe siècles)*. Actes du Colloque international sur le

cilaso de la Vega<sup>27</sup>, o mesmo não ocorria (ou não ocorria logrando pública expressão<sup>28</sup>) com epopeias recentes. Abundavam, sim, comentários às *Opera* de Virgílio, em particular à *Eneida* – e dessa tradição foram *Os Lusíadas* directos herdeiros.

Alicerçado num ideal poético classicizante, que valorizava a *imitatio* sem negar a liberdade e o mérito da diferença criativa, o «comento» de D. Marcos veio encarecer *Os Lusíadas* como obra que assimilava, suplantando-a, a lição dos melhores. Manuel Correia ou Pedro de Mariz haviam destacado a semelhança com os antigos; D. Marcos preferiu enfatizar a habilidade com que nesta «excelente poesia» (p. 385), «tão feliz» (p. 330), Camões «met[ia] cousas suas» (p. 560), até «com mais propriedade» (p. 618).

Nestes escólios há características que ora os avizinham d'*Os Lusíadas* [...] *Commentados* (1613) ora os tornam consonantes com a proposta que Faria e Sousa daria à estampa em 1639<sup>29</sup>. Repare-se: D. Marcos de S. Lourenço descura ou despreza contactos entre a epopeia e demais obras de Camões. Só fugazmente alude à lírica; sobre o teatro ou as cartas, mantém silêncio. Ao proceder assim, segue na esteira de Manuel Correia e Pedro de Mariz, que haviam concentrado a atenção no poema heróico, como quem isolando o género perfilha uma hierarquia de inspiração greco-latina. Outro seria o rumo de Faria e Sousa, que, decidindo a contemplar em plenitude «[su] poeta», tudo abarcou.

D. Marcos tão-pouco se equipara a Faria e Sousa nos elogios ao impacto passional da poesia e ao seu poder de suscitar *admiratio*. Mas sem a exuberância que é timbre de Faria e Sousa, mostra que a mestria e o *pathos* do discurso camonianiano o tocam e lhe proporcionam uma consciência ou um vislumbre do sublime:

Descrição de ãa noite serena e sossegada, nenhum poeta a fez com mais propriedade e galantaria que aqui o nosso poeta. Considero-o eu na sua Cidade de Lisboa posto sobre algum eirado à vista do Tejo, onde as trémulas águas ilustradas com o resplendor da lua dão aos olhos um agradável objecto, que tanto enleva um entendimento na consideração do que vê, que o faz descuidar-se de

---

*Commentaire*. Textes réunis et présentés par Gisèle Mathieu-Castellani et Michel Plaisance. Paris, Aux Amateurs de Livres, 1990, pp. 147-155.

<sup>27</sup> V. *Garcilaso de la Vega y sus Comentaristas. Obras Completas del Poeta Acompañadas de los Textos Íntegros de los Comentarios de El Brocense, Fernando de Herrera, Tamayo de Vargas y Azara*. Edición, Introducción, Notas, Cronología, Bibliografía e Índices de Autores Citados por Antonio Gallego Morell. Segunda edición revisada y adicionada, Madrid, Gredos, 1972.

<sup>28</sup> A prática de anotação manuscrita em textos impressos deve ser considerada. Por exemplo, um exemplar da edição da *Felicissima Victoria Concedida del cielo al señor don Iuan d'Austria, en el golfo de Lepanto de la poderosa armada Othomana. En el año de nuestra saluacion de 1572. Compuesta por Hieronymo Corte Real, Cauallero Portugues* (Lisboa, Antonio Ribero, 1578) – exemplar pertencente à Biblioteca Nacional, com a cota Res. 222 V – contém numerosas notas, que sintetizam informação sobre personagens históricas e mitológicas, referências geográficas ou astronómicas, etc. A Hélio Alves é devido um agradecimento pela partilha desta informação.

<sup>29</sup> Manuel de Faria e Sousa, *Lusíadas de Luís de Camões. Comentadas por [...]*. Reprodução fac-similada da edição de 1639, 2 vols., Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1972.

si, como eu confesso que me aconteceu muitas vezes naquela Cidade com olhos naquele soberbo Rio quando de espelho serviam suas águas à fermosa Diana, que me deixava levar tanto das saudades que n'alma me espertavam as cousas que via, que tudo o demais me não lembrava. Assi Camões possível é que à vista do que escrevia se enlevasse pera pintar estes tão próprios e elegantes versos, porque podia ver mar ilustrado dos raios da lua, o Céu estrelado donde quer se vê, o sossego dos ventos quem quer o alcança. Vigias de noite em naus é cousa mui ordinária onde quer que as há, e no Tejo mais que em nenhum porto de Europa no tempo que Camões escrevia. E assi noto nas descrições de Camões ãa propriedade tão conforme com o que é, como quem não pintava o que não via, mas contava o que lhe aconteceu, e o que experimentou. (p. 191)

Mais do que erguer uma interpretação global e articulada d'*Os Lusíadas* (como Faria e Sousa ensaiou), D. Marcos de S. Lourenço privilegia a glosa topológica, desenvolvida passo a passo, sobre fragmentos cuja «explicação» chama outros textos e propicia, num movimento deambulatório<sup>30</sup>, a acumulação de *auctoritates*. Um verso, uma palavra, autonomizam-se e desencadeiam a pródiga citação de excertos, que apenas o tema (*v.g.*, eloquência, fama, honra, nobreza, pátria, vigília...) conecta. Qual o fundamento dessa proliferação? Amiúde, os florilégios enciclopédicos que desde o século XVI a imprensa divulgava.<sup>31</sup>

Embora timidamente assumido, o recurso à *Polyanthea Nova* de Joseph Lange é indesmentível, como o é o manuseio da *Officina* de Ravisius Textor. Não que D. Marcos fosse um comentador «de cartapácio»<sup>32</sup>, à mercê do pecúlio por outros angariado. De quando em quando, percebe-se que a *Polyanthea Nova* ajudou a lembrar mais autores e mais textos. Em muitos casos, porém, funcionou como um generoso manancial de efeito erudito, sem dúvida grato a D. Marcos, e por dois motivos: porque dignificava o seu carácter de escoliasta; porque servia ao exalçamento de Camões.

---

<sup>30</sup> «Vagabonder autour du texte» é a expressão usada por Jean Céard para caracterizar os comentários renascentistas («Les transformations du genre commentaire», in *L'Automne de la Renaissance. 1580-1630. XXIIe Colloque International d'Études Humanistes, Tours, 2-13 juillet 1979*. Études réunies par Jean Lafond et André Stegmann [...], Paris, Librairie Philosophique J. Vrin, 1981, p. 111).

<sup>31</sup> V. Ann Moss, *Les recueils de lieux communs. Méthode pour apprendre à penser à la Renaissance*. Genève, Librairie Droz, 2002.

<sup>32</sup> Decalco as palavras do Padre António Vieira, que num «Sermão de Santo António» não escondeu o desdém por quem fosse «pregador de cartapácio» (P.<sup>e</sup> António Vieira, «Sermão de Santo António», in *Sermões*. vol. VII, Porto, Lello & Irmão, 1959, p. 138). A expressão teria na época sentido vivamente depreciativo. Recorde-se a advertência feita por D. Francisco de Portugal, na *Arte de Galantería*, no que tocava a «valerse de versos»: «con riesgo de que le suceda como al que trayendo por respuesta dos versos de un romance a una dama, dijo ella: joh cansada cosa discretos de cartapacio!» (D. Francisco de Portugal, *Arte de Galantería*. Edição e notas de José Adriano de Freitas Carvalho, Porto, Centro Inter-Universitário de História da Espiritualidade, 2012, pp. 111-112).

O propósito do comentador é constante e nítido: evidenciar a capacidade de inserir *Os Lusíadas* num vasto quadro de conhecimento. De tão extenso, não será adequado fazer aqui o elenco dos autores citados ou parafraseados (a bibliografia final ou o índice remissivo cumprem esta missão). Mais interessante será apontar algumas das formas que essa presença adquire.

D. Marcos não se limita a reproduzir a letra de *auctores* – sejam eles Homero, Énio, Virgílio, Lucano, Sílio Itálico, Estácio, Horácio, Ovídio, Tibulo, Catulo, Propércio, Juvenal, Marcial, Cícero, Séneca, Tito Lívio, César, Tácito, Salústio, Suetónio, Quintiliano, Santo Agostinho, Lactâncio, Santo Ambrósio, João de Salsbúria ou Alciato. Várias são as ocasiões em que se demora a traduzir texto latino, como vários são os lugares em que traslada, para português, texto italiano, sem calar a estima pelo exemplo de Gregorio Velasco («o melhor tradutor» – p. 441) ou pela destreza de Anguilara.

Ao traduzir, porém, D. Marcos não se coíbe de aditar pormenores de sua lavra, buscando sugestões de realismo ou de teatralidade. A versão do livro I da *Eneida* (versão necessária – repete – em virtude de quanto unia o poema de Camões ao de Virgílio) põe a nu algumas falhas da sua bagagem, mas principalmente faz sobressair o escrúpulo de aclarar o sentido de lexemas ou sintagmas, ou de adaptar convenções, como quem, atenuando a mudança operada pelo tempo e a História, ambiciona aproximar o texto romano de novos leitores. Por esse prisma, a tradução da *Eneida* preparada por D. Marcos, se teve por prováveis modelos as de Gregorio Velasco<sup>33</sup>, Cristóbal de Mesa<sup>34</sup> ou Diego Lopez<sup>35</sup>, com nenhuma se confunde.

O estabelecimento de relações textuais, enquanto processo de definição de um horizonte, é criterioso. Desejado, e por isso intenso, é o vínculo aos antigos. Quanto aos modernos, a bitola altera-se, e talvez não apenas em função de argumentos poéticos. Alonso de Ercilla e a sua *Araucana* nunca são evocados, e por regra, no que à poesia concerne, D. Marcos pretere autores castelhanos (salvo Juan de Mena). Ao invés, dá relevo a italianos: Alciato e Piero Valeriano, pelos emblemas e os hieróglifos – linguagem simbólica, cuja ductilidade não se cansa de explorar; Petrarca, geralmente citado através da *Polyanthea Nova*, e tomado como autor de uma carta inclusa em *Il Petrarchista*; Agostino Santonini e o seu cavaleiresco *Viaggio dell'amore*. Guarino e Marino têm, outrossim, lugar no

---

<sup>33</sup> *La Eneida de Virgilio, príncipe de los poetas Latinos: traducida en octava rima y verso Castellano: ahora en esta última impresión reformada y limada con mucho estudio y cuydado. Dirigida a la S.C.R.M. del Rey don Philippe, segundo deste nõbre.* [...]. Toledo, Diego de Ayala, 1577. Esta seria já a quarta edição da obra, que, estampada pela primeira vez em Toledo, em 1555, acabou por ser impressa também em Lisboa, no ano de 1614.

<sup>34</sup> *La Eneida de Virgilio. De Christoval de Mesa. Al Rey don Felipe Tercero nuestro señor.* Madrid, Por la viuda de Alonso Martin, 1615.

<sup>35</sup> *Las Obras de Publio Virgilio Maron, traduzido en prosa Castellana, por Diego Lopez, Natural de la Villa de Valencia, Orden de Alcantara, y Preceptor en la villa de Olmedo Con Comento, Y Anotaciones, Donde se declaran las historias, y fabulas, y el sentido de los versos dificultosos que tiene el Poeta.* [...]. Madrid, Iuan de la Cuesta, 1614.

«comento», como o tem Torquato Tasso – não pela *Gerusalemme Liberata*, nem sequer pela *Gerusalemme Conquistata*, mas pelo diálogo *Il forno* ou pela comédia *Aminta*, cujo erotismo D. Marcos não se inibe de difundir, copiando trechos. De resto, nem a declarada obediência ao Santo Ofício e às proibições fixadas no *Index* de 1624 o demove de confessar o entusiasmo pelo *Orlando Furioso* de Ariosto (p. 285).

De Espanha, D. Marcos retém a historiografia, mas para (à exceção das crónicas de Ambrosio de Morales) a denegrir por tendenciosa e mal intencionada. Indigna-se com Juan de Mariana, que acusa de «perafusar» contra Portugal (p. 537); rebate furiosamente Estevan Garibay, que rotula de mentiroso (pp. 553, 592); ironiza sobre o Arcipreste de Múrcia, que ia «imitando muito aos gregos» (p. 454). A suspeita ou o escândalo em face destes autores, «sutis e especulativos naquelas cousas que diminuem a glória deste Reino» (p. 536), ressaltam por contraste com o tratamento dado a portugueses como João de Barros e Diogo do Couto, nos quais D. Marcos confia e de cujas narrativas se faz eco. Barros «foi a alma da poesia de Camões» (p. 51); Couto, um «gravíssimo Autor e Cristianíssimo» (p. 276). Imagem diferente tinha Damião de Góis, que D. Marcos de S. Lourenço considera mas receia porque o crê «tocado» pela heresia do Norte (p. 276).

\* \* \*

N’*Os Lusíadas*, o que mais fascina D. Marcos é, com a grandeza da obra, a oportunidade de olhar o mundo e de pensar sobre Portugal. A descrição de «exce-lências» da pátria leva-o a transgredir «os limites de comentador» (pp. 480-481), mas os momentos em que o discurso ganha uma veemência estupenda são aqueles em que D. Marcos, ciente de que vai «fora do [s]eu instituto» (p. 234), avança na denúncia de vícios e no desafio de mágoa e decepção.

A dado passo, numa letra irregular (de D. Marcos, mais velho?), lê-se um adi-tamento onde se verifica que, após o 1.º de Dezembro de 1640, o códice não estava esquecido: «D. Felipe 4.º reina hoje. E perdeu o Reino de Portugal e outros de Espanha, e tarde os recuperará, ao menos o de Portugal, que hoje tem o famoso Rei D. João 4.º de novo, que Deus conserve por largos e felizes anos.» (p. 460).

Nos anos da Monarquia Dual, *Os Lusíadas* ganharam importância, e não surpreende que um crúzio tanto se interessasse pelo poema. Santa Cruz orgulhava-se da sua ligação ao «Santo Rei D. Afonso Henriques» (assim lhe chama D. Marcos, menos disposto a antecipar beatificações quando menciona a princesa D. Joana); na sua história, contavam-se rasgos nacionalistas<sup>36</sup>. D. Marcos, fervorosamente crúzio (não perdoou a D. João III a reforma que teria favorecido Cister), lê

---

<sup>36</sup> Joaquim Veríssimo Serrão, «Santa Cruz de Coimbra e Santa Maria de Alcobaça: um caso de rivalidade cultural?», in *A Historiografia Portuguesa anterior a Herculano. Actas do Colóquio*. Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1977, pp. 87-101.

Camões com paixão, num impulso que, sendo sempre poético, é também político. *Os Lusíadas*, amados como essa reserva de energia simbólica de que falou já Eugenio Asensio<sup>37</sup>, são a obra com a qual é possível reflectir sobre o presente: sobre valores cuja dissipação D. Marcos lamenta, sobre práticas que condena e deplora, sobre a perda da independência, que o entristece.

Talvez para manter distância de frei Bernardo de Brito e de Alcobaça, que veria como casa rival, D. Marcos ignora o Juramento de D. Afonso Henriques, apócrifo que tudo indica ter sido forjado em meios cistercienses e que Pedro de Mariz («o [s]eu natural Pedro de Mariz» – p. 495) fora o primeiro a divulgar. Aí se declarava que, aparecendo a D. Afonso Henriques, na iminência da batalha de Ourique, Cristo teria anunciado: *Volo in te et in semine tuo imperium mihi stabilire*. D. Marcos não acolhe esta ideia, que tantas vezes, durante séculos, seria aplicada na exaltação de Portugal<sup>38</sup>. Outro, não menos batido, é o seu caminho: para defender o valor da nação portuguesa e a legitimidade da sua independência, D. Marcos sustenta que este território corresponderia ao da longínqua Lusitânia, isto é, teria uma história que começava muito antes da concessão, pelo monarca *de la mano horadada*, Afonso VI, do condado Portucalense a D. Henrique. Significava isso rebater o argumento, caro a Filipe II, de que em 1580 Portugal havia regressado a Espanha. E parece ser o dito atribuído ao rei Prudente (*Portugal, lo compré, lo heredé, lo conquisté*) que D. Marcos discute e contesta ao declarar, peremptório:

Foi este Reino ganhado, e herdado, e conquistado. Ganhado pois foi dado ao Conde Dom Henrique em satisfação de seus serviços, herdado porque veio de pai pera filha, conquistado porque o melhor dele saiu da mão dos Mouros à custa do sangue dos Portugueses, e confirmado não só pelo vigário de Cristo, o Sumo Pontífice, mas também do mesmo Cristo, dando ele mesmo per insígnias a este Reino as que pera si tomou, ganhou e mereceu na Cruz. (p. 525)

\* \* \*

O comentário de D. Marcos de S. Lourenço toma por base texto que visa ser tão fiel quanto possível ao «original» de Camões. Esta era a orientação comum no século XVII, superadas as intervenções que haviam condicionado a publicação do poema em 1584 e 1591, e ultrapassado igualmente o engano com que em 1597 se havia feito passar por edição conforme ao «original antigo» o que era afinal ainda uma versão sujeita a severa disciplina. É certo que persistiram rastros de

---

<sup>37</sup> Eugenio Asensio, «Los “Lusíadas” y las “Rimas” de Camões en la poesía española (1580-1640)», in Eugenio Asensio e José V. de Pina Martins, *Luís de Camões. El Humanismo en su obra poética. Los Lusíadas y las Rimas en la poesía española (1580-1640)*. Paris, Fundação Calouste Gulbenkian/Centro Cultural Português, 1982, pp. 41-94.

<sup>38</sup> V. Ana Isabel Carvalho Buescu, *O Milagre de Ourique e a História de Portugal de Alexandre Herculano. Uma polémica Oitocentista*. Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 1987.

censura ou censuras preventivas em 1609 (melhor, em exemplares das impressões com data de 1609<sup>39</sup>), em 1612 e em 1613, mas em geral no século XVII *Os Lusíadas* gozaram de liberdade.<sup>40</sup>

Se a propósito da descrição de Vénus, no canto II, D. Marcos transcreve oitavas que teria escrito em idade juvenil para suprir a lacuna sentida no uso de uma edição mutilada por interdições censórias, fá-lo por indisfarçável vaidade, num gesto de ostentação de dotes poéticos. Cerca de 1630, nada o impediria de apresentar os versos originais de Camões – como de resto faz.

Nunca D. Marcos de S. Lourenço diz qual a edição (ou as edições) que elegeu como base do seu trabalho, no qual se detectam, de quando em vez, lapsos devidos a distração ou excesso de confiança, mas tudo indica que se apoiou prioritariamente num exemplar de 1572, sem esquecer outras edições – inclusive a dos Piscos ou a de 1591, apesar do menosprezo que a seu respeito alardeia.

Repare-se: o comentador «explica» os versos de Camões, sem explicar por inteiro quais os meios de que lança mão. Há que olhar o que diz e deslindar como aí chegou. É todo esse mundo que aqui se procura descobrir.

\* \* \*

O leitor encontrará, em cada página, dois grupos de notas: o primeiro, aquele que agrega informação relativa ao texto manuscrito; o segundo, aquele que reúne informação vária sobre a matéria aí tratada. Procurámos, nesta edição, identificar fontes, aclarar alusões e apurar elementos que, ajudando a ler os escólios de D. Marcos de S. Lourenço, permitissem compreendê-los melhor.

No primeiro grupo, o uso de alguns sinais dá conta de processos simples:

- a) uma linha de rasura indica o corte de letras ou palavras;
- b) os asteriscos (\*...\*) delimitam acrescentos em entrelinha superior;
- c) os asteriscos duplos (\*\*...\*\*) delimitam acrescentos em entrelinha inferior;
- d) barra oblíqua / seguida de caracteres em **negrito** indica uma emenda ou um aditamento registado em entrelinha superior;
- e) barra oblíqua \ seguida de caracteres em **negrito** indica uma emenda ou um aditamento registado em entrelinha inferior;
- f) sinais cardinais (#...#) balizam acrescentos na margem lateral.

---

<sup>39</sup> A história da edição d' *Os Lusíadas* com data de 1609 está ainda por fazer. Atendendo às diferenças detectáveis em vários espécimes, importa registar que considerámos o exemplar disponível na Biblioteca Minerva (U. Santiago de Compostela) – <http://hdl.handle.net/10347/17>.

<sup>40</sup> V. R. Clive Willis, «“Os Lusíadas” e a Censura», in *Studies in Portuguese Literature and History in Honour of Luís de Sousa Rebelo*. Edited by Helder Macedo, London, Tamesis Books Limited, 1992, pp. 129-137. Importa notar, porém, que nem todos os exemplares com data de 1609 apresentam a mudança detectada por R. Clive Willis (mudança que afecta a estrofe 71 do canto IX); que em 1612, apesar de a licença inquisitorial ser a mesma que autoriza a edição de 1609, ficou intacta a estrofe 71 do canto IX mas sofreu corte a descrição de Vénus, na estrofe 36 do canto II; que em 1613 foram introduzidas modificações novas na estrofe 71 do canto IX.

Outros casos, que envolvem conversão de letras, por retoque e sobreposição, são descritos.

Quando a decifração do manuscrito se nos afigurou impossível, registámos a lacuna com XXX.

No segundo grupo, as referências bibliográficas são dadas abreviadamente; a referência integral acha-se na bibliografia que preenche as páginas finais deste volume. Apenas se inclui, completa, a indicação de obras críticas que pontualmente são trazidas à colação.

Para citar os textos clássicos, recorreu-se, sempre que possível, a edições Loeb ou Belles Lettres. À edição utilizada para reproduzir e situar passos citados por D. Marcos, damos o nome de edição de referência.

### Critérios de transcrição

Tendo por objectivo fazer uma edição que, embora modernizando por regra a grafia (incluindo grafia etimológica ou pseudo-etimológica), fosse capaz de respeitar características históricas da língua portuguesa e traços fonéticos pertinentes para o falante que foi D. Marcos de S. Lourenço (por exemplo, ouvimos o seu betacismo e captamos fenómenos de hiper correcção), optámos por preservar estas marcas, de entre as quais destacamos as que de seguida se indicam.

Conservámos a epêntese em formas verbais do futuro do conjuntivo e do infinitivo pessoal (ex.: «quiséremos», por «quisermos»; «vencêremos» por «vencer-mos»). Conservámos também a síncope (ex.: «exprimentar», por «experimental»).

Mantivemos os hiatos nasais, grafando «ũa», «algũa», «nenhũa» onde no manuscrito se lê «uã», «alguã», «nenhuã». Conservámos igualmente a alternância <ea>/<-ëa>/<-eia>, <-eo>/<-eio>.

Respeitámos a oscilação entre <-sc> e <c> (ex.: «nascer»/«nacer», «descer»/«decer»), bem como os fenómenos de metátese (ex.: «protento», por «portento»), assimilação (ex.: «piedade»/«piadade») e dissimilação (ex.: «razão»/«rezão», «entre»/«antre»).

Nas formas verbais, quando se trata de Ter, Pôr, Vir, mantivemos a indiferenciação entre a 3ª pessoa do singular e a 3ª pessoa do plural.

Preservámos formas arcaizantes como «poer» (por «pôr»), «per» (por «por») ou «pera» (por «para»).

Tanto quanto possível, reproduzimos o uso de maiúsculas e restringimos a sua regularização ao caso dos nomes próprios. No que toca à pontuação, intervimos moderadamente.

Nos títulos de obras e na transcrição de texto noutra língua que não o português, seguimos fielmente a fonte, apenas desdobrando as abreviaturas.

Aplicam-se os mesmos critérios à transcrição de texto lido por livro antigo.



## AGRADECIMENTOS

Não teria sido possível levar a bom termo este trabalho – parte de um projecto do Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos – sem as oportunidades de pesquisa que se encontram em bibliotecas como a da Ajuda, a Nacional de Portugal ou a Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra e a Joanina. De importância inestimável foram também as bibliotecas digitais (sobretudo aquelas que são oferecidas pela Biblioteca Nacional de Portugal, pela Biblioteca Nacional de Espanha e pela Biblioteca de Munique). Um motor de busca como Google revelou-se um auxiliar eficaz e incansável.

Expressamos o nosso reconhecimento ao Director do Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, Senhor Professor José Carlos Seabra Pereira, pela confiança que depositou nesta longa empresa, e agradecemos a quantos nos ajudaram. Muito em especial, ficamos gratos ao Senhor Professor Arnaldo do Espírito Santo, pela atenta leitura de palavras hebraicas; à Senhora Professora Anna Ferrari, que em Roma se dispôs a abrir caminho para a consulta da obra de Agostino Santonini; à Senhora D.<sup>ra</sup> Susanna Panetta, da Biblioteca da Academia de' Lincei, pela amabilíssima competência com que transcreveu estrofes e verificou pormenores do texto, hoje raro, do *Viaggio al regno d'amore*; à Senhora D.<sup>ra</sup> Cristina Pinto Basto, Directora da Biblioteca da Ajuda, bem como ao Director do Palácio, Senhor Dr. José Alberto Ribeiro, pela generosidade com que atenderam ao nosso pedido e nos autorizaram a incluir, nos volumes desta edição, uma cópia digital do manuscrito 46-VIII-40.



...<sup>1</sup> é assi, nem o intento de quem dificulta as ciências é outro senão avisar aos seguidores delas a dificuldade que empreendem e o muito que lhe é necessário pera levar ao fim o que começam. Nas cousas mais dificultosas, está o louvor maior, e mais illustre. A dificuldade desta nossa obra e empresa que tomamos é maior no seu processo do que no princípio parecia. Servir-me-á<sup>II</sup> isto de escusa nos erros que cometer<sup>III</sup> na exposição de tão profundo poema, na qual não cansei<sup>IV</sup> pouco por descobrir a verdade, e se algũa cousa disser<sup>V</sup> fora dela, não era minha<sup>VI</sup> intenção dizê-la, mas errarei<sup>VII</sup> como homem, porque como diz Plínio, não é muito que a um humano<sup>VIII</sup> sejam encobertas muitas cousas humanas<sup>1</sup>. Muitas vezes deixei esta obra imaginando em sua grandeza e considerando quanto se requeria pera a prosseguir, mas quando vi o aplauso com que foi recebido o Comento do Lecenceado Manuel Correa<sup>2</sup>, e os muitos e insofríveis erros que na exposição dos versos de

<sup>I</sup> No ms., falta a folha inicial.

<sup>II</sup> No ms., a forma «servirnos ha» foi, por rasura e retoque, convertida em «servirme ha».

<sup>III</sup> No ms.: «cometeremos».

<sup>IV</sup> No ms., a redacção original era «cansamos» (*i.e.*, «cansámos»), forma plural substituída (através de uma rasura e da conversão de letras) pela conjugação na primeira pessoa do singular.

<sup>V</sup> No ms.: «disseremos».

<sup>VI</sup> No ms.: «naõ era ~~nossa~~/minha intenção»...

<sup>VII</sup> No ms., a redacção original era «erraremos». A terminação «mos» foi cortada; sobre o princípio do «m», desenhou-se um «i».

<sup>VIII</sup> No ms., sobre a palavra «humano», lê-se «homẽ». A alternativa parece corresponder ao cuidado, constante nestes Comentários, de evitar repetições vocabulares. Todavia, como o primeiro termo não foi elidido, mantém-se nesta transcrição.

<sup>1</sup> Na sua *Naturalis Historia*, Plínio (c. 23-79 d.C.) afirma, por várias vezes, quer a impossibilidade de o homem tudo conhecer quer a imensidão das maravilhas do mundo. No livro II, I, 1, por exemplo, adverte: *huius externa indagare nec interest hominum nec capit humanae coniectura mentis* (procurar o que está fora do céu não é do interesse dos homens nem cabe nas conjecturas da mente humana). Noutro passo (VII, I, 7), lembra: *naturae vero rerum vis atque maiestas in omnibus momentis fide caret si quis modo partes eius ac non totam complectatur animo* (a natureza, na sua força e na sua majestade, ultrapassa a cada momento as nossas previsões, ao menos se a perscrutarmos em pormenor, sem nos contentarmos com uma visão geral). É a propósito das partes da terra (III, I, 1), porém, que se acha uma frase cuja construção D. Marcos parece haver retomado: segundo Plínio, aquela era matéria inesgotável, pelo que a imperfeição no seu tratamento merecia indulgência, *si modo minime mirum est hominem genitum non omnia humana novisse* (não sendo de espantar que um homem não conhecesse todas as coisas humanas).

<sup>2</sup> Os *Lusiadas do Grande Luis de Camoens. Príncipe da Poesia Heroica. Commentados pelo Licenciado Manoel Correa, Examinador synodal do Arcebispado de Lisboa, & Cura da Igreja de S. Sebastião da Mouraria, natural da cidade de Elvas* («Dedicados ao Doctor D. Rodrigo d'Acunha, Inquisidor Apostolico do Sancto Officio de Lisboa. Per Domingos Fernandez seu Livreyro»), postumamente publicados «Com licença do S. Officio, Ordinario, y Paço», em Lisboa, por Pedro Crasbeeck, em 1613, foram a primeira edição deste género, só preludiada pelas notas esparsas das edições d'Os *Lusiadas* de 1584 e 1591, ou pelas breves *Annotaciones* incluídas em *La Lusíada de el Famoso Poeta Luys de Camões*, que no ano de 1580 saiu em Salamanca, traduzida por Luís Gómez de Tapia. Do livro impresso em 1613 (sob a orientação e com a intervenção de Pedro de Mariz), voltaria a ser feita nova e monumental edição, em 1720, acrescentada com os «argumentos» de João Franco Barreto e com a «Vida» do Poeta redigida por Manuel Severim de Faria.

Camões cometera, tomei ânimo pera acabar estes meus comentários tantas vezes interrompidos, não podendo já sofrer as reprehensões de amigos, e de outros que atribuíam este meu sossego a pusilanimidade e desconfiança. Saio pois à praça do mundo com este meu trabalho, que não há-de ser mal recebido de quem considerar que o intento particular que nele tenho é acertar com a verdade e dizer o que entendo, sem outro particular respeito. Nem me deterei muito em ajuntar autoridades sobejas, senão poucas e boas e tais que bastem pera provar meu intento, por não dar aos leitores a moléstia que padeço lendo livros cheos de tantas (3)// alegações pera provar pouco mais de nada, que mais parecem postilas de Cânones que livros de histórias. E nem sempre converterei em latim as autoridades, porque em tudo amo sempre a brevidade. Mas porque o nosso poeta imita quasi todo o livro primeiro da *Eneada* de Virgílio, o porei traduzido no princípio, dividido em números, pera que onde puser os versos em latim possa remeter o Leitor à tradução pelos mesmos números. (3v)//

Muitas divers[da]des<sup>1</sup> de poesias inventaram os antigos, com que celebravam ou seus amores ou suas histórias, porque lhe parecia que este era o melhor modo de eternizar suas cousas; e assi no Oriente, como diz Diogo do Couto<sup>3</sup>, em sucedendo qualquer cousa notável logo a põe<sup>II</sup> em verso e a cantam<sup>III</sup> pelas ruas, o qual costume é tão antigo e célebre que tem por si a mesma Escritura Sagrada, onde além de vários cantos particulares que se compunham pera dar graças a Deus por alguma assinalada mercê, se escreviam livros em verso, como S. Hieró-

S. Hierónimo

---

<sup>1</sup> No ms.: «diversides».

<sup>II</sup> No ms.: «~~punha~~oem em verso»...

<sup>III</sup> No ms., originalmente, «cantavaõ». Parte da palavra foi rasurada e retocada, transformando-se em «cantaõ».

---

<sup>3</sup> Em vários passos das *Décadas*, Diogo do Couto refere o hábito oriental de celebrar «em verso» acontecimentos importantes. Por exemplo, na *Decada Quarta da Asia* (1612, VIII, XI, f. 163v), a respeito de uma batalha naval, conta, como voltaria a fazer no *Tratado dos feitos de Vasco da Gama e seus filhos na Índia* (1998, p. 112): «Foi esta batalha tão famosa (e assi está hoje tão fresca na memória dos Malaios, pelo grande dano que nela receberam) que se tem em cantigas, que eles muitas vezes cantam com grande sentimento. E porque começam logo em louvor de dom Paulo, nos pareceu bem pôr aqui os primeiros versos, porque o testemunho dos imigos é de mais fé que todos, e estes o são do valor deste fidalgo. Começa a cantiga em Malaio assi: Capitão dom Paulo, baparam de Pungor, anga dia malu, sita pa tau dor. Que quer dizer: Capitão dom Paulo pelejou em Pungor, e antes quis morrer, que recuar um palmo.» Na *Decada Qvinta* (1612, II, X, f. 51v), narra: «É porque nos não fique por darmos rezão desta casta do Sol, diremos o que eles disto fabulam, por darem um honroso princípio a seus Reis. Dizem suas Crónicas (e nós o ouvimos cantar a um Príncipe de Ceilão em versos a seu modo, que um intérprete nos ia declarando, por que todas suas antiguidades andam postas em verso, e se cantam em suas festas)»... Ou ainda, na mesma *Decada* (VI, II, f. 122): «o que hoje cantam em suas cantigas (em que conservam todas suas antiguidades)»... Na *Decada Sexta* (1612, X, IX, f. 216v), lembra, a respeito de Gil Fernandes de Carvalho: «Estas novas correram logo a Cochim, e daí a Goa, e foram tão estimadas e festejadas, que lhe fizeram logo cantigas, que se cantavam nas folias (que então havia muitas, porque tudo o daquele tempo era alegria e boas venturas), e dizia ãa: Gil Fernandes de Carvalho, tomou os paròs a quinze de Maio».

nimo diz no prólogo sobre —<sup>1</sup>, retractando-se de ter sentido o contrário<sup>4</sup>. Em todas as idades e províncias do mundo se conservou sempre este costume, com mais ou menos perfeição segundo a polícia de cada povo e nação. Entre os Gregos, Orfeu e Lino, e muito depois Píndaro, foram insignes no verso lírico. Mas Homero, mais levantado que todos, sublimou o verso que por sua excelência se chamou heróico porque com ele se cantavam as heróicas empresas dos varões ilustres. Entre os Latinos, Ênio e Lucrécio escreveram neste verso, mas rudemente e com pouca graça, mas não sem muita erudição e doutrina, donde<sup>II</sup> Virgílio quando lhe perguntavam porque lia a Ênio, respondia, *margaritas quaero in stercore Enii*<sup>5</sup>, dando a entender que achava naquelas palavras toscas sentenças altas e profundas, com as quais, e com imitar a Homero, e a outros excelentes poetas e filósofos, levantou o verso heróico o doutíssimo Virgílio a tal grau, que excedeu a todos, e de nenhum foi imitado dignamente, senão do nosso Camões, que a meu juízo, só lhe fazem ventagem Virgílio e Homero em serem primeiros. Foi sem dúvida Camões (4)// um monstro de engenho, honra da pátria, decoro da nossa idade. E certo que foi providência dos Céus que pera cantar louvores dos mais ilustres feitos do mundo houvesse um tal engenho, tão raro e extraordinário como a matéria de que tratou. A forma dos versos hexâmetros que Homero inventou e Virgílio imitou, não são aptos pera a nossa língua, e assi o nosso poeta escolheu a

---

<sup>1</sup> No ms., foi deixado um espaço em branco. Não é caso único, este hiato, que permite entrever o processo de trabalho do Comentador, consciente da falta de algumas informações e disposto a buscá-las, reservando-lhes lugar.

<sup>II</sup> No ms.: «dondedesta Virgilio»...

---

<sup>4</sup> No prólogo ao Livro de Job, na *Vulgata*, S. Jerónimo justifica opções que havia feito ao elaborar a sua versão latina do texto bíblico, e sustenta a ideia de que os Salmos ou as Lamentações de Jeremias (entre outros passos das Escrituras) são poesia, dotada de ritmo e música, como as obras de Horácio, Píndaro ou Safo: *Quod si cui videtur incredulum, metra scilicet esse apud Hebraeos et in morem nostri Flacci graecique Pindari et Alchei et Saffo vel Psalterium vel Lamentationes Hieremiae vel omnia ferme Scripturarum cantica comprehendendi, legat Filonem, Iosepphum, Origenem, caesariensem Eusebium, et eorum testimonio me verum dicere comprobabit* (*Biblia Sacra*, 1983, pp. 731-732). Tratava-se, segundo S. Jerónimo, de uma perspectiva controversa, para muitos inesperada ou mesmo inadmissível. D. Marcos aflora mas não explora esta questão, que nos séculos XVI e XVII foi retomada com insistência, quer por quem visava defender a dignidade da poesia quer por quem achava assim razões para valorizar a própria palavra sagrada. Por exemplo, nas *Institvtiones In Linguam Sanctam Hebraicam*, o jesuíta Benedetto Biancuzzi, mais adiante citado nos Comentários, falou de poemas inclusos na Bíblia, compostos sob a inspiração do Espírito Santo. A medida desses versos (dizia Biancuzzi) não era a da tradição clássica, mas idêntica era a sua elegância: *Plura Carminum genera in sacris Biblijs leguntur; & sacri Vates carminibus plura (vt dicam, omnia) sancto Spiritu dictante mandarunt. [...] Non attenditur in illis carmen Pentametrum, Iambicum, Heroicum, Dactylum, Anapesticum, Dactylo contrarium, Chorambicum, & illa quae ab Auctorum nominibus denominationem sumpserunt: sed tantum coordinatio quaedam, & varia carminis dispositio, & delectabilis syllabarum intercisio, quodam elegantiae sale condita.* (1608, p. 252).

<sup>5</sup> Paráfrase de um trecho muito divulgado de uma obra de Cassiodoro (c. 485-c. 580), *De Institutione Divinarum Scripturarum* (I, 1): *Virgilius, dum Ennium legeret, à quodam quid faceret, inquisitus, respondit: Aurum in stercore quaero.* (*Magni Avr. Cassiodori Senatoris V.C. Opera*, 1588, f. 227).

oitava rima, assi chamada por concluir em oito versos, o qual género de poesia foi inventado de João Bocácio, como ele mesmo se gloria. Depois o seguiram alguns, como diz Ludovico Dolce<sup>6</sup>, mas nenhum melhor entre os Italianos que Ariosto<sup>7</sup>. Na nossa Hespanha foi célebre no tempo antigo João de Mena<sup>8</sup>, escreveu em oitavas, inda que de defe[re]nte forma, pois não seguia a ordem dos consoantes das nossas oitavas (ou estanças, como os Italianos lhe chamam) nem a quantidade das sílabas de cada verso, pois os seus versos são de dez sílabas e de 11<sup>1</sup>, e assi vão manquejando, como versos hendecassílabos, porém o nosso Camões apurou tanto este género de verso que o fez mais célebre que todos, e assi se chama hoje verso heróico por excelência. Consta este verso de onze sílabas ordinariamente; pode ter dez, e pode ter doze. Com esta diferença, que a décima sílaba há-de ser longa. Se a dicção aí fenecer também aí acaba o verso, *ut can. 2*

Mas antes valeroso capitão.<sup>9</sup>

---

<sup>1</sup> No ms.: «de des silabas #ede 11#»...

---

<sup>6</sup> D. Marcos segue de perto *I Quattro Libri Delle Osservazioni di M. Lodovico Dolce*, dispondo possivelmente da *settima edizione*, impressa em Veneza (1562). Na entrada do *Libro Quarto*, anuncia-se: *Nel quale si tratta della Volgar Poesia, e del modo, & ordine del comporre diuerse maniere di Rime*. Depois de lembrar a autoridade de Bembo, Dolce escreve: *Alcuni altri non meno dotati d'ingegno, che di dottrina, perdettero gl'inchiostri in apportare in questa Lingua gli Hessámetri, i Pentámetri, e la maggior parte de' versi, che posero in tanta riputatione la Lingua Greca e la Latina; e non s'auidero, che nella nostra non tengono punto di gratia, ne di harmonia [...]* (1562, pp. 188-189). *Al Poema Heroico diremo, che seruino le Stanze: quantunque nell'età del Petrarca da altri non furono usate, che dal Boccaccio, che primo le trouò, et in quelle cantò i fatti di Theseo: le quali similmente possono riceuere ogni diversità di Soggetto.* (p. 194). *Il Boccaccio (come fu detto; e secondo, che egli stesso afferma) ne fu inuentore, e primo in essa materia di arme, come fu la Theseide, discrisse.* (pp. 237-238).

<sup>7</sup> A admiração de Ludovico Dolce (1508-1568) pela obra de Ariosto traduziu-se no reiterado encarecimento do poeta e do seu *romanzo*, para cuja difusão contribuiu e em cuja defesa se empenhou, redigindo textos como a *Apologia contra ai detrattori dell'Autore* (1535). Nos Comentários, D. Marcos não esconde o interesse pelo *Orlando Furioso* (1.<sup>a</sup> ed., 1516; ed. definitiva, estabelecida por Ariosto, 1532). Aqui, ao elogio que lhe tece, de novo subjaz a lição de Ludovico Dolce: *Indi il Politiano altamente cantando, primo adornò cosi fatta maniera di versi, di dottrina, di vaghezza, e di leggiadria: et aperse la strada, per la quale felicemente caminando l'Ariosto, pervenne a tant'altezza, cho non solo puo dire, ch'egli le Stanze illustrasse, ma che le habbia ridotte a quella perfettione, alla quale tra' Latini Virgilio, e tra' Greci Homero ridussero il verso Hesámetro; che da ambedue alhora degnamente prese, e conservò il nome di Heroico.* (*I Quattro Libri Delle Osservazioni*, 1562, p. 238).

<sup>8</sup> A evocação de Juan de Mena (1411-1456) reflecte o interesse que também no século XVII se dedicou à obra deste poeta. Procurava-se valorizar a cultura de Espanha em face do ascendente de Itália, e, visto como figura fundadora, Mena foi exaltado por representar grandes raízes das letras peninsulares. Nesses termos se lhe referiram vários autores, *v.g.* Argote de Molina, Saavedra Fajardo, Juan de la Cueva. «Aquele grande Poeta Mena» lhe chama Diogo do Couto, que cita versos de *Las Trezientas* na *Decada Quinta* (1612, I, XIII, f. 32v).

<sup>9</sup> *Os Lusíadas*, II, 109, v. 1.

Estes versos imitam aos espondeicos dos Latinos, que acabam em sílabas longas, *ut magnum Iovis incrementum ect.*, e sempre quando se põe tem algũa cousa<sup>1</sup> de inércia, e ênfasis, como aqueles versos (4v)//

Que sempre no seu Reino chamaráõ  
Afonso Afonso os Ecos, mas em vão.<sup>10</sup>

Os versos de onze sílabas são os ordinários, *ut*

As armas e Barões assinalados *ect.*<sup>11</sup>

Os de doze sílabas acabam em duas sílabas breves, chamam-lhe os Italianos *sdrúciolas*, e nós esdrúxulos, porque parecem que caem ou escorregam, que isso quer dizer em Italiano *sdrucchiolo*<sup>12</sup>, *ut*

A este o Rei Cambaico soberbíssimo *ect.*<sup>13</sup>  
porque contra o Mogor poderosíssimo.<sup>14</sup>

Canto 10

São estes versos escabrosos e pouco sonoros, e de dificultosos consoantes; alguns os usaram soltos, como Ariosto nas suas comédias, outros os ligaram, como foi Sanazário, com graça<sup>15</sup>. Ordinariamente os que usam deste género de verso é por mostrar habilidade. É pois a conclusão que a décima sílaba há-de ser longa, todas quantas mais a dição sofrer sendo breves cabem no verso: assi que a décima é a última longa que no verso heróico há-de haver. E nela pode parar o verso ou passar mais adiante, ãa sílaba ou duas, e daqui não pode naturalmente passar, porque ninguém pronuncia três sílabas breves em português sem fazer acento em

Ariosto,  
Sanazário

---

<sup>1</sup> No ms.: «algũa #cousa# de inercia»...

<sup>10</sup> Os *Lusíadas*, III, 84, vv. 7-8.

<sup>11</sup> Os *Lusíadas*, I, 1, v. 1. Na *editio princeps*, como nas seguintes (à excepção da edição de 1591, onde se lê «As armas e os varões assinalados»), «As armas, e os barões assinalados».

<sup>12</sup> Também assim dizia Ludovico Dolce: *Lo Sdrucchiolo dimostra assai chiaro la cagion del suo nome; poi che fornisce [sic] sempre in due Sillabe breui; le quali uanno Sdrucchiolando in guisa, che par, che nella fine sempre il uerso habbia a cadere. (I Quattro Libri Delle Osservationi, 1562, p. 240).*

<sup>13</sup> Os *Lusíadas*, X, 64, v. 1.

<sup>14</sup> Os *Lusíadas*, X, 64, v. 3.

<sup>15</sup> D. Marcos sintetiza a exposição de Dolce, em *I Quattro Libri Delle Osservationi: Quanto alla Comedia, auuedendosi prima l'Ariosto, che essendo ella Poema, di necessità le conueniuua il uerso; e tanto piu, che in uerso haueuano composte le loro i Greci e i Latini; ridusse le sue Comedie in quella qualità di uerso, che è detto Sdrucchiolo: il quale perauentura è più conforme al Comico usato da gli antichi, che l'altro d'undici Sillabe. È vero, che alcuni altri nobilissimi intelletti per cagion del fastidio, e della satietà, ch'apportano le uoci Sdrucchiole, l'hanno fuggito, usando in uece di lui il comune sciolto. (1562, pp. 194-195). *Questi altri Poemi habbiamo; si com'anco l'Egloga prima fatta ne' Terzetti dal Sannazaro, che per più abbassarla nella maggior parte serbò i uersi Sdrucchioli (p. 195).**

algã. É também de advertir que a sexta sílaba há-de ser longa e nela há-de fazer o primeiro<sup>I</sup> acento o verso pera ficar mais sonoro. O qual acento também se faz na quarta sílaba em alguns versos com elegância, mas estes fazem outro descanso na oitava, e na décima, como o primeiro soneto de Petrarca, *Voi che<sup>16</sup> ascoltate in rime sparse il suono ect.*<sup>II</sup> (5)//

Exemplo do 1.º

As armas e os barões – assinalados  
que d’ocidental prá-ia lusitana  
por mares nunca dan-tes navegados.<sup>17</sup>

Exemplo dos que fazem acento na quarta sílaba, oitava, e décima:

Can. 8

Ele é Sertó+rio e ela su+a<sup>III</sup> divisa.<sup>18</sup>

C. 9

Da mãe primei+ra c’o terre+no<sup>IV</sup> seio.<sup>19</sup>

Dividem-se as oitavas em duas partes, s. quatro versos primeiros, nos quais se conclui ãa sentença; e quatro últimos, que rematam noutra. E assi será cousa fora

---

<sup>I</sup> No ms.: «en ella hadefaser \*o pr.<sup>o</sup>\* assento»...

<sup>II</sup> No ms.: «il s\*u\*ono»...

<sup>III</sup> No ms., as palavras «Sertorio» e «sua» começaram por ser escritas sem qualquer separação de sílabas. No caso de «Sertorio», uma rasura e a repetição da última sílaba do nome tornou evidente essa separação; no caso de «sua», só a junção de um sinal «+», em entrelinha, indica a distinção silábica aqui exemplificada.

<sup>IV</sup> No ms., à semelhança do que aconteceu no exemplo anterior, também a palavra «terreno» foi escrita sem qualquer quebra a marcar a separação silábica. O sinal dessa separação surge acrescentado em entrelinha: «terre\*+\*no».

---

<sup>16</sup> O texto de Petrarca (também reproduzido por Ludovico Dolce em *I Quattro Libri Delle Osservazioni* – 1562, pp. 167, 168 –, onde o poeta é citado como indiscutível modelo) apresenta uma elisão: *Voi ch’ ascoltate*... Todavia, D. Marcos prefere grafar «che», e no ms. percebe-se ainda que começou por escrever «que».

<sup>17</sup> *Os Lusíadas*, I, 1, vv. 1-3. No texto de Camões, em qualquer das edições feitas até à data da elaboração destes Comentários, lê-se «da Ocidental». Já no que toca à forma «dantes» («de antes», na *editio princeps*, bem como nas de 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1626), surge nas edições de 1613 e de 1631.

<sup>18</sup> *Os Lusíadas*, VIII, 8, v. 8. D. Marcos parece simplificar neste caso o problema da divisão das sílabas métricas, suprimindo, à semelhança do que ocorre nas edições de 1584 e 1591, o artigo «a», que figura na *editio princeps* do texto de Camões, e, salvo as exceções referidas, se mantém nas seguintes («Ele é Sertório, e ela a sua divisa»).

<sup>19</sup> *Os Lusíadas*, IX, 21, v. 6. Na *editio princeps*, bem como nas edições de 1584, 1591, 1613 e 1626: «Da primeira co terreno seio». Em 1631, «Com a primeira do terreno seio». Nas edições de 1597, 1609 e 1612, «Da mãe primeira co terreno seio».

de arte perturbar esta ordem, nem passar do quarto verso ao quinto continuando a oração, que ao menos no quarto verso há-de fazer dous pontos ou ponto e vírgula. E ainda há autor que diz que de dous em dous é o regular das estanças que vão fazendo pausas, trazendo exemplo de Ariosto, que neste género de verso foi excelente:

Lapinius, l. 2  
*Institutionum  
Florentin.*<sup>20</sup>

Lud. Dolce, l. 4

Ariosto     *La donna il palafreno adietro volta  
E per la selva a tutta briglia<sup>21</sup> caccia;  
Nè per la rara più que<sup>1</sup> per la folta  
La più sicura, o miglior via procaccia;  
Ma pallida tremando, e di sè tolta,  
Lascia cura al destrier che la via faccia:  
Di sú, di giù per l' alta selva fiera  
Tanto girò che giunse a una riviera.<sup>22</sup>*

Bembo       *Pasce la pecorella i verdi campi  
E sente il suo monton cozzar vicino.  
Ondeggia, e par ch' in mezzo li acque avvampi  
Con la sua amata il veloce delfino.  
Per tutto ove il terren d' ombra si stampi  
Sostien<sup>II</sup> due rondinelle un faggio, un pino.  
E voi pur piace in disusate tempore  
Andar solinghe e scompagnate sempre.<sup>23</sup> (5v)II*

E porque não tragamos só exemplos forasteiros, o nosso poeta nos servirá de exemplo:

Cessem do sábio Grego e do Troiano  
as navegações grandes que fizeram:

Cant. 1.º

<sup>I</sup> No ms., D. Marcos grafa «que», introduzindo um claro lusismo onde deveria ler-se «che».

<sup>II</sup> No ms.: «sost\*<sup>i</sup>\*en»...

<sup>20</sup> A obra de Frosino Lapini (*Institutionum Florentinæ Lingvæ Libri Dvo Euphrosyni Lapinij*) foi dada à estampa no ano de 1569, em Florença, *apud Ivnctas*, e da mesma oficina saiu, em 1574, a segunda edição. No Livro II, uma breve secção é dedicada às *Stanze* ou *Ottava Rima*, e aí se explica, a respeito da articulação dos versos: *quorum primi vsque ad sextum, alternis sibi respondent in postremis vocibus similiter desinentibus: bina vero, quae sensum perficiunt, quae iccirco vocantur La chiave, eadem Homoeoteleuta habent.* (1574, p. 297).

<sup>21</sup> Na edição de *I Quattro Libri Delle Osservazioni*, lê-se *a tutta briglia caccia* (1562, p. 239), um lapso corrigido em edições posteriores, como a de 1588 (*a tutta briglia il caccia*). D. Marcos, que, ao transcrever as oitavas de Ariosto e de Bembo, decalca os exemplos propostos por Dolce e repete o erro cometido em 1562, terá tido ao dispor um exemplar desta data.

<sup>22</sup> Ludovico Ariosto, *Orlando Furioso*, I, 13.

<sup>23</sup> Este mesmo exemplo (a estrofe 41 das *Stanze* de Pietro Bembo), nesta mesma sequência (*i.e.*, após a oitava ariostesca), acha-se em *I Quattro Libri Delle Osservazioni* (1562, p. 239).

cale-se de Alexandro e de Trajano,  
a fama das vitórias que tiveram:  
que eu canto o peito ilustre Lusitano  
a quem Neptuno, e Marte obedeceram:  
cesse tudo o que a Musa antiga canta  
que outro valor mais alto se levanta.<sup>24</sup>

As duas oitavas seguintes vão na mesma conformidade fazendo pausas de dous em dous versos; porém muitas vezes se confunde esta ordem, mormente onde se vai contando história, e o mesmo autor diz que é primitido, e se usa, e ainda traz gravidade<sup>25</sup>. Contudo dos quatro versos não há-de passar a sentença, per nenhum modo.

Veja-se esta oitava:

Ludovicus  
Dulcis

Canto 5

Ali o mui grande Reino está de Congo  
por nós já convertido à fé de Cristo,  
por onde o Zaire passa claro e longo  
Rio pelos antigos nunca visto.  
Por este largo mar enfim me alongo  
do conhecido pólo de Calisto,  
tendo o término ardente já passado  
onde o meio do mundo é limitado.<sup>26</sup>

E assi quasi em todas as estanças em que vai contando histórias, faz sua oração dentro nos quatro versos.

Acerca dos consoantes direi brevemente que alternadamente se vão respondendo, respondendo o 1.º ao 3.º e o 2.º ao 4.º, o 5.º ao terceiro, o sexto ao 4.º, e no fim remata (6)// em dous versos de diferentes consoantes aos de cima, ambos iguais nos consoantes<sup>1</sup>. E desde que se usou este verso não se lhe mudou a forma, como acontece cada dia nas outras poesias. Aos dous últimos versos chamam os Italianos *chiaves* porque fecham o poema.

Também se deve advertir que os consoantes da mesma quantidade, s. longos, ou breves, se hão-de pôr não como soam senão como se escrevem, *v.g.* braço não é consoante de passo, por passada, pela diferença do ç. aos dous ss., inda que na pernunciação soem da mesma maneira. Contudo cego é consoante de socego,

---

<sup>1</sup> No ms.: «consoantes \*aos decima\*, ambos igoais. \*nos consoantes\*».

---

<sup>24</sup> *Os Lusíadas*, I, 3. Todas as edições realizadas até à data destes Comentários (1631) apresentam a forma «alevanta» (decerto por grialha, em 1591, «alvanta»).

<sup>25</sup> *Non dico già, che alcuna uolta il rompere non apporti grauità: ma cio si dee far di rado.* (*I Quattro Libri Delle Osservazioni*, 1562, p. 239).

<sup>26</sup> *Os Lusíadas*, V, 13.

inda que um se escreva com ê circunflexo, outro agudo, sendo todavia ambos longos.

Três ofícios tem os poetas, como diz Horácio *de arte poetica*:

*Aut prodesse volunt, aut delectare poetae  
aut simul et iucunda et idonea dicere vitae.*<sup>28</sup>

Ascen. *Sup.*  
*Boetium de*  
*Consol. Phi.*  
Prosa 1.<sup>a</sup>, l. 1<sup>27</sup>

Ou pertendem aproveitar, como fez Virgílio nas suas *Geórgicas* e Columela na sua *Re Rustica*; ou deleitar, como fez Píndaro nas suas Odes, e hoje fazem os que compõe romances e cantigas namoradas; ou ã e outra cousa, como fez Homero, e Virgílio, e o nosso Camões. Destes diz o mesmo Horácio:

*Omne tulit punctum qui miscuit utile dulci.*<sup>29</sup>

E a estas Musas chamou Boécio filosóficas, e as que só deleitam mandou a Sabedoria despedir de sua casa.<sup>30</sup> (6v)//

Resta-nos agora tratar das fábulas poéticas e Deuses dos gentios tantas vezes nomeados nelas. É de saber que os antigos, levados só do lume natural, andaram investigando que cousa era Deus. E buscando as causas pelos efeitos, vendo a ordem da natureza, o concerto e ornato do mundo, e como ainda<sup>1</sup> as cousas in-

---

<sup>1</sup> No ms.: «como\*ainda\*as cousas»...

---

<sup>27</sup> Trata-se de Josse Bade d'Assche, cujo comentário sobre *De Consolatione*, preparado em finais do século XV (*Jodoci Badij Ascensij In Boetium de consolatione philosophie*) foi impresso, em 1501, juntamente com o que se atribuía a S. Tomás de Aquino, no *Commentum duplex in Boetium de consolatione philosophie* [...]. A respeito do Livro I, Prosa I, Bade recorda a lição horaciana (*Sciendum tamen triplex esse poetarum institutum iuxta Horatium in de arte poetica. Aut prodesse volunt aut delectare poete: aut simul et iocunda et ydonea dicere vite*), procurando valorizar a poesia. Com efeito, argumenta: se a filosofia é, para muitos, fonte de doutrina e esteio moral, também à poesia caberá uma função pedagógica, reforçada, aliás, pela sua qualidade estética e lúdica. Por um lado, importa o que *sub velamento* (por construção alegórica) pode ser entendido; por outro, o comentador recusa o mero prazer e aplica-se a explicar: *Vocat autem poeticas musas eas dico que ad solam delectationem faciunt meretriculas et syrenas* [...]. O trabalho de Ascensius, advertiu já Pierre Courcelle, *est d'un philologue averti qui se préoccupe de grammaire, de métrique et du style*. (Pierre Courcelle, *La Consolation de la Philosophie dans la tradition littéraire. Antécédents et postérité de Boèce*, Paris, Études Augustiniennes/Centre National de la Recherche Scientifique, 1967, pp. 331-332).

<sup>28</sup> Quintus Horatius Flaccus, *De Arte Poetica*, vv. 333-334.

<sup>29</sup> Quintus Horatius Flaccus, *De Arte Poetica*, v. 343.

<sup>30</sup> No início da *Consolatio Philosophiae*, Boécio narra a aparição de uma figura feminina de aspecto venerando. Assim alegoricamente representada, a Filosofia intervém de modo severo junto das *poeticas Musas*, que depressa afasta, num discurso inflamado, apodando-as de prostitutazinhas de teatro (*scenicas meretriculas*) ou sereias (*Sirenes*), tão doces quanto venenosas e capazes de levar à morte quem as segue (I, pr. I).

Plutarchus,  
*De Placitis  
philosophorum*,  
c. 6<sup>31</sup>

Cicero, *De  
natura Deorum*,  
l. 2

Lactantius  
Firmianus,  
*Contra gentes*,  
c. 5, l. 1.<sup>33</sup>

sensíveis obedeciam às leis naturais, vieram a discursar que havia algũa natureza sublime sem princípio, que o dera a todas estas cousas criadas. E querendo-lhe pôr nome lhe deram um que lhes pareceu quadrar mais com sua natureza e bondade, chamando-lhe pai, e porque havia pais menos solícitos dos filhos do que Deus era das suas<sup>I</sup> criaturas chamaram-lhe pai ajudador, e favorecedor, o que ajuntaram neste nome Júpiter<sup>32</sup>. E considerando neste Deus diversos atributos de Justiça, de Misericórdia, de Criação *ect.*, a todos estes atributos notaram com nomes divinos; chamando à Justiça Némesis, à Ciência e Sabedoria Minerva, à Fortaleza Palas *ect.* Depois, pelo discurso dos tempos, os homens que vieram, achando escrito nos livros antigos que Palas era filha de Júpiter, faziam-lhe um Templo como se fosse Deusa. O mesmo faziam a Mercúrio, e a Apolo, e nesta cegueira duraram até que veio o filho de Deus à terra, e pela pregação dos seus apóstolos, e Cristãos que após eles se seguiram, foram desenganando os homens de seus enganados pensamentos. Os que mais celebraram esta matéria de Deuses foram os astrólogos, dividindo as sete primeiras Esferas em casas de Deuses, pondo a lua, a que chamavam também Diana, no 1.º Céu quanto a nós, Mercúrio no segundo *ect.*, e assinando no Céu várias figuras de constelações, cobrindo os poetas, que nisto de fingimentos são os primeiros, isto com suas fábulas pera que ao povo rude não ficasse tão<sup>II</sup> claro e notório. E assi como os matemáticos e astrólogos não dão passada na sua ciência sem os nomes que os gentios puseram às estrelas, e com eles continuam inda hoje; assi os poetas (7)// modernos guardam o estilo antigo, autorizando inda hoje a Júpiter e Vénus e outros tais, porém os poetas antigos, a nenhum desses que intitulavam por Deuses tinham por tais, porque Orfeu, mais antigo de todos os poetas, pois foi um dos Argonautas, chama ao verdadeiro Deus *πρωτόγονον*, primogénito, porque antes dele nada foi criado, o

<sup>II</sup> No ms.: «das \*suas\* creaturas»...

<sup>III</sup> No ms.: «naõ ficasse isto/taõ claro»...

<sup>31</sup> Atribuído a Plutarco, mas afinal obra apócrifa, *De placitis philosophorum* circulou ora em edições autónomas ora incluído nos *Moralia*. No cap. VI do Livro I, sobre as causas que levaram os homens a adquirir a noção do divino (*Vnde notionem Dei homines habuerint*), enfatiza-se a ideia de que essa noção teria sido formada através da observação do mundo – em especial, do esplendor dos céus e de sua ordem (*Plutarchi Chæronei [...] Moralia*, 1541, fls. 142v-143).

<sup>32</sup> No início do Livro II do diálogo *De natura Deorum* (II, II, 4), Cícero trata da existência dos deuses. Ali, uma personagem (Lucílio) recorre à autoridade de Ênio, que cita, para definir Júpiter como «pai dos deuses e dos homens», enfatizando o seu poder: *Quod ni ita esset, qui potuisset adsensu omnium dicere Ennius: «Aspice hoc sublime candens, quem invocant omnes Iovem», illum vero et Iovem et dominatorem rerum et omnia nutu regentem et, ut idem Ennius, «patrem divum-que hominumque», et praesentem ac praepotentem deum?*

<sup>33</sup> Sem deixar de proceder à criteriosa rasura de uma expressão que pareceria menos ortodoxa (*et aequalis ipsorum deorum*), D. Marcos traduz um passo do tratado *De falsa religione* (I, V, 4), inserido nas *Divinarum Institutionum Adversus Gentes Libri septem*, onde Lactância (séc. IV) recorda que Orfeu, *uetustissimus poetarum et aequalis ipsorum deorum, siquidem traditur inter Argonautas cum Tyndaridis et Hercule nauigasse, Deum uerum et magnum πρωτόγονον appellat, quod ante ipsum nihil sit genitum, sed ab ipso sint cuncta generata.* (Lactance, *Institutions Divines*, 1986, I, p. 60).

que mal podia entender de Júpiter, que foi filho de Saturno, nem doutro qualquer Deus, pois a<sup>1</sup> todos lhes assinam particulares terras em que naceram, e pais que os geraram. Em Homero aparece mais claro isto, pois com os seus deuses não trata senão como com quaisquer homens, porque aqui faz um ferido, aqui outro espancado, acolá outro preso, e assi nos demais. E não é de crer, que um dos maiores entendimentos do mundo, como foi o de Homero, tais cousas quisesse atribuir a Deus verdadeiro. Macróbio nos *Saturnais* diz que os demais dos Deuses que com vários nomes a gentilidade honrou eram em essência um só, e pelos vários efeitos, ou benefícios que dele os homens alcançaram lhe punham vários nomes sendo ele um só. Mas este dizia Macróbio erradamente que era o Sol<sup>34</sup>, que era a cousa mais fermosa que o Céu tinha, mas não é muito errar um gentio, pois houve heres que tiveram pera si que Cristo Redentor nosso era este Sol que vemos nacer no Oriente e poer-se no Ocidente, exposto (como diz nosso P.<sup>e</sup> Santo Augustinho) aos olhos dos mortais, e ainda dos brutos<sup>35</sup>. Mas deixada esta matéria, que não é a de nosso intento, seja a conclusão que todas as vezes que nos poetas se faz menção de algum deus ou deusa dos gentios, não é mais que pera ornato do verso. Camões o diz no 10.<sup>o</sup> canto:

Homerus, *Iliada*

Macrobius,  
*Saturnal.* l. 1,  
c. 20

Quer logo aqui a pintura que varia  
agora deleitando, ora ensinando,  
dar-lhe nomes que a antiga poesia  
a seus Deuses já dera fabulando *ect.*<sup>36</sup>

Cant. 10

E atrás tinha dito

\_\_\_\_\_ porque eu, Saturno, e Jano  
Júpiter, Juno, somos fabulosos,  
fingidos de mortal e cego engano:  
só pera fazer versos deleitosos  
servimos *ect.*<sup>37</sup> (7v)//

<sup>1</sup> No ms.: «pois \*a\* todos»...

<sup>34</sup> Entre os capítulos XVII e XXIII do Livro I de *Saturnalia*, além de identificar vários deuses uns com os outros (Apolo seria o mesmo que Liber Pater, que seria o mesmo que Marte, etc.), Macróbio identifica todos com o Sol.

<sup>35</sup> *Sancti Avrelii Avgustini in Iohannis Evangelium Tractatus CXXIV* (XXXIV, 2). Refutando a pertinência da comparação, Santo Agostinho procurava aí salientar a onipotência divina: *Non est Dominus Christus sol factus, sed per quem sol factus est. Omnia enim per ipsum facta sunt, et sine ipso factum est nihil.* (1954, p. 312).

<sup>36</sup> *Os Lusíadas*, X, 84, vv. 1-4. Em 1572, 1597, 1612: «insinando». Em 1584 e em 1591, toda a estrofe foi cortada. Em 1609, 1613, 1626 e 1631, «ensinando».

<sup>37</sup> *Os Lusíadas*, X, 82, vv. 2-6. Em 1572, 1584, 1591, 1609, 1613, 1626: «fomos fabulosos». Em 1597, 1612, 1631, «somos fabulosos».

Macrobius, l. 1

Macrobius in  
Somn. Scip.  
lib. 1.º

S. P.º Aug., l.  
1.º Confessio,  
cap. 14

Pincianus na  
Philosophia  
antigua

Acerca das fábulas e fingimentos poéticos há muito que dizer. Macróbio, sobre os *Sonhos de Cipião*, diz<sup>1</sup> que a Filosofia nem todas as fábulas recebe, nem a todas enjeita, porque posto que todas finjam, como no seu nome se mostra, todavia ãas são inventadas pera dar algum documento, outras só pera deleitar, e estas que só tratam de agradar às orelhas, a filosofia as desterra pera os berços onde as amas criam os meninos. Tudo isto Macróbio<sup>38</sup>. Foram as fábulas inventadas pera encobrir algũa verdade e fazer a história mais maravilhosa, como fez Homero, do qual diz assi nosso P.º S. Augustinho: *Homerus peritus texere tales fabelllas dulcissime vanus est*<sup>39</sup>. Mas inda que nosso padre lhe chame vaidade, todavia<sup>II</sup> na matéria de poesia é a fábula tão necessária que lhe chamam Alma da mesma poesia, e tanto<sup>III</sup>, que há Autor<sup>40</sup> que diz que poesia sem fingimento é um corpo morto enfeitado. É assi diz ele que Lucano é Historiador em verso e Platão nos diálogos Poeta em prosa. É a meu ver dos poetas que eu li nenhum chegou acerca desta matéria de

<sup>1</sup> No ms.: «sobreosSonhos deScipião, \*dis\* que»...

<sup>II</sup> No ms., terá começado por ser escrita a palavra «todavida». O «d» foi riscado e em entrelinha foi acrescentado (como ênfase da emenda?) um «a».

<sup>III</sup> No ms.: «Alma da\*mesma\* poesia, etam~~necessaria~~,/tanto q̄»...

<sup>38</sup> No comentário *In Somnium Scipionis* (1, 2, 6), lê-se: *nec omnibus fabulis philosophia repugnat, nec omnibus acquiescit*. D. Marcos parafraseia o texto de Macróbio, para quem as fábulas, *quarum nomen indicat falsi professionem* (i.e. são, consabidamente, uma falsidade), se dividiam em dois tipos: o das que se destinavam a deleitar quem as ouvia; o das que visavam conduzir ao encontro do bem (1, 2, 7-8). Comédias de Menandro, obras de Petrónio ou de Apuleio representavam o primeiro tipo, menosprezado por Macróbio: *hoc totum fabularum genus, quod solas aurium delicias proficitur, e sacrario suo in nutricum cunas sapientiae tractatus eliminat* (todas estas espécies de ficções, cujo fim é o prazer dos ouvidos, o zelo da sabedoria exclui do seu santuário e relega para os berços das amas).

<sup>39</sup> D. Marcos retém deste passo de Santo Agostinho (*Confessiones*, I, XIV, 23) apenas a ideia da doce vanidade das fábulas homéricas. No seu contexto original, o fragmento integra-se numa reflexão acerca da «aversão à língua grega»: *nam et Homerus peritus texere tales fabellas et dulcissime uanus est. mihi tamen amarus erat puero* («Também Homero é hábil em entretecer tais fábulas, e dulcissimamente vazio. Mas para mim, ainda menino, me era amargoso.»). (Santo Agostinho, *Confissões*, 2004, pp. 36-37).

<sup>40</sup> D. Marcos refere-se a *Philosophia Antigua Poetica del Doctor Alonso Lopez Pinciano* (1.ª ed.: Madrid, 1596). *Medico Cesareo* ou *Medico de la Magstad de la Emperatriz*, Alonso López tratou de imprimir esta obra, de *diferente profession* (como dizia ao dedicatário, o *Conde Ihoannes Kevenhiler de Aichelberg*), a par de *Hippocratis Prognosticum*. Afinal, *si el Medico templá los humores, la Poetica enfrena las costumbres que de los humores nacen*. Certo é que ao justificar, no prólogo *Al Lector*, a sua iniciativa de divulgação de doutrina poética pela carência que diagnosticava em Espanha (*sabe Dios ha muchos años desseo ver un libro desta materia sacado a luz de mano de otro*), Pinciano menosprezava obras como a *Arte Poetica* de Juan Díaz Rengifo (1.ª ed.: 1592) ou como *El Arte Poetica en romance castellano* que Miguel Sanchez de Lima havia publicado em 1580. *Nuestros Españoles – frisou – en sus libros no han dado Philosophia antigua, ni aun moderna, sino tocado solamente la parte que del Metro habla*. Apostado em mostrar conhecimento de teorizadores do passado e do presente, Pinciano evidenciou familiaridade com a *Poética* de Aristóteles (*Es cierto, que toda la doctrina, o casi toda es nacida de la fuente de su sabiduria – 1596, p. 216*), e, através de uma das personagens de *Philosophia Antigua Poetica*, veio explicar: *los poemas toman sus diferencias de la diversidad del genero que es la imitacion, y [...] el poema es un compuesto de alma y cuerpo. Assi que la imitacion, o la fabula, que todo es uno, es la anima, y el lenguaje el cuerpo* (p. 125).

fingimentos, enredos e imitação, deixando inda a erudição, ao nosso Camões. Leam os curiosos bem no Pinciano as leis de poesia, e o ornato com que se ela faz fermosa, e vejam bem *Os Lusíadas* do nosso poeta; vejam a traça singular, a imitação sobre todo o entendimento, deixemos a erudição, as sentenças, as comparações tão naturais que parece que aquelas naceram ali, e só pera aquele efeito, e não mais. E o verso tão acomodado ao que significa que não há mais que desejar. Mas tornando às fábulas, dizemos que há dous modos de usar delas, uns escrevem obras e a todas elas chamam fábula, porque cada ãa não consta de outra cousa que de ãa mera fábula, como os que escreveram as fábulas Apológicas, quais as de Esopo, ou como os Cômicos<sup>1</sup>, que escrevem ãa Comédia fingida pera debaixo daquelas figuras darem algum documento e recreação. Outros autores, como são os poetas heróicos, compõe poemas de cousas verdadeiras, or(8)//nadas de quando em quando com aquelas fábulas e histórias que a seu prepósito, e em seu lugar, tocam com artifício, ou que fingem com engenho. Disto temos exemplo no nosso poeta, que em muitas partes toca histórias e fábulas antigas, como quando falando na Ilha da Madeira diz que não lhe aventajam quantas Vénus ama *ect.* E a cada passo toca outras com muito artifício; outras vezes faz suas ficções, como quando descreve o Cabo de Boa Esperança; ou quando finge a Ilha do galardão, e outras tais. Todos estes fingimentos da poesia não são vãos e inúteis como o vulgo lhe chama. A prova desta conclusão se tira de um pressuposto mui sabido entre homens lidos, e é que entre as ciências humanamente achadas a poesia é mais antiga, e usada de todo género de homens sábios e santos. Veja-se Baptista Mantuano no prólogo das suas *Partenices*<sup>41</sup>. Segunda conclusão é, que a poesia é ãa ficção racional que serve de cifra de algũa verdade natural, historial ou moral<sup>42</sup>. Porque o poeta ou conta cousas naturais pera proveito dos homens,

Baptista  
Mantuano

Alexo Vanegas

---

<sup>1</sup> No ms., não existe pontuação antes do pronome relativo, mas pelo cotexto afigura-se conveniente acrescentar uma vírgula, de modo a tornar claro o valor explicativo (não restritivo) desta oração.

---

<sup>41</sup> Foram numerosas, nos séculos XVI e XVII, as edições de *Parthenices*. No exemplar impresso em Paris, em 1528, a portada anuncia: *F. Baptistæ Mantvani Carmelitæ Theologi, atq; poetæ celeberrimi, Opus diuinū de purissima virgine Maria, cum ortū tum totam eius virginis vitam, heroico carmine cōplectens, nuper emendate impressum*. O texto preliminar (*Apologeticon ad eosdem*) contém uma defesa das *liberales artes*. Estimulado decerto pela autoridade de S. Jerónimo, que evoca como *fidelissimum interpretem*, Baptista Mantuano salienta o valor poético da palavra bíblica (além de Job e de Jeremias, *scripsit Moses carmen, [...] at David psaltes, cytharedus & poeta lyricus fuit*), e recorda a importância da poesia no labor de figuras como S. Gregório e Santo Ambrósio.

<sup>42</sup> Numa nota marginal, D. Marcos aponta o nome de Alexo Vanegas de Busto, que provavelmente recordaria como autor da *Primera Parte de las diferencias de libros que ay en el uniuerso* (1.<sup>a</sup> ed.: Toledo, 1540). Vanegas, porém, não é um defensor da poesia, e mostra-se antes preocupado com o crédito que *la gente vulgar* concede a *qualquier libro impresso* (*De adonde acontece que muchas vezes beue ponçoña por medicina, y haze saco mano de la mentira, so color de verdad*. – 1569, f. 1v). Com efeito, se a dado passo diz que *Libro es vna arca de deposito en que por noticia essencial, o por cosas, o por figuras se depositan aquellas cosas, que pertenescen a la informacion y claridad del entendimiento* (f. 5), e se advoga que *para aprovecharnos de la verdad, a do quiera*

como fez Virgílio nas suas *Geórgicas*, ou historiais como fez Camões nos seus *Lusíadas*, ou morais como em Homero e Virgílio se vê que fingiram, um a fortaleza de um Capitão, um forte em Aquiles, atribuindo-lhe todas as cousas que no tal é bem que tenha, um sábio conselheiro na pessoa de Nestor, e um acautelado e manhoso em figura de Ulisses, o que Virgílio ajuntou tudo no seu Eneas, fingindo-o forte, atribulado, pio, e religioso, porque o poeta, como diz Baptista Mantuano, há-de dizer as cousas ou como passaram, ou como era bem que passassem<sup>43</sup>. Um pertence ao historial, outro ao moral. E quanto aos Deuses que eles invocavam, além do que (8v)// temos dito se pode ajuntar o que diz Lactâncio Firmiano<sup>44</sup>, o qual teve per opinião que no que toca aos Deuses gentílicos os poetas não fingiram nada, mas que equivocaram, como quando disseram que Júpiter era Rei do Olimpo, que é o Céu, entendiam que era Rei do monte Olimpo, que tem o mesmo nome, pois as histórias dizem que Júpiter no monte Olimpo morava<sup>1</sup>, e Cícero confessa que houve um Rei chamado Júpiter que nasceu em Creta e era filho de Saturno e de Ópis e que naquela ilha morrera e nela<sup>II</sup> tinha seu sepulcro. Isto contam também os poetas, cujo costume era variar os nomes e os lugares por qualquer semelhança que entre eles houvesse, como quando chamam ao Rio Lima o Lete, Rio do esquecimento. E assi também o nome de Hércules davam a todo homem esforçado, e assi querendo alguns dos gentios verificar estas histórias dos poetas, acharam-as tão diferentes, que vinham a fazer muitos Deuses daquele nome, como Cícero confessa que os seus teólogos contam três com<sup>1</sup> este nome de Júpiter, e não sei quantos Hércules pera entre estes lhe pudesse ficar um, a quem

---

<sup>1</sup> No ms.: «pois. \*as historiasdisē q̄ Iupiter no monte olimpo morava\* eCicero Confessa»...

<sup>II</sup> No ms., a redacção inicial seria «q̄ ella». Sobre o «q» foi desenhado um «n».

---

*que se halle, no haze mucho al caso, que el que la dixo se aya saluado o condenado. Porque licito es despojar los Egyptios de las verdades que nos han vsurpado, porque la verdad ni es deste ni de aquel sino de Dios, que la quiso enseñar a vnos por medio de otros* (f. 220), não procura alicerçar aí nenhuma valorização da palavra dos poetas, e é apenas a respeito das Escrituras que no Livro IV se demora para explicar os vários graus (literal, alegórico, tropológico e anagógico) da tradição hermenêutica.

<sup>43</sup> A formulação usada por D. Marcos lembra a distinção aristotélica entre verdade e verosimilhança, mas a questão referida é a do valor moral da poesia, que Baptista Mantuano encareceu, por um lado, julgando esse valor acautelado na representação do universo ficcional (onde a ordem pode triunfar e as transgressões podem receber castigo); por outro, argumentando que também a alegoria seria capaz de o assegurar. Mais, o autor de *Parthenices* retoma, por via directa ou indirecta, uma ideia que Giovanni Boccaccio sustentara no final do *Decameron*, para advertir que ao leitor cabe, não uma atitude de identificação imediata com as acções representadas, mas um discernimento responsável e prudente. Tipicamente usada como metáfora do poeta (v. nota 161), a abelha passa, assim, a simbolizar o bom leitor: *si vero prudentiae tantum in eis legendus habuerit quantum in legendo melle prae se ferunt apes, securus legat* (*Apologeticon*, in *Parthenices*, 1528, s/f).

<sup>44</sup> Lactâncio, nas *Divinarum Institutionum* (I, XI), usando o argumento evemerista, afirmava que os deuses não foram senão homens, e que só para dar mais brilho à sua celebração os poetas lhes deram aquele título (v. Lactance, *Institutions Divines*, 1986, I, pp. 108-137).

atribuísem o poder divino<sup>45</sup>, do que tudo se colige que não tem os poetas culpa nos delírios dos gentios, pois eles claramente descobrem os erros e faltas dos seus Deuses, e confessam haver um todo-poderoso, que criou o Céu e a terra<sup>46</sup>. Veja-se Lactâncio Firmiano. E o mesmo autor diz que os Estóicos converteram as fábulas poéticas à filosofia, declarando filosoficamente tudo o que os poetas fabulosamente escreveram.<sup>47</sup>(9)//

Lactantius *ubi supra*, *De falsa Religione* lib. 1, c. 12

litera N  
Neptuno  
fol. 31<sup>II</sup>

Canto pr.<sup>o</sup>,  
estança pr.<sup>a</sup>

---

### Primeiro livro da *Eneada* de Virgílio traduzido

As armas canto, e um varão insigne nelas, o qual foi o principal que das Regiões Troianas acochado da fortuna aportou em Itália e praias de Lavino. Muitos trabalhos passou por mar e terra por rigoroso mandado dos Deuses e pela ira pertinaz de Juno vingativa. E não foram menores as contradições que sofreu até edificar Cidade e introduzir os Deuses penates de Tróia nas Regiões de Lácio: dele procede a geração Latina, os Padres Albanos e finalmente os altos muros da soberba Roma.

1

Agora, musa minha, me trazei vós à memória as causas destes infortúnios e por que sacrilégio cometido contra algũa divindade, ou de que ofensa estimulada, a Rainha dos Deuses constrangeu um varão insigne em piedade a passar tantos e tão duros trabalhos? É possível que em peitos celestiais caibam iras tão pesadas?

2

Houve no tempo antigo ãa Cidade possuída dos moradores de Tiro, per nome Cartago, situada contra Itália; e inda que longe, posta defronte da foz do Rio Tibre, abundante e copiosa em riquezas e nos belicosos exercícios mui guerreira. A esta Cidade dizem que Juno se afeiçoou de tal feição que per seu respeito não fazia caso de Samo sua pátria querida, mas aqui tinha suas armas, e insígnias, aqui o seu carro, e esta quisera ela (se os fados lho primitiram) que fosse a metrópoli do universo; e assi já então o procurava e pertendia.

3

---

<sup>1</sup> No ms., a palavra «cô» foi escrita sobre outra forma, agora ilegível.

<sup>II</sup> No ms., começa assim a esboçar-se um índice, que ocupa as folhas 9v-10v mas que ficou por levar a cabo.

---

<sup>45</sup> Marcus Tullius Cicero, *De natura Deorum*, III, XVI, 42. Entre copiosos exemplos de hominímia divina, Cícero conta três Júpiteres e seis Hércules.

<sup>46</sup> Empenhado em ilibar a poesia e seus autores de qualquer sombra de culpa que se lhes pudesse atribuir, D. Marcos reteve apenas, da obra de Lactâncio (onde se acham, dispersas, críticas à mentira ou à tontice dos poetas, bem como aos perigos do deleite que os versos podem suscitar), traços de uma avaliação benigna: poetas como Orfeu, Virgílio ou Ovídio teriam sido quase capazes de atingir a Verdade; e o tratamento da matéria mitológica, com a caracterização tão humana dos deuses e a representação das suas atribuladas histórias, permitia afinal descobrir as fragilidades do paganismo (v. Lactance, *Institutions Divines*, I, cap. V e cap. IX, pp. 60-67, 96-103).

<sup>47</sup> Nas *Divinarum Institutionum* (I, XII), Lactâncio ocupa-se das explicações dos estóicos, lembrando que estes filósofos, em lugar de verem nos mitos meras fábulas mal inventadas, os convertiam numa explicação de ordem física: *Stoici, ut solent, ad rationem physicam conantur traducere* (Lactance, *Institutions Divines*, I, pp. 138-139).

4 Mas tinha ouvido que do sangue Troiano havia de proceder quem<sup>1</sup> destruiria os muros daquela sua Cidade (11)// e que daqui<sup>48</sup> se levantaria um povo cujo largo império se estenderia muito, e cujas soberbas armas haviam de ser total destruição de toda Líbia, e isto era tão certo que já as Parcas começavam a urdir esta tea.<sup>49</sup>

5 Disto receosa<sup>50</sup>, não esquecida ainda da guerra antiga de Tróia, em que fora a principal pelos seus amados Gregos, nem ainda os motivos de sua ira e os cruéis desejos de vingança deixavam de a inquietar. Tem alta mente guardada a sentença que deu Páris em desprezo de sua fermosura, nem lhe esquece que Dárdano, fundador de Tróia, era filho de Electra e de seu marido Júpiter, e ela o avorrecia com ódio de madrasta. Finalmente lhe lembrava que Ganimedes Troiano sucedera no ofício de copeiro dos Deuses, do qual sua filha Hebe fora tirada.<sup>51</sup>

6 Per todas estas rezões acesa em ira chegou a tanto que proibia e desviava longe de Itália aqueles pobres Troianos, miseráveis relíquias que escaparam das mãos dos Gregos sem piedade, e do crudelíssimo Aquiles que tanto os presseguiu, e assi por esta causa andavam desgarrados tantos anos, cercando vários mares, oprimidos da fortuna que os não deixava sossegar. De tanto peso era o Edifício do Império Romano que foram necessários tão duros e ásperos fundamentos de contradições e trabalhos que costumam acontecer nos princípios de cousas grandes.<sup>52</sup>

c. 1.º, est. 19 7 Mal tinham perdido de vista a terra de Secília, feitos já ao mar alto navegando alegres com bonança cortando com os esporões de metal<sup>53</sup> as brancas escumas do salgado mar, quando Juno estimulada da dor que tanto tempo que lhe trazia o coração chagado começou a arreoar consigo desta sorte:

c. 1.º, est. 74 «É possível que haja eu de desestir do começado por me faltarem forças pera o levar ao cabo, e que não possa desviar de Itália (11v)// o capitão dos Troianos, e isto por mo proibirem os fados? Palas, que comigo não tem comparação algũa, pôde abrasar a armada dos Gregos, e a eles mergulhá-los no mar fundo pelo pecado de um só, pelos furiosos amores de Aiace Oleu. E ela mesma sem ajuda

---

<sup>1</sup> No ms.: «proceder \*quem\* destruiria»...

---

<sup>48</sup> A tradução de D. Marcos não é clara neste ponto: «daqui» referir-se-á ao «sangue Troiano», pois dele brotaria a geração capaz de destruir Cartago. No texto de Virgílio, *hinc populum late regem belloque superbum/ venturum excidio Libyae* (*Aeneis*, I, vv. 21-22).

<sup>49</sup> No texto de Virgílio, *sic volvere Parcas* (*Aeneis*, I, 22).

<sup>50</sup> No texto de Virgílio, Juno (filha de Saturno) é referida como *Saturnia* (*Aeneis*, I, v. 23). D. Marcos não retoma este nome, e o mesmo volta a fazer com outras designações mitológicas ou perifrases cultas, aparentemente levado pelo propósito de dissipar potenciais motivos de obscuridade dos versos da *Eneida*.

<sup>51</sup> No texto de Virgílio, fala-se apenas de uma «raça detestada» e de «honras prestadas ao raptado Ganimedes»: *et genus invisum et rapti Ganymedis honores* (*Aeneis*, I, v. 28). A tradução acrescenta pormenores que clarificam estas referências alusivas.

<sup>52</sup> «Edifício», *i.e.*, a acção de edificar. Todo este período consiste numa *amplificatio* da concisa frase de Virgílio: *tantae molis erat Romanam condere gentem* (*Aeneis*, I, v. 33).

<sup>53</sup> No texto de Virgílio, especifica-se o nome do metal: bronze (*spuma salis aere ruebant* – *Aeneis*, I, v. 35).

doutrem arremessando dentre as nuvens o raio de Júpiter desbaratou a armada e levantou no mar furiosa tempestade. E ao violador de sua sacerdotisa Cazandra, de cujo aberto peito saíam ardentes chamas<sup>54</sup>, arrebatou com um furioso torvelino, e sobre um duro penedo o encravou. Pois eu que me intitulo Rainha dos Deuses, irmã e mulher de Júpiter, hei-de andar tantos anos em guerra com um só povo sem o vencer? Daqui por diante quem haverá que adore a divindade de Juno, e com humildade faça sacrifícios de honra nos seus altares? Não há-de ser assi».<sup>55</sup>

Tais cousas no inflamado coração revolvía a Deusa Juno, e sem dizer mais nada se partiu pera a Ilha Eólia, pátria das tempestades, lugares prenhes de ventos furiosos. Aqui numa larga e espaçosa cova tem El Rei Éolo os ventos reprimidos e as sonoras tempestades, com império e poder que sobre eles tem, refreando-os como quem os tem presos em cárcere com grilhões. E eles, indignados, com grande inquietação na clausura daquele monte andam bramindo. E o Rei Éolo se aposenta nãa alta fortaleza, tendo o cetro real, abrandando-lhe os ânimos, e temperando-lhe as iras, que se assi o não fizera, mar e terra e ar arrebatariam e os levariam por esses ares. Porém Júpiter<sup>56</sup> naquelas profundas cavernas os meteu, receando-se disto, pondo-lhe em cima altos montes que os oprimam, e além disso lhe deu Rei que os regesse, e com certa condição lhe largasse ou reprimisse conforme lhe fosse mandado. A este Rei Éolo chegou Juno, com muita brandura usou com ele de tais palavras: «Éolo<sup>57</sup>, pois que o Pai dos Deuses e Rei dos homens vos deu poder pera abrandar as ondas ou levantá-las com vento, sabeí que pelo mar de Toscana<sup>58</sup> navega ãa gente contrária e inimiga minha, que contra minha vontade leva Tróia<sup>59</sup> a Itália e os seus vencidos penates. Porque se não glorie que em que me pês fazem isto<sup>60</sup>, largai-lhe os ventos com fúria e mergulhai-lhe as naus no profundo, ou as espalhai por partes diversas lançando-lhe seus corpos ao mar. E em pago disto, de catorze fermosas Ninfas que em meu serviço tenho<sup>61</sup>, vos prometo Diopea, mais fermosa que todas, à qual vos ajuntarei (12)// com firme casamento, dando-vo-la por própria esposa, pera que convosco viva largos anos, por isto que me concedeis, e vos faça pai ditoso de famosos filhos<sup>62</sup>.» A isto respon-

8

9

Por Juno se entende o ar, e o vento é ar, comovido, e onde não há ar não pode haver vento.

<sup>54</sup> À tradução do verso virgiliano (imitação de outro de Lucrécio), *illum exspirantem transfixo pectore flammis* (*Aeneis*, I, v. 44), D. Marcos junta mais um dado identificador sem paralelo neste lugar da *Eneida*, onde nem há referências a Cassandra nem ao episódio da sua violação.

<sup>55</sup> O remate do discurso de Juno («Não há-de ser assi.») é aditamento de D. Marcos. Nenhuma expressão equivalente se lê neste passo do texto virgiliano (v. *Aeneis*, I, v. 49).

<sup>56</sup> No texto de Virgílio, *pater omnipotens* (*Aeneis*, I, v. 60).

<sup>57</sup> Ao longo deste discurso (*Aeneis*, I, vv. 65-75), como nos restantes que se desenvolvem entre personagens régias ou deuses maiores, D. Marcos, decerto em função de critérios de decoro, converte num tratamento cerimonioso («vós») o que no texto de Virgílio é interpelação por «tu».

<sup>58</sup> No texto de Virgílio, *Tyrrhenum* (*Aeneis*, I, v. 67).

<sup>59</sup> No texto de Virgílio, *Ilium* (*Aeneis*, I, v. 68).

<sup>60</sup> Esta justificação não tem paralelo no texto virgiliano (v. *Aeneis*, I, vv. 69-70).

<sup>61</sup> No texto de Virgílio, *sunt mihi bis septem praestanti corpore Nymphae* (*Aeneis*, I, v. 71).

<sup>62</sup> No texto de Virgílio (*Aeneis*, I, v. 75), lê-se *et pulchra faciat te prole parentem*. Embora a leitura do manuscrito de D. Marcos deixe algumas dúvidas (e talvez se observe certa hesitação na grafia da palavra, como se no momento da escrita «fermosos» desse lugar a «famosos»), a hipótese mais provável é a de que terá optado por uma tradução livre.

deu Éolo: «Todo o trabalho, ó Rainha, que neste negócio há, é declarardes vós o que desejais, porque a mim obedecer-vos me é devido. Por vós possuo este Reino, qualquer que ele seja, vós me conciliais este cetro, fazendo-me a Júpiter propício, e assi vós sois a que me assentais à mesa dos Deuses, e me fazeis poderoso dos chuveiros e tempestades.» Dizendo isto voltou o côncavo monte a um lado, e os ventos juntos em esquadrão saem com ímpeto por onde lhe deram porta, e depois de moverem tempestades na terra, dão consigo no mar, o Sul, e o Sudoeste, e o 10 África<sup>63</sup> mui acostumado a levantar tempestades, e começam a revolvê-lo da mais alta profundidade sua, revolvendo na praia grandíssimas ondas. Eis logo se seguem gritas dos mareantes e traquinada dos calabres que rangiam com a força dos ventos. E logo as nuvens que toldaram o Céu tiraram dos olhos dos Troianos a vista do Céu e do dia, ficando todos nãa tenebrosa noite que sobre o mar se estendeu. Soavam os pólos do mundo com trovões, e os amiudados relâmpagos esclareciam 11 o ar, as quais cousas todas representavam àqueles homens a morte já vizinha. Eneas, a quem cabia maior parte nesta desventura, vendo-se neste estado ficou frio, e depois dum profundo suspiro<sup>64</sup> levanta as mãos ao Céu dizendo: «Ó três e quatro vezes bem-aventurado[s]<sup>I</sup> aqueles a quem coube por sorte morrer junto dos muros de Tróia à vista de seus padres, que os haviam de enterrar. Ó tu Diomedes<sup>65</sup> fortíssimo entre os cavaleiros de Grécia, é possível que não pude morrer às tuas mãos nos campos de Ílio, onde em poder de Aquiles acabou o esforçado Heitor<sup>66</sup>, onde morreu o grande Sarpédon, onde o rio Simois levava em suas ondas tantos escudos, capacetes, e fortes corpos, e eu escapei de os acompanhar onde me fora glória morrer pera vir aqui acabar.»<sup>67</sup> Isto dizia quando da parte do norte refrescou o vento, e tomando a vela, de revés a rompeu<sup>68</sup>, e levantou as ondas 12 às estrelas, eis os<sup>II</sup> remos quebrados e a proa que abriu deu entrada às águas. Entrou logo polo quebrado um grande golpe de água. Uns levantados das ondas parece que estavam pendurados no ar, a<sup>III</sup> outros quando as ondas se partiam quasi que chegavam a ver o fundo, a fúria do mar se embraveceu nas areas do profundo. O vento vendaval arrebatou três naus e as espedaçou em uns penedos

---

<sup>I</sup> No ms.: «bemaventurado aquellos»...

<sup>I</sup> No ms.: «eis os ~~ban~~ remos quebrados»...

<sup>II</sup> No ms.: «a est outros»...

---

<sup>63</sup> Virgílio nomeia três ventos, *Eurus*, *Notus*, *Africus* (*Aeneis*, I, vv. 85-86), que sopram, respectivamente, de Este, Sul e Sudoeste. Ao distinguir o «Sudoeste, e o África», D. Marcos confunde estes dados. Pouco adiante, cometerá erro idêntico (v. nota 69).

<sup>64</sup> No texto de Virgílio, *ingemit* (*Aeneis*, I, v. 93).

<sup>65</sup> No texto de Virgílio, *o Danaum fortissime gentis/ Tydide!* (*Aeneis*, I, vv. 96-97). À elite grega, D. Marcos prefere chamar «cavaleiros»; quanto à perífrase «filho de Tideu», que ocorre no texto virgiliano, transforma-a no nome próprio do herói: Diomedes.

<sup>66</sup> No texto de Virgílio, *saevus ubi Aeacidæ telo iacet Hector* (*Aeneis*, I, v. 99).

<sup>67</sup> O remate do discurso («e eu escapei de os acompanhar»...) não tem paralelo no texto de Virgílio. V. *Aeneis*, I, vv. 100-101.

<sup>68</sup> No texto de Virgílio, *Talia iactanti stridens Aquilone procella/ velum adversa ferit* (*Aeneis*, I, vv. 102-103).

que no meio das ondas estavam encobertos. A estes penedos chamam em Itália *aras*, que estendem um espinhaço grandíssimo sobre as ondas. O vento sul<sup>69</sup> foi encravar outras três nos baxos<sup>70</sup> (cousa piadosa (12v)//de ver) porque as esteve metendo nos baxos cercando-as ao redor de um velo de area. Outra nau em que vinham embarcados os de Lícia, e seu fiel capitão Oronte, um mar grandíssimo que por cima a tomou a foi levando per popa, tomando o piloto deu co'ele de cabeça abaxo, e no mesmo lugar a tomou um redemoinho de água e a trouxe ao redor três vezes e a sorveu arrebatadamente<sup>71</sup>. Eis aparecem os poucos nadadores naquele largo mar, e com eles apareceram suas armas, e as távuas da nau, e as riquezas de Tróia, tudo sobre as ondas nadava. Já neste tempo a tempestade tinha seçoibrado ãa valente nau em que vinha Elioneu, e outra em que vinha o forte Acates, e a em que navegava o capitão Abante, e a do velho Alectes, todas estas despregando-se-lhe a madeira receberam a água inimiga abrindo-se per diversas partes. Enquanto isto se passava, sentiu Neptuno a tempestade desfeita, e o mar todo perturbado e inquieto, até no mais profundo das águas. Alterado gravemente sobre o caso, levantou a venerável cabeça sobre as ondas, e viu a armada de Eneas espalhada per todo o mar, e os Troianos oprimidos com a fúria das ondas e tempestade do Céu. Nem se lhe encobriram os enganos de sua irmã Juno, e seus ódios e paixões. Chama logo a si Euro e Zéfiro, e tendo-os diante assi lhe falou: «Que é isto, tanta confiança e ousadia tendes vós per rezão de vosso nascimento, e geração, e tão confiados estais em quem sois, que sem meu beneplácito vos atreveis a confundir o Céu e a terra, e levantar no mar estas serras de água? Estava eu pera vós. Mas enfim convém-vos logo reduzir o mar ao estado quieto em que estava. E se outro dia outra tal vos acontece, não há-de ir a cousa per palavras. Tratai de vos ir depressa, e da minha parte dizei lá ao vosso reizinho, que o mando e império do mar, e o temeroso tridente, lhe não foi a ele dado senão a mim que per sorte me coube. Possua ele esses grandes penhascos em que vós, ventos, morais; jacte-se de reinar nesses vários poços, onde tudo é vento.»<sup>72</sup>. Assi disse, e recolhendo as nuvens todas brevissimamente restituiu a vista do Sol, e apareceu o dia. A Ninfa Cimótoe, e Tritão, pondo os ombros às naus as desencalharam dos penedos em que estavam encravadas. Ajuda-os Neptuno com o tridente, e abriu os largos bancos de area que a tempestade ajuntara, e torna o mar sereno. E ele

13

14

---

<sup>69</sup> D. Marcos volta a confundir o sentido dos ventos: no texto virgiliano (*Aeneis*, I, v. 110), fala-se de *Eurus*, que sopra de leste.

<sup>70</sup> No texto de Virgílio, *in brevia et syrtis* (*Aeneis*, I, v. 111).

<sup>71</sup> Nesta frase, D. Marcos omite uma circunstância relevante: o facto de o naufrágio se dar à vista de Eneas, *ipsius ante oculos* (*Aeneis*, I, v. 114).

<sup>72</sup> A *amplificatio* marca visivelmente aqui a tradução: D. Marcos duplica os adjectivos; enfatiza a expressão sobranceira de Neptuno (*quos ego* – *Aeneis*, I, v. 135); transforma a promessa de castigo pelo acto cometido (*post mihi non simili poena commissa luetis* – v. 136) numa ameaça que visa inibir iniciativas futuras; diminui Éolo, que deixa de ser rei (*regique haec dicite vestro* – v. 137) para passar a ser «reizinho»; e, para mais acentuar o desprezo, funde a sua *aula* (palácio) com o cárcere dos ventos, rasurando a distinção estabelecida nos versos de Virgílio (*illa se iactet in aula/Aeolus et clauso ventorum carcere regnet* - vv. 140-141).

com as leves rodas foi cortando as ondas superiores. Como quando num povo grande quando se levanta um motim, e alvoroço, e o povo vil com fúria remete a pedras e paus, armas<sup>I</sup> que o furor desatinado lhe ministra, se no meio deste tumulto aparece<sup>II</sup> ãa pessoa grave, e de merecimentos, que os quer apartar, (13)// sossegam, e com orelhas espertas tratam de ouvir o que diz<sup>73</sup>, assi aconteceu no mar, cuja revolta toda parou depois que Neptuno, pai das águas<sup>74</sup>, lançou os olhos por ele e saído do fundo das águas ao céu sereno regeu seus cavalos deixando ir seu carro com galhardia pelas ondas. Os companheiros de Eneas, cansados e afligidos, procuraram de tomar a primeira terra que se lhes ofereceu; e assi viraram pera as praias de Líbia. Há um lugar num apartamento comprido, a Ilha o faz porto com a oposição das ilhargas nas quais quebra sua fúria toda a onda que do mar vem alta, e se recolhe em enseadas outra vez ao mar. Duma e doutra parte há altíssimos rochegos e dous grandes cachopos<sup>75</sup> que querem chegar ao Céu, abaixo<sup>III</sup> dos quais estão os mares quietos e sossegados. Logo por cima aparece ãa estância qual as cenas dos antigos<sup>76</sup>, assombrada de selvas que pouca luz recebiam e dum espesso bosque negro com ãa temerosa sombra. Dentro havia águas doces, e assentos naturais na pedra feitos; casa das Ninfas, onde muitas vezes se recolhiam<sup>77</sup>. Aqui não tem as naus cansadas da tormenta necessidade de âncora que as detenha, nem de amarras que as segurem. A este lugar aportou Eneas recolhendo nele sete naus que só de quantas trazia lhe escaparam, e os cansados Troianos, com grande desejo de terra, tomaram esta, gozando<sup>IV</sup> da area que tanto desejavam, na qual logo estenderam aqueles membros já cheos de bafio das águas salgadas em que navegavam. E logo primeiramente tratou Acates do que convinha, tomou fuzil e pederneira, e petiscou até tirar lume, que recolheu em secas folhas que lhe serviram de isca, e ajuntando-lhe ao redor cousas em que facilmente pegasse, finalmente acendeu fogo e fez ãa fogueira. E logo começam a tirar fora o trigo mareado<sup>V</sup>,

---

<sup>I</sup> No ms.: «paos, \*armas\* queofuror»...

<sup>II</sup> No ms.: «se nomeio deste tumulto aparece aparece huã pessoa grave»...

<sup>III</sup> No ms.: «querẽ chegaraoCeo #abaxo#nope dosquais»... Tirando partido da margem, «abaixo» foi acrescentado para substituir a expressão rasurada – «no pe» (leitura hipotética).

<sup>IV</sup> No ms., a redacção original seria talvez, «gostando». A palavra foi parcialmente rasurada, e em entrelinha acrescentou-se «oz».

<sup>V</sup> No ms.: «o trigo ~~molhado~~ mareado»...

---

<sup>73</sup> Neste *simile*, D. Marcos deixa por traduzir um verso: *ille regit dictis animos et pectora mulcet* (*Aeneis*, I, v. 153).

<sup>74</sup> No texto de Virgílio, em lugar de «Neptuno pai das águas», apenas se diz *genitor* (*Aeneis*, I, v. 155).

<sup>75</sup> No texto de Virgílio, os grandes rochedos são «gémeos» (*vastae rupes geminique* – *Aeneis*, I, v. 162).

<sup>76</sup> No texto de Virgílio, *tum silvis scaena coruscis/desuper* (*Aeneis*, I, vv. 164-165).

<sup>77</sup> Este pormenor não tem paralelo no texto de Virgílio, onde apenas se lê *Nympharum domus* (v. *Aeneis*, I, v. 168).

e os instrumentos de Ceres<sup>78</sup>, enfadados e cansados já das cousas da vida. E tratam logo de enxugar ao fogo o trigo que escapou da tromenta, e moê-lo entre as pedras que disso serviam. Eneas com outro pensamento subiu entretanto a um daqueles cachopos altos, e estendeu a vista per todo aquele mar, pera ver se per algũa parte dele via a Anteu, ou as galés de Frígia arrebatadas do vento, ou a Cápis, ou as armas de Caico pregadas nas altas popas. Não apareceu nau algũa. Viu só na praia três grandes veados que andavam pascendo, a quem por detrás seguiam rebanhos de outros muitos. Reparou Eneas no que via, e tomando o arco e frechas ligeiras, as quais armas lhe ministrou o fiel Acates, e logo com elas derribou os três grandes veados cujos cornos representavam ãas árvores, que eram capitães dos outros, e após eles foi presseguindo com as setas os outros do rebanho, levando-os pera onde as árvores eram bastas, nem parou até não derrubar sete grandes corpos, igualando o número com as naus que escaparam. Daqui partiu pera o porto dividindo a presa per todos os companheiros, (13v)// e juntamente foi repartindo per todos do vinho das talhas que em as praias de Sicília<sup>79</sup> lhe dera seu bom amigo Acestes quando se partiam, e com palavras os começou a consolar de seus trabalhos e tristezas: «Ó companheiros meus, não são estes os primeiros trabalhos em que vos vistes, maiores cousas sofrestes. Deus, que de maiores angústias vos tirou, a estas também porá fim e termo<sup>80</sup>. Vós passastes a perigosa passagem de Cila, e chegastes a exprimentar os penedos duros onde as águas soam cos altos rochedos da<sup>1</sup> terra dos Ciclopes. Tomai ânimo, e animai-vos, deitando de vossos corações o temor que os faz tristes, que porventura vos serão algum dia doces de contar estes trabalhos que vos são amargosos de sofrer. Per vários acontecimentos, por tantos riscos e variedades de cousas partimos pera Itália onde os fados nos estão mostrando quietos assentos, ali será lícito ressucitar o Reino da nossa amada Tróia. Presseverai no sofrimentos destes trabalhos, e poupai-vos pera cousas prósperas.» Tais cousas com a voz dezia, e afligido com cuidados grandes, finge confiança no rosto, e reprime no coração a dor profunda. Os Troianos entretanto aparelham-se pera concertar a presa pera comer, uns esfolam os veados<sup>81</sup>, outros os fazem em quartos e os espetam ainda palpitando. Outros se ocupavam em pôr caldeirões d'água ao lume fazendo-lhe fogo por baxo. Comeram e beberam recuperando as forças com isto, deitados sobre a relva verde, se encheram de vinho velho e da carne gorda. Aplacada a fome com as iguarias, e as mesas levantadas, começam a praticar sobre mesa, largamente acer-

---

<sup>1</sup> No ms.: «ondeas agoas soão ~~chegando~~ cos \*altos\* rochedos duros/a daterrados Siclopes.»

<sup>78</sup> D. Marcos não conserva nem a antonomásia nem o jogo de palavras que se observam no texto de Virgílio: *tum Cerecem corruptam undis Cerealiaque arma* (*Aeneis*, I, v. 177).

<sup>79</sup> No texto de Virgílio, *litore Trinacrio* (*Aeneis*, I, v. 196).

<sup>80</sup> Assim traduzido, o texto de Virgílio (*dabit deus his quoque finem* – *Aeneis*, I, v. 199) parece ser cristianizado.

<sup>81</sup> No texto de Virgílio, há mais um dado, que D. Marcos pretere: *et viscera nudant* (*Aeneis*, I, v. 211).

ca dos companheiros que no mar perderam, e duvidosos entre temor e esperança, não sabendo se cressem que eram vivos ou mortos, que já não ouviam a quem por eles chamasse. E entre todos o piadoso Eneas ora geme pelo acontecimento de Oronte, ora pelo de Âmico. E consigo só sentia os fados cruéis de Lico, do forte Gias, e do valeroso Cloanto. Pondo eles já fim a sua prática, eis que Júpiter no Céu mais alto se pôs a olhar pera o mar navegável e pera as terras que em baxo estavam, as praias, e os largos povos, e nesta consideração parou no alto do Céu, até que veio a pôr os olhos nos Reinos de Líbia. Achou Vénus boa ocasião esta, e vendo-o cheio de tais cuidados, assi lhe falou triste e com seus fermosos e rutilantes olhos banhados em lágrimas: «Ó pai meu<sup>82</sup>, o qual regeis e governais as cousas dos homens e dos Deuses com império eterno, e os amedrontais com vossos raios, que pecado tão grande pôde o meu Eneas, e os Troianos, cometer contra vós, pois depois de tantas mortes e desventuras passadas toda a redondeza do mundo se lhe cerra por amor de Itália pera onde caminham? Bem vos lembra, pai, que me prometestes que de Eneas e dos Troianos haviam de proceder pelo discurso dos tempos os Romanos, tornado a trazer a Itália o sangue de geração de Teucro, os quais haviam de dominar o mar e as terras com todo poder. Que novo parecer é este, pai, que vos tirou de vosso propósito? Com esta vossa palavra me consolava eu da destruição de Tróia e suas tristes ruínas, recompensando uns fados com outros, os adversos com os prósperos. Mas eu vejo que a mesma fortuna que então os tratou mal, agora trazendo-os per tantas desventuras, ainda os pressegue. Quando haveis de dar fim verdadeiro, pai, a tantos trabalhos?»<sup>83</sup> (14)//

Antenor<sup>84</sup>, que nenhũa comparação tem com Eneas<sup>1</sup>, pôde escapar do meio dos Gregos, e penetrar as enseadas Ilíricas, e seguro vencer os Reinos dos Liburnos, e fonte de Timavo, da qual per nove bocas sai um mar de água, rompendo per um monte com grande estrondo, e com o mesmo ruído vai alagando os campos. Ele todavia nesta paragem edeficou a Cidade de Pádua, onde fez descansar as gentes Troianas da sua companhia, chamando-lhe Antenóridas de seu próprio nome<sup>85</sup>, e aí fixou as armas de Troianos, onde agora com muita paz e quietação repousa. Pois nós, geração vossa, a quem vós concedeis a morada no Céu (cousa que não é pera se falar), perdidas as naus, somos destruídos pela ira de ãa só; e somos apartados longe das praias de Itália. Este é o crédito de vossa piedade? Assi nos ides vós poupando pera o cetro que nos prometestes?» A isto se sorriu o pai dos ho-

---

<sup>1</sup> No ms.: «nenhũa comparação tem comigo/Eneas, pode escapar»...

<sup>82</sup> No texto de Virgílio, *o qui...* (*Aeneis*, I, v. 229). Se, por um lado, D. Marcos introduz neste discurso vários vocativos que enfatizam a relação de parentesco entre os interlocutores, por outro lado, à semelhança do que faz em situações análogas, converte o tratamento por tu, usado no original latino, num registo mais cerimonioso.

<sup>83</sup> No texto de Virgílio: *quem das finem, rex magne, laborum?* (*Aeneis*, I, v. 241).

<sup>84</sup> No texto de Virgílio, a caracterização de Antenor não inclui, neste passo, nenhuma ideia de comparação com Eneas (v. *Aeneis*, I, v. 242).

<sup>85</sup> No texto de Virgílio: *genti nomen dedit* (*Aeneis*, I, v. 248).

mens e dos Deuses, e com aquele rosto venerável com que serena o Céu e desfaz as tempestades, beijou levemente o rosto da filha e depois tais cousas lhe fala: «Não temais, minha Citerea, os fados dos vossos Troianos inda estão em pé. Vereis com vossos olhos a Cidade e muros<sup>I</sup> de Lavino que vos estão prometidos. E levantareis às Estrelas do Céu o vosso Eneas por quem chorais agora<sup>86</sup>. Nem há encontrado parecer que deste me mude. Agora vos contarei (já que esse cuidado vos inquieta), e de longe vos descobrirei os segredos dos fados. Este grandes guerras moverá em Itália<sup>II</sup>, e sopeará povos ferozes, dando-lhe Leis em que vivam e Cidades em que morem, enquanto o treceiro Estio o vir reinar em Lácio e passarem três invernos depois de vencidos os Rútulos. E o menino Ascânio, o qual tem agora por sobrenome Iulo, chamando-se dantes Ilo, enquanto as cousas de Ílio estiveram em pé com seu Reino, encherá com seu reinado trinta largos anos pela revolução dos meses. E tresladará a corte da Cidade de Lavino, fortalecendo muito a Cidade de Alba Longa. Aqui trezentos anos inteiros governará a gente Troiana<sup>87</sup>, até que a Rainha sacerdotisa Rea Ília Sílvia<sup>88</sup>, prenhe de Marte, parirá dous filhos<sup>89</sup>. Daqui se levantará Rómulo vestido da loura pele da loba que o criou, recolherá gente, e edificará as torres de Marte dando aos Romanos seu próprio nome. A estes não ponho eu limite, nem no Império nem no tempo que há-de durar, pois lho dei sem termo. Tanto que Juno que agora com aspereza os aflige, alterando os mares, as terras e os ares, tomando melhor conselho, comigo favorecerá os Romanos senhores do mundo, gente<sup>III</sup> que de togas se veste. Assi me contam e assi o tenho determinado, virá pelo discurso dos anos a idade quando os descendentes de Assá-raco com servidão oprimirá a Ftias e a famosa Micenas, e dominará dos Gregos depois de os vencer<sup>90</sup>. Desta ilustre geração procederá o Troiano César que terá por limites de seu Império o largo Oceano, e de sua fama as estrelas do Céu. Iúlio se chamará, nome mutuado do grande Iulo. Este, carregado dos despojos do Oriente, segura o receberéis também no Céu, onde também será invocado com votos e sacrifícios. Os séculos ásperos, deixadas as guerras, se farão mais brandos. A branca Fé, Vesta, Rómulo com seu Irmão Remo<sup>91</sup>, porão leis, e as cru[éis]<sup>IV</sup> portas da guerra com ferro e apertados ferrolhos se fecharão. (14v)//

<sup>I</sup> No ms.: «a Cidade de \*e muros\* Lavino»...

<sup>II</sup> No ms.: «fados. \*Este\* Grandes guerras movera \*em\* Italia»...

<sup>III</sup> No ms.: «engente»...

<sup>IV</sup> No ms., a falta do canto inferior esquerdo da folha fez desaparecer parte da palavra. A reconstituição mais provável será «cruéis».

<sup>86</sup> No texto de Virgílio, *sublimemque feres ad sidera caeli/magnanimum Aenean* (*Aeneis*, I, vv. 259-260).

<sup>87</sup> No texto de Virgílio, *gente sub Hectorea* (*Aeneis*, I, v. 273).

<sup>88</sup> No texto de Virgílio, a rainha é apenas designada pelo nome *Ilia* (v. *Aeneis*, I, v. 274).

<sup>89</sup> No texto de Virgílio, *geminam [...] prolem* (*Aeneis*, I, v. 274).

<sup>90</sup> No texto de Virgílio, *ac victis dominabitur Argis* (*Aeneis*, I, v. 285). Salvo erro de leitura, a tradução desta frase é deficiente.

<sup>91</sup> No texto de Virgílio, *Remo cum fratre Quirinus* (*Aeneis*, I, v. 292).

O furor ímpio dentro assentado<sup>1</sup> sobre as armas desumanas, atadas as mãos atrás com cem nós de ferro duro<sup>2</sup>, hórrido e medonho bramirá com a boca ensanguentada.» Isto disse, e mandou do Céu a Mercúrio<sup>3</sup>, pera que as terras, e as novas fortalezas de Cartago estejam patentes à entrada dos Troianos, porque perventura Dido, ignorante da vontade dos fados, os não receba mas antes os lance dos términos de seu reino. Voa logo Mercúrio per essa grande região do ar usando de suas asas como de remos, e brevemente parou nas terras de Líbia, onde logo pôs por obra o que lhe foi mandado. Já os Penos por ordem do Deus despiam os ferozes corações<sup>4</sup>, e sobre todos a Rainha Dido começou a ter ãa piadosa afeição às cousas dos Troianos, e ãa benignidade interior pera com eles. Entretanto o piadoso Eneas toda a noite passou em cuidados. E tanto que a luz criadora apareceu, determinou de sair per a terra dentro, e reconhecer as terras onde o vento os trouxera, quem<sup>5</sup> as habita se são homens, se feras (porque as via por cultivar), isto determinou saber pera o vir contar aos companheiros depois de sabidas. E primeiro recolheu as naus debaxo das pendentes árvores de um bosque onde ficava ãa côncava lapa assombrada dos ramos espessos que sobre ela caíam. E ele só acompanhado de Acates foi andando, brandindo dous venablos de ferro largo com sua mão. Eis sua mãe Vénus saindo do meio do bosque se lhe faz contradicha, em traje e figura de Virgem e com as armas da Virgem Lacedemónia<sup>6</sup>; ou qual Harpálice de Trácia quando andava nos montes com seu coche<sup>7</sup> vencendo em ligeireza ao arrebatado Rio Hebro<sup>8</sup>, porque do ombro lhe pendia, como é costume, o arco acomodado a seu uso como caçadora; e tinha largado os cabelos à discrição dos ventos, regaçada até o joelho, recolhendo em cima o vestido que trazia tomado porque lhe não caísse<sup>9</sup>. E falando primeiro disse: «Vistes-me per ventura mancebos, dizei-mo rogo-vos se vistes algũa de minhas Irmãs e companheiras, que ande perdida por este monte. O sinal per onde as conheceríeis é que trazem cingida consigo a aljava e sobre as costas ãa pele de maculoso tigre. Por aqui devia passar algũa seguindo o rasto gritando de algum porco montês que ia escumando.» Assi disse Vénus, e o filho de Vénus assi começou: «Nenhũa de vossas Irmãs foi ouvida nem vista de mim. Mas eu quem direi que vós sois, ó donzela, porque esse vosso rosto não é de mortal, nem essa voz de mulher parece. Ó certamente Deusa, Irmã de Febo, ou ãa das Ninfas do bosque, qualquer que vós sejais, tendais sempre ditosa sorte, aliviando agora nosso trabalho. E finalmente

---

<sup>1</sup> No ms.: «Ofuror ímpio dentro ~~sentado~~ assentado»...

<sup>2</sup> No ms.: «feroces ~~animos~~/corações»...

<sup>3</sup> No ms.: «que ~~gente~~ as habita». A «que» foi acrescentado um til.

---

<sup>92</sup> No texto de Virgílio, não é de «ferro» mas sim de bronze (*aënis*) que se fala. V. *Aeneis*, I, v. 295.

<sup>93</sup> No texto de Virgílio, Mercúrio é referido como *Maia genitum* (*Aeneis*, I, v. 297).

<sup>94</sup> No texto de Virgílio, *virginis arma, / Spartanae* (*Aeneis*, I, vv. 315-316).

<sup>95</sup> Não há nenhum termo equivalente a «coche» no texto de Virgílio (v. *Aeneis*, vv. 316-317).

<sup>96</sup> No texto de Virgílio: *volucrumque fuga praevertitur Eurum* (*Aeneis*, I, v. 317).

<sup>97</sup> No texto de Virgílio, *nuda genu nodoque sinus collecta fluentis* (*Aeneis*, I, v. 320).

dizei-nos, debaixo de que Céu estamos e em que Regiões do Mundo andamos perdidos (porque, sabeis que perdidos do mar depois de um perigoso naufrágio sem ter conhecimento das terras onde estamos, nem dos homens que nelas vivem, aqui chegámos). E em gratificação deste benefício vos prometo de vos sacrificar copiosas vítimas nos vossos altares.»<sup>98</sup> Vénus então lhe disse: «Não mereço tanta honra. Costumamos as donzelas de Tiro trazer connosco arcos e aljavas, e o calçado vermelho até cima do joelho.(15)//

Os Reinos africanos são estes que vedes, os Tírios, e a Cidade de Agenor. Mas também sabeis que a gente de Líbia é belicosa e guerreira. Governa este Império a Rainha Dido, que fugindo de um seu Irmão aportou aqui de ãa Cidade de Tiro. São histórias compridas, tocá-las-ei brevemente<sup>99</sup>. Tinha esta Dido por marido a Siqueu, homem rico e de grandes herdades entre os de Fenícia<sup>1</sup>, amado em extremo desta sua mulher, a qual lhe fora entregue por seu pai, sendo inda donzela, porque estes foram os seus primeiros desposórios. Neste tempo reinava em Tiro Pigmaleão, irmão de Dido, homem crudelíssimo; entre ambos se meteu o furor, de sorte que foi morto Siqueu impiamente diante dos altares onde estava sacrificando<sup>100</sup>; cego com o desejo do dinheiro que possuía, escondidamente fez este malefício, estando o outro descuidado. Seguro da amizade da irmã, e dissimulando o feito, fingindo muitas cousas foi entretendo a mísera amante com esperanças enganosas. Até que em sonhos lhe apareceu a imagem do marido morto, e ainda por enterrar, com um rosto pálido, e espantoso, mostrando-lhe os altares onde a maldade fora feita, e o peito atravessado com o duro ferro, descobrindo-lhe toda a maldade oculta, dando-lhe de conselho que fugisse e deixasse sua própria terra, dizendo-lhe onde estavam grandes tesouros escondidos de antigo tempo, que lhe seriam bons para ajuda do caminho. Movida Dido com estes protentos, trata de fugir, busca companheiros, uns que tinham ódio ao tirano Rei, outros que dele tinham medo, tomam naus que aparelhadas acharam, e a ãa mulher por guia de seu caminho, começam a navegar levando pelo mar as riquezas que o avarento Pigmalion tanto apetecera. Chegaram a esse lugar onde vereis agora altos muros e a fortaleza da nova Cartago que se vai levantando. Aqui marcaram um pedaço de terra, a quem puseram nome Birza, que na sua língua quer dizer couro<sup>101</sup>, to-

---

<sup>1</sup> No ms.: «#entre osde Phenicia#». Este aditamento marginal foi integrado na transcrição do texto, de acordo com uma chamada que ali figura: «ede grandes herdades+ amado»...

---

<sup>98</sup> A explicitação do nexa entre a ajuda solicitada e as mostras de gratidão que em troca se sucederem não tem paralelo no texto de Virgílio, onde apenas se diz: *multa tibi ante aras nostra cadet hostia dextra* (*Aeneis*, I, v. 334).

<sup>99</sup> No texto de Virgílio, intensifica-se o contraste entre a complexidade da história (longa e rica de pormenores) e a concisão do relato: *longa est iniuria, longae ambages; sed summa sequar fastigia rerum*. (*Aeneis*, I, vv. 341-342).

<sup>100</sup> No texto de Virgílio, dizendo somente *ante aras*, deixa-se subentendido que Siqueu fazia sacrifícios quando foi morto à traição (v. *Aeneis*, I, vv. 348-350).

<sup>101</sup> No texto de Virgílio, onde apenas se lê *facti de nomine Byrsam*, não chega a ser explicitado o sentido da palavra grega (v. *Aeneis*, I, v. 367).

mando ocasião do sucesso, porque disseram que não queriam mais que quanto cercassem com o couro de um boi, o qual desfizeram em delgadas tiras pera ocuparem mais lugar. Mas vós quem sois? De que terra vindes? E pera onde caminhais?» A isto com um grande suspiro acudiu Eneas dizendo: «Ó Deusa, se eu quisesse contar a história de meus males do princípio deles e vós tivéreis tão pouco que fazer que vos pusésseis a escutar-me, primeiro a véspera daria fim ao dia<sup>102</sup>, que eu acabasse. Somos naturais da antiga Tróia (se às vossas orelhas já chegou o nome de Tróia), trazidos per diversos mares estamos agora aqui nas praias africanas<sup>103</sup>, onde a tempestade nos lançou. Eu sou aquele piadoso Eneas, mui conhecido por fama, que tirei os Deuses Penates das chamas de Tróia, e comigo os<sup>1</sup> trago na nau. Busco Itália, minha pátria, e minha geração é do grande Júpiter. Com ãa armada de vinte naus de frígios entrámos no mar<sup>104</sup>, escassamente escaparam sete, todas desfeitas e maltratadas dele<sup>105</sup>. E agora desconhecido, falto das cousas necessárias, e afugentado de Europa e de Ásia, ando perdido pelos desertos de Líbia.» Não sofreu o ânimo maternal de Vénus<sup>106</sup> ouvir mais lástimas do filho, mas cortou o fio a seus queixumes dizendo: «Quem quer que vós sejais, não vindes desacompanhado do favor divino, pois a esta terra aportastes. Ide logo, e ide sem temor aos paços e corte da Rainha. (15v)// E eu vos dou por novas que vossos companheiros estão salvos, e a armada em seguro. E se a arte de agourar que meus padres me ensinaram em mim não foi sem proveito, olhai, e vede aqueles doze cisnes, figura das vossas naus, como andam alegres, os quais pouco há que por esses ares de<sup>11</sup> ãa águia<sup>107</sup> foram perseguidos e acossados, e agora já sem recão uns tem tomado terra e outros em largas voltas a começam de querer tomar, batendo as asas alegres, voando cantaram suavemente. Pois nada menos as naus da vossa armada, ãas tem tomado porto, outras com as velas inchadas o vem tomando. Ide, pois, e caminhai direito por este caminho.» Assi disse, e voltando, deu mostras de ser divina, resplandecendo-lhe o pescoço de côr de rosa, e os belos cabelos orvalhados com a divina ambrósia deitaram cheiro suavíssimo, e o levantado vestido lhe tornou a cobrir os pés, mostrando no andar claramente quem era. Tanto que Eneas conheceu a mãe, correndo a foi seguindo

---

<sup>1</sup> No ms.: «comigo \*os\* trago»...

<sup>11</sup> No ms., «de» foi acrescentado em abreviatura («d»), de modo a caber no espaço disponível entre palavras já escritas.

---

<sup>102</sup> No texto de Virgílio, *ante diem clauso componet Vesper Olympo* (*Aeneis*, I, v. 374).

<sup>103</sup> No texto de Virgílio, *Libycis [...] oris* (*Aeneis*, I, v. 377).

<sup>104</sup> D. Marcos deixa por traduzir um verso: *matre dea monstrante viam, data fata secutus* (*Aeneis*, I, v. 382).

<sup>105</sup> No texto de Virgílio, além do mar, aponta-se, como força destrutiva, o vento leste (*undis Euroque*). V. *Aeneis*, I, v. 383.

<sup>106</sup> No texto de Virgílio, apenas se diz *nec plura querentem/passa Venus medio sic interfata dolore est* (*Aeneis*, I, vv. 385-386).

<sup>107</sup> No texto de Virgílio, em lugar de «águia», encontra-se uma imagem simbólica: *Iovis ales* (*Aeneis*, I, v. 394).

com semelhantes vozes: «Como assi, ó mãe cruel<sup>108</sup>, vós também, com vãs representações zombais deste filho vosso? Porque me não é concedido ajuntar minha mão direita com a vossa? E ouvir, e responder sabendo com quem falo?» Com tais palavras se vai queixando, e juntamente caminhando pera a Cidade. E indo eles andando, Vénus os cercou de um ar escuro, rodeando-os com um espesso nevoeiro, pera que ninguém os pudesse ver, nem tocar, ou detê-los perguntando-lhe a causa de seu caminho. E logo pelo ar foi Vénus voando à Ilha de Pafos, visitando alegre sua morada, onde tem um templo a ela dedicado com cem altares perfumados continuamente com incenso de Sabea e ornados com capelas de flores novas e frescas. Os Troianos entretanto tomaram o caminho, por onde a estrada lho mostrava, até chegarem a um alto monte que fica sobranceiro à Cidade, donde descobriram a nova Cidade que se fabricava. Espantado ficou Eneas de ver obra tão grandiosa, onde outro tempo eram humildes cabanas de pastores pobres<sup>109</sup>; espantou-se de ver a grandeza das portas e o estrépito que faziam os carros sobre as calçadas dos caminhos. Trabalhavam os Tírios fervorosos de levantar o muro e fazer<sup>1</sup> que a obra da fortaleza fosse em crescimento. Uns dão ordem às casas, outro[s]<sup>II</sup> com ãa cana lhe vão assinando o lugar<sup>110</sup>. Noutra parte viu que se fazia eleição dos que haviam de governar, que eram os magistra[dos]<sup>III</sup>,(16)// e o sacro Senado a quem haviam de obedecer. Nãa parte se abriam os aliceces ao cais e desembarcadouro das naus, noutra os dos teatros. Das pedreiras se cortavam colunas grandíssimas pera servir nos alpendres dos teatros. Como costumam as abelhas no princípio do Estio pelos floridos campos, enquanto o Sol aparece, exercitar-se no trabalho quando querem enxamear; ou quando fabricam os favos do líquido e puro mel, enchendo as pequenas celas de doce néctar, porque ou recebem a carga das que vem de fora, ou postas em esquadrão deitam de seus currais os zângãos, gado ocioso, e sem proveito, ferve a obra, e o suave mel cheira com o tomilho. «Ó bem afortunados» (exclamou Eneas olhando pera a Cidade) «vós outros, que já vedes começada a Cidade em que haveis de morar.» Cousa maravilhosa, cercado de névoa foi entrando pela Cidade pelo meio de todos, com a gente se mistura, e não era visto dela. No meio da Cidade esteve outro tempo um alegre bosque que fazia ãa sombra mui fresca, lugar ao qual chegaram os Tírios depois de grandes tempestades de ventos e ondas do mar. Aqui cavando acharam ãa cabeça de cavalo, que foi o sinal que a Deusa Juno lhe mostrou, pronosticando-lhe que haviam de ser fortes na guerra, e abundantes em mantimentos e cousas necessárias à vida, porque o cavalo é animal belicoso, mas que

---

<sup>I</sup> No ms., com a mudança de linha, terá havido, por lapso, uma duplicação da conjunção copulativa: «e/efaser»...

<sup>II</sup> No ms.: «outro cõ huã cana»...

<sup>III</sup> Na mudança de folha, a conclusão da palavra – seguramente «magistrados» – foi esquecida.

---

<sup>108</sup> D. Marcos usa o vocativo «mãe cruel» para traduzir *crudelis tu quoque* (*Aeneis*, I, v. 407).

<sup>109</sup> No texto de Virgílio, *magalia quondam* (*Aeneis*, I, v. 421).

<sup>110</sup> No texto de Virgílio, *concludere sulco* (*Aeneis*, I, v. 425).

também somete o pescoço ao jugo e arado<sup>111</sup>. Neste mesmo lugar, à honra da mesma Juno fabricava a Rainha Dido<sup>112</sup> um sumptuoso templo, a quem tinha aplicado grandes dádivas, e assi com dões, e com a presença da Deusa era aquele lugar mui venerado. Sobre degraus se levantavam os limiares de metal, e as traves com metal estavam unidas e presas, e as couceiras rangiam com o peso das portas de metal<sup>113</sup>. Chegando a esta lameda, viu Eneas a primeira cousa que lhe tirou o medo e lhe deu esperança de bom sucesso em seus trabalhos, porque andando ele vendo todas as cousas que havia naquele grande templo, esperando que a Rainha chegasse, espantando-se entre si da felicidade daquela Cidade, e da delicadeza dos artífices dela, e juntamente do trabalho dos obreiros, viu pintadas per ordem as guerras de Tróia, a Agaménon, e Menelau<sup>114</sup>, a Príamo, e a Aquiles cruel pera ambos. Parou e chorando disse: «Ó Acates, que terra há no mundo que não esteja chea de nossas desventuras? Vês ali está pintado El Rei Príamo. Também a virtude aqui tem seu galardão. Há quem chore, e se compadeça de males alheos. Não temais<sup>115</sup>, que esta memória algum bem nos trará.» Assi disse, e foi dando pasto à alma com a vista daquelas pintadas figuras, gemendo sobre muitas cousas, e humedecendo seu rosto com os rios de lágrimas que dos olhos lhe corriam, porque via como pelejando junto dos (16v)// muros de Tróia<sup>116</sup>, aqui fugiam os Gregos e a soldadesca Troiana os perseguia; ali os Troianos, seguindo-os Aquiles ornado de plumagem. Não longe viu, e conheceu, com lágrimas as brancas tendas de Reso, que estando no primeiro sono Diomedes<sup>117</sup> desbaratou, ensanguentado das muitas mortes que deu, levando consigo os generosos cavalos pera os arraiais antes que gostassem os pastos de Tróia, nem bebessem as águas do Xanto. Noutra parte<sup>1</sup> ia fugindo Troilo com as armas perdidas, moço sem ventura, que com desiguais forças quis contender com Aquiles, era levado arrastado pelos cavalos ficando o coche<sup>118</sup> vazio, mas sem largar as rédeas todavia, seu pescoço e cabelos iam varrendo a terra, e a lança pera baxo virada ia fazendo riscas per ela. Entretanto as Troianas descabeladas, e soltos seus cabelos, levando o sagrado vestido, humildemente tristes batendo com suas mãos os peitos iam aplacar a ira de Palas, que não estava por Tróia; a deusa em sinal de indignação estava com o rosto vi-

---

<sup>1</sup> No ms.: «Noutra \*parte\* hia»...

---

<sup>111</sup> A explicação que começa em «Porque o cavalo...» não tem paralelo no texto de Virgílio (v. *Aeneis*, I, vv. 441-445).

<sup>112</sup> No texto de Virgílio, *Sidonia Dido* (*Aeneis*, I, v. 446).

<sup>113</sup> D. Marcos usa uma designação geral para traduzir o que no texto virgiliano é claramente referido como «bronze» (*aere trabes, foribus cardo stridebat aënis* – *Aeneis*, I, v. 449).

<sup>114</sup> Os nomes de Agamémnon e de Menelau não são referidos neste passo; em seu lugar, Virgílio escreveu *Atridas* (*Aeneis*, I, v. 458).

<sup>115</sup> Tudo leva a crer que o uso deste «vós», para traduzir *solve metus* (*Aeneis*, I, v. 463) seja um lapso do Comentador. No discurso de Eneias, Acates vem sendo tratado por tu.

<sup>116</sup> No texto de Virgílio, *bellantes Pergama circum* (*Aeneis*, I, v. 466).

<sup>117</sup> No texto de Virgílio, *Tydides [...] cruentus* (*Aeneis*, I, v. 471).

<sup>118</sup> No texto de Virgílio, *fertur equis curruque* (*Aeneis*, I, v. 476).

rado e os olhos pregados no chão. Também se via ali pintado Heitor arrastado três vezes ao redor dos muros de Tróia. E Aquiles, que por ouro vendeu a Príamo o corpo morto do filho<sup>119</sup>. Aqui não pôde Eneas ter as lágrimas e suspiros, quando viu os despojos, o carro e o corpo de seu cunhado e amigo, e a seu sogro Príamo levantando as desarmadas mãos pera pedir aquela mercê a Aquiles<sup>120</sup>. Também Eneas se viu pintado entre os cavaleiros Troianos pelejando contra os Gregos, e as companhias orientais, e armas do negro Mémnon. E a Pantasilea furiosa governando o exército das mulheres adargadas com os escudos feitos à maneira de mea lua, atando o tiracolo de ouro por baxo da cortada teta, guerreira donzela que tem atrevimento pera pelejar com homes esforçados. Estando o Troiano Eneas<sup>121</sup> vendo estas maravilhas, atónito e com os olhos em um<sup>l</sup> lugar pregados, a fermosíssima Rainha Dido vem-se chegando pera o templo acompanhada de grande multidão dos gentis-homens de sua corte<sup>122</sup>, semelhante a Diana quando exercita suas danças, ou nas ribeiras do Rio Eurota, ou pelos picos do monte Cíntio, junto da qual duma e outra parte mil Ninfas Oréadas se vão apinhoando. Ela ornada com sua aljava vai andando eminente sobre todas dos ombros pera cima; estando entretanto Latona dando-se os perabéns de filha de tanta perfeição<sup>123</sup>. Tal era a Rainha Dido, e em semelhante modo com alegre semblante ia pelo meio de todos dando pressa às obras e aos futuros reinos. Chegou enfim ao templo da Deusa Juno, e entrando em meio de sua guarda as portas dele, entrou e se assentou no meio do templo num sugesto alto; fazia audiência e leis a todos, e repartia com igualdade o trabalho das obras, ou por sortes que lançava pera isso. (17)//

Estando Eneas vendo isto, eis subitamente viu um concurso grande de gente, e reparando no que era, conheceu a Anteu, Sergesto, e ao forte Cloanto, e outros troianos que ele tinha por perdidos naquela tempestade que os tinha espalhados a todos, fazendo-os tomar diversos portos. Confuso e atónito ficou Eneas, e ferido do mesmo espanto Acates, entre temor e alegria que no peito lhe arrebetava com desejo de lhes falar e ajuntar as mãos direitas com eles, mas a incerteza da cousa os conturbava. Dissimulam, e da nuvem onde estavam se puseram a contemplar

---

<sup>l</sup> No ms.: «em \*hũ\* lugar»...

---

<sup>119</sup> No texto de Virgílio, *ter circum Iliacos raptaverat Hectora muros/ exanimusque auro corpus vendebat Achilles*. (*Aeneis*, I, vv. 483-484). Ao traduzir, D. Marcos dilui a estreita relação que neste passo existe entre as duas ações mencionadas – a exposição de Heitor morto em volta das muralhas de Tróia e a venda do seu corpo –, as quais têm, ambas, Aquiles por sujeito. Em contrapartida, especifica que o cadáver seria vendido a Príamo – informação que, não estando explícita no original virgiliano, leva a crer que D. Marcos teria presente a narrativa homérica (em especial, neste caso, o canto XXIV da *Ilíada*).

<sup>120</sup> As referências às relações de parentesco entre Eneas e as figuras representadas não têm paralelo no texto virgiliano, onde Heitor é tão-só *amicus* (v. *Aeneis*, I, v. 486) e onde de Príamo não se diz senão que levantava as suas mãos inermes (*tendentemque manus Priamum conspexit inermis* – v. 487), sem explicar o sentido do gesto.

<sup>121</sup> No texto de Virgílio, *Dardanio Aeneae...* (*Aeneis*, I, v. 494).

<sup>122</sup> No texto de Virgílio, *incessit, magna iuvenum stipante caterva* (*Aeneis*, I, v. 497).

<sup>123</sup> No texto de Virgílio, *Latonae tacitum pertemptant gaudia pectus* (*Aeneis*, I, v. 502).

o fim do negócio, acerca da sua fortuna, como da armada em que porto ficava, porque cada um deles era Capitão de sua nau. Entraram no templo pedindo misericórdia, enchendo-o de clamores. Entrados eles e havida licença pera falarem, o grande Ilioneu com sereno rosto assi falou: «Ó Rainha, a quem Júpiter conce- deu edificar nova Cidade, e refrear com Justiça as gentes ferozes. Os miseráveis Troianos acoissados da fortuna por todos esses mares, te rogamos, que proíbas aos teus que nos não queimem impiamente nossas naus, perdoai a ãa geração pia e olhai de perto nossas cousas, não vimos nós armados a roubar os templos e deuses de Líbia, nem buscar presas que a nossas naus levemos, não é tanta nossa ousadia nem, depois de ãa vez vencidos, nos ficou tal atrevimento. ãa terra há, a que os Gregos chamam Hispéria, terra antiga, poderosa em armas e grossura de terra. Os varões Enótrios a possuíram, agora os modernos dizem que lhe chamam Itália, tomando o nome de Ítalo seu príncepe. Pera aqui caminhávamos, quando de repente o proceloso Oriente empolando as ondas com os obstinados ventos Austros deu connosco nos escondidos baxos, e pelas ondas à vontade do mar fomos dando pelos penedos, e poucos que escapámos aportámos às vossas praias. Que geração é esta de homens? Que terra é a que primite tão bárbaro costume, nem na area nos deixam pôr os pés? Fazem guerra a homens naufragantes, e não lhe consintem sequer chegar a terra. Se desprezais a geração huma[na]<sup>I</sup>, e as armas mortais, esperai pela divina vingança, que do bem e do mal se não esquece. Tínhamos um Rei chamado Eneas, mais justo, pio, e esforçado que o qual outro não vimos, o qual se ainda vive, se deste ar se mantém nem inda mora entre as sombras cruéis, não temos que temer, nem a vós vos pese de nos ter primeiro agasalhado humanamente. Também temos em Sicília, cidades e armas, e um Rei do nosso sangue, que é o claro Acestes. Enquanto a ele não vamos, seja-nos lícito tirar a estaleiro nossas quebrantadas naus e cortar madeira nas vossas devesas pera o concerto delas, e pera fazer remos novos, porque se recuperados vemos<sup>II</sup> nossos companheiros, e nosso Rei, possamos ir<sup>124</sup> a Itália. Porém, se<sup>III</sup> (o que Deus não primita) nosso bem é destruído, e o mar de Líbia vos encerra, ó excelente Príncipe dos Troianos<sup>125</sup>, nem fica já esperança de Iúlio Ascânio vosso filho<sup>126</sup>, ao menos naveguemos pelos mares de Sicília<sup>127</sup> àqueles aparelhados assentos, donde partimos, e vejamos o nosso Rei Acestes, de quem pouco há nos despedimos.» E todos os Troianos concordavam com ele, mostrando-se agravados da injúria.

---

<sup>I</sup> No ms.: «geração huma»...

<sup>II</sup> No ms.: «se recuperados \*vemos\* nossos companheiros»...

<sup>III</sup> No ms.: «Porem \*se\* (o que D<sup>s</sup> não primita,»...

---

<sup>124</sup> No texto de Virgílio, figura um adjectivo (alegres, *laeti*) que D. Marcos não considerou na tradução desta frase: *ut Italiam laeti Latiumque petamus* (*Aeneis*, I, v. 554).

<sup>125</sup> No texto de Virgílio, Ilioneu dirige-se a um Eneas que crê ausente, usando o tratamento por tu e o vocativo *te*, *pater optime Teucrum* (*Aeneis*, I, v. 555). D. Marcos prefere o tratamento por vós na apóstrofe ao «excelente Príncipe dos Troianos».

<sup>126</sup> No texto de Virgílio, *nec spes iam restat Iuli* (*Aeneis*, I, v. 556).

<sup>127</sup> No texto de Virgílio, *at freta Sicaniae saltem* (*Aeneis*, I, v. 557).

A rainha Dido com o rosto inclinado lhe respondeu assi: «Não temais, Troianos, perdi o cuidado que vos conturba. Um caso árduo e a novidade de meu Reino me obriga a reccar-me de tudo, e guardar com gente meu destrito. (17v)//

Quem há que não saiba da geração dos Eneados, e quem que ignore a Cidade de Tróia, os Barões, e seus merecimentos, e os incêndios de tão grande guerra? Não temos, os Penos, o entendimento tão boto, nem o Sol ajunta seus cavalos tão longe da Cidade de Tiro! Ou vos vades pera Itália<sup>128</sup>, e campos de Saturno, ou pera os confins de Sicília<sup>129</sup>, e pera seu Rei Acestes, eu vos segurarei a passagem, e vos proverei do que vos for necessário. Quereis porventura morar comigo neste meu Reino? A cidade que fabrico vossa é, tirai as naus, que Troiano e Tírio sem diferença de mi será tratado. E prouvera a deus que o vosso Rei Eneas levado da tempestade não andasse noutra parte perdido. Mas eu mandarei certos homens a buscá-lo por essas praias, até os últimos termos de Líbia, que me saibam dele se anda per alguns montes ou Cidades desgarrado e perdido.» Animados com estas palavras da Rainha, assi o forte Acates como o padre Eneas ardiam já com desejo de se romper a nuvem e aparecer fora<sup>130</sup>. E primeiro falou Acates a Eneas dizendo: «Filho da Deusa, que parecer é o vosso? Tudo vedes seguro, a armada e os companheiros recuperados, um só falta, a quem vimos perecer nas ondas, tudo o demais responde ao que vossa mãe nos disse.» Assi dezia, quando a nuvem se partiu pelo meio e deixando o ar claro se resolveu. Parou Eneas diante de todos aparecendo na luz clara, com resplendor no rosto e membros, semelhante a cousa divina. Porque a mãe Vénus lhe acrescentara graça e perfeição, na cabeleira reverenda, na purpúrea fresquidão da idade juvenil, e nos olhos, qual a lindeza que as mãos do oficial costumam dar ao marfim quando o burnem, ou quando a branca prata, ou o mármore de Paro é engastado em ouro. Então falou com a Rainha desta sorte, e a todos de repente: «Diante de vós tendes ao Troiano Eneas que buscá-veis, tirado hoje das ondas de Líbia.» E convertendo a prática à Rainha, disse-lhe<sup>131</sup>: «Ó Rainha<sup>132</sup> que só vos compadecestes dos grandes trabalhos da miserável Tróia, que<sup>1</sup> quereis fazer cidadãos de vossa Cidade, e moradores de vossa casa, a nós, relíquias dos Gregos, exercitados em todos os danos e perigos por mar e terra, e de tudo necessitados. Não está em nossa mão, ó Rainha<sup>133</sup>, dar-vos os devidos agradecimentos, nem ainda na de todos os Troianos, que pelo mundo estão espalhados. Os deuses (se há divindades que nisso atentem, se há justiça, e

---

<sup>1</sup> No ms., a redacção primeira terá sido «a qual». As letras extremas foram rasuradas, e sobre o «a» de «qual» parece estar grafado um «e».

<sup>128</sup> No texto de Virgílio, *Hesperiam magnam* (*Aeneis*, I, v. 569).

<sup>129</sup> No texto de Virgílio, *Erycis finis* (*Aeneis*, I, v. 570).

<sup>130</sup> Esta última expressão, de valor enfático («e aparecer fora»), não tem paralelo no texto de Virgílio (v. *Aeneis*, I, vv. 580-581).

<sup>131</sup> A nota didascálica foi acrescentada por D. Marcos (v. *Aeneis*, I, vv. 596-597).

<sup>132</sup> No texto de Virgílio, *o sola...* (*Aeneis*, I, v. 597).

<sup>133</sup> No texto de Virgílio, *Dido* (*Aeneis*, I, v. 601).

se há consciência e memória de boas obras) vos dem<sup>I</sup> os devidos prémios. Que ditosa idade foi a que vos produziu! Que ditosos padres que tal filha tiveram! Enquanto os rios pera o mar correrem, e enquanto as sombras forem correndo os inclinados lados dos montes, e enquanto o Céu tiver em si estrelas, sempre a memória deste honrado feito, o nome, e louvores vossos na boca dos homens ficarão, em quaisquer terras onde eu andar.» Assi disse, e toma pela mão direita ao amigo Ilioneu, e pela esquerda a Sergesto<sup>134</sup>, depois ao (18)// forte Gias, e ao valente Cloanto. Pasmada ficou com<sup>II</sup> primeira vista a sidónia Dido, e logo considerando o grande sucesso<sup>III</sup> daquele homem, e assi lhe falou: «Que fortuna, ó filho da Deusa, é esta, que te persegue? Ou que força te trouxe a estas praias cruéis? Tu porventura és aquele Eneas que a Deusa Vénus gerou ao Troiano Anquises junto das correntes do Rio Simois<sup>135</sup>. Lembra-me certo que Teucro deitado dos terminos de sua pátria veio a Sidónia, buscando novos reinos, pedindo socorro a Belo. Neste tempo meu pai Belo conquistava o famoso Reino de Chipre, e vencendo o possuía. Daquele tempo tenho notícia dos sucessos de Tróia, de vosso nome, e dos Reis Gregos<sup>136</sup>. E o mesmo Teucro com ser inimigo engrandecia muito aos Troianos, e da parte de sua mãe<sup>137</sup> se jactava que decendia do antigo sangue dos Teucros. Pelo que, eia mancebos, entrai e morai em nossas casas. Que também eu acoçada da fortuna com muitos trabalhos e fadigas vim finalmente a morar em esta terra, que à minha custa tenho aprendido a socorrer a gente miserável.» Assi diz, e leva consigo a Eneas aos reais paços, anunciando de caminho grandes festas aos Deuses. Nem se descuidou entretanto dos companheiros que na praia ficaram, mas lá lhe mandou vinte bois, e cem grandes toucinhos, cem gordos cordeiros com suas mães, dádivas e alegria de Deus. O interior do paço real estava armado de rica tapeçaria e na sala do meio se aparelhou o convite; roupas de feitio riquíssimo, e de soberba púrpura, os aparadores estavam cheos de vasos de muito peso de prata<sup>138</sup>, neles em ouro<sup>IV</sup> esculpidas as histórias e façanhas de seus antepassados, largo processo de cousas trazidas per tantos varões da antiga origem de sua gente. Eneas, porque o paternal amor não lhe sofria repousar o ânimo, manda depois às naus a Acates, que vá contar este bom sucesso a Ascânio, e o traga consigo ao paço<sup>139</sup>. Todo o pensamento do pai estava posto no amado filho. Manda trazer seus presentes de cousas que foram tiradas das ruínas de Tróia destruída. Um manto, ou vestido exterior que cobria o corpo, todo broslado de figuras com

<sup>I</sup> No ms.: «vos \*dem\* os devidos premios.»

<sup>II</sup> No ms.: «Pasmada ficou com primeira vista»...

<sup>III</sup> No ms.: «o grande acontecimento/sucesso daquelle»...

<sup>IV</sup> No ms.: «deprata enelles em ouro, enelles esculpidas»...

<sup>134</sup> No texto de Virgílio, *Serestum* (*Aeneis*, I, v. 611).

<sup>135</sup> No texto de Virgílio, fala-se do dardânio Anquises e do frígio Simois: *tunc ille Aeneas, quem Dardanio Anchisaelalma Venus Phrygii genuit Simoentis ad undam?* (*Aeneis*, I, vv. 617-618).

<sup>136</sup> No texto de Virgílio, *regesque Pelasgi* (*Aeneis*, I, v. 624).

<sup>137</sup> Não existe no texto de Virgílio nenhum dado equivalente: *sequer ortum antiqua Teucrorum ab stirpe volebat* (*Aeneis*, I, v. 626).

<sup>138</sup> No texto de Virgílio, *ingens argentum mensis* (*Aeneis*, I, v. 640).

<sup>139</sup> No texto de Virgílio, *ad moenia* (*Aeneis*, I, v. 645).

fio de ouro; e ãa roupa tecida que figurava as folhas do amarelo gigante<sup>140</sup>, orna-  
to outro tempo da Grega Helena<sup>141</sup>, o qual ela trouxe consigo de Micenas a  
Tróia<sup>142</sup>, quando veio<sup>I</sup> celebrar o casamento que não devera, dom maravilhoso de  
sua mãe Leda. Além disso manda trazer um cetro que era de Ilione, a mais velha  
das filhas del Rei Príamo. E um colar cheo de preciosíssimas pedras, e ãa coroa  
dobrada de ouro e pedras finas. Isto ia buscar Acates com presteza caminhando  
pera as naus. Vénus<sup>143</sup> entretanto revolvía em seu peito novas artes e novos con-  
selhos, tratando de mudar a forma e figura de Cupido na de Ascânio, porque<sup>II</sup>  
com suas dádivas acenda a rainha furiosa em amor, metendo-lhe nos tutanos o  
amoroso fogo, porque temia aquela cousa duvidosa; e os Tírios falsos, Juno cruel  
os instiga, e de noite maliciosos cuidados os movem. (18v)// E portanto fala desta  
sorte com Cupido voador: «Filho, força minha, e só meu poder grande. Filho que  
desprezais os raios de Júpiter<sup>144</sup>, a vós me torno, e a vossa divindade humilde ve-  
nho pedir. Conhecido tendes como vosso irmão Eneas andou acoçado de tempes-  
tades no mar, per todas as praias por ódio de Juno sua inimiga, bem o sabeis e  
nossa dor também vos chegou muitas<sup>III</sup> vezes. Pois agora sabeis como este vosso  
Irmão está agasalhado em casa da Rainha Dido de Sidónia<sup>145</sup>, e com brandas pa-  
lavras o tratou até ‘gora. Porém receo não venham estes gasalhados de Juno a  
mudar-se, porque em tal ocasião e oportunidade não cessará ela de seus malefí-  
cios, pelo que antes que alguma novidade suceda, trato de prevenir a rainha com  
enganos e cercar-lhe o coração de chamas amorosas, porque se não mude e altere  
por mandado de outro Deus, mas comigo seja detida no amor do meu Eneas<sup>146</sup>.  
E como possais fazer isto, ouvi agora meu pensamento. O Real Ascânio, decen-  
dente dos Reis Troianos, é mandado chamar por seu pai à Cidade, e pera isso se  
aparelha aquele que é todo meu bem e todo meu cuidado, pera levar presentes à  
Rainha, que ficaram da Tróia abrasada. Este tomá-lo-ei enlevado em um doce  
sono, e darei co ele na alta Cidade de Citera, ou sobre o sagrado assento de Idália,  
porque se não conheçam os enganos, ou ele se vá lá meter onde o vejam. Vós por  
esta noite somente tomaí com engano sua semelhança; e vós menino, fácil vos será  
imitar o rosto de outro menino. Porque quando entre as iguarias do convite, de  
licor de Baco<sup>IV</sup> alegre, Dido vos tomar nos braços abraçando-vos e beijando-vos

---

<sup>I</sup> No ms.: «a Troia, \*quando veio\* celebrar»...

<sup>II</sup> No ms.: «Ascanio, e/porq̄ cõ suasdativas»...

<sup>III</sup> No ms., o início da palavra «muitas» cobre duas letras, agora ininteligíveis.

<sup>IV</sup> No ms.: «do convite, #e vinho de licor d Baco# alegre»...

---

<sup>140</sup> No texto de Virgílio, *croceo* [...] *acantho* (*Aeneis*, I, v. 649). Acanto é também designado por erva-gigante.

<sup>141</sup> No texto de Virgílio, *Argivae Helenae* (*Aeneis*, I, v. 650).

<sup>142</sup> No texto de Virgílio, *Pergama* (*Aeneis*, I, v. 651).

<sup>143</sup> No texto de Virgílio, *Cytherea* (*Aeneis*, I, v. 657).

<sup>144</sup> No texto de Virgílio, o nome de Júpiter não aparece; em seu lugar, encontra-se uma perífrase, *patris summi qui tela Typhoëa temnis* (*Aeneis*, I, v. 665).

<sup>145</sup> No texto de Virgílio, *Phoenissa* [...] *Dido* (*Aeneis*, I, v. 670).

<sup>146</sup> No texto de Virgílio, *sed magno Aeneae mecum teneatur amore* (*Aeneis*, I, v. 675).

docemente, vós lhe vades influindo este amor secreto, rendendo-a com este amoroso veneno.» Obedece Cupido aos mandados da caríssima mãe, e põe de parte as asas e foi alegre imitando o andar de Ascânio. Entretanto Vénus infundiu um quieto e sossegado sono nos membros de Ascânio, e tomando-o nos braços o levou aos altos bosques de Idália, onde lhe fez ãa cama de flores e de branda manjarona. Já Cupido obedecendo ao mandamento da mãe, ia levando os reais dões alegre em companhia de Acates, e neste tempo já Dido estava sobre o estrado alto bordado de ouro, e coberto de bizarras alcatifas e ricas almofadas. Já se chegam à mesa Eneas e os Troianos, comia-se sobre panos de<sup>1</sup> grã que estavam estendidos pelo chão. Deram os criados água às mãos e vão tirando o pão dos cestos<sup>147</sup>, põe gardanapos custosos. Dentro estavam cinquenta criadas que tinha[m]<sup>II</sup> em sua ordem cuidado das cousas da despensa e fazer fogo aos Deuses de casa<sup>148</sup>, mais outras cento, e outros tantos mancebos da sua idade, que tem cuidado de poer na mesa as iguarias e copos de vinho. Também se acharam presentes a este convite muitos dos Tírios alegres, mandados assentar em leitos pintados. Maravilhados estavam todos dos presentes de Eneas, e não (19)// menos se admiram do fingido Ascânio<sup>149</sup>, e o resplandecente rosto do Deus, e as simuladas palavras; e juntamente do manto, e véu pintado com o amarelo gigante<sup>150</sup>, principalmente a desditosa Dido, destinada àquele pestífero amor, não satisfaz seu pensamento; e quanto mais olhava mais se acendia, movida do menino e das dádivas. Tanto que Cupido se pendurou do pescoço de Eneas, e satisfaz ao amor do pai fingido, vai ter com a Rainha, a qual com o coração e com os olhos se não apartava dele, às vezes o faz descansar sobre seu regaço, não sabendo a miserável quão poderoso Deus a combate. Ele, lembrado dos conselhos da mãe<sup>151</sup>, pouco e pouco lhe começa a tirar da memória o seu primeiro amor, que em Siqueu morto estava<sup>152</sup>, e trocar-lho pelo de Eneas que vivia<sup>III</sup>, espertando-lhe o ânimo frouxo, e já de dias desacostumado de bem-querer. Depois que se fez a primeira pausa nas iguarias, e as mesas foram levantadas, puseram diante grandes e fermosas taças e vasos cheos até cima de vinho. Começa de se fazer estrondo pelas salas reais dos que dançavam e se alegravam. Sobre varões de ouro estão pendurados os candeeiros, e a multidão das tochas vence a escuridade da noite. Aqui pediu a rainha Dido que

---

<sup>I</sup> No ms.: «comiase sobre \*panos de\* gram»...

<sup>II</sup> No ms.: «q̄ tinha em sua ordem»...

<sup>III</sup> No ms., a redacção original era «q̄ vivo estava». A terminação do imperfeito «vivia» foi sobreposta à forma primeira, e o restante foi rasurado.

---

<sup>147</sup> No texto de Virgílio, *Cereremque canistris* (*Aeneis*, I, v. 701).

<sup>148</sup> No texto de Virgílio, *flammis adolere Penates* (*Aeneis*, I, v. 704).

<sup>149</sup> D. Marcos não deixa esquecer a troca engendrada por Vénus. Onde no texto de Virgílio se lê *mirantur Iulum* (*Aeneis*, I, v. 709), prefere dizer «não menos se admiram do fingido Ascânio».

<sup>150</sup> No texto de Virgílio, *pallamque et pictum croceo velamen acantho* (*Aeneis*, I, v. 711).

<sup>151</sup> No texto de Virgílio, *matris Acidaliae* (*Aeneis*, I, v. 720).

<sup>152</sup> D. Marcos traduz de maneira a estabelecer uma antítese nítida entre «morto» (palavra que não figura neste passo do texto virgiliano) e «vivo». No original, *paulatim abolere Sychaeum/incipit et vivo temptat praevertere amore* (*Aeneis*, I, vv. 720-721).

lhe trouxessem um vaso fermosíssimo pesado com o ouro de que era feito, e com as pedras ricas de que era ornado, e encheu-o de vinho, como tinha de costume seu pai Belo e todos os seus acendentes fazer quando libavam aos Deuses. Aquietou nisto o ruído. E ela disse assi: «Júpiter (pois dizem que tu és protector dos hóspedes), primite que este dia seja alegre aos Tírios, e Troianos, e que nossos decendentes sejam disto lembrados. E vós ó Baco que dais alegria, e vós ó boa Juno, estai presentes, favorecendo-nos, e vós, ó Tírios, favorecendo festejai estes hóspedes.»<sup>153</sup> Assi disse, e derramou na mesa um pouco do vinho, sacrificio e primeira honra que aos Deuses dava<sup>154</sup>, e depois de sacrificar desta maneira bebeu pouco, escassamente tocando o vinho. Depois disso deu o vaso a Bítias, um grande de sua corte<sup>155</sup>, reprimendo-o de não acudir depressa, ele sem preguiça bebeu do vaso ainda com escuma, e a boca chea levou um bom golpe pera baixo, depois dele seguiram-se os outros grandes, e entretanto Iopas cantor com larga cabeleira tocou sua dourada viola, cantando o que aprendera do grande Atlas. Este canta a lua errada, e os eclipses do Sol<sup>156</sup>, donde procede a geração dos homens, donde os animais terrestres, e as chuvas, e o fogo, o Arcturo, e as Híadas que trazem chuva, e os Setentriões<sup>157</sup>, porque tão curtos são os dias do inverno<sup>158</sup> e tão largas as noites<sup>1</sup>. Acrescentam o aplauso os Tírios, e os Troianos os seguem. Nem menos a desditosa Dido gastava a noite (19v)// em diversas e compridas práticas, perguntando muitas cousas acerca de Príamo, e muitas acerca de Heitor: ora queria saber, Mémnon<sup>159</sup>, filho da Aurora, que armas trazia, ora os cavalos de Diomedes<sup>II</sup> quais eram, e quão esforçado fosse Aquiles. «Mas antes» (disse), «ó hóspede, nos contai do princípio as treições dos Gregos, e os sucessos dos vossos, e juntamente vossos trabalhos no mar, porque este é o sétimo ano que andais perdido por todos os mares e terras.» (20)//

<sup>1</sup> No ms.: «etaõ largos osdo verãõ as noites»... A forma masculina «largos» parece ter sido retocada, mas não é claro se chegou a ser feita a concordância em género com «as noites».

<sup>II</sup> No ms.: «ora Diomedes os cavallos deDiomedes»...

<sup>153</sup> Ao traduzir, D. Marcos procura explicitar o que fica subentendido na concisão dos versos de Virgílio: *adsit laetitiae Bacchus dator et bona Iuno; et vos, o, coetum, Tyrii, celebrate fauentes.* (*Aeneis*, I, vv. 734-735).

<sup>154</sup> Esta explicação («sacrificio e primeira honra que aos Deuses dava») não se encontra no texto de Virgílio (v. *Aeneis*, I, vv. 736-737). Para um leitor de tempos clássicos, seria óbvio o significado do gesto de Dido; D. Marcos empenha-se em torná-lo claro para o público português do século XVII.

<sup>155</sup> A informação sobre Bítias foi acrescentada por D. Marcos. No texto de Virgílio, bastou o nome da personagem (v. *Aeneis*, I, v. 738).

<sup>156</sup> No texto de Virgílio, *errantem lunam solisque labores* (*Aeneis*, I, v. 742).

<sup>157</sup> No texto de Virgílio, a referência à Ursa Maior e à Ursa Menor é dada pela expressão *geminisque Triones* (*Aeneis*, I, v. 744).

<sup>158</sup> D. Marcos atenua a densidade metafórica dos versos de Virgílio, que neste passo medem o dia pelo tempo que o sol demora a banhar-se no oceano e sugerem o tamanho das noites de inverno pela menção de um freio que as tornaria lentas: *quid tantum Oceano properent se tinguere soles/hiberni, vel quae tardis mora noctibus obstet* (*Aeneis*, I, vv. 745-746).

<sup>159</sup> No texto de Virgílio, não figura o nome de Mémnon. Apenas se diz *nunc, quibus Aurorae venisset filius armis* (*Aeneis*, I, v. 751).

As armas, e os Barões assinalados,  
Qu' da Ocidental praia Lusitana  
Por mares nunca de antes navegados  
Passaram, ainda além da Taprobana,  
Em perigos, e guerras esforçados,  
Mais do que prometia a força humana.  
E entr' gente remota edificaram  
Novo Reino, qu' tanto sublimaram.<sup>160</sup>

2

E também as Memórias gloriosas  
Daqueles Reis, que foram dilatando  
A Fé, o Império, e as terras viciosas  
De África, e de Ásia, andaram devastando,  
E aqueles que por obras valerosas  
Se vão da Lei da Morte libertando,  
Cantando espalharei por toda parte,  
Se a tanto me ajudar o engenho e arte. (21)<sup>m</sup>//

Na explicação e Comento destes *Lusíadas* de Camões, que empreendemos, seguiremos esta ordem. Primeiro poremos a explicação em suma de toda a oitava, em prosa tornando o que o poeta disse em verso, depois, tornaremos às cousas que tiverem necessidade de declaração. Nestas duas primeiras oitavas, ou estan-

---

<sup>160</sup> As várias elisões feitas nesta estrofe (vv. 2, 7, 8) não têm paralelo em nenhuma das edições d'*Os Lusíadas* feitas até 1631 – a data que no manuscrito assinala o fim do canto I. Importa dizer, porém, que a letra da cópia parece setecentista, afigurando-se provável que a folha 21 haja sido acrescentada para colmatar uma lacuna.

ças como os Italianos lhe chamam, propõe o nosso poeta, como em prómio de toda a obra, o que determina tratar nela, e assi começa.

Pertendo escrever em verso que per todo o mundo seja lido e ouvido, as armas e os Barões assinalados nelas, os quais da ocidental costa de Portugal, per mares antes deles de nenhum outro navegados, passaram muito além da Ilha de Ceilão: animosos nos perigos do mar e da terra, esforçados e valerosos nas batalhas, mais do que de forças humanas se podia esperar; pois tão distantes da terra própria, entre gente bárbara e feroz, edificaram à custa de seu sangue novo Império que tão ilustre fizeram com seu valor e esforço. E também tratar pertendo do glorioso nome e fama daqueles Santos Reis que foram dilatando a fé de Cristo, e os limites de seu Reino, empreendendo novas conquistas nas partes de África e Ásia, com os viciosos moradores destas Regiões. E finalmente tratarei daqueles que com feitos ilustres se fazem lembrados, vivendo depois de mortos na memória dos homens, se pera obra tão grande e dificultosa me valer e ajudar o natural engenho e ciência que per estudo tenho adquirido.

As armas e os Barões assinalados.

Assi como Virgílio, insigne Poeta latino, na sua *Eneida* imitou ao grego Homero principalmente, e a outros muitos que antes (22)// dele escreveram, como diz Macróbio<sup>161</sup> nos *Saturnais*, assi o nosso Camões percorrendo como abelha solícita pela variedade de muitos autores de cujos livros teve lição, como per um prado revestido de boninas, foi colhendo a doçura de seus versos de todos eles, e muito mais principalmente de Virgílio, a quem na traça desta sua obra seguiu com tanto e mais louvor do que Virgílio tinha alcançado na imitação de Homero. Costumam os poetas nas suas obras dar sempre algum documento proveitoso, como no prólogo advirtimos, ou seja pera o bom governo político; ou<sup>1</sup> pera o proveito comum e popular, assi do que cada um deve fazer no regimento de sua família em particular, ou na agricultura de suas herdades. Disto em Virgílio, pera que deixe

Macrob., *Sat.*  
l. 5<sup>162</sup>

---

<sup>1</sup> No ms.: «ou ao menos p.<sup>o</sup> proveito comũ»...

---

<sup>161</sup> Em *Saturnalia* (*Praefatione*, 5), ao salientar a importância da imitação no trabalho poético, Macróbio retomou uma imagem famosa, que Séneca havia contribuído para celebrar nas *Epistulae Morales ad Lucilium*. Séneca promovera, como modelo, o exemplo das abelhas, que recolhem o pólen de flor em flor, e após a recolha ordenam, dispõem e mesclam esse produto diverso, transformando-o e conferindo-lhe um sabor único: *Apes, ut aiunt, debemus imitari, quae vagantur et flores ad mel faciendum idoneos carpunt, deinde quicquid attulere, disponunt ac per favos digerunt et, ut Vergilius noster ait, «liquentia mella/Stipant et dulci distendunt nectare cellas.» De illis non satis constat, utrum sucum ex floribus ducant, qui protinus mel sit, an quae collegerunt, in hunc saporem mixtura quadam et proprietate spiritus sui mutant.* (*Epistulae Morales*, LXXXIV, 3-4).

<sup>162</sup> No livro V de *Saturnalia*, Macróbio comenta pormenorizadamente a relação da obra de Virgílio com a de Homero. Trabalho idêntico, sobre as ligações dos textos de Virgílio aos de antigos poetas latinos, ocupa o livro VI.

outros muitos, temos exemplo claro, que nas suas *Geórgicas* ensinou a cultura dos campos, a criação dos animais. E na sua *Eneada* ensinou como um bom Capitão e pai de famílias se havia de haver no regimento assi de sua casa, como no governo público, não perdoando a trabalhos, andando em perpétuos cuidados, que por isso o sábio poeta fingiu o companheiro inseparável de Eneas, Acates, o qual nome<sup>1</sup>, como Calepino diz<sup>163</sup>, se deriva do grego *acheos*, que quer dizer cuidado que sempre acompanha ao bom príncipe. A figura deste bom príncipe e capitão, que em Homero representou Ulisses, na *Odissea*, e na *Eneida* de Virgílio, Eneas Troiano, nos *Lusiadas* do nosso Camões representa o grande Vasco da Gama, primeiro descobridor dos mares da Índia.

Acerca deste nome *Lusiadas* temos pouco que nos deter<sup>164</sup>. Davam os poetas nomes a suas poesias conformes ao sujeito de que tratavam. *Iliada* chamou Homero à sua obra porque tratava das guerras de Ílio ou Tróia. *Eneida* pôs Virgílio por título à sua poesia porque tratava dos trabalhos de Eneas, o mesmo fez Estácio, que chamou *Tebaida* a obra que tratava de Tebas, e outros muitos que não refiro por ser escusado. Camões chamou *Lusiadas* a obra que tratava<sup>11</sup> dos portugueses, ou Lusitanos, donde tirou o nome da sua poesia, não lhe poendo nome particular, assi porque tratava de todas as cousas acontecidas no reino em geral, como porque os portugueses não receberiam bem obra intitulada com nome particular (22v)// por ser esta sua natureza, como deixou escrito João de Barros e nós o vemos cada dia, que as honras alheas estimam por próprias afrontas.<sup>165</sup>

---

<sup>1</sup> No ms.: «o qual \*nome\* como Calepino dis»...

<sup>11</sup> No ms., a redacção original seria, talvez, «q̄ chamava dos portuguezes». Sobre o verbo foram grafadas novas letras, de forma a resultar «q̄ tratava dos portuguezes».

---

<sup>163</sup> Dado à estampa pela primeira vez em 1502; copiosamente reeditado e ampliado ao longo dos séculos XVI e XVII, o Dicionário do frade agostinho Ambrogio Calepino (c. 1440-1510) tornou-se um fundamental instrumento de trabalho e, por isso, uma referência constante. Podia mudar o título com que saía dos prelos (*Cornucopia*, *Vocabularius*, *Dictionarius*); o nome do autor (Calepino), valendo por antonomásia como sinónimo de Léxico, bastava para identificar a obra, ou, mais ainda, outras que na sua esteira foram produzidas. Sobre *Achates*, explicava: *apud Verg. Indiuulsus Aeneae comes, ἀπὸ τοῦ ἄχρεος, hoc est, à cura dictus, quæ perpetuo reges comitatur.* (*Onomasticon Propriorum Nominum ex uariis Dictionariis collectum, nunc uerò nouissimè auctum & recognitum*, p. 7 – com paginação própria –, in *Dictionarium Ambrosii Calepini*, 1560).

<sup>164</sup> A história da palavra «Lusiadas» não chega a ser explorada. Caso D. Marcos o tivesse feito, poderia lembrar obras de Lúcio André de Resende (v. Américo da Costa Ramalho, «A palavra *Lusiadas*», in *Estudos sobre o século XVI*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian/Centro Cultural Português, 1980, pp. 221-236).

<sup>165</sup> O episódio a que D. Marcos alude, e do qual tira uma conclusão sentenciosa acerca do peso da inveja entre os portugueses, tem na crónica de João de Barros um final feliz. Com efeito, aí se lê, após o relato da conquista da fortaleza de Benestariam: «Passado este perigo dos Mouros, veio Afonso d'Albuquerque a cair em outro, que ele mais sentiu: porque como a natureza do Português é conceder a poucos a glória do seu braço, acertou Afonso d'Albuquerque, por mostrar quão contente ficou do que Pero Mascarenhas fez na chegada daquela muro, de o ir beijar na face, chegando a ele com palavras de louvor daquela feito que Afonso d'Albuquerque mui bem sabia dizer, como grande oficial que era disso. A qual cousa foi em tal hora, que saltou entre toda aquela fidalguia um rumor

Propõe no princípio do seu exórdio o de que há-de tratar, e é de advertir, como dizem os comentadores de Virgílio, que assi como nos agouros se tinha muita conta com a primeira ave que aparecia, assi na poesia se advirte muito na primeira palavra por onde começa. «As armas». Virgílio: *Arma virumque cano*. Lucano: *Bella per emathios plus quam civilia campos*<sup>166</sup>. Sílio Itálico: *Ordior arma*<sup>167</sup>. Mostraram estes poetas que seu intento particular era escrever guerras. Armas, nome mutuado do Latim, fonte e origem da língua portuguesa, deriva-se deste nome *armas*, que quer dizer membro de qualquer animal, e assi *arma* eram propriamente armas defensivas, porque vestiam as armas ou ombros, e as mais partes do corpo. Mas também se toma comumente por toda a sorte de armas. Virgílio, 10 *Aen.*: *Pacem orare manu praefigere puppibus arma*<sup>168</sup>. E muito mais se toma este nome armas em português, primeiramente pelas armas materiais ofensivas e defensivas, segundo a propriedade do vocábulo; toma-se no segundo sentido por braço, que é título de nobreza, porquanto esta per armas se alcançou. E assi dizemos as armas dos Meneses, as armas dos Castros, *ect.* A esta denotação e insígnia de honra chamam os Latinos *stemma*, donde Alciato<sup>169</sup> tratando das armas dos duques de Milão, diz

Virg., in 10  
*Aen.*

Alciatus, *Emble.*

*Exiliens infans sinuosi e faucibus anguis  
Et gentilitiis nobile stemma tuis.*<sup>170</sup>

de palavras, como se todos naquele louvor de Pero Mascarenhas recebiam algũa injúria. E porque o autor desta revolta fora Francisco Pereira Pestana, que nas cousas de cavalaria era de ãa condição forte, e língua áspera pola confiança que tinha de si, viu-se Afonso d'Albuquerque tão agastado, que usou dos seus artificios, com que ele sabia apagar este fogo de paixão entre partes. Arremetendo contra Francisco Pereira não per modo iroso, e chegando a ele, começou a rasgar a vestidura dos peitos, dizendo: – Que quereis, Francisco Pereira? Quereis ver o meu coração? Vêde-lo aqui puro, limpo, todo cheio de amor, e aquele que menos parte tem nele, é quem isto não crê. *An oculus tuus nequam est, quia ego bonus sum?* Com o qual modo, e palavras, e esta última tirada da Escritura, meteu toda a murmuração em prazer e festa da vitória.» (*Decada Segvnda da Asia*, 1628, VII, IV, fls. 170v-171).

<sup>166</sup> Marcus Annaeus Lucanus, *De Bello Civili*, I, v. 1.

<sup>167</sup> Sílio Itálico (c. 26 d.C.-c. 102 d.C.) é autor de um poema épico, que concebeu a partir do modelo da *Eneida*. D. Marcos reproduz as palavras de abertura de *Silii Italici Punicorum Liber Primus* (v. 1): *Ordior arma, quibus caelo se gloria tollit*.

<sup>168</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, X, v. 80.

<sup>169</sup> Andrea Alciato (1492-1550), jurista milanês, foi autor de diversas obras, mas aos *Emblemata* (*Emblematum liber*, na *editio princeps*) ficou a dever-se a sua fama extraordinária. Impressos pela primeira vez em Augsburg, no ano de 1531, enriquecidos (ao que tudo indica, por iniciativa do editor, Heinrich Steyner) com a inclusão de gravuras, os *Emblemata* não só foram reproduzidos em sucessivas e abundantes edições como deram origem a um género que proliferou na Europa, a uma escala gigantesca, e que apenas no século XVIII esmoreceu. D. Marcos de S. Lourenço dá provas de grande familiaridade com os *Emblemata* (que, de resto, o recurso à *Polyanthea Nova* o levaria igualmente a recordar), trazendo-os à colação por várias vezes e de vários modos: em alusões breves; em menções extensas, que chegam a envolver o exercício de tradução dos versos latinos; em acomodações que ajustam à realidade portuguesa o simbolismo das imagens e exemplos moldados por Alciato.

<sup>170</sup> Trata-se dos primeiros versos do Emblema I (*Super Insigni Ducatus Mediolani*) do *Emblematum liber*. Ao lembrar, dirigindo-se a Maximiliano, duque de Milão, «é nobre divisa da tua

No terceiro modo se tomam Armas pelo exercício militar, ou pela vida e estado de soldado, e assi dizemos, uns seguem as armas, outros as letras. Neste sentido se entende aquilo *cedant arma togae*<sup>171</sup>. No quarto e último modo se tomam por as guerras, que sem armas se não fazem. E neste sentido usa o nosso poeta aqui deste nome, seguindo a Virgílio, que no mesmo sentido e ao mesmo propósito dele usou no princípio da sua *Eneida*, *Arma virumque cano Troiae qui primus ab oris*. (23)//

E os Barões.

Alguns quiseram dizer que se havia de ler Varões<sup>172</sup>, por amor daquilo de Virgílio *arma virum*, as armas e o varão, porém Barões se há-de ler, nome derivado do latim, que chama aos homens fortes *Barones*. E assi declara Ambrósio Calepino aquelas palavras de Cícero *ad Atticum* l. 5: *Apud patronem et reliquos Barones te in maxima gratia posuit ect*. Entendendo *reliquos Barones* per ironia, como se chamasse Barões ou varões fortes aos Epicúreos, porque eram afeminados<sup>173</sup>. Verdade seja que esta palavra, como advirte a vária lição, é mui desemparada de testemunhos e só neste de Cícero se sustenta. Porém em Itália e outras províncias não só é nome usado em forma comã, mas ainda é título de dignidade, como Duque, Conde, *ect*. Neste Reino há um só, que é o Barão de Alvito da nobilíssima casa dos Lobos, e cuido que não há outro título semelhante em Hespanha. Neste lugar, Barões quer dizer homens fortes e animosos. Da mesma palavra usou no 10.º canto:

Sustenta Mascarenhas c'os barões  
Que tão ledos as mortes tem por certas *ect*.<sup>174</sup>

Assinalados.

ρϖ, *Coah*,  
*Princeps*,  
*honorabilis*  
*nota insignitus*  
vide 1

família um menino saindo da boca de uma víbora», Alciato homenageava os Visconti, que haviam orgulhosamente adoptado nas suas armas a mesma imagem que Alexandre escolhera para se afirmar simbolicamente como senhor do mundo (*Emblemas*, 1985, p. 28). A evocação deste emblema tinha precedente em textos nacionais: Gaspar Barreiros citou-o na *Chorographia* (1561, f. 243v).

<sup>171</sup> Cícero deu insistente projecção a um lema que havia sido já caro aos republicanos, aplicando-o em vários textos: num poema de que escassa parte sobreviveu (*De consulatu suo* – v. W. Ewbank, 1997, p. 77); na *Oratio Philipica* (2, 20) e in *L. Calpurnium Pisonem Oratio* (XXX, 73); no tratado *De officiis* (I, XXII, 77). Ao aludir a este passo, D. Marcos não tem em conta o seu contexto – em qualquer dos casos, uma firme defesa do valor das letras relativamente ao das armas.

<sup>172</sup> V. *supra*, nota 11.

<sup>173</sup> A entrada do *Dictionarium* diz: *Barónes, uiros fortes uidetur appellasse, Cicero in Epistol. ad Atticum libro quinto, Apud Patronem, & reliquos Barones te in maxima gratia posuit. De Epicureis loquitur quos Philosophorum nomine non dignatur, sed Barones ironicè appellat, hoc est, uiros fortes, quum tamen innuere uelit, molles esse & effoeminatos. Varia tamen lectio hanc dictionem omnibus aliis testimonis destitutam, in dubium reuocat.* (*Dictionarium Ambrosii Calepini*, 1560, p. 117).

<sup>174</sup> *Os Lusíadas*, X, 69, vv. 3-4.

Assinalado propriamente quer dizer estremado entre o vulgo, o que significa também a palavra *egregius*, quasi *extra gregem*, tirada a metáfora dos carneiros grandes e de casta, que eram estremados entre o mais rebanho. Os latinos antigos, como testifica Nônio por autoridade de Lucílio, chamavam *signatus* ao homem ilustre, porque eram por algum sinal ou insígnia conhecidos<sup>175</sup>, como entre nós<sup>I</sup> os comendadores pelo hábito de Cristo ou de Santiago *ect.* Assi que assinalado é ilustre, como homem que todos o assinam e mostram com o dedo como<sup>II</sup> de todos conhecido, e assi se jactava Horácio que sendo homem de baxo nascimento, era por suas letras assinalado:

*Demonstror digito praetereuntium  
Romanae fidicen lyrae;*<sup>176</sup>

e Pérsio, Sátira 1:

*At pulchrum est digito monstrari  
Et dicier hic est.*<sup>177</sup>

Que da Ocidental praia Lusitana.

Falando em rigor matemático, toda a terra é oriente, e é ocidente, porque a uns se põe o Sol em ãa província, e a outros lhe nasce nela no mesmo tempo. Porém conforme à Geografia este nosso Reino de Portugal é a mais ocidental terra de toda a habitada, porque é fim de toda ela, como noutra parte mostraremos. (23v)//

O que o nosso poeta quer dizer é que estando Portugal no fim e ocidente do mundo, foram os portugueses<sup>III</sup> ainda além da Tapobrana, que era a mais oriental Região de que os antigos tiveram notícia. Praia se toma pela região. Virgílio, 1, *Troiae qui primus ab oris*<sup>178</sup>, e em o 7.º, *Tu quoque litoribus nostris aeneia nutrix*<sup>179</sup>. Mas quando praia se toma por Região, ou Reino, há-de ser esse Reino marítimo, porque nos Reinos do sertão fora impróprio chamar-lhe praias.

---

<sup>I</sup> No ms.: «Como \*entrenos\* os comendadores»...

<sup>II</sup> No ms.: «como ~~homē~~ de todos conhecido»...

<sup>III</sup> No ms.: «forão \*os portugueses\* aindaalem»...

---

<sup>175</sup> A propósito de *signatus*, lê-se, no *Dictionarium: Aliquando nomen, & tunc pro insigni. aliquando captum à veterib. legitur* πισημος. *Lucil. lib. 29. ut citat Nonius, Primum Chrysidem negat signatam reddere.* (*Dictionarium Ambrosii Calepini*, 1560, p. 1066).

<sup>176</sup> Quintus Horatius Flaccus, *Carmina*, IV, 3, vv. 22-23. Na edição de referência: *quod monstror digito...*

<sup>177</sup> Este fragmento da Sátira I (v. 28) de Aulus Persius Flaccus (parte de uma irónica invectiva contra o desejo de fama) encontra-se, na *Polyanthea Nova*, sob o título *Ambitio* (1607, p. 58). Na edição de referência da obra de Pérsio, lê-se: «*at pulchrum est digito monstrari et dicier 'hic est'*».

<sup>178</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, v. 1.

<sup>179</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, VII, v.1.

## Por mares nunca dantes navegados.<sup>180</sup>

Damião de  
Góis<sup>181</sup>; f.  
Amador Arrais,  
*Dial.*<sup>182</sup>

Não faltou quem escreveu, ainda nosso natural, que antes de os portugueses terem ido à Índia, já o caminho pelo cabo de Boa Esperança era descoberto, o que é erro manifesto e calúnia de quem quis tirar esta honra aos Portugueses sem razão. Nem me governo pelo que diz Possidónio<sup>183</sup>, que Eudoxo, partido do

---

<sup>180</sup> A citação do verso camoniano desvia-se aqui da lição original («de antes»), acima reproduzida fielmente, e segue a forma adoptada nas edições de 1613 e 1631 (v. nota 17).

<sup>181</sup> Na *Chronica do Felicissimo Rei Dom Emanuel*, Damião de Góis refere-se às viagens realizadas por iniciativa de D. João II como «navegação já esquecida de todo o género humano», e recorda ter-se ocupado deste assunto em duas obras: «em um discurso que disse fiz na mesma Crónica do Príncipe D. João, que compus de novo em linguagem portuguesa, e assi em um livro que fiz em língua latina do sítio e antiguidade da cidade de Lisboa, nos quais dous discursos declarei quantas e quais pessoas, muito antes fizeram esta viagem da Índia, pelo mesmo caminho que a nós agora fazemos, o que fiz por acudir ao erro em que caíram alguns escritores portugueses que trataram destes negócios, dizendo que só a nação portuguesa fora a que navegando pelo mar Oceano, primeiro que nenhũa outra viera ter a o mar da Índia [...]» (1566, I, XXIV – numeração correcta, XXIII, fls. 17-17v). De facto, no capítulo VII da *Chronica do Principe Dom Ioam* (1.<sup>a</sup> ed.: 1567), Góis defende a ideia de que o Infante D. Henrique se dedicou à empresa das navegações estimulado «[pela] certeza deste negócio» – certeza que teria alcançado através «dos verdadeiros autores em que continuamente estudava» (1567, f. 5v). Os testemunhos aduzidos (v.g. o de «Heródoto, gravíssimo autor», ou o de Estrabão) vêm provar que as grandes explorações marítimas tinham seus primórdios na Antiguidade – logo, que os portugueses eram herdeiros e continuadores dessa tradição clássica (1567, fls. 5-6). No opúsculo *Vrbis Olisiponis Descriptio* (1.<sup>a</sup> ed.: 1554), Góis lidara com os mesmos tópicos, mas a atitude era aí de mais veemente exaltação de *tam immensae peregrinationis cursus* (*Elogio da Cidade de Lisboa. Vrbis Olisiponis Descriptio*, 2002, pp. 96-97).

<sup>182</sup> Em «Da Gloria, & Tryvmpho dos Lvsitanos», IV dos seus *Diálogos* (1.<sup>a</sup> ed.: 1589; ed. definitiva: 1604), frei Amador Arrais repete a informação dada por Damião de Góis na *Chronica do Principe Dom Ioam* e na *Vrbis Olisiponensis Descriptio*. Tudo indica que esta última haja sido a sua fonte, pois é com palavras semelhantes que frei Amador encarece (não já sem um arripio de inquietação religiosa e moral) o valor da navegação até à Índia. Uma das personagens afirma: «Como quer que seja, tenho por muito certo, que se algum antigo começou, ou consumou esta monstruosa navegação, que nunca outra vez a tentou. Sós os Portugueses incansáveis, esporeados de seus ousados, e ferozes ânimos, ou constrangidos da maldita fome do ouro Oriental, facilitaram e frequentaram a carreira desta imensa peregrinação.» (*Dialogos*, 1604, IV, XXIII, f. 130v).

<sup>183</sup> D. Marcos (eventualmente estimulado pela leitura deste mesmo diálogo de Frei Amador Arrais – 1604, IV, XXIII, fls. 130-130v –, ou porventura recordado do cap. 75 das *Antigvidades de Portugal*, de Gaspar Estação – 1625, pp. 272-275) menciona Possidónio, sendo no entanto pouco provável que da sua obra possuísse imediato conhecimento. Talvez o lembrasse através do comentário de Estrabão, mas mais importante terá sido a obra de Diogo do Couto, essa sim, a mais próxima fonte deste passo. Repare-se: em «Sobre o oceano» (*Fr.* 49), Possidónio deu destaque à figura de Eudoxo de Cízico, que teria ido para o Egipto no reinado de Evérgetes II. Lembrando Eudoxo como navegador pioneiro, movido pelo desejo de explorar novas paragens, Possidónio evocou as suas quatro tentativas para alcançar a Índia, quer através da subida do Nilo, quer através da navegação oceânica. A segunda destas expedições teria sido ordenada por Cleópatra (então viúva de Evérgetes), e, tal como a primeira, terminara mal, com Eudoxo a ver confiscada a carga do seu navio. É a propósito da terceira busca da passagem para a Índia (empreendida num tempo em que o trono do Egipto já não pertencia a Cleópatra), que Possidónio diz que Eudoxo fugira de terras da Mauritània, onde acabara por ir parar (Posidonius, *The Commentary*, 1988, pp. 240-254).

Egito por mandado de ãa Rainha a descobrir a Índia, e depois tornando ao Egito e alcançado em contas pela Rainha, fugira pelo mar Mediterrâneo ainda costeando África e dobrando o cabo de Boa Esperança, chegara a Etiópia, donde partira cobiçoso de suas riquezas *ect.*, o que tudo me parece mera patranha sem sombra de verdade. Esta proposição é certíssima e aprovada e recebida de todos. Destas partes de Europa pelo mar Oceano dobrando o cabo de Boa Esperança ninguém passou à Índia<sup>III</sup> primeiro que os portugueses. E com Tolomeu ser mui curioso e destríssimo na *Geografia*<sup>185</sup> e fazer suas calculações no Egito, donde pelo mar Vermelho se ia ordinariamente à Índia, nem per informação teve notícia do cabo de Boa Esperança. Vejam-se as suas távuas de África e de Etiópia, e aí se achará

João de Barros, *Década 1.<sup>a</sup>*, l. 8, cap. 4: «Entre quais dous termos Oriental e Ocidental fica o grande e ilustre cabo de Boa Esperança<sup>II</sup> tantos mil anos não conhecido do mundo.»<sup>184</sup>

Ptolomeu não teve notícia doutra terra mais ocidental que do Prasso promontório, que é o cabo de Moçambique.<sup>186</sup>

<sup>I</sup> No ms.: «fica aquelle o»...

<sup>II</sup> No ms.: «esperanças».

<sup>III</sup> No ms.: «ninguê passou \*a India\* primeiro q os portugueses.»

Directa ou indirectamente, Diogo do Couto fez-se eco desta informação, asseverando que a Ilha de S. Lourenço (Madagáscar) foi «aquela ilha que Possidónio escreve, que Eudoxo de Síptico, em tempo da Rainha Cleópatra de Egipto, diz que achou despovoada nesta costa da Etiópia». Mais: «Escreve Possidónio, que em tempo d'El rei Evergente do Egipto, partira Eudoxo a descobrir a Índia por mar, e que voltando de lá carregado de fazendas ricas, fora desgarrado tomar a costa da Etiópia, que havia de ser a de Melinde [...]. E depois indo ter ao Egipto sobre contas com aquela Rainha, em que ela o alcançara, lhe fora fugindo pera África, e de lá se passara a Cales onde armara duas embarcações pera ir rodeando a costa de África, a buscar aquelas gentes da costa da Etiópia, a quem ficara afeiçoado, e com o olho nos grandes proveitos que de seu comércio esperava a que chegara, e passara o cabo de Boa Esperança. E que tornando de lá achara ãa fermosa ilha naquele caminho despovoada [...]. E que por lhe parecer muito fresca, depois de chegar a Espanha, partira em ãa nau carregada de arados, e sementes, com alguns companheiros, pera a povoarem, e cultivarem; e que se fora perder na costa da Etiópia, junto do cabo de Boa Esperança, onde dos pedaços da nau, ordenara ãa embarcação em que se salvaram.» (*Década Setima da Asia*, 1616, IV, V, f. 79).

<sup>184</sup> *Década Primeira da Asia de João de Barros*, 1628, VIII, IV, f. 154.

<sup>185</sup> *Geographia*, de Cláudio Ptolomeu (ou Ptolomeu de Alexandria), data do século II, e indiscutível foi sempre o seu valor como símbolo da cosmografia antiga – com suas luzes e seus limites (v. Patrick Gautier Dalché, *La Géographie de Ptolémée en Occident (IVe-XVIe siècle)*, Turnhout, Brepols, 2009). Controversa é ainda a atribuição de autoria dos mapas que a acompanham – trabalho que alguns estudiosos admitem ter sido realizado ou por um outro cartógrafo antigo ou por cartógrafos bizantinos. Divulgada em manuscrito durante a Idade Média (os mais antigos testemunhos remontam ao século XIII), a obra, concebida como um manual de cartografia (*i.e.*, uma instrução sobre o modo de desenhar um mapa do mundo, conforme o título grego indica: Γεωγραφικὴ ὑφήγησις), circulou em sucessivas edições a partir de finais de Quatrocentos. Suspensa, durante alguns anos, na dobra para o século XVI, quando o conhecimento resultante das viagens portuguesas tornou evidente a imperfeição das informações deixadas por Ptolomeu e a necessidade de uma profunda renovação na cartografia, a publicação foi retomada, com aditamentos, a partir de 1507. Por exemplo, num mapa (*Aphricae Tabula IIII*) incluído em *Geographiæ Claudii Ptolemæi Alexandrini, Philosophi ac Mathematici præstâtissimi, Libri VIII, partim à Bilibaldo Pirckhemyero translati ac commentario illustrati, partim etiam Græcorum antiquissimorumq̄ exemplariorum collatione emendati atque in integrum restituti*, a representação cartográfica interrompe-se à altura de 20 graus a sul da linha equinocial, e uma legenda assinala: *Terra Ptolemę o incognita* (1552, sff).

<sup>186</sup> D. Marcos retoma a informação dada por João de Barros, que na *Década Primeira* enfatizava a diferença entre o que em tempo de Ptolomeu se desconhecia e o que «ao presente» era «mui

isto clarissimamente. Veja-se também a *Geografia* de Abraão Ortélio<sup>187</sup>. Na tábua da *Geografia Antiga* verão aquela ponta piramidal do cabo, e muitas e várias províncias ainda atrás, encobertas, porque assi o foram ao conhecimento dos homens que então viviam. A prova desta conclusão está clara, assi pela opinião dos melhores Geógrafos do mundo, como pela razão, porque é de saber que os antigos navegantes não se regiam pela agulha de marear, nem sabiam tomar a altura do Sol com o astrolábio, de que não tinham notícia algũa, como em seu lugar diremos, mas só (24)// navegavam ao longo da costa, sempre com a vista nela, governando-se per roteiros que faziam, nos quais traziam demarcados os montes, cabos, rios, e mais cousas notáveis que havia pela costa, como se usa nas cartas de marear, porém não se faziam ao pego nem se apartavam da costa sô pena de perderem o tino do caminho que levavam. E se forçados de algũa tempestade se apartavam deste caminho, tornavam a buscá-lo pelo rumo da terra, até que achada, tornavam a seu caminho. Deste próprio modo se houveram os portugueses no descobrimento dos mares e terras do tempo do Infante D. Henrique até o de El Rei D. Manuel, que mandou Vasco da Gama à Índia, o qual já se governou pelo astrolábio que em tempo do grande Rei D. João Segundo fora fabricado por seu mandado, como conta João de Barros na sua *Primeira década* l. 4, c. 2<sup>1</sup>, e depois que os homens usaram deste instrumento alcançaram os grandes enganos em que caíam nas suas singraduras, que é o caminho que ãa nau faz em 24 horas,

---

<sup>1</sup> No ms., o número do capítulo foi corrigido: terá sido escrito primeiro o algarismo «3», ao qual acabou por ser sobreposto o «2». Conta João de Barros que no tempo do Infante D. Henrique a navegação seguia as indicações dos roteiros, mas que depressa se tornaram necessários outros apoios: «depois que eles quiseram navegar a descoberto, perdendo a vista da costa e engolfando-se no pego do mar, conheceram quantos enganos recebiam na estimativa e juízo das singraduras que segundo seu modo em vinte quatro horas davam de caminho ao navio, assi por razão das correntes como doutros segredos que o mar tem, da qual verdade de caminho a altura é mui certo mostrador. Però como a necessidade é mestra de todalas artes, em tempo del rei D. João o segundo foi per ele encomendado este negócio a mestre Rodrigo e a mestre Josepe Judeu, ambos seus médicos, e a um Martim de Boémia natural daquelas partes: o qual se gloriava ser discípulo de Joane de Monte Regio, afamado astrónomo entre os professores desta ciência. Os quais acharam esta maneira de navegar per altura do sol, de que fizeram suas tabuadas pera declinação dele, como se ora usa entre os navegantes, já mais apuradamente do que começou, em que serviam estes grandes astrolábios de pau.» (*Decada Primeira da Asia*, 1628, IV, II, fls. 64-64v. Nesta transcrição do texto de Barros, corrigimos duas gralhas: «o descoberto»; «sangraduras»).

---

sabido». «O Prasso promontório», assinalado por Ptolomeu, marcava o limite oriental de Moçambique; «o fim ocidental desta terra», porém, ficara «a Ptolomeu incógnit[o]» (*Decada Primeira*, 1628, VIII, IV, f. 154).

<sup>187</sup> Abraão Ortélio (1527-1598) ficou célebre pela publicação do *Theatrum Orbis Terrarum* (1.<sup>a</sup> ed.: 1570), um atlas no qual à apresentação de cada mapa se somava um pequeno texto introdutório, incluindo, entre outras informações, o rol das fontes consideradas. Em sucessivas edições, a obra foi sendo ampliada, juntando-se-lhe *Parergon, Sive Veteris Geographiæ Aliquot Tabulæ*. Terá sido deste conjunto que D. Marcos reteve *Aevi Veteris, Typus Geographicus*, um mapa mundi traçado em função da ciência antiga, no qual ressalta uma imagem incompleta do continente africano, suspensa na altura de 5 graus acima do Trópico de Capricórnio (*Parergon*, 1603, s/f).

por rezaõ das correntes, e doutros segredos que o mar tem. Agora julgue cada um como era possível com o modo de navegar antigo passar do Egipto pelo mar Mediterrâneo, e depois pelo estreito de Gibraltar, costear toda África e dobrar o cabo de Boa Esperança com a facilidade que Possidónio diz. Ajunto mais que se isto fora verdade que este caminho se usou algum tempo, digam-me que autor há que escreva que o pólo antártico fora visto, ou quem o descreveu antes que os portugueses passassem a linha equinocial, e perdendo a vista<sup>1</sup> do pólo ártico se governassem pelo Cruzeiro. Ninguém certo se pode jactar disto senão a nação portuguesa, que tirou o mundo deste engano. Pera isto trouxera eu muitas autoridades, mas contento-me com a do nosso Camões, que diz

Já descoberto tínhamos diante  
Lá no novo Hemisfério<sup>188</sup> nova estrela  
Não vista doutra<sup>189</sup> gente, que ignorante  
Alguns tempos estive incerta dela.

Canto 5

E no mesmo canto falando do cabo de Boa Esperança:<sup>190</sup>

Eu sou aquele oculto, e antigo cabo,<sup>191</sup>  
A quem chamais vós outros Tormentório, (24v)//  
Que nunca a Tolomeu, Pompónio, Strabo,<sup>192</sup>  
Plínio e quantos passaram fui notório *ect.*

Em perigos e guerras esforçados,  
Mais do que prometia a força humana.<sup>193</sup>

texto

Mui célebre foi o nome dos antigos Lusitanos, suas batalhas e esforço a potência Romana o sentiu. Depois de apartados em Reino particular fora do comum de Hespanha, assi nas guerras que tiveram com os Mouros, como com Cristãos, bem mostraram os quilates de seu valor, mas depois que saídos de sua terra, tantas mil léguas apartados dela, com os maiores senhores do Mundo contenderam, alcançando deles miraculosas vitórias, puseram em silêncio toda a fama dos héroas

---

<sup>1</sup> No ms.: «perdendo ~~avista~~ a vista»...

---

<sup>188</sup> *Os Lusíadas*, V, 14, vv. 1-4. Na edição *princeps*, bem como nas de 1584, 1597 e 1609, «Hemisfério»; nas edições de 1591, 1612, 1613, 1626 e 1631, «Hemisfério».

<sup>189</sup> Na edição *princeps*, bem como nas de 1584, 1591, 1609, 1613, 1626 e 1631, «de outra gente»; na edição de 1597 e na de 1612, «d'outra».

<sup>190</sup> *Os Lusíadas*, V, 50, vv. 1-4.

<sup>191</sup> Na edição *princeps*, como em todas as outras realizadas até 1631, lê-se «oculto e grande Cabo».

<sup>192</sup> Na edição *princeps*, como nas de 1609, 1613, 1626 e 1631, «Ptolomeu, Pompónio, Estrabo»; nas edições de 1584, 1591, 1597, 1612, «Ptolomeu, Pompónio, Strabo».

<sup>193</sup> *Os Lusíadas*, I, 1, vv. 5-6.

antigos, e a tanto chegaram, que fizeram mais com seu esforço do que os poetas antigos fingiram naqueles de quem escreveram o que quiseram. João Botero nas suas *Relações* diz que a nação portuguesa é a que participa mais da terribilidade e furor da guerra que quantas há nem houve no universo, cujas compridas navegações e admiráveis vitórias são mais verdadeiras que críveis<sup>194</sup>. João de Barros diz que é tal o ânimo português que se Deus novos mundos criara lá fora plantar novos padrões de vitórias<sup>195</sup>. E Diogo do Couto escrevendo aquele famoso feito dos cinco cavaleiros que detiveram a fúria dos mouros nas minas de um baluarte sendo inumeráveis, diz estas palavras: «Aqui pudéramos com rezão dizer o que Lúcio Floro dos Romanos, engrandecendo suas obras, que se se não acharam escritas em Anais, que se puderam ter por fabulosas. E nós dizemos destes cinco cavaleiros, e de todos os mais que neste e no outro cerco se acharam, que se não houvera ainda vivas tantas testemunhas de suas grandezas, e se não estiveram ainda tão frescas na memória de todos os homens, que nos não atrevêramos a escrevê-las» *ect.*<sup>196</sup>. Per remate ouçamos o testemunho de um turco, que por ser de

---

<sup>194</sup> Ao caracterizar Portugal, a par de referências elogiosas ao clima e à fecundidade da terra, Botero observou que a *ragion di stato* seguida na política ultramarina tornava o reino exangue, falho de gente, sobretudo de população jovem. Esse diagnóstico sombrio do presente (agravado pelas referências a pressões sofridas e a perdas recentes de territórios do Império) coexistia, nas *Relationi*, com a exaltação das descobertas. Os portugueses – dizia o autor – haviam *costeggiato tutta l’Africa, e ritrovato uicchi, e paesi infiniti, che non uennero mai à notizia de gli antichi, & in vero non è cosa, che dimostri meglio e la potenza dell’ingegno humano, & il valor dell’animo, che l’arte di metter legge a i uenti, e raffrenare l’horribile furore dell’Oceano. Perche se tanto conto si fa di un cauallerizzo, che sappia domare un poledro, & con destrezza hora concitarlo al corso, hora fermarlo, maneggiarlo finalmente, e renderselo ubidiente; quanto maggiore stima si deue fare di un nocchiero, che per mezo l’onde tempestose di un pelago immenso, col beneficio di una pietra, regoli l’incertezza de i uenti, moderi l’instabilità de i tempi, misuri la profondità del mare, e per mezo gli innumerabili pericoli, tenga dritto il corso della sua naue? Congionga l’Oriente, con l’Occidente? faccia, che le cose, che nascono in questo, & in quel luogo, siano communi a tutti? (Relationi Vniuersali di Giovanni Botero Benese, 1595, f. 1v)*. Adiante, acrescentava as palavras fixadas por D. Marcos: *Ma nissuna natione si mostrò mai più uehemente, e che partecipasse più della terribiltà, e del furore, che i Portoghesi, le cui nauigationi, oltre al capo di Buonasperanza, e oltre allo stretto di Sincapura, e gli acquisti di Ormus, di Goa, e di Malacca, e di Maluco; e le difese di Gocin, e di Caul, e di Goa, hanno più del uero, che del uerisimile.* (f. 158).

<sup>195</sup> D. Marcos retém parte de uma frase da *Década Primeira*, que ecoou, por sua vez, num verso d’Os *Lusíadas* (VII, 14, v. 8), «E se mais mundo houera lá chegara»: «Certo grave e piadosa cousa de ouvir, ver ùa nação a que Deus deu tanto ânimo que se teuera criado outros mundos já lá teuera metido outros padrões de vitórias, assi é descuidada na posteridade de seu nome, como se não fosse tão grande louvor dilatá-lo per pena, como ganhá-lo pela lança.» (1628, IV, XI, f. 81v).

<sup>196</sup> Trata-se de uma alusão a um episódio do segundo cerco de Diu: «cinco homens», «como se foram quinhentos», defenderam o baluarte S. João apesar do estrago que a explosão de minas colocadas pelos sitiados mouros ali causara. D. Marcos reproduz, com ligeiras variantes, o texto de Diogo do Couto: escreve «com rezão» em lugar de «muita rezão»; antecipa a referência ao «outro cerco», onde Couto apenas diz «neste cerco»; grafa «testemunhas» onde no impresso se acha «testemunhas»; abrevia, no final, após «memória de todos os homens», omitindo parte da frase: «as façanhas que neste, e no outro cerco fizeram os Portugueses, que nos não atrevêramos a escrevê-las, ainda que não faremos mais que contar seus feitos puros e sem ornamento de palavras, porque eles mesmos ficam sendo o louvor de quem os obrou.» (*Década Sexta*, 1615, II, X, f. 40).

imigo é sem suspeita. Depois do primeiro cerco de Diu, que António da Silveira defendeu tão valerosamente, partido desbaratado o Baxá do (25)// Grão Turco, ficaram em Cambaia alguns Turcos doentes, e falando o Rei de Cambaia com eles um dia, lhes perguntou pelos sucessos da guerra e pela valentia dos portugueses. Um deles lhe respondeu: «Sabei, Senhor, que de todos os homens do mundo só eles são dignos de trazer barbas no rosto.»<sup>197</sup>

E entre gente remota edificaram  
novo Reino que tanto sublimaram.

texto

Este Reino ou Império que os Portugueses edificaram entre as remotas nações do Oriente é o da Índia, cuja metrópoli é a Cidade e Ilha de Goa tomada aos Mouros per aquele famosíssimo Capitão Afonso de Albuquerque, o qual podemos dizer que lançou a primeira pedra deste edifício, assi como todos os<sup>1</sup> outros seus antecessores abriram os aliceces descobrindo o lugar onde ele se havia de assentar. E não se contentou ele com lançar a primeira pedra, inda que disse só lhe pudera ficar eterno nome, senão que prosseguiu tanto nesta obra que em breve tempo pôs este glorioso edifício em forma defensável, deixando pouco por fazer aos que depois vieram.

Passaram ainda além da Taprobana.

Este verso ficou por declarar. Os antigos Romanos tiveram notícia desta Ilha Taprobana, a qual (como douttissimamente prova João de Barros<sup>198</sup>, e Diogo do

---

<sup>1</sup> No ms.: «assi como todos os os outros»...

---

<sup>197</sup> Comentando o declínio do prestígio e do poder portugueses na Índia (longe ia o tempo da «verdade, espadas largas, e Portugueses de ouro fino» – *Decada Qvinta*, 1612, VII, I, f. 138), Diogo do Couto atribuiu severas palavras à personagem do «Soldado prático», no diálogo com o mesmo nome (obra que correu manuscrita, em duas versões, e apenas em 1790 saiu impressa): «Não quero aqui passar pelo dito de um Capitão Turco, daqueles que foram contra nossa fortaleza de Diu, sendo Capitão António da Silveira, no qual me quero também envergonhar a mi, e aos soldados da Índia, porque não fiquem sem sua razão. Este Turco, depois de passado aquele espantoso cerco, estando falando nele com El Rei Sultão Mamude Rei de Cambaia, contando-lhe as maravilhosas e altas cavalaria que vira nela fazer aos Portugueses, depois de em seus louvores gastar muito tempo, arrematou com dizer: “E afirmo-te, poderoso Rei, que pelo que vi fazer a estes homens, que eles só são merecedores de trazerem barbas no rosto.”» (*Observações sobre as principaes causas da decadencia dos Portuguezes na Asia*, 1790, Parte II, cena II, pp. 91-92). Couto, como D. Marcos, conheceria o final da obra de Lopo de Sousa Coutinho: as últimas palavras do *Livro primeyro do cerco de Diu* falam de «quatrocentos feridos», «os quais sendo perguntados per um senhor da terra, se os Portugueses eram bons homens de guerra, foi-lhe pelos ditos Turcos respondido que só os Portugueses, da natureza, com razão eram dinos de ter barbas, e que as outras nações, seguissem o estilo das mulheres.» (1556, II, XXI, f. 85v).

<sup>198</sup> João de Barros, *Decada Terceira da Asia*, 1628, II, I, f. 25v: «Os outros nomes e cousas que os geógrafos dão a esta ilha, leixamos pera os Comentários das távuas da nossa Geografia, por ser matéria própria daquele lugar: onde se verá o engano que alguns presentes recebem, em dizer que a Áurea Quersoneso, a que nós chamamos Samatra, é a Taprobana, e o mais que a antiguidade fabulou destas duas ilhas.»

Couto<sup>199</sup>) é a Ilha de Ceilão, e foi a mais oriental terra que conheceram, como a Ilha Tule, ou Tyle, a mais setentrional. A descrição da qual ilha deixamos para outro lugar mais próprio e acomodado. Quer dizer o poeta que os Portugueses sendo em sítio de sua pátria os mais ocidentais do mundo, passaram com suas armas ainda além, e muito além, daquela Ilha Taprobana que os antigos só por fama conheceram, e julgavam por a mais oriental.

texto

2

E também as memórias gloriosas  
daqueles Reis que foram dilatando  
a fé, o Império, e as terras viciosas  
de África, e Ásia andaram devastando.<sup>200</sup> (25v)//

Continua nesta segunda oitava com a proposta de sua empresa dizendo que ainda que o principal intento seu seja tratar do descobrimento da Índia, também à volta disso há-de tratar daqueles Reis de gloriosa memória, que à custa de seu sangue e do de seus vassallos leais andaram<sup>1</sup> dilatando a fé. E diz primeiro a fé, porque o principal intento daqueles Santos Reis foi sempre mais conquistar almas para o Céu, que terras, e riquezas para possuir. Daqui nasceu aquele zeloso e santo Príncipe o Infante D. Henrique, filho del Rei D. João primeiro, não desistir no princípio destas navegações e descobrimentos do começado, nem por murmurações do povo, nem por largas despesas que de sua fazenda fazia, com tanto que fosse descobrindo terras, e gente bárbara, e infiel, sáfara não só de todo o conhecimento de Deus e de sua lei, mas ainda de toda a polícia e trato humano, a qual domesticada metesse no rebanho do Senhor, acrescentando o número dos escolhidos, e adquirindo para si nome eterno e glorioso entre os homens, e a glória e prazeres do Céu para com Deus.

«Terras viciosas de África e Ásia». Gente dada a todos os vícios é aquela que não guarda a Lei da razão e santa que Cristo nos deu. Mas os de África nossos vizinhos, e muitos de Ásia, entregues às larguezas brutais da Lei do torpe Mafamede, e os Gentios na superstição de seus Ídolos, e doutrinas de seus sacerdotes corruptos e cheos de todos os vícios, por eles corriam à rédea solta, mas já agora pelo grande cuidado daqueles santos Reis, e boa indústria dos pregadores

---

<sup>1</sup> No ms.: «leaes andaraõ ~~andaraõ~~ dilatando»...

<sup>ii</sup> Introduzir pontuação neste passo gera mudanças de sentido. Da presença ou da ausência de uma vírgula após «sacerdotes» depende o entendimento do sintagma «corruptos e cheios de vícios». No primeiro caso, referir-se-á aos «gentios»; no segundo, aos «sacerdotes». Na dúvida, mantivemos a pontuação original.

---

<sup>199</sup> V. Diogo do Couto, *Decada Qvinta*, 1612, I, VII («Das várias opiniões que houve entre os Geógrafos sobre qual seja a Taprobana de Ptolomeu: e das razões que damos para ser esta ilha de Ceilão: e dos nomes que sua canela tem entre todas as nações»), fls. 16v-20.

<sup>200</sup> A citação do verso camoniano, antes feita em sintonia com a lição da *editio princeps* («De África, e de Ásia, andaram devastando»), afasta-se aqui do original. A preposição «de» («e de Ásia») surge em todas as edições realizadas até 1631. Em 1613, lê-se «e d'Ásia».

Apostólicos, aquela mata brava e inculta veio a fazer-se vinha frutífera, e rendosa à Santa Madre Igreja católica.

E aqueles que por obras valerosas  
se vão da lei da morte libertando  
cantando espalharei em toda a parte  
se a tanto me ajudar engenho e arte.<sup>201</sup>

texto

Não só dos Reis e Príncipes mas dos seus cavaleiros determina tratar, os quais se vão libertando das leis da morte, ãa das quais é perpétuo esquecimento, porque os que morrem em breve passam da memória, ainda daqueles que os conheciam e eram obrigados<sup>I</sup> a lembrar-se deles, o que não acontece aos que a fama (26)// celebra, que estes imortalmente estão sempre na memória dos homens. E ninguém melhor continua esta vida e a renova que a poesia. Por isso diz aqui o poeta, que se vão libertando, como se dissera, que nestes seus *Lusíadas* renovada é a memória destes capitães e homens valerosos, viverão eles<sup>II</sup> sempre, em que pese às leis da morte introduzidoras do negro esquecimento. Que a poesia e história seja a que dá vida aos que a morte sepultou, ouçamos o que dizia o velho Forbus quando se despedia dos soldados que iam pera a guerra, como diz Estácio:

Statius, li. 7

*Ite alacres, vestri nunquam morientur honores  
bellaque perpetuo memorabunt carmine Musae.*<sup>202</sup>

Ide sem temor, que inda que a morte vos despoje da vida, as Musas vo-la restituirão com vos fazer vivos<sup>III</sup> na memória dos vindouros.

Tibulo dizia que a sua poesia dava vida àqueles que louvasse:

*Quem referent Musae vivet dum robora tellus  
Dum caelum stellas dum vehet amnis aquas.*<sup>203</sup>

Ovídio de si:

Ovidius, eleg.

*Quilibet hanc saevo<sup>IV</sup> vitam mihi finiat ense  
me tamen extincto fama superstes erit.*<sup>204</sup>

<sup>I</sup> No ms.: «eraõ lembrados obrigados alembrarse delles.»

<sup>II</sup> No ms.: «viviraõ \*elles\* sempre»...

<sup>III</sup> No ms.: «com vos faser lembrados/vivos na memoria»...

<sup>IV</sup> No ms.: «Quilibet hanc \*saevo\* vitam»...

<sup>201</sup> D. Marcos altera aqui o texto camonianiano, que antes reproduziu com fidelidade: em vez de «por toda parte», escreve «em toda a parte»; em lugar de «o engenho e arte», diz «engenho e arte». Nenhuma das edições impressas até 1631 apresenta estas variantes.

<sup>202</sup> Publius Papinius Statius, *Thebais*, VII, vv. 288-289. Na edição de referência: *ite alacres, nunquam vestri morientur honores*.

<sup>203</sup> Albius Tibullus, *Carmina*, I, 4, vv. 65-66.

<sup>204</sup> Publius Ovidius Naso, *Tristia*, III, VII, vv. 49-50.

Segunda  
morte, morte  
da fama, S.  
Th.<sup>206</sup>, Haym.,  
Ascen.<sup>207</sup>  
texto

Boécio, l. 2, met. 7:

*Quod si putatis longius vitam trahi mortalis aura nominis  
Cum sera vos rapiet hoc etiam dies Iam vos secunda mors manet.*<sup>205</sup>

Cantando espalharei em toda a parte.

Aqui começa o sentido de todos os versos atrasados, como na construção deles vimos no princípio. Como se dissera: Cantando espalharei em toda a parte as armas e os barões assinalados *ect.*

«Cantando». Dos poetas se diz que cantam quando compõe seus versos, porque como adverte Calepino<sup>208</sup>, eles os pronunciavam quando os repetiam, a compasso, como quem cantava ãa cantiga sonora, e nenhũa há que se chame cantiga que não seja em verso composta, e por isso os poetas chamam cantar ao seu compor. Homero começa a sua *Iliada* pedindo à Musa que cante:

Hom., *Iliad.* 1.<sup>a</sup>

*Μηνιν ἄειδε θεὰ πηληϊάδεω Ἀχιλῆος  
Iram cane Dea pelideos Achillis.*<sup>209</sup>

Virgílio, Égloga 4:

*Paulo maiora canamus.*<sup>210</sup>

---

<sup>205</sup> Anicius Manlius Severinus Boethius, *Consolatio Philosophiae*, II, met. VII, vv. 23-26. Na edição de referência: *cum sera vobis...* Este texto vem citado na *Polyanthea Nova*, sob o título *Fama* (1607, p. 410).

<sup>206</sup> S. Tomás de Aquino, no comentário sobre este passo de Boécio, advertiu: *si estis prius mortui corpore et fama manens est vita vestra illa cessante secundario moriemini* (*Commentum duplex in Boetium de consolatione philosophiae*, 1501, s/f). Ascensius, por sua vez, diria que a expressão «segunda morte», tal como aplicada em *De consolatione*, não tinha o mesmo sentido que Santo Agostinho lhe dera (*i.e.* morte da alma e do corpo), mas devia ser entendida como designação da morte da fama, *qua qui se vivere post naturalem mortem in memoria hominum gloriantur: morientur postquam hic nullus fuerit homo* (s/f).

<sup>207</sup> O Bispo Haymo d'Auxerre (séc. IX) escreveu, entre outras obras, um comentário *In Apocalypsin*, onde distinguiu bem-aventurados e réprobos. Aos primeiros, cabia eterno gáudio; aos segundos, eterna condenação. *Secunda mors* significava, para Haymo, isso mesmo: morte do corpo e da alma (1535, l. VII, f. 190v).

<sup>208</sup> A respeito de *cano*, lê-se no *Dictionarium: sed eius composita faciunt praeteritum in ui, divisis syllabis, significatque propriè canere, uoce modulari* ᾄδω [...]. *Hinc canere Poetae dicuntur, quoniam uersus rythmica ratione compositos, cantando pronuntiare consueuerunt. Vergilius primo Aeneid. Arma virumque cano. Canere etiam is dicitur, qui fides, organaue pulsat, aut qui tibias inflat.* (*Dictionarium Ambrosii Calepini*, 1560, p. 148).

<sup>209</sup> D. Marcos poderá ter contado com a tradução latina que da *Iliada* fez Henri Etienne (Henricus Stephanus) em 1589, divulgada em várias edições (1589, 1604, 1617, 1621, 1622...). Se for esta a sua fonte, porém, haverá a registar um desvio na citação, na medida em que o texto concebido por Etienne (seguindo fielmente uma tradição já consolidada – v. Robin Sowerby, «The Homeric Versio Latina», *Illinois Classical Studies*, 21, 1996, pp. 161-202) diz *Iram cane dea Pelidae Achillis* (1604, p. 3).

<sup>210</sup> Publius Virgilius Maro, *Bucolica*, IV, v. 1.

Lucano:

*Iusque datum sceleri canimus ect.*<sup>211</sup> (26v)//

3

Cessem do Sábio Grego, e do Troiano  
as navegações grandes que fizeram,  
cale-se de Alexandro, e de Trajano,  
a fama das vitórias que tiveram.  
Que eu canto o peito ilustre Lusitano,  
a quem Neptuno e Marte obedeceram,  
cesse tudo o que a Musa antiga canta,  
que outro valor mais alto se levanta.<sup>212</sup>

Não haja no Mundo quem se lembre das navegações do Grego Ulisses, nem do Troiano Eneas, escureça-se a fama de Alexandre, e de Trajano, com as vitórias que alcançaram, porque a matéria de meus cantos é o invencível ânimo e coração português, a quem o mar e a guerra deram obediência e reconheceram vassalagem. Cesse enfim tudo o que os poetas antigos cantaram, que de novo se levanta valor e esforço de mais merecimento, e<sup>1</sup> digno de louvor maior.

Encarece o poeta nesta oitava presente a dignidade e excelência da matéria de sua obra, mas com muita verdade e sem encarecimento algum. Mas porque a substância desta oitava foi tirada de João de Barros, que foi a alma da poesia de Camões, como mostraremos, me pareceu bem poer aqui suas próprias palavras tiradas do capítulo undécimo do 5.º livro da sua primeira *Década*, e são estas: «Leixou Vasco de Gama nesta viagem postos cinco padrões: S. Rafael no Rio dos Bons Sinais, São Jorge em Moçambique, Santo Espírito em Melinde, Santa Maria nestes Ilhéus, e o último per sítio em Calecut chamado São Gabriel, os quais però que não sejam postos per nação tão gloriosa de escrever como foi a gente grega, nem nosso estilo possa levantar a glória deste feito no grau que ele merece, ao menos será recompensado com a pureza da verdade que em si contém, não contando os fabulosos trabalhos de Hércules em poer suas colunas, nem pintando algũa Argonáutica de capitães gregos em tão curta e segura navegação como é de Grécia ao rio Faso, sempre à vista da terra, jantando em um porto e ceando em outro, nem escrevendo os erros de Ulisses sem sair de um clima, (27)// nem os vários casos de Eneas em tão breve caminho, nem outras fábulas da gentilidade grega, e Romana, que com grande engenho na sua escritura assi decantaram<sup>II</sup> e celebraram a empresa que cada um tomou, que não se contentaram de dar nomes de ilustres capitães na terra aos autores destas obras, mas ainda com nomes de

---

<sup>1</sup> No ms.: «esforço maior, ede mais merecimento, \*e\* digno delouvor maior.»

<sup>II</sup> No ms.: «assi \*de\*cantaraõ»...

---

<sup>211</sup> Marcus Annaeus Lucanus, *De Bello Civili*, I, v. 2.

<sup>212</sup> Nas edições d'Os *Lusiadas* realizadas até 1631, acha-se sempre a forma protética «alevanta».

deuses os quiseram colocar no Céu. E a gente portuguesa católica per fé e verdadeira adoração do<sup>1</sup> culto que se deve a Deus, arvorando aquela divina bandeira de Cristo, sinal de nossa redenção, de que a Igreja canta *Vexilla regis prodeunt*, não somente à vista dos Mouros de África, Pérsia, e Índia, pérfidos a ela, mas diante de todo o pagaísmo destas partes que dela nunca tiveram notícia; e isto navegando per tantas mil léguas que vem a ser antípodas de sua própria pátria, cousa tão nova e maravilhosa na opinião das gentes, que até doutos e mui graves barões em suas escrituras puseram em dúvida de os haver, nas quais partes eles houveram vitórias de todas estas nações, contendendo com os perigos do mar, trabalhos de fome e sede, dores de novas infirmitades, e finalmente com as malícias, treições, e enganos dos homens, que é mais duro de sofrer. Assi são próprias todas estas cousas em a nação portuguesa, e as tem por tão natural mantimento depois que nacam, que os faz fastientos no trabalho de as querer contar» *ect.*<sup>213</sup> A suma de todas estas memoráveis palavras deste gravíssimo autor é<sup>II</sup> a oitava presente, por isso *ad longam* as quisemos relatar.

Do sábio grego.

Este grego sábio foi Ulisses, que por este nome o chama muitas vezes Homero, que dele escreveu particular livro, donde nós abreviando tiraremos o processo de sua vida. Foi este famoso Capitão, filho de Laertes, e foi Senhor de duas Ilhas, Dulíquio e Ítaca. Escreve dele Homero que foi de grande conselho e singular esforço, e mui sofredor de trabalhos. Foi casado com Penélope, filha de Ícaro, fermosíssima e dotada de muitas perfeições e virtudes. Dela houve um filho chamado Telémaco. E quando foi na conjuração que os príncipes gregos com seu Rei Menelau fizeram contra Tróia, foi ele chamado, mas o amor grande da sua Penélope o não podia apartar dela, e também porque considerou a dificuldade da empresa como prudente e sábio que era, e assi se fingiu doudo, e quando o vieram buscar andava semeando sal e lavrando a area da praia. Porém Palamedes pera provar esta sua doudice (27v)// tomou o filho Telémaco e lançou-lho diante, ele então virou o arado pera outra parte, o que visto pelos Príncipes Gregos, levaram-no contra sua vontade. Deixada a simulada doudice foi de muito proveito aos seus porque ele descobriu Aquiles entre as filhas del Rei Licomede, que em hábito de donzela quisera escapar. Levou a Tróia as setas de Hércules que houve de Filoctete. E juntamente com Diomedes furtou de Tróia, matando os guardas, a imagem de Palas,

---

<sup>1</sup> No ms.: «adoração ~~que~~ do culto»...

<sup>II</sup> No ms., «E» foi grafado sobre uma rasura agora ininteligível.

---

<sup>213</sup> *Decada Primeira*, 1628, IV, XI, f. 81v. D. Marcos transcreve o texto de Barros, com apenas alguns desvios: diz «nem nosso estilo» em lugar de «nem o nosso estilo»; prefere a forma «levantar» a «alevantar»; transforma «com dar nome» em «de dar nome»; passa «gente Português» ou «nação Português» a «gente portuguesa» e «nação portuguesa»; grafa «tiveram» em vez de «teveram», «infirmitades» em vez de «enfermidades», «treições» em vez de «traições».

e matou a Reso Rei de Trácia que vinha socorrer aos Troianos, e levou consigo os cavalos de Reso antes que bebessem a água do Rio Xanto. Mas com todas estas e outras virtudes que dele escreveu Homero não o pôde escusar de cruel, falso, e envejoso, porque fez matar a formosa Policena filha del Rei Príamo pera aplacar os manes de Aquiles; e fez despenhar o menino Astianacte, filho de Heitor, por mais que sua mãe Andrômaca o quis<sup>1</sup> encobrir, e matou a Orsíloco, filho del Rei de Creta, sobre partilhas dos despojos depois da guerra. E acusou falsamente a Palamedes por se vingar dele do que lhe fizera em Grécia deitando-lhe o filho diante, como dissemos, e por inveja, porque indo ele buscar pão a Trácia, e vindo sem ele, foi Palamedes e trouxe-o, do que sentido Ulisses o fez matar como traidor, deitando-lhe cartas falsas como que lhas mandava Príamo agradecendo-lhe a traição que determinava fazer contra Menelau. Entrando no mar pera se tornar pera Ítaca, tempestade o deitou nas praias dos Cicónios, donde com semelhante fortuna foi lançado em África na terra dos Lotófagos, onde os companheiros se quiseram dexar ficar por o gosto da fruta lotos que comeram, e com trabalho acabou com eles que se tornassem Desta terra foi a Sicília, onde lhe sucedeu o caso de Polifemo Ciclope, que noutra lugar largamente contaremos. Chegou a Eólia, onde Éolo o recebeu e lhe deu os ventos encerrados em odres pera usar deles à sua vontade, e estando já perto de Ítaca sua pátria, querendo os companheiros por curiosidade saber o que nos odres vinha os abriram, e soltando-se os ventos revolveram o mar com tal tormenta que foi lançado o pobre Ulisses outra vez em Eólia, onde foi mal recebido de Éolo, e assi se foi pera a terra onde Circes, filha do Sol, grande feiticeira, morava, a qual lhe converteu os companheiros em vários animais, e Ulisses avisado de Mercúrio levou consigo a erva móli, que é segundo meu juízo a ruda<sup>217</sup> brava, com a que lhe não empeceram os encantamentos e prestígios da Maga Circes, antes com grande ira a forçou a lhe reduzir os companheiros à primeira forma, (28)// e aqui foi bem agasalhado um ano inteiro,

Virg. 1 *Ae.*

Seneca in *Trag. Troas*<sup>214</sup>

Ovid., 4  
*de Tris.*<sup>215</sup>;  
Alciatus<sup>216</sup>

Vir.

<sup>1</sup> No ms.: «o quisera encubrir».

<sup>214</sup> Lucius Annaeus Seneca, *Troades*. A tragédia passa-se em Tróia arruinada pela guerra. Andrômaca procura um esconderijo seguro para o filho, o pequeno Astíanax, que chega a guardar no túmulo do pai, Heitor. Perante Ulisses, cujas manhas e crueza teme, Andrômaca finge ter perdido o menino, mas acaba por ser forçada a revelar o seu paradeiro. Implacáveis e ansiosos por aniquilar a linhagem dos inimigos, os gregos supliciam a criança, atirando-a da mais alta torre da cidade.

<sup>215</sup> Merece nota o cuidado erudito de D. Marcos, que lembra um poema de *Tristia*, onde Ovídio, aludindo brevemente a aventuras narradas no livro IX da *Odisseia*, compara o efeito da flor de lotos com o da poesia, pela qual se sente ao mesmo tempo atraído e magoado. Evocar os versos *sic nova Dulichio lotos gustata palato / illo, quo nocuit, grata sapore fuit* (*Tristia*, IV, I, vv. 31-32), não esclarece o texto homérico, mas funciona, no plano retórico, como uma prova da variedade de fontes e da amplitude da memória do comentador.

<sup>216</sup> D. Marcos alude a um dos emblemas de Alciato: *In oblivionem patriae* (CXIV). Nesta composição, a «doçura do loto», que o episódio da *Odisseia* celebrizara, exemplifica simbolicamente a atracção exercida pela novidade, devido à qual se esquece – numa perversão de valores – pátria e família (v. *Emblemas*, 1985, p. 151).

<sup>217</sup> «Ruda»: o mesmo que «arruda».

Seneca in  
*Oedipo re*<sup>218</sup>

Alciatus<sup>220</sup>

havendo de Circes um filho chamado Telégono. Veio daqui trazido da tormenta pelo estreito de Gibaltar ter ao nosso Oceano, onde fazendo seus sacrifícios deceu ao Inferno por conselho e ordem de Circe pera tratar certos negócios com o velho Tirésias, aquele cego adivinhador tão nomeado nas fábulas; aqui viu muitas almas e entre elas a de sua mãe Antidea<sup>219</sup> e a de Elpenor seu companheiro, que havia pouco que morrera dum desastre. Depois disto passou pelas Ilhas das Sirenas e tapando as orelhas com cera aos companheiros mandou-se atar ao pé do masto pera ouvir o canto das sirenas sem lhe fazer mal. Daqui foi passando entre Sicília e Itália pela Cila e Caribdes com muito risco. Aportou a Sicília por aquele lugar onde moravam Faetusa e duas outras Irmãs suas, filhas do Sol, que apascentavam o gado de seu pai. Os companheiros, tendo-lhe ele mandado o contrário, furaram, constringidos da fome, o gado do Sol, pela qual maldade foram castigados com grande naufrágio em que todos pereceram, escapando só Ulisses nu pegado num masto. Depois de andar nove dias lavutando com as ondas e ventos, chegou a Ogígia, onde o deteve a Ninfa Calipso, querendo-o ter por marido viveu com ele sete anos e teve dous filhos dele. Até que Júpiter, de compaixão dele<sup>1</sup>, mandou Mercúrio que dissesse à Ninfa que deixasse ir o homem seu caminho, e aqui começa a *Odissea* de Homero, porque as demais histórias contou ele a Alcínoo Rei dos Feaces, o qual modo imitou Virgílio, e Camões, começando as suas histórias pelo meio, depois dando conhecimento das demais per relação do mesmo Capitão, como diremos. Feita ãa nau entrou outra vez no mar, onde Neptuno com ãa tormenta quebrando-lhe a nau o deitou no mar<sup>II</sup>, e se não fora Leucótoe Ninfa que lhe deu ãa tábua a que se pegou, sem dúvida perecera. Nesta tábua chegou à terra dos Feaces, e emburilhando-se entre as folhas dos carvalhos de ãa devesa passou aquela noite até que pela manhã foi achado per Nausícaa, filha de Alcínoo, que o vestiu e levou a seu pai, a quem deu larga conta de sua peregrinação e naufrágios. E aqui recebeu dões e naus com que se foi pera sua terra, e os companheiros que o levaram o puseram na praia dormindo com todos os dões e mercês que Alcínoo

<sup>1</sup> No ms.: «delles».

<sup>II</sup> No ms.: «quebrandolhe anao, \*o deitou no mar\* e»...

<sup>218</sup> A referência à tragédia de Séneca – *Oedipus* – amplia o horizonte da história que vai sendo desfiada, pois às narrativas homéricas D. Marcos acrescenta exemplos de obras que aí fundam suas raízes. O tebano Tirésias, «cego adivinho» habitante do Hades, é figura destacada no livro XI da *Odisseia*, onde responde às questões que Ulisses, na sua descida aos Infernos, lhe coloca. Na tragédia de Séneca, é o cego e velho áugure que interpreta, perante Édipo, as sombrias palavras do oráculo.

<sup>219</sup> O nome a registar deveria ser «Anticleia» ou «Anticlea».

<sup>220</sup> D. Marcos remete para o emblema CXV, de Andrea Alciato, *Sirenes (Emblemas, 1985, p. 152)*, comprazendo-se na evocação desta obra, mesmo se dela não faz uma aplicação imediata. Na verdade, não se detém a inferir, do exemplo de Ulisses, a moral que no texto de Alciato ressalta: *Has Musae explumant, has atque illudit Ulysses! Scilicet est doctis cum meretrice nihil* (A estas [figuras sedutoras], desplumam-nas as Musas, e Ulisses fugiu-lhes. Quer dizer: com os doutos, nada tem que ver a meretriz). Todavia, lembrar *Sirenes*, além de valer como um pormenor erudito, poderia sugerir a um leitor atento a fecundidade alegórica do episódio da *Odisseia*.

lhe fizera. Palas o acordou e lhe disse que mudasse o traje, e feito pedinte entrou em sua casa desconhecido, e viu como (28v)// muitos requestavam a sua mulher Penélope sem poder mover sua constância. Aqui o conheceu ãa sua ama per um sinal de ãa ferida, e ainda diz Homero que um seu cão já muito velho, que havia vinte anos que o não tinha visto, lhe fizera festa. Deu-se então a conhecer a seu filho Telémaco, e tomando dous criados robustos deu nos refiãos e todos os matou, e recobrou sua querida Penélope. Finalmente tendo sabido do Oráculo que seu filho o havia de matar, viveu apartadamente, e vindo Telégono filho de Circes ver seu pai a Ítaca, e não sendo conhecido quis entrar, e proibindo-lhe Ulisses a entrada o matou Telégono com a espinha venenosa do peixe trigónio sem saber o que fazia, e assi morreu em sua própria terra, da mão de seu filho, o que tinha escapado de tantas ocasiões de morte.

E do Troiano.

Eneas é este Troiano, filho de Anquises e da Deusa Vénus. Virg. 1.º:

*Tunc ille Aeneas quem Dardanio Anchisae  
Alma Venus Phrygi genuit Simoentis ad undam?*<sup>221</sup>

Ae. 1.º

De sua decendência trata Homero na *Iliada* 20, donde tirou Ovídio o que nos *Fastos* escreveu dele. Sua vida e peregrinações semelhantes às de Ulisses, cheas de muitas fábulas poéticas, descreve Virgílio, como se pode ver em parte no livro<sup>1</sup> que traduzimos, e por isso abreviamos por não repetir a mesma cousa muitas vezes. O certo é que Eneas foi um Capitão Troiano decendente dos Reis de Tróia, casado com Creúsa filha del Rei Príamo seu tio. Este homem foi prudentíssimo e bem inclinado, amigo da justiça, e foi sempre de parecer, como diz Tito Lívio<sup>223</sup>, que Helena se tornasse a seu marido, e por isso se houveram melhor com ele os Gregos. A isto aludiu Homero quando introduz a Nereu, que quis ser bom a Eneas num perigo em que se viu. Traduzido fielmente:

Hom., *Ili.* 20;  
Ovi., *Fas.* 4<sup>222</sup>

*Decada* 1.ª,  
l. 1.º

*Il.* 20

*Diis Priami genus invisum, gens Dardana vivet  
Et pater Aeneas Phrygibus dominabitur ipsis*

<sup>1</sup> No ms.: «no\*livro\*que»...

<sup>221</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, vv. 617-618.

<sup>222</sup> Numa *captatio benevolentiae* dirigida a Augusto (*i.e.*, Octaviano), na entrada do l. IV dos *Fastos*, Ovídio louva a genealogia do imperador, lembrando que por adopção era filho de Júlio César, logo, parte da linhagem de Eneias, encarecida pela sua origem divina em Vénus.

<sup>223</sup> «Este» refere-se a Eneias. No princípio de *Ab Urbe Condita* (I, I, 1), Tito Lívio afirma que os troianos sobreviventes à queda da sua cidade sofreram terrível tratamento. Só Eneias e Antenor teriam sido poupados à crueldade dos Gregos, quer devido a antigos laços de amizade quer ao facto de terem sido partidários da entrega de Helena, e, assim, de uma solução de paz para o conflito que o seu rapto desencadeara.

Destruída Tróia, veio Eneas com esses que escaparam e aportou a Itália e foi bem recebido del Rei Latino, que lhe deu sua filha Lavínia por mulher. Dionísio Halicarnássio<sup>225</sup> diz que dous anos depois de Tróia destruída chegaram os Troianos a Laurento, cidade dos Aborígenes, no 33.º ano de Latino, e edificaram ãa cidade num campo que lhe deram, chamada Lavínio, (29)// onde Eneas começou a reinar vivendo ainda seu sogro, o qual morreu cinco anos depois da destruição de Tróia, e sucedeu-lhe seu genro Eneas no Reino dos Latinos, e morreu três anos depois do sogro, e oito depois dos trabalhos de Tróia. Sucedeu-lhe seu filho Ascânio, filho de Creúsa, depois seu filho Sílvio Póstumo, de Lavínia, filha del Rei Latino. Sucedeu isto, conforme a conta de Eusébio e de outros Cronológicos, nos anos da criação do mundo 2828 e 432 antes de Roma edificada<sup>226</sup>. O que advir-timos pera que se<sup>1</sup> saiba que a história de Eneas com a rainha Dido é comentícia pois não era nacida Dido nem nasceu daí a muitos anos. E foi tão casta que por não casar a segunda vez com el Rei Iarbas se matou.

---

<sup>1</sup> No ms.: «p.<sup>a</sup> que\*se\*saiba»...

---

<sup>224</sup> *Ilias Homeris Quatenus Ab Nicolao Valla Tralata*, 1510, f. 57v. Trata-se de uma edição parcial do texto, reflectindo a incompletude dos testemunhos então disponíveis. A obra começa pelo livro III (*Incipit Liber Tertius Iliados Homeri Translatus per Dominvm Nicolavm Vallam*), continua até ao livro V, salta para o XIV (*Nam intermedii non extant*), depois para o XVIII, prosseguindo com um trecho do XIX, antes de passar ao XX. Por último, em sequência ininterrupta, lêem-se os livros XXII, XXIII, XXIV.

<sup>225</sup> Redigida em grego, a obra de Dionísio de Halicarnasso (c. 60 a.C.-?) circulou em versões latinas e foi várias vezes editada nos séculos XVI e XVII. Em *Antiquitatum, siue Originum Romanorum* (*Antiguidades Romanas*, I, XLV, 1), o autor conta que os Troianos desembarcaram em Laurentum, na costa do mar Tirreno, perto da nascente do Tibre, e, tendo recebido dos Aborígenes bom acolhimento e a oferta de alguma terra para habitar, fundaram sobre um monte a cidade a que deram o nome de *Lavinium*. A referência ao casamento de Eneas com Lavínia, filha do rei Latino, surge adiante, em I, LX, 1. Cumpre notar que D. Marcos poderá ter usado como fonte, não o texto de Dionísio Halicarnássio, mas sim a obra de James Gordon, que, a respeito do *Annus Mundi* 2823, o recorda nestes termos: *Nam expleto anno 2. post captum Ilium, veniunt Troiani Laurentum ad Aboriginum littus, & accepto agro, conduunt ibi Laviniam*. Dionys. Halic. *hic annus est 33. regnantis Latini* (*Opus Chronologicum*, 1614, p. 10).

<sup>226</sup> D. Marcos acolhe a informação dada por Eusébio: *Latinis, qui postea Romani nuncupati sunt, post tertium annum captivitatis Troiae, siue, ut quidam uolunt, post 8 regnavit Aeneas annis 3. [...] Post quem II Ascanius annos 38. (Chronicon, in Eusebii Pamphili Cæsariensis [...] opera omnia, 1542, f. 33); Ascanius derelicto nouercae suae regno, Lavinij Alebam Longam condidit, & Syluium Posthumum fratrem suum Aeneae ex Lauinia filium cum summa pietate educavit. (f. 34). A «conta» de que fala D. Marcos, porém, não condiz com a que se acha na obra de Eusébio, onde estes acontecimentos se situam entre c. 4020 e 4050 (a partir da criação do Mundo). De facto, é do *Opus Chronologicum* de James Gordon – em especial, da informação relativa ao *Annus Mundi* 2828 – que vêm os números aqui indicados: *Aeneas exactis tribus annis à morte Latini soceri, & anno excidij 8. moritur ipse, anno 3. sui regni, pugnans contra Maxentium Tyrrhenorum regem. Successit ei Ascanius, ex Creusa filius. Deinde Syluius Posthumus, ex Lauinia filia Latini. Vt verò ab excidio Troiae ad Romam conditam sunt anni 432 [...]* (1614, p. 11).*

As histórias de Alexandre Magno são tão notórias e sabidas e foram por tão graves cronistas escritas que bem pudera ele dexar de envejar a Ulisses e Aquiles ter Homero por pregoeiro de suas façanhas. Foi filho de Filipe Rei de Macedônia, e de Olímpias. Foi de tanto ânimo e ventura que em breve tempo foi senhor de todo o Oriente e em mais breve se acabou tudo com a sua apressada morte. Plutarco no livro que fez *De Fortuna vel virtute Alexandri*<sup>1</sup> diz dele que maior foi Alexandre porque usou bem da fortuna, que porque foi bem afortunado, *ut enim magnus propter fortunam fuerit; maior certe vel ob id ipsum quod fortuna recte usus est*<sup>227</sup>. Apuleio diz dele que ninguém ousa nem esperar sua virtude e esforço, nem desejar sua fortuna. *Fortuna sua maior fuit successusque eius amplissimos, et provocavit ut strenuus, et aequiparavit ut meritis, et superavit ut melior, solusque sine aemulo clarus, adeo ut nemo audeat virtutem eius sperare vel optare fortunam*<sup>228</sup>. De sua liberalidade diz Plutarco, *De viris illustribus*, que dava as cousas, e fazia as mercês com tanto gosto, que por este só lhe podiam os homens ficar obrigados: *Aderat quaedam in dandis alacritas qua sola gratificari beneficis posset*<sup>229</sup>. Plínio diz dele que chegou a dar o que nunca ninguém deu, porque deu a Apeles ãa das suas mulheres per nome Campaspe, só porque viu que Apeles a desejava. *Magnus animo* (diz este autor) *et maior imperio sui, quippe se ipsum vicit, nec minor hoc facto quam victoria totius orbis*<sup>230</sup>. Não alcançou menos louvor neste feito que em vencer o mundo. (29v)// Morreu em Babilônia com suspeitas de veneno, e não sem infâmia de seu mestre Aristóteles. Dizem que lhe deram esta

Plutarchus

Apuleius

Plutarcus,  
*De viris ill.*Plin, *De natural. bis.*

<sup>1</sup> No ms.: «*de virtute Fortuna vel virtute Alexandri*»...

<sup>227</sup> D. Marcos refere-se a um opúsculo de Plutarco, *De Alexandri fortuna vel virtute*, integrado nos *Moralia*. Dividido em duas partes, o texto é um elogio de Alexandre. Na tradução de Guillaume de Budé, lê-se, no *liber posterior*: *Vt enim magnus propter fortunam fuerit, maior certe uel ob id ipsum, quod fortuna recte usus est, quoque magis fortunam eius extuleris, uirtutem eo magis commendaris, nempe propter quam dignus fortuna fuit.* (*Plutarchi Chæronei [...] Opera Moralia*, 1541, f. 136v).

<sup>228</sup> Lucius Appuleius Saturninus, *Florida*, VII. Na edição de referência: *et aequiperavit ut meritis et superavit ut melior, solusque sine aemulo clarus, adeo ut nemo eius audeat uirtutem uel sperare, fortunam uel optare*. Neste texto, o autor parte do exemplo de Alexandre e do modo como, ao restringir a três artistas apenas a licença para o retratarem, soube garantir a composição de uma imagem heróica de si mesmo. Restrição análoga – diz Apuleio – importaria aplicar à prática da filosofia: o seu acesso devia ser vedado a ignorantes e a maledicentes.

<sup>229</sup> *Alexandri Magni Vita* faz parte de uma obra famosa de Plutarco. D. Marcos parece citar pela versão latina de Guarino Veronese, publicada em volumes como *Plutarchi Chæronei Græcorum Romanorumque Illustrium Vitæ*, 1542, f. 261v). Num único pormenor se distingue: escreve *posset* em lugar de *potest*.

<sup>230</sup> É provável que D. Marcos se haja aqui servido de outra fonte que não, directamente, o texto de Plínio (*Naturalis Historia*, XXXV, XXXVI, 86), pois dele diverge. Na edição de referência, lê-se: *magnus animo, maior imperio sui nec minor hoc facto quam victoria alia, quia ipse se vicit* [...].

peçonha, a qual era ãa água frigidíssima que um penedo suava gota a gota, que nenhum vaso a podia sofrer senão a unha de um asno, como diz Plutarco, em que lha trouxeram. Não me parece que há Autor que no mundo escrevesse que não tratasse algũa cousa de Alexandre. Até a Sagrada Escritura o engrandece. Dizem os Rabinos que esta boa fortuna lhe veio do respeito que teve ao sumo sacerdote dos Judeus, e a seu templo e sacrificios. Quinto Cúrcio escreveu sua vida longamente, e Plutarco<sup>231</sup>, e outros muitos *quos longum esset recensere*<sup>232</sup>. Justino conta algũas particularidades de sua morte.<sup>233</sup>

### E de Trajano.

Do Santo Rei Dom Afonso Henriques se escreve que sendo mancebo mostrava ter ãa índole mui dócil pera o que lhe quisessem ensinar porque era mui obediente à doutrina que lhe davam. E acudiu o Céu a esta natureza sua fácil com lhe dar por mestres ao grande Egas Moniz seu aio, e ao Glorioso Santo Teotónio seu confessor. Se tais privados tivessem hoje os Reis e Príncipes do Mundo, andara o seu governo mais direito. Isto vem muito a prepósito do Emperador Trajano, porque naturalmente era inclinado ao bem e à justiça e rezão, e teve por mestre o grande

Lampridius  
in *vita Severi*:  
Melhor é ser  
o Rei mau  
que os seus  
conselheiros.<sup>235</sup>

---

<sup>231</sup> A obra de Quintus Curtius Rufus (autor cuja identificação suscita dúvidas) foi pela primeira vez impressa em Veneza, no ano de 1470, e continuou a ser objecto de várias edições ao longo das centúrias seguintes. Redigidas, não se sabe exactamente quando, entre 40 e 70 d.C., as *Historiae Alexandri Magni* seriam originalmente formadas por dez livros, mas os dois primeiros perderam-se.

<sup>232</sup> D. Marcos poderia recordar os nomes de Arriano (autor de *Anabasis*), de Diodoro Sículo (*Bibliotheca Historica*), do Pseudo-Calístenes (*Historia Alexandri Magni*), bem como textos anónimos – *Epitoma rerum gestarum Alexandri Magni et Liber de morte eius*, ou *Itinerarium Alexandri* (v. Giovanni Porta, «Introduzione», in Quinto Curzio Rufo, *Storie di Alessandro Magno*. A cura di [...], Milano, BUR, 2005, pp. 7-109).

<sup>233</sup> *M. Iuviani Iustini Epitoma Historiarum Philippicarum Pompei Trogi*. Elaborada provavelmente entre os séculos II e III d.C., a obra de Justino baseia-se nas *Historiae Philippicae*, que, compostas por um contemporâneo de Tito Lívio, Pompeio Trogo (século I a.C.), estão perdidas mas foram apreciadas pelos Antigos como uma realização de vasto fôlego. É no Livro XII, parágrafos XIII-XVI (1972, pp. 118-121), que Justino fala da morte de Alexandre, sem insinuar qualquer responsabilidade de Aristóteles. Esta informação, difundida na *Vita Alexandri* de Diodoro Sículo (*En Damus Diodori Siculi Historici Graeci*, 1531, p. 143), poderia colhê-la também D. Marcos d'Os Lusíadas [...] *Commentados*, onde se lê: «Outros querem que morresse com peçonha, e que seu mestre Aristóteles fosse em ajuda de sua morte.» (1613, f. 5).

<sup>234</sup> D. Marcos condensa uma frase aforística da *Vita Severi* (III, 65, 4), que podia ler-se em edições como a de *Aelii Lampridii Alexander Severus ad Constantinum Augustum*, in *Dion Cassius Nicaeus* [...], 1544, p. 286). Este passo, largamente difundido, encontrava-se disponível em muitas outras obras, desde as *Seniles* de Petrarca (*Lettres de la Vieillesse/Rerum Senilium*, t. IV, 2006, p. 277) a escolhos in *Libros Regum* como os de Fr. Claudius Rangolius, *i.e.*, Claude Ranguetil (t. II, 1624, col. 876): *Meliorẽ esse Rempublicam et prope tutiorem, in qua Princeps malus est, ea in qua sunt amici Principis mali: siquidem unus malus potest a plurimis bonis corrigi; multi autem mali non possunt ab uno, quamvis bono, ulla ratione superari.*

Plutarco, o qual tanto que o viu levantado por Emperador lhe escreveu os livros dos *Políticos* com ùa carta que por ser notável a traduzi aqui.<sup>235</sup>

#### Carta de Plutarco a Trajano.

Entendido tinha eu de vossa modéstia que nunca apeterceria o Principado, o qual vós com a excelência de vossos costumes sempre procurastes merecer. E assi houvestes<sup>I</sup> o Império tanto mais digno dele quanto mais apartado do vício da ambição o alcançastes. Este bem agradeço eu a vossa virtude e a minha boa dita, se todavia bem administrardes o cargo que tão bem merecestes. Doutra maneira não duvido que vos sujeitais a muitos perigos, e a mi me ofereceis à língua dos maldizentes, porque não costuma Roma sofrer o descuido e ignávia de seus Emperadores, e o termo comum é lançarem em rosto aos mestres os desmanchos dos discípulos. (30)// E assi Séneca é murmurado pelos desconcertos de seu discípulo Nero. E a Quintiliano se atribui a temeridade dos mancebos que ensinava<sup>II</sup>. Sócrates é culpado por ser mais brando do necessário com um seu discípulo. Porém vós tudo fareis bem, se de vós mesmo vos não apartardes, se reparardes primeiro no que fazeis, e todas as cousas dispuserdes e encaminhardes pera a virtude, tudo vos sucederá bem. A sustância da verdadeira polícia, e bons costumes, vos descrevi neste livro, ao qual se obedecerdes tereis a Plutarco por autor de vosso bom viver, doutra maneira tomo por testemunha a presente epístola que à destruição do Império não caminhais por autoridade de Plutarco. Vale.

Foi este sábio e justo emperador Trajano natural da nossa Hespanha, de ùa Cidade chamada Itálica, sita no Convento Hispálico, de que hoje não há memória

---

<sup>I</sup> No ms.: «e assi alcançastes/ouvestes o Imperio»...

<sup>II</sup> No ms.: «ensinava Porém vos tudo fareis bem se de vos mesmo vos não apartardes Socrates»...

---

<sup>235</sup> Apócrifa, a carta a Trajano tornou-se conhecida através do *Policriticus, sive de nugis Curialium, & vestigiis Philosophorum* (V, I) de John of Salisbury ou Ioannis Saresberiensis (c. 1120-1180). Foi essa, com toda a probabilidade, a fonte inspiradora de frei Antonio de Guevara, que nas *Epístolas Familiares* (1.ª ed.: 1539) inseriu, enquanto «intérprete», uma *Carta del Filósofo Plutarcho al Emperador Trajano, en la qual se toca que los Gobernadores de Repúblicas deben ser pródigos de obras y escasos de palabras*, e sobretudo foi a matriz imediata da *notable carta* que Pedro Mexía traduziu para a incluir na *Silva de Varia Leccion* (I, 6). D. Marcos conheceu decerto o *Policriticus*, repetidamente impresso no século XVI, e teve acesso à *Silva de Varia Leccion* (1.ª ed.: 1540). A carta a Trajano, tal como a apresenta, poderia ser uma tradução livre de qualquer uma destas duas versões, ou de ambas. Um pormenor, porém, faz crer que Mexía foi um modelo relevante, pois tal como sucede na carta dada a ler na *Silva*, D. Marcos omite, no início, a saudação que figura no texto do *Policriticus* (*Plutarchus Traiano salutem dicit*), e, deslocando-a para o final, converte-a numa fórmula de despedida. Não menos decisiva, porém, seria a versão desta carta incluída por Ambrosio de Morales na *Coronica General de España* (1574, IX, XXVIII, fls. 283-283v).

Beda in *vita*  
*Traia*<sup>237</sup>. Dion  
Cassius<sup>238</sup>.  
Aurelius Victor.  
Jornandes<sup>239</sup>.  
Sexto Rufo<sup>240</sup>

Eutrop.

algũa. Era de nobres pais nacido, inda que não muito nomeados, foi adoptado em filho pelo Imperador Nerva, e sucessor seu não só no Império mas também nas virtudes morais, que nele resplandeceram mais que em outro príncipe gentio. Diz<sup>1</sup> dele Sexto Aurélio<sup>240</sup>, que os engenhos dos escritores não poderão nunca declarar bem as heróicas virtudes de que foi ornado, porque acrescentou o património imperial mais do que antes nem depois outro algum César o fez. É pera notar nas cartas que escrevia a Plínio, governador de Bitínia, o quanto lhe encomenda a justiça que com todos há-de guardar, e a prudência e benignidade com que há-de administrar seu officio, e o mesmo encomendava a todos os seus julgadores. Foi no princípio perseguidor de Cristãos cuidando que fazia nisso justiça, depois avisado per cartas de Plínio Segundo, e porque viu a constância do invencível mártir Santo Inácio, cessou da perseguição. Saiu de Roma, como diz Eutrópio<sup>241</sup>, com copioso

---

<sup>1</sup> No ms.: «*Conta/Dis delle*»...

---

<sup>236</sup> D. Marcos deve referir-se à evocação de Trajano integrada em *De sex ætatibus mundi, siue Chronicon, libellus*. Beda recorda aí perseguições religiosas movidas pelo imperador, quer aos cristãos quer aos judeus, e fá-lo num discurso contido, sem patentear juízos de valor. Por último, numa frase elogiosa, assinala: *Traianus Romani imperii, quod post Augustum defensum magis fuerat quam nobiliter ampliatum, fines longe lateque diffundit. (De sex ætatibus mundi, siue Chronicon, libellus, in Secundus Tomus Operum Venerabilis Bedæ presbyteri, 1563, p. 185)*. Diferente seria o retrato traçado por Zonaras (séc. XII), autor que mais adiante D. Marcos cita mas neste passo não segue. Com efeito, à caracterização positiva do Imperador, Zonaras não deixou de acrescentar um rol de suas fraquezas (como o faria o jesuíta Belarmino, numa famosa *Chronologia Brevis ab Orbe Condito, usque ad annum Domini MDCXII*): *uini fuit auuidior, sed citra ebrietatem: puerorum magnus amator, sed citra cuiusque molestiam (Ioannis Zonare [...], compendium Historiarum, t. II, 1557, p. 199)*.

<sup>237</sup> V. *Dionis Cassii Nicaei Traianus Nerva Georgio Merula Alexandrino interprete (Dion Cassius Nicaeus [...], 1544, pp. 6-23)*.

<sup>238</sup> Jornandes lembra sumariamente Trajano em *De Regnorum ac temporum successionibus*, e volta a referir-se com brevidade ao Imperador em *De Geticæ Gentis Origine ac Rebus Gestis*. A sua obra, escrita no século VI, foi divulgada em edições como *Diversarum Gentium Historiæ Antiquæ Scriptores Tres* (1611). Sobre Trajano, v. pp. 47, 48, 98.

<sup>239</sup> Atribui-se a Sextus Rufus (século IV d.C.) um *Breviarium rerum gestarum populi romani* ou *De Historia Romanorum Libellus*. No parágrafo XX, Trajano é elogiosamente recordado como o imperador que havia sabido, na esteira de Augusto, reanimar a *res publica* e expandir o domínio de Roma, a ponto de tocar as fronteiras da Índia. O texto de Rufo foi objecto de várias edições no século XV, e continuou a ser impresso na centúria seguinte, juntamente com autores como Lúcio Floro (sua fonte) ou com obras de temática afim, como a *Introductio in Historiam Romanam per Iohannem Othonem Brugensem* (1565). Já no século XVII, surge igualmente em volumes que agregam *auctores latini minores*.

<sup>240</sup> D. Marcos parafraseia *Epitome De Cæsaribus*, obrinha que deve remontar ao século IV d.C. e que andou atribuída (erroneamente) a Sextus Aurelius Victor, autor de um *Liber de Cæsaribus* ou *Historiæ Abbreviatæ*, onde também de Trajano se fala. No capítulo 13 do *Epitome* figura um rasgado elogio do imperador: *Iste talem se reipublicæ praebuit, qualem vix aegreque exprimere valuerint summorum scriptorum miranda ingenia (Sexti Aurelii Victoris Liber De Cæsaribus [...], 1970, p. 148)*.

<sup>241</sup> Desde o século XV, o texto de Flavius Eutropius, *Breviarium Historiæ Romanae* ou *Breviarium ab Urbe Condita* (século IV d.C.), circulou impresso, e decerto algumas traduções quinhen-

exército, e entrando na Ásia foi percorrendo pela província de Arménia fazendo-a tributária ao Império, daí passou a Pérsia, e conquistou a Caldea e outras muitas províncias junto dos Rios Tigris e Eufrates, chegou por eles abaxo até a enseada pérsica onde está Ormuz, e saindo fora ao mar oceano quis conquistar a Índia, do qual pensamento desistiu, assi por se ver já de idade como por outros inconvenientes que se lhe ofereceram, e assi se tornou. (30v)// E como era homem de dias, e doente, chegando à cidade de Salenuta em Cilícia faleceu, deixando por general dos exércitos de Oriente a Hélio Adriano seu sobrinho, que depois lhe sucedeu. Avriguado está entre todos os autores que da matéria escreveram, que este Emperador foi o maior Senhor que o Mundo até ‘gora teve. Imperou dezanove anos e seis meses, de 63 de idade faleceu no ano do Senhor de 119.

texto            Que eu canto o peito ilustre lusitano  
                    A quem Neptuno e Marte obedeceram.

texto

Obedecer neste passo quer dizer ceder, e dar lugar, como se dissera que o mar áspero, e rigoroso, cedeu de seu rigor pera dar lugar às armadas portuguesas, e Marte duvidoso nas batalhas, pelos vários sucessos delas, cedeu desta sua mutabilidade dando aos portugueses tudo o que quiseram por armas alcançar.

Neptuno.

Filho foi de Ópis e de Saturno, dizem as fábulas que na repartição que os três Irmãos fizeram das cousas caiu por sorte a Neptuno o governo das águas, assi como a Júpiter o dos Céus e terra, e a Plutão o do Inferno, o que tudo tem seus mistérios escondidos. De sorte que por Neptuno se entende muitas vezes nos poetas o mar, como aqui:

*Non illi imperium pelagi saevumque tridentem  
Sed mihi sorte datum ect.*<sup>242</sup>

*Aut praeceps Neptuno emergerit Euris.*<sup>243</sup>

4 G.

Foi casado com Anfitrite, de quem houve muitas ninfas do mar.

Marte.

---

tistas contribuíram para o divulgar ou corresponderam ao interesse que esta obra despertava. A descrição encomiástica de Trajano, quer como senhor de grandes conquistas quer como modelo de virtudes, pode ler-se no livro VIII, cap. II.

<sup>242</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, vv. 138-139.

<sup>243</sup> Publius Virgilius Maro, *Georgica*, IV, v. 29. Na edição de referência: *sparserit aut praeceps Neptuno immerserit Euris*.

Filho foi de Júpiter e de Juno, chamado em grego Ἄρης, *Ares*. Ovídio nos *Metamorphoseos*<sup>244</sup> diz que foi filho de Juno sem pai, porque vendo ela como Júpiter batendo na cabeça gerou a Minerva, admirada do feito determinou de buscar remédio para parir sem varão, e dando conta disto a Flora, ela em segredo e debaixo de juramento lhe ensinou que nos campos Olénios nascia ã flor, a qual se ela colhesse e cheirasse, sem dúvida conceberia sem varão. Experimentou Juno isto, e achando a flor, colhendo-a e cheirando-a ficou prenhe, e pariu um filho a quem pôs nome Marte, presidente (31)// das guerras, o qual dos poetas é tomado mil vezes pela mesma guerra.

Virg. 10 *Nunc insanus amor duri me Martis in armis  
tela intermedia atque adversos tenet in hostes.*<sup>245</sup>

Irmã de Marte foi Belona, sacrificavam-lhe um lobo, e um peto, e os Sálíos eram os seus sacerdotes. Dos seus amores com Vénus trataremos noutra parte.

texto Que outro valor mais alto se levanta.

Virg., Eg. 4 Parece aludir àquilo de Virgílio, *Maior rerum mihi nascitur ordo.*<sup>246</sup>

texto 4.  
E vós Tágides minhas, pois criado  
tendes em mim<sup>247</sup> um novo engenho ardente,  
se sempre em verso humilde celebrado  
foi de mi vosso rio alegremente,  
Dai-me agora um som alto e sublimado,  
um estilo grandíloquo e corrente,  
porque de vossas águas Febo ordene  
que não tenham inveja<sup>248</sup> às de Hipocrene.

Vós, ó Ninfas do Tejo, pois que criastes em mi um fervoroso engenho, se até ‘gora alegre e humildemente cantei as águas do vosso Rio, dai-me agora, pois pertendo cantar cousas maiores, um som mais levantado e um estilo grave, subido,

<sup>244</sup> A história do nascimento de Marte é contada, não nas *Metamorfoses*, mas sim numa outra obra de Ovídio, *Fasti* (V, vv. 229-260).

<sup>245</sup> Publius Virgilius Maro, *Bucolica*, X, vv. 44-45. Na edição de referência: *tela inter media atque adversos detinet hostis*.

<sup>246</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, VII, v. 44.

<sup>247</sup> Na edição *princeps*, como nas de 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1626 e 1631, «em mi»; na edição de 1613, «em mim».

<sup>248</sup> Na edição *princeps*, como nas de 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1626 e 1631, «enveja»; na edição de 1613, «inveja».

e fácil, pera que Apolo, Deus da poesia, julgue e mande que vossas águas não tenham inveja às da fonte Cabalina, tão celebradas dos poetas.<sup>1</sup>

Proposta a matéria de seu canto, começa como poeta a invocar as Musas causadoras do furor poético, no que nos deram aqueles sábios poetas, documento, que em o princípio de nossas obras sempre invoquemos o favor do Céu. Homero logo no primeiro verso começou a pedir ajuda às Musas:

Plato in  
*Timeo*<sup>249</sup>

*Iram cane Dea ect.*<sup>250</sup>

Il. 1.<sup>a</sup>

O mesmo faz na *Odissea*:

*Odys.* 1.<sup>a</sup>

*Expertum dic multa virum mihi Musa, labores ect.*<sup>251</sup>  
*qui tulit ect.*

O nosso Camões, seguindo a Virgílio, depois de propor, invoca

*Musa mihi causas memora,*<sup>252</sup> Virg. (31v)//

1.<sup>o</sup>

e o mesmo faz Sílio Itálico, que depois de propor o que havia de tratar, invoca: *Da Musa decus memorare laborum ect.*<sup>253</sup> Estas cousas são ordinárias nas obras épicas: propor, invocar, e dirigir, ou dedicar. Virgílio propôs e invocou, mas não dirigiu os seus *Eneados*, como fez nas *Geórgicas*, que as dedicou a Mecenas, fazendo menção dele, e captando-lhe a benevolência no princípio:

*Quid faciat laetas segetas quo sidere caeli*  
*vertere Maecenas ect.*<sup>254</sup> 1 *Geor.*

*Hanc etiam Maecenas aspice partem.*<sup>255</sup> 4 *Geor.*

---

<sup>1</sup> No ms., todo este passo foi escrito à margem. Por constituir, iniludivelmente, a paráfrase da estrofe 4, optámos por integrá-lo no texto.

<sup>249</sup> D. Marcos não recorda, a propósito do furor poético, diálogos platónicos como *Fedro* ou *Íon*. Em contrapartida, salienta um pormenor de *Timeu* (27b): aquele em que Sócrates convida Timeu a falar sobre a natureza do Universo, «não sem antes invocar devidamente os deuses.»

<sup>250</sup> Ver *supra*, nota 209.

<sup>251</sup> A versão latina aqui citada corresponde à que se lê em *Homeri Odysseæ Libri VIII, Francisco Florido Sabino interprete* (f. 1). Dedicada a Francisco I, rei de França, esta obra teve a sua primeira edição em Paris, no ano de 1545.

<sup>252</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, v. 8.

<sup>253</sup> *Silii Italici Punicorum Liber Primus*, v. 3.

<sup>254</sup> Publius Virgilius Maro, *Georgica*, I, vv. 1-2. D. Marcos escreve *caeli* onde na edição de referência se lê *terram*, e grafa *segetas* em lugar de *segetes* (*Quid faciat laetas segetes, quo sidere terram*).

<sup>255</sup> Publius Virgilius Maro, *Georgica*, IV, v. 2.

O nosso poeta propôs: As armas e barões *ect.*  
Invocou: E vós Tágides minhas.  
Dedicou: E vós, ó bem nacida! segurança.

Nesta invocação não chama por Calíope, a principal das nove Musas, nem por Apolo, mas faz nova forma de Ninfas chamadas Tágides, nome derivado de Tejo, *Tagus* em latim, e com este nome alatinado como poeta invoca a poesia portuguesa, a qual ele exercitara junto das águas do Tejo na Cidade de Lisboa onde nasceu, em verso humilde, que foi o em que escreveu as Églogas, sonetos e mais poemas, mais por se recrear que por ganhar fama, mas contudo nestas obras que ele chama humildes bem mostrou a excelência de seu engenho. Nisto que diz às Musas ou Ninfas do Tejo, que lhe dem outro estilo mais levantado, imitou aquilo de Virgílio na 4.<sup>a</sup> Égloga,

*Sicelides Musae paulo maiora canamus,*<sup>256</sup>

e daquela palavra *Sicelides Musae*, Musas sicilianas (ou de Teócrito siciliano a quem ele nas bucólicas imitou), por este nome fez Camões Tágides. (32)//

texto

Porque de vossas águas Febo ordene  
que não tenham inveja às de Hipocrene.

Nestes dous versos por bom termo engrandece a sua poesia, como que a nenhũa outra<sup>II</sup> tem inveja. Isto mais claramente disse no[s]<sup>III</sup> últimos versos deste seu poema:

De sorte que Alexandro em vós se veja  
sem à dita de Aquiles ter inveja.<sup>257</sup>

Febo.

Apolo

Apolo, Deus da poesia, da medicina, e da Música, em grego é chamado Φοῖβος, Febo, porque como diz Profírio, tinha três nomes e três poderes como sua irmã<sup>258</sup>.

<sup>I</sup> No ms.: «bem ditosa/nacida segurança».

<sup>II</sup> No ms.: «anenuã do mundo outra»...

<sup>III</sup> No ms.: «no ultimos versos»...

<sup>256</sup> Publius Virgilius Maro, *Bucolica*, IV, v. 1.

<sup>257</sup> *Os Lusíadas*, X, 156, vv. 7-8. Em 1572, como em todas as outras edições feitas até 1631, lê-se «enveja».

<sup>258</sup> Porfírio (c. 233-c. 303), filósofo marcado pela lição do grego Longino e do romano Plotino, cultivou uma perspectiva crítica sobre o Antigo e o Novo Testamentos, e por isso (com excepções: veja-se a *Oratio de Hominis Dignitate*, de Giovanni Pico della Mirandola) a sua obra foi não só objecto de severíssimas censuras mas também alvo da cerrada refutação que contra o «ímpio»

No Céu se chamava Sol ou Febo, nas terras *Liber pater*, e no Inferno Apolo, quantos nomes de Deuses celebrou a Antiguidade, todos ou quase todos acumula Macróbio a Apolo. Foi um homem mui sábio em toda a doutrina, e por sua grande sabedoria lhe puseram todos estes apelidos dando-lhe honras divinas, cousa que custava mui pouco antigamente. Foi, segundo as fábulas, filho de Júpiter e de Latona, nasceu na Ilha de Delos no monte Cíntio, por isso às vezes se chama Délio, e *Cintius*, como sua Irmã. Por certos crimes andou desterrado do Céu, e entretanto guardou o gado del Rei Admeto, junto do Rio Anfriso, por isso lhe chamam Nónio, que em grego quer dizer pastor, e pastor de Admeto, e pastor de Anfriso. Estes epítetos lhe dão os poetas quando falam nele, os quais o invocam como a presidente das Musas. Virg., *Audiatque vocatus Apollo*<sup>259</sup>, e Camões o toma por juiz de suas poesias.

Georg. 4

### Hipocrene.

Desesperado Cadmos de achar a irmã Europa que tanto buscara, chegando a Beócia quis fazer ali seu assento e tratou de edificar Cidade, e andando a cavalo percorrendo pera notar o sítio descobriu uma fonte, e mandando-a alimpar, porque estava coberta de mato, depois de edificada a Cidade<sup>1</sup>, porque o cavalo em que ele ia quando achou a fonte lhe meteu os pés dentro, lhe chamaram fonte cabalina, que isso quer dizer Hipocrene, ἵππο cavalo, κρήνη fonte. Desta história tomaram os poetas ocasião pera dizerem que esta fonte era dedicada às Musas e que nasceu da unha do cavalo Pégaso, porque Cadmos foi o que inventou grande parte das Letras gregas, atribuíam esta virtude à fonte que ele achou. Estava não muito longe do monte Hélicon. Eis aqui donde nasceu a fonte cabalina que fazia poetas. Persius: *Nec fonte labra prolui caballino*.<sup>260</sup> (32v)//

5  
Dai-me ãa fúria grande e sonora  
e não de agreste avena ou fruta ruda,  
mas de tuba canora e belicosa

<sup>1</sup> No ms.: «edificada Thebas aCidade»...

produziram, *inter alii*, Eusébio Cesariense, na *Praeparatio Evangelica*, ou Santo Agostinho, em *De Civitate Dei*. Foram essas obras que, citando fragmentos para os rebater, transmitiram parte dos trabalhos de Porfírio de outro modo perdidos, como *De philosophia ex oraculis*. D. Marcos lembraria decerto informação veiculada pela *Praeparatio Evangelica* (l. III, cap. IV): sempre contestando Porfírio, ali se falava da ligação fraternal entre o Sol e a Lua, Apolo e Diana; ali se dizia que Apolo/Febo compusera hinos em sua própria honra; ali se recordava a associação estabelecida entre o poder do Sol (*i.e.* Osíris, Serápis ou Plutão) e o da Lua (*i.e.* Ísis, Prosérpina ou Hécate) – um poder que se estendia aos elementos do ar, da terra e da água (*De Praeparatione Evangelica*, in *Eusebii Pamphili Cæsariensis [...] opera omnia*, 1542, III, IV, pp. 39-41).

<sup>259</sup> Publius Virgilius Maro, *Georgica*, IV, v. 7. Na edição de referência: *audiatque vocatus Apollo*.

<sup>260</sup> Aulus Persius Flaccus, *Satirae*, Prologus, v. 1.

que o peito acende, e a cor ao gesto muda.  
Dai-me igual canto aos feitos da famosa  
gente vossa que a Marte tanto ajuda,  
que se espalhe e se cante no universo  
se tão sublime preço cabe em verso.

Dai-me Ninfas, um furor poético, com que possa compor versos elegantes e sonoros, e não pastoris e sem arte; sejam os versos meus conformes à matéria, tersos, soberbos mas bem soantes, que movam o ânimo de quem os ler e ouvir, como o som da trombeta que acende os ânimos, e altera os rostos, porque seja igual o louvor ao louvado; e os vossos Portugueses, que tanto ao exercício de Marte se entregam, sejam dignamente de mim cantados, e sua fama pelo mundo voe, e todos cantem suas grandezas no Mundo todo, se nele há quem componha versos dignos de tais merecimentos.

Dai-me ãa fúria.

Ve a de poeta, falando filosoficamente, é ãa aptidão que o homem tem para fazer versos com facilidade, na qual Ovídio excedeu a todos. Ou pode-se dizer também que ve a de poeta é ãa propensão que inclina o homem a compor versos. Mas o furor poético é ãa agitação e movimento da alma, que clarifica o entendimento para conceber cousas mui altas. Cícero *de Divinatione* diz que esta concitação do ânimo é indício de estar na alma ãa força divina: *Atque etiam illa concitatio declarat vim in animis esse divinam. Negat enim Democritus quemquam poetam magnum esse sine furore posse, quod idem dicit Plato quem (si placet) appellet furorem du[m]modo is furor ita laudetur ut in Phaedro Platonis laudatus est*<sup>261</sup>. E o poeta dizia: *Est furor in nobis agitante calescimus illo*<sup>262</sup>. E Fausto Andreino:

*Cui tantum Natura favet, cui spiritus ingens  
Cui furor aetherea missus ab arce venit.*<sup>263</sup> (33)//

---

<sup>1</sup> No ms.: «furorem dumodo is furor»...

---

<sup>261</sup> Marcus Tullius Cicero, *De divinatione*, I, XXXVII, 80. Na edição de referência: *Negat enim sine furore Democritus quemquam poetam magnum esse posse...*

<sup>262</sup> Publius Ovidius Naso, *Fasti*, VI, v. 5. Por lapso, por menor familiaridade com este passo ovidiano, ou por prudente antecipação de um hipotético rigor censório, D. Marcos altera o texto, escrevendo *furor* quando no original se lê *deus*. Na *Polyanthea Nova*, onde sob o título *Poeta* esta matéria é longamente considerada (desde logo, com referências a textos de Platão e de Marsilio Ficino), o fragmento é citado com fidelidade ao original: *Est Deus in nobis, agitante calescimus illo/ Impetus his sacra semina mentis habet* (1607, p. 921).

<sup>263</sup> D. Marcos cita a *Polyanthea Nova* (1607, p. 919), na secção dedicada ao tema *Poeta*, onde estes dois versos fazem parte de uma composição (*Nomina doctiloqui non sunt spernenda poeta*) atribuída a *Faustus Andrelinus poeta* e lembrada como ilustração de uma ideia basililar: *Poetae venerandi & non despiciendi sunt*.

Este é o furor que o nosso poeta pede às Musas.

E não de agreste avena *ect.*

E não de estilo humilde qual é o que nas bucólicas se requiere. O que significa a avena. Virg. 1.º:

*Ille ego qui quondam, gracili modulatus avena  
carmen ect.*<sup>264</sup>

Mas de tuba *ect.*

Virg. *At nunc horrentia Martis  
arma, virumque cano ect.*<sup>265</sup>

6.

E vós ó bem nacida<sup>1</sup> segurança<sup>266</sup>  
da Lusitana antiga liberdade  
e não menos certíssima esperança  
do<sup>267</sup> aumento da pequena cristandade,  
Vós ó novo temor da Maura lança,  
maravilha fatal da nossa idade,  
dada ao mundo por Deus que tudo o mande<sup>268</sup>  
pera do mundo a Deus dar parte grande.

texto

---

<sup>1</sup> No ms.: «obemditosa/**nacida** segurança».

---

<sup>264</sup> Segundo o gramático Nisus (séc. I d.C.), os quatro versos que assim começavam, em jeito de intróito da *Eneida*, teriam sido excluídos por decisão de Varius, figura a quem coube, de acordo com alguns testemunhos, intervenção crucial na publicação do poema, logo após a morte prematura de Virgílio. Transmitida por Donato, na *Vita Vergilii* (*Nisius grammaticus audisse se a senioribus dicebat Varrum duorum librorum ordinem commutasse. & qui tum secundus erat, in tertium locum transtulisse etiam primi libri correxisse principium his demptis versibus: Ille ego, qui quondam gracili modulatus aena/Carmen & egressus siluis vicina coegi./Vt quamuis auído parent arua colono,/Gratum opus agricolis: At nunc horrentia Martis.* – P. Virgilii Maronis *Vita, Per Aelium Donatum Celebrem Grammaticum Edita*, in P. Virgilii Maronis [...] *Vniuersum Poema*, 1610, s/f), esta informação não é, porém, segura, havendo razões concludentes para julgar apócrifo o fragmento em causa.

<sup>265</sup> D. Marcos usou uma edição que propunha, como texto de Virgílio, estes versos espúrios. A citação que aqui faz junta parte do v. 4 desse conjunto apócrifo (*at nunc horrentia Martis*) àquele que é verdadeiramente, segundo tudo indica, o v. 1 da *Eneida*.

<sup>266</sup> Na edição *princeps*, como nas de 1584, 1591, 1597, 1609, 1612 e 1626, «nacida»; na edição de 1613 e na de 1631, «nacida».

<sup>267</sup> Na edição *princeps*, como nas de 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1626 e 1631, «De aumento»; na edição de 1613, «Do aumento».

<sup>268</sup> Na edição *princeps*, como em todas as outras realizadas até 1631, «que todo o mande».

E vós (ó novo Rei), com o qual a liberdade antiga de Portugal se tem<sup>1</sup> por ditosa e segura, com esperanças mui certas do acrescentamento e dilatação da fé de Cristo. Vós que pondeis novo medo aos exércitos mauritanos, maravilha prodigiosa do nosso tempo, dado ao mundo por mão de Deus<sup>II</sup>, o qual primita que seja pera lhe vós dardes, e converterdes a seu serviço grande parte do mesmo mundo.

Aqui começa a dirigir a prática a El Rei D. Sebastião por seguir o costume antigo dos poetas e historiadores e mais autores de obras graves que as [de]dicavam<sup>III</sup> sempre a algum Príncipe. Virgílio ofereceu a sua *Eneada* a Augusto César, Aristó[te]les<sup>IV</sup> a Alexandre, Plutarco a Trajano, Júlio Pólux a Cómodo, João de Barros a el Rei D. João 3.<sup>o</sup> Pronostica Camões muitas prosperidades a El Rei D. Sebastião, toca-lhe nas cousas de África às quais já de menino era afeiçoado, como quem amava sua sepultura. Mas por seus pecados e (33v)// nossos saiu Camões tão bom profeta como João de Mena nos bens que pronosticou a Dom Álvaro de Luna<sup>269</sup>, pois a este lhe cortaram a cabeça daí a breve tempo, e a el Rei D. Sebastião sempre Portugal chorará sem remédio, porque com sua destruição perdeu a lusitana antiga liberdade que Camões dava por segura com sua vida. Aqui havia muito que dizer e muito mais que chorar, mas deixaremos de o fazer, porque como diz Tito Lívio, *Lachrimae nec tunc gratae cum forte sint necessariae*<sup>270</sup>. As lágrimas nem então agradam quando não se escusam. A invenção desta didicatoria em parte tirou o nosso poeta da que Virgílio faz a Augusto César no primeiro das *Geórgicas* dizendo assi:

Virg., 1. G.

---

<sup>1</sup> No ms.: «sepor tempor ditosa»...

<sup>II</sup> No ms.: «dado \*ao mundo\* por mão deDeos ao mundo»...

<sup>III</sup> No ms.: «q̄ asdicavaõ»...

<sup>IV</sup> No ms.: «Aristoles aAlexandre»...

---

<sup>269</sup> Em *Las Trezientas* (ou *Laberinto de Fortuna*, est. CCXXXV), é exaltado o valido de D. João II de Castela. Na *septima orden, de Saturno*, o Condestável surge na figura de um cavaleiro forte e sábio, capaz de dominar a Fortuna: *Este cavalga sobre la fortuna / y doma su cuello con asperas riendas, / y aunque del tenga tan muchas de prendas / ella non le osa tocar de ninguna.* (*Las Trezientas*, 1566, f. 228; numeração correcta, 229). Sem dúvida, D. Álvaro de Luna foi, durante o reinado de D. João II de Castela, uma figura importantíssima, ora vencedor ora vencido nas lutas ferozes que opunham facções nobres no conflito entre as coroas de Castela e Aragão, ou até nos atritos que minaram a relação entre o soberano e seu filho (o futuro Henrique IV). No ano de 1453, porém, a queda do Condestável foi definitiva e fatal: enfrentando um contexto hostil (agravado pela influência de D. Isabel de Avis e Bragança, que D. João II desposara em segundas núpcias), perdida a confiança do monarca, D. Álvaro de Luna acabou por ser preso, condenado e executado em Valladolid. Por essa altura, já D. Inígo de Mendoza, Marquês de Santillana, escrevia *Coplas contra Don Álvaro de Luna*, num ataque que havia de prosseguir com o *Doctrinal de Privados*, onde dramaticamente representou, dando voz ao próprio Condestável, uma confissão de suas culpas.

<sup>270</sup> No Prefácio do Livro I de *Ab Urbe Condita*, Tito Lívio escreveu: *Sed querellae, ne tum quidem gratae futurae, cum forsitan necessariae erunt, ab initio certe tantae ordiendae rei absint* (Praefatio, I, 12). Gaspar Estação remete para este passo nas suas *Varias Antiguidades de Portugal* (1625, p. 297), traduzindo assim: «Porque os queixumes nem ainda então agradam, quando são necessários, como disse Tito Lívio» (*Livius l. I. ab Vrbe cõdita statim in initio* – explica a nota colocada à margem).

*Tuque adeo, quem mox quae sint habitura Deorum  
Concilia incertum est: Urbisne invisere, Caesar  
Terrarumque velis curam, et te maximus orbis  
Autorem frugum, tempestatumque potentem  
Accipiat, cingens materna tempora myrto  
An Deus immensi venias maris: ac tuae Nautae  
Numina sola colant, tibi serviat ultima Thule  
Teque sibi generum Thetis emat omnibus undis ect.*<sup>271</sup>

7.

Vós tenro, e novo ramo florecente  
de ãa árvore de Cristo mais amada  
que nenhũa nacida<sup>272</sup> no Ocidente,  
Cesárea ou Cristianíssima chamada,  
vede-o no vosso escudo que presente  
vos amostra<sup>1</sup> a vitória já passada  
na qual vos deu por armas e deixou  
as que ele pera si na cruz tomou.

texto

Vós delicado Príncipe, ramo tenro da árvore dos Reis de Portugal, a qual árvore foi e é mais mimosa e favorecida do Céu que quantas árvores Reais o Ocidente em si tem, ou seja dos Césares e emperadores, ou dos Reis de França, chamados Cristianíssimos. Se que(34)//reis saber a verdade disto, ponde os olhos no vosso escudo, e nele vereis presente aquela vitória passada que vosso antigo avô Dom Afonso Henriques alcançou no Campo de Ourique onde Cristo lhe apareceu, lhe deu por armas e brasão as cinco quinas representadoras das cinco chagas que ele na Cruz tomou por armas suas próprias.<sup>273</sup>

---

<sup>1</sup> No ms., terá primeiro sido escrito «amostrará». Pelo espaço entre as palavras, bem como pelo desenho dos caracteres, tudo indica que a vogal protética foi inserida posteriormente, enquanto uma rasura cobria a sílaba final.

---

<sup>271</sup> Publius Virgilius Maro, *Georgica*, I, vv. 24-31. Na edição de referência: *urbesne; auctorem; Tethys*.

<sup>272</sup> Na edição *princeps*, como nas de 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1626 e 1631, «nacida»; na edição de 1613, «nacida».

<sup>273</sup> Atendendo ao nacionalismo fervoroso que D. Marcos sustenta na leitura d'Os *Lusíadas*, pode ser interessante notar a ausência, no seu comentário, de qualquer menção ao «Juramento de D. Afonso Henriques», o texto no qual se falava das palavras de Cristo dirigidas ao rei, na véspera da batalha de Ourique (*Volo enim in te, et in semine tuo, Imperium mihi stabilire*). Forjado no meio alcobacense e divulgado a partir da 2.<sup>a</sup> edição dos *Dialogos de Varia Historia*, de Pedro Mariz (1597-1599, fls. 37-41v), bem como da publicação da *Primeyra Parte. Da Chronica de Cister*, de Frei Bernardo de Brito (1602, III, III, fls. 125v-127v), o «Juramento» constituiu, quer sob os Filipes quer após a Restauração (ainda no século XVIII, na Real Academia da História Portuguesa, empenhada em apurar um *corpus* documental fidedigno, era excepcionalmente aceite sem debate), uma peça nuclear da retórica de defesa da identidade de Portugal.

Nesta oitava diz a El Rei D. Sebastião que a árvore de quem ele como ramo novo floresceu é mais amada de Cristo, e tem recebido do Céu mais favores que nenhũa outra que no Ocidente brotasse, ou fosse dos Emperadores, ou dos Reis de França, os quais dos Príncipes foram os mais temidos na Cristandade, tanto que o nome de frangues ou franques, que os Mouros dão aos Cristãos, dos francos ou franceses o mutuaram, como se só eles fossem os Senhores da Cristandade. Assi como nós a todos os Maometanos chamamos Mouros, sendo assi que só os de Mauritânia em África tem este nome. Este verso, «Cesárea ou Cristianíssima chamada», andou mal interpretado, e peor construído, porque ajuntavam estes dous nomes adjectivos com o sustantivo ramo, o que é grande erro na gramática. Não fala aqui o poeta com o ramo, senão da árvore, dizendo que nenhũa árvore do Ocidente, ou fosse Cesárea ou Cristianíssima chamada, foi mais amada de Cristo que aquela cujo florecente ramo era El Rei D. Sebastião<sup>274</sup>. Os Emperadores se chamaram Césares<sup>1</sup>, porque o primeiro príncipe Romano que teve o Império se chamava Júlio César. E aos Reis de França se deu o sobrenome de Cristianíssimos depois que Carlos Magno venceu os Lombardos e restituiu a paz e liberdade perdida a Itália, como em sua vida veremos. As demais dúvidas desta estança na construção dos versos se verão.

8

Vós poderoso Rei cujo alto Império  
o Sol logo em nascendo vê primeiro,  
vê-o também no meio do Hemisfério  
e quando dece o deixa derradeiro,  
Vós que esperamos jugo e vitupério  
do torpe Ismailita<sup>275</sup> Cavaleiro,  
do Turco Oriental, e do gentio  
que inda bebe o licor do Santo Rio. (34v)//

Vós potentíssimo senhor cujo largo domínio o Sol aquece no Oriente meio dia, e no Ocidente; a quem esperamos que faça tributários aos cavaleiros da torpe milícia de Mafamede, decendentes de Ismael, dos Turcos, e Gentios, os quais ain-

---

<sup>1</sup> No ms., estas duas palavras («chamaraõ Cesares») estão parcialmente escritas sobre uma rasura ininteligível.

---

<sup>274</sup> Tudo indica que D. Marcos se demarca da interpretação proposta n'Os *Lusiadas* [...] *Comentados pelo Licenciado Manoel Correa*, onde se lê: «Por árvore Cesárea, entende os Emperadores e Senhores de Europa, à imitação dos Emperadores de Roma, onde se eles coroaam. Por Cristianíssima, os Reis de França, por ser este título seu hereditário [...]. E diz aqui o Poeta, que esta árvore e tronco, donde os Reis de Portugal procedem, foi mais amada de Cristo: porque se não lê, que Deus Nosso Senhor fizesse tão claramente por Emperador, ou Rei, o que fez por este felicíssimo Rei dom Afonso Henriques.» (1613, f. 7v).

<sup>275</sup> Na edição *princeps*, como em todas as outras realizadas até 1631, «Ismaelita».

da todavia gozam das águas do Rio Jordão santificado com o baptismo de Cristo nosso Deus.

Vós poderoso Rei *ect.*

Quando Camões isto compunha, considero eu que tinha diante dos olhos um *mappa mundi* de dous globos, em cada um dos quais está a metade do mundo descrita. E pondo os olhos em o primeiro hemisfério (que quer dizer mea bola), viu na parte mais oriental as Ilhas do Maluco, e a famosa Cidade de Malaca, património deste Reino, chegando ao meio deste hemisfério viu o Reino de Portugal, e no fim dele, e princípio do outro segundo, viu a província Santa Cruz, comumente chamada Brasil, também de Portugal. E por isso escreveu estes versos, fazendo menção desta diversidade de terras. E posto que digamos que Portugal seja a terra mais ocidental de Europa, é a respeito das outras partes dela, que todas ficam ou ao Norte, ou ao Oriente, e não conforme a descrição das terras, e mares juntamente, como na Geografia se mostra, e nos mapas se deixa ver.

Do Turco Oriental.

Ainda que os Turcos todos, e suas províncias, sejam orientais a nosso respeito, todavia como nós com os de Constantinopla não temos guerras nestas partes do ocidente, pois estamos apartados, e distantes deles, entendo aqui por Turco Oriental, os que ao Oriente vão de ordinário pelejar com os nossos, a que lá chamam Rumes, que nos não tem feito pouca guerra naquelas partes, como se pode ver assi naquele grande cerco de Diu<sup>276</sup>, como em Ormuz, e nas terras da Abássia.

---

<sup>276</sup> Dois foram os grandes cercos de Diu (o primeiro, em 1538; o segundo, em 1546), e sobre ambos foram produzidas obras. Ricas tapeçarias foram executadas na Flandres, em honra das proezas de D. João de Castro; Francisco de Andrade elaborou um poema heróico, *O Primeiro Cerco que os Turcos puserão há fortaleza de Diu nas partes da India, defendida pollos portugueses* (1589); Damião de Góis compôs, sobre o primeiro e o segundo cercos, opúsculos que, integrados em volumes colectivos como *De Rebus Oceanicis et Novo Orbe, Decades Tres*, coligido por Pietro d' Anghiera (Colónia, 1574), ou *Hispaniæ Illustratæ [...] Scriptores Varii* (Francfurt, 1603), tiveram larga circulação na Europa; o humanista Diogo de Teive redigiu *Cōmentarijs De Rebus in India Apvd Divm Gestis. Anno Salvts Nostræ MDXLVI* (1548); Lopo de Sousa Coutinho, «fidalgo da casa do Invictissimo Rey dom Joam de Portugal: o terceyro deste nome», escreveu o *Livro primeyro[-segundo] do cerco de Diu, que os Turcos poseram á fortaleza de Diu* (1556); Jerónimo Corte-Real compôs o *Sucesso do Segudo Cerco de Div: Estando Dõ Ioham Mazzarenhas por Capitam da Fortaleza. Año de 1546* (1574). Em versão manuscrita, este poema estaria pronto na década de 60, e foi oferecido a D. Sebastião, numa cópia ricamente iluminada pelo próprio autor, antes da impressão d'Os *Lusiadas* (v. Hélio J. S. Alves, *Camões, Corte-Real e o sistema da epopeia quincentista*, Coimbra, CIEC, 2001, p. 252). Decerto motivado pelo êxito da epopeia camonianiana, Corte-Real deu à estampa a sua obra em 1574, com várias composições paratextuais – de António Ferreira, Diogo Bernardes, Pedro Landim, Luís Álvares Pereira, Jorge de Meneses, Francisco de Andrada, Pero d'Andrade Caminha – a formarem aí um coro elogioso, exaltando a qualidade do texto e do seu autor. Na «Carta ao Leitor», redigida pera esta edição, Corte-Real nunca nomeou Camões,

Que inda bebe o licor do Santo Rio.

Posto que no paráfrasis digamos que este Santo Rio é o Jordão, porque não sei eu outro que tenha este título com mais propriedade, contudo porque atrás fica aquela palavra «e do Gentio», podemos entender ser este Rio o Gange, o qual aqueles gentios tem por santo, (35)// com tamanha superstição que tem pera si que lavando-se naquela água morrem assolto de culpa e pena, como em seu lugar veremos. Verdade seja que também na Terra Santa há gentios, porque como diz frei Brocardo *sunt in terra promissionis homines ex omni natione quae sub caelo est, et vivit quaelibet gens iuxta ritum suum*<sup>277</sup>. E conforme isto não é muito entender este lugar do Rio Jordão cujas águas os Turcos e gentios ainda bebem, que é grande afronta pera a Cristandade, o que significa aquela palavra, «ainda», como se dissera, ainda por nossos pecados, por não haver quem dali os lance.

f. Broc. in  
Descriptione  
Terra Sanctae

9

Inclinai por um pouco a Majestade  
que nesse tenro gesto vos contemplo,  
que já se mostra qual na inteira idade  
quando subindo ireis ao eterno templo.  
Os olhos da real benignidade  
ponde no chão: vereis um novo exemplo  
de amor dos pátrios feitos valerosos  
em versos devulgado numerosos.

Ponde de parte por um pouco de tempo a majestade real, que nesses delicados membros já vos considero, mostrando nessa idade tenra qual sereis depois de va-

---

mas talvez o incluisse na alusão aos «ingenhos, que muitos há nesta terra mui delgados, e cheos de prudente artifício». Ao contrário de Manuel Pires de Almeida e de Manuel de Faria e Sousa, que no século XVII também comentaram *Os Lusíadas*, D. Marcos não se empenhou em relacionar Camões com poetas seus contemporâneos, e por esse motivo não terá feito, aqui, referência a Jerónimo Corte-Real. Só adiante o menciona (v. p. 273), sempre de modo fugaz.

<sup>277</sup> A obra do monge Brocardo de Monte Sião (séc. XIII) foi transmitida em cópias manuscritas e, a partir de 1475, em livro impresso. D. Marcos lembra o texto – *Locorum Terræ Sanctæ Exactissima Descriptio* – a partir da antologia *Novus Orbis Regionum ac Insularum Veteribus Incognitarum* (Paris, 1532), onde a obrinha de Brocardo ocupa as pp. 298-329. Merece destaque quer o recorte do fragmento citado quer a sua recontextualização: enquanto no relato medieval logo de seguida se enfatiza, com escândalo e mágoa, o comportamento deplorável de muitos cristãos (*Et ut uerum loquar, in nostram magnam confusionem, nulli in ea peiores & in moribus corruptiores inueniunt quam Christiani, cuius hanc esse rationem arbitror. Quando aliquis in Hispania, Gallia, Germania, Italia, aut alijs Christianitatis nationibus malefactor deprehensus fuerit, ut pote homicida, latro, fur, incestuosus, adulter, fornicator, proditor, et timet propterea à iudice condignam sibi irrogari poenam, fugit & transfretat in terram sanctam, quasi hoc contractum aboliturus malum, & quum illuc uenerit, non animum sed locum mutauit, et euenit sibi id quod scriptum est: Nunquid Aethiops potest mutare pellem suam?* – p. 323), D. Marcos prefere vincar – como ao longo dos Comentários – um forte espírito de cruzada.

rão perfeito<sup>1</sup>, quando por vossas obras valerosas fordes levado ao templo da fama eternizando aí vosso nome, e ponde os olhos de vossa real clemência em minha humildade, e vereis nesta pequena obra que vos ofereço ãa vontade desentersada que só por amor da pátria divulga em sonorosos versos os feitos ilustres de seus naturais. (35v)//

10

Vereis amor da pátria não movido  
de prêmio vil, mas alto, e quasi eterno,  
que não é prêmio vil ser conhecido  
por um pregão do ninho meu paterno.  
Ouvi, vereis o nome engrandecido  
daqueles de quem sois Senhor superno,  
e julgareis qual é mais excelente,  
se ser do mundo Rei se de tal gente.

Vereis um zelo amoroso aceso com o desejo de servir a pátria, e não<sup>II</sup> de esperança de interesse vil; mas de prêmio soberano, e quasi divino, porque inda que eu espere de ser nomeado no mundo por pregoeiro de meus naturais, esse prêmio é mui nobre e desentersadamente desejado. Ouvi pois meus versos, e vereis engrandecidos os feitos daqueles de quem sois Senhor natural e soberano; e então julgai qual cousa destas é mais excelente: se dominar o mundo, ou ser Rei de tais vassalos.

Avisadamente se queixa das poucas ou nenhãs mercês que tinha recebido, e por isso diz que de graça faz este serviço à pátria. João de Barros faz o mesmo no prólogo das suas *Décadas*, cujas palavras são as seguintes: «E como os homens pela maior parte são mais prontos em dar de si frutos voluntários que os encomendados, imitando nisto à terra sua madre, a qual é mais viva em dar as sementes que nela jazem per natureza, que as que lhe encomendamos per agricultura, parece que me obrigou a que patrizasse e que per diligência prevalecesse mais em mim a natureza que dela tenho, que quanto outros tem recebido per obrigação de ofício, profissão de vida, e agricultura de benefícios. Pois não tendo eu outra causa mais viva pera tomar esta empresa que um zelo da glória que se deve a vossas armas, e fama a meus naturais que militando nelas verteram seu sangue e vida, fui o primeiro que brotei este fruto de escritura desta vossa Ásia» *ect.*<sup>278</sup>, nas quais palavras se contém a (36)// substância desta oitava, e parte da outra, onde

João de Barros,  
no prólogo de  
1.<sup>a</sup> *Década*

<sup>1</sup> No ms., uma chamada indica um aditamento explicado no final do parágrafo: «Onde esta + acrecentense estas palavras. Quando por vossas obras valerosas fordes levado ao templo da fama eternizando ay vosso nome. *ect.*»

<sup>II</sup> No ms., a palavra «não» substitui outra, que a rasura tornou ilegível.

<sup>278</sup> *Decada Primeira da Asia de Ioão de Barros*, 1628, Prólogo, s/f. No texto de Barros: «imitando nisto a terra sua madre», «prevalecesse», «parece que me obrigou ela a que patrizasse».

diz que só por amor da pátria e glória de seus naturais fez estes cantos, sem estar obrigado per benefício algum.

11

Ouvi, que não vereis com vãs façanhas  
fantásticas, fingidas, mentirosas  
louvar os vossos, como nas estranhas  
Musas, de engrandecer-se desejosas.  
As verdadeiras vossas são tamanhas  
que excedem as sonhadas fabulosas,  
que excedem Radamonte<sup>279</sup>, e o vão Rogeiro  
e Orlando, inda que fora verdadeiro.

*Viaggio al Regno de Amore*<sup>280</sup>

*Et quei, che no conober mai paura  
tra piu crudeli, e rei casi amorosi  
Lanciloto e Tristan venian de parte  
con molti che di sogni empion le carte.  
Orlando, e Olivier, Astolfo e gli altri  
superbi paladin di Carlo Magno  
con le arme, e con l'ingegno ardite e scaltri.*

Ouvi meus versos, minhas poesias diferentes de quantas até ‘gora houve, porque essas Musas estrangeiras pera engrandecer e sublimar seu nome não receam de contar fabulosas façanhas, fingir empresas nunca vistas, inventar sonhados enredos. Pois sapei que as verdades dos vossos excedem as mentiras dos alheos, e mais souberam eles obrar que os outros fingir, porque os Radamontes, Rogeiros, e Orlandos, tão<sup>1</sup> engrandecidos dos ociosos engenhos, não alcançaram deles tão encarecidos louvores, falsamente, quanto os vossos Portugueses mereceram com verdade.

Verdade é de que se não pode duvidar, e sejam testemunhas e juízes os bem versados nas histórias antigas e modernas, que todas as que os antigos poetas escreveram dos seus semideuses dizendo deles tudo o que quiseram, sem rasto de verdade, não chegam, nem tem comparação com as que dos Portugueses estão escritas ou se poderão escrever, assi de lealdade como de sofrimento, esforço e

---

<sup>1</sup> No ms.: «eOrlandos \*tão\* engrandecidos»...

<sup>279</sup> Na edição *princeps*, como em todas as outras feitas até 1631, lê-se «Rodamonte».

<sup>280</sup> Agostino Santonini, *Viaggio al Regno d'Amore*, 1592, s/f. D. Marcos desvia-se do texto em vários lugares: escreve *no conobber* por *non conobber*; *de parte* por *da parte*; *con le arme, e con l'ingegno ardite e scaltri* por *con l'armi, e con l'ingegno arditì, e scaltri*. Além disso, agrega parte de duas estrofes e termina sem atender ao remate da frase de Santonini: *A far di fama eterna util guadagno*.

grandeza de ânimo. Toca o poeta aqui nas histórias dos doze Pares que compôs Ariosto escrevendo deles o que quis como poeta livre<sup>281</sup>. E todavia essas mentiras que lhe alevantou não chegam às verdades que nos Portugueses se viram. Este[s]<sup>l</sup> cavaleiros que o Poeta aqui nomea de facto os houve, e André de Laguna, sobre Dioscórides<sup>282</sup>, relata ãa doação que viu e[m]<sup>ll</sup> Metz, Cidade de (36v)// Lorreina, feita de Carlos Magno, onde estão assinados alguns destes cavaleiros. De Oliveiros estou lembrado que tem título de sobrinho del Rei; porém os ociosos acrescentaram tanto sobre o fundamento verdadeiro que desbarataram tudo, foram como aquele que escreveu as *Guerras Civis de Granada*, que sobre ãa sombra de verdade compôs grandes máquinas de mentiras.<sup>283</sup>

## 12

Por estes vos darei<sup>lll</sup> a um Nuno fero<sup>284</sup>  
que fez ao Rei e ao Reino tal serviço,  
um Egas, um Dom Fuas<sup>285</sup>, que de Homero  
a Cítara pera eles<sup>286</sup> só cobiço.

---

<sup>l</sup> No ms.: «Este cavaleiros»...

<sup>ll</sup> No ms.: «viu e Metz»...

<sup>lll</sup> No ms., a versão primeira era: «Por estes darvos quero ahũ Nuno fero». «Vos» (em «Por estes vos darei»...) foi acrescentado em entrelinha; sobre «vos» (em «darvos») foi escrita a terminação da 1.ª pessoa da forma verbal («darei»); sobre «quero», um traço de rasura.

---

<sup>281</sup> D. Marcos refere-se ao *romanzo* de Ariosto, *Orlando Furioso*, obra que já antes louvou e que voltará a recordar com iniludível simpatia. O seu exemplo é um de entre muitos da entusiástica recepção que *Orlando Furioso* despertou em Portugal – como na Europa e no mundo onde livros europeus chegavam.

<sup>282</sup> *Pedacio Dioscorides Anazarbeo* (1.ª ed.: 1555), uma obra que retomava e ampliava a compilação farmacológica do médico grego Dioscórides (séc. I), foi muito difundida nos séculos XVI e XVII. O seu autor, o médico Andrés de Laguna (1511-1559), recordou ali, a propósito do papiro: *Escrivian tambien los antiguos en hojas y cortezas de arboles: y ansi se muestran oy dia entre otras reliquias muchas, en la iglesia mayor de Metz de Lorrena, ciertos libros riquissimos, escriptos de letras de oro en corteza de arbol, dexados de Carolo Magno, que fundò y dotò aquel rico y sobervio templo: en uno de los quales me acuerdo haver visto y leydo, una donacion de ciertas possessiones y tierras, que hizo el mesmo Emperador à la dicha iglesia, confirmandola con palabras equivalentes à estas. Por donde se las offrecemos, damos, y consignamos, desde el cielo hasta el abismo: en fe de la qual donation, firmamos la presente de nuestra mano, y la sellamos con nuestro sello Imperial, presentes nuestros caros sobrinos, Roldã, y Oliveros, y el Arçobispo Turpin.* (1555, p. 71).

<sup>283</sup> D. Marcos alude às *Guerras Civiles de Granada* ou *Historia de los vandos de los zegries, y abencerrages, cavalleros moros de la ciudad de Granada. Y las civiles guerras que huvo en ella hasta que el Rey Don Fernando el Quinto la ganò. Traduzida en castellano por Ginès Perez de Hita, vecino de la Ciudad de Murcia* (1.ª ed.: 1595).

<sup>284</sup> Na edição *princeps*, como em todas quantas se fizeram até 1631, «Por estes vos darei um Nuno fero».

<sup>285</sup> Na edição *princeps*, como em todas quantas se fizeram até 1631 (em 1613, a gralha «um dos Fuas» é prontamente corrigida para «um Dom Fuas»), «um Egas, e um dom Fuas».

<sup>286</sup> Na edição *princeps*, como nas de 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1626, 1631, «par'eles». Na edição de 1613, «para eles».

Pois pelos<sup>287</sup> doze pares dar-vos quero  
os doze de Inglaterra, e o seu Magriço,  
dou-vos também aquele ilustre Gama  
que pera<sup>288</sup> si de Eneas toma a fama.

Em lugar de Radamonte, Rogeiro, e Orlando, vos darei a Dom Nuno Álvares Pereira, o belicoso que a Dom João primeiro deu o Reinado e a este reino a liberdade que quasi tinha perdida. E a Dom Egas Moniz, Aio del Rei D. Afonso Henriques, e a Dom Fuas Roupinho, aquele valeroso capitão, pera celebrar os quais só desejo o saber de Homero. Pois pelos doze Pares de França, vos darei os doze cavaleiros que foram a Inglaterra a desagrar as damas agravadas, e o Magriço, principal entre todos eles. E em lugar de Eneas Troiano vos darei o ilustre Gama, primeiro descobridor da Índia.

Destes cavaleiros de que trata o poeta havemos de dar adiante larga relação, por ora baste o que no perífrasis dizemos.

#### Doze Pares.

Estes são doze grandes do Reino de França. Autor há que lhe chama os doze peres, e que seja corrupto pares<sup>289</sup>. *Peres* quer dizer Padres em língua francesa, e estes eram assi chamados, como antigamente (37)// os Senadores Romanos Padres conscriptos.

1 Ae.

*Albanique patres atque altae moenia Romae.*<sup>290</sup>

anno 1179  
ex hypothesi

Não duvido que este seria o fundamento deste nome, porém a frase comum é que se chamam pares. Jacobo Gordono, o qual confessa que viveu quarenta anos em França, dedicando a sua *Chronologia* ao Príncipe de Condé, diz assi: *D. Henrico Borbonio Principi Condaeo, primo Galliarum Pari*<sup>291</sup>. E este é o nome por que se intitulam estes príncipes. Esta comparação que o Poeta faz, é de mentira a verdade, mas supondo que o seja, como que dissera: Demos-lhe que fossem ver-

---

<sup>287</sup> Na edição *princeps*, bem como nas de 1584, 1591, 1597, 1609, 1612 e 1626, «polos doze Pares». Nas edições de 1613 e 1631, «pelos doze Pares».

<sup>288</sup> Na edição *princeps*, bem como em todas as outras feitas até 1631, lê-se «para si».

<sup>289</sup> D. Marcos alude assim ao Padre Manuel Correia e ao que n'Os *Lusiadas* [...] *Commentados* (1613) se afirmava a respeito da organização política estabelecida por Carlos Magno e da sua eleição de «doze homens dos principais de França, a modo de coadjutores e conselheiros»: «Pôs-lhe nome Peres, que na língua Francesa quer dizer Padres, ou Senadores, porque haviam de ser Pais e Governadores daquela República: e corrompida a palavra Peres, lhe chamaram Pares.» (1613, f. 10).

<sup>290</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, v. 7.

<sup>291</sup> D. Marcos cita as palavras com que o jesuíta James Gordon abre a dedicatória do *Opus Chronologicum* (1614): *Illvstrissimo atque Invictissimo D. Henrico Borbonio, Principi Condaeo, Primo Galliarum Pari*.

dadeiros os feitos de Orlando, de Radamonte, ou os de Eneas *ect.* Vedes, em lugar deles vos dou a Nuno Álvares *ect.*, mais famosos per suas obras, que os outros pelas fábulas dos Poetas. Na mesma sentença foi João de Mena quando disse<sup>292</sup>

João de Mena  
na ordem da  
lua, cop. 4

*Como que*<sup>293</sup> *creo que fuessen menores  
que los Africanos los hechos del Cid  
ni que feroces menos en la lid  
entrassen los nuestros que los agenores?  
Las más hazañas de nuestros maiores  
la mucha constancia de quien los mas ama  
yase en teneblas*<sup>294</sup> *dormida su fama  
dañada de olvido por falta de autores.*

13

Pois se a troco de Carlos Rei de França  
ou de César, quereis igual memória,  
vede o primeiro Afonso cuja lança  
escura faz qualquer estranha glória,  
E aquele que a seu Reino a segurança  
deixou com a grande e próspera vitória,  
outro Joane invicto cavaleiro,  
o quarto e quinto Afonsos e o terceiro.

texto

Pois se saídos das fabulosas histórias nas verdadeiras quiséremos buscar homens insignes, ponde os olhos entre os Príncipes Cristãos, em Carlos Magno Rei de França, ou em Júlio<sup>1</sup> César entre os gentios, que por eles entre os vossos dar-vos quero ao grande Rei D. Afonso Henriques, (37v)// cujo valeroso braço deixa atrás toda a memória do esforço antigo, e a El Rei Dom João primeiro, que com a memorável vitória de Aljubarrota segurou seu Reino. E não paro aqui, que vos posso dar outros príncipes portugueses que representem com excesso a glória de

---

<sup>1</sup> No ms.: «ou em \*Julio\* Cesar»...

---

<sup>292</sup> Juan de Mena, *Laberinto de fortuna, o las Trezientas*, copla IV. D. Marcos cita por uma edição de *Las Trezientas del famosissimo poeta Iuan de Mena, con su glosa, y las cinquenta con su glosa y otras obras*. Aí se faz notar, logo na *tabla*, que *estas trezientas que el autor juan de mena hizo estan divididas en siete ordenes esto es de los siete planetas*. A copla 4 insere-se na *Orden primera de la luna*.

<sup>293</sup> D. Marcos cita pelo texto de *Las Trezientas*, onde se inclui a *Glosa sobre las Trezientas del Famosissimo poeta Iuan de Mena cõpuesta por Fernan nuñez comẽdador dela orden de Santiago, dirigida al muy magnifico señor dõ Yñigo Lopez de mendoça* [...]. Aí explicava Fernan Nuñez: *ha de leer el principio de esta copla con interrogacion y yronia, ca asi quiere dezir Iuan de Mena que no cree el ser menos loables los hechos de los varones Españoles que de los Romanos y otras generaciones*. (*Las Trezientas*, 1566, f. 13).

<sup>294</sup> Em *Las Trezientas*, 1566: *tinieblas*.

Carlos, e de César, e seja o invencível Rei D. João segundo, D. Afonso quarto do nome, que ajudou a vencer a batalha do Salado; e D. Afonso quinto, o<sup>1</sup> Africano, e o terceiro, dito Conde de Bolonha, cada um dos quais, é mais que César, e que Carlos.<sup>II</sup>

Como quer que o nosso Camões seja estremado em tudo, nisto que são comparações, excedeu a todos os poetas do Mundo. Vejamos nos presentes esta verdade, e ponhamos os olhos no esforço, na Cristandade, no zelo da Religião e culto divino na ventura de Carlos primeiro Rei de França. Depois ponhamo-los em o santo Rei D. Afonso Henriques, e ambos nos parecerão um só. Ambos Reis, ambos veneráveis em sua pessoa, ambos de incomparável esforço e ventura nas batalhas. Um tinha por conselheiro e Confessor ao glorioso S. Albino Bispo Andegavense, nosso Padre, e outro ao santíssimo varão Teotónio, honra e glória não só de nossa sagrada Religião mas também de Portugal, e de toda Hespanha. Só ãa ventagem conheço no nosso, e é que Carlos pelejava com fortes e copiosos exércitos de franceses e Alemães, e o nosso D. Afonso com exércitos tão desiguais aos inimigos, que muitas vezes havia vinte mouros contra um Cristão. E chegou a tanto seu esforço que com sessenta de cavalo, e poucos de pé, acometeu um exército de muitos milhares de mouros, e venceu-os.

A vida de Carlos Magno, escreveu largamente Sigonio<sup>295</sup>, Adon<sup>296</sup>, Emilio<sup>297</sup>, e Donato Acciaioi<sup>298</sup>, e outros muitos. Foi filho del Rei Pipino de França, que mudou o governo que até então havia em aquele Reino, porque os governadores dele eram tão absolutos, que o Rei não era mais que ãa estátua venerada, sem fazer movimento. Teve Carlos outro Irmão chamado Carlo Mano, entre ambos ficou repartido o Reino como se conta nos anais, a Carlo Mano aconteceu a parte do norte, e províncias junto do Reno, e a Carlos, a Gália Ocidental com as províncias de Borgonha e Aquitânia. Foi casado com ãa filha de Desidério Rei dos Lombardos, (38)// a qual repudiou por ser estéril, outros dizem que por recolher El Rei seu pai a mulher e filhos de Carlo Mano, seu irmão, quando foram fugindo de França. Teve guerra com os Saxonos, e pelas muitas rebeliões desta

---

<sup>I</sup> No ms.: «e D Afonso quinto, \*o\* Africano»...

<sup>II</sup> No ms.: «Ca\*r\*los»...

---

<sup>295</sup> A obra de Carlo Sigonio (c. 1520-1584) circulava impressa, em numerosas edições, como a que saiu em 1613, *Caroli Sigonii Historiarum De Regno Italiae Libri Viginti*.

<sup>296</sup> Adon de Vienne (c. 800-875) foi autor de uma das várias histórias universais produzidas ao longo da Idade Média. A obra contemplava um largo período, desde a criação do mundo até ao ano de 880. Além da circulação em manuscrito, a imprensa concorreu para a difundir, em edições como *Adonis Viennensis Archiepiscopi, Breuiarium Chronicorum* (1561).

<sup>297</sup> D. Marcos refere-se provavelmente à obra do humanista italiano Paolo Emilio da Verona (c. 1455-1529), divulgada em edições como a de *Pauli Aemylii Veronensis, Historici Clariss. De Rebus Gestis Francorum Libri X* (1566).

<sup>298</sup> *Caroli Magni Vita*, da autoria de Donato Acciaioi (1429-1478), foi originalmente dedicada a Luís XI, rei de França. Impresso, o opúsculo correu junto com *Plutarchi Cheronei Graecorum Romanorumque Illustrium Vitae*. Numa edição como a que saiu no ano de 1542, em Basileia, ocupa os últimos fólhos.

belicosa nação se deteve Carlos em os domar vinte anos, alguns põe mais. Neste tempo era vexado o sumo pontífice Adriano primeiro por guerras que Desidério lhe fazia, porque não quis ungir em Reis de França os filhos de Carlo Mano; e vendo-se o Santo Padre maltratado deste inimigo, o qual tinha já casado ãa filha com Aragiso filho de Carlo Mano, que pelos seus pontifes se fizera ungir em Rei de França, pediu socorro a Carlos, o qual logo veio, e fez recolher ao Duque de Benavento Aragiso, e tomando dele reféns o constrangeu a se lhe sujeitar com humildade. Desidério quis resistir a Carlos, fiado no copioso exército que trazia, esperou a batalha e foi vencido de Carlos e fugiu pera Pavia onde foi logo cercado e tomado às mãos com sua mulher e filhos, e já então Carlos era ido a Roma ver-se com o papa Adriano; e por aqui se acabou o Reino dos Lombardos em Itália e foi restituída a perfeita liberdade à Igreja Romana, que tão avexada fora depois que os Emperadores passaram a cadeira Imperial a Constantinopla. Deu Carlos à Igreja muitas herdades, e terras que por armas tomara aos Lombardos. E o Papa Adriano em agradecimento celebrando Concílio, depois de muitos louvores e títulos honrosos, de grande, e Cristianíssimo, e defensor da fé, que deu a Carlos, lhe deu também grandes privilégios, e ele se tornou a França continuar a guerra dos Saxones, que já estavam outra vez rebelados. Aqui os destruiu Carlos de todo, fazendo-os muitos ir fundar Colónias a outra parte, principalmente aos países baxos de Flandres, que eles começaram a romper e cultivar. Desapressado Carlos desta guerra que Pipino seu pai começara e ele tinha com tanta felicidade acabado, que durou desde seu princípio trinta e dous anos, tratou<sup>1</sup> de pelejar com os Mouros, convidado a isso por Abnabala Rei de Saragoça; e assi no ano de 778 deceu pelos Perinéus, venceu os Mouros muitas vezes ajudando aos príncipes Cristãos, tomou Navarra, e depois de muitas vitórias, carregado de despojos e de glória se tornou pera França. Foi cometida a retaguarda de seu exército junto a Roncesvales na subida dos montes, pelos Vascones moradores daquelas (38v)// montanhas, grandíssimos ladrões, aqui dizem que morreu o famoso Roldão. Daqui saíram as fábulas, as quais dizem que D. Afonso o Casto que nunca casou,

Garibay  
confessa que  
Bernardo del  
Carpio era de  
13 anos neste  
tempo.<sup>299</sup>

---

<sup>1</sup> No ms.: «tratou Carlos Magno depeleiar»...

---

<sup>299</sup> Na verdade, a respeito da batalha de Roncesvales, na qual via uma decisiva proeza dos *victoriosos Españoles libres d'el dominio de los Franceses*, datando-a dos últimos anos do reinado de D. Bermudo, Estevan de Garibay y Çamalloa escreveu: *Muy gran gloria y prez d'esta batalla dan los auctores Españoles a Bernardo d'el Carpio sobrino d'el Rey Don Alonso, pero muchos varones de nuestro tiempo, versados en historias lo tienen por muy incierto, y lo mesmo me parece, si en el año arriba señalado le dió el Rey Don Alonso a criar en Asturias, porque no se como en edad de treze años, que es el interualo de tiempo que ay dende aquel año hasta este, que ellos dan a la batalla de Ronces Valles, pudiera Bernardo d'el Carpio, hazer las maravillas que d'el sienten. Assi me parece, que si Bernardo se halló en ella, fue su natiuidad anterior, la qual es visto tambien querer manifestar la edad de su madre, que fuera de largos años, quando sucedió su matrimonio clandestino, y pudiera el Rey su tio, dar le a criar a algun ayo, auiendo se nascido y criado Bernardo, con silencio disfraçado por algunos años, como cada dia entre grandes Principes se vee este exemplo. (Los XL Libros d'el Compendio Historial, 1571, IX, XV, p. 425).*

vendo-se afligido com guerras de Mouros tratou de deixar isso que de Hespanha possuía a Carlos, com zelo de fé e aumento da Cristandade, mais que de honra própria, pois tinha sobrinhos a quem de direito pertencia a tal herança. E vindo Carlos Magno tomar posse de Hespanha lhe saíra ao encontro Bernardo del Carpio, sobrinho del Rei D. Afonso, com um exército de Leoneses, e destruído Carlos o fizeram recolher, deixando mortos os seus doze Pares tão famosos, e que este encontro foi junto a um lugar chamado Roncesvales. Os que contam esta história são Espanhóis, e o que mais me admira é de Hierónimo Çurrita, que compôs os *Anais de Aragão*<sup>300</sup>, sendo um autor tão grave, contar esta história por certa, sendo assi que tem mil contradições pera não poder ser verdadeira, que por escusar larga escritura deixamos. E assi todos os historiadores graves<sup>1</sup>, até os que naquele tempo viviam, fazendo caso da história de Roncesvales, que foi a que contamos, quando Carlos veio a Hespanha, que os Vascones lhe deram na retaguarda, nenhum deles faz menção desta segunda vinda, e assi a tem todos por fabulosa, mas como os Castelhanos são imigos de Franceses, achando aquela ocasião da morte de Roldão, e perda da retaguarda de Carlos, inventaram esta patranha, que foram autorizando autores que lhe custa pouco mentir. Vide Pedro Mantuano nas *Advertencias a Mariana*<sup>301</sup>. E advirte Gordónio no ano de 812, que ninguém escreveu esta história senão Espanhóis, que neste ano a põe, dizendo *sed nec aetas Caroli nec Francorum Historici, Ado, Regino, Aimoin. Eginhardus*

---

<sup>1</sup> No ms.: «todos os historiadores #graves#»...

---

<sup>300</sup> Segundo Zurita, Carlos Magno, *con esperança de ayuntar a su señorío a España*, havia procurado levar o rei D. Alonso de Asturias, que não tinha filhos, a preferir um seu descendente para lhe suceder. Bernardo del Carpio, *sobrino del Rey*, teria encabeçado a revolta contra este plano que redundaria em sujeição a *nacion estrangera*. O Imperador, *teniendo ya por suyo lo que se le auia prometido, entraua a tomar la possession poderosamente, y vuo entre ellos aquella tan famosa batalla en el puerto de Roncesualles, en la qual se escriue, que murieron los mas principales señores, y Condes que en aquel exercito venian, y entre ellos Rolon Conde de Bretaña, cuyas proezas han sido tan encarecidas por las fabulas de los autores Franceses.* (Los Cinco Libros Primeros de la Primera Parte de los Anales de la Corona de Aragon, 1585, I, III, fls. 7-7v).

<sup>301</sup> Pedro Mantuano redigiu um longo capítulo para refutar a versão apresentada por Juan de Mariana no livro 7, cap. 11 da sua *Historia de España*, cujo teor resume: *como el año de ochocientos y treze en tiempo de Don Alonso el Casto, fue la batalla de Roncesualles dada de Carlo Magno: en la qual escriue las patrañas, que el pueblo cuenta della: La braveza de Bernardo, el oponerse a su Tio el Rey, para que no entregasse el Reyno a Carlos: el ofrecerse por Caudillo de los que le quisiessen seguir contra el Frances: el modo de la batalla: la muerte de Don Roldan: el razonamiento de Carlos a sus gentes: el tocar la bocina: el renouar las batallas de nueuo: el ultimo vencimiento de ella: y como los Franceses escriuen, que Carlos, y su exercito se perdio por traycion de Galalon.* (*Advertencias a la Historia del Padre Iuan de Mariana*, 1613, pp. 196-197). Segundo Mantuano, *La razon de averse errado el Padre Mariana, y los demas, es por vn libro apocripho que anda debaxo del nombre del Arçobispo Turpino, que escriue la vida de Carlo Magno, con estas patrañas, y otras mayores, que fue a quien siguió el Padre Mariana, quando dize, que los Franceses ponen, que por traycion de Galalon, perdieron los Franceses la batalla de Roncesualles en tiempo de Don Alonso el Casto.* (p. 202).

*hanc secundam*<sup>1</sup> *Caroli profectionem recipiunt*<sup>302</sup>. Detive-me nisto mais do que meu instituto requeria por advirtir que Autores Castelhanos, em louvores próprios são muito suspeitosos. Veja-se a diferença entre as duas Crônicas del Rei D. Felipe o prudente<sup>303</sup>. *Haec obiter*. Tornou Carlos a Roma a chamado do Papa Leão terceiro, a quem os Romanos tinham lançado de Roma sem justiça, veio Carlos, compôs tudo, castigou os rebéis, acrescentou o património de S. Pedro, e foi eleito em Emperador Augusto, pelo Papa Leão<sup>II</sup>. Nele se restituiu o Império do Ocidente que do tempo de Augústulo vencido dos Bárbaros tinha cessado havia terzentos e trinta anos. (39)// Morreu em Aquisgran a 28 de Janeiro, de 72 anos de idade, na de Cristo de 814. Dele diz um autor grave, *Obiit Carolus Aquisgrani Princeps vere magnus dignus Imperio et qui rem Christianam auxit armis pietate et templis*<sup>304</sup>. Deixou repartidos seus estados por seus filhos, e a todos deixou ricos, honrados, e pacíficos.

Ou de César.

Júlio César Ditador foi filho de César que foi pretor e morreu em Pisa. Foi homem de grande sofrimento e esforço. Governou França muitos anos, foi o primeiro dos Romanos que venceu os Alemães que vivem além do Reno, fabricando ãa ponte sobre este Rio. Dele se diz que não apetecia senão cousas grandíssimas, e mui dificultosas. Estando em França procurou que o fizessem Cônsul, e vendo que não faziam memória dele absente, moveu armas contra a pátria, resistiu-lhe Pompeo seu genro, da parte da República, e ultimamente foi Pompeo vencido nos campos farsálicos, e César pacífico senhor de Roma não ousando tomar o título de Rei, tomou outro mais honesto de Emperador, que é o mesmo que General de Campo de guerra. E escapando de muitas treições, e perigos de guerras, morreu na

---

<sup>1</sup> No ms., «secundam» foi inicialmente grafada como «segundam». Sobre o «g» foi desenhado o «c».

<sup>II</sup> No ms.: «Augusto, pelo #Papa Leão#»...

---

<sup>302</sup> D. Marcos cita o texto de James Gordon, no passo relativo ao ano 812 d.C., com uma variante: omite a expressão *et alii*, na frase *Eginhardus, et alij hanc secundam...* (*Operis Chronologici Tomus Alter*, 1614, p. 260).

<sup>303</sup> D. Marcos referir-se-á às obras de Esteban de Garibay e de Juan de Mariana S.I., decerto consciente de que a *Historia General de España* composta por este último desencadeara uma fortíssima reacção crítica, entre leigos (a alta nobreza) e religiosos (desde logo, a Companhia de Jesus). Dessa onda de indignação eram exemplo as já citadas *Advertencias* de Pedro Mantuano, secretário de uma figura tão poderosa como o Condestável Juan de Velasco, que havia, ele próprio, tecido objecções ao Padre Mariana (v. Enrique García Hernán, «La España de los Cronistas Reales en los Siglos XVI y XVII», *Norba. Revista de Historia*, vol. 19, 2006, pp. 125-150).

<sup>304</sup> O «autor grave» é o jesuíta escocês James Gordon, que D. Marcos aqui cita de novo, de calcando a informação relativa ao ano de 814 d.C.: *Obijt Carolus Aquisgrani 28. Ianuarii, aetatis anno 72. Princeps verè Magnus, dignus Imperio, & qui rem Christianam auxit armis, pietate, & templis [...]*. (*Operis Chronologici Tomus Alter*, 1614, p. 260).

paz, estando no Senado, com vinte e três<sup>1</sup> punheladas, das quais só ãa era mortal, devia de ser a que lhe deu seu querido Bruto. Depois de sua morte sucedeu-lhe seu sobrinho Octaviano, acrescentando ao próprio apelido o de César, com o qual continuam até hoje os Imperadores do Ocidente. Vide Plutarco<sup>305</sup>, Suetônio<sup>306</sup>, e outros infinitos. Dos Reis de Portugal de quem faz o poeta menção trataremos noutra parte, onde é o seu próprio lugar.

14.

Nem deixarão meus versos esquecidos  
aqueles que nos Reinos lá da Aurora  
se fizeram por armas tão subidos,  
vossa bandeira sempre vencedora.  
Um Pacheco fortíssimo, e os temidos  
Almeidas, por quem inda<sup>307</sup> o Tejo chora,  
Albuquerque terrível, Castro forte  
e outros em quem poder não teve a morte. (39v)//

Nem deixará minha Musa de cantar louvores daqueles cavaleiros que nos Reinos orientais, por armas, valor, e esforço alcançaram nome famoso entre os homens; fazendo vossa bandeira e quinas Reais de vosso Reino sempre vencedoras. Entre os quais foi Duarte Pacheco Pereira<sup>II</sup> o primeiro que naquelas partes mostrou o fio do valor português, e os Almeidas pai e filho tão temidos dos infiéis pelos ásperos castigos que lhe deram, por quem o Tejo suspira, que os criou. E aquele terribilíssimo Capitão Afonso de Albuquerque. E D. João de Castro, tão cheo de esforço e fortaleza, e outros muitos que hoje vivem na memória dos homens, inda depois de mortos.

Como destes Capitães havemos de dar conta em seu lugar, aqui o não faremos, por não contar as cousas duas vezes. Ali onde diz «vossa bandeira sempre vencedora», se entende ãa conjunção, é como se dissera: fizeram-se subidos por armas, e vossa bandeira *ect.*

Pacheco fortíssimo.

<sup>1</sup> No ms.: «com vinte e três punheladas»...

<sup>II</sup> No ms.: «Pereira q̄ foi opr.»...

<sup>305</sup> D. Marcos recordou já, desta obra de Plutarco, a *Alexandri Magni Vita*. Agora alude a *C. Caesaris Vita*, que, numa versão latina (*Iacobo Angelo de Scarparia interprete*), foi publicada em volumes como *Plutarchi Cheronei Græcorum Romanorumque Illustrum Vitæ*, 1542, fls. 268-279.

<sup>306</sup> Caius Suetonius Tranquillus, *De vita Caesarum*, I (*Divvs Ivlius*).

<sup>307</sup> Na edição *princeps*, como em todas quantas se fizeram até 1631, «por quem sempre o Tejo chora».

Com muita razão usa deste superlativo, porque este capitão com mui pouca gente fez muito, e mostrou onde podia chegar a fortaleza humana, como adiante mostraremos.

### Albuquerque terrível.

*Terribilis* em latim quer dizer cousa que faz terror e espanto. Terrível, ou terrível em português isto mesmo quer dizer, e ordinariamente a um homem de áspera condição chamamos-lhe terrível de condição. Tudo isto convém a Afonso de Albuquerque, porque de propósito se fazia terrível aos inimigos, como quando quebrou a mesa com ãa punhada, e abraçou o mouro estando armado, pera mostrar que tinha o peito duro. De sua condição pera com os portugueses também era terrível. Diz João de Barros que sentiu ele muito<sup>I</sup> a morte de seu sobrinho D. António de Noronha. «Cá não somente o ajudava ele<sup>308</sup> nos trabalhos da guerra, mas ainda curava algũas paxões entre ele e<sup>II</sup> os Capitães, porque como Afonso d'Albuquerque era ardego e fragueiro em os negócios de seu ofício, e algũas vezes mau de contentar, sempre se aproveitava de um bom terceiro por quem ele queria soldar aquelas quebras de palavras do primeiro ímpeto de sua menencia» *ect.*, e por isto lhe chama terrível. (40)//

Barros, *Déc.* 2,  
li. 5, c. 8

Também terrível se toma por belicoso, determinado, atrevido. Donde diz Bothero que a nação portuguesa é a que participa<sup>III</sup> do furor e terribilidade da guerra mais que outra<sup>309</sup>. E neste sentido (pois é de mais louvor que os outros) se pode entender este lugar.

### Castro forte.

D. João de Castro é este a quem quadra muito bem este apelido de forte por seu grande esforço e valentia, e principalmente pela presteza<sup>IV</sup> com que acudiu ao cerco de Diu com socorro, mandando seus filhos e depois indo em pessoa, onde contra os parecer[es]<sup>V</sup> de muitos acometeu com grande ousadia o arraial dos inimigos, e os venceu, como em seu lugar veremos.

### E outros em quem poder não teve a morte.

<sup>I</sup> No ms.: «sentiu elle \*m<sup>to</sup>\* amortedese sobrinho»...

<sup>II</sup> No ms.: «entre elle\* e\* os Capitaẽs»...

<sup>III</sup> No ms.: «heaque **mais** participa do furor»...

<sup>IV</sup> No ms.: «**mais** principalmente pella **fortaleza/presteza** cõ q̄ acudia»...

<sup>V</sup> No ms.: «empessoa; e **onde** contraos parecerdemuitos»... O lapso é evidente; a solução, por hipótese, dupla: contra os pareceres; contra o parecer.

<sup>308</sup> Trata-se, na verdade, de um passo do cap. VII (*Decada Segvnda da Asia de Ioão de Barros*, 1628, V, VII, f. 113v). No texto de Barros dizia-se: «Cá não somente o ajudava nos trabalhos da guerra»; «paixões»; «per quem ele cria soldar»; «manencia».

<sup>309</sup> V. *supra*, nota 194.

Veja-se o que dissemos sobre a segunda oitava, naquele verso «se vão das leis da morte libertando.»

Plaut. in  
*Captivis*

*Qui per virtutem peritat, non pol interit.*<sup>310</sup>

15

E enquanto eu estes canto, e a vós não posso,  
sublime Rei, que não me atrevo a tanto,  
tomai as rédeas vós do Reino vosso,  
dareis matéria a nunca ouvido canto.  
Comecem a sentir o peso grosso  
que pelo<sup>311</sup> Mundo todo faça espanto  
de exércitos e feitos singulares,  
de África as terras, e de<sup>312</sup> Oriente os mares.

Mas enquanto me eu ocupo em escrever os feitos destes barões insignes que nomeei, entrai vós (ó poderoso Rei) no governo de vossos Reinos, fazendo obras dignas de mais célebre escritura. Comecem daqui por diante as cidades africanas, e as praias orientais, a sentir vosso poder, fazendo vossos exércitos e armadas feitos tão estremados que por espanto em todo o universo deles se pratique. (40v)//

16

Em vós os olhos tem o Mouro frio  
em quem vê seu exício afigurado,  
só com vos ver o bárbaro Gentio  
mostra o pescoço ao jugo já inclinado.  
Tétis todo o cerúleo senhorio  
tem pera vós por dote aparelhado,  
que afeiçoada ao gesto belo, e tenro,  
deseja de comprar-vos pera genro.

*Haec sunt atque  
aliae multae/in  
magnis dotibus.  
Incommodita-  
tes, sumptusque  
intolerabiles.  
Nam quae  
indotata est ea  
in potestate est  
viri. Dotatae  
mactant et  
malo et damno  
viros.*<sup>313</sup>

Os Mouros africanos vendo a inclinação vossa natural afeiçoada às guerras contra eles, como quem recea sua total destruição, se dão por perdidos. E vendo os Idólatras, e gentios, vosso gesto belicoso, já se vos rendem antes de experimentar

---

<sup>310</sup> Titus Maccius Plautus, *Captivi duo*, v. 690. Na edição de referência: *Qui per virtutem, periit, at non interit.*

<sup>311</sup> Na edição *princeps*, bem como nas de 1584, 1597, 1609, 1612, 1626: «polo mundo». Nas edições de 1591, 1613 e 1631, «pelo mundo».

<sup>312</sup> Na edição *princeps*, bem como nas de 1584, 1591, 1609 e 1612, «e do Oriente os mares». Na edição de 1597, «do Oriente os mares». Na edição de 1613 (fls. 11v e 12), acham-se duas formas: «e d'Oriento os mares» (versão adoptada também em 1626 e 1631), «e de Oriente os mares».

<sup>313</sup> Titus Maccius Plautus, *Aulularia*, vv. 532-535.

vossas armas. Tétis, Deusa do mar, tudo o que nele<sup>1</sup> possui vos dá em casamento com ãa de suas filhas, afeiçoada à vossa gentileza.

Deseja de comprar-vos pera genro.  
*Teque sibi generum Thetis emat omnibus undis.*<sup>314</sup>

V., 1 G.

A sentença deste verso é de Virgílio, o qual como em tudo foi estremado o foi também em ela, porque declarou em breves palavras como as mulheres bem dotadas tem os maridos por servos comprados com o dinheiro de seus largos dotes. Isto chorava o velho Dameneto na Comédia de Plauto dizendo

Plautus in  
*Asinaria*

*Argentum accepi dote, Imperium vendidi.*<sup>315</sup>

Horácio, querendo louvar o bom governo dos Getas, disse entre outras cousas:

*Nec dotata regit virum*<sup>II</sup>  
*Coniux.*<sup>316</sup>  
Nem a mulher bem dotada rege ao marido.

Plutarco, entre outros preceitos que dá pera bem casar, é um que a mulher se não há-de escolher com os dedos, que é com o dinheiro, que com os dedos se conta, como o provérbio antigo dezia, *Oportet autem non oculis, nec digitis uxorem capere, ut aliqui facere solent reputantes quam grandem dotem ferat, non quibus moribus sit cum ipsis victura*. Por isso Almena dezia a Anfitrião seu marido, lançando-lhe em rosto o dote que com ela lhe deram, (41)// que o dote de<sup>III</sup> que mais se prezava eram suas virtudes e boas partes:

Plutarc. in l.  
*De Praeceptis  
connubialibus,*  
praec. 25

apud Plautum  
in *Amphitri*.

*Non ego illam mihi dotem duco esse quae dos dicitur  
Sed pudicitiam, et pudorem et sedatum Cupidinem  
Deum metum, parentum amorem, et Cognatum concordiam  
Tibi morigera, atque ut munifica sim bonis prosim probis.*<sup>317</sup>

<sup>1</sup> No ms.: «tudo oque\*ne\*Ile possue»...

<sup>II</sup> No ms.: «Nec dotata Regit virum/virum Coniux» (a barra oblíqua indica aqui a separação de versos em linhas distintas).

<sup>III</sup> No ms.: «odote\*de\*que mais sepresava»...

<sup>314</sup> Publius Virgilius Maro, *Georgica*, I, v. 31.

<sup>315</sup> Titus Maccius Plautus, *Asinaria*, v. 87. Este passo (com pontuação distinta daquela que D. Marcos aplica: *Argentum accepi, dote imperium vendidi*) surge entre os *excerpta* apresentados na *Polyanthea Nova* sob o título *Dos* (1607, p. 361).

<sup>316</sup> Quintus Horatius Flaccus, *Carmina*, III, 24, vv. 19-20. Na edição de referência: *coniunx*.

<sup>317</sup> Titus Maccius Plautus, *Amphitruo*, v. 839-842. D. Marcos lembraria versos desta comédia de Plauto, citados na *Polyanthea Nova*, sob o título *Dos* (1607, p. 361)? Certo é que mostra possuir conhecimento pleno do fragmento citado, pois insere-o na acção dramática e identifica a personagem que profere tais palavras.

Plaut. in  
*Aulularia*

E no mesmo Plauto disse outro que pedia a um homem sua filha por mulher<sup>1</sup>, se a mulher tem bons costumes não quero outro dote:

*Dum modo morata recte veniat dotata est satis.*<sup>318</sup>

Este é o dote verdadeiro que os homens não-de buscar primeiro que tudo. Também a nobreza, e virtude dos pais, boa parte de dote e herança é pera os filhos.

Horat., l. 3,  
o. 25

Assi o disse Horácio: *Dos est magna parentum virtus.*<sup>319</sup>

Plutar. *ubi  
supra*

O dote, celebrado o casamento, há-de perder o nome de quem foi, e tomar o de quem o possui. Traz Plutarco ãa comparação com que declara isto estremada: quando se mistura a água com o vinho pera ficar temperado, inda que a água seja mais, sempre lhe chamamos vinho. Assi o dote da mulher, inda que seja mais rico que a fazenda do marido, depois que se ajunta todo se chama fazenda do homem, e não da mulher. Tomamos ocasião desta sentença de Virgílio e Camões pera dar aqui esta doutrina, pois o demais tem pouco em que nos detenhamos.<sup>11</sup>

Mouro frio.

Medroso, porque o medo faz recolher o sangue ao coração, e desemparar os membros, que sem ele ficam frios. Virgílio no 10 diz que vendo os Árcades o seu príncipe Palante desafiar a Turno, ficaram frios com medo: *Frigidus Arcadia coit in praecordia sanguis.*<sup>320</sup>

Torcatto Tasso,  
na Comed.  
*Daphnes*

Torquato Tasso

*Cossi deto  
precipitosse de alto  
col capo in giuso et io restai de ghiacco.*<sup>321</sup>

<sup>1</sup> No ms.: «por molher disse se»...

<sup>11</sup> No ms., um forte traço oblíquo sobre este parágrafo parece indicar uma intenção de rasura.

<sup>318</sup> Titus Maccius Plautus, *Aulularia*, v. 239. O passo figura na *Polyanthea Nova*, entre os *excerpta* reunidos sob o título *Dos* (1607, p. 361).

<sup>319</sup> Quintus Horatius Flaccus, *Carmina*, III, 24, vv. 21-22. Na edição de referência: *parentium*. O passo acha-se na *Polyanthea Nova*, sob o título *Dos* (1607, p. 361), mas D. Marcos altera o latim (opta pela forma do genitivo *parentum*, em vez de *parentium*) e a localização do excerto (em vez de *Hor. 3. Carm. 24*, indica *Horat. l. 3 o. 25*).

<sup>320</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, X, v. 452. Na edição de referência: *Arcadibus*.

<sup>321</sup> O fragmento pertence à obra de Torquato Tasso intitulada *Aminta. Favola Boschereccia* (1.<sup>a</sup> ed.: 1581), Acto IV, Cena II, vv. 93-95, e faz parte da fala de um mensageiro que narra, perante Dafne e Sílvia, o que julga ter sido a morte, ditada pelo desespero amoroso, do jovem Aminta (1590, p. 68). Há interferências linguísticas do português na transcrição do texto italiano: D. Marcos escreve *corsi* e não *cosi*; *de alto*, e não *d'alto*; *de ghiacco*, em lugar de *di ghiaccio*.

João de Mena

Mena na  
Coroação,  
copla 22

*La mi sangre que alterara  
la visible tentación<sup>322</sup>  
desque frio me dexara  
robó la flor de mi cara  
por prestarla al coraçon. (41v)//*

Sobre a qual copla o mesmo autor, que se comentou a si mesmo, diz muitas cousas a nosso prepósito que aí se podem ver.<sup>323</sup>

Bárbaro.

Strabo Capadócio diz que este nome é fictício, e que o punham em Atenas aos estrangeiros que pronunciavam mal a língua Grega, porque repetiam muitas vezes esta sílaba *bar*<sup>324</sup>. A todas as nações do Mundo chamavam os Gregos bárbaros, senão a sua, isto de arrogantes, donde Plauto chamou a Névio poeta latino bárbaro<sup>325</sup>. Hoje são chamadas Bárbaras todas as nações que carecem de letras e verdadeira polícia, e porque os Gentios que vivem ainda nas superstições e erros de sua Lei, com razão são chamados bárbaros<sup>326</sup>. Mas segundo meu juízo, não só os gentios, e mouros, mas ainda todos os Hereges e Cismáticos com muita justiça puderam ser compreendidos debaxo deste nome. Chama-se também bárbaro, todo o costume fero e desarrezoado. Assi lhe chamou Cícero: *Immanis ac barbara consuetudo hominum immolandorum ect.*<sup>327</sup> Bárbaro também se chama homem que fala mal, por falta de letras e polícia.

Strabus, l. 14

---

<sup>322</sup> Na edição de *Las Trezientas* impressa em 1566, lê-se *la visible turbacion* (f. 293v).

<sup>323</sup> Juan de Mena acrescentou às coplas da *Coronación*, poema dedicado ao Marquês de Santillana, D. Iñigo Lopez de Mendoza, um *Comento* no qual, para lá da explicação do sentido figurado do texto (i.e. sentido metafórico), procura expor a *historia y verdad* que lhe subjazem, bem como a *Aplicacion y moralidad* que encerram.

<sup>324</sup> D. Marcos alude a um passo da *Geografia* de Estrabão (14, 2, 28).

<sup>325</sup> Cnaeus Naevius (c. 270-c. 201 a.C.), poeta e dramaturgo cuja obra só fragmentariamente é conhecida, atacou satiricamente os Metelli, Cônsules de Roma, e terá por isso sido levado à prisão. Parece ser Névio a figura à qual Plauto alude, no *Miles Gloriosus* (vv. 211-212), ao falar de um bárbaro poeta que, cativo e punido, é incessantemente vigiado por dois guardas: *Nam os columnatum poetae esse indaudivi barbaro./Cui bini custodes semper toti horis occubant.*

<sup>326</sup> Posição distinta, apresentou-a um contemporâneo de Camões, Michel de Montaigne (1533-1592), em *Des Cannibales* (*Essais*, I, 31).

<sup>327</sup> Marcus Tullius Cicero, *Oratio Pro M. Fonteio*, XIV, 31. Cícero desvaloriza, numa pergunta retórica, o valor de testemunhas «bárbaras», que manteriam ainda o costume de sacrificar aos deuses vidas humanas: *Quis enim ignorat eos usque ad hanc diem retinere illam immanem ac barbaram consuetudinem hominum immolandorum?*

## Gentio.

Homem que adora ídolos, nome que os Hebreus deram a todas as nações tirando à sua, e por este nome גוים que entre eles é plural que carece de singular, entendem os gentios. Começa o segundo salmo: לפח רגשגוים, *lamah ragsu goim, quare fremuerunt gentes ect.*<sup>328</sup> E porque *goim* quer dizer gente, os latinos que escreveram as cousas sagradas por este nome *Gentes* entendem os gentios. Em Grego εθνος, *ethnos*, quer dizer Gente, usam alguns deste nome, *ethnicus*, por gentio. De sorte que *goim* em hebreu, *ethnos* em grego, *gentes* em latim, tem a mesma significação conforme à gramática de cada ãa das línguas. Nós, como a nossa língua é filha adoptiva da latina, seguindo sua propriedade chamamos Gentio aos que adoram os ídolos.

## Tétis.

Mulher de Peleu Rei de Tessália, filha de Nereu Deus do mar. Toma-se pelo mesmo mar.

Vir., Eg. 4

Virg.: *Qui tentare Thetim ratibus.*<sup>329</sup> (42)//

## Cerúleo senhorio.

Ovid., 2 *Met.*  
Virg. in 12  
*Aenead.*

O governo e poder sobre as ondas, que se chamam em latim *caeruleas*, que quer dizer de cor de céu, donde disse o poeta Ovídio<sup>1</sup>, *Caeruleos habet unda Deos ect.*<sup>330</sup>, Virgílio, *et quae caeruleo sunt numina ponto*<sup>331</sup>. Este era o dote com que Tétis comprava a El Rei D. Sebastião pera genro. Lembrou-me ãa autoridade de Plutarco, que diz, *qui se ipsis longe ampliores capiunt uxores non earum maritos, verum dotis mancipia fecisse se nesciunt*<sup>332</sup>, os que casam com grandes dotes não são maridos mas escravos comprados com os dotes ricos.

17

Em vós se vem da Olímpica morada  
dos dous avós as almas cá famosas,  
ũa na paz angélica dourada,

---

<sup>1</sup> No ms.: «opoeta \*Ovidio\* Caeruleos»...

---

<sup>328</sup> Liber Psalmorum Iuxta Septuaginta Emendatus, 2,1.

<sup>329</sup> Publius Virgilius Maro, *Bucolica*, IV, v. 32. Na edição de referência: *quae temptare Thetim ratibus.*

<sup>330</sup> Publius Ovidius Naso, *Metamorphoses*, II, v. 8.

<sup>331</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, XII, v. 182.

<sup>332</sup> *Plutarchi Chæronæi De Liberis educandis*, 1558, p. 34.

outra pelas<sup>333</sup> batalhas sanguinosas.  
Em vós esperam, ver-se renovada  
sua memória, e obras valerosas,  
e lá vos tem lugar no fim da idade  
no Templo da suprema eternidade.

*Ac templi ect.*  
Boetius, l. 4,  
metr. 7:  
*Ite nunc fortes,  
ubi celsa magni  
ducit templi via  
cur inertes  
terga nudatis,  
superata tellus  
sydera donat.*<sup>334</sup>

Em vós se está vendo o retrato daqueles dous gloriosos avós, El Rei D. João terceiro de Portugal, e Carlos Quinto Emperador de Alemanha, este pai de vossa mãe<sup>1</sup>, acoloutro de vosso pai. Um célebre pela paz que gozou, que é própria dos Anjos, e que tiveram aqueles que viveram na idade dourada. O outro afamado pelas grandes vitórias que de seus contrários alcançou. Lá na glória onde estão tem confiança que a memória de suas obras valerosas em vós seja renovada, guardando-vos entretanto lá no Céu o lugar que Deus costuma dar aos Católicos Reis, no templo de sua bem-aventurança.

Em vós se vem *ect.*

Primeiro, movia o ânimo a El Rei D. Sebastião, com a memória de seus antepassados, a emprender obras valerosas, agora o obriga com a lembrança que lhe faz dos dous avós, parentes tão chegados, e tão excelentes príncipes, um nas cousas que fez na paz, outro na glória que alcançou na guerra. (42v)// De seu pai o príncipe D. João não faz caso nem menção porque morreu em idade de dezasseis anos sem deixar no mundo feita obra insigne<sup>335</sup>. Sabiamente exorta o nosso Poeta a El Rei D. Sebastião com o exemplo destes dous avós, à paz, e à guerra. Mas porém mais o inclina a ser pacífico, que guerreiro, por isso chama aqui, à paz, «angélica» e «dourada», e à guerra, «sanguinolenta». Na paz El Rei D. João fez muitas cousas que ilustraram o seu Reino, como foi a Reformação das Religiões, a instituição da célebre Universidade de Coimbra, e sobretudo, com alevantar e instituir o tribunal, digno de toda a veneração e respeito, do Santo Ofício, que se ele não fora, não sei se houvera já Cristandade neste Reino. O famoso Emperador Carlos, que é outro avô de D. Sebastião, gastou toda a sua vida em batalhas, ora contra hereges, ora contra mouros, ora contra outros inimigos seus, que o não

---

<sup>1</sup> No ms.: «mãe, asacoloutro»... (leitura hipotética).

---

<sup>333</sup> Na edição *princeps*, como nas de 1584, 1591, 1597, 1609, 1612 e 1626, «polas batalhas»; na edição de 1613 e na de 1631, «pelas batalhas».

<sup>334</sup> Anicius Manlius Severinus Boethius, *Consolatio Philosophiae*, IV, metr. VII, vv. 32-35. Na edição de referência: *Ducit exempli via; Sidera.*

<sup>335</sup> O príncipe D. João morreu em Janeiro de 1554, cerca de três semanas antes do nascimento do filho, o futuro D. Sebastião. O seu desaparecimento foi nesse tempo lamentado por várias figuras, mais ou menos vinculadas ao mundo da corte – entre elas, Camões. D. Marcos, que não esboça nos seus Comentários relações entre a épica e a lírica do Poeta, deixa por lembrar a écloga fúnebre «Umbrano».

deixavam gozar da paz que seu primo e cunhado El Rei D. João 3.º logrou toda sua vida. É pera que se saiba quanto vai da guerra à paz, e o proveito que a paz traz e os danos que a guerra causa, contarei ãa cousa que li em frei Lourenço Súrrio acerca deste Emperador. Estava ele em Borgonha, e com ele seu filho Felipe, e sua Irmã Maria Rainha de Hungria, estavam todos três praticando, começou ele a contar seus trabalhos, desconsolações e desassossegos, com tanto sentimento que todos fizeram um geral pranto, que tanto os enterneceu a prática daquele príncipe<sup>336</sup>. Diz Súrrio estas palavras: *Lachrymabatur autem Caesar ipse. Porro filius Philippus rex, et Maria Regina Pannoniae, et plurimi proceres mirabiliter doluerunt et*<sup>337</sup> *in profusissimas lachrymas eruperunt*. Onde noto, que sendo Carlos tão bem afortunado em suas batalhas, tão querido de todos, que os Alemães lhe chamavam pai e o seu nome naquele tempo era *delitiae orbis Christiani*, o Papa Paulo 3 lhe tinha dado o sobrenome de Máximo, e Fortíssimo, e estando presente sua Irmã Maria, que tinha perdido o marido na flor da idade, e o Reino de que era Rainha estava quasi arruinado pelos turcos, teve contudo Carlos mais lástimas que dizer de suas vitórias e triunfos que os outros, e sua própria Irmã, de tantos infortúnios como passara. (43)// E tanto suspirou pola paz este Príncipe tão ditoso nas guerras, que não a podendo alcançar como desejava, porque a dignidade Imperial lho estorvava, largou-a livremente, e tudo o que no mundo possuía, e se recolheu com Deus num deserto como Anacoreta, e ali viveu com aquela paz que tanto desejou, da qual o levou Deus pera sua glória, onde goza da paz que sempre dura. Faleceu no mesmo ano que El Rei D. João terceiro. El Rei em 11 de Junho, e o Emperador em 21 de Setembro do ano de 1558. Este termo de que Camões aqui usa com El Rei D. Sebastião, trazendo-lhe à memória seus avós, e fazendo menção das obras que fizeram, é mui comum e usado não só nas humanas mas nas divinas letras, e assi falando Deus por Esaías com os Judeus lhe disse: *Attendite ad petram unde excisi estis. Et ad cavernam laci de qua praecisi estis; atendite ad Abraham patrem vestrum, et ad Saram quae peperit vos ect.*<sup>338</sup> Olhai a origem donde decendeis, ponde os olhos em Abraão vosso pai, e em Sara que vos pariu. Doutrina temos aqui assi pera os filhos como pera os pais. Imitem os filhos as boas obras dos pais, façam os pais obras dignas de ser imitadas de seus filhos<sup>1</sup>. Plutarco diz: *Ante omnia opus*

Esaías, c. 52

<sup>1</sup> No ms.: «dignas deser imitadas \*deseus f.ºs\*».

<sup>336</sup> D. Marcos recorda o *Commentarius Brevis Rerum in Orbe Gestarum*, obra que poderá ter conhecido numa edição que dela se fez em 1564, na qual à obra de Nauclerus (c. 1425-1510) se juntava a sua continuação pelo frade cartuxo alemão Laurentius Surius, i.e. Lorenz Sauer (1522-1578): o *Tomus Secundus Chronicon D. Iohannis Navcleri* vinha *Cum Appendice noua rerum interim gestarum, videlicet ab initio anni 1501. vsque ad Septembrem praesentis 1564. ex optimis quibusq; Scriptoribus per Laurentium Surium Carthusianum summa fide & studio congesta*. Na sua paráfrase, D. Marcos amplifica o texto de Surius, onde se lê que Carlos V, ladeado pelo filho, Filipe, e pela irmã, Maria de Hungria, *Enarrabat tum ad eos qui aderant, labores suos & annos Regni sui, idque viua voce, & valdè oratoriè, gravitèr, & copiosè* (*Commentarius Brevis*, 1602, p. 480).

<sup>337</sup> No texto de Surius: *& multi in profusissimas...* (*Commentarius Brevis*, 1602, p. 480).

<sup>338</sup> Isaías Propheta, 51, 1-2. Na edição de referência: *adendite ad Abraham patrem vestrum et ad Sarram...*

*est ut patres non solum nihil peccando verum etiam honesta singula peragendo, manifestum sese filiis exemplar exhibeant. Ut in eorum vitam quasi quoddam speculum intuentes ab operum simul et sermonum turpitudine se penitus avertant*<sup>339</sup>. Esta é a causa por que os antigos nos pátios de suas casas tinham esculpidas as imagens de seus antepassados, porque ao entrar e sair de casa vissem aqueles que lhe haviam de servir de guias em todas suas obras, e aquelas mudas figuras os estavam amoestando, que pera alcançar a glória e nome que eles alcançaram seguissem os caminhos que lhe deixaram francos com seu exemplo, e porque estas imagens não podiam ser levantadas senão a homens valerosos, e proveitosos à República, quantas mais estátuas cada um conservava no seu solar, tanto era tido por mais nobre<sup>340</sup>. Suetônio, na *Vida de Galba*, trouxe por argumento da nobreza deste Emperador as muitas e antigas imagens que em seus paços tinha<sup>341</sup>. Creio que o maior louvor que as armas tem, é que os esforçados e belicosos comunicam esta generosa inclinação a seus filhos, o que as letras não fazem. Por isso Ulisses (43v)// antes que de Tróia partisse fez com muita diligência buscar a Astianacte filho de Heitor, e o matou, porque da geração de tão esforçado Capitão se não davam os Gregos por seguros. *Fortes creantur fortibus est in iuvencis, est in equis patrum vigor, nec imbellem feroces progenerant aquillae columbam*.<sup>342</sup>

Dá Torcato Tasso a rezaõ natural desta comuni[ca]ção<sup>1</sup> de costumes dizendo assi: *Noi più facilmente hereditamo da padri l' inclinatione a la virtù morale que le inclinatione a la scienza ect.* E diz logo: *Ma le virtù de costume son forma del appetito del senso il qual resulta de la mescolanza, e temperamento de la materia si que noi il riconosciamo dal padre ect.*<sup>343</sup> Por isso conclui Plutarco que é um

Plutar., *lib. de liberis educandis*

Suetoni. in *Galba* cap. 2 & 3

Seneca in *Trag. Troas*; Horat., l. 4, o. 1; Torcatus Tass., *De nobilità*

<sup>1</sup> No ms.: «desta comunicação».

<sup>339</sup> *Plvtarchi Chæronei De Liberis educandis*, 1558, p. 34.

<sup>340</sup> Na *Polyantha Nova*, sob o título *Nobilitas*, D. Marcos poderá ter achado informação similar: *In Aegypto in domorum vestibulis, alas vulturum proponere, indicium nobilitatis & vetustatis familie erat. Alexander lib. 5, cap. 24.* (1607, p. 800).

<sup>341</sup> V. Caius Suetonius Tranquillus, *De vita Caesarum*, VII, II. Suetônio recorda que Galba sucedeu a Nero sem ter nenhum laço a uni-lo à família dos Césares, e afirma que era, no entanto, de ilustre linhagem. Galba – diz – tratou de exaltar essas raízes: nas suas estátuas, fez inscrever a condição de descendente de Quintus Catulus Capitolinus, o reconstrutor do Capitólio; e, uma vez imperador, exibiu no átrio de casa um *stemma* no qual surgia como descendente de Júpiter (pelo lado paterno) e de Pasífae, mulher de Minos (pelo lado materno).

<sup>342</sup> Quintus Horatius Flaccus, *Carmina*, IV, 4, vv. 29-32. Na edição de referência: *fortes creantur fortibus et bonis; / est in iuvenis, est in equis patrum / virtus, neque imbellem feroces / progenerant aquilae columbam.*

<sup>343</sup> D. Marcos cita o diálogo de Torquato Tasso, *Il Forno overo della nobilità*, que, redigido entre c. 1578 e 1580, teve a sua primeira edição (a primeira de várias outras, sucessivas) em 1581. Pertencem a uma fala da personagem de Agostino Bucci os fragmentos aqui reproduzidos, numa cópia que – tudo indica – denuncia um fraco domínio da língua italiana, pois confunde, deturpando o texto, formas do singular e do plural. Recorde-se o original: *noi più facilmente ereditiamo da' padri l'inclinazione alle virtù morali che l'inclinazione alle scienze. [...] ma le virtù de' costumi son forma dell'appetito del senso, il qual risulta dalla mescolanza e temperamento della materia, sì che noi il riconosciamo dal padre.* (Torquato Tasso, *Il Forno*, 1999, p. 117).

tesouro grande ser filho de bons pais: *Pulcher igitur libertatis ac licentiae thesaurus est bonis procreatum esse parentibus*<sup>344</sup>. Não duvido que há alguns que guardam mal esta decendência, dos quais se pode dizer o que o nosso Camões diz adiante:

Do justo e duro Pedro nasce o brando  
(vede da natureza o desconcerto)  
remisso e sem cuidado algum Fernando.<sup>345</sup>

Não caiu este desconcerto da natureza sobre o venerável Rei D. Sancho, filho del Rei D. Afonso Henriques, do qual diz o Cronista que quando foi na Batalha que deu aos mouros de Sevilha (como adiante veremos), cortava este Príncipe também da espada, e tão denodadamente feria os inimigos que bem mostrava ser filho de seu pai.

18  
Mas enquanto este tempo passa lento  
de regerdes os povos que o desejam  
dai vós favor ao novo atrevimento  
pera que estes meus versos vossos sejam.  
E vereis ir cortando o salso argento  
os vossos Argonautas, porque vejam  
que são vistos de vós no mar irado,  
e costumai-vos já a ser invocado. (44)//

Mas enquanto vagaroso passa o tempo de tomardes o governo de vossos vasallos tão desejado, recebei com benignidade esta nova oferta minha, inda que atrevida, porque sendo de vós aceita, com o nome vosso em todo mundo será recebida. E logo vos começarei a poer diante dos olhos os vossos Portugueses, novos Argonautas, os quais vão cortando as prateadas ondas, e vendo eles que de vós são vistos se lhe dobrará o ânimo entre as tormentas do mar tempestuoso. E ide-vos acostumando já a ouvir os que vos invocam.

A fábrica desta oitava é de Virgílio, tirada no lugar alegado, quando falando com Augusto César lhe dedica a obra das sementeiras.

Dai vós favor ao novo atrevimento,  
*Da facilem cursum, atque audacibus annue coeptis.*<sup>346</sup>  
E costumai-vos já a ser invocado,  
*Et votis iam nunc assuesce vocari.*<sup>347</sup>

---

<sup>344</sup> *Plutarchi Chæronæi De Liberis educandis*, 1558, p. 3.

<sup>345</sup> *Os Lusíadas*, III, 138, vv. 1-3.

<sup>346</sup> Publius Virgilius Maro, *Georgica*, I, v. 40. Na edição de referência: *admue*.

<sup>347</sup> Publius Virgilius Maro, *Georgica*, I, v. 42. Na edição de referência: *et votis iam nunc ad-suesce vocari*.

E onde diz «vereis os vossos Argonautas», é o mesmo que dizer-lhe cantos e as histórias de vossos vassallos. Virgílio: *Munera vuestra cano*.<sup>348</sup>

Porque vejam que são vistos de vós *ect*.

Quer dizer o poeta, ponde os olhos nesta minha obra, estes são os Argonautas que lhe manda ver, porque dos descobridores da Índia mal podia ele falar. Assi mesmo Virgílio diz a Augusto César, que acompanhe com benignidade aqueles seus rústicos lavradores, que não sabem o caminho, pelos quais entende aquela sua obra.

*Ignarosque viae mecum miseratus agrestes  
Ingrederere.*<sup>349</sup>

Argonautas.

Éson Rei de Tessália foi pai de Jason. E pera que este seu filho aprendesse bons costumes, e a arte de medecina naquele tempo tão prezada, deu-o a criar ao Centauro Quíron, que também foi mestre de Aquiles. E porque El Rei Éson era já velho, e seu filho Jason muito moço, enquanto crecia, deu o governo do Reino a um seu Irmão chamado Pélias, o qual determinou de o não largar mas possuí-lo tiranicamente. Tinha este Pélias ouvido a um oráculo que se guardasse daquele homem que a ele viesse com um pé calçado, outro descalço. Acabou Jason de aprender com seu mestre, e vendo-se em idade já capaz pera governar seus estados, foi-se a Tessália desconhe(44v)//cido. E chegando a um Rio chamado Anauro, achou ãa velha que não se atrevia a passá-lo, e ele como era mancebo forçoso, e bem inclinado, tomou a velha às costas e passou-a, e ao passar por descuido caiu-lhe um dos seus sapatos na água sem o ele sentir. Esta velha dizem os poetas que era Juno. Como Jason fosse só e desconhecido, com um pé calçado outro descalço, receava de ir ante a presença do tio, mas enfim foi. O tio quando o viu naquele trajo, lembrou-se do oráculo, e quisera-o matar, mas receou-se dos seus, que em o conhecendo, logo agasalharam a Jason. Andava Éson<sup>350</sup> traçando modo com que matasse a Jason sem infâmia própria, e ocorreu-lhe que seria bom metê-lo nalgum perigo donde se não pudesse sair. E assi lhe disse que pera provar se era ele digno daquele Reino havia de ir a Colcos em busca do velo de ouro que El Rei Aetes guardava com grande cuidado e vigilância no templo de Marte. Este velo de ouro que os poetas fingem que fora do carneiro de Frixo, querem alguns que fossem ãas minas de ouro que naquela província havia, porque os poetas nunca dizem o que passa ao pé da letra. Jason determinou de ir e mandou

---

<sup>348</sup> Publius Virgilius Maro, *Georgica*, I, v. 12. Na edição de referência, *vestra*.

<sup>349</sup> Publius Virgilius Maro, *Georgica*, I, vv. 41-42. Na edição de referência: *agrestis*.

<sup>350</sup> Trata-se de um lapso óbvio: é de Pélias que se fala.

Sêneca<sup>352</sup>,  
Virgílio<sup>353</sup> *et alii*  
Plin., 7 *Nat.*  
*his.*<sup>354</sup>  
Valério Flaco<sup>355</sup>

publicar por toda Grécia esta sua determinação, a quem acudiram muitos mancebos nobres de muitas partes. Destes escolheu Jason cinquenta e quatro, os mais principais e esforçados, cujos nomes por extenso põe Orfeu (verdade seja que não faz mais caso que de quarenta e quatro), porém Diodoro Sículo e os demais concordam em serem 54<sup>351</sup>. Capitão de todos era Jason, o qual deu ordem com que se fez ãa embarcação maior que as ordinárias, o que fez um grande oficial chamado Argos, de quem a nau tomou o nome de Argo, e os passageiros Argonautas. Tifis foi o piloto. Plínio diz que foi esta a primeira embarcação grande que no mar houve, partiram estes Argonautas do Rio Fásis, e chegando à Região de Colcos, acharam na praia um templo do Sol e junto dele a Medea, filha del Rei de Colcos, com a qual pacificamente falou Jason, dizendo-lhe quem era, e o que buscava. Ela vendo-o tão gentil-homem afeiçoou-se-lhe e deu ordem com que houvesse à mão o vela de ouro, e fugindo se embarcou com Jason já com ele casada. Tornou Jason a Tessália alcançada aquela insigne vitória, achou que Pélias tinha morto a seu pai Éson, e a sua (45)// mãe Anfínome, e o mesmo lhe faria a ele cedo. Medea, por segurar a vida a seu marido Jason, e vingar a morte de seus sogros, falou com as filhas de Pélias fingindo ser ãa mulher sábia, e velha, e disse-lhes que se quisessem tornar a seu pai de velho mancebo, que lhe mostraria o como o pudessem fazer. E diante delas matou um carneiro velho e depois com palavras e ervas o fez tornar a viver cordeiro novo. E portanto elas tirassem a seu pai todo o sangue velho, e depois lhe aplicassem aquelas ervas, e que logo se tornaria mancebo assi como aconteceu ao carneiro. Enganadas as moças com as palavras de Medea, e com o exemplo do carneiro, foram-se ao pai estando dormindo e o mataram e o escoaram de quanto sangue tinha, sem até o dia de hoje mais ressucitar, nem bulir consigo. Esta é a história de Jason e do carneiro e velocino de ouro, e dos Argonautas, com suas fábulas misturadas, que é próprio dos poetas. Aqui veremos porque chama Camões Argonautas aos portugueses que navegavam o mar da Índia. Mas quanto mais louvor estes mereceram que os outros, veja-se o que trouxemos atrás, de João de Barros, sobre a oitava 3.

<sup>351</sup> V. *En Damus Diodori Siculi Historici Græci*, 1531, p. 297.

<sup>352</sup> V. Lucius Annaeus Seneca, *Medea*. Logo nos versos iniciais, a personagem de Medeia traça a sua história e, apostrofando os deuses, recorda como haviam guiado Tifis, piloto de um novo barco: *quaque domituram freta/Tiphyn novam frenare docuisti ratem* (vv. 2-3).

<sup>353</sup> V. Publius Virgilius Maro, *Bucolica*, IV, vv. 34-35. Anunciando o ressurgimento de um tempo heróico, Virgílio aplica o nome de Tifis e de Argo como antonomásia, dizendo: *alter erit tum Tiphys et altera quae vehat Argo/delectos heroas*.

<sup>354</sup> D. Marcos elide parte da informação fornecida por Plínio, que recorda diversos autores, discrepantes na identificação da primeira viagem feita em *longa nave*: *longa nave Iasonem primum navigasse Philostephanus auctor est, Hegesias Parhalum, Ctesias Samiramin, Archemachus Aegaeonem* [...]. (*Naturalis Historia*, VII, LVI, 207). Adiante, a propósito do desenvolvimento da navegação, Plínio enumera inventos e inventores, lembrando Tifis como criador do leme: *admicula gubernandi Tiphys* (*Naturalis Historia*, VII, LVI, 209).

<sup>355</sup> V. Caius Valerius Flaccus, *Argonautica*. O encontro de Jasão e Medeia é narrado no canto V, a partir do v. 329.

Já no largo Oceano navegavam,  
 as inquietas ondas apartando,  
 os ventos brandamente respiravam,  
 das naus as velas côncavas inchando:  
 Da branca espuma os mares se mostravam  
 cobertos onde as proas vão cortando  
 as marítimas águas consagradas  
 que do gado de Proteu são cortadas.

Navegando iam os portugueses pela imensidade desse vasto mar oceano, dividindo com os esporões das naus as ondas inconstantes, os bonançosos ventos assopravam enchendo as velas todas com seus assopros. As águas que as agudas proas vão cortando em brancas (45v)// escumas se convertem. As quais águas salgadas são a Neptuno e às Nereidas consagradas, e nelas habitam os focas, ou bezerros do mar, que os poetas fingem ser guardados de Proteu, que de Neptuno recebeu encargo semelhante.

Saídos dos prelúdios, e introdução da obra, entramos na narração, e princípio da história. Na prática que fez a El Rei D. Sebastião bem seguiu (como vimos) as passadas de Virgílio, e assi vemos que acabou com as mesmas palavras o seu exórdio, porque tanto que Virgílio pôs o verso

*Ingrederere, et votis iam nunc assuesce vocari,*<sup>356</sup>

começa com a narração de sua obra dizendo

*Vere novo gelidus canis cum montibus humor ect.*<sup>357</sup>

Assi Camões tanto que chegou ao verso

E costumai-vos já a ser invocado,

conclui, e começa a narrar:

Já no largo Oceano navegavam.

Os poetas que escreveram obras épicas e poemas heróicos contando histórias de Reis e Capitães ilustres, nunca começam pelo princípio e ordem da história, como fazem os historiadores, mas começam pelo meio dela<sup>1</sup>, e lá buscam modo acomodado em que dão conta do que até então lhe sucedeu. Homero, fonte donde todos beberam, começa as guerras de Tróia pelas queixas do sacerdote de Apolo, Crises, a quem Aquiles tomara a filha Briseida. E os trabalhos de Ulisses começou-os pelo concílio dos Deuses estando Ulisses na Ilha Ogígia com a Ninfa Calipso. Virgílio começa pela tempestade do mar de Sicília. O nosso Camões

---

<sup>1</sup> No ms.: «pello meyo da historia/della, elá»....

<sup>356</sup> Publius Virgilius Maro, *Georgica*, I, v. 42.

<sup>357</sup> Publius Virgilius Maro, *Georgica*, I, v. 43.

seguindo a Homero na *Odissea* começa sua narração pelo Concílio dos Deuses, indo a armada navegando entre Moçambique e S. Lourenço. Neste tempo diz agora que se ajuntaram os Deuses.

20

Quando os Deuses no Olimpo luminoso  
onde o governo está da humana gente (46)//  
se ajuntam em Concílio glorioso  
sobre as cousas futuras do Oriente.  
Pisando o cristalino Céu fermoso  
vem pela Via Láctea, juntamente,  
convocados da parte de Tonante  
pelo neto gentil do velho Atlante.

Neste tempo os Deuses a chamado de Júpiter, que a isso mandou seu filho Mercúrio, se ajuntam em consílio no Céu, onde está o regimento dos homens, sobre os sucessos do Oriente que os portugueses iam descobrindo. Vinham todos pela via láctea em fermosa companhia pisando o Céu cristalino e fermoso.<sup>1</sup>

Nestes Concílios e ajuntamentos dos Deuses sinificavam os poetas a providência divina sobre o governo do Mundo. Homero no princípio do quarto livro da sua *Iliada* põe o Concílio dos Deuses sobre os sucessos da guerra dos Gregos e Troianos, onde Juno e Palas defendiam a causa dos Gregos em que pês a Júpiter, e finalmente vendo que não podia acabar com Juno o que queria, mandou a Palas que fosse romper as pazes que entre aquelas duas nações havia por então *ect.* Começa o livro 4, segundo a tradução de Nicolau Vala:

Homerus, 4  
*Iliad.*

*Ante Iovem interea Divum convenerat ordo  
sydeream in sedem, cunctisque loquentibus Hebe  
nectareos passim fundebat Diva liquores  
auratas illi celerant haurire vicissim  
inter se pateras caeli tum vertice Troiam  
et Danaum latos spectant prope littora campos  
At pater aethereus solio conspectus ab alto ect.*<sup>358</sup>

---

<sup>1</sup> No ms., todo este parágrafo foi escrito à margem. Por se tratar claramente de parte da paráfrase, optámos por incluí-lo no texto.

---

<sup>358</sup> A menos que usasse uma cópia com variantes, D. Marcos alterou de leve o texto ao transcrevê-lo. Para lá da flutuação no uso das maiúsculas, e para lá do recurso a uma grafia de efeito classicizante (*sydeream*), substituiu metonimicamente *fundebat* por um sinónimo, *miscibat* (*Ilias Homeri Qvatenvs Ab Nicolao Valla Tralata*, 1510, f. 9).

O outro concílio faz menção no princípio, ou perto do princípio da *Odissea*, no qual se resolveu que fosse Palas à Ilha Ítaca excitar<sup>1</sup> a Telémaco, filho de Ulisses, a despejar a casa de seu pai daqueles vadios que lhe destruíam sua fazenda, com pretexto de quererem casar com Penélope sua mãe. E no quinto livro se aponta como os Deuses de novo juntos ordenaram que fosse Mercúrio à Ilha Ogígia requerer da sua parte a Calipso que deixasse ir a Ulisses livremente para sua terra. Virgílio no décimo dos *Eneidos* põe o Concílio dos Deuses sobre as cousas dos Troianos e Rú(46v)//tulos, defendendo Juno a estes, e Vénus favorecendo acoloutros. Neste Concílio se resolveu que fizessem os fados seu ofício, e o que eles fizessem fosse feito sem dúvida algũa.

*Panditur interea domus omnipotentis Olympi  
Conciliumque vocat Divum pater atque hominum Rex  
Sideream in sedem: terras unde arduus omnes,  
Castraque Dardanidum aspectat populosque Latinos.  
Considunt tectis bipatentibus. Incipit ipse:  
Caelicolae magni ect.*<sup>359</sup>

Virgilius, 10  
*Aenead.*

Fora estes concílios houve práticas particulares de Júpter sobre o favor de algum Capitão, em Homero e Virgílio é isto mui ordinário, e Camões os imita, como advirtiremos. Bem pudéramos ajuntar autoridades doutros poetas, mas estes bastam para provar nosso intento, e a autoridade destes tem mais força que a dos outros todos. A estes imitou o nosso Camões, por isso com estes só o havemos de haver.

Quando os Deuses no Olimpo.

Virg.: *Panditur interea domus omnipotentis Olympi.*

Olimpo se chama o Céu *quasi totus fulgens*, todo resplandecente.

Via Láctea, em grego γαλαξία. Vulgarmente Caminho de Santiago, descreve Ovídio dizendo

Ovidius, 2  
*Metamor.*

*Est via sublimis caelo manifesta sereno  
Lactea nomen habet candore notabilis ipso  
hac iter est<sup>II</sup> ad superis.*<sup>360</sup>

<sup>1</sup> No ms., a grafia da palavra é «exitar».

<sup>II</sup> No ms.: «iter \*est\* ad superis.» O «i» de «superis» parece ter sido grafado sobre um «o».

<sup>359</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, X, vv. 1-6. Na edição de referência: *arduis omnis*.

<sup>360</sup> Publius Ovidius Naso, *Metamorphoses*, I, vv. 168-170. Na edição de referência: *hac iter est superis ad magni tecta Tonantis*.

Macrobius  
in *Somnio  
Scipionis* l. 1.º

Vide  
Plutarchum,  
*De placitis  
philosophorum*

Aristoteles, l.  
primo *Meteor.*,  
c. 8

Segundo as fábulas ficou aquele círculo notável e patente no Céu do tempo que Faetonte por ali passou guiando mal o carro de seu pai. Outros dizem que foi leite de Juno, outros que é caminho por onde as almas sobem ao Céu. *Sed nos fabulosa reticentes, ea tantummodo quae ad naturam eius visa sunt pertinere dicemus*<sup>361</sup>, como diz Macróbio, o qual tratou (47)// devagar e bem esta matéria no primeiro livro dos *Sonhos de Cipião*. Diz ele que foi opinião de Teofrasto que aquele sinal era a união e ajuntamento dos dous hemisférios<sup>II</sup>. Diodoro disse que era fogo denso pera divisão dos Orbes, etéreo e celestial. Demócrito e Anaxágoras tiveram outras opiniões erradas<sup>III</sup>, como Aristóteles prova largamente, mas nem a sua doutrina nesta matéria tenho por segura, porque diz que são exalações que da terra subiram acesas como um cometa perpétuo *ect.*<sup>362</sup>, sendo assi que as exalações e vapores (como dizem os modernos) não podem passar pela região do fogo resistindo a sua actividade, com que se consumem os que aí chegam. Porque este círculo está na oitava Esfera, como se prova pelo seu curso, que é um grau cada cem anos. A mais provável opinião é que são isto estrelas miúdas e densas, entre as quais a vista não pode achar divisão. Ou são partes mais densas do Céu, que detém em si os raios do sol e estrelas, e daí tomam o resplendor que nos mostram.

### Convocados da parte de Tonante.

<sup>I</sup> No ms.: «Ceo. mased nos»...

<sup>II</sup> No ms.: «hemisferios, q̄erafogo Diodoro dissequeerafogo»...

<sup>III</sup> No ms.: «celestial, Democrito e Anaxagoras crem que eraõ m<sup>tas</sup> estrelas miúdas, entreasquais avista não podia achar divisãõ porque não eraõ alumiasdas dos rayos do Sol e outras cousas XXXX/**Democrito, e Anaxagoras tiverãõ outras oppinioes erradas** como Aristoteles prova largam<sup>te</sup>»...

<sup>361</sup> Macrobius, *De Somnio Scipionis*, I, 15, 3. Na edição de referência: *ea tantum quae...*

<sup>362</sup> Tudo indica que a fonte de D. Marcos, na elaboração deste passo, foram os *Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesu, In Libros Meteororum Aristotelis Stagiritae* (1.ª ed.: Lisboa, 1593), no *Tractatus Quartus (De Spectris, et Imaginibus, quae sub astris, alijsue locis in sublimi apparent)*. Logo no cap. I, *De Circulo Lacteo Variæ Philosophorum sententiæ*, são citados dois dos três versos ovidianos que D. Marcos reproduz; também ali se alude às fábulas da mitologia protagonizadas por Juno e por Faetonte; também ali são referidos, entre outras *auctoritates*, Plutarco e Macróbio; e também ali se toma, como núcleo do comentário, o livro I, capítulo 8 da obra *Metheorem* de Aristóteles. Os Conimbricenses discordavam do Estagirita, para quem *circulum lacteum in aere, non in cælo consistere*. [...] *Itaque velut magnum quendam & perpetuum Cometam continenter deflagrare sub ijs sideribus*. (1593, IV, I, pp. 35-36). Como D. Marcos faria, lembraram criticamente as hipóteses formuladas por Diodoro (*Diodorus putavit esse ignem densatæ, concretæque naturæ, in vnam curui limitis effigiem ad ætheriæ fabricæ discretionem compositum* – p. 35), por Teofrasto (*Theophrastus censuit esse duorum hemisphæricorum compagem* – p. 35) e por Demócrito e Anaxágoras (*Democritus & Anaxagoras crediderunt esse lumen stellarum, quæ à Sole ob terræ interiectum non conspiciuntur; nec illius obscurantur splendore. Hos rectè confutat Aristoteles* – p. 35), para concluir: *Circulus lacteus non sunt exhalationes in aere accensæ more cometæ, ut Aristoteles credit* (IV, II, p. 37). Ou, adiante: *Circulus lacteus est in octava sphaera. Probatur quia compertum est eodem motu, quo illam ab occasu ad ortum volui, hoc est vno gradu centum annis*. (p. 37).

Chamados por mandado de Júpiter, a quem chamavam Tonante quando fazia trovões atonando, porque então lhe tinham mais respeito porque criam que os ameaçava, donde nasceu este pronunciado, *Timendus est Deus maxime cum tonat*, e não sem razão, porque os raios companheiros dos trovões ministros são de Deus indinado contra os pecadores, e por isso se hão-de temer, *intra limites discretionis tamen*.

Pelo neto gentil do velho Atlante.

Santo Augustinho nos livros da *Cidade de Deus*<sup>363</sup> diz que Atlante foi Rei de Mauritània, grande Astrólogo, que achou o curso do sol e das estrelas, e que por isso tomaram ocasião os poetas pera dizer que tinha o Céu às costas. De três Atlantes (47v)// fazem os autores menção. Um Rei de Itália, pai de Electra mãe de Dárdano, e porque Dárdano foi Rei de Tróia, quando Eneas veio a Itália disse a El Rei Latino: *Hinc Dardanus ortus huc repetit*<sup>364</sup>. Daqui procedeu Dárdano nosso Rei, e aqui torna em seus decedentes. O segundo Atlante foi o Astrólogo Rei de Mauritània chamado o Máximo. O terceiro dizem que foi Rei de Arcádia, pai de Maia e avô de Mercúrio, mas todos estes três confundem os poetas com suas fábulas e licenças, tomando um por outro, como fazem também a Mercúrio, do qual nome há cinco, como diz Cícero<sup>365</sup>. O primeiro, filho do Céu e do dia, o segundo, filho de Valente e Ferónia; o terceiro, que também se chamava Trifónio, filho do terceiro Júpiter e de Maia, do qual e de Penélope nasceu o Deus Pã; o quarto, filho do Nilo, a este não é lícito aos Egípcios nomear. O quinto foi o que matou ao pastor Argos, presidente e guardador dos Egípcios, que lhe ensinou letras e deu leis em que vivessem. De todos estes, o mais célebre entre os poetas é o terceiro, filho de Júpiter e de Maia, o ofício seu era Embaxador dos Deuses, apaziguador de arruídos, como logo veremos.

S. P. Aug., l. 18  
*De civitate Dei*

Virgilius, 7  
*Aenead.*

Cicero, lib.  
3 *De natura  
Deorum*

---

<sup>363</sup> Atlante é mencionado como grande astrólogo no cap. XXXIX do livro XVIII de *De Civitate Dei*. Trata-se, porém, de uma referência breve, que D. Marcos glosa livremente, carregando informação que ultrapassa a da fonte agostiniana e que poderá radicar, por exemplo, na própria *Eneida* (VIII, vv. 134-142) ou nas *Varias Antigvedades de España*, onde Bernardo Aldrete, reunindo informações, citou Sêrvio e a sua explicação sobre os três Atlantes: *Sane sciendum Atlantes tres fuisse, unum Maurum, qui est maximus, alterum Italicum patrem Electrae, unde natus est Dardanus. Tertium Arcadicum patrem Maiae: unde natus est Mercurius: sed nunc ex nominum similitudine facit errorem, et dicit Electram et Maiam filias fuisse Atlantis maximi: et Atlas idem generat nam et ipse habuit etiam horum nominum filias, id est, Electram et Maiam.* (1614, p. 535).

<sup>364</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, VII, vv. 240-241.

<sup>365</sup> D. Marcos segue *De Natura Deorum* (III, XXII, 56), e apenas se afasta do texto em dois pontos: primeiro, quando omite, decerto por decoro, a caracterização do primeiro Mercúrio, que Cícero afirma ser tipicamente representado em estado de excitação sexual (*cuius obscenius excitata natura traditur quod aspectu Proserpinae commotus sit*); depois, quando esbate a associação entre o segundo Mercúrio e o nome de Trifónio ou *Trophonius*.

21

Deixam dos sete Céus o regimento  
que do poder mais alto lhe foi dado,  
alto poder que só co pensamento  
governa o Céu, a terra e o mar irado.  
Ali se acharam juntos num momento  
os que habitam o Arcturo congelado  
e os que o Austro tem, e as partes onde  
a Aurora nasce, e o claro Sol se esconde.

Deixaram o governo das sete Esferas que do poder mais soberano tinham recebido, poder grande e estremado pois só com seu pensamento rege o Céu, a terra e o mar tempestuoso. Ali logo se ajuntaram com suma brevidade os que moram ao norte, sul, oriente e ocidente. (48)//

Deixam dos sete Céus *ect.*

Nos primeiros sete Céus tinham morada sete Deuses, s. no primeiro Diana, no segundo Mercúrio, no terceiro Vénus, no quarto Apolo, no quinto Marte, no sexto Júpiter, no sétimo Saturno. Mas porque as matérias matemáticas guardamos pera o livro ou canto décimo onde *ex professo* trataremos do curso destes planetas, isto baste pera aqui. O que diz o poeta que o regimento destes Céus foi dado a estes Deuses do poder mais alto, que é a primeira causa, que tudo rege e governa, se pode astrologicamente entender do primeiro móbil, a quem todas as outras esferas inferiores obedecem.

Os que habitam o Arcturo congelado.

Como as estrelas do Céu sejam inumeráveis, de todas elas escolheram os Astrónomos mil e vinte e duas, as quais dividiram em quarenta e oito constelações ou figuras, das quais as principais são as que constituem os doze signos do Zodíaco. Os poetas com suas fábulas começaram a dar vários sentidos e fingir novos comentários sobre estas figuras, como em Ovídio nos seus *Metamorphoseos* se pode ver. Como quer que estas constelações tivessem nome de vários Deuses, diz o nosso poeta que esses Deuses deixaram o lugar que tinham, assi os que estavam no Arcturo, que é o Norte, como no Austro, que é o Sul, como os que moravam onde a Aurora nasce, que é o Oriente, e onde o Sol se esconde, que é o Ocidente, que são as quatro partes do mundo mais célebres e nomeadas.

Estava o Padre ali sublime e digno,<sup>366</sup>  
 que vibra os feros raios de Vulcano,  
 num assento de estrelas cristalino,  
 com gesto alto, severo e soberano. (48v)//  
 Do rosto respirava um ar divino  
 que divino tornara um corpo humano,  
 com ãa coroa e cetro<sup>367</sup> rutilante  
 de outra pedra mais clara que diamante.

Estava Júpiter levantado por sua dignidade em um trono ornado de estrelas cristalinas, a quem só é lícito despedir os raios que Vulcano fabricou, com ãa representação grave e real, de cuja face saía um ar divino, que divino pudera fazer a um corpo humano se se lhe comunicara. Na cabeça tinha ãa riquíssima coroa e na mão um mui excelente cetro de matéria mais preciosa que a dos finos diamantes, tão prezados.

Estava o Padre ali sublime e digno.

Padre é nome de dignidade, e jurisdição, e natureza<sup>1</sup>, o que também significa o nome אב hebreu, que quer dizer Padre, e<sup>II</sup> como declara Santes Pagnino<sup>368</sup>, *Pater, natura, aetate, cura et autoritate*, e por esta causa conforme estas significações a ninguém convém melhor este nome que a Deus, e por isso quando o filho de Deus nos ensinou a orar, nos pôs este nome diante, *pater noster*.

Sublime e digno.

<sup>I</sup> No ms.: «Jurisdição, \*enaturesa\* o que tambem»...

<sup>II</sup> No ms.: «Padre, \*e\* como»...

<sup>366</sup> Na edição *princeps*, como em todas as outras feitas até 1631, lê-se «dino».

<sup>367</sup> Na edição *princeps*, como em todas as outras feitas até 1631, lê-se «cetro».

<sup>368</sup> Santes (ou Xantes) Pagnino (Lucca, 1470-Lyon, 1541), frade dominicano, deixou obra vasta no campo da teologia: tradutor da Bíblia, foi igualmente autor das *Hebraicarum institutionum Libri IIII* e de um léxico hebraico ou *Thesaurus*, que D. Marcos conheceu. No *Thesaurus*, Pagnino explica o sentido de *Pater* com um rol de outros nomes: *Prior, Antiquus: Primus doctor, Dominus, Magister*. A glosa seguinte – *Denique est Pater, natura, aetate, honore, cura, auctoritate, fidei propagatione, doctrina (vnde & filij Prophetarum eorum discipuli nominantur) officio, inuentione, moribus [...]* – dever-se-á ao trabalho de autores que na portada do *Thesaurus* são mencionados como responsáveis pela sua ampliação ([...] *Thesavrus Lingvæ Sanctæ [...], nunc demū cum doctissimis quibusque Hebræorū ac aliorū scriptis [...], Opera Ioannis Merceri, Ant. Cevallerij & B. Cornelij Bertrami, 1575, col. 11*).

Com razão «sublime», pois que era «digno», mas isto é no Céu, onde o ser sublime pende de ser digno, que cá na terra muitas vezes os mais sublimes são os menos dignos.

Que vibra os raios de Vulcano.

Vulcano filho foi de Júpiter e de Juno, os quais vendo-o tão feo o deitaram do Céu na Ilha Lemno, e da queda ficou manco, e não foi muito, conforme o salto que deu. (49)// Foi ferreiro estremado, e mui engenhoso, e tinha sua tenda onde lha puseram os poetas no monte Etna de Sicília, onde fabricava obras sutilíssimas como foram as armas de Aquiles impenetráveis, e as de Eneas. Assi manco, fêo, e enfarruscado, achou quem casasse com ele, e foi sua Irmã Vénus, que lhe não guardou muita fé, do que ele em parte se vingou, com a tomar com o furto nas mãos com o senhor Marte, presos nua cadea sutil que fabricou, e os deixou estar à vergonha, que eles padeceram pouco porque nenhum a tinha. Quando o Gigante Encélado e os outros seus Irmãos filhos da terra fizeram guerra a Júpiter (como canta Homero), viu-se ele mui enfadado, e Vulcano lhe fabricou os raios impetuosos com que Júpiter venceu os Gigantes e se viu livre daquela afronta. Daqui vem chamarem-se os raios de Vulcano. Tudo o demais é ãa descrição da gravidade e gesto severo de Júpiter.

Virgilius, 8.  
*Aen.*; Homerus,  
*Iliad.*

Vulcano  
inventor de  
piromancia

Num assento de estrelas. Virg.: *Sydeream in sedem.*

Com gesto alto *ect.* Homero: *At pater aethereus solio conspectus ab alto.*<sup>369</sup>

Do rosto respirava um ar divino.

Virg.: *Ambrosiaequae comae divinum vertice odorem Spirauere.*<sup>370</sup>

Homer., *Iliad.* 4

Virgil., 1.º *Aen.*

23

Em luzentes assentos marchetados  
de ouro, e de perlas, mais abaxo<sup>371</sup> estavam  
os outros Deuses todos assentados  
como a Razão e Ordem<sup>372</sup> concertavam. (49v)//  
Precedem os antigos mais honrados,  
mais abaxo<sup>373</sup> os menores se assentavam,  
quando Júpiter alto assi dezendo<sup>374</sup>  
cum tom de voz começa grave, e horrendo.

<sup>369</sup> *Ilias Homeri Quatenus Ab Nicolao Valla Tralata*, 1510, f. 9.

<sup>370</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, vv. 403-404.

<sup>371</sup> Na edição *princeps*, como em todas as outras realizadas até 1631, «abaixo».

<sup>372</sup> Na edição *princeps*, como nas de 1584, 1597, 1609, 1612, 1613, 1626 e 1631, «a Razão, e a Ordem»; na edição de 1591, «a razão, e ordem».

<sup>373</sup> Na edição *princeps*, como em todas as outras realizadas até 1631, «abaixo».

<sup>374</sup> Na edição *princeps*, como em todas as outras realizadas até 1631, «dizendo».

Estavam per ordem os Deuses todos assentados em resplandecentes cadeiras marchetadas de ouro e pedras preciosas. Os primeiros e mais honrados lugares ocupavam os mais antigos, e abaxo os inferiores ficavam, quando Júpiter do alto trono onde estava começa a falar a todos com voz espantosa e grave.

Em luzentes assentos<sup>1</sup> marchetados.

Quando falou da matéria do trono de Júpiter, disse que era de estrelas resplandecentes, e do cetro e coroa que era doutra matéria mais excelente que diamante. Agora tratando dos assentos dos Deuses diz que eram marchetados de ouro e pérolas. Por Júpiter entende a sustância increada e divina. Esta não a pode compreender entendimento humano, como diz Jacobo Billio:

*Nulla quidem mens est mortali in corpore vivens  
Qui plena videat cognitione Deum.*<sup>376</sup>

Por isso não declara o poeta seu trono de que matéria era feito mais que em geral, que era esculpido de estrelas. Os profetas viam sempre a Deus em fogo, seu trono fogo, e tudo eram chamas ardentes que queimavam atrevidos pensamentos que queriam chegar a conhecê-lo. Os Deuses menores, por quem entende os Santos Anjos, e os bem-aventurados, esses tinham seus assentos de ouro e pedras finas, que eram os merecimentos de cada um.

Como a reção e ordem concertavam.

Pintavam a Júpiter com a parte superior do corpo nua, e a inferior coberta, porque a sustância increada se descobre aos espíritos beatíficos quanto lhes é lícito, e aos homens não convém ter aquele conhecimento tão claro *ect.*<sup>375</sup>

Jacob. Billius,  
*Antholog. Sacra*

Ezechiel. 1.<sup>o377</sup>

---

<sup>1</sup> No ms.: «Emluzentes cadeiras assentos marchetados.»

---

<sup>375</sup> Uma célebre obra quinhentista, *Le Imagini de i Dei de gli Antichi*, de Vincenzo Cartari (1.<sup>a</sup> ed.: Veneza, 1556), contribuiu para difundir uma representação típica de Júpiter e para sobre ela afirmar uma leitura canônica: *Le parti di sopra erano nude, & aperte, per darci ad intendere, che Iddio si manifesta alle divine intelligenze: & erano coperte, e vestite quelle di sotto, per che non lo potiamo vedere noi, mentre che habitiamo questo basso mondo.* (*Le Imagini de i Dei de gli Antichi*, 1581, p. 118). D. Marcos conheceria o livro de Cartari, decerto numa versão latina; neste passo, porém, a sua fonte (como a do autor italiano) poderá ter sido *De Præparatione Evangelica*, de Eusébio Cesariense (livro III, cap. III), onde se acha descrição idêntica (*Opera omnia*, 1542, pp. 32-33).

<sup>376</sup> *Anthologiæ Sacræ Libri Quatvor*, 1591, l. III, p. 560. Nesta edição, lê-se: *Quæ plena videat cognitione Deum*. Na verdade, não se trata de um texto de Billy, mas sim de Prosper d'Aquitaine, como fica claro no índice do volume, que apresenta o terceiro livro nos seguintes termos: *Tertius, Prosperi Aquitanici sacra Epigrammata in D. Aurelij Augustini sententias continet.*

<sup>377</sup> Todo o início do Liber Hiezechielis Prophetæ descreve uma visão da majestade divina (*aper-ti sunt caeli et vidi visiones Dei*), acumulando imagens de fogo e de luz.

Aristotel., 8.  
*Physicor.*, c. 1,  
tex. 15

Diz Aristóteles: *Ordo omnis est ratio*<sup>378</sup>. Toda a ordem é razão, e por isto diz o poeta que a razão, que é mãe da boa ordem, e ãa cousa com ela, ordenaram que estivessem as cousas no Céu orde(51<sup>1</sup>)/nadas. Anónimo:

Anonymus  
autor

*Ordine servato mundus servatur, at illo  
Neglecto, pessum totus et orbis abit  
Machina perpetuo coelestis ab ordine pendet.*<sup>379</sup>

Boet., m. 6,  
lib. 1.º

Todas as cousas desordenadas perecem, e não tem fim próspero. Donde diz Boécio:

*Sic quod praecipiti via  
certum deserat ordinem  
laetos non habet exitus.*<sup>380</sup>

Eurípides in  
*Bellephoronte*

Por isso diz o nosso Camões, que a ordem e a razão davam próprios assentos a todos aqueles Deuses, precedendo os mais antigos, por quem entende os mais dignos, a que os hebreus chamam *Sanhedrin*, e os Gregos presbíteros, e os latinos, Senadores. *In antiquis est sapientia*, e por isso os mais velhos eram mais honrados, donde o título da honra da idade se tomou, chamando *senatores*, ou velhos, aos mais honrados, como quem os honrava<sup>1</sup> com o nome da velhice. Aqui se verá quanto a paz precede à guerra, pois os mancebos esforçados não se estimam tanto como os velhos inúteis pera as armas. Dezia Eurípides:

*Ω παῖς νεών ect.  
O fili manus quidem ad agendum iuveniles robustae sunt  
Seniorum autem sententiae sapientia praestant*

<sup>1</sup> Decerto por lapso, a numeração apresenta um erro: em lugar de 51, deveria estar 50.

<sup>ii</sup> No ms.: «comoquẽ os honra\*va\*cõ onome»...

<sup>378</sup> D. Marcos segue a *Polyanthea Nova* (1607, p. 835), onde, sob o título *Ordo*, se lê esta mesma definição, com a mesma indicação bibliográfica. De resto, embora por ordem inversa, os dois exemplos apresentados (os versos anónimos e o excerto de Boécio) encontram-se ali também: estes, como *Dicta Poetarum*; o aforismo aristotélico, como parte do conjunto das *Philosophorum Sententiae*. É possível, no entanto, que D. Marcos tivesse aqui presente o trabalho dos Conimbricenses sobre a *Física* de Aristóteles, onde se lê, no texto 15, cap. II, do Livro VIII: *ordo vero omnis ratio est. (Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesv, In octo libros Physicorum Aristotelis Stagiritæ, 1592, p. 703).*

<sup>379</sup> D. Marcos segue a *Polyanthea Nova*, sob o título *Ordo* (1607, p. 835).

<sup>380</sup> O texto de Boécio seria conhecido de D. Marcos de S. Lourenço, mas tudo indica que neste passo, mais do que a leitura directa da *Consolatio philosophiae* (I, VI, vv. 20-22), terá sido decisivo o manuseio da *Polyanthea Nova*, no título *Ordo*. Na edição de referência da *Consolatio: Certum deserit ordinem...*

*Tempus enim multam et variam doctrinam parit.*<sup>381</sup>

Mas<sup>382</sup> abaxo os menores *ect.*

Estes eram os Semideuses, e os héroas inferiores aos deuses mais altos.

24

Eternos moradores do luzente  
estelífero pólo, e claro assento,  
se do grande valor da forte gente  
de Luso não perdeis o pensamento, (51v)//  
Deveis de ter sabido claramente  
como é dos fados grandes certo intento  
que por ela se esqueçam<sup>383</sup> os humanos  
de Assírios, Persas, Gregos e Romanos.

Habitadores sempiternos do Céu estrelado, se bem considerais a valentia e esforço grande dos valerosos lusitanos, conhecereis claramente, como os grandes fados tem destinado que à vista deles não se celebrem no mundo os antigos Assírios, Persas, Gregos, nem Romanos.

Eternos moradores. Virg.: *Caelicolae magni.*<sup>384</sup>

Começa Júpiter a<sup>1</sup> falar aos Deuses sobre as cousas dos portugueses. Chama-lhes eternos moradores do pólo estelífero e assento claro. Perífrasis do Céu, propriamente Céu estelífero é o Firmamento que os gregos chamam *Aplanes*, onde estão as estrelas. Cícero: *Quam ob causam summus ille caeli stelliferi cursus ect.*<sup>385</sup>

Cicero in  
*Somniis*  
*Scipionis*

Da gente de Luso. Os Lusitanos decedentes de Luso.

Como é dos fados grandes *ect.*

*Mansura fluant hoc ordine fata.*<sup>386</sup>

Claud., *De*  
*raptu Prose.*  
l. 3.

---

<sup>1</sup> No ms.: «Começa Iupiter de/a falar» (leitura hipotética)...

---

<sup>381</sup> O passo encontra-se citado na *Polyanthea Nova*, 1607, p. 1046, sob o título *Senectus*. Relativamente à *Polyanthea Nova*, D. Marcos altera o nome da obra (*Bellerophonte*), bem como a ordem das palavras do primeiro verso: *O fili, manus quidem juveniles ad agendum robustae sunt.*

<sup>382</sup> Trata-se de um lapso, com toda a probabilidade. Deveria ler-se: «Mais abaxo»...

<sup>383</sup> Na edição *princeps*, como nas de 1584, 1591, 1597, 1609 e 1612, «s'esqueçam»; nas edições de 1613, 1626 e 1631, «se esqueçam».

<sup>384</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, X, v. 6.

<sup>385</sup> Marcus Tullius Cicero, *Somnium Scipionis*, in *De Re Publica*, VI, XVIII, 18. Na edição de referência: *stellifer*.

<sup>386</sup> Claudius Claudianus, *De raptu Proserpinae*, III, v. 65.

A. Gellius, lib.  
6, c. 2, *Noctium  
Atticarum*

Cicero, *De  
Divinatione*

S. Thomas  
super *Boetium*  
l. 4, prosa 6

S. Gregorius  
Papa, *Homilia*  
10<sup>v</sup> super  
*Math. 2*

Aulo Gélío nas suas *Noites Áticas* definindo o fado usa de ùa comprida difinição que tirou de Crísipo, dizendo que fado é ùa sempiterna e<sup>1</sup> indeclinável disposição<sup>II</sup> das cousas; e ùa cadea que a si mesma se revolve e implica pelas eternas ordens do acontecimento, das quais foi composta e liada. Pera mais declaração, e pera que se visse se quadravam as palavras do filósofo em Grego com as suas em latim, põe Aulo Gélío o texto grego, e nós poremos o latim de que o traduzimos: *Fatum Graece, ωεπρωμμένη, est sem(52)//piterna quaedam et indiclinabilis series rerum et catena volvens semetipsa sese, et implicans per aeternos consequentiae ordines ex quibus apta connexaque est*<sup>387</sup>. Cícero mais brevemente o definiu dizendo *Fatum est ordo seriesque causarum. Causa autem ex omni aeternitate fluens veritas sempiterna*<sup>388</sup>. Boécio diz *Fatum est inhaerens rebus mobilibus*<sup>III</sup> *dispositio per quam providentia suis quaeque nectit ordinibus*<sup>389</sup>. Deixadas as difinições do fado, digamos o que os antigos disseram, e o que nós temos de ter por certeza. Segundo diz Santo Tomás, creram alguns gentios, e Hereges, que havia fados per que se governavam as cousas inferiores, e assi deziam que o fado era ùa disposição deixada nas cousas inferiores da acção dos corpos celestes, à qual as cousas inferiores necessariamente obedeciam. Desse modo de entender fado diz S. Gregório

<sup>1</sup> No ms.: «sempiterna, e de indeclinavel»...

<sup>II</sup> No ms., a palavra «disposição» sofreu emenda. As duas últimas sílabas (separadas das demais pela translineação) surgem em entrelinha, sobre uma rasura ilegível.

<sup>III</sup> No ms.: «mo\*bi\*libus». Na margem, a palavra surge de novo grafada, como que confirmando a emenda inserida em entrelinha.

<sup>IV</sup> No ms.: «Homilia \*10\* super»... No texto de Gregório Magno, rejeita-se, como herética, a teoria priscilianista, segundo a qual cada homem nasceria sujeito a uma conjunção astrológica, e apela-se à recusa, pelos cristãos, da crença no destino (Grégoire Le Grand, *Homélie sur l'Évangile*, I, 2005, pp. 248-249). D. Marcos podia reproduzir directamente as palavras de Gregório Magno, nas *Homiliae in Evangelia, ad Matth. 2, 1-12 (Homilia X in die Epiphaniae)*, § 4, onde se lê *Sed absit a fidelium cordibus ut esse aliquid fatum dicant*, ou poderá ter recorrido à *Summa Theologiae* de S. Tomás de Aquino (I, q. 116, art.º 1, *Utrum fatum sit aliquid*), onde, evocando Gregório Magno, o mesmo passo é citado (*Absit a fidelium cordibus ut fatum esse aliquid dicant*). Mais provável, no entanto, é que recordasse este trecho pelo *Commentum Duplex (liber quartus, prosa sexta)*, o qual logo a seguir explicitamente refere como fonte.

<sup>387</sup> Aulus Gellius, *Noctes Atticae*, VII, II, 1. Na edição de referência: *Fatum, quod εἰμωρμένην Graeci vocant, ad hanc ferme sententiam Chrysippus, Stoicae princeps philosophiae, definit: «Fatum est», inquit, «sempiterna quaedam et indeclinabilis series rerum et catena, volvens semetipsa sese et implicans per aeternos consequentiae ordines, ex quibus apta nexaque est.»* D. Marcos cita decerto pelo verbete *Fatum* da *Polyanthea Nova* (1607, p. 414), e, embora o desenho dos caracteres não seja claro, tudo leva a crer que comete erros quando tenta reproduzir a palavra grega.

<sup>388</sup> Marcus Tullius Cicero, *De Divinatione et de Fato*, I, LV, 125. Na edição de referência: *Fatum autem id appello, quod Graeci εἰμωρμένην, id est ordinem seriemque causarum, cum causae causa nexa rem ex se gignat. Ea est ex omni aeternitate fluens veritas sempiterna.* D. Marcos citará pela *Polyanthea Nova*, onde este passo, devidamente identificado como ciceroniano, é aduzido a respeito de *Fatum* (1607, p. 414).

<sup>389</sup> Anicius Manlius Severinus Boethius, *Consolatio Philosophiae*, IV, pr. VI, 34-35 (na edição de referência: *fatum vero inhaerens...*). Também na *Polyanthea*, a respeito de *Fatum*, este trecho de Boécio é citado (1607, p. 414), mas D. Marcos parece apoiar-se aqui, especialmente, no *Commentum Duplex in Boetium de consolatione philosophiae*.

*Absit a fidelium cordibus ut fatum aliquid esse dicamus*, e pecará gravemente quem crer que há fados desta sorte. Porém se entendêremos fado conforme o mesmo S. Tomás *loco citato* o difine, dizendo *Alio modo accipitur fatum pro dispositione rerum secundum quam res dependent ex divina potestate et voluntate et sic fatum conceditur aliquid esse*<sup>390</sup>, que quer dizer, doutro modo se toma o fado pola disposição das cousas, segundo a qual elas dependem do divino poder e vontade, e assi se concede ser fado algũa cousa<sup>391</sup>, nós podemos mui bem dizer que fado é o beneplácito da providência divina, e inda que providência divina pareça ãa cousa com o fado, diz S. Tomás que providência é o conhecimento das cousas enquanto estão na mente divina, e fado é a ordem com que Deus dispõe as cousas inferiores, fazendo ãas em um tempo, e guardando outras pera outro. Neste modo de entender fado declaramos agora o nosso poeta, que diz que é certo intento dos fados que agora neste tempo, e nesta idade, se levante a Monarquia Lusitana, poendo silêncio à dos Assírios, Persas, *ect.* Virgílio descrevendo outro concílio dos Deuses diz que havendo vários pareceres entre os Deuses remeteu Júpiter o sucesso da batalha aos fados, dizendo (52v)//

*Fata viam inveniunt.*<sup>392</sup>

De Assírios.

A primeira monarquia que no Mundo houve foi a dos Assírios, a qual querem alguns que começasse em Belo, ou Nembrod<sup>1</sup>, que primeiro reinou em Babilónia, como diz a S. Escritura, e reinou 65 anos<sup>393</sup>. Sucedeu-lhe Nino seu filho, que foi o primeiro Rei dos Assírios, em quem querem que se comece a monarquia Assíria. Começou Belo a reinar o ano *ab orbe condito* 1870. E seu filho Nino no de 1935, e nesse mesmo ano começou a edificar a grande Cidade de Níneve. 43 anos antes do nascimento de Abraão começou a Monarquia dos Assírios<sup>395</sup>, a qual durou se-

Virgil., X  
*Aenead.*

Jacobus  
Gordonius,  
period. 2

Gen. 10, vers. 8

D. Augustinus  
pater, lib 16,  
*De civitate Dei*,  
cap. 3. 4. & 17

D. Hieron., *Sup.*  
*Oseeae* c. 2<sup>394</sup>

Eusebius in  
*Chronol.*

<sup>1</sup> No ms.: «Nem\*b\*rod»...

<sup>390</sup> Apenas com uma diferença (no texto de S. Tomás, lê-se *ex divina voluntate et potestate*), D. Marcos cita o *Commentum duplex in Boetium de consolatione philosophie*, no *liber quartus, prosa sexta* (1501, s/f).

<sup>391</sup> Na *Polyanthea Nova*, lembra-se: *Fato qui credit, mortaliter peccat* (1607, p. 415). D. Marcos, embora advirta que tal crença equivale a pecar «gravemente», parece mais inclinado a buscar argumentos capazes de tornar toleráveis as referências camonianas ao fado.

<sup>392</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, III, v. 395. Na edição de referência: *fata viam inveniunt*.

<sup>393</sup> D. Marcos segue James Gordon, que, sobre o *Annus Mundi* 1870, escreveu: *Hoc anno Belus, seu, ut aliqui putant, Nembrod (de quo Gen. cap. 10 vers. 8) inchoavit regnum Babylonium: unde postea Assyriorum Monarchia. Inchoavit, inquam, annis 65 ante Nini regnum: tot enim annis regnavit Belus [...]* (*Opus Chronologicum*, 1614, p. 3).

<sup>394</sup> *In Osee*, l. I, cap. II, 16.17. Sobre o versículo 24, S. Jerónimo escreveu: *LXX similiter. Primum omni Asiae regnasse Ninum, Beli filium, omnes et Graecae et Barbarae narrant historiae; qui apud Assyrios Ninum sui nominis condidit ciuitatem, quam Hebraei uocant Niniuen.* (*S. Hieronymi Presbyteri Opera*, 1969, p. 28).

<sup>395</sup> Segundo Eusébio de Cesareia, *Primum omnium Asiae exceptis Indis Ninus Beli filius regnavit. [...] Huius Nini 43 anno imperij sui natus est Abraham. Ninus condidit ciuitatem Ninum in regione*

Mercator<sup>397</sup>;  
Scaliger., lib. 3  
Cano.<sup>398</sup>

Vide Iustinum,  
lib. primo<sup>401</sup>

gundo Diodoro Sículo<sup>396</sup> 1340 anos, segundo Eusébio 1240<sup>399</sup>, segundo Gordônio nos anos expansos 1220, não contando os 65 que reinou Belo. Diodoro lhe dá trinta Reis de Reino até Sardanapalo. Eusébio 36<sup>400</sup>, não contando a Belo. Começou esta monarquia no ano *ab orbe condito* 1908 e acabou-se no de 3172.<sup>402</sup>

### Persas.

Diodorus. l.  
2, pag. 78;  
Iustinus et alii  
multi<sup>403</sup>

Vencido Sardanapalo por Árbaces Medo, e destruída a Monarquia dos Assírios, se levantaram dous Reinos, o dos Medos cujo primeiro Rei foi Árbaces, e o de Babilónia cujo Rei primeiro foi Ful, que também se chama Rei de Assíria<sup>404</sup>. Este

---

*Assyriorum, quam Hebræi uocant Niniuen* [...]. (*Chronicon*, in *Opera omnia*, 1542, f. 10v). James Gordon, que amiúde remete para Eusébio, mantém estes números no *Opus Chronologicum* (1614, p. 3), situando o começo do império de Nino e a fundação de Nínive no ano de 1935 *ab Orbe condito*.

<sup>396</sup> Na verdade, Diodoro Sículo fala em 1360 anos: *Cuius tempore Assyriorum imperium, quod annis mille & trecentis sexaginta perseuerauit, quem admodum Ctesias secundo libro tradit, ad Medos transit.* (*En Damus Diodori Siculi Historici Græci*, 1531, p. 215).

<sup>397</sup> Trata-se decerto da obra de Gerardo Mercatore, que numa edição como a de 1569 anunciava: *Chronologia. Hoc Est, Temporum Demonstratio Exactissima, Ab Initio Mvndi, Vsque Ad Annum Domini M.D.LXVIII. ex eclipsibus et observationibus astronomicis omnium temporum, sacris quoq; Biblijs, et optimis quibusq; Scriptoribus summa fide concinnata*. Logo nas folhas iniciais (s/f), acha-se um rol intitulado *Monarchæ Assyriorum reges*. D. Marcos não segue, porém, os cálculos deste prolífico cosmógrafo e cartógrafo quinhentista.

<sup>398</sup> Conhecido pela sua obra controversa e tematicamente variada, Joseph Scaligero (1540-1609) sobressaiu também pelos trabalhos de cronologia. Arrojado na tentativa de relação de múltiplos calendários e tradições culturais, concebeu *De emendatione Temporum* (1583), em cujos livros III e V D. Marcos poderia achar matéria relevante. Contudo, é para outro título – *Thesaurus temporum complectens Eusebii Pamphili Chronicon, cum Isagogicis Chronologiae Canonibus* (1606) – que o comentador de Camões aponta. Resta saber se aceceu a alguma destas obras. A informação reunida por Scaligero acerca da Monarquia Assíria e, em especial, acerca de Nino (v. *Josephi Iusti Scaligeri* [...] *Isagogicorum Chronologiae Canonum Libri Tres*, 1658, l. III, p. 321), não tem lugar nos escólios de D. Marcos, que acerca deste assunto parece ter reproduzido a indicação dada por James Gordon, no *Opus Chronologicum* (1614, p. 64).

<sup>399</sup> Assinalando a queda de Sardanapalo e a vitória de Árbaces Medo, Eusébio observou: *Usque ad id tempus fuisse reges Assyriorum historia refert, & fiunt simul an. 1197. Omnes autem anni regni Assyriorum à primo anno Nini supputantur 1240.* (*Chronicon*, in *Opera omnia*, 1542, f. 42v).

<sup>400</sup> *Chronicon*, in *Opera omnia*, 1542, f. 42v.

<sup>401</sup> Justino lembra Sardanapalo, a sua conduta e o seu suicídio, quando vencido por Arbactus. Afirma também que foi o governador dos Medos, Arbactus, responsável pela sua derrota, quem ficou com a coroa, dando início a uma nova monarquia (*M. Ivniani Iustini Epitoma Historiarvm Philippicarvm Pompei Trogi*, 1972, I, III, pp. 5-6).

<sup>402</sup> Os números que D. Marcos apresenta discrepam ligeiramente dos que James Gordon fornece, no *Opus Chronologicum* (1614, pp. 16 e 3, respectivamente): 3173 para o fim da Monarquia Assíria; para o seu começo, 1870 (1908 é apontado, sim, como o ano do nascimento de Abraão).

<sup>403</sup> Ao tratar do termo da Monarquia Assíria (*Annus Mundi* 3173), Gordon refere, como fontes de informação, *Euseb. Diod. lib. 2. pag. 78 & alij* (*Opus Chronologicum*, 1614, p. 16). D. Marcos parece segui-lo no pormenor com que indica o livro e a página da obra de Diodoro Sículo.

<sup>404</sup> D. Marcos segue James Gordon, que a respeito do *Annus Mundi* 3173, escreveu: *Assyriorum Monarchia (de qua ad annum 1935) deficit nunc in Sardanapalo, destructa à Medis, quando scilicet*

Reino de Babilónia durou até Baltasar, e o dos Medos em Astiages faleceu, tendo durado 272 anos<sup>1</sup>. Daqui começou a monarquia dos Persas em Ciro, neto do velho Astiages. Este Ciro com seu Tio Dario, irmão de sua mãe, já tinha destruído a Babilónia. Começou esta monarquia dos Persas no ano do (53)// mundo 3444 e acabou-se no de 3674 em Dario, a quem Alexandre Magno venceu. Durou esta monarquia 230 anos.<sup>405</sup>

### Gregos.

Ainda que o Reino dos Gregos começou em os Argivos, todavia a monarquia começou em Alexandre Magno, e segundo meu parecer com ele se acabou, porque se dividiu em tantos potentados que não sabemos qual deles era o principal. Durou esta monarquia inteira seis anos. Morto Alexandre, ficou Filipe Arideu seu irmão governando esta monarquia até que o filho de Alexandre fosse de idade pera governar. Ficou por tutor deste menino, Perdicas, a quem Alexandre antes que morresse deu o seu anel. Puseram os gregos governadores das províncias sujeitos, os quais depois se levantaram com os Reinos, como se conta no primeiro livro dos Macabeus, onde os anos do Reino dos Gregos se contam dos Selêucidas, cujo reino começou em Seleuco Nicanor, como diz Eusébio<sup>407</sup> e Diodoro

Justin.,  
lib. 13<sup>406</sup>;  
Plutarchus

Machabeorum  
lib. 1.º, capit.  
1.º

Eusebius in  
Chronol.

<sup>1</sup> No ms.: «em Cambises/Astiages faleceu \*tendo\* durado 272 e ~~dois~~ annos.» A redacção inicial seria «e durou», tendo esta forma verbal sido transformada num participio. À margem, confirmando a emenda, foi escrito de novo o nome «Astiages».

*Arbaces Medus, victo Sardanapalo, coepit regnare. Euseb. Diod. lib. 2 pag. 78 & alij. [...] Ex hac destructa Monarchia pullularunt varia Regna. Primò quidem [...], Regnum Medorum in Arbace Rege, usque ad Darium Medum, & Cyrum, sub quibus soluta est Captiuitas. Mox, ac ferè eodem tempore, nempe post 8 vel 10 annos inchoatum est Regnum Babylonie in Phul, primo Rege usque ad annos Mundi 3269 & 3273. quando coepit nouum ac potentius Regnum in Babylonia sub Merodach, usque ad Baltassarem, & tempus solute Captiuitatis. (Opus Chronologicum, 1614, p. 16).*

<sup>405</sup> D. Marcos mantém-se fiel aos cálculos de James Gordon, que situou no *Annus Mundi* 3444 o começo da Monarquia dos Persas (*Persarum Monarchia inchoata nunc est in Cyro, qui Astyagis senioris ex filia nepos est, & iam euertit Babylonem cum Dario auunculo*) e indicou o de 3674 como o do seu fim: *Persarum destructo hic Imperio, Alexander Magnus inchoat hoc anno Græcorum Monarchiam, quando victo Dario ad Arbela, mense Augusto die 26, summà rerum potitus est, cum stetisset Persicum Imperium à Cyro annis 230. (Opus Chronologicum, 1614, pp. 26 e 33, respectivamente).*

<sup>406</sup> No livro XIII da sua obra, Justino trata do período sucessivo à morte de Alexandre. O célebre gesto do imperador, que, agonizante, teria dado a Perdicas o seu anel, em sinal confiança, é relatado no livro XII, XV, 12 (*M. Iuiani Iustini Epitoma Historiarum Philippicarum Pompei Trogi*, 1972, p. 120).

<sup>407</sup> De acordo com Eusébio, *Primus Seleucus Nicanor Syrie & Babylonie, & superiorum locorum regnauit annis 32*. Ainda no mesmo lugar (*Anno mundi 4890*), acrescenta: *Ab hoc loco Edissemi sua tempora computant. (Chronicon, in Opera omnia, 1542, f. 59v)*. Embora não o indique, D. Marcos parece ter presente o texto de James Gordon, que acerca da ascensão dos selêucidas – *Annus Mundi 3692*, pelos seus cálculos – escreveu: *Seleucidarum Regnum nunc inchoatur in Seleuco Nicanore, & appellatur hic Regnum Syrie. Ab huius Regni initio Libri Machabeorum numerant annos Grecorum [...]. (Opus Chronologicum, 1614, p. 33).*

Diodorus  
Siculus, l. 19

l. 19<sup>408</sup>. Ptolemeu, filho de Lago, deu princípio aos Ptolomeus do Egipto. Estes Reis sucessores de Alexandre, todos vieram a acabar, e como vários rios se foram metendo<sup>1</sup> em diversos tempos naquele *mare magnum* do Império Romano. Durou o Reino dos Gregos de Alexandre Magno ano do mundo 3674 até à batalha que Octávio deu em Áccio a Marco Antônio, em que o venceu, dando princípio à monarquia Romana, que foi no ano de 3974, e assi durou o Império grego 300 anos.<sup>409</sup>

### Romanos.

Este ano de 3974 querem os Cronológicos que seja o primeiro da Monarquia Romana, quando a suma das cousas sucedeu a Octávio Augusto<sup>410</sup>, despojado do Império Oriental Marco Antônio, havendo já 12 anos que reinava, e começando o décimo tércio (53v)// no quinto ano da Olimpíada 179, vinte e oito anos antes de Cristo nacer. Acabou esta monarquia e Império ocidental no ano do Senhor 476, em Augusto filho de Orestes. Este Augusto, por desprezo era chamado Augústulo, e foi desterrado por Odoacer, e seu pai Orestes morto com justa causa, pois a

Jornandes<sup>411</sup>.  
Cassiodorus<sup>412</sup>

Zonaras<sup>413</sup>

---

<sup>1</sup> No ms.: «se foraõ meter se foraõ metendo»...

---

<sup>408</sup> Em 312 a.C., a reconquista de Babilónia, por Seleuco, marcou o início de uma nova Era (v. *Diodori Siculi Bibliothecæ Historicæ Libri XV*, 1611, XIX, XCI, p. 1031).

<sup>409</sup> D. Marcos retoma a informação dada por James Gordon a respeito da *Græcorum Monarchia*, onde se situa no *Annus Mundi* 3674 o começo do Império de Alexandre, e no de 3974, após a *Actiaca Victoria*, o princípio do Império Romano (*Opus Chronologicum*, 1614, p. 51).

<sup>410</sup> James Gordon escreveu, acerca do *Annus Mundi* 3974: *Quamuis à primo Consulatu Augusti possint eius anni deduci, vel etiam à Triumviratu, eoque modo à nobis numerentur in altera, quæ sequitur, Chronologiæ parte, ac proinde hic annus erit Augusti decimus tertius inchoatus: tamen ab hac Victoria potius coepit Imperij forma & Monarchia, quando victo Antonio, summa rei ad unum Augustum deuoluta est.* (*Opus Chronologicum*, 1614, p. 51).

<sup>411</sup> Em *De Regnorum ac Temporum Successionibus*, Jornandes traça a história da ascensão e queda do poder imperial de Roma. O tema – inevitável, em qualquer narrativa do triunfo dos Godos – continua presente em *De Geticæ Gentis Origine ac Rebus Gestis* (v. *Diversarum Gentium Historiæ Antiquæ Scriptores Tres*, 1611). Em especial, o fim de Augústulo é narrado em *De Regnorum* (1611, p. 59).

<sup>412</sup> Flavius Magnus Aurelius Cassiodorus (c. 490-584) fundou, no final da vida, um mosteiro – *Vivarium* –, onde se dedicou à elaboração de obra religiosa. A sua carreira, porém, havia sido a de um homem político, ocupado no desempenho de cargos vários (*maxime* o de *magister officiorum*, correspondente à chefia da máquina administrativa) e favorecido pela confiança do rei ostrogodo Teodorico. Atribui-se a Cassiodoro uma *Historia Gothorum*, apenas conhecida através da súmula que dela fez Jornandes. Ao associar os dois nomes, na nota marginal em que evoca ambos os autores, D. Marcos (imitando Gordon, aliás – v. *Operis Chronologici Tomus Alter*, 1614, p. 181) poderá estar a remeter para a obra de Jornandes e, indirectamente, para a perdida *Historia Gothorum*; ou poderá igualmente ter em conta textos disponíveis de Cassiodoro, como *Varia* (colecção de cartas) ou a *Historia Tripartita*.

<sup>413</sup> O nome mencionado é o de um religioso bizantino que terá vivido no século XII e servido o imperador Alexis I. Falar em Zonaras significa decerto aludir ao *Epitome Historiarum* ou *Compendium Historiarum*, o mais célebre dos seus trabalhos, em parte devedor de fontes antigas, em parte aplicado a compor – não sem a criticar – a história do reinado de Alexis I.

quem o fez Imperador, que foi a Nepote, privou da vida, dando mal por bem<sup>414</sup>. Durou a Monarquia Romana 504 anos. Daqui por diante começaram os Reis de

Nicephorus, l. 16, cap. 36<sup>415</sup>; Procopius<sup>416</sup>, ect.

---

<sup>414</sup> Num *Appendix* ao texto de Nicéforo, divulgado na versão latina de Camerario, o editor acrescenta informação idêntica à que D. Marcos fornece: *Romae regnum Augustulus ominosi nominis ignavus Imperator, occupauisset.* (*Chronologia Secundum Græcorum Rationem Temporibus Expositis*, 1573, pp. 73-74). Mais adiante: *Hunc priuauit Imperio & vita Orestes: qui perfecit, ut filius Mamillus, cognomento Augustulus, Imperator appellaretur. Non tenuerant hi Imperium toto anno, cum pater ab Odoacre Gotho occiditur, filius iubetur exulare. Fuit Augustulus ultimus eorum qui in Italia Imperatorum Romanorum nomine præfuerunt. Odoacer enim se Regem appellari voluit: quod nomen posteriores retinuerunt.* (p. 75). É possível que D. Marcos conhecesse a obra de Nicéforo, pois apresenta informação similar; e é seguro que manuseou o *Opus Chronologicum* de James Gordon, onde, a respeito do ano 475, se lê: *Orestes, Magister militiæ creatus à Nepote Imperatore, felicitatis auctori malam reddens gratiam, Nepotem Imperio priuat. 27. Sept. & Rauennæ filium Momilium Augustum, (Augustulum ex contemptu dictum) appellat Imperatorem, Nepos in Dalmatiam fugit. Marcell. Cassiod. (Operis Chronologici Tomus Alter, 1614, p. 181).*

<sup>415</sup> A indicação dada em nota marginal é reveladora de um modo de proceder que marca estes Comentários. Na verdade, D. Marcos terá reproduzido informação transmitida por James Gordon, que, sob o título *Romanum Imperium in Occidente deficit, & succedit Regnum Italiæ*, escreveu, no *Operis Chronologici Tomus Alter* (1614, p. 181): *deficit ergo imperium Romanum in Occidente in Augustulo isto, cum etiam in Augusto primùm coeperit.* Gordon, porém, continua o texto, e só depois de falar de mudanças ocorridas a Oriente, em domínio persa, aponta como fontes *Niceph. lib. 16. cap. 36. Procopius lib. 1. de bello Persico.* É provável que D. Marcos (porventura atraído pela memória, confundindo Nicéforo, patriarca de Constantinopla no século VIII, e Nicéforo Calisto Xantopoulos, historiador bizantino activo na primeira metade do século XIV) julgasse que esta menção remetia para lugares onde se narrava a queda do império romano, e por isso, sem mais verificações (ou sem meios para as fazer), aplicou a referência erradamente. Repare-se: embora num *Appendix* da *Chronologia Secundum Græcorum Rationem Temporibus Expositis*, *Auctore Nicephoro archiepiscopo Constantinopolis*, D. Marcos pudesse ter visto lembrado Augústulo (1573, pp. 73-74), não acharia aí, nem tão-pouco em *S. Nicephori Patriarchæ Constantinopolitani Breuiarium Historicum*, um recorte que correspondesse à divisão em livros e capítulos que regista. A obra que apresenta um «l. 16» onde cabe um «cap. 36» é a *Historia* de Nicéforo Calisto. Mas aqui, estas coordenadas (conforme as empregou James Gordon) conduzem a um passo que trata das perturbações ocorridas no século V, em território persa, e não (contra o que pretende D. Marcos) a um relato do colapso da monarquia romana, de que se fala, sim, no final do cap. XI do livro XV: *Sed & hunc Orestes imperio spoliavit. Cui Romulus filius, qui & Augustulus dictus est, successit, ultimus Romanorum Imperator, à Romulo primo rege mille trecentis & tribus exactis annis. Post hunc Romanorum Imperium Odoacer inuasit: qui † Imperiali cognomine reiecto, regem se primus vocauit.* († em nota ou comentário: *Fuit autem Odoacer Herulus, sub quo Romani maiestas imperij in occidente serò admodum ad Francos peruenit.*) (*Tomus Secundus Librorum Octodecim Nicephori Callisti Xantopvli*, 1566, fls. 130-130v).

<sup>416</sup> Procópio (séc. VI) deixou três obras, dotadas de características muito distintas: *Guerras*, repartida em 7 livros (Guerra Pérsica, 1-2; Guerra dos Vândalos, 3-4; Guerra dos Godos, 5-7); *Construções*, um panegírico da acção de Justiniano, que, além de capaz de suster, mediante intervenções militares, o declínio do Império, e de organizar o *Corpus iuris civilis*, seria promotor de grandes empresas arquitectónicas como a catedral de Hagia Sophia, em Constantinopla; *Historia Arcana* ou *Anekdotia*, uma sümula de pequenas narrativas que, redescoberta em Roma, por Nicolò Alemanni, em 1623, veio denunciar (em profundo contraste com os dois outros textos) vícios e fraquezas do exercício do poder pelo imperador Justiniano e por sua mulher, Teodora. Tudo indica que D. Marcos se refere a *Guerras*, em especial à narrativa das invasões bárbaras que ditaram o fim da Monarquia Romana. Provavelmente, segue a indicação dada por James Gordon, que remete várias vezes, ao tratar deste período, para *De Bello Vandalico*.

Itália, que duraram até Carlos Magno, em quem o Império Ocidental ressucitou, como em sua vida contamos.

25

Já lhe foi (bem o vistes) concedido  
cum poder tão singelo, e tão pequeno,  
tomar ao Mouro forte e guarnecido  
toda a terra que rega o Tejo ameno:  
Pois contra o Castelhanao tão temido  
sempre alcançou favor do Céu sereno,  
assi que sempre enfim com fama e glória  
teve os troféus pendentes da vitória.

Já lhe foi primitido (como sabeis) desapossar os Mouros valentes, e bem fortalecidos das terras que o fresco Tejo fertiliza<sup>1</sup>, nem teve menos favor do Céu amigo contra o temido poder dos Castelhanos, e enfim em todas suas empresas teve os sucessos iguais ao pensamento.

Traz à memória dos Deuses, Júpiter, as vitórias que os Portugueses houveram, assi contra os Mouros, como contra os Castelhanos, das quais em seu lugar daremos rezão.

– Com fama e glória  
teve os Troféus pendentes da vitória. (54)//

É próprio de Camões fazer estas diferenças metafísicas em cousas que parecem que não tem nenhũa, e assi divide, triunfo de vitória aqui, noutra parte nome de fama, noutra dano de perigo, e sempre com graça. Agora diz que os portugueses tiveram sempre os troféus<sup>II</sup> pendentes da vitória, chamando vitória à peleja, como se dissera: o mesmo foi sempre pelejar os Portugueses que vencer. Vitória é o acto de vencer os contrários. Troféu é a pompa e solenidade com que se festeja a vitória. A vitória é pendente da peleja, e o troféu da vitória. Os portugueses com tanta brevidade venceram que parece que não se distinguia a vitória da peleja. Pelejou El Rei D. Afonso Henriques com cinco Reis mouros no campo de Ourique, e em cinco horas os venceu. O mesmo Rei pelejou contra El Rei de Badajoz, e outros muitos que o acompanhavam, e antes de provar o ferro dos portugueses já os mouros estavam em desbarato. Pelejou El Rei D. João primeiro com El Rei de Castela em Aljubarrota e em meia hora o venceu e desbaratou, de sorte que no mesmo tempo pelejavam, venciam e triunfavam os Portugueses. Faziam os

<sup>1</sup> No ms.: «das terras ~~por onde~~ que o fresco Tejo ~~passa~~ fertiliza.» «Que» foi acrescentado por sobreposição a «onde», palavra parcialmente coberta pela nova redacção.

<sup>II</sup> No ms.: «~~triumphos/tropheos~~»...

antigos depois de alcançar algũa notável vitória<sup>1</sup> seus troféus, nos montes e lugares eminentes, no princípio em árvores, cortando-lhe primeiro os ramos, aqui punham as armas e bandeiras inimigas, como de Viriato conta Lúcio Floro<sup>417</sup>, depois se vieram a fazer os arcos triunfais onde estes despojos se penduravam.

Lúcio Floro no  
2 *Epítome de*  
*Tito Lívio*

26

Deixo, Deuses, atrás a fama antiga  
que co a gente de Rómulo alcançaram  
quando com Viriato na inimiga  
guerra Romana tanto se afamaram.  
Também deixo a memória que os obriga  
a grande nome, quando alevantaram  
um por seu capitão, que peregrino  
fingiu na Cerva espírito divino. (54v)//

Não falo, Deuses, já na glória que no tempo antigo mereceram quando com seu Capitão Viriato desbarataram muitas vezes o poder dos Romanos, nem também no ilustre nome que alcançaram, quando elegeram por seu Capitão a Sertório estrangeiro, o qual lhes persuadiu que ãa Cerva lhe revelava os segredos e sucessos da guerra, e desenhos dos inimigos.

Faz breve relação das vitórias que os portugueses, ou lusitanos, houveram tendo por Capitães ao Lusitano Viriato, e ao Romano Sertório, cujas histórias nós guardamos pera outro lugar.

27

Agora vedes bem que cometendo  
o duvidoso mar num lenho leve  
por vias nunca usadas, não temendo  
de África e Noto a força, a mais se atreve.<sup>418</sup>  
Que havendo tanto já que as partes vendo  
onde o dia é comprido, e onde é breve,<sup>419</sup>

---

<sup>1</sup> No ms.: «notavel batalha/vitoria»...

---

<sup>417</sup> Ao tratar de *Res in Hispania gesta*, em *De Gestis Romanorum Libri IIII*, Lúcio Floro escreveu: *Cæterùm Lusitanos Uiriatus erexit, uir calliditatis acerrimæ, qui ex uenatore latro, ex latrone subitò dux atque Imperator, & si fortuna cessisset, Hispaniæ Romulus, non contentus libertatem suorum defendere, per quatuordecim annos omnia citra ultráque Iberum & Tagum igni ferróque populatus, castra etiam prætorum & præsidum aggressus, Claudium Unimanum penè ad interencionem exercitus cecidisset, insignia trabeis & fascibus nostris que coeperat, in montibus suis trophæa fixisset.* (1548, II, XVII, f. 26v).

<sup>418</sup> Na edição *princeps*, como nas de 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1626 e 1631, «s'atreve»; na edição de 1613, «se atreve».

<sup>419</sup> Na edição *princeps*, como nas de 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1613 e 1626, «e onde breve»; na edição de 1631, «e onde é breve».

inclinam seu propósito e perfia  
a ver os berços onde nace<sup>420</sup> o dia.

Agora de presente bem vedes que indo<sup>1</sup> cometendo o mar cheo de mil incertezas, em naus feitas de madeira fraca, por desacostumados caminhos, sem recear<sup>II</sup> a fúria dos ventos austrais tempestuosos, a mais se estende seu atrevimento e ousadia. E que havendo tanto tempo já que andam provando vários climas, ora onde o dia é comprido, ora onde é breve, com profiosa teima intentam ir ver o lugar onde o Sol nace.

Deixando histórias passadas<sup>III</sup> traz exemplos presentes da ousadia dos portugueses, que per caminhos incertos cami(55)//nhavam em busca da Índia nas partes orientais.

28  
Prometido lhe está do fado eterno,  
cuja alta lei não pode ser quebrada,  
que tenham longos tempos o governo  
do mar que vê do Sol a roxa entrada.  
Nas águas tem passado o duro inverno,  
a gente vem perdida e trabalhada,  
já parece bem feito que lhe seja  
mostrada a nova terra que deseja.

A roxa entrada  
do Sol é o  
Oriente

Prometido lhe tem a providência divina, cuja ordenação ninguém pode quebrantar, que sejam por muitos séculos senhores dos mares do Oriente. Sobre o mar tem passado o Inverno rigoroso. De doenças e trabalhos vem a gente aflita e cansada, já tantos danos merecem piedade, mostre-se-lhe já a Índia em busca da qual há tanto que andam.

No tempo que Júpiter isto dizia, tinham os portugueses andado no mar perto de um ano, porque saíram de Lisboa fora de monção no mês de Julho, navegavam devagar sempre à vista da costa, principalmente depois que passaram o Ilhéu da Cruz, que Bertolameu Dias tinha descoberto. Aqui tiveram ãa grande tempestade que Camões descreve adiante, e na Aguada de Boa Paz lhe morreu muita gente de doenças que se lhe causaram da corrupção dos comeres, por isso diz Júpiter que a gente vem perdida e trabalhada, *i.* cansada e afligida, ou pode-se dizer que vinha perdida, como quem anda por um despovoado sem acertar caminho, chamamos-

<sup>I</sup> No ms.: «vedes que ~~vão~~/indo cometendo»...

<sup>II</sup> No ms., parece haver rasto de uma hesitação na escolha da palavra. Talvez a forma original fosse «receos», convertida em «recear».

<sup>III</sup> No ms.: «Deixando historias ~~antigas~~/passadas trás»...

<sup>420</sup> Na edição *princeps*, como nas de 1584, 1591, 1597, 1609 e 1612, «nasce»; nas edições de 1613, 1626 e 1631, «nace».

-lhe perdido. Assi andando por aqueles mares desconhecidos, sem saber a que rumo a Índia lhe ficava, bem perdidos andavam. (55v)//

29

E porque como vistes tem passados  
na viagem tão ásperos perigos,  
tantos climas e Céus experimentados,<sup>421</sup>  
tanto furor de ventos inimigos,  
Que sejam, determino, agasalhados  
nesta costa Africana como amigos,  
e tendo guarnecida a lassa frota  
tornarão a seguir sua longa rota.

E porquanto nesta viagem tem sofridos (como bem vistes) tantos e tão rigorosos perigos, e trabalhos, e experimentados climas diferentes<sup>1</sup>, e influências desacomodadas, tempestades de ventos furiosos, agora pede a razão que nesta costa de África onde tanto tem padecido tenham refrigério, enquanto suas naus maltratadas das ondas do mar bravo se consertam pera assi tornarem a seguir seu caminho começado.

Tantos climas e Céus experimentados.

Clima é nome grego, quer dizer declinação. Ptolomeu no *Almagesto*<sup>422</sup> considerou certos círculos paralelos na superfície do globo que a terra e água fazem, tão distantes um do outro quanto bastasse pera fazer um quarto de hora de excesso no maior dia do ano. Começavam estes paralelos debaixo de linha equinocial e daí continuavam até cinquenta graus trinta e três minutos, onde o dia maior é de 16 horas e 15 minutos, três paralelos destes fazem um clima, de sorte que a diferença de um clima a outro é de ± hora. Sete climas contaram os Astrónomos antigos, e 21 paralelos. Os modernos fazem 29 Climas, e 49 paralelos, acabando

Ptolomeus in  
*Almagesto*

Joannes de  
Sacrobosco in  
*Sphaera*, t.º de  
*Climat*.<sup>423</sup>

---

<sup>1</sup> No ms: «diferentes, *emeridianos* e influencias»...

---

<sup>421</sup> Na edição *princeps*, como nas de 1584, 1609, 1612 e 1631, «experimentados»; nas edições de 1591, 1597, 1613 e 1626, «exprimentados».

<sup>422</sup> *Almagesto*, por certo uma das últimas obras de Ptolomeu (posterior a *Geografia e a Tetrabiblos*), foi crucial na tradição do estudo da matemática e da astronomia. Dedicado à caracterização dos movimentos dos corpos celestes, destacava a importância da latitude e sua relação com fenômenos como a duração do dia. Muito divulgado, recebeu a atenção de autores como Sacrobosco e Regiomontano. A matéria a que se refere D. Marcos é tratada no livro I do *Almagesto*, a partir do cap. IX.

<sup>423</sup> Sacrobosco (m. 1256?), autor provavelmente de origem inglesa, escreveu *De Sphaera Mundi* (c. 1230). Em edições quinhentistas da obra, o livro III apresenta um capítulo dedicado a *De Divisione Climatium*, distinguindo no globo duas partes: *Intelligatur etiam alia linea, æquidistans à polo arctico, diuidens partes quartæ, quæ sunt versus septentrionem inhabitabiles propter frigus*,

em 66 graus da banda do (56)// Norte. O nosso Clima é o quinto, chamado *Dia Romes* porque compreende dentro em si a Cidade de Roma. O meio deste nosso clima é a Cidade do Porto, que está em altura do Pólo Árctico 41 graus e 22 minutos. O princípio deste clima é perto da Cidade de Lisboa, donde os nossos Argonautas saíram, e tinham desandado os quatro climas, e entrado por outros novos que os Astrónomos não calcularam, que respondem a estes na mesma conformidade e graus de altura da linha equinocial pera o Sul. E porque na estança 27 prometemos de declarar a rezão dos dias breves e compridos, o faremos agora. É pois de saber que quanto alguém se vai chegando mais pera debaxo do Sol, e linha eclíptica, onde ele sempre anda, mais pequenos tem os dias, e quanto mais se aparta do Sol pera o Norte maiores dias tem. De sorte que aqueles que vivem debaxo da linha ou perto dela não tem mais que 12 horas de dia, e 12 de noite em todo ano. Pelo contrário, nas partes mais remotas do Sol e mais vizinhas ao Norte, há um dia contínuo de seis meses, ficando-lhe a linha equinocial servindo de Horizonte, mas também, tanto que o Sol passa a linha entrando nos signos austrais de *Libra* até saída *Piscis* e entrada de *Aries*<sup>1</sup>, pagam esta luz com trevas contínuas. Assi que ser o dia mais breve ou mais comprido é estar mais perto, ou mais apartado da equinocial. E porque os nossos descobridores da Índia ora se chegavam ora se apartavam da mesma linha equinocial, diz o poeta que ora sentiam o dia comprido ora breve.

Tantos Céus.

Não diz tantos Céus porque haja mais que estes que sabemos<sup>424</sup>, mas per Sinédoque, tomando a parte pelo todo, chama Céus àquela parte deles que os portugueses descobriram depois que passaram a linha, ou pelos novos horizontes que tomavam mudando sempre (56v)// o sítio, ou por<sup>II</sup> Céus se pode entender os ares,

---

<sup>1</sup> No ms.: «signos austrais delibra ate \*saida\* Piscis \*eentrada de Aries\* pagaõ esta lús»...

<sup>II</sup> No ms., a primeira redacção seria «porq»: a palavra ficou inacabada, e foi sobre a letra «q» que foi grafada a inicial de «Ceos».

---

*à partibus habitabilibus, quæ sunt uersus æquinocbialem. Inter istas etiam duas lineas extremas, intelligantur sex lineæ paralellæ æquinocbialem, quæ cum duabus prioribus diuidunt partem totalem quartæ habitabilem in septem portiones, quæ dicuntur septem climata [...]. (Sphæra Ioannis de Sacrobosco Emendata, 1594, f. 37v).* A importância deste trabalho percebe-se pela frequência das suas edições, pelo cuidado de o manter presente (mesmo quando isso significa «emendá-lo») ou ainda pela sua agregação a novos contributos, como o do português Pedro Nunes.

<sup>424</sup> O cuidado de D. Marcos, pronto a salientar este pormenor para defender a sua ortodoxia, faz especial sentido à luz da condenação de autores como Giordano Bruno (queimado em Roma, em 1600, como herético, após ter defendido, em *De l'infinito universo et Mondi* – impresso em Londres, no ano de 1584 –, a ideia de que, sendo Deus infinito, também o seria a sua criação) ou Galileu, que perdera as boas relações outrora mantidas (na época da publicação de *Sidereus Nvncius* – 1610) com membros da Companhia de Jesus, igualmente interessados no estudo da matemática e da astronomia.

como os marinheiros usam, e inda os poetas. E a Sagrada Escritura, *volucres caeli et pisces maris*.<sup>425</sup>

Nesta costa Africana.

Na costa de África onde está a Cidade de Milinde, na qual os Portugueses foram agasalhados como adiante veremos.

30

Estas palavras Júpiter dezia  
quando os Deuses por ordem respondendo  
na sentença um do outro diferia<sup>426</sup>  
rezões<sup>427</sup> diversas dando, e recebendo.  
O Padre Baco ali não consentia  
no que Júpiter disse, conhecendo  
que esquecerão seus feitos no Oriente  
se lá passar a Lusitana gente.

Depois de Júpiter propor aos Deuses estas cousas, foram eles votando<sup>1</sup> por sua ordem, dando com diversas rezões diferentes pareceres, e ouvindo com atenção a reposta de cada um. Baco totalmente se mostrou apaxonado contra os Portugueses, não aprovando o conselho de Júpiter, porque alcançava que se os Portugueses à Índia passassem, a memória dos feitos que ele lá obrara totalmente se acabaria.

Representa Júpiter aqui a pessoa de um prelado que propõe a seu convento algum negócio grave, e depois está ouvindo o que cada um diz pera escolher o melhor. Também dá seu documento dizendo, «rezões diversas dando e recebendo», contra aqueles que não escutam rezão, mas só o seu parecer julgam por (57)// acertado. Esta variedade dos Deuses no dar seus pareceres tocou Virgílio dizendo:

*Talibus orabat Iuno. Cunctique fremebant  
Caelicolae assensu vario ect.*<sup>428</sup>

Virg., X *Aen.*

Variavam nos pareceres, porque como diz Aristóteles *non idem unicuique delectabile est secundum naturam sed altera alterius*<sup>429</sup>. E Apuleio: *In coetu tur-*

Aristoteles, lib.  
21 *Politic.*

---

<sup>1</sup> No ms.: «foraõ elles dando seu voto/votando porsua ordem»...

<sup>425</sup> Liber Psalmorum Iuxta Septuaginta Emendatus, 8, 9.

<sup>426</sup> Na edição *princeps*, como nas de 1597, 1609, 1612 e 1626, «difiria»; nas edições de 1584, 1613 e 1631, «diferia». Na edição de 1591, «deferia».

<sup>427</sup> Na edição *princeps*, como em todas as outras realizadas até 1631, «Razões».

<sup>428</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, X, vv. 96-7. Na edição de referência: *caelicolae adsensu vario*.

<sup>429</sup> D. Marcos cita a *Polyanthea Nova* (1607, p. 1163), sob o título *Varietas*.

Apuleius in  
*Asino aureo*  
lib. 3

*bulento variae fuere sententiae*<sup>430</sup>. E Terêncio: *Verum est. Quot homines tot sententiae.*<sup>431</sup>

Terentius in  
*Andr.*

### O Padre Baco.

Alciato, *Embl.*  
23

Virg., 2 *Ae.*

Alciato: *Bacche Pater quis te mortali lumine vidit ect.*<sup>432</sup> Este epíteto era mui comum aos Deuses, e ainda aos Barões insignes muitas vezes se dava. Virg., 2 *Ae.*: *Inde toro pater Aeneas ect.*<sup>433</sup> Foi Baco filho de Júpiter e de Sêmeles, a quem Júpiter matou com um raio por certa petição que lhe fez injusta. Morta Sêmele, tirou-lhe Júpiter o filho das entranhas, e encerrou-o na sua coxa, donde o tirou a seu tempo, servindo-lhe de pai e de mãe. Foi mui perseguido de Juno sua madrastra, correu várias partes do Mundo. Seu próprio nome era Dionísio, também lhe chamam Osíris, *Liber pater*, e Leneu. Foi o primeiro que achou o modo de plantar vide (como diz Virgílio<sup>434</sup>, e Diodoro<sup>435</sup>), e por este benefício lhe faziam muita festa os seus devotos, entrou pela Índia triunfante, onde edificou a Cidade de Nisa, como<sup>1</sup> diz Strabo, nas faldras de um monte chamado Méroem<sup>436</sup>. Este nome pôs

Strabo Capad.,  
lib. 15

<sup>1</sup> No ms.: «Cidade de Nisa. \*como\* dis Strabo»...

<sup>430</sup> Lucius Appuleius Saturninus, *Metamorphoseon sive Asinus Aureus*, l. VI, 31. O erro na localização do passo decorre da *Polyanthea Nova* (1607, p. 1163). Também aqui D. Marcos retira matéria do título *Varietas*.

<sup>431</sup> Publius Terentius Afer, *Phormio*, vv. 453-454. Na edição de referência: *uerum ita est*. D. Marcos deverá ter encontrado na *Polyanthea Nova*, ainda sob o título *Varietas* (1607, p. 1162), estímulo para recordar este fragmento de Terêncio. Não se limitou, porém, a decalcar o que ali viu: na *Polyanthea Nova*, apenas se diz *Terent. Comoed. ult.*; D. Marcos, decerto confiando na memória, tentou nomear – embora erradamente – a obra clássica.

<sup>432</sup> D. Marcos cita o primeiro verso do emblema XXV (*In Statvam Bacchi*) de Andrea Alciato. Na edição de referência: *lumina novit* (*Emblemas*, 1985, p. 57).

<sup>433</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, II, v. 2.

<sup>434</sup> V. Polydori Virgilii Vrbinatis *De Rerum Inventoribus Libri Octo*, 1586, p. 224. No Livro III, cap. III, Polidoro (c. 1470-1555) toma como assunto *Quis primus vites & alias arbores plantauerit, earumque insitionem docuerit, & vsum vini repererit, & vino aquam miscuerit, de que nouo vitandæ ebrietatis modo [...]*. Aí explica: *Vites & vini vsum, atque ceterarum arborum fructus Dyonysium inuenisse Diodor. libro 4. autor est, vbi dicit, Dionysium orbem cum exercitu perambulantem, & vitem plantare, & ex racemis vinum torculari, ex quo ipsum Lenæum appellant, educere monstrasse. Et alibi vinum reperisse, & arborum fructus testatur*. Adiante, afirma que também Virgílio celebra Baco, no livro 2 das *Geórgicas*, como inventor da plantação da vide e da produção do vinho.

<sup>435</sup> A respeito de Dionísio, Diodoro lembra que a tradição relativa a este deus é complexa, ou, melhor, que de vários Dionísios conviria falar. Um traço, porém, ressalta: a ligação do nome de Dionísio à descoberta do vinho e à difusão, entre os homens, do conhecimento sobre o modo de o produzir. *Dionysius in Nysa educatus, disciplinâque eruditus, non tantum pulchritudine roboréque excelluit, sed multarum rerum utilium inuentione. Nam adhuc adolescens, & unum ex uiuis (cum uiteis sua sponte terra produxisset) exprimi, & qui fructus possent exiccarî, seruarique ostendit.* (*En Damus Diodori Siculi Historici Græci*, 1531, p. 271).

<sup>436</sup> A mítica relação de Baco com a cidade de Nisa é lembrada por Estrabão, na *Geografia* (15, 1, 8). D. Marcos, porém, não teria muito presente este texto: além de confundir dois nomes (*Meroem* e *Merus*), não transmite a informação dada a respeito deste último. Segundo Estrabão, o monte vizinho à cidade de Nisa havia sido chamado *Merus* (*i.e.* puro) pela qualidade da vinha que ali crescia e pelo clima pluvioso que marcava o seu fruto.

Baco a esta nova Cidade em memória de outra Nisa de Arábia onde as Ninfas o criaram. Homero e Virgílio nos Concílios dos Deuses faziam, ou fingiam, estas competências entre os Deuses, e sempre Vénus se inclinava à piedade, Juno à vingança. O planeta de Vénus no Céu é benigno, e influi com benignidade. Per Juno se entende o ar, como diz Pierio Valeriano<sup>437</sup>, no qual se formam e geram os trovões, raios, tempestades, e tormentas, e por isso Juno é vingativa, mal inclinada, o que estes sábios poetas davam a entender, introduzindo-a colérica e raivosa.

Pierio Valeriano  
in *Hieroglyph.*

Homero:

*At Iuno impatiens tantum simulare dolorem  
Pressa dolere, gravi furias sic fata resolvit.*<sup>438</sup>

Homerus,  
*Iliad.* 4

Virgílio:

*Ac regia Iuno  
Acta furore gravi quid me alta silentia  
Cogis rumpere ect.*<sup>439</sup>

Virg., X  
*Aeneados*

Vénus benigna sempre favorece. Por Vénus se entende a virtude natural que as cousas tem de produzir<sup>440</sup>, e por Cupido o natural amor que cada cousa tem a si e a sua conservação, por isso diz Platão que era o Amor grande em toda a parte: *Cum propter alia multa tum propter eius originem Amor enim omnibus ad omnia est ingenuus*<sup>441</sup>. Por isso Hesíodo no princípio da criação das cousas logo põe a Amor, que as havia de conservar<sup>442</sup>. Esta é a Vénus que toma à sua conta as partes dos Portugueses, como Baco em lugar de Juno por seus respeito

Phaedrus  
Platonis

Hesiodus in  
*Theogonia*

<sup>437</sup> Numa edição como *Ioannis Pierii Valeriani Bellvnensis Hieroglyphica, Sive De Sacris Ægyptiorum aliarumq̄ gentium literis, Commentariorum Libri LVIII. cum duobus alijs ab eruditissimo viro annexis* (1614), aos VIII livros da obra de Valeriano junta-se um conjunto de textos *quæ per varia Deorum & hominum simulacra significantur*. É aí que se faz referência a Juno, enquanto parte dos *Quatvor Elementa: Iuno enim ipsa aerem significat* (l. I, cap. XXXVIII). Logo adiante, acrescenta-se, tratando de *Tempestatum mutationem, et arcana tempore patefieri* (l. I, cap. XXXIX): *Eadem Iuno nubibus undique septa, ita ut vix cerni possit, tum mutationem tempestatum (cum Iuno aeris symbolum sit) tum res alta vetustatis caligine mersas, aut alioqui obscuras absconditasque, quas tamen tempus patefaciet, tum temporis brevitatem significat*. (1614, p. 743).

<sup>438</sup> D. Marcos, embora seguindo a tradução de Nicolau Valla (1510, f. 9), altera algumas palavras: em lugar de *simulare furorem*, escreve *simulare dolorem*; e parece ter transformado (mas a leitura do ms. deixa dúvidas) *Pressa dolore* em *Pressa dolere*.

<sup>439</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, X, vv. 62-64. Na edição de referência: *tum regia Iuno*.

<sup>440</sup> D. Marcos apoia-se decerto na *Polyanthea Nova* (1607, p. 1169), onde, sob o título *Venus*, e atribuído igualmente a Leão Hebreu (*Leo. Heb. de am. dial. 2*), está o passo que traduz: *Veneris natura propria generandi esse existimatur*.

<sup>441</sup> O excerto faz parte de uma citação do *Platonicus Phædrus*, incluída, sob o título *Amor Cupidineus seu Venerus*, na *Polyanthea Nova* (1607, p. 82).

<sup>442</sup> A referência a Hesíodo e à sua *Theogonia* terá sido inspirada por uma citação igualmente incluída sob o título *Amor Cupidineus seu Venerus* na *Polyanthea Nova* (1607, p. 82). Aí se enfatizava: *Idem fabulatur, amorem ex chao & terra natum*.

tratava de os destruir. A mente do Poeta, como ele adiante dá a entender, é que Vénus representa o Anjo bom que foi dado por guia desta armada, e por Baco o Cacodemo, como os Gregos lhe chamam, que os seguiu pera lhe empecer. Esta guerra, e estas contradições em toda a República, em todo o estado, e em cada um de nós se exercitam. Grande parte pera vencêremos é ajudáremos a cada qual destes competidores. O Capitão com cautelas, vigilâncias, como vimos que fazia Vasco da Gama, nós com fugir as ocasiões do mal, temos da nossa parte o bem.

Dá o nosso poeta a causa do ódio do padre Baco dizendo que inveja o estimulava, por não perder o crédito na Índia que tinha ganhado, como o Demónio tem ódio aos homens santos que vão possuir as cadeiras que ele perdeu. Não se aparta Camões de Virgílio, que dá por rezão dos ódios de Juno as profecias dos fados sobre o Império dos Romanos destruidores algum tempo (58)// da sua querida Cidade de Micenas, e outras que o poeta aponta e o nosso imita dizendo:

31

Ouvido tinha aos fados que viria  
ũa gente fortíssima de Hespanha  
pelo mar alto, a qual sujeitaria  
da Índia tudo quanto Dóris banha.  
E com novas vitórias venceria  
a fama antiga, ou sua ou fosse estranha,  
altamente lhe dói perder a glória  
de que Nisa celebra inda a memória.

Dos fados tinha ouvido que algum tempo viria pelo mar Oceano, das partes de Hespanha, ãa esforçadíssima gente que conquistaria todo o marítimo da Índia, cujas nunca ouvidas vitórias poriam silêncio à antiga fama que assi ele Baco como outros naquelas partes tinham ganhado. Sentia notavelmente perder a honra que a sua Cidade Nisa ainda celebrava em memória de seus feitos.

Ouvido tinha aos fados que viria  
ũa gente *ect.*

Virgílio, 1.º  
*Aen.*

Virgílio:

*Progeniem sed enim Troiano á sanguine duci  
Audierat Tyrias olim quae everteret arces  
Hinc populum late regem, belloque superbum  
Venturum excidio Lybiae. sic volvere parcas.*<sup>443</sup>

Altamente lhe dói.

---

<sup>443</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, vv. 19-22. Na edição de referência: *verteret arces*.

Virg.: *Manet alta mente repostum ect.*<sup>444</sup>

Aqui temos a Baco cheo de inveja, a por particulares respeitos impedir o bem comum. Quantos destes tem o mundo, que por não perder pequeno crédito com os homens, arriscam empresas de importância. Estes (58v)// comparo eu a Jonas, que por ser tido por Profeta, e não perder crédito<sup>1</sup> com o mundo, queria que sovertesse Deus a populosíssima Cidade de Níneve.<sup>445</sup>

Jonas

Quanto Dóris banha.

Foi Dóris filha do Oceano, e de Tétis, a qual casando com seu Irmão Nereu foi mãe das Ninfas Nereidas. Toma-se pelo mar, como aqui o nosso poeta, e Virgílio:

*Sic tibi cum fluctus subterlabere Sicanos  
Doris amara suas non intermisceat aquas.*<sup>446</sup>

Virgil., Egloga  
X

32

Vê que já teve o Indo sojugado  
e nunca lhe tirou fortuna, ou caso,  
por vencedor da Índia ser cantado  
de quantos bebem a água do<sup>447</sup> Parnaso.  
Teme agora que seja sepultado  
seu tão célebre nome em negro vaso  
da água<sup>448</sup> do esquecimento se lá chegam  
os fortes Portugueses que navegam.

Considera Baco, que foi Senhor do terreno que Indo banha, e desde então até ‘gora nem por Caso nem fortuna perdeu entre os poetas o nome de Conquistador da Índia. E por isso recêa, que se os Portugueses lá chegarem, perdendo este nome, fique a memória de suas façanhas sepultada no negro vaso do esquecimento.

Fortuna ou Caso.

---

<sup>1</sup> No ms.: «enão perder credito credito cõ o mundo»...

<sup>444</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, v. 26.

<sup>445</sup> V. Iona Profeta, 4. Depois de, por incumbência divina, ter pregado em Nínive a iminência do fim da cidade, conseguindo assim a conversão das suas gentes, Jonas indigna-se pelo facto de Deus não cumprir o que o fizera anunciar: *et adflictus est Iona adflictione magna et iratus est* (4, 1).

<sup>446</sup> Publius Virgilius Maro, *Bucolica*, X, vv. 4-5. Na edição de referência: *Doris amara suam non intermesceat undam*.

<sup>447</sup> Na edição *princeps*, como em todas as outras realizadas até 1631, «de Parnaso».

<sup>448</sup> Na edição *princeps*, como nas de 1584, 1591, 1597 (onde, decerto por gralha, se lê – sic – «D’goa»), 1609, 1612, 1626 e 1631, «D’água»; na edição de 1613, «Da água».

Lactantius Firm., lib. 3 *De falsa sapientia*

S. August. p., lib. 4 *De Civitate Dei*, c. 18

Aristoteles, 2 *Physic.*, cap. 6, tex. 68<sup>430</sup>

Aristot., lib. 2 *Phys.*, tex. 66

Pausanias, lib. 4

Diz Lactância Firmiano que os homens ignorantes, não alcançando a causa de muitas cousas, deram divindade à fortuna, a qual sentença é tirada de Cícero, que diz: *Ignoratio rerum atque causarum for(59)lltunae nomen induxit*<sup>449</sup>. Viam os homens uns acontecimentos extraordinários, uns desacostumados sucessos, não sabendo a causa deles disseram que havia ãa divindade causadora dessas novidades. Contra estes se põe entre outros nosso Padre Santo Augustinho, arguindo a ignorância deles com evidentes provas. O que o nosso poeta diz, «fortuna ou caso», fazendo divisão entre um e outro, declararemos agora. Difine Aristóteles o caso mostrando a diferença que tem da fortuna, dizendo: *Casus latius patet nam quod est a fortuna casu est, quod vero casu non omne a fortuna*<sup>1</sup>. A difinição do caso é: *Casus est causa per accidens in iis quae alicuius gratia fiunt sine delectu tamen*<sup>451</sup>. Caso é ãa causa acidentária naquelas cousas que por amor de outra se fazem, sem escolha nem deliberação. A fortuna tem a mesma definição, acrescentando-lhe somente *cum delectu*. Donde conforme o mesmo Aristóteles, nos meninos, e mentecautos, e brutos não acontece nada *ex fortuna sed ex casu*, porque lhe falta a escolha que está no entendimento. Donde se entende que caso é acontecimento mais simples, fortuna de mais momento, mas ambos os sucessos, ou sejam de fortuna ou de caso, são acaso, *et per accidens*. Donde tem Aristóteles muita reção de reprender a Demócrito, que teve pera si que a criação do orbe celeste se havia de atribuir a caso ou fortuna<sup>452</sup>. O primeiro que fez imagem ou estátua de fortuna foi Búpalo, segundo diz Pausânias<sup>453</sup>. Em várias partes do mun-

---

<sup>1</sup> No ms.: «fortuna. Econforme estadivisaõ XXX Josepho Langio nasua Poliantea. tt.º Casus. ondedis ocontrario alegando cõ o mesmo Aristoteles qtal não dis, porq̄ eu vi otexro grego, e olatino e temocontrario.»

<sup>449</sup> V. *Polyanthea Nova*, 1607, p. 449. Sob o título *Fortuna*, lê-se: *Fortuna est accidentium rerum subitus atque inopinatus eventus. Multa enim, inquit Cicero, efficit inopinata nobis propter obscuritatem ignorationemque causarum. Descriptio fortuna per Lactantium l. 3 De falsa sapientia, c. 29.*

<sup>450</sup> Parece ter havido alguma hesitação na grafia deste número. Salvo erro de leitura, no manuscrito acabou por ficar «68»; a indicação correcta seria, no entanto, «58», pois é esse o número que corresponde, na edição dos Comentários dos Conimbricenses, ao texto citado no início do início do cap. VI, fonte da definição de *casus* apresentada por D. Marcos (*Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesu, In octo libros Physicorum Aristotelis Stagiritæ*, 1592, p. 252).

<sup>451</sup> Continuando a usar a mesma obra, D. Marcos retira da *Capitis sexti* [por gralha, na edição de 1592, *septimi*] *explanatio* a frase com que define caso (*Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesu, In octo libros Physicorum Aristotelis Stagiritæ*, 1592, p. 252).

<sup>452</sup> *Causae per accidens*: a respeito dos conceitos de caso e de fortuna, esta ideia sobressai nos Comentários dos Conimbricenses sobre o cap. VI da *Física* aristotélica. D. Marcos pôde aí encontrar a frase que traduz: *Ex ijs, quæ hactenus disputauit, progreditur contra Democritum, qui coelestis mundi ortum casui & fortunæ ascribat* (*Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesu, In octo libros Physicorum Aristotelis Stagiritæ*, 1592, p. 254).

<sup>453</sup> Segundo Pausânias, Homero terá sido o primeiro a mencionar a Fortuna em seus versos e Búpalo terá sido pioneiro na edificação de um templo a esta divindade: *Cæterum Bupalus, homo & in extruendis templis industrius, & effingendis animantibus, primus (quod sciam) apud Smyrnaeos Fortunæ simulacrum elaborauit.* (*Pausaniæ De Tota Græcia Libri decem*, 1550, p. 178). Para este

do teve templos. Em Âncio, Cidade Latina Colônia dos Romanos teve um mui célebre<sup>454</sup>. Horácio: *O Diva gratum quae regis Antium*<sup>455</sup>. Diz Juvenal que a falta de prudência faz cair os homens em muitos erros que depois atribuem à fortuna, atribuindo-lhe divindade que ela não tem.

Horatius, od. l. 1, ode 35

Juven., Satira 10

*Nullum numen abest si sit prudentia. Sed te  
Nos facimus Fortuna Deam caeloque locamus.*<sup>456</sup>

Anco Márcio fez o primeiro templo da fortuna, e pôs nele o seu simulacro com barba<sup>457</sup>. Foi este Rei mui devoto da fortuna, que tanto o sublimou que de filho de ãa escrava o fez Rei dos Romanos. Plutarchus *de fortuna Romanorum*. (59v)//

Plutarchus, *De fortuna Roman.*

Ausônio diz que sempre nos havemos de reccar da fortuna, quando nos levanta, e quando nos ameaça.

*Si fortuna iuvat caveto tolli  
Si fortuna tonat, caveto mergi.*<sup>458</sup>

Ausonius in Epigram.

---

passo, que se acha no livro IV, remete o índice da obra, assinalando, em termos que D. Marcos parece repetir: *bupalus primus apud Smyrnaeos Fortunae simulachrum elaboravit*. Todavia, D. Marcos também poderá ter obtido informação através dos Comentários dos Conimbricenses (*cap. VI, quaestio I, articulus I*), onde se lê, a respeito das representações gentias da fortuna: *Nam Bupalus, ut Pausanias lib. 4 ait, primus apud Smyrnaeos statuum fortunæ fecit capite polum, altera manu cornucopiæ quasi dominam gerentem*. (*Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesu, In octo libros Physicorum Aristotelis Stagiritæ*, 1592, p. 255).

<sup>454</sup> A informação pode vir da *Officina* de Ravisius Textor, onde, no capítulo sobre *Loca Deis Sacra*, também aqueles versos de Horácio são citados: *Antium maritima urbs Latinorum Fortunam habuit in honore maximo, cui etiam sacra fecit, templumque erexit magnificum*. Vnde Horat. lib. I. *Car. O diua, gratum quæ regis Antium* (1560, II, p. 127 – erradamente numerada «527»).

<sup>455</sup> Quintus Horatius Flaccus, *Carmina*, I, 35, v. 1. Sob o título *Fortuna*, o passo é citado na *Polyanthea Nova*, 1607, p. 449.

<sup>456</sup> Decimus Junius Juvenal, *Satirae*, 10, vv. 365-366. Na edição de referência: *nullum numen habes, si sit prudentia: nos te, / nos facimus, Fortuna, deam caeloque locamus*. D. Marcos cita de certo pela *Polyanthea Nova*, 1607, p. 449.

<sup>457</sup> Na *Polyanthea Nova* (1607, p. 454), lembra-se Plutarco e a obrinha *De fortuna Romanorum*, para falar de Anco Márcio e da sua iniciativa pioneira: *Primus, inquit, fortunæ delubrum Ancus Martius substruxit, fortunamque virili nomine dicavit*. D. Marcos acolhe esta informação e (sempre seguindo a *Polyanthea Nova*) torna-a mais precisa ao explicar que a imagem dessa Fortuna era a de uma figura barbada. O resto que sobre este exemplo diz, porém, ultrapassa a *Polyanthea Nova* e contraria o texto de Plutarco, onde Anco Márcio é lembrado como neto de Numa e descendente de Rômulo.

<sup>458</sup> Decimus Magnus Ausonius, *Periander Corinthius, Septem Sapientum Sententiae*, in *Appendix Ausoniana*, I, IV. Sob o título *Fortuna*, o passo é citado na *Polyanthea Nova*, 1607, p. 449. Na edição de referência: *multis terribilis caveto multos. / si fortuna iuvat, nihil laboris: / si non adiuvat, hoc minus laboris*.

Claudiano, considerando a prosperidade dos maus, e os<sup>1</sup> infelices sucessos dos virtuosos, veio a julgar que a fortuna era ignorante:<sup>II</sup>

*Sed cum res hominum tanta caligine volui  
Aspicerem laetosque diu florere nocentes  
Vexarique pios: Rursus labefacta cadebat  
Religio, causaeque viam non sponte sequebar  
Alterius, vacuo quae semina currere motu  
affirmat, magnumque novas per inane figuras  
fortuna non arte regi quae numina sensu  
ambiguo, vel nulla queat vel nescia nostri.*<sup>459</sup>

A estas dúvidas e pensamentos de Claudiano e de outros responde nosso Padre Santo Augustinho dizendo assi: *Placuit quidem divinae providentiae ect.*<sup>460</sup> Assi o quis a divina providência, a qual aparelhou uns bens sempiternos pera os santos e justos, dos quais bens não gozariam os maus e preversos. E uns males terríveis pera os pecadores, que não tocariam aos bons. Porém estes bens e males temporais quis que fossem comuns a bons e maus, porque nem os bens da vida se cobicem muito quando os maus os gozam e possuem, nem os males se fujam torpemente, pois também os virtuosos são afligidos com eles, *ect.* Eis aqui a origem da inconstância dos bens do mundo. Eis aqui, porque as Monarquias duram pouco, e ora estão nãa nação, ora noutra, porque ninguém cuide que num mundo instável e inconstante há-de possuir bens firmes e perpétuos<sup>461</sup>. A esta inconstância e mutabilidade dos bens do mundo chamaram fortuna, e por isso o (60)// Filósofo Cebes e outros a pintaram cega, semelhante a um homem furioso, posta sobre ãa pedra redonda e moveiça<sup>462</sup>. Elegantemente descreveu Virgílio as condições da fortuna num seu opúsculo dizendo

<sup>1</sup> No ms.: «maos, \*e os\* infelices sucessos»...

<sup>II</sup> No ms.: «era ignorante, eq sua divindade, ou não aavia, ou se existiu, era nescia.» (leitura hipotética).

<sup>459</sup> Claudius Claudianus, *In Rufinum*, I, vv. 11-18. Na edição de referência: *tanta caligine volvi / adspicerem; vacuo quae currere semina motu / adfirmat; ambiguo vel nulla putat vel nescia nostri*. O passo, tal como D. Marcos o cita, encontra-se na *Polyanthea Nova*, sob o título *Fortuna* (1607, p. 449).

<sup>460</sup> *De Civitate Dei*, I, VIII. Na edição de referência: *Placuit quippe divinae providentiae...*

<sup>461</sup> Para lá da reflexão, com raízes bíblicas, sobre a fragilidade das realizações humanas, no horizonte de D. Marcos poderá ter estado uma obra como a do neo-estóico Justo Lípsio (1547-1606). Em *De Constantia* (I, XVI), Lípsio vincava a força da mudança, buscando em imagens comuns apoio para a sua argumentação. Assim, dizia: *Ut ferro consumens quaedam rubigo per naturam agnata est: ligno excendens caries aut teredo: sic animalibus, oppidis, regnis, internae et suae causae pereundi, i.e.*, tal como, pela lei natural, ao ferro se liga a ferrugem, ou na madeira entra o caruncho, também os seres vivos, as cidades e os reinos têm em si as causas da sua própria destruição (Jacqueline Lagrée, *Juste Lipsé et la restauration du Stoïcisme*, 1994, p. 132).

<sup>462</sup> D. Marcos poderia lembrar um trecho da *Polyanthea Nova* (1607, p. 454), onde se lê: *Vulgatissimum illud inter Hieroglyphica, Fortunam nunc rotula, ut vulgus, nunc sphaera alicui, ut*

O fortuna potens, quam variabilis  
quantum iuris atrox quae tibi vindicas  
evertisque bonos eligis improbos  
nec servare potes muneribus fidem.  
Fortuna immeritos auget honoribus  
Fortuna innocuos cladibus afficit  
Iustos illa viros pauperie gravat  
indignos eadem divitiis beat.  
Haec aufert iuvenes et retinet senes  
Iniusto arbitrio tempora dividens  
Quod dignis adimit transit ad impios  
Nec discrimen habet rectaque iudicat  
Inconstans, fragilis, perfida, lubrica  
Nec quos clarificat perpetuo fovet  
Nec quos deservit perpetuo premit.<sup>463</sup>

Virgilius, *de  
Fortuna opusc.*

A inconstância da fortuna serve de consolação aos caídos, e de medo aos levantados. Donde diz Séneca trágico, bem como em tudo:

Nemo confidat nimium secundis  
nemo desperet meliora lapsis  
miscet haec illis, prohibetque Clotho  
stare, fortuna rotat omne fatum  
Nemo tam divos habuit faventes  
crastinum ut possit sibi polliceri  
Res Deus nostras celeri citatas  
turbine vertit.<sup>464</sup>

Seneca in  
*Thieste*

Acharam alguns que melhor era a sorte dos que tinham e experimentavam fortuna adversa que próspera, porque aos favorecidos da fortuna era mais propínqua a queda.

---

*Cebes, insistentem pingere: sive ut eam rerum Dominam ostenderent, (qua de causa Appelles eam in sedem collocavit) sive ut ejus instabilitatem coarguerent. Pier. Val. lib. 39, pag. 378 f.* Mais relevante, porém, neste caso terá sido a lição dos Conimbricenses, que, tratando da fortuna, haviam lembrado: *Porro Cebes Philosophus, alijque veteres fortunam caecam effinxere, furenti similem, volubili saxo pendentem. (Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesu, In octo libros Phisicorum Aristotelis Stagiritæ, 1592, p. 255).*

<sup>463</sup> *Fortuna Opusculum* andou atribuído a Virgílio. O trecho que D. Marcos aduz foi divulgado em colectâneas como a *Polyanthea Nova*, de Joseph Lange, ou *Gnomologia sev Repertorium Sententiarvm*, de François Le Tort (1581, f. 171v). D. Marcos (apenas discrepando ao dizer *quantum iuris*, em vez de *tantum iuris*) cita decerto pela *Polyanthea Nova* (1607, p. 450).

<sup>464</sup> Lucius Annaeus Seneca, *Thyestes*, vv. 615-622. Na edição de referência: *stare fortunam, rotat omne fatum; crastinum ut posset; turbine versat*. O passo figura na *Polyanthea Nova*, sob o título *Fortuna* (1607, p. 450).

Sêneca:

*Quicquid in altum  
fortuna tulit ruitura levat.*<sup>465</sup>

Súrio Dezia a Rainha D. Caterina, mulher del Rei Henrique 8.º de Inglaterra, que ãa e outra fortuna eram más, mas a próspera peor.<sup>466</sup>

Arist., l. 8  
*Ethicorum*

Aristot.: *Quanto maior est fortuna tanto minus est secura.*<sup>467</sup> (60v)//

Boet., lib. 2,  
pr. 8

Falando a filosofia com Boécio, e consolando seus males, prova-lhe que a fortuna contrária é mais de estimar por muitas rezões, dizendo, *Mirum est quod dice-re gestio ect.*<sup>468</sup> Estou desejando de dizer já ãa maravilhosa doutrina. Na verdade que tenho pera mim que muito mais aproveita aos homens a fortuna adversa que a próspera, porque esta próspera, quando mais branda parece, mente e engana; a adversa sempre é verdadeira, pois que se mostra instável com sua mudança. ãa engana, outra ensina. Aquela com aparência de enganosos bens prende os juízos dos que a possuem. Esta com o conhecimento da frágil felicidade os desata. Assi que ãa vereis inchada, escorregadia, ignorante de si mesma. Outra sesuda, percatada, e com o exercício da adversidade prudente, e finalmente a fortuna próspera, com suas branduras leva os homens fora do caminho do verdadeiro bem. A adversa, pela maior parte tornando-os aos bens verdadeiros, os detém como com fateixa. E cuidais que haveis de estimar pouco este bem que a adversa fortuna vos faz, em vos mostrar e descobrir os rostos dos verdadeiros amigos. Apartando-se a fortuna próspera levou consigo os seus amigos, deixou-vos os vossos *ect.* Tudo isto Boécio, varão santo e douto.

Tito Lívio  
Plutarco, *De  
fortuna Alex.*

Grande parte é pera ter bom sucesso dispor bem as cousas, donde disse o Historiador: *Qui recte disposuit prospere egit*<sup>469</sup>. Ditoso e bem afortunado foi Alexandre, ninguém o nega, porém, diz Plutarco que com esforço alcançou esses

---

<sup>465</sup> Lucius Annaeus Seneca, *Agamemnon*, vv. 101-102. O passo figura na *Polyanthea Nova*, sob o título *Fortuna* (1607, p. 449).

<sup>466</sup> Súruius traça de D. Catarina um elogioso retrato, vincando a sua força anímica perante as adversidades: sublinha a fidelidade da rainha para com Henrique VIII, que dela se divorciara a fim de casar com Ana Bolena; encarece o carácter modesto, *admodum religiosè et sanctè*, dos seus últimos anos de vida; e lembra, como um *apothegma* memorável ou *dictum verè pudici pectoris & sapientis*: *Aiebat illa, se quidem temperatam & mediam quandam fortunam malle, quam vel asperrimam vel lenissimam: alterutrum tamen optandum si esset, electuram citius tristissimam, quam blandissimam: Infelicibus non deesse consolationem, fortunatissimis deesse mentem.* (*Commentarius Brevis Rerum in Orbe Gestarum*, 1602, p. 272).

<sup>467</sup> O aforismo de Aristóteles, incluso na *Ética a Nicómaco* (VIII, 1), vem citado na *Polyanthea Nova*, sob o título *Fortuna* (1607, p. 451). Provavelmente, a matriz desta versão latina seria a *Translatio Roberti Grosseteste*, que apresenta termos idênticos: *quanto enim maior [fortuna], tanto minus secura* (Aristoteles Latinus, *Ethica Nicomachea*, 1973, p. 520).

<sup>468</sup> Anicius Manlius Severinus Boethius, *Consolatio Philosophiae*, II, pr. VIII, 5-6.

<sup>469</sup> A frase parece um aforismo moldado a partir de passos como o que se lê em *Ab Urbe Condita*, XXV, XII, 10: *hoc si recte facietis, gaudebitis semper fietque res vestra melior.*

bons sucessos, s. trazendo mui experimentados Capitães, mui valerosos soldados, sendo o primeiro nas batalhas, liberalíssimo com os que o serviam, que todas são partes mui necessárias pera alcançar o que ele alcançou. No nosso Portugal temos exemplos que aos antigos pudéramos emprestar. Vimos o nosso Santo Rei D. Afonso Henriques<sup>470</sup> ditosíssimo nas batalhas e empresas que tomava, mas de tal sorte despunha as cousas, que primeiro como Católico príncipe, santo, e virtuoso, tratava de ter a Deus propício, encomendando a pessoas devotas, e principalmente a seu Confessor Santo Teotónio, que rogassem a Deus por ele. E sendo assi que o negócio da tomada de Santarém requeria muito segredo, (61)// antes que partisse praticou ao Santo Prior todos seus desenhos e traças, parecendo-lhe que por esta via tinha mais certo o que esperava, e não se descuidava de pagar a Deus o que dele alcançara, senão que repartia com os seus ministros os despojos de suas vitórias, como com os Capitães que as alcançaram. A isto se seguia ter ânimo valeroso, e intrépido, forças corporais estremadas, cavaleiros e soldados esforçadíssimos. Eis aqui a fortuna de suas vitórias. Nestes nossos lamentáveis tempos vimos ao grande André Furtado de Mendonça<sup>471</sup>, por quem a Índia, e Portugal, sempre suspirará, não saiu este Capitão pela barra fora a empresa algũa que não tornasse com vitória. Bem-afortunado foi, não há dúvida, mas esta fortuna havemos de considerar que lhe vinha de seu grande esforço, do bom termo que teve com seus soldados, que todos o amavam como a pai. Neste reino falei com alguns, que se foram seus irmãos não puderam falar com mais amor nas suas cousas. E um destes, todas as vezes que o nomeava tirava o chapéu. Cunhale, quando o viu, e o modo que teve em dispoer o Cerco da fortaleza onde ele estava, reconheceu sua fortuna, a qual estava no saber que a outrem faltou, porque como bem disse Ênio,

*Fortibus est fortuna viris data,*<sup>472</sup>

o que Virgílio imitou:

*Sors et virtus miscentur in unum.*<sup>473</sup>

Enius, l. 7

Virg., 12 Aen.

<sup>470</sup> Em várias ocasiões, D. Marcos destaca uma estreita relação entre D. Afonso Henriques e o Prior de Santa Cruz, D. Teotónio, apoiando-se em textos como a *Vita Theotonii*. Aí, a respeito da conquista de Santarém, enfatizava-se que só a D. Teotónio o rei revelara o seu plano (v. Aires A. Nascimento, *Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra*, pp. 188-189).

<sup>471</sup> André Furtado de Mendonça (1558?-1611) foi por breves meses, em 1609, governador da Índia, colmatando um hiato na transmissão de poderes entre vice-reis. O encargo ter-se-á devido à confiança inspirada pela sua carreira, de soldado a famoso capitão, capaz de resistir ao cerco que uma armada de Holanda pôs à fortaleza de Malaca em 1608. Celebrado como incorrupto e dedicado ao serviço da pátria, Mendonça obteve igualmente, entre 1599 e 1600, vitórias contra piratas muçulmanos, como Cunhale, que actuava na costa do Malabar. Frei João dos Santos, na *Varia Historia de Covsas Notaveis do Oriente [...]. Segvnda Parte* (1609, IV, XVI-XVII, fls. 108v-111), que D. Marcos conhecia, dedica-lhe capítulos elogiosos.

<sup>472</sup> Dos *Annales* de Ênio, não sobreviveram senão fragmentos, que a partir de meados do século XVI foram divulgados em várias edições. É provável, porém, que D. Marcos cite este passo (*Annales*, VII, 137) pela *Polyanthea Nova*, onde surge no verbete sobre *Fortuna* (1607, p. 450).

<sup>473</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, XII, v. 714. Na edição de referência: *fors*. Também este verso é citado na *Polyanthea Nova* (1607, p. 450), sob o título *Fortuna*.

Ûa cousa quero advirtir de caminho, e é que pela maior parte Príncipes e Capitães bem afortunados foram virtuosos e santos. Dom de fortaleza teve o Cid Rui Dias<sup>474</sup>, a quem devo esta lembrança pois ajudou a tomar aos Mouros a Cidade de Coimbra, pátria e mãe minha. Este Barão invicto, até depois de morto venceu os inimigos. E era dotado de muitas virtudes. D. Afonso Henriques nosso primeiro Rei foi um espelho de santidade. Dom Nuno Alvres Pereira varão santíssimo foi. (61v)// El Rei D. João primeiro bem mostrou sua Religião nas obras insignes que fez, principalmente na obra do mosteiro da Batalha, que ninguém se atreveu a acabar, nem pôde nem soube. Que direi do grande Dom João segundo? Sua santidade testifica o Cronista del Rei Dom Emanuel, Damião de Góis<sup>475</sup>, porque não ponhamos suspeições a Rui de Pina nem a Gracia de Resende<sup>476</sup>. Afonso de Albuquerque, o Grande Capitão, era homem mui pio e mui virtuoso. Vasco da Gama, além de ser dotado de grande prudência, era mui amigo de Deus. Duarte Pacheco Pereira devotíssimo foi da Virgem nossa senhora, a quem encomendava sempre o sucesso de suas batalhas. Do grande André Furtado sabemos virtudes mui estremadas e vício nenhum. A pena me cansará, e enfadarei aos leitores se quiser fazer resenha de todos os homens notados de esforço junto com virtudes particulares, as quais são grande ajuda pera ser bem-afortunado.

---

<sup>474</sup> Figura mítica da Reconquista, Rodrigo Díaz de Bivar foi consagrado como «campeador» e exaltado em múltiplos textos, desde crónicas a romances. Enquanto ícone cultural e político, o Cid Ruy Díaz não deixou, porém, de ser objecto de paródia, com algumas vezes a chamarem-lhe «Ruim Dias» (veja-se a comédia *Aulegrafia* de Jorge Ferreira de Vasconcelos – 1619, f. 124). Se noutros lugares D. Marcos exhibe reserva e até escândalo perante a construção de algumas imagens gloriosas, que diz típica da historiografia castelhana, aqui, seguindo Pedro de Mariz, nos *Dialogos de Varia Historia* (1597-1599, I, V, fls. 17-17v), presta homenagem ao herói que, em Coimbra, teria concorrido para o triunfo cristão sobre as forças mouras.

<sup>475</sup> Damião de Góis fez-se eco da fama da santidade de D. João II, quer retomando palavras de Garcia de Resende (por altura da trasladação dos despojos régios para a Batalha, «do corpo saía um tão bom cheiro, que a todos fez espanto, e depois se soube por verdade ter o senhor Deus por ele feito alguns milagres depois de sua morte»), quer acrescentando um testemunho pessoal («E o Infante dom Henrique Cardeal de Portugal me disse, que no ano de mil e quinhentos e cinquenta e cinco, que é sessenta anos depois do falecimento del rei dom João, que estando ele no convento da Batalha, mandara abrir a sepultura deste glorioso Rei, e vira o corpo inteiro do modo arriba dito, e sentira sair dele um suavíssimo odor.» (*Chronica do Felicissimo Rei Dom Emanuel*, 1566, I, XLV, f. 43).

<sup>476</sup> Rui de Pina não só afirmou que os catorze anos de reinado de D. João II «neste Mundo abastaram, pera no outro merecer de regnar na Gloria, que he pera sempre» (*Chronica d'ElRey D. João II*, cap. LXXXII, in *Crónicas*, 1977, p. 1032), como declarou que o corpo do Rei «foy soterrado na Igreja Maior [de Silves] onde jouve com esperiencia de milagres que nosso Senhor em sinal de sua bem aventurança por elle fazia.» (p. 1033). Com mais ênfase, Garcia de Resende lembraria que, apesar da cal lançada no ataúde em que fora originalmente sepultado, o corpo de D. João II se revelara incorrupto: «quando o desenterraram, cuidando de achar somente os ossos, o acharam todo inteiro que se conhecia como em vivo, e com um muito suave cheiro não sabido, que cheirava muito bem, de que foi mui grande espanto, e assi inteiro jaz ainda agora, e as cousas que em seu corpo tocam prestam pera muitas infirmitades, e tem feito muitos milagres (como dito é).» (*Chronica dos Valerosos e Insignes Feitos del Rey Dom João II*, 1622, f. 129). Adiante, relatando a trasladação, volta a insistir que se tratava de um «corpo santo», «per esperiência de milagres que já tinha feito» (f. 130v), e por último não deixa de reiterar: «E assi jaz o Santo Rei, onde nosso Senhor por ele faz muitos milagres.» (f. 133).

Contudo, inda que virtude, esforço, prudência sejam as partes da fortuna mais necessárias, não poderei negar que há homens pouco venturosos em seus negócios sem culpa sua, outros felicíssimos em seus sucessos. Quem há que não saiba a grande ventura que os decendentes de Vasco da Gama tiveram sempre no mar, já os Historiadores da Índia o advertiam, e entre nós é já como adajo, ou provérbio, a dita dos Gamas no mar<sup>477</sup>. Houve tempestades cruelíssimas, perderam-se naus, só aquela em que algum Gama vinha chegou a salvamento, sem da sua parte eles porem cousa a que se isto possa atribuir. Pelo contrário, houve neste Reino um fidalgo digno de melhor ventura. Nobilíssimo per geração, illustre por seu esforço e prudência, tão ocupado das partes e dões da natureza, que não teve a ventura onde poer os seus, jamais este fidalgo fez jornada em que os elementos se não conjurassem contra ele, donde escapava com evidente perigo. Indo este fidalgo rendendo ãa nau inimiga mui rica, donde espe(62)//rava rico despojo, que bem necessário lhe era, e tendo-a já quasi rendida, envejosa a fortuna desta felicidade, pôs fogo a ãa nau companheira, à qual o fidalgo acudiu, e perdeu a presa por se não perder a gente que do fogo fugia e se deitava já na água, e tanto o perseguiu esta fortuna que de desgosto da vida morreu. E terá Deus dado a sua alma a dita que na vida lhe negou? Que diremos a isto, que faltou a este fidalgo pera ser bem-afortunado, da sua parte? Nem Sangue, pois o seu era o melhor do Reino. Nem Esforço, porque foi outro Cipião, e Aníbal, nem Prudência e conhecimento das cousas, porque ele era Capitão e bombardeiro, e piloto, e a tudo acudia com sumo esforço e saber. Faltou-lhe querer Deus que fosse venturoso nesta vida<sup>1</sup>, isto conclui e é a última reposta da fortuna.

De quantos bebem a água do Parnaso.

texto

Sobre a 4.<sup>a</sup> oitava tratámos da fonte cabalina, que tinha virtude de fazer poetas aos que a bebiam. Agora trata de outra fonte da mesma virtude chamada Castália, o qual nome segundo as fábulas tomou da Ninfa Castália, que fugindo de Apolo se precipitou e converteu em fonte. Estava esta fonte Castália no monte Parnaso, de quem falou Plínio e Strabo Capadócio. Tinha este monte dous outeiros, um chamado Tytoreo, e outro Hiampeo, que por isso Pérsio lhe chamou *Bicipite*, i. de duas cabeças.

Plin., *De natur. hist.* lib. 4, cap. 3

Strabo, lib. 8, c. 9<sup>478</sup>

---

<sup>1</sup> No ms.: «venturoso. \*nestavida\* isto»...

---

<sup>477</sup> No *Tratado dos feitos de Vasco da Gama e seus filhos na Índia* (obra só impressa no século XX), Diogo do Couto afirma, a respeito da segunda navegação do Almirante, rumo à Índia: «tendo sempre tempos tão prosperos, e bonançozos, que parecia que os mares e os ventos, o conhecião e lhe obedição [...]» (1998, p. 96).

<sup>478</sup> D. Marcos irmana, como base da sua informação a respeito do monte Parnaso, Estrabão e Plínio, mas a informação dada por cada um destes autores é diferente. Enquanto Plínio, na *Naturalis Historia* (IV, III, 8), fala da fonte Castália, próxima de Delfos, Estrabão, na *Geografia*, não a lembra (9, 3, 1); lembra, sim, como uma das maravilhas daquela zona sagrada, Corício, uma gruta habitada por ninfas.

*Aut in bicipiti somniasse Parnaso  
memini, ut sic repente poeta  
prodirem ect.*<sup>479</sup>

Alguns, entre os quais foi Sêrvio Gramático<sup>480</sup>, confundiram este monte e esta fonte com a de Hélicon, e Hipocrene, porém Hélicon é monte de Beócia, e estoutro é de Fócides, não longe de Delos pátria de Apolo. Algũas cousas se nos ofereciam aqui que dizer da poesia, que pera outro lugar guardamos.

Em negro vaso. Da água do esquecimento. (62v)//

Três espécies há de esquecimento. Porque há esquecimento natural e inculpável, como de Antonino Caracala escreve Suidas<sup>481</sup>, que sendo homem de muitas letras, veio a esquecer-se tanto delas que nem o nome lhe sabia. E de Messala Cervino contam Solino, Plínio e Sabélio<sup>482</sup>, que por doença se veio a esquecer do

Suidas in *Carac.*

Solinus, cap. 7<sup>483</sup>; Plin., lib. 7, c. 24<sup>484</sup>; Sabel., lib. 10, c. 9<sup>485</sup>

---

<sup>479</sup> Aulus Persius Flaccus, *Satirae, Prologus*, vv. 2-3. Na edição de referência: *nec in bicipiti somniasse Parnaso / memini, ut repente sic poeta prodirem.*

<sup>480</sup> D. Marcos faz-se eco de um passo dos comentários de Jodocus Badus Ascensius à obra de Virgílio. Ascensius cita a crítica que Beroaldus fizera aos escólios de Servius, considerando que neles havia informação errônea sobre o Parnaso e propondo, por isso, emenda: *Beroaldus autem in Seruium dicit de verticibus Parnasi, sic. Auctoritas Seruij cum apud grammaticistas, ac litteratores, plurimum polleat, effecit, ut omnes minus eruditi in hunc errorem deliberentur, asserentes Cytheronem, & Heliconem colles esse Parnasi. Corrigendus itaque hoc in loco est error publicus; ex auctoritate eruditissimorum geographorum, qui grammaticis in locorum descriptione haud dubie merentur anteponi: primo igitur sciendum est, quod Parnasus, mons est in Phocide regione, non autem in Thesalia. ut Plin. in 4 & Strabo meminit in nouo, sub Parnaso sunt Delphi clarissimi, in terris oraculo Apollini. Helicon autem, & Cytheron, sunt in Beotica, ut Plinius, Strabo, Mela, Solinus, reliquique omnes testatur, & Musis natale in nemore Helicone scriptores assignant, qui & altitudine, & ambitu, non minor est Parnaso. (Virgilii Maronis, Poetae Mantvani Vniuersum Poema, 1610, p. 256).*

<sup>481</sup> Num livrinho como *Vitæ Cæsarum, quot & Quemadmodum Apud Suidam Inveniuntur collectæ ac simul in Latinum sermonem conuersæ*, lê-se que Antonino Caracala, muito embora tivesse recebido preparação filosófica e possuísse boas capacidades intelectuais, acabou por tudo esquecer: *Eruditionem uero ita est oblitus, ac sine nomen quidem unquam audiuisset.* (1557, p. 49).

<sup>482</sup> D. Marcos conhecia a *Naturalis Historia* de Plínio e deveria conhecer as obras de Solino (*De memorabilibus mundi*) e de Sabélio (*De Memorabilibus Factis Dictisque, Exemplorum Libri X*). A referência que lhes faz, no entanto, poderá ter sido inspirada pela *Polyanthea Nova* (1607, p. 811), onde sob o título *Oblivio*, e na secção dos *Exempla Profana*, se apresenta a história do douto imperador Antonino Caracala, privado da memória ao ponto de não recordar sequer as letras do seu nome (história relatada por Dionísio e por Suidas), bem como do orador Messala Corvino, que havia sofrido perda idêntica. No caso deste último, as fontes apontadas na *Polyanthea Nova* coincidem com a indicação dada nos Comentários: *Solin. cap. 7. Plin. lib. 7. cap. 24. & Sab. lib. 10. cap. 9.*

<sup>483</sup> *Solinus de memorabilibus Mûdi diligēter annotatus et indicio alphabetico prenotatus: Messalam certe Corvinum post egritudinem quam pertulerat percussum: proprii nominis oblivione.* (1512, f. VI).

<sup>484</sup> Caius Plinius Secundus, *Naturalis Historia*, VII, XXIV, 90.

<sup>485</sup> No capítulo IX (*De Memoria, et Hvmānorum Sensum Præstantia*), livro X, da obra *De Memorabilibus Factis Dictisque, Exemplorum Libri X*, Marco António Sabélico recorda o caso de Messala Corvino (1533, p. 513).

próprio nome que tinha. A outra espécie é de esquecimento afectado, quando alguém procura esquecer-se do mal que lhe fizeram por se não vingar, ou do bem que recebeu, pelo não agradecer. O terceiro esquecimento procede de desprezo, como quem passa por um caminho e vê muitas cousas nele, e só faz memória e relata as mais notáveis, e das outras se esquece por não fazer caso delas. Desta terceira espécie de esquecimento se receava Baco, porque à vista do maior o menor não aparece. E o mesmo é esquecer um homem que não se fazer caso dele. Isto vemos por experiência que nãa Cidade, ou povo, corre ãa nova, não se fala noutra cousa, aquilo só lembra. Em vindo outra nova de mais importância, já a primeira esquece, como se nunca tal cousa passara. Ovídio desterrado, deste esquecimento se queixava contra um amigo que dele se esqueceu.

*Tanta ne te fallax cepere oblivia nostri? ect.*<sup>486</sup>

Ovid., *De tristib.* lib. 1.º, El. 7

Porém da memória de seu amigo Ático estava ele mui seguro quando escrevendo lhe dizia

*Non ego si biberes segura pocula Lethes  
Excidere haec credam pectore posse tuo.  
Longa dies citior brumali sidere, noxque  
Tardior hiberna solstitialis erit  
Nec Babilon aestus, nec frigora Pontus habebit  
Calthaque pestanas vincet odore rosas  
Quam tibi nostrarum veniant oblivia rerum  
Non ita pars fati candida nulla mei est.*<sup>487</sup>

*De Ponto*, l. 2, E. 4

Chamavam aos<sup>1</sup> esquecidos, homens que beberam a água do rio Letes, pela fábula do Rio Letes do Inferno, cujas águas bebiam as almas que a outros corpos haviam de passar, conforme a doutrina de Pitágoras, que fingiu esta patranha, por acudir à objecção que lhe podiam trazer, que não havia homem que se lembrasse de ter nunca outro corpo. Dezia que bebiam a água do Rio Letes as almas que haviam de passar noutros corpos, e que daqui lhe nacia não se lembrar do que fizeram quando viviam nos primeiros. (63)//

<sup>1</sup> No ms.: «Chamavaõ \*aos\* esquecidos»...

<sup>486</sup> Publius Ovidius Naso, *Tristia*, I, VIII, v. 11.

<sup>487</sup> Publius Ovidius Naso, *Ex Ponto*, II, IV, vv. 23-30. O passo poderá ter sido recordado através da *Polyanthea Nova*, onde alguns destes versos são citados, sob o título *Oblivio* (1607, p. 810). Noutro lugar deste mesmo repertório (*Impossibilitas*, p. 545) poderia D. Marcos ler a sequência inteira. Na edição de referência do texto ovidiano: *non ego, si biberes securae pocula Lethes ... longa dies citius brumali sidere ... nec Babylon aestum ... calthaque Paestanas...*

Chama vaso negro ao do esquecimento, ou aludindo ao negro vaso por onde as almas no Inferno bebiam o longo esquecimento, como diz Virgílio<sup>488</sup>, se por negro entende triste, como é provérbio mui comum, e Alciato o advertiu dizendo

*Index maestitiae est pullus color: utimur omnes  
Hoc abitu, tumulis cum damus inferias.*<sup>489</sup>

Nas últimas palavras de Ovídio que pouco há pusemos, está incluída ãa sentença que vem a nosso propósito. Diz o último verso

*Non mihi pars fati candida nulla mei est.*<sup>490</sup>

Vem tratando que nenhũa causa haveria pera seu amigo Ático dele se esquecer, e conclui *non mihi est*, como se dissera<sup>I</sup>: não foi meu fado de todo tão negro que lhe não ficasse algũa cousa de cândido, pois inda há quem de mim se lembra. Chama<sup>II</sup> ao esquecimento negro, chamando à lembrança branca, *quia contrariorum eadem est scientia.*<sup>491</sup>

33  
Sustentava contra ele<sup>III</sup> Vénus bela  
afeiçoada à gente Lusitana  
por quantas qualidades via nela  
da antiga tão amada sua romana  
nos fortes corações; na grande estrela  
que mostraram na terra Tingitana

---

<sup>I</sup> No ms.: «conclue. Porque/nõmihi ect comose dissera não foi meu fado»...

<sup>II</sup> No ms.: «Chamando/a ao esquecim<sup>to</sup>»...

<sup>III</sup> No ms.: «contra elles»...

---

<sup>488</sup> D. Marcos alude ao passo em que, no livro VI da *Eneida*, Anquises explica ao filho, Eneas, descido aos infernos e intrigado pelo que vê: a multidão que cobre as margens do Letes é a das almas que, destinadas a animar ainda outros corpos (*animae, quibus altera fato / corpora debentur, Lethaei ad fluminis undam / securos latices et longa oblivia potant* – vv. 713-715), bebem, nas águas quietas do rio, longos esquecimentos.

<sup>489</sup> D. Marcos cita os dois primeiros versos do emblema CXVII, *In colores*, de Andrea Alciato (*Emblemas*, 1985, p. 155).

<sup>490</sup> Publius Ovidius Naso, *Ex Ponto*, II, IV, v. 30. Na edição de referência: *non ita pars fati...*

<sup>491</sup> A relação entre contrários como princípio do conhecimento foi destacada por Aristóteles, na *Metafísica* (I. IX), e glosada pela tradição escolástica. No comentário à obra do Estagirita (IX, II), o conimbricense Pedro Fonseca explicou: *Causa verò est, quia scientia est ratio, hoc est, definitiua rei cognitio, quæ & diuisiuam supponit, & demonstratiuam patit vt in ea perfectam rei scibilis cognitionem consistere non iniuria dici possit, qui autem definitiuam habet, non solum cognoscit formam rei, sed etiam eius priuationem [...]. (Commentariorum Petri Fonsecae, t. III, 1604, p. 644).*

e na língua na qual quando imagina  
com pouca corrupção crê que é latina.<sup>492</sup>

Em campo se pôs a fermosa Vénus contra o parecer de Baco, em favor dos Portugueses, a quem tinha cobrado afeição, porque<sup>1</sup> neles via o retrato dos seus queridos Romanos, assi no ânimo invencível, como na prosperidade de suas conquistas e batalhas nas terras de África, como também na linguagem que falam, na qual quando cuida, crê que é a própria latina não muito corrupta. (63v)//

Temos Vénus da nossa parte, contra Baco, cousa que até ‘gora se não viu, porque além do parentesco natural, sempre Baco favoreceu a Vénus, e assi diz o Cômico<sup>493</sup> que sem Baco fica Vénus mui fria. Porém assi como há mais que um Cupido, assi há mais Vénus que ãa. Esta nossa Vénus não é a Afrodísea que naceu da escuma, é ãa Vénus ao divino, que retendo o nome antigo, representa nesta obra nova figura. Deusas deste nome, conta Cícero, *De natura deorum*, quatro, dizendo: *Venus prima caelo et Die nata cuius Elide delubrum videmus*<sup>494</sup>. A primeira Vénus foi filha do Céu, e do Dia (não sei qual deles era o pai). A segunda, gerada da escuma, da qual e de Mercúrio naceu o segundo Cupido. A terceira, filha de Júpiter e de Dione, mulher de Vulcano<sup>495</sup>. A quarta de Síria, filha de Cipro<sup>496</sup>, chamada por outro nome Astarte (da qual se faz menção na Sagrada Escritura, como Josefo declara e Eliano grego<sup>497</sup> assi lhe chama). Esta foi mulher de

Cicero, *De natur. Deorum* l. 3

Josephus, *De antiq.* l. 8<sup>498</sup> et *Contra Apion gram.* l. 1<sup>499</sup>

---

<sup>1</sup> No ms.: «cobradoafeição, porque porq nelles via» (leitura hipotética)...

---

<sup>492</sup> Na edição *princeps*, como (à exceção da edição de 1613, onde se lê «crê que a Latina»), em todas as outras realizadas até 1631, «que é a Latina».

<sup>493</sup> O cômico será Terêncio, em cujo *Eunuchus* (v. 732) se lê: *sine Ceres et Libero friget Venus* (sem pão e sem vinho, o amor arrefece). Como aforismo, a frase foi famosa, e logo na época clássica um autor como Cícero concorreu para a divulgar, citando-a em *De Natura Deorum*, II, XXIII, 60. A *Polyanthea Nova* difundiu-a igualmente, quer sob o título *Abstinentia* (1607, p. 3) quer sob o título *Luxuria* (p. 688).

<sup>494</sup> Marcus Tullius Cicero, *De Natura Deorum*, III, XXIII, 59. Na edição de referência: *delubrum vidimus...*

<sup>495</sup> No texto ciceroniano (*De Natura Deorum*, III, XXIII, 60), afirma-se que dessa Vénus e de Marte teria nascido Anteros. D. Marcos elide esta ideia.

<sup>496</sup> Haverá que entender este passo – uma tradução algo confusa do texto de Cícero: *quarta Syria Cyproque concepta, quae Astarte vocatur* – como «Vénus, filha de Síria e filha de Cipro».

<sup>497</sup> Trata-se de Claudius Aelianus, autor de *Variæ Historiæ Libri XIII*. No capítulo XV do livro I (*De Columbis*), Eliano fala do valor simbólico que as pombas assumiam nos rituais praticados em honra de Vénus Ericina, mas não estabelece explicitamente uma relação entre este nome da deusa e o de Astarte (1604, p. 11).

<sup>498</sup> Sobre Astarte (a bíblica Astoreth), há na obra de Flávio Josefo, *Antiguidades Judaicas*, duas menções: teria sido no seu templo que os Filisteus, após vencerem Saúl, depositaram as armas do inimigo derrotado (VI, 374); e, mais tarde, teria sido Hirom a construir, em honra da deusa, um novo templo (VIII, 146).

<sup>499</sup> É muito fugaz, em *Contra Apion*, a referência a Astarte (I, XVIII, 118; 123), e surge em termos idênticos aos que se acham nas *Antiguidades Judaicas*. Apoiado em Menandro de Éfeso, Flávio Josefo diz que Hirom, rei de Tiro, demoliu velhos templos e fez edificar novos santuários em honra de Hércules e de Astarte.

Adónis. Todos estes nomes e estas Vénus confundem os Poetas, que não há quem se entenda co' eles nesta matéria, mas pela maior parte chamam Vénus à filha de Júpiter e de Dione, e a esta atribuem tudo quanto aconteceu às outras de bem e de mal. A esta nomeavam com vários apelidos, chamando-lhe Cípria, porque era venerada naquele Reino. Horácio: *Sic te diva potens Cyprí*<sup>500</sup>. Outros lhe chamam Acidália, porque em Orcómeno, lugar de Beócia, tinha consagrada a si ũa fonte per nome Acedalo. Virg.: *At memor ille matris Acidaliae*<sup>501</sup>. Ora lhe chamam Citerea, de Citero, cidade de Chipre. Virg.: *Parce metu Cytherea*<sup>502</sup>. Também lhe chamam Páfia, de Pafos, cidade sua. Ericínia, de Erix, monte de Cilícia, e outros nomes com que a intitulam poeticamente. A verdade de tudo isto é, que Vénus é chamado um planeta mui fermoso, que tem o terceiro lugar na beleza depois do sol e lua, que está no terceiro Céu.

Virg., 1.<sup>o</sup>  
Aenead.

Incertus autor  
apud Virgil.

Phryne Delphis  
venerem auream  
dicauit, eam  
videns Diogenes  
adscriptit  
elogium. Ex  
Graecorum  
intemperantia.  
Arguebat enim  
Graecos supra  
modum libidini  
deditos ea,  
quod scortum  
tantum auri  
collegisset<sup>504</sup> –  
Laertius l. 6

Plauto in  
Mostel.<sup>505</sup>

Venus<sup>III</sup> venusta

Virg., Eg. 7,  
Parta meae  
Veneri sunt  
munera<sup>506</sup>

Este planeta, a que chamamos estrela d'alva, é mui be(64)//nigno, e suas<sup>I</sup> influências ajudam muito à geração das cousas, e entre as plantas, as roseiras participam mais desta benignidade sua, como diz um poeta<sup>503</sup>. Considerando os poetas as<sup>II</sup> qualidades deste planeta, fabricaram toda essa máquina de fábulas como costumam, todas fundadas neste princípio. Fizeram-na mãe do Amor porque este com benignidade e boas obras se granjea. As influências activas do planeta, puseram-nas passivamente em Vénus, como se ela fosse a namorada e a que tinha as paixões de amar e bem-querer. E logo tornaram a fazê-la autora de suas incontínências, e sensualidades, porque como ela era a que com suas influências ajudava a geração das cousas, e a esta geração sempre preceda corrupção, ei-la corrupta e sensual. De sorte que quantos efeitos o planeta do Céu causava na terra, tantos testemunhos falsos punham a Vénus, a qual nunca foi, nem existiu<sup>IV</sup> mais que na mente dos que se prezavam de encobrir com fábulas a verdade das cousas. Depois vieram a introduzir este nome fazendo-o apelativo, chamando Vénus a toda a mulher fermosa e lasciva, tanto que a ũa que em Chipre vivia sensualmente, e por sua

<sup>I</sup> No ms.: «e \*suas\* influencias»...

<sup>II</sup> No ms.: «Considerando os poetas essas qualidades»...

<sup>III</sup> No ms.: «estrela venus venusta» (leitura hipotética).

<sup>IV</sup> No ms.: «nã extiu»...

<sup>500</sup> Quintus Horatius Flaccus, *Carmina*, I, 3, v. 1.

<sup>501</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, vv. 719-720.

<sup>502</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, v. 257.

<sup>503</sup> *Sideris et floris nam domina una Venus* – diz um verso do poema *De rosis nascentibus*, incluído em edições antigas do *Appendix Vergiliana* (v. 1975, p. 177) e hoje atribuído a Ausônio (*Appendix Ausoniana*, II, v. 18).

<sup>504</sup> O passo citado é uma versão latina do texto de Diógenes Laércio. Da obra deste autor grego (séc. III d.C.), circularam traduções intituladas *De vitis, dogmatibus et apophthegmatibus clarorum philosophorum Libri X*, mas D. Marcos terá decerto seguido a *Polyanthea Nova* (1607, p. 1123 – por erro numerada «1023»), sob o título *Templum*, apenas divergindo da sua lição ao escrever *quod scortum eram auri collegisset* em lugar de *quod scortum è turpi quæstu tantum auri collegisset*.

<sup>505</sup> Titus Maccius Plautus, *Mostellaria*, v. 161.

<sup>506</sup> Publius Virgilius Maro, *Bucolica*, III, v. 68.

torpeza ser menos notada ensinou às mulheres ganhar por seu corpo, chamaram-lhe Vénus, e naquela Ilha lhe levantaram templos, atribuindo-lhe tudo o que os Poetas tinham dito do planeta de Vénus em fábulas e figuras.

Lactantius Firm.<sup>507</sup>

Afeiçoada à gente lusitana *ect.*

texto

Quis Vénus bem aos Romanos por decendentes de seu filho Eneas e dos Troianos, agora a relação da semelhança dos costumes a faz afeiçoada aos Lusitanos, porque via neles as partes que nos seus amava. É certo que a semelhança concilia amor, donde disse Ovídio

*Scilicet ingeniis aliqua est concordia iunctis  
Et servat studii foedera quisque sui  
Rusticus, agricolam, miles fera bella gerentem  
Rectorem dubiae navita puppis amat.*<sup>508</sup> (64v)//

Ovidius, 2 de Ponto, El. 5

Eram as rezões da semelhança, a fortaleza dos corações, e a ventura nas batalhas, e particulariza, «na terra Tingitana», porque nas guerras de Cartago mostraram os Romanos mais seu valor, e nisto mais se apareciam neles os Portugueses que naquelas partes Africanas tinham alcançado vitórias mui assinaladas.

No forte coração.

Termo é mui ordinário chamar de grande, ou forte coração, a um animoso e esforçado, porque como diz S. Tomás, *Cor est principium motus in animali*, e noutra parte, *Cor est principium membrorum et virium vitalium quantum ad esse*<sup>509</sup>. E como seja princípio dos membros e forças vitais, a ele<sup>I</sup> recorrem os que declaram o ânimo de cada um, dizendo, é de fraco coração, ou de coração forte. E assi o mesmo é dizer coração que<sup>II</sup> ânimo.

Pri. Secun. q. 19, art. 9. et 3.<sup>a</sup> par., q. 90, art. 3.

Na grande estrela.

<sup>I</sup> No ms.: «a elles»...

<sup>II</sup> No ms.: «coraçãõ \*q̃\* animo».

<sup>507</sup> V. Lactance, *Institutions Divines*, I, 1986, pp. 176-177 (cap. XVII, 10).

<sup>508</sup> Publius Ovidius Naso, *Ex Ponto*, II, V, vv. 59-62.

<sup>509</sup> D. Marcos poderá ter tido presente a definição de *cor* apresentada na *Polyanthea Nova*, onde é evocada a mesma lição de S. Tomás de Aquino (*Cor est primum principium motus in animali*; *Cor est primum principium membrorum et virium vitalium quantum ad esse* – 1607, p. 264). Se a primeira afirmação deve provir de *De motu cordis*, a segunda corresponde à frase que figura em *Scriptum Super Libros Sententiarum*, III, distinctio XIII, quaestio II, articulus I (*quod cor est principium virium vitalium in toto corpore, & est primum principium omnium membrorum quantum ad esse, ut dicit Philosophus [...]*).

Gregor. *Sup.*  
*Mathei* caput 2,  
Homilia 10

*Adiuerunt*  
*Sacerdotes*  
*Aegyptii fatum*  
*per stellam*  
*significari.*  
*Quoniam id*  
*ex siderali*  
*dispositione*  
*consistere*  
*vulgata*  
*Doctorum*  
*opinione*  
*creditur.* Pier.  
Valer. lib. 41,  
pag. 436<sup>511</sup>

Benedictus Blan.

Vide *Abulensem*  
in *Gen.*<sup>513</sup>

Na grande ventura. Estrela é o mesmo que fado e que fortuna, como diz S. Gregório Papa contra os Priscilianistas<sup>510</sup>, que criam que cada um tinha certa estrela que lhe governava a vida e sucessos dela, e a isto chamavam fado.

Na terra Tingitana.

Tingi é Tângere, onde resedia El Rei Anteu. Daqui tomou nome aquela província e se chamou Tingitana, onde temos as nossas fortalezas.

texto E na língua na qual quando imagina  
com pouca corrupção crê que é latina.

Era a outra razão de semelhança, a propriedade do idioma português, mui semelhante ao Latim. Antigamente teve Hespanha sua língua particular, que lhe viria dos primeiros povoadores dela, que a trariam da torre de Babel. Certo é que todos no princípio falavam a língua hebraica, o que colige Blancucio<sup>512</sup> nas suas *Instituições Hebraicas*, dos nomes que naquele tempo se punham, os quais todos são hebreus. Na edificação daquela torre lhe foi dado por castigo tal mudança de linguagem que se não entendiam uns aos outros, de sorte que quando os oficiais da torre pediam pedra, eles acudiam com (65)// cal, ou com outro desprepósito. Ajuntaram-se então aqueles que se entendiam, porque a variedade das línguas, não era possível que cada indivíduo tivesse sua língua, porque então nunca se poderiam ajuntar, senão que ãa família, ou um povo, ou ãa certa quantidade de gente, falavam ãa língua, estes que por ela se entendiam uns com os outros caminhavam em busca de terra e povoação onde morassem. Outros da mesma maneira, ficando porém a língua hebraica nos primogénitos decedentes de Noé, que ficaram naquelas partes donde saiu Abrão, a quem começaram a chamar Hebreu, que quer dizer passageiro, depois que passou o Eufrates. Estes homens que vieram povoar

<sup>510</sup> V. *supra*, p. 106, nota IV.

<sup>511</sup> D. Marcos reproduz informação dada na *Polyanthea Nova* (inclusive a indicação bibliográfica) sob o título *Fatum*. Ali, na secção de *Hieroglyphica*, à frase transcrita soma-se ainda outra: *Per motum enim stellarum negotia transfiguntur, ut Hesiodis interpres ait super Asterie*. (1607, p. 415).

<sup>512</sup> Trata-se de Benedictus Blancuccio (ou Benedetto Biancuzzi), sacerdote, professor de língua hebraica no Colégio Romano e autor de *Institutiones In Linguam Sanctam Hebraicam* (1608). Admirador de Pagnino, a quem chama [*vir*] *nunquam satis laudat[us]*, & *de re litteraria Hebraica optime meriti* (1608, p. 160), declara ter procurado seguir o seu exemplo. Logo no início das *Institutiones*, afirma que originalmente uma só língua existia, dada por Deus a Adão (p. 3). E, advogando ser a *Hebraea* essa língua *Sacra*, procura prová-lo expondo o sentido de múltiplos nomes bíblicos, que diz plenos da excelência, dignidade e mistério próprios da sua origem divina (pp. 4-5).

<sup>513</sup> O Abulense (assim conhecido por ser bispo de Ávila) é D. Alfonso Fernández de Madrigal, *el Tostado* (1400-1455), autor de obras numerosas, impressas logo a partir do século XVI. Num dos *Opuscula*, *De Optima Politia*, a referência à torre de Babel faz parte da reflexão sobre a boa ordem da *res publica* (*Opuscula Eruditissima*, 1613, p. 38). D. Marcos refere-se, porém, a *In Librum Genesis Commentarij*, cap. XI, quaestiones I-XIII, onde o Abulense trata de Babel e da *confusio linguarum* (*In Librum Genesis Commentarij*, in *Opera omnia*, 1596, fls. 54-56v).

o mundo espalharam por ele a variedade das línguas, mais rude ou elegantemente segundo a polícia de cada um. A mudança primeira dos idiomas naceu da mistura dos estrangeiros. E assi os Hespanhóis perderam totalmente a sua antiga linguagem com a vinda dos Cartagineses, Suevos, Alanos, Godos, Romanos, e ultimamente com os Mouros. Quando os Hespanhóis se viram com tão notável falta, valeram-se da língua Romana, que naqueles tempos era a mais polida, e grave, e assi foram formando seus vocábulos mui semelhantes aos da latinidade. Contudo inda entre nós ficaram muitos dos estrangeiros. É certo que poucas línguas há de quem os Espanhóis não mutuem algũas palavras, pois até dos hebreus as tem. E porque este Reino de Portugal separado do corpo da monarquia Espanhola seguiu novo modo d'escolher verbos e nomes, veio a sua linguagem a fazer-se outra<sup>1</sup> diferente da castelhana, inda que não muito. E com a latina tem tanta afinidade, que no falar latim parecem os Portugueses que falam ãa língua não aprendida por arte mas herdada per natureza. Isto confessam os estrangeiros, como (entre outros exemplos) se pode ver no que disse Pompônio Leto, homem de grandes letras, ouvindo ãa oração que diante do papa Sixto IV fez Dom Gracia de Meneses Bispo de Évora; volvendo-se ao Papa, disse-lhe: – *Pater Sancte quis est iste barbarus qui tam scite loquitur?*<sup>514</sup> Quem é este bárbaro que tão elegantemente fala? A rezaõ natural desta elegância e boa pronunciação, é, porque a língua portuguesa não usa de palavras vio(65v)//lentas nem guturais, como os estrangeiros, senão naturalmente pronunciadas, o que é muito próprio do latim, que é ãa língua mui fácil, a qual pronunciada ao modo português mostra mais a sua natural suavidade. Depois que Godos, e outras bárbaras nações entraram em Roma no tempo

vide Gaspar de Barreiros

Orósio<sup>515</sup>,  
Jornandes<sup>516</sup>

<sup>1</sup> No ms.: «outra m<sup>m</sup> diferente dacastelhana, indaq̄ não m<sup>o</sup>.»

<sup>514</sup> D. Marcos altera o texto que cita: escreve *tam scite loquitur* em lugar de *tam disertè loquitur*, conforme se lê na *Chorographia* de Gaspar de Barreiros (1561, f. 247).

<sup>515</sup> Orósio († c. 418), conhecido como Paulus Orosius (mas a atribuição do nome *Paulus*, a partir do séc. VI, resultou do entendimento errado da abreviatura «P.», que designaria *presbyter*), escreveu, estimulado por um pedido de Santo Agostinho, uma obra conhecida como *Libri Historiarum contra Accusatores Christianorum*. O interesse que o texto despertou, ao longo de séculos, nasceu em parte do facto de Orósio ter compilado fontes que se julgavam perdidas e que só através da sua leitura era possível – embora indirectamente – reencontrar. D. Marcos evoca-o, numa fugaz nota marginal, sem explorar a complexidade da sua lição. Na verdade, baseado numa perspectiva optimista e disposto a ver no presente, iluminado pela fé em Cristo, um tempo melhor do que o passado gentio, Orósio fez desta ideia um *Leitmotiv*. Daí que, sem ocultar a violência das invasões godas e o terror por elas inspirado, tenha preferido valorizar a conversão sofrida pelos bárbaros e a nova ordem que, até para a soberania de Roma, a sua vinda significara.

<sup>516</sup> Em *De Rebus Geticis*, Jornandes não narra apenas a história da relação conflituosa entre «bárbaros» e romanos. Pelo contrário, caracteriza a capacidade de aprendizagem dos godos, aptos ao conhecimento da Ética, da Física e da Lógica. Jornandes – ele próprio de origem goda, convertido ao Cristianismo – contrariava assim a imagem negativa dos povos do norte e do leste, mostrando-os também receptivos à lição da Igreja (*Diversarum Gentium*, 1611, p. 93). De resto, numa edição como a de 1611, para lá das obras de Jornandes, o *Chronicon Gothorum*, de Isidoro de Sevilha, ao tratar da conquista de Roma na época de Honório, registava a disposição clemente dos godos para com os romanos que se encontrassem em espaço sagrado ou que, fora dele, invocassem *nomen Christi vel sanctorum* (1611, p. 167).

do Imperador Honório, destruindo e afeando aquela belíssima Cidade, também a língua latina padeceu seu naufrágio, e não só a língua senão também as boas artes pereceram em grande parte. E assi advirte Ambrosio de Morales<sup>517</sup>, que até as moedas e letreiros daquele tempo eram como o demais, sem lustre e sem arte, como se aquela gente bárbara fosse mandada ao Império Romano não só pera afeiar suas obras, e aniquilar sua potência, senão pera esterilizar os entendimentos de seus cidadãos. E assi pouco e pouco se veio a corromper a língua latina, ficando no estado em que hoje vemos a Italiana, que tem hoje em<sup>1</sup> Universidades Catedráticos que a lem, e explicam gramaticalmente com muito proveito dos ouvintes e aumento da mesma língua. A qual curiosidade, se houvera em Portugal, não haveria tantos que culpassem a língua portuguesa de falta de vocábulos, o que lhe nace do pouco que dela sabem e alcançam. Argui Quintiliano<sup>518</sup> o engano daqueles que se queixam do engenho humano, dizendo que se os homens que eram tidos por rudes com o exercício e estudo se fizeram hábeis, claro fica que não o serem muitos é culpa de sua pouca curiosidade, e não da natureza. Assi podemos dizer: se João de Barros, se Camões, se outros muitos escreveram histórias e poesias elegantíssimamente em língua portuguesa, *falso ergo queritur de lingua sua genus nostrum*<sup>519</sup>. Culpa é logo de quem a não aprende, e não da língua que se não dexa entender.

Com pouca corrupção.  
Com pouca mudança, ou diferença.

---

<sup>1</sup> No ms.: «q̄ tem hoje \*em\* Universidades Catedraticos q̄ a lem»...

---

<sup>517</sup> No limiar da *Coronica*, Ambrosio de Morales não se coíbe de encarecer, a respeito de Espanha, *una singular grandeza y gloria suya. Tal es tener sus Reyes de la inclyta sangre delos Godos, y mucho mayor auerse continuado la succession Real por mas de ochocientos años*. Tão-pouco deixa de salientar qualidades dos Godos, mas ao tratar da queda do império romano, diz: *Y es cosa harto notable, y de mucha consideracion, que esta cayda del imperio lleuo tras si y hundio todo lo bueno que auia enel. Espanta la mudança que vuo en todas las cosas. Las letras perecieron de tal manera, que ya de aqui adelante no ay escritores Romanos, ni Griegos: y si algunos vuo, no casi tienen semejança ni rastro de averlo sido. La noble arte de pintura y esculptura hasta las monedas de Honorio tiene lustre, de ay adelante todo es tan trocado, que a un rostro de vn Emperador, o de vn Rey no sabian esculpir, siquiera que parezca hombre*. (*Los Otros Dos Libros Vndecimo y Dvodecimo de la Coronica General de España*, 1577, XI, II, fls. 3-3v).

<sup>518</sup> Marcus Fabius Quintilianus, *De Institutione Oratoria*, I, 1, 3. D. Marcos glosa a lição de Quintiliano, que não fala tanto de curiosidade mas sim de educação, trabalho e estudo, quer quando distingue (para encarecer a segunda) *natura* e *cura*, quer quando salienta, aforisticamente, *nemo reperitur qui sit studio nihil consecutus* (não se acha ninguém que não haja ganho nada com o seu esforço).

<sup>519</sup> A fórmula *ergo queritur* é comum em textos da tradição escolástica, mas mais importante do que essa matriz poderá ter sido um passo de Salústio, que adiante D. Marcos transcreve (v. nota 840) e aqui parece parodiar numa versão acomodática.

Estas cousas<sup>520</sup> moviam Citerea  
 e mais porque das Parcas claro entende (66)//  
 que há-de ser celebrada a clara Dea  
 onde a gente belígera se estende.  
 Assi que um pela infâmia que recêa<sup>521</sup>  
 e o outro pelas<sup>522</sup> honras que pretende  
 debatem, e na profia<sup>523</sup> permanecem,  
 a qualquer seus amigos favorecem.

Estes eram os motivos que Vénus tinha pera se pôr em campo pelos Portugueses. E também porque das Parcas tinha sabido que seu nome seria celebrado onde quer que a belicosa gente estendesse seu domínio. De sorte que Baco pelo receo que tinha de ficar abatido, e Vénus pela honra que esperava naquelas partes, contendiam, continuando em sua perfia, e os apaxonados de cada qual seguiam o parecer que ele sustentava.

Bem mostra o Poeta aqui, que por Vénus entende o Anjo Santo custódio e defensor destes navegantes, pois diz que Vénus tinha sabido que seu nome havia de ser celebrado onde eles chegassem, porque o principal intento dos Reis de Portugal nestes descobrimentos era estender a fé de Cristo, e trazer ao grémio da Santa Madre Igreja a gente infiel daquele<sup>I</sup> pagaísmo. Baco é figura do Demónio, natural inimigo de todos os bons intentos. Isto havemos de ter por pressuposto, que onde quer que se falar em Vénus nesta obra dos *Lusíadas* havemos de ter que é o Anjo santo que inspira algum conselho bom e saudável, pelo contrário, que Baco é o adversário tentador e inimigo.

E se todavia quiséremos mudar a alegoria e pô-la nos termos poéticos, pondo a Vénus como planeta influidor de fecundidade, diremos que os Portugueses não iam à Índia<sup>II</sup> pera se tornar logo, senão pera fazer assento nela, e edificar colónias, onde vivessem, casassem e multiplicassem, como em terra própria, salvo se tacitamente o poeta quer notar aqui os Portugueses de namorados.

E mais porque das Parcas.

texto

<sup>I</sup> No ms.: «daquelles pagaísmo.»

<sup>II</sup> No ms.: «naõ hiaõ á India p.<sup>a</sup> roubar, ou p.<sup>a</sup> setornar logo»...

<sup>520</sup> Na edição *princeps*, como nas de 1609, 1612 e 1626, «Estas causas»; nas edições de 1584, 1591, 1597, 1613 e 1631, «Estas cousas».

<sup>521</sup> Na edição *princeps*, como em todas as outras realizadas até 1631, «arrecea».

<sup>522</sup> Na edição *princeps*, como nas de 1609, 1612, 1613 e 1626, «polas»; nas edições de 1584, 1591, 1597, 1631, «pelas».

<sup>523</sup> Na edição *princeps* e (à excepção da de 1591, onde se lê «porfia») nas que se realizaram até 1631, «perfia».

Túlio não faz diferença entre fado e Parcas. Do mesmo parecer é (66v)// Pierio Valeriano. E assi diz ele no livro 47, *Addunt et fatum sive parcas per vocalium A et Ω designationem intelligi*<sup>524</sup>, o que me a mim parece é que o fado ordena as cousas, e as Parcas executam infalivelmente o que os fados determinam. Eram estas, Irmãs, chamadas: Cloto, Láquesis, Átropos. Tinha Cloto ofício de poer a lã na roca, Láquesis fiava, Átropos cortava o fio. Lactâncio Firmiano, contrariando a errada opinião de Aristóteles em dizer que o Mundo era incriado, diz que o homem é semelhança do tempo, porque o homem tem princípio, mœo, e fim. Princípio quando nace, mœo quando vive, fim quando morre, o que os antigos deram a entender pelas 3 Parcas, que ãa representava o Princípio, que era Cloto que punha a lã na roca, Láquesis era sinificadora da duração, pois fiava, Átropos da Morte, pois cortava o fio<sup>525</sup>. Deziam os Gentios que a lã que as Parcas punham na roca no nascimento de alguêm, se havia de ser ditoso, era branca, se mo-fino, negra, e tais eram os acontecimentos qual a lã que elas fiavam. Nos provérbios gregos, *εντα Ω εκατα ect.*

Traduzido:

*post accidit illi  
Quod Fatum<sup>1</sup> Parcaeque graues in stamine nerunt  
Nascenti ect.*<sup>526</sup>

Marcial:

*Si mihi lanificae ducunt non pulla sorores  
stamina, nec surdos vox habet ista Deos.*<sup>527</sup>

A infâmia que recêa.

---

<sup>1</sup> No ms.: «Quod PareFatum»...

---

<sup>524</sup> Este passo é citado na *Polyanthea Nova* (1607, p. 415), sob o título *Fatum*.

<sup>525</sup> Lactâncio refuta Aristóteles, no capítulo X, 16-25, de *De origine erroris*, dizendo que o filósofo havia tentado desembaraçar-se do problema religioso (*i.e.*, da concepção de uma Providência divina) ao considerar que o mundo sempre tinha existido. Lactâncio argumenta que, pelo contrário, todos os seres têm princípio e fim, e que tudo se inscreve no tempo (*Omnia enim tribus temporibus contineri necesse est, praeterito, praesenti, futuro*). A referência pagã às Parcas serve, então, para vincar o facto de essa condição temporal, envolvendo *origo*, *substantia* e *dissolutio*, haver sido inegável para os Antigos (Lactance, *Institutions Divines*, II, 1987, pp. 156-161).

<sup>526</sup> Este passo é atribuído a Homero na *Polyanthea Nova*, sob o título *Fatum*, onde surge integrado numa sequência de *Adagia* (*Polyanthea Nova*, 1607, p. 415). Na *Polyanthea Nova: Post illi accidet illi...*

<sup>527</sup> Marcus Valerius Martial, *Epigrammata*, VI, LVIII, vv. 7-8.

Josefo Langio no título de *Infamia*, assi a difine: *Infamia est lesae dignitatis qualitas reprobata*<sup>528</sup>. É ùa qualidade reprovada da dignidade ofendida. O que é contrário da fama. E porque Baco tinha alcançado grande fama na Índia, diminuída esta fama ficava sua dignidade ofendida com infâmia. Advirto isto pera que se veja a propriedade com que o nosso poeta fala. Que se reparáremos em todas suas palavras, e epítetos, em todos acharemos mil segredos e galantarias escondidas.

Auctores  
Polyantheae, t.º  
Infamia

Pelas<sup>1</sup> honras que esperava.

Propriamente honra *est reuerentia et dignitas quae quavis ex causa alicui exhibetur*<sup>529</sup>. É reverência dignidade que por qualquer causa a alguém se dá. Nos potas este nome honra se toma muitas vezes por sacrificio. Donde quando Vénus disfarçada apareceu a seu filho Eneas em Líbia, cuidando ele que era Ninfa fez-lhe oferimentos de sacrificios, respondeu (67)// ela pera se encobrir que era Deusa: *Haud equidem tali me dignor honore*<sup>531</sup>, não mereço eu tal honra como essa. Noutra parte:

Virg., 1.º Ae.

*Multa tibi ante  
aras, nostra  
cadet hostia  
dextra.*<sup>530</sup>

*Semper honore meo semper celebrabere donis.*<sup>532</sup>

Juno dizia:

*Et quisquam numen Iunonis adorat  
Praeterea aut suplex aris imponet honorem?*<sup>533</sup>

Virgil., 1.º  
Aenead.

Apetecia Vénus esta honra, porque como diz Aristóteles, *Honor est maximum bonorum exteriorum*<sup>534</sup>. Por ser este bem tão grande o estimam tanto os homens que desestimam a vida, e a põe a todo risco por alcançá-la. Muitas cousas pudera dizer nesta matéria que de propósito deixo contentando-me só com um Apotegma

Aristot., l. 4  
Ethic.

Plutarchus in  
Apoteg. Lacon.

---

<sup>1</sup> No ms., as grafias «pelas» e «polas» sobrepõem-se, sem ser absolutamente claro qual das duas prevalece. Admitimos «pelas», não só atendendo a que o desenho do «e» apresenta maior destaque, mas também pensando que terá valido como emenda da forma usada na *editio princeps*, já antes preterida na transcrição da oitava camoniana.

<sup>528</sup> Assumidamente, D. Marcos retoma a definição dada na *Polyanthea Nova* (1607, p. 558).

<sup>529</sup> Também aqui a definição de honra é decalcada daquela que se lê, sob o título *Honor*, na *Polyanthea Nova* (1607, p. 509).

<sup>530</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, v. 334.

<sup>531</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, v. 335. O mesmo passo é citado na *Polyanthea Nova*, 1607, p. 509.

<sup>532</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, VIII, v. 76. O mesmo passo é citado na *Polyanthea Nova*, 1607, p. 509.

<sup>533</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, vv. 48-49.

<sup>534</sup> A sentença tem origem na *Ethica Nicomachea* de Aristóteles (IV, VIII), que na *translatio Roberti Grosseteste Lincolnensis* é assim formulada: *Tale autem, honor. Maximum enim utique hoc eorum que exterius bonorum.* (Aristoteles Latinus, *Ethica Nicomachea*, 1972, p. 212). D. Marcos deve citar pela *Polyanthea Nova*, onde este passo se lê sob o título *Honor* (1607, p. 509).

de Plutarco, que diz: pedindo as nações que naquele tempo moravam em Grécia a Agesilau Rei que lhe fosse lícito levantar estátuas por causa de honra nas Cidades mais insignes, respondeu – «Nenhã delas seja minha, nem pintada, nem esculpida». E<sup>1</sup> conclui o Autor nestas palavras: *Nulla speciosior statua quam honorifica bene actae vitae memoria*. Não há mais fermosa estátua que a honrada memória da boa vida passada.<sup>535</sup>

Debatiam.

Debater é com profiosa contenda preseverar na questão.

35

Qual Austro fero ou Bóreas na espessura  
de silvestre arvoredo abastecida  
rompendo os ramos vão da mata escura  
com ímpeto<sup>536</sup>, e braveza desmedida.  
Brama toda a montanha<sup>537</sup>, o som murmura,  
rompem-se as folhas, ferve a serra erguida,  
tal andava o tumulto levantado  
entre os Deuses no Olimpo consagrado.

Tal foi o arruído que entre os Deuses se levantou no Céu que semelhante parecia ao que num bosque cerrado e espesso costuma fazer o Sul impetuoso, ou o Nordeste arrebatado, (67v)// destroncando árvores<sup>II</sup>, fazendo voar as folhas em pedaços feitas, bramidos soam por toda aquela montanha, retumba o som, ferve o monte levantado. E tal era a profia e contenda com que entre si os Deuses nos pareceres difiriam.

Esta comparação é de Virgílio no Concílio dos Deuses:

*Talibus orabat Iuno cunctique fremebant  
Caelicolae assensu vario: ceu flamina prima  
cum deprensa fremunt syluis et caeca volutant  
murmura, venturos nautis prodentia ventos.*<sup>538</sup>

Virgil., 10  
*Aenead.*

<sup>1</sup> No ms.: «esculpida eet. conclue o Autor»...

<sup>II</sup> No ms., este passo é de muito difícil leitura. A que apresentamos deve ser considerada hipotética.

<sup>535</sup> Todo este exemplo, bem como a citação que o remata e que D. Marcos traduz, segue um dos *Apophthegmata* apresentados na *Polyanthea Nova*, sob o título *Honor* (1607, p. 511).

<sup>536</sup> Na edição *princeps*, bem como nas de 1584, 1609, 1612 e 1626, «ímpito». Em 1591, 1597, 1613 e 1631, «ímpeto».

<sup>537</sup> Salvo na edição de 1613, onde também se lê «Brama toda a montanha», na edição *princeps* e nas restantes edições realizadas até 1631, a lição é «Brama toda montanha».

<sup>538</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, X, vv. 96-99. Na edição de referência: *adsensu vario; silvis*.

Mas Marte que da Deusa sustentava  
entre todos as partes em profia<sup>539</sup>  
ou porque o Amor antigo o obrigava  
ou porque a gente forte o merecia,  
De entre<sup>540</sup> os Deuses em pé se levantava,  
menencório<sup>541</sup> no gesto parecia,  
o forte escudo ao colo pendurado  
deitando pera trás medonho, e irado.

O Deus Marte porém, que seguia o parecer de Vénus, ou lembrado do muito que algum tempo lhe quis, ou porque a valerosa nação o merecia, dentre todos se levantou, e com o rosto carregado deitou o escudo que ao pescoço<sup>1</sup> trazia pendurado pera trás, com postura temerosa, agastado se mostrou ante o Concílio dos Deuses.

Na Retórica nos ensinam que os gestos do corpo, e as preparações pera dizer sejam conformes à cousa que há-de ser dita, e as palavras da oração imitem o sentido dela. A Poesia, que é também filha da Retórica, como seja ãa pintura que fala, antes de propor o que alguém disse, ou fez, pinta com palavras o gesto que tinha antes de começar. Isto em o pai da poesia, Homero, e em Virgílio, que em tudo o i(68)//mitou, se deixa ver mui claramente. E no nosso Camões, nada inferior a qualquer<sup>II</sup> deles, é isto mais ordinário, e esmera-se muito nestas descrições

Cicero, *De Oratore* l. 3; *Ad Herennium* l. 3; Scipri., *De arte Rbeto.* l. 3, c. 57, 58<sup>542</sup>

<sup>I</sup> No ms.: «aopesco trasia»...

<sup>II</sup> No ms.: «nada inferior a nenhã/qualquer delles»...

<sup>539</sup> Na edição *princeps*, como nas de 1584, 1591, 1597, 1609, 1612 e 1626, «Entre todos as partes em porfia». Nas edições de 1613 e 1631, «Entre todos, as partes em perfia».

<sup>540</sup> Salvo em 1591 (onde se lê «De entre»), quer na edição *princeps* quer nas restantes edições impressas até 1631, «De antre». Na edição de 1591, porém, como na de 1584, a referência aos «deuses» foi censurada, sendo esta palavra substituída por «todos».

<sup>541</sup> Na edição *princeps*, como nas de 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1626 e 1631, «Merencório»; na edição de 1613, «Menencório».

<sup>542</sup> É muito significativo que D. Marcos associe a obra do Padre Cipriano Soarez S.I. (n. Ocaña, 1524) a obras clássicas, especialmente ao modelo ciceroniano. Cícero era, na *Ratio Studiorum* promovida pelos jesuítas, um autor de estudo obrigatório; o manual do professor do Colégio das Artes de Coimbra, *De Arte Rhetorica Libri tres ex Aristotele, Cicerone & Quintiliano præcipue deprompti* (1.<sup>a</sup> ed.: Coimbra, 1562), também, e imensa foi a sua difusão. No cap. 56, *De pronuntiatione & eius utilitate*, trata-se da *actio*: *Est enim actio quasi corporis quedam eloquentia. Cum sit autem in duas diuisa partes, vocem, gestumque, quorum alter oculos, altera aures mouet, per quos duos sensus omnis ad animum penetrat affectus, prius de voce, deinde de gestu, qui voci etiam accommodatur, dicendum est.* (1562, f. 114v). Os capítulos LVII e LVIII, respectivamente, são dedicados à voz e ao gesto, enfatizando o Padre Cipriano Soarez: *Est enim actio quasi sermo corporis, quo magis menti congruens esse debet.* (f. 116). Em edições posteriores à *princeps*, figuram, em notas marginais, *auctoritates*. D. Marcos poderia achar assim uma indicação que em parte reitera (*In Orat. & 3. de orat.*), quando remete para o livro III de *De Oratore* (LVI, 213-LXI, 227), e em parte amplia, quando aponta para o livro III da *Rhetorica ad Herennium* (XI, 19-XIV, 25).

dos gestos, como no presente texto vemos, que pera descrever a menencoria e ira e paixão de Marte, antes de dizer cousa algũa já o faz tão medonho que todos o receam.

Horat. *de Arte Poetica*

Doutrina é esta de Horácio, que diz assi:

*Vultum verba decent iratum plena minarum  
ludentem lasciua: seuera seria dicta  
format enim natura, prius nos intus ad omnem  
fortunatam habitum: iuuat, aut impellit ad iram  
Aut ad humum maerore graui deducit, et angit  
post effert animi motus interprete lingua.*<sup>543</sup>

Quando se tolda o Céu com espessas e negras nuvens, e soam os medonhos trovões, e os perigosos relâmpagos afuzilam, sempre dece um raio abrasador dos ares à terra. Vimos a revolução dos Céus, os Deuses em bandos como furiosas tempestades, não se podia esperar menos que um furioso raio, que agora se nos apresenta, que é o forte Marte; mas não é muito que tão terrível no-lo pinte o poeta, pois de sua condição era agastado, tinha mais por si o Amor de Vénus por quem acudia, e a justiça dos portugueses que o ajudava. Das suas suspeitosas amizades com Vénus já tratámos. Só juntaremos um dístico que se fez, por ocasião de ãa pomba fazer seu ninho no capacete de um soldado. Era a pomba dedicada a Vénus, as armas todas são de Marte.

Petronius Arbit.

*Militis in galea nidum fecere columbae  
Apparet Marti quam sit amica Venus.*<sup>544</sup>

37

A viseira do elmo de diamante  
alevantando um pouco, mui seguro,  
por dar seu parecer se pôs diante  
de Júpiter, armado, forte, e duro.  
E dando ãa pancada penetrante  
c'o conto do bastão no sólio puro  
o Céu tremeu, e Apolo de torvado  
um pouco a luz perdeu como infiado. (68v)//

Diante de Júpiter se apresentou com muita segurança representando no gesto sua fortaleza e valentia, armado vinha como costumava, e pera dizer seu voto e parecer levantou um pouco a viseira do elmo de diamante, e antes que começasse

---

<sup>543</sup> Quintus Horatius Flaccus, *De Arte Poetica*, vv. 106-111. Na edição de referência: *vultum verba decent; seuerum seria dictu; fortunarum habitum.*

<sup>544</sup> Petronius Arbitrator, *Poemata*, 23.

deu com o conto do bastão ãa pancada no sólio celeste, tão temerosa, e extraordinária, que o Céu seguro e fixo tremeu, e o Sol de medroso se infiou perdendo por um pouco a luz que tinha.

O Céu tremeu.

Virg.: *Totum nutu tremefecit Olympum*.<sup>545</sup>

X *Aeneid*.

38

E disse assi, ó Padre a cujo império  
tudo aquilo obedece que criaste,  
se esta gente que busca outro Hemisfério,  
cuja valia e obras tanto amaste,  
não queres que padeçam vitupério,<sup>546</sup>  
não ouças mais, pois és Juiz direito,  
rezões<sup>547</sup> de quem parece que é suspeito.

E disse tais palavras: «Ó Padre, a cuja vontade e mando obedecem as criaturas tuas, se não queres que estes portugueses, que buscando vão as terras Orientais, de cujo ser e preço tanto te pagaste, padeçam agravo e sem-rezão nesta jornada, não dês orelhas a palavras apaxonadas, e a ânimos suspeitosos, e olha que és juiz recto, faze como quem és.»

Tudo aquilo obedece *ect*.

*Obedientia hominis ad Deum est, Affectio voluntatis coniunctae Deo*, diz S. Anselmo<sup>548</sup>. É ãa afeição da vontade unida com Deus, e quanto esta vontade mais chegada está a Deus tanto mais lhe obedece. E S. Augustinho diz: *Generale quippe pactum est societatis humanae obtemperare regibus suis, quanto magis Deo regnatori uniuersae creaturae suae ad ea quae iusserat sine dubitatione seruiendum est*<sup>549</sup>. Séneca diz: *Deo parere libertas est*.<sup>550</sup>

S. p. Aug., l. 2  
*Conf*.

Seneca, *De  
Beata vita*

Vitupério.

---

<sup>545</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, X, v. 115.

<sup>546</sup> Falta um verso: «Como há já tanto tempo que ordenaste».

<sup>547</sup> Na edição *princeps*, como em todas as outras realizadas até 1631, «Razões».

<sup>548</sup> D. Marcos cita decerto a partir da *Polyanthea Nova*, que apresenta esta frase, *secundum B. Anselm.*, a respeito de *Obedientia* (1607, p. 806).

<sup>549</sup> O passo faz parte do livro III, VIII das *Confessiones* (2004, p. 106). D. Marcos segue a *Polyanthea Nova* (1607, p. 807), sob o título *Obedientia*. Também aí erradamente se indica *August. 2. Conf.* como origem do fragmento.

<sup>550</sup> Lucius Annaeus Seneca, *De Vita Beata*, XV, 7. D. Marcos deve continuar a citar pela *Polyanthea Nova* (1607, p. 808). Sob o título *Obedientia*, também ali é recordada esta frase de Séneca.

Franc. Patritius  
*De regal.* 9,  
c. 19

Difiniu Francisco Patrício, o vitupério mui bem e a nosso propósito. (69)// *Vituperatio* (diz ele) *est clarissimarum rerum extenuatio*<sup>551</sup>. Quem desfaz e diminui feitos ilustres, e preclaros, este tal faz vitupério. Daqui entenderemos o pensamento do poeta, quando no Canto décimo disse falando das sem-justiças que foram feitas na Índia a Pero Mascarenhas:

Mas na Índia, cobiça e ambição  
que claramente põe aberto o rosto  
contra Deus e Justiça, te farão  
vitupério nenhum; mas só desgosto.<sup>552</sup>

Isto disse Camões porque os agravos que se fizeram àquele fidalgo não diminuiram nada em sua honra.

texto

Não ouças mais, pois és juiz direito,  
Rezões de quem parece que é suspeito.

Diz aqui Marte falando com Júpiter, que pois é Juiz direito não ouça rezões apaxonadas. E nisto parece que o não aconselha bem, porque o Juiz antes de dar sentença há-de ouvir as partes inda que saiba que algũa delas não tem rezão nem justiça. Donde disse Séneca Trágico:

Seneca in *Med.*

*Qui statuit aliquid parte inaudita altera  
Aequum licet statuerit haud aequus est.*<sup>553</sup>

---

<sup>551</sup> Identificado do mesmo modo, o passo acha-se citado na *Polyanthea Nova* (1607, p. 1226), como uma das *Sententiae Philosophicae* que ilustram o título *Vituperatio*.

<sup>552</sup> *Os Lusíadas*, X, 58, vv. 1-4. Pero Mascarenhas é apelidado de «o das diferenças com Lopo Vaz de Sãopaio», por Diogo do Couto (*Decada Setima*, 1616, I, XII, f. 27), que fala também do «tempo das desavenças» (X, II, f. 213) entre estes dois homens, como que a designar um período da história ultramarina. De facto, Mascarenhas e Sampaio disputaram, entre 1526 e 1527, o título e o poder de Governador da Índia, acusando-se mutuamente de alimentarem pretensões ilegítimas e gerando em seu redor tensão e tumulto. Na *Decada Quarta* (livros I-IV) de Diogo do Couto, a narrativa destes acontecimentos trata Mascarenhas com simpatia. Se Lopo Vaz de Sampaio acaba por triunfar e manda prender o rival, o seu retrato é o de um vencedor sem glória nem virtude, e o de Mascarenhas, carregando «grilhões», o de um injustiçado: «cousa vergonhosa certo, tratarem tão mal um tão bom vassalo d'el Rei de Portugal, e de tantos serviços, e merecimentos, vindo a pedir justiça, em cousa que tão claramente a tinha.» (1602, II, VI, f. 30v). Couto poderá não terá sido a única fonte de D. Marcos, pois na tradição historiográfica da época de Camões (Gaspar Correia, Fernão Lopes de Castanheda) este caso merecera já iniludível destaque, e João de Barros tão-pouco o havia esquecido na preparação da sua *Decada Quarta*, que só em 1615 viria a ser completada por João Baptista Lavanha.

<sup>553</sup> Lucius Annaeus Seneca, *Medea*, vv.199-200. O passo acha-se citado na *Polyanthea Nova* (1607, p. 608), sob o título *Judex*.

Quem deu sentença sem ouvir ãa das partes, inda que a sentença seja justa, é juiz injusto. Porém neste lugar advirtamos, que não é isto demanda entre partes, mas é conselho entre Juizes, dos quais era Baco um. E como a juiz apaxonado lhe põe Marte suspeições, porque estava Baco interessado contra os Portugueses nas cousas do Oriente, onde se diminuía sua honra com a chegada deles àquelas partes<sup>1</sup>. Pelo que com muita rezão o dá Marte por suspeito, e requiere a Júpiter como a presidente daquele tribunal que não tome a tenção de Juiz apaxonado. Por quatro modos (diz S. Anselmo) se preverte o Juízo: por temor, amor, ódio, cobiça<sup>554</sup>. Baco pecava, por cobiça e ódio, e como estava corrupto com estes dous vícios mal poderia julgar, porque diz Horácio, *Dicam si potero. Male verum examinat omnis, Corruptus Iudex*<sup>555</sup>. E Cícero dizia: *Semper est iniquus iudex, qui aut invidet, aut fauet, debetque in iudicio imbecilis esse inuidia*.<sup>556</sup> (69v)//

Anselmus, *De similitud. mundi*

Horatius, 2 *Sermonum* 2

Cicero, *Pro Plancio*

39

Que se aqui a rezão<sup>557</sup> se não mostrasse  
vencida do temor demasiado  
bem fora que aqui Baco os sustentasse  
pois que Luso vem seu tão privado.  
Mas esta tenção sua agora passe,  
porque enfim vem de estômago danado,  
que nunca tirará alhea inveja<sup>558</sup>  
o bem que outrem merece, e o Céu deseja.

Se o desordenado temor não vencesse neste caso à rezão, obrigação tinha Baco de defender e emparar os Portugueses como decendentes de Luso seu amigo e privado. Mas este parecer seu agora não seja ouvido nem tomado, porque enfim vem de coração mal inclinado, mas contudo nunca inveja doutrem tirará o bem a quem o merece, e mais sendo favorecido do Céu.

Pois que de Luso vem.

---

<sup>1</sup> No ms.: «cô a chegada dos Portugueses/delles **aaquellas partes**.» A palavra «delles» foi sobreposta a parte da expressão preterida; «aaquellas partes» foi acrescentado em entrelinha, sobre rasura.

---

<sup>554</sup> D. Marcos segue um passo citado na *Polyanthea Nova*, sob o título *Judex: Quatuor modis iudicium humanum pervertitur: timore, cupiditate, odio, amore* (1607, p. 608).

<sup>555</sup> Quintus Horatius Flaccus, *Sermones*, II, II, vv. 8-9. O passo acha-se citado na *Polyanthea Nova* (1607, p. 609), sob o título *Judex*.

<sup>556</sup> Marcus Tullius Cicero, *Oratio Pro Cnaeo Plancio*, III, 7. Na edição de referência: *semper dignitatis iniquus iudex est, qui aut invidet, aut fauet*. O passo, tal como o cita D. Marcos (apenas difere na ordem das palavras iniciais: *Semper iniquus est iudex...*), figura na *Polyanthea Nova*, sob o título *Judex* (1607, p. 610).

<sup>557</sup> Na edição *princeps*, como em todas as outras impressas até 1631, «razão».

<sup>558</sup> Na edição *princeps*, bem em todas as outras feitas até 1631, lê-se «enveja».

Plínio diz que Lusitânia tomou o nome de Luso, companheiro das peregrinações de Baco.<sup>559</sup>

Seu tão privado.

*Privatus*, nome latino, quer dizer particular, ou secreto e interior, donde se diz *inter privatos parietes* das cousas que se fazem em particular. E porque os Reis tem alguns com quem tratam em particular, e com familiaridade, vieram-se a chamar privados, *i.* particulares, e mais chegados. Estes Privados são os que lançam os Príncipes a perder e neles as Respúblicas, ou os conservam se são bons, e tais como os que tinham alguns Reis de Portugal. Lamprídio dizia que menos mal era serem os Reis maus, que os seus privados. Tem-se estes por bem-afortunados porque andam ao bafo dos Reis, e por eles se governa o Rei e o Reino. Mas eu os julgo por miserável sorte de gente, porque enquanto privam são avorrecidos e envejados, se descaem todos os ajudam a perecer, como vimos em Amão com Assuero<sup>560</sup>, que inda bem o Rei o não olhou com olhos irados, já uns lhe tapavam os olhos, outros iam em bus(70)//ca da forca onde o haviam de pendurar, e até então todos em o vendo se lhe ajoelhavam. Ora, quero que seja um Rei tão cego, e um Reino tão mofino e pecador que persevera um destes muitos anos nestes malefícios, que estreita conta tem que dar a Deus, ou com que satisfará à justiça divina, por quantas mortes injustas, quantos roubos e sem-justiças que por sua causa se fizeram? *Surdis verba facio*<sup>561</sup>, prego no deserto, *sed audiant haec saltem*.<sup>562</sup>

Lampridius in  
vita Severi

<sup>559</sup> Na *Naturalis Historia* (III, I, 8), Plínio atribui a Marco Varrão a autoria de uma explicação engenhosa para a origem do nome *Lusitania*: *lusum enim Liberi patris aut lyssam cum eo bacchan-tium nomen dedisse Lusitaniae* [...]. D. Marcos, porém, deixa na sombra (achá-lo-ia indecoroso?) o jogo de palavras que anima esta afirmação, segundo a qual Lusitânia teria assim sido chamada ou por causa dos movimentos (*lusus*) de Baco ou por causa do frenesim (*lyssa*) dos participantes nas bacanais.

<sup>560</sup> No Velho Testamento, o Liber Hester (*i.e.* Livro de Ester) conta a história do rei Assuero, que sob a influência do poderoso Aman autorizara o extermínio dos judeus. O ódio de Aman é apresentado como o resultado de um conflito tácito: na corte, todos se vergam perante ele, excepto Mardoqueu, de nação hebraica. Falha, porém, o plano de Aman, graças à intervenção corajosa de Ester, a rainha, ela própria judia e sobrinha de Mardoqueu. Por uma nova ordem de Assuero, os judeus passam de perseguidos a perseguidores, Aman e os seus filhos são condenados à morte. No texto bíblico, ressalta, em contraste com a força inicial desta figura (*flectebant genu et adorabant Aman*: 3, 2), a queda que o abate: perante a sua desgraça, um eunuco do palácio apressa-se a alvitrar onde se poderá enforcá-lo (7, 9). D. Marcos aplica a lição bíblica para destacar um tema vivo na parentética seiscentista: a fragilidade da privança.

<sup>561</sup> Trata-se de uma expressão feita, com variantes e com uma excepção no texto dos Evangelhos, onde se fala dos milagres de Cristo (*surdos facit audire* – Secundum Marcum, 7, 37). D. Marcos afirma: falo a surdos, mas ao menos que oçam estas palavras.

<sup>562</sup> Do exemplo retirado do Livro de Ester, D. Marcos retém dois temas: a fragilidade da privança e a responsabilidade de quem é senhor de mando. Esta última constituía um problema melindroso, e como tal encarado no campo da oratória sagrada. À noção de que importava denunciar erros e contribuir para a restauração da justiça e da ordem, contrapunha-se a consciência de que uma atitude temerária depressa seria votada ao ostracismo ou se tornaria causa de dissabores.

De estômago danado.

texto

Que cousa seja estômago, quem há que o não saiba, não me detenho em fazer notomias neste membro, vou ao sentido do nosso poeta, que chama estômago danado a ãa vontade mal intencionada. A esta metáfora deu lugar a língua latina, mãe da nossa portuguesa, na qual se toma *stomachus pro animo*. Porque assi como o estômago repugna facilmente às cousas que se não dão com ele, assi o ânimo deita de si as que não são<sup>1</sup> conformes à sua natureza. E daqui vem este termo de falar: não é de meu estômago *i.* da minha condição, e do meu ânimo. Este estômago tinha o padre Baco danado contra os portugueses, como lho pôs nos artigos Marte.

Que nunca tirará alhea inveja  
o bem que outrem merece e o Céu deseja.

texto

Conclui esta sentença, que contra a determinação do Céu pouco aproveita conselho humano. Era vontade do Céu que os portugueses fossem à Índia, mal podia Baco com sua inveja estorvar este bem. Não se variam os decretos divinos como se mudam as leis humanas. Donde disseram os Autores da *Polyanthea: Divina decreta non commutantur humanae leges pro tempore variantur quemadmodum et mores et voluntates*<sup>563</sup>. E Homero:

Ἄλλα μάλ' πης ἐπ' Διοῦς *ect.*  
*At mentem Iovis haud ullis rationibus unquam*  
*Diuorum quemquam vitare, aut fallere fas est.*<sup>564</sup>

Alhea inveja.

texto

---

<sup>1</sup> No ms.: «as q̄ não \*saõ\* conformes»...

---

D. Francisco Terrones del Caño disse-o na sua *Instrucción de Predicadores* (1.<sup>a</sup> ed.: 1617); e um pregador como o P.<sup>e</sup> António Vieira não deixou de evidenciar essas tensões e riscos, para mais fazer brilhar uma imagem corajosa – um *ethos* pleno de força –, decisivo nas lides da persuasão. Não foi caso único, nem poderia sê-lo. Uma data litúrgica como o 5.<sup>o</sup> domingo da Quaresma – dia das verdades – era considerada propícia a práticas especialmente críticas (v. João Francisco Marques, «O púlpito barroco português e os seus conteúdos doutrinários e sociológicos – a pregação seiscentista do Domingo das Verdades», *Via Spiritus*, 11, 2004, pp. 111-147). Leia-se, porém, o «Sermão do bom ladrão», de Vieira: desenvolvido com engenho, atento a circunstâncias (as de 1655, em que foi proferido, ou as de 1683, em que saiu impresso no tomo III dos *Sermoens*), tem por assunto a matéria perigosa que D. Marcos aqui ensaiou pregar.

<sup>563</sup> *Polyanthea Nova*, 1607, p. 415. O passo ilustra o conceito de *Fatum immutabile* e está inserido numa sequência de *Adagia*.

<sup>564</sup> D. Marcos cita decerto pela *Polyanthea Nova*, que acabou de indicar como fonte. Também este fragmento se insere no mesmo rol de *Adagia*, desta vez como exemplo de *Fatum inevitabile* (1607, p. 415).

Inveja é tristeza do bem alheio<sup>565</sup>. Esta nos faz tristes por quatro modos<sup>566</sup>. O primeiro modo de inveja é quando alguém se dói do bem alheio, enquanto se espera, teme desse bem algum mal a si ou a outro<sup>567</sup>. (70v)// Esta é mui ordinária. Como se alguém temesse, ou se doesse porque era juiz um que lhe não é afeiçoado. Como quando Afonso Mexia, na Índia, não queria que Pero Mascarenhas governasse, porque se receava dele, pelo que ao mesmo Pero Mascarenhas ele tinha feito ao embarcar pera Malaca<sup>568</sup>. Desta inveja trata S. Gregório nos *Morais* 22.

1.º Rhetor.

A segunda espécie de inveja é quando nos intristicemos, por outrem ter o bem que a nós nos falta, e isto é propriamente zelo, como lhe chama o filósofo<sup>569</sup>. E é louvável se for de cousas honestas. A terceira é quando temos pena de ver posto nãa dignidade a um porque é indigno daquele lugar, a esta chama Aristóteles Némesis. A quarta é quando nos dói o bem alheio porque nos excede o que é maior que nós com aquele bem, e propriamente falando, esta é a verdadeira inveja, pecaminosa, porque se dói daquilo de que havia de folgar. S. Thom. 2. 2.<sup>a</sup>, q. 34, art. 6. Esta quarta espécie ou maneira de inveja tinha Baco, que se doía porque os portugueses iam à Índia ganhar nome e fama mais sublime que a que ele tinha ganhado nela. E por Baco entende o Poeta os envejosos que no princípio desta conquista, e no progresso delas, e inda hoje fazem o que podem por lançar os Portugueses da Índia, diminuir e estorvar sua glória, como fizeram os Mouros de Calecut, e de todo Malabar, e ainda os venezianos, pelo interesse que perdiam do contrato do mar Roxo por onde as drogas do Oriente vinham a Suez, e daí ao Cairo, e Alexandria, e ultimamente a Veneza, donde se espalhavam por toda

---

<sup>565</sup> D. Marcos traduz as definições de *invidia* apresentadas na *Polyanthea Nova* (1607, p. 589): por exemplo, *tristitia de bonis alienis* ou *de bono alterius*. De resto, todo o desenvolvimento desta matéria (tanto a divisão em quatro modos como a escolha de exemplos) tem por base a *Polyanthea Nova*.

<sup>566</sup> *Invidia est tristitia de bono alieno, quo tristamur quadrupliciter.* (*Polyanthea Nova*, 1607, p. 589).

<sup>567</sup> A frase segue, traduzindo-o, o ponto 1 da divisão das formas de inveja consideradas na *Polyanthea Nova* (1607, p. 589): *Cum quis dolet de bono alterius, in quanto ex eo timetur nocumentum, vel sibi ipsi vel aliis.* Também ali S. Gregório (*Gregorius* 22. *Moralium*) é a autoridade aduzida. O mesmo se observa para os restantes itens, mas com uma particularidade: D. Marcos abrevia a qualificação da inveja como pecado, hipótese prevista na *Polyanthea Nova*. Repare-se: 2. *Cum tristamur de bono alterius ex eo quod nobis deest bonum, quod alius habet. Et hoc est proprie Zelus, ut dicit Philosophus 2. Rhetoricorum, & est laudabilis, si sit circa honesta. Si autem sit de bonis temporalibus, potest esse cum peccato, & sine peccato, q. 36. art. 3./ 3. Cum quis tristatur de bono alterius, in quantum ille, cui accidit, est eo indignus. Et talis tristitia (quia est de divitiis, & aliis quae dignis & indignis evenire possunt) vocatur à Philosopho νῆμισι, licet apud Aristotelem approbata, prohibita tamen Christiana religione./ 4. Cum quis tristatur de bono alterius in quantum eum excedit in bonis, & hoc proprie est invidia, & semper mala, quia dolet eo quo est gaudendum, & est peccatum.*

<sup>568</sup> Nas desavenças entre Pero Mascarenhas e Lopo Vaz Sampaio, pela posse do título de Governador da Índia, Afonso Mexia, então vedor da fazenda, teve parte importante como aliado de Sampaio (v. *supra*, nota 552).

<sup>569</sup> «O filósofo» é Aristóteles, e tudo indica que D. Marcos se refere à emulação ou zelo – matéria tratada no capítulo XI (livro I) da *Retórica*.

Europa, com grande proveito daquela nação, o que tudo se lhe trocou tanto que nossas armadas entraram na Índia, como adiante veremos. E assi suspiravam sempre por este trato, tanto que (segundo dizem) mandaram à Índia dous fundidores de artilharia com título de lapidários<sup>570</sup>, os quais ensinaram aos mouros e gentios a fundir peças grandes, com que nos fizeram muito dano, sem tirarem proveito algum. Contra estes diz S. Basílio: *Invide quid suspiras? Proprium ne malum an alienum bonum?*<sup>571</sup> É a inveja um vício inútil, que de castigo serve a si mesma<sup>572</sup>. Séneca. Oxalá (diz) em todas as Cidades tiveram olhos os envejosos, porque da felicidade de todos padecessem tormento: (71) // *nam quanta felicitium sunt gaudia, tanti invidiorum sunt gemitus*<sup>573</sup>. Mas gemam eles e suspirem, porque como diz Petrarca, *Praestat invidiosum esse quam miserabilem*<sup>574</sup>, melhor que me tenham inveja que compaixão de mim. Focílides, Poeta Grego, exortando os homens a não ter inveja, diz (traduzido)<sup>575</sup>: «Deixai, ó homens, o vício da inveja, tomai exemplo nas cousas celestes, e ainda nas de baxo. Vedes a lua que não tem inveja ao Sol, nem as estrelas à lua, a terra não inveja ao Céu sua altura, nem os vales aos montes, nem os Rios ao mar, mas cada um se contenta com sua sorte vivendo em paz e concórdia sempiterna.» Elegantemente descreveu Ovídio no livro 2 dos *Metamorfoseos* a inveja dizendo:

*Palor in ore sedet, macies in corpore toto  
Nusquam recta acies, livent rubigine dentes*

Também os Venezianos deram ao Soldão madeira da Ilha de Zante pera fazer galés em Suez contra os portugueses.

Seneca, *De morte*

Petrarca, *De Invidia*, Dial. 35

Phocilides

Ovid., 2 *Metam.*, fab. 19

<sup>570</sup> João de Barros, na *Decada Primeira da Asia*, fala de «dous cristãos naturais da Escravônia» que teriam ido para a Índia «na armada do Almirante em lugar de marinheiros» e haviam procurado, em Cochim, «ficar com os nossos em a feitoria, simulando que eram lapidários, sendo seu próprio officio bombardeiros e fundidores de artilheria, que foram depois causa de grande trabalho aos nossos, e muito maior ao Samori polos defender. E se é verdade (o que se não deve crer de uã tão illustre senhoria como é a de Veneza) eles a quiseram infamar, dizendo depois que per seu meio foram ter àquelas partes pera usar aquele officio de fundir a artilheria em nosso dano.» (1628, VII, I, f. 127).

<sup>571</sup> Sob o título *Invidia*, no rol de *Patrum Sententiae*, o primeiro exemplo é o que D. Marcos aqui cita (*Polyanthea*, 1607, p. 589).

<sup>572</sup> A ideia atravessa vários dos exemplos reunidos na *Polyanthea* e ressalta em especial numa sentença do *Liber Sapientiae*, 14, 24: *Alius alium per invidiam occidit* (*Polyanthea Nova*, 1607, p. 589).

<sup>573</sup> Entre as *Philosophorum Sententiae*, lê-se o trecho que D. Marcos em parte traduz em parte reproduz: *Utinam invidi oculos haberent in omnibus civitatibus, ut de omnium felicitatibus torqueantur: nam quanta felicitium sunt gaudia, tanti invidiorum sunt gemitus.* (*Polyanthea Nova*, 1607, p. 591). Se a *Polyanthea Nova* (seguida por D. Marcos) atribui este passo a Séneca, importa notar que a autoria não era certa.

<sup>574</sup> D. Marcos poderia ter lido este passo em edições como *Francisci Petrarchæ De Remediis utriusque Fortunæ, Libri Dvo* (1610, l. II, XXXV, p. 469). No entanto, deve ter seguido a *Polyanthea Nova* (1607, p. 591), onde, sob o título *Invidia*, a frase faz parte de uma longa citação de Petrarca.

<sup>575</sup> Na *Polyanthea Nova*, sob o título *Invidia*, junto com o texto grego de Focílides, dá-se a ler uma tradução latina: *Ne invideas bona sociis, ne maculam contrahas: Sine invidia coelestes etiam inter se sunt. Non invidet luna multo præstantioribus solis radiis. Non tellus coelestibus altitudinibus, cum subter ipsa sit: Non flumina pelagis, sed semper concordiam habent.* (*Polyanthea Nova*, 1607, p. 591).

*Pectora felle virent, lingua est suffusa veneno  
Risus abest nisi quem visi fecere dolores  
Nec fruitur somno, vigilantibus excita curis.  
Sed videt ingratos intabescitque videndo  
Sucessus hominum carpitque carpitur una  
Suppliciumque suum est.*<sup>576</sup>

Alciatus, *Embl.*  
71

Alciato nos pintou como num painel a inveja, na figura de ãa mulher fea e mal encarada, que se mantém de carne de bíboras com os olhos agravados, comendo a bocados seu próprio coração, magra e descorada, com um áspero espinheiro na mão per bordão.

*Squalida vipereas manducans femina carnes  
Cuique dolent oculi, quaeque suum cor edit  
Quam macies et pallor habent, spinosaque gestat  
Tela manu, talis pingitur Invidia.*<sup>577</sup>

*Viaggio al  
Regno de amore*

A casa da inveja nos retratou e descreveu um poeta Toscano, a meu ver com graça:

*Et camminando poco inanti, hor ecco  
Che ogni piacivolezza si disperde  
Enriamo in un sentier horrido, e secco.  
Alpestre tuto, e senza un' herba verde  
Et, come per le grotte ribomba Ecco  
Che il suon si sente, e lei veder si perde (71v)//  
Senza saper da cui, venian per queste  
Spelunche voci dolorosi, e meste.*

*E finalmente quivi era la curia  
Detto ne fu de la malvagia invidia  
La qual piu abonda ogn' hor d' iniqua ingiuria  
Che de maligne fere la Numidia  
Questa non scopre, e non se leva a furia  
come altre a dimostrar la sua perfidia  
ma cautamente quanto a veder parmi  
move la lingua velenosa, e l'armi.*

---

<sup>576</sup> *Metamorphoses*, II, vv. 775-782. Na edição de referência: *robigine dentes; quem visi movere dolores; carpitque et carpitur una*. Todo este passo é transcrito na *Polyanthea Nova* (1607, p. 591), onde, entre parênteses, se indica: *Ovid. Metam. lib. 2 fab. 15. Invidiam describens*.

<sup>577</sup> D. Marcos reproduz o emblema LXXI, *Invidia*, de Andrea Alciato (*Emblemas*, 1985, p. 106). Na *Polyanthea Nova*, o texto vem citado, mas de forma imperfeita, pois falta o seu último verso (1607, p. 594).

*E stavasi la crudele dentro ad un speco  
dove no luce mai Luna ne Sole  
Loco caliginoso oscuro e cieco  
Da guffi, da civette, corvi, e pole  
Solo habitato, e molta gente ha seco  
Che piu del ben altrui si lagna, e duole  
Che del suo male, et un degli occhi sui  
Spesso si trabe, per trarne a un altro dui.*<sup>578</sup>

Cleobolo perguntado de que cousas o homem mais se havia de guardar, respondeu: «Da inveja dos amigos, e das treições dos inimigos.»<sup>579</sup> Teofrasto dizia, que os mais miseráveis homens que no mundo havia eram os envejados, porque os outros homens sintiam seus danos; estes seus males, e os bens alheos<sup>580</sup>. Os Sacerdotes Egíptios querendo declarar em suas figuras a inveja, pintaram o joio, como diz Pierio Valeriano. Donde nasceu aquele dito de Antistenes, que era necessário alimpar o trigo do joio, que é, como declarou Plutarco, alimpar a República dos envejados<sup>581</sup>. Diz Eliano<sup>582</sup>, que Alexandre Rei de Macedónia queria mal a Perdicas, porque era belicoso, a Lisímaco porque sabia melhor que ele a arte militar,

Anton. in  
*Meliss.* par. 1,  
ser. 62

Stobeus, *Ser. de  
Invidia*

Pierius, lib. 56,  
pag. 537

Aelianus, libro  
12 de *Var. Hist.*

<sup>578</sup> Agostino Santonini, *Viaggio al Regno d'Amore*, 1592, s/f. D. Marcos desvia-se do original italiano em pormenores que denunciam um conhecimento imperfeito da ortografia e da gramática da língua (no texto de Santonini, lê-se *piacevolezza; rimbomba; voci dolorose; di maligne fere; e non si leva a furia; come altri; Stauasi*). No entanto, quando escreve *quanto a veder parmi* em lugar de *quanto intender parmi*, mostra, mais do que compreensão dos versos, desembaraço no uso de uma fórmula equivalente.

<sup>579</sup> *Cleobolus interrogatus quænam præcipue cavenda sint? respondit: Amicorum quidem invidiam, inimicorum autem insidias.* Anton. in *Meliss. par 1. ser. 62. Max. serm. 54.* (*Polyanthea Nova*, 1607, p. 592).

<sup>580</sup> *Theophrastus dicebat Invidios reliquis hominibus infeliciores esse, in eo quod alii suis solum calamitatibus dolent: Invidi vero præter sua mala, bonis etiam alienis contristari pergunt.* Stob. ser. de *invidia.* (*Polyanthea Nova*, 1607, p. 592).

<sup>581</sup> D. Marcos parafraseia um trecho da *Polyanthea Nova*, onde acerca da *Invidia* se lê: *Per Lolium etiam cum pravi mores tum Invidia hieroglyphice significatur. Quare Antisthenes non temere dicere solebat, absurdum esse triticum à lolio non repurgare, qui sentiret ex hoc Invidios à Republica submovendos, ut Plutarchus interpretatur: tam enim inutiles invidi sunt civitati, quam Lolium est tritico: qui vero invidus est, suam ipse sibi fovet infelicitatem.* Pier. Valer. lib. 56. pag. 537. (1607, p. 594).

<sup>582</sup> Claudius Aelianus, autor latino, nascido em Preneste, no Lácio, c. 170 d.C., escreveu (para lá de «epístolas rústicas» e de um livro *De natura animalium*) *De Varia Historia*, obra de carácter miscelânico, originalmente composta em grego e várias vezes impressa, também em tradução latina, a partir do século XVI. Numa edição bilingue como *Aeliani Variæ Historiæ Libri XIII*, lê-se, no livro XII, o breve capítulo XVI: *Perdiccam oderat Alexander, quòd esset bellicosus: Lysimachum, quòd imperatoriæ artis peritus: Seleucum, quòd forti animo esset. Antigoni verò liberalitas eum offendebat, & Attali imperatoria dignitas, & Ptolemæi prosperitas* (1604, p. 310). Os termos usados por D. Marcos mostram, porém, que é ainda pela *Polyanthea Nova* que neste passo se orienta: *Alexander Macedonia rex potentissimus Perdiccam oderat, eo quod esset bellicosus: Lysimachum, quod militandi peritus: Seleucum, quod magni animi: Attalum, quod imperatoria dignitate polleret: Ptolemæum, quod ei prospere omnia succederent.* Aelian. lib. 12. de var. histor. (1607, p. 594).

a Seleuco porque era de grande ânimo, a Átalo porque tinha ãa gravidade imperial, e a Ptolomeu porque tudo lhe sucedia bem. Enfim sempre a inveja foi (72)// companheira da virtude. Dezia Diógenes Laércio: *Felicitas semper subiecta est invidiae, sola ergo miseria invidia caret*<sup>583</sup>. Só a miséria está livre da inveja, porque (como diz Tito Lívio) *Invidia tamquam ignis summa petit*<sup>584</sup>. Imita a inveja o fogo que sempre busca o alto. E diz o mesmo autor, que aqueles são mais prontos à inveja, que não medem a nobreza, e a boa sorte, pelos merecimentos<sup>585</sup>. Ó quantos destes vemos hoje que medem os mericimentos alheos pela nobreza, e não a nobreza pelos merecimentos. Quando El Rei Felipe 3.º que Deus tem veio a este Reino, correram touros diante dele no terreiro do paço de Lisboa, e um homem particular natural de Coimbra, esforçadíssimo diante del Rei fez cousas maravilhosas, de que todos se espantaram, enquanto o não conheceram, tendo pera si que era algum fidalgo homiziado não falavam noutra cousa, poendo aquele feito nas nuvens. Depois que souberam quem era, mediram o feito pela geração, não faziam disto caso, e tudo com inveja.

40

E tu, Padre de grande fortaleza,  
da determinação que tens tomada  
não tornes por detrás pois é fraqueza  
desistir-se da cousa começada.  
Mercúrio pois excede em ligeireza  
ao vento leve, e à seta bem talhada,  
lhe vá mostrar a terra onde se informe  
da Índia, e onde a gente se reforme.

*Par levibus  
ventis  
Otyor et iaculo  
et ventos  
aequante  
sagitta*<sup>586</sup> –  
Virg., 10 Ae.

E tu, Padre, cuja fortaleza é imensa, não desistas do primeiro pensamento que tomaste acerca desta gente, olha que desistir do começado é indício de fraqueza, e pouco ânimo. Manda (pois) Mercúrio, cuja ligeireza é mais sutil que os ventos leves<sup>1</sup>,

<sup>1</sup> No ms.: «he mais sutil q̄ os ventos, \*leves\* esetas eligeiras setas»...

<sup>583</sup> O trecho figura na *Polyanthea Nova*, sob o título *Invidia* (1607, p. 592).

<sup>584</sup> Titus Livius, *Ab Urbe Condita*, VIII, XXXI, 7. No original: *invidiam tamquam ignem summa petere*. D. Marcos cita pela *Polyanthea Nova* (1607, p. 592): *Invidia tamquam ignis summa petit*.

<sup>585</sup> *Nulla ingenia tam prona ad invidiam sunt, quam eorum, qui genus ac fortunas suas animis non aequant: quia virtutem, ac aliorum bonum oderunt. Idem. Decad. 4. lib 5.* (*Polyanthea Nova*, 1607, p. 592). A indicação sobre a origem do passo está errada na *Polyanthea Nova*, que D. Marcos segue. Na verdade, estas palavras acham-se em *Ab Urbe Condita*, XXXV, XLIII, 1 (na edição de referência: *ac fortunam suam animis non aequant, quia virtutem et bonum alienum oderunt*).

<sup>586</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, X, v. 248. *Par levibus ventis* não corresponde ao texto virgiliano. Na edição de referência, lê-se, nos versos 247-248 do l. X: *fugit illa per undas/ocior et iaculo et ventos aequante sagitta*.

e ligeiras setas, pera que os guie a algũa terra onde achem informação da Índia, e tomem repouso e sossego os cansados, e a armada se refaça. (72v)//

E tu, Padre de grande fortaleza.

Fortaleza, que em grego se chama *Andreoa*, *Est aggressio terribilium* (como diz Aristóteles) *ubi mors imminet propter bonum commune servandum*<sup>587</sup>. É acoetimento de cousas terríveis, onde a morte está quasi certa, pera salvar o bem comum. Segundo esta difinição, aquele acto que fez D. João de Castro quando cometeu em Diu os inimigos, e passou a parede, foi feito de fortaleza, e não menos o foi mandar seus filhos quasi por baxo das ondas acudir à fortaleza<sup>588</sup>. Por isso lhe chama Camões «Castro forte», como atrás vimos, e destes feitos fortes estão cheos os livros da Índia, e as Crônicas dos nossos Reis, mais que quantas Décadas Tito Lívio escreveu, nem que quantos livros Trogo Pompeu e outros deixaram escritos. Mas a nosso prepósito. Fortaleza se pode entender em dous modos, o primeiro enquanto ao ânimo, ãa constância e firmeza pera as honestas operações, e nisto é comũa com as outras virtudes, porque como diz Aristóteles, *virtutis est firmiter immobiliterque agere*<sup>589</sup>. No segundo se toma fortaleza per aquela firmeza de ânimo aparelhada pera resistir e sustentar perigos, e sofrer trabalhos<sup>590</sup>. E

Aristotelis, l. 3  
*Ethic.*

Aristot., l. 2  
*Ethic.* c. 4

---

<sup>587</sup> O passo, igualmente atribuído a Aristóteles, acha-se citado na *Polyanthea Nova* (1607, p. 441), sob o título *Fortitudo*. D. Marcos parece adaptar ligeiramente o excerto, e escreve *servandum* onde na *Polyanthea Nova* se diz *salvandum*.

<sup>588</sup> D. Marcos alude decerto à *Decada Sexta* de Diogo do Couto, onde se narra o cerco de Diu (1546), com destaque para a intervenção de D. João de Castro (1615, IV, I-II, fls. 64-70), chefe que o cronista descreve como já venerando (o Governador tinha 46 anos) mas decidido a libertar a cidade e a «arriscar sua pessoa, sem os que com ele andavam o poderem ter» (f. 67v). Na sua concisão, porém, D. Marcos funde tempos e casos diversos. É verdade que, segundo Couto, qualquer um dos dois filhos de D. João de Castro só chegou a Diu depois de viagens atribuladas pelo mau tempo (I, IX, f. 18; III, I, f. 42; III, V, f. 51v). Todavia, quando D. João de Castro enviou um filho (D. Álvaro) para socorrer o capitão de Diu, já o outro (D. Fernando) havia ali morrido em combate. E é a respeito de D. Álvaro de Castro e dos seus companheiros que Diogo do Couto mais salienta a dificuldade da navegação, «com tão grandes tempestades, que cada dia se viam alagados e perdidos»; «além de vento rijo, e mares grossos, havia tão grandes chuueiros e sarrações, que quasi não diferenciavam o dia da noite.» (III, I, f. 42). Ou, numa segunda etapa, «tornaram a cometer o golfo, que ainda acharam colérico e furioso» (III, V, f. 51v).

<sup>589</sup> D. Marcos cita decerto pelos Comentários dos Conimbricenses, onde se lê: *quia vt docet Aristoteles secundo Ethic. cap. 4. Virtutis est firmiter immobiliterque agere. (In Libros Ethicorum Aristotelis Ad Nicomachvm, Aliqvot Conimbricensis Cvrsvs Dispvtationes, 1593, IX, Qvæstio II. De fortitudine, art. I, p. 89).*

<sup>590</sup> No caso do conceito de *fortitudo*, D. Marcos apoia-se na *Polyanthea Nova*, mas sem a demora que se observa no tratamento de *invidia*: não parafraseia o esquema ali apresentado, preferindo reter somente uma distinção concisa, retirada de *Ambros. Lib. 1 de Offic.: In duobus generibus fortitudo spectatur animi. Primo, ut exteriora corporis pro minimis habeat, & quasi superflua despicienda magis, quam expetenda ducat. Secundo, ut ea, quæ summa sunt, omnesque res, in quibus est honestas, præclara animi intentione usque ad effectum prosequatur.* (*Polyanthea Nova*, 1607, p. 443).

aqui advirto que a ousadia não é fortaleza, porque assi como a liberalidade é meio entre avareza e prodigalidade, assi fortaleza é meio entre audácia e temor<sup>591</sup>. Chama aqui Marte a Júpiter «Padre de grande fortaleza», porque todas as virtudes estão em Deus em maior perfeição que nos homens. Diz mais o poeta, que pois tem fortaleza, não desista, porque o desistir é acto de temor e pusilanimidade, contrários e opostos da fortaleza. Dela escreveu Platão lib. 21 chamado *Laches.*, S. P. Aug. *De vita beata*, Philo no primeiro livro das *Alegorias*, S. Gregório no 7 dos *Morais*, cap. 9.<sup>592</sup>

texto

Mercúrio pois excede em ligeireza.

Homero, *Ili.*  
5<sup>593</sup>

Virg., *Aen.* 4

Mercúrio  
embaxador de  
Júpiter, como  
Íris de Juno

Era Mercúrio mensageiro e Embaxador d[e] Júpiter<sup>1</sup>. Ele levou a embaxada a Calipso pera largar a Ulisses, e a Eneas pera ir pera Itália, mas o que agora o poeta imita é do primeiro dos *Eneados*, onde Mercúrio por mandado de Júpiter foi diante a Cartago preparar e modificar os corações dos Tírios, pera que quando lá chegassem os Troianos os agasalhassem com amor e benevolência. Agora manda (73)// Júpiter ao mesmo Mercúrio prevenir os corações dos de Melinde pera receberem os portugueses no seu porto benignamente depois de tantos trabalhos do mar e enganos e treições dos Mouros daquelas partes.

41

Como isto disse, o Padre poderoso  
a cabeça inclinando consentiu  
no que disse Mavorte valeroso  
e Néctar sobre todos esparziu.

<sup>1</sup> No ms.: «Embaxador dos Deoses/Iupiter.»

<sup>591</sup> Em vários excertos reunidos na *Polyanthea Nova*, sob o título *Fortitudo*, distingue-se *fortitudo* e *temeritas*. Por exemplo, uma sentença atribuída a S. Bernardo diz assim: *Fortitudinis mater prudentia, non enim fortitudo, seu temeritas est quilibet ausus, quem non parituriuit prudentia.* (1607, p. 443). Também nos Comentários dos Conimbricenses se encarecia a lição da *Ética* aristotélica (l. II, cap. 7 e l. III, cap. 6) acerca desta virtude: *Mediocritas circa metum & audaciam, hoc est, virtus, quæ in metu & audacia moderandis posita est.* (In *Libros Ethicorum Aristotelis Ad Nicomachum, Aliquot Conimbricensis Cursus Disputationes*, 1593, p. 89).

<sup>592</sup> Continuando atento à lição dos Conimbricenses, por cujos Comentários citou antes a definição aristotélica de fortaleza, D. Marcos reproduz o rol de *auctoritates* que ali é destacado: *De fortitudine disputat Plato lib. 21. qui inscribitur Laches. Arist. lib. 3 Ethic. à cap. 6. D. Ambrosius lib. I de Offic. à cap. 35. D. August. lib. de Beata vita. Philo Iudæus lib. I. Allegor. D. Thom. 2.2 q. 123. Aduerte in primis fortitudinem dupliciter sumi. Vno modo, ut importat quandam animi firmitatem & constantiam ad honestas actiones obeundas: qua ratione est communis conditio cuiuslibet virtutis, quia ut docet Aristoteles secundo Ethic. cap. 4. Virtutis est firmiter immobiliterque agere. Secundum hanc vsurpationem agit D. Gregor. de Fortitudine lib. 7 Moral. cap. 9.* (In *Libros Ethicorum Aristotelis Ad Nicomachum, Aliquot Conimbricensis Cursus Disputationes*, 1593, p. 89).

<sup>593</sup> Na verdade, é no canto V da *Odisseia*, e não da *Iliáda*, que se narra a ida de Hermes (Mercúrio) à ilha de Ogiúgia, com a missão de ordenar a Calipso a libertação de Ulisses.

Pelo caminho Lácteo glorioso  
logo cada um dos Deuses se partiu,  
fazendo seus reais acatamentos,  
pera os determinados apousentos.

Acabando Marte seu arzeado, inclinou Júpiter a cabeça dando sinal que aceitava seu parecer. E rociando a todos com o divino Néctar os despediu. Logo cada um pela Via Láctea se apartou pera seu aposento, fazendo primeiro a Júpiter as devidas reverências.

*Hic finis  
fandi solio  
tum Jupiter  
aureo. Surgit  
Caelicolae  
medium quem  
ad limina  
ducunt.*<sup>594</sup>

A cabeça inclinando.

Virg.: *Annuít, et totum nutu tremefecit Olympum.*<sup>595</sup>  
Claudiano, *De raptu Pros.*, lib. 3: *Dixit et horrendo concussit  
sidera motu.*<sup>596</sup>

Néctar *ect.*

Os gentios tratavam os seus Deuses como homens sujeitos a paxões e necessidades, e assi lhe atribuía ódio, inveja, dor, fome e sede. Pera satisfazer às necessidades da fome e sede lhe inventaram o comer chamado Ambrósia, e o beber, Néctar, que aos imortais só era lícito tomar. Disto se ri Cícero<sup>597</sup>, dizendo que nunca os Deuses tal néctar beberam, mas que Homero fez as cousas humanas divinas, e fora-lhe melhor trazer as divinas a nós cá o mundo que levar as humanas ao Céu. Homero (73v)// relatando outro concílio dos Deuses conta que Júpiter lhe mandou logo dar de beber em chegando, assi porque viriam cansados, como polos ter mais alegres ao dar seu parecer.

Cicero, lib. 1.º  
*Thusculanorum*

Homer., *Il.* 4

– *Cunctis loquentibus Hebe  
Nectareos passim miscebat diva licores  
Auratas illi celerant haurire vicissim  
Inter se pateras.*<sup>598</sup>

<sup>594</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, X, vv. 116-117. Na edição de referência: *Iuppiter aureol surgit, caelicolae...*

<sup>595</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, IX, v. 106. Na edição de referência: *adnuít.*

<sup>596</sup> Claudius Claudianus, *De raptu Proserpinae*, III, v. 66.

<sup>597</sup> Decidido a exaltar a qualidade divina da alma humana, Cícero diz lamentar que Homero tivesse, na sua ficção, dado aos deuses atributos dos homens em vez de dar aos homens predicados divinos: *vigere, sapere, invenire, meminisse* (i.e., capacidade de acção, de conhecimento, de descoberta e de memória). (*Tusculanae Disputationes*, I, XXVI, 64-65).

<sup>598</sup> *Ilias Homeri Quatenus Ab Nicolao Valla Tralata*, 1510, f. 9. D. Marcos escreve *cunctis*, apenas, em lugar de *cunctisque*; e (o que deve indicar a sua pronúncia da palavra), grafa *licores* e não *liquores*, como no original.

Enquanto isto passava<sup>599</sup> na fermosa  
 casa Etérea do Olimpo Omnipotente,  
 cortava o mar a gente belicosa  
 já lá da banda do Austro, e do Oriente.  
 Entre a costa Etiópica, e a famosa  
 Ilha de S. Lourenço, e o Sol ardente  
 queimava então os Deuses que Tifeu  
 com<sup>600</sup> temor grande em pexes converteu.

No Céu se tratavam estas cousas, e entretanto os Portugueses navegavam pelo vasto oceano, muito além da linha equinocial, da parte do Sul, indo com a proa já no Oriente, entre a costa de Etiópia, que à mão esquerda lhe ficava, e a grande Ilha de S. Lourenço, e o Sol entrava nesse tempo no signo de *Piscis*.

Deu o Poeta fim à ficção, ou alegoria do Concílio dos Deuses, e começa a entrar na narração, declarando o lugar onde então os Portugueses estavam, que era entre a Costa de Zanzibar, e a Ilha de S. Lourenço, e declara mais o tempo, que era quando o Sol andava no signo de *Piscis*, no qual entra no mês de Fevereiro.

#### Casa Etérea.

Aristot. *de*  
*Mundo*

Assi chama ao Céu. Dividiram os antigos todo o criado em duas (74)// Regiões, a ãa chamaram Etérea, e a outra Elemental. Casa Etérea comprehendia tudo o que está do côncavo da lua pera cima; Elemental tudo o que fica da lua pera baxo. E isto basta pera este lugar, porque pera outro guardamos as mais cousas que sobre isto pudéramos escrever.

#### Casa Etérea do Olimpo omnipotente.

Virg.

Virg., X. *Ae.*: *Domus omnipotentis Olympi*.<sup>601</sup>

texto

Os Deuses que Tifeu *ect*.

Homerus, *Iliada*  
 + vide Macrob.  
 in *Saturnal*.<sup>602</sup>

Este Tifeu era um Gigante filho da terra, que confiado em sua valentia desafiou a Júpiter, e pondo monte sobre monte chegou ao Céu, como largamente conta Homero na *Iliada*, e Júpiter teve grande medo dele, e os Deuses escondem

<sup>599</sup> Na edição *princeps*, como em todas as outras impressas até 1631, «isto se passa».

<sup>600</sup> Na edição *princeps*, bem como nas de 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1626 e 1631, «co temor grande». Em 1613, «Com temor grande».

<sup>601</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, X, v. 1.

<sup>602</sup> Em *Saturnalia* (I, 20, 8), Macróbio não nomeia Tifeu; alude, sim, à revolta dos gigantes, de que este filho de Saturno fez parte.

ram-se, e alguns vieram pera o mundo, entre os quais foram Vénus e Cupido, que se lançaram num rio e se converteram em pexes, e é o signo assi chamado no qual entra o Sol a 19 de Fevereiro. E os portugueses navegavam entre a Ilha de S. Lourenço e a costa de Etiópia no fim de Fevereiro, e na entrada de Março descobriram Moçambique. Todos os Deuses temeram a Tifeu, tirando Hércules.

Estavam os Deuses no Egito comendo num Convite, e estando já meios bêbedos apareceu-lhe Tifeu, e eles com medo tomaram novas formas.

Virgílio, 8: *Non te ullae facies, non terruit ipse Typhoeus Arduus arma tenens.*<sup>603</sup>

43

Tão brandamente os ventos os levavam  
como quem o Céu tinha por amigo:  
sereno o ar, e os tempos se mostravam  
sem nuvens, sem recção de perigo.<sup>I</sup>  
O promontório Prasso já passavam  
na costa de Etiópia, nome antigo,  
quando o mar descobrindo lhe mostrava  
novas Ilhas que em torno cerca, e lava.

Iam navegando com tão próspero vento, como quem do Céu eram favorecidos. Mostrava-se no ar grande serenidade, o tempo quieto e sem nuvens nem medo de tempestade. Já tinham passado o Prasso promontório (74v)// que da parte de Etiópia está, nome já dos antigos conhecido. E eis nisto novas Ilhas viram que o mar com suas ondas cercava.

Prasso promontório.

Assi chamou Ptolomeu a um cabo<sup>II</sup> que da terra de Etiópia está eminente sobre o mar, chamado dos naturais Moçambique<sup>III</sup>, onde ora temos ãa fortaleza de muita importância. Ptolomeu o pôs em 15 graus e assi está verificado pelos nossos.

João de Barros,  
D. 1, l. 8, c. 4<sup>604</sup>

<sup>I</sup> No ms.: «de perigos».

<sup>II</sup> No ms.: «Assi chamou Ptolomeu ~~assichamou~~ Pto a hũ cabo»...

<sup>III</sup> No ms.: «Mocambique junto do qual esta huã Ilha assi chamada onde/onde ora»...

<sup>603</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, VIII, vv. 298-299. Na edição de referência: *nec te ullae facies*.

<sup>604</sup> João de Barros escreve, na *Decada Primeira da Asia* (1628, VIII, IV, fls. 153v-154): «Em a parte da terra de África sobre a Etiópia, o que Ptolomeu chama interior, onde está a região Agisimba, que é a mais austral terra de que ele teve notícia, e onde faz a sua meridional computação, jaz outra terra que em seu tempo não era nota, e ao presente mui sabido o marítimo dela, depois que descobrimos a Índia per este nosso mar oceano. O princípio da qual, começando na Oriental parte dela, é o Prasso promontório, que ele Ptolomeu sitou em quinze graus contra o sul e em tantos está

## Etiópia nome antigo.

Este nome Etiópia puseram os gregos àquela parte de África a que vulgarmente chamamos Cafraria, cuja descrição poremos em seu lugar. Acerca do nome, a Sagrada Escritura lhe chama, segundo o texto hebreu, כּוּשׁ, Cus, o qual nome lhe procedeu de um neto de Noé, filho de Cam, que assi se chamava. E todas as vezes que na Sagrada Escritura se faz menção de Etiópia se nomea por este nome Chus. Donde se vê o erro de um predicativo Castelhana<sup>605</sup> que diz que não era Etiopisa

---

per nós verificado: ao qual os naturais da terra chamam Moçambique, onde ora temos ãa fortaleza que serve de escala das nossas naus nesta navegação da Índia.»

<sup>605</sup> Ao longo dos séculos XVI e XVII, a interpretação de passos da Escritura relativos à «mulher de Moisés» deu azo a uma vasta discussão, desenvolvida à luz do que autoridades como o pseudo-Agostinho (*i.e.* Agostinho irlandês, que no século VII redigiu *De mirabilibus Sacrae Scripturae*) haviam concluído, e estimulada pelo que glosas rabinicas, como as de Kimchi e Salomon, ou comen-tários católicos, como os de Nicolau de Lira e do Abulense, haviam proposto. Por um lado, tornava-se necessário conjugar um versículo do livro dos Números (12, 1, onde, segundo a Vulgata, Séfora seria *aethiopissa* ou, segundo a versão dos Setenta, *chusita*) com vários trechos mais do Pentateuco (em especial, Êxodo, 2 e 4, onde se fala da mulher de Moisés como originária de Madian); por outro, a interpretação comum, que fazia de Chus sinónimo de Etiópia, e por isso de Séfora uma etiopisa, encerrava um problema, atendendo a que os africanos eram tidos por descendentes de Cham, o amaldiçoado filho de Noé. Lembrando Agostinho, Diodoro Sículo, Flávio Josefo ou Zonaras, Fr. Juan de Pineda (1558-1637), em *Los Treynra Libros de la Monarchia Ecclesiastica, o Historia Vniuersal del Mundo* (1.<sup>a</sup> ed.: 1588), afirmou: *A muchos da que ymaginar ver llamada Ethiopissa a la muger de Moysen, y algunos dizen que es la mesma Thaibis con quien caso en Ethiopia quando fue de guerra contra aquella gente, mas allende que no es muy autentico aquel casamiento, los mesmos que le cuentan dizen que la dexo alla: y auemos visto en la escritura que Moysen caso con Sephora hija de Iethro sacerdote de Madian, y que se la traxo el padre el año passado: de lo qual concluyo con muchos doctores de gran credito que sin la grande Ethiopia encima de Egipto, por la qual hiende el Nilo, ay otra tierra en Arabia cerca del mar Bermejo que tambien se llama Ethiopia; y como Sephora fuesse de por alli, (aunque no son tan negros como los de la grande Ethiopia) por esso es llamada Ethiopissa. Homero parece fauorecer y prouar lo dicho en el primero de la Odysea diciendo que son dos las Ethiopias, vna al Oriente, y otra al Occidente, y por la Oriental se entienda la de la tierra de Sephora, y por la Occidental la de la tierra de Taibis: porque la grande Ethiopia que respecto de todo el orbe es Meridional, respecto de Arabia es occidental, vn poco transuersalmente hazia el Abrego.* (1588, l. II, cap. XXVI, § IV, f. 139v). D. Marcos, no entanto, mostra-se decidido a contrariar esta tradição. Lembraria talvez depreciativamente o jesuíta Benito Pereira, o qual, além de asseverar que, para alguns, Séfora apenas fora *Aethiopissam, per antiphrasim quòd esset corpore & animo, moribusque pulcherrima, & amabilissima* (*In capvt II Exodi*, in *Opera Theologica*, 1620, p. 320), recordava ainda outra opinião, em termos capazes de suscitem a sua réplica (*Quidam putant sic esse appellatam per ludibrium & contemptum, propter deformitatem & turpitudinem morum; quemadmodum hodieque vocari aliquis solet per contemptum, Maurus, vel Turca, vel Aethiops* – p. 320)? Na perspectiva de Pereira, que invocava a autoridade de Santo Agostinho, a região designada Etiópia era *Arabia, Hebraicè Chus* (p. 321), e, mais importante, Séfora provinha de um grupo em que se confundiam (ou a Escritura referia sem discriminar) *Ismaelitas [...], Madianitas, & Amalechitas* (p. 321). Assim, aqui e nos *Commentariorvm et Disputationvm in Genesim* (1612, p. 416), o jesuíta castelhano fazia-se eco de alvitres sustentados por protestantes como Mateus Beoraldus e trazia para a liça uma ideia incómoda. Se, embora forçando o texto, como observava o dominicano Luís Urreta, na *Historia ecclesiastica* (1610, p. 9), a negritude de Séfora podia ser anulada, vista *per antiphrasim*, e se a sua condição de *aethiopissa* podia ser sublimada, admitindo que não

a mulher de Mousés, senão que foi um termo de falar chamar-lhe negra, como cá dizemos, tiveram ãa peleja sobre ãa negra mulher<sup>606</sup>, mas se este reverendo lera o texto hebreu, vira isto clarissimamente, que repete duas vezes este nome dizendo: Contendeu Maria e Aron com Mousés sobre sua mulher Etiopisa que tomou, porque com mulher Etiopisa casou, e esta segunda repetição não está na Vulgata senão só no hebreu, que diz assi: *Va tedabar mir. Ian no aharon bé mose hal odot ha, issa ha cusit, asser<sup>1</sup> baqat ci ista cusi lakah*. Os gregos chamaram a esta região Etiópia, ou de Etíope filho de Vulcano que nela reinou, ou de *αιθω*, *aetho*, *ardeo* ou *cremo*, e *ψ*, *aspectus*. Dos costumes e geografia de Etiópia trataremos noutra parte onde o poeta *ex professo* trata disso.

### Novas Ilhas. (75)//

Novas ilhas, *i.* não descobertas até então, porque Bertolameu Dias, último descobridor, não passou do Ilhéu da Cruz. Estas Ilhas de que o poeta aqui

Num. 12

falou contra  
Mousés

Aquela palavra  
*hal odot* que  
está noutra  
parte do  
Genesis que  
o padre alega  
quer dizer,  
por causa, e é  
advérbio, como  
diz o nosso D.  
Pedro.<sup>607</sup>

texto

<sup>1</sup> No ms.: «cusit chi asser»...

pertencia propriamente ao mundo de Cham, mais difícil seria acolher, na especulação hermenêutica acerca da aliança entre Moisés e uma alienígena, a sombra de Ismael. Por hipótese, esta constituiria a razão do escândalo de D. Marcos e do seu empenho em associar Séfora à África tórrida.

<sup>606</sup> Se o discurso do «castelhano» Benito Pereira poderá ter estado na mira de D. Marcos, não menos (ou muito mais) o estaria a obra de um português da Ordem dos Pregadores, Fr. Jerónimo de Azambuja (*Commentaria in Mosi Pentateuchum*, 1569). Por que motivo o cruzio a oculta ou a não menciona com clareza, ignora-se, mas não custa perceber que a discute e lhe dá uma réplica dura. Azambuja apresenta a mesma versão do fragmento bíblico (Genesis, 21, 25): *aduerte hic in Hebreo poni duas dictiones, scilicet al, quod est propter, & odot quod causam aut causas significare dicunt: ad quod probandum citant illud Genesis vigesimoprimum. Al odot, id est, propter puteum, aut super causas putei [...]* (f. 203). A respeito deste exemplo, acaba por avançar com uma interpretação pouco ortodoxa: *Et arguit Abraham Abimelech, super nigrum puteum*. (f. 203). E, para defender esta leitura, usa termos que D. Marcos retoma: *nos Lusitani, & omnes etiam Hispani solemus vocare nigram rem, super qua est aliqua contentio, vel quae fuit causa alicuius mali euentus [...]. Pelejaron sobre o negro poço, id est, rixati sunt super nigrum puteum: quam phrasim fortè Hebræi etiam habent: & si hoc verum est, posset hic verti, Super nigram vxorem Aethiopiassam*. (f. 203). De tudo o mais que Azambuja sustenta e que Benito Pereira reiterara, D. Marcos discorda. Não lhe interessa a destrinça das duas Etiópias (segundo Azambuja, *Dicitur verò Aethiopiassa cum fuerit Midianites: quoniam Aethiopia orientalis vicina valde est terræ Midianitarum. Nam propter huiusmodi vicinitatem, Aethiopes aliquando Midianitæ, aliquando verò Ismaelitæ dicuntur [...]*); não lhe interessa o louvor à beleza de Séfora, que nela apaga a origem etiopisa (dizia Azambuja: *Chaldæus paraphrastes pro Aethiopiassa legit pulchram, & dicunt Hebræi talem fuisse Sippchorah, dici verò hic Aethiopiassam quodammodo per contrarium, quemadmodum mater solet puellum suum, etiam pulcherrimum vocare Sarracenum, sicut & Dauid in Psalmo septimo Saulem, qui pulcherrimus fuit, vocat chus, id est, Aethiopem*. – f. 203v).

<sup>607</sup> D. Pedro de Figueiró, também agostinho (recebeu o hábito em 1543, segundo informa Barbosa Machado na *Bibliotheca Lusitana* – 1752, III, p. 579), foi um reputado professor de estudos hebraicos e, além de inéditos hoje perdidos, produziu diversas obras de exegese bíblica, que, porventura devido à modéstia do autor, só após a sua morte, em 1592, foram impressas (v. Manuel Augusto Rodrigues, «D. Pedro de Figueiró e a sua obra exegética», *Didaskalia*, V, 1975, pp. 133-153).

fala são aquelas que ficam entre dous notáveis cabos: um o de Moçambique; outro que procede como cotovelo do mēo da Ilha de S. Lourenço, o qual espaço, que será de sessenta léguas, está ocupado de muitas Ilhas, restingas e baxos, que fazem aquela passagem muito perigosa.

44

Vasco da Gama, o<sup>1</sup> forte Capitão  
que a tamanhas empresas se oferece  
de soberbo e<sup>608</sup> altivo coração,  
a quem fortuna sempre favorece,  
pera se aqui deter não vê rezão,<sup>609</sup>  
que inabitada a terra lhe parece,  
por diante passar determinava  
mas não lhe sucedeu como cuidava.

Vasco da Gama era o valeroso Capitão desta armada, que conforme seu nobre e generoso coração, a tão dificultosas empresas se ofereceu, a quem a fortuna sempre costuma dar bom sucesso. Não via causa que o movesse a deter-se nestas Ilhas porque o terreno delas lhe pareceu despovoado, quisera ir por diante, mas não pôde nem lhe foi lícito fazê-lo.

Vasco da Gama o forte capitão.

Nomea a primeira vez com esta solenidade ao grande capitão Vasco da Gama, merecedor por certo, deste, e doutros maiores louvores e honrosos títulos.<sup>610</sup>

Capitão.

---

<sup>1</sup> No ms.: «gama\*o\*forte Capitaõ».

---

<sup>608</sup> À excepção das edições de 1584 e 1591, onde também se diz «e altivo coração», quer na edição *princeps* quer nas restantes lê-se «e de altivo coração».

<sup>609</sup> À excepção das edições de 1584 e 1591, onde também se diz «rezão», quer na edição *princeps* quer nas restantes lê-se «razão».

<sup>610</sup> Incompletos, os Comentários de D. Marcos não deixam saber o que escreveria a respeito da estrofe 99 do canto V, onde Camões acusa Vasco da Gama e «quem na estirpe seu se chama» de não terem Calíope por amiga. Importa lembrar o cuidado com que, n'Os *Lusíadas* [...] *Commentados*, Manuel Correia ou Pedro de Mariz haviam contornado este problema, generalizando a crítica e diluindo, por esse viés, o melindre de uma denúncia directa: «Nota aqui [V, est. 99] o Poeta aos Portugueses pouco favorecedores dos Poetas, pelo que esta empresa que ele tomou de lhe escrever seus feitos, devem à Pátria onde nasceu, que o amor demasiado que lhe ele tem, o fez cantar os feitos dos seus naturais, e não obrigação algũa que tivesse. Calíope é ãa das Musas, e principal delas.» (1613, f. 165v).

Nome português, que significa o que governa gente de guerra, derivada a metáfora de cabeça, que assi como este membro é o que rege os outros, e todos se põe a perigo polo defender a ele, assi na (75v)// guerra, e na República, tudo se há-de arriscar por não perigar o Capitão. Desta etimologia usa a língua hebraica, que chama *Roschim* aos capitães, derivando o nome de *rosch*, que quer dizer cabeça. Os gregos chamam ao capitão *Αγωγέος*, nome derivado das rédeas e governo dos carros e cavalos. Os Latinos chamam ao Capitão *Dux*, derivado de *duco*, que quer dizer guiar, e encaminhar, porque este é o ofício do bom capitão.

Soberbo.

Propriamente inchado e altivo. Toma-se também por estes três nomes: nobre, magnífico, excelente. Cada um destes serve a nosso propósito.

Virg.: *Hinc populum late regem belloque superbum  
i. excellentem.*<sup>611</sup>

Inda costumamos dizer de um homem bizarro e galante, soberbo homem, e em muitos outros prepósitos usamos deste vocábulo soberbo *in bonam partem*.

Altivo.

Desprezador de cousas baixas, e que tem opinião de sua pessoa, com causa, porque quando é sem ela, chama-se néscio, arrogante, presuntuoso.

A quem fortuna sempre favorece.

Virg.: *Audentes fortuna iuvat.*<sup>612</sup>

Seneca: *Fortes fortuna iuvat ignavos premit.*<sup>613</sup>

Enius: *Fortibus est fortuna viris data.*<sup>614</sup>

---

<sup>611</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, v. 21.

<sup>612</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, X, v. 284. Na edição de referência: *audentis*. O passo, tal como D. Marcos o cita, figura na *Polyanthea Nova*, sob o título *Audacia* (1607, p. 130). Também aí, na secção dos *Adagia*, se inclui a expressão *Fortes fortuna adjuvat* (p. 131).

<sup>613</sup> Lucius Annaeus Seneca, *Medea*, v. 159. Na edição de referência: *Fortuna fortes metuit, ignavos premit*. Sob o título *Fortuna*, a frase, tal como D. Marcos a cita, encontra-se na *Polyanthea Nova* (1607, p. 450); a lição original (*Fortuna fortes metuit, ignavos premit*) surge sob o título *Ignavia* (1607, p. 532).

<sup>614</sup> Quintus Ennius, *Annales*, VII, 254. O passo figura na *Polyanthea Nova*, sob o título *Fortuna* (1607, p. 450). Na edição de referência: *Fortibus est fortuna viris data*.

Eis aparecem logo em companhia  
 uns pequenos batéis que vem daquela  
 que mais chegada à terra parecia,  
 cortando o longo mar com larga vela.  
 A gente se alvoroça, e de alegria  
 não sabe mais que olhar a causa dela,  
 que gente será esta, em si deziã,  
 que costumes, que Lei, que Rei teriam? (76)//

Eis que daquela Ilha que mais junta com a terra estava começaram a sair batéis pequenos, cortando o mar, com a vela solta, a vista dos quais alvoroçou muito a gente d'armada. Com grande contentamento, não sabiam tirar os olhos deles, e começaram a dizer entre si: «Valha-nos Deus, que gente é esta, que costumes terá, que Lei professará, e qual será o rei que os governa?»

Eis que aparecem logo *ect.*

Os Poetas que escrevem histórias, tem *ratione officii* duas obrigações a que não-de acudir<sup>615</sup>: a primeira e mais importante, a da poesia, a segunda a da história, e esta é menos principal. Não estão obrigados os poetas a contar as cousas que sucederam com a miudeza de um historiador, porque nem a poesia pudera suprir a tanto, nem tal história fora bem contada, por isso quem quiser saber história não cure de a saber do poeta, busque o historiador. Isto tudo disse porque nestas histórias da Índia que o nosso poeta agora começa usa muitas vezes de compêndio porque a poesia não sofre esses vagares. Esta história dos batéis que vieram pelo mar conta João de Barros, de quem Camões se não aparta, e assi nós inda que lemos muitos autores que escreveram histórias da Índia só com João de Barros alegaremos.<sup>616</sup>

Barros, *D.* 1.ª, l.  
4, c. 3

<sup>615</sup> D. Marcos parafraseia afirmações de Aristóteles, seguindo de perto a distinção estabelecida na *Poética* entre a poesia e a história. Não precisaria, no entanto, de manusear directamente a *Poética* para fazer estas afirmações: uma obra como a de Alonso López Pinciano, *Philosophia Antigua Poetica* (que noutra lugar menciona), pode ter servido de fonte. Ali se dizia: *El campo de la poetica es immenso (dize Ouidio) y a ninguna historia es obligado, que es dezir; el poeta no es obligado a la verdad, mas de quanto le parece que conuiene para la verisimilitud: lo qual especialmente usan los tragicos y epicos prudentissimamente en general, para hazer su narracion mas verisimil, y con algunas verdades [...]. Todo esto se haze para el fin que esta dicho, que es el deleyte y la doctrina. Assi que los poemas que sobre historia toman su fundamento, son como vna tela, cuya vrdiembre es la historia, y la trama es la imitacion y fabula. Este hilo de trama va con la historia texiendo su tela, y es de tal modo, que el poeta puede tomar de la historia lo que se le antojare, y dexar lo que le pareciere, como no sea mas la historia que la fabula: porque en tal caso sera el poema imperfecto y falto de la imitacion [...].* (1596, p. 215).

<sup>616</sup> A partir daqui, e até «Esta história conta assi João de Barros», D. Marcos segue o texto da *Decada Primeira*, ora reproduzindo-o *ipsis verbis* ora parafraseando-o, neste caso seja para o abreviar seja para o amplificar (v. *Decada Primeira*, 1628, IV, III – por erro de numeração, «III» –, fls. 66v-67).

Depois que os Portugueses que com Vasco da Gama iam<sup>I</sup> passaram o Ilhéu da Cruz, foram com vários sucessos descobrindo mares, e terras novas até chegarem à boca de um Rio donde viram sair e entrar alguns barcos com velas feitas de folha de palma. Ali viram que os naturais moravam em suas casas ao redor daquele rio, o que deu grande ânimo aos nossos de quão quebrado o levavam, não<sup>II</sup> vendo até então senão gente bruta como a de Guiné. Neste Rio esteve Vasco da Gama alguns dias e lhe pôs nome dos Bons Sinais, como adiante veremos. Daqui partiu a armada até descobrir<sup>III</sup> aquela que agora chamamos Moçambique, onde estava ãa pequena povoação deste nome, mas não quis ancorar junto a ela. Mas (76v)// foi pousar nuns Ilhéus que lhe ficam ãa légua ao mar chamados de S. Jorge, onde Vasco da Gama pôs um padrão do nome deste Santo. Aqui vieram ter com os nossos três ou quatro barcos a que eles chamam zambucos, com suas velas de palma e<sup>IV</sup> a remo, a gente dos quais já era mais bem tratada no modo de vestir, e entre eles vinham alguns homens brancos com toucas foteadas e o vestido de algodão. Chegando as naus levantou-se um daqueles que parecia mais honrado, e em língua arábica perguntou quem eram e pera onde iam. Vasco da Gama lhe mandou responder per Fernão Martins língua que eram vassalos del Rei de Portugal, e que quanto ao que buscavam, como soubessem quem eles eram lho diriam. Este Mouro que perguntou isto era natural do Reino de Fez, como depois se soube, e no princípio cuidou que os nossos eram Turcos, e vendo que lhe deziã ser Portugueses entendeu, vendo o traje deles, que era verdade o que deziã. E fingindo contentamento que não tinha, lhe tornou que aquela povoação se chamava Moçambique, cujo senhor era um Xequer per nome Çacoeja, o qual tinha per costume quando àquele porto chegavam naus estrangeiras mandar saber que gente vinha nelas, e sendo mercadores lhe dava toda a ordem pera tratar na terra, e sendo navegantes que passavam provê-los do que houvessem mister. A isto respondeu Vasco da Gama que sua vinda àquele porto era passagem pera a Índia, onde ia a negócios de importância del Rei seu senhor, e portanto pedia que dissesse ao Xequer que lhe mandasse dar um piloto que os levasse a Calecut, que ele lhe pagaria muito bem. Que quanto às mercadorias, por ora não trazia mais que aquelas que lhe serviam pera comutar polas cousas que lhe fossem necessárias, e tudo o mais eram cousas que trazia pera oferecer aos Reis e Senhores de que recebesse gasalhado. O Mouro era sagaz e esperto, disse que tudo relataria ao Xequer seu senhor, e que quanto ao piloto, que descansasse, porque ali havia muitos que sabiam a carreira da Índia. Vasco da Gama mandou por ele ao Xequer algũas conservas da Ilha da Madeira e ao Mouro pera sua pessoa deu um capelhar de grã e outras (77)// cousas desta sorte, com que se partiu contente. Esta história conta assi João de Barros. Damião de Góis, que escreveu muito depois, conta a

---

<sup>I</sup> No ms.: «com VascodaGama ~~foraõ~~/hiã»...

<sup>II</sup> No ms.: «olevãõ, \*nãõ\* vendo»...

<sup>III</sup> No ms.: «ate descobrir ~~outrorio~~grandeAquellaq agora chamamos Mocambique»...

<sup>IV</sup> No ms.: «palma \*e\* a remo»...

mesma história por diferente modo, dizendo que o Xequê em pessoa vëo à nau ver Vasco da Gama<sup>617</sup>, o que o nosso poeta imita, trata da merenda que lhe deu, como também o nosso poeta, conta que este Xequê era vassalo del Rei de Quíloa, e outras miudezas que Barros deixou, mas nas cousas que Barros escreveu miudamente, como das falsidades dos pilotos, e do Xequê e da guerra e destruição que os nossos neles fizeram, não se detém, de sorte que claramente mostra que se não quer encontrar com Barros. Camões ora imita um ora outro, seguindo ou contando o que melhor lhe parece.

46

As embarcações eram na maneira  
mui velozes, estreitas, e compridas,  
as velas com que vem eram de esteira  
dũas folhas de palma bem tecidas.  
A gente da cor era verdadeira  
que Faeton nas terras encendidas<sup>618</sup>  
ao mundo deu, de ousado, e não prudente,  
o Pado o sabe, e Lampetusa o sente.

Eram os zambucos em que estes vinham mui ligeiros, estreitos e compridos. As velas eram de palma, tecidas a modo de esteira. A gente era negra tal como aquela que Faeton filho do Sol queimou quando com mais atrevimento que prudência quis governar os carros de seu pai. O Rio Pó onde caiu morto o sabe, e sua Irmã Lampetusa o sente convertida em árvore junto deste Rio.

texto

Que Faeton nas terras encendidas *ect.*

A fábula de Faetonte conta Ovídio no fim do primeiro livro, e por (77v)// grande espaço do segundo de suas *Transformações* nesta maneira: Épafo filho de Jú-piter criou-se de pequeno em companhia de Faeton filho de Apolo e de Climene, e como era filho de Deus tinha-se por tão bom como Épafo, o que ele sofreu mal, e sobre isso tiveram rezões, entre as quais Épafo o desprezou. Vendo-se Faetonte desprezado foi-se ter com seu Pai ao Céu pela Via Láctea, o qual com muito amor o recebeu. O filho se lhe queixou do desprezo com que Épafo o tratara, e lhe perguntou se o tinha por filho verdadeiro. O pai o certificou disso, e em penhor dessa verdade lhe deu licença pera lhe pedir o que quisesse, jurando-lhe pela Lagoa Estígia (juramento inviolável) de lho conceder. O filho lhe pediu o governo de um dia no seu carro, o pai sentiu muito tal petição, e como diz Ovídio:

---

<sup>617</sup> V. *infra*, nota 627.

<sup>618</sup> Na edição *princeps*, como em todas as outras impressas até 1631, «acendidas».

*Penituit iurasse patrem, et terque quaterque  
Concutiens illustre caput, temeraria dixit  
Vox mea facta tua est. Utinam promissa liceret  
Non dare.*<sup>619</sup>

Aproveitou pouco pera com o filho apetitoso do governo os bons conselhos do pai, tomou o carro, governou no princípio a tento, os cavalos sentindo o pouco peso de quem os governava saíram-se do caminho, deceram ao mais baixo, ficando vizinhos da terra começou ela de se abrasar, queixaram-se os homens a Tellus, e ela a Júpiter, o qual deitou seu furioso raio, e derrubando o mancebo do coche deu com ele no Rio Pó. Suas Irmãs sabendo o triste caso do mancebo o choraram, Cigno seu amigo acompanhou suas lágrimas, elas se converteram em ále mos negros, ele em cisne branco. Diz Ovídio que os Etíopes que ficam debaixo da zona tórrida por onde Faetonte andou com o carro mal regido, com a grande quentura que então os abrasou ficaram negros como hoje são. A esta fábula deu lugar ãa notável seca que no mundo houve, quando as fontes e os Rios secaram, e as terras ardiam com quentura, da qual seca faz menção Eusébio *de temporibus*<sup>620</sup>, e diz que aconteceu<sup>I</sup> perto do dilúvio de Deucalion. O mesmo tem Clemente Alexandrino<sup>621</sup>. Gordónio Scoto põe isto no ano 2469 *ab Orbe condito*. E diz que sucederam neste século três grandes castigos: o dilúvio de Deucalion, as pragas do Egipto, o incêndio de Faeton<sup>622</sup>. Outros declaram esta fábula historicamente, dizendo que Faetonte era filho de (78)// um poderoso Rei dos Argivos chamado Mérope, e este que se namorou de ãa dama muito fermosa chamada Climene<sup>II</sup> filha do Oceano, e dela houve um filho chamado Faetonte, por outro nome Erídano. Este veio com grandes exércitos a Itália, e entrando pelos montes de Génova chegou às planícies de Lombardia per onde corre o Rio Pado, ou Pó. E fazendo então grandes calmas, caminhando ele pelas ribeiras do Pó, se levantou ãa trovoad a e dentre as nuvens

Eusebius in  
*Chronolog.*

Clem. Alex.,  
*Stromatum lib.*  
*primo*

Gordonius  
Scot., pág. 6

<sup>I</sup> No ms.: «dis queaconteceu Clementepertododiluvio»...

<sup>II</sup> No ms.: «~~casou~~**namorou** dehuã dama m<sup>o</sup>fermosachamada ~~Merope~~ Climene»... A preposição, em «de huã dama», parece ter sido escrita em total sobreposição a «cõ» (na redacção primeira: «casou cõ»).

<sup>619</sup> Publius Ovidius Naso, *Metamorphoses*, II, vv. 49-52. Na edição de referência: *Paenituit iurasse patrem: qui terque quaterque/concutiens inlustre...*

<sup>620</sup> Entre 3670 e 3680 (*anni Mundi*), Eusébio assinala: *Diluvium quod sub Deucalione in Thessalia, & incendium quod sub Phaetonte factum est. In Aethiopia multae pestilentiae locales, ut Plato meminit, fuere. (Chronicon, in Opera omnia, 1542, f. 23).*

<sup>621</sup> Segundo Clemente Alexandrino (c. 150-215), no livro I de *Stromatum: Tempore autem Crotopi, quae Phaethontis tempore fuit inflammatio, & quae tempore Deucalionis fuit inundatio. (Omnia [...] opera, 1572, p. 104).*

<sup>622</sup> Sobre o ano 2469 *ab orbe condito*, James Gordon escreveu, no *Opus Chronologicum: Circa hunc annum accidit in Thessalia Diluvium sub Deucalione Rege, circa tempora Cecropis* qq. cap. 6. num. 12 *quo saeculo duae aliae clades admirabiles fuere, scilicet A Aegypti plage. & Phaetontis incendium, de quo Euseb. citatus & qq. cap. 6 ubi de rebus Graecorum, & hac antiquissima eorum historia. (1614, pp. 6-7).*

Monte Maior  
na Vida de  
Píramo e Tisbe:  
Faeton de outra  
parte estava/  
con sus dorados  
cabellos./  
Chamuscados  
no tan bellos/  
como quando  
los peinava/  
Climena que se  
mira enellos./  
caído en ondas  
furiosas./  
llorandole seis  
donzellas/ i  
este epitafio  
cabe ellas:/  
Si no acabo  
grandes cosas./  
basta que  
tuvo animo de  
emprendellas.<sup>623</sup>

deceu um raio que deu em Erídano e o matou, e o Rio se chamou também Erídano em Grego, e por aqui contam outras cousas, que eu tenho por tão fabulosas como as que conta Ovídio. Luciano grego nos *Diálogos*<sup>624</sup> diz que foi Faetonte o primeiro que considerou o curso do Sol, assi como Endímion o da lua, e que por isso lhe atribuíram o governo do carro do Sol. Propriamente segundo doutrina moral Faetonte senifica um príncipe moço descabeçado que se não governa pelos conselhos dos velhos, que querendo governar-se por sua cabeça deita o reino a perder. Como temos em nós muito bom exemplo, e no nosso pouco venturoso Rei D. Sebastião. Ele foi o Faeton, o carro<sup>1</sup> mal governado foi este miserável Reino, nós os Etíopes queimados que padecemos os danos que nos ele causou. Os Jurisconsultos tem perpétuo ódio e hereditário com os matemáticos, e convertem esta fábula a eles. André Alciato diz que Faeton é figura de um Rei soberbo mancebo e ambicioso, como foi o nosso Rei.

*Aspicias aurigam currus Phaëtonta paterni  
Ignivomos ausum flectere solis equos  
Maxima qui postquam terris incendia sparsit  
Est temere insesso lapsus ab axe miser  
Sic plerique rotis fortunae ad Sydera Reges  
Eveci ambitio quos iuvenilis agit  
Post magnam humani generis clademque suamque  
Cunctorum poenas demique dant scelerum.*<sup>625</sup> (78v)//

47

De panos de algodão vinham vestidos  
de várias cores, brancos, e listrados,  
uns trazem derredor de si cingidos,  
outros em modo airoso sobraçados.  
Das cintas pera cima vem despídos,

<sup>1</sup> No ms., «carro» substitui, em entrelinha, uma palavra rasurada de modo ilegível.

<sup>623</sup> *Historia de los moy constantes e infelices amores de Piramo y Tisbe*, publicada em 1561, andou associada à *Diana*, em sucessivas edições, e gozou assim de larga fortuna. D. Marcos altera o texto ao copiá-lo (ou ao citá-lo de cor?): escreve *Climena que se mira en ellos* em vez de *Climena, y se mira en ellos*; diz *Basta que tuvo animo para emprendellas* em vez de *Murio por acometellas*. (*La Diana de Iorge de Monte Maior* [...]. *La infelice historia de Piramo y Tisbe*, 1574, fls. 209-209v).

<sup>624</sup> Por diversas vezes, na obra de Luciano, o mito de Faetonte é recordado: no «Diálogo dos Deuses», entre Zeus e Hélios; em «Do Âmbar ou dos cisnes»; em «Da Astrologia». D. Marcos alude decerto a este texto: aí se diz que Endímion observou a lua e que Faetonte determinou o curso do sol, muito embora, pela sua morte, tal labor ficasse imperfeito. A narrativa mítica é então apontada como incrível e própria apenas de homens não instruídos.

<sup>625</sup> Trata-se do emblema LVI, *In temerarios* (Alciato, *Emblemas*, 1985, p. 92).

por armas tem adagas, e traçados,<sup>1</sup>  
com toucas na cabeça, e navegando  
anafis sonorosos vem<sup>626</sup> tocando.

Vestidos vinham os dos batéis com panos feitos de algodão com listras de várias cores, uns com eles se cingiam, outros airosamente os sobraçavam. Nus vinham da cinta pera cima. Com adagas na cinta e terçados se armavam, toucas foteadas traziam na cabeça. Vinham pelo mar tocando sonorosos anafis.

Esta descrição não tirou o nosso poeta de João de Barros, inda que a sustância da história ele a toca, mas da *Crónica de D. Manuel*, que diz assi: «Esta amizade começada, Çacoeja foi ver Vasco da Gama acompanhado de muitas almadias e gente bem ordenada com<sup>II</sup> arcos, frechas e outras armas que usam, vestidos todos de panos de algodão listrados, e alguns de seda de cores, tangendo muitos anafis, trombetas, buzinas de marfim e outros instrumentos que faziam tamanho estron-do que não se ouviam uns com os outros, na qual ordem chegaram a bordo da nau de Vasco da Gama» *ect.*<sup>627</sup>

1.ª fl., c. 37

48  
C'os panos e c'os braços acenavam  
às gentes lusitanas que esperassem,  
mas já as proas ligeiras se inclinavam  
pera que junto às ilhas amainassem.  
A gente e marinheiros trabalhavam  
como se aqui os trabalhos se acabassem,<sup>628</sup> (79)//  
tomam velas, amaina-se a verga alta,  
da âncora o mar ferido, em cima salta.

C'os panos que vestiam, e com as mãos acenavam aos Portugueses que esperassem por eles. Mas já antes deles acenarem eles tratavam de o fazer inclinando as ligeiras proas pera amainar junto às Ilhas. Os marinheiros então em seus

---

<sup>1</sup> No ms., parece haver rasto de uma hesitação na grafia, e não é absolutamente claro se deve ler-se «traçados» ou «treçados». Na edição *princeps*, bem como nas de 1597, 1609, 1612 e 1626, a lição é «tarçados»; nas edições de 1584 e 1591, «traçados»; nas edições de 1613 e 1631, «terçados».

<sup>II</sup> No ms., a grafia inicial seria «ordenada de». Sobre «de» foi escrito «cõ». Talvez porque esta emenda resultou quase ininteligível, na linha seguinte reiterou-se a preposição.

---

<sup>626</sup> Na edição *princeps*, como em todas as outras feitas até 1631, «vão tocando».

<sup>627</sup> *Chronica do Felicissimo Rei Dom Emanuel*, 1566, I, XXXVII, fls. 30v-31. D. Marcos afastase do texto da edição *princeps* em alguns pontos: em 1566, lê-se «foi ver Vasco da Gama à nau»; «panos d'algodão»; «que se não ouviam».

<sup>628</sup> Só na edição de 1613 se lê «se acabassem». Na edição *princeps*, como em todas as outras feitas até 1631, a lição é «s'acabassem».

ministérios trabalhavam<sup>1</sup> com tanto gosto, como se tiveram já dado o fim a sua navegação. Tomam nas vergas as velas, amaina a mais alta delas, deitam fatexa, e água ferida do golpe salta no bordo.

49

Não eram ancorados, quando a gente  
estranha pelas<sup>629</sup> cordas já subia,  
no gesto ledos vem, e humanamente  
o capitão sublime os recebia.  
As mesas manda pôr em continente  
do licor que Lieu plantado<sup>630</sup> havia,  
enchem vasos de vidro, e do que deitam  
os de Faeton queimados nada enjeitam.

Inda bem não tinham lançado âncora, quando os que nos barcos vinham comecem a trepar acima das naus com muita confiança. Vasco da Gama os recebeu com muita benignidade. E logo lhe mandou poer mesas e nelas cousas que comessem. Enchem os ministros copos de vidro do vinho que Baco tinha plantado, e como lho lançavam os negros bebiam nele alegremente.

Estas oitavas tem tão pouco que declarar que não há pera que deter nelas, porém por não irem tão folgadamente bem é que nos detenhamos em algũa cousa.

texto

E humanamente  
O Capitão sublime os recebia. (79v)//

Humanamente quer dizer benignamente. Desta palavra *Humus*, que quer dizer terra, se diriva este nome *homo*, e de *homo*, *humanus*<sup>631</sup>. E porque entre todos os animais sujeitos à morte o homem per natureza é mais benigno, e manso, se tomou a humanidade por clemência, e mansidão, o que os gregos declaram neste nome, *philantropia*, *i.* amor pera com os homens. E tanto algum tem mais de homem quanto mais de humano tiver. Cícero disse que os homens nenhũa cousa os fazia mais chegados ao ser divino, que o amor e mansidão que com os outros tivessem<sup>632</sup>.

Cícero, XXX

---

<sup>1</sup> No ms., «trabalhavaõ trabalhavaõ». A repetição pode ser um lapso ou um processo enfático. D. Marcos, porém, não costuma recorrer a este processo, pelo que eliminámos a duplicação.

---

<sup>629</sup> Só nas edições de 1613 e 1631 se lê «pelas cordas». Na edição *princeps*, como nas restantes impressas até 1631, «polas cordas».

<sup>630</sup> Na edição *princeps*, como em todas as outras impressas até 1631, «prantado».

<sup>631</sup> Neste caso, D. Marcos prefere ignorar a definição da *Polyanthea Nova*, segundo a qual *Est autem homo animal rationale, & mortale. Diciturque non ab humo, ut Varro inquit, quoniam id est commune omnibus animalibus, sed à concordia [...]*. (1607, p. 501).

<sup>632</sup> D. Marcos lembraria, talvez, uma sentença ciceroniana incluída sob o título *Homo* na *Polyanthea Nova* (1607, p. 504): *Proxime & secundum Deum, homines hominibus maxime utiles esse possunt. 2. Offic.*

E se esta humanidade em todos os homens se busca, no príncipe, e no que governa muito mais. Não perde de sua dignidade o príncipe, e o senhor, em ser humano, e benigno, antes quanto mais ilustre, tanto a clemência mais nele há-de resplandecer. O que nota o nosso poeta, que chama Capitão sublime a Vasco da Gama no tempo que recebeu os estrangeiros com benignidade. Porque fazer bem, usar de brandura, ser clemente, são os graus da verdadeira nobreza. Túlio: *Nihil est tam regium, tam liberale, tam munificum, quam opem ferre supplicibus, excitare afflictos, dare salutem, liberare periculis homines*<sup>633</sup>. Terêncio: *Re ipsa reperi, facilitate nihil est homini melius atque clementia*<sup>634</sup>. Por experiência achei, que a facilidade e a clemência era a melhor cousa que o homem podia ter. E assi quando o Imperador Teodósio estava pera morrer, entre outros conselhos que deu a seu filho, segundo Claudiano, foi este:

C., 1.º de Orato.

Terent., Comoed. 4

*Sis pius in primis, nam cum vincamur ab omni munere, sola Deos aequat clementia nobis. Nec tibi quid liceat, sed quid fecisse decebit occurrat, mentemque domet respectus honesti.*<sup>635</sup>

Ao Rei, ao Senhor, ao grande, diz Séneca, está a clemência melhor:

Seneca, De Clementia

*Nullum magis decet clementia quam principem.*<sup>636</sup>

Ovídio:

*Regia (crede mihi) res est succurrere lapsis ect.*<sup>637</sup> (80)//

Do licor que Lieu prantado havia.

---

<sup>633</sup> D. Marcos transformou numa asserção o que no texto de Cícero (*De Oratore*, I, VIII, 32) era uma pergunta retórica: *Quid tam porro regium, tam liberale, tam munificum, quam opem ferre supplicibus, excitare afflictos, dare salutem, liberare periculis, retinere homines in civitate?* Conheceria decerto a obra ciceroniana, mas também na *Polyanthea Nova* acharia estímulo para a recordar: o mesmo passo, em versão fiel ao original, encontra-se ali, sob o título *Eloquentia* (1607, p. 383).

<sup>634</sup> Publius Terentius Afer, *Adelphi*, V, v. 4. O passo figura na *Polyanthea Nova*, sob o título *Clementia* (1607, p. 202), apenas com uma diferença: lê-se ali *nihil esse*, em lugar de *nihil est*.

<sup>635</sup> Claudius Claudianus, *Panegyricus de quarto Consulatu Honorii Augusti*, VIII, vv. 276-277; 267-268. Na edição de referência: *vincamur in omni*. Os quatro versos de Claudiano acham-se citados, como uma sequência sem quebras, na *Polyanthea Nova*, sob o título *Clementia* (1607, p. 202).

<sup>636</sup> Lucius Annaeus Seneca, *De Clementia*, I, III, 3. Na edição de referência: *Nullum tamen clementia ex omnibus magis quam regem aut principem decet*. O aforismo circulou em várias obras, mas D. Marcos cita decerto pela *Polyanthea Nova*, onde este passo figura, *ipsis verbis*, sob o título *Clementia* (1607, p. 203).

<sup>637</sup> Publius Ovidius Naso, *Ex Ponto*, II, IX, v. 11. O passo figura na *Polyanthea Nova*, sob o título *Clementia* (1607, p. 202).

Lieu é um dos nomes de Baco, derivado de λύαν, *lian*, peleja, ou desavença, porque traz consigo o vinho sempre contendas. Donde Horácio falando com ãa jarra, ou vaso de barro em que o vinho se guardava, diz:

Horatius, l. 3,  
od. 25

*O nata mecum Consule Manlio  
Seu tu querelas sive geris iocos  
Seu rixam et insanos amores  
Seu facilem pia testa somnum.*<sup>638</sup>

Valerius Probus  
*In Georgicorum  
Virg.*<sup>640</sup>

Entre os efeitos do vinho põe aqui a rixa e contenda. Outros dão a este nome outras etimologias, em que me não detenho. Dúvida há entre os autores qual foi o primeiro que achou que das uvas se fazia vinho. Alguns querem que Noé fosse o primeiro inventor deste licor, por aquilo do Génesis: *Coepit Noe vir agricola exercere terram, et plantavit vineam ect.*<sup>639</sup> Outros fazem esta invenção mais antiga, e assi me parece, porque inda que alguns dizem que Noé se soubera a força do vinho não o bebera em quantidade que lhe pudesse fazer mal<sup>1</sup>, eu digo, que também Lot era homem justo, e mais descuidou-se tanto no beber que veio a ser incestuoso sem saber o que fazia. Segundo as histórias profanas, Estáfilo pastor guardando o gado de seu amo considerou ãa cabra que das outras se apartava e se recolhia mais tarde, que andava mais alegre e brincadora entre as outras. Querendo o Pastor saber a causa desta alegria, espreitou-a ãa vez, e vendo-a entrar pelo bosque a foi seguindo, e viu que comia do fruto de ãa árvore que ele não conhecia, que era a vide. Colheu um cacho, provou e gostou da fruta. E colhendo uns poucos daqueles cachos os levou ao seu Rei como fruta nova naquela terra. Ele lhe agradeceu o presente, e gostou mais dele quando alcançou per experiência que fez, que o sumo daqueles cachos com o tempo se fazia licor precioso. Depois passando por ali Baco, que andava pelo mundo ensinando aos homens modos de agricultar a terra e plantas dela, insinou-lhe Eneo o segredo do vinho, com que Baco mui alegre se partiu, e em diversas partes do mundo em que peregrinou ensinou aos homens a plantar vinhas, e daqui naceram (80v)// as fábulas, e os apelidos de Baco, de sorte que (como dissemos de Vénus) todos os efeitos do vinho

---

<sup>1</sup> No ms.: «faser mal. Mas Eu digo»...

---

<sup>638</sup> Quintus Horatius Flaccus, *Carmina*, III, 21, vv. 1-4.

<sup>639</sup> Genesis, 9, 20. Na edição de referência: *coepitque Noe...*

<sup>640</sup> Nos escólios sobre *Georg.* I, 9 (*Poculaque inuentis Acheloia miscuit uuis*), Marcus Valerius Probus narrou uma história da descoberta das uvas e da produção do vinho. D. Marcos, num exercício de tradução, reproduz essa história. Chegando ao fim, porém, omite elementos que para Probo, gramático do século I, interessado nos fenômenos de transformação linguística e nas raízes do idioma latino, eram importantes: a etimologia (ou pseudo-etimologia) das palavras. Segundo Probo, Baco, em homenagem ao que lhe haviam ensinado, dera os nomes de Oeneo e de Estáfilo ao vinho e às uvas, respectivamente: *Cuius rei cultum cum demonstraret Liber, ut perpetua inuentorum esset gloria, constituit, ab Oeneo οἶνος appellaretur uinum, a Staphylo uua σταφυλή.* (*In Vergilii Bucolica et Georgica Commentarius*, 1848, p. 27).

punham às costas ao pobre Baco, como elegantemente descreve Alciato<sup>641</sup> num diálogo que faz com o mesmo Baco:

- 1 *Bacche pater quis te mortali lumine vidit  
Aut docta effinxit quis tua membra manu?*
- 2 *Praxiteles qui me rapientem Gnosida vidit  
Atque illo pinxit tempore qualis eram.*
- 3 *Cur iuvenis teneraque etiam lanugine vernat  
Barba, queas cum pileum cum superare senem?*
- 4 *Muneribus quandoque meis si parcere discas  
Junior, et forti pectore semper eris.*
- 5 *Timpana non manibus, capiti non cornua desunt  
Quos (nisi dementes, talia signa decent)*
- 6 *Hoc doceo nostro quod abusus munere sumit  
Cornua et insanus molia sistra quatit*
- 7 *Quid vult ille color membris pene igneus? Omen  
Absit, an humanis ureris ipse focus?*
- 8 *Cum Semeles de ventre parens me fulmine traxit  
Igniuomo infectum pulvere mersit aquis.*
- 9 *Hinc sapit hic<sup>1</sup> liquidis qui nos bene diluit undis  
Qui non ardenti torret ab igne iecur.*
- 10 *Sed nunc me doceas qui vis miscerier? Et qua  
Te sanus tutum prendere lege queat*
- 11 *Quadrantem addat aquae calicem sumpsisse falerni  
Qui cupit hoc sumi pocula more iuvat*
- 12 *Stes intra herminas nam qui procedere tendit  
Ultra, alacer, sed mox ebrius, inde furit*
- 13 *Res dura haec nimium, sunt pendula guttura dulce  
Tu fluis. Heu facile commoda nulla cadunt. (81)//*

Traduzido verso por verso:

1. Pergunta: Padre Baco, quem com olhos mortais vos viu e quem com douta mão fabricou vossos membros?
2. Reposta: Praxíteles que me viu quando furtei a Adrianes E tal me esculpiu<sup>II</sup> qual eu naquele tempo era.
3. Pr.: Porque sois mancebo e a loura barba começa a matizar vosso rosto Se podeis em idade vencer ao velho Nestor?

---

<sup>I</sup> No ms.: «Hinc sapit \*hic\* si quidis»...

<sup>II</sup> No ms.: «Etal me ~~pintou~~/esculpiu qual»...

---

<sup>641</sup> Trata-se do emblema XXV, *In Statvam Bacchi*, de Andrea Alciato (*Emblemas*, 1985, p. 57).

4. R.: Se de minhas dádivas usardes a tento  
Mancebo e de forte peito sempre sereis.<sup>1</sup>
5. P.: Tamboril nas mãos, cornos na cabeça,  
A quem pertencem tais insígnias (senão a gente desisada)?
6. R.: Nisto ensino que quem do nosso licor usa mal  
Tem cornos, e toca os sestros lacivos sem juízo.
7. P.: Que quer dizer esta cor de membros quasi afogueada  
(Vá-se o mau agouro), porventura ardeis em fogos humanos?
8. R.: Quando meu pai me tirou do ventre de Semele com um raio  
Abrasador, misturando-me com terra me mergulhou nas águas.
9. Daqui tira documento o que nos mistura com as líquidas águas,  
Quem não, queima seu fígado com ardente fogo.
10. P.: Ora ensinai-me como quereis que vos misturem, e que lei guardará  
quem com siso quer prender vossa fúria.
11. R.: A quarta parte de água lhe misture, o que deseja beber um copo  
de vinho. Deste modo beber o vinho é saúde.
12. Não passeis as medidas, porque o que<sup>II</sup> quer passar além delas  
Faz-se<sup>III</sup> grande festejador, depois bêbado, e logo furioso.
13. P.: Cousa muito dura é esta. As guelas são penduradas, vós correis  
docemente. Ai que nenhũa cousa boa se alcança facilmente.

Bons e males, proveitos e perdas se escrevem do padre Baco, as quais cousas todas se acham no seu licor, porque vinho moderado dá forças ao corpo. Homero:

Iliada 6

νδρὲ γ' κεκμη τι μενος μεγα οινο αεξει  
*Vino vero de fatigato magnum robur vinum aget.*<sup>642</sup> (81v)//

Este moderado mandava Platão tomar a seus discipulos. Este faz também poetas, donde disse Nicérato poeta grego:

*Vinum sane gratioso*<sup>IV</sup> *magnus est aequus poetae*  
*Aquam autem bibens bonum non faceret versum.*<sup>643</sup>

<sup>1</sup> No ms.: «edefortepeito sereis sempre sereis.»

<sup>II</sup> No ms., a redacção inicial terá sido «porque os q̄ querẽ passar alem dellas»; numa segunda versão, emendada, parece ter ficado «os\* q̄\* querẽ passar alem dellas»... (leitura hipotética).

<sup>III</sup> No ms., a palavra está grafada «fasse», o que pode indicar uma realização fonética.

<sup>IV</sup> No ms.: «gratioso est magnus est»...

<sup>642</sup> Na *Polyanthea Nova*, este verso encontra-se sob o título *Vinum: Homer. in S Iliad.: Vino autem defatigato magnum robur vinum auget.* (1607, p. 1195). D. Marcos escreve *vero* em lugar de *autem*.

<sup>643</sup> Os mesmos versos, igualmente atribuídos a Nicérato, figuram sob o título *Vinum*, na *Polyanthea Nova* (1607, p. 1195): *Vinum sane gratioso magnus est equus poetae/ Aquam autem bibens, bonum non faceres versum.*

Pelo contrário, o vinho desordenado é causador de todos os males, por razão destes contrários efeitos. Fez Alciato além do já dito outros dous emblemas<sup>644</sup>. O título de um é: *Vino prudentiam augeri*. Que se acrescenta a prudência com o vinho, emblem. 23, e logo o 24 tem per título *Prudentes vino abstinent*. Os prudentes abstém-se de vinho. Propércio diz que o vinho faz um rosto mal-encarado, e diminui a idade:

v. *corruptitur*

*Vino forma perit vino minuitur aetas.*<sup>1</sup>

Prop. e. 33

A noite, o Amor, e o vinho, diz Ovídio que a tudo fazem um homem atrever-se:

*Nox, et Amor, vinumque nihil moderabile suadent  
Illa pudore vacat, Liber Amorque metu.*<sup>645</sup>

Se houvesse de escrever todos os danos que do imoderado vinho se escrevem fizera um volume mui grande, mas a nosso intento isto basta, porque aos prudentes e sóbrios menos exemplos lhe bastam, e aos devotos deste licor todas as doutrinas e documentos são valdados.

Os de Faeton queimados nada enjeitam.

texto

Os negros de Etiópia eram os que gostavam do vinho, porque os outros eram Mouros, cuja Lei lhe proíbe bebê-lo, e como cuidavam que os nossos eram Turcos guardadores da mesma Lei, não ousaram quebrantá-la diante deles.

50  
Comendo alegremente perguntavam  
pela arábica língua donde vinham?  
quem eram? De que terra? Que buscavam?  
ou que partes do mar corrido tinham?  
Os fortes Lusitanos lhe tornavam  
as discretas Repostas que convinham: (82)//  
os Portugueses somos do Ocidente,  
imos buscando as terras do Oriente.

---

<sup>1</sup> No ms., entre *vino* e *minuitur* há uma chamada, em entrelinha, a remeter para uma nota à margem, aparentemente com letra diferente: «v. *corruptitur*». Esta era a forma correcta (v. *Ele-giae*, II, XXXIII, v. 33), que na *Polyanthea Nova* é citada, sob o título *Vinum: Vino forma perit, vino corruptitur aetas*. (1670, p. 1196).

<sup>644</sup> Os dois emblemas são recordados na *Polyanthea Nova*, sob o título *Vinum* (1607, p. 1196).

<sup>645</sup> Publius Ovidius Naso, *Amores*, I, VI, vv. 59-60. Os versos estão reproduzidos na *Polyanthea Nova*, 1607, p. 1196.

Com alegria entre o comer perguntavam aos nossos<sup>I</sup> pela língua arábica quem eram, donde vinham, e de que Região, que buscavam por aqueles mares e que partes do mar tinham navegado. Os valerosos Lusitanos lhe responderam discretamente<sup>II</sup>, somos os Portugueses que vivemos no Ocidente, agora imos buscando a Índia e terras Orientais.

Cinco perguntas fizeram aqui aos Portugueses. A primeira donde vinham, a segunda quem eram. A estas duas responderam no primeiro verso dizendo: «Os Portugueses somos do Ocidente». A terceira pergunta, de que terra *i.* de que Reino. A esta tinham satisfeito com dizer que eram portugueses *i.* naturais do Reino de Portugal. A quarta, que buscavam. A esta pergunta responderam: «Imos buscando as terras do Oriente». A quinta pergunta foi: que partes do mar tinham corrido. A esta respondem dizendo

51

Do mar temos corrido e navegado  
toda a parte do Antártico, e Calisto,  
toda a costa Africana rodeado,  
diversos Céus e terras temos visto.  
Dum Rei potente somos, tão amado,  
tão querido de todos e benquisto,  
que não no largo mar com leda fronte  
mas no lago entraremos de Aqueronte.

Da parte do Norte, até esta do Sul temos navegado largamente, rodeando toda a costa Africana, vendo climas e céus diferentes, e terras até ‘gora de nós não vistas nem sabidas. E tudo isto por obedecer ao mandado de um Rei poderoso, de nós tão amado e querido, que por seu serviço, não digo eu o mar largo, mas os lagos do Inferno cometeríamos. (82v)//

Per Sinédoque, figura de Retórica que toma a parte pelo todo, e o todo pela parte<sup>III</sup>, diz aqui que tinham corrido toda a parte do norte, e sul, porque da parte do ártico não tinham mais corrido que quarenta graus e do sul quinze, que em tantos está o Prasso Promontório (como dissemos), a cuja vista eles estavam. Nem também tinham rodeada toda a costa africana, porque inda tinham muito que passar dela. Assi disse Virgílio que Eneas tinha cercado todos os mares, não tendo ele saído de um Clima. Da fábula de Calisto daremos razão noutra parte, sobre o verso «Vimos as ursas a pesar de Juno».<sup>646</sup>

---

<sup>I</sup> No ms.: «perguntavaõ \*aos nossos\* pella lingua arabica»...

<sup>II</sup> No ms.: «lheresponderaõ, \*discretamente\* somos os Portugueses»...

<sup>III</sup> No ms.: «#eo todopellaparte#»...

---

<sup>646</sup> *Os Lusíadas*, V, 15, v. 7. No comentário ao canto III, D. Marcos reúne vária informação – astronómica e mitológica – sobre as Ursas (v. canto III, notas 577 e 578).

Dum Rei potente somos tão amado,  
tão querido, de todos, e benquistos.

texto

Por três apelidos nomea o seu Rei: amado, querido, benquistos. Amar, e querer bem, tem esta diferença, que o amar é forçado, e o querer voluntário. O amar se atribui ao coração, o bem-querer à alma, onde está a vontade. Esta diferença entendeu bem um poeta moderno<sup>647</sup>, que diz assi, no fim de ãa carta:

Nunca sofri ausência tão penosa  
nunca quis o que amei tão fortemente  
verdade é não forçada, mas forçosa.  
Muitas vezes amei pouco contente  
pois às vezes amava, e não queria,  
outras quis, mas no Amor pouco fervente.  
Em vós, querer, e Amor, à mor profia  
veemente o querer, o Amor sincero,  
me fazem repetir de noite, e dia,  
amo-vos muito, e muito mais vos quero.

Inda que o Amor seja acto da vontade livre, todavia chama-se forçado, porque depois que se apodera do pensamento não pode a vontade nem o entendimento apartar de si o tal amor, e acontece um ódio no mesmo sujeito que tem Amor, e desejar a morte e procurá-la àquele sujeito a quem ama mui violentamente. O querer não violenta tanto, e tem mais deliberação no escolher, e todavia deixa-se com menos força, v.g. queremos a um amigo, entendemos que é traidor, deixamos o tal amigo. Amamos um objecto, e sabendo que nos é falso não nos podemos apartar dele.

Benquistos *i.* universalmente amado, o que denota a palavra «De todos».

Mas no lago entraremos de Aqueronte. texto

Quatro Rios deiziam os antigos que havia no Inferno. Letes, Aqueronte, Flegetonte, Cocito, todos entravam na alagoa Estígia. Todos estes nomes são de tristeza e pena que no Inferno (83)// há: Lete, esquecimento, Aqueronte, sem alegria, Flegetonte, Rio de fogo, Cocito, choro, lágrimas. *Ibi erit flectus*<sup>648</sup>. Os Platónicos<sup>649</sup> vendo o desprepósito das suas fábulas convertiam-as em sentido moral, ou espiritual, dizendo que este Mundo era o Inferno, onde as almas caíam quando se ajuntavam ao corpo de terra, e o primeiro dano que sentiam era o esquecimento, sinificado no Letes<sup>1</sup>, das cousas celestes em que viviam, e cessando a contemplação das cousas divinas se seguiam as tristezas, penas e choros que por os outros rios se sinificavam. Os Poetas, que sempre encobriam a filosofia com fábulas,

<sup>1</sup> No ms.: «o esquecimento \*sinificado noLetes\* das cousas celestes»...

<sup>647</sup> Não foi possível identificar este «poeta moderno». Em última análise, poderá ser D. Marcos, que adiante, no comentário ao canto II, não esconde (embora frisando tratar-se de obra da juventude) os versos com os quais teria suprido as lacunas provocadas pela intervenção censória nas edições de 1584 e 1591.

<sup>648</sup> Secundum Mattheum, 22, 13. Na edição de referência: *ibi erit fletus et stridor dentium*.

<sup>649</sup> D. Marcos poderia lembrar o mito de Er, narrado no livro X da *Repubblica* de Platão (614b-621b). Não o faz, porém, preferindo remeter mais vagamente para uma tradição que, ao menos em parte, ali radica.

*Equidem et  
istud opinor  
magnum et  
argumentum  
virtutis in  
Principe. Si  
subditi ipsum  
libenter  
sequantur et  
in periculis uni  
perseverent,*  
dezia Xenof. na  
*Económica*<sup>650</sup>.  
Quanto mais  
amados eram  
os Reis de  
Portugal por  
amor dos quais  
os portugueses  
tanto sofriam  
em ausência  
sua.

a todos os homens famosos cujas vidas escreviam faziam decer ao Inferno. Isto começou o pai das mentiras, Homero, fazendo o seu Ulisses decer a estas Regiões, Virgílio a Eneas, outros a Teseu, a Hércules, Perito, Pólux, Castor e outros, porque tinham que este era um trabalho grandíssimo, prova de ânimo intrépido, e que quem tal caminho cometia de nada haveria medo. E por isso Camões, inda que como poeta Cristão não condene ao seu Vasco da Gama ò Inferno, todavia não deixou de todo este termo usado dos outros poetas, quando no Canto quarto diz Vasco da Gama a El Rei Dom Manuel que o queria mandar à Índia, que por amor dele sofreria todos os trabalhos, e se poria a todos os riscos e perigos inda que fosse decer à lagoa Estígia.

Decer enfim às sombras vãs e escuras  
onde os campos de Dite a Estige lava *ect.*<sup>651</sup>

Essa mesma sentença repete aqui, dizendo os portugueses aos de Moçambique que eram mandados per um Rei per amor do qual, não diziam eles o mar bravo, mas os lagos do Rio Aqueronte iriam ver alegremente, que é o mais a que se podiam atrever.

52

E por mandado seu buscando andamos  
a terra Oriental que o Indo rega,  
por ele o mar remoto navegamos  
que só dos feos focas se navega. (83v)//  
Mas já razão<sup>652</sup> parece que saibamos,  
se entre vós a verdade não se nega,  
quem sois, que terra é esta que habitais,  
ou se tendes da Índia alguns sinais.

Por mandado deste Rei nosso andamos há tanto pelo mar buscando a terra oriental, que do grande Rio Indo que a cerca<sup>1</sup> tomou o nome de Índia que tem, e por o mesmo mandamento corremos o mar tão apartado de nossa terra, de nin-

---

<sup>1</sup> No ms.: «do grandeRio Indo \*q̄ a cerca\* tomou o nome»...

---

<sup>650</sup> Na *Polyanthea Nova*, sob o título *Magistratus*, lê-se uma versão desta sentença: *Equidem & istud magnum argumentum esse virtutis in principe opinor, si subditi libenter ipsum sequantur, & in periculis una perseverent.* (1607, p. 690). O autor é aí identificado (*Xenophon.*), mas sem qualquer referência a uma fonte precisa. A mesma frase, então explicitamente atribuída a Xenofonte, *In oeconom.*, volta a ser reproduzida sob o título *Princeps*, e por aí se terá regido D. Marcos (1607, p. 943).

<sup>651</sup> *Os Lusíadas*, IV, 80, vv. 5-6.

<sup>652</sup> Na edição *princeps*, como em todas as outras impressas até 1631, «razão».

guém navegado senão das toninhas que nele andam. Mas já que de nós soubestes, rezão é que saibamos nós de vós também quem sois e que terra é esta vossa em que morais, e se tendes algũa notícia da Índia em busca da qual andamos.

Se entre vós a verdade não se nega.

Este nome verdade, a que os gregos chamam *alitheia* e os latinos *veritas*, se deriva<sup>I</sup> deste nome *verum i.* sólido, sincero, não falso, e este vocábulo *verum* derivam os latinos de *ver*, que é a primavera quando o sol entra no signo de *Aries*, porque neste tempo nace as cousas verdadeiramente, e os partos da terra chegam à madureza. Cícero definiu a verdade dizendo que era aquela pela qual sem mudança as cousas que foram, são, e hão-de ser, se dizem<sup>653</sup>. Aristóteles diz *veritas est adaequatio rei ad intellectum*<sup>654</sup> *i.* quando se dizem as cousas assi como o entendimento as concebe. Onde é de advirtir, que pode um homem dizer o que não é e mais falar verdade formalmente, e pelo contrário. Assi como se perguntassem a um homem *v.g.* quantas horas são, tendo este homem pera si que eram três, e assi o respondendo falava verdade, inda que de facto elas fossem quatro. E *vice versa*, se tendo pera si que eram três, dissesse que eram quatro, mentia, inda que fossem quatro, porque *contra mentem ibat*, que é o formal da mentira. Falar verdade é de gente virtuosa, nobre, e bem inclinada. *Quae vera sunt proloqui virum ingenuum decet*, diz o Cómico<sup>655</sup>. Convém, e está bem no homem nobre falar sempre verdade. (84)//

Cic., l. 2.º *Rhet.*

Aristoteles,  
libro 2.º  
*Metaph.*

E se a verdade em todos é louvável, no historiador, que há-de dar notícia das cousas passadas, é tão necessária que sem ela perderia a obra<sup>II</sup> o nome de história, e cobraria o de fábula. Isto nos amoesta Dido *apud Ausonium*, queixando-se dos poetas mentirosos como foi Virgílio:

<sup>I</sup> No ms.: «*alitheia sediriva \*eos latinos veritas\* sedirivadeste nome. verum*»...

<sup>II</sup> No ms.: «*perderia \*aobra\* o nome de historia*»...

<sup>653</sup> D. Marcos traduziu a definição proposta pela *Polyanthea Nova* (1607, p. 1178). Não se percebe, no entanto, se fez uma leitura apressada da indicação aí fornecida, tomando – o que é pouco verosímil – *secundum* como numeral em vez de o entender como preposição (*Est autem veritas, per quam immutata ea, quae sunt aut fuerunt, aut futura sunt dicuntur. secund. Cic. lib. Rhet.*), ou se, embora de modo inexacto, chamando *Rhetorica a De inventione*, recordaria que a fonte ciceroniana era o livro II (LIII, 161) deste último tratado. Repare-se que, no trecho em causa, a *Polyanthea Nova* seguia a *Summa Theologiae* de S. Tomás de Aquino (II, II, q. 80, art.º 1), onde se lê: *veritas, per quam, ut Tullius dicit, immutata ea quae sunt aut fuerunt aut futura sunt, dicuntur.*

<sup>654</sup> A mesma definição, *secund. Aristot. lib. 2. Meta.* (mas, em bom rigor, moldada pela tradição tomista), figura na *Polyanthea Nova*, sob o título *Veritas* (1607, p. 1178).

<sup>655</sup> Na *Polyanthea Nova*, sob o título *Mendacium*, atribui-se a Sófocles um passo semelhante: *Nullum mendacium procedit ad senectutem ævi. Malum est, facta calare, nec virum decet ingenuum.* (1607, pp. 724-725).

*Vos magis historicis Lectores credite veris  
Quam qui furta Deum concubitasque canunt.*<sup>656</sup>

Mais nos pudéramos deter nesta matéria, mas basta o que temos dito no prólogo. Tornemos à verdade, que Vasco da Gama pedia a estes que lhe falassem simplesmente. Diz meu P.<sup>e</sup> S. Augustinho, *qui veritatem occultat, et qui prodit mendacium, uterque reus est ille quia prodesse non vult, iste quia nocere desiderat*<sup>657</sup>. O que encobre a verdade, e o que conta mentira, um e outro é pecador, aquele porque não quis fazer bem, e este porque procura fazer mal. Diz um Cómico grego que não há pintor, nem estatuário tão perfeito que possa pintar-nos a fermosura da verdade<sup>658</sup>. Dezia Pitágoras, como refere Eliano<sup>659</sup>, que duas cousas divinamente foram dadas aos homens fermosíssimas, e estas são: verdade, e liberdade. O mesmo filósofo perguntado qual era a cousa que fazia os homens mui semelhantes a Deus, respondeu, falar sempre verdade<sup>660</sup>. O mesmo disse Demóstenes, ajuntando: *Bene facere et veritatem amare*.<sup>661</sup>

S. P. Aug.,  
lib. *De Agone  
Christi*

Elianus, l. 2 *De  
varia hist.*

Stob., Ser. 11.  
Max., Ser. 8

---

<sup>656</sup> Este fragmento faz parte de um epigrama cujo *incipit* é *Illa ego sum Dido, vultu quem conspicias, hospes*, incluso, por volta do século IV d.C., nos *Epigrammata Bobiensia* (n.º 45). Atribuído a Ausónio, a partir do século XVI e, em especial, da edição de Mérula, o texto constitui uma denúncia da falsidade praticada por Virgílio ao narrar amores entre Dido e Eneias. Acusação similar (embora atenuada pelo elogio da qualidade estética atingida por Virgílio) encontrava-se num passo de *Saturnalia*, de Macróbio (V, 17), e num anónimo epigrama da *Anthologia Graeca*, XVI, 151 (v. Vicente Cristóbal, «Dido y Eneas en la Literatura Española», *Alazet*, 14, 2002, p. 44). D. Marcos altera a lição do texto ou segue um testemunho que a modifica, pois escreve *credite veris* em lugar de *credite de me*.

<sup>657</sup> A sentença circulou, atribuída a Santo Agostinho, mas na verdade de incerta extracção, e deixou rasto em obras de tão grande impacto como a *Summa Theologiae* (II, II, q. 70, art.º 1), de S. Tomás de Aquino, o Catecismo Tridentino *ad parochos*, ou a *Polyanthea Nova*, onde, sob o título *Veritas*, surge (erradamente) como parte do discurso *De Agone Christi* (1607, p. 1178).

<sup>658</sup> O passo é retirado da *Polyanthea Nova*, sob o título *Veritas. Ex Graecis Comicis*, lê-se, em versão latina: *Haud arte tantam pictor ullus assequi, / Statuariusve pulchritudinem queat / Tantum decorem, veritatis quantus est.* (1607, p. 1179).

<sup>659</sup> V. *Polyanthea Nova*, sob o título *Veritas* (1607, p. 1180): *Pythagoras dicebat, hęc duo divinitus hominibus data esse longe pulcherrima: Veritatem amplecti, Beneficis operam dare, & addebat, utrumque cum deorum immortalium operibus comparari posse. Aelian. lib. 12 de var. histor.*

<sup>660</sup> D. Marcos recorda Joannes Stobaeus (o apelido poderá indicar a origem do autor – Stobi, na Macedónia), não pelas suas *Éclogas*, mas pelo *Florilegium* ou *Sermones*. As duas obras, datáveis do século V d.C., formariam inicialmente um todo, do qual uma parte se perdeu. Pelo que resta e pelo que é possível saber graças a depoimentos de outros autores (com destaque para Fócio), Stobaeus visaria fins pedagógicos, fosse pela explícita valorização da filosofia, fosse pelo relevo dado a matérias de ordem moral, política e económica, privilegiando a recolha de conhecimento acumulado numa vasta tradição literária e cultural. É muito provável que D. Marcos pudesse ter acesso a uma edição dos *Sermones*, mas tudo leva a crer que foi o manuseio da *Polyanthea Nova* a ditar a escolha deste exemplo (v. *Polyanthea Nova*, 1607, p. 1180): *Idem interrogatus, quid Deo simile faceret homines? Cum veritatem exercent, respondit. Stob. serm. 11.*

<sup>661</sup> *Demosthenes interrogatus, quid Deo simile haberent homines? respondit: Benigne facere, & veritatem amare. Max. serm. 8 (Polyanthea Nova, 1607, p. 1180).*

Somos, um dos das ilhas lhe tornou,  
 estrangeiros na terra, Lei, e nação,  
 que os próprios são aqueles que criou  
 Natureza<sup>662</sup> sem Lei, e sem razão.<sup>663</sup>  
 Nós temos a lei certa que ensinou<sup>664</sup>  
 o claro decendente<sup>665</sup> de Abraão  
 que agora tem do Mundo o senhorio,  
 a Mãe hebreia teve<sup>666</sup>, o Pai gentio.

Nós outros (lhe tornou um daqueles) somos estrangeiros, assi nesta terra, porque noutra nacemos, na Lei que professamos, e nação, pois somos de Arábia, e esta Ilha é de África. A lei que temos é a verdadeira, dada a nós, pelo ilustre decendente de Ismael, filho de Abraão, cujos sequazes são hoje senhores do mundo, foi ele filho de mãe hebreia e pai gentio. (84v)//

Nós temos a lei certa.

texto

Porque noutro lugar deste livro havemos de tratar das leis humanas, brevemente trataremos das divinas. Lei em comum, como diz Cícero<sup>667</sup>, nem é cousa maquinada dos engenhos dos homens, nem estabelecimento dos povos, mas ãa cousa eterna criada com o entendimento dos homens, que rege o mundo com sabedoria, que manda e proíbe *ect.* Esta difinição, ou descrição de lei, pertence muito à Lei natural, que consistia em dous preceitos, um negativo, *quod tibi non vis alteri non facias*, outro afirmativo, *quod tibi vis alteri fac.* Porém a lei divina é aquela que Deus deu aos homens, poendo-lhe penas se a não guardassem, e prometendo prêmio aos executores dela. Duas leis santas dadas por Deus conhecemos, ãa a de Mousés, escrita pela mão de Deus no monte Sinai, e dada ao povo hebreu, a qual teve fim quando a de Cristo foi dada, não a ãa nação, e a um povo, mas a todos os que a quisessem seguir, não escrita em távuas de pedra mas nos

Cícero, *De lege 2*

<sup>662</sup> Na edição *princeps*, bem como nas de 1584, 1591, 1597, 1612, 1626 e 1631, «A Natura». Na edição de 1609, «A Natureza». Na edição de 1613, «Natureza».

<sup>663</sup> Na edição *princeps*, como em todas as outras impressas até 1631, «Razão».

<sup>664</sup> Na edição *princeps* e nas de 1609 e 1612, «insinou»; nas restantes (até 1631), «ensinou».

<sup>665</sup> Na edição *princeps*, como em todas as outras impressas até 1631 (à excepção da edição de 1591, onde, decerto por gralha, se lê «descende»), «descendente».

<sup>666</sup> Na edição *princeps*, como em todas as outras até 1631, «teve, e o pai»...

<sup>667</sup> No livro II do diálogo *De Legibus*, Cícero traça o modelo de uma sociedade regida por uma concepção religiosa da existência – e, por isso, não só governada por regras como praticante de rituais capazes de unir as esferas sagrada e profana. Neste quadro, em que se considera *universus hic mundus* [...] *una civitas communis deorum atque hominum*, destaca-se a ideia de lei comum (I, VII, 23): sendo o que há de melhor no homem, a razão é também o que o aproxima da divindade; a *recta ratio, communis, é lex*; e se uma mesma lei tudo rege, natural é que um mesmo código jurídico a todos se aplique (*inter quos porro est communio legis, inter eos communio iuris est*).

coraç[ões]<sup>I</sup> de carne, como Esaías o tinha profetizado. O diabo, a quem os Santos chamam *simia Dei*, bugio de Deus, também quis fazer sua lei, e pera isto buscou um tal legislador que dissesse bem com a lei que promulgava. Deu Deus a Mousés a lei num monte de Arábia; foi o diabo a Arábia buscar ãa pedra, um homem rústico, bárbaro, vicioso e perdido, que foi Mafamede, e ditou-lhe tal lei, tão conforme com as leis da carne, e do mundo, que por todo ele se divulgou, e inda hoje se publica e conserva, em afronta nossa, em grande parte do mesmo<sup>II</sup> mundo.

O claro decendente de Abraão.

Insolente Heraclio com as vitórias que no Oriente alcançara, em lugar de agradecer a Deus o favor que lhe deu nelas, o ofendeu gravemente seguindo a facção dos Hereges que o enganaram. E daqui começou o Império a descair, levantando-se essa praga dos Sarracenos e Árabes com seu Capitão Mafamede pera afrontar a Heraclio e a todo povo Cristão rebelde a Cristo. (85)//

Notei num autor moderno e grave, Gordónio Scoto, ãas palavras a este propósito que dizem assi: *Hoc etiam anno Sarraceni in Palestina vincunt Romanos, et Imperatorem Orientis domitorem Heraclium, dum esset catholicus. Nunc factum haereticum imbelles vincunt Sarraceni*<sup>668</sup>. Foi este desventurado homem Mafamede<sup>III</sup> natural de Arábia, ou como outros dizem de Pérsia, seu pai foi gentio, e a mãe Ismaelita, inda que eles querem que fosse hebraea, e assi se chamam Sarracenos como decendentes de Sara, e não de Agar. Seus princípios foram humildes, sendo moço foi criado de um mercador e andava-lhe com sua fazenda, pelas feiras e empórios daquelas terras. Morto o amo, a senhora viúva pôs os olhos nele, e enfim veio a casar com ele. O atrevido Mafamede vendo-se rico, não contente com o melhoramento de sua sorte quis subir mais, em ocasião que o Emperador Heraclio despediu certas Legiões de soldados por não ter deles necessidade, houve um motim de que Mahumad se aproveitou. E ajuntando assi alguns homens sedeciosos e tais como ele, se fez Capitão de um exército homeziado. E enganado<sup>IV</sup> por Sérgio herético, que lhe persuadiu que o espírito de Deus estava nele, começou a conceber cousas levantadas, fingindo raptos, a que o vinho o levava, e fingindo que Deus falava com ele naquele tempo. Acostumou a ãa pomba a comer-lhe grãos de trigo nas orelhas, e fingia que era o Espírito Santo que lhe vinha revelar o que havia de ensinar aos seus. Desta sorte os foi enganando até lhe darem inteiro crédito a quanto dezia. E assi os mandou deixar qualquer lei, ou seita que professassem,

<sup>I</sup> No ms.: «nos coração de carne»...

<sup>II</sup> No ms.: «partedo \*mesmo\* mundo.»

<sup>III</sup> No ms.: «Foi este desventuradohomẽ \*Mafamede\* naturaldeArabia»...

<sup>IV</sup> No ms.: «engan\*a\*do»...

<sup>668</sup> Depois de assinalar, no *Operis Chronologici Tomus Alter*, a respeito do ano 632, *Arabes incipiunt vexare Romanum Imperium* (1614, p. 219), o Padre Gordon escreveu, sobre o ano de 633 (p. 220), as palavras que D. Marcos reproduz. Ao copiar a palavra *Saraceni*, o comentador prefere, no entanto, grafar *sarraceni*. E também transforma *Palæstina* em *Palestina*.

e lhe deu ãa de novo que ele fez ditando-lha o demónio seu mestre, e porque via que todos seus preceitos eram fora de toda a rezão, mandou que nenhum se pusesse a disputar sobre eles, senão que os<sup>I</sup> defendessem à espada. Foi-se ateando o fogo desta infernal seita, diz João de Barros que de tal sorte que em breve tempo se viram os Maometanos senhores de Arábia, Pérsia, Egipto, e hoje são Senhores de África, Grécia, e quasi toda Ásia<sup>669</sup>. Morreu este mal-aventurado no ano de 631, e antes que morresse disse a seus discípulos que ao terceiro dia ressurgiria, esperaram eles esta ressurreição com muita solenidade e devação, (85v)// veio o terceiro dia e ele não ressurgiu, descuidaram-se então de o guardar, uns cães deram nele com pouco respeito, e quando lhe acudiram, tinham comido a mor parte do seu mísero corpo. O que ficou, foi enterrado com muita solenidade nãa vila chamada Medina, pouco distante de Meca. O que se diz do seu corpo, que está num sepulcro<sup>II</sup> de aço, e que o tecto de pedras de cevar o tem no ar pendurado, é tudo fábula, porque muitos que o viram, e entre nós, Gregório da Quadra<sup>670</sup>, que depois de largas peregrinações e trabalhos em que venceu ao próprio Fernão Mendes Pinto<sup>671</sup>, veio a este Reino, e morreu Religioso Capucho, contava que vira o sepulcro de Mafamede raso no chão. E outros muitos o viram que isso mesmo afirmam, e os nossos historiadores o notam. Ludovico Patrício<sup>672</sup> no primeiro li-

In lib. cui tt.<sup>us</sup>  
*Novus orbis*

<sup>I</sup> No ms., a uma redacção inicial («sobre ella senão q̄ adefendessem â espada») sobrepôs-se, por retoque e adição de caracteres, uma outra: «sobre elles senão q̄ osdefendessem â espada».

<sup>II</sup> No ms.: «num sepulchro de pedras de cevar, e q̄ de aço»...

<sup>669</sup> D. Marcos alude ao começo da *Decada Primeira da Asia* (1628, I, I, f. 1): «Alevantado em a terra de Arábia aquele grande antecristo Mafamede, quasi nos anos de quinhentos noventa e três de nossa redenção, assi lavrou a fúria de seu ferro e fogo de sua infernal secta, per meio de seus capitães e califas, que em espaço de cem anos conquistaram em Ásia toda Arábia, e parte da Síria e Pérsia, e em África todo Egipto daquém e dalém do Nilo.»

<sup>670</sup> A história aventureosa de Gregório da Quadra foi narrada por Damião de Góis, na *Chronica do Felicissimo Rei Dom Emanuel* (IV, LIV, 1567, fls. 69-70v). A fonte de D. Marcos, porém, terá sido outra, já que no texto de Góis não há pormenores acerca da sepultura do profeta: apenas se diz que é na «cidade de Medina, onde estão os ossos de Mahamed» (f. 69v).

<sup>671</sup> *Peregrinaçam* de Fernão Mendes Pinto foi publicada em 1614. O texto começou, porém, a ser conhecido antes dessa data, segundo provam algumas referências dispersas e sobretudo alguns plágios, como os que se observam nas obras de Jerónimo de la Madre de Dios, João de Lucena ou Marcelo de Ribadeneyra (v. Ana Paula Laborinho, *O rosto de Jano*, Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2006, vol. I, pp. 87-99).

<sup>672</sup> Ludovico Barthea (ou Varthema), Ludovicus Patritius e Ludovicus Romanus (n. Bolonha, c. 1465- Roma, 1517) são os três nomes pelos quais é conhecido o autor de um relato de viagem que começou por ser impresso em vernáculo, no ano de 1510, e logo no ano seguinte surgiu em versão latina, com o título de *Novum itinerarium Aethiopiae: Aegipti: utriusque Arabiae: Persidis: Siriae: ac India: et Intra et Extra Gangem*. A difusão desta obra foi vasta: em latim, seria integrada num volume colectâneo, *Novus Orbis* (1.<sup>a</sup> ed.: Paris, 1532), ao qual João de Barros se refere na *Decada Primeira da Asia* (1628, V, VIII, f. 101). Em castelhano, circulou na tradução que logo em 1520 saiu das oficinas sevillhanas de Jacobo Cromberger: *Itinerario del venerable varon micer Luis patricio romano: enel qual cuēta mucha parte dela ethiopia Egipto: y entrābas Arabias: Siria y la India. Buelto de latin en romance por Christoval de arcos clerigo*. Por sua vez, Ramusio incluiria o texto, em versão italiana, no tomo I da famosa colectânea *Delle Navigazioni et Viaggi* (1.<sup>a</sup> ed.: Veneza, 1550).

vro de suas peregrinações começa o duodécimo capítulo descrevendo o templo de Mafamede: *Delubrum ejus ect.*<sup>673</sup> A Mesquita onde está o corpo de Mafamede tem cem passos de comprido, e oitenta de largo, tudo de abóboda. Tem duas partes por onde entram, e é de três naves sustentadas sobre grandes colunas feitas de ladrilhos cobertos de cal. Alâmpadas penduradas infinitas, quasi de três mil. Dũa parte da mesquita está ãa torre quadrada que terá cinco passos por lado, e tem ãa grade de ferro mui bem lavrado que a cerca<sup>I</sup>. À mão esquerda está ãa porta por onde se vai à torre, e chegando a ela se entra por ãa porta muito estreita, dentro ficam ãas estantes com muitos livros guardados com muito respeito, e veneração, e neles se contém os preceitos e declarações de sua torpe seita. Daqui se vê o sepulcro, *id est*, o lugar onde Mafamede está enterrado, e seus companheiros, Hali seu genro, Bubacar que teve o segundo lugar no espírito após Mafamede, e desprezou todas as honras, Otomar, Hamar, e Fátima, *ect.* Isto colegimos de Ludovico no<sup>II</sup> seu bárbaro latim, e concorda com a opinião comã. (86)//

<sup>I</sup> No ms.: «mui bem lavrado a porta que \*a\* cerca esta torre à mão esquerda»...

<sup>II</sup> No ms., «no» parece ser a forma definitiva, grafada sobre outra («do»?), assim anulada.

<sup>673</sup> D. Marcos cita pela edição do *Novvs Orbis Regionvm ac Insularvm Veteribus Incognitarvm*, onde a obra de Varthema (*Lvdovici Romani Patritii Navigationis Aethiopiæ, Aegypti, utriusque Arabiæ, Persidis, Syriæ, ac Indiæ intra & extra Gangem, liber primus, Archangelo Madrignano interprete*) foi incluída, a par de outros relatos de viagens e de uma celebração do império português (*Epistola Potentissimi Ac Invictissimi Emanvelis Regis Portvgalliæ & Algarbiorum, de victorijs habitis in India & Malacha, ad S. in Christo patrem & dominum nostrum, dominum Leonem X. Pont. Max.*). No seu «bárbaro latim», o capítulo XII do livro I do *Itinerarium* dizia assim: *Delubrum eius testudinatum est, longitudine passuum centum, latitudine uero passuum octuaginta patescit. Gemina porta ingressus adeuntibus patet. A latere triplici tegitur opere concamerato: fulcitur columnis quadringentis ex lateritio opere albicantibus. Lychni pensiles accensi, lampades appellamus, plures admodum, numero quasi trium milium. Ab altera delubri parte in priore loco Meschitæ turris uisitur ambitu quinque passuum quaquauersum testudinata, pannoque contexta sericeo: ea crate ærea faberrime facta fulcitur, distantia duorum passuum, abque adeuntibus quasi per transennam conspicitur. Læuorsum angusta porta itur ad turrim: et quum èo perueneris, rursus angustiore ianua admittendus est. Hostium huiusmodi hinc & hinc complures codices bibliothecæ instar honestant: alterum latus uiginti, alterum uero quinque & uiginti condecorant: illi enim Mahumetis sociorumque traditiones foedissimas, tenoremque uitæ eius continent. Intra dictam portam sepulchrum uisitur, id est, de fossus locus, ubi adstruunt conditum esse Mahumetem, sociosque eius, Nabi uidelicet, Bubacar & Othomar, Aumar & Fatoma. Aut Mahumetes dux erat, Arabisque natione. Mahumetis gener erat Hali: quippe qui eius natam Fatomam uxorem duxerat. Bubacar is est, quem ferunt inter purpuratos patres relatam esse, adque summum apostolatus apicem nequicquam aspirauisse. Othomar & Aumar in exercitu Mahumetis præfecti militum erant. Ii singuli singulos habent gestorum traditionumque suarum codices. Ob eam rem discors admodum id genus foedissimum, inter se concertant, alijs alia affirmantibus: multifariam enim diuidunt, nec satis sciunt cui potissimum credant, mutuisque ob id cædibus se conficiunt ceu belluæ, his addicti hèresibus ac falsis opinationibus pensique nullius. (Novvs Orbis, 1532, pp. 197-198).*

Deste escomungado e maldito fizeram menção muitos autores, principalmente Baptista Egnácio<sup>674</sup>, João de Leão na *História Africana*<sup>675</sup>, D. Rodrigo Arcebispo de Toledo<sup>676</sup>, Tracanhota<sup>677</sup> e outros muitos.

Advirto pera os curiosos que entre os Mouros há diferente modo de contar anos, porque a sua era, chamada Égira, por onde os Árabes contam, concorre com os anos de Cristo de seiscentos e vinte e dous, que foi quando Mafamede tomou a cidade de Meca e se fez Senhor de Arábia. Outros Maometanos contam os anos principiando-os no ano de Cristo de 593, porque tem pera si que então nasceu Mafamede. E assi quando Carlos V fez pazes com Muleacem, a carta que o Mouro fez no ano de 1535 traz 942 da era de Mafamede. E a Carta que Solimão Grão Turco escreveu a D. Fernando no ano de Cristo de 1547, traz<sup>1</sup> 954, os quais

Baptis. Egnat.,  
l. 2 in *Epito.*;  
João de Leão,  
l. 1; D. Rodr.,  
*Historia*  
*Sarracenorum*;  
Joannes  
Tracanhota

---

<sup>1</sup> No ms., «trasm». Trata-se de um lapso, que corrigimos.

---

<sup>674</sup> Ioannes Baptista Egnatius ou Giovanni Baptista Cipelli, detto Egnazio, veneziano (1478-1553), trabalhou para o célebre impressor Aldo Manuzio e produziu obra vária e copiosa, desde edições de clássicos como Suetónio até textos de circunstância como um panegírico de Francisco I rei de França. Conforme indica D. Marcos, é no segundo de *De Cæsaribus Libri III* que pode ler-se um breve capítulo sobre Maomethis ortus. Escreve o autor: *In quo homine nescio magis ne ingenij calliditatem admirer, an gentis eius stultitiam, an potius Christianorum principum socordiam, qui nec nascentem comprimere flammam (factu tunc facile) uoluere, nec magnis postea rerum successibus auctam potuere.* (1519, f. 23).

<sup>675</sup> No *Primo volume delle Navigazioni et Viaggi nel qual si contiene la descrizione dell’Africa*, Giovan Battista Ramusio afirmava logo na dedicatória a sua vontade de agradar aos *studiosi delle cose di Geographia, & massimamente di questa parte dell’Africa scritta da Giovan Lioni, della quale à tempi nostri non si sà che per alcuno altro auttore ne sia data notitia, ò almeno così copiosamente & con tanta certezza*. Louvando Giovan Leone, *moro nato in Granata*, que acabara por ir para Roma e aí alcançara o favor do Papa Leão X, Ramusio diz que estavam perdidas outras obras de sua autoria, sobre a história e a língua árabe. Restava, assim, composta em nove partes, *Della Descrizione dell’Africa et delle cose notabili che ivi sono, per Giovan Lioni Africano*. Na Parte I, no capítulo *Fede de gli antichi Africani*, o autor fala, sem especial demora, do aparecimento de Maomé, prometendo tratar *pienamente* da sua *legge* noutra obra (*Primo volume delle Navigazioni*, 1550, f. 8).

<sup>676</sup> D. Rodrigo Ximénez de Rada (1170-1247), Arcebispo de Toledo, escreveu *De Rebus Hispaniae* – obra extensa, em nove livros, onde a relação entre cristãos e mouros constitui tema destacado. O título que D. Marcos aponta, porém, é o de um livrinho mais conciso, *Historia Saracenorum* ou *Historia Arabum*, que, divulgado no século XVI, continuou a ser impresso no século XVII, individualmente ou em edições que o agregavam a outros textos. Tal é o caso da *Historia Saracenicæ qua Res Gestæ Muslimorum Inde a Muhammede Arabe, Vsque ad initium Imperij Atabacæi [...]. Accedit & Roderici Ximenez, Archiepiscopi Toletani, Historia Arabum, longè accuratius, quam antè è Manuscripto codice expressa* (1625).

<sup>677</sup> Entre outros passos onde refere Maomé, Tarcagnota († 1566?) afirma que a sua morte ocorreu pouco depois da conquista de Jerusalém: *Ne già molto poi uogliono, che Maometto nel quadragesimo anno della sua vita, di veleno morisse, che gli fu da li suoi stessi dato. Fino a oggi nella Mecha città di Arabia il suo sepolcro si uede, che con tanta schiochezza è del continuo uisitato dal paganesimo. Morì (come uogliono) questo maluagio seminatoro di un tanto male nel DCXXXI nel Pontificato di Onorio; nel cui tempo medesimamente haueua questo falso barbaro date a gli Arabi le leggi sue.* (*Delle Istorie del Mondo di M. Giovanni Tarcagnota*, 1585, Parte Seconda, l. VIII, p. 297).

anos tirados segundo a aritmética dos anos de Cristo ficam 593, mas eu tenho pera mim que não foi este ano o do nascimento de Mafamede, mas que neste ano foi levantado por capitão-mor dos Árabes, ou em tal ano deu a lei. Bem se colige isto do que diz João de Barros no primeiro capítulo da sua primeira *Década*, que começa: «Alevantado em a terra de Arábia aquele grande Antecristo Mafamede quasi nos anos de quinhentos noventa e três de nossa redenção» *ect.* E assi em toda a escritura de Mouros esta era se nota mais ordinariamente.

54

Esta Ilha pequena que habitamos  
é em toda esta terra certa escala  
de todos os que as ondas navegamos  
de Quíloa, de Mombaça, e de Sofala.  
E por ser necessária procuramos  
como próprios da terra de habitá-la,  
e porque tudo enfim vos notifique  
chama-se a pequena Ilha Moçambique. (86v)//

Esta Ilha pequena que aqui vedes é certíssimo Empório de todas as terras aqui vizinhas, porque a ela concorremos os Mercadores, que sobre o mar trazemos nossas fazendas, assi os de Quíloa, como os de Mombaça e Sofala. E pola necessidade que dela temos, a ela vimos morar como se dela fôramos naturais, a qual Ilha, porque nada vos fique por saber, se chama Moçambique.

Descrição da Ilha de Moçambique de João de Barros, *Déc.* 1.<sup>a</sup>, liv. 4, c. 4:

«A qual (Ilha de Moçambique) estava assentada em um pedaço de terra tornado de água salgada com que fica em Ilha, tudo terra baixa, e alagadiça, donde se causa ser ela mui doentia, cujas casas eram palhaças, somente ã Mesquita e as do Xeque que eram de taipa com eirados por cima. Os povoadores da qual eram Mouros vindos de fora, os quais fizeram aquela povoação como escala da Cidade Quíloa que estava adiante, e da Mina de Sofala que ficava atrás. Porque a terra em si era de pouco trato, e os naturais, que eram negros de cabelo revoltado como de Guiné, habitavam na terra firme. A qual povoação Moçambique daquele dia tomou tanta posse de nós, que em nome, é hoje a mais nomeada escala de todo o mundo, e per ferquentação a maior que tem os portugueses, e tanto que poucas Cidades há no Reino que de cinquenta anos a esta parte enterrassem em si tanto defunto como ela tem dos nossos. Cá depois que nesta viagem a Índia foi descoberta té ora, poucos anos passaram que à ida ou à vinda não invernassem ali nossas naus, e alguns invernou quasi toda ã armada, onde ficou sepultada a maior parte da gente por causa da terra ser mui doentia, porque como o sítio dela (87)// é um cotovelo à maneira de cabo que está em altura de catorze graus e meio, do qual convém que as naus que pera aquelas partes navegam hajam vista pera irem bem navegadas, quando os ventos lhe não servem pera passar adiante, à ida ou vinda tomam aquele remédio de invernar ali, e desta necessidade e de outras

(como adiante veremos na descrição de toda esta costa) procedeu eleger-se pera escala de nossas naus um lugar tão doentio e bárbaro, deixando na mesma costa outros mais célebres e nobres.»<sup>678</sup> Té qui Barros.

O Padre f. António na sua *Etiópia Oriental*<sup>f</sup> nos descreve esta Ilha de Moçambique mais bem assombrada do que João de Barros, porque vivem nela muitos portugueses casados, e temos hoje ãa fortaleza aqui, que é ãa das melhores que os Portugueses tem naquelas partes, está novecentas léguas antes da Índia, o ar purificado com os ardentes raios do Sol, de muito delgado muitas vezes faz mal. Outras particularidades escreve este Religioso no seu livro com estilo singelo e verdadeiro acerca destas terras, que nele se podem ver.

### Certa escala.

Procurei ter notícia deste nome, e sua etimologia, pera a dar aos curiosos, e em vários vocabulários que busquei, achei que este nome às vezes servia de termo marítimo, e o mesmo era fazer escala que tomar porto. Os Académicos de Crusca no seu dicionário dizem assi: *Fare scala, termo marinaresco, e vuol dir pigliar porto. Latine portum capere. Bern. Orlan.*

*La nave à un giardin va scala a fare.*<sup>679</sup>

A causa achei noutro vocabulário estrangeiro<sup>680</sup>, que era, porque tanto que ãa nau toma porto logo deita escada pera decerem e subirem, e o mesmo é deitar escada que tomar terra, e daqui naceu os lugares muito frequentados de naus chamarem-se escala, porque neles deitavam escada as naus que vi(87v)//nham. E assi o mesmo é chamar a um lugar escala como chamar-lhe porto onde muitas

Virg. 10, *forte ratis celsi coniuncta crepidine saxi Expositis stabat scalis*<sup>681</sup>

<sup>1</sup> No ms., figura o nome «Ant.º» e resta um espaço em branco, o que pode ser sinal de uma hesitação que acabou por não ser resolvida. Aparentemente, haveria o propósito de acrescentar o apelido do autor, mas nem esse elemento foi integrado nem o primeiro nome está certo. Pensaria D. Marcos em fr. António de Gouveia? Certo é que falava de fr. João dos Santos e da *Ethiopia Oriental* (1609). O cap. IV do livro III desta obra trata «Da Ilha, e fortaleza de Moçambique, e suas povoações, e frutos» (1609, fls. 78-79v). Como remate da descrição, em que salienta várias qualidades (localização estratégica, património arquitectónico, abundância de abastecimento), fr. João diz: «Esta ilha logo no princípio, quando foi povoada polos Portugueses era mui doentia: e assi estão nela enterrados muitos milhares deles, mas já agora pola bondade de Deus é mais sadia.» (f. 79v).

<sup>678</sup> *Decada Primeira da Asia*, 1628, IV, IV, fls. 67v. Na transcrição, observam-se alguns desvios (no texto de Barros: «mina Sofala»; «que à ida, ou à vinda que não invernassem ali as nossas naus») ou mesmo uma interferência actualizadora. D. Marcos escreve «de água salgada» em vez da forma original «d'água salgada»; «por» em lugar de «per»; «deixando» em vez de «leixando».

<sup>679</sup> O *Vocabolario degli Accademici della Crusca* (obra de grande importância, pela sua vocação unificadora, numa Itália marcada pela diversidade linguística) saiu pela primeira vez em 1612, em Veneza. D. Marcos cita parte da definição de *scala* ali proposta, reproduzindo igualmente um exemplo dado – versos do *Orlando Innamorato*, na versão de Francesco Berni (1612, p. 755).

<sup>680</sup> É possível que o «dicionário estrangeiro» seja o de Antonio Nebrija, onde a respeito de *scalæ, arum* se lê: *Por la escala o puerta dela naue (Dictionarium Latinohispanicum, et vice versa, 1560, s/f).*

<sup>681</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, X, vv. 653-654.

naus costumam vir e ancorar. O nome *scala* é latino, e propriamente significa, segundo o Sepontino, escada movediça que se leva de ãa parte pera a outra, porque as escadas de pedra ou de pau das casas, que estão fixas, tem nome plural, e chamam-se *scalae*. *Scaleram*<sup>682</sup>. Verdade seja que os latinos não usam deste nome na forma em que nós usamos, por porto de naus, inda que bem do nome latino dirivamos nós chamar aos portos frequentados, escalas.

55

E já que de tão longe navegais  
buscando o indo<sup>I</sup> Idaspe, e terra ardente,  
piloto aqui tereis, por quem seiais  
guiados pelas ondas sabiamente.  
Também será bem feito que tenhais  
da terra algum fresco, e que o Regente  
que esta terra governa, que vos veja  
e do mais necessário vos proveja.

E pois de tão remontadas terras vindes em busca da calmosa Índia por onde corre o Rio Idaspe tão nomeado nesta nossa terra, vos será dado piloto sábio que até lá vos guie. E não será mau também, pois há tanto que sobre o mar andais, que tenhais algum fresco desta nossa terra, e que o Xeque que a governa, vos veja, e dê provisão pera o caminho.

Indo<sup>II</sup> Idaspe, *i.* Índico Idaspe. Indo há-se de escrever com *i* pequeno porque é nome adjectivo ao Idaspe. Este Rio passa pelos Medos, e Persas, e se estende pela Índia, e passando (88)// pela Cidade de Nisa se mete no Rio Indo, e por isso lhe chamou Lucano *Niseus Hydaspes*.<sup>683</sup>

Lucan., 6  
*Pharsal.*

---

<sup>I</sup> No ms., a grafia de «Indo» foi retocada, aparentemente para substituir a maiúscula inicial (adoptada na edição *princeps*, bem como nas de 1584, 1597, 1609, 1612, 1613, 1626 e 1631) por uma letra minúscula, conforme se lê também na edição de 1591.

<sup>II</sup> No ms.: «#Indo# Idaspe»...

---

<sup>682</sup> Nicolaus Perottus (1430-1480), também conhecido por Sepontino por ter sido bispo de Siphonte, compôs a *Cornucopia linguae latinae*, com o objectivo de apresentar um *thesaurus*. Trata-se de um comentário exaustivo a Marcial, que junta ensinamentos linguísticos e históricos, recorrendo a autores antigos, medievais e humanistas para explicar a etimologia de cada termo. Inicialmente difundida pelos amigos do autor, a *Cornucopia* veio a ser publicada postumamente em 1482, com o patrocínio do duque de Urbino, e obteve uma extraordinária difusão, merecendo trinta e oito edições até 1536, graças ao impulso da imprensa Aldina, que divulgou por toda a Europa este verdadeiro manual escolar. D. Marcos traduz e parafraseia a explicação dada por Perotto, que seria absorvida pelo *Dictionarium* de Calepino: *Proprie tamen singulari numero ea significatur, quae ex teretibus lignis, aut funibus, alia ve simili materia constans huc, atque illuc transferri potest. Plurali vero ea, quae latiores habet gradus, et immobilis, ac fixa permanet.* (*Cornucopie D. Nicolai Perotti*, 1543?, f. 34, col.1, l. 34-37).

<sup>683</sup> A expressão *Nysaeus Hydaspes surge*, na *Pharsalia*, no livro VIII, v. 227. A relação deste rio com o Indo é também objecto de uma referência no livro III, vv. 235-236.

Isto dizendo o Mouro se tornou  
 a seus batéis com toda a companhia,  
 do capitão e gente se apartou  
 com mostras de devida cortesia.  
 Nisto Febo nas águas encerrou  
 c'ó carro de cristal, o claro dia,  
 dando cargo à Irmã que alumiasse  
 o largo mundo enquanto repousasse.

Dizendo isto aquele Mouro, depois de se despedir de Vasco da Gama e dos mais portugueses cortesãmente, se tornou aos barcos com os de sua companhia, e daí se foi pera a Ilha donde viera. Nisto, pôs-se o Sol levando no seu cristalino carro a luz do dia ao outro hemisfério, deixando o cuidado de alumiar à lua, enquanto ele no repouso da noute se detinha.

Inda que Camões seja grande imitador de todos os poetas, pera mostrar que nem sempre há-de estar atado ao que eles disseram, faz descrições ou do tempo, ou de tempestades, suas, que não devem nada a Virgílio nem a Homero, como esta do tempo em que o Sol se punha, que é sua particular, sempre porém com os termos poéticos usados dos outros. Primeiramente diz que Febo encerrou nas águas o carro: ter carro era prerrogativa dos Deuses grandes a quem chamavam *Dii maiorum gentium*. Ao Sol se dava esta dignidade, além de a ele merecer por sua autoridade, também pelo curso que este planeta fazia, o qual declararam pelo carro, movido de quatro ligeiríssimos cavalos, os quais quando se o Sol punha diziam que o Sol levara seus cavalos ao Oceano. (88v)// Estácio Papínio usou desta metáfora no 12.º livro da sua *Tebaida*, dizendo

*Iam pater hesperio flagrantem gurgite currum  
 Abdiderat Titan, aliis rediturus ab undis.*<sup>684</sup>

Statius, l. 12

Ausónio descrevendo a noite também faz menção dos cavalos do Sol,

*Condiderat iam solis equos Tartessia Calpe,*<sup>685</sup>

Ausonius

e é este termo mui comum entre os poetas.

<sup>684</sup> Publius Papinius Statius, *Thebais*, XII, vv. 228-229. Estes versos são citados na *Officina* de Ravisius Textor, sob o título *Descriptio Noctis, seu aduentus eius (Officinæ Epitomes*, I, 1560, p. 461).

<sup>685</sup> Decimus Magnus Ausonius, *Epistulae*, XXIII (*Ausonius Pontio Paulino filio cum ille misisset poematum versibus plurimis de Regibus ex Tranquillo collectis*), v. 1. Na edição de referência: *Tartesia*. O verso é citado na *Officina* de Ravisius Textor, sob o título *Descriptio Noctis, seu aduentus eius* (1560, I, p. 462).

Diana Irmã de Febo, em ausência sua ficava alumando o escuro hemisfério, por isso diz «Dando cargo à Irmã que alumiasse».

Ovídio:

Ovid., lib 1.  
*Trist.*

*Iamque quiescebant voces hominumque canumque  
Lunaque nocturnos alta regebat equos.*<sup>686</sup>

Lucano:

Lucan.,  
*Pharsaliae* lib. 3

*Titan iam pronus in undas  
ibat, et igniferi tantum demerserat orbis  
Quantum deesse solet lunae.*<sup>687</sup>

Státius:

Státius, l. 8

*Tempus erat iunctos quum iam soror ignea Phoebi  
Sentit equos.*<sup>688</sup>

57

A noite se passou na lassa frota  
com estranha alegria, e não cuidada,  
por acharem, da terra tão remota,  
nova de tanto tempo desejada.  
Qualquer então consigo cuida, e nota  
na gente e na maneira desusada  
e como os que na errada seita creram  
tanto por todo o Mundo se estenderam. (89)//

Alegre passaram a noite os cansados navegantes, pois tinham ouvido novas do que tanto desejavam, quando menos o cuidavam. No nocturno silêncio imaginava cada um consigo, o desacostumado traje daquela gente, e como aquela maldita seita e os sequazes dela tanto se dilataram pelo mundo.

58

Da lua<sup>689</sup> os claros raios rutilavam  
pelas<sup>690</sup> argêntas ondas neptuninas,

---

<sup>686</sup> Publius Ovidius Naso, *Tristia*, I, III, vv. 27-28. Estes versos são citados na *Officina* de Ravius Textor, sob o título *Descriptio Noctis, seu aduentus eius* (1560, I, p. 460).

<sup>687</sup> Marcus Annaeus Lucanus, *Pharsalia*, III, vv. 40-42. Estes versos são citados na *Officina* de Ravius Textor, sob o título *Descriptio Noctis, seu aduentus eius* (1560, I, pp. 460-461).

<sup>688</sup> Publius Papinius Statius, *Thebais*, VIII, vv. 271-272. Na edição de referência: *cum iam soror...* Estes versos são citados na *Officina* de Ravius Textor, sob o título *Descriptio Noctis, seu aduentus eius* (1560, I, p. 461).

<sup>689</sup> Na edição *princeps*, como nas de 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1613 e 1631, «Da Lũa»; na edição de 1626, «Da Lũa».

<sup>690</sup> Nas edições de 1613 e 1631, lê-se «pelas»; na edição *princeps*, como nas restantes impressas até 1631, «polas».

as estrelas os Céus acompanhavam  
qual campo revestido de boninas.  
Os furiosos ventos repousavam  
polas covas escuras peregrinas,  
porém da armada a gente vigiava  
como per<sup>691</sup> longo tempo costumava.

Estavam os raios de Lua resplandecendo nas prateadas<sup>I</sup> águas do mar, e as estrelas esmaltavam o firmamento, qual o verde prado de boninas se reveste. Os impetuosos ventos pelas concavidades da terra escuras e nunca vistas repousavam, porém os soldados portugueses a quartos vigiavam como de longo tempo tinham per costume.

Descrição de ãa noite serena e sossegada, nenhum poeta a fez<sup>II</sup> com mais propriedade e galantaria que aqui o nosso poeta. Considero-o eu na sua Cidade de Lisboa posto sobre algum eirado à vista do Tejo, onde as trémulas águas ilustradas com o resplendor da lua dão aos olhos um agradável objeto, que tanto enleva um entendimento na consideração do que (89v)//vê, que o faz descuidar-se de si, como eu confesso que me aconteceu muitas vezes naquela Cidade com olhos naquele soberbo Rio quando de espelho serviam suas águas à fermosa Diana, que me deixava levar tanto das saudades que n'alma me espertavam as cousas que via, que tudo o demais me não lembrava. Assi Camões possível é que à vista do que escrevia se enlevasse pera pintar estes tão próprios e elegantes versos, porque podia ver mar ilustrado dos raios da lua, o Céu estrelado donde quer se vê, o sossego dos ventos quem quer o alcança. Vigias de noite em naus é cousa mui ordinária onde quer que as há, e no Tejo mais que em nenhum porto de Europa no tempo que Camões escrevia. E assi noto nas descrições de Camões ãa propriedade tão conforme com o que é, como quem não pintava o que não via, mas contava o que lhe aconteceu, e o que experimentou.

Da lüa os claros raios rutilavam.

texto

*Nox erat et pleno lucebat Cynthia cornu.*<sup>692</sup> Cleophilus

*Luna mihi tremulum lumen praebebat eunti.*<sup>693</sup> Ovid. in *Leandro*

---

<sup>I</sup> No ms.: «nas\*prateadas\*agoasdomar»...

<sup>II</sup> No ms.: «nenhũ poeta adescreevo/fes com mais propriedade»...

---

<sup>691</sup> Só na edição de 1613 se lê «per»; na edição *princeps*, como nas restantes até 1631, «por».

<sup>692</sup> O passo encontra-se na *Officina* de Ravisius Textor, sob o título *Descriptio Noctis, seu aduentus eius* (1560, I, p. 462).

<sup>693</sup> Publius Ovidius Naso, *Heroides*, XVIII, v. 59. Na edição de referência: *luna fere tremulum praebebat lumen eunti*.

*Oceani tumidis iam nox caput extulit undis  
Iam vibrat tremulum candida luna iubar.*<sup>694</sup> Pamphilus

texto

As estrelas os Céus acompanhavam.

*Nox prima caelum sparserat stellis.*<sup>695</sup> Séneca Trágico

*Nox caelum sparserat astris.*<sup>696</sup> Ovídio, *Metam.* 11

*Nox erat et placidum carpebant fessa soporem  
Corpora per terras sylvaeque et saeva quierant  
Aequora cum medio voluntur sydera lapsu.*<sup>697</sup> Virgilius, 4 *Aen.*

59

Mas assi como a Aurora marchetada  
os fermosos cabelos espalhou  
no Céu sereno, abrindo a roxa entrada  
ao claro Hepiriónio<sup>698</sup> que acordou, (90)//  
Começa a embandeirar-se toda a armada  
e de toldos<sup>699</sup> alegres se adornou  
por receber com festas e alegria  
o Regedor da terra<sup>700</sup> que partia.

Tanto que amanheceu, e a Aurora de mil cores adornada espalhou seus fermosos cabelos pelo horizonte, fazendo caminho ao Sol claro recordara<sup>1</sup>, começaram na armada os portugueses a embandeirar as naus pera receber nelas com mostras de alegria ao Xequ de Moçambique, que já vinha.

---

<sup>1</sup> Haverá decerto um erro no texto. Mais lógico seria «fazendo caminho ao Sol claro que acordara».

---

<sup>694</sup> O passo encontra-se na *Officina* de Ravisius Textor, sob o título *Descriptio Noctis, seu aduentus eius* (1560, I, p. 462).

<sup>695</sup> Lucius Annaeus Seneca, *Agamemnon*, v. 465. Na edição de referência: *Nox prima caelum sparserat stellis, iacent*. O passo encontra-se na *Officina* de Ravisius Textor, sob o título *Descriptio Noctis, seu aduentus eius* (1560, I, p. 463).

<sup>696</sup> Publius Ovidius Naso, *Metamorphoses*, XI, v. 309. O passo encontra-se na *Officina* de Ravisius Textor, sob o título *Descriptio Noctis, seu aduentus eius* (1560, I, p. 460).

<sup>697</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, IV, vv. 522-524. Na edição de referência: *sidera*. O passo encontra-se na *Officina* de Ravisius Textor, sob o título *Descriptio Noctis, seu aduentus eius* (1560, I, p. 459).

<sup>698</sup> Na edição *princeps*, bem como nas de 1597, 1609, 1612, 1613, 1626 e 1631, «Hiperiónio»; nas edições de 1584 e 1591, «Hiperónio».

<sup>699</sup> Na edição *princeps*, bem como nas de 1584, 1609 e 1612, «todos»; em 1591, 1597, 1613, 1626 e 1631, «toldos».

<sup>700</sup> Na edição *princeps*, como nas restantes até 1631, «das Ilhas».

Mas assi como a Aurora marchetada  
os fermosos cabelos espalhou,

texto<sup>1</sup>

*Thitoni Croceum senis cubile Pamphilus Saxus  
Aurora aurigeris comis refulgens  
Iam surgit roseosque clara vultus  
Ostendit.*<sup>701</sup>

*Jamque rubescebat radiis mare et aethere ab alto Virgilius, 7 Aen.  
Aurora in roseis fulgebat lutea bigis.*<sup>702</sup>

Stattius, lib. 2 *Theb.*, elegantissimamente descreve a entrada da aurora:

*Et iam Mygdoniis elata cubilibus, alto  
Impulerat caelo gelidas Aurora tenebras  
Rorantes excussa comas, multumque sequenti  
Sole rubens. Illi roseus per nubila seras  
Advertit flammam alienumque aethera tardo  
Lucifer exit equo, donec pater igneus orbem  
Impleat et radios ipsi vetet esse sorori.*<sup>703</sup>

Lactantius Firm., *De phoenice*:

*Lutea cum primum surgens Aurora rubescit  
cum primum rosea sidera luce fugat.*<sup>704</sup>

Ao claro Hiperião que acordou.

texto

---

<sup>1</sup> No ms., em linhas distintas: «texto / texto»...

---

<sup>701</sup> O passo encontra-se na *Officina* de Ravisius Textor (onde se prolonga ainda por um verso mais), sob o título *Descriptio ortus diei* (1560, I, p. 458).

<sup>702</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, VII, vv. 25-26. Na edição de referência: *Iamque*. O passo encontra-se na *Officina* de Ravisius Textor, sob o título *Descriptio ortus diei* (1560, I, p. 455).

<sup>703</sup> Publius Papinius Statius, *Thebais*, II, vv. 134-140. Na edição de referência: *dispulerat caelo gelidas Aurora tenebras; impleat atque ipsi...* O passo, tal como D. Marcos o cita, encontra-se na *Officina* de Ravisius Textor, sob o título *Descriptio ortus diei* (1560, I, p. 456).

<sup>704</sup> O passo (apenas com uma diferença: grafa-se «quum» em lugar de «cum») encontra-se na *Officina* de Ravisius Textor, sob o título *Descriptio ortus diei* (1560, I, p. 458). No ms., encontra-se grafado na margem, em caracteres de tamanho diminuto. Por tudo sugerir que faz parte da sequência de *excerpta*, optámos pela sua integração no corpo do texto.

Ângelo Policiano in *Nutricia*:

*Aurea cum radios hyperionis exervit fax.*<sup>705</sup> (90v)//

*Tendit in evectus radios Hyperionis ardor.*<sup>706</sup> Virgil., *Culex*

*Placat equo Persis radiis Hyperiona cinctum.*<sup>707</sup> Ovidius, 1. *Fast.*

Este epíteto se dá ao Sol, não me detenho nas razões de sua etimologia, só advirto que diz Diodoro<sup>708</sup> que Hiperión foi filho de Celo, Irmão de Saturno, o primeiro que contemplou o curso do Sol e da lua e fez distinção nas horas do dia e ensinou aos homens esta ciência, donde foi chamado padre do Sol e da lua *ect.*

O Regedor da terra.

Não lhe chamou Rei nem Senhor porque era vassalo del Rei de Quíloa, e estava ali posto da sua mão pera reger aquele povo, e arrecadar as rendas e direitos das embarcações.

60

Partia alegremente navegando  
a ver as naus ligeiras lusitanas  
com refresco da terra; em si cuidando  
que são aquelas gentes inumanas.  
Que os aposentos<sup>709</sup> Cáspios habitando,  
a conquistar as terras Asianas  
vieram, e por ordem do destino  
o Império tomarão a Constantino.<sup>710</sup>

Com alegria partiu o Regedor de Moçambique pera ver as naus dos Portugueses, levando consigo refresco da terra pera os convidar, tendo pera si que eram eles Turcos, aquela cruel nação de gente que das terras vizinhas ao mar Cáspio

---

<sup>705</sup> O passo (apenas com uma diferença: grafa-se «quum» em lugar de «cum») encontra-se na *Officina* de Ravisius Textor, sob o título *Descriptio ortus diei* (1560, I, p. 458).

<sup>706</sup> Publius Virgilius Maro, *Culex*, v. 101, in *Appendix Vergiliana*.

<sup>707</sup> Publius Ovidius Naso, *Fasti*, I, v. 385.

<sup>708</sup> Diodoro Sículo lembra Hiperión como irmão de Saturno e destaca o seu conhecimento de matérias celestes (v. *Diodori Siculi Bibliothecæ Historicæ Libri XV*, 1611, respectivamente V, LXVI, p. 318; V, LXVII, pp. 318-319).

<sup>709</sup> Na edição *princeps* e nas de 1609 e 1612, «aposentos»; em todas as outras impressas até 1631, «aposentos».

<sup>710</sup> Na edição *princeps*, bem como nas de 1584, 1591, 1597, 1609, 1626 e 1631, «Costantino»; em 1612 e 1613, «Constantino».

veio por primissão divina a destruir o Império dos Gregos e tomá-lo da mão de Constantino, último emperador grego que o possuiu.

Os Turcos, vizinhos ao mar Cáspio, como outros Caldeus aos filhos de Ismael, serviram de flagelo divino contra os cismáticos gregos apartados da união da Igreja Católica (91)//. Os de Moçambique quando viram naus grandes, e diferentes das que eles usavam, tiveram pera si que eram os nossos Turcos. Deles e de sua origem e conquistas havemos adiante de falar, e por isto não damos aqui mais que esta pequena notícia, que basta pera entender os presentes versos.

61

Recebe o Capitão alegremente  
o Mouro, e toda sua companhia,  
dá-lhe de ricas peças um presente  
que só pera este efeito já trazia,  
dá-lhe conserva doce, e dá-lhe o ardente  
não usado licor que dá alegria,  
tudo o Mouro contente bem recebe,  
e muito mais contente come, e bebe.

Recebeu Vasco da Gama com grande festa o Regedor a bordo da sua nau, e logo lhe deu algũas peças ricas que pera este efeito de Portugal trouxera. Deu-lhe também de comer das conservas da Ilha da Madeira, e vinho, que aqueyta, e dá alegria. Contente ficou o Mouro com o presente, e muito mais contente depois que gostou das conservas e do vinho.

Não usado licor que dá alegria.

texto

Não usado porque naquelas partes não há vinho de vide.

Que dá alegria.

Virg., 1 *Aen.*: *Adsit laetitiae Bacchus dator.*<sup>711</sup>

62

Está a gente marítima de Luso  
subida pela enxárcia<sup>712</sup> de admirada  
notando o estrangeiro modo, e uso,  
e a linguagem tão bárbara e enleada. (91v)//  
Também o Mouro astuto está confuso

---

<sup>711</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, v. 734.

<sup>712</sup> Na edição *princeps*, bem como nas de 1584, 1591, 1609, 1612 e 1626, «exárcia»; nas edições de 1597, 1613 e 1631, «enxárcia».

olhando a cor, o traje, e a forte armada,  
e perguntando tudo, lhe dizia  
se porventura vinham de Turquia.

Estavam os marinheiros portugueses pendurados pela enxárcia, pasmados do que viam, considerando assi o traje tão diferente do seu, como<sup>1</sup> os costumes daquela gente, e sobretudo a linguagem que a eles parecia embaraçada e confusa. Neste mesmo pensamento estavam os Mouros, notando também o traje dos nossos e a cor alva diferente da sua, e as<sup>II</sup> naus tão fortes, e bem pregadas. E querendo-se enformar do que via fez perguntas o Regedor avisado, dizendo se porventura eram eles de Turquia.

A novidade causa espanto, este tiveram os nossos na vista daqueles Mouros, e eles na dos nossos, porque nem uns nem outros tinham visto gente de tal feição, mas também esta novidade lhe dava recreação, porque diz o provérbio latino *omnia nova placent*, e Ovídio, *est quoque cunctarum novitas gratissima rerum*.<sup>713</sup>

Ovid., 3. *De pont.*, Eleg. 4

63  
E mais lhe diz também que ver deseja  
os livros de sua Lei, preceito ou Fé,  
pera ver se conforme à sua seja  
ou se são dos de Cristo, como crê.  
E porque tudo note, e tudo veja,  
ao Capitão pedia que lhe dê  
mostra das fortes armas de que usavam  
quando c'os inimigos pelejavam.

Continua nas perguntas o Regedor dizendo que lhe mostrem os nossos os livros de sua profissão e seita, pera deles saber se era (92)// conforme com a sua deles, ou se porventura são Cristãos como mais lhe parecia, e porque nada lhe fique por perguntar e saber, pede ao Capitão lhe mande mostrar as armas com que costumavam pelejar os portugueses com seus inimigos.

Porque João de Barros, a quem o nosso poeta ordinariamente imita, não se de- teve em contar estas miudezas, em que o poeta quer ir dispendendo este primeiro canto, seguiu Camões ao Coronista Damião de Góis nestas perguntas e repostas, cujas palavras porei aqui pera melhor declaração do que temos dito.

---

<sup>1</sup> No ms.: «diferente doseu, e/como os costumes»...

<sup>II</sup> No ms., a redacção original era «das naos». «Da» foi rasurado, e sobre o corte, em entrelinha, foi acrescentado «a», resultando a forma «as naos».

---

<sup>713</sup> Publius Ovidius Naso, *Ex Ponto*, III, IV, v. 51. Na edição de referência: *est quoque cunctarum novitas carissima rerum*. D. Marcos cita decerto pela *Polyanthea Nova*, onde sob o título *Novitas*, e atribuído a *Ovid. 3 Pont. 4*, se acha um passo com lição igual à que apresenta (1607, p. 803).

Capítulo 37 da primeira parte:

«Esta amizade começada, Çacoeja foi ver Vasco da Gama à nau acompanhado de muitas almadias» *ect.*<sup>714</sup> «Çacoeja era homem magro, alto de corpo, e bem disposto, de mea idade, trazia vestido ãa cabaia ao modo turquesco, de pano branco fino de algodão, e sobre esta outra desabotoada de veludo de Meca, na cabeça ãa touca de cores foteada entresachada de fios de ouro, na cinta um terçado de ouro e pedraria com ãa adaga do mesmo jaez, e nos pés ãas alparcas de veludo. Vasco da Gama o vëo a receber a bordo pondo de ãa banda e da outra por onde haviam de passar duas renques de homens armados dos mais sãos e melhor dispostos da armada, porque os doentes e mal vestidos não quis que aparecessem, e assi a ele como aos que com ele vinham mandou dar vinho e fruta, do que comeram e beberam até se alegrarem. Nesta merenda, entre outras práticas que tiveram, perguntou Çacoeja a Vasco da Gama se eram Turcos, se Mouros e donde vinham, se traziam livros de sua lei que lhos mostrassem, e assi as armas que se mais usavam na sua terra: ao que lhe respondeu que os livros de sua lei lhe mostraria depois, que quanto às armas eram aquelas com que os seus estavam armados, que eram couraças, lanças, espingardas e bestas» *ect.*<sup>715</sup> Té qui o Cronista. E esta é a sustância desta e doutras oitavas atrás. (92v)//

64

Responde o valeroso Capitão  
por um que a língua escura bem sabia:  
dar-t'ei<sup>716</sup> Senhor ilustre relação  
de mi, da Lei, das armas que trazia.  
Nem sou da terra, nem da geração  
das gentes enojosas de Turquia,  
mas sou da forte Europa belicosa,  
busco as terras da Índia tão famosa.

Pelo intérprete Fernão Martins respondeu Vasco da Gama a tudo o que o Mouro perguntara, dizendo que lhe daria conta e relação de si, e da sua Lei, e lhe mostraria as armas de que usavam, porém que não tivesse pera si que eram eles da nação Turquesca avorrecida, e mal inclinada, mas da soberba Europa produ-

---

<sup>714</sup> *Chronica do Felicissimo Rei Dom Emanuel*, 1566, I, XXXVII, f. 30v.

<sup>715</sup> Prossegue a citação da *Chronica do Felicissimo Rei Dom Emanuel* (1566, I, XXXVII, f. 31). Também aqui D. Marcos evita as elisões que aparecem no texto de Góis: «d'algodão», «sobr'esta», «fios d'ouro», «terçado d'ouro», «d'armada». Mais, moderniza: grafa «melhor» em vez de «mi-lhor»; «vëo» em vez de «veo»; «por» em vez de «per». Prefere escrever «na sua terra» em lugar de «em sua terra». Outras variantes (fruto de menor acribia) afectam a composição da frase: D. Marcos acrescenta «que eram» onde a *Chronica* apenas diz «estavam armados, couraças, lanças, espingardas e bestas»; copia «vëo areceber» onde na edição quinhentista se lê «veo receber». E tende a substituir o sujeito singular («havia de passar», «mostrasse») por um plural.

<sup>716</sup> Na edição *princeps*, bem como nas restantes até 1631, «Dar-te-ei».

zidora de ânimos guerreiros, e esforçados, e como tais se tinham posto a um tão imenso trabalho, como era vir de Hespanha em busca das terras orientais da Índia tão celebrada.

65

A lei tenho daquele a cujo império  
obedece o visível, e invisível,  
aquele que criou todo o Hemisfério,  
tudo o que sente, e todo o insensível.  
Que padeceu desonra, e vitupério  
sofrendo morte injusta, e insofrível,  
e que do Céu à terra enfim deceu  
por subir os mortais da terra ao Céu.

Sigo a lei daquele Senhor omnipotente a cujo mando estão sujeitas todas as criaturas, assi as visíveis, como as que se não vem, aquele que é criador do Céu, e da terra, e (93)// as cousas sensíveis e as<sup>I</sup> que de sentido carecem. Aquele Senhor que sendo Deus se fez homem sofrendo afrontas, e injúrias, e enfim<sup>II</sup> morte crudelíssima e injusta, decendo do Céu à terra pera que os homens da terra fossem ao Céu.

A lei tenho daquele *ect.*

As criaturas invisíveis são os Anjos e Demónios, as visíveis são os homens. S. Paulo diz que todas as criaturas se ajoelham diante do divino acatamento e invocação do seu santo nome: *In nomine Iesu omne genu flectatur caelestium terrestrium et infernorum.*<sup>717</sup>

texto

Tudo o que sente e todo o insensível.

Matheai 8

Todas as criaturas obedecem a seu criador. Houve hereges que vendo a obediência que as cousas todas tinham à ordem da natureza disseram que todas eram animadas e sensíveis. Sobre aquelas palavras de S. Mateus, *Tunc surgens imperavit ventis et mari*<sup>718</sup>, diz S. Hierónimo: *Ex hoc loco intelligimus quia omnes creaturae sentiant creatorem. Quas enim increpavit et quibus imperavit sentiunt imperantem. Non errore haereticorum qui omnia putant animantia sed magestate conditoris quae apud nos insensibilia illi sensibilia sunt.*<sup>719</sup>

<sup>I</sup> No ms.: «e \*as\* quedesentido carecem.»

<sup>II</sup> No ms., «enfim» sobrepõe-se a uma rasura ilegível.

<sup>717</sup> Ad Philippenses, 2, 10. Na edição de referência: *ut in nomine Iesu omne genu flectat caelestium et terrestrium et infernorum.*

<sup>718</sup> Secundum Mattheum, 8, 26.

<sup>719</sup> D. Marcos cita, com algumas alterações, o comentário de S. Jerónimo ao cap. 8, v. 26, do Evangelho segundo S. Mateus. Além de leves mudanças na frase *Et ex hoc loco intellegimus quod*

Que padeceu desonra e vitupério  
sofrendo morte injusta e insofrível.

texto

Chama aqui à morte de Cristo afrontosa, injusta, e insofrível. Foi afrontosa, por razão da pessoa tão calificada a quem todo o povo seguia, e com pompa triunfal tinha recebido havia tão poucos dias. Foi também afrontosa pelo género de morte, o que declarou S. Paulo, naquelas palavras *mortem autem crucis*<sup>720</sup>. E também foi circunstância o tempo, e o lugar. Injusta foi esta morte porque foi dada a um justo. *Iustus pro iniustus*, diz S. Paulo<sup>721</sup>. A mulher de Pilatos lhe chamou Justo: *Nihil tibi et iusto isti*<sup>722</sup>. E o (93v)// mesmo Pilatos lavando as mãos disse: «Inocente sou eu do sangue deste Justo.» E o mesmo Judas traidor confessou esta verdade quando disse: *peccavi tradens sanguinem iusti*<sup>723</sup>. E porque era Justo o que padeceu ficou essa afrontosa morte tão bem assombrada, que aquele sinal de ignomínia ficou sendo insígnia de honra, e como diz S. Augustinho<sup>724</sup>, das costas dos ladrões foi tresladada pera as frentes dos Imperadores. O que declarou bem o poeta Sedúlio nestes devotos e elegantes versos:

Sedulius, l. 5

*Pax crucis ipse fuit, violentaque robora membris  
Illustrans propriis poenam vestivit honore  
Suppliciumque dedit signum magis esse salutis  
Ipsaque sanctificans in se tormenta beavit.*<sup>725</sup>

Insofrível foi a morte de Cristo, e não bastara só a humanidade pera a vencer. Meu P.<sup>o</sup> Santo Augustinho diz que foi conveniente estar a humanidade unida à divindade, porque a morte de Cristo nem só a divindade a pudera sofrer, nem a humanidade só vencê-la. Tão rigorosa foi a paixão de Cristo que os açoites que lhe deram bastantes eram pera tirar a vida ao mais robusto homem do mundo. E chega a dizer um contemplativo, que os escarros e cuspos que deitaram aqueles sacrílegos em seu divino rosto bastavam pera o afogar. Mas aqui nesta maior

Trabalhos de  
Jesu<sup>731</sup>

---

*omnes...*, os principais desvios acham-se no período que diz *Quibus enim increpatur et imperatur sentiunt imperantem, non errore hereticorum qui omnia putant animantia, sed maiestate Conditoris*. (Saint Jérôme, *Commentaire sur Matthieu*, I, 1977, p. 162).

<sup>720</sup> Ad Philippenses, 2, 8.

<sup>721</sup> Epistula Petri I, 3, 18.

<sup>722</sup> Secundum Mattheum, 27, 19. Na edição de referência: *nihil tibi et iusto illi*.

<sup>723</sup> Secundum Mattheum, 27, 4. Na edição de referência: *sanguinem iustum*.

<sup>724</sup> In Psalmo XXXVI, sermo II, 4: *A locis suppliciorum fecit transitum ad frontes imperatorum*. (*Sancti Aurelii Augustini Enarrationes in Psalmos*. I-L, 1956, p. 350).

<sup>725</sup> D. Marcos cita versos de um texto conhecido como *Paschale opus* (C. Iuvenci, *Coelii Sedulii, Aratoris Sacra Poesis*, 1588, l. V, p. 202). Copiosamente editada ao longo do século XVI, esta obra de Sedúlio, datável de c. 425-450, marcou a tradição da poesia de tema religioso.

<sup>726</sup> V. *Trabalhos de Iesu. Segunda Parte. Que passov desde o Orto de Gethsemani, até sua morte, q̄ são os trabalhos de sua sacratíssima payção [...]* Composta por F. Thomé de IESV Portugues da Provincia de Portugal da orde dos Eremitas de S. Agostinho, & captivo em Berberia. Aos 50 annos de seu degredo da Patria Celestial (1609). Nesta obra, onde a evocação da vida de Cristo se

afronta quis mostrar a natureza divina que alentava aquela carne mortal, porque vissem os homens, que homem era o que padecia, mas Deus, o que vencia os tormentos. Divinamente declarou isto Aurélio Prudêncio declarando as duas naturezas de Cristo:

– *Visibilem se praestitit olim  
Tale aliquid formans in sese quale secuta est  
Passio, quae corpus sibi vendicat; ardua nam vis  
Est impassibilis, quoniam Natura superni  
Ignis ad horrificas nescit descendere poenas  
Nec capit humanis angoribus excruciarī (94) //  
Pura serena manens liquido praelibera motu  
Subdita nec cuiquam dominatrix ut pote rerum  
Cui non principium de tempore, sed super omne  
Tempus et ante diem maiestas cum patre summo  
Imo animus patris et ratio et via consiliorum  
Quae non facta manu nec voce creata iubentis  
Protulit imperium patrio ructata<sup>1</sup> profundo  
Hanc igitur non flagra secant non sputa salivis  
Aspergunt, alapis non vexat palma relisis  
Nec perfossa Cruci clavorum vulnera figunt.  
His assueta caro est hominis quam foemina pregnans  
Enixa est sub lege veteri sine lege mariti  
Ille famem patitur fel potat et haurit acetum  
Ille pavet mortis faciem tremat ille dolorem.<sup>727</sup>*

E que do Céu à terra enfim deceu  
por subir os mortais da terra ao Céu.

---

<sup>1</sup> No ms.: «patrio ructata/ructata profundo».

---

associa à proposta de exercícios espirituais, fr. Tomé enfatiza, ao tratar a Paixão de Cristo, a cruza do suplício. O «Trabalho 32» tem por título «Cuspinhos» (1609, fls. 81-94v), e no «Exercício» que o acompanha, lê-se: «Com quanta verdade, Senhor, dissestes por David que sois bicho da terra, e não homem, e que sois opróbrio e o baixo do mundo, e do povo, pois não só vos fizestes um bicho desprezado, que todos pisam, e com quem todos se atrevem, que ninguém estima, e que a piquenos e grandes, maus e bons, brutos e homens está sujeito, e anda por baixo dos pés de toda criatura, como vos vejo agora tratar desta gente, meu Rei e Senhor da glória, mas ainda de vosso sacratíssimo rosto e pessoa quisestes fazer lugar de tão nojenta cousa como escarros.» (fls. 90v-91).

<sup>727</sup> *Aurelii Prudentii Clementis Carmina (Liber Apotheosis, vv. 81-100, 1966, pp. 79-80)*. Na edição de referência: *uindicat* (e não *vendicat*); *micans* (e não *manens*); *patris et ratio, uia consiliorum* (e não *patris et ratio, et uia consiliorum*); *adfecta caro* (e não *assueta caro*), *femina praegnans* (e não *foemina pregnans*); *sub lege uteri* (e não *sub lege veteri*).

Não foi outro o motivo que Deus teve em vir à terra, senão querer levar os homens da terra ao Céu. Diz S. Fulgêncio num sermão de S. Estêvão: *Solus descendit Dominus ut multos elevavit*<sup>728</sup>. E por isso no Evangelho de S. João se chama caminho: *Ego sum via*<sup>729</sup>. Porque por ele, a ele havíamos de caminhar ao Céu. S. Leão Papa o diz: *Ipse nobis factus est via quia nisi per Christum non itur ad Christum*.<sup>730</sup>

66

Deste Deus e<sup>731</sup> homem alto e infinito  
os Livros que tu pedes não trazia,  
que bem posso escusar trazer escrito  
em papel, o que na alma andar devia. (94v)//  
Se as armas queres ver como tens dito,  
comprido esse desejo te seria,  
como amigo as verás, porque eu me obrigo  
que nunca as queiras ver como inimigo.

Os livros da lei deste Senhor Deus e homem juntamente, os quais tu desejas ver, não trago eu comigo, porque escusado tenho trazer em papel escrito, o que sou obrigado a trazer na alma. As armas si, pois que ver as queres, mandar-tas-ei mostrar como amigo, e guarde-te Deus de as ver como inimigo.

A Lei dos Judeus foi escrita em távuas de pedra no monte Sinai, mas a lei de Cristo na alma de cada um deve de andar escrita. Assi o tinha profetizado Hieremias, pelo qual falando Deus<sup>1</sup> da lei da graça, diz assi: *Dabo Legem meam in visceribus eorum et in corde eorum scribam eam*.<sup>732</sup>

Hieremias, cap.  
31

67

Isto dizendo manda os diligentes  
ministros amostrar as armaduras,  
vem arneses e peitos reluzentes,  
malhas finas, e lâminas seguras.  
Escudos de pinturas diferentes,

---

<sup>1</sup> No ms., «pelo» parece resultar de uma intervenção sobre a redacção primeira, «o». Um aditamento em entrelinha, logo a seguir, confirma esta mudança no rumo da frase: «falando \*Ds\* da ley»...

---

<sup>728</sup> Trata-se de um passo do *Sermo III (De Sancto Stephano Protomartyre, et Conversione S. Pavli)*, de S. Fulgêncio (c. 462-c. 527): *Solus descendit Dominus ut multos eleuaret; humiliavit se rex noster ut suos milites exaltaret. (Sancti Fulgentii Episcopi Rvspensis Opera, 1968, p. 905).*

<sup>729</sup> Secundum Iohannem, 14, 6.

<sup>730</sup> Leo Magnus, *Tractatus 67: Vnde merito nobis ipse Dominus factus est uia, quia nisi per Christum non itur ad Christum (Tractatus septem et nonaginta, 1973, p. 412).*

<sup>731</sup> Na edição *princeps*, como em todas as outras até 1631, «Deus homem».

<sup>732</sup> Hieremias Propheta, 31, 33.

pilouros, espingardas de aço puras,<sup>1</sup>  
arcos e sagitíferas aljavas,  
partazanas agudas, chuças bravas.

Tanto que isto disse, o Capitão manda logo aos soldados prontos ao que lhe mandavam, que diante do Xequê trouxessem as armas que na nau havia. Vem logo arneses e peitos burnidos e luzentes, saias de malha, lâminas e laudéis que seguram a vida a quem os veste. Escudos com várias tenções escritas, pilouros de artelharia, espingardas, bestas com seus (95)//coldres de setas e farpões, partazanas e chuças e todo o mais género de armas ofensivas e defensivas.

### Escudos de pinturas diferentes.

Plini., l. 5, c. 3

Virgil., 8.º.  
Descreve o  
escudo de  
Eneas cheo de  
mil pinturas,  
e histórias,  
passadas e  
futuras. Vide.  
*Illic res italos  
ect.*<sup>734</sup> E no  
7.º falando  
do escudo de  
Turno diz que  
tinha pintada  
a vaca Io e  
outras histórias.  
*At levem  
clypeum*<sup>735</sup> *et in  
fine libri*

Plautus in  
*Trinummo*

Antiquíssimo é o costume de pintar os escudos. Já na guerra de Tróia, como advirte Plínio<sup>733</sup>, eram os escudos pintados com imagens, e tenções dos cavaleiros, depois no tempo dos Gregos e Romanos veio-se a introduzir pintar nos escudos os feitos principais que cada um na guerra fizera. Donde nasceu o costume de dar escudos brancos aos soldados bisonhos, como quem os amoestava que se quisessem esmaltar aquele branco havia de ser à custa de seu braço e sangue<sup>II</sup>. E daqui cuido eu que se<sup>III</sup> originou o rigor de infâmia com que eram notados todos os que na guerra largavam o escudo e o deixavam em poder do inimigo, porque parece que lhe deixavam nele toda a honra que noutras batalhas tinham alcançado, e assi como a homens despojados de honra eram tidos por vis, e de nenhum preço. Notando Plauto os maus costumes do seu tempo, diz entre outras cousas:

*Scuta iacere, fugereque hostes more habent licentiam.*<sup>736</sup>

Deitar o escudo, e fugir do inimigo já pelo costume não se estranha. De sorte que sinal de mor covardia era perder o escudo da mão e braço esquerdo, que a lança, e a espada da direita, como disse Cícero.<sup>737</sup>

<sup>1</sup> No ms., a palavra «puras» sobrepõe-se a outra («finas»?), assim anulada. Na edição *princeps*, como em todas as outras até 1631, «puras».

<sup>II</sup> No ms.: «deseu braço, #esangue#.»

<sup>III</sup> No ms., entre «cuido euç» e «seoriginou», há um borrão ou uma rasura indecifrável.

<sup>733</sup> D. Marcos dá, neste caso, uma indicação errada. É no livro XXXV, IV, 13 da *Naturalis Historia* que Plínio se refere à iniciativa de Marco Emílio, o qual não só na basílica emiliana mas também na própria casa colocara retratos marciais, executados sobre escudos semelhantes aos que haviam sido usados na guerra de Tróia (*scutis enim, qualibus apud Troiam pugnatum est, continentur imagines*).

<sup>734</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, VIII, v. 626.

<sup>735</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, VII, v. 789. Na edição de referência: *at levem clipeum sublati cornibus Io*.

<sup>736</sup> Titus Maccius Plautus, *Trinummus*, v. 1034. Na edição de referência: *hostis*.

<sup>737</sup> Em vários lugares da sua obra, Cícero mostra partilhar de um sentido de honra muito enraizado na cultura clássica (vejam-se, por exemplo, as *Leis* de Platão, XII, 944-945): um conceito de brio militar segundo o qual era dever de cada guerreiro defender as próprias armas; *scutum* ou

As bombas vem de fogo e juntamente  
 as panelas sulfúreas tão danosas,  
 porém aos de Vulcano não consente  
 que dem fogo às bombardas temerosas.  
 Porque o generoso ânimo e valente  
 entre gentes tão poucas e medrosas  
 não mostra quanto pode, e com razão,<sup>738</sup>  
 que é fraqueza entre ovelhas ser Leão. (95v)//

Manda também vir bombas de fogo, e as panelas de pólvora tão prejudiciais, porém não consentiu que os bombardeiros dessem fogo às temerosas bombardas, porque não é de ânimo esforçado e generoso atemorizar aos que pouco podem, nem dar mostras de seu poder, porque é indício de ânimo fraco querer-se mostrar leão entre ovelhas mansas e humildes.

Porque o generoso ânimo, e valente *ect.*

Nos últimos versos desta Outava dá um documento estremado, aos grandes e poderosos dizendo que não mostrem sempre o que podem nem executem em qualquer ocasião todo seu poder. Sentença é de Séneca, na *Tragédia Édipo: Minimum debet licere cui multum licet*<sup>739</sup>. Pouco há-de fazer o que tem licença para fazer muito. Contrário voto dos soberbos mal inclinados, que nos ofícios que tem, fazem mais do que seu regimento lhe permite, avexando os que pouco podem, tiranizando os que lhe não resistem. Mas enfim vem outro mais poderoso que lhe faz padecer o dano que aos outros fizeram. Valente e generoso chama o nosso poeta ao varão que com os fracos se não mostra poderoso, porque não é valente, nem esforçado, o que tem muitas forças, mas o que sabe usar delas sendo forte com os soberbos, benigno com os humildes. Timbre da nobreza Romana era<sup>1</sup>, diz Virgílio, *Parcere subjectos et debellare superbos*<sup>740</sup>. Do Santo Rei D. Afonso

Seneca in  
*Oedipo re*

Virg. in 6

<sup>1</sup> No ms.: «nobresa Romana dequẽ/era dis Virgilio»...

*hastam abüicere* constituiria, por isso, motivo de infâmia, e Cícero não deixou de recordar elogiosamente a bravura de Epaminondas, que, ferido de morte, cuidara até ao fim da sorte do seu escudo (*Epistulae ad Familiars*, V, XII, 5). É possível, no entanto, que D. Marcos lembrasse aqui, mais do que Cícero, Plutarco, que no intróito à *Vida de Pelópidas* lembra quanto os gregos condenavam o abandono do escudo: *Græcorum uerò leges, non qui ense, aut lanceam, sed qui clypeum amittebant, multa damnabant* [...]. (*Pelopidæ Vita*, in *Plutarchi Cheronei Græcorum Romanorumque Illustrum Vitæ*, 1542, f. 81v).

<sup>738</sup> Na edição *princeps*, como em todas as outras até 1631, «razão».

<sup>739</sup> Lucius Annaeus Seneca, *Troades*, v. 336. Na edição de referência: *Minimum decet libere cui multum licet*.

<sup>740</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, VI, v. 853. Na edição de referência: *parcere subiectis*.

Henriques se lê<sup>741</sup> que quando se viu junto dos muros de Santarém de noite sem ser sentido e que havia de cometer a vila sem lhe resistirem, cheo deste brio e real esforço disse pera os seus: «É possível, companheiros, que havemos de cometer homens sossegados, e dormidos, estando nós armados? Deus sabe se me envergonho de tal feito». E se Mem Moniz lhe não acudira dizendo «Senhor, se com homens o houvéramos, tinha vossa razão lugar, porém com paredes altas e muros fortes, a quem havemos de cometer primeiro, são necessários ardis e invenções de guerra, a que os antigos chamaram estratagemas, dos quais se tira tanto louvor como (96)// com pelejar abertamente no campo», desistira sem dúvida El Rei do acometimento, mas com esta rezão se aquietou.

### As bombardas temerosas.

Petrus Maph.,  
*De rebus Indicis*

Nicolaus Beral.°

Richardus Bart.

Raphael Volat.

Pamphilus Saxo

Descreve-as Pedro Mafeo elegantissimamente nestas palavras: *Bombardae novae subtilitatis et operae admirandae inventum ferreos globos alia quae obturamenta illustrantibus flammis cum horrendo fragore contorquet*<sup>742</sup>. Diriva Nicolao Beraldo<sup>1</sup> este nome Bombarda de *bombo et ardere*, do estrondo, e chamam de fogo. Ricardo Bartolino lhe chamou *Turri praga*, arruinadora de torres, nome e epíteto novo, mas bem achado. Rafael Volaterrano diz que os Alemães inventaram este diabólico instrumento, e o mandaram de presente aos Venezianos quando eles tinham de cerco ãa cidade dos Genoeses<sup>743</sup>. Pânfilo Saxo falando da bombardasua veemência diz assi:

<sup>1</sup> No ms.: «Nicolao B\*e\*raldo»...

<sup>741</sup> No canto III, a conquista de Santarém volta a ser lembrada. A menos que D. Marcos considerasse aqui uma fonte hoje ignorada, todas as outras que mais adiante mostra conhecer e que influíram nos seus Comentários propõem uma narrativa diametralmente oposta à que esboça neste lugar. Com efeito, quer os cronistas (da *Crónica Geral de 1344 à Chronica de D. Afonso Henriques* de Duarte Nunes de Leão, passando pela de Duarte Galvão) quer o religioso crúzio que redigiu a *Vita Theotonii* insistem no deliberado carácter furtivo do ataque a Santarém e no segredo com que o rei quis proteger esse plano de conquista.

<sup>742</sup> Publicada originalmente em Florença, no ano de 1588, a obra de Giovanni Pietro Maffei (que esteve em Portugal para recolher informação e se encontrou em Lisboa, no ano de 1582, com Fernão Mendes Pinto e a sua «felicíssima memória» do Oriente) conheceu uma vasta difusão, quer através de reedições quer através de versões traduzidas. D. Marcos não transcreve todo o período que começa por citar, antes opta por reproduzir o seu início e o seu final: *Nondum apparuerant gentibus iis, novae subtilitatis & operis admirandi ballistae, oblongum in tubum & aequaliter teretem ex aere fusili figurate: quae non funibus aut nervis intentae singula mittunt spicula; sed inexcogitata praevis ratione, ad applicitos tenui ab tergo foramine igniculos cum incremento multiplici rapiendos, certo primium nitrati ac sulphurei pulveris modulo temperatae, insertos dein ore patente ferreos ex arte globos catenasque & alia obturamenta, fulminum instar flammis eluctantibus, cum horrendo fragore contorquent.* (*Historiarum Indicarum Libri XVI*, 1605, l. I, p. 32).

<sup>743</sup> Sob o título *Machinae Quaedam Bellicae, et Tormenta*, lê-se na *Officina* de Ravisius Textor: *Bombardam Galli uocant machinam à bombo & ardeo, ut autumat noster Nicolaus Beraldu: excrabile prorsus inuentum, quo nihil fulmini magis simile, luce, impetu, & odore teterrimo. Cuius inuentori (ut inquit ille) robur et aes triplex circa pectus erat, illum parentis crediderim sui ceruicem,*

*Si possem coeli sublimia tecta ferire  
parce tota Iovis Regia corrueret.*<sup>744</sup>

69

Porém disto que o Mouro aqui notou  
e de tudo o que viu com olho atento  
um ódio certo na alma lhe ficou,  
ũa vontade má de pensamento.  
Nas mostras, e no gesto, o não mostrou,  
mas com risonho, e ledo fingimento,  
tratá-los brandamente determina  
até que mostrar possa o que imagina.

Não serviu a vista destas cousas que o Mouro com sagacidade notou, de outra mais que de lhe acender n'alma um ódio mortal contra os nossos, e um danado pensamento nacido de ãa vontade corrupta, as quais cousas encobriu ele em seu fingido (96v)// peito, mostrando de fora sembrante alegre, determinando com esta fingida brandura metê-los mais facilmente no malicioso engano que urdia.<sup>1</sup>

Um ódio certo na alma lhe ficou.

Ainda que os dous autores que sigo, João de Barros, e Damião de Góis, difiram nas pessoas dos Mouros, porque Barros diz que este mouro com quem o Capitão praticou era do Reino de Fez, escola de milícia deste Reino, e Damião de Góis diz que era o mes[m]o<sup>II</sup> Xeque Çacoeja<sup>745</sup>, no que vai pouco, todavia concordam ambos, e todos os que escreveram esta história, que o ódio que começaram a ter aos nossos foi originado de saberem que os nossos eram Cristãos, a quem eles tem ódio hereditário como nós a eles. Difinindo nosso P.<sup>e</sup> S. Augustinho o ódio, diz assi: *Odium est vetus ira ex pluribus causis collecta, diuturno tempore*

---

<sup>1</sup> No ms.: «metelos \*mais\* facilmente no malicioso engano q̄ darimagnava urdia.» (leitura hipotética).

<sup>II</sup> No ms.: «mesco».

---

ê penetrália sparsisse nocturno cruore Hospitis, êc./Graphicam tormenti huius descriptionem, uide apud eundem Beraldum in Rusticum Politiani, ex uersibus Ioannis Mariæ Catanei. Ricardus Bartholinus Bombardam uocat turrifragam, nouo sed tamen conuenienti epitheto. Volaterranus ait Bombardam primam à Germanis dono Venetis datam, quum hi apud Clodiam fossam Genuenses obsiderent. (1560, I, pp. 337-338).

<sup>744</sup> Numa sequência de dísticos sobre armas de guerra, Saxo incluiu um texto sobre «Bombarda»: *Si coeli possem sublima tecta ferire:Me concussa Iouis regia corrueret.* (Pamphili saxi [...] Distichorum, 1499, l. V, s/f).

<sup>745</sup> João de Barros refere-se a «o Mouro», «natural do reino de Fez», distinguindo-o do Xeque «Çacoeja» (*Decada Primeira*, 1628, IV, IV, f. 66v); Damião de Góis identifica-o como o «Çacoeja», na *Chronica do Felicissimo Rei Dom Emanuel* (1566, I, XXXVII, f. 31).

*perseverans*<sup>746</sup>. Ódio é ira antiga originada de muitas causas que em um se ajuntaram, perseverando muito tempo. E conforme esta difinição, esta má vontade que os Mouros aos nossos mostraram era verdadeiro ódio, porque inda que àquela hora os viram a primeira vez, todavia *in specie* lhe tinham ódio antes que os vissem, só por serem Cristãos. Ódios há, sem dúvida, hereditários em algũas nações. A variedade das seitas é a mais urgente causa de ódio, assi como a conveniência nelas causa amor. Daqui procedem os ódios que os hereges setentrionais tem aos Católicos, de quem eram tão amigos quando todos estavam na união da Igreja. O ódio dos Samaritanos com os Judeus daqui naceu, e a divisão dos Fariseus e Saduceus pela mesma causa.

70

Pilotos lhe pedia o Capitão  
por quem pudesse à Índia ser levado,  
diz-lhe que o largo prêmio levarão  
do trabalho que nisso for tomado. (97)//  
Promete-lhos o Mouro com tenção  
de peito venenoso, e tão danado  
que a morte se pudesse<sup>1</sup> neste dia  
em lugar de pilotos lhe daria.

Pedia Vasco da Gama ao Xequê Çacoeja pilotos que o governassem até a Índia, prometendo-lhe largo prêmio de seu trabalho. O Xequê com engano lhos promete, mas a vontade era tal que com mais gosto lhe dera a morte que os pilotos que pediam.

71

Tamanho foi o ódio<sup>747</sup> e má vontade  
que òs<sup>748</sup> estrangeiros súpito tomou  
sabendo ser sequazes<sup>749</sup> da verdade  
que o filho de David nos ensinou.

---

<sup>1</sup> No ms.: «se pudesse lhes nestedia»...

---

<sup>746</sup> D. Marcos citará provavelmente pela *Polyanthea Nova* (1607, p. 276), onde, sob o título *Cupiditas*, são trazidas à colação duas definições de Ódio: uma, das *Tusculanae* de Cícero (*Odium est ira inveterata*); a outra, de Santo Agostinho, *in libris diffinitionum*, que D. Marcos repete, apenas alterando a ordem de duas palavras (*ex causis pluribus collecta* passa a *ex pluribus causis collecta*).

<sup>747</sup> Só na edição de 1613 se lê «Tamanho foi o ódio, e má vontade». Na edição *princeps*, como em todas as outras até 1631, «Tamanho o ódio foi, e a má vontade».

<sup>748</sup> Só na edição de 1631 se lê «òs estrangeiros»; na edição *princeps*, como nas restantes até 1631, a lição é «aos estrangeiros».

<sup>749</sup> Só na edição de 1631 se lê «sequazes»; na edição *princeps*, como nas restantes até 1631, a lição é «sequaces».

Ó<sup>750</sup> segredos daquela Eternidade  
a quem júizo algum não alcançou,  
que nunca falte um pérfido inimigo  
àqueles de quem foste tanto amigo!

Tudo isto fazia o Mouro pelo grande ódio que de repente tomou aos nossos, tanto que soube que eram Cristãos. Ó segredos divinos encobertos ao entendimento humano! Basta que nunca há-de faltar contrariedade, e inimigos mortais àqueles que são de Deus amigos?

Ó segredos *ect.* Assi restituímos este lugar, que andava até ‘gora errado’<sup>751</sup> dizendo «Os segredos» *ect.* Isto é exclamação que faz ao Céu, como fez S. Paulo, *O altitudo divitiarum ect.*<sup>752</sup> Estas exclamações se fazem quando o entendimento se acha<sup>I</sup> perturbado na consideração de algũa cousa misteriosa a que não pode dar solução. Como aqui o poeta, vendo estes pobres navegantes tão perseguidos, até daqueles a quem nunca ofenderam, e com quem tratavam com amizade e verdade. E exclama dizendo «Ó<sup>II</sup> segredos daquela eternidade». (97v)//

Ad Roma. 11

Virg., pr.<sup>o</sup>  
*Aenead.*,  
*O terque*  
*quaterque*  
*beati*<sup>753</sup>

Ó segredos daquela eternidade *ect. i.* Ó segredos de Deus que só é eterno. A diferença que há de perpétuo a eterno é esta: perpétuo é cousa que começou e não há-de ter fim, como a alma racional<sup>III</sup>; Eterno é cousa que nem começou, nem acabará, como Deus. E assi a eternidade se pode chamar idade de Deus, que é ãa estável duração sem princípio nem fim.

Que nunca falte um pérfido inimigo  
àqueles de quem foste tanto amigo.

texto

Matéria moral e predicativa tínhamos entre mãos com a sentença destes dous versos, em que o poeta nos diz os termos de que usa o mundo com os virtuosos e amigos de Deus, que são tratá-los com asperezas e rigores. Isto é o que S. Paulo tinha pregado: *Omnes qui volunt in Christo pie vivere persecutionem patientur*<sup>754</sup>.

<sup>I</sup> No ms.: «quando o entendimento \*se acha\* perturbado»...

<sup>II</sup> No ms., a redacção inicial terá incluído uma palavra mais («Ceo»?), rasurada, entre a interjeição e o substantivo «segredos».

<sup>III</sup> No ms.: «enaõ hadeter fim, \*como a alma racional\*; Eterno»...

<sup>750</sup> Na edição *princeps*, bem como nas de 1609, 1612 e 1613, «Os segredos»; nas edições de 1584, 1591, 1597, 1626 e 1631, «Ó segredos».

<sup>751</sup> Na verdade, a leitura aqui proposta vinha sendo oferecida já desde a edição de 1584, que D. Marcos tanto depreciou.

<sup>752</sup> Ad Romanos, 11, 33.

<sup>753</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, v. 94.

<sup>754</sup> Ad Timotheum II, 3, 12. Na edição de referência: *et omnes qui volunt pie vivere in Christo Iesu...*

E o Sábio: *Fili accedens ad servitutum Dei praepara cor tuum ad tentationem*<sup>755</sup>. Amoestações são do Céu, que nos avisa como nos havemos de armar de paciência os que professamos servir a Deus, e ter já por firme pressuposto que em tudo havemos de achar contradições do Mundo e seus sequazes.

72

Partiu-se nisto enfim co'a companhia  
das naus o falso Mouro despedido  
com enganosa e grande cortesia,  
com gesto ledó a todos e fingido.  
Cortaram os batéis a curta via  
das águas de Neptuno, e recebido  
na terra<sup>1</sup> do obsequente ajuntamento  
se foi o Mouro ao cógnito apouento.

Partiu-se finalmente o Mouro da armada despedindo-se dos por(98)//tugueses com muitas cortesias cheas de enganos, com a boca chea de riso, e o coração de malícia. Brevemente chegaram os batéis à terra que perto estava, onde chegando o Mouro foi recebido de seus familiares e criados, em companhia dos quais se recolheu pera sua casa.

Cortesia.

É cerimónia e cumprimento cortesão, que por isso se chama cortesia (como diz João de Barros), porque nas cortes dos Reis e Príncipes se usa com mais pontualidade. Vide Barros, *Década primeira*.<sup>756</sup>

Obsequente ajuntamento.

---

<sup>1</sup> No ms., a transcrição do verso teria começado por ser «na tem»... Há marcas de retoque na palavra, que foi transformada em «terra». A emenda é reforçada pela presença, em entrelinha, com caracteres bem desenhados, da palavra «terra».

---

<sup>755</sup> Liber Iesu Filii Sirach, 2, 1. Na edição de referência: *fili accedens servituti Dei sta in iustitia et timore et praepara animam tuam ad temptationem*.

<sup>756</sup> É na *Década Segunda*, e não na *Década Primeira*, que Barros explica, a respeito dos cumprimentos cortesãos: «E porque todas estas cerimónias se inventaram nas cortes dos príncipes, por nelas haver tanta precedência de dignidades, e estas súbditas a um príncipe, chamamos a todas estas reverências, cortesia: derivado de corte, onde tiveram seu nascimento, o qual vocábulo Corte parece que veio de Cohors, que é Latino, que quer dizer a nosso propósito ajuntamento de gente em acto de guerra debaixo do governo de ãa pessoa. E como o mundo todo está repartido nestas cortes, em que residem as cabeças dele, que são os príncipes, cada um ordenou modo de ser reverenciado e obedecido. Donde vemos tanta variedade de cortesias, e entre os bárbaros tão estranhas do nosso uso, que as havemos por riso, e eles as nossas, posto que todas vão a este fim de obediência [...]» (*Década Segunda da Asia*, 1628, V, II, fls. 100v-101).

Obsequente quer dizer obediente, e pronto a servir, epíteto mui conveniente aos criados e servidores. É obsequente às vezes nome adjectivo, às vezes participio de *obsequor*, que quer dizer *Alterius voluntati morem gero*<sup>757</sup>. Sou sujeito à vontade doutrem. Obséquio e serviço nisto diferem, que serviço é obséquio forçado, e obséquio é serviço gracioso, próprio dos filhos, e dos que servem com amor.

73

Do claro assento Etéreo o grão Tebano  
que da paternal coxa foi nacido,<sup>758</sup>  
olhando o ajuntamento Lusitano  
ao Mouro ser molesto e avorrecido,  
No pensamento cuida um falso engano  
com que seja de todo destruído,  
e enquanto isto só n'alma<sup>759</sup> imaginava  
consigo estas palavras praticava.

Vendo Baco lá do Céu que o Mouro Çacoeja tinha no coração concebido ódio grande contra os Portugueses, veio a tra(98v)//çar um ardil na fantasia que fosse causa de todos serem totalmente destruídos, e andando nestes pensamentos assidezia falando só consigo.

Do claro assento *ect.*

Perífrasis, do Céu, e de Baco, de quem tratámos, estança 30 deste primeiro canto. Agora se torna a meter nas fábulas, ou Alegorias, dizendo que Baco deu ordem a um motim e traição que nesta Ilha de Moçambique se levantou contra os nossos, porque como por Baco entende o Demónio tentador, e ele era a causa de todas estas desavenças, continua com a sua alegoria dizendo que lá no Céu onde estava viu ocasião bem parada, pera danar aos nossos no ódio que o Mouro contra eles tinha, de que os portugueses se não precatavam. Nisto alude a dous lugares de Virgílio, um do sétimo dos *Eneados*, quando Juno achou ocasião de empecer aos Troianos sobre o leve fundamento da morte do veado manso da Pastora Sílvia, de que se levantou a guerra dos rústicos por ordem da fúria Alecto; outro do primeiro dos *Eneados* quando Juno falando só consigo se começou a queixar do pouco que podia contra os mesmos Troianos, *ect.*, as quais queixas ela também deu quando viu como tinham alcançado pazes del Rei Latino, e começa-

Tomou ocasião Alecto do ódio que Amata tinha aos Troianos pera começar por ela a discórdia entre eles e os Rútilos.

---

<sup>757</sup> D. Marcos repete, *ipsis verbis*, a primeira definição que Calepino dá de *obsequor*, e segue também o que explica a respeito de *obsequens* (*Dictionarium Ambrosii Calepini*, 1560, p. 767).

<sup>758</sup> Só nas edições de 1609 e 1612 se lê «nacido»; na edição *princeps*, como em todas as outras até 1631, «nascido».

<sup>759</sup> Na edição *princeps*, como em todas as outras até 1631, «na alma».

vam a edificar casas em Itália tanto contra sua vontade dela<sup>760</sup>. Ouçamos de que se queixa Baco:

74

Está do fado já determinado  
que tamanhas vitórias tão famosas  
hajam os portugueses alcançado  
das Indianas gentes belicosas.  
E eu só, filho de<sup>761</sup> Padre sublimado,<sup>1</sup>  
com tantas qualidades generosas,  
hei-de sofrer que o fado favoreça  
outrem por quem meu nome se escureça? (99)//

De sorte que tem os fados já difinido, que os Portugueses nas terras orientais da Índia alcancem famosíssimas vitórias, e eu, filho de Júpiter, que além de ser filho de tal pai tenho em mim partes que calificam minha pessoa, hei-de consentir que os fados ajudem contra mim, a quem há-de escurecer o nome que hoje no mundo tenho.

Está do fado já determinado.

Começa Baco a desabafar consigo mesmo cada ira e sanha que contra os portugueses tinha, a qual prática, mudada a figura, é a própria que o Diabo faria, quando visse o zelo com que os Reis de Portugal mandavam descobrir a Índia com tenção de semear nela a palavra evangélica, e arrancar a sementeira que ele tinha feito naqueles incultos peitos e corações bárbaros da gente Oriental. Esta prática é mui semelhante à que Juno fez, quando viu que a pesar seu, por ordem dos fados se iam os Troianos chegando já pera Itália, como conta Virgílio, *Aene. pr.<sup>o</sup>*:

*Quum Juno aeternum servans sub pectore vulnus  
Haec secum. Me ne incepto desistere victam  
Nec posse Italia Teucrorum avertere Regem  
Quippe vetor fatis!*<sup>762</sup>

E eu só filho de padre sublimado.

---

<sup>1</sup> No ms., a palavra «sublimado» foi objecto de retoque; à margem, como que para dissipar dúvidas, foi reiterada.

---

<sup>760</sup> V. Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, vv. 34-49; VII, vv. 286-340.

<sup>761</sup> Na edição *princeps*, como em todas as outras até 1631, lê-se «filho do Padre».

<sup>762</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, vv. 36-39. Na edição de referência: *Cum Iuno...*

Virg.: *Ast ego quae Divum incedo Regina Jovisque  
Et soror et coniux ect.*<sup>763</sup>

Com tantas qualidades generosas.

texto

Qualidade est segundo a qual, algum se diz<sup>II</sup>, qual, *v.g.* se perguntar alguém: quem foi D. Afonso Henriques? Diremos foi o primeiro Rei de Portugal. Mas se perguntar, qual (99v)// foi El Rei D. Afonso Henriques, responderemos: foi magnânimo, forte, generoso, liberal, *ect.* Estas são as qualidades deste Rei. Diz agora Baco, que ele não só tinha as partes da nobreza de geração, pois era filho de Júpiter, mas também tinha qualidades pessoais generosas. Segundo Aristóteles, generoso é aquele que não degenera de sua boa geração. *Generosum est quod à sua natura non degenerat*<sup>764</sup>. E assi generoso e nobre diferem, que Nobre é aquele que procede de boa geração, e generoso é aquele que nacido de bons pais faz obras dignas de quem é. Disto se jactava agora Baco, porque sendo per geração filho de padre excelente, per feitos, era insigne e illustre.

Aristot., *Histor. Animal.* c. pr.<sup>o</sup>

75  
Já quiseram os Deuses que tivesse  
o filho de Filipo nesta parte  
tanto poder que tudo sometesse  
debaixo do seu jugo o fero Marte.  
Mas há-se de sofrer que o fado desse  
a tão poucos tamanho esforço e arte,  
qu'eu c'o grão Macedónio e c'o<sup>765</sup> Romano  
dêmos lugar ao nome Lusitano?

Vontade noutro tempo foi dos Deuses que Alexandre, filho de Filipo Rei de Macedónia, nesta região per armas alcançasse quanto quis. Pois agora cousa é que se sofra que a tão pouca gente dem os fados tal fortaleza e engenho que eu<sup>I</sup>, e o grande Alexandre, e ainda o Romano à vista de seu esforço percamos nosso merecimento?

Já quiseram os Deuses.

---

<sup>I</sup> No ms.: «engenho q̄ á vista sua; eu»...

<sup>II</sup> Salvo erro de leitura, a redacção é, no início desta frase, muito imperfeita.

---

<sup>763</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, vv. 46-47. Na edição de referência: *Iovisque*.

<sup>764</sup> O aforismo é atribuído a Aristóteles, sob o título *Generosus, Generositas*, na *Polyanthea Nova* (1607, p. 472), que aponta como fonte a *Historia Animal*, I. Sentença similar, colhida no tratado *De anima*, I (*Generosum, quod non à sui natura degeneravit*), encontra-se ali também.

<sup>765</sup> Na edição *princeps*, bem como nas de 1584, 1591, 1597 e 1609, «e Romano»; nas restantes edições até 1631, «e c'o Romano».

Traz exemplos de outros agravados, nomeando Alexandre Magno, e os Romanos, Alexandre vencedor de Poro Rei da Índia, e os Romanos conquistadores de muitos Impérios Orientais, inda que não chegaram à Índia. Diz agora Baco que a afronta que Alexandre (100)// lhe fez já passaria, porém tão poucos homens e por caminho tão comprido chegarem a fazer cousas com que o mesmo Baco, e Alexandre na Índia, e os Romanos onde suas armas chegaram, ficaram muito aquém, era discredito de todos, e abatimento seu maior.

E c'o Romano.

Parecerá erro de Retórica, não tendo feito menção dos Romanos acima, na repetição metê-los na conta, mas<sup>1</sup> foi traça do poeta em tudo excelente, que como representava um homem agastado e colérico não quis que acertasse em tudo o que dezia.

Virgil., X.  
*Aenead.*

Assi Virgílio introduzindo a Turno perturbado na nau em que Juno o salvou do poder de Eneas, que o buscava pera o matar, começa a falar com Júpiter:

*Omnipotens genitor tanton me crimine dignum  
Duxisti? Et tales voluisti expendere poenas?*<sup>766</sup>

E deixando a oração começa a variar:

*Quo feror? Unde abii? Quae me fuga? Quemve reducit?*<sup>767</sup>

Isto mesmo fez nas Églogas, que como representava pessoas rústicas como eram pastores, mete alguns descuidos com graça, um dos quais foi quando um pastor disse:

*In medium duo signa, Conon, et quis fuit alter  
Descripsit radio totum qui gentibus orbem!*<sup>768</sup>

Genesis, c. 19

Também na Sagrada Escritura quando os de Sodoma foram fazer a Lot aquele torpe requerimento que lhe trouxesse ali os Anjos que eles cuidavam que eram mancebos, no texto hebraico está um erro contra a gramática. Diz Blancucio nas suas *Instituições hebrëas* que de indústria primitiu Deus que errassem na linguagem os que erravam no que pediam.<sup>769</sup>

Blanchucius

---

<sup>1</sup> No ms.: «metellos na conta, \*Mas\* foi traça dopoeta»...

<sup>766</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, X, vv. 668-669.

<sup>767</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, X, v. 670.

<sup>768</sup> Publius Virgilius Maro, *Bucolica*, III, vv. 40-41.

<sup>769</sup> D. Marcos explorou o exemplo dado por Benedetto Biancuzzi e formulou de modo peremptório a insinuação que este havia feito acerca de uma singularidade gramatical presente no texto

Dêmos lugar.

Cedamos e os confessemos per superiores no valor e esforço. (100v)//

Ûa das mores excelências (a meu ver) que tem a poesia de Luís de Camões é que imitando a todos os bons poetas, em todas as imitações<sup>1</sup> alheas vai metendo algũa cousa sua. Agora vai imitando a Virgílio, na prática que consigo fez a envejosa Juno quando viu a prosperidade com que os Troianos navegavam pera Itália. Fez ali Juno um argumento *a minori* trazendo à memória o que Palas tinha feito, e como se vingara da afronta feita à sua sacerdotisa, e conclui, «e eu que sou Rainha dos Deuses não me posso vingar»:

*Ast ego quae divum incedo Regina ect.*<sup>770</sup>

O nosso poeta varia, e diz o seu Baco irado: «Já noutro tempo quiseram os Deuses que Alexandre Magno alcançasse vitórias notáveis nesta província em meu desprezo, porém os Portugueses mo querem fazer maior, sendo tão poucos, e fazendo mais que o mesmo Alexandre, e que eu» *ect.* Isto adverti, porque leo alguns poetas imitadores dos antigos, que não sabem ler mais que por aquele de que gostam, e ali se apegam sem seguir outro Norte, como João de Mena com Lucano, e outros.

76

Não será assi, porque antes que chegado  
seja este Capitão, astutamente  
lhe será tanto engano fabricado  
que nunca veja as partes do Oriente.  
Eu decerei à terra, e o indignado  
peito revolverei da Maura gente,  
porque sempre por via irá direita<sup>771</sup>  
quem do oportuno tempo se aproveita.

Tal não será, porque primeiro que o Capitão português a terra chegue, lhe urdirei tão enganosos enredos, que não chegue nunca à Índia, e terras orientais.

---

<sup>1</sup> No ms.: «em todas as suas imitações alheas»...

---

bíblico. Apontando um passo do Genesis (19, 17) como exemplo de desvio à ordem comum entre palavras ou entre sintagmas, Biancuzzi escreveu: *cum Vau pro Iòd mobili & est post – pronunciato Vau egredi fac: id quod non caret mysterio: sicut enim illi contra ordinem naturæ petebant, sic contra regulas Grammaticæ venit dictio.* (*Institutiones in Linguam Sanctam Hebraicam*, 1608, pp. 145-146).

<sup>770</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, v. 46.

<sup>771</sup> Na edição *princeps*, bem como nas de 1584, 1591 e 1609, «direita»; nas restantes até 1631, «direita».

A terra irei e revolverei o coração destes Mouros já contra os portugueses indinados, porque quem da ocasião se aproveita alcança o que deseja.<sup>II</sup> (101)//

Porque sempre por via irá direita  
Quem do tempo oportuno se aproveita.

Boa sentença e mui certa. Em todos os negócios a oportunidade é tudo, donde foi mui célebre aquele dito de Pítaco, γνῶθι καιρον, conhece o tempo *i.* a oportunidade<sup>772</sup>. Os pitagóricos deziam que a primeira causa de que nacia aos homens bom sucesso era a oportunidade. *Parvae occasiones magnarum rerum causae existunt*, dizia Demóstenes<sup>773</sup>. E Periandro, καιρον<sup>I</sup> πρόσμενε, *tempus expecta*<sup>774</sup>, espera ocasião. E Menandro, *Omnia tempestive gratiam habent*.<sup>775</sup>

in *Oration. ad  
Leptinem*

Ovídio: *Temporibus medicina valet. Data tempore prosunt  
Et data non apto tempore vina nocent*.<sup>776</sup>

Desta ocasião de tempo se quer aproveitar Baco, e diz que lhe vem a prepósito o ódio já concebido no peito dos Mouros pera destruir os portugueses.

77

Isto dizendo, irado, e quasi insano  
sobre a terra Africana descendeu,  
onde vestindo a forma e gesto humano  
pera o Prasso sabido se moveu.  
E pera melhor<sup>777</sup> tecer o astuto engano,  
no gesto natural se converteu

---

<sup>1</sup> No ms., a palavra «καιρον» aparece grafada duas vezes, tendo sido a primeira rasurada, aparentemente porque ali o desenho do segundo character não estava correcto.

<sup>II</sup> Parte da paráfrase foi escrita na margem da folha, como se tivesse sido necessário integrá-la no espaço restante.

---

<sup>772</sup> *Nosce tempus* – a frase figura entre os *Adagia* que surgem sob o título *Tempus*, na *Polyanthea Nova* (1607, p. 1127), e também aparece reproduzida num trecho citado sob o título *Occasio* (1607, p. 814). Tudo indica, no entanto, que, mais do que esse passo, D. Marcos traduz uma frase igualmente reproduzida na *Polyanthea Nova* sob o título *Occasio: Pithaci illa est celebrata sententia, γνῶθι καιρόν, id est, noris tempus vel opportunitatem, sive tempestativitatem*. (1607, p. 813).

<sup>773</sup> D. Marcos cita a *Polyanthea Nova*, onde, sob o título *Occasio*, se lê: *Parvae occasiones, magnarum rerum causae existunt. Demosthenes ex orat. ad Leptinem*. (1607, p. 814).

<sup>774</sup> Na *Polyanthea Nova*, sob o título *Occasio*, é apresentada a frase grega de Periander e a respectiva tradução latina: *Occasionem expecta* (1607, p. 813).

<sup>775</sup> D. Marcos segue a *Polyanthea Nova*, ainda sob o título *Occasio*. Aí é apresentada a frase grega de Menandro e a respectiva tradução latina (1607, p. 813).

<sup>776</sup> O passo acha-se incluído na *Polyanthea Nova*, sob o título *Occasio* (1607, p. 813).

<sup>777</sup> Na edição *princeps*, bem como nas de 1584, 1591, 1597, 1609 e 1612, «E por melhor»; nas edições de 1613, 1626 e 1631, «E por melhor».

dum Mouro em Moçambique conhecido,  
velho, sábio, e c'õ Xequê mui cabido.<sup>778</sup>

Acabando de dizer Baco estas cousas colérico e como fora de si, deceu do Céu à terra de África, e tomando humana figura se foi pera Moçambique, e pera que o engano ficasse (101v)// mais bem urdido tomou a figura natural de um Mouro velho mui prudente que com o Xequê tinha<sup>1</sup> grande entrada e conhecimento.

Gesto humano.

Este nome gesto é familiar ao nosso Camões. É gesto, segundo a gramática, *Compositio corporis et habitus quem in pronunciando et dicendo observamus*<sup>779</sup>. É aquela composição do corpo e meneos que fazemos quando praticamos ou dizemos alguma coisa. Esta é a verdadeira declaração desta palavra. O nosso poeta usa dela muitas vezes quando quer significar a aparência exterior do corpo humano, como aqui, e noutros muitos lugares.

Pera o Prasso sabido.

Já dissemos que esta Ilha de Moçambique faz uma ponta eminente ao mar, a que Ptolomeu chamou Prasso promontório, chama-lhe sabido assim porque era conhecido de Baco, como porque era já conhecido pelos antigos, pois já Ptolomeu ainda que por informação, teve dele notícia, e o calculou na sua *Geografia*, ou finalmente porque já estava descoberto pelos nossos.

Isto de mudar figura e tomar forma humana os Deuses é coisa nos poetas muito ordinária. Alecto foi falar a Turno em forma de uma velha sacerdotisa de Juno:<sup>II</sup>

*Alecto torvam faciem et furialia membra  
Exiit: in vultus sese transformat aniles ect.*<sup>780</sup>  
*Fit Calybea Iunonis anus, templique sacerdos.*<sup>781</sup>

---

<sup>1</sup> No ms.: «cõ o Xequê \*tinha\* grande entrada»...

<sup>II</sup> No ms.: «Fit Calybea Junonis anus ect.»

---

<sup>778</sup> Na edição *princeps*, bem como em todas as outras até 1631, «valido».

<sup>779</sup> Em obras de ampla circulação, como o *Dictionarium* de Ambrogio Calepino (v. 1560, p. 469) ou *De latina elegantia*, de Lorenzo Valla (v. 1533, p. 199), lê-se, a respeito de *Gestus: Est actio quedam & quasi pronuntiatio corporis*. Trata-se de uma definição que radica na lição de mestres clássicos da retórica (Cícero e Quintiliano, principalmente). D. Marcos move-se neste universo, mas a sua fonte é outra, e não foi possível identificá-la. Se se referiu a um compêndio, a «Gramática» em causa não será a célebre obra do P.º Manuel Álvares, *De Institutione Grammatica libri tres*.

<sup>780</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, VII, vv. 415-416. Na edição de referência: *anilis*.

<sup>781</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, VII, v. 419. Não é claro se a palavra grafada no ms. (aqui como no verso rasurado – v. *supra*, nota II) é *Calybea*, pois o desenho da última letra é de difícil leitura. Na edição de referência: *fit Calybe*...

O mesmo fez Íris, que vindo a Secília pera fazer queimar a armada dos Troianos, tomou forma de ùa matrona velha mui conhecida chamada Béroe<sup>782</sup>. Estas figuras de velhos são mais aptas pera persuadir, porque tem mais autoridade per rezão da gravidade de suas cãs e honrada velhice.<sup>1</sup> (102)//

78

E entrando assi a falar-lhe a tempo e horas  
a sua falsidade acomodadas,  
lhe diz como eram gentes roubadoras  
estas que ora de novo são chegadas.  
Que das nações na costa moradoras  
correndo a fama veio, que roubadas  
foram por estes homens que passavam,  
que com pactos de paz sempre ancoravam.

Este fingido velho vendo tempo oportuno pera seu engano entrou com o Xeque Çacoeja, e diz-lhe que esteja sobre si, porque estes homens que àquele porto tinham vindo eram Cossários que pelo mar vinham roubando os pacíficos moradores daquela costa, como daquelas partes tinham vindo novas certas, e que nos portos entravam com título de paz pera tomar os homens desacautelados e desprovidos.

... tempo e horas  
A sua falsidade acomodadas.

*Quaerere additus alicuius et molissima consultandi tempora*, diz Macróbio<sup>783</sup> que é buscar horas e tempos acomodados pera tratar algum negócio com efeito. Isto fazem os homens sagazes e prudentes como faziam os criados do Emperador Vespasiano, que sempre o tomavam nos banhos ou sobre mesa pera lhe pedir mercês. Horácio diz que se não buscasse tempo acomodado nunca suas palavras seriam aceitas nas orelhas de Augusto:<sup>ii</sup>

... *nisi dextro*<sup>iii</sup> *tempore Flacci*  
*Verba per attentam non ibunt Caesaris aurem.*<sup>784</sup>

---

<sup>1</sup> No ms., lê-se (sic), «ehonradavelhice», o que suscita um problema de leitura e leva a admitir duas hipóteses: «e honrada velhice»; «e honra da velhice». Pelo espaço entre letras (entre «honrada» e «velhice», nota-se uma distância maior), embora o traço se prolongue e ligue os dois lexemas, afigura-se mais provável a primeira hipótese.

<sup>ii</sup> No ms.: «nas orelhas deA\*u\*gusto»...

<sup>iii</sup> No ms.: *dextro*/**tro** *tempore*...

---

<sup>782</sup> V. Virgilius Publius Maro, *Aeneis*, V, vv. 618-653.

<sup>783</sup> No início do cap. II do Livro I de *Saturnalia*, lê-se: *Temptanti mihi, Postumiane, aditus tuos et mollissima consultandi tempora commodo adsunt feriae quas indulget magna pars mensis Iano dicati.*

<sup>784</sup> Quintus Horatius Flaccus, *Sermones*, II, I, vv. 18-19.

E assi mandando ele o seu livro ao Emperador amoesta o portador que atente primeiro em que estado o toma, se está são se está alegre, e assi entre; doutra maneira não. (102v)//

79

E sabe mais (lhe diz) como entendido  
tenho destes Cristãos sanguinolentos  
que quasi todo o mar tem destruído  
com roubos, com incêndios violentos.  
E trazem já de longe engano urdido  
contra nós, e que todos seus intentos  
são pera nos matarem e roubarem  
e mulheres e filhos cativarem.

E hás-de saber mais, lhe diz Baco, que tenho alcançado destes Cristãos desumanos e cruéis que todo esse mar deixam roubado, com latrocínios, pondo a ferro e a fogo os que nele encontraram, e agora chegaram a este porto com tenção de nos matarem, e roubarem, e levarem pera suas terras nossas mulheres e filhos cativos.

80

E também sei que tem determinado  
de vir por água a terra muito cedo  
o Capitão dos seus acompanhado,  
que da tenção danada nasce o medo.  
Tu deves de ir também c'os teus armado  
esperá-lo em cilada oculto e quedo,  
porque saindo a gente descuidada  
cairão facilmente na cilada.

E tenho juntamente sabido que está determinado de vir com seus barcos buscar água à terra, trazendo neles gente armada, porque a consciência<sup>1</sup> danada lhe causa este temor, portanto tu deves ir com os teus esperá-lo em cilada, porque quando eles menos o cuidarem dê de repente neles e os destruas. (103)//

Que da tenção danada nasce o medo.

A consciência má, não pode estar sem receo, sentença é do grande Agostinho meu padre: *Conscientia mala bene sperare non potest*<sup>785</sup>. E por isso os ladrões e

August., *Sup.*  
*Psal.* 31

---

<sup>1</sup> No ms., houve uma hesitação na escrita da palavra «consciencia»: sobre um «c», terá sido desenhada, como quarta letra, «s».

---

<sup>785</sup> Num comentário ao Salmo 31 (*Enarratio II. Sermo ad Plebem. Habitus sermo in quinta feria in basilica Restituta*), Santo Agostinho escreveu: *Quem uero pungit mala conscientia, retrahit*

malfeitores temem a justiça a cada folha de árvore que cai. Este temor é princípio de seu castigo. A lembrança da maldade cometida, diz Estácio Papínio, não deixa viver quieto ao malfeitor:

– *Invigilant animo scelerisque parati  
Supplicium exercent curae; tunc plurima versat  
Pessimus in dubiis augur timor.*<sup>786</sup>

Pelo contrário a boa consciência sempre vive quieta, porque não tem que temer. Perguntado o Filósofo Bias, qual era a cousa que nesta vida carecia de medo, respondeu: a boa Consciência. E chegou a dizer Ovídio que a boa consciência se podia rir até da própria fama:

Ovid., 4 *Fastor.*

*Conscia mens recti famae mendacia ridet.*<sup>787</sup>

E Plauto:

*Qui non deliquit, decet.  
Audacem esse et confidenter pro se, et proterve loqui.*<sup>788</sup>

Quando Vasco da Gama (como adiante veremos) foi malsinado dos Mouros com o Samorim, satisfez ele a esta calúnia diante do Rei com tanta confiança, e eficácia de palavras, que o mesmo Rei gentio o julgou por inocente, porque aquela confiança não estava em peito culpado. Agora diz o nosso Baco ao Xeque, que da má consciência, e danada tenção dos portugueses lhe vem o medo e recção que tem de serem castigados, e por isso vem com armas, pera que quando seu engano for descoberto se valham delas, e assi *a posteriori* veo<sup>1</sup> a concluir que eram traiidores, mas argumentava mal, porque sobeja confiança entre gente desconhecida e professora de diferentes leis fora erro manifesto, iam as armas nos batéis não pera ofender quem o não merecia, mas pera ofender quem lhe fizesse treição. (103v)//

---

<sup>1</sup> No ms., a forma «veo» parece sobrepor-se a «vem».

---

*se a spe, et non sibi sperat nisi damnationem* (*Sancti Aurelii Augustini Enarrationes in Psalmos*, I-L, 1956, p. 228). A frase, já sentenciosa, deve ter dado azo ao aparecimento de uma fórmula ainda mais concisa e lapidar, divulgada em obras como a *Polyanthea Nova* (1607, p. 231), sob o título *Conscientia*. É esta fórmula, ali atribuída a Santo Agostinho (*In Psal. 31*), que D. Marcos cita.

<sup>786</sup> Publius Papinius Statius, *Thebais*, III, vv. 4-5. O passo é citado na *Polyanthea Nova*, sob o título *Conscientia* (1607, p. 232).

<sup>787</sup> Publius Ovidius Naso, *Fasti*, IV, v. 311. Na edição de referência: *risit*. D. Marcos deve citar pela *Polyanthea Nova*, sob o título *Conscientia* (1607, p. 232).

<sup>788</sup> Titus Maccius Plautus, *Amphitruo*, vv. 836-837. Trata-se de uma fala de Alcmena, na qual esta personagem justifica perante o marido, Anfitrião, a veemência das suas declarações. D. Marcos cita pela *Polyanthea Nova* (1607, p. 232), onde se ajusta o texto de Plauto para melhor fazer deste passo um aforismo sobre *Conscientia*: o pronome feminino *quae* é convertido num masculino (*qui non deliquit...*).

E se assi<sup>789</sup> não ficarem deste jeito destruídos, ou mortos totalmente, eu tenho imaginado<sup>790</sup> no conceito outra manha, e ardil que te contente. Manda-lhe dar Piloto que de jeito seja astuto no engano, e tão prudente que os leve aonde sejam destruídos, desbaratados, mortos, e<sup>791</sup> perdidos.

E quando este primeiro ardil não surtir efeito, eu tenho traçado na imaginação um engano sagaz que te não há-de descontentar: concede-lhe o piloto que te pedem, mas este seja tão ardiloso e dissimulado que dê com eles onde achem sua total ruína e destruição.

Deste jeito.

Repete a mesma palavra, porque no primeiro lugar é nome, e no segundo advérbio. Em latim deste jeito *hac ratione, hoc modo, ect.* De jeito, *ita, sic.*

Seja astuto no engano e tão prudente.

Entre as partes e qualidades que havia de ter este enganoso Piloto que Baco enculcava ao Xequé pera dar aos portugueses, era ãa que havia de ser prudente. E como a prudência seja virtude, parece não convir a gente maliciosa. Contudo dizemos que também se dá prudência, acerca de cousas más, a que S. Tomás chama falsa prudência, e S. Paulo prudência da carne. E no Evangelho se chama prudência deste mundo. Esta se divide em seis partes: *astucia, dolus, fraus, prudentia carnis, sollicitudo temporalium superflua, sollicitudo futurorum*<sup>792</sup>. E com estas partes foi chamado prudente no Evangelho<sup>793</sup> o Mordomo dissipador dos bens de

S. Thom., 2.<sup>a</sup>  
2.<sup>o</sup>, q. 47, art.  
13; Paulus Ad  
Rom. 8

<sup>789</sup> Na edição *princeps*, como em todas as outras até 1631, «se inda».

<sup>790</sup> Na edição *princeps*, bem como nas de 1584 e 1591, lê-se «imaginada»; nas edições seguintes, até 1631, «imaginado».

<sup>791</sup> Na edição *princeps*, como em todas as outras até 1631, «ou perdidos».

<sup>792</sup> D. Marcos reproduz exactamente o elenco de seis formas de *falsa prudentia* apresentado na *Polyanthea Nova* (1607, p. 963). Também nesse passo (uma exposição esquemática, explicitamente baseada na lição de S. Tomás) cabe informação que D. Marcos retoma: *Falsa, habens cum vera prudentia similitudinem. [...] De qua Paulus ad Rom. 8. Prudentia carnis est.*

<sup>793</sup> Secundum Lucam, 16. Na parábola evangélica, o comportamento do mau servidor, decidido a apresentar contas desonestas, é objecto de uma apreciação elogiosa que só pode entender-se como irónica. Diz-se que o amo louva o seu capataz *quia prudenter fecisse*, e em parte esse louvor ecoa nas palavras com que Cristo começa por comentar tal exemplo, mas depressa dá lugar a uma lição que não admite equívocos: *non potestis Deo servire et mamona* (16, 13).

seu senhor, e ainda louvado por elas, donde se vê quanto seja o merecimento da prudência, que ainda em cousas más pode achar louvor. (104)//

82

Tanto que estas palavras acabou  
o Mouro, nos tais casos sábio, e velho,  
os braços pelo colo lhe lançou  
agradecendo muito o tal conselho.  
E logo nesse instante concertou  
pera a guerra o belígero aparelho  
pera que ao Português se lhe tornasse  
em roxo sangue a água que buscasse.

Tanto que Baco, que em figura do experimentado velho falava ao Xeque, acabou seu arreoamento, agradeceu-lhe o Xeque muito o conselho que lhe dava, e por isso lhe deitou os braços ao pescoço. E sem mais dilação, se ordenou pera fazer aos nossos guerra, pera que as claras águas que queriam, da cor do roxo sangue lhe tornassem.

83

E busca mais pera o cuidado engano  
Mouro que por piloto à nau lhe mande,  
sagaz, astuto, e sábio em todo o dano,  
de quem fiar se possa um feito grande.  
Diz-lhe que acompanhando o Lusitano  
por tais costas, e mares co<sup>I</sup> ele ande,  
que se daqui escapar, que lá diante<sup>II</sup>  
vá cair<sup>III</sup> onde nunca se levante.<sup>794</sup>

E pera que, quando não tivesse efeito esta treição primeira, (104v)// da segunda não pudessem<sup>IV</sup> escapar, busca um piloto pera lhe mandar, que em todo género de engano e treição seja destro e atilado, e deu-lhe por regimento que os guie por tais costas de mar, onde com cruel naufrágio fiquem pera sempre.

---

<sup>I</sup> No ms.: «e mares pō co elle ande».

<sup>II</sup> No ms.: «adiante».

<sup>III</sup> No ms., as palavras «va cair» são repetidas em entrelinha, decerto para dissipar as dúvidas que um borrão existente na cópia do verso poderia suscitar.

<sup>IV</sup> No ms.: «não possa/podessem»...

---

<sup>794</sup> Na edição *princeps*, como em todas as outras até 1631, «alevante».

Já o raio apolíneo visitava  
 os Montes Nabateos acendido,  
 quando Gama c'os seus determinava  
 de vir por água à terra aprecebido.<sup>795</sup>  
 A gente nos batéis se concertava  
 como se fosse o engano já sabido,  
 mas pode suspeitar-se facilmente,  
 que o coração pressago nunca mente.

Já sobre os Montes Nabateos o Sol abrasado estendia seus raios, quando Vasco da Gama com os portugueses tratavam de vir à terra de Moçambique em busca da água que lhe tinham prometido. Vinham todos armados, e aparelhados para o que sucedesse, como se tivessem certa notícia da treição que os Mouros lhe tinham urdido, mas não é muito que tal suspeitassem, porque em adivinhar males, não há cousa mais leal que o coração.

Já o raio Apolíneo visitava  
 Os montes Nabateos.

Nabatea é uma região Oriental de Arábia cuja metrópoli era Pétreia, distante de Hierusalém, como diz Estrabo, caminho de quatro ou cinco dias. E porque esta Região estava ao Oriente, veio-se a tomar pelo mesmo Oriente (Ovid., *Eurus ad auroram Nabatheaque regna recessit*<sup>797</sup>), e assim neste presente lugar Montes Nabateos quer dizer montes orientais, e quem notar bem o sítio de Moçambique advir-tirá que falou o poeta pro(105)//priamente, porque naquelas partes o Sol costuma nacer, ou aparecer pela manhã nas regiões de Arábia onde estavam os Montes Nabateos, como noutro lugar o mesmo poeta tratando de como o Sol se pôs aos que estavam na Ilha de Santa Helena, disse que se lhe pusera no lago Temistitão na América, onde o Sol desaparecia aos que estavam na Ilha de Santa Helena.

Strab., l. 16<sup>803</sup>

Ovid., 2 *Met.*

Que o coração pressago nunca mente.

Opinião foi de alguns antigos, que o coração era o assento do Entendimento humano, e por isso, ao ânimo chamaram coração, o que é falso, como é já hoje opinião corrente. Dizer que o coração adivinha o futuro, é termo mui ordinário. Adivinham os homens o que recebem, e nisto que é adivinhar danos e trabalhos ordinariamente se acerta. Donde quando Mezêncio ouviu os gritos dos soldados adivinhou que era morto seu filho Lauso:

<sup>795</sup> Na edição *princeps*, como em todas as outras até 1631, «apercebido».

<sup>796</sup> Estrabão, tratando da Arábia, na sua *Geografia*, lembra a região Nabatea e descreve elogiosamente Petra (16, 4, 21).

<sup>797</sup> Trata-se do verso 61 do livro I (e não II) das *Metamorfoses* de Ovídio.

*Agnovit longe gemitum praesaga mali mens.*<sup>798</sup>

E André Alciato diz que a sorte ruim nunca mente:

*Rebus in adversis mala sors non falitur.*<sup>799</sup>

E agora de presente vemos que Vasco da Gama mandou ir os seus aprecebidos de armas, porque o coração lhe adivinhava que lhe haviam de fazer aqueles Mouros treição, e não se enganou.

85<sup>II</sup>

E mais também mandado tinha à terra  
de antes pelo piloto necessário,  
e foi-lhe respondido em som de guerra,  
caso do que cuidava mui contrário.  
Por isto, e porque sabe quanto erra  
quem se crê de seu pérfido adversário,  
aprecebido<sup>800</sup> vai como podia  
em três batéis somente que trazia.

Corroborou mais sua suspeita o Capitão quando mandando por (105v)// o piloto que lhe prometeram, lhe foi respondido<sup>I</sup> fora do que ele esperava, em forma de guerra. Por esta causa, e porque conhece bem o Capitão quão ignorante é aquele que de seu inimigo se fia, vai aprecebido pera o que lhe acontecesse, levando os três batéis que tinha com artelharía e soldadesca ordenada.

– e porque sabe quanto erra  
Quem se crê de seu pérfido inimigo.

Mui certa é esta sentença, aprovada pelo Sábio, que dizia: *Non credas inimico tuo in aeternum*<sup>801</sup>, nunca te fies de inimigo, e mais abaxo, *Non statuas illum penes te, nec sedeat ad dexteram tuam*<sup>802</sup>. Temer inimigo é lanço de homem prudente, inda que nos pareça de nenhum momento. *Inimicum quamvis humilem docti*

<sup>I</sup> No ms.: «foi lhe \*foi\* respondido»...

<sup>II</sup> A grafia dos algarismos é aqui confusa, com sobreposições e emendas ininteligíveis.

<sup>798</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, X, v. 843.

<sup>799</sup> D. Marcos cita o Emblema CXXIX, *Semper praesto esse infortunia*, de Andrea Alciato (*Emblemas*, 1985, p. 168).

<sup>800</sup> Na edição *princeps*, como em todas as outras até 1631, «aprecebido».

<sup>801</sup> Liber Iesu Filii Sirach, 12, 10.

<sup>802</sup> Liber Iesu Filii Sirach, 12, 12. Os dois passos são citados para ilustrar o conceito *Prudenter vitandus*, sob o título *Inimicitia*, na *Polyanthea Nova* (1607, p. 574).

*est metuere*<sup>803</sup>. Temer o inimigo inda que humilde é de homem sábio. Pôs El Rei D. Manuel aos de seu conselho, o como se haveria com Fernão de Magalhães, que andava em Castela tratando cousas contra seu serviço. Respondeu o Duque de Bargaça, «não faça V. A. caso de escudeiros, que pode esse agora fazer?» Acudiu a isto o Arcebispo de Lisboa dizendo: «Senhor, inimigo, ou grande ou pequeno sempre se há-de temer.» El Rei não fez caso de Fernão de Magalhães, ele foi por diante com sua desleal tenção, e deu muito que fazer a este Reino, e estarem hoje Castelhanos no Moluco<sup>804</sup> a este descudo se deve.

86

Mas os Mouros que andavam pela praia  
por lhe defender a água desejada,  
um de escudo embraçado<sup>805</sup>, e de azagaia,  
outro de arco encurvado e seta ervada,  
Esperam que a guerreira gente saia,  
outros muitos já postos em cilada,  
e porque o caso leve se lhe faça,  
põe uns poucos diante por negaça. (106)//

Apareceram na praia onde os nossos queriam desembarcar, os mouros pera lhe defender a saída e aguada que desejavam, armados uns de azagaias, outros de arcos e frechas ervadas, e desta sorte lhe fizeram rosto, pondo-se outros em cilada, pera que quando entrassem lhe saíssem tomando-os desacautelados, e pera fazer melhor isto, lhe largaram diante uns poucos pera que vendo-os os nossos lhe saíssem e depois arrebrandando os da cilada os matassem todos.

87

Andam pela ribeira alva arenosa  
os belicosos Mouros acenando  
com a adarga e co a hástea perigosa

<sup>803</sup> O passo é citado na *Polyanthea Nova*, sob o título *Timor* (1607, p. 1140).

<sup>804</sup> Moluco ou Maluco era o nome dado a um conjunto de cinco ilhas do Pacífico (Ternate, Tidore, Maquiém, Motir, Bachão), muito importantes, no século XVI, enquanto produtoras de uma especiaria valiosa e rara: o cravo. Após a estratégica conquista de Malaca, em 1511, os portugueses puderam explorar a Insulíndia e aproximar-se do Extremo Oriente, mas os laços estabelecidos com Maluco depressa foram perturbados pela chegada dos castelhanos, que invocando o Tratado de Tordesilhas reivindicaram a alçada sobre esse território. A disputa pelo domínio do arquipélago (só resolvida em 1529, com o Tratado de Saragoça) opôs D. João III e Carlos V, que mobilizaram, para o efeito, os seus melhores letrados e homens de ciência. À data em que D. Marcos escrevia, porém, além da presença de castelhanos, haveria a registar o progressivo ascendente dos holandeses em toda aquela região (v. Luís Filipe F. R. Thomaz, «Maluco e Malaca», in *De Ceuta a Timor*, 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Difel, 1998, pp. 537-565).

<sup>805</sup> Na edição *princeps*, como nas de 1597 e de 1612, lê-se «embarçado»; nas restantes, até 1631, a lição é «embraçado».

os fortes portugueses incitando.  
Não sofre muito a gente generosa  
andar-lhe os Cães os dentes amostrando,  
qualquer em terra salta, tão ligeiro  
que nenhum dizer pode que é primeiro.

Sobre a branca area da praia andavam os guerreiros maometanos acenando aos portugueses com as adargas e azagaias perigosas, porém o ânimo generoso não pôde levar em paciência as algazarras que os perros lhe faziam, e assi com o desejo de se vingar saltaram em terra tantos juntos que nenhum se pode jactar que foi primeiro.

88  
Qual no corro sanguíneo<sup>806</sup> o led<sup>1</sup> amante  
vendo a fermosa dama desejada  
o touro busca, e pondo-se diante  
salta, corre, sibila, acena, e brada, (106v)//  
mas o animal atroce nesse instante  
com a fronte cornígera inclinada  
bramando duro corre, e os olhos cerra,  
derriba, fere, e<sup>II</sup> mata, e põe por terra.

Semelhante<sup>III</sup> foi este acto, ao que acontece nãa praça onde se correm touros, quando o amante mais atrevido que prudente, por agradar a dama que da janela o está vendo sai ao corro e buscando o touro bravo se lhe põe diante, acenando-lhe com a capa, gritando por ele com sobeja confiança, mas o terrível animal brevis-simamente chega a ele, e inclinando a testa armada, cerra os olhos de colérico, derribando, ferindo e matando o atrevido aventureiro.

É esta comparação própria de Camões e pera o lugar mui apropositada, porque compara os Mouros de Moçambique que na praia com acenos irritavam e convidavam os nossos à peleja, os quais saindo a eles com ferocidade os levaram diante de si, derrubando e ferindo e matando neles, ao que acontece a um namorado, que por comprazer à dama que o está vendo se põe diante do touro, o qual o leva nos cornos, derriba, e maltrata. A este deu-lhe amor o atrevimento, tomando o conselho de Tibulo, que diz falando com um amante:

---

<sup>1</sup> No ms., a palavra «ledo» resulta de retoque e emenda de «cego».

<sup>II</sup> No ms.: «fere, \*e\* mata»...

<sup>III</sup> No ms.: «Comtantagallhardia entravaõ os Portugueses naquella pelleia como acontece Semelhante»...

---

<sup>806</sup> Na edição *princeps*, bem como nas de 1584, 1591, 1609, 1612 e 1626, «sanguino»; na edição de 1597, «sanguinho»; nas edições de 1613 e 1631, «sanguíneo».

*Audendum est, fortes adjuvat ipsa Venus.*<sup>807</sup>

Mas foi temerária esta ousadia, pois não mediu o a que se arri[s]cava<sup>1</sup> pelo que podia. Destes diz Aristóteles que se não hão-de chamar fortes senão néscios, e desassisados.<sup>808</sup> (107)//

Aristóteles,  
3.º Moral.  
*Nichoma.*<sup>809</sup>

89

Eis nos batéis o fogo se levanta  
na furiosa, e dura artelharia,<sup>810</sup>  
a plúmbea péla mata, o brado espanta,  
ferido o ar, retumba, e assovia.  
O coração dos Mouros se quebranta,  
o temor grande o sangue lhe resfria,  
já foge o escondido de medroso  
e morre o descoberto aventureiro.

Eis nisto os dos batéis deram fogo à artelharia terrível e espantosa. Os pilouros de chumbo matam os que encontram; o estrondo espanta, e põe terror aos que o ouviam; o ar que as balas rompem assovia, e o som por todas as partes retumbava. Eis os mouros perdem o ânimo e o brio, os que estavam encobertos fogem, com medo, da cilada<sup>II</sup> em que jaziam, e os atrevidos aventureiros que descobertos andavam morrem sem remédio.

90

Não se contenta a gente Portuguesa,  
mas seguindo a vitória estrui e mata,  
a povoação sem muro, e sem defesa,  
esbombardea acende<sup>III</sup> e desbarata.  
Da cavalgada ao Mouro já lhe pesa,

---

<sup>I</sup> No ms.: «arricava».

<sup>II</sup> No ms.: «descubertos/en fogẽ cõ medo, eos da cilada»...

<sup>III</sup> No ms.: «esbombardea **estruê/acende** e desbarata».

---

<sup>807</sup> Albius Tibullus, *Carmina*, I, 2, v. 16. A sentença, que teria eco em Ovídio, radica numa fórmula proverbial onde a Fortuna ocupa lugar decisivo – *fortis fortuna adiuvat* (v. Publius Terentius Afer, *Phormio*, v. 203).

<sup>808</sup> Sobre a virtude da prudência, associada à *fortitudo*, v. *supra*, nota 590. D. Marcos não o refere, mas no canto VIII d'Os *Lusíadas* (est. 89 e segs.) esta questão volta a ser tratada.

<sup>809</sup> Na *Ética a Nicómaco*, a reflexão sobre a prudência situa-se especialmente no livro VI. No livro III, é no capítulo VII que, a propósito da coragem e dos limites que a razão pode impor-lhe, surge uma advertência como a que D. Marcos recorda, associando o excesso de audácia a uma forma de loucura.

<sup>810</sup> Só na edição de 1613 se lê «artelharia»; na edição *princeps*, como nas restantes impressas até 1631, a lição é «artilheria».

que bem cuidou comprá-la mais barata,  
já blasfema da guerra, e maldizia,  
o velho inerte e a mãe que o filho cria.

Não se deram os portugueses por satisfeitos desta primeira vingança, mas indo seguindo a vitória, e os inimigos que lhe fugiam, os foram destruindo e matando. E esbombardeando a fraca povoação a puseram por terra. Arrependido estava já o Xeque, da cavalgada, (107v)// que a menos custo seu esperava alcançá-la. O velho inútil pera a guerra, e a mãe que aos peitos o filho criava começaram a maldizer a guerra e os autores dela.

O sucesso desta batalha contam os autores alegados, e foi a primeira que nesta jornada e descobrimento os nossos houveram. Nos versos há pouco que declarar, e por isso nos contentamos com a construção da estança<sup>1</sup>, porque ela basta. Onde diz que o velho e a mãe que o filho cria blasfemavam a guerra, é termo ordinário dos poetas.

Velhos, mulheres, e meninos, por isso os soldados lhe perdoam porque nunca tem culpa na guerra, nem ela se faz por sua vontade, assi escrevia Penélope ao seu Ulisses, que em sua casa havia três pessoas inúteis pera a guerra: ela, o pai velho, e o filho menino.

*Tres sumus imbelles numero, sine viribus uxor  
Laertesque senex, Thelemacusque puer.*<sup>811</sup>

100                      91  
Fugindo, a seta<sup>II</sup> o Mouro vai tirando  
sem força, de covarde e de apressado,  
a pedra, o pau<sup>III</sup> e o canto arremessando,  
dá-lhe armas o furor desatinado.  
Já a Ilha, e todo o mais desemparrando,  
à terra firme foge amedrontado,  
passa, e corta do mar o estreito braço  
que a Ilha em torno cerca em pouco espaço.

Fugiam os Mouros, e às vezes faziam rosto atirando suas setas, que com o medo e pressa dos que as despediam levavam pouca força. Outros atiravam com pedras, e paus, e tudo o demais que o furor lhe ministrava. Mas já neste tempo a

---

<sup>1</sup> No ms., a primeira redacção foi «construção dos versos». Parte da preposição foi transformada («dos»/«da»); em entrelinha, substituindo «versos», foi acrescentada a palavra «estança». Como noutras emendas análogas, D. Marcos muda palavras para evitar repetições vocabulares.

<sup>II</sup> No ms.: «Fugindo \*aseta\* o Mouro»...

<sup>III</sup> No ms., «pao» resulta da rasura e da transformação de uma palavra agora ilegível.

---

<sup>811</sup> Publius Ovidius Naso, *Heroides*, I, vv. 97-98.

Ilha era despejada, deixando nela os Mouros o que possuíam, e cortando o braço de mar que aparta a ilha de continente, que não era largo, se salvaram em terra. (108)//

A pedra, o pau, o canto arremessando  
dá-lhe armas o furor desatinado.

Virgílio: *Iamque faces et saxa volant, furor arma ministrat.*<sup>812</sup>

Virg., 1.º *Aen.*

101                      92  
Uns vão nas almadias carregadas,  
um corta o mar a nado diligente,  
quem se afoga nas ondas encurvadas,  
quem bebe o mar, e o deita juntamente.  
Arrombam as miúdas bombardadas  
os pangaios sutis da bruta gente,  
desta arte o Português enfim castiga  
a vil malícia, pérfida inimiga.

Alguns salvando o que puderam de sua fazenda nas almadias, com elas vão passando à outra parte. Outros a nado passam, com a pressa, as ondas que vem fazendo curvos arcos levaram alguns e os afogaram, outros bebendo da água salgada, a tornam logo a vomitar. As bombardadas que amiúde tiravam metiam alguns pangaios no fundo. Desta sorte ficou castigada a treição maliciosa do pérfido inimigo.

Os pangaios sutis.

Género de embarcação são estes pangaios particular a esta costa<sup>1</sup> de Moçambique, por serem mui ligeiros pera dar aquelas voltas que são necessárias dar-se naquela confusão de ilhas que ocupam aquele mar que está entre Moçambique e a grande Ilha de S. Lourenço.

102                      93  
Tornam vitoriosos pera a armada  
c'ò despojo da guerra, e rica presa,  
e vão a seu prazer fazer aguada  
sem achar resistênciã nem defesa. (108v)//  
Ficava a Maura gente magoada

---

<sup>1</sup> No ms.: «aesta **terra/costa**»...

---

<sup>812</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, v. 150.

no ódio antigo mais que nunca acesa,  
e vendo sem vingança tanto dano  
somente estriba no segundo engano.

Feito este castigo se tornaram os soldados a embarcar carregados dos despojos dos pérfidos mouros. Depois disso vão fazer sua aguada de paz e dia bom sem alguém lho contradizer. Os Mouros com este açoute escandalizados se confirmaram mais no ódio que aos nossos tinham, e consolavam sua pena e mágoa com esperança que o segundo engano que tinham maquinado, que era o dos pilotos, os havia de vingar do passado.

103                      94  
Pazes cometer manda arrependido  
o Regedor daquela inica terra,  
sem ser dos Lusitanos entendido  
que em figura de paz lhe manda guerra.  
Porque o piloto falso prometido,  
que toda a má tenção no peito encerra,  
pera os guiar à morte, lhe mandava,  
como em sinal das pazes que tratava.

O Xequê Çacoeja governador de Moçambique, como<sup>I</sup> arrependido do passado manda pedir ao Capitão Português pazes, sem ele entender que com aquela fingida paz lhe determinava fazer mui crua guerra, porque o piloto que lhe mandou em sinal da mesma paz, era falso, e determinado ia em seu propósito de os fazer dar à costa ou meter em porto donde fossem destruídos e mortos. (109)//

104                      95  
O Capitão que já lhe então convinha  
tornar a seu caminho acostumado,  
que tempo concertado e ventos<sup>II</sup> tinha  
pera ir buscar o Indo desejado,  
recebendo o Piloto que lhe vinha  
foi dele alegremente agasalhado,  
e respondendo ao mensageiro atento  
as velas manda dar ao largo vento.

Vasco da Gama, porque lhe convinha ir seu caminho pois já cursava vento acomodado pera sua navegação à Índia que tanto desejava de achar, recebeu o

---

<sup>I</sup> No ms.: «Moçambique \*como\* arrependido»...

<sup>II</sup> No ms., «ventos» parece cobrir uma outra palavra, em parte retocada em parte rasurada – «tempo».

Piloto que o Xequê lhe mandou, com agasalhado, e respondendo brevemente ao Xequê pelo mensageiro que ele lhe mandara deu à vela.

O Capitão que já lhe então convinha.

De tal sorte havemos de declarar as histórias que o nosso Poeta toca que não havemos de deixar de dar conta dalgũas que ele passa concernentes à mesma história. Deixamos Vasco da Gama correndo com amizade com o Xequê e visitado dele, e assi lhe mandou da terra dous pilotos que sabiam bem a costa dali até a Índia, com os quais se concertou, e lhe deu logo o preço em que se avieram, pelo eles pedirem, e depois disso não os deixava ir ambos a terra, mas quando um ia, ficava outro na nau. Neste tempo, indo dous barcos nossos a terra em busca de lenha, por detrás da Ilha lhe saíram sete zambucos com muita gente e dispararam neles muitas setas, mas também houveram reposta de muitas espingardas, e bestas que neles dispararam. Com este rompimento de paz não foi mais algum dos nossos a terra, e um dos pilotos indo a ela não tornou mais, porque acertou de estar em terra ao tempo do rompimento. Vasco da Gama levou âncora daquele porto, e foi tomar outro na Ilha de S. Jorge, (109v)// pouco afastado de Moçambique, e aqui tendo primeiro conselho com os Capitães e pilotos se fez à vela caminho da Índia levando consigo um dos pilotos, e aos quatro dias de sua partida, pelas águas correrem muito tesas, se achou quatro ou cinco léguas aquém de Moçambique, e foi surgir à Ilha de S. Jorge donde saíra, sem entretanto ter comércio com os da terra. Porém vendo que a água lhe ia faltando, mandou de noite dous barcos para lha trazerem de terra per conselho do Mouro piloto que prometeu levá-los aos poços onde se fazia aguada, e o Mouro, ou que perdesse o tino do caminho por ser noite, ou que buscasse modo de se escapular do que o levava, trouxe-os toda a noite dũa parte pera a outra sem atinar c'os poços, o que obrigou a Vasco da Gama mandar a isso de dia dous barcos bem armados, e em que pês aos que lhe impediam a água trouxeram a que quiseram. Neste tempo o Mouro piloto que ficara fugiu a nado, e um negro grumete, pelo que Vasco da Gama ao dia seguinte com mão armada foi demandar a povoação, onde os mouros na praia lhe deram mostra de até dous mil e logo se recolheram. Vasco da Gama lhe mandou fazer sinal de paz, ao que acudiram, e havendo recados de parte a parte se concluiu o negócio, que eles romperam com grandes gritas donde estavam escondidos, atirando muitas setas aos dos batéis, os quais os deixaram chegar, e dando fogo à artilharia, assi ficaram castigados, que logo trataram de se acolher à terra firme, em zambucos, dos quais um carregado de fato ficou nas mãos dos nossos, e por ordem de um Mouro velho que nele ia, porque os outros deitaram-se a nado, foram aos poços fazer aguada sem contradição. E ultimamente por concerto de paz lhe tornou o Xequê a mandar outro Piloto, ou por melhor dizer (como João de Barros diz) um mortal inimigo<sup>813</sup>, e com ele (110)// deu à vela caminho da Índia.

---

<sup>813</sup> A expressão é exactamente a que Barros usa para designar o piloto que, já após o conflito travado entre os portugueses e os habitantes da Ilha de Moçambique, conduziu Vasco da Gama

Esta é a história do sucesso de Moçambique até a presente estância, daqui por diante até o fim do canto primeiro trata de algũas treições que o piloto lhe urdia, ãa das quais foi metê-los por ãas restingas onde houveram de ficar pera sempre se os Deus não livrara, pela qual culpa foi o piloto mui bem açoutado, a outra foi querê-los com engano levar a Quíloa, dizendo ser Cidade de Cristãos, o que não teve efeito, porque as águas que corriam muito os não deixaram tomar a barra, ou por melhor dizer não primitiu Deus. O terceiro e último engano foi querê-los meter em Mombaça, dizendo que era Cidade de Mouros onde de mistura moravam muitos Cristãos, e aqui foi seu engano manifesto como adiante veremos.

105                      96  
Desta arte despedida a forte armada  
as ondas de Anfitrite dividia,  
das filhas de Nereu acompanhada,  
fiel, alegre, e doce companhia.  
O Capitão, que não caía em nada  
do enganoso ardil que o Mouro urdia,  
dele mui largamente se informava  
da Índia toda, e costas que passava.

Desta sorte deram os nossos à vela, indo as naus cortando as ondas do mar, acompanhadas das Ninfas Nereidas, leal, fermosa, e suave companhia. O Capitão-mor, que inda até então não alcançava a malícia do piloto, ia praticando com ele muito devagar, informando-se miudamente assi da Índia como das costas de mar por onde navegavam. (110v)//

As ondas de Anfitrite dividia  
Das filhas de Nereu acompanhada.

Segundo as fábulas, Anfitrite foi filha de Tétis e do Oceano, mulher de Neptuno, toma-se pelo mesmo mar. Ovid.:

– *nec brachia longo*  
*Margine terrarum porrexerat Amphitrite.*<sup>814</sup>

Ovid., 1.º. *Met.*

As ondas de Anfitrite quer dizer neste lugar as ondas do mar. Assi como Virgílio querendo dizer que navegavam os Troianos pelo mar de Sicília, diz que cortavam as escumas de sal:

---

daí até Mombaça: «levando consigo mais verdadeiramente um mortal imigo que piloto» (*Decada Primeira da Asia*, 1628, IV, V, f. 69v).

<sup>814</sup> Publius Ovidius Naso, *Metamorphoses*, I, vv. 13-14.

*Et spumas salis aere ruebant.*<sup>815</sup>

Virg., 1 *Aen.*

As filhas de Nereu.

Nereu, filho de Tétis e de Oceano, foi Deus do mar. Casou com sua Irmã Dóris, e foi pai das Ninfas Nereidas. Estas tiveram vários nomes que o Sepontino expõe declarando sua sinificação<sup>816</sup>. Por estas Ninfas entende o Poeta os Santos Anjos que guardavam a estes navegantes e os acompanhavam, e por isso lhe chama fiel, alegre e doce companhia.

Sepontinus *Sup. Epigram.* 27, página 176, col. 3, l. 45 in meo

106                      97  
Mas o Mouro instruído nos enganos  
que o malévolo Baco lhe ensinara,  
de morte ou cativoiro novos danos  
antes que à Índia chegue lhe prepara.  
Dando razão dos portos indianos  
também tudo o que pede lhe declara,  
que havendo por verdade o que dezia<sup>817</sup>  
de nada a forte gente se temia.

Porém o Piloto mouro ensinado nos maliciosos enganos do perverso Baco, dava ordem com que estes navegantes a quantos trabalhos tinham passado ajuntassem (111)// o extremo de todos<sup>1</sup> que era ser mortos ou cativos nesta costa. Este dando-lhe razão de todos os portos da Índia ia declarando aos nossos tudo o que lhe perguntavam, porque os portugueses valerosos tinham pera si que este lhe falava verdade, e assi não se receavam que lhe mentisse.

107                      98  
E diz-lhe mais, c'ò falso pensamento  
com que Sínon os Frígios enganou,  
que perto está ãa Ilha cujo assento  
povo antigo Cristão sempre habitou.  
O Capitão, que a tudo estava atento,  
tanto co estas novas se alegrou

---

<sup>1</sup> No ms.: «o ~~de~~ \*extremo detodos queera\* ser mortos»...

<sup>815</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, v. 35.

<sup>816</sup> No comentário a *De Naumachia Epigramma*. XXVII, Nicolau Perotto apresenta um rol de nomes de *Nereides*, que explica, um a um. Por exemplo: *Γλαυκη glauce, a calore [sic] maris; Κυμοβοη cymothoe a velocitate undarum; Δυναμενη dynamene, quod pollens, potensque sit.* (*Corvncopiae D. Nicolai Perotti*, 1543?, f. 176, col. 3, l. 45).

<sup>817</sup> Na edição *princeps*, bem como nas edições de 1609, 1613, 1626 e 1631, «dizia»; nas restantes até 1631, «dezia».

que com dádivas grandes lhe rogava  
que o leve à terra onde esta gente estava.

E mais lhe disse com a malícia de que Sínon usou pera enganar os Troianos, que perto tinham ãa Ilha habitada de Cristãos desde o tempo antigo. Estimou Vasco da Gama tanto estas novas, que com grande oferecimentos e promessas lhe rogava que o levasse àquela ilha onde aquela gente morava.

texto

E disse mais c'ò falso pensamento  
Com que Sínon os Frígios enganou.

Enfadados os Gregos do longo cerco que tinham posto à Cidade de Ílio cabeça do famoso Reino de Tróia, vendo também que per força de armas a não podiam sujeitar, edeficaram ãa máquina de madeira em forma de um monstruoso cavalo, e no bojo dele esconderam muitos homens armados, e lançaram fama que era (111v)// aquilo dom e oferta que faziam à Deusa Palas, de quem eram devotos, pera que os favorecesse na tornada que haviam de fazer muito cedo, e pera que este seu engano ficasse mais autorizado deixaram um homem ardiloso, e instruído em todo o engano, chamado Sínon. Deram os gregos à vela, viram-se os cercados Troianos livres da importuna guerra, saíram fora dos muros, foram percorrendo pelo arraial, e foram dar com o falso e enganador, que logo se lhes ofereceu, tomaram-no e levaram-no ao Rei, e fazendo-lhe perguntas disse entre mil suspiros que ele fora companheiro de Palamedes, a quem Ulisses com falsas informações fizera matar, e que também tratara de o fazer a ele, e que já quasi estavam pera isso, mas ele que se escapulira das suas mãos e se escondera até se irem. E perguntado que cavalo era aquele, disse que aquele cavalo era ãa oferta que fizeram à Deusa Palas, a quem tinham ofendido, e que o fizeram tão grande pera que nunca os Troianos o pudessem meter dentro da Cidade, e que se acaso o ofendessem indinariam contra si a Deusa. Os pobres troianos deram inteiro crédito aos fingimentos deste falso, abriram os muros pera meter dentro o cavalo, e com ele sua total destruição. Esta história, ou chamemos-lhe fábula, conta largamente Virgílio no 2.º livro da sua *Eneada*, e outros. A este falso Sínon compara o nosso poeta o<sup>1</sup> piloto que o Xeque lhe mandou pera o levar à Índia.

texto

Õa Ilha cujo assento *ect.*

Esta Ilha era a de Quíloa, onde os o Piloto queria meter enganosamente dizendo ser povoada de Cristãos, o que era falso, como dissemos.

---

<sup>1</sup> No ms.: «onossopoeta este opiloto»...

O mesmo falso Mouro determina  
 que o seguro Cristão lhe manda, e pede, (112)//  
 que a Ilha é possuída da malina  
 gente que segue o torpe Mafamede.<sup>818</sup>  
 Aqui o engano e morte lhe imagina,  
 porque em poder e forças muto<sup>819</sup> excede  
 à Moçambique esta Ilha que se chama  
 Quíloa, mui conhecida pela<sup>820</sup> fama.

A vontade dos Cristãos à risca queria o Mouro cumprir, com tenção diferente, porque nesta Ilha não moravam Cristãos mas os sequazes da torpe lei de Mafamede. Neste lugar tinha o piloto traçado destruir os nossos, porque em poder e grandeza era muito maior que Moçambique, porque esta é aquela tão famosa e nomeada Quíloa, mui conhecida por toda aquela costa.

Pera lá se inclinava a leda frota,  
 mas a Deusa em Citere celebrada  
 vendo como deixava a certa rota  
 por ir buscar a morte não cuidada,  
 Não consente que em terra tão remota  
 se perca a gente dela tanto amada,  
 e com ventos contrários<sup>821</sup> a desvia  
 donde o piloto falso a leva e guia.

Alegres os Portugueses punham já as proas na desejada terra, mas o Anjo santo<sup>822</sup> que os guiava não permitiu que entrassem eles onde achassem a morte que não esperavam, e pelo amor que lhes tinha excitou os ventos que os desviaram daquele porto pera onde o falso piloto os guiava.

#### Falso Piloto.

<sup>818</sup> Na edição *princeps*, bem como nas edições de 1584, 1591, 1597, 1609 e 1626, lê-se «Mafamede»; nas edições de 1612, 1613 e 1631, a lição é «Mafamede».

<sup>819</sup> Na edição *princeps*, como em todas as outras até 1631, lê-se «muito».

<sup>820</sup> Só as edições de 1613 e de 1631 dizem «pela fama»; na edição *princeps*, como nas restantes até 1631, lê-se «pola fama».

<sup>821</sup> Na edição *princeps*, bem como na de 1609, lê-se «contrairos»; nas restantes até 1631, a lição é «contrários».

<sup>822</sup> Ao ver em Vénus o «anjo santo», D. Marcos de S. Lourenço sustenta uma leitura alegórica semelhante à que Manuel de Faria e Sousa propôs e que constituiu argumento para a condenação dos seus Comentários, em 1639. Trata-se de uma interpretação ausente d'Os *Lusiadas* [...] *Comentados*, onde Manuel Correia e Pedro de Mariz preferiram afirmar: «Finge aqui o Poeta, que Vénus favorecia os Portugueses pelas razões que ele mesmo dá atrás, e que ela desviara a nossa armada de Quíloa. É fingimento poético, para ornar sua história.» (1613, f. 36v).

Não lhe chama falso porque ele se fizesse Piloto sem o ser, (112v)// senão porque sendo Piloto verdadeiro, cujo ofício é encaminhar bem as naus, ele com falsidade as levava aonde tinham sua perdição. Semelhantes a este são nestes<sup>I</sup> miseráveis tempos muitos pilotos, que tomam mercadorias a sua conta obrigando-se a trazê-las ao Reino, e antes de partir vendem-nas, e trazem o dinheiro em letra, então andam pelo mar em busca do ladrão que os tome, ou buscam precipícios ao entrar da barra onde quebrem a nau, pera assi o mar encobrir suas ladroíces, e já aconteceu um nem achar ladrão que o tomasse nem penedo aonde desse, e entrando pela barra, fugiu sem o mais verem, e ao descarregar a nau achou-se que as mercadorias que no Brasil tomara a sua conta não vinham nela. Vemos, e eu vi já na barra do porto perderem-se naus, e todo o mundo gritava que fora por culpa dos pilotos. Prova-se isto que entra um homem hoje roubado em sua casa, e amenhã tem dinheiro pera fazer outra nau. Género de latrocínio é este insofrível, em que os que governam houveram de ter muito tento, porque desta casta de piratas não há quem possa escapar. E se nos Deus castiga, em nos tomar hoje a Baía, amenhã Pernambuco<sup>823</sup>, é pelos grandes insultos que naquele contrato e navegação se cometem. Eu tive ùa carta de um homem bem entendido e prático naquelas partes, e me dizia em resolução, depois de muitas cousas, que tantos eram os desaforos, e sem-justiças que naquelas terras se faziam que não podia Deus dextrar de acudir com seu castigo. Poucos meses se passaram que não viessem novas da tomada de Pernambuco. Isto trouxe aqui a prepósito deste falso piloto de Moçambique, pois não tenho outro lugar onde o possa dizer, e inda que vá fora do meu instituto, todavia é tão necessário, que sempre será dito em seu lugar. (113)//

110

101

Mas o malvado Mouro não podendo  
tal determinação levar avante,  
outra maldade inica<sup>II</sup> cometendo,  
ainda em seu propósito constante,  
lhe diz que pois as águas discorrendo  
os levaram por força por diante,  
que outra Ilha tem perto cuja gente  
eram Cristãos com Mouros juntamente.

<sup>I</sup> No ms.: «saõ neste\*s\*s\* miseraveis tempos»...

<sup>II</sup> No ms., «iniq~~ua~~/c»... Na edição de 1613, a grafia é «iniqua»; na edição *princeps*, como nas restantes até 1631, lê-se «inica».

<sup>823</sup> No fim do canto I, D. Marcos data esta parte do seu trabalho: 1631. Teria presentes, assim, as notícias do constante assédio que os holandeses faziam à Baía, sobretudo desde 1623, e conheceria igualmente a sorte de Pernambuco, onde, sofrendo idêntica pressão, Olinda e o Recife haviam acabado por ser tomadas, no ano de 1630.

Mas o Mouro preverso vendo frustrado o primeiro desenho, não apartado inda de seu mau propósito e danada tenção, lhes disse que pois o mar lhes não primitira tomar terra, que adiante estava outra Ilha na qual moravam Cristãos e Mouros de mistura, que nela podiam entrar seguramente.

Esta Ilha é a de Mombaça, poucas léguas apartada de Quíloa.

111                      102  
Também nestas palavras lhe mentia  
como por regimento enfim levava,  
que aqui gente de Cristo não havia  
mas a que a Mafamede<sup>824</sup> celebrava.  
O Capitão, que em tudo o Mouro cria,  
virando as velas a Ilha demandava,  
mas não querendo a Deusa guardadora,  
não entra pela barra e surge fora. (113v)//

Também era falsidade isto que o Mouro dizia, porque naquela Ilha não moravam Cristãos, senão Mouros sequazes de Mafamede. Vasco da Gama, que a tudo lhe dava crédito, manda voltar as velas, e entrar pela barra, mas não consintiu nisso o Anjo santo que os guardava, porque querendo entrar, a água o lançou fora onde surgiu.

112                      103  
Estava a Ilha à terra tão chegada  
que um estreito pequeno a<sup>1</sup> dividia,  
ũa Cidade nela situada<sup>II</sup>  
que na frente do mar aparecia  
de nobres edifícios fabricada  
como por fora ao longe parecia<sup>825</sup>  
regida per<sup>826</sup> um Rei de antiga idade,  
Mombaça é o nome da Ilha, e da Cidade.

Um esteiro pequeno que entre a terra firme e a de Mombaça se entremetia a fazia ser ilha, nela se via ao longe ãa cidade de polidos edifícios fabricada, tinha um Rei velho que era senhor dela, seu nome e o da Ilha toda é Mombaça.

---

<sup>I</sup> No ms.: «as dividia»...

<sup>II</sup> No ms.: «situada q̃»...

---

<sup>824</sup> Na edição *princeps*, bem como nas edições de 1584, 1591, 1597, 1609 e 1626, lê-se «Mahamede»; nas edições de 1612, 1613 e 1631, a lição é «Mafamede».

<sup>825</sup> Na edição *princeps*, como em todas as outras até 1631, «descobria».

<sup>826</sup> Só nas edições de 1613 e de 1631 se lê «per»; na edição *princeps*, como nas restantes até 1631, a lição é «por».

João de Barros:

«A situação<sup>I</sup> da qual cidade (Mombaça) estava metida per um estreito que torneava a terra fazendo duas bocas com que ficava a modo de Ilha tão encoberta aos nossos que não houveram vista dela senão quando ampararam com a garganta do porto. Descuberta a Cidade, como os seus edifícios eram de pedra e cal com janelas e eirados à maneira de Hespanha (114)// e ela ficava em ãa chapa que dava grão vista ao mar, estava tão fermosa que houveram os nossos que entravam em algum porto deste Reino. E posto que a vista dela enamorasse a todos, não consentiu Vasco da Gama ao piloto que metesse os navios dentro como ele quisera, por vir já suspeito contra eles<sup>II</sup>, e surgiu de fora».

113                      104  
E sendo a ela o Capitão chegado  
estranhamente ledo porque espera  
de poder ver o povo baptizado  
como o falso Piloto lhe dissera,  
Eis vem batéis da terra com recado  
do Rei que já sabia a gente que era,  
que Baco muito de antes o avisara  
na forma doutro Mouro que tomara.

Chegando o<sup>III</sup> Capitão à Cidade e Ilha de Mombaça, era sua alegria grande porque desejava já ver os Cristãos que o piloto enganador lhe dissera, senão quando vem da terra vir<sup>IV</sup> batéis a bordo com recado do senhor da terra, que já sabia o que passara por via de Baco, que lho contou em fegura de um Mouro velho que pera este efeito tomou.

Do Rei que já sabia a gente que era.

Por mais cautelas que Vasco da Gama usou pera que o Mouro piloto não falasse com os da terra, ele lá buscou modo com que lhe contou todo o sucesso de Moçambique, com que os mouros começaram a tratar da destruição dos nossos. (114v)//

114                      105  
O recado que trazem é de amigos  
mas debaxo o veneno vem coberto,

---

<sup>I</sup> No ms.: «~~Estava~~ a situação da qual cidade»... A maiúscula cobre a minúscula «a».

<sup>II</sup> No ms., lê-se «contra eles». Trata-se de um erro, presente na edição de 1628 da *Decada Primeira da Asia* (IV, V, f. 70). Na verdade, haverá que ler «contra ele» (o piloto), como na *editio princeps*. D. Marcos segue a edição de 1628, com ligeiras alterações no que diz respeito à grafia, à pontuação e ao uso da expressão «a modo de ilha», que surge no lugar de «em modo de ilha».

<sup>III</sup> No ms., parece ler-se «Chegando a Capitaõ»... Sem dúvida, um lapso, agora corrigido.

<sup>IV</sup> No ms.: «vem daterra ~~muitos~~ vir bateis»...

que os pensamentos eram de inimigos  
segundo foi o engano descoberto.  
Ó grandes e gravíssimos perigos,  
ó caminho da<sup>827</sup> vida nunca certo,  
que aonde a gente põe sua esperança  
tenha a vida tão pouca segurança.

115                      106  
No mar tanta tormenta, e tanto dano,  
tantas vezes a morte aprecebida,<sup>828</sup>  
na terra tanta guerra tanto engano,  
tanta necessidade avorrecida.  
Onde pode acolher-se um fraco humano,  
onde terá segura a curta vida,  
que não se arme e se indigne o Céu sereno  
contra um bicho da terra tão pequeno?

O recado que os Mouros do batel trouxeram aos nossos do seu Rei, de amigos era, mas debaixo dessa sombra de amizade está encerrada a peçonha da malícia, segundo depois se viu. Ó perigoso estado da vida presente, nunca certo, e sempre duvidoso, onde os homens cuidam que tem a vida segura aí tem ela menos segurança. No mar tão contínuas tempestades, tanto dano recebido, da fazenda e saúde, e a morte a cada passo representada diante dos olhos. Na terra, guerras, necessidades sem conto. Que valhacouto terá a humana fraqueza, e a vida que tão pouco dura onde a segurará, pois em toda a parte acha contrastes, e até o mesmo Céu se arma contra um bichinho da terra. (115)//

Ó grandes e gravíssimos perigos *ect.*

Conclui este primeiro canto com ãa lastimosa exclamação à vista das treições de Mombaça, fazendo um epílogo de todas as misérias que tinham estes Argonautas nesta navegação sofrido, pois não bastavam os inconvenientes do mar senão que também a terra em tudo lhe empecia. Duas cousas toca o nosso poeta dignas de ponderação, ãa a pouquidade do homem, outra as contradições que na vida padece. Ser o homem fraco, ser um bicho da terra, não haverá algum tão soberbo ou desassisado que o não confesse, e quando o negar pergunte a quem o fez e dir-lhe-á *pulvis es*, pó és, que é fazê-lo muito semelhante às cousas que não tem ser. Esaías, *Ecce vos estis ex nihilo*<sup>829</sup>. E Job, *Hesterni sumus et ignoramus*

Esa. 41

---

<sup>827</sup> Só na edição de 1631 se lê «caminho da vida»; na edição *princeps*, como nas restantes até 1631, a lição é «caminho de vida».

<sup>828</sup> Na edição *princeps*, como em todas as outras até 1631, «apercebida».

<sup>829</sup> Isaias Propheta, 41, 24. O passo encontra-se citado, sob o título *Homo*, na *Polyanthea Nova* (1607, p. 502).

Job 8

*quoniam sicut umbra dies nostri super terram*<sup>830</sup>. Bem encarecida está a miséria humana com estes testemunhos, mas outros mais claros daremos pera convencer sua soberba. Inocêncio disse tudo o que se podia dizer na matéria: *Formatus est homo de luto, de pulvere, de cinere quodcumque est vilissimo et spurcissimo spermate conceptus de foetore luxuria quodque deterius est in labe peccati natus ad laborem, timorem, dolorem, miserrimus ad mortem ect.* Ora sendo assi que o homem é tão fraco e<sup>1</sup> tão miserável, como se armam contra ele tantos contrários como se fora ele algũa cousa grande? Queixava-se disto o mesmo homem por um poeta dizendo:

Innocen.  
De miseria  
humana<sup>831</sup>

*Heu dementia  
ab iis initiis  
existimantium  
ad superbiam se  
genitos.* Plin., l.  
7 in proemio<sup>832</sup>

*An firmis tribus ipse queam par hostibus esse  
Alcides nequeat cum superare duos  
Me caro perpetuo me mundus Marte lacessit  
Bella mihi daemon sanguinolenta movet  
An par esse queam tribus his infirma locusta  
Atque cinis tenuis, pulvis et exiguus.*

Iacobus Billius,  
Anthologia  
sacra.<sup>833</sup> Nulli  
vita fragilior  
nulli rerum  
omnium  
libido maior,  
nulli pavor  
confusior, nulli  
rabies acrior.  
Pli. ubi supra<sup>834</sup>

Discorrendo Plauto pola vida humana concluiu que não havia nela cousa boa nem firme:

<sup>1</sup> No ms.: «taõ fragi/co, \*e\* taõ»...

<sup>830</sup> Job, 8, 9. D. Marcos cita pela *Polyanthea Nova*, onde o passo bíblico é reproduzido sob o título *Homo* (1607, p. 502). Provavelmente por lapso, ou simplesmente para abreviar, elide uma palavra que aparece quer na lição da *Vulgata* quer na da *Polyanthea Nova*: *Hesterni quippe...* Na *Vulgata* lê-se ainda *dies nostri sunt super terram*.

<sup>831</sup> D. Marcos invoca a autoridade do Papa Inocêncio III (c. 1160-1216), citando um passo da obra *De contemptu Mundi*, *Siue de miseria conditionis humanæ* (I, 1). Composto antes de Inocêncio (i.e., Lotario de' Segni) ter sido eleito Sumo Pontífice, em 1198, o tratado, que cerca de 250 anos mais tarde viria a ser objecto de refutação por parte de humanistas como Bartolomeo Fazio e Gianozzo Manetti, teve ampla difusão, contando-se, até ao século XVII, mais de cinquenta edições. D. Marcos, porém, não deve transcrevê-lo directamente, pois afasta-se da redacção original, que diz: *formatus est homo de pulvere, de luto, de cinere, quodque vilis est, de spurcissimo spermate, conceptus in pruritu carnis, in feruore libidinis, in foetore luxuria: quodque deterius est, in labe peccati, natus ad laborem, dolorem, timorem: quodque miserius est, ad mortem* (1555, s/f). Tudo indica que a sua fonte foi a *Polyanthea Nova*, onde sob o título *Homo*, igualmente atribuídas a *Innocen. De miseria humana*, se lêem (com diferenças mínimas: & de cinere; conceptus in foetore) as palavras que cita (1607, p. 503).

<sup>832</sup> Caius Plinius Secundus, *Naturalis Historia*, VII, I, 3.

<sup>833</sup> A composição, intitulada *De bello quod homini in hac vita subeundum est*, tem mais dois versos, e julgar-se-ia que foram preteridos pelo seu teor exclamativo e deprecatório, menos adequado neste passo: *Iunge tibi me, Christe potens: mundusque, caroque, Et Satanae rabies, tunc mihi risus erunt.* Todavia, D. Marcos pode não ter consultado uma edição dos *Anthologiae Sacrae Libri Quattuor*, onde o epigrama foi publicado (1591, l. I, p. 53). Uma hipótese prosaica para explicar a ausência do dístico final é a de que, sem ter virado a página 503 da *Polyanthea Nova*, onde figura parte do texto de Jacques de Billy, esquecesse o seu remate, que vem na p. 504.

<sup>834</sup> Caius Plinius Secundus, *Naturalis Historia*, VII, I, 5.

*Prima pars aevi sese nescit, media  
curis obruitur; ultima molesta senectute premitur.*<sup>835</sup>

A primeira parte da vida não se conhece, a do meio cuidados a confundem, a última com a molesta velhice se oprime. (115v)//

Porém pera concluir esta questão dizemos que é verdade, que o homem é ãa cousa vil e momentânea, considerando nele a matéria de seu nascimento, e origem de seu corpo; contudo segundo a forma espiritual é o homem cousa tão sublime, que todas as criaturas o reconhecem por senhor do mundo, e ainda na fábrica desse corpo sujeito a misérias pôs excelências mui grandes, tais que até Cícero sendo gentio considerou nele<sup>836</sup> cousas mui próximas a Deus, e assi diz ele: *Est homini ad Deum rationis societas*<sup>837</sup>. Da figura do seu corpo dizia o mesmo: Não há animal a quem não vença a figura humana. E o mesmo homem o confessa assi *apud Jacobum Billium: Tu pulchrum corpus genitor mihi sancte dedisti*<sup>839</sup>. Além de todas estas grandezas e prerrogativas que o homem tem segundo a humana natureza, tem outras segundo a benignidade divina que o fazem mais excelente, e entre todas esta conheço por muito grande: o direito que tem no Reino do Céu perdido por seu primeiro Pai Adão<sup>1</sup>, e recobrado pelo segundo Adão, que sobre esse negócio deceu do Céu à terra. Pois criatura que sendo formada de terra e nela nacida, e criada, que entre todas as criaturas há-de ter vida sem fim, na glória,

Cícero, *De Legib.* 1

1 *De natura Deorum*<sup>846</sup>

<sup>1</sup> No ms.: «porseupr.º Pay, \*Adam\* e recobrado»...

<sup>835</sup> Não foi possível identificar este trecho nas peças de Plauto. Trata-se de versos que nos séculos XVI e XVII circularam por vezes anônimos, como na obra de Jean Jacques Boissard, *Emblematum liber* (1593), onde integram o comentário ao Emblema 47 (*Virtus est funeris expers*); ou como no capítulo 38, *De praesentis vitae fugacitate*, das *Meditationes sacrae ad veram pietatem excitandam et interiorem hominis* (1627) de Johannes Gerhardus. Noutros casos, porém, foram associados ao nome de Plauto, como sucede no *Manipulus Celebriorum Sententiarum*, de Pierre Lagnier (1609, pp. 239-240). Noutros casos ainda (v. *Florilegium Sententiarum*, 1695, p. 31), a sentença aparece alterada – *Prima aetas sese nescit: media curis obruitur: ultima misera senecta praemitur* – e, sem fundamento, atribuída a Cícero, como parte do *Cato maior*.

<sup>836</sup> D. Marcos hesita no género do pronome, mas prevalece a forma «nele» (no corpo).

<sup>837</sup> Marcus Tullius Cicero, *De Legibus*, I, VII, 23: *est igitur, quoniam nihil est ratione melius eaque est et in homine et in deo, prima homini cum deo rationis societas*.

<sup>838</sup> No diálogo *De Natura Deorum* (I, XVIII, 47-48), Cícero reflecte sobre o aspecto antropomórfico que os homens atribuíram aos deuses. Lembrando que a razão autoriza este conceito, uma das personagens argumenta: se a figura humana ultrapassa em perfeição a de todos os outros seres vivos, e se deus é um ser vivo, deus tem de possuir a forma melhor, isto é, *hominis figura (quae compositio membrorum, quae conformatio liniamentorum, quae figura, quae species humana potest esse pulchrior? [...] Quosdi omnium animantium formam vincit hominis figura, deus autem animans est, ea figura profecto est quae pulcherrima est omnium [...])*. D. Marcos terá encontrado apoio na *Polyanthea Nova*, onde, sob o título *Homo*, vem uma lapidar frase ciceroniana: *Omnium animantium formam vincit hominis figura* (1607, p. 505).

<sup>839</sup> Trata-se do v. 3 do epigrama intitulado *Quanto honore Deus hominem affecerit*. É provável que D. Marcos cite, não por uma edição da obra de Billy (v. 1591, Liber II, p. 344), mas sim pela *Polyanthea Nova*, onde, sob o título *Homo*, figura a composição a que pertence este verso (1607, p. 504).

bem é que alcance esse bem com trabalhos e persiguições, e que como morgado do Reino celestial não entre à partilha nos bens móveis com as outras criaturas, ãas lhe levem ventagem nas forças corporais, outras na ligeireza, outras no regalo e segurança da vida e diuturnidade dela, queixe-se o homem muito embora, conte seus trabalhos e misérias, porque não faltará quem lhe diga *falso queritur de Natura sua genus humanum*<sup>840</sup>. Os trabalhos do homem pela maior parte são nascidos de suas desordenadas paixões e irracionais movimentos, queixa-se do mar sem fundamento o que o vai cometer vendo da praia suas ondas turbulentas, que razão tem de queixas o que na guerra é ferido indo ele buscar o outro a sua casa pera o tirar (116)// dela? Da perfídia e falsidade dos Mouros e infiéis, o que deles se fia injustamente se queixa. A todos estes trabalhos de fomes, sedes, doenças, guerras, treições, andam arriscados os que deixando o sossego e repouso de sua pátria, querem ou por cobiça ou por curiosidade ver mundo. Ludovico Patrício no livro que fez de suas peregrinações<sup>841</sup> confessa que nas primeiras jornadas<sup>1</sup> logo alcançara o grande desatino em que sua curiosidade o metera. Isto tem lugar naqueles que voluntariamente querem peregrinar pelo Mundo<sup>842</sup>; que nestes nossos

---

<sup>1</sup> No ms.: «primeiras iornadas q̄fes logo alcançára»...

<sup>840</sup> Caius Sallustius Crispus, *Bellum Iugurthinum*, I.

<sup>841</sup> O desabafo do viajante sofrido perpassa em vários pontos do texto de Ludovico Varthema, em contraponto com a afirmação de um infatigável desejo de aventura. Logo na carta dedicatória à condessa de Albi, o autor confessa que procurou com o seu relato transmitir aos leitores o fruto e prazer que recebera «à custa de grandíssimos perigos e intoleráveis fadigas» (*Itinerário*, p. 62), e traça uma imagem trabalhosa desse «longo peregrinar» (p. 63): *Caeterum quid incommodi in qualibet regione mihi acciderit, quantam passus sim famem, sitim, frigus, calorem, bellum, captiuitatem, caedes, terrores, et alia innumera pericula, obiter in ipso itinerario meo suis in locis ostendam. (Novvs Orbis, 1532, p. 188)*. Balançando entre a prudência e a audácia, Varthema acaba por declarar, no fim da dedicatória, que, se o relato do périplo realizado agradasse a Feltria Colonna, se animaria a fazer em breve «outra viagem» – «porquanto, depois de haver percorrido partes das Terras e ilhas orientais, meridionais e ocidentais», estaria disposto a «ir à procura das setentrionais, e assim, [...] expender, neste louvável exercício, o resto dos [s]eus fugitivos dias» (*Tantum autem abest ut hæc perpessa pericula me ab alijs regionibus adeundis coërceant, ut enim peruestigatis terris, quæ ad orientem, meridiem & occidentem sunt, iam deliberauerim adoriri aliud iter, exploraturus terras ad Aquilonem sitas, residuos uitæ meæ dies talibus consumpturus laboribus. – Novvs Orbis, 1532, p. 188*). Não deixou, porém, de comentar que o seu testemunho pretendia também «refrear os apetites demasiado repentinos, em consideração da inestimável grandeza do mundo» (*Itinerário*, p. 204): *Quæ uero redeunt mihi usu euenerunt, paucis expediam, ne prolixior sermo lectori fastidium pariat: conducent enim de narranda multifariam mortalibus, quando certe hoc exemplo cohibebunt complures uoluptates suas, qui nimio plus quàm satis uisendi orbis desiderio ardent. (Novvs Orbis, 1532, p. 273)*.

<sup>842</sup> A discussão sobre a pertinência ou os benefícios das viagens, nos séculos XVI e XVII, baseou-se em fontes de sabedoria antigas: condenações da ambição e da audácia associadas à aventura da navegação marítima, como as que se liam nas *Metamorfoses* de Ovídio; descrença no proveito de sair, patenteada por Séneca num texto como a carta 104 a Lucílio, ou pelo pseudo-Sêneca num aforismo do diálogo *De remedijs fortuitorum*, que seria objecto de múltiplas glosas (*si enim sapiens peregrinatur, si stultus exulat*). D. Marcos participa assim nessa tradição que, graças a figuras como Manuel Severim de Faria ou Manuel Pires de Almeida, teve viva expressão na cultura portuguesa (v.

navegantes outras causas havia que os desculpava[m]<sup>1</sup>: ãa o Mandamento do seu Rei, outra o desejo de descobrir terras por onde entrasse a pregação Evangélica e por ela o Reino do Céu. O sucesso o tem mostrado, quantas almas roubaram ao Demónio as navegações dos nossos portugueses. Bem o receava ele quando tratava per tantos meios de as impedir. (116v)//

3 de Abril. 631

---

<sup>1</sup> No ms.: «os desculpava»...

---

Ilda dos Santos, «De l'utilité des voyages? Éclats d'une polémique bien oubliée: deux Manuels... sur la *Pérégrination*», in *Vents du Large. Hommage à Georges Boisvert*. Textes réunis par Jacqueline Penjon, Anne-Marie Quint, Paris, Presses Sorbonne Nouvelle, 2002, pp. 141-165).



## CANTO SEGUNDO DE LUÍS DE CAMÕES COM O COMENTO DE DOM MARCOS DE S. LOURENÇO

Já neste tempo o lúcido Planeta  
que as horas vai do dia distinguindo  
chegava à desejada e lenta meta  
a luz celeste às gentes encobrando,  
E da casa marítima secreta  
lhe estava o Deus nocturno a porta abrindo  
quando as infidas gentes se chegaram  
às naus que pouco havia que ancoraram.

Era o tempo então quando o Sol se punha e o Sono lhe abria as portas do mar pelas quais havia de entrar ao outro Hemisfério, e os mouros de Mombaça chegaram com o seu batel a bordo das naus portuguesas, que então ancoravam.

Já neste tempo o lúcido planeta.

Descrição da noite ou chegada dela mui própria é esta com que o nosso Poeta dá princípio a este seu segundo Canto, é esta descrição toda sua, porque assi como ele a todos os bons poetas imitou, assi também a todos os que se lhe seguissem deixou que imitar. (117)//

O lúcido planeta.

Este é o Sol, o qual entre todos os corpos celestes só tem luz própria e a dá e comunica a todos sem haver mister a de outro.

Que as horas vai distinguindo.

Vários modos tiveram os antigos de observar os dias do ano, como diz Plínio, os Babilónios contavam por um dia o tempo que se metia entre dous nascimentos do Sol. Os Atenienses entre os dous ocasos. Os de Umbria de meio-dia a meio-dia. Os Sacerdotes Romanos e os que difiniram o dia civil consideraram-no de mea-noite a mea-noite, e esta observação guardamos nós. O vulgo chama um dia de pela manhã até noite. A esta divisão do dia faltava-lhe outra de partes iguais em que fosse repartida. Entre os Hebreus, El Rei Acáz, ou em seu tempo alguém,

Plinius, *De naturali historia*, lib. 2, cap. 77<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> D. Marcos traduz livremente o texto de Plínio, seleccionando a informação. V. Caius Plinius Secundus, *Naturalis Historia*, II, LXXIX, 188: *Ipsum diem alii aliter observavere, Babylonii inter duos solis exortus, Athenienses inter duos occasus, Umbri a meridie ad meridiem, vulgus omne a luce ad tenebras, sacerdotes Romani et qui diem diffiniere civilem, item Aegypti et Hipparchus, a media nocte in mediam. minora autem intervalla esse lucis inter occasus et ortus solis iuxta solstitium quam aequinoctia apparet quia positio signiferi circa media sui obliquior est, iuxta solstitium autem rector.*

inventou o Relógio Solar que com um estilo<sup>2</sup> a que chamam *Gnomon* os Gregos, dividia as horas do dia, e este Relógio foi testemunha do milagre que Deus fez em tornar o Sol dez linhas atrás pera confirmação da promessa que tinha feito a El Rei Ezequias<sup>3</sup>. Entre os Gregos, Anaxímenes Milésio, discípulo do grande Anaximandro, inventou o Relógio e o mostrou em Lacedemónia. Em Roma começou isto mais tarde, porque nas Doze Távuas não se faz menção mais que de nascimento e ocaso do Sol. Depois acrecentaram meio-dia, o qual mostrava a sombra de ãa coluna de metal que dava no cárcere àquela hora. Até que Valério Messala trouxe de Sicília um Relógio que demonstrava as horas do dia; e este inda malfeito e com as linhas que não quadravam ãas com as outras, contudo noventa e nove anos se governou o povo Romano por ele, (117v)// que tão pouca curiosidade havia inda então no mundo, que não davam os homens nãa cousa tão fácil, e tão necessária.

Chegava à desejada, e lenta meta.

Meta, nome latino, quer dizer baliza, que demostra o termo de algũa cousa, propriamente do caminho. E assi chama o poeta aqui meta ao lugar onde o Sol se punha; como lhe tinha chamado antes Sílio Itálico dizendo que já o Sol levara o dia a suas metas ou balizas, que era o mesmo que dizer que já o Sol se punha.

Silius, l. 11

*Iamque diem ad metas defessis Phoebus Olympo  
Impellebat equis.*<sup>4</sup>

Chama a esta meta, desejada e lenta. Desejada porque com a noite cessam os trabalhos dos homes<sup>1</sup>, e ainda dos animais, como elegantemente a descreveu Valério Flaco:

Valer. Flac.

*Nox hominum genus et duros miserata labores  
Retulerat fessis optata silentia terris.*<sup>5</sup>

E Virgílio por isso chamou à noite a mais agradável dos Deuses:

Virg.

*Tempus erat quo prima quies mortalibus aegris  
Incipit et dono divum gratissima serpit.*<sup>6</sup>

---

<sup>1</sup> No ms.: «homes». Trata-se de caso raro, mas não único neste texto (v. p. 29).

<sup>2</sup> Do latim *stylus*, *i*, que significa ponteiro de relógio.

<sup>3</sup> Isaias Profeta, 38, 8.

<sup>4</sup> Silius Italicus, *Punica*, XI, vv. 267-268. Esta é uma das sugestões poéticas da *Officina* de Ravisius Textor, no capítulo dedicado à *Descriptio noctis, seu aduentus eius* (1560, I, p. 461), já antes aproveitado a propósito de Febo e Diana (v. canto I, nota 684 e segs.).

<sup>5</sup> Caius Valerius Flaccus, *Argonautica*, V, vv. 278-279. Na edição de referência: *Rettulerat fessis...* Encontra-se o mesmo passo na *Officina* de Ravisius Textor, sob o título *Descriptio Noctis* (1560, I, p. 462).

<sup>6</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, II, vv. 268-269. O mesmo fragmento aparece também na *Officina*, para ilustrar o conceito de *Descriptio Noctis* (1560, I, p. 459).

Chama a esta meta lenta aludindo ao mar onde o Sol se escondia ao pôr, como ordinariamente galanteiam os poetas *more suo*.

A luz celeste às gentes encobrindo.

Apartando-se a luz, outra cousa não fica senão escuridade, a qual não é cousa algũa positiva senão privativa, e assi apartando-se o Sol, de força a sombra lhe havia de suceder. Virg.:

*Et Sol crescentes<sup>1</sup> decedens duplicat umbras.*<sup>7</sup> Virg., Eg. 2

Et alibi:

*Sol ruit interea et montes umbrantur opaci.*<sup>8</sup> (118)// Aen. 3

E da casa marítima secreta  
lhe estava o Deus Nocturno a porta abrindo. texto

Quer dizer que o Deus da Noite abria no mar a porta secreta por onde o Sol saía deste Hemisfério e entrava no outro. Termo mui ordinário de falar poético. Lucano:

*Titan iam pronus in undas  
Ibat.*<sup>9</sup>

Estácio:

*Solverat Hesperii devexo in margine Ponti  
Flagrantes Sol pronus equos.*<sup>10</sup> Statius, l. 3

E noutro lugar:

*Iam pater hesperio flagrantem gurgite currum  
Abdiderat Titan, aliis rediturus ab undis.*<sup>11</sup> libro 12

---

<sup>1</sup> No ms.: «Et Sol ði crescentes...». Na escrita da palavra seguinte, «decedens», terá havido uma hesitação: dir-se-ia que se começou a grafar «di...» e que se converteu a vogal num «e», pois sobre este «e» vê-se o que parece um ponto.

<sup>7</sup> Publius Virgilius Maro, *Bucolica*, II, v. 67. Na edição de referência: *Et sol crescentis...* É mais um dos exemplos apresentados na *Officina* de Ravisius Textor para testemunhar a *Descriptio Noctis*, mas D. Marcos corrige a informação que ali se dá sobre a fonte do excerto: [Virgilius] *Aeg. I* (1560, I, p. 459).

<sup>8</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, III, v. 508. Pode ler-se no capítulo de Ravisius Textor sobre a *Descriptio Noctis* (1560, I, p. 459).

<sup>9</sup> Marcus Annaeus Lucanus, *De Bello civili sive Pharsalia*, III, vv. 40-41. Figura também na referida secção da *Officina* de Ravisius Textor (1560, I, pp. 460-461).

<sup>10</sup> Publius Papinius Statius, *Thebaida*, III, vv. 407-408. Na edição de referência: *solverat Hesperii devexo margine ponti*. D. Marcos segue a versão de Ravisius Textor, onde este passo surge igualmente no capítulo *Descriptio noctis* (1560, I, p. 461).

<sup>11</sup> Publius Papinius Statius, *Thebaida*, XII, vv. 228-229. Mais um exemplo que a *Officina* de Ravisius Textor propõe para descrever a noite (1560, I, p. 461).

Ovid., *Met.* 11 Este Deus Nocturno entendo que era Morfeu ministro do sono, de quem adiante trataremos. Ovídio:

*Somme quies rerum, placidissime Somne Deorum.*<sup>12</sup>

2

Dantre eles um que traz encomendado  
o mortífero engano assi dezia:  
Capitão valeroso, que cortado  
tens de Neptuno o Reino e salsa via,  
O Rei que manda esta ilha, alvoroçado<sup>13</sup>  
da vinda tua tem tanta alegria  
que não deseja mais que agasalhar-te,  
ver-te e do necessário reformar-te.

Salsa via,  
caminho  
salgado. Virg.:  
*Spumas salis  
aere ruebant*<sup>14</sup>.

Homero:  
*Humidas vias.*<sup>15</sup>

Um dos que vinham no barco, o qual trazia a sua conta o enganoso recado, falou assi: «Esforçado Capitão que tanto tempo há que navegas pelo mar de Neptuno, e salgados (118v)// caminhos, o Rei desta Ilha, sabendo de tua vinda e chegada a ela, está alvoroçadíssimo por agasalhar-te e prover-te do necessário pera continuares teu caminho».

Em chegando os nossos à barra de Mombaça vieram logo da terra alguns barcos reconhecer quem eram, entre os quais vinham quatro mais autorizados, os quais quiseram logo subir às naus, porém os nossos lho não consentiram, o que eles não tomaram mal; e perguntando quem eram e o que queriam, foi-lhe respondido a tudo; e por mais cuidado que os nossos puseram em que o piloto de Moçambique não falasse com eles, lá teve modo com que lhe contou o caso de Moçambique, acrescentando muitas mentiras que o ódio que já tinha concebido contra os nossos lhe ensinara. Os Mouros fizeram muitas ofertas aos nossos, e com o recado do Rei, que logo veio, franquearam o passo, dizendo que o seu Rei mandava dizer, que era grande o gosto que tinha de ver naquele seu porto gente de terras tão apartadas, que naquela Cidade lhe dariam carga de especiaria e de todas as mais drogas do Oriente, mas que era necessário entrar pera dentro, pera assi tirar a suspeita que deles se podia ter, o que aos nossos pareceu muito bem, e assi determinaram de o fazer em amanhecendo. Ao outro dia vieram alguns mouros visitar Vasco da Gama, em companhia dos quais mandou dous homens com

---

<sup>12</sup> Publius Ovidius Naso, *Metamorphoses*, XI, v. 623.

<sup>13</sup> Nas edições de 1572, 1584, 1591, 1609 e 1612: «alvoroçado». Em 1597, 1613, 1626 e 1631: «alvoroçado».

<sup>14</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, v. 35.

<sup>15</sup> Esta expressão aparece repetidas vezes em Homero. Encontra-se, por exemplo, na *Iliada*: *nauigabant per humidias vias* (I, v. 312), segundo a edição comentada por Jean de Sponde (*Homeri quae extant omnia Ilias, Odysea*, 1606, p. 16). Numa versão latina da *Odisseia*, a expressão poderia figurar em III, v. 71; IV, v. 841; e IX, v. 251.

um presente a El Rei, com tenção de espiar o estado da Cidade por eles e as naus que no porto havia. Os Mouros, ou porque caíssem no que era ou porque per natureza são suspeitosos e acautelados, trouxeram o homem pela mão, dando-lhe pouco lugar pera ver o que desejavam. Passados dous dias, Vasco da Gama por não dar suspeitas entrou pera dentro, trazendo nos seus navios dez ou doze mouros da terra, os quais (119)// com todos os mais dela<sup>I</sup> estavam determinados de matar os nossos entrando dentro, e tomar-lhe as naus e fazenda delas, porém como Deus tinha nos olhos estas naus, pois levavam àqueles incultos povos orientais novas de sua salvação, descobriu a danada tenção destes, e abriu o juízo aos nossos pera entenderem seu perigo. E foi que, não querendo o navio de Vasco da Gama navegar direito por rezão do vento que o fazia ir descaindo sobre um baxo, vendo ele o perigo bradou a grandes vozes que largassem ã âncora que detivesse o navio antes de cair no baxo. Os mouros que vinham no navio, ouvindo as vozes de Vasco da Gama e não as entendendo, e juntamente o rebuliço que os marinheiros segundo seu costume faziam ao soltar da âncora, imaginaram que era descoberto seu engano, e assi os que estavam nos outros navios começaram a deitar-se ao mar, e o mesmo fizeram os do navio de Vasco da Gama. Quando os nossos viram esta súbita fugida entenderam a causa dela, e dando graças a Deus que os alumiará, trataram logo de se sair daquele porto e buscar outro ao longo daquela costa, porque já sabiam que era muito povoada. E ao dia seguinte toparam dous zambucos, embarcação daquelas partes, e tomando um com treze homens, deles soube como mais adiante estava ã vila chamada Melinde, cujo Rei era homem humano, por via do qual poderiam haver o piloto que buscavam pera os levar a Calecut. Vasco da Gama seguindo seu caminho chegou ao outro dia, que era de Páscoa de flores, à barra de Melinde com os navios todos embandeirados pela solenidade do dia, e mandando visitar o Rei da terra per um degradado<sup>16</sup>, achou nele aquela bondade e boa inclinação pela qual de todos era louvado.

Esta história conta o nosso poeta neste segundo canto, a qual quisemos aqui poer por extenso por escusar de a to(119v)//car muitas vezes, como faremos todas as<sup>II</sup> que o Poeta tratar de história.

Assi dezia:

Capitão valeroso que cortado *ect.*

texto

Quando El Rei de Melinde mandou recado aos nossos que entrassem no seu porto, não usou de preâmbulos, nem cumprimentos, mas com singeleza de ânimo e de palavras os convidou a entrarem naquele seu porto. Pelo contrário, este Mouro de Mombaça, como era pérfido, e tratava de destruir os nossos, começa

---

<sup>I</sup> No ms.: «os mais ~~da~~terra/della estavaõ»...

<sup>II</sup> No ms.: «todas as vezes q»...

---

<sup>16</sup> «Degradado»: do latim, *degradatus*, privado do seu lugar ou estatuto; o mesmo que «degredado».

a tratá-los com honrosos títulos, porque o falso e enganoso então é pior quando com brandura trata a quem engana. Deste ardil se aproveitaram os fariseus quando disseram a Cristo nosso senhor cuidando que o enganavam: *Magister scimus quia verax es et<sup>I</sup> viam Dei in veritate doces<sup>17</sup>*. Destes diz S. João<sup>II</sup> Crisóstomo, *Eo magis cavendus est adulator<sup>III</sup> quo sub amantis specie nocere non desinit*, quanto mais branduras falam tanto<sup>IV</sup> mais perigosos são. E Homero escreve na sua *Iliada* que tanto lhe avorrecem homens que dizem ãa cousa com a boca, e tem outra no coração, como as portas do Inferno. Por isso nos aconselha São Gregório Papa<sup>V</sup> que quando alguém nos louva ou vituperava havemos de recorrer ao sentido e não às palavras.

Ioan. Chrisos.  
in *Policratico de*  
*vestigijs philos.*  
lib. 3<sup>18</sup>

Homer., *Iliada*  
pr<sup>a</sup>.<sup>19</sup>

S. Greg., *Moral.*  
l. 18<sup>20</sup>

<sup>I</sup> No ms., houve hesitação e emenda na grafia de «es et».

<sup>II</sup> No ms., «Bernardo» foi rasurado, e sobre a terminação da palavra o autor escreveu «Joaõ».

<sup>III</sup> No ms.: «est \*adulator\* quo sub amantis»...

<sup>IV</sup> No ms.: «tanto saõ mais perigosos saõ».

<sup>V</sup> No ms.: «nos aconselha Saõ Pedro de Ravena/ Saõ Gregorio Papa que»...

<sup>17</sup> Secundum Mattheum, 22, 16. Esta referência surge na *Polyanthea Nova*, a propósito de *Veritas* (1607, p. 1178).

<sup>18</sup> D. Marcos atribui erradamente a S. João Crisóstomo (c. 345-407), bispo de Constantinopla e doutor da Igreja, a autoria de *Policraticus sive de nugis curialium et vestigijs Philosophorum Libri Octo*, escrito pelo clérigo inglês John of Salisbury (c. 1100-1180). Composto em 1159, na sua versão primitiva, e depois revisto em 1166, o tratado aqui lembrado pelo cônego de Santa Cruz influenciou decisivamente o pensamento político ao longo de séculos. O passo citado, em que se define o conceito de *adulator*, acha-se no livro III (cap. IV) do *Policraticus*, e constitui parte de uma advertência sobre os efeitos perniciosos da amizade fingida. Na edição de referência: *Adulator enim omnium virtutis inimicus est, et quasi clauum figit in oculo illius, cum quo sermonem conserit, eoque magis cavendus est quo sub amantis specie nocere non desinit donec rationis obtundat acumen et modicum id luminis quod adesse uidebatur exstinguat.* (*Policraticus*, 1993, p. 179). O erro de D. Marcos decorrerá da indicação incorrecta que figura na *Polyanthea Nova*, onde o excerto em causa, sob o título de *Adulatio*, surge atribuído a *Chrysosto. in Policratico de vestigijs philos. lib. 3* (1607, p. 23).

<sup>19</sup> D. Marcos parece recorrer novamente ao que sobre *Adulatio* diz a *Polyanthea Nova*, traduzindo um testemunho de Homero ali apresentado como parte de *I. Iliada: Exosus enim mihi ille velut inferni portae qui aliud quidem occultum habet in mentibus, aliud uero ore profert* (1607, p. 24). Uma vez que o texto corresponde, de facto, a parte do canto IX (vv. 312-313), D. Marcos, ao remeter para «*Iliada pr<sup>a</sup>*», terá confundido com uma numeração romana a maiúscula grega (I) usada para assinalar o canto nono.

<sup>20</sup> As palavras que D. Marcos aqui traduz, julgando-as parte dos *Moralia*, correspondem a um passo das cartas ao presbítero Paládio: *Inter verba enim laudantium sive vituperantium ad mentem semper recurrendum est (Sancti Gregorii Magni Registri Epistolarum, l. XI, Ep. II, in Sancti Gregorii Papæ I Cognomento Magni, Opera Omnia [...]. Patrologiæ Latine Tomus 77, 1970, col. 1120)*. Trata-se de um excerto que na *Polyanthea Nova* figura sob o título *Adulatio*, integrado numa sequência de citações de S. Gregório, o que terá induzido D. Marcos a uma leitura equivocada da indicação *Idem et habetur 11. q. 3. Inter verba* (1607, p. 24). Com efeito, tudo leva a crer que entendeu *Idem* como uma remissão para o título associado ao trecho imediatamente anterior (*Greg. lib. 18, cap. 3. Moral. [...]*).

3

E porque está em extremo desejoso  
de te ver, como cousa nomeada,  
te roga que de nada receoso  
entres na barra<sup>21</sup> tu com toda a armada.<sup>22</sup>  
E porque do caminho trabalhoso  
trarás a gente débil e cansada, (120)//  
diz que na terra podes reformá-la,  
que a Natureza obriga a desejá-la.

E pelo desejo grande que tem de ver-te, por seres pessoa já per fama entre nós conhecida, te pede encarecidamente que deitando de ti todo o recêo, entres pera dentro com esta armada tua. E porquanto a gente dela, por causa da comprida e enfadonha navegação virá cansada, e enferma, terra tens onde lhe podes dar recreação, porque cousa natural é aos cansados desejar e procurar descanso.

4

E se buscando vens<sup>23</sup> mercadoria  
que produz o aurífero Levante,  
canela, cravo ardente, especiaria  
ou droga salutífera, e prestante,  
Ou se queres luzente pedraria,  
o Rubi fino, o rívido diamante,  
daqui levarás tudo tão sobejo  
com que faças o fim a teu desejo.

E se porventura te traz por estes mares, o que costuma trazer a outros, que é o desejo de comprar as mercadorias que nacam no rico Oriente, s. especiaria quente, droga medicinal ou pedraria resplandecente, finos rubis, ou duros diamantes, nesta Ilha acharás tudo tão excelente, que não hajas mister passar adiante em busca de outras<sup>1</sup>, porque aqui se satisfará teu desejo.

5

Ao mensageiro o Capitão responde  
as palavras do Rei agradecendo, (120v)//  
e diz que porque o Sol no mar se esconde  
não entra pera dentro obedecendo,

---

<sup>1</sup> No ms., um borrão ou uma emenda torna a leitura difícil. Propomos «em busca de outras».

<sup>21</sup> Em todas as edições publicadas até 1631: «Entres a barra».

<sup>22</sup> Nas edições de 1572, 1584, 1591, 1597, 1609, 1612 e 1613: «toda armada». Nas edições de 1626 e de 1631: «toda a armada», como prefere D. Marcos.

<sup>23</sup> Em todas as edições publicadas até 1631: «E se buscando vás mercadoria».

porém que como a luz mostrar por onde  
vá sem perigo a frota não temendo,  
comprirá sem receo<sup>24</sup> seu mandado,  
que a mais por tal Senhor está obrigado.

Acabando o mensageiro do Rei de Mombaça de dar seu recado, respondeu-lhe Vasco da Gama que lhe agradecia muito os oferimentos que lhe fazia, mas que, porquanto o Sol se punha, não entrava, porém que como a luz do dia lhe mostrasse caminho por onde pudesse entrar sem perigo o faria<sup>1</sup>, obedecendo ao que ele Rei lhe mandava, que isso era o menos que ele devia fazer por mandado de tal Rei e Senhor.

6  
Pergunta-lhe depois<sup>25</sup> se estão na terra  
Cristãos, como o Piloto lhe dizia,  
o mensageiro astuto que não erra  
lhe diz que a mais da gente em Cristo cria.  
Desta sorte do peito lhe desterra  
toda a suspeita e cauta fantasia,  
por onde o capitão seguramente  
se fia da infiel, e falsa gente.

Acabando de dar o recado pera o Rei da terra, pergunta ao mensageiro se era verdade que naquela Ilha moravam Cristãos como tinha por informação do Piloto que de Moçambique trouxera. O mensageiro sagaz, que não perde ponto de sua malícia, lhe torna que os demais dos moradores daquela ilha eram Cristãos, com a qual nova totalmente tirou da imaginação ò Capitão (121)// a dúvida que tinha sobre o que o Piloto lhe dissera: e assi creu totalmente que lhe falara verdade. E julgou<sup>II</sup> por fiel a infidelidade daqueles pérfidos.

Pergunta-lhe depois se estão na terra  
Cristãos como o Piloto lhe dizia.

Quando o Piloto de Moçambique quis meter a nossa armada em Quíloa foi persuadindo aos nossos que aquela Cidade era mēa povoada de Cristãos Abexins; e porquanto não teve efeito aquela entrada, chegando defronte de Mombaça,

---

<sup>1</sup> No ms., a redacção original era «entraria». Parte do verbo («entra»), porém, foi rasurada, e, aproveitando a separação provocada pela mudança de linha, a versão definitiva ficou, mercê de um aditamento marginal, «o faria».

<sup>II</sup> No ms.: «Eassi julgou»...

---

<sup>24</sup> Nas edições de 1572, 1584, 1591, 1597, 1613, 1626 e 1631: «receio». Em 1609 e 1612: «receo».

<sup>25</sup> Em todas as edições publicadas até 1631: «despois».

pera segurar os nossos lhes disse que naquela Cidade moravam muitos Cristãos assi da Abássia como da Índia, per rezão do trato que nela havia. O nosso Capitão falando com este mensageiro perguntou-lhe se era verdade que moravam naquela Cidade Cristãos, o qual como estava advirtido do mouro piloto respondeu que sim, com a qual nova o Capitão determinou entrar pera dentro.

Barros, *Dec.* 1<sup>a</sup>  
lib. 4, c. 5<sup>26</sup>

### O Mensageiro astuto.

texto

Astuto em boa e má parte se toma. Quer dizer sagaz, ardiloso, manhoso e malicioso. Alguns querem dirivar este nome de *tutus*, que quer dizer seguro. Porém o Sepontino o diriva de  $\alpha\sigma\theta\upsilon$ , *asty*, nome grego que quer dizer Vila, ou Cidade, porque assi como os que moram nas aldeas e quintas são mais simples, e menos acautelados, assi os das Cidades com a comunicação se fazem mais ladinos, e astutos. Isto se vê na minha Cidade de Coimbra, onde entra hoje um estudante da Beira simples e sem malícia, e em quatro dias com a comunicação dos outros se faz pior qu'eles. (121v)//

Sep. in  
*Cornucop.* f.  
139<sup>27</sup>

### Cauta fantasia.

Fantasia é a potência imaginária, que recebendo as espécies do sentido comum as comunica ao entendimento agente, como na lógica<sup>28</sup> se ensina quando se<sup>1</sup> trata

---

<sup>1</sup> No ms.: «quando\*se\*trata»... Imediatamente depois de «trata», vê-se um borrão ou um caracter rasurado.

---

<sup>26</sup> D. Marcos segue de perto o texto que menciona (v. *Decada Primeira da Asia de João de Barros*, 1628, IV, V, f. 70).

<sup>27</sup> A localização indicada (f. 139 v) corresponde à numeração das folhas da obra editada em Paris, c. 1543, por Petrus Gromorsus (*Cornucopiae D. Nicolai Perotti episcopi Siponti*). D. Marcos traduz o passo em que ali se propõe a etimologia de «astuto»: *Item astutus ut quodam putant, hoc est calidus versutus, quasi tutus. Nos a graeco potius deriuari censemus quod est ασθυ hoc est oppidum, siue vrbs. Nam qui oppidis atque vrbibus assidue versant fiunt callidiores quemadmodum nos ab vrbe Vrbanum pro lepido dicimus, ita graeci ab asty astutum pro callido et versuto* (col. 4, l. 58-63).

<sup>28</sup> A ambiguidade deste passo levanta a dúvida se se trata da disciplina ou da obra de Aristóteles. Certo é que a exposição de D. Marcos reproduz os argumentos apresentados no comentário conimbricense ao prefácio da *Isagoge* de Porfírio, cuja questão V se ocupa da abstracção universal. No artigo II desta secção, especifica-se de que modo se realiza a abstracção particular, começando por enumerar os cinco sentidos externos e os dois internos, que correspondem ao sentido comum e à fantasia. São evidentes as semelhanças entre a explicação aí traçada e o discurso de D. Marcos: *Offert se Indiuiduum aliquod sensibile externo Sensui, v.c., hoc album oculo: imprimitque in illum sui speciem, qua oculus infirmatus elicit uisionem illius albi: ex uisione per foramina, quae patent ab oculis ad Sensum communem (neruos Opticos uocant) dimanat alia species idem album repraesentans, licet cum aliqua modificatione per hanc format communis sensus eiusdem albi notitiam: ex qua rursus egreditur alia species ad Phantasiam in loco penitiori constitutam (quae peculiari uocabulo Phantasmata impressum dicitur) hoc imbuta Phantasia, suam exprimit cognitionem, quam idcirco Phantasma expressum nuncupamus. Ex hoc phantasmate expresso*

da abstracção do universal. E pera isto ficar mais claro aos que não aprenderam filosofia, começaremos do princípio. É de saber que o entendimento humano não pode entender nem conhecer cousa algũa sem intervirem as potências. Oferece-se ao sentido, *v.g.* ao olho ãa cousa branca, esta manda ao olho ãa espécie, informado o olho com aquela espécie faz visão, com que recebe aquela cousa branca. E daquela visão mana outra espécie que per certos buracos passa ao sentido comum, o qual informado dela faz conhecimento daquela cousa branca, do qual conhecimento mana outra espécie que se chama ídolo, e esta entra à fantasia. Informada<sup>1</sup> a fantasia deste ídolo, produz fantasma, a qual espécie ou fantasma é recebida espiritualizada do entendimento agente, e assi se representa ao entendimento possível. De sorte que a imaginação ou fantasia é ministra do entendimento, mais chegada. Nela se formam os sonhos e representações de cousas absentes. Esta fantasia serve aos brutos de entendimento, nela está o seu instinto, com mais ou menos perfeição conforme o temperamento de cada um deles. Em 4 modos se usa deste nome fantasia. Primeiramente se toma pela potência imaginária, como dissemos. Toma-se também por ãa imaginação tão veemente que representa as cousas absentes como se estiveram presentes. Quintiliano: *Quas phantasias Graeci vocant nos sane visiones appellemus per quas imagines rerum absentium ita re(122)//praesentantur animo; ut eas cernere oculis ac praesentes habere videamur*<sup>29</sup>. E estas imaginações são perigosas, e próprias dos mentecautos. Toma-se também fantasia por qualquer imaginação ou pensamento, como neste lugar do nosso poeta. Vulgarmente se toma fantasia por um pensamento vão, ou ãa vaidade presuntuosa, que tem mais de imaginação que de verdade. De sorte que neste lugar «cauta fantasia» quer dizer pensamento receoso, ou imaginação acautelada, que os fazia andar com o olho sobre o ombro (como se diz), não se fiando daquela gente, da qual presumiam pouca fidelidade, e não se enganavam.

7

E de alguns que trazia condenados  
por culpas, e por feitos vergonhosos,  
porque pudessem ser aventurados  
em casos desta sorte duvidosos,  
manda dous mais sagazes ensaiados

---

<sup>1</sup> No ms.: «Informanda afantasia»...

---

*prodire deberet species in Intellectum patientem, ut ea informatus obiectum cognosceret, ut in caeteris potentiis fieri docuimus, sed quia species in Intellectum producenda debet esse spiritualis, ut in ipso Intellectu spirituali recipi queat, Phantasma autem est corporeum, quemadmodum potentia et organum in quibus inhaeret, non potest per se solum producere speciem (Commentarii Collegii Conimbricensis in Vniuersam Dialecticam Aristotelis Stagiritæ, I, 1606, p. 114).*

<sup>29</sup> Marcus Fabius Quintilianus, *Institutio oratoria*, VI, 2, 29. D. Marcos não transcreve o termo grego que aparece na versão original do gramático, reproduzindo apenas as palavras que são também lembradas pelo Sepontino, a propósito do termo *fantasia* (*Cornuicopie D. Nicolai Perotti*, 1543?, f. 25, col. 2, l. 49).

porque note<sup>30</sup> dos mouros enganosos  
a Cidade, e poder, e porque vejam  
os Cristãos que só tanto ver desejam.<sup>31</sup>

E trata logo de inviar à Cidade dous degradados que trazia do Reino condenados a este perigo por suas culpas; escolhidos entre outros por sua sagacidade. Estes iam advertidos e industriados pera notarem o estado da Cidade e do poder que nela havia, e juntamente pera se informarem se na terra havia os Cris(122v)//tãos que lhes disseram, e que sobretudo desejavam ver.

E de alguns condenados.

Quando Vasco da Gama partiu de Portugal deu-lhe El Rei Dom Manuel alguns homens que estavam presos por crimes pelos quais mereciam morte, a qual lhe comutou neste degredo, pera por eles o Capitão mandar estas embaxadas perigosas, que com esta condição lhe deram a vida pera a eles arriscarem nestas ocasiões, e os outros ficarem livres de perigo. Entre estes foi um João Machado natural de Braga<sup>32</sup>, o qual depois de correr muitas terras foi ter à corte do Hidalção, em cujo serviço andava no tempo que Afonso de Albuquerque tomou Goa, onde este João Machado lhe deu muitos avisos que foram a principal causa de se tomar aquela Cidade e de se conservar no tempo do Cerco.

---

<sup>30</sup> Em todas as edições publicadas até 1631: «porque notem».

<sup>31</sup> No texto de 1572: «os que Cristãos, que só tanto ver desejam». Em todas as restantes edições publicadas até 1631 pode ler-se, como no manuscrito de D. Marcos: «os Cristãos, que só tanto ver desejam».

<sup>32</sup> A respeito da chegada a Mombaça, João de Barros diz, na *Decada Primeira da Asia*, que Vasco da Gama mandou a terra «dous homens que levassem um presente ao Rei» (1628, IV, V, f. 70v). É a propósito da viagem de Pedro Álvares Cabral, e, em particular, do sucedido em Melinde, que Barros fala de João Machado: «Neste lugar leixou Pedr'Álvares dous degredados dos que levava, e a causa de os aqui lançar, era porque lhe mandava el Rei dom Manuel que como fosse nesta costa leixasse nela alguns dos degredados que levava pera irem per terra descobrir o Preste João por ter já sabido que per esta costa podiam ir ao inte[rri]or da terra daquele sertão onde ele tinha seu estado. Isto com grandes promessas de mercê se descobrissem este príncipe tão desejado, um havia nome João Machado e o outro Luís de Moura, mas eles tomaram outro caminho como veremos em seu lugar. E o que João Machado fez foi de mais serviço del Rei naquele tempo que este do Preste que lhe mandavam fazer.» (*Decada Primeira*, 1628, V, III, fls. 91v-92). Esta mesma informação acha-se reiterada e desenvolvida na *Decada Segvnda*, onde, a partir do livro V, capítulo V, f. 109v, João Machado volta a ser lembrado e é enaltecido o seu papel na defesa de interesses portugueses em Goa, já no tempo de Afonso de Albuquerque. D. Marcos lembra adiante João Machado, sem repetir a confusão que neste passo comete. É provável que, para seguir o texto de Camões, onde se cruza informação oriunda de várias narrativas historiográficas, tivesse aqui presente, mais do que a versão de Barros, a de Castanheda, segundo a qual o Gama, a fim de «confirmar a paz com el rei» de Melinde, mandara a terra «dous dos nossos. E estes foram dous degradados dalguns que trazia pera aventurar co'estes recados [...]» (*Ho Livro Primeiro dos dez da historia do descobrimento & conquista da India pelos Portugueses*, 1554, I, IX, p. XX).

## Feitos vergonhosos.

Obras dignas de se envergonhar quem as cometeu, e ainda quem as ouve, e esta vergonha é ãa espécie de temor. Aristó[te]les, *Pudor est timor iustae vituperationis*<sup>33</sup>, vergonha é temor de justo vitupério, e por esta causa diz São João que quem faz mal avorrece<sup>1</sup> a luz, porque se envergonha de saírem a ela suas obras<sup>34</sup>. Donde disse Plauto: *Meretricem pudorem gerere magis decet quam purpuram*<sup>35</sup>, à mulher pública mais lhe convém andar coberta de vergonha que de púrpura; não porque delas se espere ser vergonhosas, cousa tanto contra sua profissão, senão porque são seus feitos vergonhosos. Este privilégio tem os ignorantes, que se não envergonham de seu pouco saber, mas antes, *pro summa peritia ostendunt*, como diz nosso padre S. Augustinho.<sup>36</sup>

Aventurados *i.* postos à ventura. (123)//

8

E por estes ao Rei presentes manda  
porque a boa vontade que mostrava  
tenha firme, segura, limpa, e branda,  
a qual bem ao contrário em tudo estava.  
Já a companhia pérfida, e nefanda,  
das naus se despedia, e o mar cortava,  
foram com gestos ledos, e fingidos,  
os dous da frota em terra recebidos.

Por estes dous degradados mandou o Capitão ao Rei Mouro um rico presente, pera que em obra ponha a boa vontade que lhes mostrou em palavras; o que nele era muito ao contrário, porque ãa cousa dezia com a boca e outra lhe ficava no coração. Já os pérfidos e maliciosos mouros despedidos do Capitão português

---

<sup>1</sup> No ms., parece ter havido uma hesitação quanto à forma desta palavra. «Aborrece» terá sido a primeira escolha, depois alterada para «avorrece».

---

<sup>33</sup> V. Aristóteles, *Ética a Nicómaco*, (IV, 9): «[A vergonha] é definida, pelo menos, como um certo medo da má reputação» (2004, p. 105). A definição latina dada por D. Marcos condiz com a que vem na *Polyanthea Nova* a propósito de *Pudor* (1607, p. 971).

<sup>34</sup> Secundum Iohannem, 3, 20: *omnis enim qui mala agit odit lucem / et non venit ad lucem ut non arguantur opera eius*. Este passo surge, a respeito de *Conscientia*, na *Polyanthea Nova* (1607, p. 231).

<sup>35</sup> Titus Maccius Plautus, *Poenulus*, v. 304. Este exemplo é convocado na *Polyanthea Nova*, tanto para ilustrar o conceito de *Ornatus* (1607, p. 838) como para caracterizar *Pudor* (1607, p. 971).

<sup>36</sup> A expressão encontra-se nas *Quaestiones in Evangelium secundum Lucam*, XL, 2. Na edição de referência: *Non enim vel abscondunt imperitiam suam, sed pro summa peritia proferunt in lucem et iactantia sermonis ostentant*. (*Sancti Avrelii Avgustini Quaestiones Evangeliorum*, 1980, p. 98).

partiam pera a Cidade aonde os dous portugueses foram com fingida alegria recebidos.

E por estes ao Rei presentes manda.

Não ia o Capitão mal encaminhado fortificando as palavras destes com dádivas e presentes, se a malícia não tivera tão corrompidas as vontades deles, que nem dádivas tão agardáveis a todos, e que são o principal meneo dos negócios do mundo, lhas podiam sarar. Diz Menandro nũa Comédia que dádivas de gente má nada aproveitam<sup>37</sup>, e eu digo que dádivas em gente perversa de nenhum proveito são. Estes receberam o presente dos nossos com alegre fingimento; e tinham no mesmo tempo tratado e determinado de os matar, e roubar. Quantos destes tem o mundo.<sup>1</sup> (123v)//

9

E depois<sup>38</sup> que ao Rei apresentaram  
co recado os presentes que traziam,  
a Cidade correram e notaram  
muito menos daquilo que queriam,  
que os Mouros cautelosos se guardavam<sup>39</sup>  
de lhe mostrarem tudo o que podiam,<sup>40</sup>  
que onde reina a malícia está o receo  
que a faz imaginar no peito alheio.<sup>41</sup>

Depois que os dous portugueses apresentaram ao Rei de Mombaça o presente e recado que lhe o Capitão mandava, foram levados pelos Mouros per as mais escusas ruas da Cidade, deixando de lhe mostrar o melhor que nela havia, de cautelados e maliciosos.

---

<sup>1</sup> A ausência de pontuação, a partir de «roubar», torna difícil saber se esta frase teria um sentido exclamativo ou interrogativo. De resto, não é de excluir a hipótese de que se trate de um aditamento mais tardio (parecendo da mesma mão, a letra sofre aqui – última linha da folha – alterações). Limitámo-nos, assim, a introduzir um ponto final antes de «Quantos», marcando uma pausa necessária ao efeito retórico do desabafo que D. Marcos confia à reflexão dos leitores.

---

<sup>37</sup> Na *Polyanthea Nova*, a respeito de *Munera*, pode ler-se as palavras atribuídas a Menandro: *Mali enim uiri dona utilitatem non habent* κακοῦ ἀνδρὸς δῶρ' ὄνησιν οὐκ ἔχει (1607, p. 783). Este fragmento, cuja autenticidade oferece dúvidas, apresenta semelhanças flagrantes com o verso 618 da *Medeia* de Eurípidēs. Ainda assim, integra a colectânea de sentenças recolhidas por Meineke, em 1847, sob o título *Gnomai Monostichoï* (292 K, *Fragmenta Comicoꝝ Graecorum*).

<sup>38</sup> Em todas as edições publicadas até 1631: «despois».

<sup>39</sup> D. Marcos escreve «guardavam», tratando-se naturalmente de um lapso, pois contraria o esquema rimático estabelecido no texto camoniano. Em todas as edições publicadas até 1631: «cautelosos se guardaram».

<sup>40</sup> Em todas as edições publicadas até 1626: «tudo o que pediam». Em 1631: «tudo que pediam».

<sup>41</sup> Nas edições de 1572, 1584, 1597, 1613, 1626 e 1631, lê-se «receio» e «alheio», no final dos versos 7 e 8. Em 1591: «receio» e «alheo». Em 1609 e 1612: «receo» e «alheo».

Que onde reina a malícia está o receo  
Que a faz imaginar no peito alheo.

Esta sentença é mui semelhante àquela que disse no primeiro canto: «Que da tenção danada nace o medo».

Aqui dezia que tinham medo porque eram culpados, mas agora diz: que o mau todos cuida que são maus, e deles se guarda como doutro tal como ele. Ovídio o disse:<sup>42</sup>

*Conscia mens ut cuique sua<sup>1</sup> est sic concipit intra pectora.<sup>II</sup>*

A isto diz um provérbio antigo português, a gata ruiva o que faz isso cuida. (124)//

Onde reina a malícia, quer dizer onde a maldade é mais poderosa que a razão. Reinam quer dizer dominam e ser superior, donde os médicos chamam humor perdominante ao que tem mais força e vigor no sujeito; e assi os<sup>III</sup> quartanários, quando tem febre é sinal que domina a cólera, e quando frio a malenconia reina. Assi como num corpo humano se acham vários humores, assi na alma se vem vários afeitos; da corrupção dos humores nascem as infirmitades corporais, e da perversidade dos affectos nascem as desordenadas paixões d'alma. A raiz de todas elas se chama malícia, e todas as paixões pecaminosas dela saem como espécies de género. De sorte que a avareza, a luxúria, a soberba e todos os outros vícios são filhos da malícia. E onde esta reina, logo (em castigo de sua perversidade) nace o recção, que é um tirano que não permite viver o sujeito mau em paz e quietação. Ovídio o declarou elegantemente dizendo em pessoa de um malicioso:

*Multa miser timeo, qui feci multa perverse  
Exemplique metu torqueor ipse mei.<sup>44</sup>*

*Conscientia  
peccati  
formidinis  
mater.  
Chrysost., Sup.  
Psal.<sup>43</sup>*

Ovidius, 2  
*Amorum*

<sup>I</sup> No ms.: «cuique\*sua\*est»...

<sup>II</sup> No ms.: «~~spemque metumque~~ et pectora»...

<sup>III</sup> No ms.: «nos quartanarios»...

<sup>42</sup> Publius Ovidius Naso, *Fasti*, I, vv. 485-486. Na edição de referência: *conscia mens ut cuique sua est, ita concipit intra/pectora pro facto spemque metumque suo*. Estes versos figuram, *ipsis verbis*, na *Polyanthea Nova*, quer no capítulo sobre *Conscientia* (1607, p. 232) quer na secção dedicada a *Mens* (1607, p. 727), pelo que terá sido D. Marcos a introduzir a variante patente no seu manuscrito, onde alguns sinais denunciam as hesitações de quem escreve, porventura traído pela memória.

<sup>43</sup> V. *Expositio super scriptionem Psalmi quinquagesimi (Divi Ioannis Crisostomi Archiepiscopi Constantinopolitani Opera*, 1583, f. 334): *Nonne gladii potestatem habes? Habeo, inquit, sed conscientiam peccati mei timeo formidinis matrem*. A versão abreviada do texto de S. João Crisóstomo, tal como é citada por D. Marcos, surge na *Polyanthea Nova* a propósito de *Conscientia* (1607, p. 232).

<sup>44</sup> Publius Ovidius Naso, *Amores*, I, IV, vv. 45-46. Na edição de referência: *multa proterve, / exemplique metu torqueor, ecce, mei*. A versão de D. Marcos segue aquela que a *Polyanthea Nova* apresenta, quer sob o título *Mens* (1607, p. 727) quer sob o título *Peccatum* (1607, p. 877).

E Lucano: *Heu quantum misero poena mens conscia donat*<sup>45</sup>. Este temor que os maus tem, os faz andar sempre acautelados e receosos, não só porque temem o castigo de seus males, mas porque tem pera si que todos são maus como eles, e assi tudo o que vem atribuem a mal, corrompendo as tenções virtuosas com seus malinos pensamentos. Assi o dezia Ovídio:

Lucan., 7 *Phars.*

*Omnia perversae poterunt corrumpere mentes.*<sup>46</sup>

Ovid., pr.º *Fast.*

10

Mas aquele que sempre a mocidade traz<sup>47</sup> no rosto perpétua, e foi nacido<sup>48</sup> (124v)// de duas mães, que urdia a falsidade por ver o navegante destruído, estava nãa casa da Cidade, com rosto humano, e hábito fingido, mostrando-se Cristão que<sup>49</sup> fabricava um altar sumptuoso que adorava.

Mas Baco, que em perpétua mocidade vive, e foi tirado do ventre da mãe Semele, e da coxa de seu pai Júpiter, que andava tecendo algum engano com que estes navegantes fossem destruídos, já tinha tomado casa na Cidade, em forma humana e falso hábito se mostrou aos dous mensageiros ser Cristão, mostrando em prova de o ser um oratório muito devoto e bem fabricado a quem fazia reverência.

De Baco e de sua perpétua mocidade, e modo de seu nascimento, que o nosso poeta neste perífrasis diz, temos dado larga relação<sup>50</sup>. Deste hábito fingido que tomou pera mostrar que era Cristão, foi causa ao poeta um fingimento que alguns mouros desta Ilha e Cidade de Mombaça usaram com os dous degradados que a ela foram, e ainda com Vasco da Gama, por ordem e indústria do piloto de Moçambique, dizendo que eram Cristãos, e que naquela terra havia muitos; isto conta o Cronista Damião de Góis<sup>51</sup>, dizendo que o Rei da terra lhes mandou que

---

<sup>45</sup> Marcus Annaeus Lucanus, *Pharsalia*, VII, v. 784. Na edição de referência: *Et quantum poena misero mens...* Este excerto, com as mesmas variantes presentes na versão de D. Marcos, figura na *Polyanthea Nova* entre os exemplos que ilustram o termo *Conscientia* (1607, p. 232).

<sup>46</sup> Publius Ovidius Naso, *Tristia*, II, v. 301. Na edição de referência: *Omnia perversas possunt corrumpere mentes*. D. Marcos aponta como fonte os *Fasti*, provavelmente induzido em erro pela *Polyanthea Nova*, que abre a secção de sentenças poéticas alusivas a *Mens* com dois excertos de Ovídio transcritos de forma contínua e sob a indicação conjunta de: *Ovid. 1. Fast et 2. de Trist.* A citação feita por D. Marcos corresponde, *ipsis verbis*, à que figura neste florilégio (1607, p. 727).

<sup>47</sup> Em todas as edições publicadas até 1631: «Tem no rosto».

<sup>48</sup> Nas edições de 1572, 1584, 1597, 1609, 1612, 1626 e 1631: «nascido». Em 1591 e 1613: «nacido».

<sup>49</sup> Em todas as edições publicadas até 1631: «e fabricava».

<sup>50</sup> Ver *supra*, p. 118, o comentário de D. Marcos a propósito de «Padre Baco» (*Lus.*, I, 30, v. 5).

<sup>51</sup> No capítulo da *Chronica do Felicissimo Rei Dom Emanuel* dedicado aos acontecimentos de Mombaça, Góis assevera que os pilotos mouros confirmaram a presença de Cristãos naquela Ilha e

dissessem que eram Cristãos, o que eles souberam muito bem fingir, e como de todos estes ardis era o demônio autor, que Camões entende (como muitas vezes dissemos) por Baco, a ele mesmo introduz feito Sancristão com altar e retábulos muito devoto, pera com a falsa devação enganar os nossos. Mas como está o mundo cheo<sup>1</sup> destes, que vos fazem olhar pera o Céu pera (125)// vos<sup>II</sup> despojarem dos bens da terra. Mas tornando ao nosso Baco.

11

Ali tinha em retrato afigurada  
do alto, e Santo Espírito, a pintura,  
a cândida pombinha debuxada  
sobre a única fénix virgem pura.  
A companhia santa está pintada  
dos doze tão torvados na figura  
como os que, só das línguas que caíram  
de fogo, várias línguas referiram.

Tinha Baco neste seu altar um retábulos devoto e nele pintada a vinda do Espírito Santo sobre os Apóstolos. Estava ali pintada a pombinha branca sobre a única fénix da Virgem Sacratíssima, e os doze apóstolos que a acompanhavam torvados no gesto como aqueles que só com as línguas de fogo que do Céu sobre eles deceram haviam de falar tanta variedade de línguas.

Do alto, e santo Espírito.

Este nome espírito, como tem várias significações, é necessário ajuntar-lhe algum epíteto, que declare de que espírito se fala, e por isso o nosso poeta lhe ajunta os dous: alto, e santo. Nas divinas letras, espírito se chama ruah רוח, com as mesmas significações e diferenças que em latim, e ainda em português se toma. Propriamente falando se toma pelo ar elemental comovido, a que chamamos vento. Genesis 8: *Et fecit transire Dominus ruah .i. ventum super terram*<sup>52</sup>. (125v)//

---

<sup>1</sup> No ms., decerto por lapso, lê-se «estaomundo cheos destes».

<sup>II</sup> No ms., não é claro se há uma alternância na utilização dos pronomes «vos»/«nos». As variações da caligrafia não nos permitem ter certeza absoluta na leitura deste passo.

---

que o Rei local ordenou aos seus mensageiros «que dissimulassem serem Cristãos, e dissessem que na terra havia muitos deles, o que eles souberam mui bem contrafazer» (1566, I, XXXVII, f. 32).

<sup>52</sup> V. Liber Genesis, 8,1: *adduxit spiritum super terram et imminutae sunt aquae*. A indicação deste passo surge na *Polyanthea Nova*, a propósito de *Ventus* (1607, p. 1167), mas D. Marcos não cita pela Vulgata, terá seguido a versão de Santes Pagnino, um autor de referência da exegese bíblica, já anteriormente trazido à colação. Na verdade, D. Marcos reproduz, com leves variações, o que se lê no verbete רוח do *Thesaurus Linguae Sanctae, Sive Lexicon Hebraicum*: [...] *et transire fecit Deus רוח ventum* (1575, col. 2654). De resto, esta obra parece ter sido a fonte inspiradora da dissertação acerca das diferentes significações do termo hebraico: para justificar a primazia

Segundariamente se toma por tudo aquilo que foge da nossa vista, *i.* que não é visível, como alma, anjo, Deus. A tudo isto chamamos espírito, só a Deus cha[m]amos<sup>1</sup> Espírito divino ou Santo *ect.* Per metonímia se toma, segundo Santes Pagnino, pelos afectos da alma ou movimentos do ânimo, bons ou maus; e assi entende ele aquilo dos Genesis, *Et revixit Spiritus Iacob i. Coepit esse bono animo, et recreatus est*<sup>53</sup>. E aquilo de Ezequiel, *ubi erat impetus spiritus*<sup>54</sup>. «Onde o espírito os levava» *i.* onde ele queria<sup>II</sup> e onde era sua vontade ali iam. E à letra se entende aquilo do Salmo, *Auferet spiritum principum*<sup>55</sup>. «Tirá o espírito dos príncipes». Segundo<sup>III</sup> Targum, *Minuet crassitiam spirituum eorum, i. fastum superbiam, audaciam, animi elutionem.* E em português se toma espírito também por ânimo,

<sup>1</sup> No ms.: «chamos».

<sup>II</sup> No ms.: «ondeelle querião».

<sup>III</sup> No ms.: «princepes. \*Segundo\* Targum»...

atribuída ao sentido de «vento», D. Marcos retoma as palavras do *Thesaurus* e transcreve o mesmo versículo do Genesis (*communis et primaria significatio est pro aere, uel uento elementari* – 1575, col. 2654); para tratar da dimensão imaterial do «espírito», parafraseia o texto de Pagnino (*Dicitur natura uel res Spiritualis, quae nec carnem habet, nec ossa, nec sub sensus externos cadit.* – 1575, col. 2654).

<sup>53</sup> V. Liber Genesis, 45, 27: *cumque vidisset plaustra et universa quae miserat revixit spiritus eius.* De facto, Pagnino atesta a identificação entre *spiritus* e *animus*, ao afirmar: *Pro Mente, Animo: uel animi Impetu, Motu, seu Affectu, et concitatione, uoluntate, etc. ut et latine Animi nomen. Pro energia, uirtute, seu efficatia uiuificante et carni opponitur...* (1575, col. 2654). No entanto, nem o trecho bíblico invocado por D. Marcos nem a paráfrase de Pagnino aqui citada figuram neste passo do *Thesaurus*; figuram, sim, na *Sacra Biblia, hebraice, graece et latine cum annotationibus Francisci Vatabli* (1616, I, p. 107). Trata-se de uma edição que retoma – revista – a tradução assinada por Pagnino, mas onde não se esclarece se é sua a autoria de parte das anotações. A menos que de outra fonte se servisse, D. Marcos parece não ter tido dúvidas em atribuir aquela leitura à autoridade de Pagnino.

<sup>54</sup> Hiezechiel Propheta, 1, 12: *et unumquodque coram facie sua ambulabat ubi erat impetus spiritus illuc gradiebantur.* D. Marcos cita pela *Vulgata*, embora continue a considerar o *Thesaurus Linguae Sanctae*, onde Pagnino emprega as mesmas palavras proféticas para exemplificar a associação entre *ruah* e *voluntas*: *ubi erat spiritus i. voluntas eundi, ibant* (1575, col. 2655). Além disso, parece apoiar-se também na paráfrase caldaica da *Sacra Biblia: Quo erat voluntas ambulandi, ambulabant. Spiritum pro voluntate [...]* Alii, *ad locum quo impellebat spiritus [aut ventus] ibant.* (1616, II, p. 411).

<sup>55</sup> Psalmi Iuxta LXX, 75, 13: *et ei qui aufert spiritus principum terribili apud reges terrae.* Apesar de preferir a versão da *Vulgata*, D. Marcos traduz o verbo no futuro (*auferet*), o que pode indiciar uma deliberada perfilha da orientação proposta na *Sacra Biblia*, onde se regista em nota o uso do verbo hebraico nesse tempo e se salienta a sua equivalência a *vindemiabit* (1616, II, p. 148). Não seria, porém, essa a fonte para citar o *Targum*, nem tão-pouco o *Thesaurus* de Pagnino, apesar de este integrar inúmeras alusões à versão caldaica. A glosa ordinária da *Biblia Sacrorum* sugere uma leitura de significado muito próximo, embora aí figurem palavras diferentes das que D. Marcos emprega para dizer a capacidade divina de aniquilar a soberba dos monarcas: *spiritum princi. Cas. Superbiae vel tumori tollit, et facit reges sui, qui corpus suum moderantur* (1545, f. 195). É possível que D. Marcos tenha adaptado os termos que se encontram no *Targum* de Jonathan (paráfrase caldaica dos livros históricos e proféticos, disponível pela primeira vez na *Biblia régia* de Antuérpia, com a tradução latina de Alfonso de Zamora): *Comprimet tumorem spiritus magnatum* (*Biblia Sacra*, 1569-[1573], III, p. 415).

ousadia e atrevimento, e ânimo aparelhado a emprender cousas grandes, isto quer dizer, homem de grandes espíritos. Em hebraico, latim e português se toma espírito por Anjo, bom e mau<sup>56</sup>. Por Anjo bom, disse Eliseu a Elias: *Spiritus Domini tollet te*<sup>57</sup>. Por Demônio, *Regum* 3, c. 22: *Et egressus fuit spiritus et stetit coram Domino*<sup>58</sup>. Ultimamente pelo Espírito Santo, ãa das três pessoas da Santíssima Trindade. Joel 2: *Effundam<sup>1</sup> spiritum meum*<sup>59</sup>. Derramarei o meu espírito.

A cândida pombinha.

A pomba é símbolo do Espírito Santo, porque no Evangelho se lê que deu testemunho o grande Baptista, que vira o Espírito Santo em forma de pomba descansar sobre Cristo nosso Senhor. E porque o espírito é cousa que se não vê, e menos se pinta, os curiosos pintores, onde é necessário, ou onde querem demonstrar o Espírito Santo em forma visível pintam ãa pomba branca, como no mistério da encarnação do filho de Deus, e neste da vinda do Espírito Santo. (126)//

texto

Sobre a única fénix virgem pura.

---

<sup>1</sup> No ms.: «Effundam despiritū meum.»

---

<sup>56</sup> O comentador parece traduzir os termos do *Thesaurus*, embora apresente exemplos bíblicos diferentes: *De Angelo tam bono quam malo. Sed de malo fere cum addito, ut spiritus malus, spiritus immundus, Zechar. 13 et passim in Evangelistis pro diabolo, aut cum aliqua alia additione.* (1575, col. 2654).

<sup>57</sup> Porventura iludido pela memória, D. Marcos cruza diferentes passos da Escritura: por um lado, palavras usadas no Liber Malachim, IV Regum, 2, 16 (*ne forte tulerit eum spiritus Domini*), em versículos que reproduzem o discurso com que os filhos dos profetas se dirigem a Eliseu, e, impressionados pelo desaparecimento de Elias, admitem a hipótese de «o Espírito do Senhor o ter levado»; por outro, palavras usadas no Liber Malachim, III Regum, 18, 12 (*cumque recessero a te spiritus Domini asportabit te in locum quem ego ignoro*), em versículos que reproduzem o discurso com que Obadias, dirigindo-se a Elias, manifesta o seu receio de ver o profeta desaparecer, levado pelo «Espírito do Senhor». Em nenhum dos casos se trata de uma fala de Eliseu a Elias. No que diz respeito ao Liber Malachim III Regum 18, 12, D. Marcos deverá ter lembrado, não a Vulgata, mas antes a versão de Pagnino (*Et erit, ego ibo a te, et spiritus Domini tollet te ad locum...* v. *Sacra Biblia*, 1616, II, p. 916) ou a da *Hebraica Biblia: Et erit cum ego recessero a te, ut spiritus Domini tollet te in locum quem ego non scio* (1534, p. 331). Estes versículos não são citados no *Thesavrvs Lingvae Sanctæ*, a propósito de «Anjo bom».

<sup>58</sup> Liber Malachim, III Regum, 22, 21: *egressus est autem spiritus et stetit coram Domino.*

<sup>59</sup> Iohel Propheta, 2, 28. Esta indicação surge na *Polyanthea Nova*, sob o título *Spiritus* (1607, p. 1091). D. Marcos reproduz os termos da Vulgata, mas a rasura feita no manuscrito deixa crer que hesitou em seguir a lição dos Setenta (*effundam de spiritu meo*). Na edição da Escritura, as várias versões consideradas figuravam muitas vezes em colunas paralelas, como acontece na *Biblia Sacra variarum* (1616, II, p. 964) e na *Biblia Sacra* (1569-[1573], IV, p. 775), o que pode também justificar a vacilação do comentador ao copiar o versículo. A aceção de «Espírito Santo» aqui apontada por D. Marcos vem destacada quer na paráfrase caldaica da *Biblia sacra* (1569-[1573], IV, p. 775) quer no *Thesavrvs Lingvae Sanctæ* de Pagnino: *Saepe de Spiritu Sancto dicitur, tertia persona Triadis: tumque saepe adiunctum habet Dei, uel Domini* (1575, col. 2654).

Perífrasis da Virgem Maria, senhora nossa. Com muita conveniência lhe chama fénix única. Como se dissera que em ser única é semelhante à fénix. Ser única nos dões, nas graças e prerrogativas, quem o duvida? O Espírito Santo o tinha dito dela nos Cantares de Salamão: *Una est columba mea, perfecta mea una est matri suae electa genitrici suae*<sup>61</sup>. Ûa é minha pomba, porque foi única na mansidão e na humildade. Ûa a minha perfeita, porque a perfeição desta Senhora excedeu a perfeição dos mais altos Querubins. Ûa a sua mãe, porque Santa Ana não pariu outra filha senão a ela, contra a opinião de alguns devotos de S. João Evangelista, que pera o fazerem primo de Cristo, alevantam a Santa Ana que casou três vezes depois de bem velha, porque quando concebeu miraculosamente esta filha já naturalmente não podia parir. E quando a levou ao templo inda S. Joaquim a acompanhou, e qual deles morreu primeiro não se sabe, nem aquele livro escrito em hebraico, que S. Hierónimo traduziu à petição dos Bispos, tal cousa<sup>II</sup> dezia. E pera de três varões ter três filhas eram necessários três milagres de cada vez maiores<sup>III</sup>, além do escândalo público de ver ùa velha três vezes enfeitada. E se aos homens velhos se primitia casar muitas vezes, como a Abraão, era por outra causa que nas mulheres não havia. E essas mulheres que sendo velhas pariram por milagre, ùa só vez pariram do primeiro marido, quanto mais de três. Isto quis dizer aqui tão fora do meu assunto, porque não tinha paciência ver escrito por conjeituras tão escandalosa opinião, fundada em chamar o Evangelho a Maria Cleofé e à mulher do Zebedeu Irmãos da Senhora, não sabendo o termo de falar das Escrituras, (126v)// que a todos os parentes chamam Irmãos. Como também erraram os Hereges que disseram que Esta senhora tivera mais filhos porque no mesmo Evangelho se faz menção de Irmãos de Cristo: *Ecce mater tua et fratres tui foris stant ect.*<sup>62</sup> Enfim que conforme este texto a Virgem Sagrada foi filha única de sua mãe Santa Ana.<sup>63</sup>

Sanazário, no 2º livro *De partu Virginis*, compara a esta Virgem santíssima à Fénix. Traduzido por Greg. Hernandes: *Qual suele aparecer del vando alado Rodeada la phenix deseosa De visitar el Hespero apartado Batiendo alas de purpura hermosa, Cabeça y cola y cuello<sup>1</sup> variado. De azul escuro y de color de rosa, Que con su resplandor y nativo oro escureciendo va el phebeo tesoro. Tal del alado exercito y lumbroso la sacrosanta phenix rodeada, ect.*<sup>60</sup>

<sup>I</sup> No ms., rasura ilegível.

<sup>II</sup> No ms.: «talcosa não-dezia.»

<sup>III</sup> No ms.: «milagres. \*decadaves maiores\* alem do escandalo»...

<sup>60</sup> D. Marcos transcreve fielmente a versão de Gregorio Hernandez de Velasco, *El Parto De La Virgen, que compuso el celebre Iacobo Sānazarro, Poeta Napolitano, en verso Heroycó Latino. Traduzido en octava rima Castellana* (1580, fls. 45v-46).

<sup>61</sup> Canticum Canticorum, 6, 8. Na edição de referência: *matris suae*.

<sup>62</sup> Secundum Mattheum, 12, 47: *ecce mater tua et fratres tui foris stant quaerentes te*.

<sup>63</sup> D. Marcos refuta uma tese que suscitou grande polémica entre os comentadores da Sagrada Escritura, dando origem a versões contraditórias nos relatos hagiográficos. A sua posição, muito crítica em relação aos que defendiam as três gravidezes de Santa Ana, contesta argumentos que podemos encontrar divulgados nos *XL Libros d'el Compendio Historial*, de Garibay (1571, IX, XVII, pp. 430-431) e sobretudo nos escritos de Alonso de Villegas (1533-1603), autor do *Flos sanctorum* publicado com grande êxito entre 1578 e 1589 (título ao qual haverá que acrescentar, de resto, as duas partes com que pretendeu completar os seus trabalhos: *Fructus Sanctorum*, de 1594, e *Vitoria y Triunfo de Jesu Christo*, de 1603). Nesta obra de referência para as comunidades religiosas de toda a Península Ibérica, foram compilados modelos de santidade, de acordo com os princípios doutrinários pós-tridentinos de incentivo à evangelização das massas através dos *exempla*. Isso não impediu, porém, que o crúzio de Coimbra impugnasse afirmações inclusas na *Segvnda Parte* y

Tantos são os autores, e tão graves os que escreveram desta fénix, que matéria tínhamos nós em seus escritos pera fazer um largo tratado, mas do que eles disseram faremos um breve epílogo. Plínio diz que é do tamanho de ãa águia, e que tem as penas do pescoço de cor de ouro e corpo vermelho, o rabo da cor da rosa, entresachadas algũas penas azuis, e com um penacho na cabeça. Porém duvida se esta ave é fabulosa ou não. *Haud scio an fabulose*<sup>64</sup>. Manílio senador, que com muita diligência escreveu desta ave, diz que vive 660 anos, e que quando se sinte já muito velha que busca paus cheirosos e deles faz ninho e sobre ele morre, e que dos tutanos desta morta nasce<sup>1</sup> outra que fica em seu lugar<sup>65</sup>. Outros dizem que se queima, e que das suas cinzas nasce outra *ect*. Está tão introduzida no mundo esta opinião da ave fénix, que me não atrevo a negá-la; e envolve em si tantas contrações que não posso confessar por verdadeiro tudo o que dela se escreve. O que

Plínio, lib. X,  
c. 2

Manilius *apud*  
*Plinium*

*Cornucopia*<sup>II</sup>,  
epig. 118, f.  
230, *Illud obiter*  
*addendum*  
*hoc loco videt*  
*non defuisse*  
*claros autores*  
*qui phoenicem*  
*avem non*  
*a purpureo*  
*alarum colore*  
*nominatam*  
*velint sed a*  
*phoenice hoc est*  
*palmae arbore*  
*quam paulo*  
*ante Syagron*  
*appellari*  
*diximus cuius*  
*generis unicam*  
*esse prodiderunt*  
*quae cum*  
*phoenice ave*  
*moritur ac*  
*renascitur ex*  
*se ipsa pomis*  
*referta.*<sup>66</sup>

<sup>1</sup> No ms.: «desta morta nasce ~~hã~~ outra que fica»...

<sup>II</sup> No ms.: «Cornucopia».

*Historia General en que se escribe la vida dela Virgen Sacratissima madre de Dios*, onde Villegas diz que, depois de viúva, a mãe de Nossa Senhora teria casado segunda vez com Salomé, nascendo dessa união Maria Salomé, e que teria casado ainda uma terceira vez, então com o pai de Maria Cleofé, *todo por ordenacion divina* (1586, f. 16v). D. Marcos nega verosimilhança a estas concepções serôdias, sugerindo que essa «escandalosa opinião» radicava na fantasia de alguns devotos de S. João, desejosos de provarem o seu parentesco com Jesus. E, de facto, o autor do *Flos sanctorum* revela ser partidário dessa corrente, uma vez que procura desacreditar o testemunho de Iacobo Fabro exactamente por este ter defendido a condição unigénita da Virgem e por ter assegurado que *los Apostoles a quien el Santo Evangelio llama hermanos de Christo, por ser hijos de las que llama hermanas de la Virgen, no fueron primos de Iesu christo, sino parientes suyos, en grado mas remoto, como lo fue Isabel, madre del Bautista* (1586, f. 16v). Villegas insiste na leitura inequívoca dos textos sagrados, lembrando que *los Evangelistas y particularmente San Juan dicen que estaban junto a la Cruz, al tiempo que Jesu Christo espiró, su madre y las hermanas de su madre, Maria Cleophe; y quando en la sagrada Escritura se dize una cosa llana como esta, y no ay otro lugar que parece contradizezirla, no ay para que se exponga y se busque modo como venga uno con otro* (1586, f. 17). E, nesta perspectiva, considera excepcional a utilização do termo «irmãos» como sinónimo de «parentes» no Evangelho de S. Mateus (12, 47). Significativamente (porque revela familiaridade com os argumentos esgrimidos a favor da interpretação contrária), é este mesmo exemplo que D. Marcos invoca para mostrar o uso figurado da palavra «irmão».

<sup>64</sup> D. Marcos traduz parcialmente um trecho de Plínio (*Naturalis Historia*, X, II, 3): *Aethiopiae atque Indis discolores maxime et inenarrabiles esse ferunt aves et ante omnes nobilem Arabiae phoenicem, haud scio an fabulose, unum in toto orbe nec visum magno opere.*

<sup>65</sup> A citação de Manilius é feita através de Plínio, mas D. Marcos afasta-se da sua fonte quanto à longevidade da fénix. V. *Naturalis Historia*, X, II, 4: *Primus atque diligentissime togatorum de eo prodidit Manilius senator ille maximis nobilis doctrinis doctore nullo: neminem exstitisse qui viderit vescentem, sacrum in Arabia Soli esse, vivere annis DXL, senescentem cassiae turisque surculis construere nidum, replere odoribus et superemori; ex ossibus deinde et medullis eius nasci primo ceu vermiculum, inde fieri pullum, principioque iusta funera priori reddere et totum deferre nidum prope Panchaam in Solis urbem et in ara ibi deponere.*

<sup>66</sup> D. Marcos transcreve os termos de Perotto, distanciando-se apenas num ponto: *Phoenices hoc est palme... (Cornucopiae D. Nicolai Perotti, 1543?, f. 230, col. 1, l. 20-25).*

me atrevo a dizer é que de facto aí há Ave fénix, e esta que é muito rara, e solitária, e também aprovo (inda que *cum formidine*) que dos tutanos da velha morta nace a nova. Ao que me inclino, porque no Brasil, e ainda nas partes orientais, há serpentes que depois de velhas buscam lugar escondido onde morrem, e gastada a carne, ficando a espinha toda inteira, se gera outra alimária, e por isso os negros buscam esta (127)// espinha pera a quebrar. Também é certo que no Maluco das folhas de ãa árvore se faziam borboletas que viviam e voavam, e das candeas de ãa certa árvore se formavam bichos. Mas aqui se há-de dizer que grande influxo dos astros supre nesta geração a falta do ajuntamento com que se geram comumente os animais perfeitos. Lactâncio Firmiano fez um elegantíssimo tratado em verso a respeito da fénix, que começa

Gabriel Rebelo.  
Diogo do  
Couto, *Década*  
4

*Est locus in primo felix oriente remotus  
qua patet aeterni ianua celsa poli.*<sup>68</sup>

Na filosofia se trata da Fénix, veja-se o Curso Conimbricense sobre o segundo livro do Céu, cap. 3, questão 6, artigo 4, onde se resolve o que se há-de ter por verdadeiro desta ave, e o que por fabuloso.

*Cursus Conimb.  
De Coelo*<sup>69</sup>

Dos doze tão turbados na figura.

texto

Isto não é mais que ãa declaração do que continha aquele painel que os nossos viram, e nele pintada a vinda do Espírito santo, como entre nós se costuma pintar, que é doze homens como espantados, no meio a Virgem sagrada, e no alto as

<sup>67</sup> Diogo do Couto, na *Década Qvarta da Asia* (1602, VII, X, f. 141), descreve a «fermosa árvore chamada Catopa», que se encontrava «à porta da fortaleza de Ternate». Da Catopa – diz – «caem ãas folhas mais pequenas que as gerais, cujo pé é cabeça de um bicho, ou borboleta, e o talo, o corpo, e as veias que procedem dele pés e mãos, e as folhas asas, com que logo voam, ficando perfeita borboleta e folha». Acrescenta ainda: «quando esta árvore renova cada ano, lança algũas candeas como de Castanheiro, e do pedaço de ãa, diz Gabriel Rebelo que viu um bicho servindo-lhe os grãos a roda dos pés, e o talo de corpo; e as folhas novas criam uns bichos como de hortaliça, que caem de cima pendurados por fios como teas de aranha, que acodem a apanhar ãa casta de bespas, e [o]s metem em seus ninhos que fazem de lama dentro nas casas, e enchendo-as daqueles bichos, tapam um pequeno buraco que tinham pera servintia, e vão-se as bespas pera outro pouso, e destes bichinhos que ficam nos ninhos se geram outras bespas, que por tempos saem dali a buscar mantimento». O cronista decalca e parafraseia o texto que acerca da Catopa (na Índia designada por Amendoeira) pode ler-se no cap. 10 da primeira parte da *Informação das Cousas de Maluco feita no ano 1569*, obra ao longo da qual Rebelo (feitor e Alcaide-mor da Fortaleza de Tidore) relata as coisas notáveis e os costumes autóctones do Arquipélago (*Collecção de noticias para a História e Geografia das nações ultramarinas que vivem nos domínios portugueses*, 1856, pp. 185-186).

<sup>68</sup> A autoria desta composição, tradicionalmente atribuída a Lucius Caelius Firmianus Lactantius, tem levantado dúvidas. D. Marcos, no entanto, parece ignorar ou ficar indiferente a estas questões. V. *De Ave Phoenix*, vv. 1-2. Na edição de referência: *aeterni maxima porta poli*.

<sup>69</sup> V. *Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesv. In Quatvor Libros De Cælo Aristotelis Stagiritæ*, 1593, pp. 178-180: *Diluitur extrema, pars ultimi argumenti. Agitur de Phoenicis generatione*.

línguas de fogo que vem decendo, e sobre a Senhora o Espírito Santo em figura de pomba, que é o seu símbolo. As línguas de fogo davam sinal que vinha o Espírito Santo fazê-los eloquentes e doutos, e juntamente fervorosos, ãa cousa sinificada na língua, e outra no fogo. Assi canta a Igreja:

De fogo as luzes ardentes  
De língua figura tinham  
Pois pera encendê-los vinham  
E fazê-los eloquentes.

*Ignis vibrante lumine  
linguae figuram detulit  
verbis ut essent proflui  
et charitate fervidi.*<sup>70</sup> (127v)//

12

Aqui os dous companheiros conduzidos  
onde com este engano Baco estava,  
põe em terra os gíolhos, e os sentidos  
naquele<sup>1</sup> Deus que o Mundo governava.  
Os cheiros excelentes produzidos  
na Pancaia odorífera queimava  
o Tioneu, e assi por derradeiro  
o falso Deus adora o verdadeiro.

A esta casa onde Baco estava foram levados os dous mensageiros que o Capitão à terra mandara, e vendo a imagem de seu Deus se agiolharam adorando aquele Senhor que governa o Céu e a terra. Baco entretanto incensava o altar com vários perfumes, e enfim o Deus fingido e fabuloso adora o verdadeiro.

Pancaia é ãa região de Arábia deserta onde as árvores naturalmente nascidas dão o incenso de que se usa nas Igrejas. Virgílio, 2 *Aen.*: *Totaque turiferis Panchaia pinguis arenis.*<sup>71</sup>

Virg.

Tioneu é um dos epítetos de Baco, derivado de *θυειν*, verbo grego que quer dizer andar furioso.

13

Aqui foram de noite agasalhados  
com todo o bom e honesto tratamento  
os dous Cristãos, não vendo que enganado<sup>72</sup>  
os tinha o falso e santo fingimento. (128)//

---

<sup>1</sup> No ms.: «naquelles Deos»...

---

<sup>70</sup> Hino litúrgico *Beata nobis gaudia*, atribuído a S. Hilário, bispo de Poitiers, e usado pera rezar Laudes por ocasião do Domingo de Pentecostes. V. *Psalterium Romanum*, 1585, f. 237.

<sup>71</sup> Trata-se, na verdade, de outra obra de Virgílio. V. *Georgica*, II, v. 139. Na edição de referência: *pinguis barenis*.

<sup>72</sup> Nas edições de 1572, 1584, 1591, 1597, 1609 e 1612: «enganado». Em 1613, 1626 e 1631: «enganados». D. Marcos, que noutros lugares procura apurar a lição do texto camoniano, deixa aqui passar, na lição que reproduz, uma nítida imperfeição rimática.

Mas assi como os raios espalhados  
do Sol foram no Mundo, e num momento  
apareceu no rúbido Horizonte  
da<sup>73</sup> moça de Titão a roxa fronte,

Foram agasalhados aquela noite os dous ali onde Baco estava, não caindo no engano que estava debaxo daquele fingimento. Mas tanto que amanheceu, e a Aurora esposa do velho Titão mostrou seu belo rosto no debuxado Horizonte,

14  
Tornam da terra os Mouros co recado  
do Rei, pera que entrassem, e consigo  
os dous que o Capitão tinha mandado,  
a quem se o Rei mostrou sincero amigo.  
E sendo o Português certificado  
de não haver receio de perigo  
e que gente de Cristo em terra havia,  
dentro no salso rio entrar queria.

Eis chegam a bordo das naus dos portugueses mensageiros do Rei mouro com licença sua<sup>1</sup> pera que entrassem, e consigo traziam os dous que o Capitão tinha mandado a terra, dos quais teve recado de certeza que a terra estava pacífica, e que nela moravam Cristãos como lhe tinham dito, com a qual nova o Capitão tratou logo de entrar pelo esteiro dentro com toda a armada.

Sincero amigo.

Este nome sincero se tomou dos antigos Romanos, os (128v)// quais quando compravam mel, perguntavam aos vendedores: «É ele sincero?» *i.* sem mistura de cera. E daqui se veio este vocábulo a usar, quando queremos sinificar ãa cousa pura, limpa, e sem mistura, chamamos-lhe sincera.

---

<sup>1</sup> No ms.: «com licença \*sua\* p<sup>a</sup> que entrassem»...

<sup>73</sup> Em todas as edições publicadas até 1631: «Na moça de Titão...»

<sup>74</sup> Em defesa da grafia *sincerus*, D. Marcos cita a *Orthographiae ratio ab Aldo Manutio collecta* (1<sup>a</sup> ed.: Veneza, 1561), traduzindo as palavras que remetem para o testemunho do erudito quinhentista Virgílio Carpense (*sincerus, cum i, non cum Y. libri veteres et Virgilius Carpensis – Orthographiae ratio*, 1566, p. 724). A definição apresentada coincide com os termos do *Dictionarium* de Calepino, que começa por identificar a sinonímia com *integer, illaesus, non mutilatus*, acrescentando depois a informação que D. Marcos parafraseia na nota marginal: *Tractum ab eo quòd qui diuidere fructum communem alueorum cum socio uolunt, simul cum cera mel partiuntur: quòd si mel tantum sine cera consignent, fraudulent socium, nec agunt integrè* (*Dictionarium*, 1560, p. 1140).

<sup>75</sup> A explicação etimológica que Donato apresentou para o termo *sincere* na sua glosa ao v. 97 do *Eunuco* de Terêncio (v. *Aeli Donati quod fertur commentum Terenti*, vol. 1, 1902, p. 304) é

Os que partiam as colmeas partiam o mel juntamente com a cera e a isto chamavam *sincerum, i. simul cum cera*, porque esta particula *syn, apud Graecos*, é o mesmo que *cum* ou *con apud Latinos*. Os que escrevem este nome sem y o dirivam de *sine caera*, como nós dizemos, porque assi se acha escrito nos livros antigos e Virgilio Carpense, vide Aldum Manutium in sua *Orthographia*.<sup>74</sup> *Donati verba sunt: Sincerus, i. purus sine fuco, simplex ut mel sine caera.*<sup>75</sup>

15

Dizem-lhe os que mandou que em terra viram  
sacras aras, e sacerdote santo,  
que ali se agasalharam, e dormiram  
enquanto a luz cobriu o escuro manto,  
e que no Rei e gentes não sentiram  
senão contentamento, e gosto tanto,  
que não podia certo haver suspeita  
nãa mostra tão clara e tão perfeita.

Contaram os dous ao Capitão português que eles naquela Cidade de Mombaça viram um sacerdote, e um altar sagrado onde se recolheram aquela noite. E que no povo não viram outra cousa senão grande desejo de os ver e comunicar, pelo que não havia que reccar, pois as mostras eram de ânimo sincero e amigo.

16

Com<sup>76</sup> isto o nobre Gama recebia  
alegremente os Mouros que subiam,  
que levemente um ânimo se fia  
de mostras que tão certas pareciam.  
A nau da gente pérfida se enchia  
deixando a bordo os barcos que traziam,  
alegres vinham todos porque crem  
que a presa desejada certa tem. (129)//

Com estas novas a que o Capitão Vasco da Gama dava grande crédito, começou ele a receber os Mouros que vinham à sua nau com muita cortesia, e amor, e eles a essa conta entravam com muita confiança nãa e noutra nau, deixando a bordo delas os barcos em que vinham, não entendendo os portugueses seu engano, porque um ânimo nobre e sem malícia facilmente crê o que tem aparência de verdade. Os Mouros mostravam-se muito ledos porque lhes parecia que já levavam nas unhas aquela presa.

17

Na terra cautamente aparelhavam  
armas, e munições, que como vissem  
que no Rio os navios ancoravam,

---

referida na entrada *Syncerus*, do *Dictionarium* de Calepino, para justificar a grafia de raiz latina: *Syncerus, inquit Donatus, id est, purus, sine fuco, & simplex: ut mel sine cera, quod etymon si admittamus Syncerus i, Latino scribendum erit* (1560, p. 1140).

<sup>76</sup> Nas edições de 1572, 1584, 1591, 1597, 1609 e 1612: «Co isto». Em 1613, 1626 e 1631: «Com isto».

neles ousadamente se subissem.  
E nesta treição determinavam  
que os de Luso de todo destruíssem  
e que incautos pagassem deste jeito  
o mal que em Moçambique tinham feito.

treição, com 3  
sílabas

Os mouros na Cidade se aparelhavam com armas pera cometer as naus tanto que ancorassem; e com esta t[r]eição<sup>1</sup> determinavam vingar os danos que os de Moçambique tinham experimentado.

18  
As âncoras tenaces vão levando  
com a náutica grita costumada, (129v)//  
da proa as velas só<sup>77</sup> ao vento dando  
inclinam pera a barra abalizada.  
Mas a linda Ericina que guardando  
andava sempre a gente assinalada,  
vendo a cilada grande e tão secreta,  
voa do Céu ao mar como ãa seta.

Levam âncoras, com o estrondo entre marinheiros mui usado, dando só um bolso de vela da proa ao vento, começavam a entrar guiando-se pelas balizas que na praia estavam, pelas quais enfiavam os pilotos as naus. Mas a fermosa Vénus, que tinha a sua conta a guarda desta insigne gente, vendo a malícia dos Mouros e singeleza dos Portugueses, deceu do Céu ao Mar com a ligeireza com que ãa seta do arco se despede.

19  
Convoca as alvas filhas de Nereu  
com toda a mais cerúlea companhia,  
que porque no salgado mar nasceu,<sup>78</sup>  
das águas o poder lhe obedecia.  
E propondo-lhe a causa a que deceu,  
com todos juntamente se partia,  
pera estorvar que a armada não chegasse  
aonde pera sempre se acabasse.

---

<sup>1</sup> No ms.: «teição».

<sup>77</sup> Em todas as edições publicadas até 1631: «as velas sós».

<sup>78</sup> Nas edições de 1572, 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1626 e 1631: «nasceu». Em 1613: «naceu».

Chama em sua ajuda as brancas Nereidas com todas as mais deidades marítimas, à qual logo obedeceram, lembradas que Vénus<sup>1</sup> da escuma do mar fora gerada. Todos juntos vão pera deter a armada portuguesa que não entrasse naquela barra onde sua perdição estava muito certa. (130)//

20

Já na água erguendo vão com grande pressa  
com as argêntas caudas branca escuma,  
Cloto c'ó peito corta, e atravessa  
com mais furor o mar do que costuma.  
Salta Nise, Nerine se arremessa  
por cima da água crespa em força suma,  
abrem caminho as ondas encurvadas  
de temor das Nereidas apressadas.

Com o movimento que com seu corpo na água faziam, escuma grande se levanta. Cloto pondo ao mar o peito o vai cortando com mais furor do que costumava. Saltou Nise, e Nerine se lança por cima da água com grandíssima força, as encurvadas ondas davam caminho às fermosas Ninfas quando passavam.

Muitas vezes temos dito que por Vénus se entende o Anjo santo que guiava estes navegantes, e neste presente acto clarissimamente se vê que o próprio Anjo que até li os tinha guardado os defendeu miraculosamente que não entrassem neste porto e no outro de Quíloa, onde se entraram tinham certa a morte e total destruição daquela armada, a qual se se perdera, duvido se houvera quem se atrevera a cometer aquele caminho, inda que Portugueses poucos medos lhe estorvam seu intento. Pera declarar este adjutório divino, introduz o nosso poeta as Ninfas do mar chamadas Nereides, como dissemos, de seu pai Nereu, pera que defen(130v)//dessem a entrada àquelas naus naquele porto. Chamou Vénus as Ninfas em sua ajuda, porque os Anjos muitas vezes em casos dificultosos invocam a ajuda de outros, como se lê em Daniel<sup>79</sup>, quando o Arcanjo S. Miguel acudiu ao Anjo de Israel em certa dificuldade. Mas deixada a Alegoria, e tornando à fabula, os poetas gentios faziam três géneros de Ninfas, que eram deidades menores, as quais eram mortais; estas eram as do mar, chamadas Nereides; e as das fontes, chamadas Náiades; e as dos bosques chamadas Dríadas, e Amadriadas, que eram caçadoras companheiras de Diana. Estas do mar pintavam eles com meios corpos

Plinius<sup>80</sup>

---

<sup>1</sup> No ms.: «Venus ~~naquelle~~ da escumado mar fora gerada.»

---

<sup>79</sup> Daniel Propheta, 10, 13: *princeps autem regni Persarum restitit mihi viginti et uno diebus/ et ecce Michabel unus de principibus primis venit in adiutorium meum / et ego remansi ibi iuxta regem Persarum.*

<sup>80</sup> Caius Plinius Secundus, *Naturalis Historia*, IX, IV, 9. No passo em questão, Plínio confirma a existência de Nereides, referindo como fonte dois relatórios de embaixadas romanas. O primeiro, enviado ao imperador Tibério, dava conta de um avistamento ocorrido nas praias de Lisboa,

humanos, e a última parte de seu corpo de peixe, como descreve Virgílio as que apareceram a Eneas vindo com o socorro que Evandro lhe dera. Alguns querem dizer que no mar há estas Ninfas, ou peixes que tem forma humana, e que ãa grande tempestade lançou nãa praia de França muitas mortas; e que na praia de Lisboa se achara um tritão<sup>83</sup>. Disto será o que for. Verdade seja que no mar de Moçambique, e na enseada de Sofala e noutras partes<sup>1</sup> e costas orientais se acham os peixes que tem semelhança de forma humana, a que chamam peixe-mulher<sup>84</sup>, que são os que se chegam mais à forma das Nereidas.

Virg., X *Aene.*<sup>81</sup>

Sepontinus in  
*Cornucopia*<sup>82</sup>

---

<sup>1</sup> No ms.: «enoutras partes ecostas orientais»...

durante o qual teria sido possível observar um Tritão e algumas ninfas marítimas, que tinham forma humana e o corpo coberto de escamas. O outro documento, dirigido a Augusto por um mensageiro da Gália, informava sobre o aparecimento de muitas Nereides mortas numa praia.

<sup>81</sup> Na verdade, Virgílio aplica esta descrição a Tritão: *frons hominem praefert, in pristim desinit alvus* (Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, X, v. 211). Não deixa, porém, de referir a metamorfose que Cíbele operou de modo a transformar os navios destruídos por Turno em ninfas marítimas, para que pudessem viver debaixo das ondas (X, vv. 234-235).

<sup>82</sup> Nicolao Perotto recupera a informação dada por Plínio ao descrever a morfologia das Nereides, mencionando também, conforme noticiara o embaixador de Augusto, a mortandade ocorrida no mar gálico: *Reperiunt in mari pisces humana effigie, squammis duntaxat hispido corpore, quorum gamnitum et tristem in gallico oceano dum moriuntur, audiunt accolae et diuo Augusto legatus galliae scripsit cum pluris in littore exanimis Nereidas apparere* (*Cornucopiae*, f. 176v, col. 3, l. 47-51).

<sup>83</sup> Além do que leu em Plínio, D. Marcos lembra informações dadas por Damião de Góis na *Vrbis Olisiponis descriptio* (1.ª ed.: 1554). Góis começa por falar de misteriosos ruídos da gruta da Adraga, interpretados pelo «vulgo» como o som produzido por um Tritão com seu búzio. Partindo da vaga fama, porém, tenta chegar mais longe, reunindo várias notícias e razões: afirma que, se Plínio dera conta do avistamento de um Tritão na costa de Lisboa, verosímil se tornava a existência, ali, de descendentes desses seres marinhos; decidido a fornecer um «testemunho bastante convincente», reproduz a narrativa de um pescador que garantia haver surpreendido, na zona do Cabo Espichel, um Tritão (descrito como figura de *barba prolixa, crinibus oblongis, pectore hispido, facie non admodum deformi, absolutaque hominis forma*); sempre declarando seguir a versão de um *vir integrae fidei*, acrescenta ainda um episódio ocorrido perto do Promontório da Lua; não deixa de asseverar que, junto do Barreiro, aparecera na praia, já sem vida, um homem marinho; e, por último, apoiado na documentação dos arquivos do reino, recorda que num velhíssimo manuscrito afonsino se previa um imposto para a captura de sereias e outras espécies marinhas (2002, pp. 110-117).

<sup>84</sup> Esta informação pode ser confirmada na *Ethiopia Oriental e Varia Historia de Couvas notaveis do Oriente* de frei João dos Santos (1570-1625), que D. Marcos cita em vários lugares do seu Comento. A obra de frei João dos Santos, impressa em 1609, no Convento de S. Domingos de Évora, relata experiências vividas pelo missionário dominicano. Um dos capítulos da *Ethiopia Oriental* trata «Do peixe Mulher, e aljôfar que se cria nas ilhas das Bocicas». A descrição do peixe, cuja carne frei João louva e diz ter comido «em Sofala muitas vezes, cozida com couves e temperada com seu molho» (f. 40), põe em evidência traços teratológicos («A fêmea cria seus filhos a seus peitos, que tem propriamente como ãa mulher»; «Tem a boca cheia de dentes, como dentes de cão, quatro dos quais, que são as presas, lhe saem fora da boca quasi um palmo, como dentes de porco javali [...]» – f. 40), e é nítido que no texto se cruzam duas linhas díspares: por um lado, o empenho em dar a conhecer uma realidade vivida; por outro, o cuidado de articular, tanto quanto possível, essa informação com aquela que «os antigos» fixaram, marcando uma distância crítica em relação aos «fingimentos de Poetas» (1609, I, XXVII, fls. 40-41). Frei João dos Santos, falecido em Goa, deixou inéditos os *Comentários da religião dos Rios de Cuama* e a *Relação do Descobrimento das Minas da Prata da Chicova, escrita em o ano de 1618*.

Não sabia  
Vénus nadar  
porque não  
era Deusa das  
águas, por isso  
houve mister  
quem a levasse

21

Nos ombros de um Tritão com gesto aceso  
vai a linda Dione furiosa,  
não sinte<sup>85</sup> quem a leva o doce peso  
de soberbo com carga tão fermosa. (131)//  
Já chegam perto donde o vento teso  
enche as velas da frota belicosa,  
repartem-se e rodeam nesse instante  
as naus ligeiras que iam por diante.

Às costas de um Tritão ia a fermosa Vénus em ira abrasada. Ufano vai o que a leva, e leve lhe parece o peso com o contentamento de levá-la. Já chegavam onde as naus empelidas do vento iam entrando, e rodeando-as se põe diante delas.

Muitos Tritões havia no mar, inda que principal era o mancebo negro e feo, trombeta de seu pai e seu correo. Este de quem fala aqui é outro, por isso o faz apelativo, dizendo «de um Tritão». Dione, nome de Vénus, por razão de sua Mãe, que assi se chamava.

22

Põe-se a Deusa com outras em direito<sup>86</sup>  
da proa Capitaina e ali fechando  
o caminho da barra estão de jeito  
que em vão assopra o vento, a vela inchando.  
Põe no madeiro duro o brando peito  
pera detrás a forte nau forçando,  
outras em derredor levando-a estavam  
e da barra inimiga a desviavam.

Tomou à sua conta Vénus a nau capitânia, e assi se pôs com toda a força diante dela defendendo que não entrasse pela barra, e foi a resistência tal que não pôde o vento vencê-la porque o peito delicado que ao duro madeiro se pôs a foi detendo, e a forçou a tornar atrás, as outras Ninfas que derredor de (131v)// Vénus andavam a ajudavam a desviar aquela nau daquele porto infiel.

Põe no madeiro duro o brando peito.

Esta contraposição é mui galante na poesia, como aquela de Ovídio, *Dura tamen moli saxa cavantur aqua*.<sup>87</sup>

---

<sup>85</sup> Em todas as edições publicadas até 1631: «Não sente»...

<sup>86</sup> Nas edições de 1591, 1609, 1612, 1613, 1626 e 1631: «direito». Nas edições de 1584 e 1597: «direito». Em diferentes exemplares da *editio princeps*, ocorre ora uma ora outra forma.

<sup>87</sup> Publius Ovidius Naso, *Ars Amatoria*, 1, v. 476. Na edição de referência: *moli saxa*...

23

Quais pera a cova a[s]<sup>88</sup> próvidas formigas  
levando o peso grande acomodado  
as forças exercitam, de inimigas  
do inimigo Inverno congelado:  
Ali são seus trabalhos e fadigas,  
ali mostram vigor nunca esperado,  
tais andavam as Ninfas estorvando  
à gente Portuguesa o fim nefando.

Como costumam as prudentes formigas acarretar o grão pera o seu celeiro, trabalhando no Verão pera ter que comer no Inverno, e exercitando suas pequenas forças com levar pesos conforme a sua possibilidade, que daquilo só tratam, e nisso só trabalham, e se cansam, perseverando no exercício, mais do que delas se podia esperar, assi andavam as Nereidas e Vénus com elas, estorvando aos Portugueses a entrada daquela barra onde tinham certa a morte desestrada.

Quais pera a cova as próvidas formigas.  
Esta comparação é de Virgílio, que com ela declarou (132)//

*Ac veluti ingentem formicae farris acervum  
Cum populant hyemis memores tectoque reponunt  
It nigrum campis agmen praedamque per herbas  
Convectant calle angusto; pars grandia trudent  
Obnixae frumenta humeris; pars agmina cogunt  
Castigantque moras opere omnis semita fervet.*<sup>89</sup>

Virg., 4 *Aen.*

Ovídio:

*Hic nos frugilegas aspeximus agmine longo  
Grande onus exiguo formicas ore gerentes  
Rugosoque suum servantes<sup>1</sup> cortice callem.*<sup>90</sup>

Ovid., 6. *Met.*

Vide Horatium,  
*Sat.* 1<sup>a</sup>, l. 1<sup>o</sup><sup>91</sup>

---

<sup>1</sup> No ms.: «servantes ~~agmine~~ cortice callem».

---

<sup>88</sup> Na transcrição da estrofe, lê-se «a próvidas formigas»; adiante, porém, na mesma folha, ao reiterar o verso, D. Marcos segue fielmente a lição de todas as edições d' *Os Lusíadas* publicadas até 1631: «as próvidas formigas».

<sup>89</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, IV, vv. 402-407.

<sup>90</sup> Publius Ovidius Naso, *Metamorphoses*, VII, vv. 624-626. Na edição de referência: *aspeximus*.

<sup>91</sup> V. Quintus Horatius Flaccus, *Satirae*, I, 1, vv. 33-40: *Parvola, nam exemplo est, magni formica laboris/ ore trahit quodcumque potest atque addit acervo/ quem struit, haud ignara ac non incauta futuri./ quae, simul inversum contristat Aquarius annum./ non usquam prorrepit et illis utitur antel/ quaesitis sapiens, cum te neque fervidus aestus/ demoveat lucro neque hiems, ignis, mare, ferrum./ nil obstat tibi, dum ne sit te ditior alter.* Horácio compara o comportamento da formiga,

24

Torna pera detrás a Nau forçada  
apesar dos que leva, que gritando  
maream velas, ferve a gente irada,  
o leme a um bordo e a outro atravessando.  
O mestre astuto em vão da popa brada  
vendo como diante ameaçando  
os estava um marítimo penedo  
que de quebrar-lhe a nau lhe mete medo.

Com a força que lhe faziam tornou a nau pera trás em que pesasse aos que nela iam, os quais<sup>1</sup> com gritos mareavam as velas, fervendo todos sem lhe aproveitar nada; atravessam o leme a um e a outro bordo. O mestre Piloto gritava que olhassem que ia a nau descaindo sobre um grande penedo onde a nau sem dúvida se perderia se nele desse. (132v)//

25

A celeuma medonha se levanta<sup>2</sup>  
no rudo Marinheiro que trabalha,  
o grande estrondo a Maura gente espanta  
como se vissem hórrida batalha.  
Não sabem a razão<sup>3</sup> de fúria tanta,  
não sabem nesta pressa quem lhe valha,  
cuidam que seus enganos são sabidos  
e que hão-de ser por isso aqui punidos.

Celeuma, nome grego. É a grita que levantam os marinheiros quando trabalham.

Eis começam os toscos marinheiros a querer lançar a âncora com o estrondo que costumam, do qual espantados os Mouros e não entendendo a causa, tiveram pera si que eram descobertas suas treições, e que os portugueses tratavam de lhe dar por elas o castigo que mereciam.

26

Ei-los subitamente se lançavam  
a seus batéis velozes que traziam,  
outros em cima o mar alevantavam

---

<sup>1</sup> No ms.: «os \*quais\* com gritos»...

que trabalha com afinco mas interrompe a labuta quando chega o Inverno (tempo durante o qual vive sabiamente do que amealhou), com o de Mecenas, que, sempre ávido de ter, nunca é, por isso, capaz de sossegar.

<sup>2</sup> Nas edições de 1584, 1591 e 1612: «se levanta». Em todas as outras publicadas até 1631: «se alevanta».

<sup>3</sup> Em todas as edições publicadas até 1631: «razão».

saltando n'água a nado se acolhiam.  
Dum<sup>94</sup> bordo, e doutro súbito saltavam,  
que o medo os compelia do que viam,  
que antes querem ao mar aventurar-se  
que nas mãos inimigas entregar-se.

Concebendo este pensamento receoso, os Mouros da nau com muita pressa se lançavam nos barcos que tinham a bordo. Outros de cima da nau saltaram no mar erguendo pera o ar a água com a pancada, por ãa parte e por outra, uns daqui, e outros dali, todos saltaram ou na água ou nos barcos, porque tinham por mais seguro fiar-se do mar e de seus braços nadando, que ficarem em poder dos nossos, onde pagariam com a vida ou cativoiro suas culpas. (133)//

27  
Assi como em selvática algoa  
as rãs, no tempo antigo Lícia gente,  
se sintem<sup>96</sup> por ventura vir pessoa  
estando fora d' água<sup>97</sup> incautamente,  
Daqui, e dali saltando o charco soa  
por fugir do perigo que se sente,  
e acolhendo-se ao couto que conhecem  
sós as cabeças na água lhe aparecem.

Desta  
comparação usa  
o Corte-Real<sup>95</sup>  
a semelhante  
preposito

---

<sup>94</sup> Na edições de 1597 e 1612: «d' um bordo». Em todas as outras publicadas até 1631: «de um bordo».

<sup>95</sup> Jerónimo Corte-Real compôs o *Naufragio e Lastimoso Sucesso da Perdiçam de Manoel de Sousa de Sepulveda, e Dona Lianor de Sá sua mulher e filhos* (1ª ed.: Lisboa, 1594). O canto XV desta obra narra a atribulada travessia de um largo rio africano: desconfiado dos «Cafres» que o transportam, e à sua família, num pequeno batel, Manuel de Sousa («Como [...] do trabalho e das vigias/ Levasse já o juízo embaraçado») toma por traição uma manobra que afinal se destinava a evitar «um baixo». Perante a fúria do capitão português, os gentios apressam-se a saltar para a água. No texto de Corte-Real, o símile dos anfíbios ilustra o seu comportamento: «Torvados se arramessam, qual primeiro/ Pode e no manso Rio se margulham,/ Mas logo em pouco espaço sobre as ondas/ Outra vez desmaiados foram vistos./ Bem assi como quando as importunas,/ E palradoras Rãs, postas em verdes/ Ervas, ou limos, mostram segurança,/ E um descuido de haver quem as ofenda./ Inchando as bocas, enchem de grosseiras,/ Desconcertadas vozes o ar sereno,/ Se acaso algum rumor se move, ou passa/ Junto delas a Rês, que o prado busca,/ O rouco canto deixam saltam todas/ No lamoso, revolto, turvo charco,/ Empuxando cos pés as águas, fogem,/ Só pretendendo em tal medo salvar-se./ Com receoso passo tornam logo/ Na superfície da água descobrindo/ As húmedas cabeças segurando/ Primeiro o posto donde estavam livres/ Os cafres já nas ondas submergidos/ Medrosos aparecem [...]» (1594, fls. 181v-182). Nos Comentários de D. Marcos, este é um raro exemplo de estabelecimento de relações intertextuais entre *Os Lusíadas* e a poesia de autores portugueses coevos.

<sup>96</sup> Nas edições de 1584 e 1591: «sintem». Em todas as outras publicadas até 1631: «sentem».

<sup>97</sup> Em todas as edições publicadas até 1631: «fora da água».

Assi como acontece num charco ou alagoa rústica onde vivem as rãs, que nou-  
tro tempo foram gente moradora em terra de Lícia, que se acerta de passar por  
ali alguém a tempo que elas estão fora e de súbito dá nelas, saltam logo todas ã  
após outra ao lugar seguro onde se criaram, deixando só de fora as cabecinhas,  
escondendo na água o demais.

As rãs, no tempo antigo Lícia gente.

Ovidius, 6.  
*Meth.*<sup>98</sup>

Esta fábula, entre outros, conta Ovídio, e foi assi. Latona mãe de Apolo foi  
mui perseguida de Juno, e por esta causa andou ela peregrinando pelo mundo,  
fugindo desta perseguição. Aconteceu um dia que chegou cansada à província de  
Lícia<sup>1</sup>, e como vinha afrontada do caminho, chegou-se pera beber a um ribeiro de  
água. Uns aldeãos que andavam acima turvaram-lhe a água de maneira que não  
pôde ela beber. Vendo-se<sup>II</sup> Latona afrontada com a sede e com a injúria, pediu a  
Júpiter, por cuja causa padecia aquele agravo, que convertesse aqueles rústicos  
em rãs, pera que naquelas águas andassem pagando o mal que nelas tinham feito;  
ouviu-a Júpiter e assi o fez como (133v)// lho pediu, e converteu os lícios em rãs,  
em pago de sua desumanidade. A esta fábula deu lugar serem estes lícios pouco  
caridosos e grandes bacharéis e faladores.

28

Assi fogem os Mouros, e o Piloto  
que ao perigo grande as naus guiara,  
crendo que seu engano estava noto  
também foge saltando na água amara.  
Mas por não darem no penedo imoto  
onde percam a vida doce e cara,  
a âncora solta logo a Capitaina,  
qualquer das outras junto dela amaina.

Desta própria maneira fugiram os mouros, e com eles o piloto de Moçam-  
bique, que tinha urdida esta treição, cuidando que era seu engano descoberto,  
também saltou na água. Os nossos por não darem com a nau sobre o penedo  
lançaram âncora da nau Capitaina, e os das outras naus fizeram o mesmo.

29

Vendo o Gama, atentando<sup>99</sup> a estranheza  
dos Mouros não cuidada, e juntamente

---

<sup>1</sup> No ms., a palavra inicialmente grafada foi «Lidia». Sobre o «d» foi escrito um «c», e à margem registou-se a forma definitiva: «Lícia».

<sup>II</sup> No ms.: «Vendose eha Latonaafrontada»...

---

<sup>98</sup> V. Publius Ovidius Naso, *Metamorphoses*, VI, vv. 337-381.

<sup>99</sup> Em todas as edições publicadas até 1631: «atentado».

o Piloto fugir-lhe com presteza,  
entende o que ordenava a bruta gente.  
E vendo sem contraste, e sem braveza  
dos ventos, ou das águas sem corrente,  
que a nau passar avante não podia,  
havendo-o por milagre assi dezia: (134)//

Quando Vasco da Gama viu a novidade do caso, e a presteza com que o Piloto e os Mouros lhe fugiam, veio a cair no que era, e que aquela gente infiel e malina lhe tinha armado treição. E considerando também como a nau tornava pera trás sem ventos contrários ou correntes de águas que a detivessem, atribuindo tudo a milagre assi exclamou.

Havendo-o por milagre.

Milagre é acontecimento fora da ordem da natureza, e deter-se<sup>1</sup> ãa nau no mar sem ir adiante, tendo ventos por popa, é cousa fora do natural, e por isso lhe chama milagre, como também lhe chamou João de Barros<sup>100</sup>. Note o curioso leitor que Damião de Góis, que escreveu a *Crónica del Rei Dom Manuel*, andou muito tempo nas partes do Norte em serviço del Rei D. João 3.º e de lá veio com suspeitas de heresia, e assi não atribui isto a milagre, antes diz que Vasco da Gama vendo ir um barco pera terra onde se lançou o piloto, mandou que lho tornassem, e não querendo eles, teve suspeitas da treição, e do milagre das naus se deterem sem irem por diante não faz menção<sup>101</sup>. Nem também de dous casos tão notáveis que aconteceram no mar Roxo, quando Afonso de Albuquerque estava lá com a armada. Um deles foi o morto que deitaram na água (sepultura de navegantes), o qual se achou pegado no leme, e depois de enterrado, o tornaram a achar sobre a sepultura. E ultimamente absolto pelo vigário da armada, e enterrado, ficou sem mais bulir<sup>102</sup>, e outrossi quando o mesmo Afonso de Albuquerque pelejou com

---

<sup>1</sup> No ms.: «deteremse huã nao no mar»...

---

<sup>100</sup> V. *Decada Primeira da Asia*, 1628, IV, V, f. 70v: «Deus em cujo poder estava a guarda deles neste caminho tanto de seu serviço, não permitiu que a vontade dos Mouros fosse posta em obra; porque quasi milagrosamente os livrou».

<sup>101</sup> Damião de Góis, na *Chronica do Felicissimo Rei Dom Emanuel*, confirma que era intenção de Vasco da Gama entrar no porto de Mombaça, mas «porque a sua nau com a corrente ia já quasi sobre um baixo, mandou surgir, e o mesmo fizeram as outras naus, pelo que alguns mouros dos da cidade, que trouxeram mantimentos às nossas naus, e algumas mercadorias, se recolheram aos barcos encaminhando per'a cidade, e passando um deles per popa da capitânia, os pilotos que trouxera de Moçambique se lançaram ao mar, os quais os do barco recolheram sem os quererem tornar à nau, posto que Vasco da Gama lhes fizesse bradar, do que logo tomou suspeita que el Rei tinha armado treição.» Sem falar explicitamente em milagre, o cronista salienta que todos deram muitas graças a Deus «por os livrar do perigo que lhes estava aparelhado» (1566, I, XXXVII, f. 32).

<sup>102</sup> João de Barros, na *Decada Segunda da Asia*, narra as necessidades e trabalhos que passou Afonso de Albuquerque enquanto invernou na Ilha de Camarão, dando conta de uma fatal

os Mouros de Ormuz acharam-se muitos atravessados das suas mesmas setas, também atribui aquilo a desordem dos mouros, não admitindo nunca milagre<sup>103</sup>, (134v)// sendo estes todos tão evidentes, como o foi a Cruz que apareceu no Céu vista por todos os da armada, mui clara e resplandecente, no tempo que estavam invernando na Ilha de Camarão na entrada do mar Roxo<sup>104</sup>. De sorte que este autor amigo dos hereges (porque não lhe ponhamos outro nome), aquilo que era milagre evidente calou-o, e o que pôde interpretar mudou-lhe o sentido, mas nós dizemos com o gravíssimo Autor e Cristianíssimo Diogo do Couto, que se na Índia faltassem cada dia milagres já não haveria Índia.

---

enfermidade causada por uns peixes orientais e de um outro caso que «também assombrou a gente». Tinha este a ver com o corpo de um homem de armas que lançaram ao mar e acharam depois pegado com as mãos na quilha junto do leme, como refere D. Marcos. Perante o sucedido, o cronista remata: «Tirado daquele lugar, foi enterrado em terra, e quando veio ao dia seguinte, foi achado sobre a cova. Ao qual mistério acudindo frei Francisco pregador, e parecendo-lhe estar aquele defunto com alguma excomunhão o absolveu, e tornado a enterrar, ficou pera sempre.» (1628, VIII, III, f. 193). Damião de Góis, na *Chronica do Felicissimo Rei Dom Emanuel*, relata o que passou Afonso de Albuquerque na expedição ao mar de Arábia, mas não alude a este fenómeno (1566, III, XLIV, f. 82).

<sup>103</sup> Damião de Góis, na *Chronica do Felicissimo Rei Dom Emanuel* (1566, II, XXXIII, f. 55), relata com detalhe a batalha que teve lugar junto do porto de Ormuz, concluindo que «foi tamanha a desordem e medo dos imigos, que em fugindo tiravam tão sem tento com as frechas, que se matavam muitos uns aos outros». Diversamente, João de Barros, na *Decada Segvnda*, remata a narrativa do mesmo episódio com estas palavras: «E a mais maravilhosa cousa que nesta batalha sucedeu, e houveram por milagre, foi acharem muitos destes corpos dos Mouros atravessados com suas próprias frechas, sem entre os nossos haver alguém que tirasse com arco, de que eles usam» (1628, II, III, f. 31).

<sup>104</sup> João de Barros, na *Decada Segvnda* (1628, VIII, II, f. 191v), enfatiza a dimensão prodigiosa deste episódio, que teve lugar na Ilha de Camarão, onde a armada de Afonso de Albuquerque ficara retida por falta de ventos favoráveis. Tornando o capitão «a cometer o caminho donde vinha», «viram contra a parte onde se o sol punha, que era a terra do Preste, um sinal de Cruz no céu de cor vermelha mui resplandecente, e de largura de ùa braça, e o comprimento em proporção dela. À vista da qual, que foi per um bom espaço, todos se assentaram em gijolhos adorando-a, e Afonso d'Albuquerque levantando as mãos a ela em alta voz começou dizer: – Ó sinal de nossa redenção, ó sinal de nossas vitórias espirituais e temporais [...]». Damião de Góis, na *Chronica do Felicissimo Rei Dom Emanuel*, refere sucintamente os «muitos inconvenientes» que os portugueses passaram na Ilha, sem mencionar, porém, este acontecimento (1567, III, XLIV, f. 82).

<sup>105</sup> O comentário de Diogo do Couto surge, na *Decada Qvinta* (1612, IV, XI, f. 94), para justificar a vitória portuguesa sobre os turcos que atacaram o baluarte de Gaspar de Sousa, no ano de 1538. O «cristianíssimo» cronista, sem encontrar outra explicação, atribui a conquista à Providência divina, afirmando: «esteve a cousa arriscada a se perder, se Deus (que ainda não queria desemperrar aquela fortaleza) não inspirara no coração de um daqueles homens um novo fervor e conselho. Que vendo tudo tão perigoso, bradou alto por fogo [...]. E se não foi voz do céu (porque se em todas as cousas da Índia faltaram milagres, fora tudo acabado) devia de ser algum homem pagado e não conhecido, como se este negócio não bastara pera dali em diante vir a ser honrado e nomeado no mundo [...]».

30

Ó caso grande estranho, e não cuidado,  
ó milagre claríssimo e evidente,  
ó descoberto engano inopinado,  
ó pérfida inimiga, e falsa gente!  
Quem poderá do mal aparelhado  
livrar-se sem perigo sabiamente,  
se lá de cima a guarda soberana  
não acudir à fraca força humana?

Ó acontecimento notável, nunca visto nem imaginado, ó milagre claro, patente e manifesto. Ó não cuidado engano agora conhecido<sup>1</sup>, ó gente sem fidelidade nem piedade, nem verdade. Quem de tão estranho perigo se pudera livrar por mais sábio que fora, se a custódia angélica não tomara à sua conta emparar a humana fraqueza?

Pérfido e Infiel tem esta diferença: que Infiel é aquele que nunca creu, como o Gentio; pérfido o que creu e quebrou (135)// a fé prometida, como os Judeus e os hereges. Estes Mouros eram Infiéis na profissão, e pérfidos na malícia, pois prometendo bem davam mal a quem lho não merecia.

31

Bem<sup>106</sup> mostra a divina providência  
destes portos a pouca segurança,  
bem claro temos visto na aparência  
que era enganada a nossa confiança.  
Mas pois saber humano nem prudência  
enganos tão fingidos não alcança,  
ó tu, guarda divina, tem cuidado  
de quem sem ti não pode ser guardado.

Bem mostrado nos tem Deus quão pouco seguros são os portos desta costa. E clarissimamente temos alcançado quão enganados estávamos em nos fiar deles, mas pois humano entendimento não é bastante a conhecer tantos enganos e fingimentos, Vós, soberano Senhor, que a vossa conta tendes defender-nos e emparar-nos, tende piadade daqueles que só em vós confiam, e por vós só podem ser defendidos. (135v)//

---

<sup>1</sup> No ms.: «agora **manifesto/conhecido**, ó gente»...

---

<sup>106</sup> Na edição de 1584: «Bem nos mostro». Em todas as outras publicadas até 1631: «Bem nos mostra».

32

E se te move tanto a piedade  
desta mísera gente peregrina  
que só por tua altíssima bondade  
da gente a salvas pérfida e malina,  
Nalgum porto seguro de verdade  
conduzir-nos já agora determina  
ou nos amostra a terra que buscamos,  
pois só por teu serviço navegamos.

E se tão grande é a piedade que tens destes pobres estrangeiros, que só por ela os livras e salvas do poder da gente desleal e preversa, tempo é já, Senhor, de nos dar um porto onde com segurança possamos entrar. Ou finalmente nos mostra a Índia em busca da qual andamos, pois só por te servir tomamos esta empresa.

33

Ouviu-lhe estas palavras piadosas  
a fermosa Dione, e comovida  
dentre<sup>107</sup> as Ninfas se vai, que saudosas  
ficaram desta súbita partida.  
Já penetra as estrelas luminosas,  
já na terceira Esfera recebida (136)//  
avante passa e lá no sexto Céu  
pera onde estava o Padre se moveu.

Ouviu Vénus estas lastimosas palavras ao Capitão português, e movida de sentimento de suas queixas, deixando as Ninfas no Mar caminhou pera o Céu, ficando todas<sup>1</sup> cheas de mil saudades. Ei-la já vai passando por entre os claríssimos planetas, ei-la no terceiro Céu (morada própria sua) recebida e reverenciada, passa mais adiante até chegar ao Sexto Céu onde o padre Júpiter tinha seu assento.

Começa o nosso Camões a dar princípio a um fingimento poético pera fundar nele a entrada dos portugueses no porto da Cidade de Melinde, tirado de Virgílio no primeiro da *Eneíada*; o qual livro por isso pusemos traduzido *de verbo ad verbum*, porque quasi todo foi de Camões imitado nestes seus *Lusíadas*. Diz agora que Vénus ouvindo aquelas palavras sentidas de Vasco da Gama foi ter com Júpiter, e lhe rogou por aqueles navegantes pedindo-lhe<sup>II</sup> algum porto seguro pera nele descansarem, até que chegassem à Índia, que com tanto trabalho buscavam. Então Júpiter consolando a filha lhe concedeu o porto que pedia, e juntamente

---

<sup>1</sup> No ms., a primeira versão, rasurada e transformada, seria «deixandoas atodas».

<sup>II</sup> No ms., a primeira versão seria «rogandolhe algũ porto». A substituição efectuada («pedindolhe...») pretenderia talvez evitar a repetição do verbo «rogar» na mesma frase.

---

<sup>107</sup> Em todas as edições publicadas até 1631: «Dantre».

despediu Mercúrio que fosse diante dispor e abrandar os corações dos Melindanos pera receberem os nossos com amor e sem fingimento, e também descobriu à mesma Vénus Júpiter então muitos acontecimentos futuros acerca dos portugueses. O mesmo quasi conta Virgílio, que Vénus no Céu vendo o pai Júpiter com os olhos nos Troianos que deram à costa nas praias de Cartago (136v)// tomou dali ocasião pera lhe pedir por eles, e Júpiter a consolou declarando-lhe muitos sucesos futuros dos Troianos e Romanos, e ultimamente também mandou Mercúrio adoçar o ânimo dos Tírios pera que não fizessem mal aos Troianos.

Já na terceira Esfera.

Inda que no Décimo canto *ex professo* tratamos do movimento das Estrelas como em lugar próprio, não podemos deixar aqui e noutros lugares semelhantes de dar alguma notícia das cousas celestes. É de saber que as Esferas são dez e sobre elas está o undécimo Céu, que é o Império, a que chamam Céu dos Teólogos, porque os filósofos e matemáticos não o compreendem, e este é quadrado fundado sobre os outros. O primeiro Céu, ou primeira Esfera quanto a nós, é a da lua, porque neste Céu não há outra cousa mais que este corpo lunar, o qual corpo tem de grandeza a 39 parte da terra, de sorte que a terra é maior que a lua 39 1/3. No segundo Céu está Mercúrio, que é o mais pequeno corpo luminoso que há no Céu, porque o excede a terra 21952. No terceiro Céu está Vénus, a quem a terra excede 73 1/27. No quarto Céu está o Sol, que é maior que a terra 166 3/8. Marte senhor da quinta Esfera é maior que a terra ã vez e meia quasi. Júpiter é um planeta fermoso que está no sexto Céu e é maior que a terra noventa e cinco vezes e meia. Saturno, no sétimo Céu, tem de grandeza a quantidade da terra noventa e ã vez, e um oitavo. Estas Estrelas são chamadas Erráticas porque o Céu em que cada ã está não é (137)// fixo, como o Oitavo, que é chamado firmamento, que está preso em dous pólos Ártico e Antártico, e neles se move, e assi as Estrelas deste Céu não se chegam, nem se apartam de nós mais ã hora que outra, como faz o Sol e a lua e os mais planetas, e daqui vem que em qualquer parte do Mundo se vem os sete planetas, e as estrelas fixas do nosso pólo não se vem nas terras opostas, como nem nós vemos as suas. Estas sete Esferas repartiram os antigos por sete Deuses mais principais, acomodando a natureza de cada um dos planetas às histórias ou fábulas dos mesmos Deuses, como dissemos no primeiro canto quando falámos em Vénus. A qual tinha seu assento no 3.º Céu, e por isso o nosso poeta diz que foi nele recebida. Virgílio diz que o luzeiro é a estrela que

As estrelas que os Astrónomos consideraram não são mais que 1022.<sup>108</sup>

---

<sup>108</sup> Este número segue a contagem apresentada no catálogo que ocupa os livros VII e VIII do *Almagestum* de Ptolomeu, amplamente divulgado em Portugal na edição quincentista de Regiomontano (*In Ptolemaei Magnam Compositionem, quam Almagestum vocant*, 1550). D. Marcos reproduz também com exactidão as dimensões planetárias estabelecidas pela tabela que surge nos *Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesu. In Quatuor Libros De Caelo Aristotelis Stagiritæ*, no lugar onde, a partir da opinião dos filósofos antigos, se trata da dimensão dos astros fixos e errantes em proporção à terra (1593, l. 2, cap. XII, quaest. I, art. 3, p. 302).

Virg. 8. Vénus mais ama, *Qualis ubi Oceani perfusus Lucifer unda. Quem Venus ante alios Astrorum diligit ignes. Extulit os sacrum caelo tenebrasque resolvit.*<sup>109</sup>

34

E como ia afrontada do caminho  
tão fermosa no gesto se mostrava  
que as Estrelas, o Céu<sup>110</sup>, e o Ar vizinho  
e tudo quanto<sup>111</sup> via namorava.  
Dos olhos onde faz seu filho o ninho  
uns espíritos vivos inspirava,  
com que os pólos gelados acendia  
e tornava de fogo<sup>112</sup> a esfera fria.

Estas oitavas em que Camões descreve a fermosura de Vénus andaram até ‘gora<sup>113</sup> fora dos seus *Lusiadas*, (137v)// e ainda que sem muita razão, contudo com algũa causa porque tinham muita lacívia, e por isso nós lhe não poremos os sinónimos que até ‘gora pusemos nas outras; porém não deixaremos de declarar a humanidade que tiverem.

Nos olhos onde faz seu filho o ninho.

Porque os olhos são a primeira porta por onde entra o Amor; e assi diz o poeta, *Si nescis oculi sunt in amore duces*<sup>114</sup>; e outro, *Perque tuos oculos qui rapuere meos*<sup>115</sup>. Mas eu digo que nos olhos de Vénus faz<sup>1</sup> Cupido o ninho, porque pola

---

<sup>1</sup> No ms., percebe-se uma hesitação entre «fas» e «fes».

<sup>109</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, VIII, vv. 589-591. Na edição de referência: *ignis*.

<sup>110</sup> Nas edições de 1572, 1597, 1609, 1612, 1613, 1626 e 1631: «as estrelas, e o céu». Nas edições de 1584 e 1591, foram suprimidas as estâncias 33 a 43.

<sup>111</sup> Nas edições de 1572, 1597, 1609, 1612, 1613, 1626 e 1631: «tudo quanto a via».

<sup>112</sup> Nas edições de 1572, 1597, 1609, 1612, 1613, 1626 e 1631: «tornava do Fogo».

<sup>113</sup> Na *editio princeps*, as estâncias 33 a 43 descreviam a postura suplicante de Vénus diante de Júpiter, recorrendo a uma linguagem sensual que desagradou aos editores de 1584 e 1591. Foram então suprimidas estrofes, introduzida uma nova oitava e alterada outra (a 44) para assegurar a coerência do discurso. Deste modo, seria uma «voz que do alto vinha» a responder à oração proferida por Vasco da Gama. A versão original da maioria destas estâncias foi reposta a partir de 1597, no entanto a estrofe 36 só foi restituída na edição de 1613. Tendo em conta que D. Marcos data o seu manuscrito de 1631-1633, e sendo claro que lidou com edições como a de 1613, parece pecar por injusto ao dizer que os versos censurados andavam «até ‘gora fora dos [...] *Lusiadas*». Esta observação junta-se, porém, a outros indícios de que os comentários começaram a ser escritos em data muito anterior e, portanto, mais próxima do momento em que surgiram as edições mutiladas. Seja como for, conhecendo a vontade de D. Marcos de dar a conhecer os seus dotes literários, será talvez possível admitir que criasse assim um pretexto para introduzir as estâncias de lavra própria, transcritas para alegadamente provar o interesse que desde cedo nutrira pela épica camonianiana.

<sup>114</sup> Sextus Propertius, *Elegiae*, II, 15, v. 12.

<sup>115</sup> Publius Ovidius Naso, *Amores*, III, Xib, 48.

mor parte os amantes de agora e ainda os do tempo antigo tinham os olhos namorados em Vénus, e mais amavam por apetite que por Amor. Isto é o que o mesmo Camões adiante diz:

E deste amor indino<sup>116</sup>  
É mais culpa a da mãe que do menino.<sup>117</sup>

O amar pertence aos sábios, o cobiçar aos outros, disse-o excelentissimamente Afrânio. *Amabit sapiens cupient ceteri*<sup>118</sup>, amará o sábio, os mais amantes chamem-se apetitosos.

35  
E por mais namorar o soberano  
padre de quem foi sempre amada e cara,  
se lhe<sup>119</sup> apresenta assi como ao Troiano  
na selva Idea já se apresentara.  
Se a vira o caçador que o vulto humano  
perdeu, vendo Diana na água clara, (138)//  
nunca os famintos galgos o mataram,  
que primeiro desejos o acabaram.

Assi como ao Troiano  
Na selva Idea.

*Famem  
patientur  
ut canes, e  
principalmente  
os galgos<sup>120</sup>, que  
os não dexam  
fartar muito.*

Luciano autor grego, num Diálogo que faz das vodas de Tétis<sup>121</sup> conta que esta Deusa Tétis casou com Peleu, Rei de Tessália, e foram todos os Deuses chamados às vodas, tirando a Deusa da discórdia. Sentiu ela muito esta afronta, e por se vingar tomou um pomo de ouro mui fermoso e deixou-o cair sobre a mesa, e

---

<sup>116</sup> *Os Lusíadas*, IX, 35, v. 7. Nas edições de 1584 e 1591: «Mas eu creio que deste amor indigno». Em todas as outras publicadas até 1631: «Mas eu creio que deste amor indino».

<sup>117</sup> *Os Lusíadas*, IX, 35, v. 8. Nas edições de 1584 e 1591: «é mais a culpa da mãe que a do minino». Em todas as outras publicadas até 1631: «é mais culpa a da mãe que a do minino».

<sup>118</sup> O dito de Lucius Afranius, que corresponde ao fragmento 221 da edição de Ribbeck (1962), é invocado como aforismo na *Apologia* de Apuleio (XII, 6) e no comentário que, a partir da edição de Pierre Daniel (1600), se agregou, como se dela fosse parte, à obra de Sérvio sobre a *Eneida*. A respeito do v. 194 do livro IV do poema virgiliano, pode ler-se: *Afranius Neraria: Alius est Amor; alius Cupido: amant sapientes: cupiunt caeteri* (*Pvb. Vergilii Maronis Opera, quæ quidem exstant, omnia*, 1613, col. 809).

<sup>119</sup> Nas edições de 1572, 1597 e 1612: «se lh'apresenta». Em 1613 e 1631: «se lhe apresenta». Em 1609 e 1626: «se lha presenta».

<sup>120</sup> Psalmi Iuxta LXX, 58, 7.

<sup>121</sup> D. Marcos parafraseia um dos *Diálogos dos deuses marinhos*, recriando os discursos de Pânope e Galene (Diálogo 7, 5), mas desenvolve consideravelmente o texto de Luciano no que diz respeito às ofertas das deusas.

nele estavam escritas estas palavras *Detur pulchriori*, dê-se à mais fermosa, e que Júpiter daria a sentença. Fizeram-se logo as três Deusas principais, Juno, Vénus e Palas, opositoras à maçã, porque com ela ganhavam o título de mais fermosas. Não quis Júpiter ser Juiz no caso, e deu-se por suspeito pois ãa era sua mulher e as outras suas filhas. Mas remeteu a causa a Alexandre Páris, filho del Rei Príamo de Tróia, o qual andava naquele tempo guardando gado nos montes Ideos de Tróia, desconhecido. Foram as três deusas ter com ele, e cada ãa lhe propôs a causa que havia<sup>I</sup> pera o pomo ser seu. Juno alegava poder, por ser mulher do maior dos Deuses. Palas alegava sabedoria. Vénus Amor, por ser mãe de Cupido. Cada ãa delas subornou ao juiz quanto pôde, e ultimamente o pastor, considerando a justiça de Vénus, deu sentença (138v)// por ela e metendo-lhe<sup>II</sup> o pomo na mão, ficando as outras tristes e indinadas. Vénus então em agradecimento disto lhe disse que Helena, filha de Tíndaro e de Leda, mulher del Rei Menelau, era a mais fermosa mulher que no mundo havia, que ela lhe prometia sua ajuda pera a ele haver, como houve *ect*. Quando as Deusas apareceram a Páris estavam nuas. Ausónio traduziu do grego um galante Epigrama a este propósito:

*Armatam Venerem vidit Lacedaemona Palas  
Nunc certemus ait Iudice vel Paride  
Cui Venus, armatam tu me temeraria temnis  
Quae quo te vici<sup>III</sup> tempore nuda fui.<sup>122</sup>*

Traduzido:

Palas de Lacedemónia viu um dia a Vénus armada, e disse-lhe: «agora Vénus contendamos, inda que Páris seja Juiz». A quem Vénus disse: «atrevida, desprezas-me armada, a qual quando te venci estava nua?»

Se a vira o caçador que o vulto humano perdeu *ect*.

No Canto 8 mais larga menção fazemos de Actéon, agora de passagem tocamos a sua fábula. Andando Actéon à caça<sup>IV</sup>, seguindo um veado, foi desatentadamente dar onde Diana se estava lavando com suas donzelas, envergonhada ela de ser vista de um homem mortal o converteu em Cervo. Os cães que o seguiam, quando o viram naquela forma o mataram sem lhe valer o gritar ele

<sup>I</sup> No ms.: «q̄ t̄in avia p<sup>a</sup> opomoserseu.»

<sup>II</sup> No ms., a redacção parece ter ficado imperfeita. Melhor seria dizer «por ela, metendo-lhe o pomo na mão e ficando as outras tristes e indinadas», ou então «por ela e meteu-lhe o pomo na mão, ficando as outras tristes e indinadas».

<sup>III</sup> No ms.: «quo te vi\*ci\* tempore»...

<sup>IV</sup> No ms., grafa-se «casa».

<sup>122</sup> Decimus Magnus Ausonius, *Epigrammata de diversis rebus*, LXIV, vv. 1-4. Na edição de referência: *Armatam vidit Venerem Lacedaemone Pallas*.

*Acteon ego sum Dominum cognoscite vestrum.*<sup>123</sup>

«Que primeiro desejos o acabaram» é modo ou encarecimento galante. Assi diz Plauto, tratando de um miserável avarento, (139)// um encarecimento galante, e semelhante a este:

*Eho, Pseudole, i gladium affer.*

*P. Quid opus gladio?*

*C. Qui hunc occidam atque me.*

*P. Quin tu te occides potius: nam fames hunc iam occiderit.*<sup>124</sup>

36

Os crespos fios de ouro<sup>125</sup> se esparziam<sup>1</sup>  
pelo colo que a neve escurecia,  
andando as lácteas tetas lhe tremiam  
com quem Amor brincava, e não se via.  
Da alva petrina flamas lhe saíam  
onde o menino<sup>126</sup> as almas encendia,<sup>127</sup>  
pelas<sup>128</sup> lisas colunas lhe trepavam  
desejos que como hera se enrolavam.

37

Cum delgado cendal as partes cobre,  
de quem vergonha é natural reparo,  
porém nem tudo esconde, nem descobre  
o véu dos roxos lírios pouco avaro:  
Mas pera que o desejo acenda e dobre

---

<sup>1</sup> No ms., a transcrição do verso, inicialmente feita como «Os crespos finos de ouro seespargiaõ», sofreu alterações: «finos» foi parcialmente rasurado, e sobre o corte, em entrelinha, registou-se «os»; o «g» de «espargiaõ» foi riscado, e sobre ele, em entrelinha, foi colocada a letra «z».

<sup>123</sup> Publius Ovidius Naso, *Metamorphoses*, III, v. 230.

<sup>124</sup> Titus Maccius Plautus, *Pseudolus*, vv. 348-350. Na edição de referência: *Ei, gladium adfer. Quin tu ted occidis potius? Nam hunc fames iam occiderit.*

<sup>125</sup> Nas edições de 1572, 1597, 1609, 1612, 1626 e 1631: «Os crespos fios d'ouro se esparziam». Em 1613: «fios de ouro».

<sup>126</sup> Nas edições de 1572, 1609, 1626 e 1631: «o minino». Em 1613: «o menino». Abolida nas edições de 1584 e 1591, a estância foi reformulada em 1597 e 1612, mantendo apenas intactos os dois primeiros versos.

<sup>127</sup> Nas edições de 1572, 1609, 1613, 1626 e 1631: «acendia». Na edição de 1597, como na de 1612, Vénus ganha «olhos negros», dos quais se fala em lugar da «alva petrina» («Os olhos pretos, onde arder se viam/Outras luzes mais belas que a do dia:/Armados de beleza e d'esquivança,/ Princípio do receo, e da esperança.» – vv. 4-8).

<sup>128</sup> Nas edições de 1572 e 1626: «Polas». Em 1609, 1613 e 1631: «Pelas».

lhe põe diante aquele objeito<sup>129</sup> raro,  
já se sentem no Céu e em<sup>130</sup> toda a parte  
ciúmes em Vulcano, Amor em Marte.

Tachado foi o nosso Poeta de muitos pela lacívia que neste seu divino poema usou, e principalmente neste lugar, (139v)// nem nós o absolvemos da culpa que na verdade teve, porém queremos que saiba o curioso Leitor que Camões achou isto primeiro escrito do que aqui o pusesse. Primeiramente esta descrição de Vénus e das partes de seu corpo cobertas ou mal cobertas do véu é de Apuleio, quando a introduz caminhando pera o monte Ida ao juízo de Páris. Diz ele:

*Erat illa pulcherrimi aspectus, coloris suavis atque iucundi et nuda fere suam venustatem demonstrabat. Nam tenui<sup>1</sup> velo operta sua membra non operiebat sed potius adumbrabat. Corpus candidum erat ita ut caelitus descendisse diceres, velum erat caeruleum mares instar unde ea nata esse creditur, eam lascivi amores praecedebant fasces praeferentes ut antiquorum erat mos, apud quos quinque pueri novam sponsam ad mariti domum euntem cum fascibus praecedebant. ect.<sup>131</sup>*

Quanto às mais particularidades, veja-se o que diz Ariosto descrevendo a formosa Olímpia deixada na Ilha solitária do falso Mireno<sup>132</sup> que a levava furtada,

---

<sup>1</sup> No ms., parece ter havido hesitação na escrita desta palavra, que se lê «tenuis».

---

<sup>129</sup> Nas edições de 1572, 1597, 1609, 1612, 1613, 1626 e 1631: «objecto».

<sup>130</sup> Nas edições de 1572, 1597, 1609, 1612, 1613, 1626 e 1631: «já se sentem no Céu, por toda a parte».

<sup>131</sup> D. Marcos indica como fonte Apuleio, mas a versão que apresenta afasta-se significativamente da descrição de Vénus que figura na obra *De asino aureo siue Metamorphoses*, X, 31: *Super has introcessit alio visendo decore praepollens, gratia coloris ambrosei designans Venerem, qualis fuit Venus cum fuit virgo, nudo et intecto corpore perfectam formositatem professa, nisi quod tenui pallio bombycino inumbrabat spectabilem pubem: quam quidem laciniam curiosulus ventus satis amanter nunc lascivians reflabat, ut dimota pateret flos aetatulae, nunc luxurians aspirabat, ut adhaerens pressule membrorum voluptatem graphice deliniaret. Ipse autem color deae diversus in speciem, corpus candidum quod caelo demeat, amictus caeruleus quod mari remeat.* Na verdade, a citação feita por D. Marcos virá de uma fonte intermédia: as *Imagines Deorum*, de Vincenzo Cartari, onde, descontadas algumas diferenças (no texto de Cartari lê-se: *per tenui velo; maris instar; faces praeferentes; cum facibus*) se acha uma versão coincidente do passo em causa (v. 1581, p. 344).

<sup>132</sup> O nome da personagem, no *Orlando Furioso* de Ariosto, é Bireno. A descrição das bellezze d'Olímpia, aqui aludida, surge no Canto XI, estrofes 65-72. Trata-se de um passo marcado por um forte erotismo, capaz de pintar miudamente a nudez do *bel corpo* (XI, 72, v. 2), *discendendo giù da le mammelle* e percorrendo *le parti che soleva coprir la stola* (XI, 67, vv. 5-6): *Vinceano di candor le nievi intatte,/ et eran più ch'avorio a toccar molli:/ le poppe ritondette parean latte/ che fuor dei giunchi allora allora tolli./ Spazio fra lor tal discendea, qual fatte/ esser veggian fra piccolini colli/ l'ombrose valli, in sua stagione amene,/ che'l verno abbia di nieve allora piene.//I rilevati fianchi e le belle anche,/ e netto più che specchio il ventre piano,/ pareano fatti, e quelle coscie bianche,/ da Fidia a torno, o da più dotta mano./ Di quelle parti debbovi dir anche,/ che pur celare ella bramava invano?/ Dirò insomma ch'in lei dal capo al piede,/ quant'esser può beltà, tutta si vede.* (XI, 68-69).

os versos são muito semelhantes aos de Camões. Eu determinava de os poer aqui, mas atalhou-me a isso o novo expurgatório<sup>133</sup>, que os mandou riscar com outros muitos, e tantos que me pareceu melhor queimá-lo que riscá-lo.

Sendo eu moço de bem pouca idade, porém já curioso de ler livros, achando neste de Camões estas oitavas diminuídas (porque em certas impressões lhe foram tiradas), fiz ãs oitavas que enxeri aqui no lugar donde as (140)// outras foram tiradas, que quero aqui poer pera mostra do zelo que tinha já naquela idade destes *Lusíadas* de Camões se lerem sem erro e sem falta; porque era notável a que lhe faziam aquelas oitavas tiradas.

Chea de sentimento, e de esperança,  
apressa o passo lento fervorosa,  
porque nos casos graves a tardança  
costuma ser às vezes perigosa.  
Mil vezes imagina; e na lembrança  
revolve a petição tão piadosa  
que quem a vê bem crê sem lhe ouvir nada,  
que vai a bela deusa magoada.

Mil lágrimas derrama, e imagina  
que fala já c'o padre soberano,  
já lhe pergunta em vão que determina  
fazer daquele Povo Lusitano.  
Cuidando vai que o padre se lhe inclina  
e que o livra do fraudulento engano,  
e não erra pois tudo lhe concede  
e muito mais ainda do que pede.

Qual em manhã serena de frescura  
das lágrimas da aurora rociada  
a rosa mostra mais sua fermosura  
e o colo inclina e parte de cansada, (140v)//  
Tal Ericínia vai da sorte dura

---

<sup>133</sup> Será decerto o *Index Avctorvm Dānatæ memoriæ* (1624), organizado pelo jesuíta Baltasar Álvares, a pedido do inquisidor-mor, D. Fernando Martins Mascarenhas. No fim do volume, o *Testimonium de hac noua, & fide editione Catalogi*, assinado por Álvares, regista que a obra foi levada a cabo *cum reliquo Censorum Collegio cura*. O *Index* reitera decretos do Concílio de Trento e inclui três partes desiguais: o *Index* romano, o *Index pro Regnis Lusitaniæ*, e a secção final, que se estende por quase novecentas páginas, discriminando a censura a aplicar a todos os títulos e autores previamente enumerados. É nesta terceira parte que se dita a condenação do *Orlando Furioso* e, conforme recorda D. Marcos, se decreta o expurgo de vários lugares do *romanzo*. Entre eles, «Canto 11. [...] a oitava 67. *Le bellezze*, até a 70. *Se fosse estata*, exclu. E a oitava 72. *Io non credo.*» (*Index*, 1624, p. 876).

da Lusitana gente magoada,  
os olhos põe no sólio transparente,  
deixando-o<sup>1</sup> mais fermoso e reluzente.

E vendo o Padre estar no claro assento  
dos Deuses imortais acompanhado,  
as lágrimas renova e o sentimento  
que procedem de um peito magoado.  
Das pérolas já fica o firmamento  
doutras novas estrelas esmaltado,  
enfim que fala ao Padre desta sorte  
com coração mais femenil que forte.

38

E mostrando no angélico sembrante  
co riso ãa tristeza misturada,  
como dama que foi do incauto amante  
em brincos amorosos maltratada,  
que se aqueixa<sup>134</sup>, e se ri, num mesmo instante,  
e se torna entre alegre magoada,  
desta arte a deusa a quem nenhũa iguala  
mais mimosa que triste ao padre fala:

igual na  
fermosura

39

Sempre eu cuidei, ó Padre poderoso,  
que pera as cousas que eu do peito amasse  
te achasse brando, afábil, e amoroso  
posto que a algum contrário<sup>135</sup> lhe pesasse, (141)//  
mas pois que contra mim<sup>136</sup> te vejo iroso  
sem que to merecesse nem te errasse,  
faça-se como Baco determina,  
assentarei enfim que fui mofina.

Nunca me pareceu, amantíssimo Pai, que nos negócios que eu a peito tomasse vos achasse senão mui benigno, e clemente. Mas pois hoje experimento o contrário, sem da minha parte haver demérito contra vossa pessoa, faça Baco sua vontade, e farei de conta que fui pouco venturosa.

---

<sup>1</sup> No ms.: «**tu** deixandoo»...

---

<sup>134</sup> Nas edições de 1572, 1597, 1609, 1612 e 1626: «se aqueixa». Em 1613 e 1631: «queixa».  
<sup>135</sup> Nas edições de 1572, 1597 e 1609: «a algum contrairo». Em 1612, 1626 e 1631: «a algum contrário». Em 1613: «algum contrário».

<sup>136</sup> Na edição de 1613: «contra mim». Em 1572, 1597, 1609, 1612, 1626 e 1631: «contra mi».

Vai imitando a Homero e a Virgílio, a este no primeiro dos *Eneados*<sup>137</sup>, ao outro no quinto livro da *Odisseia*<sup>138</sup>, fugindo sempre de se encontrar com eles nos conceitos e palavras, como costuma. Perdido Eneas e seus companheiros, do mar vieram dar nas terras africanas, onde com muito trabalho aportaram, e a tempo que eles começavam de enxugar seus vestidos, e a buscar seu remédio per aquela desconhecida terra, pôs Júpiter do Céu os olhos neles e começou-se a apiadar de sua miséria. Vénus tomou ocasião daquela vista pera lhe pedir por eles, fazendo-lhe um piedoso queixume, e representando-lhe as misérias passadas lhe pediu favor pera eles; o qual lho concedeu mandando a Mercúrio que fosse a Cartago preparar o agasalhado àqueles naufragantes molificando os ânimos dos Tírios pera os receberem com amor. Isto é o que trata Virgílio imitando nalgũa cousa a Homero, o qual conta como Minerva, filha de Júpiter, lhe pediu favor pera o seu Ulisses reteúdo na Ilha Ogígia da Ninfa Calipso, e Júpiter lho deu mandando também a Mercúrio com recado à Ninfa, que deixasse ir aquele homem pera a sua terra livre. (141v)// O nosso poeta, imitando aos dous, representa-nos as lástimas de Vasco da Gama entre as treições de Mombaça, e a Vénus pedir a Júpiter favor pera ele, e a Mercúrio partido do Céu avisar aos nossos de seu perigo e aparelhar-lhe agasalhado em Melinde. Mas sempre o nosso poeta se inclina mais em suas imitações a Virgílio que a Homero, e assi naquelas profecias de Júpiter sobre as cousas dos portugueses imita mais a Virgílio que a Homero.

Virg., 1.º *Aen.*;  
Hom., 5 *Od.*

Faça-se como Baco determina.

texto

x a. Virg. *Vincant quos vincere mavis*<sup>139</sup>. Dezia Vénus.

1.º *Ae.*

x a' E Juno. *Nunc pereat, Teucrisque pio det sanguine poenas*.<sup>140</sup>

X *Ae.*

x. a' *Aeneas sane ignotis iactetur in undis*

*Et quamquamque viam dederit fortuna sequatur*.<sup>141</sup>

40

Este povo que é meu, por quem derramo  
as lágrimas que em vão caídas vejo,  
que assaz de mal lhe quero pois que o amo  
sendo tu tanto contra meu desejo,  
Por ele a ti rogando choro e bramo  
e contra minha dita enfim pelejo,

<sup>1</sup> No ms., um borrão impede a leitura segura da grafia desta palavra: «piedoso»? «Piadoso»?

<sup>137</sup> V. Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, vv. 167-304.

<sup>138</sup> V. Homero, *Odisseia*, V, vv. 5-42.

<sup>139</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, X, v. 43.

<sup>140</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, X, v. 617.

<sup>141</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, X, vv. 48-49. Na edição de referência: *quacumque*.

ora pois porque o amo é mal tratado,  
quero-lhe querer mal, será guardado.

Este povo lusitano que por meu tomado tenho, e já à minha conta está<sup>1</sup>; cujos trabalhos são causa das lágrimas que sem proveito derramo; sendo assi que em amá-lo lhe faço mais dano, por ele rogo, clamo e choro<sup>II</sup>, contendendo com minha pouca ventura. Ora enfim já que eu em amá-lo lhe faço mal, quero malquerê-lo, e será ditoso. (142)//

41  
Mas moura enfim nas mãos das brutas gentes,  
que pois eu fui: e nisto de mimosa  
o rosto banha, em lágrimas ardentes,  
como co orvalho fica a fresca rosa.  
Calada um pouco, como se entre os dentes  
se lhe empidira<sup>142</sup> a fala piedosa,  
torna a segui-la, e indo por diante  
lhe atalha o poderoso e grão Tonante.

Mas já que assi é acabe já em poder dessa gente desumana, que pois eu sou. E chegando aqui de puro mimo se banhó toda em lágrimas, e ficou como a rosa coberta de frio orvalho, e detendo um pouco a fala, como que a dor lha impedisse, entre os dentes murmurava, e tornando a continuar Júpter lhe atalhou.

Que pois eu fui *ect.*

Figura de Retórica chamada dos Gregos *Aposiopesis*. Cícero lhe chamou Reti-cência, e alguns interrupção. Quando ou por ira ou por dor se suspende a prática. Mui célebre é aquele passo de Virgílio, quando Neptuno disse repreendendo os ventos:

*Quos ego. sed motos praestat componere flutus.*<sup>143</sup>

E aquele de Terêncio, *Quem si sensero.*<sup>144</sup> (142v)//

---

<sup>1</sup> No ms.: «está; ecuios trabalhos»...

<sup>II</sup> No ms.: ~~sem~~ contendendo»...

---

<sup>142</sup> Nas edições de 1572, 1597 e 1609: «Lhe impedira a fala». Em 1612: «Lhe impedir a fala». Em 1613: «Se lhe impedira a fala». Em 1626 e 1631: «Se lhe impedira a fala».

<sup>143</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, v. 135.

<sup>144</sup> Publius Terentius Afer, *Andria*, v. 164. Na edição de referência: *quem quidem ego si sensero*.

42

E destas brandas mostras comovido,  
que moveram de um tigre o peito duro,<sup>1</sup>  
co vulto alegre qual do Céu subido  
torna sereno e claro o ar escuro,  
As lágrimas lhe alimpa, e acendido  
na face a beija e abraça o colo puro  
de modo que dali se só se achara  
outro novo Cupido se gerara.

Co vulto alegre *ect.*  
Torna sereno e claro o ar escuro *ect.*

Virgil., 1.º:

*Olli subridens hominum sator atque Deorum  
Vultu quo caelum tempestatesque serenat  
Oscula libavit natae dehinc talia fatur.*<sup>145</sup>

Isto disse Virgílio com mais honestidade que o nosso poeta. Estes últimos quatro versos algum dia andaram fora das obras de Camões e puseram-se outros despropositados, os quais nós mudámos fazendo estes:

As lágrimas lhe alimpa de encendido  
de piedade e amor sincero, e puro,  
procura mitigar-lhe a dor que sente  
falando-lhe suave e brandamente.

Outro novo Cupido se gerara.

Cujo filho fosse Cupido, há grande dúvida entre os autores. Uns dizem que de Vénus e Júpiter, como aqui Camões, e outros. E dizem que foram dous porque o Amor ou é<sup>II</sup> de cousa honrada, ou jucunda, isto é, agradável. Ovídio:

*Alma fave dixi geminorum mater amorum.*<sup>147</sup>

texto

*Cornucop. sup.*  
3 Epig., f. 78<sup>146</sup>

<sup>1</sup> No ms.: «opeito~~XXX~~duro». A emenda é feita sobre uma rasura ilegível.

<sup>II</sup> No ms.: «ou\*he\*decousahonrada»...

<sup>145</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, vv. 254-256.

<sup>146</sup> D. Marcos segue textualmente a tese de Perotto sobre a genealogia dos gémeos Cupidos, que é apresentada a propósito do Epigrama 3 do *Liber de Spectaculis* (*Cornucopiae D. Nicolai Perotti*, 1543?, f. 78, col. 2, l. 29-39). Poucas linhas adiante, sem voltar a indicar esta fonte, acabará por reproduzir a teoria do Sepontino sobre a paternidade de Cupido, associando então um tipo de amor a cada uma das hipóteses consideradas.

<sup>147</sup> Publius Ovidius Naso, *Fasti*, IV, v. 1.

Dizem também outros que Cupido era filho de Vénus e de Marte. Na mãe não discordavam, mas no pai era a dúvida, que este mal tem os filhos bastardos, e ilegítimos<sup>1</sup>. (143)// Outros dizem que Vénus só o pariu sem outro pai, e assi entendem aquele verso de Virgílio:

Virg., 1.º *Aen.*

*Nate meae vires mea magna potentia solus.*<sup>148</sup>

Outros dizem que de Vulcano e de Vénus, o que tudo se entende desta maneira: o Amor de diversos modos se considera, se é honesto, e agradável, sem ofensa de alguém, chama-se filho de Júpiter; se é turbulento, ou revoltoso, chamam-lhe filho de Marte; se é abrasador do sujeito amante, chamam-lhe filho de Vulcano, Deus do fogo. De sorte que conforme aos efeitos do Amor lhe<sup>II</sup> dão o pai. Dezia um pastor *apud* Virg.:

Virg., *Egl.* 8

*Nun scio quid sit Amor: duris in cotibus illum  
Ismarus aut Rhodope aut extremi Garamantes  
non nostri generis puerum nec sanguinis edunt.*<sup>149</sup>

Este conforme o que por causa de Amor<sup>III</sup> padecia, lhe assinava o nascimento, e assi são os mais. Dezia Juvenal na 10.<sup>a</sup> sátira que os homens imprudentes deram nome à fortuna e a fizeram Deusa. E eu digo que os homens incontinentes deram nome a Cupido e o fizeram Deus tão poderoso pera escusarem sua fraqueza, sendo assi que deste seu amor indino é mais culpa da mãe, que é a sensualidade, que do menino. O demais guardamos pera o décimo Canto.

Juvenalis<sup>150</sup>

43  
E c'ò seu apertando o rosto amado  
que os soluços<sup>151</sup>, e lágrimas aumenta,  
como minino da ama castigado

---

<sup>1</sup> No ms., «q̄ este maltemos f<sup>os</sup> bastardos, e ilegítimos» ocupa o final da folha, numa letra distinta da que ali se encontra mas similar à que se acha adiante, num reparo que só pode ter sido escrito após 1640 (v. p. 460).

<sup>II</sup> No ms.: «Amor \*lhe\* daõ opay»...

<sup>III</sup> No ms.: «por causadette/Amor padecia»...

---

<sup>148</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, v. 664.

<sup>149</sup> Publius Virgilius Maro, *Bucolica*, VIII, vv. 43-45. Na edição de referência: *nunc scio quid sit Amor: nudis in cotibus illum/ aut Tmaros aut Rhodope aut extremi Garamantes/ nec generis nostri puerum nec sanguinis edunt.*

<sup>150</sup> Decimus Iunius Juvenalis, *Satyrae*, X, v. 365-366: *nullum numen habes, si sit prudentia: nos te,/ nos facimus, Fortuna, deam caeloque locamus.*

<sup>151</sup> Nas edições de 1572, 1597, 1609, 1612, 1613, 1626 e 1631: «saluços».

que quem o<sup>152</sup> afaga o choro lhe acrescenta, (143v)//  
Por lhe pôr em sossego o peito irado  
muitos casos futuros lhe apresenta,  
dos fados as entranhas revolvendo,  
desta maneira enfim lhe está dizendo.

E ajuntando o rosto da filha querida com o seu próprio lhe acrescenta o choro, e soluços, qual o menino pequeno quando sua ama o castigou, que quem lhe diz que não chore o faz mais chorar. Júpiter por aplacar estas paixões da filha chorosa lhe começa a referir muitas cousas que haviam de vir acerca dos portugueses, desentranhando os fados assi lhe diz:

44  
Fermosa filha minha não temais  
perigo algum nos vossos Lusitanos  
nem que ninguém comigo possa mais  
que esses chorosos olhos soberanos.  
Que eu vos prometo, filha, que vejais  
esquecerem-se Gregos e Romanos  
pelos ilustres feitos que esta gente  
há-de fazer nas partes do oriente.

Não receeis, minha filha fermosa, que perigo algum se converta em dano nos vossos Portugueses, nem também imagineis que valerá alguém pera comigo mais que esses vossos fermosos olhos, sem causa de lágrimas arrasados. Porque eu vos dou minha palavra que vós vejais, à vista dos fei(144)//tos seus nas partes Orientais, não haja memória nem de Gregos nem de Romanos.

45  
Que se o facundo Ulisses escapou  
de ser na Ogígia Ilha eterno escravo,  
e se Antenor os seios penetrou  
Ilíricos, e a fonte de Timavo,  
E se o piadoso Eneas navegou  
de Cila, e de Caribdes<sup>153</sup> o mar bravo,  
os vossos mores cousas atentando,  
novos mundos ao Mundo irão mostrando.

O perigo teme-se, o dano sinte-se. Fermosa lhe chama pera a consolar; e louva-a também de olhos fermosos, que é parte de que as fermosas mais se pagam.

Homero na *Iliada*, e *Odissea*, quando nomea as Deusas lhe louva os olhos: a Juno dos olhos grandes como de boi; a Minerva dos olhos gázeos, *ect.*

---

<sup>152</sup> Nas edições de 1572, 1597, 1612, 1626 e 1631: «quem no afaga». Em 1609: «quem o afaga». Em 1613: «quem o afoga».

<sup>153</sup> Em 1572, 1597, 1609, 1612, 1613, 1626 e 1631: «Scila e de Caribdis». Em 1584 e 1591: «Sicilia e de Caribdes».

Porque se o eloquente Ulisses se livrou de ficar em perpétuo cativo na Ilha Ogígia; e se o Troiano Antenor entrou bem dentro das enseadas do mar de Ilíria e da fonte Timavo; e se Eneas piadoso escapou dos perigosos passos de Cila e Caribdes, os vossos portugueses, atrevendo-se a novas cousas, irão descobrindo ao Mundo mundos novos.

Imita, como dissemos, Camões neste passo a Virgílio noutra semelhante prática que Vénus teve com Júpiter sobre as cousas dos Troianos. E como seja próprio do nosso poeta, quando imita a algum, ir-lhe furtando os conceitos, e entremeter-lhe outros seus, assi aqui o argumento que Vénus trouxe de Antenor, que tinha penetrado as enseadas do mar Ilírico e a fonte de Timavo<sup>154</sup>. Agora Júpiter traz a mesma história e faz menção de Antenor, e de Ulisses, dizendo que por grandes cousas que estes passassem, e perigos que vencessem, muito maio(144v)//res fariam os portugueses no descobrimento dos mares e terras do Oriente.

Facundo Ulisses.

Eloquente, e abundante de palavras, e rezões, com as quais alcançou as armas de Aquiles e venceu os merecimentos de Aiace.

Na Ogígia Ilha.

Esta Ilha Ogígia está entre o mar de Fenícia e o de Síria. Foi assi chamada de Ogiges Rei de Tebas que nela morou. A esta ilha aportou Ulisses perdido, e a Ninfa Calipso o recolheu e o teve sete anos casando-se com ele, até que por mandado de Júpiter veio Mercúrio notificar a Calipso que deixasse ir aquele homem pera sua terra, e ela o fez inda que de má mente.<sup>155</sup>

Homer.,  
*Odyssea* 1<sup>156</sup>.  
primo et quinto

Eterno escravo.

Inda que marido, era escravo, pois sendo pobre casara com mulher rica e poderosa. Veja-se o que escrevemos no primeiro Canto sobre aquele verso da estança 16.<sup>a</sup>, «Deseja de comprar-vos pera genro»<sup>156</sup>, ao que acrescentamos esta autoridade de Plutarco: *Qui se ipsis longe ampliores capiunt uxores non earum maritos verum dotis mancipia fecisse se nesciunt.*<sup>157</sup>

Plut., *De  
praeceptis  
conubialibus*

---

<sup>1</sup> No ms.: «as armas de Ulisses/Achilles, evenceo»...

<sup>2</sup> No ms.: «Homer. ~~Hiada~~/Odyssea».

---

<sup>154</sup> V. Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, vv. 242-244.

<sup>155</sup> Homero, *Odysseia*, I, vv. 11-87 e V, vv. 5-269.

<sup>156</sup> *Os Lusíadas*, I, 16.

<sup>157</sup> D. Marcos, talvez induzido em erro por algum intermediário menos rigoroso, confunde os tratados de Plutarco, uma vez que o passo citado pertence, não a *De praeceptis conubialibus*, mas sim ao opúsculo *De Liberis educandis* (1558, p. 34).

E se Antenor.

*Antenor potuit mediis elapsus Achivis  
Iliricos penetrare sinus atque intima tutus  
Regna Liburnorum, et fontem superare Timavi.*<sup>158</sup>

Virg., 1º

Foi este Antenor um homem ilustre de Tróia, alguns o querem tachar de traidor juntamente com Eneas, porque quando Alexandre Páris furtou a Helena e a trouxe a Tróia, Menelau foi à corte del Rei Príamo requerer (145)// sua justiça levando consigo a Palamedes e a Ulisses, como conta Estrabo e Eliano e o toca Libânio Sofista na declamação de Menelau. Chegaram os três Gregos a Tróia, hospedaram-se em casa de Antenor, e dali foram a Príamo fazer seus queixumes acerca de lhe restituírem sua mulher e seus tesouros, e todos os do Conselho de Príamo foram de parecer que se lhe restituísse tudo, senão os filhos de Príamo e Hécuba, Rainha enganada por Helena, que claramente disse que não havia de tornar a Grécia. Além disto os filhos de Príamo quiseram matar os Gregos, mas Antenor os escondeu. Estas são as causas que se dão pera lhe chamarem traidor, o que não era. Tito Lívio no princípio de suas obras diz que os gregos se houveram bem com Antenor e Eneas, porque sempre foram de parecer que se restituísse Helena a seu marido, e assi se partiu pelo mar com ãa companhia de Troianos, e embocando pelo mar Adriático foi até às mais íntimas enseadas dele e aí edificou

Strabo Capad. lib. 13<sup>159</sup> et Elianus lib. 9 c. 21<sup>160</sup>, Libanius Sophista.<sup>161</sup>

Tito Lívio, *De. P<sup>ro</sup>*, lib. 1.<sup>162</sup>

<sup>158</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, vv. 242-244. Na edição de referência: *Illyricos*.

<sup>159</sup> Na *Geografia*, apoiado na autoridade de Sófocles (Frag. 10, Nauck), Estrabão afirma que Antenor e a sua família, além de serem poupados ao saque dos gregos, aquando da queda de Tróia, puderam seguir sãos e salvos para a região de Trácia devido à hospitalidade com que Antenor outrora recebera Menelau (13, 1, 53).

<sup>160</sup> A indicação marginal dada por D. Marcos («lib. 9, cap. 21») remete para um passo em que Eliano recorda a origem da erva designada por «Helenion», semeada por Helena na ilha de Faros, quando aí foi entregue por Menelau à guarda do rei Tónis. De acordo com o testemunho dos egípcios, a ilha de Faros estaria infestada por uma praga de cobras, que foi assim afastada pelo perfume da planta. Não era certamente esta a informação visada por D. Marcos, que teria em mente outro capítulo de Eliano: aquele que trata da fundação de Pádua e no qual se diz que Antenor encontrou aí refúgio quando fugiu de Tróia, poupado à ira dos Gregos graças ao acolhimento que oferecera a Menelau e a Ulisses, embaixadores do resgate de Helena (*De natura animalium*, XIV, 8). Esta matéria é retomada por D. Marcos algumas linhas abaixo, ainda que sem identificar Eliano como fonte.

<sup>161</sup> D. Marcos poderia ter acesso a uma tradução latina desta obra através da conhecida versão de Erasmo, *Libanii sophistae Graeci declamatiunculae aliquot, eademq[ue] Latinae, per Des. Erasmm Rot. Cum duabus orationibus Lysiae itidem uersis, incerto interprete*. O primeiro texto deste volume corresponde precisamente à *Declamatio Libanii Sophistae sub persona Menelai, pro concione Troianorum, Helenam et res petentis, ni reddant, armis iniuriam ulturum se denunciantes*, na qual Menelau se refere a Antenor com profundo reconhecimento: *Velut et in praesentia quanto putatis animo suspicimus et obseruamus Antenorem hunc uirum excellentissimum, cui quam optime et cupimus et precamur, nibilque minus uelimus quam eiusmodi quippiam in sua illi familia contingere* (1522, p. [9], não numerada).

<sup>162</sup> Titus Livius, *Ab Urbe condita*, I, I, I: *Aeneae Antenorique, et vetusti iure hospitii et quia pacis reddendaeque Helenae semper auctores fuerunt* [...].

ũa Cidade chamada *Patavium*, e hoje Pádua, célebre pela pregação e milagres do nosso glorioso Santo António. Virgil.: *Hic tamen ille urbem Patavi sedesque locavit Teucrorum*.<sup>163</sup>

Seios ilíricos.

*Iliricos penetrare sinus*.<sup>164</sup>

Iliris é ũa Região da Europa sita à parte direita do mar Adriático, grande e populosa, chama-se hoje Sclavonia, há nela muitas Cidades, as principais delas são Jadera, Ragúsia, Salona e outras muitas. Botero.<sup>165</sup>

Fonte de Timavo.

É um rio de Aquilea (aquela famosa Cidade que os Bárbaros destruíram), o qual sai de nove bocas, chama-se hoje Brenta.

Virg.: *Regna Liburnorum et fontem superare Timavi  
Vnde per ora novem ect.*<sup>166</sup> (145v)//

E se o piadoso Eneas.

De Eneas já tratámos, o Epíteto de piadoso se lhe deu por tirar seu pai às costas do fogo Troiano.

<sup>163</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, vv. 247-248.

<sup>164</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, v. 243.

<sup>165</sup> D. Marcos segue a descrição de Botero, preferindo no entanto dizer *Sclavonia* em vez de *Schiavonia*, como lhe chama o autor italiano: *Hor che habbiamo descritto à bastanza le provincie mediterranee di questa parte di Europa, egli è necessario, che noi scorriamo quella parte della terra, che vien bagnata dal destro lato del mare Adriatico. Fu chiamata da gli antichi, che gli diedero amplissimi confini, Illirio, e si distingueva in Liburnia, et in Dalmatia. [...] boggi il nome di Schiavonia si stende dall' Arsa, sino alla Boiana: è paese benissimo dotato dalla natura di ottimi, e capacissimi porti, si come la parte opposita d' Italia se ne vede poverissima. Hà il paese in molti luoghi aspero, ma per lo più fertile d' oglio, e di vino, e di frutti, et il mar copiosissimo di pesci. (Delle Relationi Universali di Giovanni Botero Benese, 1595, f. 49v). É provável que, embora apenas refira Botero, D. Marcos tenha lidado com o *Theatrum Orbis Terrarum* e com *Parergon*, de Abraão Ortélio: viria daí a opção pelos nomes latinos (desde logo, *Sclavonia* ou *Slavonia*); viria daí também a sugestão da importância de Salona. Botero, além de Ragúsia e Jadera (*Zara, una delle migliori fortezze, che habbiano i Veneziani, con un porto eccellente*), destaca *Sebenico e Spalatro*. (1595, f. 49v). D. Marcos não repete aqui estes dois nomes, preferindo acrescentar Salona, que, assinalada por Ortélio quer no mapa *Illyricum* do *Theatrum*, quer em mapas do *Parergon* (*Pannoniæ, et Illyrici Veteris Tabula; Italiæ Veteris Specimen*), poderia ter a favorecê-la as suas raízes antigas e, entre outros, o relevo que Estrabão lhe dera na *Geografia* (7, 5) ou a menção que César dela fizera em *De bello civili* (III, 9).*

<sup>166</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, vv. 244-245.

Cila e Caribdes.

Virgil. *Dextrum Scila latus, laevum implacata Charibdis  
Obsideo.*<sup>167</sup>

Segundo as fábulas, Cila foi filha de Forco, e amava muito a Pico<sup>169</sup>, do qual foi também querida, o que Circe tomou muito mal, e com ódio inficionou ãa certa fonte na qual se lavava Cila, de maneira que quando ãa vez se lavou nela, lhe<sup>I</sup> pareceu que a parte inferior de seu corpo era de cão, e com a impaciência deste dano se foi deitar no mar vizinho e foi convertida em penedo onde as águas que quebram parece cão que ladra. Caríbdis foi ãa mulher<sup>II</sup> roubadora que furtou as vacas a Hércules, e Júpiter com um raio a matou e converteu naquele lugar perigoso que sorve as naus. A verdade é que naquele estreito que fica entre Itália e Secília estão dous lugares perigosos, um que tem ãa rocha metida pelo mar onde as ondas se quebram, e parece que ladram, outro onde os ventos se cruzam e fazem andar as águas em redemoinho com notável perigo dos navegantes. Séneca escrevendo a seu amigo Lucílio lhe diz assi: «Bem sei que Cila é um penedo grande e espantoso aos navegantes, de Caríbdis me avisai se é verdade o que se diz que sorve as naus e espedaçadas as lança pelo mar.»<sup>170</sup>

Ovid., *Metam.*  
lib. 14<sup>168</sup>

Seneca in  
*Epistol.*

Homero fez passar estes dous perigos ao seu Ulisses, e Virgílio também por aqui trouxe o seu Eneas, porque tinham estes poetas que era este um dos grandes trabalhos com que se podia encarecer os grandes perigos que venciam aqueles Heroas, de que alcançavam nome eterno. Agora diz Júpiter a Vénus, que todos esses perigos e trabalhos eram vento a respeito do que os portugueses (146)// haviam de passar e vencer no Oriente.

46  
Fortalezas, Cidades e altos muros  
por eles vereis, filha, edificados,

---

<sup>I</sup> No ms.: «se lavou nella, elhepareceu»...

<sup>II</sup> No ms.: «foi huã molher de roubadora»...

---

<sup>167</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, III, vv. 420-421. Na edição de referência: *dextrum Scylla latus, laevum implacata Charybdis / obsidet.*

<sup>168</sup> Publius Ovidius Naso, *Metamorphoses*, XIV, vv. 1-74.

<sup>169</sup> Segundo a tradição clássica e o registo de Ovídio, seria Glauco o apaixonado de Cila. No entanto, D. Marcos chama-lhe Pico, confundindo histórias narradas no livro XIV das *Metamorfoses*: os amores de Glauco e Cila, e os de Pico e Canente – uns e outros desfeitos pela maga Circe.

<sup>170</sup> D. Marcos sintetiza o passo de Séneca a que alude (*Ad Lucilium. Epistulae morales*, LX-XIX): *Nam Scyllam saxum esse et quidem non terribile navigantibus optime scio; Charybdis an respondeat fabulis, perscribi mihi desidero et, si forte observaveris, dignum est autem quod observas, fac nos certiores, utrum uno tantum vento agatur in vertices an omnis tempestas aequae mare illud contorqueat, et an verum sit, quicquid illo freti turbine abreptum est, per multa milia trahi conditum et circa Tauromenitatum litus emergere.*

os Turcos belacíssimos, e duros,  
deles sempre vereis desbaratados.  
Os Reis da Índia livres e seguros  
vereis ao Rei potente sojugados,  
e por eles<sup>1</sup> de tudo enfim senhores  
serão dadas na terra Leis melhores.<sup>171</sup>

Fortalezas, Cidades, e altas torres e muralhas vereis que edificam os vossos<sup>II</sup>. E os Turcos, gente guerreira e forte, sempre serão vencidos deles. Os Reis e Príncipes da Índia, livres de toda a sujeição e seguros de outro inimigo, vós os vereis reconhecer vassalagem ao poderoso Rei de Portugal, e enfim depois que os portugueses senhorearem tudo, receberão os povos deles leis mais humanas e clementes.

O entendimento desta estança está claro. No que pertence às histórias me remeto às *Décadas* da Índia. Quatro cousas toca aqui o nosso poeta, em cada dous versos ãa. A primeira, os edifícios que os portugueses na Índia fabricariam. A segunda, as vitórias que dos Turcos alcançariam, e faz menção de Turcos mais que de outra nação porque esta era a mais tímida naquele tempo, não só na Índia mas em todo Mundo. A terceira, a vassalagem que os Reis Orientais dariam ao de Portugal. A quarta, as leis favoráveis que dariam aos (146v)// Índios, tirando-lhe os abusos em que viviam. O louvor da primeira pertence primeiramente a Afonso de Albuquerque, o qual como advirte João de Barros, foi o primeiro que levantou Igreja e fortaleza na Índia. E depois de fazer esta primeira, que foi em Cochim, fraca como as forças dos portugueses então eram, fez a de Ormuz, e logo a de Malaca e a de Goa, e edificara muitas mais se vivera. Outros houve depois que se lhe seguiram que também alcançaram seu merecimento nesta matéria, como foi Nuno da Cunha, que edificou três fortalezas: a de Baçaim, a de Chale e aquela tão desejada dos Reis de Portugal, Diu. O louvor da segunda obra dos portugueses se deve a muitos, mas principalmente ao grande António da Silveira, que defendeu com sumo esforço e valor o admirável cerco de Diu contra a potência dos Turcos, e foi este feito um dos que fizeram os portugueses mais célebres no mundo<sup>III</sup>, porque até então cuidavam os Príncipes de Europa que os Portugueses pelejavam com negros e gente vil. Mas quando viram seiscentos homens tantas mil léguas

*Décad. 1.<sup>a</sup>*

<sup>I</sup> No ms.: «epor elles em fim detudo enfim senhores».

<sup>II</sup> No ms.: «vereis queedificaõ na India/os vossos».

<sup>III</sup> No ms.: «no mundo q̄ porqueate entã».

<sup>171</sup> Nas edições de 1572, 1597, 1609 e 1612: «milhores». Em 1584, 1591, 1613, 1626 e 1631: «melhores».

<sup>172</sup> *Decada Primeira da Asia de Ioão de Barros*, 1628, VII, II, f. 129: «Parece que aprouve a Deus que ele fosse autor destas duas obras, ãa espiritual que foi a fundação da Igreja, e outra temporal da fortaleza: nesta tomando posse por parte do Reino e na outra por parte da Igreja Romana. As quais porque foram da madeira, podemos dizer serem cimbrez das outras de pedra e cal que ele fundou, em Goa, Malaca e Ormuz: principais cabeças dos reinos e estados da Índia de que temos posse [...]».

apartados do seu Reino dentro de ãas fracas paredes mal acabadas defenderem-se a sessenta mil homens ou mais, entre os quais vinham os Turcos e Janízaros de Constantinopla, tão costumados a render-se-lhe tudo, e tornarem<sup>1</sup> pera casa os poucos que escaparam da morte co as cabeças quebradas, desbaratados e fugidos, vieram a fazer conceito que estes homens eram o primor da milícia e do esforço humano<sup>173</sup>. O terceiro louvor a muitos cabe, mas a ninguém melhor que ao mesmo Afonso de Albuquerque, que fez ao Rei de Ormuz tributário e vassalo del Rei de Portugal. E a este mesmo Capitão compete mais o quarto, (147)// pois ele começou em Goa e Malaca a dar Leis aos súbditos gentios e Mouros tão arzooadas que ninguém as recusou, antes todos folgavam com elas, e sendo assi que isto de mudar Lei antiga e introduzir outra nova sempre é dificultoso, e mais em gente bárbara, as Leis e costumes que Afonso d'Albuquerque deu foram tais que todos se melhoraram com elas. Isto que com tanta verdade se diz dos Portugueses foi tirado de Virgílio, porque foi tal o nosso Camões que de fábulas tirava verdades. Disse Júpter a Vénus:

Couto, *Década quinta*

Barros, *Década primeira*

Virg., 1º  
*Aenead.*

*Bellum ingens geret Italia populosque feroces  
Contundet, moresque viris, et moenia ponet.*<sup>175</sup>

47

Vereis este que agora pressuroso  
por tantos medos o Indo vai buscando,  
tremar dele Neptuno de medroso,  
sem vento suas águas encrespando.  
Ó caso nunca visto, e milagroso,  
que trema, e ferva o mar em calma estando!  
ó gente forte, e de altos pensamentos,  
que também dela hão medo os Elementos!

Virg.:  
*Sublimemque  
feres ad  
sidera caeli  
magnanimum  
Aeneam*<sup>176</sup> etc.  
Eneas, agora  
perseguido, será  
inda levado por  
vós às estrelas.

<sup>1</sup> No ms.: «~~et~~os tornarẽ».

<sup>173</sup> Diogo do Couto confere particular destaque, no livro terceiro da *Década Qvinta*, aos feitos de D. António da Silveira durante o primeiro cerco de Diu, no ano de 1538. O reconhecimento internacional que D. Marcos aqui pretende realçar foi expresso pelo cronista a propósito do regresso do guerreiro a Portugal, onde foi recebido com grandes honras: «Era tão grande a fama deste homem, e foi tão espantoso o cerco que sustentou, que todos os Reis Cristãos o mandaram visitar pelos Embaixadores que traziam na corte, e dar-lhe os parabéns das vitórias que na Índia houve. E El Rei Francisco de França o mandou tirar pelo natural, e o seu retrato foi posto na casa da fama, antre os varões famosos.» (*Década Qvinta*, 1612, VI, VII, f. 135v).

<sup>174</sup> O estabelecimento de um contrato de vassalagem entre o rei de Ormuz e D. Manuel de Portugal (contrato depressa abalado) é referido na *Década Segvnda da Asia de João de Barros*: «Como el Rei Ceifadim de Ormuz assentou pazes com Afonso d'Albuquerque fazendo-se vassalo d'el Rei dom Manuel, com tributo de quinze mil xarafins, as quais foram logo quebradas, e a causa porquê» (1628, II, IV, f. 31v).

<sup>175</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, vv. 263-264.

<sup>176</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, vv. 259-260.

Inda, filha, haveis de ver a este Capitão que agora afligido com tantos re- ceos vai buscando a Índia, tremer o Mar com medo dele, alterando suas águas sem vento que as mova. Ó acontecimento nunca ouvido, que o mar se altere em calmaria. Ó gente esforçada e de ânimo altivo, pois até os mesmos Elementos a temem. (147v)//

Tomou o nosso Poeta ocasião pera este encarecimento, ou fero de Castelhana, que disse Vasco da Gama indo por Vice-rei à Índia por mandado del Rei D. João III, o ano de 1524, e o caso foi. Os Astrónomos judiciários pronosticadores do futuro em que poucas vezes acertam, assentaram que o ano de 1524<sup>177</sup> haveria um grande dilúvio de águas porquanto todos os planetas faziam ãa conjunção no signo de *Piscis*. Neste mesmo ano partiu a nossa armada pera a Índia, em que ia por Vice-rei D. Vasco da Gama, o qual levava per regimento que fosse dando vista à costa de Cambaia, e porque um piloto mouro que levavam lhe prometeu de lhe dar vista dela em três dias, e tinham passados seis que a não viam, representou-se-lhe que era verdade o que os Matemáticos pronosticaram, que o dilúvio viera, e que cobrira a terra, e que por isso a não viam. Seguiu-se logo a isto que ãa quarta-feira 7 de Setembro às oito horas da noite saltou um súbito tremor em todalas naus, que cada ãa se dava por perdida, e todas faziam sinal ãas às outras que lhe acudissem, cuidando que era só a que padecia este trabalho: durou ele um quarto de hora, e por ser caso nunca visto naqueles mares os amedrontou muito, até que o mesmo Vasco da Gama caiu no que era, e disse em alta voz: «Amigos, prazer e alegria, o mar treme de nós, não hajais medo, que isto é tremor de terra». Daqui tomou o nosso poeta o dizer que o mar de medo tremera de nós. Isto é termo retórico e um tropo chamado Hipérbole, de que os poetas estão cheos.

Ainda que à letra assi se entenda este hipérbole do nosso poeta, podemos dizer que o mar treme e tem pavor e respeito a Vasco da Gama e a seus sucessores, porque nenhum deles, que foram muitos, perigou nesta navegação, antes a teve sempre favorável, que parece que o mar lhe reconhece superioridade. Vide Couto.<sup>178</sup>

---

<sup>177</sup> O receio de um novo dilúvio, previsto para Fevereiro de 1524 no *Almanach nova plurimis annis venturis inseruentia per Ioannem Stoefflerinum Iustingensem et Iacobum Pflaumen Vlmensem accuratissime supputata: et toti fere Europe dextro sydere impartita* (1499), espalhou-se pela Europa, difundido em reedições do *Almanach* e amplificado em textos de natureza diversa. De Norte a Sul, porém, tão-pouco faltou quem se opusesse a este prognóstico e ao medo colectivo que gerava. Em Portugal, destacaram-se figuras ligadas à Corte e favorecidas por beneplácito régio: frei António de Beja escreveu e imprimiu, «por mandado da Sereníssima e muito alta senhora a rainha dona Lianor», um *Breve tratado contra a opiniam de alguñs ousados astrologos* (1523); e Gil Vicente, no *Auto da Feira*, não deixou de troçar da «estronomia» «mal sabida», que em vão se atrevia a «adivinhar» as «operações dos céus» (*Obras Completas*, 1928, fls. 30v-31).

<sup>178</sup> D. Marcos segue de perto o relato de João de Barros, na *Decada Terceira*: «ãa quarta-feira véspera de nossa Senhora de Setembro às oito horas da noite, saltou tamanho tremor em todalas naus, que cada ãa se houve por perdida, parecendo-lhe que ela só padecia este tremor, sem entender a causa. Tudo era com as bombardas fazerem sinais ãas às outras, cuidando serem aguages sobre alguns baixos, tudo era posto em revolta: uns acudindo ao leme que não podiam ter, outros à bomba, à sonda, e muitos a barris, e a távuas, em que esperavam de se salvar, não podendo entender uns aos outros de confusos deste perigo. Até que o mesmo almirante veio em conhecimento do que era, dizendo: – Amigos, prazer e alegria, o mar treme de nós, não hajais medo, que isto é tremor da terra.» (1628, IX, I, fls. 224-224v). No *Tratado dos Feitos de Vasco da Gama e seus filhos na Índia* (obra só impressa no século XX), Diogo do Couto narra o mesmo episódio, em termos por vezes idênticos aos de Barros. No *Tratado*, além de referir aqui e ali o bom sucesso de viagens realizadas pelos Gamas, Couto salienta a qualidade da segunda navegação do Almirante, rumo à Índia: «tendo

48

Vereis a terra que água<sup>180</sup> lhe tolhia,  
que inda há-de ser um porto mui decente (148)//  
em que vão descansar da longa via  
as naus que navegarem do Ocidente.  
Toda esta costa enfim que agora urdia  
o mortífero engano, obediente  
lhe pagará tributos, conhecendo  
não poder resistir ao Luso horrendo.

*Quin aspera  
luno quae mare  
nunc terrasque  
caelumque  
fatigat.  
Consilium in  
melius referet,  
mecumque  
fovebit  
Romanos rerum  
Dominos.*<sup>179</sup>

A Ilha de Moçambique que agora resistia aos Portugueses negando-lhe a água que queriam, inda há-de ser um porto mui seguro onde as naus hão-de tomar repouso quando de Portugal vierem. E toda esta Costa africana que agora lhe traçava o malicioso engano há-de dar obediência e servir com tributo aos mesmos portugueses, reconhecendo que contra eles não tem poder nem resistência alguma.

É Moçambique (como dissemos) um porto dos mais frequentados que há na carreira da Índia, e com estar 900 léguas apartado dela, as naus que vão de Portugal que aí invernam se tem por navegadas<sup>181</sup>. Acerca do estado presente desta fortaleza e de toda esta costa de Zanzibar se pode ver a *Etiópia Oriental*, onde se tratam muitas cousas verdadeiras e curiosas.

*Vide Barros,  
Déc. 1.<sup>a</sup>, l. 4*

*Etiópia  
Oriental*<sup>182</sup>

*Quum domus  
Assaraci  
Phthiam  
clarasque  
Mycenas servitio  
premet et victis  
dominabitur  
Argis.*<sup>183</sup>

49

E vereis o Mar roxo tão famoso  
tornar-se-lhe amarelo de infiado,  
vereis de Ormuz o Reino poderoso  
duas vezes rendido<sup>184</sup>, e sojugado.

---

sempre tempos tão prosperos, e bonançosos, que parecia que os mares e os ventos, o conhecião e lhe obedeção [...]» (1998, p. 96).

<sup>179</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, vv. 279-282. Na edição de referência: *quae mare nunc terrasque metu caelumque fatigat./ consilia in melius referet.*

<sup>180</sup> Nas edições de 1584 e 1591: «que a água vos tolhia». Em todas as outras publicadas até 1631: «que a água lhe tolhia».

<sup>181</sup> Na *Decada Primeira da Ásia*, justifica-se a «necessidade» estratégica de fazer escala na ilha, apesar da sua natureza doentia: «Porque como o sítio dela é um cotovelo à maneira de cabo que está em altura de catorze graus e meio, do qual convém que as naus que pera aquelas partes navegam hajam vista pera irem bem navegadas, quando os ventos lhe não servem pera passar adiante à ida ou vinda, tomam aquele remédio de invernar ali.» (1628, IV, IV, f. 67v).

<sup>182</sup> D. Marcos refere-se à obra de frei João dos Santos, *Ethiopia Oriental* (1609), cujo livro III da primeira parte relata acontecimentos ocorridos na costa de Zanzibar.

<sup>183</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, vv. 284-285. Na edição de referência: *Cum domus; Mycenas; ac victis.*

<sup>184</sup> Em todas as edições publicadas até 1631: «tomado e sojugado». É difícil saber se a forma registada por D. Marcos foi uma opção consciente, se se tratou de um deslize por metonímia (que repete, um pouco mais adiante, na exposição do verso), ou se foi um lapso devido a excesso de confiança, ao citar de memória.

Ali vereis o Mouro furioso  
de suas mesmas setas trespassado,<sup>185</sup> (148v)//  
que quem vai contra os vossos, claro veja  
que se resiste contra si peleja.

Também vereis o Mar Roxo, tão célebre por nome, de medo perder a cor. Vereis mais o famoso e rico Reino de Ormuz duas vezes conquistado, e aí vereis os Mouros párselos atravessados das mesmas setas que contra os vossos atiravam, porque vejam os que contra eles pelejam, que quando lhe querem resistir, a si mesmos se ofendem.

E vereis o Mar roxo.

Torna o poeta aos hipérbolos dizendo que o mar roxo mudaria a cor e se infriaria com medo dos portugueses. Porém, se entendêmos isto per Metonímia *i. continens pro contento*, tomando o Mar Roxo pelos moradores de suas ribeiras, é verdade sem encarecimento, porque nunca naquele mar entrou armada nossa que os moradores daquelas Cidades lhas não despejassem de puro medo. A descrição deste mar, como doutras terras que o nosso poeta aqui toca, guardo pera outro lugar mais próprio.

texto

Vereis de Ormuz o Reino poderoso  
Duas vezes rendido, e sojugado.

Afonso de Albuquerque, o grão Capitão, com quatrocentos portugueses tomou este Reino da mão de Ceifadino, último Rei que o possuiu em paz. Pôs-lhe certo tributo; e fez na Ilha ãa famosa fortaleza. Recolhido Afonso de Albuquerque, levantaram-se os de Ormuz e mataram os poucos portugueses que havia, e logo tornou Afonso de Albuquerque sobre eles e lhe tomou outra vez a Cidade e o Reino, pondo-lhe tributo dobrado em pago de seu atrevimento. (149)//

Dos mouros de Ormuz trespassados com setas já tratámos e adiante trataremos outra vez.

50  
Vereis a inexpugnável Diu forte  
que dous cercos terá dos vossos sendo,  
ali se mostrará seu preço e sorte,  
feitos de armas grandíssimos fazendo.  
Envejoso vereis o grão Mavorte  
do peito Lusitano fero, e horrendo,

---

<sup>185</sup> Em todas as edições publicadas até 1631: «traspassado».

do Mouro ali verão que a voz extrema  
do falso Mafamede<sup>186</sup> ao Céu blasfema.

Vereis mais a fortaleza de Diu fortíssima e nunca rendida, que quando for dos vossos Lusitanos possuída sustentará dous cercos admiráveis, em defesa da qual farão os vossos façanhas nunca ouvidas. Tanto que o próprio Marte ficará envejando aos Lusitanos o ânimo e valentia. O Maometano ali admirado de tão extraordinário esforço<sup>I</sup> morrerá blasfemando do seu falso Profeta Mafamede.

Estes dous cercos foram os mais admiráveis que no mundo se viram, e certo que não sei qual deles foi maior, e melhor defendido. O primeiro, como dissemos, defendeu o grande António da Silveira. O segundo, Dom João Mascarenhas, cada qual com igual louvor. O primeiro é o mais nomeado e célebre no Mundo por muitas rezões. Ūa por ser primeiro, outra por ser a tempo que a fortaleza estava por acabar, e mal provida, foi também nomeado por ser contra a potência do Grão Turco, e vindo a isso um Baxá dos seus mais privados, e com ele muitos janízaros tão soberbos que<sup>II</sup> saindo em terra, e vendo a fortaleza tão fraca e pequena, se deram por afrontados, e se espantavam como não vinham trazer-lhe as chaves dela e oferecer-se (149v)// à sua mercê. E sobretudo o que mais publicou este cerco no mundo foram muitos homens curiosos, que vinham na armada dos Turcos, os<sup>III</sup> quais eram Italianos que em Alexandria e Trípoli e outras terras foram tomados por força e levados à Índia pelo mar Roxo. E foram fazendo roteiros desta jornada, e do sucesso dos assaltos e batarias, e depois os imprimiram, e assi se divulgou esta história pelo mundo. Tanto que aquele valeroso Rei Francisco Valois de França mandou a Portugal um pintor pera que lhe tirasse pelo natural a António da Silveira, e pôs o seu retrato na sala real entre Alexandre e Aníbal. E bem pudéramos nós entender por este Rei, e por este feito seu, o que o nosso poeta diz, que Marte ficou envejoso aqui do valor dos portugueses, porque este Rei foi outro Marte, inda que pouco venturoso nalgumas guerras<sup>188</sup>. O segundo cerco foi também admirável, assi<sup>IV</sup> pelo que os Portugueses fizeram na fortaleza resistindo à multidão de inimigos, como o risco a que se puseram,

Couto, D. 5.<sup>187</sup>

<sup>I</sup> No ms.: «esforço bla morrera blasfemando»...

<sup>II</sup> No ms.: «tão soberbos q̄ entra saindo emterra»...

<sup>III</sup> No ms.: «Turcos, \*os\* quais»...

<sup>IV</sup> No ms.: «admiravel, \*assi\* pello q̄ os Portugueses»...

<sup>186</sup> Nas edições de 1572, 1584, 1591, 1597 e 1609: «Mahamede». Em 1612, 1613, 1626, 1631: «Mafamede».

<sup>187</sup> *Decada Quinta da Asia*, 1612, VI, VII, f. 135v (ver nota 173).

<sup>188</sup> Francisco I (1494-1547) desenvolveu uma enérgica política de afirmação da França, e, rivalizando com as ambições imperiais de Carlos V, travou diversas batalhas em solo italiano. Vencido em Pavia, pelas tropas de Carlos V, passou alguns meses prisioneiro em Espanha, até recuperar a liberdade mediante a assinatura do tratado de Madrid, em Janeiro de 1526. D. Marcos não lembra o outro lado deste problema: na sua busca de supremacia, desejoso de contrariar o poder dos Habsburgos, Francisco I aliou-se aos Turcos, então vistos como o principal inimigo da Europa cristã.

vencendo tempestades que os comiam, pera chegarem a socorrer a fortaleza de seu Rei e aos companheiros que nela pelejavam. Ou pera melhor dizer, pera se acharem presentes em ocasião de tanta honra, porque os verdadeiros portugueses como aqueles eram a tinham nos lugares mais perigosos e arriscados. Destes dous cercos falando o grave historiador João Botero diz que neles mostraram os Portugueses onde o esforço humano podia chegar. O sucesso destes dous notáveis cercos não haverá homem curioso que o não tenha lido na quinta e sexta *Década* daquele insigne historiador Diogo do Couto. Também João de Barros e Hierónimo Corte-Real e outros deles trataram, mas o Couto melhor que todos, ali se verão as blasfêmias que os perros deziam ao seu Mafoma que os não ajudava.<sup>193</sup> (150)// Mavorte. Marte, per *epentesim. i. dilatationem nominis*, assi Ênio<sup>194</sup> e depois Juvenal<sup>195</sup> disseram *Induperator*, per *Imperator*.

## 51

Goa vereis aos Mouros ser tomada,  
a qual virá depois<sup>196</sup> a ser Senhora  
de todo o Oriente, e sublimada

---

<sup>189</sup> Botero, ao tratar das Ilhas de Cambaia, no livro VI das *Relationi*, salienta que os Portugueses tudo fizeram para manter a sua soberania em Diu, que foi alvo de dois cercos, por causa da sua posição estratégica: *Questa isola stà quasi à cavalliere di tutto il golfo di Cambaia: e è quasi signora delle navigationi di quei mari. Il che conoscendo i Portoghesi, non hanno risparmiato spesa nissuna per haverla nelle mani, nè travaglio per mantenerla.*» (*Delle Relationi universali*, 1595, f. 125v).

<sup>190</sup> Sobre o primeiro cerco de Diu, em 1538, veja-se a narrativa de Diogo do Couto, nos livros III, IV e V da *Decada Quinta*.

<sup>191</sup> João de Barros dedicou grande parte do livro X da *Quarta Decada* (obra que, «Reformada Accrescentada e Illvstrada com Notas e Taboas Geographicas por João Baptista Lavanha», foi impressa em Madrid, no ano de 1615) à descrição pormenorizada dos feitos dos portugueses, liderados por António da Silveira, durante o primeiro cerco de Diu (X, IV – XVII, pp. 642-694).

<sup>192</sup> D. Marcos alude decerto ao *Sucesso do Segvdo Cerco de Div* (1574), poema em vinte e um cantos, composto por Jerónimo Corte-Real para celebrar os feitos militares de D. João de Castro e de D. João de Mascarenhas no cerco que a cidade sofreu em 1546. Na «Carta ao Leitor», Corte-Real encarece a necessidade de cantar essas conquistas: «As quais todas estavam postas em esquecimento: não por falta de ingenhos, que muitos há nesta terra mui delgados, e cheos de prudente artificio, mas por culpa do tempo, que tem as cousas chegadas a termos, que se há por mal empregado o trabalho sofrido em escrever cousas tão dignas, e merecedoras de louvor, feitas por tão valentes capitães, por tão ilustres fidagos, por tão valentes e esforçados cavaleiros.» (1574, pp. 2-3). A obra começa, por isso, com o sonho que motivou o Rei de Cambaia a cercar a fortaleza lusa e termina com a chegada do Vice-Rei a Goa, depois da profecia do nascimento de D. Sebastião (ver *supra* nota 95).

<sup>193</sup> Diogo do Couto escreveu: «[Cogeçofar] arrebrandando em blasfêmias disse mal à sua ventura: e depois fez voto a Mafamede, de se não levantar de sobre aquela fortaleza, até a não arrasar e tomar». (*Decada Sexta*, 1614, I, VIII, f. 17).

<sup>194</sup> Quintus Ennius, *Annales*, I, frag. 87: *Omnibus cura viris uter esset induperator*; X, frag. 322: *Insece, Musa, manu Romanorum induperator*.

<sup>195</sup> Decimus Iunius Juvenalis, *Satyrae*, IV, vv. 28-29: *qualis tunc epulas ipsum glutisse putamus/ induperatorem, cum tot sestertia, partem*; X, vv. 138-139: *Romanus Graiusque et barbarus induperator/ erexit*.

<sup>196</sup> Na edição de 1613: «depois». Em todas as outras publicadas até 1631: «depois».

c'os triunfos da gente vencedora.  
Ali soberba, altiva, e exalçada,  
ao Gentio que os Ídolos adora  
duro frêo porá, e a toda a terra  
que cuidar de fazer aos vossos guerra.

Vereis também a famosa Ilha de Goa ser pelos vossos tomada aos Mouros que a possuem, a qual depois que dos Portugueses for, há-de ser a Metrópoli de todo o Oriente, e exalçada com os triunfos que eles a ela trarão. E assi enobrecida e sublimada enfreará aos gentios circumvezinhos, e a todo o mundo que aos portugueses quiserem resistir.

O grande Afonso de Albuquerque tomou aos mouros esta Ilha pequena em terra, mas grande em excelências. Só disto se pode ver o grande entendimento deste valeroso Capitão, porque em vendo esta Ilha e o sítio dela, logo a julgou pelo que hoje é, sem discrepar a experiência com o pensamento dele. E assi é hoje assento dos Vice-reis, e Sé Arque-episcopal primaz de todo o Oriente.

52  
Vereis a fortaleza sustentar-se  
de Cananor com pouca força e gente, (150v)//  
e vereis Calecut<sup>197</sup> desbaratar-se,  
Cidade populosa, e tão potente,  
e vereis em Cochim assinalar-se  
tanto um peito soberbo, e insolente,  
que Cítara jamais cantou vitória  
que assi mereça eterno nome, e glória.

A fortaleza de Cananor, fraca em edifícios e desacompanhada de gente, vereis que se sustenta resistindo a milhares de inimigos, e a poderosa e grande Cidade de Calecut pelos portugueses vereis desbaratada. E vereis mais em Cochim um coração Português tão animoso e guerreiro que nunca jamais poeta no mundo cantou em seus versos vitória de tanto valor e preço.

O Reino de Cananor é um dos três mais assinalados no Malabar. O Rei dele, no tempo que Pedr'Álvares se desaveio com o Samorim, estando os nossos já em Cochim, lhe mandou oferecer carga d'especiaria com muita vontade; e nas mesmas

Barros<sup>198</sup> e  
Góis<sup>199</sup>

---

<sup>197</sup> Na edição *princeps*, como em todas as outras publicadas até 1612: «Calecu». Em 1613, 1626 e 1631: «Calecut».

<sup>198</sup> *Decada Primeira da Asia de João de Barros*, 1628, V, VIII, f. 100.

<sup>199</sup> *Chronica do Felicissimo Rei Dom Emanuel*, 1566, I, LX, f. 61: «el Rei de Cananor, cuidando que o fazia por lhe faltar dinheiro lhe mandou dizer que carregasse quanto quisesse, que ele mandaria pagar tudo à sua custa, que bem sabia que em Calecut fora roubado e saqueado, o que lhe Pedr'Álvares muito agradeceu e aos mensageiros mostrou um grande cofre cheio de cruzados, respondendo a el Rei que não comprava mais drogas por já ter toda a carga que as naus podiam levar».

Damião de  
Góis, part. 2,  
cap. 14, 15,  
16<sup>200</sup>. Petrus  
Maphaeus<sup>201</sup>.  
Barros, *Déc.*  
1.<sup>202</sup>

naus mandou um Embaxador a Portugal fazer-se vassalo del Rei D. Manuel e deu lugar no seu Reino pera os nossos fazerem fortaleza como fizeram. Morto este Rei, foi levantado outro por mão del rei de Calecut, o qual corria com nossa[s] cousas bem, porém a má vontade que contra nós tinha o fazia desejar nossa destruição. Neste tempo um português nosso fez um desatino, por lhe não chamar falsidade, e foi tomar ãa nau dos Mouros de Cananor, que lhe mostraram<sup>1</sup> seguro e cartaz que traziam de Lourenço de Brito, o qual lhe não valeu porque a nau foi tomada e a fazenda dela, e os pobres mercadores mortos, e cosidos nãa vela, a qual se rompeu e deitou os corpos à praia, entre os quais ia um de um sobrinho de um Mouro principal, que foi conhecido, e a treição e aleivosia<sup>II</sup> sabida. Daqui toma(151)//ram ocasião os Mouros, e o Rei, que não desejava outra cousa, pera cercar a nossa fortaleza, com ajuda do Samorim, que entrou na liga, o cerco foi apertado, os feitos de armas de ãa e outra parte muitos e grandes, os quais se podem ver na *Crónica del Rei D. Manuel* e nas *Décadas* de João de Barros.

texto

E vereis Calecut desbaratar-se.

Muitas vezes foi a grande Cidade de Calecut desbaratada, Pedr'Álvares Cabral com as bombardas lhe fez muito dano, e muito mais o Almirante Vasco da Gama a segunda vez que tornou à Índia, e Afonso de Albuquerque a destruiu e queimou quasi toda, no tempo que lá foi o Marichal, outras muitas vezes padeceu a pobre Cidade seus trabalhos.

---

<sup>1</sup> No ms.: «q̄ lhe mostraraõ os seguro»...

<sup>II</sup> No ms., a palavra «conhecida» foi parcialmente rasurada e transformada em «sabida».

---

<sup>200</sup> D. Marcos segue o relato de Damião de Góis acerca do episódio que motivou a guerra entre o rei de Cananor e os portugueses, no ano de 1506, atenuando porventura a crítica do cronista, que, além de admitir nessa história a influência da «cobiça», classifica como excessivo o comportamento lusitano e acaba por dizê-lo infundado: «cruza demasiada, pera o pequeno erro em que [Gonçalo Vaz de Góis] achou estes míseros, dos quais sobejava a execução no cativoiro de suas pessoas, e perda de suas próprias fazendas, posto que inimigos fossem, e fosse falso o salvo-conduto que traziam, o que se depois achou não ser» (*Chronica do Felicissimo Rei Dom Emmanuel*, 1566, II, XV, f. 23v). À semelhança de Damião de Góis, D. Marcos considera que este «desatino» deu ao Rei de Cananor e ao Samorim, seu aliado, pretexto para atacar a fortaleza lusa em Cananor. De resto, a propósito dessa acção bélica, que desencadearia a resposta do capitão Lourenço de Brito, remete o leitor para o capítulo sucessivo da *Chronica do Felicissimo Rei Dom Emmanuel* (1566, II, XVI, f. 25).

<sup>201</sup> V. Giovanni Pietro Maffei, *Historiarum Indicarum Libri XVI*, 1605, I, III, pp. 82-83.

<sup>202</sup> O relato de Barros, mais breve na apresentação deste episódio, não contempla dúvidas nem explora problemas: «E porque Gonçalo Vaz achou nela indícios ser de Calecut, e que o seguro fora havido surrepticiamente, não lho quis guardar; e meteu a nau no fundo com os Mouros que a navegavam todos coseites em ãa vela, por não haver memória deles. O qual feito depois custou muita guerra, que se fez à fortaleza de Cananor, como adiante se verá, e por isso tirou o Viso-Rei o navio a Gonçalo Vaz, posto que dava por desculpa parecer-lhe o seguro surreptício» (*Decada Segvnda da Asia*, 1628, I, IV, f. 13). D. Marcos remete erradamente para a *Década* «1.<sup>a</sup>».

E vereis em Cochim.

Do grande Duarte Pacheco já fizemos memória, e a história de suas valentias em defesa del Rei de Cochim adiante trataremos por extenso. Aqui brevemente toca o poeta nele por se não apartar de Virgílio, o qual conta como Júpiter também declarou a Vénus muitas histórias futuras de Capitães Romanos esforçados. *Vide primum Aeneados librum.*<sup>203</sup>

53

Nunca com Marte instructo e furioso  
se viu ferver Leucate, quando Augusto  
nas civis Áctias guerras animoso  
o Capitão venceu Romano injusto,  
Que dos povos de Aurora, e do famoso  
Nilo, e do Bactro<sup>204</sup> Cítico, e robusto,  
a vitória trazia e presa rica,  
preso da Egípcia<sup>1</sup> linda e não pudica. (151v)//

Nunca em batalha travada e furiosa tanto ferveu Leucate quando Augusto César nas guerras civis que teve em Áccio venceu a Marco António, o qual havia pouco que tornara do Oriente rico de despojos dos moradores daquelas Regiões orientais e dos que habitam junto das águas do Nilo e dos Bactros de Cítia valerosos, preso porém dos amores de Cleópatra, Egípcia bela mas pouco honesta.

Nunca<sup>II</sup> com Marte instructo.

Estes versos foram mutuados de Virgílio no 8.º dos *Eneados*, falando nas armas que Vulcano fabricou a Eneas, nas quais estavam esculpidas muitas histórias futuras, e ãa delas era esta de Leucate. As palavras de Virgílio são

Virg., 8. *Aen.*

*In medio classes aeratas, Actia bella  
Cernere erat: totumque instructo Marte videres  
Fervere Leucaten, auroque effulgere fluctus etc.*<sup>205</sup>

---

<sup>1</sup> No ms.: «presoda Egípcia bella linda enaõ pudica».

<sup>II</sup> No ms.: «Estes Nunca com Marte»...

---

<sup>203</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, vv. 257-296.

<sup>204</sup> Em 1572, como em todas as edições publicadas até 1612: «do Bactra Cítico». Em 1613, 1626 e 1631: «do Bactro Cítico».

<sup>205</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, VIII, vv. 675-677. Na edição de referência: *classis*.

E mais abaxo falando de Antônio:

*Hinc ope barbarica variisque Antonius armis  
Victor ab Aurorae populis, et litore rubro  
Aegyptum uiresque Orientis et ultima secum  
Bactra vehit, sequiturque (nefas) Aegyptia coniux.*<sup>206</sup>

Isto é quanto à imitação do poeta, agora construímos palavra por palavra. «Nunca com Marte instruto» *i.* nunca em batalha ordenada, «e furiosa», *i.* e acesa em ira, «se viu ferver Leucate», *i.* se viram as naus andar fervendo d'ua parte a outra em Leucate, promontório de Acronânia, cujo mar se mete no de Épiro, onde foi a batalha. «Quando (152)// Augusto», César, cujo nome primeiro era Octaviano como o de seu Pai, «nas Civis guerras», *i.* nas guerras que entre ele e seu cunhado Marco Antônio houve. Civis porque eram ambos Romanos cidadãos da mesma Cidade. «O Capitão venceu Romano». A Marco Antônio «injusto», *i.* mau porque injustamente repudiou a Octávia sua mulher e se casou com Cleópatra. «Que dos povos da Aurora», *i.* dos povos Orientais. «E do famoso Nilo», *i.* dos Egípcios, por onde passa o Nilo, Rio famoso nas Letras divinas e humanas. «E do Bactra». É um rio de Cítia Asiática que deu nome a ãa província assi chamada. Lucano, 3 *Phars.*:

*Errantes Scythiae populi quos gurgite Bactros  
Includit gelido.*<sup>207</sup>

Aqui por Bactro não entende Rio<sup>1</sup> senão o morador daquela província Bactra, e assi se dexa ver no Epíteto «robusto», que não convém ao Rio. «Preso da Egípcia». Preso do Amor de Cleópatra. Linda não quer dizer fermosa senão engraçada e galante e airosa. «E não pudica». E não honesta; porque tinha sido manceba de César, de quem houve um filho chamado Cesarión.

História.

Morto Júlio César pela conjuração de Bruto e Cássio, ficou por seu herdeiro Octaviano Augusto, o qual vendo-se Senhor de um Mundo tamanho fez dele três partes e deu ãa delas a Marco Lépido, que era África, e a Marco Antônio deu da Cidade de Siene, no Egito, até Etiópia, todos os Reinos que aqui se compre-

Plutarco  
na *Vida de  
Antônio*<sup>208</sup>.  
Suetônio na  
*Vida de Octávio  
Augusto*<sup>213</sup>

<sup>1</sup> No ms.: «não entende Rio senão morador daquela província senão o morador daquela província Bactra».

<sup>206</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, VIII, vv. 685-688. Na edição de referência: *virisque; coniunx*.

<sup>207</sup> Marcus Annaeus Lucanus, *Pharsalia*, III, vv. 267-268.

<sup>208</sup> V. *Plutarchi Cheroni Graecorum Romanorumque Illustrum Vitae*, 1542, fls. 340v-352v.

<sup>209</sup> Caius Suetonius Tranquillus, *De vita Caesarum*, II (*Divus Augustus*).

endiam, tomando pera si Europa. Foi António pera o Egipto e namorou-se de Cleópatra, filha de Ptolomeu Auletes, Rei do Egipto, mulher engraçada, avisada e ga(152v)//lante, e tanto se lhe afeiçoou António que casou com ela e repudiou a Octávia, Irmã do Imperador, a qual se veio pera Roma com seus filhos e foi tão prudente que não quis que o Irmão a vingasse, e sempre se chamou mulher de António, morando nas casas que foram suas, e criou seus filhos, e os<sup>1</sup> que António houvera de Fúlvia sempre os tratou como seus próprios. Não obstante isto, Augusto tratou de tomar emenda dos desaforos de António, e ajuntou gente com que o foi buscar. Neste tempo andava António vitorioso dos Partos, a quem venceu um seu capitão chamado Vindício, que triunfou em Roma. E o mesmo Marco António em pessoa pelejou com Faorte Rei dos Medos, e vencendo-o o levou até o Rio Araxes, e assi passando por aquelas Regiões Orientais as sojugou todas; e chegando a Arménia venceu o Rei daquela terra, e triunfou dele em Alexandria. Neste comenos chegou Augusto César a Áccio, promontório de Épiro aonde o mesmo César depois em lembrança desta vitória edificou a Cidade Nicópolis. Sabida por António a determinação de Octávio, ordenou suas gentes por mar e terra, no mar trazia quinhentas naus mui bem concertadas, por terra trazia doze mil ginetes com mil homens de pé, fora o socorro que lhe mandaram os Reis seus vassalos, que eram Boco, Rei de Líbia, Tracondemo de Cilícia superior, Arquelau de Capadócia, Filadelfo de Paflagónia, Mitridates de Comagena, Adolos de Trácia: estes Reis com seus exércitos estavam presentes, fora os que lhe mandaram socorro sem vir em pessoa, que foram Pólemo Rei de Ponto, Manco de Arábia, Herodes de Judea, Amintas de Licaónia e Galácia. César trazia duzentas naus de peleja, oitenta mil homens de pé, doze mil de cavalo. Estando a (153)// batalha pera se dar, viu Cleópatra, que andava com Marco António, que ãa andorinha que tinha feito ninho na popa da sua nau, fora deitada fora do ninho, e outra de fora que a deitou lhe tomou posse dele. Como ela era grande agoureira, tomou este por mau pronóstico, e sem esperar mais nada fugiu pera Peloponeso. António, sabida sua ida, foi-se após ela deixando todos perturbados, e assi custou pouco a Octávio vencê-los, e indo no alcance de Marco António o cercou na Cidade de Alexandria, e ali ele mesmo se matou. E Cleópatra sabendo que a haviam de levar presa no triunfo a Roma se matou também co as áspides. E este foi o triste fim dos dous namorados, António e Cleópatra.

54

Como vereis o Mar fervendo aceso  
com<sup>210</sup> incêndios dos vossos pelejando,

---

<sup>1</sup> No ms., rasura ilegível por cima de «eos».

---

<sup>210</sup> Nas edições de 1572, 1597, 1609, 1612, 1626 e 1631: «Cos incêndios». Em 1584, 1591 e 1613: «com incêndios».

levando o Idololatra e Mouro preso<sup>211</sup>  
de nações diferentes triunfando,  
E sujeita a rica Áurea Cresoneso<sup>212</sup>  
até o longinco<sup>213</sup> China navegando  
e as Ilhas mais remotas do Oriente,  
ser-lhe-á todo o Oceano obediente.

Como na Índia vereis o Mar aceso com os incêndios que assi os vossos como os Mouros que contra eles pelejam levantaram; vereis mais o Gentio e Mouro rendidos dos portugueses, sendo de várias nações e seitas, ambos se ajuntarem pera serem vencidos e acrescentarem o triunfo dos vencedores. Também vereis a Cidade de Malaca, junto da qual esteve a província chamada dos Antigos Áurea Cresoneso, e daí irão os portugueses navegando até à China, terra tão remota, e outras Ilhas desse Oriente, por (153v)//que todo o Oriente lhe<sup>1</sup> conhecerá sujeição e vassalagem.

Como vereis o Mar fervendo aceso.

Naquela batalha, ou batalhas profiosas que Duarte Pacheco Pereira teve com o Samorim no passo Cambalão, houve de ùa e outra parte muitos tiros, muitas balsas do fogo com que o mar parece que se abrasava. Pelejando os Mouros e os Gentios com toda sua força por passar, e os nossos por lhe impedir o passo, até que vencidos Mouros e Idólatras, de todos triunfou o valeroso Duarte Pacheco.

Barros, 1<sup>a</sup> D.<sup>214</sup>;  
Góis<sup>215</sup>

---

<sup>1</sup> No ms.: «o Oriente \*lhe\* conhecida»...

---

<sup>211</sup> Nas edições de 1572 e 1626: «o Idololatra e o Mouro». Em 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1613 e 1631: «o Idolatra e o Mouro».

<sup>212</sup> Em todas as edições até 1631: «Chersoneso» (sic).

<sup>213</sup> Nas edições de 1572, 1584, 1591, 1609 e 1626: «longico». Em 1597 e 1612: «longinco». Em 1613 e 1631: «longínquo».

<sup>214</sup> João de Barros descreve a batalha entre as caravelas de Duarte Pacheco Pereira e as «máquinas de castelos» do Samorim, no passo de Cambalão, atribuindo a vitória portuguesa em parte à desordem dos inimigos, mas sobretudo à fé e à estratégia dos soldados lusitanos, que eram em muito menor número. Embora sem recorrer à metáfora do mar fervente, o cronista traça um cenário infernal dominado pela fúria da artilharia: «Afuzilando fogo, vaporando fumo, e atroando os ares de maneira, que com estas cousas e com os enxames de frechas, grita da gente, tudo era ùa confusão escura na vista e nos ouvidos, sem uns aos outros se poderem ouvir, nem menos saber se eram ofendidos dos amigos se dos contrários» (*Decada Primeira da Asia*, 1628, VII, VIII, f. 140).

<sup>215</sup> Damião de Góis procura enaltecer o triunfo português, sublinhando a supremacia numérica das forças inimigas e a violência do combate: «A multidão dos imigos era tanta que se embaraçavam uns com os outros [...] havendo já bom pedaço, que de ùa e da outra parte servia a artilharia, de maneira que com o fumo e fogo da pólvora se não viam uns aos outros» (*Chronica do Felicissimo Rei Dom Emanuel*, 1566, I, LXXXVI, f. 84). No capítulo LXXXVIII, a propósito de outra investida do Samorim, Góis retoma com maior precisão a imagem do mar ardente a que D. Marcos alude, afirmando: «foram tantas as bombardadas de ùa e da outra parte, que nem o céu nem a terra, nem a água se viam com fumo e chamas de fogo» (I, LXXXVIII, f. 87).

Idololatra.

Quer dizer adorador de ídolos. Ídolo quer dizer imagem ou estátua. Latria é a honra e adoração que só a Deus se deve, enquanto Omnipotente e Senhor Universal, e porque estas cousas se não acham senão em Deus, a ele só pertence a tal adoração. E os gentios dão esta honra aos Ídolos de pau e pedra e metal que eles fabricaram.

Áurea Cresoneso.

Desta Região tiveram os antigos notícia per fama e informação. João de Barros na sua 2.<sup>a</sup> *Década* prova que esta é a Ilha de Samatra<sup>216</sup>. Noutra parte daremos mais clara notícia dela, quando descrevêremos estas Regiões. Isto baste pera o presente.

Longinco China.

A região e grande Império da China é a terra mais Oriental de Ásia e a última a que nossas armadas chegaram, e por isso lhe chama longinco, *id est*, muito distante e apartado de nós. Claudiano: *Sic qui vecturus longinqua per aequora merces*.<sup>217</sup>

E as Ilhas mais remotas.

Estas são as dos Japões, vizinhas à China e outras dos Arquipélagos. Couto, *Déc. 4*.<sup>218</sup> (154)//

55

De modo, filha minha, que de jeito  
amostrarão esforço mais que humano,  
que nunca se verá tão forte peito  
do Gangético mar ao Gaditano,  
Nem das Boreais ondas ao Estreito  
que mostrou o agravado lusitano,  
posto que em todo o Mundo de afrontados  
ressucitassem todos os passados.

---

<sup>216</sup> João de Barros descreve o Reino e as povoações de Malaca, identificando a ilha de Samatra como «a própria a que os Antigos chamam Quersoneso» (*Decada Segvnda da Asia*, 1628, VI, I, f. 129).

<sup>217</sup> Claudius Claudianus, *De raptu Proserpinae*, III, XXXVI, v. 363.

<sup>218</sup> D. Marcos refere-se às Ilhas de Maluco e remete para a descrição que delas faz Diogo do Couto, quando narra a expedição de D. Jorge de Meneses ao extremo oriente. Tendo partido de Malaca por ordem do Governador Pedro de Mascarenhas, o capitão veio a descobrir as ilhas dos Papuas, ao mesmo tempo que os castelhanos enviaram uma armada para explorar aqueles territórios (*Decada Quarta*, 1602, III, III, fls. 43v-47).

De sorte, filha minha Vénus, que de tal modo mostrarão os Portugueses ao mundo seu valor e esforço mais que de homens, que nunca se visse nele tanta valentia. Desde o mar da Índia até o de Cádiz, e do mar coalhado até o Estreito do agravado Magalhães, ainda que quantos agravados houve no Mundo agora se tornassem a ajuntar nele vivos.

De modo filha minha *ect.*

Conclui dizendo que não houve no Mundo nação mais belicosa que os Portugueses, e pera isso faz menção de quatro partes do Mundo: Oriente, Ocidente, Norte, Sul. O Gangético mar é o mar da Índia que fica pera fora do cabo Comorim, onde chamam a enseada de Bengala, na qual desemboca o famosíssimo Ganges suas águas. Este toma pelo Oriente. O de Cádiz, a que chama Gaditano porque a ilha de Cádiz é chamada em latim *Gadix*, toma pelo Ocidente. As ondas Boreais pelo Norte, porque Bóreas é um vento frio que daquelas Regiões assopra. O Estreito de Magalhães é o que toma pelo Sul, por ser a parte mais Austral que sabemos. Chama-lhe agravado porque por agravos que teve del Rei D. Manuel lhe não acrescentar a moradia se passou a serviço del Rei (154v)// de Castela, e em ódio de Portugal foi descobrir o caminho pera as Ilhas Molucas pelo Estreito que dele tomou o nome, como adiante diremos.

Posto que em todo o Mundo de agravados.

Isto diz como estimando em pouco a deslealdade deste e doutros, porque como o mesmo diz, também dos Portugueses alguns tredores houve algũas vezes<sup>219</sup>, e inda mal, porque foram e são tantas. Muitos houve agravados de sua pátria que em desserviço dela se passaram à parte contrária, como Coriolano, Sertório e outros. Este termo de que o poeta usa, nomeando certas partes do Mundo pera o compreender todo, e em lugar de dizer «de todo o Mundo» nomear Oriente, Ocidente, Norte e Sul, é termo não só usado dos poetas mas também das Escrituras Santas: *A solis ortu usque ad occasum*<sup>220</sup>, e noutra parte, *neque ab Oriente neque ab Occidente neque a desertis montibus*<sup>221</sup>. Lucano:

Lucano, l. 1º

*Vnde uenit Titan et nox ubi sydera condit  
quaque dies medius flagrantibus aestuat horis  
et qua bruma rigens ac nescia vere remitti  
Astringit Scythicum glaciali frigore Pontum.*<sup>222</sup>

<sup>219</sup> Os *Lusíadas*, IV, 33, vv. 7-8.

<sup>220</sup> Psalmi Iuxta LXX, 112, 3.

<sup>221</sup> Psalmi Iuxta LXX, 74, 7.

<sup>222</sup> Marcus Annaeus Lucanus, *Pharsalia seu De bello civili*, I, vv. 15-18. Na edição de referência: *nox ubi sidera; aestuat auris; astringit Scythico glaciale*. Estes versos, exactamente como D. Marcos os transcreve, são citados na *Officina* de Ravisius Textor, sob o título *Poetica descriptio qua docemus aliquid longè lateque fieri* (1560, I, p. 447).

Tibulo:

Tibulus, l. 2

*Qua sua de caelo prospicit arva Ceres  
Quaque patent ortus et qua fluitantibus undis  
Solis anhelantes abluit amnis equos.*<sup>223</sup>

Sêneca Trágico:

Seneca in  
*Hippolyto*

*Quaeque nascentem videt ora Solem  
Quaeque ad occasus iacet ora seros  
Si qua ferventi subiecta Cancro est  
Si qua maioris glacialis Ursae  
Semper errantes patitur colonos.*<sup>224</sup> (155)//

56

Como isto disse, manda o consagrado  
filho de Maia<sup>225</sup> porque tenha  
um pacífico porto, e sossegado,  
pera onde sem receio a frota venha.  
E pera que em Mombaça aventurado  
o forte Capitão se não detenha,  
lhe manda mais que em sonhos lhe mostrasse  
a terra, onde quieto repousasse.

Dizendo isto despede logo a Mercúrio filho de Maia, pera que vá diante preparar aos Portugueses um porto onde entrem sem receio de treições. E manda-lhe mais que avise em sonhos ao Capitão que se não deixe estar sobre a barra de Mombaça arriscado a algum dano.

Deu fim Júpiter à prática com que consolara as lágrimas de Vénus, e trata de poer remédio aos trabalhos dos nossos por quem lhe ela pedia, mandando a Mercúrio buscar-lhe um porto seguro, no que imitou *ad unguem* a Virgílio, que noutra prática semelhante sobre as cousas de Eneas chorou a seu pai, e recebeu dele semelhante consolação, e depois de ãa larga profecia de cousas futuras conclui como aqui o nosso poeta:

Virg., 1.º Ae.



*Haec ait et Maia genitum dimittit ab alto  
Vt terrae, utque novae pateant Cartaginis arces  
Hospitio Teucris.*<sup>226</sup>

<sup>223</sup> Albius Tibullus, *Elegiae*, II, V, vv. 58-60. Também esta passagem figura na *Officina* de Ravius Textor sob o título *Poetica descriptio qua docemus aliquid longè lateque fieri* (1560, I, p. 447).

<sup>224</sup> Seneca, *Hippolytus* (também conhecida por *Phaedra*), vv. 285-289. Na edição de referência: *quaeque ad Hesperias iacet ora metas/ si qua ferventi subiecta cancro/ si qua Parrhasiae glacialis ursae*. D. Marcos deve ter seguido o mesmo capítulo da *Officina* (1560, I, p. 448), onde este passo figura em versão idêntica àquela que propõe.

<sup>225</sup> Em todas as edições publicadas até 1631: «Filho de Maia à terra».

<sup>226</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, vv. 297-299. Na edição de referência: *demitti*.

Hom., 5. *Odiss.*  
4 *Aeneados* l.

Homero: *Sic ait et Maia genito dehinc talia mandat.*<sup>227</sup>  
Virg.: *Tunc sic Mercurium alloquitur ac talia mandat.*<sup>228</sup> (155v)//

57

Já pelo ar o Cileneu voava,  
com as asas nos pés à terra dece,  
sua vara fatal na mão levava  
com que os olhos cansados adormece.  
Com esta as tristes almas revocava  
do Inferno, e o vento lhe obedece,  
na cabeça o galero costumado,  
e desta arte a Melinde foi chegado.

Já o Deus Mercúrio pelos ares vinha com asas nos pés e o caduceu na mão, com o qual faz dormir os cansados<sup>1</sup> olhos, e com ele mesmo chama as almas do Inferno, e as tira dele, e até o vento lhe tem obediência. Na cabeça seu costumado chapéu e nele duas asas, e assi chego à cidade de Melinde.

Já pelo ar o Cileneu voava.

Virg. in 4.º:

— *Ille patris magni parere parabat  
Imperio ex primum pedibus talaria nectit  
Aurea, quae sublimem alis, sive aequora supra  
Seu terram, rapido pariter cum flamine portant.  
Tum virgam capit: hac animas ille evocat Orco  
Pallentes, alias sub tristia tartara mittit  
Dat somnos adimitque et lumina morte resignat  
Illa fretus agit ventos et turbida tranat  
Nubila.*<sup>229</sup>

---

<sup>1</sup> No ms.: «ca\*n\*sados».

---

<sup>227</sup> Homero, *Odisseia*, V, v. 28. A citação aqui reproduzida corresponde integralmente à tradução proposta por Francisco Florido Sabino (*Homeri Odysseæ Libri VIII*, 1545, f. 40v). Se D. Marcos tivesse firme conhecimento da língua grega, saberia que, no texto original, Mercúrio não era referido como «filho de Maia», mas sim como Hermes, «filho dilecto» de Zeus.

<sup>228</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, IV, v. 222. Na edição de referência: *Tum sic Mercurium adloquitur...*

<sup>229</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, IV, vv. 238-246. Na edição de referência: *et primum pedibus; pallentis, alias sub Tartara tristia mittit.*

— *Ad quae Cyllenius ales,<sup>1</sup>  
 Se parat, et primum pedibus talaria nectit  
 Aurea quae sublimem alis sive aequora supra  
 Seu terram rapido pariter cum flamine portant. (156)//  
 Tum virgam capit: hac Divum internuntius ales  
 Dat somnos miserisque adimit mortalibus ut vult  
 Hanc igitur manibus genstans secat aethera velox.*<sup>230</sup>

De Mercúrio já tratámos no primeiro Canto, do seu vestido e insígnias diremos algũa cousa. Era Mercúrio embaixador dos Deuses, e quando levava algũa embaixada ia com asas nos pés pera sinificar a ligeireza que era necessária a um Embaixador que leva novas de pazes e concertos. Na cabeça seu chapéu ou galero, e nele outras asas. Estácio: *Obnubique comas et temperat astra galero*<sup>231</sup>. A vara fatal que levava tinha duas cobras enroscadas que pelo meio se cingiam e davam um nó, a que chamam nó de Hércules, e com o meio corpo faziam um círculo pera cima ajuntando as cabeças junto da extremidade da vara, e na parte superior dela estavam outras duas asas, e as partes extremas das serpentes fazendo círculo se rematavam junto à mão de Mercúrio<sup>232</sup>. Esta vara deu Apolo a Mercúrio por esta razão. Tinha Mercúrio inventado a viola de sete cordas, e como ele fosse grande ladrão e salteador de caminhos, furtou ãs vacas a seu Irmão Apolo, e porque Apolo lhe perdoasse o furto lhe deu a viola que fizera, dizendo que se apregoasse<sup>II</sup> ele por autor dela. Contento ficou Apolo com o dom, e além de lhe perdoar o dano das vacas furtadas lhe deu ãa vara fatal, a qual disse que era pera apaziguar arruídos e fazer pazes entre os discordes. Foi Mercúrio pera Arcádia levando consigo a vara, e viu duas cobras estar pelejando num caminho, e dando co a vara no meio delas, subitamente se abraçaram com a vara em muita paz e concórdia. Por

<sup>1</sup> No ms.: «Cyllenius ales ~~se parat~~».

<sup>II</sup> No ms.: «aprego\*a\*sse»...

<sup>230</sup> Homero, *Odisseia*, V, vv. 44-50. A versão latina aqui citada corresponde à tradução de Francisco Florido, afastando-se apenas na grafia de *internuntius* e de *genstans* (*Homeri Odysseae Libri VIII*, 1545, f. 40v). A semelhança de todo este passo com versos virgilianos é evidente, conforme D. Marcos assinala. Numa tradução mais literal, como a que aparece na edição greco-latina comentada por Jean de Sponde, a proximidade entre o épico latino e o grego mostra-se mais diluída: *Sic ait: neque renuit internuntius Mercurius, statim deinde pedibus subligavit pulchra talaria/immortalia, aurea, quae ipsum ferebant siue per mare/siue per immensam terram pariter cum flamine uentilcepit autem uirgam, qua uirorum oculos demulcet/quorumcumque uult, eos autem ipsos sopitos excitat/ hanc in manibus tenens uolabat fortis Mercurius.* (*Homeri quae extant omnia*, 1606, p. 66).

<sup>231</sup> Publius Papinius Statius, *Thebaida*, I, v. 305.

<sup>232</sup> Esta descrição poderia ser sugerida por uma gravura como a que, na edição de 1621 dos *Emblemata* de Alciato (p. 758), acompanha o emblema *Facundia difficilis* (*Emblemas*, 1985, p. 224). Não menos relevante, porém, seria provavelmente a informação – verbal e iconográfica – veiculada na obra de Vincenzo Cartari (v. *Imagines Deorum*, 1581, p. 210).

esta causa daí por diante nas escolas de esgrima e palestras onde se exercitavam os homens nos exercícios militares (156v)// havia ãa vara com duas serpentes de pau enroscadas, com que punham paz, como agora fazem os mestres d’esgrima metendo no meio o bastão. Isto conta o Sepontino<sup>233</sup> sobre o segundo Epigrama de Marcial, e diz que esta fábula se entende de certas feitiçarias que os Magos faziam com os ovos das serpentes, que nele se podem ver.

Lucan.,  
Pharsaliae  
pr.<sup>9234</sup>

Cileneu. *Latine Cyllenius*. Epíteto de Mercúrio. Lucan.: *Motuque celer Cyllenius haeret*. Algumas etimologias se dão a este nome, nós contentamo-nos com a de Virgílio, o qual diz que Júpiter no Monte Cilene houve este filho de Maia:

*Vobis Mercurius Pater est quem candida Maia  
Cyllenes gelido conceptum vertice fudit.*

Virg., 8 *Aen.*

58

Consigno leva a Fama<sup>236</sup>, porque diga do Lusitano o preço grande, e raro, que o nome ilustre a um certo amor obriga e faz a quem o tem amado e caro. Desta arte vai fazendo a gente amiga co rumor famosíssimo e preclaro,<sup>237</sup> já Melinde em desejos arde todo de ver da gente forte o gesto e modo.

Em companhia sua vai a fama, pera que publique as excelências dos Portugueses, porque naturalmente os homens se inclinam àqueles cujas virtudes conhecem, e assi com este rumor que entre os de Melinde corria dos portugueses ficaram eles acreditados entre os Milindanos, de modo que já não desejavam outra cousa mais que vê-los, e agasalhá-los. (157)//

Consigno leva a fama.

À letra se entende do Mouro piloto que os nossos mandaram a Melinde pera qu’ ele contasse o que neles achara. Fama lhe chama, e abaxo rumor. Fama tem várias definições porque tem vários ofícios, a que mais nos serve é esta: *Fama est innanis de re aliqua rumor sine veri cognitione siue bonus siue malus*<sup>238</sup>. É fama

<sup>233</sup> No comentário ao Epigrama II do *Liber de Spectaculis*, Perotto disserta sobre o caduceu, insígnia de Mercúrio, relacionando-o com práticas de magia que envolviam ovos de serpentes (*Cornvopie D. Nicolai Perotti*, 1543?, f. 32, col. 3, l. 45-53).

<sup>234</sup> Marcus Annaeus Lucanus, *Pharsalia*, I, v. 662.

<sup>235</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, VIII, vv. 138-139. Na edição de referência: *Cyllenae*.

<sup>236</sup> Em todas as edições publicadas até 1631: «Consigno a Fama leva».

<sup>237</sup> Nas edições de 1572, 1597 e 1612: «perclaro». Em 1584, 1591, 1609, 1613, 1626 e 1631: «preclaro».

<sup>238</sup> Esta é a definição apresentada pela *Polyanthea Nova*, no capítulo dedicado à Fama: *Fama est inanis de aliqua re rumor* (1607, p. 409).

um vão rumor de algũa cousa sem certeza de verdade, ou este rumor seja bom ou seja mau. Rumor e fama nisto diferem, que rumor é de cousa fresca e nova, mas fama, também de cousa antiga mas sempre incerta.

Que o nome illustre a um certo amor obriga.

Esta é a causa por que os homens tanto se cansam por ter bom nome no Mundo, pera viverem benquistos e amados nele, donde aconselha S. Isidoro que procuremos sempre boa fama. *Disce bono flagrare praeconio*<sup>239</sup>. Quando Eneas vinha perdido da tempestade caminhando pelos despovoados de Líbia, achou um templo, e nele pintadas as histórias de Tróia, até<sup>1</sup> se ver a si mesmo pintado entre os Capitães Troianos, e exclamou a Acates<sup>II</sup> dizendo (Virg. 1.º):

Virg., 1.º



*Solve metus. feret haec aliquam tibi fama salutem.*<sup>240</sup>

Como se dissera: «Não é possível que nos vá mal onde nos conhecem bem». Nosso Padre Santo Augustinho repreende até os justos que não se curam do bom nome entre os homens, e depois de muitas cousas conclui dizendo: *Nobis necessaria est vita nostra aliis fama nostra*. Enquanto os Portugueses na Índia trataram só de bom nome estava ela e eles mais acreditados, mas depois que eles puseram a honra nas costas, e o interesse no rosto, não medrou ela muito. Cassiodoro diz que os verdadeiros amadores de boa fama são os desprezadores do dinheiro<sup>III</sup>. *Inclyti animi signum est famae diligere commodum, et lucra causarum negligere: nam qui affectat famae commodum pecuniae negligit augmenta*. Diz Juvenal queixando-se da fraqueza do (157v)// gênero humano: *Genus hoc vivo iam decrescebat Homero*<sup>243</sup>. Já os homens iam decrescendo e diminuindo em vida de Homero,

Aug. P.,  
*De bono  
viduitatis*<sup>241</sup>

Cassiodorum,  
*Epistolarum  
lib. 1.º, Epistola  
3.*<sup>242</sup>

<sup>1</sup> No ms., a frase sofreu emendas, e a sua leitura resulta difícil. Entre «Toya» (sic) e o que se nos afigura «ate», há um caracter ou uma rasura ininteligível.

<sup>II</sup> No ms.: «e exclamou \*a Acates\* disendo»...

<sup>III</sup> No ms.: «H-Inclyti animi».

<sup>239</sup> *Isidori Hispalensis Episcopi Synonyma*, II, 41 (2009, p. 95). Na edição de referência: *fragare*. D. Marcos deve ter seguido a *Polyanthea Nova*, onde a propósito de *Fama* este passo é apresentado *ipsis verbis* (*Polyanthea Nova*, 1607, p. 410).

<sup>240</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, v. 463.

<sup>241</sup> *De bono viduitatis*, XXII. Na edição de referência: *Nobis enim necessaria*. O mesmo passo figura na *Polyanthea Nova*, a propósito de *Fama* (1607, p. 410).

<sup>242</sup> Trata-se de uma paráfrase de um trecho de Cassiodoro, nos *Variarum libri duodecim*, I, IV: *Est enim indigni animi signum, famae diligere commodum et lucra potius odisse causarum* (*Opera*, 1588, f. 13v). A segunda parte da citação encontra paralelo noutra lugar dos *Variarum* (III, XII): *qui affectans famae commoda, pecuniae negligit augmenta* (*Opera*, 1588, f. 42v). D. Marcos reproduz fielmente a transcrição e a identificação do passo que figura na *Polyanthea* sob o título de *Fama* (1607, p. 410).

<sup>243</sup> Decimus Iunius Iuvenalis, *Satyrae*, 15, v. 69.

e agora em que estado estarão<sup>1</sup>. E eu digo que já João de Barros se queixa dizendo que entrando Lopo Soares por governador da Índia, se embarcaram muitos fidalgos pera o Reino, e que daí por diante se começaram a trocar os desejos de honra e fama, em cobiça de dinheiro e fazenda. *Genus hoc vivo iam decrescebat Homero*. Já no nosso Portugal em vida do seu Homero, em tempo de João de Barros, e em vida dos Reis de Portugal, havia esta tinha de procurarem antes riquezas que bom nome, contra o conselho do sábio. E se já então havia esta doença, que será neste nosso tempo, quando não há honra nem desejo de fama, nem quem dê por ela<sup>II</sup> cousa algũa. Venha um<sup>III</sup> carregado de drogas, terá despacho, venha rico de fama, e de serviços, morrerá de fome. Os antigos escritores, tudo é suspirar por aquela idade de Ouro tão celebrada. Bem os pudéramos consolar se nesta nossa viveram, porque ela é a verdadeira idade de Ouro, pois que só o Ouro se estima, por ouro tudo se compra, e por ele tudo se vende, tirando virtude, porque essa nem de graça a querem.

59

Dali pera Mombaça logo parte  
aonde as naus estavam temerosas,  
pera que à gente mande que se aparte  
da barra imiga e terras suspeitosas.

---

<sup>1</sup> No ms.: «em vidadeHomero #eagoraemqestadoestaraõ#. E eudigo...»

<sup>II</sup> No ms.: «depoella fa cousaalguã».

<sup>III</sup> No ms.: «Venha\*hum\*carregado»...

---

<sup>244</sup> D. Marcos deixa incompleta a referência, não indicando o número do capítulo. João de Barros, no início da *Decada Terceira da Asia*, informa que D. Garcia de Noronha decidiu regressar ao reino, descontente com os despachos de Lopo Soares, e «assi veio ùa grande camada de fidalgos e cavaleiros, que naquele tempo eram a frol da índia, criados na escola do Viso-Rei dom Francisco de Almeida e de Afonso de Albuquerque; em cujo tempo os homens tinham por honra os meios, per que se ela ganha, e não tratos, per que se adquire fazenda, que dali por diante se começaram usar mui soltamente: com que as cousas do estado da Índia tomaram um termo, declinando mais em cobiça de uma cousa, que da outra, com que estão postas no que ora vemos» (1628, I, I, f. 3). A respeito de D. Garcia, terá circulado no século XVI, manuscrita, uma paródia das célebres trovas *Recuerde el alma dormida*, de Jorge Manrique. Se o texto evidencia, em parte, uma opinião semelhante à do cronista (atacando os governadores corruptos e louvando aqueles que pertencem a um modelar tempo pretérito, como D. Francisco de Almeida e Afonso de Albuquerque), em parte diverge, ao pôr em xeque a figura de D. Garcia de Noronha. No testemunho mais completo que se conhece (v. Rubem Amaral Jr., 1986), a composição vem intitulada «Trovas feitas a dom Guarcia viso Rey da India pellas de dom Jorge Manrique» (BNP, Códice Alcobacense 297, fls. 201-203v), e a reprovação começa por se exprimir em termos gerais (*y pues vemos lo presentel de tirano mal Regido/ y governadol/ Juzguaremos sabiamente/ ser el Rei no bien servido/ mas Robado*) para incidir, no fim, sobre D. Garcia. Na versão transmitida pelo *Cancioneiro de Luís Franco Correa* («Glosa de *Recuerde el alma dormida* sobre la India de Portugal», fls. 198v-200), esta intenção crítica parece dissimulada. Já numa outra versão, a rubrica inicial anuncia com clareza: «Trovas feitas pelos Lascaryns da Indya contra don Graçia» (BNP, COD. 11353). N'Os *Lusíadas*, Camões lembrou «Noronha, cujo auspício/de Diu os Rumes feros afugenta» (X, 62, vv. 1-2).

Porque mui pouco val esforço e arte  
contra infernais vontades enganosas,  
pouco val coração, astúcia e siso  
se lá do Céu<sup>245</sup> não vem celeste aviso.

De Melinde partiu logo Mercúrio pera Mombaça (158)// onde os da armada portuguesa estavam receosos, pera os avisar que se apartem daquelas praias inimigas, e gentes de pouca fidelidade e segurança, porque cautelas inimigas e danadas vontades, pouco aproveita humana prudência, se de Deus não vem o favor e o conselho.

60  
Meio caminho a noite tinha andado  
e as estrelas no Céu co a luz alhea<sup>246</sup>  
tinham o largo mundo alumiado  
e só c'o sono a gente se recrea.<sup>247</sup>  
O Capitão ilustre já cansado  
de vigiar a noite que arrecea<sup>248</sup>  
breve repouso então<sup>249</sup> aos olhos dava,  
a outra gente a quartos vigiava.

Era meia-noite, e as estrelas com a luz que do sol recebem alumiavam ao mundo, e a gente com o sono se recreava dos passados trabalhos. Vasco da Gama que até então vigiara receoso da maldade dos Mouros, já cansado então dormia, e os soldados vigiavam a quartos, como tinham de costume.

Descreve o tempo em que Mercúrio revelou a Vasco da Gama em sonhos o que havia de fazer, e diz que era já mais de meia-noite, tempo mui acomodado pera receber em sonhos oráculos divinos, porque no princípio da noite os espíritos vitais ocupados na decocção dos manjares não estão aptos pera ser(158v)//vir à contemplação da alma, a qual com a contínua meditação de algũa cousa grave, cansada, quando a perturbação dos exteriores exercícios a deixam, vem a adivinhar aquilo que teme ou recea, e neste tempo da noite costuma Deus e os seus Santos Anjos manifestar ao entendimento, não de todo impedido, os sucessos futuros. Disto

---

<sup>245</sup> Na edição de 1613: «Se lá do Céu». Em 1572, como em todas as outras edições até 1631: «Se lá dos Céus».

<sup>246</sup> Na edição de 1572, como nas de 1584, 1609, 1626 e 1631: «alheia». Em 1591, 1597, 1612 e 1613: «alhea».

<sup>247</sup> Na edição de 1572, como nas de 1584, 1591, 1597, 1626 e 1631: «recreia». Em 1609, 1612 e 1613: «recrea».

<sup>248</sup> Na edição de 1572, como nas de 1584, 1591, 1626 e 1631: «arreceia». Em 1597, 1609, 1612 e 1613: «arrecea».

<sup>249</sup> Na edição de 1572, registam-se, em exemplares distintos, as duas formas: «antão» e «então». Em todas as outras publicadas até 1631: «então».

Seneca in  
Octavia, Act. 4:  
*Quaecumque  
mentis agitat  
infestus vigor  
Eam per  
quietem sacer  
et arcanus  
refert veloxque  
sensus.*<sup>250</sup>

8 Aenead.:  
Cum medio  
voluntur sidera  
lapsu ect.<sup>251</sup>

temos cheos os livros humanos e divinos. E porque deixemos os sonhos de Faraó, de José, de Nabucodonosor e outros de que as Sagradas Letras tratam, vamos à nossa humanidade. Virgílio conta que subindo Eneas pelo Tibre acima com suas naus, sendo já alta noite lhe apareceu o Deus daquele Rio, e lhe revelou muitos segredos. Em Tróia depois<sup>1</sup> de estar bem entregue ao sono lhe apareceu a imagem de Heitor, e o mandou fugir do fogo que se lhe vinha chegando. E outros muitos lugares de diversos poetas há que tratam de sonhos, e poucos ou nenhuns poetas há que disso não tratem. Diz Camões que de quantos soldados e Capitães ali estavam nenhum sonhou senão Vasco da Gama, porque este era o sobre quem caíam mais os cuidados e temores desta armada, pois a ele vinha encomendada, e assi como acordado mais cuidados tinha sobre ela, assi até dormindo o não deixavam. A este propósito li uns versos do Santo Mártir Tomás Moro galantíssimos:

*Venator defessa toro cum membra reponit  
Mens tamen ad sylvas et sua lustra redit  
Iudicibus lites: aurigae somnia currus  
Vanaque nocturnis meta cavetur equis.  
Gaudet amans furto; permutat navita merces  
Et vigil elapsas quaerit avarus opes  
Blandaque largitur frustra sitientibus aegris  
Inriguus gelido pocula fonte sopor. (159) //  
Me quoque Musarum studium sub nocte silenti  
Artibus assiduis sollicitare solet.  
Namque poli media stellantis in arce videbar  
ante pedes summi carmina ferre Iovis.*<sup>252</sup>

Outras cousas do sono e sonho guardamos pera o sonho del Rei D. Manuel.

O Capitão ilustre já cansado<sup>II</sup>  
de vigiar.

---

<sup>1</sup> No ms.: «Em Troia, depois de alta noite de estar...»

<sup>II</sup> No ms.: «já cansado de vigiar».

---

<sup>250</sup> Lucius Annaeus Seneca, *Octavia*, IV, vv. 740-742. Na edição de referência: *intentus vigor/ ea per quietem*. Este passo, tal como D. Marcos o transcreve, surge no capítulo dedicado a *Somnus* na *Polyanthea Nova* (1607, p. 1079).

<sup>251</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, IV, v. 524. D. Marcos engana-se na indicação do canto.

<sup>252</sup> Os versos citados por D. Marcos pertencem a Claudius Claudianus, *Panegyricus de sexto consulatu Honorii Augusti*, Praefatio, XXVII, vv. 3-14. Na edição de referência: *silvas... furto gaudet amans... artibus adsuētis*. A confusão do comentador parece ter origem na *Polyanthea Nova*, que, no capítulo dedicado a *Somnus*, atribui os versos a Thomas Morus (1607, p. 1079). D. Marcos repete, *ipsis verbis*, o trecho tal como se encontra reproduzido neste lugar do florilégio. Noutra secção da *Polyanthea Nova*, sob o título *Venator*, os dois primeiros versos do excerto transcrito por D. Marcos são atribuídos a *Claud. liber 3* (1607, p. 1165).

Vigiara o Capitão até quasi da meia-noite, porque este é o officio de quem tem a sua conta o governo dos povos, e gente de guerra principalmente. Donde quando o Deus do Sono falou com os príncipes gregos, os repreendeu porque dormiam tanto, dizendo:

*Non decet ignauum tota producere somnum  
Nocte virum sub consilio, sub nomine cuius  
tot populi degunt.*<sup>253</sup>

O mesmo Homero nas suas obras encomenda muito a vigília fazendo todos os Concílios dos Deuses na madrugada<sup>254</sup>, e Hesíodo dizia que a Aurora era o tempo mais acomodado pera os estudos<sup>255</sup>. E Platão no 3.º livro das suas *Leis* encomenda muito que os mancebos não sejam dorminhocos mas que vigiem, e se levantem cedo<sup>256</sup>. Diz Aristóteles que o sono é um meio entre a vida e a morte<sup>257</sup>. E Fran-

Homerus,  
*Iliada* 2

Homer. *multis  
in locis Od.  
5., Il. 2; Plato,  
De legib. 3, l.  
1; Hesiodus in  
Theogonia*

Aristot., l. 19  
*De animal.*

---

<sup>253</sup> Os versos aqui citados parecem traduzir as palavras de Nestor, quando aparece a Agamémnon em sonhos (Homero, *Iliada*, II, vv. 24-25), depois repetidas pelo guerreiro aos companheiros de armas reunidos em concílio (*Iliada*, II, vv. 61-62). Não se encontram na versão de Nicolau Valla (que começa no canto III), nem correspondem aos termos de Lourenço Valla, S. Castalius ou Henri Etienne, cujas edições D. Marcos poderia ter consultado. Encontram-se, sim, nos *Hieroglyphica* de Valeriano, para ilustrar o conceito de *Rex tutelar* (1614, p. 182), do mesmo modo que voltam a ser reproduzidos na empresa 43 de Diego Saavedra Fajardo (*Idea de Vn Príncipe Politico Christiano*, 1640, p. 288). Em qualquer uma destas obras, lê-se «numine» onde D. Marcos grafa «nomine».

<sup>254</sup> O canto V da *Odisseia* (vv. 1-4) tem início com a indicação de que Aurora se levantou do leito de Títono para levar luz aos mortais e também aos imortais, que se haviam reunido em concílio para decidir sobre a libertação de Ulisses da ilha de Calipso. No início do canto II da *Iliada*, Agamémnon recebe uma advertência onírica, no sentido de investir contra Tróia, pelo que, mal raia a Aurora, manda chamar a conselho os chefes militares gregos (*Iliada*, II, vv. 48-49). Estes exemplos podem ter sido sugeridos por uma frase de Mathias Agricus citada na *Polyanthea Nova*, a respeito de *Vigília*: *Hinc est Homerus tam frequens in decantandis haudibus vigiliarum, dum toties concilium deorum prima luce habitum fingit* (1607, p. 1192).

<sup>255</sup> É difícil saber qual o passo da *Teogonia* aqui em foco, uma vez que as informações veiculadas na obra, acerca de Eos (vv. 19, 372 e 984), não correspondem ao que D. Marcos afirma. O comentador parece estar mais uma vez a traduzir as palavras de M. Agricus, no capítulo da *Polyanthea Nova* dedicado à *Vigília*: *Hinc et Hesiodus auroram omnibus vitae studiorumque agitationibus accomodatissimam esse ait* (1607, p. 1192).

<sup>256</sup> Em *Leis* III (695a), Platão trata da importância da educação, atribuindo-lhe um peso social e político decisivo. No diálogo, distingue-se educação materna e paterna, considerando-se que a primeira é, por si só, insuficiente e até perigosa, porque incapaz de preparar os jovens para as dificuldades da vida. O exemplo em causa é o dos Persas, e, em particular, o de Ciro, que, absorvido pela guerra, teria descuidado a formação dos seus descendentes e, por isso, quebrara a austera tradição persa, pela qual os rapazes aprendiam a viver ao ar livre, a resistir ao sono, e, se necessário, a tomar armas. Esta mesma lição é lembrada, na *Polyanthea Nova*, entre as sentenças filosóficas relativas a *Vigília* (1607, p. 1192).

<sup>257</sup> Aristóteles trata do sono no livro V do tratado *Da geração dos animais*, procurando esclarecer por que motivo é que os seres de tenra idade (humanos ou não humanos) passam tanto tempo a dormir. Conclui que o sono corresponde a um estado intermédio através do qual se processa a transição entre a pré-existência e a vida. Segundo afirma, quem dorme situa-se na fronteira entre viver e não viver, porque aparenta estar morto ainda que esteja vivo. O texto aqui traduzido por D. Marcos é lembrado na *Polyanthea Nova*, a respeito de *Somnus*, sob a indicação *Arist. lib. 19 de animalibus: Somnus uidetur esse medium inter uiuere et non uiuere.* (1607, p. 1080).

Petrarcha,  
*De remediis  
utriusque  
fortuna*, Dial.  
78<sup>258</sup>

Plutar., *De viris  
illustribus, in  
eius vita*<sup>259</sup>

Plutarchus, in  
*Vita Philip*<sup>260</sup>

cisco Petrarca nos seus *Diálogos* deixou escrito: *Vigila, et gaude vitae tibi tempus actum. Inter obdormire atque emori quid interest, nisi quod alter temporalis, perpetuus alter est sopor?* Paulo Emílio Capitão Romano mandava aos soldados que vigiavam que pusessem as armas, porque só tivessem a confiança na vigília, e não nelas. Filipe Rei de Mace(159v)//dónia não dormia<sup>I</sup> senão quando Antípater, seu Capitão, estava acordado. Este<sup>II</sup> Príncipe, dormindo um dia pola sesta, vieram os Gregos à sua tenda, e queixaram-se porque dormia. Respondeu Pármeno: «Não vos espanteis se dorme, porque quando vós dormíeis ele<sup>III</sup> vigiava». Virgílio entre outras virtudes de que ornou o seu Eneas foi ãa a vigiância. Indo sua armada pelo mar, dormindo todos ele só vigiava:

*Aeneas neque enim membris dat cura quietem  
Ipse sedens clavumque regens, vellisque ministrat.*<sup>261</sup>

Virg., X Ae.

E quando logo as Ninfas o buscaram, chamando por ele disseram:

*Vigilasne Deum gens, Aenea vigila, et vellis imitte rudentes.*<sup>262</sup>

Descrição da mœa-noite:

Statius, l. 3 *Achill*.

*Scandebat roseo medii fastigia caeli  
Luna iugo, totis ubi somnus interior alis  
Defluit in terras, mutumque amplectitur orbem.*<sup>263</sup>

<sup>I</sup> No ms.: «Macedonia \*naõ dormia\* senaõ...»

<sup>II</sup> No ms.: «Este €a-Príncipe»...

<sup>III</sup> No ms.: «elles vigiava.»

<sup>258</sup> V. *Francisci Petrarchæ De Remediis vtriusque Fortunæ*, 1610, II, LXXXVI (*De Vigilia*), p. 585. O trecho, tal qual D. Marcos o cita, e com o mesmo erro na identificação da fonte (*Dialogo* 78, em vez de «86»), surge também na *Polyanthea Nova*, no capítulo *Vigilia* (1607, p. 1193).

<sup>259</sup> D. Marcos poderia ter lido esta informação em *Plutarchi Chæronæi Græcorum Romanorumque Illvstrivm Vitæ* (*Vita Pauli Aemilii*, traduzida por *Leonardo Aretino*, 1542, f. 134v), mas também no capítulo sobre *Vigilia*, na *Polyanthea Nova*, se faz referência a este episódio (1607, p. 1193).

<sup>260</sup> D. Marcos aponta como fonte a «Vida de Filipe», mas esta personagem não integra o elenco de biografias compostas por Plutarco. Os testemunhos aqui reproduzidos sobre o pai de Alexandre surgem, de facto, na secção que lhe é dedicada nos *Apophthegmata* (*Opera Moralia*, 1541, f. 59v), e figuram também na secção da *Polyanthea Nova* dedicada à *Vigilia* (1607, p. 1193).

<sup>261</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, X, vv. 217-218. Na edição de referência: *regit velisque ministrat*.

<sup>262</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, X, vv. 228-229. Na edição de referência: *immitte rudentis*.

<sup>263</sup> Publius Papinius Statius, *Achilleida*, I, vv. 619-621. Na edição de referência: *inertior alis*. Estes versos são citados na *Officina* de Ravisius Textor, sob o título *Descriptio Mediæ Noctis* (I, 1560, p. 463).

Ovid., lib. 9.

*Noctis erat medium curasque et corpora somnus  
Solverat.*<sup>264</sup>

61

Quando Mercúrio em sonhos lhe aparece  
dizendo: fuge, fuge Lusitano  
da cilada que o Rei malvado tece  
por te trazer ao fim, e extremo dano. (160)//  
Fuge que o vento e o Céu te favorece,  
sereno o tempo tens, e o Oceano,  
e outro Rei mais amigo noutra parte  
onde podes seguro agasalhar-te.

A estas horas apareceu Mercúrio ao Capitão, dizendo-lhe «fuge fuge português, das treições e enganos deste pérfido Rei mouro, que outra cousa não maquina mais que matar-te e roubar-te. Fuge que Deus é contigo, e o vento e o mar está bonançoso; noutro porto perto deste acharás um Rei clemente e barra segura onde podes entrar com confiança».

Fuge fuge Lusitano.

Virg. 2: *Heu fuge nate Dea teque his (ait) eripe flammis.*<sup>265</sup>  
En. 3: *Heu fuge crudeles terras, fuge litus avarum.*<sup>266</sup>

62

Não tens aqui senão aparelhado  
o hospício que o cru Diomedes dava,  
fazendo ser manjar acostumado  
de cavalos a gente que hospedava.  
As aras de Busíris infamado,  
onde os hóspedes tristes imolava,  
terás certas aqui, se mais<sup>267</sup> esperas,  
fuge das gentes pérfidas e feras.

---

<sup>264</sup> Publius Ovidius Naso, *Metamorphoses*, X, vv. 368-369. A informação errada (*lib. 9*, em lugar de *lib. 10*) figura também na *Officina* de Ravisius Textor, a propósito da *Descriptio Medie Noctis* (I, 1560, p. 463).

<sup>265</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, II, v. 289.

<sup>266</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, III, v. 44. Na edição de referência: *crudelis*.

<sup>267</sup> Em 1572, como em todas as outras edições publicadas até 1631: «se muito esperas».

Agasalhar-te-ão neste porto, como agasalhava o cruel Diomedes de Trácia seus hóspedes, fazendo-os (160v)// manjar de cavalos. Também tem por certo, que te não faltarão aqui os altares do infame Rei Busíris, onde sacrificava os pobres hóspedes que a sua casa vinham. Por isso fuge da gente infiel e mal inclinada.

O hospício que o cru Diomedes dava.

Este foi um Rei de Trácia que matava os hóspedes que a ele vinham, e deitava seus corpos a uns cavalos feros que tinha acostumados àquele pasto. Hércules passou por ali, e foi avisado dos moradores daquela terra do agasalhado que lhe haviam de fazer; Hércules então o matou, e fez que os mesmos seus cavalos o comessem. Deste diz Ovídio:<sup>1</sup>

*Impius humano viscere pavit equos.*<sup>268</sup>

Busíris, tirano do Egipto, foi filho de Neptuno e de Líbia, filha de Épafo. Em tempo deste faltaram as inundações do Nilo, e querendo ele buscar remédio pera aplacar a ira dos Deuses, lhe aconselhou Tarsilo<sup>269</sup> estrangeiro que sacrificasse a Júpiter todos os hóspedes que por ali passassem. Agradou-lhe o conselho porque era conforme ao seu génio, e começou este sacrifício polo conselheiro. Deste diz Ovídio:

Ovid. *De arte amand.* lib. 1.º

*Dicitur Aegyptus caruisse iuuantibus arva  
Imbribus atque annis sicca fuisse novem  
Cum Thracius Busirim addit monstratque piari  
Hospitis effuso sanguine posse Iouem  
Illi Busiris fies Ioui hostia primus  
inquit et Aegypto tu dabis hospes aquas.*<sup>270</sup>

Foram estes dous malinos homens infamados por sua crueldade, assi porque sempre foi ela avorrecida (161)// como por ser contra hóspedes, que de lei natural se lhe deve todo bom gasalhado. Também Busíris foi morto por Hércules sobre os seus infames altares. Estes dous exemplos de crueldade tocou aqui Mercúrio, porque<sup>II</sup> por eles declarava bem o agasalhado que o Rei Mouro aparelhava aos Portugueses.

<sup>1</sup> No ms.: «deste dis Ovidio/Vt qui terribiles pro gramen habentibus herbis/Impius» (pela barra oblíqua, indicamos aqui mudança de linha). O texto rasurado é de Ovídio (*Ibis*, v. 401).

<sup>II</sup> No ms.: «porq̄ pello exe por elles»...

<sup>268</sup> Publius Ovidius Naso, *Ibis*, v. 402. Este episódio é referido na *Officina* de Ravisius Textor, a propósito de mortes causadas por invenções dos próprios que as sofreram – *Qvi svís inventis perierunt* – (1560, I, p. 110) e de mortes causadas por cavalos (1560, I, p. 62).

<sup>269</sup> Tarsilo, *i.e.* Trasilo.

<sup>270</sup> Publius Ovidius Naso, *Ars Amatoria*, I, vv. 647-652. Na edição de referência: *Dicitur Aegyptos .../ Imbribus, atque annos .../ Cum Thrasius Busirin adit ... /Hospitis adfuso .../ Busiris fies Iovis hostia .../ ... dabis hospes aquam*. O primeiro verso também é lembrado na *Officina* de Ravisius Textor, no capítulo *Qvi svís inventis perierunt* (1560, I, p. 109).

63

Vai-te ao longo da costa discorrendo  
e outra terra acharás de mais verdade  
lá quasi junto aonde<sup>271</sup> o Sol ardendo  
igual a o dia e a noite em quantidade.  
Ali tua frota alegre recebendo,  
um Rei com muitas obras de amizade  
gasalhado seguro te daria,  
e pera a Índia, certa, e sábia guia.

Vai navegando ao longo dessa costa até dares em ãa cidade onde te tratarão com mais verdade do que até ‘gora te trataram, lá junto da linha equinocial onde o Sol quando entra faz os dias iguais às noites, ali está um rei benigno em cujo porto seguramente podes descansar, e aí acharás piloto que te guie até à Índia com segurança.

— aonde o Sol ardendo  
igual a o dia e a noite em quantidade.

Ainda que como dissemos no sinónimo deste verso, o Sol quando está na linha faz as noites iguais ao dia no universo, também pudéramos entender este verso dos moradores daquelas terras que estão debaixo da equinocial, ou vizinhos (161v)// a ela, os quais em todo o ano tem os dias iguais às noites, quais são estes de Melinde, que vivem perto da linha, pera onde os portugueses haviam de ir, porque os que vão pera a Índia duas vezes passam a linha, ãa defronte de Santo Tomé, outra depois de dobrar o Cabo tornando em busca da Índia, que fica lançada da linha pera o norte.

3 graus  
apartados da  
linha pera o Sul

64

Isto Mercúrio disse, e o sono leva  
ao Capitão, que com mui grande espanto  
acorda, e vê ferida a escura treva  
de ãa súbita luz, e raio santo.  
E vendo claro quanto lhe releva  
não se deter na terra iníqua tanto,  
com novo espirito ao Mestre seu mandava  
que as velas desse ao vento que assoprava.

Acabando Mercúrio de dizer estas cousas desapareceu, e o Capitão português acorda muito espantado; e viu que era já manhã clara, que lhe feria os olhos.

---

<sup>271</sup> Em 1572, como em todas as edições publicadas até 1631: «junto donde».

E enten[den]do quão importante lhe era não se deter mais naquela maldita barra, com novo fervor de espírito manda ao Piloto que desse à vela.

Virgilius: *— nox Aeneam somnusque reliquit.  
Surgit et aetherii spectans orientia Solis  
Lumina ect.*<sup>272</sup>

Virg., 8 *Aenead.*

65  
Dai velas, disse, dai ao largo vento,  
que o Céu nos favorece e Deus o manda,  
que um mensageiro vi do claro assento  
que só em favor de nossos passos anda. (162)//  
Alevanta-se nisto o movimento  
dos marinheiros de ã e<sup>273</sup> outra banda,  
levam gritando as âncoras acima  
mostrando a ruda força que se estima.

«Dai à vela», disse o Capitão, «que Deus que nos favorece, ele o manda assi, porque eu vi um mensageiro seu que em favor nosso e por defender-nos nos acompanha.» Eis logo os marinheiros começam de ã e outra parte a puxar pela amarra e levantar a âncora que detinha as naus, mostrando a força de seus braços rústicos, que nestes ministérios é mui necessária.

66  
Neste tempo que as âncoras levavam,  
na sombra escura os Mouros escondidos  
mansamente as amarras lhe cortavam  
por serem dando à costa destruídos.  
Mas com vista de lince vigiavam  
os Portugueses sempre aprecebidos,<sup>274</sup>  
eles como acordados os sentiram,  
voando, e não remando, lhe fugiram.

Neste comenos, os Mouros vieram a nado pelo escuro pera picar as amarras aos nossos, e fazê-los dar à costa, porém eles que com suma vigilância dos mouros se guardavam, em os sentindo começaram de os servir com suas armas de maneira que os fizeram fugir com tanta pressa que mais pareciam que voavam, que nadavam. (162v)//

---

<sup>272</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, VIII, vv. 67-69. Na edição de referência: *Aenean.*

<sup>273</sup> Nas edições de 1572, 1597, 1609 e 1612: «de ã e de outra banda». Em 1584 e 1591: «d'ã e d' outra». Em 1613, 1626 e 1631: «de ã e d' outra».

<sup>274</sup> Em 1572, como em todas as edições publicadas até 1631: «apercebidos».

67

Mas já as agudas proas apartando  
iam as vias húmidas de argento,  
assopra-lhe galerno o tempo<sup>275</sup>, e brando,  
com suave e seguro movimento.  
Nos perigos passados vão falando,  
que mal se perderão do pensamento  
os casos grandes, donde em tanto aperto  
a vida em salvo escapa por acerto.

Mas já as naus com as agudas proas iam rompendo as ondas do mar, com o próspero vento que os movia. Os portugueses nelas iam falando nos perigos de que Deus os livrou, porque os acontecimentos notáveis, e mais quando a vida neles esteve arriscada, mal se podem apartar do pensamento do homem que os passou.

Nos perigos passados vão falando *ect.*

É cousa mui própria a quem escapa de um perigo, andar buscando com quem fale nele. Isto declarou Ovídio, quando Tisbe escapou da leoa e se acolheu ao sepulcro de Nino, diz o poeta: *quantaque vitarit narrare pericula gestit*<sup>276</sup>. Estava já morta por contar a Píramo o perigo grande de que escapara. Diz Cícero que é alegre ao homem a lembrança dos trabalhos passados. Mas diz Petrarca que há-de ser com esta condição, que esteja em salvo o que se lembra dos perigos de que escapou. O homem (diz ele) alegremente se lembra do trabalho e perigo estando quieto e seguro. Da pobreza passada conta com alegria o que é rico, da doença, o que está são, do cárcere, o livre, das cadeas o que anda solto, do desterro, o que o tem comprido. Assi estes nossos navegantes praticavam com gosto nos males passados estando livres<sup>1</sup> deles. (163)//

Ci., 2 *De fin.*<sup>277</sup>  
et 5 *Epist.*  
*fam.*<sup>278</sup>

Petrar. *De*  
*remed.*  
*utriusque fort.*,  
dial. 8<sup>279</sup>

---

<sup>1</sup> No ms.: «estando livre\*s\*delles».

---

<sup>275</sup> Na edição de 1626: «galerno o vento brando». Em todas as outras publicadas até 1631: «galerno o vento, e brando». A variante introduzida por D. Marcos não faz sentido no verso. Trata-se de um erro, decerto inadvertido, pois na exposição da estrofe o comentador assinala a acção benfazeja do «próspero» (*i.e.* galerno) «vento».

<sup>276</sup> Publius Ovidius Naso, *Metamorphoses*, IV, v. 130.

<sup>277</sup> Marcus Tullius Cicero, *De finibus*, II, XXXII: *Suavis laborum est praeteritorum memoria*. Esta sentença aparece no capítulo intitulado *Memoria* da *Polyanthea Nova* (1607, p. 720).

<sup>278</sup> Marcus Tullius Cicero, *Ad familiares*, V, XII, 5: *Habet enim praeteriti doloris secreta recordatio delectationem*. Este passo figura também na secção dedicada à *Memoria* na *Polyanthea Nova* (1607, p. 720).

<sup>279</sup> V. *Francisci Petrarcae De Remediis utriusque Fortunae*, 1610, I, VIII (*De Memoria*), p. 57. D. Marcos traduz decerto o texto tal como vem citado na *Polyanthea Nova*, sob o título *Memoria: Itaque neminem laboris ac periculi meminisse iuvat, nisi quietum aut securum. Paupertatem lete meminit, sed dives; morbum, sed incolumis; servitutem, sed liber; carcerem, sed solutus; exilium, sed reversus*. (1607, p. 721).

Que mal se perderão do pensamento  
os casos grandes.

*Cursus  
Conimb. in Par.  
Natural.*<sup>280</sup>

Quintilianus<sup>281</sup>

As cousas que movem, e admiram, dizem os Filósofos que lembram mais, e daqui vem os meninos, porque tudo pera eles é novo, e assi facilmente se admiram, ter mais firme na memória (como diz Quintiliano) a semelhança das cousas passadas. E ainda vemos que a primeira vez que vimos ãa cousa grande ou nova não nos esquece aquela vista. Se depois a tornamos a ver muitas vezes, como não seja já cousa nova pera nós, esquece-nos logo. Não se esquecerá o Soldado da primeira batalha em que entrou, nem o Letrado do dia que levou ou perdeu a cátedra, nem o Religioso o dia que tomou o hábito, ou disse Missa nova. Enfim

<sup>280</sup> No opúsculo dedicado à obra aristotélica *De memoria et reminiscencia*, os comentários Conimbricenses advogam uma posição que contradiz a tese defendida por D. Marcos. Segundo a doutrina do Estagirita, quando a mente se encontra num estado de movimento excessivo, seja por causa de uma paixão, seja por causa da idade, não consegue produzir memória, já que é impossível imprimir uma imagem num órgão sensitivo fluido. De modo a fundamentar esta ideia, os jesuítas apresentaram argumentos fisiológicos para justificar as limitações dos mais velhos e dos mais novos: aos primeiros, afectava-os a natureza seca do cérebro; aos outros, condicionava-os o facto de possuírem um temperamento demasiado húmido para conseguirem conservar imagens (*Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesu in Libros Aristotelis, qui Parva Naturalia appellantur*, 1593, p. 15). Nos comentários, propõem-se alguns remédios para este problema, lembrando também Quintiliano – *Institutio Oratoria*, XI, II –, que advogara os efeitos benéficos da exercitação da memória (1593, p. 16). Muito embora indique a obra dos Conimbricenses, D. Marcos parece disposto a seguir a interpretação que S. Tomás de Aquino fizera das palavras de Aristóteles, no comentário ao tratado *De memoria et reminiscencia* (*lectio* III). Confirmando a dificuldade de os corpos mais novos reterem uma impressão na memória, S. Tomás admitia, no entanto, que desde a infância a memória poderia fixar o que se revelara intenso ou admirável. De acordo com o seu raciocínio, uma vez que aos homens surpreende o que é novo e insólito, maior será nas crianças essa capacidade de espanto, o que as torna aptas a guardar lembranças na memória, não obstante as mudanças próprias de um corpo em crescimento: *Contingit tamen ea quae quis a pueritia accipit firmiter in memoria tenet propter vehementiam motus ex quo contingit ut ea quae admiramur magis memoria imprimatur. Admiramur autem nova praecipue et insolita, pueris de novo mundum ingredientibus maior advenit admiratio de aliquibus quasi insolitis et ex hac etiam causa firmiter memorantur, secundum autem complexionem fluentibus corporis, naturaliter competit illis ut sint labilis memoriae.* (*Tomus Tertius D. Thomae Aquinatis Doctoris Angelici*, 1570, f. 23v).

<sup>281</sup> É provável que D. Marcos siga a lição da *Polyanthea Nova* (1607, p. 720), onde, a respeito da *Memoria*, e no rol das *Philosophicae Sententiae*, Quintiliano é recordado e se lhe atribui (ou parece atribuir-se-lhe) este passo – *Profecto quae in pueritia discimus, diutius, firmitusque ut fertur, meminisse solemus*. Na verdade, o fragmento não é explicitamente associado ao nome do retórico latino; vem, sim, na sequência de uma citação da sua obra. Pouco adiante, figura outro trecho capaz de ter influenciado a interpretação de D. Marcos, pois aí sobressaem os argumentos que aqui o vemos investir (*Polyanthea Nova*, 1607, p. 721). Trata-se de um excerto das *Lectioinum Antiquarum libri XXX*, de Ludovicus Caelius Rhodiginus, autor que assumidamente baseia o seu discurso na lição tomista: *Quae ratio plane efficit, ut pueri, quamvis humectioris sint naturae, pertinaciter tamen retineant, quae imbiberint. Simul et propter motus vehementiam, ut adjiciit beatus Thomas. Nam et quae miramur, amplius memoriae adglutinantur, affigunturque. Admirantur autem fere omnia pueri, ut quibus noua sint ac insolita. Hoc uero est, quod significat Quintilianus ubi natura esse nos tenaciores ait, eorum quae a teneris annis imbibimus* (*Lectioinum Antiquarum*, 1566, p. 374).

que a novidade das cousas move, o que move lembra. Os casos pequenos, pouco movem e logo esquecem. Os grandes, como moveram muito, imprimiram-se na memória com tal força, que há mister muita pera os tirar dela.

68  
Tinha ãa volta dado o Sol ardente  
e noutra começava, quando viram  
ao longe dous navios, brandamente  
c'os ventos navegando que respiram.  
Porque haviam de ser da Maura gente,  
pera eles arribando as velas viram,  
um de temor do mal que arreceava<sup>1</sup>  
por se salvar a gente à costa dava.

Um dia era passado, e entravam em outro quando os nossos tiveram (163v)// vista de dous navios a que naquela costa chamam zambucos, que com o vento brando iam navegando com bonança. E por entenderem que eram de Mouros os foram demandar, um deles por livrar a gente que trazia deu consigo à costa.

69  
Não é o outro que fica tão manhoso,  
mas nas mãos vai cair do Lusitano  
sem o rigor de Marte furioso  
e sem a fúria horrenda de Vulcano.  
Que como fosse débil, e medroso,  
da pouca gente o fraco peito humano  
não teve resistência; e se a tivera  
mais dano resistindo recebera.

Não soube o outro usar desta manha, mas antes se foi dar em presa ao português sem golpe de espada, e sem tiro d'artelharia, que como fosse fraco, e de pouca gente, não fez resistência, que se a fizera, mais caro lhe custara.

70  
E como o Gama muito desejasse  
Piloto pera a Índia que buscava,  
cuidou que entre estes Mouros o tomasse,  
mas não lhe sucedeu como cuidava.  
Que nenhum deles há que lhe ensinasse<sup>282</sup>

---

<sup>1</sup> No ms.: «arreceavaõ».

---

<sup>282</sup> Nas edições de 1609, 1612 e 1613: «ensinasse». Em todas as outras publicadas até 1631: «insinasse».

a que parte dos Céus a Índia estava,  
porém dizem-lhe todos que tem perto  
Melinde, onde acharão Piloto certo.

E como Vasco da Gama não desejava outra cousa mais que um piloto que o guiasse até à Índia, cuidou de achá-lo (164)// entre os Mouros deste Zambuco, porém foi seu desejo frustrado, porque nenhum deles sabia a que rumo a Índia ficava, porém deles soube que estava perto Melinde, onde lhe não podia faltar o Piloto que buscava.

71  
Louvam do Rei os Mouros a bondade,  
condição liberal, sincero peito,  
magnificência grande, e humanidade,  
com partes de grandíssimo respeito.  
O Capitão o assela por verdade  
porque já lho dissera deste jeito  
o Cileneu em sonhos; e partia  
pera onde o sonho, e o Mouro lho<sup>283</sup> dezia.

Os Mouros deste Zambuco engrandeciam muito a boa condição, liberalidade, magnificência e boas entranhas do Rei de Melinde, com outras partes reais<sup>I</sup> pelas quais era merecedor de todos o respeitarem. O Capitão confirma ser tudo verdade porque assi lho tinha dito Mercúrio em sonhos, e assi logo se pôs em caminho pera onde Mercúrio<sup>II</sup> e o Mouro agora lhe dezião que fosse.

As partes de que era louvado este Rei, eram, Bondade, que é ùa virtude que não primite fazer-se mal a alguém. Condição liberal. *i.* desentereçada. Sincero peito. *i.* desenganado, e sem fingimento. Magnificência, *i.* liberalidade Real, e grandeza de ânimo generoso. Humanidade, clemência, e caridade, com partes de grande respeito, que eram prudência e autoridade, com que se (164v)// fazia a todos venerável e respeitado. Estas são as partes que fazem ao Rei, porque o que as não tem<sup>III</sup> não sei se é Rei<sup>IV</sup>, diz Séneca trágico elegantemente, difinindo as partes do bom Rei:

Seneca in  
*Thyeste*

*Rex est qui posuit metus  
et diri mala pectoris*

<sup>I</sup> No ms.: «com outras partes \*reais\* pelas quais»...

<sup>II</sup> No ms.: «p<sup>o</sup>nde Mercurio em sonhos, eo Mouro»...

<sup>III</sup> No ms., parece que a redacção original seria «oque as não tiver», tendo depois o comentador riscado a primeira sílaba do verbo para escrever «tem» sobre a sílaba final.

<sup>IV</sup> No ms.: «seheRey. Assi odis Seneca»...

<sup>283</sup> Em 1572, como em todas as edições publicadas até 1631: «lhe dizia».

*Quem non ambitio impotens  
et nunquam stabilis fauor  
vulgi praecipitis mouet*<sup>284</sup>  
*Qui tuto positus loco  
Infra se videt omnia ect.*<sup>285</sup>

A bondade dos Reis é a que se estima muito e a que faz os povos seguros. Diz Marcial que o Rei pobre é mais justo, devia de ser porque o rico é mais ambicioso. Os versos de Marcial são os seguintes, escrevia<sup>1</sup> ele a Domiciano Imperador:

*Epig. l. 11*

*Tanta tibi est recti reuerentia Caesar, et aequi  
Quanta Numae fuerat, sed Numa pauper erat  
Ardua res haec est opibus non tradere mores  
Et cum tot Croesos viceris, esse Numam.*<sup>286</sup>

Este nosso Rei de Melinde era bom homem, não só porque era Rei de pequeno Reino (porque não eram os de Mombaça e Quíloa muito maiores, e eram preversos os Reis deles) mas tinha esta bondade de sua natureza, e por ela primitiu Deus que agasalhasse os nossos portugueses, de que se lhe seguiu grandíssimo proveito, a ele e a seus sucessores, o que foi aos outros ao contrário, porque pelo que quiseram fazer a estes navegantes padeceram depois seu castigo, per mão de D. Francisco d'Almeida, que bem vingou neles a danada tenção que aos nossos tiveram, inda que se não seguisse a execução dela.

72  
Era no tempo alegre quando entrava  
no roubador de Europa a luz febea,  
quando um e<sup>287</sup> outro corno lhe aqueitava  
e Flora derramava o de Amaltea. (165)//  
A memória do dia renovava  
o pressuroso Sol que o Céu rodea,  
em que aquele a quem tudo está sujeito  
o selo pôs a quanto tinha feito.

---

<sup>1</sup> No ms.: «escrevia \*elle\* aDomiciano»...

<sup>284</sup> Lucius Annaeus Seneca, *Thyestes*, vv. 348-352.

<sup>285</sup> Lucius Annaeus Seneca, *Thyestes*, vv. 365-366. Esta citação, que junta dois fragmentos da tragédia, surge tal qual no capítulo *Rex* da *Polyanthea Nova* (1607, p. 1004).

<sup>286</sup> Marcus Valerius Martialis, *Epigrammata*, XI, V, vv. 1-4. Este passo pode ler-se na *Polyanthea Nova*, para ilustrar o conceito de *Bonitas* (1607, p. 161).

<sup>287</sup> Nas edições de 1572, 1609, 1612, 1626 e 1631: «um, e o outro»... Em 1584, 1591, 1613: «um e outro». Em 1597: «um e o outro».

Era no alegre tempo da Primavera, quando o Sol entra no Signo de Tauro (em cuja forma Júpiter roubou a fermosa Europa). E Flora deusa das flores esmaltava os prados com as<sup>1</sup> da Cornucópia de Amaltea. E o ligeiro Sol que o mundo cerca tornava a representar ao Mundo a memória daquele dia santíssimo da Páscoa de Ressurreição, no qual o filho de Deus, a quem todas as criaturas obedecem, compriu com os mistérios da redenção humana.

Era no tempo alegre quando entrava  
No roubador de Europa a luz febea.

É costume dos Poetas, quando descrevem algũa floresta alegre fingirem que a vista e entrada nela foi na Primavera, pera melhor se ver a frescura do lugar. E pera que deixemos outros, Petrarca, quando levou os amantes diante do Carro triunfal de Vénus à Ilha namorada, diz que era isto no mês de Abril, quando o Sol do equinócio se vem chegando pera nós.

Petrarca no  
*Triunfo do  
amor*

*Era nela stagion che l' equinocio  
Fa vincitor il giorno, i Progne riedi  
Con la sorella al suo dolce negotio.*<sup>288</sup>

Inda que o nosso Camões não descreva aqui a entrada dos Portugueses, em campos Elísios, e saudosas florestas, todavia a estes navegantes não creio eu que se puderam aparelhar jardins de mais frescura, que o bom e fiel agasalha(165v)//do que no Rei e Reino de Melinde acharam, e assi bem pudera como poeta fingir primaveras fantásticas, e imaginárias, contudo (como já outras vezes dissemos) foi sua poesia tão feliz, que pôde, falando verdade, imitar todas as galantarias fabulosas dos outros poetas, pois a verdade é que os nossos portugueses entraram neste Reino de Melinde, Dia de Páscoa de flores, que aquele ano caiu aos quinze dias de Abril.

No roubador de Europa.

Agenoris, filho de Belo Prisco, reinou em Fenícia e teve três filhos, e duas filhas. Os filhos foram Cílix, Cadmos, Phoenix, as filhas Taigeta e Europa, a qual era mui fermosa e querida de seu pai. Júpiter vendo-a tão fermosa namorou-se dela, e pera a furtar tomou forma de um boi muito manso, e quando Europa com suas

Ovid.,  
*Metamorph.*  
2<sup>289</sup>

---

<sup>1</sup> No ms.: «comas flores do Cornucopiae».

---

<sup>288</sup> Francesco Petrarca, *Triumphus Cupidinis*, IV, vv. 130-132: *Era ne la stagion che l'equinozio/ fa vincitor il giorno, e Progne riedel con la sorella al suo dolce negotio.* (*Il Canzoniere e I Trionfi*, 1993, pp. 672-673).

<sup>289</sup> V. Publius Ovidio Naso, *Metamorphoses*, II, vv. 833-875.

donzelas se andavam recreando<sup>1</sup> pela praia do mar de Fenícia, meteu-se aquele lacivo touro entre elas, começaram as moças a pegar-lhe pelos cornos gostando muito com aquela mansidão, e chegou a tanto que Europa se assentou sobre ele, o qual como não esperava por outra cousa foi-se andando mansamente com ela pela praia do mar, e pouco e pouco se foi metendo nele, até que nadou, ela não ousava de se deitar na água nem as moças lhe podiam valer. Enfim, ela se foi pola água abaixo, e Júpiter deu co ela em Creta e houve dela a Minos e Radamonte. Esta história ou fábula conta Ovídio nos seus *Metamorfoseos* largamente, muitos outros fazem dela menção. Não falta quem diga que esta senhora fora furtada, numa nau que tinha nome, ou estava nela pintado um touro. Seja o que for, o que o poeta aqui toca é esta fábula. (166)// Em memória deste furto foi posta no Céu a figura do Touro, em cuja imagem entra o Sol no mês de Abril, contém 33 estrelas. Faz menção o nosso poeta dos cornos do Touro alumados com a luz do Sol por imitar a Virgílio, o qual no primeiro das suas *Geórgicas* descrevendo a entrada do mesmo Sol nele, diz:

João de Mena,  
*En taurina*  
*fusta*<sup>290</sup>

Primo *Georg.*

*Candidus auratis, aperit cum cornibus annum  
Taurus, ect*<sup>291</sup>.

E Flora derramava o de Amaltea.

texto

Esta Flora a quem o povo Romano festejava, querem alguns dizer que fora Flora Laurência, a que criou os meninos Rómulo e Remo. Outros dizem que Flora era ãa mulher de má vida que deixou o povo Romano por herdeiro de seus bens, e a história foi esta<sup>292</sup>. Um dos ministros do Templo de Hércules, aos quais chamam

<sup>1</sup> No ms.: *conuensas \*se\* andavaõ recreandosepellapraya»...*

<sup>290</sup> Juan de Mena, *Laberinto de fortuna, o las Trezientas*, Orden primera, copla XLII: *Vimos aquella que europa dixeront dela que robada en taurina fustallanço los hermanos por causa tan justa (Las Trezientas, 1566, f. 46v)*. Depois de tratar da Ásia, o poeta fala do segundo maior continente, recordando o mito de Europa. Segundo afirma, a filha de Agenor teria sido raptada por certos homens provenientes de Creta, que viajavam numa embarcação (*taurina fusta*) dedicada a Júpiter e por isso decorada com um touro pintado.

<sup>291</sup> Publius Virgilius Maro, *Georgica*, I, vv. 217-218.

<sup>292</sup> D. Marcos parafraseia o texto de Nicolao Perotto, que cita na folha seguinte, mas distingue-se da sua fonte pelo artifício teatral dos diálogos, que recria com vivacidade, e pela insinuação de que o sacerdote teria usufruído da ceia «em lugar de Hércules». No comentário ao epigrama 19 do *Liber de Spectaculis*, o bispo de Siponto relata o episódio, fazendo notar que o perdedor da aposta, ao reconhecer a derrota, deixara os presentes no templo para que Hércules deles usufruisse: *cum a seipso tanquam ab hercule victus esset debitam coenam; & nobilissimam meretricem Larentiam deo herculi dedisse: hanc cum in templo dormisset vidisse sibi in somnis herculem commixtum ab eoque audisse ut in discedens cui primum iuueni obuiam fieret; ab eo accipet mercedem & eam sibi crederet ab hercule esse persolutam. Abeunti igitur iuuenem ditissimum Taracium primo occurrisse (Cornuicopiae D. Nicolai Perotti, 1543?, f. 165v, col. 4, l. 4- 25)*. A versão do Sepontino revela-se claramente devedora daquela que D. Marcos poderia ter lido em *De Civitate Dei* (1542,

edituos, estando um dia ocioso, foi-se diante da imagem do Hércules com uns dados na mão e disse-lhe: «Vinde cá, Hércules, joguemos ambos; se eu ganhar, das alfaias do vosso templo hei-de aparelhar ãa boa cea pera mim esta noite, e algũa rameira que me acompanhe, e se vós ganhardes, o mesmo vos farei a vós da minha bolsa». Dizendo isto, deitava os dados com a mão direita por Hércules, e com a esquerda por si. Acabado o jogo, ganhou Hércules. Ele por cumprir sua palavra comprou a cea, e trouxe a rameira, e comeu a cea co ela em lugar de Hércules, e fez-lhe no templo a cama e disse-lhe que estava ali por Hércules aquela noite; a hóspeda dormiu, e em sonhos lhe apareceu Hércules, e disse-lhe: «Quero-te pagar o trabalho que tomaste por amor de mim. Em saindo pela menhã deste templo, o primeiro mancebo que encontrares pide-lhe algũa cousa, e o que te der agradece-mo a mi». Foi-se ela (166v)// pela menhã e encontrou um mancebo<sup>1</sup> chamado Tarrácio. Pedeu-lhe algũa cousa, ele olhou pera ela e contentou-se dela, levou-a pera casa e daí a pouco morreu e deixou a Flora por herdeira. E ela morrendo depois deixou todas suas riquezas, que eram<sup>II</sup> muitas, ao povo Romano, com condição que lhe fizessem certas festas pola sua alma cad'ano. Os cônsules Romanos consultaram sobre as festas que lhe fariam e com que título. Assentaram que não era bem que a ãa mulher de má vida fizesse o povo Romano memória tão honrada, mas já que se obrigavam a isto e lhe possuíam suas riquezas, que lhe fizessem festas mudando-lhe o nome e dando-lhe um título honrado, e mudando-lhe o nome que tinha, que era Larência, lhe chamaram Flora, e a constituíram por Deusa das flores, e assi com este apelido honrado, que a eles lhes custava pouco dar, lhe fizeram as festas chamadas *Floralia*: o Bispo Sepontino.

Sepontinus in  
Cornucop. sup.  
Epig. 19, fol.  
165 in meo<sup>293</sup>

<sup>1</sup> No ms.: «pella menhã \*encontrouhũ\* mancebo»...

<sup>II</sup> No ms.: «q̄ eraõ f muitas»...

VI, VII, col. 351), onde ao marido de Flora se chama, porém, *Tarutius*. Plutarco, na *Vida de Rômulo*, apresentou uma versão mais pormenorizada desta história, em parte semelhante à que D. Marcos narra, em parte distinta, pois o homem que Larentia encontra ao sair do templo é um velho, de nome Tarrutius (*aetate longe prouectus, et satis locuples ac splendidus, sed filii inops, et qui uxorem nunquam duxisset: huic Tarrutio nomen erat; qui Laurentiam agnouit amauitque (Plutarchi Cheronei Græcorum Romanorumque Illvstrium Vitae, 1542, f. 7-7v)*). Da narrativa de Plutarco retiraria talvez D. Marcos a informação sobre a existência de duas Larências, protagonistas de lendas que haviam acabado por se confundir, já que a meretriz teria sido enterrada no local escolhido para acolher o corpo de outra Larência – a mãe adoptiva de Rômulo e Remo.

<sup>293</sup> Relativamente à instituição dos *Floralia*, D. Marcos poderia ter colhido em Perotto a informação de que Larentia exigiu aos Romanos que a homenageassem anualmente com a realização de uns jogos, bem como a indicação do pudor dos senadores em prestar culto a uma meretriz: *Senatum vero qua id flagitiosum videbatur: deam hanc esse finxisse quae floribus praeesset; eamque oportere placari ut fruges cum arboribus & vitibus bene prospereque florescerent. Itaque floram nuncupasse & ludos ei dicatos appellasse floralia (Cornucopiae D. Nicolai Perotti, 1543?, f. 165v, col. 4, l. 17-25)*. Em *Divinarum Institutionvm. Liber Primus (De falsa religione)*, Lactâncio recordou brevemente esta questão, asseverando que o Senado a resolvera recordando Flora como uma deusa benigna que presidia à floração da natureza (*Institutions Divines, I, 1986, cap. XX, 6-7, pp. 194-195*). A questão moral levantada por esta lenda serviu de pretexto a Santo Agostinho para reflectir sobre a *civilis theologia (De Civitate Dei, VI, VII)*.

## O Corno de Amaltea.

Hércules peregrinando pelo mundo pelejou com Aqueloo Rei de Etólia, o qual como fosse grande encantador, por espantar a Hércules se lhe ofereceu em forma de Touro, e não obstante isso Hércules o venceu, e lhe tirou um corno e o deu às Ninfas Náíades, elas o encheram de todas as flores e o ofereceram à Deusa Cópia, e daí por diante se chamou *Cornucopiae*. Porém o corno de Amaltea foi outro. Pariu Ópis, mulher de Saturno, dous filhos de um parto, Júpiter e Juno. E como o pai tinha de costume comer os filhos, quis fazer o mesmo a estes. Ópis pelos livrar tomou a Júpiter e entregou-o a duas Ninfas, Amaltea e Melissa, que o criassem, elas como eram ninfas e não tivessem leite, tomaram ãa cabra de leite com que o susten[aram]<sup>1</sup>. (167)// Aconteceu um dia que esta cabra se pôs a marrar com ãa árvore, a qual acertou de ser mais dura, e quebrou a pobre da cabra um corno nela. Pesarosa Amaltea do desastre da cabra, por consolar a Júpiter que também estava sentido do desastre, encheu-lhe o corno<sup>II</sup> de todas as flores que achou e meteu-lho na mão pera que folgasse co' ele. Júpiter depois de grande pelejou com seu pai, e desterrando-o do Céu levou este corno com suas flores pera lá, lembrado do benefício da sua cabra. *Cornucopiae*<sup>294</sup> et Germanicus poeta.<sup>295</sup>

*Cornucop.* in prim. Epig.

Construção da oitava:

«Era no tempo alegre», *i.* na primavera, que é o mais alegre tempo do ano. Descrevendo a primavera, Baptista Guarino no seu *Pastor Fido* diz assi:

*O Primavera gioventu dell' anno  
Bella madre de fiore  
D' herbe nouvelle, e di novelli amori.*

Acto 3, cena 1<sup>296</sup>

<sup>1</sup> No ms., tudo leva a crer que a palavra ficou inacabada, como se a viragem da folha tivesse feito esquecer a necessidade de completar a forma verbal. Por hipótese, propomos «sustentaram».

<sup>II</sup> No ms.: «encheulhe \*o corno\* de todas as flores».

<sup>294</sup> Perotto, no comentário ao primeiro epigrama do *Liber de Spectaculis*, relata com detalhe a história do corno de Amaltea que D. Marcos transcreve (*Cornucopiae D. Nicolai Perotti*, 1543?, f. 6, col. 2).

<sup>295</sup> Claudius Caesar Germanicus (15 a.C.-19 d.C.) traduziu *Phainomena*, do filósofo e astrónomo grego Aratos Soleos (315?-240? a.C.) – obra muito apreciada e já antes traduzida também por Cícero (*Aratea*). Durante o século XVI, *Phainomena* circulou em várias edições, algumas bilingues, que podiam agregar a versão do Arpinate ao contributo de outros autores latinos, como acontece no volume *ΑΡΑΤΟΥ ΣΩΛΕΩΣ ΦΑΙΝΟΜΕΝΑ (Aratou Soleos Phainomena)*. Nesta obra, a propósito de *Amalthea*, surge, atribuída a Germanicus, uma observação que ecoa nos comentários de D. Marcos: *Nomina praeterea secum trahit vna putata Nutrix esse Iouis* (1540, p. 24). Todavia, para assim falar, não seria necessário a D. Marcos conhecer directamente o texto de Germanicus. Nicolao Perotto lembrar-lhe-ia essa informação: *...dici Germanicus in arato, illa putat nutrix esse iouis sive iuppiter infās vbera creteę multit fidissima capreę (Cornucopiae, 1543?, f. 6, col. 2, l. 20-22)*.

<sup>296</sup> Battista Guarini, *Il pastor fido*, acto III, cena 1, vv. 1-3 (1976, p. 84). Na edição de referência: *bella madre di fiori*.

E um poeta moderno:

Primavera florida  
dom do Céu precioso  
fecunda mãe das ervas e das flores,  
Que agora revestida  
nesse manto cheiroso  
crias nos corações novos amores,  
o Céu seus resplandores  
a ti mostrou mais brandos.  
Deu-te o sereno Abril  
Maio com graças mil,  
os leves passarinhos doces bandos  
fazem suavemente,  
o mundo folga, o Céu ri de contente.<sup>297</sup> (167v)//

«Quando entrava», *i.* quando alumiaava nacendo o Sol e o Signo ambos a um tempo no Oriente. «No roubador de Europa», *i.* no Signo de Tauro. «A luz Febea», *i.* a luz do Sol, que em Grego se chama Febo. «Quando um e outro corno» *ect.* ambos os cornos lhe aqueitava. Propriedade do Sol, ilustrar e aqueitar, falando ao nosso modo, porque o calor do Sol pouca impressão faz nos corpos lumiosos que estão no 8.º Céu. «E Flora», *i.* a Deusa das flores, ou a virtude natural da terra de produzir flores naquele tempo<sup>1</sup>. «Derramava», *i.* fazia nacer por toda a terra, *i.* produzia. «O de Amaltea», *i.* as flores de que ele estava cheo. «E o pressuroso Sol», *i.* E o Sol ligeiro e arrebatado em seu velocíssimo curso. «Pressuroso» (palavra castelhana) «renovava», *i.* tornava a trazer como se não tivera passado. «A memória», a lembrança «do dia» *i.* da ressurreição, porque o ano em acabando, torna o Sol a renová-lo como que se de novo nacesse. Conforme aquele verso de Sacrobosco,

*Serpens annus ego sum Sol sic circinat, in quo  
Qui fluxit pridem status est tunc temporis idem.*<sup>298</sup>

---

<sup>1</sup> No ms.: «naquelle tempo. espalhava sobre a t. derramava»...

<sup>297</sup> Não conseguimos identificar este «poeta moderno», que poderá ser o próprio D. Marcos.

<sup>298</sup> Iohannis de Sacrobosco (John of Hollywood), astrónomo inglês do século XIII, ficou célebre pela autoria do tratado *De Sphaera*. Os versos aqui citados surgem, porém, no *Libellus Ioannis De Sacro Bosco, de Anni ratione, seu ut uocatur uulgò, Computus Ecclesiasticus*, a propósito do ano solar (1550, f. 19v. Nesta edição: *nunc temporis...*). Na tradição impressa da obra, ao dístico citado associou-se uma gravura com a representação circular de uma serpente a morder a cauda, retomando um ícone clássico que a literatura emblemática concorria também para difundir. Nos *Hieroglyphica* de Horapollon, saídos dos prelos a partir de 1505, esse era o signo da Eternidade (1991, p. 43); nos *Emblemata* de Alciato, simbolizava a imortalidade e a fama universal (CXXXII: *Ex Litterarum Studiis Immortalitatem Acquiri* – 1985, p. 172). Stockhamer, ao comentar este emblema,

E o hino de nosso Padre:

*Patris nostri solemnia  
anni reduxit orbita.*<sup>299</sup>

«Aquele a quem tudo está sujeito», *i.* Deus. «Pôs o selo», *i.* aperfeiçoou. «A quanto tinha feito», *i.* a obra de nossa redenção, porque todas as vezes que Cristo falava em sua morte e paxão rematava *et tertia die resurget*. E assi os autores da *Poliantea*<sup>300</sup> ajuntando certas autoridades da Bíblia sobre a Ressurreição de Cristo puseram este título a certas delas: *Divina potentia consumatur*, que é o que o nosso poeta diz, que Deus no mistério da Ressurreição pusera o Selo, *i.* consumara os mistérios da redenção, porque toda nossa esperança pendia deste mistério; e este pregavam os apóstolos, porque (168)// com ele se tirava o escândalo da Cruz. Li em Santo Ambrósio numa Epístola tratando do mistério da Ressurreição ãas palavras que todas se me aparecem com esta oitava de Camões, porque trata da Primavera, e das flores que ela produz. As palavras são *Est Pascha vere anni principium, Primi mensis exordium novella germinum reparatio terrae hyemis nocte discussa primi veris restituta iucunditas in quo Deus defixa humo coeli machinam suspendens, Diem solis ardore radiauit*<sup>302</sup> *ect.* Ajunta-se mais à solenidade deste dia a de ser Domingo, no qual Deus criou o Céu e a terra, e ficou tão acreditado este dia com o mistério que nele se celebra que é ãa festa contínua.

*virtute magna  
redabant  
Apostoli  
testimonium  
resurrectionis  
Iesu Christi*<sup>301</sup>

S. Ambrosius

*Primo dierum omnium  
quo mundus extat conditus*

---

não deixou de lembrar que Sacrobosco, *in libello de anni ratione*, applicara a tradição cultivada *apud antiquos*, segundo a qual *Serpens* [...] *propriam deuorans caudam, depingi solebat, annum significans seu perpetuum tempus* (*Clarissimi Viri D. And. Alciati, Emblematum lib. II*, 1556, p. 73).

<sup>299</sup> Entre os escritos litúrgicos incluídos no *Corpus thomisticum*, figura um texto anónimo, designado por *Officium de festo Sancti Augustini*, onde se lêem as palavras lembradas por D. Marcos: *caeli cives, applaudite, et vos, fratres, concimite, patris nostri solemnia solis reduxit orbita* (pars 5, n. 2) <http://www.corpusthomicum.org/xsx.html>.

<sup>300</sup> No capítulo da *Polyanthea Nova* sobre *Resurrectio*, as palavras recordadas por D. Marcos figuram no grupo das *Sententiae Biblicae* (1607, p. 1000).

<sup>301</sup> *Actus Apostolorum*, 4, 33: *virtute magna reddebant apostoli testimonium resurrectionis Iesu Christi Domini*.

<sup>302</sup> D. Marcos segue a informação bibliográfica e a transcrição latina que figuram na *Polyanthea Nova*, afastando-se apenas em dois pontos: *Est enim Pascha ... reparatio a terrae* (1607, p. 1000). Era, porém, diferente a versão que circulava nas edições completas das obras de S. Ambrósio, nas quais o escrito em causa aparecia intitulado *De mysterio Paschae liber* (v. *Divi Ambrosii operum*, t. IV, Parisiis, 1586). No capítulo II, podia ler-se: *Est enim pascha vere anni principium, primi mensis exordium, nouella germinum reparatio, ac tetrae hyemis nocte discussa, primi veris restituta iucunditas. Hoc, inquam, tempore visibilium et invisibilium conditor Deus, defixa humo coeli machinam suspendens, diem solis ardore radiauit* (1586, col. 295). A edição da *Patrologia Latina* classificou este texto como espúrio (*Sancti Ambrosii Mediolanensis Episcopi Opera Omnia*, 1985, cols. 695A-B).

*vel quo resurgens conditor  
nos morte victa liberat.*<sup>303</sup>

Remata um Capitão suas vitórias quando triunfa de seus inimigos. Na Cruz venceu Cristo a morte, mas no dia de Páscoa triunfou dela, pondo o selo a quanto tinha feito.

Alguns<sup>304</sup> quiseram dizer que o Poeta dizia que pusera Deus o Selo a quanto tinha feito por ser Domingo, no qual Deus criou o Céu e a terra, mas eu não sigo esta opinião, porque pôr selo é rematar, e confirmar. E ao Domingo criou Deus o mundo, é verdade; mas imperfeito, o que foi acabando pelos dias da somana<sup>I</sup>, concluindo com as obras da criação no dia sexto, e descansando no sétimo, cuja solenidade Cristo tresladou ao Domingo, porque se Deus no dia sétimo pôs o selo<sup>II</sup> às obras da criação, no domingo, o pôs às da reparação. E do texto de Camões se deixa ver isto, porque diz que as voltas que o Céu ao mundo dá renovava a memória do dia *ect.*, o qual bem vemos que era o de Páscoa quando os nossos houveram vista de Melinde, e esta renovação que o Sol faz é de ano em ano, e não de oito em oito dias. (168v)//

73

Quando chegava a frota àquela parte  
onde o Reino Melinde já se via,  
de toldos adornada e leda, de arte  
que bem mostra estimar o Santo dia.  
Treme a bandeira, voa o estandarte,  
a cor purpúrea ao longe aparecia,  
soam os atambores e pandeiros,  
e assi entravam ledos e guerreiros.

Neste santo dia chegou a armada Portuguesa à vista do Reino de Melinde, iam as naus todas embandeiradas, com toldos flâmulos, e galhardetes, que quem a visse bem julgaria que celebravam os que nelas vinham o dia glorioso. Sacudida do vento a bandeira tremia, e o real estandarte parece que voava, a cor vermelha

---

<sup>I</sup> No ms.: «pellos dias dasomana ~~acabando~~ concluindo comas obras»...

<sup>II</sup> No ms.: «pos osello ~~aoq~~ criara às obras dacriação»...

---

<sup>303</sup> Hino de matinas *Primo dierum omnium*, indicado para o período entre a oitava da Epifania e o primeiro Domingo da Quaresma, e também desde o Domingo mais próximo das Calendas de Outubro até ao Advento (*Psalterium Romanum*, 1585, f. 3v).

<sup>304</sup> Não se trata de uma alusão a *Os Lusíadas* [...] *Commentados*, onde se lê uma interpretação semelhante à que D. Marcos propõe (1613, f. 57). Está em causa, sim, a nota – anónima – que figura na edição dos Piscos («Escreve o Poeta mui doctamente, o dia em que o Senhor descansou das obras que no mundo criou» – *Os Lusíadas*, 1584, f. 49) e que é substituída, na edição de 1591, por «entende-se que era este dia, dia de Páscoa da Ressurreição de Cristo.» («Anotações», in *Os Lusíadas* [...]. *Agora de nouo impresso, com algũas anotações, de diversos Autores*, 1591, s/f).

ao longe se dexa ver. E assi entraram guerreiros<sup>1</sup> tocando caxa, ledos tangendo pandeiros.

Falando João de Barros<sup>305</sup> nesta entrada dos Portugueses em Melinde diz assi:

«Ao outro dia, que era de Páscoa de Ressurreição, indo com todos os navios embandeirados, e a companhia deles com grandes folias por solenidade da festa, chegou a Melinde»<sup>II</sup>, e assi todos os que escreveram as cousas da Índia fazem menção desta festa que os nossos iam fazendo ao entrar em Melinde.

Jaz esta Cidade Melinde, donde o Reino tomou o nome, num campo raso da banda da praia. Está dezoito léguas de Mombaça em três graus da banda do Sul. O porto (169)// não é muito bom por ser em costa brava, e está dentro de um arrecife, e por isso tem o surgidouro mēa légua longe da terra. Tem ela muito bons pomares, e palmares, tem muitas e diversas frutas e hortas com noras, e jardins de mil invenções com muitas laranjeiras milhores que as nossas. É abundante dos mantimentos que a terra dá, que são milho zaburro, arroz, e outros que cá não conhecemos. É abundante de toda a criação, assi de galinhas, e outras aves, como de carneiros e animais diversos, porque tem muito bons pastos. Das terras do Preste João se diz que há um caminho pera este reino mui frequentado porque lhe fica nas costas metido mais no sertão. A Cidade é grande e bem arruada, com seus eirados por cima, como dissemos de Mombaça. Os naturais da terra são gentios baços como os do Preste. Os estrangeiros são Mouros Árabes. Tratam-se todos mui polidamente, e tem grande presunção de cavaleiros. As damas Melindanas são mui nomeadas por toda esta costa. E assi anda entre eles como em<sup>III</sup>

Couto<sup>306</sup>

---

<sup>I</sup> No ms.: «sedexaver. tocavaõ tambores deguerra, alegres pandeiros easi entraraõ alegres;/ guerreiros tocando caxa»...

<sup>II</sup> No ms., rasura ilegível.

<sup>III</sup> No ms.: «cassi andaentrelles este/~~XXX~~ comoem proverbio.»

---

<sup>305</sup> *Decada Primeira da Asia de Ioão de Barros*, IV, VI, f. 71.

<sup>306</sup> A existência desta ligação terrestre fazia parte da lenda associada ao Preste João, que motivou a realização de diversas expedições pelo continente africano, com o intuito de descobrir a localização dos seus reinos. João de Barros dá notícia de uma dessas tentativas, quando relata o que passou Afonso de Albuquerque na ilha de Socotorá, onde se acolheu para invernar, no ano de 1508. Procurando repouso dos trabalhos enfrentados no cerco de Ormuz, Albuquerque encontrou a fortaleza desprovida de mantimentos, pelo que mandou Francisco de Távora a Melinde para se abastecer. Foi então que este recolheu os mensageiros que a esquadra de Tristão da Cunha ali tinha deixado, no ano anterior, com «fundamento de irem per terra descobrir o Preste João». Eram eles um degredado, um mourisco e um guia árabe chamado Cide Ale, «e todos três iam com grandes promessas de lhe El Rei fazer mercê, se fezessem aquele caminho. E porque naquela paragem de Melinde os negros Cafres do sertão é gente mui bestial e fera, houveram conselho que seria melhor entrarem pela terra mais vizinha ao estreito, que é já habitada de Mouros [...]» (*Decada Segunda da Asia*, 1628, III, II, f. 53). Noutro lugar, Barros actualiza as informações sobre o estado e o povo governados pelo Rei da Abássia ou Etiópia, vulgarmente conhecido como Preste João. O cronista afirma, então, que todo o empenho de D. João II e de D. Manuel no Oriente «se resumia em saber o estado e cousas deste Príncipe; e em todalas armadas, que pelo tempo em diante foram, os degredados que mandava lançar na costa de Melinde, no cabo Guardafu, a este fim eram lançados» (*Decada Terceira da Asia*, 1628, IV, I, f. 81).

provérbio: Cavaleiros de Mombaça, damas de Melinde. Diz Castanheda que são todos esquerdos<sup>307</sup>. Seus vestidos são poucos por razão do Sol que os aquece sempre. Andam nus da cinta para cima, o demais vestido de seda, ou de panos de algodão finos, os nobres trazem estes panos sobraçados. Trazem também adagas e treçados mui bem guarnecidos. As armas principais de que na guerra usam são frechas, no exercício das quais são mui desenvoltos e certos. O seu Rei se trata com mais aparato e polícia que todos os desta costa, e é Mouro. Tanto que os nossos chegaram no mesmo dia de Páscoa pela manhã, esperavam que da Cidade lhe mandassem recado, o qual não veio. Vendo Vasco da Gama isto, mandou a terra o piloto do Zambuco que tomara e com ele um degradado, os quais se foram aos paços del Rei e lhe disseram que era chegado àquele seu Porto um Capitão de um poderoso Rei do Ocidente, que ia para a Índia, e por ter notícia<sup>I</sup> de quão clemente e verdadeiro ele Rei era, não que(169v)//ria passar adiante sem com ele assentar paz e amizade. E juntamente pedir-lhe que lhe desse um Piloto que o levasse à Cidade de Calecut. Ouvia o Rei o recado alegremente, e informando-se do Mouro do bom procedimento dos nossos, assi na guerra animosos como na paz caridosos, e bem inclinados, não obstante que era Mouro, natural<sup>III</sup> inimigo dos Cristãos, contudo como sesudo e bem acondicionado respondeu muito à vontade dos nossos, oferecendo-se a si e a tudo o que no Reino havia em serviço del Rei de Portugal. E logo mandou dous homens que relatassem a Vasco da Gama esta vontade sua<sup>III</sup> e lhe pedissem que entrasse para dentro, e saísse em terra, que em segurança disto lhe mandava o seu anel de ouro. Vasco da Gama<sup>IV</sup> respondeu à vontade do Rei, porém no sair fora não consentiu, porque o regimento del Rei lho proibia até dar a embaxada que levava a El Rei de Calecut. Neste comenos que os recados iam e vinham, tiveram os nossos prática com uns Cristãos Índios que estavam naquele porto, com cuja vista os nossos muito se alegraram, eram eles da Cidade Crangalor no Malabar. Estes disseram a Vasco da Gama mil bens do Rei de Melinde, e de sua verdade e boa condição, porém que se fiasse dele como de Mouro. Insistindo muito El Rei que saísse Vasco da Gama, e ele escusando-se, concluíram que se vissem no mar, o que se fez com poucas cautelas. O Rei neste

Góis

<sup>I</sup> No ms.: «porter noticia da nobresa dequã clemente»...

<sup>II</sup> No ms.: «natural<sup>m</sup> inimigo»...

<sup>III</sup> No ms., a redacção inicial seria «vontadedo seu Rey». O comentador rasurou «do» e «Rey», e transformou «seu» em «sua».

<sup>IV</sup> No ms.: «VascodaGama hherespondeo».

<sup>307</sup> Toda a descrição de Melinde apresentada por D. Marcos segue o relato de Fernão Lopes de Castanheda, que assim descreve os cavaleiros: «Trazem adagas ricas com grandes borlas de seda de cores, e terçados bem guarnecidos, e todos são esquerdos, e trazem arcos e frechas, e são grandes frecheiros, e presumem de bons cavaleiros. Posto que se diga comumente cavaleiros de Mombaça, e damas de Melinde, porque as mulheres daqui são fermosas e andam todas ricamente ataviadas.» (*Ho Livro Primeiro dos dez da historia do descobrimento & conquista da India pelos Portugueses*, 1554, I, X, p. XXIII). Descrição semelhante, reforçada pela citação do mesmo dito, figura na *Chronica do Felicissimo Rei Dom Emanuel* (1566, I, XXXVIII, f. 33).

tempo mandou aos nossos um grande presente de galinhas e carneiros e outros refrescos da terra, que Vasco da Gama recebeu alegremente, mandando-lhe em retorno outro de peças que pera isso do Reino trouxera, com que o Rei aceitou as vistas. Era o Rei de Melinde já muito velho e doente, e um filho seu que era herdeiro regia já o Reino por ele, e inda que desejou muito vir às nossas naus não pôde, e em seu lugar veio o filho. Este veio ter com os nossos nãa almadia<sup>I</sup> grande mui bem ataviada, ele acompanhado dos mais nobres do seu Reino, assentado nãa cadei(170)//ra de arame sobre ãa almofada de veludo, e aos pés outra. Trazia ãa cabaia de damasco cramesi forrada de cetim verde, na cabeça ãa touca foteada. Vinham alguns mouros na Almadia tocando anafis. Os mais nobres iam na almadia, e a outra gente em muitos barcos em que o acompanhavam. Vasco da Gama, deixando os navios a ponto de guerra, abalou no seu batel<sup>II</sup>, acompanhado de doze, os mais bem dispostos e trajados que achou, e chegando a almadia do Rei tanto era o desejo que ele tinha de ver a Vasco da Gama que logo saltou no seu batel, e sem mais recões, nem cerimónias, o foi abraçar, como se de largo tempo se conheceram. Tanto que o Rei entrou no barco cessaram os instrumentos de alegria, que eram trombetas e charamelas, e começaram as naus a atirar<sup>III</sup> com a artelharia, cujo som meteu medo aos Mouros, e tanto os perturbou que mandou Vasco da Gama que não atirassem mais<sup>308</sup>. O Rei se deteve em práticas com Vasco da Gama, e se informou dele das cousas de Portugal e de todo Ocidente, ao que ele satisfez com muito contentamento del Rei. Isto é em suma o que se contém, não só<sup>IV</sup> neste canto, mas até o fim do quinto.

74

Enche-se toda a praia Melindana  
da gente que vem ver a leda armada,  
gente mais verdadeira e mais humana  
que toda a doutra terra atrás deixada.  
Surge diante a frota Lusitana,  
pega no fundo<sup>309</sup> a âncora pesada,  
mandam fora um dos Mouros que tomaram  
por quem sua vinda ao Rei manifestaram. (170v)//

---

<sup>I</sup> No ms.: «veio tercõ osnossos nuã cadeira almadia grande»...

<sup>II</sup> No ms.: «no seubatel echegando ao do Rei acompanhado».

<sup>III</sup> No ms.: «átirar».

<sup>IV</sup> No ms.: «o q secontem assi/ não so neste canto».

---

<sup>308</sup> Fernão Lopes de Castanheda, pelo contrário, afirma que «andou el rei folgando por antre a nossa frota, donde tiravam muitas bombardadas, que ele folgava muito d'ouvir tirar» (*Ho Livro Primeiro dos dez da historia do descobrimento & conquista da India pelos Portugueses*, 1554, I, XII, p. XXVI).

<sup>309</sup> Nas edições de 1572, 1584 e 1626: «findo». Em 1591, 1597, 1609, 1612, 1613 e 1631: «fundo».

Logo a praia de Melinde se cobriu de gente que vinha pera ver as nossas embandeiradas naus; eram estes homens de muita verdade, e caridade, mais que nenhuns de quantos os nossos até li tinham encontrado. Foram logo surgindo todas, lançando âncora, e mandaram logo a terra um Mouro dar conta ao Rei de sua chegada àquele porto.

Este mouro puseram os nossos em ãa ilheta perto da terra, e os de Melinde o vieram tomar, e o levaram a seu Rei.

75

O Rei, que já sabia da nobreza  
que tanto os Portugueses engrandece,  
tomarem o seu porto tanto preza  
quanto a gente fortíssima merece.  
E com verdadeiro ânimo, e pureza,  
que os peitos generosos enobrece,  
lhe manda rogar muito que saíssem  
pera que de seus Reinos se servissem.

O Rei Melindano, que já estava informado da nobreza dos Portugueses e de seu ânimo generoso que tanto os faz no mundo prezados e engrandecidos, estimou tanto entrarem eles no seu porto como a eles se lhe devia. E com ãa vontade desenganada, e ãa singeleza verdadeira, que é cousa que tanto nos Reis e príncipes se estima, lhe manda oferecer aquele reino, e tudo o que nele havia, e assi, entrassem logo nele como em cousa sua.

O Rei que já sabia da nobreza  
Que tanto os Portugueses engrandece. (171)//

Boetius, *De  
consol. phil.* lib.  
3, pros. 6<sup>311</sup>

Ainda que conforme a difinição que Boécio dá à nobreza seja ela um louvor que nos nace da virtude de nossos antepassados, todavia também se toma por aquelas virtudes de que ela deve ser acompanhada, e estas virtudes em qualquer sujeito o fazem mais excelente do que a nobreza natural faz aos que gerou com este louvor, donde avisadamente disse Plauto: *Pulcrius est nobilem virtute fieri, quam nasci*. E o mesmo poeta diz que são desonra de ãa casa nobre os nobres sem virtude.

Plautus in  
*Mercatore*<sup>312</sup>  
e Horácio, l.  
4, *Ut cumque  
defecere mores,  
dedecorant bene  
nata culpae.*<sup>313</sup>

---

<sup>310</sup> Damião de Góis conta este episódio na *Chronica do Felicissimo Rei Dom Emanuel*, 1566, I, XXXVIII, f. 33.

<sup>311</sup> Anicius Manlius Severinus Boethius, *Philosophiae Consolationis*, III, pr. VI: *Videtur namque esse nobilitas quaedam de meritis veniens laus parentum*. Este passo é invocado para definir o conceito de *Nobilitas* na *Polyanthea Nova* (1607, p. 796).

<sup>312</sup> Petrarca, num diálogo sobre a deformidade física (*De Deformitate corporis*), emprega um aforismo muito semelhante à sentença latina citada por D. Marcos: *Pulchrius est pulchrum fieri, quam nasci* (*De Remediis utriusque Fortunæ*, 1610, II, I, p. 374). Na verdade, estas palavras não se encontram na comédia de Plauto, mas figuram num conjunto de versos explicitamente atribuídos a

Ó se houvesse ãa Lei inviolável que ordenasse que perdesse o foro de nobre o homem de maus costumes, como houvera de andar apurada a nobreza e quão poucos nobres no mundo haveria. As partes de nobreza por que os Portugueses eram estimados fora da sua terra, a primeira, e principal, era a verdade, porque como todos aqueles povos per cujas terras eles andaram peregrinando fossem falsos e fementidos per natureza, quando viam homens que lhe tratavam verdade, levados da nobreza desta virtude tinham-lhe grande respeito. E assi disse um dia o Rei de Cochim que então era a Índia, Índia, quando os Portugueses<sup>I</sup> traziam a ela três cousas: Verdade, espadas curtas, e portugueses d' ouro<sup>314</sup>. A outra virtude nobre era a liberalidade e gratificação dos bons serviços, cujas companheiras são, como disse Valério Máximo, a humanidade e clemência. Quando os portugueses chegaram à Cidade de Quíloa era Rei nela um tirano chamado Abraamo, e outro Mouro principal da terra, chamado Mahamed Anconii, fez naquele tempo alguns pequenos serviços aos nossos. E mais particularmente em tempo que D. Francisco de Almeida tomou aquela Cidade, e despondo<sup>II</sup> do governo dela ao tira(171v)// no, elegeram logo os nossos por Rei de Quíloa a este Mahamed Anconii. Diz João de Barros estas palavras contando esta história: «Tanto segurou o ânimo dos Mouros esta honra e galardão que se deu a Mahamed, havendo<sup>III</sup> todos que éramos gente grata dos benefícios que recebíamos, pois por tão pequenos<sup>IV</sup> méritos como eram os de Mahamed, de escrivão da fazenda do Reino de Quíloa era feito Rei dela»<sup>316</sup> *ect.* A outra virtude nobilíssima dos Portugueses na Índia foi a justiça, esta os conservou e conserva hoje, e se algum dano nela padeceram, sempre precedeu falta desta virtude. Quando o grande Afonso de Albuquerque tomou a Cidade de Malaca, vivia nela um Jao riquíssimo chamado Vtiimutaraja; este depois de dar vassalagem aos portugueses fez algũas cousas per onde mereceu o castigo extremo, porque eram graves e notáveis. Afonso de Albuquerque o

Couto

Valer. Max.,  
libro 5, c. 1.<sup>o</sup>,  
*De liber. et*  
*clem.*<sup>315</sup>

Barros, *Década*  
*prima*

<sup>I</sup> No ms.: «quando os Portugueses levavaõ/trasiaõ aella».

<sup>II</sup> Leia-se «depondo».

<sup>III</sup> No ms.: «avendo\* todos\* q̃»...

<sup>IV</sup> No ms.: «portão pequenos serviços meritos como eraõ»...

*Plaut. In Merc.*, transcritos na *Polyanthea Nova*, a respeito de *Nobilitas* (1607, p. 797). Criando a ilusão de que se trataria de passo oriundo de uma única fonte, essa sequência começa pelo dístico plautino que D. Marcos teria em mente ao referir-se à desonra das casas nobres: *Qui bono sunt generi nati, si sunt ingenio malo, suapte culpa genere sapiunt, genus ingenio improbant* (*Mercator*, V, vv. 968-969).

<sup>313</sup> Quintus Horatius Flaccus, *Carminum liber*, IV, IV, vv. 35-36. Na edição de referência: *Indecorant bene....* Este passo, tal como D. Marcos o transcreve, figura também na *Polyanthea Nova*, sob o título de *Nobilitas* (1607, p. 797).

<sup>314</sup> Provavelmente confiado na memória, D. Marcos altera a expressão de Diogo do Couto, que na *Década Quinta* enumerara assim as «três cousas» que Portugal havia começado por levar à Índia: «verdade, espadas largas, e Portugueses de ouro fino» (1612, VII, I, f. 138).

<sup>315</sup> Valerius Maximus, *Factorum et dictorum memorabilium*, V, I: *Liberalitati quas aptiores comites quam humanitatem et clementiam dederim, quoniam idem genus laudis expetunt?*

<sup>316</sup> *Década Primeira da Asia de João de Barros*, 1628, VIII, VI, f. 160v.

mandou prender e juridicamente o sentenciou à morte. Sua mulher dava pela sua vida ãa cópia de ouro grandíssima, e bastante a cegar outro julgador que não fora português velho, mas este bom Capitão desprezou todo este preço dizendo (como conta Barros) que ele era ministro da justiça del Rei Dom Manuel de Portugal, o qual não costumava vender justiça por dinheiro, por ser a mais preciosa cousa do mundo. Este desprezo do dinheiro, em ordem à guarda da justiça, estimavam aqueles Gentios e Mouros muito como cousa que quadrava com a rezão e bom governo político. O mesmo fez Dom Constantino de Bargaça, que não quis dar a um Rei gentio um dente de um bugio por ser cousa supersticiosa, inda que lhe prometeram outra tanta cópia de dinheiro ou mais que a Afonso d'Albuquerque pela vida dos Mouros em Malaca. (172)// Eis aqui a nobreza dos Portugueses fundada nestas virtudes morais sem as quais toda a nobreza do Mundo val mui pouco.

Barros, *Déc.* 2,  
l. 6, cap. 7, f.  
149<sup>317</sup>

Couto, *7 Déc.*<sup>318</sup>

76  
São oferecimentos verdadeiros  
e palavras sinceras, não dobradas,  
as que o Rei manda aos nobres cavaleiros  
que tanto mar e terras tem passadas.  
Manda-lhe mais lanígeros carneiros  
e galinhas domésticas cevadas,  
com as frutas que antão na terra havia,  
e a vontade à dádiva excedia.

As ofertas que o Rei mandou fazer aos nossos são cheas de verdade e singeleza, sem dobrez de palavras nem cumprimentos vãos. Vieram elas acompanhadas de um presente de carneiros, e galinhas, com algũas frutas da terra, mas a vontade com que o mandou valia mais que o presente.

Virg., 3  
*Aenead.*<sup>319</sup>

Lanígeros carneiros. Virg.: *Lanigeræ comitantur oves.*

77  
Recebe o Capitão alegremente  
o mensageiro ledo, e seu recado,  
e logo manda ao rei outro presente  
que de longe trazia aparelhado:

---

<sup>317</sup> *Decada Segvnda da Asia de Ioão de Barros*, 1628, VI, VII, f. 149v.

<sup>318</sup> Diogo do Couto relata que o Vice-Rei esteve prestes a aceitar a oferta do rei de Pegu, instado pelos «capitães velhos e fidalgos» a resolver, assim, problemas financeiros. Na versão do cronista, teria sido o arcebispo D. Gaspar a convencer o governante a destruir o dente «porque era contra a honra de Deus nosso Senhor, e dar ocasião a aqueles Gentios a idolatrarem e darem àquele pequeno osso o que só se devia a Deus» (*Decada Setima da Asia*, 1616, IX, XVII, fls. 207v- 208).

<sup>319</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, III, v. 660.

escarlata purpúrea, cor ardente  
o ramoso coral fino, e prezado, (172v)//  
que debaxo das águas mole crece  
e como é fora dela<sup>321</sup> se endurece.

Virg. 4:  
*Tyrioque  
ardebat murice  
laena*<sup>320</sup>

Com alegria recebe o Capitão Português ao mensageiro alegre, e o presente que trazia, e logo em retorno dele lhe manda outro de escarlata<sup>1</sup> vermelha e coral fino, o qual em ramos nace e crece debaxo da água do mar mole e brando, porém como é fora dela se faz duro.

Recebe o Capitão alegremente  
o mensageiro ledó e seu recado.

Três cousas se podem notar nestes dous versos: a alegria com que Vasco da Gama recebeu o mensageiro do presente, o contentamento com que ele o trouxe, e festejar-se o mensageiro primeiro do que o presente. Receber as dádivas com alegria é o primeiro sinal de gratificação.

Miguel Verino: *Accipe parva mei laetus munuscula census  
Nec quae sint, de qua suspice mente data.*<sup>322</sup>

Quem dá, há-de dar alegre o que dá, porque ama Deus o que dá alegremente, *hilarem datorem diligit Deus*<sup>323</sup>, e na *Epistola ad Romanos*<sup>II</sup> o mesmo S. Paulo ensinando-lhes o modo que haviam de ter nas cousas, disse: *Qui tribuit in hilaritate*<sup>324</sup>. O que dá há-de ter alegria, e a boca chea de riso, como de Alexandre contámos<sup>325</sup>. Também olhar primeiro pera o ânimo e vontade do dador que pera suas

2 Corint. 9

<sup>1</sup> No ms.: «de escarlata, \*vermelha\* e coral».

<sup>II</sup> No ms.: «na *Epistola ad Romanos* deis o mesmo S. Paulo».

<sup>320</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, IV, v. 262.

<sup>321</sup> Em 1572, como em todas as edições publicadas até 1631: «fora delas».

<sup>322</sup> Michele Verino compôs um florilégio de sentenças dirigido para a educação dos mais jovens, conhecido como *Liber distichorum* ou *Disticha de moribus*. Impresso pela primeira vez em 1478, o volume conheceu numerosas reedições, a que D. Marcos poderia ter tido acesso para colher o dístico intitulado *Ad amicum*. Numa edição como *Michaelis Verini* [...] *Disticha de moribus, multis locis emendata et multis versibus in verum sensum et numerum reducta per M. Pigner*, pode ler-se: *quae sint, sed qua suscipe...* (1618, p. 17). Contudo, a citação feita por D. Marcos segue, *ipsis verbis*, a *Polyanthea Nova*, onde este texto também se encontra, a propósito de *Munus* (1607, p. 783).

<sup>323</sup> Ad Coríntios II, 9, 7: *hilarem enim datorem diligit Deus*. Aparece na *Polyanthea Nova*, para ilustrar o conceito de *Liberalitas* (1607, p. 654).

<sup>324</sup> Ad Romanos, 12, 8. Na verdade, D. Marcos apresenta uma versão muito truncada do original: *qui tribuit in simplicitate/ qui praeest in sollicitudine/ qui miseretur in hilaritate*.

<sup>325</sup> V. *supra*, p. 57.

Gen.<sup>326</sup>

dádivas é propriedade de Deus, o qual olhou pera Abel e logo pera suas dádivas, onde diz S. Gregório, *non Abel ex muneribus, sed ex Abel munera oblata placuerunt*<sup>327</sup>. E diz o mesmo Santo inda mais, que sempre estamos oferecendo a Deus dádivas, se nunca estamos vazios de vontade de o servir. Tudo isto vemos neste lugar: o mensageiro ledo; o capitão que o recebe alegre, festejando-o primeiro a ele e depois ao presente. (173)//

S. Greg. Papa in  
Homil.<sup>328</sup>

E logo manda ao Rei outro presente.

Polyanthea, verbo  
Gratia<sup>329</sup>

Continuando com a matéria passada, achamos neste verso dous conselhos, um que sejamos gratos ao que recebemos, outro que não tardemos em pagar esta dívida. Como fez Vasco da Gama, que em pago dos carneiros e galinhas e frutas, mandou o Capelhar de escarlata, e os corais, porque estes Reis Gentios e Mouros tem sempre olho no que lhe mandam, e conforme a dádiva julgam a quem lha manda, e às vezes mandam pera lhe mandarem, conforme aquele dístico de Miguel Verino,

*Munera qui mittit, sperat maiora remitti.  
Nemo suas vellet perdere gratus opes.*<sup>330</sup>

O que recebe o benefício obriga-se à gratificação dele. E assi diz Séneca: *Acceptum beneficium aeternae memoriae infigendum est*<sup>331</sup>. E diz Sófocles nũa comédia que ãa graça vem prenhe de outra, e que um benefício pare outro

---

<sup>326</sup> Liber Genesis, 4, 4-5: *et respexit Dominus ad Abel et ad munera eius/ ad Cain vero et ad munera illius non respexit.*

<sup>327</sup> S. Gregorii Magni Moralia In Iob, XXII, XIV (1979, p. 1112). Este passo surge no capítulo *Munus* da *Polyanthea Nova* (1607, p. 783).

<sup>328</sup> Gregorius Magnus Homiliae In Evangelia, V, 3 (1999, p. 35): *Ante Dei namque oculos numquam est uacua manus a munere, si arca cordis repleta est bona uoluntate.* O passo que D. Marcos traduz pode ler-se na *Polyanthea Nova*, a propósito de *Munus* (1607, p. 783).

<sup>329</sup> Na *Polyanthea Nova* acha-se uma definição de *gratia*, sob a indicação *Secundum ciceronem in Rhetor.* Aí se lê que o reconhecimento corresponde à obrigação de recordar e retribuir os serviços prestados pelos amigos: *Gratia est, in qua amicitiarum et officiorum alterius memoria et alterius remunerandi voluntas continetur* (1607, p. 482). Esta sentença parece corresponder, de facto, a um passo do texto *De inventione* (também conhecido como *Rhetorica*), II, 66. Na edição de referência: *gratiam, quae in memoria et remuneratione officiorum et honoris et amicitiarum observantiam teneat; vindicationem.*

<sup>330</sup> Os versos fazem parte dos *Disticha de moribus*, de Michele Verino, acima citados. É provável que D. Marcos continue a seguir o capítulo *Munus* da *Polyanthea Nova* (1607, p. 783), de cuja lição se afasta num ponto: ao escrever *gratus opes* em vez de *gratis opes* (lição igualmente apresentada em edições dos *Disticha* como a de 1618 – p. 17).

<sup>331</sup> Sob o título *Gratitudo*, na *Polyanthea Nova* (1607, p. 486), apresenta-se este passo como oriundo da obra de Séneca, *De Beneficiis*, mas a indicação não tem fundamento. Por sua vez, em *De nugis philosophorum*, de Caecilius Balbus, a mesma frase figura como uma sentença proferida por Júlio César (1855, p. 40).

benefício<sup>332</sup>. O nosso Gama, em recebendo o presente do Rei Melindano, logo lhe mandou outro de muito mor valia. Porque como diz Hesíodo, alegado de Cícero, devemos no pagar os benefícios imitar a terra fértil, a qual dá ao seu cultivador muito mais do que dele recebeu. Diz mais o nosso poeta, que logo mandou *ect*. Aquela palavra «logo» mostra a presteza com que se há-de dar o benefício, conforme àquele *bis dat qui cito dat*.<sup>334</sup>

Cic. *De offic.* l. 1.  
1<sup>9333</sup>

O ramoso coral fino, e prezado.

Mui antigo é o uso do coral. Plínio em muitas partes faz dele menção. Convém todos os autores que dele escreveram que é ãa planta que nace debaxo da água, e aí se cria e dá ãas bagas como cerejas bravas, e é muito mole debaxo da água, e flexível como junco, e em saindo ao ar logo endurece. Das bagas ou fruto desta planta, diz Plínio estas palavras: *Baccae eius candidae sub aqua et molles, exemptae confestim durantur et rubescunt*<sup>336</sup> quasi (173v)// *Corna sativa specie atque magnitudine*<sup>337</sup>. Sua cor debaxo d'água é verde. Depois de tirado se faz vermelho, também o há negro, e eu o vi. Plínio diz que no Mar Vermelho se achava muito, e alguns dizem que as manchas vermelhas que naquele mar se vem, que procedem do lastro da água cheo de coral. Diz mais Plínio que faz muito mal a quem o tira co a mão debaxo d'água, se seca com ele nela ao ar, e que por isso o tiravam com redes e outros instrumentos. Suas virtudes são muitas, principalmente pera alegrar o coração. É cousa mui experimentada que ãa pessoa que traz corais no braço, se acerta de adoecer se lhe muda a cor e se fazem brancos ou manchados. *Vide Lagunam*<sup>338</sup>. Os Reis de Portugal nestes seus descobrimentos mandavam

Plin. *De Natur. Hist.* l. 32, c. 2

Ovid., XV, M.,  
*Sic et coralium quo primum contigit auras/ Tempore durescit: mollis fuit herba sub undas.*<sup>335</sup>

Isto das bagas não é muito certo

<sup>332</sup> Na *Polyanthea Nova*, a propósito do conceito de *Gratitudo*, apresenta-se como parte da tragédia *Édipo*, de Sófocles, um passo que corresponde à tradução de D. Marcos: *Gratiam adfert gratia. Beneficium semper beneficium parit* (1607, p. 485).

<sup>333</sup> Marcus Tullius Cicero, *De officiis*, I, XV: *An imitari agros fertiles, qui multo plus efferunt, quam acceperunt?* Este testemunho é também lembrado na *Polyanthea Nova*, sob o título *Gratitudo* (1607, p. 485).

<sup>334</sup> O mesmo adágio ilustra o conceito de *Liberalitas* na *Polyanthea Nova* (1607, p. 656).

<sup>335</sup> Publius Ovidius Naso, *Metamorphoses*, XV, vv. 416-417. Na edição de referência: *curalium ...undis*. O texto de Ovídio parece ter sido introduzido posteriormente no espaço em branco da margem inferior da folha.

<sup>336</sup> Caius Plinius Secundus, *Naturalis Historia*, XXXII, XI, 22. Na edição de referência: *Baccae eius candidae sub aqua ac molles...rubescunt qua corna sativa specie atque magnitudine*.

<sup>337</sup> Caius Plinius Secundus, *Naturalis Historia*, XXXII, XI, 22.

<sup>338</sup> O comentário crítico de D. Marcos retoma, em larga medida, informações dadas por Andrés Laguna em *Pedacio Dioscorides Anazarbeo: Toda suerte de coral, de baxo del agua, y antes de ser arrancada, se muestra algun tanto verde: mas despues mudando elemento, muda tambien color. Plinio se persuadio, que produzia el coral vn cierto fructo semejante à las cerezas sylvestres; y enganõse por las olivetas ò cuentas de los rosarios, las cuales no nacen en el coral, empero hazense del, con obra y artificio de tornos*. Entre as propriedades ou virtudes do coral, Laguna lembra também a sua importância nas *medicinas confortativas, y cordiales: porque restaura la facultad vital, y alegra el anima*. (1555, p. 558).

presentes por seus Capitães de cousas que naquelas partes se estimavam, e não pareça que vinha fora de prepósito mandar à Índia Coral, porque tinham ouvido que naquelas partes era tão estimado como entre nós são as pedras finas que de lá nos vem. Plínio: *Quantum apud nos indicis margaritis praetium est tantum apud Indos in coralio.*<sup>339</sup>

78

Manda mais um na prática elegante  
que c'ò Rei nobre as pazes concertasse  
e que de não sair naquele instante  
de suas naus em terra o disculpasse.<sup>340</sup>  
Partido assi o embaxador<sup>341</sup> prestante  
como na terra ao Rei se apresentasse,  
com estilo que Palas lhe ensinava  
estas palavras tais falando orava:

Inviou mais um dos degradados que trazia, dos mais (174)// bem falantes que achou, pera que com aquele ilustre Rei fizesse pazes, desculpando-o de não sair logo em terra. Partido ao paço real o embaxador excelente com estilo facundo e elegante, que Palas Deusa da Sabidoria lhe ministrava, com estas palavras falou com o Rei Milindano.

Manda mais um na prática elegante.

Das histórias nos consta que este embaxador que o nosso poeta aqui nos louva era um degradado de alguns que deste Reino levou, como dissemos. A alguém pareceu que o nosso poeta exagerava muito a embaxada e autorizava muito a pessoa do degradado, em o mandar com recado a um Rei, e gabá-lo tanto de Retórico e sábio. Isto tem pouco que responder, porque o poeta não o louva de virtuoso, senão de eloquente, e malpecado, per experiência temos, que os malfeitores e homiziados são avisados, satíricos, e galantes, e agudos mais do necessário, quanto mais que entre eles podia vir algum de qualidade pera o poderem mandar a este negócio, como foi João Machado de Braga, a quem Pedr'Álvares deixou em Melinde<sup>342</sup>, o qual ainda com o labeu de degradado podia levar embaxada não a

---

<sup>339</sup> Caius Plinius Secundus, *Naturalis Historia*, XXXII, XI, 21. Na edição de referência: *margaritis pretium est, de quis suo loco satis diximus, tantum apud Indos curalio*. Andres Laguna reitera esta afirmação: *En el mesmo grado tienen los Indios à los corales, que nosotros à las perlas, y al oro: porque ansi como la grande abundancia haze ser menos estimadas las cosas, ni mas ni menos la carestia suele darlas reputacion*. (1555, p. 557).

<sup>340</sup> Em todas as edições publicadas até 1631: «desculpasse».

<sup>341</sup> Nas edições de 1591 e 1597: «embaxador». Em 1572, como em todas as outras edições publicadas até 1631: «embaixador».

<sup>342</sup> V. *supra*, nota 32.

um Rei bárbaro como este era, senão a um Príncipe de Europa. E tal como este, podia ir outro que merecesse todos estes louvores e mais ainda.

Com estilo que Palas lhe ensinava.

Palas deusa da Sabedoria, a quem os Gregos chamam Minerva, filha do cérebro de Júpiter, era a que influía no peito dos homens a sabedoria e eloquência, daqui vem Homero a encarecer tanto a amizade que esta Deusa tinha com Ulisses, no que sini(174v)//ficava a grande eloquência deste Capitão. E assi ele era sempre o que fazia as práticas e levava os recados e embaxadas nas guerras Troianas. Em Virgílio tinha este officio Ilioneu, a quem este poeta engrandece com este nome de Máximo. Este foi o que fez a prática à Rainha Dido e levou a embaxada a el Rei Latino. Nisto nos davam a entender estes sábios poetas, que com eloquência e boas rezões se acabavam às vezes em pouco tempo cousas, que em muito as guerras não concluíam. Ouçamos a Cícero, cuja eloquência tantas vezes teve mão na República Romana. Diz ele: *Eloquentia multae urbes sunt constitutae; plurima bella restincta, fortissimae societates, sanctissimae amicitiae comparatae*. Fingiram os poetas que Anffon e Orfeu com o som de suas cítaras traziam após si os bosques e as pedras duras, e esses mesmos<sup>1</sup> Poetas expondo esta fábula se declararam, dizendo que estes homens intitulados aqui com nome de músicos foram grandes retóricos, e com sua eloquência e brandas palavras traziam homens rústicos, semelhantes a bosques ásperos e penedos duros, após si, dando-lhe modo

<sup>1</sup> No ms.: «esses mesmos \*Poetas\* expondo»...

<sup>343</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, vv. 520-521: *Postquam introgressi et coram data copia fandi, / maximus Ilioneus placido sic pectore coepit...*

<sup>344</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, VII, vv. 212-251.

<sup>345</sup> Marcus Tullius Cicero, *De Inventione*, I, 1. Na edição de referência: *cum autem res ab nostra memoria propter vetustatem remotas ex litterarum monumentis repetere instituo, multas urbes constitutas, plurima bella restincta, firmissimas societates, sanctissimas amicitias intellego cum animi ratione tum facilius eloquentia comparatas*. Este trecho, tal como D. Marcos o transcreve e com a mesma indicação da fonte, pode ler-se no capítulo *Eloquentia* da *Polyanthea Nova* (1607, p. 383).

<sup>346</sup> Tendo em conta que, no tratamento deste tema, D. Marcos recorre à *Polyanthea Nova*, é provável que tivesse em mente um epigrama que, ainda no capítulo dedicado à *Eloquentia*, é atribuído a Virgílio. Trata-se de uma celebração do poder da eloquência (exemplificado por Orfeu e Actéon) sobre os costumes dos homens brutos: *Threicius quondam vates fide creditur canora / Mouisse sensus acrium ferarum, / Atque amnes tenuisse vagos / Et surda cantu concitasse saxa. / Suavis nosque modos testudinis arbores secuta / Vmbras feruntur praebuisse vati. / Sed placidis hominum dictis sera corda mitigavit. / Doctaque vitam voce temperavit / Iustitiam docuit, coetu quoque congregavit uno, / Moresque, agrestes expolivit Orpheus* (*Polyanthea Nova*, 1607, p. 382). Esta composição integrou durante séculos as edições dos *Opera omnia* do Mantuano, permanecendo associada ao *corpus* do poeta mesmo depois de ter sido posta em causa a sua autoria.

<sup>347</sup> Sextus Propertius, *Elegiae*, III, II, vv. 1-6. A citação figura na *Polyanthea Nova*, sob o título *Eloquentia* (1607, p. 382).

Junto do lago Tritónio foi achada ãa donzela fermosa e avisada, e por ser tal lhe chamaram Palas, e porque não sabiam quem eram seus pais disseram que era filha de Júpiter sem mãe.

1.º *Aenead.*<sup>343</sup>

*Aenead.* 7<sup>344</sup>

Cic., lib. 1 *De arte Rhetor.*<sup>345</sup>

Virgílio in *Opusculis.*<sup>346</sup> Propertius, l. 3 *Ele.*<sup>347</sup>. Silius Ital., l. 11.<sup>348</sup>, Horat. in *arte poetica*<sup>349</sup>. Seneca in *Hercule furente*<sup>350</sup>

de vida política e racional. O demais guardamos pera o Canto 3, sobre aquele verso «O valeroso ofício de Minerva».<sup>351</sup>

79

Sublime Rei a quem do Olimpo puro  
foi da suma Justiça concedido  
refrear o soberbo povo duro  
não menos dele amado que temido,  
Como porto mui forte, e mui seguro,  
de todo o Oriente conhecido,  
te vimos a buscar, pera que achemos  
em ti o remédio certo que queremos. (175)//

Magnífico Senhor, a quem Deus dos altos Céus concedeu que governasses este povo, e dele fosses tão amado por tua boa condição, como temido per tua irrefragável justiça. Nós outros<sup>I</sup> os portugueses por todo esse mar vimos em busca de ti, pera que neste teu Reino achemos o remédio e refúgio de nossos trabalhos, que noutro porto não pudemos encontrar.

Nesta prática vai imitando de algum modo a Virgílio na<sup>II</sup> que Ilioneu fez à Rainha Dido. Diz ele,



*Maximus Ilioneus placido sic pectore coepit  
O Regina novam cui condere Iupiter Urbem  
Iustitiaque dedit gentes froenare superbas  
Troes te miseri ventis maria omnia vecti  
oramus:*<sup>352</sup>

80

Não somos roubadores que passando  
pelas fracas cidades descuidadas  
a ferro e a fogo as gentes vão matando  
por roubar-lhe as fazendas cobiçadas,  
Mas da soberba Europa navegando

<sup>I</sup> No ms.: «Nos outros \*os\* portugueses»...

<sup>II</sup> No ms.: «a Virgílio na prática q̄ Ilioneofes»...

<sup>348</sup> Silius Italicus, *Punica*, XI, vv. 440-445. Este texto surge também no capítulo *Eloquentia* da *Polyanthea Nova* (1607, p. 382).

<sup>349</sup> Quintus Horatius Flaccus, *Ars Poetica*, vv. 391-401. Este passo encontra-se igualmente no capítulo *Eloquentia* da *Polyanthea Nova* (1607, p. 382).

<sup>350</sup> Lucius Annaeus Seneca, *Herculens furens*, vv. 569-576. Também este excerto faz parte dos testemunhos coligidos na secção da *Polyanthea Nova* dedicada à *Eloquentia* (1607, p. 382).

<sup>351</sup> *Os Lusíadas*, III, 97, v. 2.

<sup>352</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, vv. 521-525.

imos buscando as terras apartadas  
da Índia grande, e rica, por mandado  
de um Rei que temos, alto, e sublimado.

Não tenhais pera vós que somo[s]<sup>1</sup> ladrões cossários que vimos roubar as Cidades e terras desacauteledas pondo a ferro e fogo os vizinhos delas. Somos porém habitadores de Europa, insigne entre todas as terras do Mundo, e imos descobrir a Índia larga, e abun(175v)//dante, por mandado de um Rei e Senhor a quem obedecemos, alto per sua real dignidade, sublime por suas excelentes virtudes.

1. *Aeneid.*

Não somos roubadores que passando *ect.*

Virg.:



*Non nos aut ferro libycos populare Penates  
venimus, aut raptas ad litora vertere praedas  
non ea vis animo nec tanta superbia victis.  
Est locus Hesperiam Graii cognomine dicunt  
terra antiqua, potens armis atque ubere glaebae etc.<sup>353</sup>  
huc cursus fuit.<sup>354</sup>*

81

Que geração tão dura há i<sup>355</sup> de gente,  
que bárbaro costume e usança fea,  
que não vedem os portos tão somente  
mas inda o hospício da deserta area?  
Que má tenção? que peito em nós se sente  
que de tão pouca gente se arrecea,  
que com laços armados tão fingidos  
nos ordenassem ver-nos destruídos?

Que casta de gente é esta tão preversa; que costume tão fora de rezão aqui se usa, que não somente nos<sup>II</sup> defendam seus portos e Cidades, mas ainda o pôremos os pés na estéril area! Que malinidade, que tenção danada se imagina de nós, que sendo em número tão poucos, nos armem ciladas com fingimento pera nos matar e destruir.

<sup>1</sup> No ms.: «q̄ somo ladrões»...

<sup>II</sup> No ms.: «naðsomt<sup>e</sup> #nos#defendaõ seus portos»...

<sup>353</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, vv. 527-531. Na edição de referência: *Grai*.

<sup>354</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, v. 534. Na edição de referência: *Hic cursus fuit*.

<sup>355</sup> Nas edições de 1572, 1584, 1591, 1597, 1609 e 1612: «ahi de gente» (sic). Em 1613: «ha hi» (sic). Em 1626 e 1631: «hahi» (sic).

1 *Aen.* Virgil.:

*Quod genus hoc hominum? Quaeve hunc tam barbara morem (176)//  
Permittit patria?<sup>1</sup> hospicio prohibemur arenae  
Bella cient, primaque vetant consistere terra.<sup>356</sup>*

Não somente imitou o nosso poeta estes versos, mas ainda o modo de falar neles e a interrupção que neles se faz, que é indício de ânimo apaxionado. Começou Ilioneu a propor sua fala e arrezamento, e tendo captado a benevolência à Rainha, e declarado quem eram e pera onde iam, rompeu em queixumes contra os Tírios, que os não deixavam desembarcar, nem tocar na area, a qual de direito comum, chamado *Jus gentium*, é a todos comum. Isto fingiu Virgílio, porque os Tírios nunca e tal proibição fizeram aos Troianos, mas cá no nosso Camões, tudo o que o outro fingiu fabulando, aplicou ele dizendo e contando a verdade pura.

82

Mas tu em quem mui certo confiamos  
achar-se mais verdade, ó Rei benigno,  
e aquela certa ajuda em ti esperamos  
que teve o perdido Ítaco em Alcino,  
A teu porto seguros navegamos  
conduzidos do intérprete divino,  
que pois a ti nos manda está mui claro  
que és de peito sincero, humano, e raro.

*Mercurius  
Interpres  
Deorum*

Porém vós ó Rei clemente, em cujo peito temos por mui certo que a verdade repousa, e que em vós acharemos a segurança, e refúgio, que achou o naufragante Ulisses no Reino dos Feaces e em seu Rei Alcino, confiadamente lançámos âncora no vosso porto, movi(176v)//dos do oráculo celeste, o qual, já a vós nos<sup>II</sup> mandou, certo é que há em vós toda a piedade, e clemência, que nestas Regiões se acha raramente.

O perdido Ítaco em Alcino.

Ítaco, sobrenome de Ulisses, por ser natural desta terra. Em um de seus naufrágios, deu consigo nas praias dos Feaces, cujo Rei Alcino o recolheu e o mandou a sua terra. Homero, *Odissea*. Virg.: *Hoc Itacus velit.*<sup>357</sup>

Homer., *Odys.*  
8, 9

<sup>1</sup> No ms., terá sido primeiro escrito «patriam». A última letra foi rasurada, e sobre ela, em entrelinha, desenhou-se um ponto de interrogação.

<sup>II</sup> No ms.: «iá avos \*nos\* mandou»...

<sup>356</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, vv. 539-541. Na edição de referência: *hospitio prohibemur harenae*.

<sup>357</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, II, v. 104.

83

E não cuides, ó Rei, que não saísse  
o nosso Capitão esclarecido  
a ver-te, ou a servir-te, porque visse  
ou suspeitasse em ti peito fingido.  
Mas saberás que o fez porque compreisse  
o regimento em tudo obedecido  
de seu Rei, que lhe manda que não saia  
deixando a frota em nenhum porto ou praia.

Nem tenhais pera vós que temor ou recção detém o nosso sublime capitão a ver-vos e a servir-vos, temendo-se de algum dano que por tua causa lhe venha. Não o fez por outra cousa mais que por guardar o mandamento de seu Rei, o qual lhe proíbe sair em porto algum em terra deixando só a frota que à sua conta levava.

84

E pois é dos<sup>358</sup> vassallos o exercício  
que os membros tem regidos da cabeça,  
não quererás, pois tens de Rei o ofício,  
que ninguém a seu Rei desobedeça. (177)//  
Mas as mercês, e<sup>359</sup> grande benefício  
que ora acha em ti promete que conheça  
em tudo<sup>1</sup> aquilo que ele e os seus puderem,  
enquanto os rios pera o Mar correrem.

E porque é obrigação dos bons vassallos guardar o regimento do Rei de quem são regidos como membros da cabeça, obrigação tendes vós enquanto Rei de conservar esta Lei nem permitir que alguém passe e quebrante os mandados de seu Rei. E estai certo que este agasalhado, e mercê que agora nos fazeis, ele e todos os Portugueses a saberão agradecer e servir<sup>II</sup> enquanto o mar em si receber os correntes Rios.

Virgil. Mas as mercês e grande benefício *ect.*  
*Officio nec te certasse priorem*  
*paeniteat.*<sup>360</sup>

Virgil. 1.º

---

<sup>1</sup> No ms., terá começado a ser, por lapso, copiado o começo do verso seguinte: «emq». Esta última consoante, porém, foi rasurada e em parte coberta com a nova letra, lendo-se: «emtudo»...

<sup>II</sup> No ms., parece ter sido rasurada a expressão «algũ ora».

---

<sup>358</sup> Em 1572, bem como em todas as edições até 1631: «E porque é de vassallos»...

<sup>359</sup> Em 1572, bem como em todas as edições até 1631: «as mercês, e o grande»...

<sup>360</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, vv. 548-549.

1.º Aen. Virg. Enquanto os Rios ect.  
*In freta<sup>1</sup> dum fluvij current ect.*<sup>361</sup>

Termo e modo de falar poético é este pera encarecer a duração de qualquer cousa.

Ângelo Policiano  
*Praevia Luciferis aderit dum curribus Eos.*<sup>362</sup>

Sílio Itálico l. 6  
*Dum caeli sedem terrasque tenebit  
casta fides, dum virtutis venerabile nomen  
vivet.*<sup>363</sup> (177v)II

85  
Assi dezia<sup>364</sup>, e todos juntamente  
uns c'os<sup>365</sup> outros em práticas<sup>366</sup> falando  
louvavam muito o estâmago da gente  
que tantos Céus e mares vai passando.  
E o Rei ilustre o peito obediente  
dos Portugueses, na alma imaginando,  
tinha por valor grande, e mui subido,  
o de<sup>367</sup> Rei que é tão longe obedecido.

Aqui deu fim o mensageiro a sua prática, os que se acharam a ela presente praticando entre si engrandeciam muito o ânimo dos homens, que se punham a tão comprido caminho, de tão vários climas, e mares diferentes. O Rei somente imaginava na grande obediência dos Portugueses, e isto na alma o tinha fixo, tendo pera si que era excelência grande a de um<sup>II</sup> Rei que em terras tão apartadas tinha vassallos tão obedientes a seus preceitos e mandamentos.

---

<sup>1</sup> No ms., as letras centrais de «freta» estão cobertas por um borrão; sobre a mancha, em entrelinha, foi acrescentado um «e», como que a confirmar a palavra.

<sup>II</sup> No ms., há sinais de hesitação ou emenda neste passo, cuja leitura se torna por isso difícil. A forma «hū» está ligada a um caracter ininteligível.

---

<sup>361</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, v. 607.

<sup>362</sup> D. Marcos recorreu decerto à *Officina* de Ravisius Textor, no capítulo *Descriptio Longi Temporis, qua diu aliquid futurum significamus*. Aí se encontra um excerto de *Politianus*, do qual faz parte o verso citado (1560, I, p. 446).

<sup>363</sup> Também estes versos, atribuídos a *Syllius lib. 6*, integram, na *Officina* de Ravisius Textor, o capítulo *Descriptio Longi Temporis, qua diu aliquid futurum significamus* (1560, I, p. 446).

<sup>364</sup> Em 1572, bem como em todas as edições até 1631: «Assi dizia»...

<sup>365</sup> Em 1572, bem como em todas as edições até 1631: «Uns com outros»...

<sup>366</sup> Em 1572, 1597, 1609, 1612, 1626, 1631: «prática». Em 1584, 1591, 1613: «práticas».

<sup>367</sup> Em 1572, bem como em todas as edições até 1631: «O do Rei»...

Assi dizia *ect.*

O entendimento de cada um termina-se naquilo que diz mais com seu estado e condição, reparam os grandes de Melinde no atrevimento e ousadia dos Portugueses que não temeram os perigos de tão comprido mar. O Rei reparou na obediência dos vassallos e na felicidade do Rei que assi era obedecido<sup>I</sup>. Quando Afonso de Albuquerque mandou um embaxador ao Ismael Sufi, mandou-lhe um presente de várias peças ricas como pera tal pessoa, e entre elas ãs finíssimas armas. (178)// Apresentado o presente, cada um olhava a peça que mais lhe contentava. Diz meu natural e vizinho Tenreiro<sup>368</sup> que o Sufi nunca tirou os olhos das armas, não fazendo caso das outras peças, aquela só lhe levava os olhos, porque como dissemos cada um faz seu emprego naquilo de que mais gosta.

Antônio  
Tenreiro no seu  
*Itinerário*

86

E com risonha vista, e ledó aspeito,  
responde ao Embaxador<sup>369</sup>, que tanto estima:  
toda a suspeita má<sup>II</sup> tirai do peito,  
nenhum frio temor em vós se imprima.  
Que vosso preço e obras são de jeito  
pera vos ter o mundo em muita estima,  
e quem vos fez molesto tratamento  
não pode ter subido pensamento.

E com o gesto alegre, e boca chëa de riso, responde ao mensageiro que tanto lhe agrada: «Tirai, portugueses, de vós todo o género de suspeita que de nós podereis<sup>III</sup> ter, não haja recëo algum que vos perturbe, porque dignos sois e merece-

---

<sup>I</sup> No ms.: «assi ~~he~~obedecião/~~era~~obedecido.»

<sup>II</sup> No ms.: «sospeita má ~~sospeita~~ tiray»...

<sup>III</sup> No ms., o verbo está grafado «podereis», permitindo duas hipóteses de transcrição: «podereis», «pudéreis».

---

<sup>368</sup> No capítulo XVII do *Itinerario*, Antônio Tenreiro descreve o presente enviado ao Sufi pelo rei de Ormuz e pelo governador D. Duarte de Meneses. Respectivamente: «muitas peças de beatilha de Bengala, muito finas, jarras de gengibri de conserva, um pedaço d'ambre tamanho como a cabeça de um homem, alguns anéis de ricos rubis e diamantes, ãa porcelana grande enlada do tamanho de ãa roda de carro»; «ãa baixela de prata de bastiães muito dourada [...], ãa sela cinta, com estribearas, e caixa, e peitoral de filagrana muito dourado; duas peças de coxins de seda, e as cortinas e comprimento pera um leito de seda feito à Portuguesa, e um corpo inteiro de armas brancas muito ricas.» (1565, f. 33v). A atenção do rei persa, porém, desvia-se destas oferendas. Tenreiro escreve: «pera nenhũa daquelas peças olhou o Sufi, nem mostrou fazer conta delas, somente pera as armas em que eu ia armado. E por mostrar quanto folgava de as ver me fez deter, e esteve falando comigo e me tirou ãa manópola, e a meteu na sua mão, e logo chamou um seu privado e o fez armar nelas, e lhe disse: Tu irás assi comigo, esta jornada?» (f. 34).

<sup>369</sup> Em 1572, bem como em todas as edições até 1631: «Embaixador».

dores por vossas valerosas obras de ser estimados de todos, e quem quer que vos agravou, não deve ser pessoa calificada, nem de pensamentos nobres.»

Nenhum frio temor em vós se imprima.

Virg. 1.º *Aen.*

Virg. 1.º *Solvite corda metu Teucrici, secludite curas.*<sup>370</sup>  
Com risonha<sup>1</sup> vista *ect.*

texto

Pera mostrar o bom despacho que queria dar à sua petição, antes de a pronunciar se mostra alegre, conforme àquilo (178v)// de Horácio, *vultum verba decent*<sup>371</sup>, e com alegre semblante começa a lhe responder pera os consolar, porque como diz João de Barros, consolação é aos tristes a facilidade com que os recebem na primeira entrada de seu requerimento.<sup>372</sup>

Barros, *Déc.* 1.ª,  
l. 3, c. 6, f. 47

87

De não sair em terra toda a gente,  
por observar a usada preminência,  
ainda que me pese estranhamente  
em muito tenho a muita obediência.  
Mas se lho o regimento não consente,  
nem eu consentirei que a excelência  
de peitos tão leais em si desfaça  
só porque a meu desejo satisfaça.

E ainda que por ãa parte me pese de os soldados e Capitães não poderem sair em terra por guardar o costumado preceito; por outra estimo em muito tão pontual obediência. E se o seu regimento lho não primite, nem eu consentirei que por satisfazer ao gosto que tenho de os ver percam eles um ponto de sua lealdade e estranha obediência.

88

Porém como a luz crástina chegada  
ao mundo for, em minhas almadias

---

<sup>1</sup> No ms.: «rimsonha»...

<sup>370</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, v. 562. Na edição de referência: *solvite corde metum*...

<sup>371</sup> Quintus Horatius Flaccus, *De Arte Poetica*, v. 106. Na edição de referência: *vultum verba decent*.

<sup>372</sup> *Decada Primeira da Asia*, 1628, III, VI, f. 47v. A frase citada, quase *ipsis verbis*, por D. Marcos (no texto de Barros lê-se «grande consolação»...), insere-se no capítulo que trata «Como um Príncipe das partes de Guiné chamado Bemoii veio a este Reino, por causa de ãa guerra que teve, em que perdeu seu estado: e como el Rei por o grande conhecimento que tinha dele, o recebeu fazendo-lhe muita honra.»

eu irei visitar a forte armada  
que ver tanto desejo há tantos dias.  
E se vier do mar desbaratada  
do furioso vento, e longas vias, (179)//  
aqui terá de limpos pensamentos  
Piloto, munições e mantimentos.

Mas tanto que passar este dia, e o de amanhã esclarecer no Mundo, eu em pessoa irei ver essa armada, e a valerosa gente que nela vem, porque há dias que o desejo fazer. E se acaso vier<sup>1</sup> maltratada, assi das compridas navegações do mar, como dos ventos e tempestades que nele há de contino, neste porto meu achará todo o bom corregimento, e piloto verdadeiro e sem falsidade não faltará, nem munições e mantimentos, e mais provisão dela.

Virg.: *Auxilio tutos dimittam, opibus que iuvabo.*<sup>373</sup>

1.º *Aen.*

A luz crástina. O dia de amenhã.

Virg.: *Crastina lux mea si non irrita dicta putaris.*<sup>374</sup>

V., X *Aenead.*

89<sup>II</sup>

Isto disse, e nas águas se escondia  
o filho de Latona, e o mensageiro  
co a embaxada<sup>375</sup> alegre se partia  
pera a frota no seu batel ligeiro.  
Enchem-se os peitos todos de alegria  
por terem o remédio verdadeiro  
pera acharem a terra que buscavam,  
e assi ledos a noite festejavam.

Latona de um parto pariu a Apolo e Diana. Apolo é o Sol.

Com estas palavras pôs fim o Rei à reposta que man(179v)//dava ao Capitão Português; e o mensageiro dela metido no seu batel bem equipado chegou a bordo a tempo que o Sol se punha. Espalhadas pela armada as novas que trouxera tão boas, e tão desejadas, passaram aquela noite alegres e contentes, pois viam presente o remédio de seus trabalhos.

<sup>1</sup> No ms.: «se acaso vier ~~desbaratada~~ maltratada»...

<sup>II</sup> No ms., logo a seguir à numeração da estrofe, há um verso inteiramente rasurado: «~~Isto disse e o filho de Latona~~».

<sup>373</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, v. 571. Na edição de referência: *opibusque*.

<sup>374</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, X, v. 244. Na edição de referência: *crastina lux, mea si non irrita...*

<sup>375</sup> Em 1572, 1597, 1609, 1612, 1626, 1631: «embaixada». Em 1584, 1591, 1613: «embaxada».

Não faltam ali os raios de artifício,<sup>376</sup>  
 os trémulos cometas imitando,  
 fazem os Bombardeiros seu ofício,  
 o Céu, a terra, e as ondas atroando.  
 Mostra-se dos Ciclopas o exercício  
 nas bombas que de fogo estão queimando,  
 outros com vozes com que o Céu feriam  
 instrumentos altíssimos tangiam.

Lançaram-se muitos foguetes, os quais tem semelhança com os cometas, os bombardeiros dando fogo à artilharia atroavam os ares, as terras e os mares, mostrando mais suas habilidades nas bombas de fogo que ardiam, outros tocando instrumentos sonorosos, com as vozes deles rompiam os ares.

#### Os trémulos cometas.

Com mui linda propriedade compara os foguetes com os cometas caudais, cuja natureza, se bem atentamos, é mui semelhante à dos foguetes. São estes como sabemos, uns canudos de cana cheos de pólvora com ãa vara atada que os leva direitos por esses ares acesos do fogo que arde na pólvora, (180)// a qual como se acaba, acaba-se o foguete, assi os cometas são ãas exalações que da terra se levantam, e acendendo-se na terceira região do ar resplandecem, indo andando por ele até que a matéria de que era feito se gasta, e desaparece o cometa. Somente tem esta diferença, que os foguetes foram inventados pera sinal de festa e alegria, e os cometas trazem consigo tristes agouros. Mas porque nesta obra de Camões não temos outro lugar onde se trate de cometas, daremos deles aqui ãa breve relação.

Quando da terra sobe muta cópia de exalações crassas e viscosas, chegando à terceira região do ar, que é muito quente pela vizinhança da esfera do fogo, se inflamam, e aparece<sup>I</sup> no ar um corpo luminoso semelhante a estrela. Se estas exalações são poucas, assi como se acendem vão correndo como um arrebatado foguete e acabam logo, e isto vemos muitas vezes nas noites do verão. Porém sendo a matéria grossa, dura muito tempo, e a isto chamam Cometa, e tem a figura conforme a matéria de que foi feito; e também conforme às muitas ou poucas exalações que da terra sobem a<sup>II</sup> ele, e o sustentam, dura ou mais ou menos, às vezes um mês, e já aconteceu durar seis, como a candea tanto dura acesa quanto o azeite de que se sustenta. Os cometas pela maior parte sinificam cousas adversas, e tristes, como ventos fortes, tempestades, terremotos, esterilidade, fome, peste,

<sup>I</sup> No ms.: «aparecem».

<sup>II</sup> No ms.: «sobem p<sup>a</sup> \*\* a \*\* elle»...

<sup>376</sup> Em 1572, 1597, 1612, 1626, 1631: «artefício». Em 1584, 1591, 1609, 1613: «artificio».

morte de príncipes. A razão natural de todas estas cousas é esta. Quando aparecem cometas é sinal de muita abundância de exalações, das quais se fazem muitos e grandes ventos, e estes causam tempestades no mar. E das exa(180v)//lações que estão escondidas na terra se geram os terremotos, porque o ar encerrado nas entranhas da terra se não acha lugar por onde sair rompe com estrondo e sai fora como na espingarda ou tiro se vê quando lhe põe o fogo. E porque no tempo de tantas exalações há muita quentura e secura, que repugnam à chuva, falta ela, e em faltando segue-se fome. Os homens com fome deitam-se a furtrar, eis roubos, mortes. Esta mesma secura e calor demasiado acende a cólera, e os homens assi dispostos estão prontos a ira, e a vinganças e guerras<sup>1</sup>. E finalmente quando estas exalações sobem ao ar o corrompem, eis pestes e doenças contagiosas. E porquanto os príncipes são pessoas delicadas, e não grosseiras e fortes, este ar de que eles não podem fugir facilmente os corrompe e mata. Ou como diz Alberto Magno, porque morrem os grandes como os pequenos, e a morte dos pequenos não se faz dela caso, e a do Rei ou príncipe de todos é notada.<sup>377</sup>

Mostra-se dos Ciclopas o exercício.

Compara os bombardeiros aos Ciclopas com muita propriedade, porque assi andam eles enfarruscados como os Ciclopas nas tendas de Vulcano, cujos obreiros eram. *Vide Virgil. 8. Aenead. sub finem.*<sup>378</sup>

Virg. 8

91  
 Respondem-lhe da terra juntamente  
 c'ò raio volteando, com zunido  
 anda em giros no ar a roda ardente,  
 estoura o pó sulfúreo escondido,  
 a grita se levanta<sup>379</sup> ao Céu, da gente,

<sup>1</sup> No ms.: «avinganças \*eguerras\*»...

<sup>377</sup> D. Marcos apoia-se na lição dos Conimbricenses, cujo comentário *In Libros Meteororum* sublinhava que a origem dos cometas se encontraria em exalações terrestres, às quais se associavam fenómenos como ventos, tempestades, secas, esterilidade, terremotos, doenças e até – na opinião do vulgo – mortes de reis. Em particular, no *Tractatus III, caput V*, encontra-se a referência a Alberto Magno que D. Marcos parafraseia: *Nam quod aiunt reges delicatius viuere & humores subtiliores habere, ideoque eos aeris intemperie facilius à sanitate deiici, friuolum est: cum plerique infantes, ac multi in omni etate nullius notæ homines, regibus delicatiores sint: quibus tamen cometæ nec mortem afferunt, nec denuntiant. Sed nimirum quia potentum magis, quam vulgarium hominum interitus notari solet, ideo mortem regum ab ijs prædici creditum est, ut M. Alb. lib. 1, tract. 3, cap. 11 animaduertit.* (*Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesv. In Libros Meteororum Aristotelis Stagiritæ*, 1593, p. 31).

<sup>378</sup> V. Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, VIII, vv. 416-432. Aí se encontra a descrição da morada de Vulcano, imenso antro onde trabalham, entre outras figuras, ciclopes, forjando o metal pelo poder do fogo e pela força dos golpes que desferem sobre as bigornas do deus ferreiro.

<sup>379</sup> Em 1572, 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1626, 1631: «alevanta». Em 1613, «levanta».

o mar se via em fogos acendido, (181)//  
e não menos a terra, que<sup>380</sup> assi festeja  
um ao outro à maneira de peleja.

Os Melindanos quiseram da terra também festejar aos nossos, com rodas de fogo que em voltas andavam, dando seus estouros a pólvora escondida. Festejava a gente com gritas, e vozes, o mar estava alumiado com o resplandor, e assi os do mar como os da terra se festejavam em som de guerra.

92  
Mas já o Céu inquieto revolvendo  
as gentes incitava a seu trabalho,  
e já a mãe de Ménon a luz trazendo  
ao sono longo punha certo atalho.  
Iam-se as sombras lentas desfazendo  
sobre as flores da terra em frio orvalho  
quando o Rei Melindano<sup>381</sup> se embarcava  
a ver a frota que no mar estava.

Já o Céu<sup>I</sup> que não descansa com seu movimento circular trazia o dia<sup>II</sup>, e com ele tornavam os homens a seu costumado exercício, e a Aurora com sua luz espertava os que o comprido sono ainda detinha; as nocturnas sombras desfeitas em fresco<sup>III</sup> orvalho matizavam as flores, quando El Rei de Melinde se embarcava pera ir ver a frota dos Portugueses.

Mas já o Céu inquieto *ect.*

Descreve o tempo em que o Rei de Melinde veio ver a nossa armada; e diz que era pela manhã, quando o sol (181v)// aparecia no Oriente. Note-se em todas as descrições de Camões, sejam de noite ou de manhã, que sempre usa de sentenças e palavras diferentes. Diz agora que o Céu inquieto trazia o dia, e incitava os homens ao trabalho, termo mui usado dos poetas. E assi Estácio chamou ao carro do Sol laborífero, que quer dizer, cousa que traz trabalho:

Stac. l. 3

*Clara laboriferos Coelo Titania Currus  
extulerat.*<sup>382</sup>

<sup>I</sup> No ms.: «Ja o Sol/Ceo»...

<sup>II</sup> No ms.: odia, espertando do sono aos q̄ dormião. E a Aurora e com elle»...

<sup>III</sup> No ms.: «sombras desfeitas em \*fresco\* orvalho»...

<sup>380</sup> Em 1572, como em todas as edições até 1631: «e assi festeja».

<sup>381</sup> Em 1572, 1584, 1597, 1609, 1612, 1626, 1631: «Milindano». Em 1591 e 1613: «Melindano».

<sup>382</sup> D. Marcos ter-se-á apoiado na *Officina* de Ravisius Textor, onde este mesmo passo surge no capítulo *Descriptio Ortus Diei*, integrando uma sequência de citações da *Tebaida*. Na *Officina*, o

Ovídio usou deste termo: *Iamque pruinosos molitur Lucifer axes  
Inq̄ suum miseris excitat ales opus.*<sup>383</sup>

Ovid., 1 *El.*

E já a Mãe de Ménon a luz trazendo  
Ao sono longo punha certo atalho.

texto

Ménon ou Mémnon foi um Capitão Etíope que por mandado del Rei Tautanes veio ajudar a el Rei Príamo contra os Gregos. Virg.: *Et nigri Memnonis arma*<sup>384</sup>. Este, por ser natural das terras Orientais, lhe alevantaram que era filho da Aurora, e assi o mesmo é dizer, mãe de Ménon como Aurora. Esta diz o nosso Poeta que com sua luz desperta os que dormem. Sílio Itálico: *Pellebat somnos Tithoni<sup>1</sup> rosida Coniux*<sup>385</sup>. Diz mais que a Aurora desfazia as sombras da noite em frio orvalho. Estácio:

1.º *Aenead.*

*Impulerat coelo gelidas Aurora tenebras  
Rorantes excussa comas.*<sup>386</sup>

1. 2 *Theb.*

E noutro lugar diz com sua costumada elegância<sup>II</sup> que os cavalos do Sol vi-nham do Oceano orvalhados, e sacudiam ao nacer do dia o orvalho na terra:

*Iam premit astra dies humilis que ex aequore Titan  
Rorantes<sup>III</sup> evoluit equos, et ab aethere magno (182)//  
Sublatum curru pelagus cadit. ect.*<sup>387</sup>

1. 2 *Achill.*

93  
Viam-se derredor<sup>388</sup> ferver as praias  
da gente que a ver só concorre leda,  
luzem da fina púrpura as cabaias,  
lustram os panos da tecida seda.

---

<sup>I</sup> No ms.: «††Tithoni»...

<sup>II</sup> No ms.: «dis comsuacostumada elegancia dis que»...

<sup>III</sup> No ms.: «Rorantes ~~exso~~ evoluit»...

---

excerto é identificado como parte do *lib. 6* da obra de Estácio (1560, I, pp. 456-457). No ms., não é inteiramente claro se o algarismo desenhado é um «3».

<sup>383</sup> Também este passo, identificado como parte do *lib. I. Eleg.* de Ovídio, surge na *Officina* de Ravisius Textor, no capítulo *Descriptio Ortus Diei* (1560, I, p. 456).

<sup>384</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, v. 489.

<sup>385</sup> O mesmo passo, também integrado no capítulo *Descriptio Ortus Diei*, encontra-se, atribuído a *Syllius lib. 1*, na *Officina* de Ravisius Textor (1560, I, p. 457).

<sup>386</sup> Também este passo, identificado como parte de *Stadius lib. 2 Theb.*, se encontra na *Officina* de Ravisius Textor, no capítulo *Descriptio Ortus Diei* (1560, I, p. 456).

<sup>387</sup> O mesmo passo, também integrado no capítulo *Descriptio Ortus Diei* e no seguimento da anterior citação de Estácio, encontra-se na *Officina* de Ravisius Textor (1560, I, p. 457).

<sup>388</sup> Em 1572, como em todas as edições até 1631: «Viam-se em derredor»...

Em lugar de guerreiras azagaias  
e do arco que os cornos arremeda  
da lũa, trazem ramos de palmeira,  
dos que vencem coroa verdadeira.

Os que na nau estavam viam o rebuliço da gente que se chegava pera ver aquele sucesso com alegria, as cabaias de grã, e os panos de seda de cor de longe se faziam mui vistosos. Em lugar de belígeras partazanas e de frechas e arcos semelhantes à lũa quando é nova, traziam ramos de palma, própria insígnia dos vencedores.

Luzem de fina púrpura as cabaias.

A cor vermelha de dia, e a branca de noite, deixam-se melhor devisar, por isso é conselho de experimentados, fugir na guerra de trajes vermelhos, a que se faz pontaria de longe. Quando atrás falámos do múrice, passámos em silêncio por este vocábulo, contentando-nos com a declaração do sinónimo, que por múrice pôs púrpura. Agora é bem que declaremos ã e outra. Conta um autor Italiano moderno cha(182v)//mado o Cavaleiro Marino<sup>389</sup> que o múrice se achou acaso, e foi assi. Um Pastor tinha um mastim que lhe guardava o seu gado, este cão tendo um dia grande fome andava pela praia do mar de Tiro buscando que comer, e metendo-se na água tirou co as unhas um pescado semelhante a ostra, e trazendo-a a terra lhe comeu a carne que tinha dentro, e ficaram-lhe os beiços untados ou tingidos do sangue do marisco. Veio seu amo que o buscava, achou-o a comer e levou-o consigo, e advertiu que aquele sangue de tal maneira tingira as barbas ò cão que com nenhũa água se lhe tirava, antes de cada vez se fazia mais fermosa a cor. Correu aquilo, fez-se experiência e achou-se que o pano tingido com o sangue daquele pexe<sup>II</sup> tinha ã cor excelentíssima, e tão prezada veio a ser que era vestido

Diceria di  
pitura

<sup>I</sup> No ms.: «aõs lũa»...

<sup>II</sup> No ms.: «daquelle pexe ~~dava~~ tinha»...

<sup>389</sup> Em *La Pittura. Parte Seconda* (incluída nas *Dicerie Sacre* – 1.<sup>a</sup> ed.: 1614), Giambattista Marino detém-se a narrar a história da descoberta da púrpura: *Strana raccontasi essere stata l'origine della Porpora, & strana l'auventura con cui fù ritrouata. Mentre lungo il lido di Tiro vn Mastino tratto dall'auidità della fame ricercaua quinci & quindi di qualche cibo, il caso lo spinse là doue era la cocchiglia della Murice; onde spezzato il guscio con le zanne, & masticatolo con le fauci, al suo Pastore ritornò col muso tinto del rosso di cotal fiore; il quale pensando che sangue fusse il colore, & ferita la tintura, subitamente v'accorse; & veggendo per entro l'acque rossegiare un porporino thesoro, & in sù la riuu distillare quasi vna liquida fiamma, spiatì i secreti dell'Ostriga, venne di questo regio licore in notitia. Indi, sicome è costume degli huomini, che sogliono dalle occasioni repentine & impensate essere scorti alle inuentioni delle cose, entrò l'ambitione de' Prencipi in uso d'aggiugnere con questa marittima delitia alla pompa delle lor uesti nobile & riguardeuole ornamento. Il corpo del nostro Redentore dirò io che fusse vna gentilissima Conca; Conca creata dentro il ventre di Maria, più del Mare istesso di gratie ricco & capace.* (*Dicerie Sacre del Cavalier Marino*, 1618, fls. 66v-67).

real, e ninguém dele usava senão os Reis, e imperadores, e ao pano tingido com este sangue do múrice chamavam púrpura, em hebraico *argaman*. Nas Sagradas Letras também se chama vestido real: *Comae capitis tui sicut purpura Regis*<sup>390</sup>. *Dallat rosech ca argaman melech*.

— trazem ramos de palmeira,  
Dos que vencem coroa verdadeira.

É a palma insígnia da vitória, como advirte o Sepontino<sup>391</sup>, porque não se acanha com os pesos que lhe põe, antes contra eles se estriba.

94  
Um batel grande e largo, que toldado  
vinha de sedas de diversas cores,  
traz o Rei de Melinde acompanhado  
de nobres de seu Reino, e de senhores.  
Vem de ricos vestidos adornado  
segundo seus costumes e primores, (183)//  
na cabeça ãa fota guarnecida  
de ouro e de seda e de algodão tecida.

Vinha o Rei de Melinde em um batel grande e capaz toldado de sedas de várias cores; pera mais galantaria vinham com ele os grandes de seu reino todos ricamente vestidos. O Rei mui galante e bem ataviado de reais vestiduras segundo o costume e polícia da terra, na cabeça ãa touca foteada com cadilhos de ouro e seda e algodão tecidos.

95  
Cabaia de damasco rico, e dino  
da tíria cor, entre eles estimada,  
um colar ao pescoço de ouro fino,  
onde a matéria da obra é superada.  
Cum resplendor reluze adamantino

Virg., 5 *Ae.*: *it pectore summo/ flexilis obtorti per colum circulus auri*<sup>397</sup>

---

<sup>390</sup> Canticum Canticorum 7, 5. O fragmento faz parte da composição do retrato da amada. Neste versículo, em particular, destaca-se a perfeição da cabeça e dos cabelos, comparados a púrpura: *caput tuum ut Carmelus et comae capitis tui sicut purpura regis vincta canalibus*.

<sup>391</sup> *Cornucopie D. Nicolai Perotti*, 1543?, f. 230, col. 1, l. 2-9: *Item palma victoria, quam apud veteres i certaminibus victoriae signum palma erat. Quod ideo institutum constat quem ingenium huius ligni est vt vrgentibus prementibus non cedat. Namque vt scribit aristoteles si super palmae arboris lignum magna pondera imponant et adeo vrgeant: onerentque ligno vt magnitudo oneris sustineri non possit: non dersum palma caedit; vt caetere arbores faciunt: sed aduersus pondus surgit et sursum nititur; recuruatque vt pondus riciat [...]*.

<sup>392</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, V, vv. 558-559. Na edição de referência: *it pectore summo/ flexilis obtorti per collum circulus auri*.

na cinta a rica adaga, bem lavrada,  
nas alparcas dos pés, enfim em<sup>1</sup> tudo<sup>393</sup>  
cobrem ouro e aljôfar ao veludo.

Vestida trazia ãa cabaia de riquíssimo damasco como pera quem era, de cor de cramesim, que naquelas partes se estima. Ao pescoço trazia um colar de fino ouro, cujo feitio e lavor valia mais que a matéria dele. Na cinta ãa adaga de grande preço, que reluzia com os diamantes que trazia. As alparcas de veludo por remate de tudo eram cobertas de ouro e pérolas.

A tíria cor. A cor do múrice de Tiro, que é a púrpura.

Ovi., 2 Met. A matéria da obra é superada. Ovid.: *Materiam superabat opus*.<sup>394</sup>

96

Com um redondo emparo alto de seda  
nãa alta, e dourada hástea enxerido, (183v)//  
um ministro à solar quentura veda  
que não ofenda, e queime ao<sup>395</sup> Rei subido:  
música traz na proa, estranha e leda,  
de áspero som horrissono ao ouvido,  
de trombetas arcadas em redondo  
que sem concerto fazem rudo estrondo.

Diz Damião  
de Góis que  
estes ministréis  
de Melinde  
tangiam mui  
suavemente.<sup>396</sup>

Um pajem ia junto ao Rei, que lhe tomava o Sol com alto e redondo esparável de seda enxerido em ãa hástea comprida e dourada, em lugar de música trazia na proa uns ministréis que tocavam sem concerto algum ãas trombetas arcadas, com as quais faziam um bárbaro estrondo pouco agradável às orelhas dos nossos.

97

Não menos guarnecido o Lusitano  
nos seus batéis da frota se partia  
a receber no mar o Milindano<sup>397</sup>

---

<sup>1</sup> No ms.: «enfim dem tudo»... A rasura efectuada sugere um propósito de corrigir o texto camoniano. Na verdade, a versão *princeps* diz «de tudo»; D. Marcos, que parece começar por seguir esta lição, acaba por rasurar o «d», e opta por escrever «em tudo».

---

<sup>393</sup> Em 1572, 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1613, 1626, 1631: «de tudo».

<sup>394</sup> Publius Ovidius Naso, *Metamorphoses*, II, v. 5.

<sup>395</sup> Em 1572, como em todas as edições até 1631: «o Rei subido».

<sup>396</sup> Segundo Damião de Góis, o Príncipe de Melinde visitou a nau do Gama. Na almadia que o transportava, «vinham homens que tangiam anafis e buzinas de marfim, tão concertado que parecia mais música doutros instrumentos que daqueles bárbaros.» (*Chronica do Felicissimo Rei Dom Emanuel*, 1566, I, XXXVIII, f. 33v).

<sup>397</sup> Em 1572, 1584, 1597, 1612, 1613, 1626, 1631: «Melindano». Em 1591 e em 1609, decerto por gralha, «Melendino», «Melindono» (respectivamente).

com lustrosa, e honrada companhia.  
Vestido o Gama vem ao modo hispano  
mas francesa era a roupa que vestia,  
de cetim da Adriática Veneza,  
cramesi cor que a gente tanto preza.

Nisto partiu Vasco da Gama da armada em seus batéis bem equipados pera receber ao Rei de Melinde, vinha o Gama vestindo à espanhola, com roupa francesa de cetim de Veneza, cramesim, cor<sup>I</sup> que aos homens muito contenta, acompanhado das mais lustrosas pessoas que na armada vinham.

Ádria é o mar de Veneza. (184)//

98  
De botões de ouro<sup>398</sup> as mangas vem tomadas,  
onde o sol reluzindo a vista cega,  
as calças soldadescas recamadas  
do metal que fortuna a tantos nega.  
E com pontas do mesmo delicadas  
os golpes do gibão ajunta e chega:<sup>399</sup>  
ao itálico modo a áurea espada,  
pruma na gorra, um pouco reclinada.<sup>400</sup>

Eram os botões do vestido todos de ouro, tão polidos<sup>II</sup> que o Sol neles reverberava. As calças à soldadesca recamadas também de ouro, os golpes do gibão também com sutis pontas de ouro<sup>III</sup> eram tomados. A espada de guarnições de ouro, à Italiana, penacho na gorra, algum tanto embicada.

99  
Nos de sua companhia<sup>401</sup> se mostrava  
da tinta que dá o múrice excelente,  
a vária cor que os olhos alegrava  
e a maneira do traje<sup>402</sup> diferente.

---

<sup>I</sup> No ms.: «com/r»...

<sup>II</sup> No ms.: «polido\*s\*»...

<sup>III</sup> No ms.: «com sutis pontas de ouro tam erão tomados.»

---

<sup>398</sup> Em 1572, como em todas as edições até 1631: «d'ouro».

<sup>399</sup> Em 1572, como em todas as edições até 1631: «achega».

<sup>400</sup> Em 1572, 1584, 1591 e 1609: «diclinada». Em 1597, 1612, 1613, 1626, 1631: «declinada».

<sup>401</sup> Em 1572, como em todas as edições até 1631: «companhia».

<sup>402</sup> Em 1572, como em todas as edições até 1631: «trajo».

Tal o fremoso<sup>403</sup> esmalte se notava  
dos vestidos olhados juntamente,  
qual aparece o arco rutilante  
da bela Ninfa filha de Taumante.

Os que acompanhavam a Vasco da Gama vinham vestidos de vermelho, e outras cores alegres, e aquela variedade de vestidos (184v)// olhados juntamente representavam a cor do arco celeste, que as fábulas dizem ser Íris filha de Taumante, mensageira de Juno.

Tal o fermoso esmalte.

Falando segundo a propriedade da língua portuguesa, esmalte é a cor que por galantaria se põe sobre o ouro e prata pera realçar mais estes metais; esta cor posta sobre o ferro se chama apavonado, sobre pau estofo, sobre latão tauxia, sobre couro atamarado.

Da bela Ninfa filha de Taumante.

O Arco-da-velha, chamado assi, como diz Frei Heitor Pinto nos seus diálogos<sup>404</sup>, porque foi dado em sinal de paz na Lei velha quando Deus fez o segundo concerto com os homens, é a mais bela cousa que nos meteoros se vê. E assi diz o Eclesiástico<sup>406</sup>: olha pera o arco e louva a quem o fez. Ferosíssimo é ele em sua beleza, *ect.* E se nós não fôramos tão costumados a vê-lo, nos espantáramos

Arist. in  
*Metheo.*<sup>405</sup>

Eccles. c. 3

---

<sup>403</sup> Em 1572, como em todas as edições até 1631: «fermoso».

<sup>404</sup> No capítulo VIII do Diálogo «Da Tribulação» (*Imagem da Vida Christam*, 1.<sup>a</sup> ed.: 1563), Frei Heitor Pinto escreveu: «Acabado o dilúvio universal no tempo de Noé, a que depois segundo alguns dizem, os gentios chamaram Jano, como o afirma Beroso Caldeu, prometeu Deus que não haveria mais outro dilúvio universal, e que lhe dava em sinal daquele pacto e amizade o arco do céu, que ele poria nas nuvens em penhor e lembrança de sua misericórdia. Na sagrada Escritura muitas vezes pelas águas se entendem as tribulações, e as nuvens prenhes de água são os perigos, que nos ameaçam com elas. Mas no meo delas mostra Deus sua misericórdia: o arco celeste é a misericórdia, que resplandece nas nuvens, a que cá comumente chamamos arco das velhas, que quer dizer arco em que falam as velhas Escrituras.» (*Imagem da Vida Christam*, 1592, f. 148v).

<sup>405</sup> D. Marcos retira decerto dos *Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesu. In Libros Meteororum Aristotelis Stagiritæ (Tractatus Quintus. De Iride, Sive Arco Cœlesti)* matéria que neste passo aplica: *Meteora omnia pulchritudine vincit iris, quæ conspicui arcus inflexione, & tot colorum pictura omnium in se oculos conuertit. Vnde illud Ecclesiastici cap. 3, vide arcum, & benedic eum, qui fecit illum [Ecclesiasticus]. Valde speciosus est in decore suo, gyravit cœlum in circuitu gloriæ suæ. Manus excelsi apperuerunt illum. Hinc etiam Plato in Theæteto iridem, Thaumantis [Plato] filiam propter admirationem dictam censuit. Sed de illius ortus & natura diuersæ sunt philosophorum sententiæ, quas videre est apud Plutarchum libr. 3 de placitis, cap. 5, M. Albertum libr. 3, tractat. 4, cap. 8 & 26, Picum Mirandulam libr. 1 de examine vanitatis capite 12.* (1593, p. 43).

<sup>406</sup> Liber Iesu Filii Sirach, 43, 12-13. Num discurso de exaltação das maravilhas celestes – glorificadas enquanto obra de Deus – lê-se: *vide arcum et benedic qui fecit illum/ valde speciosus est in splendore suo/ gyravit caelum in circuitu gloriæ suae/ manus Excelsi aperuerunt illum.*

muito em o vendo, donde Platão teve pera si que os antigos Poetas lhe chamaram Íris filha de Taumante, que quer dizer admiração, e espanto. Disseram os poetas também<sup>1</sup> que era mensageira de Juno. *Nuncia Iunonis varios induta colores*<sup>407</sup>, a causa é porque Juno é o ar, no qual o arco se forma<sup>408</sup>. Plutarco no 3.º livro *De Placitis philosophorum*, c. 5, ajunta vários pareceres que os antigos deram sobre este arco e suas cores, as quais são três, amarelo claro que tira mais pera branco, a que em latim chamam *color puniceus*, no meio verde, no baxo vermelho que tira a roxo<sup>409</sup>. Li muitas opiniões de vários filósofos, que ajunta além de Plutarco o doutíssimo Pico Mirândula e Alberto Magno, e pouco mais ou menos todos vem a concordar com Aristóteles que as nuvens densas e côncavas, recebendo em si a imagem dos raios solares como espelho cristalino, nos mostram aquela figura<sup>410</sup>. Dúvida houve se antes do dilúvio havia já Íris, alguns foram de opinião que não, per amor daquelas palavras do (185)// Genesis, *Arcum meum ponam in nubibus*<sup>411</sup>, porém opinião é mais corrente de S. Tomás e de outros

Platão  
Virg.  
Ovídio, 1.º *Met.*

Pico Mirand.,  
*De examine vanitatis* l. 1,  
c. 12

S. Thom., *Sup.*  
*Gen.*

<sup>1</sup> No ms.: «Disserão os poetas \*tambem\* que era»...

<sup>407</sup> Publius Ovidius Naso, *Metamorphoses*, I, v. 270. Na edição de referência: *Nuntia Iunonis...*

<sup>408</sup> Continuando, ao que tudo indica, atento à lição dos Conimbricenses, D. Marcos usa de modo livre a informação que aí pôde encontrar. Assim, em vez de falar do arco-íris como *signum pluviæ* e de reproduzir as citações de Virgílio e de Ovídio apresentadas a este propósito nos *Commentarii*, retém apenas um verso das *Metamorphoses*, preterindo aquele que o segue – *Concipit Iris aquas, alimenta que nubibus affert* (*Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesu. In Libros Meteororum Aristotelis Stagiritæ*, 1593, p. 47).

<sup>409</sup> A frase pode ser reveladora do modo como D. Marcos lidava com suas fontes: pelo contexto, tudo leva a crer que a leitura de *In Libros Meteororum Aristotelis Stagiritæ* estará também subjacente a este passo (ali se explicava: *Cæterum tres præcipui colores in Iride notantur, puniceus, viridis, & purpureus, ut tradit Aristoteles lib. 3 cap. 4 & 5. M. Albertus lib. 3. tract. 4 cap. 14. Vitellio lib. 10 proposition. 67 & alij. Ex his coloribus, qui nubem in tres veluti semicirculos distinguunt; primus, id est, altissimum locum ad peripheriam obtinens, est puniceus, diciturque à quibusdam citrinus, quod talis sit color mali citrei. Medius, id est, qui mediam nubem pingit est viridis, qualis apparet in herbescente viriditate. Tertius infimam habens sedem, describensque minorem circulum, est purpureus.* – 1593, p. 46); todavia, D. Marcos prefere lembrar Plutarco e destacar *De Placitis Philosophorum* (*Plutarchi Chæronei [...] Opera Moralia*, 1541, fls. 148v-149) como manancial de informação.

<sup>410</sup> Decerto seguindo os Conimbricenses, D. Marcos invoca autores referidos em *In Libros Meteororum: Hinc etiam Plato in Theæteto iridem, Thaumantis filiam propter admirationem dictam censuit. Sed de illius ortu & natura diuersæ sunt philosophorum sententiæ, quas videre est apud Plutarchum lib. 3 de placitis cap. 5. M. Albertum lib. 3 tractat. 4 cap. 8 & 26. Picum Mirandulam lib. I de examine vanitatis capite 12.* (1593, p. 43).

<sup>411</sup> Liber Genesis, 9, 13. Ao longo de vários versículos (13-16), enfatiza-se a importância do arco-íris como *signum* de uma aliança entre o céu e a terra. Deus diz a Noé: *arcum meum ponam in nubibus et erit signum foederis inter me et inter terram/cumque obduxero nubibus caelum apparebit arcus meus in nubibus/ et recordabor foederis mei vobiscum et cum omni anima vivente quæ carnem vegetat et non erunt ultra aquæ diluuii ad delendam universam carnem/eritque arcus in nubibus et videbo illum et recordabor foederis sempiterni quod pactum est inter Deum et inter omnem animam viventem universæ carnis quæ est super terram.*

Abulens., *ibid.*

que sempre houve arco porque antes do dilúvio<sup>1</sup> sempre houve Sol, e houve nuvens, e naturalmente havia de haver arco.<sup>412</sup>

em Outubro de  
1629

Também a lã faz seu arco, mas todo branco, e eu o vi no mês de Outubro às dez horas da noite, e me alegrei muito em vê-lo por ser cousa rara. Ao arco celeste compara aqui Camões a variedade dos trajas e cores deles que os portugueses levavam quando foram acompanhando Vasco da Gama, que ia falar ao Rei de Melinde.

100

Sonorosas trombetas incitavam  
os ânimos alegres ressoando,  
dos Mouros os batéis o mar coalhavam,  
os toldos pelas águas arrojando.  
As bombardas horríssonas bramavam<sup>413</sup>  
com as nuvens de fumo o Sol<sup>II</sup> tomando,  
ameúdam-se os brados acendidos,  
tapam co<sup>414</sup> as mãos os Mouros os ouvidos.

Soavam as trombetas alegres alterando os ânimos dos que as ouviam. Os batéis dos Mouros eram tantos que cobriam o mar, e os toldos deles tão largos que a rojos iam pela água. As bombardas espantosas ressoavam<sup>III</sup>. E o fumo espesso tirava a luz do Sol, dobram-se os tiros, e os mouros estrugidos cerravam as orelhas por não ouvi-los. (185v)//

---

<sup>1</sup> No ms.: «edeoutros, \*quesemp ouve arco.\* porq depois antes do diluio»...

<sup>II</sup> No ms., parece ter sido grafada inicialmente a palavra «Ceo». A emenda – «Sol», respeitando o texto de Camões – surge sobreposta. À margem, esta correcção é confirmada.

<sup>III</sup> No ms.: « resoavão. Os mouros acoados tapavão as orelhas. eo fumo espeço»...

---

<sup>412</sup> Nos *Commentarii*, expõe-se a controvérsia sobre a origem, ante-diluviana ou não, do arco-íris. D. Marcos sintetiza esse trecho, apropriando-se apenas de algumas das *auctoritates* nele aduzidas: *Dubitandi ratio in eo est, quod cum Geneseos 9 dicat Deus positurum se arcum suum in nubibus, ut signum nunquam futuri diluuij, videtur sanè ante id tempus eiusmodi arcus non fuisse. Igitur negantem controuersiaẽ partem amplexi fuere nonnulli; quorum meminit D. Tho. ad locum illum Geneseos. Verum contraria opinio, quæ affirmat à primis mundi originibus, atque ab eo tempore, quo pluuiã esse cœpit, arcum fuisse, vera est; quam tuentur doctores Græci, & D. Thomas loco citato, Lippomanus, Eugubinus, Abulensis, Dionysius Carthusianus. Etenim cum arcus sit naturale quoddam Meteoron, cuius causæ physicæ sunt lux Solis, & nubes certo modo affecta; atque hæ causæ ante diluuium non minus, quàm modò concurrere potuerint; nequaquam inficiandum erit multis seculis ante effulsisse arcum.* (*Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesv. In Libros Meteororum Aristotelis Stagiritæ*, 1593, p. 47).

<sup>413</sup> Em 1572 e 1609: «bramando». Em 1584, 1591, 1597, 1612, 1613, 1626, 1631: «bramavam».

<sup>414</sup> Em 1572, 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1613, 1626: «com as mãos». Em 1631, «co as mãos».

101

Já no batel entrou do Capitão  
o Rei, que nos seus braços o levava,  
ele co a cortesia que a rezão<sup>415</sup>  
(por ser Rei) requeria, lhe falava.  
C'ũas mostras de espanto, e admiração,  
o mouro o gesto e o modo lhe notava,  
como quem em mui grande estima tinha  
gente que de tão longe à Índia vinha.

Já era entrado no batel do Capitão português<sup>1</sup> o Rei de Melinde, o qual em entrando nele o foi abraçar com muito amor e confiança. O português lhe falou com a cortesia devida a sua pessoa real. Espantado olhava o Rei mouro pera os portugueses pondo os olhos ora nas pessoas deles, ora nos vestidos que traziam; dando a entender que estimava muito ver em sua terra gente tão animosa que por tão longes mares vinham buscar à Índia.

102

E com grandes palavras lhe oferece  
tudo o que de seus Reinos lhe comprisse,  
e que se mantimento lhe falece  
como se próprio fosse lho pedisse.  
Diz-lhe mais que por fama bem conhece  
a gente lusitana sem que a visse,  
que já ouviu dizer que noutra terra  
com gente de sua Lei tivesse guerra. (186)//

E com palavras liberais e grandiosas lhe faz oferta de tudo o que naquele reino seu havia; e que quando não tivesse bastante mantimento pera passar adiante, que o dissesse, porque de tudo seria provido, como se fosse natural daquele reino. Disse-lhe também que já dantes tinha notícia do nome dos portugueses antes de os ter visto; porque lhe tinham contado como noutra terra tiveram com Mouros de sua seita muitas guerras.

103

E como per<sup>416</sup> toda África se soa  
lhe diz, os grandes feitos que fizeram  
quando nela ganharam a coroa

---

<sup>1</sup> No ms.: «Jaeraentrado \*o-Rei\* no batel do Capitão portugues que em entrando o Rei»...

<sup>415</sup> Em 1572, 1597, 1609, 1612, 1613, 1626, 1631: «razão». Em 1584, 1591: «rezão».

<sup>416</sup> Em 1572, como em todas as edições até 1631: «por».

do Reino onde as Hispéridas<sup>417</sup> viveram.  
E com muitas palavras apregoa  
o menos<sup>I</sup> que os de Luso mereceram  
e o mais que pela fama o Rei sabia,  
mas desta sorte o Gama respondia:

Mais lhe diz como em toda África era mui sabido as valentias que tinham feito quando ganharam o Senhorio de Guiné. E gastava muitas palavras em engrandecer este feito, sendo ele o menor que os Portugueses fizeram, porém era o mais que o Rei deles sabia. Mas enfim de tudo Vasco da Gama lhe responde desta maneira.

Avisadamente compõe Camões a prática que podia fazer o Milindano ao Português, porque não dá mais conta que daquilo que ele à boa mente podia saber, que eram as guerras (186v)// que com os Mouros os nossos tiveram, das quais por fama poderia ter notícia; e dos descobrimentos de Guiné, até o Cabo de Boa Esperança. Chama-lhe reino das Hispéridas porque naquela paragem fingem os poetas que viviam aquelas três Irmãs filhas de Hespério, da qual fábula nós trataremos, sobre aquele verso, «Do velho Hespério Hespérides chamadas»<sup>418</sup>. Vai imitando a Virgílio em todo este canto quando Dido falou aos Troianos<sup>II</sup> e consolando-os lhe disse

*Quis genus Aeneadam quis Troyae nesciat urbem,*<sup>419</sup>

e outros versos que o nosso poeta mais abaxo vai imitando, porque é seu costume, seguindo um poeta, de quando em quando deixá-lo, e meter cousas suas e a seu propósito.

104  
Ó tu que só tiveste piedade,  
Rei benigno, da gente Lusitana,  
que com tanta miséria, e adversidade,  
dos mares experimenta<sup>420</sup> a fúria insana.  
Aquela alta e divina eternidade  
que o Céu revolve, e rege a gente humana,  
pois que de ti tais obras recebemos,  
te pague o que nós outros não podemos.

---

<sup>I</sup> No ms.: «o menos ~~do~~que»...

<sup>II</sup> No ms.: «quando Eneas Didofalouaos Troyanos quando consolandoos lhe disse»...

---

<sup>417</sup> Em 1572, 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1613, 1626, 1631: «Hespéridas».

<sup>418</sup> *Os Lusíadas*, V, 8, v. 4. Em 1572, 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1613, 1626, 1631: «Do velho Hespério, Hespéridas chamadas».

<sup>419</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, v. 565.

<sup>420</sup> Em 1572, 1584, 1591 e 1609: «experimenta». Em 1597, 1612, 1613, 1626, 1631: «experimenta».

Ó Clementíssimo Rei, que só de quantos temos encontrado neste duvidoso caminho te condoeste dos trabalhos dos Portugueses, que tantos tem experimentado nesta perigosa jornada, e arriscada navegação. Aquele Deus que é eterno, por cujo mandado o Céu (187)// faz seu curso, e os homens com sua providência na terra são regidos, e governados, te dê o pago e galardão devido a estas mercês que de tua grandiosa mão recebemos, pois em nós não há possibilidade pera tanto.

Eneas<sup>I</sup> disse a Dido:

Virg., 1.º *Aen.*

*O sola infandos Troiae miserata labores  
quae nos reliquias Danaum terraeque marique  
omnibus exhaustos iam casibus, omnium egenos  
Urbe, Domo socias: grates persolvere dignas  
non opis est nostrae Dido, quicquid ubique est  
gentis Dardaniae, magnum quae sparsa per orbem  
Dij tibi (si qua pios respectant numina, si quid  
Usquam iustitiae est et mens sibi conscia recti)  
Praemia digna ferant.*<sup>421</sup>

105

Tu só de todos quantos queima Apolo  
nos recebes em paz do mar profundo,  
em ti dos ventos hórridos de Eolo  
refúgio achamos bom, fido, e jucundo.  
Enquanto apascentar<sup>422</sup> o largo pólo  
as estrelas, e o Sol der lume ao Mundo,  
onde quer que eu viver, com fama e glória  
viverão teus louvores em memória.

Tu só de quantos o Sol queima nestas abrasadas Regiões, saídos do mar bravo, com paz, e amor nos recebes, e em teu porto das tempestades do mar toma(187v)//mos seguro<sup>II</sup> abrigo. Enquanto no espaçoso Céu houver estrelas e a luz do Sol resplandecer no Mundo, onde quer que me eu achar será ouvido teu nome, em glória tua, e memória que de ti ficará eternamente gloriosa.

Nos versos passados que de Virgílio pusemos está encerrada parte da sentença destes versos, ali onde Eneas disse que eram recebidos os Troianos acoitados, e

---

<sup>I</sup> No ms.: «~~Dido a~~Eneas»...

<sup>II</sup> No ms.: «tomamo seguro».

---

<sup>421</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, vv. 597-605. Na edição de referência: *terraeque marisque; non opis est nostrae, Dido, nec quicquid ubique est; di tibi.*

<sup>422</sup> Em 1572, 1584, 1591, 1609, 1626, 1631: «apascentar». Em 1597, 1612, 1613: «apascentar».

trabalhados por mar e terra naquele porto de Cartago *ect.* Dali donde o nosso poeta diz «Enquanto apascentar o largo pólo», diz Virgílio:

*In freta dum fluiis current, dum montibus umbrae  
lustrabunt convexa polus dum sidera pascet  
semper honos, nomenque tuum laudesque manebunt.*<sup>423</sup>

106

Isto dizendo, os barcos vão remando  
pera a frota que o Mouro ver deseja,  
vão as naus ãa e ãa rodeando  
porque de todas tudo note e veja.  
Mas pera o Céu Vulcano afuzilando<sup>424</sup>  
a frota co as bombardas o festeja,  
e as trombetas canoras lhe tangiam,  
c'os anafis os Mouros respondiam.

Acabando de dizer isto, foram os barcos remando ao longo da frota que o Rei desejava ver, rodeou<sup>I</sup> as naus ãa e ãa pera notar o que nelas havia que ver. Entretanto as bombardas afuzilando fogo festejavam o Rei, tocando os da frota as trombetas, a que os Mouros com os anafis respondiam. (188)//

107

Mas depois<sup>425</sup> de ser<sup>II</sup> tudo já notado  
do generoso Mouro, que pasmava  
ouvindo o instrumento inusitado  
que tamanho terror em si mostrava,  
Mandava estar quieto, e ancorado  
na água<sup>426</sup> o batel ligeiro que as levava,  
por falar deva[ga]<sup>r<sup>III</sup></sup> c'o forte Gama  
nas cousas de que tem notícia e fama.

---

<sup>I</sup> No ms.: «rodeeu».

<sup>II</sup> No ms., a forma inicialmente grafada parece ter sido «ter», convertida, por conversão da primeira letra, em «ser».

<sup>III</sup> No ms., decerto por lapso, acha-se «por fallar devar co forte Gama».

---

<sup>423</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, vv. 607-609. Na edição de referência: *in freta dum fluvii current...*

<sup>424</sup> Em 1572, 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1613, 1626, 1631: «fuzilando».

<sup>425</sup> Em 1572, 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1626, 1631: «despois». Em 1613, «depois».

<sup>426</sup> Em 1572, 1597, 1609, 1612, 1626, 1631: «N'água». Em 1584, 1591, 1613: «Na água».

Depois que o Rei de Melinde notou tudo o que naquela armada havia digno de notar, e estava atônito ouvindo os estrondos das bombardas a que ele não era costumado, e mandou ancorar o batel pera falar devagar com Vasco da Gama nas cousas que sabia e tinha ouvido dos portugueses.

108

Em práticas o Mouro diferentes  
se deleitava perguntando agora  
pelas guerras famosas e excelentes  
c'ò povo havidas que a Mafoma adora.  
Agora lhe pergunta pelas gentes  
de toda a Hespéria última aonde<sup>427</sup> mora,  
agora pelos povos seus vizinhos,<sup>428</sup>  
agora pelos húmidos caminhos.

Diferentes e diversas cousas perguntava o Rei Milindano ao Capitão Português, ora pelas guerras que (188v)// os Portugueses tiveram com os Mouros, ora pela gente de Hespanha onde nasceram, ora pelos povos habitadores das vizinhas terras, ora pelo mar por onde navegaram.

Hispéria é Itália.

Virg.: *Est locus Hisperiam graii cognomine dicunt.*<sup>429</sup>

Mas se lhe ajuntarem este epíteto, última, significa Espanha, como neste lugar.

109

Mas antes valeroso Capitão  
nos conta (lhe dizia<sup>430</sup>) diligente  
da terra tua o Clima, e região  
do mundo onde morais distintamente.  
E assi de vossa antiga geração  
e o princípio do reino tão potente,  
c'os sucessos da guerra<sup>431</sup> do começo,  
que sem sabê-las sei que são de preço.

---

<sup>427</sup> Em 1572, 1584, 1591, 1597, 1609, 1626: «De toda a Hispheria [sic] última, onde mora». Em 1612, «De toda a Hespéria última, onde mora». Em 1613 e 1631, «De toda a Hespéria última, onde mora».

<sup>428</sup> Em 1572, 1584, 1591, 1597, 1609, 1612: «vezinhos». Em 1613, 1626, 1631: «vizinhos».

<sup>429</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, v. 530. Na edição de referência: *est locus, Hesperiam Graii cognomine dicunt*.

<sup>430</sup> Em 1572, 1584, 1591, 1597, 1612, 1613, 1626: «dezia». Em 1609 e 1631, «dizia».

<sup>431</sup> Em 1572, como em todas as edições até 1631: «das guerras».

Mas antes Capitão excelente nos dá conta, dizia o Milindano, com curiosidade, e diligência, das terras e clima em que habitais. E da antiga geração de vosso povo, e de como veio a fazer Reino e senhorio per si, e também dos acontecimentos das guerras em que andastes, as quais, pelo que em vós vejo, conjeturo sem saber quais são, entendo<sup>1</sup> que não devem de carecer de louvor grande.

Mas antes valeroso capitão.

Virg. *Immo agé et a prima dic hospes origine nobis  
Insidias, inquit, Danaum casusque tuorum ect.*<sup>432</sup> (189)//

Nisto vieram a parar as perguntas de Dido a Eneas depois de perguntar muitas cousas como aqui fez o Rei de Melinde, que representa a pessoa de Dido em Cartago, a quem o nosso<sup>II</sup> Camões aqui imitou. Diz Virgílio:

*Multa super Priamo rogicans super Hectore multa  
Nunc quibus Aurorae venisset filius armis  
Nunc, quales Diomedis equi, nunc quantus Achilles.*<sup>433</sup>

E depois de ter muito perguntado, remata:

*Imo age ect.*

110  
E assi também nos conta dos rodeios  
longos em que te traz o mar irado  
vendo os costumes bárbaros alheios  
que a nossa África ruda tem criado.  
Conta: que agora vem c'os áureos freos<sup>435</sup>

Da rudeza dos povos de África vide Plinium *de natural.* lib. 5, c. 8<sup>434</sup>

<sup>1</sup> No ms.: «quais são) \*entendo\* q̄ não devem»...

<sup>II</sup> No ms., haverá, por lapso, uma duplicação de parte do nome do poeta. Com efeito, embora a leitura não seja inteiramente segura, parece ler-se: «o nosso CamoCamões»...

<sup>432</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, vv. 753-754.

<sup>433</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, vv. 750-752.

<sup>434</sup> No capítulo VIII do livro V da *Naturalis Historia*, Plínio distingue dois grandes grupos de etiópes. Entre as *gentes Nigritae*, só os *Pharusi* (velho povo persa, que se dizia ter acompanhado Hércules até às Hespéridas) parecem ter traços benignos. A todos os outros Plínio atribui marcas disfóricas: caracteriza os *Atlantes* como estando abaixo do nível da civilização (*degeneres sunt humani ritus, si credimus*); afirma que os *Trogodytae*, habitantes da rocha escavada, não possuem outra linguagem senão a do grito (*stridorque, non vox: adeo sermonis commercio carent*); classifica os *Garamantes* de promíscuos, e de indigentes os *Augilae* e *Gamphasantes*; e ainda recorda tribos monstruosas, compostas por seres desprovidos de cabeça ou dotados de estranhos pés sobre os quais deslizavam.

<sup>435</sup> Em 1572, como em todas as edições até 1631: «freios».

os cavalos que o carro marchetado  
do novo Sol, da fria Aurora trazem,  
o vento dorme; e<sup>436</sup> o mar e as ondas jazem.

E não te esqueça de contar as voltas que no mar deste até este nosso reino, por onde andaste vendo e notando os costumes incultos e sem polícia que os moradores desta nossa África tem. Olha que agora nace o Sol no Oriente, e os seus cavalos do lugar onde a menhã primeiro resplandece vem subindo trazendo o seu polido carro. O vento sossega, e o mar sem ventos está em calma. Virg. *Et*.<sup>1</sup>

Os cavalos do Sol eram quatro, segundo as 4 partes do mundo. Ovídio, 2 *Meta.*: *Interea volucres Pyrois, Eous, et Aethon solis equi quartusque Phlegon himitibus auras, flamiferis implent. ect.*<sup>437</sup>

111  
E não menos c'o tempo se parece (189v)//  
o desejo de ouvir-te o que contares,  
que, quem há que por fama não conhece  
as obras Portuguesas singulares?  
Não tanto desviado resplandece  
de nós o claro Sol pera cuidares<sup>438</sup>  
que os Milindanos<sup>439</sup> tem tão rudo peito  
que não estimem muito um grande feito.

Olha que tem o tempo em sua quietação e sossego grande semelhança com o desejo que em nós há de ouvir-te, porque sem perturbação, antes com ânimo mui quieto esperamos ouvir-te. Porque desejamos saber ao certo o de que só per fama temos notícia, a qual confusamente como costuma, nos contou as valerosas obras dos Portugueses. O clima de nossa região não está tão apartado do sol, que hajias de cuidar que não poderemos estimar um feito valeroso no grau de seu merecimento.

Quem há que por fama não conheça, *ect.*

Virg.:

*Quis genus Aeneadeum? quis Troiae nesciat urbem  
Virtutes que, viros que et tanti incendia belli  
Non obtusa adeo gestamus pectora Poeni  
Nec tam aversus equos Tyria Sol iungit ab urbe.*<sup>440</sup>

---

<sup>1</sup> No ms., esta abreviatura e a conjunção latina foram acrescentadas (o tamanho dos caracteres é reduzido), parecendo abrir uma citação que ficou incompleta.

---

<sup>436</sup> Em 1572, 1584, 1597, 1609, 1612, 1613, 1626, 1631: «O Vento dorme, o Mar e as ondas jazem.» Em 1591 (decerto por gralha), «O vento dorme, o mar e as onda jazem.»

<sup>437</sup> Publius Ovidius Naso, *Metamorphoses*, II, vv. 153-155. Na edição de referência: *Pyrois et Eous et Aethon...*

<sup>438</sup> Em 1572, 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1626: «pera julgares». Em 1613 e 1631: «para julgares».

<sup>439</sup> Em 1572, 1591, 1597, 1609, 1612, 1613, 1626, 1631: «Melindanos». Em 1584: «Milindanos».

<sup>440</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, vv. 565-568.

Nestas perguntas do Rei de Melinde vai Camões lançando o fundamento às cousas que há-de dizer adiante, e como bom arquitecto desta arte poética, havendo de contar do sítio e costumes de Europa, e à volta disso as histórias de Lusitânia, e descobrimentos (190)// das terras e mares que atrás ficavam a Vasco da Gama, penhora-se primeiro e obriga-se a fazer isto com as perguntas do Rei Melindano, que lhe disse, que lhe contasse do clima da sua terra. A esta pergunta satisfaz com os versos do 3º canto, que começam

Entre a zona que o cancro senhorea *ect.*

E aonde disse mais o Milindano que lhe contasse da região do mundo onde morava, satisfaz dizendo

Jaz a soberba Europa a quem rodea *ect.*

E onde diz, E assi de vossa antiga geração,  
responde: Esta foi Lusitânia dirivada *ect.*  
E àquela pergunta, E o princípio do Reino tão potente,  
responde: Um Rei por nome Afonso *ect.*

Convida o Rei de Melinde a Vasco da Gama pera lhe contar as histórias que queria ouvir, com o sossego do tempo, porque a quietação é apta pera todas as cousas que se não-de aprender com o entendimento. Um pastor *apud* Virg. convidava outros a cantar com a frescura do lugar, e benignidade do tempo.

Virg.

*Dicite quandoquidem in molli consedimus herba  
Et nunc omnis ager nunc ois parturit arbor  
Nunc frondent Sylvae, nunc formosissimus annus.*<sup>441</sup>

Virg., Eg. 9

*Et alibi:  
Et nunc omne stratum scilet aequor, et omnes  
Aspice, vento ceciderunt murmuris aurae.*<sup>442</sup> (190v)//

112

Cometeram soberbos os Gigantes  
com guerra vã<sup>443</sup> o Olimpo claro e puro,

---

<sup>441</sup> Publius Virgilius Maro, *Bucolica*, III, vv. 55-57. Na edição de referência: *Dicite, quandoquidem...*

<sup>442</sup> Publius Virgilius Maro, *Bucolica*, IX, vv. 57-58. Na edição de referência: *et nunc omne tibi stratum silet aequor, et omnes/aspice, ventosi ceciderunt murmuris aurae.*

<sup>443</sup> Em 1572, 1591 e 1609: «Com guerra vão, o olimpo»... Em 1584: «Com guerra vã, o olimpo»... Em 1597, «Com guerra vão, olimpo»... Em 1612, «Com guerra vão, o limpo, claro, e puro». Em 1613, 1626 e 1631: «Com guerra vã o Olimpo claro e puro».

tentou Perito e Teseu de ignorantes  
o Reino de Plutão horrendo e escuro.  
Se houve feitos no Mundo tão possantes  
não menos é trabalho ilustre e duro  
quanto foi cometer Inferno e Céu  
que outrem cometa a fúria de Nereu.

Já noutro tempo os Gigantes desafiaram sem proveito os moradores do Céu. Perito e seu companheiro Teseu trataram de nécios de ir ao Inferno roubar a Prosérpina mulher de Plutão. Se estes feitos foram no mundo tão estimados por grandes e arriscados, não creô eu que quem como vós cometeu as duvidosas ondas do Mar furioso tenha menos louvor, nem passasse maior trabalho, e vencesse maior dificuldade, do que é cometer o Céu e o Inferno.

Dá fim a este seu segundo canto com um louvor dos Portugueses, o maior que lhe pudera dar. Os antigos acharam dous extremos de atrevimento e ousadia, os maiores que em humana capacidade podiam caber, um subir ao Céu, outro decer ao Inferno; e assi fingiram, que Encélado, e Briareu, e outros gigantes filhos da terra, querendo fazer guerra a Júpiter no Céu puseram o monte Oeta sobre o Ossa e ambos sobre o Olimpo, e daí começaram a conquistar o Céu, com notável medo dos (191)// moradores dele. Isto tudo tinha seu entendimento, porque não eram os poetas tão ignorantes que se presuadissem que homem humano pudesse fazer guerra ao Céu. Porém ficou esta fábula por exemplo do atrevimento humano. E assi diz Horácio: *Caelum ipsum petimus stultitia*<sup>444</sup>. A decida do Inferno não era cousa tão dificultosa: *facilis descensus Averni*<sup>445</sup>. Porém tornar de lá com vida, tinham que era cousa de muita dificuldade. Todavia, Hércules lá deceu e trouxe o cão Cérbero de lá preso, depois Perito, e seu companheiro Teseu, lá deram ãa chegada. Homero lá mandou o seu Ulisses, e Virgílio não se contentou de trazer o seu Eneas por tantos mares e terras, senão que também deu co ele no Inferno. Porque como já noutra parte dissemos, este era o fim, e remate de todos os trabalhos e dificuldades, e quem estas vencesse nada lhe ficaria por alcançar. Não tratamos agora aqui donde tomaram motivo os poetas pera dizer que estes dous gentis-homens foram ao Inferno, porque o nosso poeta aqui não trata mais que desta história ou fábula assi e da maneira que corria no mundo, e concluindo diz assi: se os antigos tiveram por excessivo atrevimento o daqueles que cometeram o Céu e o Inferno, creio que não é menor<sup>1</sup> a ousadia daqueles que venceram a

Plutarchus in  
*Theseo*<sup>446</sup>

---

<sup>1</sup> No ms., o final desta palavra não permite uma leitura clara, parecendo ter havido hesitação entre «menos» e «menor».

---

<sup>444</sup> Quintus Horatius Flaccus, *Carmina*, 1, 3, v. 38.

<sup>445</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, VI, v. 126. Na edição de referência: *facilis descensus Averno*.

<sup>446</sup> V. *Vita Thesei. Lupo Florentino Interprete*, in *Plutarchi Cheronei Græcorum Romanorumque Illustrivm Vitæ*, 1542, fls. 1-6v.

fúria do mar, pois os Portugueses fizeram ãa cousa com verdade que os Gentios quando exageraram muito fabulando não compreenderam com todos seus enca-recimentos. (191v)//

113

Queimou o sagrado templo de Diana,  
do sutil Tesifônio fabricado,  
Horóstrato por ser da gente humana  
conhecido no Mundo, e nomeado.  
Se também com tais obras nos engana  
o desejo de um nome avantajado,<sup>447</sup>  
mais razão é<sup>448</sup> que queira eterna glória  
quem faz obras tão dignas de memória.

Horóstrato, homem baxo e vil, pera ser nomeado no Mundo, pôs o fogo ao famoso templo da Deusa Diana. Pois se o desejo de ser conhecido obriga um ho-mem a buscar esta honra por meios tão vis e afrontosos, quanta mais razão tem aqueles que pertendem nome honrado por obras ilustres e valerosas.

Outra ilação faz agora, e é, que se houve homem o qual por se saber dele no mundo, não se curou de ser conhecido por bom contanto que fosse conhecido, dignos são de louvor os que buscam esta honra por meios lícitos. E assi se os Portugueses cometeram ãa navegação na opinião de alguns atrevida e temerária, desculpava-os o desejo de alcançar nome no mundo, pois nele houve quem queria desculpar um feito infame e atrevido com o desejo de ficar vivo na memória dos vindouros.

### História.

Em Éfeso, Cidade de Ásia, estava edificado este famoso templo de Diana<sup>449</sup>, de quem o nosso poeta aqui faz menção. Pode-se conjecturar sua grandeza em ser feito por espaço de duzentos e vinte anos por todos os povos de Ásia. (192)// Foi

Este templo de  
Diana foi ãa das  
sete maravilhas  
do mundo.  
Martial.:  
*Nec triviae  
templo molles  
laudentur  
honores.*<sup>450</sup>

---

<sup>447</sup> Em 1572, como em todas as edições até 1631: «avantajado».

<sup>448</sup> Em 1572, 1584, 1591, 1609 e 1626: «Mais razão há»... Em 1597, 1612: «Mais razão há»... Em 1613 e 1631, «Mais razão é»...

<sup>449</sup> D. Marcos não menciona aqui o nome de Plínio, mas terá recorrido, directa ou indirectamente, ao autor latino e à sua *Naturalis Historia* (l. XXXVI, XXI) para falar com minúcia sobre o templo de Diana em Éfeso. Plínio destaca a qualidade maravilhosa do edifício (*Graecae magnificentiae vera admirativo exstat templum Ephesiae Dianae* [...]), descrevendo-o e dando relevo ao desafio técnico que a sua construção constituiria. A *Officina* de Ravisius Textor resume essa informação, no capítulo *Septem Orbis Miracula* (1560, II, p. 250).

<sup>450</sup> Marcus Valerius Martialis, *De Spectaculis Liber*, I, I, v. 3. Na edição de referência: *Nec Triviae templo molles laudentur Iones*.

assentado em<sup>l</sup> um lugar baxo e húmido, por amor dos terremotos, que nos tais lugares são menos perigosos, os alicesses foram postos sobre<sup>ll</sup> carvão e lâ, e o mesmo o pavimento de todo o templo, pera receber a humidade. Tinha de comprimento quatrocentos e vinte e cinco pés, de largura 220. Havia neste templo 127 colunas, cada ãa feita por mandado de seu Rei. Destas as 36 eram entalhadas artificialmente. A imagem da Deusa era de madeira com muitos buracos cheos de bálsamo preciosíssimo, pera que quando fosse o tempo quente, derretendo-se lançasse cheiro precioso como que era o suor da Deusa. As portas eram de acipreste, e as traves de cedro. Diz Strabo que havendo quatrocentos anos que eram feitas, se viam tão novas como se as fizeram aquele ano. O Arquitecto desta obra foi Tesifon, em grego Ctesiphon, que o nosso Camões converteu em Tesifónio por amor do verso, *ut mos est poetarum*. Horóstrato, homem baxo e apoucado, porém cobiçoso de nome sem honra, vendo tantas obras insignes com que os homens se faziam no mundo conhecidos, e a si vendo-se incapaz de fazer algũa delas, pôs o fogo a este templo, pera que quando se perguntasse como se queimara aquela obra tão insigne o nomeassem a ele. Sabido isto dos Efesinos, mandaram que ninguém o nomeasse por nenhum caso, e assi ficasse frustrado de sua vã esperança. Contudo diz Strabo Capadócio<sup>451</sup>, não foi isto bastante pera que o seu sacrílego nome não chegasse à nossa notícia. As mulheres de Ásia, sabendo deste desastre, deram todas suas jóias pera se reparar esta perda.

A noite que se queimou este Templo naceu Alexandre Magno. Disseram alguns, que estava a Deusa ocupada com este parto, por isso não acudiu ao seu Templo.

Strab., l. 14

Fim do 2.º canto. 4 de Fev.º 1632, na torre de Paderne, 11 horas da noite. (192v)//

---

<sup>l</sup> No ms.: «ehũ lugar»...

<sup>ll</sup> No ms.: sobre *mt<sup>3</sup>/carvão* e lam»...

---

<sup>451</sup> D. Marcos indica Estrabão como sua fonte neste passo, mas só em parte segue o autor grego, que na sua *Geografia* (14, I, 22-23), além de referir Chersiphron, se demora a falar de Cheiocrates, famoso arquitecto, a quem fora confiada a reconstrução do santuário destruído pelo incêndio (obra promovida pelos cidadãos e, em particular, suportada pela oferta das jóias das mulheres). Estrabão, em vez de descrever a traça do edifício, prefere salientar a qualidade das esculturas ali expostas, a ordem de funcionamento do templo e o seu valor como refúgio. É possível que D. Marcos se apoiasse numa fonte intermédia, da qual viriam pormenores que nem Estrabão nem Plínio mencionam, como as engenhosas características da estátua da Deusa e a robustez das «traves de cedro».



## CANTO TERCEIRO DE LUÍS DE CAMÕES COM O COMENTO DE DOM MARCOS DE S. LOURENÇO

1  
Agora tu Calíope me ensina  
o que contou ao Rei o ilustre Gama,  
inspira imortal canto, e voz divina,  
neste peito mortal que tanto te ama.  
Assi o claro inventor de<sup>1</sup> medicina  
de quem Orfeu pariste, ó linda dama,  
nunca por Dafne, Clície, ou Leucotõe  
te negue o Amor divido como soe.

Sem ajuda vossa, Musa minha Calíope, mal poderei eu relatar o que da boca de Vasco da Gama ouvia o Rei de Melinde. Bem podeis vós se quiserdes inspirar neste sujeito humano vossas dádivas divinas, confiança tenho pera pedir pois conhecido vosso sou, e um dos mais privados em vossa arte. Assi o louro Apolo, que aos homens mostrou a arte de curar, de quem, minha fermosa, houvestes o vosso Orfeu, vos não dê mais sobressaltos deixando-vos como costuma, por amor à loura Dafne, e a Clície e Leucótoe, vossas competidoras.

Agora tu Calíope me ensina.<sup>1</sup>

Todas as vezes que os Poetas determinam tratar cousas grandes (193)// e dificultosas pedem primeiro favor às Musas. Virgílio querendo dar conta dos Reis de Itália diz:

*Nunc age qui reges Erato quae tempora rerum  
Qui Latio antiquo fuerit status.*<sup>2</sup>

Virg., 7 *Aene.*

E no 10, havendo de tratar dos capitães que acompanhavam a Eneas, invoca as Musas dizendo

*Pandite nunc Heliconae Deae cantusque movete  
Quae manus interea Tuscis committetur ab oris  
Aeneam.*<sup>3</sup>

10 *Aen.*

---

<sup>1</sup> No ms.: «meensina. eett.».

<sup>1</sup> Em 1572, 1584, 1591, 1626, 1631: «da Medicina». Em 1597 (decerto por gralha), «da medicin»; em 1612, 1613, «da medicina». Em 1609, «da Medecina».

<sup>2</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, VII, vv. 37-38. Na edição de referência: *quis Latio...*

<sup>3</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, X, vv. 163-165.

Demost. in  
proemio  
*Epistolar*.<sup>4</sup>  
Plato in *Tim*.

Destas invocações a semelhantes propósitos estão cheos os livros dos Poetas, os quais nisto nos ensinavam a pedir o socorro do céu nas empresas dificultosas. Donde disse Demóstenes: *Omnes homines qui serium aliquod uel facere uel dicere instituunt a Diis auspicari decet*. E Platão no diálogo *Timeo uel de Natura* disse: «Ó Sócrates, isto costumam fazer ainda os que não sabem muito, que em toda a empresa dificultosa<sup>1</sup> chamam por Deus»<sup>5</sup>. A isto aludiu Virgílio quando disse nas *Églogas*:

Virgil., Egl. 3.<sup>a</sup>

*Ab Iove principium Musae*.<sup>6</sup>

Eram as Musas nove, s. Calíope, Clío, Talia, Euterpe, Melpómene, Érato, Polihímnia, Terpsícore, Urânia; estas eram filhas de Júpiter e de Memnósine<sup>7</sup> i. Memória, no que davam os Antigos a entender que o ser poeta é dom do Céu influído naturalmente e ajudado da memória. Cada nome destas musas significa alguma cousa pertencente à poesia. *Vide Sepontinum*<sup>8</sup>. Entre os opúsculos de Virgílio está um Epigrama que compreende os nomes e invenções das Musas i. o que cada ãa inventou. (193v)//

*Clio gesta canens transactis tempora reddit  
Melpomene Tragico proclamat maesta boatu  
Comica lascivo gaudet sermone Thalia  
Dulciloquis calamos Eutrepe flatibus urget  
Terpsicore affectus citharis mouet imperat auget  
Plectra gerens Erato saltat pede carmine vultu*

<sup>1</sup> No ms., a primeira versão da frase seria «em toda a empresadificultosa costumão achar porDeos.» «Costumão» foi rasurado, e o infinitivo «chamar» passou a «chamão», por retoque das letras finais. Por elidir ficou a preposição «a». Admitindo que se tratou de um lapso do Comentarior, foi retirada desta edição do texto.

<sup>4</sup> A frase abre a primeira epístola (*De concordia*) incluída em edições como *Demosthenis Et Aeschinis epistolae, Petro Nannio Alcmariano interprete* (1537, s/f). Nesta edição: *qui serium aliquid...*

<sup>5</sup> A frase abre uma intervenção da personagem Timeu, no diálogo platónico com o mesmo nome (27c). Noutra lugar dos Comentários (v. p. 63), já D. Marcos recordou um passo contíguo a este.

<sup>6</sup> Publius Virgilius Maro, *Bucolica*, III, v. 60.

<sup>7</sup> Onde no manuscrito está «Memnosine» deveria ler-se «Mnemósine».

<sup>8</sup> Nicolao Perotto não indica o nome das Musas, mas sublinha a sua relação com a música e com a poesia: *Virg. posuit Pastorum musam Damonis et Alpheisibei. Hinc poetae musas finxerunt deas esse magni Iouis, et memoriae filias, quae poetis et Musice praeessent. Quippe Poesis pars musices est Tria enim genera sunt quae circa artem musicam versantur. Vnum genus est quod instrumentis agit. Aliud quod fingit carmina. Tertium quod instrumentorum opus carmenque diuudicat. Secundum illud genus profecto poetarum est, quod non potius speculatione ac ratione quam naturali quodam instrumento fert ad carmen.* (*Cornucopiae D. Nicolai Perotti*, 1543?, f. 114v, col. 4, l. 30-38).

*Carmina Calliope libris Heroica mandat  
Urania coeli motus scrutatur et astra  
Signat cuncta manu loquitur Polyhymnia gestu  
Mentis Apollineae vis has mouet undique Musas  
In medio residens complectitur omnia Phoebus.*<sup>9</sup>

Agora tu Calíope.

texto

Esta era a principal de todas as Musas, cujo ofício é de compor versos heróicos, e por isso o nosso poeta neste seu mais levantado canto a invoca, e Horácio lhe chamou Rainha das Musas:

*Dic age tybis  
Regina longum Calliope melos.*<sup>10</sup>

Assi o claro inventor da medicina.

texto<sup>1</sup>

Ovid., 1 *Meth.*

Apolo é este inventor da medicina. Ovid.

*Inventum medicinae meum est opifexque per orbem  
Dicor et herbarum subiecta potentia nobis.*<sup>11</sup>

E Calêncio poeta: *Phoebe compertor medicae salutis, ect.*<sup>12</sup>

---

<sup>1</sup> No ms., à margem, a palavra «texto» foi escrita duas vezes. A primeira foi rasurada.

---

<sup>9</sup> Atribuído a Virgílio, tomado como texto anônimo ou incluído no *Appendix Ausoniana*, o epigrama teve larga divulgação. N'Os *Lvsiadas* [...] *Commentados* tão-pouco é esquecido (1613, f. 67). D. Marcos cita o texto porventura de cor, alterando a ordem dos versos. Na edição de referência do *Appendix Ausoniana* (III. *Nomina Musarum*): *Clio gesta canens transactis tempora reddit./ dulciloquis calamos Euterpe flatibus urguet./ comica lascivo gaudet sermone Thalia./ Melpomene tragico proclamat maesta boatu./ Terpsichore affectus citharis movet, imperat, auget./ plectra gens Erato saltat pede carmine vultu./ Urania motusque poli scrutatur et astra./ carmina Calliope libris heroica mandat./ signat cuncta manu loquiturque Polymnia gestu./ mentis Apollineae vis has movet undique Musas:/ in medio residens complectitur omnia Phoebus.*

<sup>10</sup> Quintus Horatius Flaccus, *Carmina*, III, 4, vv. 1-2. Na edição de referência: *tibia*.

<sup>11</sup> Publius Ovidius Naso, *Metamorphoses*, I, vv. 521-522. Na edição de referência: *inventum medicina meum est, opiferque per orbem...*

<sup>12</sup> Entre os *Medici pharmacopolæ & Chirurgi* arrolados na *Officina* de Ravisius Textor, Apolo vem referido em primeiro lugar; citações de *Ovidius libro primo Meta.*, *Calentius* e *Macrobius* apoiam essa menção. No caso de Ovídio e de Calêncio (Elisius Calentius, humanista italiano do século XV), os excertos apresentados nos Comentários coincidem exactamente com aqueles que a *Officina*, numa edição como a de 1532, f. 50, dá a ler (na *Officina* impressa em 1560, apenas Ovídio é, neste ponto, trazido à colação).

Macrob.,  
*Saturn.* lib. 1.º,  
c. XX

Macróbio diz que Apolo é o Sol, criador de ervas salutíferas, e ajudador<sup>1</sup> da humana fraqueza, e que por isso se lhe atribui a arte de curar<sup>13</sup>. Este mesmo era presidente das Musas, (194)// e porque Orfeu foi poeta excelente disseram dele que era filho de Apolo e de Calíope rainha das Musas.

texto

Nunca por Dafne.

Ovid., *Met.* 1.º

Ovídio no primeiro livro de seus *Metamorphoseos*<sup>14</sup> conta que Apolo depois que matou a serpente Píton andava mui vanglorioso e soberbo; e encontrando um dia com Cupido, que vinha nu com seu arco e flechas, desprezou-o. Sintiu-se Cupido da injúria, e por se vingar dela atirou a Apolo com ãa seta de ouro inflamando-o no amor de ãa Ninfa chamada Dafne, filha do Rio Peleu; e atirou logo outra seta de chumbo à Dafne<sup>II</sup> em ódio e aborrecimento do mesmo Apolo, de sorte que ele por ela morria, e ela não o podia ver. Passadas mil histórias que entre ambos tiveram, aconteceu que um dia a encontrou Apolo num descampado, e tornando-lhe a falar com a piedade e benevolência costumada, ela o desprezou como sempre fizera, e lhe deu as costas e fugiu. Apolo, com a impaciência do Amor, e afronta recebida, se foi após dela com ânimo de se vingar. Correram ambos largo espaço até que Dafne foi parar num lugar onde lhe não podia escapar, então pediu muito a seu pai Peleu que a convertesse nalgã árvore ou pedra pera assi ficar o Apolo frustrado de seu desejo contumaz. Eis que subitamente a Ninfa se viu convertida em louro, e quando Apolo chegou a ela já achou seus membros cobertos de áspera cortiça e seus braços em ramos convertidos, e assi a abraçou, e vendo o fruto da nova árvore, que eram bagas de louro, colheu algã, e comendo-as achou-as amargas, e disse suspirando: «Ah cruel que inda assi és pera mim amargosa». Isto toca galantemente este Epigrama breve: (194v)//

*Complexus virides frondosae virginis artus  
Sic quoque mutata (dixit Apollo) fruar.*

<sup>1</sup> No ms., terá começado por ser escrito «aiudados». Por rasura e retoque da última letra, a palavra foi convertida em «aiudador».

<sup>II</sup> No ms.: «à Daphe»...

<sup>13</sup> É em *Saturnalia*, I, 17 e 18 que Macróbio, fazendo corresponder Apolo ao Sol (*Apollinis nomen multiplici interpretatione ad solem refertur, cuius rei ordinem pergam.* – I, 17, 7), destaca o seu poder: *sed quia perpetuam praestat salubritatem, et pestilens ab ipso casus rarior est, ideo Apollinis simulacra manu dextera Gratias gestant, arcum cum sagittis sinistra, quod ad noxam sit pigrior, et salutem manus promptior largiatur. hinc est quod eidem adtribuitur medenti potestas, quia temperatus solis calor morborum omnium fuga est.* (I, 17, 13-14); *sol umoribus exsiccatis ad prognerandum omnibus praebuit causam [...]* (I, 17, 42). Adiante, quando Macróbio enfatiza a relação entre a fertilidade da terra e a influência do Sol (*solem vero terranae esse fecunditatis auctorem* – I, 18, 24), associa-o, não directamente a Apolo, mas a Liber Pater. A ligação entre o Sol e a medicina e a adivinhação (simbolizada no par Apolo-Esculápio) surge em I, 20, 1-5. Distinções subtis: em *Saturnalia*, todos estes nomes (Apolo, Liber Pater, Esculápio...) valem como sinónimos de Sol.

<sup>14</sup> V. Publius Ovidius Naso, *Metamorphoses*, I, vv. 452-567.

*Utque novas gustu baccas tentavit. Eandem  
Hei mihi servat (ait) nunc quoque amaritiam.*<sup>15</sup>

Dafne em grego quer dizer loureiro, e porque esta planta tem muito da natureza do Sol, pelas influências que lhe ele comunica, dizem que o Sol amou muito à Dafnes<sup>I</sup>. E porque o louro nunca perde folha nem se murcha com os raios do Sol, dizem que não teme nem reverencia o poder de Apolo, e sobre isto fundaram esta fábula.

Clície.

Esta foi ãa das Damas e queridas de Apolo, filha de Oceano; e vendo os favores que Apolo fazia a Leucótoe tomou ciúmes, e o foi dizer a Órcamo pai dela. Agravou-se Apolo disto e não lhe teve amor daí por diante, e ela com a impaciência do amor não quis mais comer mas andava com a vista no Céu olhando o Sol quando nacia, e se punha, e assi morreu, e foi convertida nãa flor chamada em grego Heliotrópio, e em português Tornasol, que tem esta propriedade de se andar<sup>II</sup> volvendo pera onde o Sol declina. E daqui se tomou motivo pera a fábula. Isto trata Ovídio, 4 *Met.*<sup>16</sup>

Ovid.

Leucótoe.

Filha de Órcamo foi e de Eurínome, Reis de Babilónia, estando prenhe de Apolo foi malsinada por Clície, e estando seu pai pera a enterrar viva foi convertida por benefício de Apolo em árvore que dá incenso. Ovídio *ibidem.* (195)//

Ovid.

O termo de invocar pondo-lhe diante a cousa que mais deseja é mui ordinário nos poetas. Virgílio invocando a Aretusa diz:

Virg., Egl. X

*Sic tibi cum fluctus subterlabere sicanos  
Doris amara suas non intermisceat aquas.*<sup>17</sup>

E noutra parte:

*Sic tuas Cynnaeas fugiant examina taxos  
Sic cytiso pastor distentant ubera vaccae.*<sup>18</sup>

Eglog. 9

<sup>I</sup> No ms.: «Dapnes».

<sup>II</sup> No ms.: de \*se\* andarse volvendo»...

<sup>15</sup> Trata-se de um epigrama de Angelo Poliziano, divulgado em obras antológicas como *Picta Poesis Ovidiana* (1580), onde surge inserido num grupo de textos *De Phoebus et Daphne* (1580, f. 36v). Nessa edição, lê-se: *Heu mihi...*

<sup>16</sup> Publius Ovidius Naso, *Metamorphoses*, IV, vv. 167-270.

<sup>17</sup> Publius Virgilius Maro, *Bucolica*, X, vv. 4-5. Na edição de referência: *Doris amara suam non intermisceat undam.*

<sup>18</sup> Publius Virgilius Maro, *Bucolica*, IX, vv. 30-31. Na edição de referência: *Sic tua Cynnaeas...*

lib. 2, Eleg. 6<sup>1</sup> Tibullus:  
*Annue sic tibi sint intonsi Phoebe capilli  
Sic tua perpetuo sit tibi casta soror.*<sup>19</sup>

Catullus:  
Catul., l. 3,  
eleg. 6 *Sic magis o nuptae semper concordia vestras  
Semper, amor sedes incolat assiduus.*<sup>20</sup>

Quando pedimos algũa cousa a alguém pomos-lhe diante aquilo que mais ama com esta partícula, assi. Pontano.<sup>21</sup>

2  
Põe tu, Ninfa, em efeito meu desejo  
como merece a gente Lusitana,  
que veja, e saiba o mundo que do Tejo  
o licor de Aganipe corre, e mana.  
Deixa as flores do<sup>22</sup> Pindo, que já vejo  
banhar-se<sup>23</sup> Apolo na água soberana,  
senão direi que tens algum receio  
que se escureça o teu querido Orfeo.

Ponde, minha Calíope, em execução o desejo que tenho de engrandecer as façanhas dos portugueses como eles merecem, porque se saiba no Mundo que também em Portugal (195v)// há poetas. Desocupai-vos um pouco pera me ajudar. Vinde de Grécia, onde colheis de continuo<sup>II</sup> flores nas florestas do Pindo, olhai que já sinto em mim um fervor de espírito que me incita a escrever<sup>III</sup> cousas grandes,

---

<sup>1</sup> No ms., «2», em «lib. 2», está sobreposto a «6».

<sup>II</sup> No ms.: «colheis \*decontino\* flores»...

<sup>III</sup> No ms.: «q̄ me incita #a escrever# cousas grandes»...

---

<sup>19</sup> Albius Tibullus, II, V, vv. 121-122. Na edição de referência: *adnue: sic tibi intonsi, Phoebe, capilli...*

<sup>20</sup> Caius Valerius Catullus, LXVI, vv. 87-88. Na edição de referência: *sed magis, o nuptae, semper concordia vestras, / semper amor sedes incolat assiduus.*

<sup>21</sup> D. Marcos lembra *Progymnasmatum Latinitatis, Sive Dialogorum*, uma das obras do jesuíta Jacobus Pontanus (1542-1626). Elogiada como instrumento de aprendizagem útil à juventude, foi objecto de várias edições. Nas *Annotationes* ao *Progymnasma Tertium* (*E somno suscitati, precatio matutina*), lê-se: *Vt facilius consequamur, quod petimus ab alio, ea precamur illi, quorum scimus ipsum amantem & cupidum esse, adiuncta particula, sic.* (1591, p. 17). Dos exemplos aí dados, dois (um excerto da égloga IX de Virgílio e os versos da elegia de Tibulo) coincidem com os que D. Marcos propõe.

<sup>22</sup> Em 1572, 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1613, 1626: «de Pindo». Em 1631, «do Pindo».

<sup>23</sup> Em 1572, 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1613, 1626, 1631: «Banhar-me Apolo»...

que é sinal certo<sup>I</sup> de ter-me Apolo já banhado nas águas excelentes<sup>II</sup> da fonte de Aganipe. Vinde, Ninfa, se não quereis que se diga que por inveja não vindes, por reccar-vos que fique em Portugal o vosso querido Orfeo vencido.

As flores do Pindo.

As delícias de Tessália onde está o Pindo, monte<sup>III</sup> consagrado a Apolo e às Musas, por ser fresco e gracioso, e mui acomodado lugar pera se dar ao estudo das Letras, principalmente as da poesia, que ama mais o repouso e quietação.

Nesta oitava, e na última, parece que o nosso Poeta se engrandece muito a si, porque aqui se antepõe a Orfeu, e noutro lugar a Homero. Porém é de notar que os Poetas ãas vezes se humilham, outras se<sup>IV</sup> levantam e engrandecem, porque ãas vezes se consideram a si mesmos e então se humilham, outras a excelência de sua arte, e então parece que se ensoberbecem. Exemplo temos disto em Ovídio, que ãas vezes pedia perdão ao leitor dizendo

*Si qua meis fuerint (ut erunt) vitiosa libelis  
excusata suo tempore Lector habe<sup>24</sup>,*

noutros lugares se prometia fama eterna por suas obras inda depois de morto: *Me tamen extincto fama superstes erit<sup>25</sup>*. Virgílio falando com Augusto ora se confessa por atrivido em querer compor versos, ora entre os vitoriosos louros quer poer a sua hera como merecedora daquele lugar. (196)// Horácio disse de si, *Nos numerus sumus et fruges consumere nati<sup>28</sup>*, e noutro lugar se chamou *Epicuri de Grege porcum<sup>29</sup>*. Porém também se chamou insigne e assinalado por seu saber:

*Georg.* 1.<sup>26</sup>;  
*Egl.* 8<sup>27</sup>

*Demonstror digito praetereuntium  
Romanae fidicen lyrae.<sup>30</sup>*

O nosso Camões, como nestes seus cantos vemos imitando os grandes poetas, às vezes se abate contando suas misérias e trabalhos, outras se levanta na consideração da sua excelente poesia.

---

<sup>I</sup> No ms.: «hesinal certo certo de»... Antes de ser rasurado, «certo» parece ter sofrido retoques.

<sup>II</sup> No ms.: «nas agoas \*excelentes\* da fonte»...

<sup>III</sup> No ms.: «o Pindo \*monte\* consagrado»...

<sup>IV</sup> No ms.: «outras se ~~abatem~~ levantação»...

---

<sup>24</sup> Publius Ovidius Naso, *Tristia*, IV, I, vv. 1-2.

<sup>25</sup> Publius Ovidius Naso, *Tristia*, III, VII, v. 50.

<sup>26</sup> V. Publius Virgilius Maro, *Georgica*, I, vv. 24-42.

<sup>27</sup> V. Publius Virgilius Maro, *Bucolica*, VIII, vv. 11-13.

<sup>28</sup> Quintus Horatius Flaccus, *Epistulae*, I, II, v. 27.

<sup>29</sup> Quintus Horatius Flaccus, *Epistulae*, I, IV, v. 16.

<sup>30</sup> Quintus Horatius Flaccus, *Carmina*, IV, 3, vv. 22-23. Na edição de referência: *quod monstror...*

## O teu querido Orfeio.

Este foi dos mais antigos poetas que no mundo houve, e discípulo de Lino. Os poetas não lhe sabendo pai nem mãe levantaram-lhe que era filho de Apolo e de Calíope pela excelência de sua sabedoria e eloquência com que persuadia aos homens tudo o que queria, donde vieram a dizer que trazia os bosques e penedos após si. Horácio interpreta isto dos homens rústicos e salvagens que Orfeio tirou dos bosques e trouxe ao povoado:

I

*Sylvestres homines sacer interpresque Deorum  
Caedibus et foedo victu deterruit Orpheus  
Dictus ob hoc lenire tygres rabidosque leones.*<sup>31</sup>

Segundo as fábulas, casou Orfeu com Eurídice e convidou pera as vodas a Deusa Juno, e a Himineu, ambos casamenteiros, os quais vieram com as cabeças cobertas em sinal de tristeza porque sabiam a triste sorte e fim daquele casamento. Aconteceu pouco depois de casados que andando Eurídice descalça pela relva verde em companhia das Ninfas Náíades ãa áspide a mordeu, e da ferida morreu em breves horas. (196v)// Célio Augusto, nos *Hieroglíficos* que acrescentou aos de Pierio Valeriano<sup>32</sup>, faz um excelente desta mordedura da Áspide a Eurídice, com que significa o apetite, *vide plura ibidem*. Triste e malenconizado Orfeu pela morte da querida Esposa, da qual escassamente tinha gozado, tomou a viola e foi-se às portas do Inferno, e tangeu tão suavemente que ninguém lhe proibiu a entrada, e assi foi andando até que chegou à corte de Plutão, a quem pediu a mulher que lhe lá tinha. «Si darei» (respondeu Plutão), «porém seja com esta condição, que enquanto não saíres do Inferno, não tornes atrás a cabeça pera vê-la, sô pena de a tornar logo a perder». Com esta lei que lhe foi posta se saiu do Inferno indo Eurídice após dele, mas como o amor era grande, às quatro passadas o pobre amante não se pôde ter que não olhasse se a via, e em olhando ela lhe tornou a desaparecer, e ele ficou impossibilitado pera a ver mais nesta vida. Com esta tristeza se saiu do Inferno, e viveu sempre triste, e estando um dia cantando, as mulheres de Trácia que andavam em sacrifícios de Baco alegres e furiosas se

<sup>1</sup> No ms., na linha anterior à do verso que começa em «Sylvestres homines», foi desenhada e rasurada uma palavra: «Sacer».

<sup>31</sup> Quintus Horatius Flaccus, *De Arte Poetica*, vv. 391-393. Na edição de referência: *caedibus et victu foedo; tigris rabidosque leones*.

<sup>32</sup> Sob o título *Evrydice. Appetitus*, lê-se, no *Eruditissimi Viri Hieroglyphicorum Commentariorum Liber Prior, Ea Continens, Quæ Per Varia Deorum & hominum simulacra significantur* (cap. XLVI): *Evrydice, quam in pede momordit serpens, appetitum hominis significat, quam animi affectus exulcerant, pedes enim ac praesertim calcaneum, cupiditatum hieroglyphicum sunt [...]. (Ioannis Pierii Valeriani Bellvnensis Hieroglyphica, 1614, p. 745).*

foram a ele e o despedaçaram. As Musas lhe ajuntaram os membros e lhe deram sepultura. A Viola foi posta no Céu. Autores desta fábula são Ovídio<sup>33</sup>, Virgílio<sup>34</sup>, Claudiano<sup>35</sup>, e quantos poetas houve todos fazem menção dela.

Virg., 4 *Georg.*;  
Ovid. *passim.*;  
Claud. *De raptu  
Proserpinae*

3  
Prontos estavam todos escuitando  
o que o sublime Gama contaria,  
quando depois<sup>36</sup> de um pouco estar cuidando  
alevantando o rosto assi dezia:<sup>37</sup> (197)//  
Mandas-me ó Rei que conte declarando  
da<sup>38</sup> minha gente a grão geanelosia,<sup>39</sup>  
não me mandas<sup>40</sup> contar estranha história  
mas mandas-me louvar dos meus a glória.

A tento estavam todos os circunstantes pera ouvir o que o português<sup>1</sup> deria, quando ele, cuidando um pouco primeiro no que deria, levantando os olhos que no chão tinha pregados, assi deu princípio a seu arzeoamento: «Mandas-me, Rei sublime, contar a decendência ilustre de meus naturais, pois sabe que nisso que me mandas não me obrigas a contar cousas alheas, senão a glória e excelência daqueles de quem decendo.»

Dá princípio o nosso poeta à história da Origem de Portugal fazendo primeiro seus preâmbulos, mui ordinários na poesia, onde os que querem<sup>II</sup> contar alguma larga história primeiro pedem perdão ou dos erros que podem cometer no processo dela ou captando a benevolência dos ouvintes *ect.* Homero, quando quis dar princípio à lastimosa história dos trabalhos de Ulisses, fingiu primeiro a música do Cantor Demódoco, o qual cantou algumas letras da destruição de Tróia, as quais quando Ulisses ouviu chorou muitas lágrimas, o que advirtiu o Rei dos Feaces, que o agasalhava, e então o obrigou a contar sua vida, e com isto conclui Homero o 8.º livro, e no 9.º começa Ulisses a dizer assi:

<sup>1</sup> No ms.: «o por\*tu\*gues»...

<sup>II</sup> No ms.: «onde osq̄ \*querem\* contar»... Esta última palavra foi retocada, já que a redacção inicial era «osq̄ contaõ».

<sup>33</sup> V. Publius Ovidius Naso, *Metamorphoses*, X, vv. 1-77.

<sup>34</sup> V. Publius Virgilius Maro, *Georgica*, IV, vv. 453-527.

<sup>35</sup> V. Claudius Claudianus, *Praefatio, De Raptu Proserpinae*, II; *Carmina minora*, XVIII, XXXI.

<sup>36</sup> Em 1572, 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1626, 1631: «despois». Em 1613, «depois».

<sup>37</sup> Em 1572, 1597, 1609, 1612, 1613, 1626, 1631: «dizia». Em 1584, 1591, «dezia».

<sup>38</sup> Em 1572, como em todas as outras edições impressas até 1631: «De minha gente».

<sup>39</sup> Em 1572 e 1609: «geanalosia». Em 1626, «genealosia». Em 1584, 1591, 1597, 1612, 1613, 1631: «genealogia».

<sup>40</sup> Em 1572 e 1609: «Não me manda»... Em 1584, 1591, 1597, 1612, 1613, 1626, 1631: «Não me mandas»...

«Dá-me na vontade, ó Rei, contar-te meus lamentáveis trabalhos pera que à vista deles renovem meus olhos as lágrimas que choraram quando os passei. Que contarei primeiro? E que porei no segundo lugar? Dores e trabalhos me deu o Céu que passasse muitos e grandes» *ect.* Virgílio, que imitou em tudo a Homero, introduz a cea, e a música de Iopas, as perguntas de Dido, o aparelho de Eneas pera contar; a prontidão de todos pera o ouvir; (197v)// e ultimamente a história e seus preâmbulos no segundo livro que neles começa, como no nono Homero, e Camões no 3.º Canto, com excelente ordem, porque as cousas notáveis hão-de ir todas juntas por se não enterrorper o fio da história.

Virgílio diz<sup>41</sup>, «Calaram-se todos e suspensos estavam pera ouvir quando o Padre Eneas do alto assento assi começava: – Mandas-me, ó Rainha, renovar ãa dor lastimosa e digna de eterno silêncio, como os Gregos destruíram a opulência de Tróia, e aquele lamentável Reino, às quais misérias eu me achei presente, e sou testemunha de vista, e não fui o a quem coube a menor parte nelas. Quem repetindo tais cousas, inda que seja dos Mirmídones, ou dos Dólopes, ou soldado do duro Ulisses refreará o ímpeto do choro?» *ect.*

4

Que outrem possa contar esforço alheo,<sup>42</sup>  
cousa é que se costuma e se deseja,  
mas louvar os meus próprios arreceo<sup>43</sup>  
que louvor tão suspeito mal me esteja.  
E pera dizer tudo temo, e creio  
que qualquer longo tempo seja curto,<sup>44</sup>  
mas pois o mandas tudo se te deve,  
irei contra o que devo e serei breve.

Que haja quem louve alheas virtudes, cousa costumada e desejada é<sup>1</sup>, porém eu que me ponha em alhea terra a engrandecer aqueles de quem decendo, e a quem sou obrigado per lei natural, temo que este meu<sup>II</sup> testemunho de louvor seja

---

<sup>1</sup> No ms.: «desejada; \*he\* porem»...

<sup>II</sup> No ms.: «este \*meu\* testemunho»...

---

<sup>41</sup> V. Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, II, vv. 1-8: *Conticuere omnes intentique ora tenebant. / inde toro pater Aeneas sic orsus ab alto:/ «Infandum, regina, iubes renovare dolorem./ Troianas ut opes et lamentabile regnum/ eruerint Danaï, quaeque ipse miserrima vidit/ et quorum pars magna fui. quis talia fando/ Myrmidonum Dolopumve aut duri miles Ulixi/ temperet a lacrimis?»*

<sup>42</sup> Em 1572, 1584, 1597, 1609, 1612, 1626: «Que outrem possa louvar esforço alheio». Em 1591 (por gralha), «Que outrem possa louver esforço alheio». Em 1613 e 1631: «Que outrem possa louvar esforço alheo».

<sup>43</sup> Em 1572, 1584, 1591, 1626: «arreceio». Em 1609, por gralha, «arrefyo» (sic). Em 1597, 1612, 1613, 1631: «arreceo».

<sup>44</sup> Em 1572, 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1613, 1626, 1631: «Que qualquer longo tempo curto seja».

julgado por suspeito, e eu que<sup>I</sup> fique mal acreditado diante de quem me ouvir. E ainda digo que recêo, ou tenho por mui certo que gastando largo tempo em contar as histórias<sup>II</sup> que de mim queres ouvir (198)// fique diminuto nelas. Mas vosso mandado, ó Rei, todas as dificuldades me tira, e pela<sup>III</sup> obrigação que vos tenho cortarei pela de bom natural, contando em suma o em que devera gastar muito tempo.

Que outrem possa contar esforço alheo *ect.*

Muito desejam os homens<sup>IV</sup> ser louvados, e quanto o que os louva é menos interessado tanto o louvor fica mais glorioso. E assi Virgílio querendo engrandecer as cousas dos Troianos disse

*Ipse hostis Teucros insigni laude ferebat,*<sup>45</sup>

1.º *Aen.*

porque enfim, o louvor na boca própria se faz vil, como Salamão nos ensina<sup>46</sup>. E Valério Máximo diz que quem se louva a si mesmo deminui em seus merecimentos: *Nihil est quod magis minuat laudis praeconium quam suos assidue iactare successus*<sup>47</sup>. E Cícero lhe chamou cousa fea<sup>48</sup>: *Deforme est de se ipso praedicare*<sup>V</sup>. Difinindo Alberto Magno<sup>49</sup> o verdadeiro louvor disse *Laus est praeconium alieno ore*<sup>VI</sup> *celebratum*. O louvor é um pregão dado per boca alhea, donde se colige que o louvor verdadeiro há-de ser dado por outrem, e não pelo mesmo de cujas virtu-

Val. Max., l. 2

Cicer. *De Offic.*

Albert. Mag.,  
*Etich.* 1.º, trat.  
8, c. 1.º

<sup>I</sup> No ms.: «e euq̄ encorra fique»...

<sup>II</sup> No ms., acrescenta-se em entrelinha «as historias», substituindo uma palavra ou uma expressão que a rasura tornou ilegível. A meio desta rasura foi grafado um «q».

<sup>III</sup> No ms.: «econtra a pella obrigação»...

<sup>IV</sup> No ms., o que se lê é: «deser louvados». Uma dupla possibilidade se abre: ou D. Marcos iria repetir, por lapso, a forma verbal «desejam», ou iria usar (mas preferiu abandoná-la) a construção preposição+infinitivo.

<sup>V</sup> No ms.: «praedicare. Hum poeta estrangeiro Difinindo»...

<sup>VI</sup> No ms.: «ore praedicatū celebratum.»

<sup>45</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, v. 625.

<sup>46</sup> É provável que D. Marcos recordasse um aforismo como o que se lê na *Polyanthea Nova*, sob o título *Laus* (1607, p. 639): *Laus in ore proprio sordescit. Prov. 27.2*. Também n'Os *Lvsiasdas* [...] *Commentados* se advertia: «Sempre o louvor próprio foi suspeito, donde dizem os Latinos, *Laus in ore proprio vilesceat*, o louvor na boca própria é reprovado.» (1613, f. 68).

<sup>47</sup> D. Marcos recorre decerto à *Polyanthea Nova*, onde sob o título *Iactantia* se lê esta sentença, atribuída a *Valerius Maximus lib. 2* (1607, p. 525).

<sup>48</sup> Também esta frase, atribuída a *Cic. libro de Offic.*, se encontra, sob o título *Iactantia*, na *Polyanthea Nova* (1607, p. 525).

<sup>49</sup> D. Marcos apoia-se decerto na *Polyanthea Nova*, onde, sob o título *Laus*, vem citado um passo atribuído a *Albertus Magnus Ethicor. I tract. 8, cap. I*. Aí se distinguem dois tipos de louvor, explicando: *Laus dicitur dupliciter, large & stricte: large est praeconium ore alieno celebratum* [...]. (1607, p. 640).

des se trata. Isto tem lugar nos louvores pessoais e próprios<sup>I</sup>, porque estes (ainda com verdade) são avorrecidos. Mas no louvor das Respúblicas, Reinos e nações não é estranho o louvor nem diminui em si por sair de boca de algum natural interessado, contanto que fale verdade, que por isso Salústio<sup>50</sup> alcançou o primeiro título de honra na história Romana, porque falou com muita verdade. O que não fez Tito Lívio, porventura que foi tachado de apaixonado nas histórias mais chegadas ao seu tempo. Este louvor tem o nosso Camões, e o nosso insigne João de Barros e Diogo do Couto<sup>II</sup>, que em suas histórias não trataram mais que da verdade, e essa os fez mais célebres no mundo que a eloquência de seu estilo. (198v)// Por isso os que quiserem escrever histórias de sua pátria vão muito a tento nelas, se querem ser cridos<sup>III</sup>, porque os que as lem são mui escrupulosos nas cousas duvidosas, e anda o crédito dos escritores muito arriscado nelas. A este prepósito me lembra que li um Epigrama de um poeta estrangeiro que tomou por empresa celebrar a insigne Cidade de Paris não sendo natural dela. Começa ele assi:

*Eximiis olim ac praeclaris laudibus Urbem  
Quisque poetarum vexit in astra suam  
Sed quia testantur celebrantque domestica, certe  
Vix fit ut omnino suspicione valent.*

E assi o nosso Camões, querendo entrar no largo mar do louvor dos portugueses, toma a salva primeiro, dizendo em pessoa de Vasco da Gama<sup>IV</sup> que é verdade ser o louvor próprio suspeito, porém que a verdade que ele em tudo falaria, o assegurava pera achar nas orelhas dos ouvintes o crédito<sup>V</sup> que desejava, e merecia.

5  
Além disso o que a tudo enfim me obriga  
é não poder mentir no que disser,

<sup>I</sup> No ms.: «pessoas, \*eproprios\*, porq̄»...

<sup>II</sup> No ms., uma chamada («+»), junto do nome «Barros», indica, no texto, o ponto de inserção de um aditamento escrito na margem: «eDiogodoCouto».

<sup>III</sup> No ms.: «nellas, \*sequerêser cridos\* porque»...

<sup>IV</sup> No ms., uma chamada («+»), junto de «dizendo», indica, no texto, o ponto de inserção de um aditamento escrito à margem: «Empessoa de VascodaGama».

<sup>V</sup> No ms.: «ocredito de que era dno quedesejava»...

<sup>50</sup> Caius Sallustius Crispus (86-c.35a.C.). Escreveu *Bellum Catilinae* e *Bellum Iugurthinum*, bem como *Historiae*, de que não sobreviveram senão fragmentos. Atribuem-se-lhe ainda, todavia sem inteira segurança, alguns opúsculos. Ao louvá-lo como historiógrafo isento, D. Marcos, mais do que confiar em afirmações do próprio Salústio (v. *Bellum Catilinae*, III, 1-2, onde o autor fala da dificuldade e dos riscos da sua empresa: *in primis arduum videtur res gestas scribere*), segue Santo Agostinho, que em *De Civitate Dei* (I, V) lhe dera o título de *nobilitatae veritatis historicus*. Muito diferente era a opinião de João de Barros, que no Prólogo da *Decada Terceira* acusou Salústio de incorrer na culpa dos que optam por «calar os louvores de alguém, ou notar suas tachas por ódio» (1628, s/f).

porque de feitos tais por mais que diga  
mais me há-de ficar inda por dizer.  
Mas porque nisto a ordem leve e siga  
segundo o que desejas de saber,  
primeiro tratarei da larga terra,  
depois<sup>51</sup> direi da sanguinosa guerra.

Sobretudo, o que mais me anima e esforça é que as histórias que contarei irão livres de toda a falsidade e mentira, porque os heróicos feitos dos meus são tais, que inda que eu queira acrescentar neles fingindo não poderei, antes muito mais encobrirei com silêncio. Mas pera que em boa ordem conte o que me mandas, contarei do sítio da terra primeiro, depois tratarei das conquistas dela. (199)//

6  
Entre a zona que o Cancro senhorea,  
meta setentrional do Sol luzente,  
e aquela que por fria se recea<sup>52</sup>  
tanto como a do meio por ardente,  
jaz a soberba Europa, a quem rodea  
pela parte do Arcturo e do Ocidente  
com suas salsas ondas o Oceano,  
e pela Austral<sup>1</sup> o mar Mediterraneo.

Entre a zona tórrida a quem o Trópico de Cancro termina servindo de raia ao claro Sol quando pera o norte caminha, e a frígida tão temida por tal como a tórrida por quente, jaz a famosa Europa, ãa das três partes do Mundo, a qual está cercada do mar Oceano pela banda do Norte e do Ocidente, e pela do Sul com o mar Mediterrâneo.

Entre a Zona.

Ainda que pera o décimo Canto guardamos as cousas pertencentes à esfera, como lugar próprio seu, contudo este presente nos obriga a tratar algũa cousa dela pera declaração destes versos. Os matemáticos antigos fizeram muitas divisões da esfera celeste, às quais divisões estava sujeita a terrestre. ãa das mais principais foi a das cinco zonas em que dividiram o universo. ãa delas ficava no meio, a que chamaram tórrida, e continha-se entre os dous trópicos de Cancro e Capricórnio, e pelo meio a dividia a linha equinocial, tendo de largura 46 graus.

---

<sup>1</sup> No ms.: «Austras». Decerto um lapso, e por isso agora corrigido.

<sup>51</sup> Em 1572, 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1626, 1631: «Despois». Em 1613, «Depois».

<sup>52</sup> Em 1572, 1584, 1591, 1609, 1613, 1626, 1631: «arrecea». Em 1597, 1612: «recea».

A esta abraçava o Círculo chamado Zodíaco, que compreende os doze signos. Segundo sua latitude, o (199v)// último mais vizinho a nós é o de Cancro, onde o Sol pára quando se chega pera o Norte, e daí torna a voltar, que por isso se chama trópico ou conversivo, pela conversão e mudança que o Sol faz quando chega a ele. Junto desta Zona ou faixa, se estende outra, pera a parte do Norte, começando em vinte e três graus e acabando em setenta, a qual se chama temperada, e ultimamente a Zona frígida fica debaixo do círculo ártico de 70 graus até 90. Isto que consideramos da parte do norte havemos de prossupor da outra parte do Sul, fazendo a mesma computação do Trópico de Capricórnio, que passa pela Ilha de S. Lourenço, até outros tantos graus do Sul. Onde é de advirtir que o nosso sítio de Hespanha é o meio da zona temperada, nem tão quente como Egito e África, nem tão fria como Alemanha e Noruega. Virgílio falando desta divisão das zonas diz:

*Quinque tenent caelum zonae quarum una corusco  
Semper sole rubens et torrida semper ab igne  
Quam circum extremae dextra laevaue trahuntur  
Caerulea glacie concretae, atque imbribus atris  
Has inter mediamque duae mortalibus aegris  
Munere<sup>1</sup> concessae Diuum et via secta per ambas  
Obliquus qua se Signorum verteret Ordo.<sup>53</sup>*

Debaxo destas cinco zonas celestes ficam outras tantas na terra que lhe respondem com as mesmas calidades. Ovídio:

*Totidemque plagae tellure premuntur  
Quarum quae media est non est habitabilis aestu  
Nix tegit alta duas, totidem inter utramque locavit  
Temperiemque dedit mixta cum frigore flamma.<sup>54</sup> (200)//*

Jaz a soberba Europa.

Descreveu o sítio de Europa pelo Céu que a cobre, agora a vai limitando pelos mares e terras que a cercam. «Jaz». Próprio da terra, que nunca se levanta do lugar onde a Deus pôs ãa vez, mas sempre jaz. Todos os que escreveram o sítio das terras deram a esta terceira parte dela nome Europa, dirivando este nome de Europa, filha de Agenor, cuja história ou fábula atrás fica tocada. Porém eu

*Ecclesiastes.  
Terra autem in  
aeternum stat.<sup>55</sup>*

<sup>1</sup> No ms.: «#Munere# Concessae»...

<sup>53</sup> Publius Virgilius Maro, *Georgica*, I, vv. 233-239. Na edição de referência: *ab igni; caeruleae*.

<sup>54</sup> Publius Ovidius Naso, *Metamorphoses*, I, vv. 48-51.

<sup>55</sup> Liber Ecclesiastes, I, 4: *generatio praeterit et generatio advenit terra vero in aeternum stat.*

seguindo ao Sepontino no seu *Cornucopiae*<sup>56</sup> digo que se deriva do grego Εὐρωπαϊά, vista larga e espaçosa. E assi diz ele: *Europa a longe lateque videndo*. Este foi o primeiro autor em que achei esta opinião, e só nele a encontrei, inda que depois a vi em Manuel Correa<sup>58</sup>, o qual a vendeu por sua, sendo ela já tão antiga. Mas tudo pode ser, porque os entendimentos, inda que tenham modo diverso no discurrer, muitas vezes se encontram nos conceitos, e assi pode mui bem ser que não lesse Correa em *Cornucopia* esta exposição senão que desse nela, pois entendia o grego<sup>1</sup>. Porque não tiremos a cada um o seu. Em prova disto que dissemos de Europa derivar<sup>II</sup> seu nome da fermosura de suas terras, lhe chamou Plínio *longe terrarum pulcherrima*<sup>59</sup>. Mais fermosa de todas as terras. Os limites de Europa, diz aqui Camões com todos os Geógrafos, que são da parte do Norte, e Poente, o mar Oceano. Do meio-dia o Mediterrâneo, e do Oriente o Tanais<sup>III</sup> e Ponto Euxínio, que a divide de Ásia.

### Construção.

«Entre a Zona que o Cancro». *i.* o Signo de Cancro, um dos doze do Zodíaco, cuja imagem consta de nove estrelas e foi posto no Céu por benefício de Juno porquanto ele mordeu a Hércules num pé a tempo que se combatia com a bicha Lerneia. «Senhorea». *i.* domina como em casa própria. «Meta setentrional», (200v)// término e baliza<sup>IV</sup> da parte do Norte. «Do Sol», o qual quando a ela chega volve o curso e torna a desandar o que tinha andado, pera o Sul. «E aquela» *i.* Zona, «que por fria se recea» *i.* que não é habitada, por o grande rigor do frio que nela sempre há. E «como a do meio» *i.* como a tórrida, que fica no meio das cinco,

<sup>I</sup> No ms.: «q̄ ã não lesse Correa em Cornucopia \*estaexposição\* senão q̄ desse nella pois era entendia o grego.»

<sup>II</sup> No ms.: «de Europa se derivar»...

<sup>III</sup> No ms.: «Tananais». Trata-se decerto de um lapso, agora emendado.

<sup>IV</sup> No ms., entre «baliza» e «daparte», há uma rasura ilegível.

<sup>56</sup> D. Marcos transcreve fielmente as palavras de Nicolao Perotto, que especifica a etimologia: εὐρωπῆ latum οὖν οculus (*Cornucopiae* D. Nicolai Perotti, 1543?, f. 171, col. 2, l. 22).

<sup>57</sup> No ms.: «Epig. 46 27».

<sup>58</sup> D. Marcos referir-se-á decerto à nota feita, n'Os *Lusiadas* [...] *Commentados*, sobre a estrofe 2 do canto I. Lembrando também a expressão elogiosa de Plínio («mãe de povo vencedor de todas as gentes, e a mais bela, e fermosa de todas as terras do mundo»), diz-se ali: «O que os antigos quiseram mostrar pelo nome d'Europa, chamada no Grego εὐρωπαϊά, Europi, que quer dizer fermosa vista: como é notório, aos que desta língua tem algum conhecimento, e se pode ver no tesouro da língua Grega, no segundo tomo. E espanto-me, nenhum autor antigo, nem moderno, haver dado na verdadeira etimologia desta palavra: crendo todos, que o nome d'Europa lhe veio de ãa mulher assi chamada, que Júpiter furtou, e levou a Candia, que comumente se tem por fábula.» (1613, f. 2).

<sup>59</sup> Caius Plinius Secundus, *Naturalis Historia*, III, I, 5: *Primum ergo de Europa altrice victoris omnium gentium populi longeque terrarum pulcherrima, quam plerique merito non tertiam portionem fecere verum aequam, in duas partes ab amne Tanai ad Gaditanum fretum universo orbe diviso.*

«por ardente» *i.* pelo excessivo calor, «jaz», está limitada, «a soberba Europa» *i.* excelente senhora, dominante *ect.*, «a quem rodea» *i.* a quem cerca, «pela parte do Arcturo» *i.* do Norte, onde está a constelação de Arcturo, por outro nome Artophilax, ou Bootes, cuja figura consta de 22 estrelas, que todas quais são da trezeira grandeza. O demais está claro.

7

Da parte donde o dia vem nascendo<sup>60</sup>  
com Ásia se avizinha, mas o Rio  
que dos montes Rifeios vai<sup>I</sup> correndo  
na alagoa Meótis, curvo e frio,  
As divide, e o mar que fero e horrendo  
viu dos Gregos o irado senhorio  
onde agora de Tróia triunfante  
não vê mais que a memória o navegante.

Da parte oriental fica Europa vezinha de Ásia, mas o rio Tanais, que nace nos montes Rifeos e se mete na alagoa Meótis<sup>II</sup>, fica em meio de ambos, e juntamente o Helisponto, onde os Gregos estavam quando combatiam a Tróia, da qual populosa cidade escassamente se dexam ver hoje<sup>III</sup> as ruínas dos que por ali navegam.

Mas o Rio que dos montes Rifeios *ect.*

Esta opinião de nascer o Rio Tanais nos montes Rifeios (201)// foi de Tolomeu<sup>61</sup>. Heródoto<sup>62</sup> diz que procede este Rio de um Lago que está pera o norte. Outros disseram outras cousas acerca do nascimento do Tanais, sem nenhum dos antigos atinar com a verdade por falta de quem os informasse. Hoje está abrigado que os montes Rifeos, Hiperbóreos e Alanos foram inventados dos Geógrafos e historiadores antigos, porque ignoravam que término tinha o mundo por aquela parte setentrional, e por não dizer que o não sabiam lhe deram estes montes

---

<sup>I</sup> No ms., «vai» resulta da emenda, por sobreposição de caracteres, da forma «vem».

<sup>II</sup> No ms.: «Meotis; etambem fica em meio d' ambos, e iuntamente \*o Helis\* o Ponto Euxinio onde»...

<sup>III</sup> No ms.: «ver \*hoge\* as ruinas»...

---

<sup>60</sup> Em 1572, 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1626, 1631: «nascendo». Em 1613, «nacendo».

<sup>61</sup> Na *Tabula Europæ VIII (Sarmatia Europea)*, que figura nos *Geographiæ Claudii Ptolemæi Alexandrini, Philosophi ac Mathematici præstâtissimi, Libri VIII*, a nascente do rio Tanais é representada numa lagoa, no sopé dos montes Rifeus. Plínio (*Naturalis Historia*, IV, XII, 78), corroborado por Pompónio Mela (*De Chorographia*, I, 19, 115), situou nos mesmos montes a origem deste rio.

<sup>62</sup> Nas *Histórias*, IV, 57, Heródoto refere o Tanais como um dos rios da região dos Citas, dizendo que nasce num grande lago (cujo nome não indica) e desagua noutra ainda maior, chamado Meótis.

imaginários por remate<sup>63</sup>. O Tanais nasce em Moscóvia (c'o Borístenes e Volga tão nomeados), e percorrendo per várias províncias do Norte vem a descarregar suas águas na grande Lagoa Meótis, a que os Citas chamaram Temérida, que quer dizer mãe dos mares, por duas bocas grandes distantes ãa da outra setenta estádios.<sup>64</sup>

E o mar que fero e horrendo  
viu dos Gregos o irado senhorio.

texto

Divide mais a Europa de Ásia o Helesponto, que aonde é mais estreito tem dez estádios, como diz Plínio<sup>65</sup>, por este mar passou Xerses seu numeroso exército por ponte de naus. Os Geógrafos às primeiras angústias do mar Egeu chamam Helesponto. Estende-se este mar até Priapo, Cidade de Ásia onde passou Alexandre Magno; daqui se começam a alargar as angústias, e chama-se Propontis, e aonde se tornam a estreitar as águas chamam *Tracius Bosphorus*, que é o que um boi pode passar nadando. E por aqui diz Plínio que passou Dario. Daqui se começa o mar a alargar muito, e chamam-lhe Ponto Euxínio e antigamente Axenus. De tudo isto é autor Plínio *loco citato*<sup>66</sup>. Naquele Estreito chamado Helesponto estiveram anco(201v)//rados os Gregos quando cercavam Tróia. Mas porque muitas vezes fazemos menção desta Cidade e sua destruição, neste lugar daremos relação de tudo brevemente.

Plin. *De natural.* lib. 4, cap. 12

Edificou esta Cidade Dárdano, filho de Júpiter e de Electra<sup>1</sup>, e foi desta maneira. Dárdano, segundo Beroso<sup>67</sup> (se este nome nos não engana, como eu tenho por

<sup>1</sup> No ms.: «Iupiter ede Maya Electra»...

<sup>63</sup> D. Marcos reitera afirmações como a que se pode ler no prefácio do texto de Matias Michou (*Nouvs Orbis*, 1532, p. 482), onde o médico polaco e cónego de Cracóvia invocava a *hodierna* [...] *experientia* para se demarcar da tradição antiga: *Montes autem Hyperboreos, Ripheos & Alanos scimus & uideimus illic non esse, nec dicta flumina* [Volha, Tanais, Boristhenes] *ex eis, sed ex planicie terræ scaturire* [...]. Relevante deverá ter sido igualmente, para D. Marcos, a lição de *Cosmographiæ uniuersalis Lib. VI*, de Sebastianus Munster: *prisci Cosmographi finxerunt in his septentrionalibus locis magnos montes, quos Ripheos, & Hyperboreos uocauerunt, qui tamen in rerum natura non inueniuntur. Est quoque fabulosum, Tanaim & Volham fluuios oriri ex montibus altis* [...] (1552, p. 913). Segundo Munster, *Tanais nominatissimus fluuius à Moscouitis Don appellatus, fontes suos & originem habet in Moscouia in ducatu Rezensi. Consurgit de terra plana, sterili, limosa, paludiosa et nemorosa.* (p. 911).

<sup>64</sup> V. Caius Plinius Secundus, *Naturalis Historia*, VI, VII, 20: *Tanaim ipsum Scythæ Sinum uocant, Maeotim Temarundam, quo significant matrem maris.*

<sup>65</sup> V. Caius Plinius Secundus, *Naturalis Historia*, IV, XII, 75-77.

<sup>66</sup> Na verdade, D. Marcos lida também com informação proveniente de outro lugar da *Naturalis Historia*: VI, I, 2.

<sup>67</sup> Muito provavelmente, ao falar em Beroso (autor assírio do século III a.C., cuja obra apenas de modo fragmentário ou indirecto foi conhecida), D. Marcos teria em conta edições como *Berosi sacerdotis Chaldaici, Antiquitatum Italiae Ac Totius Orbis libri quinque, Commentarijs Ioannis Annij Viterbensis, Theologiae professoris illustrati* [...] (1552). Ao tratar *De XVIII Assyriorum rege Ascatade*, Ânio de Viterbo explicava: *Dardanus dolo peremit Iasium & fugit in Samothraciam, & successit Larthes Etruriæ Ban./ Quòd post in Phrygiam & Meoniam ueniens Dardanus ad patrem Turrheni Atum, donatus est agro Phrygiæ ubi condidit Dardanium.* (1552, s/f).

mais certo), andando fugido de Itália pela morte de seu Irmão Iásio, pediu a seu parente Ato alguma terra para morar ele e a gente que consigo trazia. E ele lhe deu a terra de Frígia, e em pago disto deu Dárdano a Turreno, filho de Ato, o direito que tinha em Itália. Edificou Dárdano na terra que lhe foi dada junto ao mar ã Cidade a que pôs nome Dardânia<sup>1</sup>, que é na Ásia Menor. Esta Cidade se chamou depois Tróia, de Tros, filho de Ericciónio, que nela reinou e a ampliou muito, e depois que foi destruída pelos Gregos nunca mais se reedificou. Constantino Magno quando mudou a cadeira do Império de Roma tratou de reedificar esta Cidade, mas não achou o sítio apto para isso, e assi foi à outra parte fazer sua corte em Bizâncio, a que chamamos Constantinopla. Autor há tão ocioso, e amigo de novidades, que prova que Espanhóis edificaram Tróia, e de Brigos se chamaram Frígios. E não é muito, pois também houve quem foi à arca de Noé buscar Tubal para edificar a Setúvel<sup>68</sup>, estando às portas a antiga Setóbriga, a que corruptamente chamam Tróia, donde se originou o nome desta nobre vila.

As causas desta notável guerra dos Gregos com os Troianos foram o rapto de Helena mulher de Menelau, e foi assi. Um Senhoroço em Grécia chamado Tíndaro teve de sua mulher Leda ã filha de estremada fermosura per nome Helena, a qual foi mui cobiçada de todos os príncipes (202)// daquelas partes. Egíneo diz que eram eles quarenta<sup>69</sup>. E Apolodoro que eram 29<sup>70</sup>, qualquer destes números é bastante prova de sua fermosura. Como os Príncipes Gregos eram tantos e todos

Aeginius in  
fabul.  
Apolod., l. 3

---

<sup>1</sup> No ms., decerto por lapso, «Dardanio».

---

<sup>68</sup> A busca de origens míticas foi uma constante na tradição historiográfica do século XVI e deu azo a controversas especulações, de que um autor como Juan de Mariana desdenhou, na sua *Historia General de España* (1617, I, VII, pp. 11-13). D. Marcos tão-pouco esconde a ironia com que alude a Florian de Ocampo, segundo o qual povos peninsulares, chamados Brigos, haviam passado a Ásia, y fue cierto, que despues corrompiendoseles el vocablo, se llamaron Frigios, y poseyeron muchos años la region que por el mesmo respeto se nombro Frigia, donde Reynaron adelante los principes de Troya, hasta los tiempos del rey Priamo [...]. (*Los Cinco Libros Primeros dela Coronica general de España*, 1578, f. 20v). E se ainda Florian de Ocampo dissera que Tubal, filho de Japhet e neto de Noé, havia fundado a cidade de Setúbal (*Este lugar de Setubal, tienen por cierto los mas y mejores de nuestros coronistas auer sido la primera poblacion ordenada que sepamos en nuestra España* – 1578, f. 16v), muito provável é, no entanto, que na mira de D. Marcos estejam, não apenas *Los Cinco Libros Primeros dela Coronica general de España*, ou *Los treynta libros de la Monarchia Ecclesiastica*, O *Historia Vniuersal del mundo* (onde fr. Juan de Pineda corroborava: *Poblo Tubal a Setubal a la lengua del mar Oceano de Portugal* [...] – 1588, f. 63v), mas também a *Monarchia Lusytana* do alcobacense Frei Bernardo de Brito (v. «Capítulo III. De como as gentes se dividiram por várias partes do mundo, e como Tubal neto de Noé veo povoar nosso Reino de Lusitânia, e fundou nele a povoação de Setúbal» – 1597, fls. 6-8v). Na verdade, ao argumentar assim, Frei Bernardo de Brito refutava a opinião de André de Resende, que D. Marcos preferiu perfilhar: a opinião segundo a qual «o nome de Setúbal foi Setóbriga, e daqui se derivou, e não de Tubal.» – 1597, f. 7).

<sup>69</sup> Nas *Fabulae* (cap. LXXXI: *Proci Helenae*), Higino apresenta 36 nomes de pretendentes de Helena (C. *Iulii Hygini* [...] *Fabularum Liber*, 1578, f. 19).

<sup>70</sup> Um rol de 29 nomes lê-se em *Apollodori Atheniensis Grammatici Bibliothecae Sive De Deor. Origine* (liber III), obra incluída em C. *Iulii Hygini* [...] *Fabularum Liber* (1578, f. 297v).

poderosos, receava-se Tíndaro de a dar a nenhum deles, tendo por certo que a troco de contentar a um havia de ficar em ódio com todos. Ulisses entendeu de que procedia a perplexidade de Tíndaro e aconselhou-lhe que tomasse a todos juramento de nenhum ficar mal com ele se lhe não desse sua filha por mulher, antes defendê-lo sempre contra quem o quisesse estorvar, e desta sorte deu Tíndaro a El Rei Menelau sua filha por mulher, e todos se foram em paz, não se dando nenhum deles por agravado. Estando Helena casada já alguns anos com Menelau e sendo ele absente, chegou ao porto daquela sua Cidade ãa nau de Frígia e nela por Capitão um filho del Rei Príamo chamado Alexandre Páris. Sabendo a Rainha que ao seu porto chegara tal pessoa, lhe mandou oferecer a hospedagem em sua casa, que ele aceitou. Viu-o ela mancebo gentil-homem, e com a memória de ser filho de um Rei tão poderoso, e rico, brevemente se namorou dele, e ele dela, e assi se concertaram que iria com ele pera Tróia, como foi, levando os tesouros del Rei seu marido. O qual, tornando de fora, e achando-se sem mulher e sem tesouros, foi-se a Tróia fazer queixume desta sem-rezão a el Rei Príamo, o qual lhe quisera fazer justiça, mas a senhora disse que não havia de tornar a Grécia, antes morreria, e por esta causa e por outras se foi Menelau mal despachado, e logo mandou embaxadores a todos os Príncipes Gregos lembrando-lhe a obrigação que tinham pelo juramento que tomaram de defender sua honra. E assi se ajuntaram todos (202v)// e vieram sobre Tróia e a tiveram cercada dez anos, no cabo dos quais a tomaram e destruíram, matando a Príamo e seus filhos, e os que escaparam foram buscar novas terras em que morassem.

8

Lá onde mais debaxo está do pólo,  
os montes Hiperbóreos aparecem,  
e aqueles onde sempre sopra Eolo  
e co nome de<sup>71</sup> sopros se enobrecem.  
Aqui tão pouca força tem de Apolo  
os raios que no mundo resplandecem,  
que a neve está contino pelos montes,  
gelado o mar, geladas sempre as fontes.

Onde Europa mais se chega ao pólo ártico, se deixam ver os montes Hiperbóreos e Rifeos. Os raios do Sol são aqui tão fracos que não podem derreter as neves que de contino estão pelos montes, estando o mar e as fontes em perpétuo regelo convertidas.

Lá onde mais debaxo está do Pólo  
os montes hiperbóreos aparecem.

---

<sup>71</sup> Em 1572 e 1609: «nome do sopros»... Em 1584, 1597, 1612, 1613, 1626, 1631: «nome dos sopros»... Em 1591, «nome do sopro»...

Math. in  
proemio

Já temos dito como aqueles montes Hiperbóreos e Rifeos eram fictícios, e fabulosos, como também eram sonhados os Campos Elísios e felicidades que nestas terras punham<sup>72</sup>, sendo tudo ãa terra de todo inculta e despovoada. Ouçamos ao Doutor Matias A Michou Cónego de Carcóvia: *Scimus et experientia discimus tria flumina Volham, Tanaim et Boristhenem maiorem<sup>I</sup> et minorem ex Moschovia originem ducere ect.* Et infra: *Montes autem Hyperboreos<sup>II</sup> et Riphæos et Alanos scimus et vidimus illic non esse (203)// nec dicta flumina ex eis sed ex planicie terrae scaturire ect<sup>73</sup>.* E acima tinha dito, falando destes montes, *sed cum id a vero alienum sit hodierna docente experientia, non sine causa reiicimus quidquid veteres somniauerunt de his montibus et fluminum originibus.*<sup>74</sup>

Porque o Poeta  
não é obrigado  
a adivinhar o  
que não viu.

E esta opinião é hoje a que se tem e segue, que não há tais montes *in rerum natura*. Mas Camões falou como Poeta, e conforme à opinião comum.

E co nome de sopros *ect.*

Pomp., lib. 1.º  
de situ orbis

Segundo Pompónio Mela este nome Ripheo é decendente deste verbo *rephizo*, que em grego quer dizer assoprar.<sup>75</sup>

Os antigos escritores grandes investigadores da verdade, enquanto podiam a falavam, porém faltando-lhe conhecimento, e notícia dos lugares, por não confessarem que não sabiam, tornavam-se a fábulas e fingimentos tão alheos da certeza como a experiência nos tem mostrado muitas vezes, e assi na descrição de Europa, porque não tinham mais notícia que dos Citas, cujas terras ficavam<sup>III</sup> muito setentrionais, não sabendo o que após elas se seguia, fizeram lá ãas florestas fantásticas, e uns paraísos sonhados debaxo do mor rigor do frio, e na mor falta e penúria de regalos do mundo, onde se não acham nem ainda as cousas que pera sustentar

<sup>I</sup> No ms.: «maio~~rem~~ et mino~~rem~~ ex Moschouia»...

<sup>II</sup> No ms.: «Hyperboreos ~~atq~~ Riphæos»...

<sup>III</sup> No ms.: «ficavaõ ao-Norte m<sup>to</sup> setentrionais»...

<sup>72</sup> V. Caius Plinius Secundus, *Naturalis Historia*, IV, XII, 89-91.

<sup>73</sup> Com desvios mínimos na transcrição (por exemplo, escreve *discimus* em lugar de *didicimus*), D. Marcos reproduz fragmentos do texto do médico e cónego de Cracóvia (*Mathiæ A Michov De Sarmatia Asiana Atque Evropea, Libri Dvo*), editado em *Novvs Orbis* (1532, p. 482).

<sup>74</sup> *Mathiæ A Michov De Sarmatia Asiana Atque Evropea, Libri Dvo*, in *Novvs Orbis*, 1532, p. 482. D. Marcos prefere grafar *cum* onde no original se escrevia *quum*; *quidquid veteres somniauerunt* em vez de *quicquid ueteres somniarunt*.

<sup>75</sup> D. Marcos atribui a Pompónio Mela uma informação que este autor não dá e que provém de Santo Isidoro de Sevilha (*Etymologiae*, XIV, VIII, 8). Obras conhecidas de D. Marcos lembravam essa relação entre o nome do lugar e as suas características. N'Os *Lvsiasdas* [...] *Commentados* (1613, f. 69v), dizia-se: «os montes Rifeos [...] chamam-se assi de ριπὸ ριπὶ, que quer dizer força de vento, por cursarem ali muito.» No *Dictionarium* de Calepino, lia-se, acerca de *Rhiphæi: montes sunt in Scythia, à perpetuo uentorum flatu appellati ριπίζω enim Græcis flo significat, ex quibus Tanaim fluiuum oriri tradunt.* (*Onomasticon Propriorum Nominum* in *Dictionarium*, 1560, p. 246) No *Dictionarium* de Charles Etienne, estabelecia-se uma associação idêntica: *quòd ibi vehemētissimi esse dicantur Boreæ flatus.* (1590, f. 277v).

a vida se não escusam. E assi remataram suas descrições com montes Hiperbóreos, Rifeos e Alanos nunca vistos *in rerum natura*. Repudiada, pois, a conta dos antigos, com os modernos o havemos de haver, principalmente com aqueles que nasceram ou foram vizinhos àquelas Regiões, como foram Anto Armênio, Olav de Gócia, Michou de Polónia<sup>76</sup> e outros. (203v)//

Pera melhor entendimento desta nossa descrição, havemos com o entendimento de lançar ãa linha desde o pólo ártico<sup>I</sup> ao meio-dia por cima do Rio Tanais até chegar ao mar Jónio, e tudo o que nos ficar pera a mão direita, s. do Tanais pera o Oriente, pertence a Ásia, e o que fica pera o Oceano e partes Ocidentais é de Europa. Aquelas Regiões e terras que ficam de oitenta graus até noventa, havemos de imaginar que há nelas o que o nosso poeta diz nos últimos quatro versos desta oitava, porque o contínuo frio tem congelado o mar, e a neve de longe se vê azul e parda de velhice, porque tem ãa contínua noite de seis meses, e um dia de outros seis, e os raios do sol<sup>II</sup> chegam ali tão fracos que escassamente se sinte algũa quentura deles. Decendo de 80 graus pera nós, algũa gente vive, inda que também participam da escuridade da noite desde que o Sol entra em *Libra*, até entrar em *Aries*, e a estas gentes que aqui vivem chama<sup>III</sup> Marco Paulo Véneto<sup>77</sup> moradores na região das trevas, e nem elas lhe valem pera estarem seguros dos roubos dos Tártaros com quem confinam. Decendo mais pera nós fica a Sarmácia Europea, porque a Asiática estava do Tanais pera o Oriente. Esta província

M. Paul., l. 3

---

<sup>I</sup> No ms.: «polo antarctico»...

<sup>II</sup> No ms.: «eos rayos \*dosol\* chegaõ»...

<sup>III</sup> No ms.: «aqui vivem chamaõ-os Marco»...

---

<sup>76</sup> Mathias Michou é autor de um texto incluído na antologia *Novvs Orbis (Mathiæ A Michov De Sarmatia Asiana Atqve Evropea, Libri Dvo)*; «Anto Armênio» também (*Haithoni Armeni ordinis Praemonstrat. De Tartaris liber*). Quanto a Olavo de Gócia ou Olaus Magnus (1490-1557), foi autor de uma *Carta Marina*, publicada pela primeira vez no ano de 1539, em Veneza, onde Olaus Magnus desenvolveu estudos de cartografia e cosmografia. Importante para Abraão Ortélio e para Gerardo Mercador, este mapa foi retomado na *Historia De Gentibus Septentrionalibus [...]*, *Autore Olao Magno Gotho Archiepiscopo Vpsalensi Suetiæ & Gothiæ Primate*, cuja editio princeps saiu em Roma, em 1555.

<sup>77</sup> Um dos textos compilados no volume *Novvs Orbis* tem por título *Marci Pavli Veneti De Regionibus Orientalibus*. Quase no final (livro III, cap. 49), Marco Paulo trata *De regione tenebrarum*, assim chamada porque *multo per annum tempore ibi sol non appareat*. Os seus habitantes seriam *homines pulchri [...], magni & corpulenti, sed pallidi*. Sem rei nem príncipe, viveriam *in more bestiarum* e sofreriam a constante opressão dos Tártaros: *Tartari uero qui illis hominibus sunt confines, sæpe regionem illam obscuram ingredientes, rapiunt animalia illorum, & quicquid inueniunt, aliaque multa inferunt damna*. (1532, p. 416). Na verdade, vários são, em *Novvs Orbis*, os lugares onde se aponta, como violenta, a vizinhança dos Tártaros. Mathias Michou, que dedica um capítulo da sua descrição *De Sarmatia Asiana Atque Evropea* para dizer *Quod gentes Scythiæ inquietæ sunt & semper rapaces*, declara: *Non possunt Tartari in quiete uiuere, quin semper uicinos impetant ac inuadant [...]* (p. 496). E também Paulo Jóvio (*Pavli Iovii Novo Comensis De Legatione Moschovitarum libellus, ad Ioannem Rufum Archiepiscopum Consentinum*) observa, a respeito dos Tártaros: *Porrò qui proximi sunt Moschouitis, mercaturæ commercio, & frequentibus eorum irruptionibus sunt noti*. (p. 536).

foi antigamente chamada Cítia, e os seus povos Citas, tão nomeados no mundo, donde saíram tantos impérios não só de homens mas ainda de mulheres. Verdade seja que alguns querem que a verdadeira Cítia seja a Sarmácia Asiática, mas assi a Sarmácia Asiática como a Europeia estão desemparadas de seus primeiros moradores, e povoadas ou destruídas dos Tártaros, que nunca cessam de fazer entradas por aquelas províncias a eles vizinhas, porque parece que naceram pera fazer mal. Vizinhos a estes Bárbaros vivem os Moscovitos, cujo Reino ou província se chama Rússia, (204)// parte da qual fica na Ásia, e outra parte em Europa segundo a divisão do Tanais, o qual Rio nasce em Moscóvia, chamam-lhe os Tártaros e Moscovitas Don, sai em terra plaina e estéril dũa lagoa cercada de matos, caminha pera o Oriente até os confins de Tartária e dali torna a voltar ao Meio-dia, até que chegando às Alagoas Meóticas se mete nelas. Diz Matias Michou<sup>78</sup>, a quem vou seguindo, que o Tanais é tão grande como três vezes o Tebre<sup>79</sup> depois que passa de Roma até o mar, ou como o Danúbio, duas vezes, quando passa pela Cidade de Buda. Diz mais, que os Astrólogos observaram que per linha direita, pelo mesmo meridiano correm o Tanais e o Nilo, um caminhando do Norte ao Meio-dia, outro do Meio-dia pera o Norte, de sorte que se não tiveram impedimento se encontrariam ambos. As gentes que vivem entre o Tanais e o Oceano Sarmático, só nomeá-las bastava pera enfadar a qualquer leitor por curioso que fosse, quanto mais descrevê-las. Remeto o leitor a Aiton Arménio, a Matias Michou Polaco, a Marco Polo Véneto, que todos achará no livro intitulado *Novus Orbis*. Passadas estas gentes a nós quasi incógnitas, as primeiras de que temos mais notícia são as de Polónia, Boémia, Áustria, Hungria, Alemanha Alta; e daqui fazendo-nos mais ao Oriente encontramos Grécia, e percorrendo pelo mar Mediterrâneo aportamos a Itália, depois subindo os Alpes descobrimos França, donde pelos Pirinéus entramos na nossa Espanha e em poucas jornadas nos achamos em Portugal donde saímos, com pouco trabalho. (204v)//

9

Aqui dos Citas grande cantidade<sup>80</sup>  
vivem, que antigamente grande guerra  
tiveram sobre a humana antiguidade  
c'os que tinham então<sup>81</sup> a Egípcia terra.  
Mas quem tão fora estava da verdade,  
já que o juízo humano tanto erra,

---

<sup>78</sup> *Est tantus Tanais, quantum dicerem triplatum Tyberim post Romam in mare Tyrrhenum decurrentem, aut quantum Danubium in duplo circa Budam. Et doctrina astrologorum tenet, quod Tanais sit eius longitudinis cuius & Nilus fluvius Ægypti, puta circa sexaginta gradus longitudinis. Et sicut Nilus à meridie ad mare Alexandriæ descendit, sic Tanais à septentrione in Mæotidas & mare Ponti defluit. (Novus Orbis, 1532, p. 529).*

<sup>79</sup> «Tebre», i.e. *Tevere* ou *Tibre*.

<sup>80</sup> Em 1572, 1584, 1591, 1609, 1613, 1626, 1631: «quantidade». Em 1597 (decerto por gralha), «quantidvde». Em 1612, «cantidade».

<sup>81</sup> Em 1572, 1597, 1609, 1626: «antão». Em 1584, 1591, 1612, 1613, 1631, «então».

pera que do mais certo se informara  
ao Campo Damasceno<sup>82</sup> perguntara.

Aqui nesta terra vive grande cópia da gente dos Citas, dos quais se diz que contenderam no tempo antigo com os do Egito sobre quais eram mais antigos no Mundo. Mas, se queriam informar-se da verdade, pois tão alheo dela anda o entendimento dos homens, foram ao Campo Damaceno, onde dizem que o primeiro homem foi formado, donde todos procederam, e ele lho diria.

Aqui dos Citas grande quantidade.

Cítia (como dissemos) é a Região mais setentrional de que os antigos tiveram notícia. Seus princípios foram grandes e ilustres, porque eles o deram ao Império dos Partos e Bractianos, como diz Justino<sup>83</sup>, e também as ousadas e atrevidas Amazonas deles procederam. Esta guerra, ou contenda que com os Egípcios tiveram foi mui celebrada, porque houve arrezoados de parte a parte. Os Egípcios dezião que a Natureza pródica primeiro havia de produzir homens nas terras mais favoráveis e mimosas, qual era o Egito; e não metê-los logo no rigor dos frios da intratável Cítia. Traziam mais por si, segundo Pompónio Mela, a multidão dos seus Reis<sup>84</sup>. E na verdade, que quem ler as Escrituras achará muita razão aos Egípcios de se jactar de sua antiguidade, porque Abraão, que nasceu 320 anos depois do dilúvio, quando foi ao Egito já ele tinha Rei, e Reino em forma, e assi é certo que a Monarquia do Egito começou nos netos de Noé, muito perto do Dilúvio, e assi o testifica Gerardo Mercador na sua *Cronologia*<sup>85</sup>, e outros. Sobre esta contenda se pode ver f. João de Pineda, que a trata mui largamente.<sup>86</sup>

Justino

Pomp. Mel., lib.  
1.º, c. 9

<sup>82</sup> Em 1572: «Damasceno o perguntara». Em 1584, 1597, 1609, 1612, 1613, 1626, 1631, «Damasceno o perguntara.» Em 1591, «Damasceno o perguntara.»

<sup>83</sup> Parte do livro II (I-V) de *M. Iuniani Iustini Epitoma Historiarum Philippicarum* é dedicada à apresentação dos Citas, *gens antiquissima*, cuja história Justino afirma ser notável: *Non enim minus industria initia quam imperium habuere, nec virorum magis quam feminarum virtutibus claruere, quippe cum ipsi Parthos Bactrianosque, feminae autem eorum Amazonum regna condiderint, prorsus ut res gestas virorum mulierumque considerantibus incertum sit, uter apud eos sexus inlustrior fuerit.* (II, I, 2-4, 1972, p. 16). Justino lembra igualmente a disputa que Citas e Egípcios mantiveram acerca da respectiva antiguidade, e conclui: *His igitur argumentis superatis Aegyptiis antiquiores semper Scythae visi.* (II, I, 5-21, 1972, pp. 16-18).

<sup>84</sup> A respeito dos egípcios, Pompónio Mela escreveu: *Ipsi uetustissimi, ut praedicant, hominum trecentos et triginta reges ante Amasim, et supra tredecim milium annorum aetates certis annalibus referunt [...].* (*De Chorographia*, I, 9, 59).

<sup>85</sup> Na sua *Chronologia*, na tabela relativa aos primeiros tempos do mundo (*Aeuum primum*), o cosmógrafo Gerardo Mercator inseriu um texto onde trata *De Aegyptij regni antiquitate*. Aí, apoiado na autoridade de Eusébio, destaca o carácter *antiquissimum* do reino egípcio e das suas dinastias: *cum primis fere hominibus natum esse regnum* (1569, p. 5).

<sup>86</sup> Juan de Pineda demora-se, no capítulo XX do livro I de *Los treynta libros de la Monarchia Ecclesiastica*, *O Historia Vniuersal del mundo*, a tratar *De la contienda de los Scythas y Egypcios sobre qual nacion de ellos fuesse la mas antigua del mundo* (1588, fls. 55v-56v). Adiante, no cap. XXIII, ocupa-se da fundação da dinastia egípcia por Cham (fls. 62-63v).

Ao Campo Damasceno perguntara.

Os que temos conhecimento das Escrituras, temos muito que agradecer a Deus, porque nos tirou de muitas dúvidas. Estes contendiam sobre a antiguidade que cada um no Mundo tinha, sendo assi que no Campo Damasceno, segundo dizem<sup>87</sup>, de terra foi nosso pai Adão formado, e dele decendem os Egípcios, e Citas, e todas as nações do Mundo.

10

Agora nestas partes se nomea  
a Lápia fria, a inculta Noruega,  
Escandinávia ilha que se arrea  
das vitórias que Itália não lhe nega.  
Aqui enquanto as águas não refrea  
o congelado Inverno se navega  
um braço do Sarmático Oceano  
pelo Brússio, Suécio, e frio Dano.

Nestas partes dizem que estão agora a<sup>1</sup> Lápia e Noruega, terras frigidíssimas e mal povoadas, e a Ilha Escândia, a qual se enobrece com as vitórias que dos Romanos houve. Entre (205v)// estas terras se mete um braço do mar Oceano chamado por sobrenome Sarmático, o qual só no verão é navegável, e por ele se vai ter às terras de Brússia, Suécia, e Dânia.

A Lápia fria.

Diz o nosso Poeta que nestas partes onde antigamente viviam os citas, hoje se nomea a Lápia, cujos moradores estão perto das terras escuras e caliginosas, e muitos outros que abaxo põe; os quais per nome comum eram antigamente chamados Citas. Estes da Lápia, estão vizinhos aos de Noruega, e Suécia, grandíssimos reinos, metidos pelo mato, como diz Paulo Jóvio, cujas palavras são estas: *In extremo eius Oceani litore, ubi Norbergia atque Suecia amplissima*

Paul. Iovi., *De  
Legat. Mosch.*

---

<sup>1</sup> No ms.: «estão agora as aLapia»...

---

<sup>87</sup> A discussão sobre o lugar onde Deus teria formado Adão envolvia dois passos da Escritura (Genesis, 2, 7-8, onde se trata da criação do homem; Genesis 3, 23, onde se fala da expulsão do Paraíso), mas não encontrava esclarecimento nesses versículos. Na verdade, foi a partir da Idade Média que o «campo Damasceno» enquanto berço adâmico ganhou relevo numa vasta tradição de comentários bíblicos, relatos de viagem à Terra Santa e obras de tema religioso, com as opiniões a dividir-se sobre a identificação do sítio: em Jerusalém? Junto de Damasco? Na zona de Hebron? Esta terá sido a hipótese dominante (v. Anthony Hilhorst, «Ager Damascusus: Views on the Place of Adam's Creation», *Warszawskie Studia Teologiczne*, XX, 2, 2007, pp. 131-144), perfilhada por Frei Pantaleão d'Aveiro, que no *Itinerario da Terra Sancta* conta a sua visita ao campo Damasceno, destacando a prodigiosa e inesgotável «cova, da qual tiram terra, que dizem ser da mesma, de que foi criado Adão» (1593, cap. LIX, f. 171). D. Marcos, que conheceu o *Itinerario*, não o lembra, porém, aqui.

*Regna Isthmo veluti quodam continenti adhaerent, Lapones existunt gens supra quam credibile sit<sup>I</sup> agrestis et suspiciosa et ad omne externi hominis vestigium navigiique conspectum maxime fugax<sup>88</sup> ect.* De sorte que inda bem não aparece ãa nau no mar ou um homem na terra, já se eles escondem tanto que os mercadores que vem contratar com eles em certos tempos do ano acham na praia as peles alvas que chamam Armelianas postas em montes com certos sinais, e o mercador há-de deixar o preço do que levou em panos, ou cousas de que eles tem necessidade, no mesmo lugar donde tirou as peles, o que se guarda com muita pontualidade; e depois de idas as naus saem eles em busca daquilo, mas enquanto os mercadores ali estiverem nenhum aparece. Seus vestidos são peles cruas, são<sup>II</sup> mui ligeiros no correr, e destros no atirar com setas, sua vivenda é pelos troncos das árvores velhas entre folhas secas. Nos mapas vem pintados estes de<sup>III</sup> Lápia muito ao próprio, onde os curiosos os podem ver.<sup>89</sup>

Noruega.

Em latim *Noruegia*. É um grande Reino naquelas par(206)//tes setentrionais, mal povoado em algũas partes por rezão do frio, mas a gente é mais polida que os Lapões, é esta terra sujeita a el Rei de Dânia, que nela tem um Governador.

Noruega está na Címbrria Cresoneso

Escandinávia Ilha que se arrea das vitórias que Itália não lhe nega.

Ilha lhe chama, como era opinião dos antigos, que destas partes setentrionais tiveram pouca notícia, porém Olav de Gócia como vizinho sabia mui bem que era continente pela parte de Livónia<sup>90</sup>. Plínio lhe chamou claríssima e nobilíssima,

<sup>I</sup> No ms.: «credibile est/sit agrestis»...

<sup>II</sup> No ms.: «cruas, \*saõ\* mui ligeiros»...

<sup>III</sup> No ms., «de» resulta da conversão de outro ou outros caracteres.

<sup>88</sup> D. Marcos cita *Pavli Iovii Novo Comensis De Legatione Moschovitarvm libellus*, e segue-o ainda quando, ora traduzindo à letra ora sintetizando este texto, caracteriza usos e comportamentos dos Lapões (1532, p. 538).

<sup>89</sup> D. Marcos poderia referir-se a versões da *Carta Marina*, de Olaus Magnus, *i.e.* Olavo de Gócia, ou ao mapa *Lapponia* (1611) de Andreas Bureus (v. William R. Mead, «Scandinavian Renaissance Cartography», in *The History of Cartography*. Edited by David Woodward, vol. 3, part 2, Chicago & London, The University of Chicago Press, 2007, pp. 1789 e 1794), ou ainda a representações de *Lappia*, de Abraham Ortelius. Em qualquer um destes mapas (como também no livro IV da *Historia De Gentibus Septentrionalibus*, de Olaus Magnus) foram incluídas imagens de figurinhas humanas, com trajes típicos e instrumentos de caça ou de trabalho.

<sup>90</sup> A representação de *Scandia* na *Carta Marina* ilustra a afirmação de D. Marcos, embora seja algo surpreendente (não inexplicável, pois pode ter resultado de uma interferência de *Los XL Libros d'el Compendio Historial*, de Garibay – v. nota 96) o relevo dado à Livónia. No mapa, é nítida a ligação da península da Escandinávia, pela Lapónia, ao território da actual Finlândia, e deste à zona da Livónia, cuja capital é Riga. *Scandiana peninsula* (e não *insula*) é igualmente a expressão usada por Olaus Magnus na *Historia De Gentibus Septentrionalibus* (1555, p. 473).

mas confessou não saber camanha era<sup>91</sup>. Está junto ao Reino de Dácia, a cujo Rei obedece. O que Camões diz que Itália lhe não nega vitórias, alude aos Godos que dela saíram e saquearam Roma e fizeram muito dano no Império Romano. Porém Paulo Diácono<sup>1</sup>, e Matias Amichou, grande descobridor de verdades antigas, naquelas Regiões setentrionais afirmam que os Godos que passaram com Alarico, e Ataúlfo, não eram de Scândia, senão de Cítia, que está apartada de Scândia muitos mil passos<sup>92</sup>. *Valde ergo indistincte ac impertinenter iam dictae gentes Alanique Gotti et Huni ab inexpertis de Scandia dicuntur exiisse cum in ea nunquam fuerunt, nec eam penetrauerunt, aut contigerunt*<sup>93</sup>. Isto diz Matias, e descrevendo o sítio de Scândia diz: *Scandia vero, seu Scandinavia fuit et est ad occasum solis post mare germanicum in setemptrione, Daciae cohaerens quam Rex Daciae possidet multis milibus passuum a Scythia distans*<sup>94</sup>. Donde coligimos que os Godos que passaram a destruir o Império, com quem pelejou Stílicon, eram Citas daquelas províncias setentrionais de que tratámos até ‘gora, (206v)// e que os de Escandinávia eram outros, que a estes não pertenciam mais que na semelhança do nome, como também os Iberos do ponto Euxínio, e os Iberos de Hespanha. E chamarem-se Ostrogodos, ou Visegodos, que quer dizer Godos Orientais, e Ocidentais, não lhe procede de morarem ao Nacente, nem ao Ocidente na sua terra, a qual toda é puro setentrião, mas porque se espalharam uns pera o Oriente, outros

lib. 16<sup>II</sup>, c. 2

lib. pr.º De Sarmatia Asiana, cap. 13

Os Godos são os antigos Getas, corrompido o vocábulo.

Os Godos de Scandia são da província chamada Gócia.

<sup>1</sup> No ms.: «Paulo Orosio Diacono»...

<sup>II</sup> No ms.: «lib. XVI/16 c. 2».

<sup>91</sup> V. Caius Plinius Secundus, *Naturalis Historia*, IV, XIII, 96. Falando de um enorme golfo, onde se encontravam múltiplas ilhas, Plínio destaca: *quarum clarissima est Scatinavia, inconperta magnitudinis, portionem tantum eius, quod notum sit, Hillevionum gente quingentis incolente pagis, quae alterum orbem terrarum eam appellat*.

<sup>92</sup> D. Marcos segue Mathias Michou, que no seu texto inclui exactamente a mesma remissão: *De hoc uide Paulum Diaconum libro decimo sexto, capite secundo*. (*Novvs Orbis*, 1532, p. 499). Paulus Diaconus (c. 720-c. 790) foi autor de várias obras, entre elas uma *Historia Romana*, em cujo livro XVI explica a diferença entre Ostrogodos e Visigodos: *Exigit nunc locus dicere, quam ob causam Gotthorum alij Ostrogotthæ, alij uero Vuisigotthæ sint dicti: opportunumque est aliquantulum ad superiora tempora regredi, quatenus horum ratio uocabulorum possit exponi. Temporibus Valentiniani superioris Augusti, cum intra Thraciæ fines Gotthorum tunc populi communiter habitarent, bifarie per Alaricum ac Fridigernum diuisi, decreuerunt, ut utranque Rempública id est, Fridigernus cum suis orientalem: Alaricus uero cum suo exercitu occidentalem opprimeret. Hi ergo qui cum Fridigerno in orientali remanserant parte, lingua patria ab oriente Ostrogotthæ, id est, orientales Gotthi dicti sunt. Isti uero, qui occiduas petiere regiones, ab occidente Vuisigotthæ, id est, occidentales Gotthi sunt appellati. (Ex Recognitione Des. Erasmi Roterodami, 1518, p. 539). Ao contrário do que D. Marcos sugere, não há no livro XVI da *Historia Romana* nenhuma referência a qualquer origem cita dos godos que haviam seguido Alarico; no livro XIII, sim, a respeito de *Radagasus rex Gotthorum*, Paulo Diácono (decalcando o texto de Orósio, *Historiarum Liber*, VII, 37, 5) sublinha que o chefe godo *Barbarus erat. & Scytha: qui omnem humani generis sanguinem, dijs suis propinare deuouerat*. (p. 527).*

<sup>93</sup> *Mathiæ A Michov De Sarmatia Asiana Atque Europea, Libri Dvo*, in *Novvs Orbis*, 1532, p. 504. D. Marcos prefere grafar *cum* onde na edição de 1532 se lê *quum*.

<sup>94</sup> *Mathiæ A Michov De Sarmatia Asiana Atque Europea, Libri Dvo*, in *Novvs Orbis*, 1532, p. 504. D. Marcos escreve *seu* em lugar de *sive*; *setemptrione* em lugar de *septentrione*.

pera o Ocidente. Os primeiros Godos que passaram a estas partes foram mais de duzentos mil que vieram com Ragaso seu Rei, da Ilha Táurica, e outros que junto dela viviam. Estes puseram em grande aperto a Itália e a Roma sua cabeça, porém foram todos destruídos no monte Fesulano, sem escapar nenhum<sup>95</sup>. A outra parte dos Godos que ficaram, que eram os mais nobres (se entre bárbaros há nobreza), dividiram-se em duas companhias. Uns com seu Capitão Alarico se chamaram Visigodos porque caminharam pera Itália e França, terras ocidentais. Os outros, que ficaram com seu Príncipe Frigiderno junto ao mar de Ponto, se chamaram Ostrogodos, *i.* Orientais godos. Mas como os Escritores Latinos tivessem pouca notícia destas gentes, e eles, como bárbaros e carecidos de letras, não lhes dessem conta de sua origem, achando os autores que em Scândia havia ãa província chamada Gócia, não trataram de mais especulações, mas esta deram por pátria aos Godos, que nem sabiam onde ela estava. Ora estes Godos que vieram a Itália por várias vezes avexaram muito o Império, e como por ordem do maldito Emperador Valente eles fossem Arrianos, juntando-se a Barbária com a heresia destruíam as Igrejas, e maltratavam os sacerdotes, e o mesmo Valente com dinheiro que lhe deu fez com (207)// eles pazes, as quais duraram pouco, porque em tempo de Honório tornou Itália a ser avexada por Alarico, e Roma saqueada. Verdade seja que Stílicon os venceu mas deixou-os ir em paz, podendo-os destruir de todo, pera que o Emperador tivesse sempre dele necessidade. Finalmente estes Bárbaros tanto

Garibay<sup>96</sup> mal soube destas histórias dos Godos, nem do sítio de suas terras.

<sup>95</sup> D. Marcos continua a retomar informação dada por Matias Michou no capítulo *De Gothis*, em *De Sarmatia Asiana Atque Europea* (*Novvs Orbis*, 1532, p. 499). Terá sido este texto, bem como *Los Otros Dos Libros. Vndecimo y Dvodecimo de La Coronica General de España*, de Ambrosio de Morales (1577, XI, V, fls. 10v-11v), a sua principal fonte, e não as *Historiae* de Orósio (VII, 37-38), nem *Los XL Libros d'el Compendio Historial*, de Garibay (1571, VII, LVIII, pp. 281-282), nem a *Historia General de España*, de Mariana (tomo I, 1617, IV, XXI, pp. 193-194), que, a respeito de Stílicon, enfatizam a imagem negativa de um traidor.

<sup>96</sup> Apesar das reiteradas críticas a Garibay, D. Marcos não desprezou ou não esqueceu por completo o que leu em *Los XL Libros d'el Compendio Historial*. Na verdade, quando afirma que a «Ilha Escandinávia» «era continente pela parte de Livónia» (v. nota 90) poderá revelar, em destaque dado a este nome, alguma interferência do que Garibay escrevera acerca dos Godos: *Ay tantas opiniones sobre la origen y patria de los Godos, gente tan braua y belicosa, quanto los auctores, que d'ellos tratan, lo publican, que seria difficil recoger todas, y mucho mas reducir las a honesta breuedad, y a la fin los mas concuerdan, en ser gentes Septentrionales, aunque vnos los hazen de la Scythia de Europa, y otros les assignan por patria, a ciertas prouincias d'Alemaña, muy cercanas al Polo Artico, que comunmente dezimos Norte: pero en señalar nombres a las prouincias d'Alemaña, cercanas al Norte, tambien ay discrimen, diciendo vnos, que eran de la ysla de Escancia, a la qual llaman otros Godlandia, que cierto mucho consuena con su nombre, la qual está conjunta a las prouincias de Liuania y Lituania. Otros llaman a esta region Escandinauia y Escandia, y la hazen tierra firme, cuyo asiento está debaxo del Norte, y son en ella los reynos de Gothia, que tambien tiene mucha afinidad con el nombre de los Godos, y Noruega, Fidlandia, Suecia y otras tierras, que las unas y las otras son vnas mesmas, de donde es la comun opinion, descender los Godos. Los quales, ser gente de la Scythia: tienen por opinion Paulo Orosio y Sant Isidro, auctores Españoles, y tambien Sant Hieronimo siente lo mesmo en las questiones sobre el Genesis, y estos eran antiguamente llamados Getas, del qual nombre llama a los Godos Claudiano, y tambien Sidonio Apollinar, y no se puede, negar, auer sido esta nacion terror y espanto del imperio Romano* (1571, VIII, I, p. 286).

assolaram o Império Ocidental que totalmente o extinguiram, como já tocámos na vida de Carlos Magno, autores Próspero<sup>97</sup>, Orósio, e Cassiodoro, e Ambrósio de Morales, Procópio e infinitos outros.

texto

Aqui enquanto as águas não refrea *ect.*

Os mares destas regiões no Inverno se não navegam por razão do caramelo que detém as naus presas nas barras. Pelo contrário, no verão se não pode caminhar por terra, porque tudo são lagoas que a neve derretida faz, e assi as suas jornadas por terra é no Inverno, porque então alagoas, rios e mares, tudo é caminho duro como se fora calçada de pedras mármoreas, e este tempo esperam os Citas, ou Tártaros, pera fazer seus insultos e latrocínios.

texto

Um braço do Sarmático Oceano.

O mar Oceano toma vários nomes conforme as terras que cerca e lava, nestas partes se chama Sarmático per razão da Sarmácia Europea, a quem rodea. Este Sarmático Oceano faz ãa Cresoneso, que quer dizer, ãa península semelhante a folha de figueira estendida, e retalhada, cujo pé que está unido à árvore, se chama na Cresoneso, Istmo. Esta se chama Címbrica Cresoneso, e nela ficam os povos que já nomeámos, Suécios e outros, agora diz Camões que um braço (207v)// de mar que cerca por ãa parte esta Cresoneso no inverno se não navega, e no verão se vai por ele às terras dos Brússios, Suécios, e Danos.

Este mar se  
chama Báltico

Esta província  
é da Címbrica  
Cresoneso

Erasmus Stel.  
*De antiquitatib.  
Brussiae*

Brússia, ou Borússia, é ãa Região setentrional a quem da parte do norte cerca ãa enseada do mar chamado Báltico. Ao Oriente lhe ficam os Alanos, e os montes Hamaxóbios a cingem pelo meio-dia com grandes bosques que a terminam per aquela parte. Desta terra bárbara e inculta escreveu um tratado Erasmo Stella<sup>98</sup>, que ofereceu ao Imperador Federico. Diz este autor que alguns povos que viviam lá pera o pólo ártico, vendo o grande frio, e a pobreza a que a Natureza os condenara, se ajuntaram todos, e saíram daquelas regiões boreais buscando terra mais benigna em que vivessem, e chegando a uns campos largos e férteis, cheos de bons pastos, com rios, e lagos, e o ar ali mais humano e tratável, se dexaram ali ficar, por ser a terra<sup>1</sup> quasi deserta, porque dela se tinham saído os Godos pera

---

<sup>1</sup> No ms.: «por ser \*aterra\* quasi deserta»...

---

<sup>97</sup> A autores já referidos, D. Marcos acrescenta o nome de Próspero (Prosper d'Aquitaine, c. 390-c. 455), seguidor de Santo Agostinho e autor de um *Chronicon*, onde retomava, para a expandir, informação compilada por Eusébio e por S. Jerónimo. Não surpreende, por isso, a sua inclusão em edições conjuntas, como sucede em *Evsebii Pamphili Cæsariensis [...] opera omnia* (1542) ou em *Chronica Trium Illustrum Avctorum* (1604). Na *Temporum Continvatio* ou *Chronicon* de Próspero, assinala-se, a partir do início do séc. V, o movimento de Godos, Vândalos e Alanos (1604, pp. 201-210).

<sup>98</sup> *Erasmi Stellæ Libonothani De Borussiae Antiquitatibus* in *Novus Orbis*, 1532, pp. 570-583.

se melhorar de outra. Esta terra não tinha nome sabido, e os novos povoadores lhe chamaram Berússia e hoje Brússia, a qual terra inda que aos novos habitadores pareceu boa a respeito da em que viviam, todavia diz Stella: *In reliquis mira foeditas, et foeda paupertas*<sup>99</sup>. Só o Alembre que nas suas praias se acha é o bem que tem, juntamente grande cópia de cera e de peles. Viviam estes bárbaros no princípio como brutos animais até que elegeram em Rei um rústico chamado Viduuto, que lhes deu leis e modo de viver mais urbano, de quem naceram quatro filhos que entre si tiveram guerra sobre a sucessão do reino; e finalmente fazendo divisão entre si, repartiram o Reino, que era até li um só, (208)// e começaram a fazer guerra aos vizinhos como é costume daqueles bárbaros, e gostando das presas, continuavam nos insultos<sup>100</sup>. E sendo muitas vezes destruídos faziam pazes e logo as quebravam. E ultimamente os Cavaleiros Teutónicos os amansaram, e constrangeram a receber o jugo da Lei de Cristo.<sup>101</sup>

#### Suécio, e frio Dano.

Suécia é um Reino vizinho da Noruega, o qual tem Rei mui poderoso. No ano de 1584 morreu em Suécia aquela Santa Rainha Caterina, mãe del Rei Segismundo de Polónia, 3.º, com que as cousas dos católicos ficaram de peor condição, e assi são os mais deles<sup>1</sup> hereges<sup>103</sup>. No anno de 1611, houve entre os Suécios e Danos grandes contendias, tomou o Dano ao Suécio ãa famosa Cidade chamada Calmaria, e o Suécio com enganãos, que entre hereges nunca faltam, lhe tomou e destruiu a Cidade chamada em latim *Christianopolis*. E mais cousa fizeram se não lhe morrera então o seu Rei aos Suécios, ao que se seguiu grande dissensão

Os Danos, ou Normanos, moravam na Címbrica Cresoneso. Sigibertus. 853.<sup>102</sup>

Nove vezes foram vencidos em 5 anos por Etelredo Rei de Inglaterra. Gordon. 866.<sup>104</sup>

<sup>1</sup> No ms.: «cassi são todos/os mais delles hereges.»

<sup>99</sup> *Erasmi Stellæ Libonothani De Borvssiæ Antiquitatibus in Novvs Orbis*, 1532, p. 574. D. Marcos escreve *et foeda* em lugar do original *ac foeda*.

<sup>100</sup> *V. Erasmi Stellæ Libonothani De Borvssiæ Antiquitatibus in Novvs Orbis*, 1532, pp. 582-583.

<sup>101</sup> *V. Erasmi Stellæ Libonothani De Borvssiæ Antiquitatibus in Novvs Orbis*, 1532, p. 583.

<sup>102</sup> É possível que D. Marcos remetesse para o *Chronicon* do monge beneditino Sigebertus Gemblacensis ou Sigebert de Gembloux (c.1030-1112), obra da qual no século XVII se fizeram edições em volumes colectivos como *Rerum Toto Orbe Gestarum Chronica A Christo nato ad nostra vsque tempora*. (1608). Aí se lê, a respeito do ano de 853, uma notícia que poderá ter impressionado D. Marcos: *Northmanni per mare Britannicum ostia Ligeris ingressi, urbem Nannetem inuadunt, Episcopum sabbatho sancto paschæ baptismum celebrantem trucidant, clerum & populum perimunt. Inde Andegavis, deinde Turonis occupant, & ut tempestas, omnia diruunt, templum etiam sancti Martini incendunt*. (1608, p. 106).

<sup>103</sup> *V. Operis Chronologici Tomus Alter* (1614, p. 475): *In Suecia magno Catholicæ Religionis detrimento diem claudit Catharina, Sigismundi III. Poloniæ Regis mater, magnis virtutibus ornata foemina*.

<sup>104</sup> James Gordon regista no *Opvs Chronologicvm*, entre os acontecimentos do ano de 866: *Ethelberdo Regi Anglorum vita functo, succedit frater Ethelredus. hic, spatio quinque annorum, quibus regnavit, victoriam novies reportasse dicitur aduersus Danos*. (1614, p. 272).

entre os grandes, porque uns queriam ao Rei de Polónia, e outros outro, com isto aquietou esta guerra, a qual de presente faz o Suécio ao Emperador de Alemanha, tomando-lhe muitas Cidades, com que o tem apertado muito, mas Deus o defenderá, que sempre acode pelos príncipes católicos, e mais tão grande Cristão como é o Emperador.<sup>105</sup>

Dania, vulgo  
Denemarch,  
apud nos  
Dinamarca

Dânia é outro Reino setentrional que pelo marítimo está pegado a Saxónia. Aqui reinou Cristierno<sup>106</sup> casado com D. Isabel irmã do Emperador Carlos (208v)// quinto, este Cristierno foi despojado, e desterrado do Reino por seus intoleráveis vícios e tiranias. E tornando a Dânia com gente pera recuperar o Reino, contra a fé pública (que ele nunca guardou), o prenderam, e morreu no seu próprio Reino de peçonha, num triste cárcere, e o que pior é que dali foi pera o Inferno porque morreu obstinado na heregia do perverso Lutero. Todas estas províncias que o nosso poeta tem nomeado, Lápia, Noruega, Escandinávia, Brússia, Suécia e Dânia estão no marítimo do mar Oceano Sarmático, agora torna o poeta a dar conta das que estão no sertão dizendo

## 11

Entre este mar e o Tanais vive estranha  
Gente, Rutenos, Moscos, e Livónios,  
Sármatas outro tempo. E na montanha  
Hircínia os Marcomanos são polónios.  
Sujeitos ao Império de Alemanha  
são Saxones, Boémios e Panónios  
e outras várias nações que o Reno frio  
lava<sup>1</sup> e o Danúbio, Amásis, e Álbis rio.

---

<sup>1</sup> No ms.: «rega lava»...

---

<sup>105</sup> D. Marcos segue o texto de James Gordon (*Operis Chronologici Tomus Alter*, 1614, p. 496): *Inchoatum hoc anno bellum inter Danum & Sueciæ Regnum. Danus 27 Maij Calmariam urbem expugnat. Sueci Christianopolim dolo captam incendunt. Interim contigit Suecum (qui Regem agebat) mori, nascique inter Proceres dissensionem; pluribus, non defuncti filium, sed Sigismundum nunc Polonum, petentibus Regem.*

<sup>106</sup> Na *Historia De Gentibus Septentrionalibus*, de Olav de Gócia, o rei Cristierno é apontado como exemplo de severidade e violência (1555, pp. 277-279). Sebastian Munster destaca estes mesmos traços no capítulo *De gestis Christierni secundi in regno Sueciæ (Cosmographiæ uniuersalis Lib. VI, 1552, pp. 842-844)*. Também Surius, autor várias vezes recordado por D. Marcos, lembra Cristierno como um caso de crueldade tirânica providencialmente punida (*Commentarius Brevis*, 1602, p. 115). James Gordon regista, no ano de 1514 (*Operis Chronologici Tomus Alter*, 1614, p. 448): *Ioannes Daniæ Rex moritur: in Regnum succedit filius Christianus, huius nominis secundus, dictus Tyrannus*; falando de 1522, assinala: *Christiani, seu Christierni Regis Daniæ (quem scribit Genebrardus defecisse ab Ecclesia) infelicem nunc exitum notârunt plures Scriptores.* (p. 450). Giovanni Botero, por seu turno, relataria cruezas de Cristierno em *Delle Relazioni Vniuersali Di Giovanni Botero Benese. Terza Parte*, 1618, pp. 44-46, 49-50.

Entre este mar Sarmático, e o Rio Tanais, que divide Europa de Ásia, vive gente estranha na vida e costumes, como são Rutenos, Moscos, e Livónios, que estão na província que antigamente se chamava Sarmácia. E no bosque Hircínio estavam os Marcomanos chamados hoje Polónios, Saxones, Boémios, e Panónios, e outras muitas nações por onde passam estes notáveis rios, Reno, Danúbio, Amásis, e Álbis. (209)// A verdadeira Cítia é a Sarmácia Asiática. Porém os historiadores confundiam ãa com outra chamando a ambas Cítia. A Sarmácia de Europa, que se estende entre o mar Sarmático e o Rio Tanais, contém em si infinitos povos, e províncias mui largas. A primeira que se ofereceu ao nosso poeta foi Rússia, antigamente chamada Roxolânia. Seus povos se chamam Rússios, ou Rutenos, ou Moscovitas, o qual nome entre nós é mais conhecido, porque Moscóvia, inda que seja ãa pequena província de Rússia, todavia está nela a Cidade Moscóvia que deu o nome à província, que é a cabeça daquele Império. A descrição desta província se pode ver em Súrrio no seu Comentário ao ano de 1501<sup>107</sup>. E a Mathias Michou no 2.º lib., capítulo primeiro, tratando da Sarmática Europea<sup>108</sup>. E mui miúda e elegantemente, em Paulo Jóvio, num tratado que fez da Embaixada do Emperador Basílio ao Papa<sup>109</sup>, o qual trouxe Demétrio, homem sábio, e experimentado. São os términos de Rússia, do Norte Lituânia, do Sul os montes Sarmáticos, e o Rio Tiras, a que os naturais chamam Niestr. Do Oriente lhe fica o Tanais e a Alagoa Meótis, do Ocidente Polónia<sup>110</sup>. Esta Alagoa Meótis é um lago semelhante a um mar, na qual descarregam suas águas os demais dos Rios setentrionais, um dos quais é o Tanais, outro Borístenes, e o Volha<sup>1</sup>. Esta lagoa Meótis se ajunta com o Ponto Euxínio que dela sai como de fonte, e inda há quem diga que a principal água do Medi(209v)//terrâneo lhe procede desta Lagoa Meótis, e só o Rio Volha, que nace de montes mais setentrionais que o Tanais, pudera fazer um mar navegável. Sua descrição porei como a traz Matias de Micou<sup>111</sup>, porque pertence à Rússia, de que tratamos. Este rio Volha, é dos naturais

Súrrio

Mathias Micou

Paulo Jóvio,  
Demétrio

<sup>1</sup> No ms: «Eo Volga dequē dis hū autor q̄ recebe emsi 25 Rios tamanhos emaiiores q̄ o Fibre: Esta lagoa»... O nome do rio foi alterado (por sobreposição de caracter, «Volga» passou a «Volha»), e na margem, sem rasuras, foi grafada de novo a palavra «Volha».

<sup>107</sup> Surlius dedica várias páginas do seu *Commentarius Brevis* a fornecer ao leitor *aliquam* [...] *notionem* da Rússia: sua língua; sua história; sua orientação religiosa; seus chefes; suas principais cidades; suas gentes; seu clima; suas produções (1602, pp. 23-35).

<sup>108</sup> O cap. I do livro II da obra de Michou tem por título *De Russia, de tractibus eius, de abundantia, & contentis in ea* (*Novus Orbis*, 1532, pp. 514-517).

<sup>109</sup> V. *Pauli Iovii Novo Comensis De Legatione Moschovitarum libellus*, in *Novus Orbis*, 1532, pp. 532-548.

<sup>110</sup> As fronteiras da Rússia são também assim descritas por Mathias Michou, no capítulo *De Russia, de tractibus eius, de abundantia, & contentis in ea: Clauditur autem Russia à meridie Sarmaticis montibus, & flumine Tyras, quem incolæ Nyestr appellant. Ab oriente finitur Tanai, & Mæotidibus Tauricaque insula. A Septentrione Lithuania, ab occasu uero Polonia.* (*Mathiæ A Michov De Sarmatia Asiana Atque Europea, Libri Dvo*, in *Novus Orbis*, 1532, p. 515).

<sup>111</sup> V. *Mathiæ A Michov De Sarmatia Asiana Atque Europea, Libri Dvo*, in *Novus Orbis*, 1532, p. 493.

chamado Edel. E dando grandes voltas pera o Oriente, e Meio-dia, aparta-se do Tanais mais de cinco somanas de caminho, e é muito<sup>1</sup> maior que o Tanais, faz muitos braços em que reparte suas copiosíssimas águas, 25 dos quais são muito grandes, e os menores braços levam tanta água como o Tibre de Roma, e fazendo vinte e cinco barras, entra no Ponto Euxínio e alagoa Meóitis.

texto

### Moscós e Livónios.

Os Moscos eram uns povos setentrionais vizinhos dos Alanos. Mas estas gentes não há novas delas, senão ficarem as terras que eles possuíam despovoadas. Plínio põe os Moscos às fontes do Rio Fásis, sobre o Ponto Euxínio pera o Oriente<sup>112</sup>. Lucano<sup>11</sup> diz que eram comarcões dos Sármatas: *Saeuisque affinis Sarmata Moscís*<sup>113</sup>. Os Moscovitas de Rússia pela afinidade do nome parece que são estes, porém Paulo Jóvio diz: *Moschovitarum nomen recens est*<sup>114</sup>. É moderno o nome dos Moscovitas, inda que lá perto deles houvesse Moscos. Assi que os Moscos antigos moscaram<sup>115</sup>; e os Moscovitas saíram com este nome mutuado da sua Metròpoli e do Rio Mosco que junto dela corre.

### Livónios.

Esta nobre Província a quem fez illustre o Mestrado dos Teutónicos cavaleiros que nela residiam, recebeu a fé (210)// de Cristo no ano de 1190 pela pregação de um varão santo chamado Meinardo, na qual perseverou muito tempo. A ordem dos cavaleiros Teutónicos que nesta província resediam a fez no mundo mui conhecida. Mas tanto que deixou a fé Católica perdeu o lustre, a honra antiga e as terras que possuía. O seu Grão-Mestre despiu o hábito da Religião e o fez despir aos seus cavaleiros e casou-se, e mudou o título de Mestrado em Ducado, eis se

Súrio ao ano  
1502<sup>116</sup>

<sup>1</sup> No ms.: «he tres veses/muito maior»...

<sup>11</sup> No ms.: «Lucan\*o\*dis»...

<sup>112</sup> V. Caius Plinius Secundus, *Naturalis Historia*, VI, IV, 13. Sobre o Phasis, a que chama *flumen* [...] *clarissimus*, Plínio diz: *oritur in Moschis* [...].

<sup>113</sup> Marcus Annaeus Lucanus, *Pharsalia*, III, v. 270.

<sup>114</sup> *Pavli Iovii Novo Comensis De Legatione Moschovitarum libellus*, in *Novus Orbis*, 1532, p. 535: *Moschovitarum nomen recens est, quanquam de Moschis Sarmatarum affinitibus Lucanus poeta in Pharsal. meminierit, & Plinius Moschos ad Phasidis fontes supra Euxinum ad orientem constituat*. Repare-se no modo como D. Marcos trabalha: cita Jóvio; tradu-lo para se referir a Plínio; e, decerto estimulado pela referência a Lucano, acrescenta um verso da *Pharsalia*.

<sup>115</sup> «Moscaram»: desapareceram, eclipsaram-se.

<sup>116</sup> V. *Commentarius Brevis*, 1602, pp. 38-39: *Est Liuonia non ità pridem, nempè Anno salutis 1190 aut circitèr, per Meinardum quendam virum religiosum, qui ex Lubeco cum mercatoribus eò nauigavit, ad fidem conuersa, quam tamen Teutonicorum militum Ordo multum illic & auxit, & tutatus est in nostram usque ætatem, qua ille insignis Ordo illis in locis, dum ab auita discedit Religione, Moscouitis diripiendum se præbuit* [...]. *Sunt in Liuonia tres præcipuæ vrbes, Riga, Torpatum, Reualia: è quibus Reualia, quod mirum videri possit, Episcopum habet, qui subsit Archiepiscopo Lundensi in Dania.*

seguiu a isto ser avexado com guerras dos Moscovitas, que tem destruída esta província. Os naturais dela falam diversos idiomas, suas principais cidades são Riga, Torpato e Revalia, a qual Cidade Revalia, com estar no Ducado de Livónia, tem Bispo sujeito ao Arcebispo de Lund, em Dânia.

E na montanha Hircínia.

texto

Assi como o monte Tauro com sua grandeza serve de baliza<sup>1</sup> e divisão de quasi todo o universo; assi o bosque ou montanha Hircínia, com sua imensidade, dá limites e reparo a quasi todas as províncias do Norte. Plínio, e outros autores<sup>117</sup>, lhe chamaram impenetrável<sup>II</sup>, e inacessível, pelos bastos e espessos arvoredos de que era chea. Porém já a indústria humana achou nela entrada, tomando-a por abrigo contra as injúrias e rigores do frio a que a Natureza os sujeitou. Isto advirte Paulo Jóvio dizendo que os Moscovitas edificavam já hoje dentro neste bosque fazendo-o penetrável, contra a opinião dos antigos<sup>118</sup>. Seu princípio é lá quasi debaixo do pólo do mundo per benignidade da próvida natureza, a qual ordenou que tivessem igual origem, o frio, e a lenha com que ele se repara. (210v)//

Os Marcomanos são Polónios.

texto

Estes povos Marcomanos foram mui nomeados dos Escritores antigos por razão das guerras que tiveram contra os Romanos. César os venceu, com Ariovisto seu Rei<sup>119</sup>. Depois em tempo dos Emperadores Marco Aurélio e Lúcio Vero chegaram os Marcomanos a cercar Aquilea, contra os quais iam os dous Imperadores<sup>III</sup> Romanos, e foram destruídos, como diz Júlio Capitolino, no ano do Senhor 171<sup>120</sup>.

Caesar *De bello gallico*  
Iulius Capit.

<sup>1</sup> No ms.: «bazila».

<sup>II</sup> No ms., a primeira versão diria «impenetraveis». A forma singular foi obtida por retoque e rasura das últimas letras.

<sup>III</sup> No ms.: «dous Consules/Imperadores Romanos»...

<sup>117</sup> Além de Plínio (*Naturalis Historia*, IV, XII, 80), D. Marcos lembraria decerto Paulo Jóvio (v. nota 118) e Giovanni Botero, que a respeito das ramificações da floresta *Ercinia* (*si diffonde per tutto Settentrione*), fala de *alberi di smisurata grandezza: impenetrabili per la loro foltezza, a i raggi del Sole*. (*Delle Relationi Vniversali Di Giovanni Botero Benese. Seconda Parte*, 1595, fls. 177v-178).

<sup>118</sup> V. *Pauli Iovii Novo Comensis De Legatione Moschovitarum libellus*, in *Novus Orbis*, 1532, p. 536: *Hercynia sylva quotam Moschouiae partem occupat, ipsaque passim positis ubique ædificijs incolitur, iamque longo labore hominum rarior facta, non eam sicuti plerique existimant, horridam densissimorum nemorum impenetrabiliumque saltuum faciem ostendit*.

<sup>119</sup> A figura de Ariovisto, rei dos Germanos (dos quais os Marcomanos eram parte), sobressai em *De Bello Gallico*, I, 31-54. César narra o processo de afirmação do poder de Roma na Gália, que Ariovisto procurava igualmente controlar. Negociações, tempos de espera, desconfianças – tudo culmina no relato da batalha em que Ariovisto, derrotado, foge, atravessando à pressa o Reno.

<sup>120</sup> É muito provável que este passo, mais do que fundar-se na consulta directa do texto de Capitolino (v. *Iulii Capitolini Verus Imperator*, in *Dion Cassius Nicæus*, 1544, p. 108), radique na

E ainda diz Luciano que Marco Aurélio recebeu este dano enganado de um falso oráculo dos Deuses, que lhe prometia vitória<sup>121</sup>. Receberam estes a fé de Cristo per indústria de S. Ambrósio, como diz S. Paulino na sua vida<sup>122</sup>. E o toca S. Hierónimo na Ep.<sup>a</sup> 3 e 7<sup>123</sup>. Porém este nome Marcomano está extinto, e em seu lugar dizem que temos hoje os Boémios, e Morávios, que possuem as terras que noutro tempo foram dos Marcomanos. Inda que Camões maiores faz seus termos, dando-lhe Polónia, Saxónia, e todas as mais de Alemanha por onde passam os Rios que nomea. Entendo que leu Camões a Matias de Michou<sup>124</sup>, autor de que tenho muitas vezes feito menção, o qual diz que os primeiros povoadores de Boémia, Polónia, Morávia, Slécia, eram de Sclavónia vindos com dous Capitães Irmãos, um chamado Lech, outro Zech, dos quais o mais novo, Zech, povoou Morávia, e Boémia, e o outro, todas as mais terras, quasi, da alta Alemanha. E porque os povoadores destas terras eram todos vindos de Sclavónia, e Dalmácia, por desavenças que entre eles houve, nomea-os por este nome comum de Marcomanos, que alguns querem só que sejam os de Boémia e Morávia. A geração destes Irmãos, Lech e Zech, se acabou pelos anos do Senhor 700, pouco mais

---

obra de James Gordon, *Operis Chronologici Tomus Alter*. A respeito do ano 171, lê-se: *Hoc ferè anno, & his Consulibus initia accepit bellum Marcomannicum, cum Iasygibus, & Marcomannis, qui putantur regionem, quæ nunc est Bohemia, incoluisse. ambo Imperatores paludati ad hoc bellum miraculis famosum proficiscuntur, cum iam hostes Aquileiam venissent. Sed cum Furius Victorinus Præfectus Prætorio perijsset, maxima parte exercitus à Marcomannis deleta, Lucius Imp. suadebat reditum: illo tamen Altini correpto apoplexia, & mortuo in itinere. Marcus coeptum bellum prosequitur. Iul. Capitol. [...] agentibus id Deorum Sacerdotibus pro victoria: & tamen Marcus stragem accepit à Marcomannis, falso deceptus oraculo. Lucianus in Pseudomante [...].* (1614, p. 65).

<sup>121</sup> Luciano, em «Alexandre ou o pseudomante» (IV, 48), narra a história de um charlatão, fazendo ressaltar problemas como o poder da sugestão e do engano, ou os riscos associados à credulidade dos homens. Ali se diz que Alexandre, o impostor, faz chegar um oráculo ao imperador Marco Aurélio, nas vésperas de uma batalha com Marcomanos e Quados: deveriam ser lançados ao Danúbio dois leões vivos, bem como flores exóticas e especiarias orientais; assim se alcançaria a vitória. Mais se conta que, perante o fracasso da iniciativa (nem os leões triunfam nem os romanos ganham o combate), o atrevido Alexandre se limita a observar, friamente, que o oráculo não falhara; erros, só a leitura das suas palavras os poderia ter criado.

<sup>122</sup> Além da ação de S. Ambrósio em Aquileia, Paulino recorda a influência da sua fama e autoridade sobre *Frigitil quædam regina Marcomannorum* (*Vita Sancti Ambrosii Mediolanensis Episcopi, A Paulino Ejus Notario Ad Beatum Augustinum Conscripta*, in *Sancti Ambrosii Mediolanensis Episcopi Opera Omnia, Patrologiæ Latine Tomus 14*, § 36, col. 39).

<sup>123</sup> V. *Sancti Eusebii Hieronymi Epistulæ*, I, 1996, pp. 19-20; 26-31. Na *Epistula* III, 4 (*Ad Rufinum*), S. Jerónimo louva Bonosus por se entregar à catequização em terra estranha; na VII, voltando a elogiar Bonosus, aplaude igualmente os destinatários da carta (*Ad Chromatium, Iouinum, Eusebium*), que em Aquileia haviam eliminado o veneno (*uirus*) do dogma ariano (VII, 6).

<sup>124</sup> V. *Mathiæ A Michov De Sarmatia Asiana Atque Europea, Libri Dvo*, in *Novus Orbis*, 1532, pp. 500-501.

ou menos, como nota Gordônio<sup>125</sup> *ad annum 670*<sup>1</sup>. (211)// E logo foram eleitos Capitães a que chamavam Palatinos, que governavam Boémia e Polónia, e ultimamente vieram a Reis.

### Polónia.

Polónia contém ãa boa parte da antiga Sarmácia. Munster o lhe conta estas Cidades: Cracóvia, Sandomíria, Tarnóvia, Petricóvia, Posnania, Boleslaiva, Vuar-ta, Gnosna e outras. Seus limites são estes: pera o norte lhe fica o mar oceano Sarmático; mais abaxo lhe fica Tartária, e Moscóvia; pera o meio-dia, Alemanha. Divide-se em duas partes, chamadas Polónia maior, e menor. A maior é a que está vizinha dos Prutenos e Saxones, a que fica pera Hungria e Rússia se chama Menor. Todo este Reino se divide em quatro províncias, as quais o Rei corre todos os anos, e cada ãa delas o mantém três meses do ano. Autor é Belleforesto na sua *Geografia*, no princípio do quarto livro<sup>126</sup>. Houve muitos desassossegos e tumultos neste Reino em tempo dos seus palatinos, e assi elegeram um príncipe que os governasse, e foi Primislau, ano 762 segundo Barónio e Gordônio<sup>127</sup>. Fizeram-se Cristãos com o seu Rei Missao, que se baptizou com a nobreza principal de Polónia, ano 965<sup>128</sup>. O Imperador Oto indo a Polónia visitar o corpo do glorioso

---

<sup>1</sup> No ms., a frase, no final da folha 211, dentro das margens, termina em «como nota». Não tem pontuação a rematá-la nem prossegue na folha seguinte, como a sua construção deixa supor. Em vez disso, parece ser um aditamento marginal a completá-la: «como nota #Gordonio adannũ 670#».

---

<sup>125</sup> Na edição do *Operis Chronologici Tomus Alter* há uma gralha, de que D. Marcos se não dá conta, indicando *ad annum 670* onde devia dizer *ad annum 700*. É por essa altura que Gordon regista: *Slauinorum posteritas, à fratribus Lech & Zech producta, putatur circa hæc tempora defecisse, in Bohemia, & Polonia [...]*. (1614, p. 232).

<sup>126</sup> D. Marcos aponta como fonte Sebastian Munster, mas a matriz do seu texto é, até este ponto, o capítulo que James Gordon escreveu sobre *Polonia Et alia ultra Daniam Regna: Quæ nunc Polonia est, bonam veteris Sarmatiæ partem continet: vrbes numerat Munsterus Cracouiam, Sandomiriam, Tharnouiam, Petricouiam, Posnaniam, Boleslauriam, Vuartam, Gnesnam, & alias. Versus Septentrionem, mare respicit: deinde Tartariam, & Moscouiam. Ex opposito habet Germaniam. Tandemque Pannonias prospectat. In duas nunc diuisa partes est, quarum quæ Prutenis, ac Saxonibus obijcitur, maior Polonia nuncupatur: altera Hungariæ & Russiæ vicinior, appellatur minor. Regnum uniuersum in quatuor Regiones diuisum est, & singulæ ternis mensibus Regem alunt, dum eas Rex in orbem quotannis inuisit. [...] Lege Belleforestum ab initio libri 4. Geograph. [...]*. (*Operis Chronologici Tomus Alter*, 1614, p. 512). Não sendo inverosímil que D. Marcos conhecesse a tradução francesa da obra de Munster, feita por François de Belleforest (*La Cosmographie Vniuerselle De Tout Le Monde*, 1575), é muito provável que a referência a «Belleforesto na sua *Geografia*» constitua mais um decalque das informações compiladas por Gordon.

<sup>127</sup> No *Operis Chronologici Tomus Alter* (1614, p. 247), lê-se, a respeito do ano de 762: *Polonia, post varios tumultus, tandem electo Principe Primislao aliquandiu conquiescit*.

<sup>128</sup> A informação coincide com a que James Gordon apresenta no *Operis Chronologici Tomus Alter* (1614, p. 295): *Poloni, Slauorum propago, antiquæ Sarmatæ accolæ, nunc omnino fiunt Christiani, baptizato eorum Rege Miessao, cum præcipua nobilitate. Martinus Chromerus in Chron. Polon.*

Mártir S. Adelberto coroou com coroa de ouro o Rei de Polónia, outros dizem que o Papa<sup>129</sup>. *De hac re vide Baronium ad annum 1000*<sup>130</sup>. *Vide plura de hoc Regno in Cromerio in Chron. Pol.*<sup>131</sup> (211v)//

### Sujeitos ao Império de Alemanha.

O Império de Alemanha é um agregado de muitos príncipes cujo superior é o Emperador eleito por eles, como adiante veremos. Porém cada um destes senhores e potendados governa seus vassallos sem dependência do Emperador mais que em certas cousas, que é acudir cada um a seu ofício, porque o Boémio é mestre-sala<sup>1</sup>, o Saxónio leva a espada, *ect.* E se o Emperador faz cortes, acodem eles todos, e a qualquer deles que se faça injúria, ou inimigos entrem polas suas terras, o Emperador o defende e empara, e todos são obrigados a acudir. Além disto há Câmara Imperial pera a qual apelam os agravados d'algum destes príncipes, e são providos segundo a justiça que tem. E por isso os Príncipes Luteranos pediram nas cortes de Augusta a Carlos Quinto que os Católicos despojados de seus bens por causa da Religião, não fossem ouvidos no juízo da Câmara pera lhe tornarem seus bens. De sorte que o Sacro império é ãa semelhança de qualquer Religião, cujos Piores são os Príncipes, e o Geral é o Emperador.

### Saxones.

Entre os povos de Alemanha foram os Saxones robustíssimos, e per trinta anos resistiram à potência de Carlos Magno. No tempo do Emperador Valentiniano tiveram Rei. Depois, em tempo de Carlos, Vitikindo tiranizou a este povo, a quem

---

<sup>1</sup> No ms.: «he ~~XXX~~/mestresala o Saxonio»...

---

<sup>129</sup> James Gordon regista, a respeito do ano 1000: *Otho Imperator, nunc ex Polonia, quò pietatis studio, ad visendum Corpus Sancti Adelberti Martyris miraculis clari profectus erat, reuertitur Romam: & manus Martyris auro inclusas, Corpusque S. Bartholomæi condi fecit in insula Tyberina, in Ecclesia ibidem à se extracta.* Baron. *an tunc Poloni ab Othone Coronam Regiam: an verò à Pontifice acceperint, discussit ad hunc annum* idem Author. (*Operis Chronologici Tomus Alter*, 1614, p. 302).

<sup>130</sup> *Anno Christi millesimo, Indictione decimatertiam, Otto Imp. ex Polonià Romam rediens, sacras Reliquias Adalberti Martyris secum detulit [...]; quibus ubi collocarentur erigendam curavit ecclesiam in Insulam Tiberinam, loco Urbis famosissimo. [...] Sed indignè ferentes rerum Poloniarum Scriptores, coronam paratam Duci Poloniæ, Dei monitu datam Duci Ungarorum; tradunt regium nomen ac diadema Duci Poloniæ datum esse ab Ottone Imperatore, cùm in Poloniam (ut dictum est) ad S. Adalberti martyris visendum corpus profectus esset. Verùm in his minimè ipsis assentiri possumus.* (*Annalium Baroni Epitomes Pars Altera*, 1622, p. 392).

<sup>131</sup> D. Marcos reproduz uma indicação que figura no texto de James Gordon (v. nota 128), mas decerto ignorou a obra para a qual assim remete. Na verdade, Martinus Cromerius está representado no volume antológico *Respublica, Siue Status Regni Poloniæ, Lituaniæ, Prussiæ, Livoniæ, etc. diversorum Autorum* (1577), mas não como responsável pela brevíssima cronologia que aí se encontra, entre as páginas 464 e 467 (*Ex Alstedii Chronologia De Regno Poloniæ*).

Carlos venceu, e ele se fez Cristão, e foi instituído por primeiro duque de Saxónia. Rebelando os Saxones muitas vezes, na última (212)// vez que Carlos os sojugou, trouxe muitas famílias como cativas e mandou-os povoar os Estados de Frandes. O seu Duque é um dos Eleitores do Sacro Império. Súrrio se espanta como um povo tão constante e forte deixou tão facilmente a fé católica pela pregação de um fugitivo apóstata. Ou ele como se atreveu a pregar-lhe outra doutrina tão contrária à que tinham mamado no leite. Conclui: *Homo versutus sciens ea in gente per multos<sup>1</sup> his extremis temporibus nimium addictos ventri et potationibus ut eos sibi propencius alliceret laxavit miseris habenas<sup>132</sup> ect.* De sorte que Lutero fundou-se em pregar liberdades de consciência a estes míseros porque os viu amigos de comer e beber? E que se seguiu daqui? Guerras, destruições, desavenças, e os que resistiram trinta anos, a Pipino e a Carlos, foram vencidos em três ou quatro horas, quasi sem golpe de espada. E o seu soberbo Duque preso, e tomado às mãos, antes de se dar batalha, mais entregue por seus pecados, que cativo por violência e força de seus contrários. O mesmo já notámos em o Emperador Heraclio, Domador do Oriente, depois de Herege, vencido pelos fracos Sarracenos.

#### Boémios.

Este Reino é pequeno, tem só três dias de caminho, que são 21, ou quando muito 30 léguas, mas o mesmo tem de largo. A Silva Hircínia a<sup>133</sup> cerca toda de redor, teve Duques, agora tem Rei, o principal dos Eleitores do Império. Sua principal cidade é Praga, onde reside o seu Rei. (212v)// São Cismáticos já do<sup>II</sup> tempo de João de Hus herege que os perverteu. Zisca cego se fez capitão dos Boemos em favor dos Hereges.<sup>134</sup>

#### Panónios.

Duas Panónias nomeam os autores antigos, nenhũa das quais tem hoje tal nome, ãa era chamada Superior, que é Áustria, e a outra inferior, que é Hungria. Áustria, cabeça do Arquiducado, tem por cabeça e principal Cidade Viena, a

<sup>1</sup> No ms.: «multos esse his»...

<sup>II</sup> No ms.: «Scismaticos iá demt.<sup>o</sup>tempo»...

<sup>132</sup> *Commentarij Brevis*, 1602, p. 113. A frase de Surius alonga-se na enumeração de práticas menosprezadas por Lutero, acusado de assim enganar incautos, ignorantes e perdidos: *laxavit miseris habenas, ieiunia, preces, vigílias, confessionem sacramentalem, & alia pietatis exercitia, ceu papística & monachorum inuenta, docuit reijcienda [...]*.

<sup>133</sup> Esperar-se-ia que D. Marcos dissesse «o cerca». Aparentemente, passou a considerar, em vez de «Reino», outro nome (v.g. «terra»).

<sup>134</sup> A figura de Iohannes Zischa, *altero carens oculo, quem in pugna amiserat, infectus Hussitarum veneno & rapinarum avidus*, é objecto de destaque na *Chronica* de Nauclero (1544, pp. 931-932).

qual é ãa Ilha que faz o Danúbio. Célebre é esta Província no tempo presente por andar o Sacro Império naquela casa per muitos títulos nobilíssima, mas o mais ilustre é da constância na Religião católica, e obediência da Igreja Romana, que nela sempre resplandeceu. Seus termos no princípio eram estreitos pera tamanhos príncipes, porém depois que se lhe juntaram os Ducados de Stíria, e Caríntia, e o Condado de Tirol, ficou assaz grande. Uma grandeza tem esta casa, que nenhũa outra tem, e é que todos os que decendem dela, se chamam Arquiduques de Áustria, e assi El Rei Felipe, e o Cardeal Alberto, e Isabela Clara Eugénia<sup>135</sup>, a cada passo, nos Breviários e Diurnais principalmente, se acharão intitulos por Arquiduques.

### Hungria.

Foi este Reino dos mais prósperos de Europa, seus limites são entre Finmárquia, Transilvânia, e Áustria. Sua principal Cidade é Buda, da qual escreve Súrío estes louvores: *Porro Buda ipsa vix ulli totius Eu(213)lropae urbi cesserit uel amoenitate situs, uel caeli salubritate uel foecunditate soli, uel aliarum quarum libet rerum vitae degendae conducibilium, aut etiam ad splendorem et luxum pertinentium ubertate*<sup>136</sup>. Sendo Buda tal como aqui descreve Súrío, e as outras Cidades e vilas gozando da mesma felicidade natural, as muitas delícias antes de debilitar<sup>I</sup> este Reino o consumiram. E assi diz o mesmo Súrío que disse um Cortesão Húngaro, que nenhum Reino acabara com tanta festa e alegria como Hungria<sup>137</sup>. Eram os Húngaros, decendentes dos Juhnos, antigos povos setentrionais, mui temidos por seu esforço, tanto que o Grão Turco sempre tratou de ter com eles pazes, e vendo<sup>II</sup> Solimão que por morte de seu pai Celim lhe não acudiam os Húngaros a renovar pazes, lhe mandou seus embaxadores, os quais eles estimaram em pouco, e os cativaram, o que estimulou tanto<sup>III</sup> o Turco que deceu sobre aquele Reino com grandíssimo poder, e o destruiu quasi todo. Aconteceu mais que ãa Rainha viúva mal aconselhada dos seus grandes se quis valer do Grão Turco, ele lançando mão da ocasião, acudiu-lhe com lhe tomar Buda, e outras terras, e fazer

---

<sup>I</sup> No ms.: «antes deo debilitar oonst<sup>u</sup> este Reino o consumiraõ».

<sup>II</sup> No ms.: «evendo q̄ Solimão»...

<sup>III</sup> No ms.: «oque estimulou \*tanto\* o Turco»...

---

<sup>135</sup> É provável que D. Marcos siga um texto contendo esta informação. Na verdade, se redigiu os comentários em 1632, deveria saber que Alberto (1559-1621), sobrinho de Filipe II de Espanha, falecera já. Mais, surpreende que não faça referência ao facto de Alberto, outrora Cardeal, vice-rei de Portugal e inquisidor geral do Reino, haver renunciado, em 1598, para casar com sua prima, a Infanta de Espanha Isabel Clara Eugénia (1566-1633), e para, assim, se tornar soberano dos Estados da Flandres.

<sup>136</sup> *Commentarius Brevis*, 1602, p. 372.

<sup>137</sup> V. *Commentarius Brevis: De Hungariae quidem regno, cum illic, ut diximus, pompa, fastu, insolentia, luxu plerique diffloerent, fertur quidam ex aulicis dixisse, nunquam se vel vidisse vel audivisse regnum ullum, quod maiore, atque Hungaria, gaudio & tripudio perierit.* (1602, p. 370).

naquele Reino grandes cruzezas. Enfim enfadados os de Hungria, e oprimidos com guerras contínuas, ofereceram a coroa daquele Reino ao Imperador de Alemanha Rudolfo 2.º no ano de 1608, e depois de sua morte o Imperador Matias também reinou em Hungria, e ultimamente o Imperador que hoje vive possui esse pouco que deste Reino ficou<sup>138</sup>. Concluirei com ãa cousa que em Súrío achei escrita acerca da fertilidade deste Reino<sup>139</sup>, que (213v)// me admira. Notou-se que saíram<sup>I</sup> deste Reino um ano, pera Alemanha, só pelo caminho de Viena, sendo muitos os outros caminhos, mais de oitenta mil bois.<sup>II</sup>

Com outras várias nações que o Reno frio  
Lava, e o Danúbio, Amásis, e Álbis Rio.

texto

Estas<sup>III</sup> nações que estes Rios lavam são as que compreende hoje este nome Alemanha. Aos naturais desta Província chamaram os Romanos Germanos, que quer dizer Irmãos, porque depois que conquistaram Gália, que é França, passando o Reno viram os Alemães, mui semelhantes aos franceses na língua, rostos, e costumes, e assi lhe chamaram Germanos, e Irmãos, porque assi apareciam<sup>140</sup>. Esta província está hoje mui mudada do que antigamente foi, e a sua Geografia já se termina por partes diferentes. Foi cousa grande e excelente Alemanha, mas

---

<sup>I</sup> No ms.: «Notouse q̄ saião/sairão deste Reino»...

<sup>II</sup> No ms.: «oitenta mil bois. com outras».

<sup>III</sup> No ms.: «Esta nações»...

---

<sup>138</sup> D. Marcos retoma informação veiculada por James Gordon, que a propósito do ano de 1608 lembra a agitação que marcava a Hungria: *Nec omnino quieuit Hungaria. Archidux Matthias, Rodolphi Cæsaris frater, Heiducos, Danubiæ ripam utramque incolentes, Possonij Comitij habitis rebellantes reprimit, inito nouo foedere cum Hungaris & Austriæ Proceribus. Cæsar hoc in deteriore partem interpretatus, armatur in fratrem: tandem pax constituta est insigni opera Dietristeni Cardinalis. Hæ conditiones probatæ. Rodolphus Tyrolensem Comitatum, & adhærentes Prouincias recipiet: Matthias Austriæ Præfecturam, idemque Hungariæ Rex inaugurandus erit, & Bohemie hæres, si Rodolphus, mascula prole orbatus, diem cluserit. Matthiæ Hungarica inauguratio peracta anno sequente.* (*Operis Chronologici Tomvs Alter*, 1614, p. 492).

<sup>139</sup> V. *Commentarius Brevis*, 1602, p. 371. Ao caracterizar a Hungria, Surius fala da abundância de rebanhos e de gado, amiúde exportados para a Itália, a Boémia e a Germânia. Lembra então: *vno anno in Germaniam, idque per solam viam Viennensem, (cùm sint plures aliæ viæ, per quas pecora inuebantur) supra octoginta millia bouum acta esse.*

<sup>140</sup> A ideia veiculada por D. Marcos, e que remonta a Estrabão, foi divulgada em obras como o *Dictionarium Historicvm, Geographicvm, Poeticvm*, de Charles Etienne (1590, f. 119), ou o *Dictionarium* de Calepino: *Germaniæ uocabulum, ut auctor est Strab. li. 7. à Romanis primùm inuentum est: quoniam quum primùm Rhenum deuictis Gallis transgressi fuissent, uidentes eos & feritate animorum, & proceritate corporum, & colore flauo, forma præterea, moribus & uiuendi ritu Gallis simillimos, Germanos eos, hoc est, fratres Gallorum esse existimauerunt.* (*Onomasticon Propriorum Nominum ex uariis Dictionariis collectum*, in *Dictionarium*, 1560, p. 150). Sebastian Munster, ao invés, refutou energicamente esta relação: *An tempore Strabonis tanta conformitas morum fuerit inter Teutones & Gallos nescio, hoc scio quòd nostro æuo ualde diffformes sunt.* (*Cosmographiæ uniuersalis Lib. VI*, 1552, pp. 269-270).

non plus sapere  
quam oportet  
sapere

as heresias a tem tornado tal que nem ela mesma se se vira se conheceu<sup>141</sup>. Júlio César<sup>142</sup>, Cornélio Tácito<sup>143</sup>, Lívio<sup>144</sup> e outros quando desta terra escreveram de-ram dela<sup>1</sup> as novas que de Lápia contámos, mas foi com o tempo despidendo aquele tosco vestido, e transformando-se noutra tão diferente, que conferindo ãa com outra achamos que nem sombra de semelhança tem entre si. Depois dos anos do Senhor de 1500, entraram as Letras de morada nesta Província, cujo abundante fruto gozaram todas as nações do mundo com tanto louvor desta<sup>II</sup>, que já não tem inveja aos que Itália produz. Porém como em todas as cousas humanas o termo, e modo, seja a regra da prudência, faltando-lhe este, passaram os Alemães as leis da sobriedade que São Paulo quer que haja no saber e nas Letras, e confiando mais em seu entendimento que no de tantos Doutores que a Madre Santa Igreja celebra

<sup>1</sup> No ms.: «deraõ dellas as novas»...

<sup>II</sup> No ms.: «cõ tantolouvor desta nação, q̄ já não tem inveja»...

<sup>141</sup> D. Marcos retoma o discurso reprovador de Giovanni Botero, amplificando-o. Com efeito, nas *Relationi*, em contraponto com o elogio à transformação da *Germania* e à sua capacidade produtiva *nelle cose mecaniche (essi sono stati inuentori della stampa, dell'artiglieria, e dell'orologio à ruota, cose nobilissime* – 1595, fls. 36-36v), Botero aponta vícios do povo, que acusa de ser dado *alla gola, & all'ebrietà fuor di modo*. Daí que (ainda segundo Botero) *con incredibile facilità habbino abbracciato tante, e tanto detestabili heresie, tutte fauoreuoli alla carne, & al senso [...]* (f. 36). Firme era o elogio feito na *Tavola Nella Quale Si Contengono I Nomi Antichi, Et Moderni, Delle Provincie, Città, Castella, Popoli, Monti, Mari, Fiumi, & Laghi, de' quali Monsig. Paolo Giouio ha fatto nelle sue Istorie mentione: Lamagna, Germania, & gli habitadori suoi più anticamente Teutonij detti, fu prouincia roza, inculta, & horrida a'tempi de' Romani, hor per il commercio nostro ella è in maniera ingentilita, che non si può più chiamar barbara; qui fioriscono le lettere, qui gli ottimi studij, qui le scienze, & le discipline; qui l'Imperio Romano già settecento, & cinquantaquattro anni con grandissima gloria si ricouera, & hora è a colmo di perfetta lode in casa d'Austria gloriosissima, fortunatissima, & sempre felicissima per l'Imper. Carlo Quinto, & per il Re Ferdinando frater suo, Cesare designato*. (1608, f. 13v). Do mesmo modo, no *Epitome Theatri Orteliani*, Ioannes Baptista Vrientivus sublinharia apenas a prosperidade presente da *Germania* (das *pulcherrimis munitissimis-que vrbibus até à urbanitas, & morum ciuilitas*), frisando o contraste com a imagem traçada por Tácito: *Hæc illa est, quæ olim, vt Cor. Tacitus testatur, in vniuersum aut siluis horrida, aut paludibus foeda fuit*. (1601, f. 31v). Sebastian Munster, nos *Cosmographiæ uniuersalis Lib. VI*, tão-pouco havia deixado de advertir que a descrição disfórica da Germânia, antiga ou *ab exteris*, carecia de fundamento (1552, pp. 261, 284-286).

<sup>142</sup> Comparando a *Germania* com a *Gallia*, em *De Bello Gallico*, César caracteriza uma e outra, que vê como bárbaras e pobres. Em particular, o retrato da *Germania* e do seu povo (mais aguerrido, segundo César, que o gaulês), lê-se em VI, 21-24.

<sup>143</sup> Cornélio Tácito, quase a abrir *De Origine et Situ Germanorum* (2), lança uma pergunta demolidora, sugerindo que ninguém, fosse da Ásia, da África ou de Itália, quereria trocar a sua pátria pela Germânia, não só pelos riscos da viagem marítima, mas sobretudo pelo carácter agreste e inóspito da terra: *quis porro, praeter periculum horridi et ignoti maris, Asia aut Africa aut Italia relicta Germaniam peteret, informem terris, asperam caelo, tristem cultu aspectuque, nisi si patria sit?*

<sup>144</sup> Tito Lívio refere-se às florestas da Germânia como lugares selvagens e perigosos (*Ab Urbe Condita*, IX, XXXVI, 1). Todos estes autores – César, Tácito, Tito Lívio, junto com Sêneca & alij *Romani* – são igualmente lembrados por Sebastian Munster a respeito da *Germania* (*Cosmographiæ uniuersalis Lib. VI*, 1552, p. 284).

<sup>145</sup> Ad Romanos, 12, 3.

não só por insignes nas ciências, mas por exemplares de santidade e virtude, (214)// se vieram a apartar não só do parecer comum dos Doutos senão também do jugo soberano da Igreja católica, deformando-se com tantas heresias, que mais fea fizeram sua pátria com o que passaram além do verdadeiro saber, e entender, do que antes tinham de falta, pelo que não alcançavam dele, mas acerca disto noutra lugar mais conveniente ao nosso texto trataremos. Agora tornemos aos Rios.

### Reno.

Rio de Alemanha<sup>I</sup>, nasce nos Alpes, pela parte onde antigamente moravam os Reios, entra no Oceano Bêlgico, perto de Holanda, por três bocas chamadas Lecca, Vualis, Isela. Esta terceira lhe abriu Druso quando fez guerra aos Alemães, pera ficar por aquela parte seguro. Junto deste Rio estão em Alemanha muitas Cidades famosíssimas, passa pelo meio de Basilea, e divide-a pelo meio em duas, maior e menor<sup>II</sup>. Chega a Schaffusia, e perto dela se despenha de altíssimas rochas, tendo de altura de água cinquenta côvados, e ali não se vê senão escuma, e névoa espessíssima, e tornando-se logo a ajuntar corre por várias partes e por algũas divide França de Alemanha<sup>146</sup>. Ua curiosidade quero aqui trazer que achei em Súrrio acerca dos Bispados que estão junto deste Rio, nas mesmas palavras deste autor.

Surius *ad*  
*annum* 1548

*Obiter húc adscribere libet quod<sup>III</sup> de Rhenanis Episcopatibus quidam dicunt: Curiensis est summus quia iuxta Rheni fontes Constantiensis amplissimus, Basiliensis amoenissimus, Argentinensis nobilissimus, Spirensis Religiosissimus, Moguntinus auctoritate venerabilissimus. Coloniensis opulentissimus. Trevirensis vetustissimus<sup>147</sup>. Vulgarmente se chama Rin.*

### Danúbio.

Este querem alguns que seja o maior Rio de Europa, mas estes fazem ao Tainais, e Volga, de Ásia. Suas fontes são junto de um lugar de Alemanha chamado Donaisinge, de um lago que não tem mais que 70 passos de circuito, cercado de muro humilde, o qual faz ãa (214v)// abertura pera dexas passar o Rio, de dous passos de largura; e logo se lhe ajuntam outros dous riachos tamanhos como ele, e

---

<sup>I</sup> No ms., uma chamada (+) indica o ponto de inserção do aditamento registado na margem: «nasce nos Alpes, pellaparte onde antigam<sup>t</sup> moravaõ os Rheios».

<sup>II</sup> No ms.: «edividea pello meio, \*emduas, maior, emenor.\* chega a Schaffusia»...

<sup>III</sup> No ms.: «quode de»...

---

<sup>146</sup> Surius, no *Commentarius Brevis*, destaca a cidade de Schaffusia, nas margens do Reno, dizendo que, não longe dela, *Rhenus fluius altitudine quadraginta aut quinquaginta cubitorum ruit præceps in inum, ita vt aqua omnis in spumam & nebulam resoluatur. Est id sanè ad spectum horrendum.* (1602, pp. 22-23).

<sup>147</sup> *Commentarius Brevis*, 1602, p. 441.

tanto que chega a um lugar chamado Pfora<sup>148</sup> já tem ponte de 160 passos, aqui se lhe juntam muitas águas de várias partes com que ele começa a fazer-se soberbo. E como diz Plínio<sup>149</sup>, correndo per inumeráveis povos, tanto que rega os campos de Sclavónia perde o nome de Danúbio e chama-se Istro, e com este título entra no Ponto Euxínio por sete bocas, outros dizem que seis, outros por cinco, cousa que importa bem pouco avriguar-se. Recolhe 60 rios, 30 navegáveis.<sup>150</sup>

#### Amásis.

A este Rio chamou Plínio *Amiseus*, corre entre o Reno e Álbis, chama-se vulgarmente Embs.

#### Álbis.

Os Romanos fizeram deste Rio termo de seu Império pera o norte, nasce nãas altíssimas montanhas que ficam entre Boémia e Morávia, e tomando em si o caudaloso Rio Molta passa por Praga, metrópoli dos Boemos, e entra no Oceano junto de Amburg. Vulgarmente se chama Elb. Este Rio com ser grandíssimo passou o Emperador Carlos quinto a vau quando venceu o Saxónio e o prendeu, o que se teve a milagre porque por aquela parte nunca o Álbis se passou a vau até ‘quele tempo.<sup>151</sup>

Surius

---

<sup>148</sup> «Pfora», *i.e.*, Pfortzen.

<sup>149</sup> V. Caius Plinius Secundus, *Naturalis Historia*, IV, XII, 79: *ortus hic in Germania iugis montis Abnouae ex adverso Raurici Galliae oppidi, multis ultra Alpes milibus ac per innumeras lapsus gentes Danuvi nomine, immenso aquarum auctu et unde primum Illyricum alluit Hister appellatus.*

<sup>150</sup> É provável que, subjacentes a este passo, se encontrem, além de outras matrizes, os escólios de Sebastian Munster e de Camertes à obra de Solino. Naqueles (*C. Iulii Solino Polyhistor*), junto com um mapa onde se apontava *Pfozzen villa* como lugar de confluência do Danúbio com o rio Breg, podia D. Marcos ler uma descrição que Munster garantia ser fruto da experiência (*Fons ipse insignis est, et perpetuus, hodieque quatuor paruis muris includitur longitudine 26. circiter pedum, et latitudine circiter 18. pedum. Scaturigo autem ipsa effluens, habet pedis unius profunditatem, et duorum pedum latitudinem, atque ad duos lapidis iactus iuxta castrum recipit torrentem Brigam nomine, à longe ex conuallibus collectum. Et rursum ubi ieris ad iactum unius bombardæ uersus meridiem, augetur alio torrente Brega nomine, sed quorum nomina mox desinunt ubi Danubij miscentur aquis. Postea hic fluius sensim recuratur ad orientem, tenetque eum cursum usque dum in mare exoneratur Euxinum. Situs fontis est intra uillam, quæ hodie Doneschingen uocatur, id est, Danubij Eschingen [...] – 1538, pp. 46-47); nos *Commentaria* de Camertes, acharia um rol de autores repartidos em três grupos – tantos quantas as informações que veiculavam sobre a foz do Ister, atribuindo-lhe 5, 6 ou 7 «bocas» (1557, pp. 134-135). Mais, pode vir de Camertes a afirmação acerca do número de afluentes navegáveis do Danúbio: Solino dizia *Sexaginta amnes in se recipit, omnes ferme nauigabiles*; Comertes preferia falar de *sexaginta annibus receptis, medio ferme numero eorum nauigabili*. (p. 134). Foi esta informação, formulada nos mesmos termos, que o *Dictionarium* de Calepino e o de Charles Etienne contribuíram também para difundir (v. *Onomasticon Propriorum Nominum in Dictionarium*, 1560, p. 120; *Dictionarium Historicum, Geographicum, Poeticum*, 1590, f. 178v).*

<sup>151</sup> Surius assinala: *Obiter prætermittendum non est, qua in parte Albim Cæsar vado traiecit, postera die non nisi natando, & ægrè quidem, id fieri potuisset. Graues quidam scriptores sic*

12

Entre o remoto Istro, e o claro estreito  
aonde Hele deixou c'ò nome a vida,  
estão os Traces de robusto peito,  
do fero Marte pátria tão querida,  
Onde c'ò Hemo o Ródope sujeito  
ao Otomano está, que sometida  
Bizâncio tem a seu serviço indino,  
boa injúria do grande Constantino.<sup>152</sup> (215)//

Entre o apartado Danúbio, e o Helesponto, que tomou o nome de Heles, que nele morreu afogada, estão os robustíssimos Traces, em cuja terra dizem que nasceu Marte, na qual província os dous celebrados montes Hemo e Ródope estão em poder do Turco Otomano, que tem sua corte na famosa Cidade Bizâncio, a quem o grande Constantino amplificou, pera mor injúria sua, e confusão nossa.

Entre o remoto Istro *ect.*

Já dissemos que o Danúbio chegando às terras de Sclavónia perdia o nome de Danúbio, e cobrava o de Istro, conforme Plínio. Inda que conforme Ptolomeu<sup>153</sup>, de Áxio Cidade de Mísia, até o mar, era esta mudança. Diz agora o nosso poeta que entre este Rio Danúbio ou Istro, e o Helesponto, fica Trácia.

Plin., l. 4

Aonde Heles perdeu c'ò nome a vida.

texto

Atamante<sup>154</sup>, filho de Éolo Rei de Tebas, foi casado com Néfele, e dela houve um filho per nome Frixo, e ùa filha que foi Heles. Faleceu Néfeles e casou Atamante com Ino, filha de Cadmos; esta como madrasta tinha ódio aos enteados e desejava-lhe a morte, mas não ousava pôr seu mau desejo em execução, porque

---

*sentiant, non sinè miraculo & præsenti Numinis ope Cæsarem illud latissimum flumen cum tantis copijs vado transijisse. Quo autem die Saxo captus est, æstus fuit longè grauissimus, & sol velut sanguinolentus apparuit, non in Germania duntaxat, sed etiàm in Gallijs. (Commentarius Brevis, 1602, pp. 429-430).* Trata-se de uma referência à batalha de Mühlberg (Abril de 1547), de que Carlos V saiu vitorioso, derrotando os luteranos unidos na Liga de Smalkald e capturando uma das suas figuras maiores, João Frederico de Saxe-Wittenberg. Tiziano, que a este propósito retratou o Imperador, compôs na sua pintura a imagem de um cavaleiro em cujos traços se reconhece a herança de heróis míticos – Amadises ou Palmeirins – na luta contra o infiel.

<sup>152</sup> Em 1572, 1584, 1591 e 1609: «Costantino». Em 1597, 1612, 1613, 1626, 1631, «Constantino».

<sup>153</sup> Nos *Geographiæ Clavdii Ptolemæi Alexandrini, Philosophi ac Mathematici præstâtissimi, Libri VIII, a Tabvla Evropæ IX* mostra a alteração de que fala D. Marcos: o *Danubius* passa, a partir da *Mysia*, a ser o *Ister*, e como tal desagua no Ponto Euxino.

<sup>154</sup> N'Os *Lusiadas* [...] *Commentados* (1613, fls. 71-71v), a história do nome de Helesponto é narrada com demora. Aí poderia D. Marcos encontrar remissões para obras que terá consultado: *Justino, lib. 42, Ovidio lib. 3, Pastor. Pontano in Urania.*

o marido Atamante amava muito a estes filhos. E como mulheres, nas cousas que desejam, principalmente se são más, são mui acesas, e veementes, veio esta Ino a fabricar um engano pera com ele matar os enteados. Meteu em cabeça às mulheres dos lavradores daquela terra que tostassem a semente que haviam de semear, porque lhe dariam fruto dobrado; fizeram-no assi as simples lavradoras; semearam os maridos o pão, o qual até 'gora in(215v)//da está por nacer, ao que se seguiu grande fome. Mandou Atamante consultar o oráculo de Apolo sobre a causa e remédio daquele dano. E Ino peitou os mensageiros pera que dissessem que dizia Apolo que aquela fome duraria muito tempo, e não cessaria até que lhe não sacrificassem os dous filhos del Rei, Frixo, e Heles. Dura cousa lhe foi a Atamante a morte dos filhos, porém por amor do bem comum os entregou ao sacrifício. Os parentes dos moços da parte da mãe, que entenderam a treição, com grossas peitas os tiraram da mão dos que os levavam, e os embarcaram pera a outra parte do mar, no qual caminho a menina Heles, como ia cortada do medo, morreu. Esta é a história. Os poetas dizem que estando pera os sacrificar aparecera um carneiro que tinha o Velo de Ouro (aludindo ao ouro que deram de peita aos do sacrifício) e que eles se subiram no carneiro, e que indo no meio das águas Heles de medo caíra, e se afogara naquele estreito, que por esta causa se chamou Helesponto dali por diante *ect.*

texto

Estão os Traces de robusto peito  
do fero Marte pátria tão querida.

Cidades de  
Trácia são  
Bizâncio,  
Nicópolis,  
Apolónia,  
Adrianópolis,  
Lisimaquia.  
Rios: Strímon,  
hoje Rendino,  
Neso, Ebro.  
Mela.

Plin., l. 4, c. 11

Trácia é ãa região de Europa que confina do Ocidente com Macedónia, do norte com o Istro, ou Danúbio, do Oriente com o Helesponto, do meio-dia com o mar Egeu. Chama-se esta terra hoje România, porquanto Bizâncio sua cabeça se chamou nova Roma, e estes são os verdadeiros Rumes, na Índia tão nomeados foram, e são mui esforçados como o nosso poeta diz, e ainda hoje presumem disso. Plínio diz deles: *Thracia sequitur inter vallidissimas Europae gentes*<sup>155</sup>. Pompónio Mela<sup>156</sup> diz que Trácia cria homens feros e de áspero tratamento (216)// e que criam seus corpos com poucos mimos, e regalos, e inda guardam hoje os Turcos esta natural aspereza. Porque quando El Rei D. Fernando, Irmão de Carlos quinto, mandou a Hungria, onde então estava o Grão Turco Solimão, seus embaxadores, ele os mandou agasalhar com os seus Baxás, e num convite que lhes deram não vieram à mesa outras iguarias mais que arroz e carneiro de

<sup>155</sup> Caius Plinius Secundus, *Naturalis Historia*, IV, XI, 40.

<sup>156</sup> A respeito dos Trácios e da sua capacidade para enfrentar a morte (*Quidam feri sunt et paratissimi ad mortem*), Pompónio Mela apresenta, em *De Chorographia* ou *De Situ Orbis*, explicações que D. Marcos omite. Segundo Pompónio Mela, essa prontidão resultava de uma de três crenças: alguns Trácios confiariam no retorno das almas dos defuntos; para outros, as almas não regressavam à terra mas passavam a uma condição mais feliz; para outros ainda, embora a alma fosse mortal, a morte seria preferível à vida. (II, 2, 18).

chacina<sup>157</sup>. O Hemo e o Ródope são dous montes de Trácia. Diz Strabo que o Hemo parte Trácia pelo meio<sup>158</sup>. Chama a Trácia pátria de Marte, porque os Traces eram belicosos, e robustos, e por isso Virgílio chamou a Trácia Terra Mavórcia, *i.* de Marte:

*Terra procul vastis colitur Mavortia campis  
Thraces arant.*<sup>159</sup>

Virg., 3 Ae.

Bizâncio tem a seu serviço indino.

texto

Foi Bizâncio edificada pelos Lacedemónios e seu Capitão Pausânias, como diz Strabo<sup>160</sup> e o *Suplemento* de Quinto Cúrcio<sup>161</sup>. E Justino no princípio do livro nono<sup>162</sup> diz que os Lacedemónios só sete anos a possuíram, porque logo os Atenienses lha tomaram, e havendo grandes debates sobre cuja fosse, cada dia mudava o senhorio, até que Felipe Rei de Macedónia a tomou sem lho defender ninguém, porque ninguém a tinha por sua. Quando Constantino Magno quis mudar o Império pera Grécia, começou a reedificar a antiga Tróia, e amoestado em sonhos desistiu da obra, e foi morar em Bizâncio, ampliando muito aquela Cidade com nobilíssimos edifícios, e pôs-lhe por nome Nova Roma, mas prevaleceu o povo em lhe chamar Constantinopla em memória do mesmo Constantino. (216v)//

---

<sup>157</sup> V. *Commentarius Brevis*, 1602, pp. 367-368. Falando da embaixada enviada por D. Fernando a Solimão, em 1541, Surius comenta a sobriedade dos repastos oferecidos pelos turcos, contrapondo-a à gula alimentada pelos cristãos (*ita vt verissimè dici de nostris possit, plures crapula quàm gladio perire*). Desse trecho, D. Marcos parece ter fixado especialmente uma frase: *Legati eius à Turcis honorificè excepti sunt, & postera die cum Bassis pranfi, orizam & carnes veruecinas, nihilque præterea sibi esculentum apponi cernunt*.

<sup>158</sup> Na *Geografia* (7, 5, 1), Estrabão caracteriza o monte Hemo como o maior da região do Ponto, e destaca a sua disposição como fronteira natural, por cortar a Trácia pelo centro.

<sup>159</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, III, vv. 13-14.

<sup>160</sup> Na *Geografia* (7, 6, 2), Estrabão não menciona o nome de Pausânias nem indica os Lacedemónios como fundadores de Bizâncio. Sobre as origens da cidade, apenas diz vagamente que alguém («homens») teve essa iniciativa.

<sup>161</sup> No *Supplementi in Q. Curtium De Rebus Alexandri Magni Regis Macedonvm. Liber primus*, diz-se de Bizâncio: *Hæc vrbs à Pausania Spartanorum rege condita, à Constantino postmodum gloria opibusque aucta atque renouata, & à nomine suo Constantinopolis dicta, circiter Mcxli. annos sacratissimi Imperij sedes, totiusque Orientis caput fuit. Nunc tamen (proh dolor) foedissimæ atque impijssimæ Turcarum gentis imperio subiacet. (Q. Curtii De Rebus gestis Alexandri Magni Regis Macedonum Opus. Accesserunt duorum in principio librorum qui hactenus desiderabantur Supplementa, & Fragmentorum restitutio. Avctore Christophoro Bruno, 1584, s/f).*

<sup>162</sup> Em M. Ivniani Iustini *Epitoma Historiarum Philippicarum*, lê-se: *Haec namque urbs condita primo à Pausania, rege Spartanorum, et per septem annos possessa fuit; dein variante victoria nunc Lacedaemoniorum, nunc Atheniensium iuris habita est, quae incerta possessio effecit, ut nemine quasi suam auxiliis iuvante libertatem constantius tueretur. (IX, I, 3-4, 1972, p. 82).*

## Da gente dos Turcos.

Já estávamos saídos das neves boreais, e nos vínhamos chegando às terras mais favoráveis, mas os Turcos nos fazem tornar a dar-lhe ãa vista. Depois do Dilúvio das águas, os decendentes de Noé que a seus padres tinham ouvido a história daquela ira de Deus, estavam tão amedrontados, e tão receosos de semelhante sucesso, que quiseram fazer ãa torre tão alta não pudesse lá chegar Dilúvio por grande que fosse<sup>1</sup>. Mas quando Deus lhe confundiu as línguas, como dissemos, os fez apartar, porém não apartaram eles de si este pensamento temeroso, e assi buscavam montes altos, e foram subindo tanto, que quasi se foram meter debaxo do pólo do mundo na maior altura dele. Eram aquelas terras mais tratáveis naquele tempo, assi porque as águas passadas tinham tirado da superfície delas todas as neves, como também porque o Céu que as cobria era mais favorável ao mundo, lembrado do rigor que com ele havia pouco tinha usado; encheram-se essas regiões setentrionais de habitantes primeiro que as terras férteis e habitáveis os tivessem, donde nasceu a dúvida que os Citas punham, ou a justiça que alegavam pera levar ventagem aos Egípcios na antiguidade do mundo.

Depois, vieram os frios a ser mais rigorosos, a multiplicar-se as neves, e as naturezas a ser menos robustas pera sofrer frio tão intolerável, e<sup>II</sup> assi vieram a desemparar suas primeiras habitações, e buscar outras mais humanas. Entre outras nações que com este pensamento deceram dessa Cítia, foram os Turcos. Plínio desta nação faz menção contando as que vivem junto da Lagoa Meótis<sup>163</sup>. E Pompónio Mela os faz vizinhos do mar Cáspio, e dos Montes Cáucos<sup>164</sup>. (217)// Conservaram-se estes bárbaros muito tempo em República, e chamava-se a sua terra Turquestan, e eles Turquinianos, a quem chamamos hoje Turcos, possuidores de dous poderosíssimos Impérios cuja monarquia a fortuna lhe azou, e foi desta sorte. Já demos conta como de baxos princípios se levantou em Arábia o pérfido Mafamede, depois de cuja morte seus sequazes foram seguindo a favorável fortuna fazendo-se Senhores de todo Oriente. Estes trataram de conquistar o Império dos persas sendo Rei em Pérsia Aschaiorth. Este, temendo a potência dos Agarenos, convocou em sua ajuda os Turquinianos, que pela parte setentrional eram vizinhos a suas terras, vieram eles logo com seus exércitos, mas como costumassem trazer consigo mulheres e filhos, vieram mais devagar do que os persas

Plin., lib. 6,  
cap. 7

Mella in fine  
3 lib.

Trangolipix  
era capitão dos  
Turquinianos

<sup>1</sup> No ms.: «por grande fosse. Outros q Mas quando»...

<sup>II</sup> No ms., «cassi» segue-se a uma rasura ilegível.

<sup>163</sup> Entre os Sármatas, Plínio inclui: *primi Sauromatae Gynaecocratumenoe, Amazonum conubia; dein Naevazae, Coitae, Cizici, Messeniani, Cotobacchi, Cetae, Zigae, Tindari, Thussegetae, Tyrcae usque ad solitudines saltuosis convallibus asperas, ultra quas Arimphaei qui ad Ripaeos pertinent montes (Naturalis Historia, VI, VII, 19).*

<sup>164</sup> Pompónio Mela fala dos Citas Nómadas e di-los habitantes da região do mar Cáspio, no livro III (5, 38-39) da *Corographia* ou *Situs Orbis*. No livro I (19, 116), situa na mesma zona *Thysagetae Turcaequae*.

havia mister. Os Sarracenos também apressaram-se mais para que os Turquenianos se não juntassem com os Persas, com os quais apertaram tanto que os venceram, junto de uma Cidade chamada Marga; e mataram o Rei Ascaiorth, fazendo-se senhores de toda Pérsia. Os Turcos que vinham andando ouviram no caminho as novas dos persas destruídos, pararam sem se bulir donde estavam, que era da terra chamada Coracen, aonde os Sarracenos<sup>I</sup> os vieram buscar. Duvidando eles de pelejar com os sarracenos, mandaram-lhe seus embaxadores, oferecendo-se-lhe por vassalos, o Califa dos mouros os recebeu bem, e os tomou debaixo do seu amparo, onde estiveram muitos anos, e ainda aceitaram a lei de Mafamede, com que ficaram mais aceitos aos Sarracenos. Os autores das Cronologias notam esta história ao ano 1003<sup>167</sup>. Estiveram os Turcos alguns anos na amizade dos Sarracenos mas sempre com o olho nos sucessos da guerra para dar neles (217v)// como vissem ocasião, que lhe não tardou muito, porque, havendo entr'os mouros divisões, e bandos com que uns aos outros se destruíam, e sendo também muitas vezes vencidos, e maltratados do Imperador Diógenes de Constantinopla, os Turcos deram neles e lhes tomaram o Império de toda Ásia, levantando Rei chamado Sadoc, pouco e pouco se foram fazendo senhores das Províncias Orientais em que reinaram alguns tempos, até que passou à Terra Santa Godfredo de Bulhão, sendo Senhor dos Turcos Belchiaroc, a quem seu Irmão Solimansa tinha tomado muita parte do Reino. Tomaram<sup>II</sup> os Cristãos a estes Turcos muitas terras e entre elas a famosa Cidade de Antioquia, e desbarataram totalmente os Turcos, os fizeram recolher para Pérsia e outras terras. Até qui chegou o nosso Cónego Regular Aiton, natural de Arménia, com as histórias dos Turcos<sup>168</sup>,

<sup>I</sup> No ms., a inicial «S» foi grafada sobre um «T».

<sup>II</sup> No ms., a forma «tomaraõ» resulta de uma confusa conversão e emenda de caracteres, a partir de uma palavra que parece ser (mas a leitura não é certa) «passaraõ».

<sup>165</sup> Cedreno ou Georgius Cedrenus, bizantino (?-c.1100), foi autor de uma história universal, *ab exordio mundi*, que ampliava a de Zonaras. D. Marcos poderia ter acesso à edição que em 1566 fez circular os *Annales* de Cedreno, mas também poderá ter evocado o seu nome a partir da leitura de James Gordon. Um pormenor revelador: ao tratar da origem dos Turcos e do processo da sua afirmação no Oriente e na Europa (1566, pp. 633-634), a versão latina dos *Annales* ou *Compendium Historiarum* faz referência ao chefe *Tragolipace*; Gordon chamou-lhe *Trangolipix*, e foi esta forma que D. Marcos repetiu.

<sup>166</sup> Zonaras trata da origem dos Turcos e de como chegaram a ocupar *totum Orientem* num dos capítulos – *Imperium Constantini Monomachi, seu Gladiatoris* – do seu *Compendium Historiarum* (1557, l. III, pp. 197-208).

<sup>167</sup> James Gordon assinala a respeito de 1003: *Ab hoc anno plerique repetunt Turcarum initia: quando dissidentibus Saracenorum Principibus, Trangolipix, Turcarum Dux, è Scythia euocatus à Persis, primum Persidem occupavit, mox Babyloniam & Mesopotamiam.* (*Operis Chronologici Tomus Alter*, 1614, p. 304).

<sup>168</sup> D. Marcos sumaria parte do capítulo XV (*De imperio Saracenorum*) de *Haithoni Armeni Ordinis Præmonstratensis De Tartaris Liber*, incluído na antologia *Novus Orbis* (v. 1532, pp. 429-431).

Aiton de  
Tartaris,  
Mathias à  
Micou<sup>169</sup>,  
Theodor  
Garza<sup>170</sup>,  
Platina<sup>171</sup>,  
Blondo<sup>172</sup>,  
Nauclero<sup>173</sup>, F.  
João Pineda<sup>174</sup>,  
S. Antonino<sup>175</sup> e  
outros muitos

porque não tinha sucedido em vida sua mais. Mas muitos anos depois andando alguns destes Turcos em serviço do Grão Cão de Tartária, um per nome Otomano, agravado dos Tártaros, fugiu com quarenta de cavalo, e foi-se embrenhar nos montes de Capadócia, e dali saía saltar os caminhantes, ajuntou-se-lhe logo ùa esquadra de vadios, com que já em campo aberto cometia vilas e Cidades e as despojava e roubava. Os Turcos que andavam por várias províncias espalhados, decedentes daqueles de que fizemos menção, ouvindo que um Capitão seu natural conquistava terras, e roubava aos Cristãos, acudiram-lhe muitos, com que se fez senhor em breve tempo de Bitínia, Capadócia, Ásia Menor, Panfília, e Cilícia. Era este Otomano homem baxo e humilde mas muito esforçado, e venturoso. Este foi o prin(218)//cípio dos Turcos, e dos Príncipes Otomanos, que por rezão deste assi se intitulam hoje em grande dano da República Cristã. Estes são os Assírios, Caldeus, e Filesteus que servem de verdugos ao povo ingrato, e tantas vezes rebel ao serviço de seu Deus. Quisemos tão extensamente contar aqui estas histórias,

---

<sup>169</sup> Mathias Michou escreveu um capítulo (XV, livro I) intitulado *De Turcis*. D. Marcos recordá-lo-ia, provavelmente, mas não o seguiu neste passo.

<sup>170</sup> Teodoro Gaza, grego, passou a Itália, onde desenvolveu obra de humanista e conquistou o apoio de alguns mecenas. Procurou na tradição clássica e medieval informação sobre os Turcos, e redigiu, em grego, c. 1470, um breve texto que viria a circular, em versão latina, como *Epistola ad F. Philelphum de origine Turcorum*. Esta obra foi incluída na edição de *Laonici Chalcondylæ Atheniensis, de origine Et Rebus Gestis Turcorum Libri Decem, nuper è Græco in Latinum conuersi: Conrado Clavsero Tigurino interprete* (1556, pp. 181-183). D. Marcos, se a conheceu directamente, não a segue.

<sup>171</sup> D. Marcos apontará decerto para a obra de Battista Platina, *Delle Vite De' Pontefici*, onde em vários lugares, mas desde logo sobre o tempo de *Benedetto VII. Detto VIII. Pont. CXLVIII. Creato del 1112. a'17 di Giugno*, se acham referências a Turcos e a Sarracenos, vincando a sua acção invasora. (v. 1643, p. 284).

<sup>172</sup> Blondo (1388-1463) escreveu várias obras, compiladas em edições como a que saiu em 1559, em Basileia. A importância dos Turcos e a sua relação com os Sarracenos é objecto de uma sumária referência em *Blondi Flavii Forliviensis De Origine et Gestis Venetorum* (1559, pp. 274-275).

<sup>173</sup> Iohannis Nauclerus (?-1510) é o autor de uma *Chronica* que remontava *ab initio mundi* e se estendia até ao início do século XVI. Sobre a origem dos Turcos, que alguns autores julgam citas, fala de modo breve, referindo, sem o pormenor do texto de «Aiton Arménio», a sua ligação circunstancial com os Sarracenos (1544, p. 610). *De Turcis* volta a tratar adiante, para salientar então a *Othomanorum origo* (p. 880). A D. Marcos, terá interessado especialmente a informação relativa à conquista de Constantinopla (a acção do Imperador Constantino Paleólogo e a do nobre genovês João Justiniano), de que Nauclero também se ocupa, mas a verdade é que a versão que oferece altera, e muito, a da *Chronica*. Enquanto Nauclero acusa o Imperador de ter fugido perante a iminência da derrota, sofrendo a morte sem dignidade nem honra, e classifica de *inglorius* o fim da vida de Justiniano (pp. 956-957), D. Marcos empresta uma cor heróica aos feitos de um e de outro.

<sup>174</sup> Frei Juan de Pineda trata da origem dos Turcos no capítulo XXIII (livro XIX) da *Monarchia Ecclesiastica* (Parte III), admitindo as suas raízes citas e recordando a sua ligação com os Mouros. D. Marcos não segue esta narrativa, mas parece ter prestado particular atenção às fontes e autoridades que fr. Juan de Pineda acumula quer no texto quer nas notas marginais. Lá estão (entre outros) *Haitonus, Mathias, Zonaras, S. Antonino, Teodoro Garza* (v. 1606, fls. 193-193v).

<sup>175</sup> S. Antonino (1389-1459), Arcebispo de Florença, foi autor de várias obras, entre elas uma *Chronica* ou *Historiarum Domini Antonini*, onde fala de *Turcorum nomen et incrementa* (*Secvnda Pars Historiarum Domini Antonini*, 1527, Titulus XVI, cap. IV, § V, fls. 183-183v).

porque muitas vezes toca o nosso poeta nelas, e nós não queremos contá-las em pedaços, porque nunca o sentido do poeta será bem declarado se não chegáremos à raiz das histórias onde está o fundamento dele. Mas ainda nos fica o lastimoso remate desta famosa Cidade. No ano do Senhor de 1453, sendo presidente na Igreja de Deus, Nicolau 5.<sup>o</sup>, e reinando em Portugal o grande Dom João 2.<sup>o</sup>, Momet segundo do nome, e o primeiro que se intitulou Grão Turco, querendo dar fim a ãa empresa tão desejada de seus antepassados, sendo já cumprido o prazo da divina justiça sobre aquela infiel Cidade, fonte e manancial de tantas heresias, ajuntou um copioso exército, e aos 29 de Maio do dito ano se deu o combate à Cidade de Constantinopla, tão rico e forte, e tão bem defendido, como se esperava de cercadores belicosíssimos, e de cercados desesperados. Era Emperador Constantino, homem esforçado e valeroso, o qual tirou seu exército pera defender a barbacã, que era de tanta importância como o muro, e encontrando-se com os Turcos, dũa e outra parte se pelejou valerosissimamente, mas como os cercados tinham o Céu contra si, pouco e pouco vieram a afracar, e os Turcos sentindo esta fraqueza sua apertaram (218v)// mais rijo com eles, e os fizeram ir retirando pera os muros. A principal pessoa que sustentava a gente do Emperador era Justiniano Genovês, homem de grande valor, o qual sendo gravemente ferido se retirou pera se curar. O Emperador, sintindo a fraqueza dos seus, foi em busca de Justiniano, neste comenos abriram-se as portas da Cidade, os Turcos apertaram tão fortemente com os Cristãos que de mistura entraram na Cidade, e ultimamente a renderam, matando na entrada da porta o Emperador, que como esforçado morreu pelejando. Entrada a Cidade fizeram os Turcos nela o que costumam, mil crueldades, e brutezas, ficando até o dia de hoje senhores absolutos dela, sem os Cristãos nem esperanças terem de a tornar a possuir. Justo castigo de Deus que aqueles que recusavam ter por seu superior no espiritual o Vigário de Jesu Cristo, tenham por senhor o Califa de Mafamede. O mesmo acontecerá daqui a poucos anos a Alemanha, e a todas as terras que contra Deus se querem fazer fortes e resistir contra o aguilhão.

13

Logo de Macedónia estão as gentes  
a quem lava do Áxio a água fria.  
E vós também, ó terras excelentes  
nos costumes, engenhos, e ousadia,  
Que criastes os peitos eloquentes  
e os juízos de alta fantasia  
com que<sup>176</sup> tu, clara Grécia, o Céu penetras,  
e não menos por armas que por Letras. (219)//

E vós também  
*ect.*

E vós *etc.*

---

<sup>1</sup> No ms.: «Igr.<sup>a</sup> de Deos \*Nicolao 5.\*».

---

<sup>176</sup> Em 1572, 1584, 1591, 1609, 1612, 1626, 1631: «Com quem tu»... Em 1597 (decerto por gralha), «Eom quem tu»... Em 1613, «Com que tu»...

Sanazaro  
traduzido: Y lo  
que Haliacmon  
y Axio van  
regando.  
La tierra  
Macedonica  
alegrando.  
ibidem. Los  
pueblos  
Grayos que la  
furia insana/  
pudo agotar  
de tal i tanta  
gente/ Gente  
de fortaleza  
sobrehumana/  
en ciencias y  
en ingenios  
eminente/  
d'estudios  
Leyes y armas  
adornada/  
y sobre  
quantas viven  
celebrada.<sup>177</sup>

Plin., l. 4, c. 9

Imediatamente se segue a Trácia o Reino de Macedónia, por onde corre o Rio Áxio. E vós também, ó Cidades de Grécia enobrecidas pelos generosos partos que criastes, pois em vós nasceu a eloquência, e os sutis entendimentos vós os produzistes, fazendo-vos ensignes e conhecidas no mundo não só pelo estudo das letras mas também pelo exercício das armas.

Logo de Macedónia estão as gentes.

Macedónia se chamou assi de Macedo, filho de Osíris, que nela reinou, como dizem Stefano e Solino<sup>178</sup>. O Rio Strímon a divide de Trácia. De pequenos principios a levantaram tanto os seus Reis Felipe e Alexandre, que a fizeram senhora de cento e cinquenta províncias. Dela diz Plínio: *Haec est illa Macedonia terrarum imperio potita quondam*<sup>179</sup>. Está cercada esta província da parte do Norte de altíssimas montanhas, do poente com o mar Egeu. Não há nela ao presente Cidade nobre, tudo são aldeas pobres de miserável gente habitada, os quais nem com ser pobres podem escapar dos contínuos roubos dos Turcos, que lhe não deixam possuir cousa que se possa cobiçar, e assi diz João Botero, que não usam outro ofício senão de taverneiros e vendeiros, pera assi em certo modo serem aceitos a esta gente bestial<sup>180</sup>. Escreve o mesmo autor, alegando a Strabo Capadócio, que havia nesta província ãa calçada desde a Cidade Durazo até o Rio Hebro<sup>I</sup> de 535 milhas de comprido, a qual cousa, diz Botero<sup>II</sup>, houvera de ser imitada dos Reis e príncipes da Cristandade, que tudo é avexar os povos com tributos (219v)// e

<sup>I</sup> No ms., há sinal de hesitação na grafia desta palavra. À margem, em caracteres nítidos, confirma-se a forma «Hebro».

<sup>II</sup> No ms.: «a qual cousa \*dis Botero\* ouvera deser imitada dos Reis»...

<sup>177</sup> *El Parto De La Virgen que compuso el celebre Iacobo Sānazarō, Poeta Napolitano, en verso Heroyco Latino. Traduzido en octava rima Castellana, por el Licenciado Gregorio Hernandez de Velasco*, 1580, fls. 33v, 34.

<sup>178</sup> A fonte de D. Marcos terá sido, com toda a probabilidade, o *Dictionarium* de Charles Etienne. Aí se lê: *Dicta Macedonia à Macedone quodam Osiridis, siue, ut Stephanus & Solinus scribunt Iouis filio, & Thyriæ filie Deucalionis*. (1590, f. 181v).

<sup>179</sup> Caius Plinius Secundus, *Naturalis Historia*, IV, X, 39. A frase, de que D. Marcos apenas cita o início, alonga-se numa enumeração dos povos outrora dominados pelo extenso império da Macedónia. No texto latino, a enumeração é crucial, pois com ela contrasta a referência à razia efectuada por Paulo Emílio, que num só dia teria subjugado e pilhado 72 cidades dessa mesma Macedónia (*haec eadem est Macedonia...*). Plínio faz notar assim como pode ser vária e mudável a história dos povos e das nações, simbolizada pela fortuna de chefes como Alexandre e Paulo Emílio: *tantam differentiam sortis praestitere duo homines*.

<sup>180</sup> Giovanni Botero escreveu, nas *Relationi: I popoli sono tanto trauagliati, & mal trattati da i Turchi, che gli tolgono tutto ciò, che hanno, che ne abandonano le possessioni, & l'arte del campo; fanno communemente il mestiero dell'hoste, co'l quale ritolgono à i Turchi la lor robba*. (1595, f. 49). D. Marcos suaviza, na sua paráfrase, a imagem dos Macedónios relativamente à dos Turcos, preferindo dizer que o ofício de «taverneiros e vendeiros» lhes servia «pera assi em certo modo serem aceitos a esta gente bestial».

gastar o suor de seus vassallos em vaidades, não fazendo obra proveitosa pera o povo<sup>181</sup>, mas isto é pregar no deserto.

Áxio se chamava antigamente um Rio que passa por esta província. *Vulgo hodie Vandari.*

E vós também ó terras excelentes.

Estas como dissemos são as províncias, ou povos de Grécia<sup>182</sup>, porém quis fazer particular menção de Macedónia como de cousa mais excelente. A província que antigamente chamavam Grécia continha todas estas províncias, fora as Ilhas, Macedónia, Acaia, Peloponeso, Épiro, e Albânia. Toda a<sup>1</sup> Grécia composta destas partes integrantes do Oriente tinha o mar Egeu<sup>II</sup>, e Mirto. Pelo meio-dia, o mar chamado Líbico, que é o Mediterrâneo que cercava Líbia. Pelo Ocidente o mar Jónio e o Adriático, pelo norte Dalmácia e Trácia. Em Macedónia, além do que dela escrevemos, há estas Cidades mais insignes: Pella, que hoje se chama Jeniza, onde nasceu Alexandre Magno; Tessalónica, que é Salonichi; Piéria junto do Monte Olimpo; Anfípolis, hoje Empoli; Larissa hoje Larizzo; Cazandria.

Junto de Macedónia está Acaia, a quem Plínio chamou Mera Grécia<sup>183</sup>, porque esta era a gema de Grécia. Província de Acaia era a Ática, onde estava Atenas, aquela tão celebrada Cidade por seus estudos e academia. Tinha mais esta província estas Cidades: Tebas, Beócia, Mégara.

Logo se seguia Peloponeso, Península (220)// a que chamam Morea. Cidades: Micenas, que também dava nome a ãa Região, hoje Matagia<sup>III</sup>. Esta província de Morea é a Cresoneso grega, que quer dizer (como já dissemos) terra cercada de mar, que tem forma de folha de figueira, como diz João de Barros<sup>184</sup>, cujo pé cha-

---

<sup>I</sup> No ms., percebe-se que a frase foi emendada. Talvez na primeira redacção a frase começasse por «Toda se». Na versão final, «TodaaGrecia»...

<sup>II</sup> No ms.: «o mar Ionio Egeo»...

<sup>III</sup> No ms., o fim da palavra (-«ia») foi escrito sobre um borrão. À margem, com nitidez, repetiu-se o nome.

---

<sup>181</sup> D. Marcos amplifica as palavras de Botero, que apenas dizem: *Scrive Strabone, che da Durazzo, sino al fiume Hebreo, ui era una strada lunga 535. miglia, co' migli distinti con certe colonnette: cosa, che ci è parsa degna di esser notata; e proposta a nostri Prencipi, accioche l'imitino.* (*Relationi*, 1595, fls. 49-49v).

<sup>182</sup> A informação sobre a Grécia apresentada por D. Marcos radica no texto de James Gordon (v. *Operis Chronologici Tomus Alter*, 1614, pp. 514-515).

<sup>183</sup> A expressão destacada por D. Marcos (e presente também no *Operis Chronologici Tomus Alter*, 1614, p. 514) encontra-se numa epístola de Plinius Minor, i.e., Plínio o Moço, endereçada provavelmente a Valério Máximo (*Caius Plinius Maximo suo*): *Cogita te missum in provinciam Achaïam, illam veram et meram Graeciam, in qua primum humanitas litterae, etiam fruges inventae esse creduntur.* (VIII, XXIV, 2).

<sup>184</sup> Descrevendo «o sítio do Reino de Malaca», João de Barros lembra que a cidade «estava situada naquela parte da terra, a que os Geógrafos chamam *Aurea Chersoneso*», apressando-se a explicar: «como esta história vai em linguagem, e alguns que a lerem, per ventura não entenderão

mavam os Gregos Istmos, que é o mais estreito da península. Neste Istmo estava a nomeada Cidade de Corinto onde S. Paulo pregou, esta Cidade gozava de dous mares, Egeu, e Jónio, e assi lhe chamavam *bimaris*, *i.* de dous mares. Tegea, cidade de Arcádia, chama-se hoje Muchli, e Argos, Argo. Lacedemónia, que também se chamou Sparta, hoje se chama Misithra.

Épiro, que os modernos querem que se divida em nova e velha, fazendo nova de Albânia, província célebre pelo grande Scanderbeg<sup>185</sup>, que nela reinou, cuja cabeça é Cróia, e a velha, que é Épiro, junto do mar. Alguns não contam esta província por de Grécia, mas os modernos tudo confundem.

As demais cousas em que o nosso poeta se espraia são louvores de Grécia, e com razão, porque, como Cícero<sup>186</sup> lhe chamou, foi inventora de todas as artes e ciências. Deles como de fonte beberam os Romanos todas as disciplinas e ciências, e por eles a nós se comunicaram, de sorte que todos os que professam alguma ciência estão obrigados a Grécia em razão de agradecimento, como está obrigado o que bebe no Rio às fontes donde se ele originou. (220v)//

#### 14

Logo os Dálmatas vivem, e no seio  
onde Antenor já muros levantou,  
a soberba Veneza está no meio  
das águas, que tão baixa começou.

---

este termo Chersoneso, usado entre os Geógrafos, devem saber que é palavra Grega, e propriamente se toma per ãa pequena partícula de terra pegada per tão delgada cousa, como é o pé da folha da figueira pegada no ramo dela [...].» (*Decada Segvnda*, 1628, VI, I, f. 128v).

<sup>185</sup> Jorge Castrioto (1405-1468), príncipe de Albânia, apelidado de Scanderbeg (em turco: «Alexandre») pela sua valentia, foi celebrado como um herói da resistência ao avanço das forças infiéis sobre o Ocidente. No século XVI, quando a pressão otomana voltou a fazer-se sentir na Europa, o exemplo de Castrioto mereceu especial destaque. Em Portugal circulou, em versão vernácula, o texto de Marino Barlesio (c. 1450-c. 1512), *Chronica Del Esforçado Principe Y Capitan Iorge Castrioto Rey de Epiro, o Albania, traduzida del lenguaje Portugues enel Castellano, por Iuan Ochoa de la Salde* (Lisboa, 1588), do mesmo modo que terá sido conhecido o *Commentario De Le Cose De Turchi, Et Del S. Georgio Scanderbeg, Principe di Epyrro* (1.<sup>a</sup> ed.: 1535), de Paolo Giovio. De resto, décadas depois de D. Marcos, o Conde de Ericeira D. Luís de Meneses, figura destacada das guerras da Restauração, escolheria a figura mítica de Scanderbeg como centro de uma obrinha pedagógica – *Exemplar De Virtudes Morales En La Vida De Jorge Castrioto, Llamado Scanderbeg, Principe De Los Epirotas, Y Albaneses, Offrecido a la Ilustre Juventud Portuguesa* (1688).

<sup>186</sup> Se, no início das *Tusculanae Disputationes* (I-I, IV, 8), Cícero – apostado em divulgar com eloquência, *Latinis Litteris*, a filosofia, e em marcar distância relativamente ao epicurismo helénico – valoriza a lição dos Gregos mas sublinha que os Romanos são capazes de a aperfeiçoar, porque mais sábios, em *De Finibus Bonorum et Malorum* (V, III, 7), escrito pouco antes, no mesmo ano de 45 a.C., havia deixado, puro, o elogio a que D. Marcos se refere: *Ex eorum enim scriptis et institutis cum omnis doctrina liberalis, omnis historia, omnis sermo elegans sumi potest, tum varietas est tanta artium ut nemo sine eo instrumento ad ullam rem illustriorem satis ornatus possit accedere. Ab his oratores, ab his imperatores ac rerum publicarum principes exstiterunt. Ut ad minora veniam, mathematici, poetae, musici, medici denique ex hac tamquam omnium artificum officina perfecti sunt.*

Da terra um braço vem ao mar que cheio  
de esforço nações várias sujeitou,  
braço forte de gente sublimada  
não menos nos engenhos que na espada.

Após Épiro e Albânia se segue Dalmácia; e na enseada do mar Adriático, perto da Cidade de Pádua que Antenor Troiano edificou, aparece a famosa Cidade de Veneza entre as águas, que tão baxos e humildes princípios teve. Desta terra se estende um braço ao mar cujos moradores sujeitaram já quasi todo o universo, corações esforçados, gente animosa, e não menos ilustre pelos felices engenhos que dela saiu, que pelas armas com que conquistou o mundo.

Logo os Dálmatas.

As terras que ficam à mão direita do mar Adriático, que se chamavam de nome<sup>I</sup> comum Ilírico, se dividem em duas províncias: Libúrnica, a quem chamam Croácia. E Dalmácia, que é Scavónia. Tem Dalmácia mui bons portos, tendo-os Itália, que defronte lhe fica, bem maus. A terra é áspera mas não lhe falta o necessário. É sujeita à senho(221)//ria de Veneza, e tem pazes com os Turcos seus vizinhos, as quais pazes não são bastantes pera lhe estorvar muitos roubos, e entradas que lhe fazem na terra, principalmente em Servénico, e Spálatro. Ragúsia tem melhor partido porque vive em liberdade pagando certa quantidade de dinheiro ao Turco por viver em paz.

E no seio onde Antenor *ect.*

texto

De Antenor e da sua Cidade temos dado bastante relação. Acerca da cidade de Veneza, de que o poeta aqui faz menção, diremos agora. Na última parte do mar Adriático, onde o Rio Pó entra nele, foi edificada a nobilíssima Cidade de Veneza de pequenos princípios, e foi por esta ocasião.

Átila Rei dos Hunos, que se intitulava *flagelum Dei*, depois de ter destruído Panónia, que por sua causa se chamou Hungria, começou a marchar com seu exército pera Itália no tempo do Emperador Valentiniano. Antes que entrasse em Itália saiu-lhe ao encontro Éccio Capitão Romano e encontrou-se com ele junto de Tolosa, cidade de França. Foi a batalha cruelíssima de ambas as partes porque nelas morreram num dia cento e oitenta mil homens. Mas ficou a vitória com os<sup>II</sup> Romanos, que Éccio não quis seguir, o que lhe custou a vida, e a Roma muitos trabalhos. Tornou Átila a refazer o seu exército, passou os Alpes e cercou Aquilea, e depois de três anos a entrou e destruiu, não dexando nela pedra sobre

<sup>I</sup> No ms., decerto por lapso, «decome comũ».

<sup>II</sup> No ms., a redacção inicial seria «cõ Romanos». O artigo «os» foi acrescentado, em caracteres de tamanho mais reduzido, no espaço entre as duas palavras.

pedra. (221v)// Os que escaparam desta destruição, e outros que temiam outra tal, se foram viver perto da Cidade de Pádua, na entrada de muitos Rios, onde havia muitos Ilhéus pequenos, e ali começaram sua pobre morada, mantendo-se de pescar, e pouco e pouco vieram a engrossar no trato, e a fabricar aquela admirável Cidade de Veneza tão célebre no mundo. Começou nos anos do Senhor de 453<sup>187</sup>, e<sup>1</sup> até este de 1632 se conserva com vários sucessos, mas sempre prevaleceu<sup>II</sup>. Descrevendo esta Cidade, Súrío<sup>188</sup> diz: Mui larga e fortalecida é a Cidade de Veneza, tem em circuito, segundo dizem, oito milhas Italianas. Está situada na barra do mar, e pera as tempestades lhe pôs a natureza ãa praia defronte que a defende: esta tem cinco canais por onde as naus podem seguramente navegar. Tem freguesias 62, mosteiros 41, pontes públicas (porque não falemos nas particulares) 400, embarcações pera vários usos 8000. Tem governo insigne em autoridade, e gravidade, e prudência. O seu príncipe (a que chamam Doge) é eleito por votos, a quem a ambição não pode corromper, que é a peste mais prejudicial do género humano. O seu Duque enquanto vive preside àquela República. Sem ele não faz o Senado cousa algũa, nem ele sem o Senado. Tem certos limites, onde se termina o seu poder. O seu traje é muito semelhante ao dos Reis; usa de púrpura ou de vestidos tecidos de ouro. A sua coroa real é ãa mitra de pano de linho cercada de

<sup>1</sup> No ms.: «453. \*e\* ate este de 1632»...

<sup>II</sup> No ms.: «mas sempre prevaleceo. dizem q̄ tem esta cidade sessenta \*e 2<sup>as</sup>\* freguezias. quatrocentas pontes. \*publicas, fora particulares\* barcos publicos foraos particulares q̄ cada hũ tem mais de quatorze mil. Descrevendo esta Cidade Surio dis.»

<sup>187</sup> A informação dada por D. Marcos discrepa ligeiramente daquela que James Gordon fornece no *Operis Chronologici Tomus Alter*, onde, a respeito do ano de 452 se lê: *Venetorum ciuitas, ante 30 circiter annos inchoata, multis nunc, ad vitandas Barbarorum iniurias eò confluentibus, magnum accepit incrementum. quod effecit, vt aliqui huic anno consignarent prima huius fundamenta.* (1614, p. 175).

<sup>188</sup> D. Marcos traduz a descrição que Surius faz de Veneza, da sua ordem política e até dos trajés do seu doge (matéria que o retrato de Lorenzo Loredano, por Giovanni Bellini, poderia ilustrar): *Amplissima certè est & munitissima. Fertur in circuitu habere milliaria octo Italica. Sita est in æstuario maritimo: at vbi mare sæuit, ibi vel ab ipsa natura habet littus illi obiectum, quod quinque locis nauibus peruium est. Sunt in ea paroeciæ 62. monasteria 41. Pontes publici, vt de priuatis nihil dicamus, 400. Nauigia in varios vsus plùs minùs 8000. Habet magistratum singulari grauitate & prudentia insignè. Dux eligitur forte, vt aiunt, & nihil potest ea in re ambitio, pessima humani generis pestis. Dux quoàd viuit, præest Reipublica nec tamen vel ille quicquam absque senatu vel sine illo Senatus agit. Certos habet sibi præfixos limites in rebus gerendis, intra quos se contineat oportet. Habitus illi non multùm regio dissimilis est. Vtitur purpurea aut auro contexta veste. In capite gestat mitram regiam ex lino, quam pileus ambit purpureus cinctus corolla aurea. Cùm se confert in senatum, vtitur solio regio, & tum senatores, tum ciues omnes aperto capite illi loquuntur, stantque coram illo tanquàm principe. Eius nomine Senatùs diplomata scribuntur, & eius consignantur sigillo. Eius item nomine leges publicantur. Et quanuis non admodùm à rege distare videatur, non tamen nimiùm illi habentè laxantur. Nam nihil agit sinè consilio sex procerum, qui ex sex tribunitijs collegijs illi immediati consiliarij adhibentur. Sed hæc alibi fortassis copiosius. (Commentarius Brevis, 1602, pp. 73-74).*

um barrete vermelho, e sobre ele a coroa de ouro<sup>1</sup>. Quando vai ao Senado usa da cadeira e trono real, e assi os Senadores como os Cidadãos quando falam co ele estão em pé e descarapuçados como diante de Príncipe. Todas as escrituras que o Senado faz vão em seu nome e com o seu selo. E assi as Leis que se promulgam. E sendo assi que parece não se diferenciar dos Reis, todavia estreitam-lhe muito o poder, porque lhe dão seis conselheiros sem os quais não pode fazer nada. (222)//

Da terra um braço vem ao mar.

texto

Entre os dous mares Tirreno e Adriático se mete um braço de terra que os divide de ambos, e esta é a nobilíssima Itália cabeça do mundo<sup>189</sup> algum tempo<sup>II</sup> e hoje engrandecida e veneranda pela assistência do Sumo Pontife Vigário de Cristo na terra, cuja demarcação põe o nosso poeta dizendo

15  
Em torno a<sup>190</sup> cerca o Reino Neptunino,  
com<sup>191</sup> muros naturais por outra parte  
pelo meio a<sup>192</sup> divide o Apenino<sup>193</sup>  
que tão ilustre fez o pátrio Marte.  
Mas depois<sup>194</sup> que o Porteiro tem divino,  
perdendo o esforço veio e bélica arte,  
pobre está já da<sup>195</sup> antiga potestade,  
tanto Deus se contenta da<sup>196</sup> humildade.

Rômulo e Remo, filhos de Rea Ília Sílvia e de Emúlio, o qual lhe disse que era o Deus Marte, e assi a enganou.

Cercada está de mar a nobre Itália, e aonde ele falta estão altíssimas serras que de muros lhe servem. O monte Apenino a divide em duas partes. Mas depois que nela pôs cadeira o Porteiro do Céu, S. Pedro Apóstolo, diminuindo foi de seu antigo esforço e bélico exercício. Muito lhe falta, ou pouco tem da passada Monarquia. Que tanto ama Deus os estados humildes.

<sup>1</sup> No ms.: «sobre elle a coroadouro ~~epedras preciosas.~~» O período seguinte foi acrescentado em letra de tamanho reduzido, ocupando parte da margem inferior da folha.

<sup>II</sup> No ms.: «cabecadomundo. \*algũ tempo\* ehoge»...

<sup>189</sup> V. Caius Plinius Secundus, *Naturalis Historia*, III, V, 38. No texto de Plínio, a expressão aplica-se a Roma, lembrada enquanto parte magna de Itália: *Italia dehinc primique eius Ligures, mox Etruria, Umbria, Latium, ubi Tiberina ostia et Roma terrarum caput, XVI p. intervallo a mari.*

<sup>190</sup> Na edição de 1572, como nas de 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1613, 1626, 1631: «o cerca»...

<sup>191</sup> Na edição de 1572, como nas de 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1613, 1626, 1631: «Cos muros»...

<sup>192</sup> Na edição de 1572, como nas de 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1613, 1626, 1631: «o divide»...

<sup>193</sup> Na edição de 1572, 1584, 1609 e 1626: «Apenino». Em 1591, 1597, 1612, 1613, 1631, «Apenino».

<sup>194</sup> Nas edições de 1572, 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1626, 1631: «despois»... Em 1613, «depois».

<sup>195</sup> Nas edições de 1572, 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1626: «de antiga»... Em 1613, 1631, «da antiga».

<sup>196</sup> Nas edições de 1572, 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1626: «de humildade». Em 1613, 1631, «da humildade».

Em torno a cerca o Reino Neptunino.

Descrevendo o sítio de Itália o doutíssimo Petrarca disse falando com sua Laura:

*Udiralo almen il bel paesi  
Che Appenin parte, il mar cerconda e le Alpe.*<sup>197</sup> (222v)//

Plínio dividiu Itália em dez províncias<sup>198</sup>. E hoje está repartida em muitos potentados. Diz Botero nas suas *Relações*<sup>199</sup>, que o principal príncipe de Itália em autoridade é o Sumo Pontífice. Em poder é El Rei de Hespanha. Entre os Duques, o de Sabóia excede em grandeza de estado, e terras (pudera também dizer, e em nobreza). Em forças e riquezas, o de Toscana. Em antiguidade, o de Ferrara. Entre as Respúblicas, a de Veneza é a primeira, Génova a segunda<sup>200</sup>. Nos louvores que Camões dá a Itália não temos que nos deter, todos sabem de sua monarquia e Império, e dos nobres engenhos que produziu, cujo fruto o mundo hoje goza com tanto proveito seu.

Esta nobilíssima província foi possuída dos Aborígenes (seus primeiros povoadores). Sessenta anos antes da destruição de Tróia, Evandro, deitado de Arcádia, entrou em Itália com sua mãe Carmenta, e foi bem recebido de Fauno príncipe dos Aborígenes, e ensinou aos Italianos música e outras artes, e morou no monte Palatino, onde edificou ãa Cidade chamada Palanto, como a de [que]<sup>1</sup> foi despojado em Grécia<sup>201</sup>. Os Reis dos Aborígenes foram Jano, Saturno, Pico, Fauno, e Latino, o qual casou sua filha Lavínia com Eneas. Começou a dinastia dos Eneadas em Eneas, cujos sucessores foram Ascânio, Sílvio Póstumo, Eneas Sílvio, Latino Sílvio, Alba, Capeto, Cápis, Calpeto, Tiberino, Agripa, Aládio, Aventino, Proca, Emúlio, Numitor, (223)// todos Sílvios per sobrenome. Aqui se acabou a dinastia dos Eneadas Sílvios, a qual durou 424, assi como a dos Aborígenes 150. Na terceira Dinastia entram os Romanos com seu primeiro Rei Rómulo, que edificou juntamente com seu Irmão Remo a famosa Cidade de Roma, que dele

---

<sup>1</sup> No ms.: «como a de foi despoiado em Grecia.»

---

<sup>197</sup> Francesco Petrarca, *Il Canzoniere*, CXLVI, vv. 13-14. Na edição de referência: *udrallo il bel paesel ch'Appenin parte, e'l mar circonda et l'Alpe*.

<sup>198</sup> Na verdade, Plínio declara seguir a organização traçada por Augusto, e fala em *regiones XI* (*Naturalis Historia*, III, V, 46).

<sup>199</sup> Giovanni Botero escreveu: *L'Italia è soggetta à più Prencipi, e Republiche. Tra i Prencipi di autorità, ognuno cede al Pontefice Romano, di potenza al Re Cattolico*. (*Relationi*, 1595, f. 19v). Insistente, reiteraria: *è sempre stata tanto grande la maggioranza del Pontefice Romano nella Christianità, che non s'è mai fatto cosa d'importanza, se non per suo mezo*. (*Delle Relationi Unversali Di Giovanni Botero Benese. Seconda Parte*, 1595, f. 241).

<sup>200</sup> Ainda Giovanni Botero afirmou: *Tra le Republiche tiene, senza dubio, il primo luogo Venetia, e 'l secondo Genoua*. (*Relationi*, 1595, f. 19v).

<sup>201</sup> Segundo Dionísio de Halicarnasso, nas *Antiguidades de Roma* (I, XXXI, 1-4), Carmenta, a mãe de Evandro, era uma ninfa dotada de capacidade profética, e por isso fora capaz de, cantando, anunciar o futuro.

se<sup>1</sup> chamou assi. Reinou Rómulo 37 anos, Numa Pompílio 2.º Rei 43, Tulo Hostílio 32, Anco Márcio 24, Tarquínio Prisco 38, Sérvio Tulo 44, Tarquínio Soberbo 25. Este foi o último Rei dos Romanos, que foi deitado fora de Roma por sua soberba, e por o adultério que seu filho cometeu com Lucrecia<sup>202</sup>. Acabou-se o Reino dos Romanos 244 *ab Urbe condita*. Começaram os Cônsules, que duravam um ano<sup>203</sup>. Autores Dionísio, Lib. 1.<sup>o204</sup>, *Fasti Capitolini*<sup>205</sup>, Sigónio<sup>206</sup>, e outros<sup>207</sup>. Os primeiros cônsules foram Bruto e Tarquínio Colatino, na Olimpíada 67. Duraram estes Cônsules com o universal Império, até Júlio César Ditador que usurpou a liberdade pública e se fez monarca. Foram os Cônsules Romanos até à tirania de César 462, que governaram a República 460 anos depois<sup>II</sup> do último Rei, Tarquínio Soberbo. Durou César quatro ou cinco anos, e foi morto às punheladas no ano *ab Urbe condita* 708. Seguiu-se logo o Triunvirato de Octaviano, Marco António e Marco Emílio Lépidio, que durou até à vitória que Octaviano houve de António em Áccio, como já dissemos. Deste ano, que foi o 722 da Cidade edificada, começou a Monarquia Romana. O demais se pode ver no canto 1.º, autores Gerardo Mercador, Jacobo Gordónio Scoto, Genebrardo, e outros.<sup>208</sup> (223v)//

Esta Monarquia Romana, que começou em Augusto<sup>III</sup>, se acabou em Augusto filho de Orestes, e dali por diante começaram os Reis de Itália, vagando o Império 330 anos, até que o Papa Leão 3 deu o Império Ocidental a Carlos Magno Rei de

---

<sup>I</sup> No ms.: «delle\*se\*chamouassi»...

<sup>II</sup> No ms.: «depois ~~damortedo~~ ultimoRei»...

<sup>III</sup> No ms., antes de «se acabou» vê-se uma rasura. Não é inteligível, porém, o que foi cortado.

---

<sup>202</sup> V. pp. 660-661.

<sup>203</sup> V. *Operis Chronologici Tomvs Alter*, 1614, p. 168. Numa tabela ou *Romanorum Consulvm Catalogus*, associam-se ao ano de 244 (*ab Urbe condita*) os nomes de *Iunius Brutus* e *L. Tarquinius Collatinus* como os dos primeiros cônsules.

<sup>204</sup> Dionísio de Halicarnasso, nas *Antiguidades de Roma*, nomeia *Lucius Junius Brutus* e *Lucius Tarquinius Collatinus* como os primeiros cônsules (I, LXXIV, 4).

<sup>205</sup> *Fasti Capitolini* é o nome dado a uma lista de nomes de magistrados (*Fasti Consulares*) e de militares vitoriosos (*Fasti Triumphales*). Tudo estaria inscrito num arco erigido em honra de Augusto, no *Forum* de Roma. A partir do século XVI, com o recurso à imprensa, os *Fasti* (ditos modernamente *Capitolini* porque as suas relíquias foram conservadas no palácio do Capitólio) conheceram ampla divulgação. Carlo Sigonio e Onofre Panvinio foram dois dos autores que participaram nesse processo, dinamizado por edições antológicas como *Historiæ Romanæ Scriptores Latini Minores, Qui Altius Exorsi, Avgustæ Historiæ Aut Viam Straverunt, aut partem eius aliquam ab vrbe condita vsque ad sua tempora breui compendio deduxerunt: Fasti Capitolini, a Carolo Sigonio suppleti, & Commentario explanati* [...] (1588).

<sup>206</sup> Em 1555, Paulo Manuzio imprimiu *Regvm, Consulvm, Dictatorvm, Ac Censorvm Romanorum Fasti, Vna Cvm Trumphis Actis, A Romulo Rege Vsque Ad Ti. Cæsarem, Carolo Sigonio Auctore*. No Prólogo, o editor explicava ao leitor que na base da obra estavam os *Romani fasti, è lapidibus Capitolinis descripti*. Na folha inicial, depois do elenco dos primeiros reis de Roma, segue-se o dos *Consules*, que principia por Brutus e Tarquinius (1555, s/f).

<sup>207</sup> Onofrio Panvinio, *Avgustiniano Authore*, dá esta informação em *Fasti Et Triumpho Rom. A Romulo Rege Vsque ad Carolvm V* (1557, p. 5).

<sup>208</sup> V. Canto I, pp. 110-111.

Adon<sup>209</sup>

Regino.  
Mariana  
Scoto<sup>210</sup>

Eleição dos  
imperadores de  
Alemanha<sup>1</sup>

França, e foi coroado dia de Natal, e andou o Império na posteridade de Carlos Magno quasi cem anos até que nos do Senhor de 888, por morte de Carlos 3.º, chamado Crasso, foi eleito Arnolfo, a quem sucedeu Ludovico, e a este Conrado, e depois Henrique, todos com título de Reis de Alemanha, porque não foram coroados pelo Papa, até que Oto filho de Henrique da casa de Saxónia foi coroado, e ungido pelo Papa João 12. E ultimamente o Papa Gregório quinto ordenou os sete Eleitores. E ainda que esta ordem de eleger foi deixada aos príncipes de Alemanha por Carlos Magno, todavia não se executou enquanto durou sua decendência. E pera concluïremos com as cousas do Romano Império, não será desagradável aos curiosos saber o modo que se tem em eleger e coroar o Emperador. Os Eleitores são sete. O Arcebispo de Colónia, e o de Trevisis, e o de Mogúncia. Estes são os Eclesiásticos. Os seculares são: o duque Saxónia, o Marquês de Brandimburg e o Conde Palatino del Rin. E quando empatarem o Rei de Boémia escolhe e tem o primeiro lugar entre todos. A eleição se faz desta maneira conforme a Bula do selo de ouro, e a constituição de Carlos quarto. Morto o Emperador, o Arcebispo de Mogúncia é obrigado a fazê-lo saber (224)// aos Eleitores, os quais se ajuntam na Cidade de Francfort, e se dentro em três meses se não acham presentes, ou mandam seus bastantes procuradores, perdem o voto por essa vez.

Juntos os Eleitores na Igreja de S. Bertolomeu de Francfort, ouvem Missa, a qual acabada juram todos de não fazer aquela eleição por respeito ou pacto algum mais que do bem comum e proveito da Cristandade. Logo nũa casa pera isso deputada se ajuntam, e sobre eles se tem muito boa guarda. E se tardam na eleição mais de um mês, não lhe dão a comer mais que pão e água. Eleito o novo César o mandam chamar, e vindo, lhe dão o juramento de confirmar e não alterar os privilégios dos eleitores, e modo de eleição, e ali se assenta o dia que há-de receber a coroa de ferro em Aquisgran, porque esta ordenou Carlos Magno que fosse a Cidade onde receberia o Emperador a primeira Coroa de ferro, e Milão pera a

---

<sup>1</sup> No ms., esta nota marginal é feita numa letra distinta, decerto mais tardia (século XVIII).

---

<sup>209</sup> V. Adonis *Viennensis Archiepiscopi, Breuiarium Chronicorum ab origine mundi ad sua usque tempora*, 1561, pp. 228-229.

<sup>210</sup> D. Marcos poderia ter lido os *Annales* de Regino de Prum (c. 842-915) numa edição que agregava textos medievos, como *Conradi A Liechtenaw Vrspergensis Coenobii, Ordinis Præmonstratens. [...] Chronicon*. Regino ocupa-se de Carlos III e da sua sucessão (1609, pp. 428-429). Também poderia ter lido a obra de Mariano Scoto (1028-c.1082) numa edição como *Mariani Scoti, poetæ, mathematici, philosophi & theologi eximii, monachi Fuldensis, Historici Probatissimi, Chronica*, onde se menciona brevemente a morte de Carlos e a disputa de poder que a sua morte desencadeou (1559, col. 413). Todavia, é muito provável que a referência a estes autores assente na leitura de *Operis Chronologici Tomus Alter*, de James Gordon. Se 888 é apontado como o ano no qual *Imperium Occidentis Deinceps in Germania hæsit*, a respeito de 887 Gordon destaca Arnulphus, *Carlomanni filius* e sucessor de Crasso num processo contestado, sobre o qual teriam escrito Regino, *Otho Frisingen. Marian. Scot. Malmesber* (1614, p. 278). Adiante, quando regista o óbito de Arnolfo (899) e trata da sua sucessão, Gordon não só explica que a menoridade deste obrigara a substituir o Imperador por Príncipes, como volta ainda a nomear, como fontes, *Marianus Scotus* e *Regino* (p. 277).

de prata, e ultimamente Roma pera a de ouro, inda que às vezes confundem esta ordem. Chegado o César e os Eleitores a Aquisgran, entram na Igreja de Nossa Senhora. E o Emperador novo se prostra diante do Altar maior, estando no ar pendurada ãa coroa de bronze dourado, então o Arcebispo de Colónia vestido em Pontifical diz sobre ele certas orações, e vai-se logo dizer Missa, da qual se sai muitas vezes a fazer muitas cerimónias ao novo César até o assentar na cadeira imperial. Aonde lhe<sup>I</sup> faz perguntas, primeiramente se há-de guardar (224v)// e manter a fé católica, defender a Igreja, administrar justiça; aumentar o Império, guardar a devida obediência ao Papa, e dizendo ele a tudo que si, o levam de novo a jurar o que prometeu ao altar. E de tudo isto se faz auto público. Tornando-se a assentar, o mesmo Arcebispo lhe unge os peitos, a cabeça e as palmas<sup>II</sup> com óleo Santo. E os dous Arcebispos, de Treviris, e de Mogúncia, o levam à sancrestia onde o revestem de Diácono, e tornando-se a assentar na cadeira imperial, o de Colónia lhe mete na mão ãa espada nua, encomendando-lhe a República Cristã. E logo torna a embainhar a espada, e mete-lhe no dedo um anel e lhe põe o manto imperial<sup>III</sup>, e o cetro e o globo. E os três Arcebispos juntos lhe põe a coroa na cabeça e o acompanham até o altar, onde depois de comungar jura de novo de fazer bem e fielmente seu ofício. Acabado este acto se vai assentar noutro assento mais alto, e ali arma alguns cavaleiros, e o Arcebispo de Mogúncia pronosticando-lhe muitas prosperidades lhe encomenda a si, e a seus companheiros os Eleitores. E assi se acaba este acto. As terras francas dão ao novo Emperador vinte mil florins pera as armas. E todas as vezes que pessoalmente o Emperador entra na guerra, o Império lhe paga vinte mil infantes e dous mil cavalos<sup>IV</sup> e setenta mil florins pera gastos particulares. E quando se vai coroar a Roma lhe dá vinte mil infantes e oito mil cavalos pagos por seis meses, a que chamam ajuda Romana, e as terras francas lhe fazem o gasto quando entra em algũa delas<sup>211</sup>. (225)// Vindo a Roma o Emperador a se coroar da mão do Papa (o que poucas vezes acontece), manda-o o Papa esperar seis milhas de Roma pelos grandes da corte Romana, e chegando perto da Cidade, às faldas do monte junto à casa dos Lázarus, lhe saem os Cardeais ao encontro por sua ordem, fazendo-lhe grandes cortesias, e detrás vão os Embaxadores dos Reis e Príncepes que estão na Cúria, e o acompanham até à tenda ou aposento onde há-de ficar aquela noite; porque não pode entrar na Cidade o dia que chega, mas ao menos há-de dormir ãa noite fora dos muros. E quando

---

<sup>I</sup> No ms.: «Aonde \*lhe\* fas perguntas»...

<sup>II</sup> No ms.: «eas palmas eet cõ oleoSanto.»

<sup>III</sup> No ms.: «o manto imperial, e~~lle~~ eo cetro eoglobo»...

<sup>IV</sup> No ms.: «edous mil cavalos pagos por seis meses e setenta mil florins»...

---

<sup>211</sup> Até aqui, D. Marcos segue de perto (num exercício de tradução e síntese) o texto de Giovanni Botero (*Relationi*, 1595, fls. 37-37v). Apenas no final diverge da sua fonte, mudando um número, decerto por lapso. Botero diz: *Quando egli vâ personalmente alla guerra l'Imperio li paga dieci mila fanti, e due mila caualli: e li dà settanta mila fiorini per le spese particolari. Quando viene à Roma per la corona li dà venti mila fanti, e otto mila caualli pagati per sei mesi: che si chiama aiuto Romano. Le terre franche li fanno, oltre à ciò, le spese, quando si troua in alcuna di esse.* (f. 37v).

já vem pera a Cidade jura (estando inda de fora) de guardar todos os ritos e bons costumes dos Romanos. E finalmente entrando pera a Cidade pela porta que está debaxo do Castelo de Santo Ângelo leva diante duas bandeiras<sup>I</sup> estendidas, ãa que traz pintado S. Jorge, antigo custódio dos Suevos, e outra com ãa Águia, Insígnia dos Romanos. E logo os Cardeais, e os Embaxadores, e grandes, e finalmente os Eclesiásticos o vão acompanhando. Chegando aos primeiros degraus da Igreja de S. Pedro, apea-se o César e tomam-no debaxo de um riquíssimo pálio, e aqui se espalha muito dinheiro ao povo pera fazer campo, e assi vai andando o César até chegar onde está o Papa, e tanto que o vê descobre a cabeça, e põe-se em joelhos, e levantando-se logo vai andando, e chegando onde o papa está, prostra-se, e vai pera lhe bejar os pés, o Papa o levanta e lhe dá paz na face com alegria, (225v)// e aos que o acompanham, a uns dá paz no rosto, a outro dá a mão, e a outros o pé, conforme a calidade de cada um, e levantando-se do sugesto toma o Emperador pela mão, o leva até o segundo alpendre da Igreja, e ali o dexa entre alguns Cardeais, e se recolhe pera a sua câmara. Os Cardeais que com o César ficam tratam do dia de sua coroação, o qual vindo, ornam-se todas as capelas e altares de S. Pedro, principalmente a de S. Maurício, São Gregório e de S. Maria *inter turres*. E muito de madrugada ergue-se o Papa com os Cardeais, e prelados, todos de pontifical conforme o tempo. O César, tanto que sabe que o Papa está na Igreja, acompanhado de certos Cardeais entra nela, onde os Cónegos o recebem na capela de S. Maria *in turribus*, e logo lhe dão juramento *tactis Evangelii* de defender a Igreja e obedecer ao Papa *ect*. Então lhe vestem os Cónegos sobrepeliz, e murça, e o recebem por irmão, dando-lhe paz, cantando-se entretanto *Petre amas me*<sup>212</sup> *ect*. Esta preeminência foi começada em S. João de Laterão dos Cónegos regulares de S. Augustinho, mas esta Igreja mudou-se de Regular em secular, mas este costume dos antigos lhe ficou, e inda o conservam. E se esta Religião fora tão gloriosa em escrever suas grandezas, como alguns Religiosos de outras são vangloriosos em apropriar às suas às vezes louvores alheos, bem pudera contar por Religiosos do seu hábito todos os Césares coroados. (226)//

Daqui o levam ao altar de S. Pedro, onde debruçado lhe fazem muitas cerimónias, e dali<sup>II</sup> ao altar de S. Maurício, aonde um Cardeal o unge no braço direito, e nas costas em forma de Cruz. Ultimamente tornado ao altar de S. Pedro, depois de muitas cerimónias o Papa o coroa com a coroa de Ouro, e lhe entrega a espada, cetro, e globo. E logo se faz ãa soleníssima procissão, levando o Papa ao César pela mão, e chegando fora da porta dá ele<sup>III</sup> o cetro a um dos seus, e pega do estribo do Papa, e o leva de rédea, mas o Papa o faz subir a cavalo, e

---

<sup>I</sup> No ms.: «duas bandeira estendidas»...

<sup>II</sup> No ms.: «edali ~~o~~levaõ ao altar»...

<sup>III</sup> No ms.: «da \*elle\* ocetro»...

---

<sup>212</sup> Secundum Iohannem, 21, 17. *Dicit ei tertio Simon Iohannis amas me* [...]. Sobre este passo do Evangelho, quer como parte do repertório gregoriano quer como responsórios, foram elaborados cânticos que se entoavam durante o ofício litúrgico.

vai debaixo do pátio à mão esquerda do Papa, até que cada um se recolhe a seu aposento. Estas cerimónias e forma de eleição do Emperador, achei escritas parte em João Botero Benês nas suas *Relações*<sup>213</sup>, parte em o *Pontifical Romano*<sup>214</sup>. É cousa curiosa, e digna de ser sabida, e por isso a trouxe aqui, inda que a alguém tenha por impertinente neste lugar. Quem quiser ver com muita elegância latina parte destas cousas escritas, lea a Paulo Jóvio quando trata da coroação de Carlos quinto, onde começa: *Excipitur Caesar Bononiae triumphali pompa*<sup>215</sup> ect.

Mas depois que o Porteiro tem divino.

Diz agora Camões que depois que Roma, ou Itália, tem em si o Sumo Pontífice, não é já tão soberba, nem belicosa, e conclui dizendo, que isto primitiu assi Deus porque é grande amigo da humildade, e quer que o seu (226v)// Vigário na terra seja mais ornado de virtudes que triunfante com armas. Diz S. Próspero que tudo o que Roma perdeu de glória militar alcançou de autoridade religiosa:

*Sedes Roma Petri, quae pastoralis honore  
facta caput Mundi, quicquid non possidet armis  
Religione tenet.*<sup>216</sup>

Petrarca pera provar como Deus ama a humildade, vai discorrendo por alguns feitos seus, dizendo

*Quel ch' infinita providentia et arte  
Mostro nel suo mirabil Magistero  
Que crio questo<sup>1</sup> e quell' altro hemispero  
E mansueto piu Giove che Marte  
Vegnendo in terra a illuminar le carte  
C' havean molt' anni gia celato il vero  
Tolse Giovanni de la rete, e Piero*

---

<sup>1</sup> No ms.: «crio questo, ~~el~~tro equell' altro hemispero»...

<sup>213</sup> V. nota 211.

<sup>214</sup> O *Pontificale Romanum* (1.<sup>a</sup> edição: 1596) regista o protocolo estabelecido pela Igreja para diversos actos (ordenações, bênçãos, anátemas, consagrações, reconciliações, expulsões, excomunhões...). Não será esta, no entanto, a fonte principal de D. Marcos, pois tanto no capítulo *De Benedictione et Coronatione Regis* como em *Ordo Ad Recipiendum Professionaliter Imperatorem*, o *Pontificale Romanum* trata do que deverá ser feito em qualquer cidade, e não apenas em Roma (v. 1627, pp. 163-174; 486-487).

<sup>215</sup> *Pavli Iovii Novocomensis Episcopi Nucerni, Historiarum Sui Temporis Tomus Secundus*, 1560, f. 52 e segs.

<sup>216</sup> *De Ingratis. Contra Pelagianos D. Prosperi Liber*, cap. 2. (*Divi Prosperi Aquitanici, Episcopi Regiensis, Opera*, 1565, f. 192). Nesta edição: *Sedes Roma Petri: quae pastoralis honoris/ Facta caput mundo, quicquid non possidet armis*.

*E nel Regno del ciel fece lor parte  
Di sé nascendo a Roma no fe gratia  
A Giudea si tanto sovr' ogni stato  
Humiltate essaltar sempre gli piacque.*<sup>217</sup>

16

Gália ali se verá, que nomeada  
c'os Cesáreos triunfos foi no mundo  
que do Sequana e Ródano é regada  
e do Garuna frio, e Reno fundo.  
Logo os montes da Ninfa sepultada  
Pirene se alevantam, que segundo  
antiguidades contam, quando arderam,  
rios d'ouro<sup>218</sup>, e de prata então<sup>219</sup> correram. (227)//

França se segue após Itália, a qual província foi mui nomeada pelas guerras de Júlio César, e vitórias que ali alcançou. É regada dos Rios Garona, Secana, Ródano, e Reno; nos extremos de França se vem os Montes Pirinéus, que assi se chamaram por razão da Ninfa Pirene que neles foi sepultada. Estes montes, contam histórias antigas que num grande incêndio que os abrasou, com a força do fogo o ouro e prata nas veas da terra derretidos correram como água pelas faldras deles.

Gália ali se verá *ect.*

Li muitos poetas, que descreveram o mundo ou algũas partes dele, mas em nenhum achei cousa<sup>1</sup> que o nosso Camões imitasse, somente quando falou em Itália achei em Sanazaro poeta Italiano, no<sup>II</sup> livro que escreveu em verso heróico latino, algũas cousas que se queriam aparecer com as de Camões; e em França, este verso que diz «c'os Cesáreos triunfos» *ect.* é o mesmo que Sanazaro tem quando descreve as gentes que se assentaram por mandado de Augusto César. E pera todos o entenderem, assi os versos que tratam de Itália como os de França porei em

---

<sup>1</sup> No ms.: «em nenhũ achei \*cousa\* q̄ onosso Camões»...

<sup>II</sup> No ms.: «poeta Italiano, q̄ no livro q̄»...

---

<sup>217</sup> Francesco Petrarca, *Il Canzoniere*, IV. D. Marcos omite os últimos três versos do soneto (*ed or di picciol borgo un sol n' à dato/ tal che natura e' l' luogo si ringratia/ onde sí bella donna al mondo nacque.*). Na edição de referência: *Que'ch'infinita providentia et arte; che criò questo...; tolse Giovanni da la rete et Piero.*

<sup>218</sup> Nas edições de 1572, 1584, 1591, 1609, 1613: «Rios de ouro»... Em 1597, 1612, 1626, 1631, «Rios d'ouro».

<sup>219</sup> Nas edições de 1572, 1584, 1597, 1609, 1612: «antão». Em 1591, 1613, 1626, 1631, «então». No ms., terá havido hesitação entre «antão» e «então»: a primeira letra desta palavra está sobreposta a outra que parece um «a».

Romance castelhano<sup>1</sup> conforme a tradução do famoso poeta Gregorio Fernández de Velasco, o melhor tradutor que até 'gora vi.

*No menos tu provincia fortunada<sup>ii</sup>  
que por virtud heroica, y bellicosa  
de tus claros alumnos professada  
del mundo eres princeza gloriosa. (227v)//  
De tu animosa, y inclita manada  
Desde Helice al Antartico famosa  
A la ilustre Ciudad embias escritos  
Los nombres de renombres infinitos.*

*Tu sola sobre todas las del suelo  
en armas e Trofeios eminente  
procuras imitar del alto Cielo  
con tus hazañas la invisible gente.  
A ti las Alpes con nubloso velo  
cubiertas ciñen admirablemente  
del celebre Apenino eres partida  
del mar Thirreno, e del Adria combatida.<sup>220</sup>*

E falando de França:<sup>1</sup>

*Escrivense las Galias montuosas  
con los Cesareos triumphos ilustradas  
del Rhodano y Garuna con sombrosas  
coronas de altos frexnos paseadas  
y las riberas de Arar deleitosas  
y del Sequana de agoas socegadas  
con los que las alturas Pirineas  
moran, hasta las metas Herculeas.<sup>221</sup>*

---

<sup>1</sup> No ms.: «emRomance \*castelhano\* conforme a tradução»...

<sup>ii</sup> No ms.: «provincia ~~sublimada~~/fortunada».

<sup>iii</sup> No ms.: «França». Trata-se decerto de um lapso, agora emendado.

---

<sup>220</sup> *El Parto De La Virgen que compuso el celebre Iacobo Sānazar, Poeta Napolitano, en verso Heroyco Latino. Traduzido en octaua rima Castellana, por el Licenciado Gregorio Hernandez de Velasco, 1580, f. 34v. Nesta edição: No menos tu o prouincia fortunada; En armas y tropheos eminente; Con tus hazañas la inuencible gente; Del mar Tyrrheno y de Adria combatida.*

<sup>221</sup> *El Parto De La Virgen que compuso el celebre Iacobo Sānazar, Poeta Napolitano, en verso Heroyco Latino. Traduzido en octaua rima Castellana, por el Licenciado Gregorio Hernandez de Velasco, 1580, f. 35. Nesta edição: Coronas de altos frexnos paseados; Con los que las alturas Pyreneas.*

Ainda que César nos seus Comentários descreve bem esta província<sup>222</sup>, nós contudo deixando descrições antigas, das modernas trataremos. Os verdadeiros limites de França são os Alpes, que a dividem de Itália, o Rio Ródano de Sabóia, o Mosela de Lorreina, e Lucemburgo, o Rio Há dos Estados de Frandes, pelo poente. O Mar Mediterrâneo (228)// lhe fica do meio-dia, e os Pirinéus. O mar Oceano ao Ocidente e o Canal de Inglaterra ao Norte. Sua figura, diz Botero nas suas *Relações*<sup>223</sup>, a quem vou seguindo, é entre quadrada e redonda, e por isso é mais larga do que parece. Suas principais províncias são dez. A primeira que se nos oferece é Aquitânia ou Guiana, cuja metrópolis é Burdigala, vulgo Bordéus, por onde passa o rio Garona, e quando enche entra por ela como o Mondego pola minha Coimbra. A segunda é Vascónia, a quem Scalígero<sup>224</sup> chama *le pays de Labord*, vulgo Gasconha<sup>I</sup>, cuja cabeça é Aqs. A terceira província em ordem é toda a Gália Narbonense, vulgo Lenguadoc, cuja cabeça é Narbona. Aqui fica também Tolosa Arcebispal. A quarta província é a Massiliense, vulgo Provence, cuja cabeça é Marselha. A quinta é o Delfinado, que é do Príncipe herdeiro, fica entre os Alpes, e o Ródano, cuja cabeça é Viena<sup>II</sup>, ainda que alguns a fazem Cidade dos Alóbroges, que são os Saboianos, todavia é do Delfinado.

Provença sobre o mar Mediterrâneo

A sexta província é Burgúndia, vulgo Borgonha, que está dividida em Condado, que obedece a Hespanha, e Ducado, que é del Rei de França. A maior Cidade que tem o Ducado é Besançon. A sétima província é Campânia, vulgo Champanha, cuja metrópoli é Rhemes. A 8.<sup>a</sup> é Picardia, cuja cabeça é Ambiano, vulgo Amiens<sup>III</sup>.

<sup>I</sup> No ms.: «delabord. \*Vulgo Gasconha\* cuja cabeça he Aqs.»

<sup>II</sup> No ms.: «cuja cabeça he ~~Chambery~~ Viena»...

<sup>III</sup> No ms.: «cuja cabeça he ~~Laudun~~/Ambiano vulgo ~~Laun~~/vulgo Amiens.»

<sup>222</sup> D. Marcos referir-se-á ao capítulo inicial de *De Bello Gallico* (I, I), que reúne informação geográfica essencial: *Gallia omnia est divisa in partes tres...*

<sup>223</sup> V. *Delle Relazioni Vniuersali Di Giovanni Botero Benese. Seconda Parte*, 1595, f. 160v: *la Francia [...] hà per termine le Alpi, che la diuidono dall'Italia: il Rodano, che da Sauoia la Sonna, che da la Bressa, e dalla Franca conteada: la Mosella, che da Lorena; e da Lucemburgo: il fiume Hà, che da la Fiandra la diuide da Ponente. Da mezo giorno ella hà il mar Mediterraneo, e i Pirinei: da Occidente l'Oceano: da Settentrione il canal d'Inghilterra. [...] E di figura tra'l quadro, e'l tondo; e perciò molto più capace di quel, che altri pensarebbe.* Botero lembraria talvez os termos em que Justino havia descrito a França: *Forma terrae prope quadrata, nisi quod artantibus freti litoribus in Pyrenaeum coit.* (M. Iuviani Iustini Epitoma Historiarum Philippicarum, XLIV, I, 9, 1972, p. 297). Independentemente da sua fonte, porém, torna-se claro o valor que nas *Relazioni* atribui à configuração dos países, julgando-a um sinal de qualidades, por isso interpretável. Ao contrapor a vulnerabilidade das ilhas à maior capacidade de defesa das *prouintie della terra ferma*, conclui: *Ma le prouintie della terra ferma, essendo per lo più di figura, che s'auicina al tondo, ò al quadro, hanno le loro forze più raccolte, e più vnite; e perciò più spedite, e pronte à ogni occasione.* (*Relazioni*, 1595, f. 159).

<sup>224</sup> Trata-se de Giuseppe Scalígero, autor da *Emendatione Temporum* e, entre outras obras, de anotações sobre *De Bello Gallico*. César fala em *Tarbelli*; Scalígero entende a expressão como designando *Le pais de Labord* (*Notitia Galliae*, in *Ios. Iusti Scaligeri Iulii Cæsaris A Burden Filii Opuscula Varia*, 1610, p. 110).

Aqui está também (228v)// a Cidade S. Quintim que El Rei Felipe 2.º destruiu<sup>225</sup>, ou tomou, e Teruana, que Carlos quinto pôs por terra.<sup>226</sup>

A nona é Normandia, cuja cabeça é Rothomagos, vulgo Ruão. A décima e a última província é *Britania minor*, vulgo Bretanha, cuja principal cidade é Cadetas. Estas províncias diz Gordónio Lesmoreo<sup>227</sup> que cercam França derredor mas que dentro lhe ficam outras muitas que ele nomea, e eu dexo por brevidade. Cabeça de todas estas Províncias é Lutécia, a quem chamam Paris, onde está a corte e aquela famosa Universidade tão célebre no mundo. Começa França em 42 graus de altura da elevação do Pólo ártico com tanta variedade de ares como tem de Províncias (diz Botero<sup>228</sup>), tem mui grandes Rios. O Reno a divide de Alemanha, é o principal, diz Súrío que tem ordinariamente de altura de águas 25 côvados<sup>229</sup>. O mais caudeloso, contudo, é o Ligeris<sup>230</sup>. O mais arrebatado é o Ródano. O mais rico é o Sena. O mais fresco<sup>1</sup> é o Soma<sup>231</sup>. O Secana, diz Plínio<sup>232</sup> que divide os Belgas dos Celtas, corre por Paris, divide-se em braços, entra pela cidade com muitas pontes, ãa das quais é dos moleiros, e como este Rio é grande, ocupa grande campo, e por isso Paris parece maior que Lisboa, e de facto é maior no circuito e não na gente, inda que também tem muita. (229)//

O primeiro Rei dos franceses, como diz Adon e outros<sup>233</sup>, foi Faramundo, nos anos do Senhor 420. Este foi autor da lei sálica, que proibia entrar naquele Reino

---

<sup>1</sup> No ms.: «omais XXX/fresco he o Soma.»

---

<sup>225</sup> D. Marcos refere-se a Filipe II de Portugal, I de Espanha, cujas tropas ganharam a batalha de Saint Quentin, no Norte de França, contra o exército de Henrique II, em Agosto de 1557. O mosteiro de San Lorenzo del Escorial terá sido construído também para celebrar essa vitória.

<sup>226</sup> Teruana, *i.e.*, Théroouenne, próxima da Flandres, disputada por franceses e flamengos, foi assediada pelas tropas de Carlos V, e acabou vencida e destruída. Segundo fr. Prudencio de Sandoval (c. 1560-c. 1620), que data o cerco e a vitória de Junho de 1553, *Saqueose el lugar y hecharonle por el suelo hasta los cimientos, siendo vna de las principales fuerças que por aquella parte Francia tenia.* (*Historia de la Vida y Hechos del Emperador Carlos V.* [...] *Segvnda Parte*, 1614, XXXI, XL, p. 746).

<sup>227</sup> Toda a seqüência relativa à Gália radica no texto de James Gordon, que D. Marcos selecciona e abrevia, sem no entanto eliminar pormenores como a remissão para Scaligero e para as palavras com que este autor designara a Gasconha – *le país de Labord* (v. *Operis Chronologici Tomus Alter*, 1614, pp. 504-506).

<sup>228</sup> Segundo Giovanni Botero, *La Francia, dunque, parlando uniuersalmente, si deue stimare delle più copiose, e più felici prouincie d'Europa, sì per la salubrità dell'aere, come per la fertilità de' terreni.* (*Relationi*, 1595, f. 10).

<sup>229</sup> V. nota 146. Súrío fala em 40 ou 50 cúbitos.

<sup>230</sup> *Ligeris, i.e.*, Loire.

<sup>231</sup> V. *Relationi Vniuersali di Giovanni Botero*, 1595, f. 10v: *Il più grosso è il Ligeri, il più rapido il Rodano, il più ricco la Senna, il più piaceuole la Sona.*

<sup>232</sup> V. Caius Plinius Secundus, *Naturalis Historia*, IV, XVII, 105.

<sup>233</sup> Não sendo impossível que D. Marcos conhecesse directamente a crónica universal de Adon (*De sex mundi aetatibus*, divulgada em edições como *Adonis Viennensis Archiepiscopi, Breuiarium Chronicorum*, 1561), mais provável é que haja colhido informação na obra de James Gordon (seguramente, um desses «outros» a que alude). Adon, ao falar dos Francos e das dificuldades por eles enfrentadas na luta contra os Romanos, que os haviam obrigado a recuar para lá do Reno, destaca

fêmea. Inda que alguns querem que a lei sálica seja mais antiga, porque no prefácio das Leis Sállicas nenhũa menção se faz de Faramundo. Começou a monarquia Francesa quando o Império Romano caía, e como diz um autor<sup>234</sup>, teve por fundamento as ruínas de Roma. Quatro Reis gentios teve França: Faramundo, Clódio Comato, Meroveu, e Childerico, cujo filho Clodoveu, que foi o primeiro Cristão, se<sup>1</sup> baptizou, tendo reinado 15 anos. Este lançou os Romanos totalmente de França, onde tinham estado 529 anos. Deste Rei diz Gordônio<sup>235</sup> que foi insigne nas armas e na Religião cristã. 21 Reis da geração de Faramundo reinaram sucessivamente. Até que por morte de Childerico 3.<sup>o</sup> entrou a geração dos Pipinos, um dos quais foi Carlos Magno, em quem se calou o nome dos Pipinos e entrou o dos Imperadores, que se acabou em Carlos Crasso, 3.<sup>o</sup> deste nome. Durou a geração de Carlos até os anos do Senhor 986, em que morreu Ludovico quinto, o último dos Carolinos. Entrou a geração dos Capetos em Hugo Capeto da casa de Saxónia. E porque nada fique aos curiosos por saber, este nome Capeto deram a Hugo porque sendo rapaz tinha por recreação a todos os outros moços que achava tirar-lhe o chapéu da cabeça. Começaram os Capetos no anno de 987, e dura até 'gora (229v)// neste presente ano de 1632 em Ludovico décimo tércio Rei Cristianíssimo, e que não degenera de nenhum de seus antepassados. Ultimamente noto que Hugo Capeto era também decendente de Carlos Magno por sua

Gordonius

Ano 751. O Papa Zacarias tirou o Reino de França a Childerico e o deu com consentimento dos grandes de França a Pipino.<sup>236</sup>

Quando Carlos destruiu os Saxones, trouxe pera França Roberto, filho do Duque de Saxónia, e deste descendem os Capetos.

E assi podemos dizer que a geração de Carlos inda dura hoje na casa de França.

<sup>1</sup> No ms.: «Christão oqual se baptizou»...

<sup>ii</sup> No ms.: «Dagoberto/Childerico.3. entrou»...

a importância de Faramundo e associa a sua eleição a uma viragem com consequências de natureza social e militar: *Vbi primum regem Pharamundum sibi post modum statuunt, legibusque se subdunt, quas priores eorum Vuisouastus & Vuisogastus, Atrogastus, Salegastus inuenerunt.* (1561, p. 153). Em *Operis Chronologici Tomus Alter*, ressalta, no capítulo intitulado *Origo Regni Francorum In Gallia*, um elenco de *Primi Francorum Principes*, *A Faramundo ad Ludovicum XIII* (1614, p. 158): aí figuram, por ordem, os nomes de *Faramundus*, *Clodius Comatus*, *Meroveus*, *Childericus* e *Clodoveus Magnus*, a respeito do qual se nota: *primus Rex Christianus*. Também Gordon recorda, acerca do ano de 420: *quo tempore Romani Gallias à Rheno ad Ligerim ferè tenebant, reliquas Visigothi & Burgundiones, creato nunc nouo Augusto, nobilissimum Francorum in Gallia regnum accepit initium, sub Faramundo Marcomiri filio: ut post Adonem, Scriptores rerum Gallicarum affirmant.* (p. 158). E também Gordon duvida que a lei Sállica tivesse sido criada por Faramundo: *lex tamen Salica, fuit ante aduentum in Gallias edita, ut Legum Præfatio Salicarum, quæ nullam facit Faramundi mentionem, testatur. lege Sigebertum, & Othonem.* (p. 158).

<sup>234</sup> V. *Operis Chronologici Tomus Alter*, 1614, p. 158.

<sup>235</sup> *Operis Chronologici Tomus Alter*, 1614, p. 183. James Gordon situa no ano de 484 a morte de Childerico. Sobre o seu herdeiro, escreveu (e D. Marcos seguiu-o): *succedit Clodoveus filius, qui regnat in Paganismo annis 15. & totidem Christianus. hic primus Rex Christianus, primus quoque omnino expulsi à Gallia Romanos. Princeps militari gloria, & religione conspicuus. nos à fine belli Gallici sub Iulio Cæsare (si inde Romanum in Gallia Imperium spectetur) quando ille Rubiconem transiuit, usque ad hunc annum, numeramus annos 529.* Sobre o mesmo assunto, Adon dissera: *Post Meroveum Childericus regnum adeptus, regnavit annis viginti quatuor. Cui successit Clodoveus, qui primus rex Francorum Christianus factus est, à beato Remigio Rhemorum episcopo instructus, & baptizatus cum populo suo.* (*Adonis Viennensis Archiepiscopi, Breuiarium Chronicorum*, 1561, p. 158).

<sup>236</sup> V. *Operis Chronologici Tomus Alter*, 1614, p. 245.

mãe. Tem França 97 Bispados, e 16 Arcebispados. Rende, como diz Botero<sup>237</sup>, um ano por outro quinze milhões de escudos, dos quais um e meio tem el Rei de seu património, os seis milhões são dos Eclesiásticos, os sete e meio dos Monseñores e grandes do Reino. França<sup>1</sup> se chama *Gallia* em Latim, e os seus povos galos, o qual nome lhe deram os gregos porque os viram alvos, porque na língua Grega *gala* quer dizer leite, *unde Galaxia*, Via Láctea<sup>238</sup>. Como perderam o nome de galos e tomaram o de franceses, dizem que teve este princípio<sup>239</sup>. No tempo do Imperador Justiniano foi o Império muito afligido com guerras dos Alanos.

---

<sup>1</sup> No ms.: «Fra\*<sup>n</sup>\*ça sechama Gallia»...

---

<sup>237</sup> Giovanni Botero louva a fertilidade da França e indica números: *Si stima, che tutto quello, che si caua da i terreni della Francia monti à quindeci milioni di scudi un'anno per l'altro: de' quali sei ne tira la Chiesa: uno e mezzo è del dominio particolare del Re, il resto de gli altri, che hanno entrate.* (*Relationi*, 1595, f. 10v).

<sup>238</sup> Esta etimologia, proposta por Santo Isidoro de Sevilha (*Etymologiae*, l. XIV, cap. IV), foi difundida, nos séculos XVI e XVII, em obras como o *Epitome Theatri Orteliani* (1601, f. 14v) ou o *Dictionarium Historicum, Geographicum, Poeticum*, de Charles Etienne (*A candore autem populi nuncupata est Gallia. Nam montes, & rigor coeli, ab ea parte solis ardore excludunt, quò fit vt candida corpora non colorentur. Hinc Græci Gallos, Galatas vocant propter lacteum gentis colorem: γῶλ.α enim eis est, quod nobis lac: à quo nomine Latini Gallos deflexerunt.* (1590, f. 115v).

<sup>239</sup> Explicação semelhante, divulgada, por exemplo, na *Storia* de Giovanni Villani (c. 1348; 1.<sup>a</sup> ed.: 1537), remonta a textos da Alta Idade Média, como a *Chronica* de um autor que D. Marcos refere noutro lugar: Sigeberto de Gembloux. Tratando da origem da *gentis nostræ*, Sigeberto afirma que as suas raízes vinham das *reliquiæ Troianorum*, e que teria sido esse núcleo de sobreviventes (parte do grupo que seguira, não Eneias, mas Antenor), instalado nas *Mæotidas paludes*, a criar fama terrível e a dilatar *vsque ad Gallias ferocitatis suæ vestigia*. Dominado pelas forças romanas, este povo teria servido o Imperador Valentiniano (e não Justiniano, como por lapso escreve D. Marcos) na luta contra os bárbaros alanos: *Hos adeò Romanis infestos Constans Cæsar, filius Magni Constantini bello oppressit, & tandem Romano imperio subiectos, aliquantulum à sua feritate mansuefieri cõegit. Post aliquot annos, rebellantibus Alanis contra Valentinianum Imperatorem, cum eos non posset Imperator penitus debellare, eò quòd eos intransibiles Mæotidis paludes tutarentur, proposuit Valentinianus, quòd si qua gens has paludes intrare, & rebelles Alanos posset contenere, decem annis eos à tributis liberos redderet. Hac pactione Troiani illecti, & fortitudine & prudentia sua confisi, duce Priamo, Mæotidas paludes, Romanis iniuias, ingressi, Alanorum gentem exterminauerunt, & ita Valentiniano satisfecerunt. Valentinianus eorum virtute delectatus, eos, qui prius vocati erant Troiani, deinde Antenoridae, postea etiam Sicambri, Francos Attica lingua appellauit, quod in Latina lingua interpretatur feroces. [...] Exacto decennio, cum exactores repeterent tributa à Francis, Franci pro superiori victoria insolescentes, & de viribus suis præsumentes, non solum tributa negare, sed etiam Romanis præsumunt rebellare. Romani collecto exercitu, super Francos irruunt, & vsque ad interneconem proterunt.* (*Chronica Dmni Sigeberti Gemblacensis monachi, in Rerum Toto Orbe Gestarum Chronica A Christo nato ad nostra vsque tempora*, 1608, p. 2). Na versão de Giovanni Villani, os *Galli*, ouero *Gallaci*, *perche erano biondi*, mereceram o nome de *Franchi* devido ao facto de, em recompensa da ajuda contra os Alanos rebeldes, Valentiniano os haver isentado do tributo a que estavam sujeitos: *il detto Imperadore li fece franchi 10. anni del tributo che doueano dare a' Romani.* (*Storia*, 1587, p. 11). E morto Valentiniano Imperadore, e *compiuti i detti 10. anni, i detti chiamati Franchi rifiutaro di dare il tributo allo Imperio, e per la loro fiereza si rubellarono da' Romani, e fecero loro Signore Marcomene figliuolo del detto Priamo, & uscirono del loro paese Sicambra, & entrarono in Alamagna, & in quella conquistarono Città, e Castella assai tra il Fiume del Danubio, e quello del Reno, le quali erano alla Signoria de' Romani.* (p. 11).

O Imperador por se ver livre deles prometeu a qualquer nação que o livrasse daquela praga, imunidade por dez anos. Os Sicambros, povos de Alemanha, por gozar desta liberdade, tomaram as armas contra os Alanos, e os venceram, e lançaram fora de Itália, e gozaram sua imunidade os dez anos prometidos, acabados os quais vieram os Romanos buscar o seu tributo, do que eles zombaram, antes se armaram contra o Império, e entraram por Gália, e se fizeram senhores de grande parte dela. E como eles pola liberdade de que usaram se chamaram francos, que quer dizer, livres e isentos, puseram nome de França às terras que conquistaram, o qual (229 [230])<sup>1//</sup> depois tomou toda a Província. E é tão conhecido este nome, que os Mouros orientais chamam a todo Cristão franque, e à Cristandade Franquia, do tempo que os Franceses tiveram guerras com eles; como nós chamamos Mouros a todo o Maometano, depois que eles possuíram África, e as terras dos Mouros, ou Maurúsius, com quem confinamos.

Logo os montes da Ninfa sepultada  
Pirene.

Vamo-nos chegando já a nossa Hespanha, a quem dividem de França os montes Pirinéus, chamados assi da Ninfa Pirene, filha de Bibrix, que neles foi salteada de Hércules, e depois morta das feras e aí mesmo sepultada, segundo as fábulas. Mas segundo a verdade é que lhe chamaram Pirinéus dos muitos coriscos e raios que neles caem de contínuo, e assi diz o Sepontino<sup>240</sup>: *Pyrene noms Hispaniae a crebris fulgurum ictibus*, porque em grego *pyr* é fogo.

Os quais quando arderam.

Diod., l. 6

Diodoro Sículo<sup>241</sup> diz que uns pastores puseram fogo a um mato que nestes montes estava, e com a força do vento foi o fogo tão terrível, por causa da muita matéria que tinha pera se acender, que abrasou a terra, e derreteu nela as veas dos metais que a natureza ali criara. Derretido o metal, correu pera algum lugar baxo, onde o foram os Hespanhóis buscar, e como os poetas de pequeno fundamento

---

<sup>1</sup> Decerto por lapso, a numeração da folha foi repetida. Até ao final do texto, a sequência foi mantida sem emendas.

---

<sup>240</sup> Sepontino apresenta uma série de nomes que derivam do termo grego *pyr*, entre os quais: *Pyrene mons hispaniae a crebris fulminum ignibus*. (*Cornucopiæ D. Nicolai Perotti*, 1543?, f. 1v, col. 4, l. 46-47).

<sup>241</sup> A respeito dos montes Pirinéus e do arvoredo que os cobria, dizia, em versão latina, o texto de Diodoro Sículo: *feruntur priscis temporibus igne à pastoribus iniecto, montanas omnes regiones fuisse combustas. Qua ex re monteis aiunt cognominatos Pyreneos. Ardentes continuis diebus plures ex montibus argenti puri riuli flammaram ui effluxêre. Quod incolis ignotum, Phoenices mercatores uili rerum permutatione emptum, in Græciam, Asiamque ac nationes cæteras deferentes, magnas ex eo commercio opeis contraxerunt. Adeo autem mercatores quæstus excitauit cupiditas, ut quum onustis nauibus superaret argentum, amoto ab anchoris plumbo, argentum eius loco subderent*. (*En Damus Diodori Siculi Historici Græci, Quæ Nunc Quidem Extare Noscvntvr Opera*, 1531, p. 338).

levantam grandes máquinas, levantaram que correram Rios cabedais de ouro e prata, e tudo eles não fariam um fraco ribeiro. Mas ou fosse muito ou pouco o ouro e prata que aqui se achou, os homens cobiçosos de longe vieram trazidos da fama dele, a buscá-lo a Hespa(229v)//nha. Assi diz Plínio falando desta nossa Província: *omnisque dicta Regio e Pyrineo metallis referta auri, argenti, ferri, plumbi nigri, albique*<sup>242</sup>. Destes montes fizeram menção todos os autores que de terras trataram. Justino<sup>243</sup> *libro ultimo* diz que tem seiscentas milhas de comprimento, mas parece muito.

Plin. l. 4, c. 20

17

Eis aqui se descobre a nobre Hespanha  
como cabeça ali da<sup>244</sup> Europa toda,  
em cujo senhorio, e glória<sup>1</sup> estranha,  
muitas voltas tem dado a fatal roda.  
Mas nunca poderá com força, ou manha  
a fortuna inquieta pôr-lhe noda,  
que lha não tire o esforço e ousadia  
dos belicosos peitos que em si cria.

Do corpo de Europa como cabeça se ergue a ilustre Espanha, no domínio da qual tem Fortuna bem exercitado sua inconstância. Mas de todos os agravos que a sorte injusta lhe fez, a tem desafrontado os esforçados corações que nela se criaram.

Chegados somos à nossa Hespanha, em cuja descrição é justo que nos detenhamos mais algũa cousa, assi pela obrigação de naturais, como por têremos alcançado dela notícia mais clara, seguindo<sup>II</sup> o exemplo de Plínio, o qual quando chegou a descrever o sítio de Itália disse que por não ser ingrato à pátria seria mais largo na descrição dela: *Nec ignoro ingrati ac segnis (230) // animi existimari posse merito si breviter atque in transcurso ad hunc modum dicatur terra omnium terrarum alumnu, eadem et parens*<sup>245</sup>. É também causa justa de nos detêmos o conhecimento da terra; porque como diz o mesmo Plínio, cada um

Plin., lib. 3, c. 5

<sup>1</sup> No ms.: «senhorio, eroda/gloria estranha».

<sup>II</sup> No ms.: «mais clara, Plínio seguindo o exemplo de Plínio»...

<sup>242</sup> Caius Plinius Secundus, *Naturalis Historia*, IV, XX, 112. Na edição de referência: *a Pyrenaeo*.

<sup>243</sup> *Porro Pyrenaei montis spatium sexcenta milia passuum efficit. (M. Iuviani Iustini Epitoma Historiarum Philippicarum, XLIV, I, 9, 1972, p. 297).*

<sup>244</sup> Nas edições de 1572, 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1613, 1626, 1631: «de Europa»...

<sup>245</sup> A frase de Plínio alonga-se ainda, acumulando louvores a Itália, que acaba por dizer inesgotáveis. Na edição de referência: *nec ignoro ingrati ac segnis animi existimari posse merito si obiter atque in transcurso ad hunc modum dicatur terra omnium terrarum alumna eadem et parens, numine deum electa quae caelum ipsum clarius faceret, sparsa congregaret imperia ritusque molliret et tot populorum discordes ferasque linguas sermonis commercio contraheret ad colloquia et humanitatem homini daret, breviterque una cunctarum gentium in toto orbe patria fieret. (Naturalis Historia, III, V, 39).*

lib. 3, c. 1.º

escreve<sup>1</sup> melhor da terra onde nasceu e procura saber o sítio da pátria que o gerou. *Commune ferme omnibus fuit ut eos quisque diligentissime situs diceret in quibus ipse prodebat.*<sup>246</sup>

Os términos de Hespanha são mui desembaraçados, porque o mar a cerca toda e só pela parte setentrional está junta com os Pirinéus, que a dividem de França. Os Romanos quando a senhoreavam a dividiram em duas partes: citerior, e ulterior. A Citerior, chamada também Tarraconense, tinha pelo Mediterrâneo o que hoje é da vila de Muxaera, por Cartagena, Alicante, Denia, Valença, Tortosa, Tarragona, até passar por Barcelona, Empúrias e Rosas, onde estão os limites de França onde os Pirinéus por aquele lado setentrional cerravam a Citerior, assi como aqueles montes atravessam desde Rosas, e Colibre, que estão no Mediterrâneo, e voltando pelos Pirinéus até *Fons Rapidus*, hoje Fonte Rábia, já no Oceano, donde tornando a buscar o meio-dia abraçava a Citerior toda Guipúscua, Biscaia, Trasmiera, Astúrias, Galiza, e todo o nosso Entre-Dour-a-Minho, até à boca do Rio Douro, onde está o lugar de São João da Foz. Por terra fazia sua divisão, do meio-dia pela vila de Muxaera, que como dissemos está no Mediterrâneo, e prosseguia linha direita até se meter em Castela-a-Velha por cima de Segóvia. Isto é de Florião de Ocampo, e de Ambrósio de Morales<sup>247</sup>, que seguiram a Plínio, que como foi (230v)// Pretor nesta província, e tão curioso como sabemos, não lhe ficou nela cousa que não visse com seus olhos. Havia nesta Província sete Conventos que eram cidades grandes onde se recolhiam<sup>II</sup> os Pretores no Inverno quando cessava o tumulto das armas, e ali ouviam os povos de sua justiça. Estes conventos eram Cartagena, Tarragona, Saragoça, Clunia<sup>III</sup>, Astorga, Lugo e Braga. A Cartagena, chamada então Nova Cartago, acudiam 52 vilas com seus concelhos e comarcas, fora as ilhas Malhorca, e Menorca e outras. Tarragona, *Tarraco*.

Moral., l. 9,  
c. 33

Esta Clunia é do Bispado de Osma, povo que se destruiu, ainda agora se vem os vestígios dela.

<sup>I</sup> No ms.: «cadahū sabe/escreve melhor»...

<sup>II</sup> No ms., percebe-se uma hesitação na grafia da palavra, do que resulta ser duvidosa a leitura: «recolhião» ou «acolhião»?

<sup>III</sup> No ms.: «Clunia, que pertode Osma, Astorga»...

<sup>246</sup> Caius Plinius Secundus, *Naturalis Historia*, III, I, 1.

<sup>247</sup> D. Marcos terá recolhido alguma informação de *Los Cinco Libros Primeros dela Coronica general de España, que recopilaua el maestro Floriã de Ocãpo* [...] (1578). A obra, deixada imperfeita por Ocampo, foi levada a cabo por Ambrosio de Morales. No capítulo II do livro I, trata-se *Del assiento y figura de España con la medida que tiene por sus contornos y redondez, declarada por lugares y pueblos mas principales que se conoscen oy dia sobre sus riberas de mar* (fls. 7v-13); no capítulo III, *Del repartimiento en que las gentes antiguas tenían diuididas las prouincias principales de España, y del repartimiento que tienen agora, diuerso de aquel, en cinco reynos de Christianos, que en ella se han fundado: declarado lo vno y lo otro por los limites y linderos que solian tener, y por los que tambien agora tienen* (fls. 13-16). A sua principal fonte, porém, é aquela que aponta em nota marginal: o capítulo XXXIII do livro IX de *La Coronica General de España. Que continuaua Ambrosio de Morales* [...]. Com efeito, o texto de D. Marcos revela-se uma tradução (pontualmente enriquecida por informações extra: o nome latino de *Fonte Rábia*; a referência ao «lugar de S. João da Foz») do início do capítulo sobre *La diuision y gouierno de la Citerior España por estos tiempos* (1574, f. 295).

À sua Chancelaria acudiam 44 povos com seus concelhos. Saragoça, *Caesar Augusta*, e antes chamada Salduba, vinham a ela 52 povos. Clunia, que é a Corunha ou perto dali, tinha 75 povos. Astorga, *Asturica*, a quem Plínio chama Cidade magnífica<sup>248</sup>, tinha 12 povos com suas comarcas, em que havia duzentas e quarenta mil pessoas, fora os servos. Lugo, *Lucus*, 16 povos e dezasseis mil pessoas. Braga, Colónia e Chancelaria, *Bracchara Augusta*, diz Plínio que acudiam a ela 24 cidades, com 275000 homens<sup>249</sup>. Havia nesta Província em tempo que Plínio a governou duzentas e noventa<sup>1</sup> e quatro povoações, das quais 12 eram Colónias, Municípios 13. Privilégios do Lácio antigo tinham 17. Confederados que eram como<sup>II</sup> irmãos em armas, ãa só. Dos Estipendiários, 132. Quem quiser saber mais miudezas destes nomes e suas significações lea a *Descrição de Portugal* de Duarte Nunes de Leão.<sup>250</sup> (231)// A Ulterior Hespanha se dividia em duas Províncias, Bética que é Andaluzia, e Lusitânia que é Portugal e Estremadura. Bética começava na boca do Rio Guadiana junto da Vila Aiamonte e se estendia até o Estreito de Gibraltar, e daí se continuava pelo mar Mediterrâneo, compreendendo todo o Reino de Granada até Almeria. Tinha a Bética toda quatro chancelarias, Gades, que é Cadix, a que acudiam Tânger, e Ceuta em África. Outra era Sevilha, Híspalis chamada, outra Ecija, outra Córdova, todos os lugares notáveis desta província a quem Plínio<sup>251</sup> louva muito de rica e fértil, eram então 175<sup>III</sup>, e agora diz Morales<sup>252</sup> passam de 400 povoações. Destes lugares, oito eram Colónias, que é grande partido, Municípios 8. Dos que chamavam livres, que não pagavam tributo, eram seis. E dos confederados, que era cousa mais aventajada, dous. E os que gozavam dos privilégios que tinham em Itália os do Lácio antigo, 29. Os demais estipendiários. Lusitânia era a outra província, da qual Plínio faz particular

<sup>I</sup> No ms.: «duzentas equaren/noventa equatro».

<sup>II</sup> No ms.: «q̄ eraõ \*como\* irmãos»...

<sup>III</sup> No ms., houve hesitação e retoque na grafia do número; à margem, confirma-se: «175».

<sup>248</sup> V. Caius Plinius Secundus, *Naturalis Historia*, III, III, 28: *Asturica urbe magnifica*.

<sup>249</sup> V. Caius Plinius Secundus, *Naturalis Historia*, III, III, 28. D. Marcos diverge da informação apresentada a respeito da população do *Lucensis conventus*, dizendo 16.000 onde o autor latino fala em 166.000 habitantes (*liberorum capitum ferme CLXVI*). Já no que toca às *XXIV civitates de Bracara*, oscilava, na tradição do texto pliniano, o número dos seus moradores: *CCLXXXV* ou *CCLXXXV*.

<sup>250</sup> D. Marcos remete para dois capítulos (VII e VIII) da *Descrição do Reino de Portugal*. Per Duarte Nunez do Leão (1610): «Dos Lugares da Lusitânia, que no tempo dos Romanos eram municípios do direito antigo de Lácio, ou do direito Itálico, e como só Lisboa tinha o direito de cidadãos Romanos»; «Dos lugares que na Lusitânia eram colónias de Romanos, quantas maneiras havia de colónias, e que diferença havia de colónias a municípios» (fls. 16-22).

<sup>251</sup> *Baetica a flumine eam mediam secante cognominata cunctas provinciarum divite cultu et quodam fertili ac peculiari nitore praecedit*. (*Naturalis Historia*, III, I, 7).

<sup>252</sup> V. La Coronica General de España. Que continuava Ambrosio de Morales, 1574, IX, XXXII, f. 294. A informação que D. Marcos dá sobre a Bética segue de perto a lição de Morales (fls. 294-294v).

menção<sup>253</sup> porque sempre andou separada do corpo de Hespânia inda que nela se continha, e assi nós o faremos também agora.

18

Com Tingitana<sup>254</sup> entesta, e ali parece  
que quer fechar o mar Mediterraneo  
onde o sabido estreito se enobrece  
co extremo trabalho do Tebano.  
Com nações diferentes se engrandece,  
cercadas com as ondas do Oceano, (231v)//  
todas de tal nobreza, e tal valor,  
que qualquer delas cuida que é melhor.<sup>255</sup>

Com a Mauritània Tingitana queria confinar Hespânia se o mar não as dividira, onde está o Estreito de Gibraltar tão nomeado, aonde contam as fábulas que deu fim Hércules Tebano aos seus doze insignes trabalhos, dividindo as terras e dando lugar ao mar. Vários Reinos de povos diferentes há na nossa Espanha, cada um tão excelente em valor e nobreza, que nenhum deles quer confessar ventagem ao outro.

Todas as antiguidades que alguns Autores modernos nos querem vender por certas pela autoridade de Beroso, tenho eu por tão incertas que nem rasto acho nelas de probabilidade. Porém (assi como dissemos dos Cosmógrafos antigos, os quais por ignorarem as regiões setentrionais fingiram Montes Hiperbóreos e Rifeos; assi os nossos modernos, amigos de encher papel e fazer grandes volumes, autorizavam sonhos e fábulas sem fundamento, dando inteiro crédito ao que acharam escrito sem examinarem o que se devia ao<sup>I</sup> autor, porque na<sup>II</sup> autoridade dele fundavam os castelos de vento de suas fantásticas histórias. Plínio, autor mui sesudo e de boa escolha nas histórias ou fábulas populares, descrevendo o sítio de Europa julgou por fabulosas todas as cousas que de Hércules e outros antigos em<sup>III</sup> Hespânia no seu tempo se contavam: *Quae de Hercule ac Pyrene vel Saturno traduntur fabulosa in primis arbitrator*<sup>256</sup>. E não é só minha a opinião de serem suspeitosas ou fabulosas as autoridades de Bero(232)//so, porque já outros as taxaram com semelhante censura, que tinham na matéria melhor voto que

lib. 3, c. 1.º

<sup>I</sup> No ms.: «semexaminarẽ o credito do/quesedevia ao autor»...

<sup>II</sup> No ms.: «porque com #na#autoridade»...

<sup>III</sup> No ms.: «eoutros antigos q̄ em Hespânia»...

<sup>253</sup> V. Caius Plinius Secundus, *Naturalis Historia*, III, I, 6. Plínio afirma que a Hispania Ulterior se divide em *duas per longitudinem provincias*, a Lusitânia e a Bética, separadas pelo rio Guadiana (*siquidem Baeticae latere septentrionali praetenditur Lusitania amne Ana discreta*).

<sup>254</sup> Nas edições de 1572, 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1613, 1626, 1631: «Tingitânia»...

<sup>255</sup> Na edição de 1572, como em todas as outras que se publicaram até 1631: «milhor».

<sup>256</sup> Caius Plinius Secundus, *Naturalis Historia*, III, I, 8.

eu<sup>257</sup>. Ambrósio de Morales, homem de grande lição, e autor desapaxonado (com ser Castelhana), não sofre estes gastadores maus do tempo, reprimendo até o mesmo Floriã de Ocampo no relatar das cousas antigas, usando das palavras de um autor gravíssimo chamado Fernam Pérez de Guzmán, que são estas:

*Algunos que se entermetem de escrever y notar las anteguedades son bombres de poca verguença<sup>1</sup>, y mas le plaze relatar cosas estranhas, y maravillosas que verdaderas y ciertas<sup>258</sup> ect.*

Tudo isto dizemos porque das cousas que em Hespanha passaram até a entrada dos Godos nela temos e julgamos por incertas, somente podemos afirmar que em Hespanha moraram várias nações, as quais contando Plínio diz: *In universam Hispaniam, M. Varro pervenisse Iberos, et Persas et Phaenicas Celtasque et Poenos tradit. Lusum enim<sup>II</sup> liberi patris ad Lysam cum eo bacchantem nomen dedisse Lusitaniae, et Pana praefectum eius universoque<sup>259</sup>*. De sorte que todas estas nações entraram em Hespanha, deitando-se fora dela uns aos outros. Os Cartagineses aos de Fenícia, os Romanos aos Cartagineses, os Godos aos Romanos, e os Sarracenos aos Godos, até que limpa a terra toda dos bárbaros ocupadores dela começaram os Hespanhóis a povoar sua própria pátria resgatada do poder dos Mouros e tomando de novo posse dela, o qual não puderam fazer enquanto a potência Romana os oprimia.<sup>III</sup> (232v)//

Moral., libro 12, cap. 64

Floriã escreveu  
ua carta a D.  
Luís de Ávila y  
Çuñiga chea de  
fábulas

<sup>I</sup> No ms.: «poca verg\* u\*ença»... Aparentemente, terá sido escrito primeiro «vergonça»; a forma definitiva foi obtida por retoque e aditamento em entrelinha.

<sup>II</sup> No ms.: «Lusum etiam enim»... (leitura hipotética).

<sup>III</sup> No ms.: «aconquistar/povoar sua propria patria resgatando/da dopoder dos Mouros e tormando denovo posse della oqual naõ puderaõ faser emquanto apotencia Romana os **constrangia/**oprimia.»

<sup>257</sup> O nome de Berosus andou associado a controvérsia, respeitado por uns e posto em causa por outros. Antonio Possevino, na *Bibliotheca Selecta* (secção IV: *De Historicis, Vel Supposititiis, vel non veracibus*) questionou a fidedignidade da obra que, mercê da iniciativa de Ánio de Viterbo, lhe era atribuída (*Antonii Possevini Mantvani Societatis Iesv Bibliotheca Selecta De Ratione Studiorum*, 1607, pp. 342-344). Outro exemplo significativo dessa discussão, identificando muitos dos seus intervenientes, encontra-se na *Chronica Vniversal de todas las naciones y tiempos* (1624), de fr. Alonso de Maldonado, que no *Tratado Decimo Quinto* escreve *de la autoridad que tiene, y el credito que merece el libro de Beroso, que nos dio Iuan Anio Viterbiense* (fls. 92-98v).

<sup>258</sup> No capítulo *La descendencia del rey don Rodrigo, y del santo rey don Pelayo*, Ambrosio de Morales critica autores que, sobre este assunto, haviam esquecido *aquel fundamento y autoridad, que en la historia se requiere*. Estaria nesse caso o próprio Florian de Ocampo, que dera crédito a *la coronica que vulgarmente anda, con titulo de la destruycion de España, o del rey don Rodrigo*. Sobre esta crónica escrevera Fernán Pérez de Guzmán, nas *Generaciones y semblanzas* (c. 1450; 1.<sup>a</sup> ed.: 1512), as palavras que Morales reproduz. (v. *Los Otros Dos Libros. Vndecimo y Dvodecimo de la Coronica General de España*, 1577, XII, LXIV, fls. 196-196v).

<sup>259</sup> Caius Plinius Secundus, *Naturalis Historia*, III, I, 8. Na edição de referência: *in universam Hispaniam M. Varro pervenisse Hiberos et Persas et Phoenicas Celtasque et Poenos tradit; lusum enim Liberi patris aut lyssam cum eo bacchantium nomen dedisse Lusitaniae, et Pana praefectum eius universae*.

Nós, das antiguidades de Espanha não aceitamos mais que ser assi chamada de um Capitão estrangeiro chamado Pan. E a nossa Lusitânia de Luso, ou de Lysa, capitães e companheiros de Dionísio Baco. Também temos por verdade ser Hespanha possuída de várias nações, e que ãas às outras se destruíram deixando-a em tal estado que até os mesmos inimigos chegaram a se compadecer da sua miséria. Os Historiadores Hespanhóis, como diz Mariana<sup>260</sup>, querem que os Reis de Espanha se comecem a contar do Rei Valia<sup>1</sup>, mas porém o primeiro Rei dos Godos em Espanha<sup>II</sup> foi Ataúlfo<sup>261</sup>, o qual vencido por Constâncio Conde, e deitado da Gália Narbonense deceu pelos Perinéus e fez seu assento em Barcelona, onde o mataram e a seis filhos seus. Que fosse ele o primeiro que deceu a Espanha, além do que muitos escrevem, certifica-o o Epitáfio do seu sepulcro, que diz

*Bellipotens, valida natus de gente Gothorum  
Hic cum sex natis Rex Athaulphe iaces  
Ausus es Hyspanas primus decendere ad oras  
quem se cuta ferunt millia multa virum ect.*<sup>262</sup>

Morreu Ataúlfo no ano de 415, segundo Gordónio<sup>263</sup>. Mas Morales adianta mais esta conta e diz que entrou ele em Hespanha no ano 416 e que morreu 417<sup>264</sup>, e deste ano se começa a contar o Reinado dos Godos em Hespanha. Foram os Godos Arrianos do ano de –, até que Recaredo reinou, que foi no ano

<sup>1</sup> No ms.: «Maseste inda q̄ o Emperador Honorio lhe concedesse q̄ morasse nalgua parte da Hespanha não lhedeu o titulo de Senhor della. Eassi oprimeiro/E assi oprim.º porçopr.º Rei»...

<sup>II</sup> No ms., uma chamada indica o ponto de inserção do aditamento registado à margem: «em Espanha».

<sup>260</sup> Na *Lista De Los Reyes Godos, Que Fveron señores de España*, Mariana começa por lembrar Atanarico (*Historia General de España*, tomo I, 1617, página não numerada), seguido de Alarico e, depois, de Ataúlfo; no livro V, cap. I (1617, p. 199), repete esta sequência.

<sup>261</sup> D. Marcos segue Estevan de Garibay, que em *Los XL Libros d'el Compendio Historial* situava no ano de 414 o início do reinado, em Espanha, de Ataúlfo (1571, VIII, I-II, p. 289), ou Ambrosio de Morales, que em *Los Otros Dos Libros. Vndecimo y Dvodecimo de la Coronica General de España* apresenta também Ataúlfo como primeiro rei godo de Espanha (1577, XI, XIV, f. 19v).

<sup>262</sup> Ambrosio de Morales, embora admitindo dúvidas (*algunos ay que no tienen este epitaphio por antiguo y assi no le dan mucha autoridad*), transcreveu o letreiro da sepultura de Ataúlfo, *cuyos destroços de mucha magestad – dizia – se parecen hasta agora alli en Barcelona*. Na lição de Morales: *Descendere In Oras, / Qvem Comitabantur Millia Multa Virvm*. (*Los Otros Dos Libros. Vndecimo y Dvodecimo de la Coronica General de España*, 1577, XI, XIV, f. 20). Juan de Mariana, que mostrou também reserva sobre este epitáfio (*al qual letrero quanta fe se aya de dar, otros lo podran juzgar: a nos parece mas moderno que conforme a la antiguedad de aquellos tiempos. – Historia General de España*, tomo I, 1617, V, II, p. 200), não o citou.

<sup>263</sup> No *Operis Chronologici Tomus Alter*, James Gordon regista, a respeito do ano de 415: *Athaulphus rex Visigothorum occiditur à suis [...]*. (1614, p. 155).

<sup>264</sup> Ambrosio de Morales escreveu, a respeito de Ataúlfo: *su muerte sucedio enel mismo año quatrocientos y diez y seys, en que queda puesta su entrada en España* (*Los Otros Dos Libros. Vndecimo y Dvodecimo de la Coronica General de España*, 1577, XI, XIV, f. 20).

de<sup>I</sup>. Reinaram em Hespanha até o ano de 713, quando (233)// Mouros entraram em Hespanha, e os destruíram, e depois de feitos Senhores absolutos andavam em busca dos Godos e um a um os mataram a todos.

Catálogo dos Reis Godos  
que reinaram em Hespanha<sup>265</sup>

Anno Domini

414. 1. Ataúlfo. Mataram-no os Godos, por querer fazer pazes.  
417. Sigerico. Durou um ano, mataram-no os Godos.  
417. 3. Vualia.<sup>II</sup>  
437. 4. Teodorico. Pôs sua corte em Toledo. 4  
453. 5. Torismundo. 5.  
456. 6. Teodorico 2.º. Venceu os Suevos.  
469. 7. Eurico. Deitou os Romanos de Espanha, onde estiveram 700 anos.  
486. 8. Alarico. Morreu nãa batalha que deu a Clodoveu.  
526<sup>III</sup>. 9. Amalarico. Casou com Clotilda filha del Rei de França, e tratava-a mal porque era Arriano, e ela Católica. Os irmãos Clodoberto e Childoberto entraram em Espanha e levaram sua Irmã, matando a Amalarico.  
531. 9. Teuda. Este foi ímpio Arriano.  
548. 10. Taudagisilo. s. Teudiselo.  
550. 11. Agila. A este venceu Atanagildo.  
555. 12. Atanagildo.  
66.  
570. 13. Loiva.  
572. 14. Leovigildo. Martirizou o seu filho S. Herminigildo.  
583. 15. Recaredo. Católico, fez celebrar Concílio. Destruiu a heresia de Árrio e o Reino dos Suevos. Fez pazes com França. Morreu no ano de 602.  
602. 16. Loiva 2.  
603<sup>IV</sup>. 17. Viterico. Matou a seu Senhor, Loiva.  
610. 18. Gondemiro. (233v)//  
613. 19. Sisebuto. Tomou Biscaia.

<sup>I</sup> No ms.: «do anno de 390, ate q̄ Reccaredo Reinou q̄ foi no anno de 488»...

<sup>II</sup> No ms.: «Fes pazes com Honorio Emp. mataraõ no tambem».

<sup>III</sup> No ms., à margem, foi acrescentado um nome: «Gesalarico».

<sup>IV</sup> No ms., o número inicialmente registado foi «604». Aproveitando o espaço livre da margem esquerda da folha, acrescentou-se nova data, «603», rasurando a anterior.

<sup>265</sup> O Catálogo elaborado por D. Marcos resulta decerto do cruzamento de várias fontes, com relevo para *Los Otros Dos Libros. Vndecimo y Dvodecimo de la Coronica General de España*, de Ambrosio de Morales; *Los XL Libros d'el Compendio Historial*, de Estevan de Garibay; a *Historia General De España*, de Juan de Mariana, onde se acha um Catálogo com sucintas notas a respeito dos nomes mencionados; a obra de Michele Riccio (*Michaelis Ritii Neapolitani De regibus Francorum lib. III*), que no seu esquematismo igualmente propõe um elenco *De Regibus Hispaniæ*; o *Operis Chronologici Tomus Alter*, de James Gordon.

20. Recaredo 2.º. Este morreu logo. 621.  
 621. 21. Suintela. A este dão os Hespanhóis a Monarquia. 621.  
 632. 22. Ruchemiro. Um só ano reinou junto com seu pai.  
 631. 23. Sisnando.<sup>I</sup>  
 638. 24. Cintila 2.º<sup>II</sup>. Morreu sem filhos.  
 641. 25. Tulgas. Foi eleito. Grande Rei.  
 643. 26. Cindegundo. Reinou com ele seu filho.  
 652<sup>III</sup>. 27. Recisvindo reinou com seu pai. E por morte dele, reinou só, do ano de 653 por diante. Morreu sem filhos.
- S. Julião 672. 28. Wuamba. Lusitano, natural das Idanhas, Príncipe mui ilustre, e embaixador del Rei Recisvindo no Concílio Toledano. Foi eleito a tempo que andava em Gertigos tratando da sepultura do Rei morto. O Arcipreste de Múrcia o fez lavrador, e seu natural, mas os autores castelhanos vão imitando muito aos gregos. Vide *Ricum*, lib. 2<sup>266</sup>. Morales<sup>267</sup>. Gordónio diz estas palavras: *Succedit Vuamba seu Bamba 13 Kal. Octob. Ex Regali Gothorum stirpe electus*<sup>268</sup>. Foi grande Rei. Fez divisão dos Bispados<sup>269</sup>. Deram-lhe peçonha com que ficou tonto<sup>270</sup>. E foi eleito.<sup>271</sup>
- Opas Irmão ou filho de Vuitiza<sup>272</sup>

<sup>I</sup> No ms.: «~~seu f.º de Ruchemiro~~».

<sup>II</sup> No ms.: «~~Suintella 2.º/Cinthila morreusemfos~~».

<sup>III</sup> No ms., parece ter sido inicialmente grafado o número «646», rasurado e emendado em entrelinha superior para «652». À margem, repete-se este número, a confirmar a emenda.

<sup>266</sup> No início do livro II de *Michælis Ritii Neapolitani De regibus Francorum lib. III*, lembra-se a sequência *Cindas Vindus, Recisuindus, Bamba*. Sobre este, diz-se: [...] *Bamba rex creatur, is qui Mauros Hispaniæ littora cum classe ducentarum septuaginta nauium ingressos, ingenti prælio fudit, & classe igni succedit. ex haustu demum ueneni, quod ab Eringio Recisuindi datum rumor est, incidit in grauisimum morbum: ex quo quom ægre conualuisset, anno post initium regnum nono, menseque uno, religionis habitum sumpsit: in eoque permansit annis septenis ad ultimum uitæ diem*. (1534, p. 79).

<sup>267</sup> Sobre as origens de Vuamba e sobre as *Fabulas que se cuentan deste Rey*, ver *Los Otros Dos Libros Vndecimo y Dvodecimo de la Coronica General de España. Que continuaua Ambrosio de Morales* (1577, XII, XLI, fls. 162v-163). Aos nove anos do reinado de Vuamba dedica Morales os capítulos XLI-LII (livro XII) desta obra.

<sup>268</sup> James Gordon situa no ano de 672 a morte de Recisvindo. Remetendo para *Ritius lib. 2. initio*, apresenta, sobre Vamba, a informação que D. Marcos reproduz ao citar a frase latina (*Operis Chronologici Tomus Alter*, 1614, p. 227).

<sup>269</sup> V. *Los Otros Dos Libros Vndecimo y Dvodecimo de la Coronica General de España. Que continuaua Ambrosio de Morales* (1577, XII, L, fls. 173-176v); *Segunda Parte, Da Monarchia Lusytana*. [...] *pello Doutor Frey Bernardo de Britto*, 1609, VI, XXVI, fls. 246-246v.

<sup>270</sup> V. *Segunda Parte, Da Monarchia Lusytana*. [...] *pello Doutor Frey Bernardo de Britto*, 1609, VI, XXVIII, f. 252v.

<sup>271</sup> Também Ambrosio de Morales escreveu, a respeito de Vuamba, que reputou ser *hombre de gran casta, y de mucha autoridad en la casa real: Era ya muy viejo quando murio Reccesuindo, y el mismo dia de su muerte los principales señores de los Godos, que alli se hallaron, unanimes todos y con gran conformidad lo eligieron por su Rey*. (*Los Otros Dos Libros. Vndecimo y Dvodecimo de la Coronica General de España*, 1577, XII, XLI, f. 163).

<sup>272</sup> Em *Los Otros Dos Libros Vndecimo y Dvodecimo de la Coronica General de España. Que continuaua Ambrosio de Morales*, destaca-se a dúvida sobre o parentesco que ligava Opas,

680. 29. Ervígio. Mal inclinado. Alguns lhe chamam Eurigo, filho de Ardavasto grego.<sup>273</sup>

688. 32. Egica. Genro de Ervígio. Mau e cruel.

698. 33. Vuitiza. Péssimo tal como seu pai e pior ainda!. D. Rodrigo lhe tirou os olhos e o teve em ferros onde morreu<sup>274</sup>. Este matou a Favila duque de Cantábria, pai de D. Pelaio.

34. Acosta. Irmão de D. Rodrigo, reinou 5 anos, segundo alguns.<sup>ii</sup>

710. 35. Rodrigo, em cujo tempo se tomou Espanha e se deu fim ao Reino dos Godos nela.

300 anos havia que Ataúlfo entrara em Espanha quando os Mouros a tomaram e os destruíram. (234)//

Os Sarracenos deram a última batalha aos godos em que mataram ao mesmo Rei Rodrigo, ou o firiram, e ele se saiu da batalha Domingo, 9 dias de Setembro, ano 714, e tinha durado desde o outro domingo.

714

### Catálogo dos Reis de Espanha do tempo que os Mouros a tomaram até o presente

1. Entrada Espanha pelos Mouros, houve interregno de cinco anos. Os poucos Espanhóis que escaparam elegeram por seu Rei a Dom Pelaio, filho do Duque de Cantábria, este se reparou nas Astúrias, e tomou aos Mouros a Cidade de Leão, dando felice princípio aos Reis de Leão. Morreu em Cangas de sua infirmitade.

---

<sup>i</sup> No ms., «D. Rodrigo lhetirou os olhos eo teve emferros onde morreu. Este matou a Favila duque de Cantabria pai de D Pelaio», foi acrescentado à margem.

<sup>ii</sup> No ms., a frase «Acosta irmão de D. Rodrigo reinou 5 annos, segundo algũs», foi decerto acrescentada em entrelinha. Tratava-se de uma informação controversa. Se para Michele Riccio não oferecia dúvida que *Costa Roderici frater ætate maior, isque regnavit annis quinque, mensibus septem (Michaelis Ritii Neapolitani De regibus Francorum lib. III, 1534, p. 80)*, Ambrosio de Morales preferia intitular um capítulo de *Los Otros Dos Libros Vndecimo y Dvodecimo de la Coronica General de España* anunciando: *El fin del reyno de Vuittiza, y la vanidad de darle por sucessor al rey Acosta* (1577, XII, LXVI, f. 199). Segundo Morales, *Cosa es esta que no tiene ningun fundamento* (f. 199v).

---

arcebispo de Sevilha, a Vitiza, que o teria decidido elevar a arcebispo de Toledo (1577, XII, LXV, fls. 198v-199).

<sup>273</sup> V. *Segvnda Parte, Da Monarchia Lusytana*. [...] pello Doutor Frey Bernardo de Britto, 1609, VI, XXVIII, f. 252. No ms. de D. Marcos, a grafia do nome «Ardavasto» (em lugar de «Ardabasto» ou «Ardebasto») constituirá um fenómeno linguístico de hipercorreção, frequentemente associado ao betacismo.

<sup>274</sup> Em *Los Otros Dos Libros Vndecimo y Dvodecimo de la Coronica General de España. Que continuaua Ambrosio de Morales* (1577, XII, LXVI, f. 199), lê-se que D. Rodrigo *le quito el reyno a Vuittiza, y en vengança de su padre le saco los ojos, y lo embio a Cordoua desterrado, donde murio despues de su enfermedad, dexando dos hijos llamados Eba y Sisebuto*.

2. Dom Favila seu filho, matou-o<sup>I</sup> um usso andando à caça. 2 anos reinou.
3. Dom Afonso, o Católico, foi genro de D. Pelaio, casado com Ormesenda sua filha<sup>II</sup>. Tomou muitas terras aos Mouros, e em Portugal tomou quasi todo Entre-Dour-a-Minho até o Porto.<sup>III</sup>
4. Fruela, filho del Rei Dom Afonso, reinou 13 anos, foi mau.
5. Aurélio, filho de D. Afonso.
- 6<sup>IV</sup>. D. Afonso Católico.<sup>V</sup>
7. D. Afonso o Casto.
- 8<sup>VI</sup>. Maugerato Tio de D. Afonso o Casto<sup>VII</sup>. Bastardo, levantou-se com favor dos Mouros.
7. D. Afonso o Casto foi grande Rei, nunca conheceu mulher. Com este levantaram os Castelhanos que foram as guerras de França com Carlos Magno. *Purum putum que mendacium*. Silo deu o Reino a D. Afonso o Casto, sobrinho de sua mulher, filho de Fruela. E foi privado do Reino por Maugerato que foi 8.º Rei. A este sucedeu Bermudo diácono, que largou o Reino a D. Afonso o Casto, e assi tornou a reinar. (234v)//
10. D. Ramiro, filho de D. Bermudo, que deu o Reino a D. Afonso, e ele o deu a seu filho.
11. D. Ordonho.<sup>VIII</sup>
12. D. Afonso 3, chamado o Magno. Sucedeu-lhe seu filho D. Garcia.
13. Ramiro 2 sucedeu a seu Irmão D. Garcia.<sup>IX</sup>
14. Ordonho 3. Sucedeu-lhe D. Fruela 2.º, seu Irmão. Cruel<sup>X</sup>, morreu leproso. D. Afonso o Cego<sup>XI</sup>. Deixou o reino a seu Irmão. Neste tempo os Castelhanos movidos dos grandes danos que receberam de D. Fruela, e de seu Irmão D. Ordonho, elegeram juizes que os governassem. Estes foram Nuno Rasura e Lain Calvo. E de Nuno Nunes Rasura procedeu o Conde Fernam Gonçalez, e de Lain Calvo, o Cid Rui Dias.<sup>275</sup>

<sup>I</sup> No ms.: «seu filho ~~matou~~/matou o hũ Usso»...

<sup>II</sup> No ms.: «foi genro de Favila/D. Pelaiocasado cõ Ormesendasua f.ª.»

<sup>III</sup> No ms.: «ate o Porto rei.»

<sup>IV</sup> No ms., à margem, entre «5» e «6», lê-se «Silo».

<sup>V</sup> No ms.: «Silo-Genro de D. Afonso oCasto o Catolico».

<sup>VI</sup> No ms., o «7» não chegou a ser completamente rasurado, mas ao lado, também na margem, encontra-se o número que deve substituí-lo.

<sup>VII</sup> No ms.: «Maugerato Tio de D. A.º oCasto. este era de Ordẽs de Evangelho e largou o Reino a seu sobrinho D. Afonso oCasto/bastardo levantouse cõ favor d̃ Mouros». Apesar de o início da frase se encontrar rasurado, mantivemo-lo, já que o restante passo o exige. Na margem, igualmente riscado, pode ainda ler-se: «D. Bermudo Reinou e largou o Reino a D. A.º porq̃ era Clerigo de ordes de Evangelho».

<sup>VIII</sup> No ms., após «Dordonho», segue-se, na linha inferior, rasurada, «D̃fruela 2».

<sup>IX</sup> No ms.: «Ramiro 2 socedeuaseu Irmão DGarcia».

<sup>X</sup> No ms., entre «Irmaõ» e «cruel», há dois caracteres (?) ininteligíveis.

<sup>XI</sup> No ms.: «D̃. Sancho/D. A.º o Cego.»

<sup>275</sup> V. *Los Cinco Libros Postreros de la Coronica General de España. Que continuaua Ambrosio de Morales* (1586, XVI, IV, fls. 212-213).

D. Ramiro 3.  
D. Bermudo 2.  
D. Afonso 4.  
D. Bermudo 3.  
D. Afonso 5.  
D. Fernando 1.  
D. Sancho 2.  
D. Afonso 6. Avô del Rei D. Afonso Henriques.  
D. Afonso 7. Primo de D. Afonso Henriques. Foi vencido junto dos Arcos de Valdevez.  
D. Afonso 8. Genro de D. Afonso Henriques, de quem ele foi preso em Badajoz.  
D. Sancho 3.  
D. Afonso 9.  
D. Henrique 1.º.  
D. Fernando 2.º.  
D. Afonso Sábio. Foi chamado pera Emperador. Foi avô del Rei D. Dinis.  
D. Sancho 4.  
D. Afonso 11<sup>1</sup>. Casou com D. Maria, filha del Rei D. Afonso 4 de Portugal.  
D. Pedro crú, a este matou seu Irmão D. Henrique por ser cruel.  
D. Henrique 2, bastardo de D. Afonso 11 e de D. Leonor de Gusmão.

Verte duo folia<sup>II</sup>

(235)//

Decendência de Carlos Quinto  
tirada de Lourenço Súrrio

E pera que se veja o jogo da fortuna, e como as monarquias e potentados estão na mão de Deus, e ele os dá a quem é servido, porei aqui a decendência de Carlos quinto, e del Rei Felipe seu filho pera se saber o como se ajuntaram tantas coroas, a dous homens que não tinham mais que capa e espada, não obstante que eram príncepes mui grandiosos.

---

<sup>I</sup> No ms., foi inicialmente grafado «10». O número «11» foi obtido por sobreposição de algarismos.

<sup>II</sup> No ms., do lado direito da folha, lê-se uma lista: «Pelaiio 1/favila 2/D Alonso 3/D fruela 4/Aurelio 5/Silo 6/Alonso Casto. 7./Maugerato 8/Bermudo diacono 9/Ramiro 10/ Ordoño 1.º. 11/A.º 3.º. 12/D. Gracia. 13/Ordoño 2.º 14/ D Fruela 2 15/A.º 4. monge. 16/Ramiro 2.º 17/Dordoño 3 18/ Sanhogordo 19/Ramiro 3.º 20/Bermudo 2 21/Alonso 5 22/Bermudo3. 23». Esta lista corresponde exactamente àquela que Garibay apresenta em *Los XL Libros d'el Compendio Historial* (1571, p. 28).

A este sucedeu  
um filho Carlos  
6 tolo<sup>276</sup>.  
*Vexata est  
Francia sub  
Carolo 6,  
Sapientis Regis  
iuvene ac stulto  
filio.*<sup>277</sup>

Carlos quinto deste nome Rei de França chamado o prudente deu o Ducado de Borgonha a seu Irmão Felipe. Este casou com Margarita, filha única de Ludovico Conde de Flandres, pelo qual casamento ajuntou ao ducado de Borgonha aqueles estados que deixou a seu filho João, o qual foi pai<sup>1</sup> daquele esforçado Carlos que morreu em Nancio<sup>278</sup>. E deixou ãa filha herdeira, a qual casou com Maximiliano filho de Frederico 3.º e de D. Leonor filha del Rei D. Duarte de Portugal e irmã de D. Afonso Quinto. Este Maximiliano foi depois Emperador, e deixou estes estados que eram de seu património a um filho que lhe ficou, Felipe, que casando com D. Joana, filha herdeira dos Reis Católicos D. Fernando e D. Isabel, herdou as duas coroas, de Castela, e de Aragão. Filho deste Felipe foi Carlos quinto Emperador, que casou com D. Isabel filha del Rei D. Emanuel e foi mãe del Rei Felipe, que por este título entrou neste Reino de Portugal.

D. Afonso Católico teve 3 filhos, e ãa filha: D. Fruela, D. Bimarano, D. Aurélio, D. Usenda que casou com D. Silo, e um bastardo, chamado Maugerato, que fez o concerto c'os Mouros das 100 donzelas<sup>279</sup>. Mas alguns dizem que D. Aurélio fez o concerto das donzelas, e que Maugerato com ordem dos mouros se fez Rei de Leão, e deixou o título de Rei d'Espanha e trocou o tributo das 100 donzelas em 500 soldos de ouro. El Rei Ramiro 1.º tirou este tributo com a vitória de Clavijo. (235v)//

Chamava-se  
este tributo  
*pecho de  
Burdel.*<sup>280</sup>

Em Simancas  
sete donzelas  
cortaram as  
mãos por não  
ir a poder  
dos Mouros e  
estas sete mãos  
tem a vila por  
armas.<sup>281</sup>

<sup>1</sup> No ms., terá sido primeiro escrito «foi filho». Por rasura e sobreposição de letras, passou a ler-se «foi pai»...

<sup>276</sup> Carlos VI de França (1368-1422), apelidado de *fol*, reinou entre 1380 e o ano da sua morte.

<sup>277</sup> A frase encontra-se na obra de James Gordon, *Operis Chronologici Tomus Alter*, onde é apresentada como uma citação de Genebrardo. Gordon trata do ano de 1381, que rotula de terrível, não apenas pela situação política na França, mas também pelo que sucedia na Alemanha: *Venceslai Regis Rom. an. 3. En calamitosa tempora. in Germania imperat hic Cæsarum ignauissimus. nunquam adeo vexata Francia, ac sub Carolo VI. Sapientis Regis iuvene & stulto filio, inquit Genebrardus.* (1614, p. 407).

<sup>278</sup> «Nancio», i.e. Nancy.

<sup>279</sup> Mauregato (m. 788), bastardo de D. Afonso I de Leão, ao apoderar-se do poder, teria oferecido ao Rei de Córdoba, Abderramen, um tributo (*pecho*) anual e perpétuo de cem donzelas (das quais, cinquenta nobres), em troca de paz e de apoio contra o seu sobrinho D. Afonso o Casto.

<sup>280</sup> Autores como Ambrosio Morales (*Los Cinco Libros Postreros de la Coronica General de España*, 1586, f. 49v), Estevan de Garibay (*Los XL Libros d'el Compendio Historial*, 1571, p. 418) ou Juan de Mariana (*Historia General de España*, t. I, 1617, p. 335) fizeram referência, nas suas obras, ao tributo que Mauregato teria pago a Abderramen. Usando de termos severos para o designar, não se detêm contudo nas palavras *pecho de burdel*. Jerónimo Román, na *Segunda parte de las republicas del mundo*, aplica a expressão (1594, f. 142); D. Mauro Castellà Ferrer, na *Historia del Apostol de Iesus Christo Sanctiago Zebedeo Patron y Capitan General de las Españas*, explica o seu sentido: *Grandissima fama ay en nuestra España, y noticia en sus historias, del tributo que en ella se pagó a los Moros de donzellas Christianas cincuenta hijasdalgo, y cincuenta plebeyas: con las vnas se casauan, las otras repartian para vsar dellas en comun, de donde tuuo nombre este tributo el pecho del burdel.* (1610, f. 239v).

<sup>281</sup> Apontada por Luís Vives, no capítulo XII do *Libro llamado Instruccion de la muger christiana (Delas virtudes dela muger y delos exemplos que ha de imitar* – 1555, fls. 33v-34), trata-se da história das donzelas que preferiram desfear-se, cortando a mão esquerda e cobrindo o

Tinha Hespanha em tempo de Garibay 53 Bispados, e Arcebispos, dos quais 27 são de Castela e seus Reinos, com 4 Arcebispos, e são 31 *Sillas*<sup>282</sup>. Os Reinos de Aragão tem 17 perlasias. Os Reinos de Portugal e Algarve tem 10 Bispados e 3 Arcebispos, que são 13 perlasias. Navarra tem um Bispado, e assi são as Sés Episcopais de Espanha 62.

Portugal tem ultramarinos. Bispos de Angra, Funchal<sup>1</sup>, Cabo Verde, S. Tomé, Angola, Congo, Brasil, Cochim, Meliapor, Malaca, China e o Arcebispo de Goa, primaz das Índias Orientais.

(236)//

D. João primeiro, este perdeu a batalha de Aljubarrota.

D. Henrique terceiro, chamado o doente, morreu duma queda de um cavalo, grande Rei.

Dom João 2.º, este foi o que levantou a D. Álvaro de Luna, filho do senhor de Canete, por amor de quem se levantaram as guerras civis com os Infantes de Aragão<sup>II</sup>. Aqui se tornou a quebrar a linha masculina dos Reis de Castela.

D. Henrique 4.º

Dom Fernando, filho del Rei D. Sancho Rei de Aragão, casou com D. Isabel, filha d'el Rei D. João 2.º de Castela, e por este casamento se uniram estas duas coroas. E estes foram os últimos Reis Espanhóis que Espanha teve, porque pelo casamento da Princesa D. Joana, filha destes Reis, com Dom Felipe de Áustria, filho do Emperador Maximiliano, entrou a casa de Áustria na sucessão destes Reinos, e os Reis naturais fizeram fim.

Dom Felipe de Áustria reinou quatro meses, e após ele tornou D. Fernando a reinar nove anos.

Carlos primeiro deste nome, quinto na ordem dos Césares, reinou 42 anos, e largou o reino a seu filho.

Dom Felipe 2.º, chamado o prudente, que por pecados nossos entrou neste reino, dando total fim a todos os Reis naturais de Espanha, e unindo todas as coroas de Espanha.

Dom Felipe 3.º, o Santo, reinou com muita paz. Deste Rei se conta que se não sabe dele pecado mortal.

---

<sup>1</sup> No ms., «Funchal» foi acrescentado à margem.

<sup>II</sup> No ms., um sinal + indica o lugar de inclusão de um aditamento registado na margem: «D. Henriq. 4.º».

---

rosto de sangue, para que os Mouros, espantados com essa imagem, depressa as matassem sem as violar. Ambrosio de Morales, como Luís Vives, aponta este caso como estando na origem do nome de Simancas, que no seu escudo de armas guardava memória do episódio (v. *Los Cinco Libros Postreros de la Coronica General de España*, 1586, XVII, II, f. 266v). Mais adiante, D. Marcos mostrará conhecer uma obra onde este caso também é referido: o *Tratado de Nobleza*, de Fray Juan Benito Guardiola (1591, fls. 43v-44).

<sup>282</sup> *Silla*, i.e., cadeira arquiépiscopal ou episcopal.

D. Felipe 4.º reina hoje. E perdeu o Reino de Portugal, e outros de Hespanha, e tarde os recuperará, ao menos o de Portugal, que hoje tem o famoso Rei D. João 4.º de novo, que Deus conserve por largos e felizes anos.<sup>1</sup> (236v)//

19

Tem o Tarracônês<sup>283</sup> que se fez claro  
sujeitando a Parténope<sup>284</sup> inquieta,  
o Navarro; as Astúrias que reparo  
já foram contra a gente Maometa.  
Tem o Galego cauto, e o grande e raro  
Castelhano a quem fez o seu planeta  
restituidor de Espanha e senhor dela,  
Bétis, Leão, Granada, com Castela.

Os Aragoneses tem seu Reino em Espanha, os quais se fizeram ilustres pelas guerras e conquistas de Nápoles revoltosa. E também o Navarro; e as Astúrias, onde os Cristãos se empararam da fúria dos Mouros. Tem mais em si Espanha o atreído Galego, e o espantoso e insigne Castelhano, a quem coube por sorte restituir a<sup>ii</sup> Hespanha o senhorio que os Mouros lhe usurparam, fazendo-se senhor dela, metendo debaixo do seu senhorio, Andaluzia, Leão, Granada, e Castela Velha e Nova.

Hierónimo Çurita nos *Anais de Aragão*<sup>285</sup>, deixando as impertinentes antiguidades começa sua história pela restauração deste Reino depois da entrada dos Mouros nele. E vindo a tratar do seu nome, diz que tem por escusado andar buscando etimologias de Tarragona, onde há nome que sem mudança de letra o

---

<sup>1</sup> No ms., toda esta frase foi escrita numa letra diferente, de tamanho reduzido e desenho irregular, numa data seguramente posterior a 1 de Dezembro de 1640.

<sup>ii</sup> No ms.: «restituir \*a\* Hespanha»...

---

<sup>283</sup> Nas edições de 1572, 1584, 1591, 1597, 1609, 1613, 1626, 1631, 1633: «Tarracônês». Em 1612, decerto por gralha, «Trracônês».

<sup>284</sup> Em 1572, como em todas as edições publicadas até 1633: «Sujeitando Parténope».

<sup>285</sup> D. Marcos refere-se a *Los Cinco Libros Primeros de la Primera Parte de los Anales de la Corona de Aragon* (1.ª ed.: 1562), em especial ao cap. XIV do livro I (*Del Rey don Ramiro, que fue el primero Rey de Aragon, y de los limites de aquel Reyno*). Zurita afirma que Aragão havia começado por ser uma *muy pequeña region, que de muy antiguo por el nombre destes dos rios* [Veral e Aragon], *o del mayor dellos y del mas principal, se llamo Aragon*. (1585, f. 19). Peremptoriamente, recusa quer *la opinion de Antonio de Lebrixa, y de los que enesta parte le siguen, que tienen por muy persuadido que se llamasse assi, por el nombre dela prouincia dicha Tarracônense, que era la misma ceterior, creyendo estos autores, que corrompido el nombre en Tarracônense, despues se dixesse Aragon, quer la opinion de Lorenço de Vala, que tratando del apellido desta region, vino a pensar que se llamo assi, por razon de unos pueblos que antiguamente se dixerón en esta prouincia Tarracônense, Autrigones: y que por el tiempo, que gasta, no solo las cosas, pero los nombres dellas, se fue corrompiendo, hasta llamarse Aragones* (f. 19).

pode dar ao Reino de Aragão, que é um Rio chamado também Aragão, que por este Reino corre. (237)//

Mas contudo serem estes povos de tempo antiquíssimo chamados Tarracenses; e chamar-se hoje Aragoneses com tão pouca corrupção, sempre me deu suspeita que esta era a sua verdadeira etimologia. Porém, ou seja o Rio o que lhes deu o nome, como o Bétis à Bética, ou eles conservassem o nome antigo e o corrompessem em Aragão, disputem os curiosos sobre isso. Seus termos são da parte de Levante o Rio Cinia, do Poente as Serras de Moncayo e de Molina, onde estão as minas de ferro, pela parte do Norte tem o Rio Ebro, ao meio-dia o monte Brabança, a maior parte deste Reino é seca e áspera, principalmente a que fica para os Pirinéus. Aqui estão as Cidades Jaca, e Huesca, e Venasca. Os rios são poucos. Sua Metrôpoli é Saragoça<sup>286</sup>. Teve dezanove Reis até que D. Fernando, último Rei daquele Reino, casou com D. Isabel, como dissemos. Tarrafa<sup>287</sup>, Lourenço de Valla, *De Rebus Ferdin.*<sup>288</sup>

Sujeitando Parténope inquieta.

texto

Parténope é Nápoles, chamada assi da Ninfa Parténope, que nesta terra foi sepultada. Chamou-se depois Nápoles, quando o Emperador Augusto César a renovou, que isso quer dizer *Neapolis*, nova Cidade. Outros dizem que muito antes

---

<sup>286</sup> D. Marcos parece seguir de perto – excepto no que toca a expressões elogiosas, que omite – a descrição que Giovanni Botero faz de Aragão nas suas *Relationi Vniuersali* (1595, f. 3v): *É terminata à Levante dal fiume Cinga, à Ponente da i monti di Moncaco, e di Molina (famosi per le minere del ferro), à Tramontana del fiume Ebro: à mezo giorno dal monte di Brabanza. È per lo più paese aspro, e secco; massime uerso i monti Pirenei: oue si camina le giornate intere senza ritrovare habitanti. Ma non le mancano alcune ualli fertilissime di ottimo grano, e di ogni frutto, e l'acqua fa per tutto, oue arriua, effetti grandi. Qui si veggono le città di Jaca, Huesca, Venasca, e diuerse popolazioni lungo i fiumi, benche rari. [...] La Metropoli è Saragoza, città, se tu guardi la bellezza delle contrade, & la magnificenza de i palagi, la più bella di Spagna.*

<sup>287</sup> Francisco Tarafa, cônego e responsável pelo arquivo da catedral de Barcelona, escreveu *De origine ac rebus gestis regum Hispaniae liber* (1.<sup>a</sup> ed.: 1553). A obra foi associada à de João Vaseu nos *Rerum Hispaniae memorabilium annales*, impressos em Colônia, no ano de 1577. É provável, no entanto, que D. Marcos haja conhecido *Franciscus Tarapha Canonicus Barcinonensis De Origine ac Rebus Gestis Regum Hispaniae* na ampla compilação designada *Hispaniae Illustratae Sev Rerum Urbiumq. Hispaniae, Lusitaniae, Aethiopiae et Indiae Scriptores Varii* (1603), onde figuram igualmente, entre outros, o *Hispaniae Chronicon*, de Vaseu, e *De Rebus a Ferdinando Aragoniae Rege Gestis*, de Lourenço Valla. O capítulo dedicado a *Ferdinandus V* encontra-se, em *Hispaniae Illustratae*, entre as páginas 567 e 568.

<sup>288</sup> Em *De Rebus a Ferdinando Aragoniae Rege Gestis*, Lourenço Valla afirmava: *ipsa Aragonia, de qua dicere secundo loco proposueram, si istis credimus, appellata est à fluuiu quodam eius nominis, qui illic ortus Iberum influit. [...] ideoque malim dicere aliunde descendisse illam vocem, vel ex eo quod legitimus apud Ptolemaeum fuisse populos quos Iberus interfluit, nomine Aurigones, nempe ubi media Aragonia est. Nam confutare eos qui dicunt Terraconem, quasi terram agonum, & Vrgellum, quasi vrgens bellum, & Barcionam, quasi barcaam nonam, aliaque ridiculae etymologiae, Graeca, Latinaque, ac Barbara miscentes, ineptum sit: satis superque falsitas se ipsa confutat. (Hispaniae Illustratae, 1603, pp. 730-731).*

se chamava já assi, porque Licofrônio<sup>289</sup>, autor muito mais antigo que Augusto, já a nomea assi, e que uns mancebos de Cumas a reedificaram, e que daqui lhe ficou o nome de Cidade Nova. Chama-lhe o nosso Camões inquieta com muita propriedade, porque me (237v)// parece que de quantos Reis teve, nenhum teve dela posse pacífica. O nobre historiador João Botero atribui a inquietação e turbulência de Nápoles ou de seus moradores, ao sítio desta Cidade, porque parte dela (diz ele) é fresca, parte seca, parte montuosa, e outra parte posta em planície. Mas outras Cidades tem estes mesmos acidentes, e mais são mais quietas e sossegadas. A verdade é que sua turbulência lhe vem de não ter Rei próprio e natural, e os seus moradores serem ativos, e maus de domar. Seja o que for, ela é ãa das famosas Cidades de Europa, e a melhor de Itália, cujas grandezas se podem ver nas *Relações* de João Botero<sup>290</sup>. Mas antes que cumpramos com o texto de Camões, brevemente diremos algũa cousa das inquietações desta Cidade.<sup>291</sup>

Conrado, filho do Emperador Frederico 2.º, era Rei de Nápoles, o ano do Senhor 1250. Este matou mal e como não devia a seu Irmão Henrique, Rei de Sicília. E no ano de 1254, Manfredo, filho bastardo de Frederico, matou a este Conrado com peçonha<sup>292</sup>. Vendo-se os Napolitanos sem Rei, de sua livre vontade

---

<sup>289</sup> D. Marcos refere-se ao poema *Alexandra* (i.e. *Cassandra*), do poeta grego Licofrônio (séc. III a.C.). Numa versão latina preparada por Scaligero, lê-se: *Primae sorores ante cognatas deae / Classis vetustus imperator Atticae / Certamen ardens lampadum nautis aget, / Iussis deorum, plebs quod augebit dehinc / Neapolitis, quae prope undantem sinum / Portus Miseni scrupleas ripas colet.* (*Lycophronis Chalcidensis Alexandra. Poëma obscurum*, 1597, f. 51). Nesta edição, uma nota explica: *Neapolim intelligit, quae & Graeca urbs, teste Tacito Annal. lib. V. quam prius Parthenopen ob inventum ibi Parthenopes sepulcrum Cumani conditores dixerunt: hujus incolae Parthenopæ solennia sacrificia peragebant.* (f. 258).

<sup>290</sup> Giovanni Botero escreve sobre Nápoles, *città ueramente regia*, num capítulo das *Relationi Vniuersali* (1595, f. 22v). No *Proemio*, lembra-a entre os vários exemplos com que tenta provar a influência das características do lugar no comportamento da população que o habita: *Nè si può allegare maggior cagione della inquietudine del Regno di Napoli, che la diuersità de i siti, piani, montosi, ameni, scoscesi, de' quali esso consta.* (f. 157v).

<sup>291</sup> Uma das fontes deste passo é o *Compendio delle Historie del regno di Napoli* (1.ª ed.: 1539), de Pandolfo Collenuccio (1444-1504). D. Marcos menciona adiante o nome de *Pandulfo*, cuja obra, acrescentada por Mambrino Roseo, poderá ter conhecido igualmente através da tradução castelhana feita por Juan Vazquez del Marmol (*Historia del Reyno de Napoles*), que circulava impressa desde 1584. Seja como for, a grafia adoptada para o nome Sforza (*Sforça*, e não *Esforça*, como preferiu dizer Juan Vazquez) sugere um contacto próximo com o original italiano. No *Compendio*, as referências a uma típica insubordinação napolitana marcam a dedicatória que Collenuccio dirigiu a Hércules d'Este, duque de Ferrara: *le mutationi de gli stati, e le varietà de' gouerni, in niuna parte d'Italia più si veggono a' di nostri, che in quella del bellissimo Regno di Napoli. Onde pare, che fatal sia a quella Prouincia hauere non che spesso, ma sempre tirannie, seditioni, perfidie, rebellioni, guerre, rouine di Città, rapine, & incendij, e tutte le altre calamità, che dall'auaritia, e ambitione, vere produttrici di tal peste, proceder sogliono [...].* (1591, f. 1v).

<sup>292</sup> No livro IV do *Compendio delle Historie del regno di Napoli*, Collenuccio afirma, a respeito do que em nota marginal destaca como a *Morte violenta di Enrico minore: In sua compagnia era un capitano Saracino chiamato Giouanni Moro; il quale como fu in S. Felice, castel di Basilicata, lo menò occultamente in vna camera, e di commissione di Corrado l'uccise; cosa biasimata da tutto il Regno, e piena d'impietà; massimamente perche egli era il più prestante, e più specioso giouene, e*

se entregaram ao Sumo Pontífice, que então era Inocêncio 4.º, o qual logo foi tomar posse pacífica do reino e morreu daí a poucos meses, e como diz Onófrío<sup>293</sup>, em Nápoles se sepultou<sup>294</sup>. Sucedeu-lhe Alexandre 4.º, o qual continuou com a posse do Reino de Nápoles, e mandou um exército sobre Manfredo, que lhe inquietava aquele Reino. Porém, como os pontífices podiam pouco, alguns príncipes se introduziram por força no Reino de Nápoles, até vir a poder de ã Rainha chamada Joana, primeira deste nome, a qual casou quatro vezes, e cada um dos maridos era Rei de Nápoles, até que ela foi deitada fora do Reino (238)// e morreu afogada<sup>295</sup>, eis novas contendidas no Reino. Mas os que queriam ser havidos por legítimos Reis<sup>I</sup> de Nápoles pediam confirmação ao Papa<sup>II</sup>, como pediu Ludovico, Duque de Andes<sup>296</sup>, a quem o Papa fez Rei daquele Reino, porque lhe deitou de Roma os presídios de Ladislau<sup>297</sup>. Tornou a ter suas inquietações

<sup>1</sup> No ms.: «legítimos herdeiros/Reis de Napoles»...

<sup>II</sup> No ms.: «pedião confirmação \*ao papa\*, como pedio»...

---

*di migliore speranza, che alcun'altro de' figliuoli di Federigo, ma non fu troppo lontana la vendetta. Percioche cinque mesi dopò la morte di Enrico minore, Corrado attossicato, e per quanto si dice, da Manfredi, morì [...].* (1591, f. 62v).

<sup>293</sup> O nome do frade agostinho, erudito antiqário, Onofrio Panvino (1529-1568), anda associado a uma obra de Battista Platina, *Delle Vite de' Pontefici Dal Salvator Nostro Sino a Paolo II*. No subtítulo, regista-se: *Ampliato con le Historie de' Papi moderni da Sisto IV sino a Paolo V scritte dal P. F. Onofrio Panvino Veronese, da Antonio Cicarelli da Foligno, e da D. Gio. Stringa Venetiano*. Além da intervenção nesse aditamento, Panvino é indicado como responsável por *Annotazioni* e por uma *Cronologia Ecclesiastica* igualmente ali inclusas. No final do capítulo dedicado a Inocêncio IV, lê-se: *Chiamato dopo questo il Papa da' baroni del regno, passò tosto in Napoli, che era stato rifatto di nuove mura, & qui morì a' sette di Dicembre, e fu nella Chiesa di san Lorenzo sepolto, havendo tenuto il Ponteficato undeci anni, 5 mesi, & quatordecì giorni. Morì, quando credeva dover in breve tutto il regno di Napoli conquistare*. (1643, p. 392 – por erro, numerada «492»).

<sup>294</sup> D. Marcos segue o *Compendio* de Collenuccio, sumariando-o. Com efeito, suprime informação relativa aos movimentos do Papa Inocêncio IV; à pressão exercida por *molti baroni, & gentil'huomini Napolitani, & Regnicoli espulsi del Regno*; ao exército *conuocato in vn subito* (1591, f. 62v); ao quase completo – mas não perfeito – domínio do Papa sobre aquele reino (*& non è dubbio che facilmente era per ricuperarlo tutto, se non che la morte vi s' interpose. Percioche in quello anno che fu 1254, essendo in Napoli passò di questa vita, & così furono tutti i disegni interrotti*. – f. 63); à astúcia de Manfredo, capaz de fingir uma reconciliação com o novo Pontífice, Alexandre IV (f. 63).

<sup>295</sup> Da extensa (e em certos passos labiríntica) narrativa de Collenuccio, no livro IV do *Compendio*, D. Marcos retém apenas a ideia da instabilidade política. Nem fala da morte de Alexandre IV e da eleição de Urbano IV, nem fala das tremendas lutas travadas pela posse do Sul de Itália. Da mesma maneira, reduz a escassas linhas a história do reinado de Joana I, exposta no livro V do *Compendio*: do retrato de uma soberana cheia de apetite para *le cose veneree* (1591, f. 83v), responsável pela morte de dois dos seus quatro maridos e destinada a um fim de vida sem glória (estrangulada ou enforcada: *Impiccata la Regina Giouanna* – f. 86v), pouco quis repetir.

<sup>296</sup> Andes: nome antigo de Anjou.

<sup>297</sup> D. Marcos lida, de forma imprecisa e simplificadora, com informação veiculada no livro V do *Compendio*, particularmente no que toca a acontecimentos do início do século XV e à relação entre o papa Alexandre V e Luís, 2.º duque de Anjou. A versão de Collenuccio dizia que, tendo

Martinho 5.º  
O papa Calisto  
3.º declarou  
que o Reino  
de Nápoles era  
da Igreja per  
falta de legítimo  
herdeiro,  
porque El Rei  
Afonso<sup>III</sup> o  
deixou a um seu  
filho bastardo.  
Mas Pio 2.º  
confirmou neste  
Reino ao dito  
D. Fernando  
porque lhe  
restituiu as  
Cidades que  
D. Afonso lhe  
tomara.

Nápoles no tempo de Joana, Rainha segunda deste nome, a quem o Papa tinha dado o Reino, e ela se mostrou ingrata, e o Papa lhe fez guerra, dando o direito daquele Reino, como<sup>I</sup> o diz Pandulfo, a Ludovico 3.º, filho de Ludovico 2.º<sup>298</sup>. Ela vendo-se apertada, adoptou a El Rei de Aragão D. Afonso e constituiu-o por herdeiro do Reino de Nápoles. El Rei D. Afonso acudiu-lhe e livrou-a<sup>II</sup> do Capitão Sforça, que lhe fazia guerra<sup>299</sup>. Mas vendo ele que a Rainha vivia mal a repreendeu, e ela tomando mal a repreensão, desfez a adopção e faz pazes com o Sforça. E fez nova adopção em Ludovico francês, o qual morrendo tornou a fazer adopção nova em Renato duque de Lorreina, e morreu<sup>300</sup>. Eis bandos no Reino, porque o Papa, o Rei de Aragão e o Duque Francês contendiam sobre o Reino. Ultimamente, depois de muitos anos<sup>IV</sup>, o Francês e o Aragonês, s. Ludovico 12 e D. Fernando Rei Católico, dividiram o Reino entre si, e despojaram a Frederico que já reinava, o qual com mulher e filhos se foi pera França, e Ludovico rei o tratou honradissimamente. Entretanto o Grão Capitão Gonçalo Fernandez de Córdoba, que governava aquele Reino por el Rei de Espanha, não obstante a

<sup>I</sup> No ms., a redacção primeira seria «daquelle Reino. Assi/como odis»...

<sup>II</sup> No ms.: «livro\*u\* a»...

<sup>III</sup> No ms., o nome inicialmente escrito era «Fernando». Em parte transformando a primeira sílaba, em parte acrescentando em entrelinha a emenda, passou a ler-se «Afonso».

<sup>IV</sup> No ms.: «ultimamente, \*depois de mt<sup>os</sup> annos\* o Frances»...

Luís requerido ao Pontífice *la confermatione della inuestitura del Regno di Puglia, di Sicilia, & di Gierusalem, [...] non volse però Alessandro coronarlo, essendo già stato coronato da Clemente VI in Auignone; ma bene lo fece confalonier de la chiesa, & li diede le bandiere con commissione che douesse andare contra al Re Ladislao nemico della chiesa [...]*. (1591, f. 91). Mais: se, no tempo de João XXIII, Ladislau continuava a ser em Roma uma presença indesejada, Collenuccio apenas fala de uma precária vitória contra ele obtida por Luís de Anjou (f. 92).

<sup>298</sup> *Papa Martino era a Fiorenza, & offeso dalla ingratitudine della Regina fece venire Sforza a Fiorenza, & communicato con lui tutto quello che si haueua a fare, al meglio che poté con Braccio si accordò, e la Regina Giouanna privò del feudo; dichiarando Re di quel Regno, Luigi III Duca di Angiò, figliuolo di Luigi secondo [...]*. (1591, f. 95v).

<sup>299</sup> D. Marcos aplica, mas sem escrupuloso rigor, informação dada no *Compendio*, onde se conta que, estando Joana II pressionada por Francisco Sforza e por Luís de Anjou, então seus inimigos, acabara por valer-se de uma aliança com Afonso de Aragão. Após negociações – diz Collenuccio –, juristas *fecero li capitoli della filiatione di Alfonso, & della successione del Regno di Napoli per publici instrumenti [...]*. (1591, f. 96v).

<sup>300</sup> Quanto à figura de Joana II, *sorella di Ladislao*, Collenuccio caracteriza-a como tendo fama de *instabile, et impudica, dicendosi di lei, che nella instabilità sola, fu stabile* (1591, f. 100v), e enquadra-a num contexto tumultuoso. D. Marcos retoma matéria tratada no *Compendio*, sem a transmitir com fidelidade absoluta. Por exemplo, aí lê-se: *operò Sforza, che la Regina si contentasse, che il Re Luigi tornasse nel Regno, che anchora era a Roma, & così fu fatto, & tornò ad Auersa; oue riceuuto con gran letitia, & festa dalla Regina con maturo consiglio de' giuristi, la Regina solennemente priuò il Re Alfonso per titolo d'ingratitudine della filiatione, & successione del Regno, e per adottiuo figliuolo si tolse il Re Luigi, con le conditioni d'Alfonso [...]* (f. 98v). E é só no fim de uma sequência de agitados episódios que no *Compendio* se fala da morte de Luís de Anjou e de Joana II: *ancor'ella infermandosi nell'anno 1435 parti di questa vita, havendo regnato 20 anni, & lasciato per testamento secondo alcuni autori, herede Renato alhora titolato duca di Lorena, & di Barrois, carnale fratello di Luigi III [...]*. (f. 100v).

divisão e partilhas que estavam feitas, tomou aos Franceses o que naquele Reino tinham<sup>301</sup>. E neste estado está hoje este Reino, que El Rei católico paga feudo ao Papa cada ano, (238v)// o qual dinheiro vai nãa rica balsa pendurada no arção de ùa faca branca. O Papa recebe o feudo, protestando sempre o procurador da Sé Apostólica pelo direito do Sumo Pontífice. O Reino de Sicília se uniu à coroa de Aragão, desta maneira: D. João primeiro Rei de Aragão tinha um Irmão chamado D. Martinho, Conde de Luna, este casou com ùa filha única e herdeira de Frederico Rei de Sicília, chamada Maria<sup>1</sup>, e por via de sua mulher foi Rei daquele Reino. O Rei D. João de Aragão morreu de ùa queda de um cavalo e sucedeu-lhe Martinho seu Irmão, que era já Rei de Sicília, e por esta via se uniram estas duas coroas em Maio de 1396.<sup>302</sup>

### O Navarro.

O Reino de Navarra é contérmino com Aragão, pelo Nacente e meio-dia<sup>II</sup>, com Astúrias do Poente, com França pelos Perinéus. Terra áspera e mal povoada, dizem que mais gente tem a cidade de Milão que todo este Reino<sup>303</sup>. Sua principal

---

<sup>1</sup> No ms., um sinal + indica o lugar de inclusão do aditamento registado na margem: «chamada Maria».

<sup>II</sup> No ms.: «pelo Nacente, \*emeio dia\* cõ Asturias»...

---

<sup>301</sup> A narração de D. Marcos poderá, neste lugar, ter como base geral o resumo feito por James Gordon acerca de acontecimentos dos anos de 1501 e 1502: *Fridericus, mortuo Ferdinando fratris filio, Rege Neapolitano, ius Regni sibi vendicabat : verum (uti conuenit) inter duos Reges Francum & Hispanum, Regnum diuisum est. Albigniacus Praefectus Francisco nomine, Gonsaluu Hispanico Regnum illud partiuntur: abductus in Franciam est Fridericus, ubi in magno apud Regem honore semper fuit [...]; Ea, quam nunc attigi, partitio Neapolitani Regni, versa in dissidium Principum est: in quo certamine Francis omnia hoc quidem anno felicius, quàm Hispanis cessere: verum sequens annus habet expulsos Neapoli Francos, mortem Ludouici Armeniaci, Nemorosi Ducis, & Albigniacum pecunijs subsidióque destitutum; quo demum ab hostibus capto, Hispanis cessit Neapolitanum Regnum. Dolo rem gestam queruntur Franci Historici. (Operis Chronologici Tomus Alter, 1614, pp. 444, 445). Todavia, uma fonte importante continuaria a ser o *Compendio* de Collenuccio, de certo lido numa edição que incluía a continuação elaborada por Mambrino Roseo, autor dos livros onde são tratadas as proezas do Grão Capitão. Se, no que toca à grafia *Sforça* para o nome Sforza, D. Marcos se aproxima do original italiano, já a designação de Gonçalo Fernandes de Córdoba (*Cunsalvo Ferrante*, no *Compendio*) sugere ou algum contacto com a versão castelhana ou a posse do conhecimento histórico que permitiria identificar assim esta figura. No livro VIII do *Compendio*, sobressai, enfatizado numa nota marginal, o relato de uma das suas principais vitórias sobre as forças gálicas: *Francesi scacciati del Regno di Napoli* (1591, f. 194v).*

<sup>302</sup> Uma das fontes deste passo terá sido o *Operis Chronologici Tomus Alter*, de James Gordon, que a respeito do ano de 1396 regista: *Ioannes Arragoniae Rex huius nominis primus, lapsus equo moritur 19. Maij: succedit Martinus frater, Lunae Comes, de quo 1394. Franc. Tarafa, Lege Marianam lib. 19.20. & 21. (1614, p. 411).*

<sup>303</sup> No capítulo sobre Navarra, Giovanni Botero lembrou: *quanto alle forze della provincia, Don Gabriel di Alburcheche [sic] diceua, che la città di Milano, oue egli era Governatore, faceua piu gente, che il Regno di Nauarra, oue era stato Viceré (Relationi Vniuersali, 1595, f. 8v).*

cidade é Pamplona, em latim *Pompeionopolis*<sup>1</sup>, Cidade de Pompeio, que a edificou<sup>304</sup>. Também este Reino de Navarra é contencioso como o de Milão, foi tirado aos Franceses sem nenhuma justiça por El Rei D. Fernando, o mesmo que tomou Nápoles. Isto não lho alevanto, em João de Mariana<sup>305</sup> Castelhana o achei escrito, que diz assi: neste tempo tomou El Rei D. Fernando o Reino de Navarra a el Rei D. João Alberto sem ter outro direito nele mais que querê-lo fazer<sup>306</sup>. Ouvi dizer que El Rei Felipe 4.º queria restituir este Reino a seu cunhado Ludovico trezeno *i.* 13, mas que os Navarros não quiseram, daqui será o que for, porque a vizinhança dos Franceses nestes tempos não é muito boa.<sup>307</sup> (239)//

---

<sup>1</sup> No ms., nota-se uma hesitação na escrita desta palavra. Ter-se-á começado por grafar «Pompeiop», mudando para «Pompeionopolis».

---

<sup>304</sup> Segundo Estevan Garibay, *el grande Pompeyo, desseando, dexar en España alguna memoria de sus victorias y residencia hecha en ella, edificó en los vertientes de los Pireneos en una llanura una ciudad, que de su nombre, segun Vaseo, y otros sacan de Sant Hieronymo, la llamó Pompelo, o Pompeyopolis, que quiere dezir ciudad de Pompeyo [...]. A esta noble poblacion, que es cabeça del reyno de Nauarra [...], llamaron despues Pamplona, cambiando le el nombre. (Los XL Libros d'el Compendio Historial, VI, XVIII, 1571, p. 193).*

<sup>305</sup> D. Marcos atribui a Juan de Mariana uma denúncia que a obra do jesuíta não confirma. Com efeito, em *De rege et Regis Institutione Libri III*, Mariana refere D. Fernando elogiosamente: *pulsis ex vniuersa Hispania Mauris, subditisque imperio multis gentibus immortalis Princeps laude* (1599, p. 175). E se na *Historia General de España* não deixa de o comparar a uma ave de rapina ou a um qualquer animal feroz (o abandono de Juan d'Albret, pelos aliados franceses, *era como entregalle à su enemigo, para que con sus agudas vñas hiziesse en el presa* – 1616, XXX, XVIII, p. 700), todavia vai lembrando que as pretensões de D. Fernando ao trono de Navarra eram apoiadas em argumentos: *Hizo que los de Pamplona le jurassen, y le prestassen los omenages, no ya como a depositario de aquel Reyno, sino como à Rey. La causa que para esto se alegaua, fue, que como el Rey don Iuan no cumplio con lo capitulado: y por tanto quedaua el Reyno por el vencedor.* (XXX, XII, p. 689). Em suma, embora diga que *el Rey Catolico no tenia intencion de restituyr en tiempo alguno aquel Estado, y que le tenia por tan suyo como los otros Reynos, sin formar algun escrupulo de conciencia sobre el caso* (XXX, XXIV, p. 712), insiste no *derecho* que escudava essa ambição (XXX, XXIV, pp. 712-713). Tudo leva a crer que D. Marcos glosou muito livremente a frase que se encontra na *Tabla de los Emperadores* (incluída, sem numeração de páginas, no tomo I da *Historia General de España*), a respeito de Catarina de Navarra e seu marido, Juan d'Albret: *Quitoles el Reyno don Fernando el Catholico el año de mil y quinientos y doze.*

<sup>306</sup> Diferente era a versão de Giovanni Botero, que a respeito de Navarra escreveu: *Haveva già proprio Re: ma essendo stato bandito il Re Giovanni da Giulio Secondo, perche si era confederato con Lodovico Duodecimo, Re di Francia, scomunicato da lui, il Re Ferdinando l'occupò in un subito [...]. (Relationi Vniuersali, 1595, f. 8v).*

<sup>307</sup> Estes *Comentários* foram escritos no período da Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), que envolveu a França, as Províncias Unidas, a Suécia, o Sacro Império e a Espanha. A declaração de guerra à Espanha, por parte da França, ocorreria em 1635. D. Marcos estava, pois, ciente da tensão entre as duas potências.

O princípio deste Reino querem alguns que fosse nos anos do Senhor de 912, como diz Gordónio<sup>308</sup>. Mariana diz que foi muito primeiro, Vaseu diz que foi no ano de 839<sup>310</sup>. Seja como for, o seu primeiro Rei foi Sancho Arista. Teve treze Reis que legitimamente se sucederam até que veio à casa dos Reis de França, e foi desta sorte: Henrique 13, filho de Teobaldo Rei<sup>1</sup> de Navarra, casou com ãa filha do Conde Roberto, irmão de S. Luís Rei de França, e dela houve ãa filha única, a qual casou com Felipe Pulcro Rei de França, que por via de sua mulher se fez coroar por Rei de Navarra. Sendo vários os possuidores deste Reino, por morte de Carlos segundo, no ano de 1405 entrou nele D. Leonor, filha del Rei D. João de Aragão e de ãa filha de Carlos Rei de Navarra. Esta, depois de viúva se foi meter de posse do Reino de Navarra, onde viveu pouco, e sucedeu-lhe um neto seu menino chamado Francisco Febo, que também durou pouco e deixou o Reino a sua Irmã Caterina, que foi coroada com seu marido João Alberto em Pamplona ano 1493. Ao marido desta tomou el Rei D. Fernando o Reino<sup>312</sup>. E advirto que

Gordon. *adbunc annum*

Mariana l. 8, c. 1<sup>309</sup>

Gordonius Scotus *ad annum 1493*<sup>311</sup>

---

<sup>1</sup> No ms., decerto por lapso, «Reis».

---

<sup>308</sup> A respeito do ano de 912, James Gordon escreveu: *de Navarrici Regni initii lege Marianam libro octavo capite primo. qui diu satis ante hunc annum illa locat. Vaseus refert annum 839. cum obiisset Sanctius Garsias ultimus Suprarbiae Rex. Verum Martinus Siculus, & Franciscus Tarafa, nunc coepisse volunt hoc Regnum, in Asturia, & Cantabria. Nomen Nauarrae dedit loci situs. Regnat Enecus Sanctius, cognomento Arista. (Operis Chronologici Tomus Alter, 1614, p. 285).*

<sup>309</sup> Mariana afirma que os cristãos, desejosos de *sacudir la pesada seruidumbre de los Moros*, escolheram como *cabeça* Garcí Ximenez. *En el tiempo que succedio esto, no concuerdan los autores, ni aun consta que nombre tuuiesse el reyno para que le nombraron, ni que apellido le dieron. Algunos dicen que se llamò Rey de Sobrarue, otros que de Nauarra, los vnos, y los otros, sin argumentos bastantes; y es toda antiguedad oscura, principalmente la de España: a la manera que las corrientes de los rios son conocidas, los nacimientos, y las fuentes de que proceden, y salen, no tanto. (Historia General de España, 1617, VIII, I, p. 367).* Adiante, lamenta que *el vulgo de los historiadores, por ignorancia de los tiempos*, sustentasse hipóteses erradas a este respeito e pensasse que o *Rey don Yñigo Arista* havia sido *el primero de aquellos Reyes*. (VIII, I, p. 369). Por entre conjecturas, sugere que a fundação do reino de Navarra remontaria a meados do século VIII, pois situa a morte de Garcí Ximenez em 758 (*Reyes de Navarra, y Sobrarue*, in *Tabla de los Emperadores*, incluída, sem numeração de páginas, no tomo I da *Historia General de España*).

<sup>310</sup> João Vaseu ou Johannes Vaseus (1511-1561), natural da Flandres, humanista, algum tempo professor em Braga e em Évora, e depois catedrático na Universidade de Salamanca, foi autor de *Chronici Rerum Memorabilium Hispaniae* (1.<sup>a</sup> ed.: 1552). Admitindo muito embora que se trata de matéria controversa, indica, no *Catalogus Regum Navarrae, cap. 17*, o ano de 839 como tendo sido aquele em que *Ennius Arista vnctus & coronatus Rex, primus appellatus est Rex Nauarrae, & ab eo reliqui omnes* (1552, f. 41v); adiante, amplifica esta ideia, lembrando como teve lugar a eleição de Iñigo Arista: *populari suffragio electus Rex, vnctus & coronatus, primusque Rex Nauarrae, sed certis conditionibus, appellatus* (f. 126).

<sup>311</sup> Entre os acontecimentos do ano de 1493, James Gordon S.I. regista: *Catharina Nauarrae Regina, & Ioannes maritus coronatur Pampelonæ, ut refert Vignierius. (Operis Chronologici Tomus Alter, 1614, p. 441).*

<sup>312</sup> D. Marcos terá aqui aplicado, a respeito de Teobaldo e da sua linhagem, informação que retirou da *Historia General de España* de Juan de Mariana, e desde logo do que sucintamente é exposto em *Reyes de Navarra, y Sobrarue (Tabla de los Emperadores*, incluída, sem numeração de páginas, no tomo I da *Historia General de España*). No entanto, se é capaz de quase repetir a frase

todos estes Reis eram vassallos del Rei de França. E só Carlos, filho de Joana 2.<sup>a</sup>, se isentou e teve guerras com os franceses, e foi chamado Açoute de França, mas cansado, veio a fazer pazes e a sujeitar-se ao francês. Este Rei morreu queimado por desastre, ou por juízo de Deus. Era Carlos grande comilão, teria fome, e achando-se com a natureza debilitada com o muito comer, mandou-se coser num lançol banhado em água ardente, acertou por seus pecados de chegar a ãa candeia um fio daquele lançol, que tomou num instante (239v)// posse do lançol e do miserável que dentro estava, que morreu com o remédio que pera a vida buscava.<sup>313</sup>

texto

E as Astúrias *ect.*

Leão, Oviedo e Burgos são Bispados sem ter obediência a nenhum Metropolitano.

As Astúrias confinam com Galiza, da mesma qualidade de ares e aspereza de terreno. Estende-se de Ribadeo até Santander, onde há um muito acomodado porto. Sua Cabeça é Oviedo<sup>314</sup>, a quem edificou Froila, primeiro filho del Rei D. Afonso o Católico. Esta Igreja, com ser Bispado, não é sufragânea a Arcebispado algum.

Que reparo já foram contra a gente Maometa.

Perdida a última batalha que El Rei D. Rodrigo deu aos Mouros<sup>1</sup>, Muça e Tarif<sup>315</sup>, Capitães Mouros, foram seguindo a vitória tomando todas as Cidades

---

<sup>1</sup> No ms.: «Mouros Calif Muça, e Tarif»...

---

em que Mariana sintetiza a relação entre o Rei Católico e Catarina de Navarra e seu marido, Juan d'Albret (*Quitoles el Reyno don Fernando el Catholico el año de mil y quinientos y doze*), prefere, no que às datas concerne, seguir a cronologia estabelecida por James Gordon. (*Operis Chronologici Tomus Alter*, 1614, p. 11).

<sup>313</sup> O fim desastrado de Carlos de Navarra – rei que, devido a um processo de *damnatio memoriae*, recebeu cognome de «o mau» – é contado por Baptista Fulgoso, nos *Factorum et Dictorum Memorabilium Lib. IX (De Carolo Nauarrensi rege* – 1604, l. IX, f. 362), num passo que Pedro Mexia traduziu e incorporou na sua *Silva de Varia Leccion* (I, 19, 1989, pp. 344-345). D. Marcos parece, no entanto, seguir outra fonte, pois fala de um Carlos «comilão», que por sua própria iniciativa teria buscado remédio; Fulgoso e Mexia haviam retratado um rei debilitado pelos anos e atormentado por dores, aconselhado pelos médicos a adoptar aquela terapia que, por acidente (ou por providencial castigo, insinua-se nas entrelinhas), havia de provocar-lhe a morte. A versão de Orazio Torsellino, nos *Epitomæ Historiarum Libri X (Nauarrae Rex cum ad excitandam libidinem, aqua, quae ardens vocatur, corpus suum perfudisset, ambustus est* – 1620, l. IX, p. 550), é demasiado sucinta e discrepante para constituir, por si, a matriz deste trecho. Tudo indica que D. Marcos se baseou especialmente na obra de James Gordon, *Operis Chronologici Tomus Alter*, onde, a respeito do ano de 1387, se lê: *Obijt tandem Carolus Nauarræ Rex, Franciæ flagellum; ambustus, dum vir intemperantia exhaustus, vt reficeret vires, insutus linteis aqua ardente perfusus, admouet filo imprudens candelam, flammam materia concipit, qua exustus, intra biduum expirauit.* (1614, p. 410).

<sup>314</sup> Todo este passo radica na descrição feita por Giovanni Botero, nas *Relationi Vniuersali: Asturia è delle medesime qualità, che Gallitia [asprezza de i siti, penuria dell'acque* – 1595, f. 7v], *ma piu aspra, e manco habitata. Si stende dal fiume Ribadeo à Sant' Ander, ove è un porto eccelente. La sua Metropoli è Oviedo [...].* (f. 8).

<sup>315</sup> Autores quinhentistas, atentos à *Crónica do Mouro Rasis*, destacam Muça e Tarif como protagonistas da conquista peninsular pelas forças muçulmanas. Por exemplo, Ambrosio de Morales

e vilas que achavam com pouca resistência, porque o péssimo rei Vuitiza<sup>316</sup>, receoso de se levantarem os Espanhóis contra ele, tinha desfeito todos os muros e fortalezas das principais praças de Espanha, e assi os Cristãos ou se entregavam à mercê dos Mouros e viviam entre eles seus tributários, ou fugiam pera os montes, ou pera onde melhor podiam. Os Mouros, como tinham despendido a mor parte de sua gente na povoação e fortificação das terras conquistadas, do Douro pera além levaram pouca gente, e essa mais ia a saltar os Cristãos e matar os Godos, a quem eles tinham boa vontade, que a conquistar e povoar, e assi vemos entre Dour-a-Minho poucas memórias de Mouros. E os Cristãos que cá ficavam faziam algũa fortaleza em lugares altos donde vigiavam a vinda deles e se recolhiam. Daqui vem acharem-se nes(240)//ta Província algũas torres fortes desemparadas, e ainda os Mosteiros tinham estas casas fortes onde nos rebates se recolhiam, como também as torres de Santa Cruz de Coimbra pera esse ministério foram edificadas fora dos muros. Os mais ricos, e nobres de Espanha, todos se foram recolhendo pera as Astúrias e montanhas de Biscaia, levando consigo as cousas mais preciosas que o tempo lhe primitia, e entre todas o que mais procuravam salvar eram as relíquias dos Santos, e por isso esta Cidade de Oviedo é tão rica destas prendas sagradas. Os Godos quasi todos pereceram, porque os Mouros faziam grandes inquirições por havê-los, e os próprios Espanhóis naturais lhes tinham ódio como ordinariamente tem a seus superiores os que deles são tratados com tirania. Ajuntava-se mais serem os Godos soberbos e os Espanhóis malsufridos, e o pior de tudo pera os Godos foi passarem eles quando fugiam por terras de Suevos que tiveram já reino em Espanha, fazendo seu assento em Braga, a quem obedeciam a Lusitânia, e Galiza e outras terras, e estes achavam entre eles o agasalhado que se costuma dar aos inimigos fugidos. Chegando pois os Espanhóis às Montanhas, respiraram do temor que dos Mouros tinham quando viram que o sítio os defendia e que a potência dos mouros era fraca naquela terra, pelo que de comum consentimento elegeram um Capitão que os governasse, e este foi Dom Pelaio, filho de Favila Duque de Cantábria, a quem o ímpio Vuetiza matou com um pau que na mão tinha<sup>317</sup>. Este Rei, e seus sucessores, em breve despejaram Galiza e parte de Portugal dos Mouros que inda não estavam de assento nestas terras. (240v)//

---

e Juan de Mariana detêm-se a caracterizar, efabulando, o comportamento dos dois guerreiros, que distinguem com base em afectos dominantes. Se a certa altura haviam acabado por entrar em conflito, era – asseverava Mariana – porque *la envidia aquexava a Muza, a Tarif el miedo* (Juan de Mariana, *Cronica General de España*, t. I, 1617, VI, XXV, p. 310). D. Marcos parece aqui decidido a abreviar razões, e não adopta registo idêntico.

<sup>316</sup> Juan de Mariana diz de Vuitiza, ungido em 701, *Fue muy mal Rey*, e, embora registe que no princípio *dio muestra de buen Principe*, sublinha: *El Reynado de Vuitiza fue desbaratado y torpe, de todas maneras, señalado principalmente en crueldad, impiedad, y menosprecio de las leyes eclesiasticas*. (*Historia General de España*, t. I, 1617, VI, XIX, p. 295). *En particular, contra lo que por leyes antiguas estaua dispuesto, se dio libertad a los Iudios para que boluiesen y morassen en España*. (p. 296).

<sup>317</sup> Além do que Juan de Mariana trata no capítulo I do livro VII (*Como el Infante don Pelayo se leuantò contra los Moros*), ou no capítulo XXIV do livro VI (*Que los Christianos se fueron a las*

## Tem o Galego cauto.

Contentou-se com fazer menção das Astúrias e deixou os Biscainhos, cuja terra é semelhante à das Astúrias, com quem confinam. Galiza<sup>318</sup>, inda que tem nome de Reino nunca o foi, salvo quando esteve unido à Lusitânia no tempo dos Suevos e no tempo del Rei D. Gracia. É terra áspera e de grandes montanhas, tem alguns vales aprazíveis e de grande fertilidade, mas são poucos. O Rio Minho a divide de Portugal pela parte do meio-dia<sup>1</sup>; ao Oriente tem Astúrias e Leão, o demais é cercado de mar, onde tem excelentíssimos portos, onde se vem recolher os inimigos no tempo da tempestade sem ninguém lho impedir. Há nesta província sete Cidades: Compostela, onde está o Corpo do Apóstolo Santiago. Tuid, Lugo, Mondonhedo, Orense. E Corunha, onde está o Governador e a chancelaria do Reino, e Betanços. Estas duas últimas Cidades não tem Bispo. Estes miseráveis homens são todos<sup>II</sup> tratados como escravos e vivem miseravelissimamente, mas mais merecem seus pecados, porque, tirando os fidalgos e cavaleiros nobres, que é gente de muito porte e de muito grande cortesia, os demais são realmente sórdidos e de pouca verdade, e não só eles mas também os portugueses que junto a eles vivem, raramente cumprem palavra, nem entre eles é vício mentir nem outras cousas que entre nós se tem por abomináveis<sup>319</sup>. O nosso poeta lhe chama Galego

---

<sup>1</sup> No ms.: «pella partedo norte meio dia»...

<sup>II</sup> No ms., em entrelinha, foi acrescentado o que parece ser uma forma abreviada de «todos». A leitura suscita dúvidas.

---

Asturias), D. Marcos parece ter considerado especialmente o capítulo XXIX deste mesmo livro VI da *Historia General de España*. Aí se lê que, perante a acção de Vuitiza, muitos voltaram as suas atenções para os representantes de outro ramo da linhagem real, entre eles Favila. *Fauila era Duque de Cantabria, ò Vizcaya, y en el tiempo que Vuitiza, en vida de su padre residia en Galicia, anduuo en su compañía, con cargo de Capitan de la guarda, al qual los Godos en aquel tiempo llamauan Protospatario. Matole a tuerto Vuitiza, con vn golpe que le dio de vn baston: y aun algunos sospechan para gozar mas libremente de su muger, en quien tenia puestos los ojos. Quedò de Fauila vn hijo llamado don Pelayo, el que adelante començo a reparar los daños y cayda de España [...]* (t. I, 1617, p. 296). Também Ambrosio de Morales, em *Los Otros Dos Libros Vndecimo y Dvodecimo de la Coronica General de España*, falara da morte violenta de Favila (*Vuittiza por su mano hirio a Fauila con vn baston*), sublinhando a incerteza que na tradição cronística envolvia a causa do crime (*no se puede bien entender si el Rey tenia amores con su muger de Fauila, o si tuuo celos de Fauila con la Reyna su muger: aunque mas parece que la maluada muger de Fauila pidio al Rey matasse a su marido*). (1577, XII, LXIV, f. 197).

<sup>318</sup> Se, para descrever as Astúrias, D. Marcos recorre à informação dada por Giovanni Botero, o mesmo não se verifica quando trata da Galiza. De Botero, retém apenas a imagem da *asprezza de i siti* e da *penuria dell'acque* (1595, f. 7v); tudo o mais ultrapassa o conteúdo das *Relationi Vniuersali*.

<sup>319</sup> É possível que D. Marcos tenha procurado refutar ideias em circulação, e é igualmente provável que tenha considerado a obra de Pedro de Medina, continuada por Diego Perez de Messa. Com efeito, no capítulo CXXV da *Primera, y Segvnda Parte de las Grandezas y Cosas Notables de España (De la Prouincia, y reyno de Galicia, de su principio, y cosas notables)*, parece admitir-se que Galiza mereceria título de reino, dizendo que no tempo de Suevos e Vândalos se entendia *por Galicia, mucha mas tierra de lo que es agora: porque se comprehendian debaxo del nombre de Galicia, las Asturias, el Reyno de Leon, y muy gran parte de Castilla la vieja*. (1595, f. 268). Sobre

Cauto, que quer dizer atreçoado e desconfiado. Cauto propriamente quer dizer (241)// homem que anda com o olho sobre o ombro receando-se de algũa cousa má, porque como diz Camões, onde a malícia reina está o recêo, que a faz imaginar no peito alheo.

E o grande e raro Castelhanao.

Todos os Reinos de Espanha reconheceram sempre a Castela por superior na antiguidade, e assi a tem cercada e posta no meio como a mãe, e todos os Reis que de outros Reinos vieram reinar a ela, deixando o primeiro título se chamaram Reis de Castela, como foi o Rei D. Fernando de Leão, que casou com D. Berengela herdeira de Castela, e D. Fernando Rei de Aragão com D. Isabel, e outros. É Castela dividida em duas. Castela a Velha, cuja cabeça é Burgos, e Nova, que tem por Metrópoli a Toledo. As grandezas desta província, sua fertilidade e nobreza se pode ver em Ambrósio de Morales<sup>320</sup> e em Estêvão Garibay<sup>321</sup> e outros muitos autores que dela trataram com muita curiosidade. Em Castela esteve a Corte de Espanha em tempo dos Godos, depois da entrada dos Mouros teve diversos Reis, os quais per casamentos<sup>1</sup> tornaram a unir esta Monarquia, dispondo-o Deus assi por seus occultos júizos, e assi torna hoje Espanha a estar como no tempo que os Mouros a entraram.

---

<sup>1</sup> No ms.: «os quais per casamentos se tornaraõ a unir».

---

as suas gentes, recorda-se: *Los Gallegos dize Estrabon, que son gente braba, y muy inclinada a guerras, y disensiones.* (1595, f. 267). Ou, adiante: *La gente de Galicia es muy ingeniosa, y de muy lindos, y claros entendimientos: son hombres muy faciles, para aprender letras, y qualquier doctrina, y arte que les sea enseñada. Son hombres piadosos, y amorosos lleuados por buen termino. Pero de otra manera son colericos, furiosos, e implacables. Son faciles de aplicarse o a la virtud, y al vicio. Son tenaces, y perseueran mucho enel vicio, o en la virtud a que vna vez se aplican, y acostumbran. Es gente muy belicosa y fiera, y aun les dura algo de los Griegos sus progenitores, y antepasados porque tienen tretas, cautelas, cauilaciones, e doblezes.* (f. 268).

<sup>320</sup> São esparsos, na obra de Ambrosio de Morales, os elogios a Castela. No Prologo de *La Coronica General de España* (1574, s/f), Morales elogia *la mucha dignidad y grandeza* que diz ser timbre da *lengua Castellana*. Em *Los Cinco Libros Postreros de la Coronica General de España*, destaca igualmente o facto de, após a morte de D. Bermudo e a ascensão de D. Fernando, o reino de Leão haver perdido *la precedencia y dignidad* para o reino de Castela. (1586, f. 328). Nas *Antigvedades*, dedica sobretudo algumas páginas a descrever artificiosas maravilhas (um aqueduto, relógios, autómatos) da autoria do arquitecto Turriano, que podiam admirar-se na cidade de Toledo (1575, fls. 90-94).

<sup>321</sup> Segundo Estevan Garibay, *El reyno de Castilla es el mayor y mas espacioso reyno de todos los d'España, y el mejor, y mas fertil, mas poblado y de mejor temperamento de todos ellos, y solo el rinde a los Reyes mucho mas patrimonio, que todo el resto de reynos puede dar, aunque entren en ello las Indias, y lo de Flandes. Por lo qual los Reyes la han reconocido siempre por cabeça, no solo d'España, mas tambien de todos los de mas reynos y estados que fuera d'ella poseen, como parece en las respuestas de diuersos capitulos de cortes, a que en este articulo satisfazen los mesmos Reyes* (*Los XL Libros d'el Compendio Historial*, 1571, X, I, p. 504 – por erro numerada «493»).

O Reino de Leão se juntou a Castela ano de 1034, pelo casamento de D. Fernando, 1.º Rei de Castela, com D. Sancha, infanta de Leão, irmã de D. Bermudo, que morreu sem filhos.

## Bétis, Leão, Granada com Castela.

Estes Reinos estavam unidos a Castela no tempo (241v)// que Camões escrevia, e ainda hoje de nome comum se chamam Castela. Bétis é o Rio Guadalquivir, que corre por Sivilha, donde tomou o nome a Bética província, chamada hoje Andaluzia. Leão. Era antigamente chamado *Legio*, que quer dizer Legião, número de soldados que continha 6666. Corrupto o vocábulo, lhe chamam Leão, como também Leão de França se corrompeu de Lugdune. Granada, Cidade nobre, deu o nome ao Reino, e foi o último que os Mouros deixaram.

## Castela.

Este nome Castela é moderno e deu-se àquelas terras que os Espanhóis<sup>1</sup> possuíam quando se apartaram dos Reis de Leão e se governaram por Juízes, e alguns Historiadores Espanhóis<sup>322</sup> dizem que se tomou este nome de uns castelos fortes que os Espanhóis tinham, e assi devia de ser, porque as armas de Castela são ãa torre ou castelo, como as do Algarve os sete castelos que estão na orla do Escudo deste Reino de Portugal.

Antiguidades de Espanha<sup>323</sup>

---

<sup>1</sup> No ms.: «q̄ os Espanhoes começaram a possuíã»...

<sup>322</sup> É o que acontece, por exemplo, com Estevan Garibay, onde se lê: *D'El nombre de Castilla, que en nuestros dias es cabeza d'España, lo que se puede dezir es, auer tomado esta denominacion, de la abundancia de castillos, que en ella hallaron los Romanos, los cuales, segun la ordinario [sic] opinion de los doctos, la llamaron Castella, y despues corrompiendo el nombre, vinieron a dezir Castiella, e agora quitada la E dezimos Castilla, que quiere dezir tierra y region de Castillos. Esto mesmo sentieron los Reyes de Castilla quando por su insignia y deuisa Real pusieron en sus escudos el castillo [...]. (Los XL Libros d'el Compendio Historial, 1571, X, I, p. 504 – por erro numerada «493»). Também na *Primera, y Segunda Parte de las Grandezas y Cosas Notables de España*, de Pedro de Medina e Diego Perez de Messa, a respeito das mudanças decorrentes da introdução do latim, pode ler-se: *Castilla segun dicen Estrabon, y Pomponio se llamo primero Bardulia. Esse nombre antiguo seria substituído pelo de Castilla [...] que le pusieron los Romanos por los muchos castillos, y lugares fuertes, que en ella hallaron.* (1595, fls. 189, 189v).*

<sup>323</sup> Bernardo de Aldrete escreveu *Varias Antigvedades de España Africa y Otras Provincias* (1614). D. Marcos, porém, deve referir-se à obra de Ambrosio de Morales, *Las Antigvedades de las Cidades de España, Que van nombradas en la Coronica*, ainda que de modo inexacto, pois não se acha ali a informação que neste passo destaca. Difundidas autonomamente (*Todo lo de las antigvedades de España, y la manera del entenderlas, y averiguarlas, va puesto al cabo en otra obra por si* – lê-se no volume da *Coronica General de España* dado à estampa em 1574), *Las Antigvedades de las Cidades de España* (1575) faziam parte da *Coronica*, conforme o título indica e uma nota paratextual logo na portada sublinha (*Esta obra de las antigvedades, se incluye en las censuras, licencia y privilegio, que va puesto al principio de la Coronica, como alli parece* – 1575, s/f). De resto, no fim da *Coronica*, prometia-se: *Enla obra de las antigvedades de España, que siendo Dios seruido, se ha de imprimir con lo demas desta coronica: se trata muy a la larga de los verdaderos nombres y de los sitios donde antiguamente estuuieron las ciudades y lugares antiguos [...]* (1574, s/f).

Eis aqui quasi cume da cabeça  
 de Europa toda, o Reino Lusitano,  
 onde a Terra se acaba, e o Mar começa,  
 e onde Febo repousa no Oceano.  
 Este quis o Céu justo que floreça  
 nas armas contra o torpe Mauritano,<sup>I</sup>  
 deitando-o de si fora, e lá na ardente  
 África estar quieto o não consente.

Fez de Europa um corpo cuja cabeça é Espanha, e a parte mais alta e eminente desta cabeça (242)// o nosso Reino de Portugal, cujo sítio descreve dizendo que está onde a terra acaba. Criou Deus o Mundo, e as criaturas dele, em seis dias, criando com cada um algũa cousa de novo, mas tanto que criou o homem cessou da obra da criação, porque era já criada a mor perfeição da Natureza. Foi-se a terra estendendo em campos e espaçosas planícias, outras vezes erguendo-se em soberbos montes e alterosos outeiros, mas tanto que viu em si o sítio do Reino de Portugal parou como quem não vinha mais que a<sup>II</sup> plantá-lo, buscando o lugar que o Céu já lhe tinha em cima aparelhado pera o cobrir.

Sobre o sítio do nosso Reino podemos também dizer que se houve a Natureza com ele como um pai que tem muitos filhos por quem reparte seus bens e fazenda, que se acerta de ter um revoltoso, e mau de contentar, dá-lhe o seu quinhão e sorte apartada dos outros pera lhe tirar a ocasião de litígios e desavenças. Assi a Natureza, que é mãe universal, querendo ter seus filhos quietos e contentes com sua sorte, e prevendo a condição orgulhosa dos portugueses, deu-lhe o sítio do seu Reino, o menos acomodado pera contendias que podia ser, pois lhe pôs o cerco do Mar Oceano pera refrear seu orgulho e tirar-lhe a<sup>III</sup> ocasião de contendias e pejejas. Mas eles, fazendo pouco caso das leis naturais, romperam a fúria desse mar, e não só passaram a África vingar as injúrias que dos Mouros tinham em Espanha recebidas, mas ainda fizeram outra cousa mais espantosa, e foi<sup>IV</sup> que vivendo eles per sítio onde a terra acaba e o Mar começa, foram ver onde o mar acaba e a terra tem princípio. (242v)//

Mas, já que nos obrigamos a dar notícia separadamente do corpo de Espanha, desta nossa província, será razão que o façamos neste lugar próprio seu. Temos dito como a Espanha Ulterior continha em si a Bética e Lusitânia. Da outra temos dado conta, desta o faremos agora.

<sup>I</sup> No ms.: «otorpe Mauritano/Mauritano»... Não é certa a leitura da palavra rasurada.

<sup>II</sup> No ms.: «mais q ate/a plantalo»...

<sup>III</sup> No ms.: «as occasiã»... Optou-se por emendar o texto, admitindo muito embora que outra («as ocasiões») poderia ser a solução.

<sup>IV</sup> No ms.: «mais espantosa, \*efoi\* q vivendo elles»...

Chamou-se Lusitânia de Luso, Capitão de Dionísio Baco, como dizem todos os Geógrafos que dela escrevem. Seja verdade ou fábula, pouco vai nisso, nós conservamos esta antiga tradição. Sempre Lusitânia andou separada de Espanha, e em tudo tinha diferença das mais províncias Espanholas<sup>324</sup>. Além do que tem dito o Doutíssimo Resende<sup>325</sup>, e Gaspar Estaço<sup>326</sup>, que com bons fundamentos o tem provado, acrescento ãa autoridade de Plínio no livro 3<sup>l</sup>, cap. 2, o qual querendo provar que os Povos Célticos da Bética vieram da Lusitânia, diz que se conhece isto pelos sacrifícios, e pela linguagem, e nomes dos lugares, muito diferentes dos da Bética. *Celticos à Celtiberis ex Lusitania advenisse manifestum est, sacris, lingua, oppidorum vocabulis quae cognominibus in Baetica distinguuntur*<sup>327</sup>. De

<sup>1</sup> No ms.: «34 cap. 2»...

<sup>324</sup> D. Marcos entra assim, abertamente, na discussão que se vinha travando sobre os limites da Lusitânia. Não se tratava de uma questão ociosa, mas sim de um debate ideologicamente motivado: considerar Portugal como herdeiro da Lusitânia e vê-lo como reino separado, significava, no contexto da Monarquia Dual, mais do que defender uma forte autonomia; significava recusar os argumentos que Filipe, o prudente, apresentara para justificar a união ibérica. Recorde-se: Filipe preferia dizer que as raízes de Portugal eram um feudo – o condado Portucalense –, e que a sua integração na Espanha constituía um retorno à ordem primeva.

<sup>325</sup> André de Resende, nos *Libri Quatuor De Antiquitatibus Lusitaniae*, recorda a discrepância que se observa entre os clássicos (*maxime*, entre Estrabão e Plínio) a respeito da definição da Lusitânia, mostrando preferir a ideia segundo a qual a Lusitânia se estendia do Douro ao Guadiana. Por este prisma, apesar de algumas diferenças, quer a sul quer a norte, quer ainda no recorte oriental, Portugal corresponderia à Lusitânia e teria como matriz, desde os tempos do império romano, uma província distinta das restantes da Península, a Bética e a Tarraconense. Atento a essa destriça, Resende não perde a ocasião de observar que, já numa epígrafe antiga, *Lusitanos separatim ab Hispanis esse positos* (1593, f. 140), isto é, julga «digno de reparo o facto de os Lusitanos estarem separados dos Hispanos.» (1996, p. 170). Muito diferente era o juízo de um autor como Estevan de Garibay, que em *Los XL Libros d'el Compendio Historial* afirmou: *pareceme, que muchos escritores Portugueses y aun algunos Castellanos, que van con ellos, se deurian medir y templar en llamar en sus obras de lengua Latina a los Reyes de Portugal, Reyes de Lusitania, si quiera por no los llamar impropriamente, porque de la Lusitania muchas y muy notables prouincias y las mas ricas y mejores de toda ella, caen en la jurisdicion Real de Castilla, gozando, y poseyendo las los Reyes de Castilla.* (1571, XVIII, XIV, p. 1294).

<sup>326</sup> Gaspar Estaço, nas *Varias Antiguidades de Portugal*, afirma que «André de Resende no terceiro das antiguidades de Lusitânia traz um letreiro de Romanos, que começa Q. ATTIO T.F., no qual se diz, que Quinto Attio filho de Tito foi capitão da cohorte I dos Hespanhóis, e da cohorte I dos Lusitanos. Onde é muito notável, e o advertiu também Resende, que estão nele os Lusitanos separados dos Hespanhóis, como também estão nos autores seguintes.» «Note-se, que os Lusitanos assi como vão aqui separados no nome dos outros Hespanhóis por estes autores, assi o iam também na guerra no lugar, como consta do letreiro acima: de maneira que não se misturavam com eles, mas antes faziam corpo de per si, como quem tinha posta a opinião e reputação na fortaleza do braço próprio. Os quais se mereceram a memória desta separação, e outros grandes louvores, que os Romanos seus adversários lhes dão em suas escrituras, pois eles não tiveram outros cronistas de suas cousas, senão seus próprios inimigos, não degeneraram certo deles os Portugueses seus descendentes, porque assi como foram seus herdeiros da terra, assi o foram também do esforço, e valor, com que deram matéria a muitos autores de nosso tempo pera falarem deles da mesma maneira, e com tanta honra, como os antigos de seus antepassados, que até'gora relatei» (1625, pp. 270-271).

<sup>327</sup> Caius Plinius Secundus, *Naturalis Historia*, III, I, 13.

sorte que estando tão vizinhos com os de Andaluzia tinham diferentes ritos e diferente língua deles, ainda que em tempo dos Romanos obedeciam a um mesmo Pretor. Os verdadeiros limites de Lusitânia eram da boca do Rio Douro toda a costa de Mar que vai cercando até a entrada do Rio Guadiana no mar, onde hoje está a vila de Castro Marinho. Daqui se estendia a Lusitânia pera o norte pela terra dentro, término com Andaluzia, pelo Rio Guadi(243)//ana, e por Castela a Velha por cima de Salamanca, entre ela e Medina del Campo. Assi que na Lusitânia se compreendia toda a Estremadura e Portugal, e algũa parte de Castela a Velha<sup>328</sup>. A Cabeça e principal cidade de Lusitânia era Mérida. *Lusitanorum caput oppidorum*, lhe chama Prudêncio. Além destas terras que por estar juntas constituem a província Lusitana, havia os Povos Interamnenses, dos quais faz menção Plínio, contando os povos estipendiários de Lusitânia<sup>330</sup>. Verdade seja que na pedra que está na ponte de Alcântara feita em tempo de Trajano estão<sup>1</sup> estes povos Interamnenses com título de Municípios, mas não é de espantar, porque os Imperadores Romanos acrescentavam as honras e dinidades às províncias quando as haviam mister<sup>331</sup>. E o mesmo Plínio confessa que Vespasiano Emperador vendo-se oprimido com os trabalhos da República deu a toda Espanha o direito que tinham em Itália os lugares do Lácio antigo. *Universae Hispaniae Vespasianus Imperator Augustus iactatus procellis Reipublica Latii ius tribuit*<sup>332</sup>. Onde estivessem estes Povos Interamnienses não é pouca dúvida, principalmente porque o seu próprio

in *Hymno S. Eulaliae*<sup>329</sup>

Plínio, lib. 4, cap. 22

<sup>1</sup> No ms.: «tempodeTrajano, vem/estaõ estes povos»...

<sup>328</sup> D. Marcos traduz Ambrosio de Morales, que na *Coronica General de España* havia dito: *Por la tierra adentro partia la Lusitania termino con el Andaluzia por el rio Guadiana: y con Castilla la vieja por cima de Salamanca, entre ella y Medina del campo, como el mismo* [Florian de Ocampo] *lo señala. Assi que en la Lusitania se comprehendia toda Estremadura y Portugal, y alguna parte de Castilla la vieja.* (1574, IX, XXXII, f. 294v).

<sup>329</sup> Numa nota marginal, D. Marcos destaca o nome de Santa Eulália, a quem Prudêncio, no *Peristefanon* (obra composta entre o final do século IV e o início do V), especialmente dedica um hino, o III. O verso citado faz parte do *Hymnus IV, in honorem Sanctorum Decem et Octo Martyrum Caesaravgvstanorum* (v. 37), e a especial referência a Santa Eulália dever-se-á ao facto de ser ela a figura evocada na estrofe que assim começa (*Aurelii Prudentii Clementis Carmina*, 1966, p. 287).

<sup>330</sup> Caius Plinius Secundus, *Naturalis Historia*, IV, XXII, 118.

<sup>331</sup> É possível que, além de *La Coronica General de España*, de Ambrosio Morales (1574, IX, XXVIII, fls. 284-285v), D. Marcos tenha tido em conta a *Segvnda Parte, da Monarchia Lusytana* de Fr. Bernardo de Brito (1609), que muito de perto segue o cronista espanhol, falando com demora da ponte de Alcântara («a mais illustre, assi em grandeza, como em perfeição de arquitectura» – V, X, f. 55), para atribuir a ordem da sua construção a Trajano mas sem deixar de notar que «se edificou à custa de muitos povos de Portugal» (f. 55). A somar à inscrição em honra do Imperador, Brito (num decalque de Morales) lembra «quatro grandes tábuas de mármore, duas de cada parte da ponte, em que estavam os nomes das cidades que concorreram no edificio da ponte e contribuíram pera os gastos dela». Se no século XVI faltavam «já três destas pedras», restava uma, com a inscrição de nomes dos «Municipia/Provinciae/Lvsitaniae». Entre estes, figurava o dos «Interamnienses» (f. 56).

<sup>332</sup> *Universae Hispaniae Vespasianus imperator Augustus iactatum procellis rei publicae Latium tribuit.* (Caius Plinius Secundus, *Naturalis Historia*, III, III, 30).

Morales, l. 9,  
c. 22

nome está declarando o seu sítio. Ambrósio de Morales acertou com ele nalgum modo, mas per falta de quem o informasse errou manifestamente dizendo assi: *sin esto tenia la Lusitania entonces otro rincon de tierra que era suia como es agora de Portugal aunque no estava incluida entre los dos Rios Guadiana y Duero, antes mas arriba al oriente entre Duero e Mino y ansi se llama agora tomando el nombre destes Rios, y tambien le llaman la tierra de Tra los montes.*<sup>333</sup> (243v)//

Nas quais palavras se vê quão enganado<sup>1</sup> foi, pois nem Entre Dour-a-Minho é cantinho, pois é ãa província que tem 18 léguas de comprido e doze de largo, nem se chama *Tra los montes*, nem finalmente é a Interamnense, inda que nesta província d' Antre Dour-a-Minho estava. João de Barros na *Geografia d'Antre Dour-a-Minho*<sup>334</sup> diz que a Região ou província Interamnense de Lusitânia era a terra que está entre os Rios Homem e Cávado, Ave e Avizela, a qual opinião eu sigo, porque a tenho por acertada, porque em toda a Lusitânia, desde o Douro até o Guadiana, não há terra que tal nome tivesse, nem podia estar noutra parte senão Antre Dour-a-Minho, e assi Ambrósio de Morales a pôs nesta província, mas cuidou que era pouca cousa, e por isso lhe chamou *rincon de terra*. A Cinânia de Valério Máximo, temos que é a destruída Citânia que está junto a Guimarães, pois não lhe sabemos outro sítio, e a semelhança do nome nos ajuda, pois a antiguidade no-lo deixou com tão pouca corrupção, contra seu costume. Não achar naquele monte onde ela foi fundada, Gaspar Estaço, vestígios de casas, como ele diz<sup>335</sup>, não é muito, porque os de Guimarães se haviam de aproveitar das pedras lavradas pera suas casas, e principalmente pera os mosteiros e paços do Duque de

Este João de Barros não é o que compôs as *Décadas*, mas um Desembargador de Lisboa, mui douto, e curioso, o qual já fora Ouvidor em Braga.

<sup>1</sup> No ms., «engando».

<sup>333</sup> Ambrosio de Morales, *La Coronica General de España*, 1574, IX, XXXII, fl. 294v. D. Marcos grafa *ansi* onde na *Coronica* se lê *assi*; *Tra los montes* em lugar de *tras los montes*.

<sup>334</sup> A preocupação de destrinçar autores que a hominímia levaria a confundir é reveladora da importância atribuída ao cronista João de Barros, famoso pela sua obra e capaz, por isso, de ofuscar o bem menos célebre «Doutor João de Barros», que, se imprimira o *Espelho de Casados* (1540), deixara inédita a *Geografia d'entre Douro e Minho e Tras-os-Montes* (1.<sup>a</sup> ed.: 1919). É a este texto que D. Marcos alude, de forma pouco exacta, porém. Datada de 1548, pelo então escrivão da câmara e oficial do Desembargo da Justiça de D. João III, *Geografia* constituía o trabalho de um humanista aplicado a compendiar informação recolhida quer *de visu* quer de documentação vária, sobre as características e as raízes históricas de Portugal, em particular do Norte, de onde Barros era natural. Aí poderia ler-se: «Tem esta parte dantre Douro e Minho, afora o Douro, outros seis Rios grandes e caudais». Seriam eles o Leça, o Ave, o Cávado, o Neiva, o Lima e o Minho, aos quais se somavam, além de afluentes (Tâmega e Sousa), outros menores, como «o Rio de Ferreira, Auizella, Homem, Este, Varzia, Ouelha, Corrego, Pinhão, Tua» (*Colecção de Manuscritos Inéditos* [...] *Geographia d'entre Douro e Minho e Tras-os-Montes pelo Doutor João de Barros*, 1919, p. 28).

<sup>335</sup> Gaspar Estaço, nas *Varias Antiguidades de Portugal*, escreveu: «Vindo eu de Braga pera Guimarães me diverti por ir ver o outeiro a que chamam Citânia, o qual está junto do rio Ave daquela banda de Braga, e andei por cima dele com trabalho, por ser todo semeado de pedras nativas, e de outras soltas, e não achei nele vestígio algum de rua, nem os penedos ali nascidos o permitem: algũas casas houve de parede de pedra solta sem cal, e rude, que parece foram de Mours lavradores, ou palheiros, mas não há ãa só pedra lavrada, nem fonte, nem capacidade de sítio, que havia de ter ãa cidade que desprezava um exército de Romanos [...]» (1625, pp. 66-67).

Bargança, e assi só ficaram pedras cantos inúteis pera suas obras, e essas viu Gaspar Estaço quando lá foi. Nem aquilo como ele diz podiam ser casais de Mouros, porque nesta província (como temos dito) não estiveram Mouros de morada, e alguns que estavam era em castelos donde saíam a roubar, e não em casais com tanta segurança. (244)// E aquela notável estrada que do Rio vem pera onde a Cidade estava<sup>I</sup> não vinha pera casais senão pera ùa povoação mui<sup>II</sup> grande. Dera eu muito e tivera hoje vivo ao Cónego Gaspar Estaço pera lhe dar conta deste meu pensamento, que eu me obrigo que se dera ele por satisfeito e fora de meu parecer, que se dera neste segredo de estar neste lugar a Interamnense Lusitana tudo o demais ficava claríssimo. Senão veja-se como tudo quadra com ser isto terra de Lusitânia. O texto de Valério Máximo<sup>337</sup>, que Resende<sup>338</sup> viu devagar, diz, que toda Lusitânia se rendeu a Décio Bruto, senão Cinânia<sup>339</sup>; no que mostra bem ser<sup>III</sup> cabeça de província per<sup>IV</sup> si, porque mal pudera resistir ùa Cidade só no meio das outras rendidas, mas Cinânia como estava separada das outras não quis seguir o conselho delas. Como vimos em nossos dias, na entrada del Rei Felipe o prudente

E pera fabricar seus muros, claro está que haviam de ir buscar as pedras lavradas que tinham tão perto.

Os Montes Hermínios, conforme a opinião comum, são os montes do Jarez. Estes mesmos montes Hermínios diz Murales que estão na província Interamnense<sup>336</sup>, e assi é, porque os montes ou serras do Jarez estão contínuos com Guimarães e mais terras que nomeamos. Nem o Douro em todas as partes era verdadeiramente baliza de Lusitânia, porque Salamanca na Lusitânia ficava, e mais e mais estava da outra parte do Douro, assi como estava a Interamnense.

<sup>I</sup> No ms.: «estava q̄ não vinha»...

<sup>II</sup> No ms.: «povoação taõ/mui grande»...

<sup>III</sup> No ms.: «ser ~~povo~~a cabeça»... A leitura da palavra rasurada deixa dúvidas.

<sup>IV</sup> No ms., parece primeiro ter sido escrito «pe si» ; um aditamento em entrelinha sugere a leitura «per si».

<sup>336</sup> Ambrosio de Morales confundia *la tierra de tras los montes com entre Duero y Miño*, dizendo a respeito desta região: *Alli estauan las montañas llamadas Hermínias (La Coronica General de España, 1574, IX, XXXII, fl. 294v)*. Diversamente do que afirma D. Marcos, porém, não existiria uma «opinião comum» sobre os montes Hermínios. André de Resende fala de dois montes Hermínios, Marvão e Estrela (*As Antiguidades da Lusitânia*, 1996, pp. 101-106); frei Bernardo de Brito, na *Geographia Antiga de Lusytania*, segue-o, salientando «o monte Hermínio Menor, a quem os moradores da serra da Estrela (que é o verdadeiro Hermínio) deram este nome» (1597, f. 2v); Duarte Nunes de Leão julgou que se tratava da serra da Estrela, «que antigamente se chamava monte Hermínio» (*Descrição do Reino de Portugal*, 1610, f. 13).

<sup>337</sup> A propósito de ditos e acções cheios de gravidade, Valério Máximo (séc. I d.C.) lembra, nos *Factorum et Dictorum Memorabilium*, a resposta, que reputa admirável (*melius sine dubio istud nostri sanguinis homines dixissent quam audissent*), dada pelo povo de Cinginnia ao conquistador romano que apelava à sua rendição: Décimo Bruto havia subjugado quase toda a Lusitânia; só as gentes de Cinginnia recusavam entregar-se, alegando que dos antepassados haviam recebido armas para protegerem a sua cidade, e não ouro com que pagassem a um chefe cúpido a sua liberdade (*nam cum ei se tota paene Lusitania dedidisset ac sola gentis eius urbs Cinginnia pertinaciter arma retineret, temptata redemptione propemodum uno ore legatis Bruti respondit ferrum sibi a maioribus quo urbem tuerentur, non aurum quo libertatem ab imperatore avaro emerent, relictum*. (VI, 4, ext.1).

<sup>338</sup> Escreve André de Resende: *Brutus igitur hic Lusitaniam vsque ad Oceanum perdomuit. Quanquam ut Valerius Maximus libro sexto, capite quarto ait, paene tota se ei sponte dederat, praeter Cinaniam urbem, quae pertinaciter arma retinebat, uti sin superioribus diximus, quum qualis nam gens Lusitani fuissent, disseruimus*. (*Libri Quatuor De Antiquitatibus Lusitaniae*, 1593, l. III, f. 117).

<sup>339</sup> D. Marcos parafraseia o texto de Gaspar Estaço: «O doutor Resende notou melhor o texto de Valério, porque diz nas suas Antiguidades de Lusitânia que esta provincia Lusitânia quasi toda se deu a Bruto, tirando a cidade Cinnania.» (*Varias Antiguidades de Portugal*, 1625, p. 66).

neste Reino, que todo se lhe sujeitou tanto que viram Lisboa rendida, mas a Ilha Terceira não esteve pelo que Lisboa e as mais Cidades tinham feito, mas com muito valor e lealdade portuguesa resistiu<sup>340</sup>, o que não pudera fazer se estivera entre as outras terras de Portugal. Mais, notou Resende (e advirte Gaspar Estaço<sup>1</sup>) que diz o texto de Valério Máximo que tanto que Décio Bruto ouviu esta reposta cometeu os Bracarenses<sup>341</sup>, e nisto se mostra a pouca distância que havia de ãa terra a outra, como vemos que há entre Braga e Citânia. Podemos mais dizer, que se esta província Interamnense não estava neste lugar onde agora está Guimarães, devalde lhe chamáramos lusi(244v)//tano ao Papa São Dâmaso<sup>342</sup>, como muitos autores lhe chamam, antes lhe chamáramos Galego (que fora boa injúria a tal santo), pois afirmamos que todo Entre Dour-a-Minho pertencia a Galiza.

Sílio Itálico, poeta espanhol, escrevendo os povos que Aníbal de Espanha solicitou<sup>II</sup> pera a guerra contra os Romanos<sup>III</sup>, contando os de Antre Dour-a-Minho e de Braga, diz: *Hos Viriatus agit Lusitanumque remotum*<sup>343</sup>. A estes governava Viriato (não o lusitano da Beira mas outro mais antigo<sup>344</sup>), e com eles ao Lusita-

---

<sup>1</sup> No ms.: «q̄ dis loḡo otexo»...

<sup>II</sup> No ms.: «soli\*ci\*tou»...

<sup>III</sup> No ms.: «aguerra \*contraos Romanos\* contando»...

---

<sup>340</sup> Em 1580, a Ilha Terceira recusou entregar-se ao poder dos Áustrias. Fiel a D. António, prior do Crato, resistiu a vários ataques filipinos até Julho de 1583, capitulando então, após o triunfo obtido por uma armada de que foi comandante o marquês de Santa Cruz.

<sup>341</sup> *Adortus etiam Bracaros Callaeciae gentem Callaicorum, qui Lusitanis auxilio venerāt, sexaginta milia bello asperrimo, atque difficili, quamvis incautos circumuenisset, oppressit, in eo praelio, inquit Orosius libro quinto, capite quinto, quinquaginta milia occisa, sex milia capta referuntur, pauci fuga euasere (Libri Quatuor De Antiquitatibus Lusitaniae, 1593, f. 117).*

<sup>342</sup> Duarte Nunes de Leão, no capítulo XXXVII da *Descrição do Reino de Portugal* («Dos santos que houve em Portugal que nasceram no mesmo reino»), afirma que S. Dâmaso foi «Papa português natural de Guimarães, vila principal de Entre Douro e Minho, e segundo alguns da cidade de Idanha em Alentejo» (1610, f. 70v). D. Marcos, porém, segue especialmente Gaspar Estaço, que no cap. 38 das *Varias Antiguidades de Portugal* manifesta escândalo perante a atitude dos «escritores castelhanos»: «Contentem-se os escritores Castelhanos com nos trazerem lá São Dâmaso natural de Guimarães, que eles fazem de Madrid, e São Vicente, e suas irmãs naturais de Évora, que eles fazem de Talavera de la Reina, e o corpo de São Vicente Aragonês, que eles tiram a Portugal polo dar a França, além d'outras injustiças, que nos fazem nesta matéria, tudo polos nossos não escreverem. Tão pesada lhes foi sempre a pena, ainda pera defender o que possuem. Ou porventura acham fria esta palavra, nosso, pera não usar dela, da qual os Castelhanos fazem muito caso, segundo vejo que a frequentam conservando o seu, e tirando polo alheio: e nós ficamos os frios, de ver, que nos despojam de nossas cousas à vista de nossos olhos.» (1625, p. 147).

<sup>343</sup> Sílio Itálico, autor do século I d.C., tomou como modelo a *Eneida* de Virgílio, ao escrever *Punica*. D. Marcos cita o verso 354 do livro III.

<sup>344</sup> Ao citar fragmentos de *Punica* (entre eles, o verso que D. Marcos aqui recorda), André de Resende apressa-se a explicar: «E para que ninguém fique perturbado pela narrativa de Sílio sobre Viriato, advirta-se que este foi um Viriato, mas que houve um outro, o grande e célebre, e que foi ele, que com os Lusitanos combateu durante anos contra os Romanos. Com efeito, este é apresentado pelo poeta, como régulo, aqueloutro, conforme contam todos os que escreveram a seu respeito, foi um ladrão, primeiramente pastor e caçador, e depois chefe de exército. O primeiro foi abatido pelo cônsul Paulo na batalha de Canas, o outro morreu devido ao ardil e traição de Servílio Cépio.

no remoto, que quer dizer apartado, por quem entendemos aos Lusitanos Interamnenses de quem tratamos, que eram tais que se podia deles fazer particular menção.

E se me disserem que conforme esta demarcação minha também a Cidade de Braga era de Lusitânia, dir-lhe-ei que si, era, e se me instarem que como era de Lusitânia, pois ao seu Convento e Chancelaria acudiam os povos de Galiza, e toda sua jurisdição era nesta província, digo<sup>1</sup> que também Veneza per razão do sítio é de Itália, e em Itália está, e todavia o seu Império todo está em Grécia. E assi Braga inda que estivesse nos limites da Lusitânia, como era Colónia, e convento, chamava-se de Galiza, porque nesta província tinha sua jurisdição, e não pertencia a Lusitânia, que também o Condado de Borgonha está em França, e mais não pertence à coroa de França e sempre andou fora da jurisdição dos Reis Franceses. E por isso os martirologios antigos e modernos quando falam em Braga dizem *Bracharae in Lusitania*, e nunca li que dissessem *Bracarae in Galacia*. (245)//

Que os Bracarenses não fossem Galegos, prova-se de Plínio (autor a quem mais sigo, porque viu com seus olhos o que escreveu). Este descrevendo o sítio ou o curso do Rio Douro diz que divide os Lusitanos dos Galegos, e que aí também divide os Túrdulos dos Bracarenses<sup>345</sup>. E noutro lugar contando os povos que acudiam ao Convento Bracarense, diz que além dos Bracarenses (cujo termo chegava até o Douro) havia os Vibalos<sup>346</sup>, Celerinos, e Galegos, e outros<sup>347</sup>. De sorte que os Bracarenses nem eram Lusitanos nem Galegos. Não eram Galegos por razão do sítio, nem Lusitanos por razão da jurisdição, que noutra parte tinham.

Toda a Lusitânia se dividia em 45 lugares, dos quais cinco eram Colónias, s. *Emerita Augusta*, que é Mérida. *Colonia Metalinensis*, que é Medelim. *Pacensis*, que é Beja. *Norba Caesarea*, que alguns querem que seja Alcântara, mas Morales diz que não<sup>348</sup>. *Scalabis* ou *Praesidium Julium*, Santarém. Havia um só Município, que é a Cidade de Lisboa, chamada *Felicitas Julia*. Havia mais três lugares que gozavam os privilégios do Lácio antigo, que eram: Évora, chamada *Julia Liberalitas*, e *Myrtilis*, que é Mértola, e *Salacia*, Alcácer do Sal. Os demais lugares eram

l. 4, c. 20

l. 3, c. 3

<sup>1</sup> No ms., esta palavra foi objecto de uma emenda, e o «o» final surge em entrelinha. A primeira forma é, porém, ilegível.

Por outro lado, entre a morte de um e o início das guerras do segundo decorreram cerca de 70 anos, ou seja, desde 540 a contar da fundação de Roma até ao ano 607» (*As Antiguidades da Lusitânia*, 1996, p. 141).

<sup>345</sup> *Durius amnis ex maximis Hispaniae, ortus in Pelendonibus et iuxta Numantiam lapsus, dein per Arevacos Vaccaeosque disternit ab Asturia Vettonibus, a Lusitania Gallaecis, ibi quoque Turdulos a Bracararum arcens.* (*Naturalis Historia*, IV, XX, 112).

<sup>346</sup> O nome seria «bibalos». D. Marcos grafa «vibalos», provavelmente por hipercorreção.

<sup>347</sup> Plínio afirma que as cidades de Bracara têm 285 000 habitantes, e indica, sem esgotar o rol, os nomes de algumas dessas comunidades: *ex quibus praeter ipsos Bracaros Biballi, Coelerni, Callaeci, Equeasi, Limici, Querquerini* [...]. (*Naturalis Historia*, III, III, 28).

<sup>348</sup> *Norba Caesarea que no es Alcántara como algunos han dicho, ni yo sabre dezir con certidumbre donde era.* (Ambrosio de Morales, *La Coronica General de España*, 1574, IX, XXXII, f. 294v).

estipendiários<sup>349</sup>, inda que alguns deles em tempo de Trajano já tinham outro foro. Todos estes 45 povos se repartiam em três Conventos, ou chancelarias, a que acudiam, s. Mérida, Beja, Santarém.<sup>350</sup> (245v)//

Descrevemos Lusitânia conforme a demarcação antiga, a qual hoje está mui mudada, porque o Reino de Portugal possui a mor parte dela, e outra parte se conta no Reino de Castela, ficando-nos a nós em lugar desta a terra d' Antre Dour-a-Minho, e parte ainda de Trá-los-montes, que eram de Galiza, mas como nós possuímos o marítimo de Lusitânia tudo, e as terras mais nobres e excelentes, com justo título nos chamamos Lusitanos, cujo Reino está hoje dividido em cinco províncias. A primeira (não tratando do Reino do Algarve) é Alentejo, cuja cabeça é a Cidade de Évora, assento antigamente de Sertório, chamada *Julia Liberalitas*. A segunda província é a Estremadura, cuja cabeça é Lisboa, que o é também de todo o Portugal, assento, quando Deus queria, dos Reis de Portugal. Seus limites são o Tejo, o Mondego e o Mar. A terceira é a Beira, cuja cabeça é a nobilíssima Cidade de Coimbra, Corte dos primeiros Reis de Portugal, a quem<sup>1</sup> as províncias que temos nomeadas devem muito porque foram resgatadas das mãos dos Mouros pelo valor de seus naturais, e porque dela saíram as primeiras faíscas que acenderam o lume das Ciências neste Reino. A quarta província é Antre Dour-a-Minho, cuja cabeça é a Cidade do Porto, de quem o Reino tomou o nome, seus términos são pelo Ocidente o Mar, pelo Nacente parte com Trá-los-Montes, pela parte de Canavezes linha direita por baxo da serra do Marão até as fontes do Lima, e torna a continuar pelas montanhas de Soajo, deixando Galiza ao Oriente até vir parar no Minho, onde chamam Cristóval, e dali vai pelo Rio abaxo, vendo da outra parte que (246)// lhe é Setentrional o Reino de Galiza, se vai rematar na vila de Caminha, onde esta província e o Reino se termina. Nesta província *i.* no Coração dela está a Cidade de Braga, mais célebre per fama que per nome, inda que no Espiritual conserva sua antiga Primazia, que tem entre todas as Igrejas de Espanha. A província de Trá-los-Montes é a quinta e última do Reino de Portugal. Chamamos assi àquela terra que fica entre o Tâmega e Douro ao Oriente, cujos termos são estes dous Rios e o Monte Marão, e por outras partes Galiza e Castela. Cabeça desta província é a Cidade de Miranda do Douro, a ela pertencem as vilas de Chaves e Vila Real, e a Cidade de Bargarça, inda que esta, por ser de Senhor não tem Bispo. Da nobreza, fertilidade e excelências de cada ãa destas Províncias pudéramos fazer um grande tratado, mas a brevidade de nosso instituto não sofre mais, antes temos lugar de pedir perdão por passar os limites

Os termos d'Além Tejo são o Algarve, Castela, o mar e o Tejo.

Os termos da Beira são: o Rio Mondego, o Douro, e o mar, com Castela.

<sup>1</sup> No ms.: «aquê ~~todas~~ as provincias»...

<sup>349</sup> D. Marcos segue Ambrosio Morales, repetindo a informação exposta em *La Coronica General de España* (1574, IX, XXXII, fls. 294v-295). Com esta fonte, logo enlaça, porém, uma outra: *Libri Quatuor De Antiquitatibus Lusitaniae*, de André de Resende.

<sup>350</sup> Em André de Resende: «Toda a Província está dividida em três conventos: o Emeritense, o Pacense e o Escalabitano, com um total de 45 povoações, das quais cinco são colónias» (*As Antiguidades da Lusitânia*, 1996, p. 106).

de comentador. Mas se, como diz S. Ambrósio, erros de mãe pera com seus filhos são dignos de perdão, também os que os filhos cometem nas cousas que tocam a honra das mães serão perdoados.<sup>351</sup>

21

Esta é a ditosa pátria minha amada,  
à qual se o Céu me dá que eu sem perigo  
torne com esta empresa já acabada,  
acabe-se esta luz ali comigo.  
Esta foi Lusitânia, derivada  
de Luso, ou Lysa, que de Baco antigo (246v)//  
filhos foram parece, ou companheiros,  
e nela então<sup>352</sup> os Íncolas primeiros.

Pátria é a Cidade ou lugar onde nacemos, falando propriamente. Porém também se toma pela província toda, inda que com menos propriedade<sup>353</sup>. Como aqui Vasco da Gama chama a todo Portugal pátria sua, como também Hércules dizia que não era Argivo nem Tebano senão Cidadão de Grécia, como Plutarco diz, e ajunta mais, que melhor dizia Sócrates, o qual perguntado donde era, respondera: *Civis sum Mundanus*<sup>354</sup>. Hérocles<sup>355</sup>, num sermão a que pôs por título *Quales in patria esse debeamus*, diz que este nome pátria é derivado de *Pater*, nome masculino, e que é feminino na pronunção<sup>I</sup>, porque significa pai e mãe, e assi deve ser amada como se pai e mãe estivera só num sujeito e num indivíduo. Diz aqui Vasco da Gama que não quer outro prêmio nem galardão depois desta sua peregrinação mais que chegar a ver esta pátria sua tão querida. O mesmo dizia Ulisses, o qual estando tão regalado na Ilha Ogígia<sup>II</sup> da Ninfa Calipso

Plut. *De Exilio*

Hérocles

<sup>I</sup> No ms.: «Pater. \*nome masculino\* e qhe feminino #napronunção#...

<sup>II</sup> No ms.: «na Ilha *Itæa/Ogigia* da Ninfa»...

<sup>351</sup> A frase – *Tolerat enim irreverentiam filiorum, quæ amore vincitur generationis* – faz parte do *Sermo De Lectione Evangelica* [...] *In Purificatione S. Mariæ*, do abade S. Ambrosius Autpertus (*Octavi Sæculi Ecclesiastici Scriptores* [...]. *Patrologiæ Latine Tomus 89*, 1978, col. 1297).

<sup>352</sup> Na edição de 1572, bem como nas de 1584, 1597, 1609, 1612: «então». Nas edições de 1591, 1613, 1626, 1631, 1633: «então».

<sup>353</sup> D. Marcos segue a *Polyanthea Nova*, sob o título *Patria: Est urbs seu oppidum, unde orti sive oriundi sumus, dicta, quod communis omnium parens sit. Aliquando è provincia ipsa, ex qua orti sumus, patria dicitur, sed tamen improprie* [...] (1607, p. 858).

<sup>354</sup> Tradução de um passo de Plutarco (*Plutarch. in lib. de Exilio*) reproduzido na *Polyanthea Nova*, sob o título *Patria: Hinc recte interrogatus Hercules, Argivus an Thebanus? haud unam curol/ lactare, Graecia omnis est mihi patria*. (1607, p. 858). Trecho idêntico surge sob o título *Exilium*, que igualmente contém, na extensa citação de um diálogo de Petrarca, a célebre resposta de Sócrates: *mundanus inquit sum*. (p. 402).

<sup>355</sup> D. Marcos segue a *Polyanthea Nova*, sob o título *Patria*, sintetizando um passo que ali vem reproduzido como parte do discurso *Quales in patriam esse debeamus* (1607, p. 859).

e<sup>1</sup> na corte del Rei Alcino, todavia sempre suspirava pola sua Ítaca, e dezia que já se consolara se vira o fumo da sua terra<sup>356</sup>. Ovídio, l. 1.º *de Ponto*, Eleg. 4:

*Non dubia est Ithaci prudentia sed  
tamen optabat  
Fumum de patriis posse videre focis.*<sup>357</sup>

Eurip. in  
*Polynice*

Eurípedes, poeta grego, dezia que não era outra cousa estar absente da pátria que padecer um mal grandíssimo<sup>358</sup>. Nesta prática de Vasco da Gama com El Rei de Melinde, imita (como dissemos) o nosso Camões a que Eneas e os Troianos tiveram com Dido Rainha de Cartago, porém como os (247)// Troianos não tinham pátria por quem suspirar, inda que tinham sempre rezão de chorar por ela, não acho lugar em Virgílio que o nosso poeta imitasse, senão quando Ilioneu falando com Dido disse, que se os Deuses lhe tinham ainda o seu Eneas vivo, que não haviam medo de nada. Isto disse Ilioneu com o mesmo sentimento suspirando pelo seu Capitão absente, como Vasco da Gama aqui se mostra saudoso de sua pátria.

texto

Acabe-se esta luz ali comigo.

É esta sentença mui usada daqueles que desejam alcançar ãa cousa grande e dificultosa, e principalmente dos que desejam ver o que muito amam, os quais antes de chegar a vê-lo dizem o que dezia Jacob quando lhe deram novas do seu amado José: *Joseph filius meus vivit sufficit ect. vadam et videbo illum antequam moriar*<sup>359</sup>. Como se dissera: não quero mais vida pois que alcancei o maior bem que nela podia haver. Disseram os Astrólogos a Agripina Mãe de Nero, que seu filho seria Emperador, mas que sendo-o a havia de matar. Ela respondeu: «Veja eu meu filho Emperador, e morra». Mas eu digo que estes que pedem a morte sempre falam de futuro, e só aquele a pedia de presente que dezia *nunc dimittis*

---

<sup>1</sup> No ms., uma emenda transforma o que terá sido uma primeira redacção: «Em acorte» passa a ser «E nacorte».

---

<sup>356</sup> Tudo, neste contexto, indica que D. Marcos lembra Homero a partir de um fragmento da *Odisseia* citado na *Polyanthea Nova*, sob o título *Patria: Caterum Vlysses/Cupidus vel fumum exeuntem videre/Patriæ suæ, sic mori optat.* (1607, p. 859).

<sup>357</sup> Estes versos são citados, com a mesma indicação, sob o título *Patria*, na *Polyanthea Nova* (1607, p. 858). D. Marcos escreve *optabat* onde no florilégio se lê *optat*.

<sup>358</sup> Sob o título *Patria*, D. Marcos acharia na *Polyanthea Nova* vários exemplos de obras de Eurípedes onde esta ideia é enfatizada (1607, pp. 858 e 859). Do mesmo modo, sob o título *Exilium*, encontraria, atribuídos a Eurípedes (*Eurip. in Med.*), estes versos: *Multa attrahit exilium mala secum; Laborum non aliud supra/Quam terra patria privari.* (p. 401).

<sup>359</sup> Genesis, 45, 28. D. Marcos (citando de cor?) altera um pouco um texto, que na Vulgata diz *et ait sufficit mihi si adhuc Ioseph filius meus vivit vadam et videbo illum antequam moriar.*

*servum tuum Domine*<sup>360</sup>. Este disse: «Agora Senhor». Mas os outros dizem: «então, morra eu logo». O sentido destas palavras<sup>1</sup> de Camões neste lugar é que era tão grande o desejo que Vasco da Gama tinha de tornar diante de seu Rei com novas certas desta jornada, que inda que soubesse de certo que logo depois disso morreria, não lhe punha medo a morte, contanto que efetuasse primeiro o que desejava. (247v)//

Esta foi Lusitânia derivada  
de Luso ou Lysa *ect.*

Já dissemos como todos os Geógrafos que tratam de Lusitânia derivam este nome de Lisa, ou Luso, não quer dizer o poeta que o mesmo homem fosse de uns chamado Luso, e de outros Lisa, senão que destes dous companheiros de Baco um deles deu o nome a nossa Lusitânia, fosse Luso, ou fosse Lysa.<sup>361</sup>

Os Íncolas primeiros.

Despejado o Mundo de seus primeiros habitantes, pelo dilúvio, os que da arca saíram com a segunda bênção de multiplicação e crescimento, começaram de novo a povoá-lo, e aqueles que acertavam de chegar a ãa terra despejada e nela assentavam sua vivenda chamavam-se os Íncolas primeiros, *i.* primeiros moradores ou povoadores. Estes na nossa Lusitânia foram Luso, ou Lisa, com outros companheiros que consigo traziam, mas Luso foi o Capitão, e principal entre todos.

22

Desta o pastor nasceu, que no seu nome  
se vê que de homem forte os feitos teve,  
cuja fama ninguém virá que dome,  
pois a grande de Roma não se atreve.  
Esta, o velho que os filhos próprios come,  
por decreto do Céu ligeiro, e leve,  
veo a fazer no mundo tanta parte  
criando-a Reino ilustre; e foi desta arte.

---

<sup>1</sup> No ms.: «destapalavras». Corrigimos o lapso, optando pelo plural, que o contexto justifica.

---

<sup>360</sup> Secundum Lucam, 2, 29. São as palavras iniciais do trecho que ficou conhecido como «Cântico de Simeão», o justo que havia recebido do Espírito Santo a promessa de que não morreria sem ver o Salvador, e que, ao ter nos seus braços Jesus menino, trazido ao Templo, declara: «Agora, Senhor, despedes em paz o teu servo».

<sup>361</sup> D. Marcos rebate discretamente a opinião expressa nos *Libri Quatuor De Antiquitatibus Lvsitaniae*. Aí, embora admitisse que o texto de Plínio dava azo a dúvidas, André de Resende havia argumentado que «seria mais natural que a província receb[esse] o nome de uma só pessoa do que de duas» (*As Antiguidades da Lusitânia*, p. 72).

Justin. lib.  
ultimo

«Desta o Pastor nasceu». Este pastor é Viriato, e com muita razão começa por ele, porque na verdade (248)// foi honra da Pátria. Justino no seu último livro<sup>362</sup> diz que em tantas centenas de anos não tiveram os Espanhóis Capitão insigne senão Viriato, cujo nome (como Camões advirte) não carece de mistério, porque Viriato da virtude e esforço foi derivado. *Conveniunt rebus nomina quaeque suis*, disse o poeta<sup>363</sup>, e o nome caiu a este Capitão ao próprio, porque seus feitos, e obras varonis, quando o ele tal não tivera lho puderam dar. A vida deste Capitão contamos no 8.º Canto como em lugar mais próprio seu. O que o nosso poeta aqui quer dizer é que ninguém poderá no mundo escurecer a fama de Viriato, pois que os Romanos, Senhores dele<sup>1</sup>, não puderam.

texto

Esta, o velho que os filhos próprios come.

Claud. De  
laudib. Stilic. 2

Diz agora que o tempo veio a fazer a Lusitânia no Mundo célebre e nomeada. Chama ao tempo velho que come seus próprios filhos, porque o tempo consome os dias, e os anos que são partes suas. Velho pintavam os antigos ao Tempo, porque ele tudo faz envelhecer<sup>364</sup>. Claudiano, descrevendo a morada do Tempo, diz que um velho venerável despendia as dádivas do tempo, dando a cada um o que lhe convinha, considerando o curso das estrelas:

*Vestibuli custos vultu longëva decoro  
Ante fores Natura sedet cunctisque volantes  
Dependent membris animae Mansura verendus  
Scribit iura senex numerosque dividit astris  
Et cursus stabilesque moras, quibus omnia vivunt  
Ac pereunt fixis cum legibus ille recenset ect.*<sup>365</sup>

<sup>1</sup> No ms.: «Senhores do Mundo/delle não»...

<sup>362</sup> M. Iuviani Iustini *Epitoma Historiarum Philippicarum Pompei Trogi*, XLIV, II, 7: *In tanta saeculorum serie nullus illis dux magnus praeter Viriatum fuit, qui annis decem Romanos varia victoria fatigavit; adeo feris propiora quam hominibus ingenia gerunt.* (1972, p. 298).

<sup>363</sup> Inspirada porventura pelo aforismo latino segundo o qual *nomen omen* (um nome é um presságio) ou pela sentença de Justiniano (*consequentia nomina rebus esse* – *Institutiones*, II, 7, 3), aplicada, sob a forma *nomina sunt consequentia rerum*, por Dante na *Vita Nova*, a fórmula reproduzida por D. Marcos tem origem numa obra medieval – uma comédia latina em dísticos elegíacos – da autoria de Riccardo da Venosa, *De Paulino et Polla liber* (v. 412: *Conveniunt rebus nomina saepe suis* – 1903, p. 109). Na *Polyanthea Nova*, sob o título *Nomen*, uma sentença atribuída a Platão (*de Sap.*) diz também: *Nomina cum re consentiant* (1607, p. 802).

<sup>364</sup> Como habitualmente, D. Marcos não relaciona o texto épico com obras líricas onde as mesmas questões são tratadas, deixando de lembrar, por exemplo, versos da égloga «Ao longo do sereno», onde a respeito do Tempo, que voa «apressado», a personagem de Agrário diz: «Assi que se nos cevas com prazeres,/é para nos comeres no melhor.» Sobre a representação iconográfica do Tempo (não raro confundido com Saturno, o deus que devorou os próprios filhos), v. Erwin Panofsky, «El Padre Tiempo», *Estudios de Iconología*, Madrid, Alianza, 1985, pp. 93-137 (1.ª ed.: *Studies in Iconology*, 1962).

<sup>365</sup> Claudius Claudianus, *De Consulatu Stilichonis Liber Secundus*, vv. 431-436. D. Marcos repete (apenas com uma alteração: grafa *numerosque dividit* em lugar de *numeros qui dividit*) os

Este velho disseram os antigos que era Saturno, a quem (248v)// pintavam com ãa fouce na mão, porque o tempo acaba e sega tudo. Pierio Valeriano: *Falces attributam<sup>I</sup> Saturno cui tempora subijciuntur ad significandum tempus nonnulli volunt quod tempus omnia metit execatque et aufert.*<sup>366</sup>

Pier. Val. lib.  
16, pag. 136

Por decreto do Céu ligeiro.

Aristóteles difinindo o tempo diz assi: *Tempus est numerus motus secundum prius ac posterius*<sup>367</sup>. Tempo é número do movimento do primeiro móbil, que tem por diferenças primeiro e seguinte<sup>368</sup>. E de todas as difinições do tempo, esta está julgada por melhor e mais conveniente, e conforme ela, se entende aquilo de Claudiano nos versos<sup>II</sup> acima alegados: *Numerosque dividit astris*, que quer dizer que o tempo se numera, e divide, pelo movimento das estrelas, onde por astros se entende o Céu, porque nem<sup>III</sup> o curso das estrelas nem inda do Sol faz o tempo. E assi diz S. Agostinho que quando Josué fez parar o Sol, *Sol stabat sed tempus ibat*<sup>369</sup>. Mas só o curso da suprema Esfera é o por quem se numera o tempo. E ainda diz S. Tomás que se Deus acima da primeira Esfera criara<sup>IV</sup> outro orbe que cercasse os outros, do curso deste se denumerava o tempo e suas partes<sup>370</sup>. E assi

*Cursus Conimb.*  
in *Physi.* lib. 4,  
c. 14, q. 1, ar. 2

S. P. Aug.  
S. Tho. 1 p., q.  
66, art. 4

<sup>I</sup> No ms., um borrão cobre parte da palavra. Em entrelinha, foi repetida a letra «u».

<sup>II</sup> No ms.: «nos versos ~~por~~ acimaalegados.»

<sup>III</sup> No ms.: «#nẽ# o curso»...

<sup>IV</sup> No ms.: «se Deos acimadaprimeira Esphera criaraDeos outro orbe»...

versos de Claudiano citados na *Polyanthea Nova*, sob o título *Tempus*. No entanto, além desta fonte, é provável que recordasse outra, pois a indicação sobre a origem do trecho citado (*De laudib. Stilc.*) é mais completa do que aquela que o florilégio de Lange fornece: *Claud. 2 Stil.* (1607, p. 1124).

<sup>366</sup> Este hieróglifo de Valeriano vem reproduzido, entre outros, na *Polyanthea Nova*, sob o título *Tempus* (1607, p. 1127). D. Marcos parece ter tido dificuldade em ler os números que fazem parte da indicação de origem do texto, confundindo o «5» com um «1». Em lugar de *lib 56. pag. 536*, escreve «lib. 16 pag. 136». Na edição dos *Hieroglyphica*, o texto em causa – *Tempus* – acha-se no livro 56, cap. IX (1614, p. 694).

<sup>367</sup> A definição figura na *Polyanthea Nova*, sob o título *Tempus: Est autem tempus numerus motus, secundum prius & posterius, Aristot. lib. 4. Physicorum* (1607, p. 1123 – por erro, numerada 1023). Esta mesma sentença é valorizada nos *Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesv. In octo libros Physicorum Aristotelis Stagiritæ* (1592, l. IV, cap. XIV, quaestio I, art. II, pp. 540-543).

<sup>368</sup> Também este passo é decerto oriundo da *Polyanthea Nova*, onde surge na imediata sequência da definição aristotélica. *Tempus est in primo motu coeli, & sicut in subjecto & primo mensurato. Secundum B. Thom. I part. q. 10. art. 6* (1607, p. 1123 – por erro, numerada 1023).

<sup>369</sup> Santo Agostinho, *Confissões*, l. XI, XXIII, 30 («o sol estava parado, mas o tempo ia avançando» – 2004, pp. 584-587). O comentário refere-se ao passo bíblico de Iosue, 10, 12-13.

<sup>370</sup> *Igitur Aristoteles tempus priori duntaxat modo sumptum definiijt, quòd illud præstantissimum sit, & in tota univrsitate naturæ maximè notum. Commonefacit autem D. Thomas I. p. q. 66. art. 4 si alius orbis cælestis à Deo fieret, qui cæteros suo complexu cohiberet, suoque motu circumuolueret, futurum vt in eius conuersione ponendum esset illud temporis indiuiduum, quod Aristotelica definitione explicatum est: id enim tunc omnium prima mensura foret.* (*Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesv. In octo libros Physicorum Aristotelis Stagiritæ* – 1592, l. IV, cap. XIV, quaestio I, art. II, p. 542).

se entende este verso de Camões que diz que o Céu ligeiro, por quem entende o primeiro móbil, trouxe o tempo decretado da divina Providência em que Lusitânia se fizesse Reino ilustre.

23

Um Rei, por nome Afonso, foi na Espanha,  
que fez aos Sarracenos tanta guerra  
que por armas sanguinas, força e manha  
a muitos fez perder a vida e a terra. (249)//  
Voando deste Rei a fama estranha  
do Herculano Calpe à Cáspia serra,  
muitos pera na guerra esclarecer-se  
vinham a ele e à morte oferecer-se.

Este Rei D. Afonso foi o sexto de Castela, chamado da mão furada<sup>371</sup> por sua grande liberalidade, o qual tomou a Cidade de Toledo aos Mouros, e depois que a tomou se intitulou por Emperador. E El Rei D. Afonso Henriques se chamava nas doações que fazia *Magni Alfonsi Imperatoris nepos*, como quem se gloriava de

---

<sup>371</sup> Contra aqueles que diziam que D. Afonso VI concedera Portugal a D. Henrique como um feudo, com obrigações de vassalagem, Duarte Nunes de Leão asseverava: «Portugal foi dado em dote a Dona Tareja pura e simplesmente, sem encargo nem condição». Entre os argumentos aduzidos para sustentar esta ideia, Nunes de Leão invocava a fama do imperador, «tão liberal, que lhe chamavam o da mão furada.» (*Primeira Parte das Chronicas dos Reis de Portugal*, 1600, f. 12). Ao empregar este epíteto, D. Marcos poderá ter tido em conta a obra de Nunes de Leão, mas também a de Estevan de Garibay, a de Prudencio de Sandoval ou a de Juan de Mariana. Com efeito, ao oferecer a Filipe III a *Historia de los Reyes de Castilla y de Leon*, fr. Prudencio de Sandoval lembrou *el Emperador D. Afonso VI, a quien llamaron de la mano horadada, y el Toledano, porque ganó este Reyno* (1615, s/f). Por sua vez, Juan de Mariana, na *Historia General de España*, conta que, ao ser derrotado por D. Sancho de Castela, D. Afonso VI havia acabado por buscar *el amparo del Rey Moro Almenon*, que fora amigo de seu pai e que o aceitara em Toledo. Um dia, andando *a tomar deporte, y recreacion en una huerta cerca de la ciudad, por do passa el rio Tajo*, o rei mouro e os seus cortesãos instalam-se à sombra de uma árvore e falam daquele *sitio inexpugnable* e de possíveis estratégias a que um inimigo poderia recorrer para o dominar. D. Afonso parecia adormecido, mas de tudo dava fé e tudo fixava. *Añaden a esto algunos, que el Rey Moro, advertido del peligro, y del descuydo, para ver si dormia, le mandò echar plomo derretido en la mano, y que por esta causa le llamaron, don Alonso el de la mano horadada. Inuencion, y hablilla de viejas: porque cómo podian tener tan a mano plomo derretido, ni el que mostrava dormir, dissimular tan graue dolor, y peligro? La verdad, que le llamaron ansi por su franqueza, y liberalidad estraordinaria.* (1617, IX, VIII, p. 430). Nicolás Antonio, na *Censura de Historias Fabulosas* (postumamente publicada em 1742), admitiu, seguindo Mariana, que apenas a liberalidade do soberano podia justificar este *apellido*, e insurgiu-se contra o bizarro título (*hablilla sin fundamento, indigna de un Historiador grave*), que disse haver sido lançado pelo Padre Jerónimo Román de la Higuera, em forjados *Chronicones*. Nicolás Antonio alegava que semelhante cognome não aparecia nas crónicas antigas, pelo que lhe negava crédito (1742, p. 599). Parece assim significativo que, visto com desconfiança e quase sempre ausente da historiografia do *Siglo de Oro*, o apodo fosse aproveitado por Luís Vélez de Guevara (1579-1644) numa obra burlesca: *La Comedia famosa de disparates del rey don Alfonso, el de la mano horadada*.

ter tal avô, e com razão. A fama deste Rei correndo por Europa, muitos cavaleiros estrangeiros o vieram ajudar na guerra que com os Mouros tinha, entre eles foi um Henrique de quem logo trataremos.

#### Do Herculano Calpe à Cáspia serra.

Onde o mar Oceano rompendo a terra meteu um braço de mar que por ficar entre África e Europa se chama Mediterrâneo, fica um Estreito entre dous montes, um em Espanha chamado Calpe, onde está Gibaltar, o outro Abila, onde está Ceita. A estes dous montes chamaram os Gregos colunas de Hércules, fabulando que ele com suas forças abriu o caminho pera que estes mares se comunicassem, e por isso lhe chamou Camões ao monte Calpe, Herculano, falando como poeta. «Cáspia Serra», quer dizer os montes Setentrionais, junto dos quais está o mar Cáspio, e nomeando estes dous extremos de Norte e Sul incluiu a largura do mundo, *more poetico*. (249v)//

#### Muitos pera na guerra esclarecer-se.

A um Rei liberal e bem-afortunado nas batalhas acodem sempre cavaleiros com desejo de honra e esperança de prémio. E assi vemos que em ajuda del Rei D. Fernando na Conquista do Reino de Granada andaram muitos portugueses, e entre eles D. Francisco d'Almeida<sup>372</sup>, primeiro Vice-rei da Índia que depois foi. E quando se espalhou pelo mundo a fama dos primeiros descobrimentos que os portugueses faziam, de muitas partes de Europa vieram muitos cavaleiros pera se achar neles, entre os quais foi um Balarte gentil-homem del Rei de Dinamarca<sup>373</sup>, o outro Baltasar, da casa do Emperador de Alemanha<sup>374</sup>. Mas o que então trouxe estes príncepes a Espanha foi zelo da Lei de Deus e por acudir a Hespanha, porque se soava que os Reis Mouros faziam ùa liga geral em destruição del Rei D. Afonso, com a raiva grande que tomaram por lhe ser tomado Toledo, em notável abatimento seu, e de sua torpe lei. Isto quer dizer o poeta nos seguintes versos:

---

<sup>372</sup> Ao serviço dos Reis Católicos, D. Francisco de Almeida participou na conquista do reino mouro de Granada. A cidade foi tomada a 2 de Janeiro de 1492.

<sup>373</sup> É João de Barros quem narra, na *Decada Primeira da Asia*, a história de Balarte, «homem fidalgo», «mui curioso de cousas novas», que tinha vindo para Portugal, «encomendado ao Infante dom Henrique», para participar no «descobrimto» de Guiné, acabando por encontrar a morte nessa expedição, numa luta com nativos (1628, I, XV, fls. 29-30).

<sup>374</sup> Vem igualmente da *Decada Primeira da Asia* (1628, I, VII, fls. 14v-15) a referência a Baltasar, «um gentil-homem da casa do Emperador Federico terceiro», «o qual com desejo de ganhar honra viera dirigido pelo mesmo Emperador ao Infante, pera o mandar a Cepta fazer cavaleiro, como de feito se fez pelos méritos de sua pessoa. E porque este Baltasar era homem curioso, e que desejava ver novas terras, e neste tempo per toda Europa se falava neste descobrimto de Guiné como na mais nova cousa que se podia dizer, e os homens que o seguiam eram estimados em preço de cavaleiros e de grande ânimo, pediu ao Infante que houvesse por bem ir ele em companhia de Antão Gonçalves.» Baltasar cumpriria o seu sonho de ver «ũa grande tormenta de mar» e de recolher «nova da terra», acompanhando Antão Gonçalves na viagem de exploração até ao rio do Ouro.

E com um amor intrínseco acendidos  
da fé mais que das honras populares  
eram de várias terras conduzidos,  
deixando a pátria amada, e próprios lares.  
Depois que em feitos altos, e subidos,  
se mostraram nas armas singulares,  
quis o famoso Afonso que obras tais  
levassem prêmio digno, e dões iguais. (250)//

Diz aqui o nosso poeta que estes príncipes e cavaleiros não vieram a ajudar o Rei Espanhol por desejo de honra, nem por interesses humanos, senão só com zelo da fé católica que professavam. Mas porém que o Rei os premiou com dões, e mercês reais e grandiosas, o qual concorda com aquela sentença de S. Agostinho, que diz: *Gloriam et honorem non debet sequi virtus, sed ipsa virtutem: unde honores quos expetunt multi, caro petire non debet, sed eos Civitas ob eius virtutem, non petenti dare*<sup>375</sup>. Cujo sentido é que a virtude não há-de buscar honras nem louvor, mas estes à virtude. Não<sup>1</sup> hão os homens de ser interesseiros quando ser- vem a pátria, nem esta descuidada nos prémios que à virtude se devem. Evidente sinal de ânimo generoso é ser desprezador das riquezas. Mas da honra *est rara auis in terris*. Pérsio duvidava disso e com razão:

*An erit qui velle recuset  
Os populi meruisse.*<sup>376</sup>

É a honra ãa fruta mui gulosa, e como diz Aristóteles<sup>377</sup>, de sua natureza é doce e agradável, e cometer empresas dificultosas, amargosas de tragar, sem esperança desta honra, há mister um ânimo mui apartado das afeições terrenas, como era o destes, que tinham por estímulo nestas empresas só o zelo da honra de Deus. E como eram nobres, queriam pagar aos homens a honra que deles receberam com serem os primeiros nos mais arriscados e duvidosos casos quais são os da guerra, conforme à opinião de Cassiodoro, que disse que aqueles a que a Repú-

<sup>1</sup> No ms.: «virtude. \*Não\* haõ»...

<sup>375</sup> *De Civitate Dei*, V, XII. Na edição de referência: *Gloriam ergo et honorem et imperium, quae sibi exoptabant et quo bonis artibus pervenire nitebantur boni, non debet sequi virtus, sed ipsa virtutem.*

<sup>376</sup> Estes versos de Pérsio (*Satira I*, vv. 41-42) vêm citados na *Polyanthea Nova*, sob o título *Honor* (1607, p. 509).

<sup>377</sup> Também a matriz deste passo se encontra, sob o título *Honor*, na *Polyanthea Nova: Honor & gloria suapte natura grata jucundaque sunt, & ad utilitatem quoque maxime valent. lib I Rhet. c. 6.* (1607, p. 510).

<sup>378</sup> D. Marcos traduz o passo citado na *Polyanthea Nova*, sob o título *Honor: Decet quidem cunctos patriae suę augmenta cogitare, sed eos maxime quos Respublica sibi summis honoribus*

S. P. Aug., lib. 5  
*De Civitate Dei*

Persius, *Satyr.*  
1.<sup>a</sup>

Arist., *Rhet.* 1.<sup>o</sup>,  
c. 6

Cassiod., lib. 4  
*Epist.*<sup>377</sup>

blica res(250v)//peitava por respeito de sua nobreza haviam de ser os primeiros nos perigos, por servir a pátria. O Rei também considerando a lealdade grande, e desinteressado peito destes cavaleiros, os honrou conforme a qualidade de suas pessoas, porque como diz Aristóteles, nas Cidades<sup>1</sup> onde a virtude não tem prémio aventejado, não pode o estado delas ser muito durável.<sup>379</sup>

Arist., l. 2 *De Rep.*, cap. 9

25

Destes Anrique dizem que segundo  
filho de um Rei de Hungria experimentado  
Portugal houve em sorte, que no Mundo  
então não era ilustre nem prezado.  
E pera mais sinal d'amor profundo  
quis o Rei Castelhana que casado  
com Teresa sua filha o Conde fosse,  
e com ela das terras tomou posse.

«Destes Henrique dizem» *ect.* Entre outros Senhores e Cavaleiros que vieram ajudar a El Rei D. Afonso, foram três os mais ilustres: Dom Ramon, ou Raimão de Tolosa, e outro D. Raimon de Borgonha, e D. Henrique. Sobre quem fosse este D. Henrique há grandíssimas dúvidas entre os Escritores. A *Crónica del Rei D. Afonso Henriques*, seu filho, feita segundo dizem per Fernão Lopes<sup>380</sup>, o qual foi guarda-mor da torre do tombo deste Reino, e reformada por Duarte Galvão, diz

---

<sup>1</sup> No ms.: «nas Cidades ερονος onde»...

---

*obligavit: quia rectum est, ut eum necesse sit plus debere, qui visus est majora suspicere. Cassio. lib. 4 epist.* (1607, p. 509).

<sup>379</sup> D. Marcos traduz o passo citado na *Polyanthea Nova*, sob o título *Honor: Qua in civitate non maximus virtuti honos tribuitur: in ea optimus civitatis status stabilis & firmus esse nullo modo potest. Arist. li. 2 de Republ. c. 9* (1607, p. 510).

<sup>380</sup> Na *Decada Terceira da Asia*, João de Barros considerou que Duarte Galvão apenas teria «apurado» uma crónica antiga de autoria ignota. D. Marcos foi leitor de Barros, mas aqui parece prestar especial atenção à *Quarta e Vltima Parte da Chronica do Felicissimo Rei Dom Emanuel*, de Damião de Góis, que julgou ser, «na verdade», Fernão Lopes o «copioso e discreto escritor» da Crónica de D. Henrique. Góis, que considerava «tão claro como o sol» «ter Fernão Lopes escritas, e acabadas todalas Crónicas do regno, começando do Conde dom Henrique até a del Rei dom Duarte», não deixou, no entanto, de advertir: «Mas como se lhe roubou o louvor de tamanho trabalho julgue-o quem o bem entender. Isto afirmo posta aparte a Crónica do Conde D. Henrique, de que não posso dizer nada, pois dela não há notícia, que à d'el rei D. Afonso Henriques, que Duarte Galvão diz que fez de novo, faltam muitas cousas que não vieram a sua notícia, de cujo estilo não posso julgar nada, porque nunca vi outro volume per ele escrito que o desta Crónica, na qual é muito mais breve do que o é em algũas cartas que ele escreveu aos Reis D. João Segundo e D. Emanuel, andando fora destes Regnos em seu serviço.» (1567, IV, XXXVIII, fls. 48v-49). Peremptório, Gaspar Estaço escreveria nas *Varias Antiguidades de Portugal*: «Espanta-me dizer Duarte Galvão, que ele a fez de novo, porque o cronista Fernão Lopes [...] fez todas as crónicas dos Reis té seu tempo, começando do Conde dom Henrique, como prova Damião de Góis, e não se pode crer, que dexasse de fazer a do primeiro Rei de Portugal dom Afonso Henriques, fazendo a do Conde seu pai, e todas as mais.

que foi natural de Hungria, filho segundo de um Rei daquele Reino<sup>381</sup>. Concorda com isto o Letreiro da cruz ou Epitáfio do seu sepulcro que eu vi em Braga, no qual se intitula por filho del Rei de Hungria. Eu dera muito (251)// crédito a este Epitáfio, se o não tivera por moderno, mandado fazer por o Arcebispo D. Diogo de Sousa<sup>382</sup>. Damião de Góis, que fez a *Crónica del Rei D. Manuel*, diz que foi de Lotaringia, ou Lorreina, e que ele andando naquelas partes em serviço del Rei D. João 3.º vira nos cartórios de Lorreina memórias de ser o Conde Henrique natural daquela província. Outros houve que o fizeram de Constantinopla. E os modernos o fazem da casa de Borgonha, e natural de Besançon.<sup>383</sup>

---

Pelo que se Duarte Galvão foi o apurador, segundo João de Barros, ninguém foi o autor senão Fernão Lopes, e agora em nossos dias Duarte Nunes o reformador.» (1625, p. 69).

<sup>381</sup> No cap. II da *Crónica de D. Afonso Henriques* («O tromco e linhagem Reall de que descendem os Reis de Portugall, e domde sse chamou Portugall»), Duarte Galvão escreveu: «Este Rey dom Affonso Hamrriques, primeiro Rey que foy de Portugall, era neto delRey dUmgria.» (p. 14). Um pouco antes, no cap. I, havia sido mais preciso: «dom Hamrrique, sobrinho deste Comde de Tollosa [D. Reimão de Tolosa, grande senhor de França], filho segundo genito de huia sua irmã e delRey dUmgria, com que era casada [...]» (p. 10). A *Crónica* assinada por Galvão retoma informação também veiculada na anónima *Crónica de 1419* (1998, p. 3).

<sup>382</sup> D. Diogo de Sousa (c. 1461-1532) foi bispo do Porto e, a partir de 1505, Arcebispo de Braga. Nessa qualidade promoveu a realização de obras na cidade e na Sé, contando-se entre estas iniciativas a produção, em 1513, de novas sepulturas para D. Henrique e D. Teresa. Reza o epitáfio do Conde: *Donno Henrico Ungarorum Regis filio*, ou, como lembra «na [língua] vulgar» Duarte Nunes de Leão, «filho del Rei de Hungria» (*Primeira Parte das Chronicas dos Reis de Portugal*, 1600, f. 22).

<sup>383</sup> As origens de D. Henrique constituíam matéria incerta, como observaram Pedro de Mariz, nos *Dialogos de Varia Historia* (1597-1599, f. 28), Duarte Nunes de Leão, nas *Primeira Parte das Chronicas dos Reis de Portugal* (1600, f. 2) e na *Genealogia Verdadera de los Reyes de Portugal* (1608, fls. 1-1v), ou frei António Brandão, na *Terceira Parte da Monarchia Lusitana* (1632, VIII, I, f. 2). D. Marcos parece retomar de Damião de Góis muita da informação que investe neste passo. Apostado em corrigir a «demasiada negligência» de cronistas e linhagistas de Portugal, Góis havia procurado deslindar a progénie do Conde D. Henrique, começando por sintetizar a tradição: «disseram alguns escritores que fora natural de Constantinopla, e outros a quem seguem nossos Cronistas, dizem que foi filho segundo de um Rei de Hungria, sem lhe dizerem o nome, outros que era da terra de Lorraina [...]» A conclusão a que chega, apoiado em consulta de documentação «nos cartórios da vila de Bolonha sobelo mar em França, e da Sé, e câmara da cidade de Metz em Lorraina», era a de que D. Henrique descendia, «da parte femenil», «per linha direita dos Reis d'Aragão», e, da parte do pai, dos duques de Lorena (*Quarta e Vltima Parte da Chronica do Felicissimo Rei Dom Emanuel*, 1567, cap. LXXII, fls. 91v-93v). Quando, por sua vez, Duarte Nunes de Leão formulou hipóteses acerca das raízes de D. Henrique, fê-lo lançando com minúcia e propósito agonístico – sobremaneira no que diz respeito a uma eventual origem bizantina ou à pertença à casa de «Lorreina» – dados que ultrapassam ou contrariam a informação transmitida por Damião de Góis (*Primeira Parte Das Chronicas Dos Reis De Portugal*, 1600, fls. 2-6). Segundo Duarte Nunes, atento à «opinião» de «Dom Rodrigo Ximenes Arcebispo de Toledo», D. Henrique era «natural de Besançon» (1600, f. 6). Adiante, porém, acrescenta que Besançon, «cidade do Condado de Borgonha», era «antigamente da província de Lotoringia, que é agora Lorreina» (1600, f. 9v), coincidindo assim com a explicação proposta por Estevan Garibay, ao falar de Portugal: «cuyo primer conde fue Don Henrique de Bisançon y Lorena, descendiente de los duques de Lotharingia, llamada primero Austrasia, que agora se dize Lorena.» (*Los XL Libros d'el Compendio Historial*, 1571, X, I, p. 505).

O Padre Fr. Bernardo de Brito, com aquela felicidade<sup>1</sup> com que prova tudo quanto quer, o faz parente mui chegado de S. Bernardo<sup>384</sup>. Mas eu dou mais crédito ao Epitáfio antigo que estava em Santa Cruz de Coimbra na sepultura del Rei D. Afonso Henriques, nãa lâmina de bronze, a qual levou consigo ãa Infanta deste Reino que ia casar fora dele, como se acha nas memórias daquela casa, o qual dizia, que El Rei D. Afonso Henriques era da parte de sua mãe decendente dos Reis de Castela, e da de seu pai dos Reis de Aragão<sup>385</sup>. Damião de Góis, que viu este Epitáfio, não se atrevendo a contradizê-lo, o interpreta, como se pode ver na sua *Crónica del Rei D. Manuel*.<sup>386</sup>

Todas estas dúvidas naceram da confusão daqueles tempos, nos quais amedrondadas as Letras com o ruído das armas, não apareciam pera tirar a limpo as

---

<sup>1</sup> No ms., parece ser detectável uma hesitação entre «facilidade» e «felicidade». A primeira palavra terá começado a ser esboçada, sendo transformada e substituída pela segunda.

---

<sup>384</sup> D. Marcos ironiza sobre um passo da *Primeyra Parte. Da Chronica de Cister*, onde frei Bernardo de Brito se ocupa de relações familiares de S. Bernardo: «A mãe do santo se chamou Aleth, foi filha de Monseor de Montbar, Primo com-irmão de Guido Conde Vernoliense, pai que foi do Conde dom Henrique e avô del Rei dom Afonso Henrique: de modo que o Conde dom Henrique e a mãe de nosso P. S. Bernardo ficam sendo primos segundos, e o Santo com el Rei dom Afonso primos terceiros, que pera a glória dos Reis Portugueses não é de piquena importância um parentesco tão honroso como é o de nosso P. S. Bernardo.» (1602, I, XIV, fls. 26v-27).

<sup>385</sup> D. Fr. Timóteo dos Mártires, numa *Crónica de Santa Cruz* (c. 1650), que deixou inédita, conta que, por altura da trasladação do corpo de D. Afonso Henriques para a sepultura nova encomendada por D. Manuel, foi preservada, também por ordem do Venturoso, a memória do epitáfio «que estava entalhado e esculpido na Sepultura antiga». Um Cônego teria copiado e escrito esses dísticos, com «letras de ouro», numa tábua que cerca de 1650 continuava pendurada «no arco da Sepultura nova». A informação condiz com a que se acha no fim da *Crónica de D. Afonso Henriques*, de Duarte Galvão (1995, p. 208). Não seria este, porém, o epitáfio evocado por Damião de Góis, pois não há nele (e o texto está longe de parecer antigo) dados acerca da origem de D. Afonso I: *Alter Alexander iacet hic, aut Julius alter, Beliger invictus, Splendidus, Orbis honor./ Pacis, et Armorum cauto moderamine doctus/ Alternare vices tempora tuta dedit./ Quid pietas Christi, vel quantum debeat isti, Ad fidei cultum, regna subacta docent./ Post Regni fastus fidei moderamine pastus, In miseros inopes accumulavit opes./ Quod Crucis hic tutor fuerit, necnon Cruce tutus, Ipsius Clypeo Crux Clypeata docet./ Viuax Fama, Licet tibi tempora Longa reserues, Digna suis meritis dicere nemo potest.* (D. Fr. Timóteo dos Mártires, *Crónica de Santa Cruz*, t. I, 1955, pp. 86-87).

<sup>386</sup> A respeito desse «Epitáfio, e abreviação, de um sumário da vida del rei dom Afonso Anriques, filho deste conde dom Anrique», Damião de Góis afirma, na *Quarta e Vltima Parte da Chronica do Felicissimo Rei Dom Emanuel*, que o obteve «no tempo que and[ara] em Flandres, da livraria dos duques de Borgonha, escrito em língua francesa», e explica: «o qual sumário e Epitáfio, como se neles contém foram tresladados de ãa tábua muito grande que antigamente estava em Santa Cruz de Coimbra, posta sôbela sepultura del rei dom Afonso Anriques, e segundo pude alcançar dalguns homens doutos e antigos daquela província, este epitáfio e abreviação levou consigo destes Reinos em língua portuguesa a Infante dona Isabel, filha del rei D. João da boa memória primeiro do nome, que foi casada com Felipe d'alcunha o bom duque de Borgonha e senhor dos estados de Flandres, e que lá se pôs em língua francesa [...]». (1567, cap. LXXII, f. 92). Damião de Góis «interpreta» o documento: se concede que «o Conde D. Anrique da parte ferenil descende per linha direita dos Reis d'Aragão», enfatiza que da «linhagem da parte do pai, que é o que mais importa», descenderia do «Ducado de Lorraina» (1567, f. 99).

linhagens dos cavaleiros e príncipes, os quais mais<sup>1</sup> queriam eternizar seu nome em edifícios sagrados que em memórias profanas. E algũas de que hoje temos notícia, só as achamos em pergaminhos velhos que inda agora dão testemunho da piedade daqueles príncipes, pois não tem em si outra cousa senão instrumentos de mercês e dá(251v)//divas que eles faziam aos mosteiros e pessoas dedicadas ao culto divino, por cujas orações alcançavam tantas e tão miraculosas vitórias, alhea condição dos nossos tempos, quando os Príncipes, se querem edificar um mosteiro, ou dotar algũa Religião, é tomando a uns o que dão aos outros. Mas deixada esta matéria<sup>387</sup>. O nosso Camões, poeta mui sesudo na escolha das histórias, seguiu a mais comũia da *Crónica del Rei D. Afonso Henriques*, que é ser o Conde Henrique filho del Rei de Hungria<sup>388</sup>. Verdade seja que os Reis de Hungria, no tempo do Conde D. Henrique<sup>II</sup> eram Cristãos, porque conforme Genebrardo e Gordónio Scoto<sup>389</sup> nas suas Cronologias, o primeiro Rei Cristão de Hungria foi Stefano, o qual morreu nos anos de Cristo 1038, a quem sucedeu seu filho Pedro, e conforme a conta dos anos, de um destes dous havia de ser filho<sup>390</sup>. Mas seja o que for, e o Conde Henrique fosse Húngaro, ou Francês, ou Aragonês, ele era ilustre per sangue e famoso por obras, pois um Rei tão poderoso e prudente lhe deu sua filha por mulher, com o título de Conde desse pouco que havia de Portugal.

Este foi o primeiro Príncipe que governou Portugal apartado do corpo de Espanha, assi como o Cardeal Henrique foi o último que o possuiu.

---

<sup>1</sup> No ms.: «os quais só/mais queriaõ»...

<sup>II</sup> No ms.: «Henrique naõ erão»...

---

<sup>387</sup> D. Marcos volta mais vezes a esta matéria, razão de conflito entre Santa Cruz e Alcobça.

<sup>388</sup> Duarte Galvão refere a ascendência do conde D. Henrique nestes termos: «dom Hamrrique, sobrinho deste Comde de Tollosa, filho segumdo genito de huãa sua irmãa e delRey dUmgria, com que era casada» (*Crónica de D. Afonso Henriques*, 1995, p. 10).

<sup>389</sup> A respeito do ano de 1038, James Gordon escreveu: *Vita cecit Stephanus primus Christianus Hungarorum Rex, succedit Petrus*. (*Operis Chronologici Tomus Alter*, 1614, p. 310). Genebrardo, em *Chronographiæ Libri Quatuor*, não fornece a mesma informação. Lembra, sim, a respeito do ano de 995, a transformação política de Hungria, que de ducado passara a reino: *Hungaria autem regis nomen usurpauit, postquam Stephanus Hungariæ dux Christianissimum professus est, duxitque Gilesam sororem Henrici Sancti, qui huic Otthoni successit, Henrico approbante & confirmante*. (1580, p. 332). E, por essa época (c. 984), situa também o pedido de reconhecimento feito ao Papa: *Stephanus Hungariæ rex ad Benedictum pontificem Legatos mittit, ut regium sibi diadema & nomen assignaret* (1580, p. 330).

<sup>390</sup> D. Marcos diverge de Duarte Nunes de Leão, que recorda igualmente o nome de Stefano, mas para negar, como «impossível» (*Primeira Parte das Chronicas dos Reis de Portugal*, 1600, f. 3), que D. Henrique fizesse parte da sua geração: «quem com diligência revolver as histórias daquele reino [Hungria], e começar a contar do tempo de Stefano primeiro Rei Cristão, até o de Ladislau, que morreu no ano de nosso Senhor IESU Cristo de M.XCV, quando já Dom Afonso Henriques era nascido, não achará que Rei algum de Hungria tivesse filho per nome Henrique, nem outro que a estas partes pudesse vir.» (f. 2).

Este depois<sup>391</sup> que contra os descendentes  
da escrava Agar vitórias grandes teve,  
ganhando muitas terras adjacentes,  
fazendo o que a seu forte peito deve, (252)//  
Em prémio destes feitos<sup>1</sup> excelentes  
deu-lhe o supremo Deus em tempo breve  
um filho que ilustrasse o nome<sup>II</sup> ufano  
do belicoso Reino Lusitano.

Os decedentes de Agar são os Mouros que decendem de Ismael filho de Agar, Escrava de Sará, mulher de Abrão.

Trata aqui o nosso poeta do nascimento do grande Rei Dom Afonso Henriques, e diz que foi em breve, porque segundo Estêvão Garibay<sup>392</sup>, o Conde casou com a Infanta D. Teresa e tomou posse de Portugal ano de 1090, e no de 1094, dizem os nossos Coronistas, nasceu o Príncipe D. Afonso em Guimarães, vila mui nobre da Lusitânia Interamniense, não só pelo nascimento de tal Príncipe, mas também pelo do Insigne Pontífice S. Dâmaso, seu natural. Gaspar Estaço nas suas *Antiguidades* diz que a ama que criou a El Rei D. Afonso Henriques se chamava Dona Ausenda, como consta de ãa carta de venda que ela fez, que se achou no arquivo da Igreja matriz de Guimarães, que começa:

Garib., l. 34, cap. 5

Estaço, cap. 11, n.º 7, f. 47

*In<sup>III</sup> di.ññe. Ego dona Ausenda  
Amaque fuit de Rege dono Alfonso.*<sup>393</sup>

Deu Caieta, ama de Eneas, nome eterno, como diz Virgílio, às praias de Itália, morrendo nelas. Esta ilustre senhora, por ser mãe de leite de tal Rei sequer merecera ser em Portugal conhecida, mas só encontrei o seu nome no Autor que

Virg., 7. Ae.

<sup>1</sup> No ms., a terminação da palavra «feitos» apresenta um borrão que a torna ilegível. Em entrelinha superior, foi de novo escrita essa terminação.

<sup>II</sup> No ms.: «que illustrasseRei nomeufano»...

<sup>III</sup> No ms., em linhas diferentes, lê-se: «~~In nomine~~» In di.ññe»...

<sup>391</sup> Na edição de 1572, como nas de 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1626, 1631, 1633: «depois». Em 1613, «depois».

<sup>392</sup> Estas datas (*cerca d'el dicho año d'el nacimiento de nuestro Señor de mil y nouenta*, para o casamento de D. Henrique e D. Teresa; 1094 para o nascimento de D. Afonso Henriques) são apontadas por Garibay, no capítulo V do Livro XXXIV do *Compendio Historial* (1571, pp. 773, 774). D. Marcos omite por completo, porém, o contexto em que tais datas ali aparecem: uma explicação do que seria a *condicion da donacion y merced* feita a D. Henrique, trecho no qual se enfatiza a relação de vassalagem a que o Conde ficaria vinculado (pp. 772-773).

<sup>393</sup> Gaspar Estaço revela, nas *Varias Antiguidades de Portugal*, os pormenores da descoberta: habituado a «achar em papéis velhos o ouro que Virgílio achava nos versos do antigo poeta Ênio», descobrira num pergaminho «que havia anos estava em companhia de outros, e de muita, e confusa papelada, tudo condenado à traça, e última perdição», uma carta que, atestando a venda de um moinho, por D. Ausenda, patenteava a sua relação com Afonso Henriques: *ama que fuit de rege dono Alfonso* (1625, p. 48).

aleguei, e pera que se não torne a perder, o torno a repetir nestes meus escritos, quaisquer que forem, porque o pregão (252v)// dado por boca de muitos chegue às orelhas de todos.

27

Já tinha vindo Henrique<sup>394</sup> da conquista  
da Cidade Hierosólima sagrada  
e do Jordão a area tinha vista  
que viu de Deus a carne em si lavada.  
Que não tendo Gotfredo a quem resista  
depois de ter Judea sojugada,  
muitos que nestas guerras o ajudaram  
pera seus senhorios se tornaram.

Aqui se nos levanta outra dúvida (porque todas as histórias deste tempo são duvidosas) sobre se foi o Conde Henrique à conquista de Hierusalém ou não. A Crónica antiga diz que foi. Concorda com isto a cruz das armas de Portugal, a qual tomavam por insígnia<sup>1</sup> os que iam àquela santa guerra. Os que dizem que o Conde Henrique partiu da sua terra com tenção de ir a esta guerra, não estão bem no princípio dela, que logo poremos, porque Bertoldo e Barónio<sup>395</sup>, e todos os autores desta Santa Conquista, põe o Concílio de Claramonte no 8.º ano de Urbano 2.º, que foi o de Cristo 1095, um ano depois de nacer El Rei D. Afonso Henriques. Porém os nossos historiadores que querem que Henrique fosse a esta guerra santa dizem que foi a ela depois de estar de posse de Portugal e havendo tréguas com os Mouros, e que em Constantinopla foi preso por treição do Emperador Aléxio Comeno, mas que logo foi solto, e que, tor(253)//nando da terra santa, o mesmo Emperador que o prendera em Constantinopla lhe dera um braço de S. Lucas, que ele pusera na Sé de Braga<sup>396</sup>, como de feito está. Agora quero eu

---

<sup>1</sup> No ms.: «insignias osq̄»...

---

<sup>394</sup> Nas edições de 1572, 1584, 1591, 1609, 1626: «Anrique». Em 1597, 1612, 1613, 1631, 1633: «Henrique».

<sup>395</sup> O Cardeal Barónio apoia-se na autoridade de Bertoldo para falar do Concílio de Claramonte, que situa no ano de 1095: *Anno Domini Christi millesimo nonagesimo quinto, mense Decembrio, decreta domini Urbani Papa Secundi in Claramontensi Concilio data*. (*Annales Ecclesiastici*, t. XI, 1609, col. 685). É neste lugar, tratando da *expeditio in Terram sanctam*, que lembra a acção de Pedro eremita e reproduz os discursos que se teriam ouvido no Concílio (cols. 687-692), em termos que Duarte Nunes de Leão e D. Marcos seguiram de perto.

<sup>396</sup> No que toca à actividade cruzadística de D. Henrique, «que chamam de Lotaríngio», e às peripécias vividas na Ásia Menor, D. Marcos resume o que leu nos *Dialogos de Varia Historia* (1597-1599, Dial. II, cap. III, fls. 31-31v), de Pedro de Mariz. É ainda Mariz (retomando, por sua vez, informação veiculada por Duarte Galvão, na *Crónica de D. Afonso Henriques*, 1995, p. 19) quem faz saber: «chegou à Santa cidade Ierusalém: onde se occupou em outras guerras e actos de católica milícia. E depois de ter visitado os lugares sagrados daquelas províncias, se partiu para o seu senhorio, trazendo consigo, antre outras muitas relíquias, um braço do Evangelista S. Lucas, que

perguntar aos doutos e curiosos se as histórias do casamento segundo da Rainha D. Teresa, e a prisão sua, e batalhas, cercos e ida de Egas Moniz a Castela, *ect.* que as antigas Crônicas nos contam e muitos autores com ividentíssimas rezões confutaram, nós com a investigação de pergaminhos velhos, doações, *ect.*, temos achado serem verdades puras assi e da maneira que neles se continha, estas em que inda duvidamos, porque não houve quem do certo nos informasse, porque não teremos que são mais certas nas corônicas antigas que nas espiculações modernas? Porque não iria o Conde Henrique a ãa guerra tão santa, onde iam tantos príncepes, e tanta gente, que se<sup>1</sup> afirma que só de Lombardia partiram cinquenta mil homens com o Bispo Anselmo? É verdade que em Espanha havia bem que fazer, e eram os inimigos de casa bastantes pera ocupar a<sup>11</sup> um príncepe todo o tempo. Mas bem podia também em tantos anos que a guerra durou haver um em que o Conde se visse desocupado das guerras domésticas pera ir a ãa tão santa, e tão famosa. Quanto mais que o Conde tinha tão pouco poder que não era bastante a sustentar guerra contínua com os Mouros, e o peso dela mais caía sobre os ombros de Castela, que de Portugal. Silogizem os modernos quanto quiserem, que eu sou de parecer com Camões que o Conde Dom Henrique foi à conquista de Hierusalém. Tenho por prova desta opinião: a (253v)// Cruz das armas, a Crónica antiga, o Braço de S. Lucas, o meu natural Pedro de Mariz, e não quero mais.

O Conde D. Fernando de Trastámara foi duas vezes à guerra santa.

Sigonius<sup>397</sup> et Gordon. *ad annum* 1095<sup>398</sup>

#### Da Cidade Hierosólíma sagrada.

texto

<sup>1</sup> No ms.: «q̄ \*se\* affirma»...

<sup>11</sup> No ms.: «ocupar \*a\* hũ princepe»...

o emperador Aléxio lhe deu, quando tornou per Constantinopla, o qual pôs na Sé de Braga, onde ora está.» (*Dialogos de Varia Historia*, f. 31v). Em 1632, na *Terceira Parte Da Monarchia Lusitana* (VIII, XXII, fls. 43-45v), Frei António Brandão contestou Duarte Nunes de Leão e admitiu uma «ajuda» de D. Henrique «aos novos conquistadores» de Palestina, entre 1103 e 1105, na mesma viagem que D. Telo de Santa Cruz fizera à Terra Santa.

<sup>397</sup> Tratando dos anos 1094-1097, Sigonio conta como surgiu a ideia de organizar uma grande Cruzada, num passo em que destaca a intervenção de Pedro, o eremita, e a importância do Concílio de Claramonte. Ao enfatizar a reacção despertada pelos apelos à conquista de Jerusalém, escreve: *Ceterum ex toto Occidente principes, populiq̄ adeo frequentes ierunt, vt crederes, vulgo vrbes ab incolis deseri, agrosq̄ incultos, solosq̄ relinqui. Praecipui ex Italia nomine dedere Anselmus Mediolanensis archiepiscopus, quem quinquaginta Lombardorum millia sunt sequuta ex quibus Mediolanenses septem millium numerum confecerunt.* (*Caroli Sigonii Historiarum De Regno Italiae Libri Viginti*, l. X, 1613, p. 235).

<sup>398</sup> James Gordon situa no ano de 1095 a decisão de se realizar a primeira Cruzada: *indicta est expeditio sacra in Palaestinam, quam Historiam ex professo describit Guillelmus Tyrius de bello Sacro. Mirum quantum omnes inflammaverit ad hoc sanctum bellum oratio Vrbaní in Concilio.* (*Operis Chronologici Tomus Alter*, 1614, pp. 323-324). D. Marcos terá colhido igualmente nesta obra, entre as notas relativas ao ano de 1096, a informação acerca do número de cavaleiros lombardos: *ex omnibus Regnis itur in Orientem, è sola Lombardia 50. millia Anselmum Episcopum sequuta sunt.* (p. 324).

Ainda que a descrição das Cidades se guardava pera o décimo Canto, como nele se hão-de tratar muitas cousas juntas, assi da Geografia como da Esfera, daremos de caminho notícia de algũas terras, pera que quando, com o favor de Deus, chegãremos ao Décimo Canto, tenhamos menos a que acudir.

Hierosólima chamam os Latinos à Cidade de Hierusalém, tão nomeada nas divinas Escrituras. Plínio diz dela que é a metrópoli de Judea e que bem o pudera ser de todo o Oriente<sup>399</sup>. Está situada na Ásia, nãa província chamada Palestina, na língua hebraea se chamava per nome dual Jesusalaim, porque havia duas Cidades deste nome, quero dizer, era dividida em duas partes<sup>400</sup>, como logo diremos. Muitos descreveram esta Santa Cidade, a qual eu julgo pela mais celebrada de quantas o mundo tem<sup>I</sup>, mas Frei Brocardo monge a delineou com mais curiosidade. Diz ele:

Jerusalém, Cidade de Deus, está edificada em terra montuosa, mas tem em circuito terra fértil e boa, tirando pera o Oriente e contra o Jordão. Dista de Acre (*olim Ptolemaida*) 36 léguas, e fica-lhe pera o Norte. De Sebaste ou Samaria, 16 léguas, de Siquém 8, de Nazaré 27. E estes lugares todos lhe ficam ao Norte. De Jope ou Jafo, 7, fica-lhe este porto ao Noroeste de Jericó, sete léguas pera o Oriente, de Belém duas (254)//, de Hebron 8, e estas Cidades lhe ficam ao Sul<sup>401</sup>. E de caminho levam os curiosos que a Virgem Nossa Senhora com seu Esposo S. José andaram 29 léguas de Nazaret até Belém, porque Nazaret ficava ao Norte, e Belém ao Sul. Estava a Cidade posta sobre o monte Sion da parte do Sul, e fazia um semicírculo como esta figura  $\cup$ , e no lugar que falta pera fazer círculo perfeito estava ãa concavidade mui profunda que cercava todo o monte Sion e nãa das pontas do semicírculo que ficava pera o Ocidente estava<sup>II</sup> ãa rocha mui

f. Brocardo in  
discriptione  
terrae sanctae

Por ãa légua  
entende aqui  
o autor o  
espaço de terra  
que se anda  
em ãa hora,  
ordinariamente.

o vale de Josafá  
fica entre Sion e  
Olivete

<sup>I</sup> No ms. detecta-se uma hesitação entre «teve» (a primeira versão) e «tem», forma definitiva, fixada pela mudança das letras finais de «teve».

<sup>II</sup> No ms., a primeira forma seria «ficava». «Estava» resulta da alteração das primeiras letras da palavra inicialmente escrita.

<sup>399</sup> D. Marcos traduz parte de uma frase de Plínio (*Naturalis Historia*, V, XV, 70), onde, a respeito de Jerusalém, se lê: *longe clarissima urbium orientis, non Iudaeae modo* [...].

<sup>400</sup> A língua hebraica conta com nomes duais, usados para designar o que existe aos pares (por ex., olhos, mãos, pés). Considerando que a terminação da palavra Jerusalém era idêntica à destes nomes, uma longa tradição interpretativa avolumou a ideia de que era dual a Cidade Santa: alta e baixa, topograficamente; mas também espiritual e temporal, anagógicamente.

<sup>401</sup> Todo este passo é uma tradução do texto de Brocardo (*Locorum Terrae Sanctae Exactissima Descriptio, Authore F. Brocardo Monacho*), já antes citado, igualmente pelo volume antológico *Novus Orbis*. Na *Descriptio ciuitatis Ierosolymitanae*, lê-se: *Ierusalem itaque ciuitas dei summi, de qua dicta sunt gloriosa, posita est in terra montosa: montes enim sunt in circuitu eius, habetque in circuitu terram fertilem & bonam, praeterquam ad orientem & uersus Iordanem. Distat ab Acone triginta sex leucis, quae scilicet est contra Aquilonem: à Sebaste uero siue Samaria distat sedecim leucis: à Sichem octo, & à Nazareth viginti septem. Et haec loca omnia sunt uersus Aquilonem. A Ioppe uero distat octo leucis inter occidentem & Aquilonem, à Iericho septem uersus orientem, à Bethleem duabus, ab Hebron octo, & haec ciuitates sunt ad Austrum.* (*Novus Orbis*, 1532, pp. 312-313).

grande que nacia daquela concavidade a que a Escritura chama *vorago*, sobre a qual estava a torre de David. Mais pera o Ocidente ficava o Monte Gion, que era sobranceiro a toda a Cidade, e na decida dele estava ãa parte dela<sup>1</sup> edificada. Esta *vorago*, ou profundeza, entulharam os Reis de Judá com muito trabalho, e entre eles Salamão, por indústria de Jeroboão, atupiu ãa grande parte onde edificou aquele bairro chamado Melo. *Salomon aedificavit Melo et conquavit voraginem*<sup>402</sup>. Depois os Caldeus quando destruíram Hierusalém deitaram as pedras daqueles edifícios neste vale, mas nem de todo ficou arrasado, porque nalgũas partes se aparecia. Da outra parte desta *vorago*, que era na segunda Cidade, estava o monte Moria, onde Salamão tinha os seus paços e estava o templo que ele edificara. Desta profundeza ou rocha íngreme saía ãa figueira brava onde aquele malaventurado Judas se enforcou. Pelas faldras do Monte Moria corre o ribeiro Cedron (254v)//. É a Santa Cidade a modo de arado, mas mais comprida algum tanto, nem se mudou de seu estado primeiro, porque os montes que a cercam a não dexam estender mais. Somente se alargou algum tanto pera a parte Oriental, de sorte que o monte Calvário, que estava fora dos muros, já hoje está dentro deles. Isto escreveu aquele Religioso há 350 anos, de novo se pode ver o P.<sup>e</sup> Fr. Pantaleão de Aveiro, que descreveu a terra santa toda.<sup>403</sup>

Reg. 3

Melo era paço real

Diz mais Brocardo<sup>404</sup> que a terra santa tem de comprimento de norte a sul de Dan, até Bersabé, 66 léguas, e de largura desde o Rio Jordão até o Mar chamado *Mare Magnum*, que é o Mediterrâneo, de Oriente a Ocidente, 16 léguas, no que se aparece muito com o nosso Portugal.

E do Jordão a area tinha visto.

texto

A origem deste Rio é do pé do monte Líbano junto de ãa Cidade chamada antigamente Laquis, e porque caiu na sorte do tribo de Dan se chamou também

---

<sup>1</sup> No ms., a redacção primeira seria «desta Cidade». Parte da expressão foi rasurada. Mantendo apenas as primeiras letras e acrescentando outras em entrelinha, passou a ser «della».

---

<sup>402</sup> Regum, III, 11, 27: *Et haec est causa rebellionis adversus eum, quia Salomon aedificavit Mello, et coaequavit voraginem civitatis David patris sui.*

<sup>403</sup> *Itinerario Da Terra Sancta, E Svas Particularidades, Composto Por Frey Pantaliã d'Aveiro*, 1593. Muito embora a refira e provavelmente dela colha alguma matéria (por exemplo, também frei Pantaleão advertiu: «vê-se claramente, porque a santa cidade não foi destruída de tal maneira que deixassem de ficar mostras mui grandes do lugar onde primeiro esteve» – 1593, f. 51v), D. Marcos quase nada repete da miúda descrição contida nesta obra. Tão-pouco recorre a outro texto que lhe era familiar, *Vita Theotonii*, onde também da cidade santa se tratava (v. Aires A. Nascimento, *Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra*, pp. 158-163).

<sup>404</sup> Depois de antes ter indicado como medida aproximada da longitude da Terra Santa *plus minus ue LXVII leucas* (p. 321), Brocardo afirma: *Et ut in summa dicam, tota terra sancta à Iordane usque ad mare magnum, quae est latitudo eius, ab oriente scilicet in occidentem, non uideatur excedere sedecim leucas. In longitudine uero, quae ab Aquilone in Austrum computatur, a Dan scilicet, quae nunc Belenas siue Caesarea Philippi dicitur, usque ad Bersabee, quae nunc Giblim appellatur, habet circiter sexaginta quatuor aut sex leucas.* (*Novvs Orbis*, 1532, p. 322).

Dan chamou-se Belena. E Filipe, Irmão de Herodes Tetrarca de Iturca e da região Traconítidis lhe mudou o nome e lhe chamou *Cesarea Philippi*.

Dan, e estava no princípio de Israel, como dissemos, alguns querem dizer que este Rio se origina de duas fontes, ãa chamada Ior, outra Dan, mas enganam-se, porque não se chama Iordan por razão das duas fontes Ior e Dan, mas porque sai da Cidade Dan, e assi os Mouros Árabes<sup>1</sup> chamam às fontes donde ele sai, Medan, *i.* Águas de Dan. Vai-se estendendo por todas aquelas províncias fazendo vários meandros até chegar a um lago chamado no Evangelho Mar de Galileu e de Tiberíadis, entre Cafarnaum e Corazaim. (255)// E tornando outra vez a sair do lago sem quasi se misturar com ele, torna a fazer seu caminho, fertilizando as terras por onde passa até se ir meter no mar Morto, nos últimos confins de Moab, condenado um Rio Santo a sepultar-se num mar infernal.

texto

Que não tendo Gotfredo a quem resista.

Um homem per nome Pedro<sup>405</sup>, natural de Amiens em França, depois de muitos anos seguir a melícia, se recolheu pera viver vida solitária, e indo a Palestina visitar os santos lugares, como era homem esperto e de bom juízo, notou todos os lugares e cidades daquelas partes, e informou-se do estado dos mouros e mau tra-

<sup>1</sup> No ms.: «Arabes ~~l~~he chamão ás fontes»...

<sup>405</sup> A história de Pedro de Amiens é narrada por Duarte Nunes de Leão, que por sua vez retoma informação dada por Carlo Sigonio, nos *Historiarum De Regno Italiae Libri Viginti* (1.<sup>a</sup> ed.: 1574; 1613, l. X, pp. 234-235), e pelo Cardeal Baronio, nos *Annales Ecclesiastici* (v. nota 395). D. Marcos suprime alguns pormenores, mas a semelhança com o texto de Nunes de Leão é flagrante: «Havia em França um homem per nome Pedro, natural da cidade de Amiens, de sangue nobre, e que seguira a milícia, posto que de pequeno corpo, e em seu aspecto desprezível, mas que com as forças de espírito, indústria e grande eloquência, supria bem aquelas faltas. Este Pedro, enfadado do mundo, e resolvendo-se em servir a Deus, foi fazer habitação em um ermo, e ali passava o tempo em contínua meditação e oração. Movido depois de desejos de visitar a casa santa de Ierusalém, e os mais lugares santos, se pôs a caminho de Roma, e daí seguiu sua peregrinação.» Segue-se a referência à capacidade de observação de Pedro, ao seu contacto com o patriarca Simeão, à sua persuasiva («eloquente» e plena de «eficácia») intervenção junto do Papa Urbano, que «logo decretou concílio para a cidade de Claramonte em França», e ao comovente discurso que fizera nessa reunião, «per tal maneira, que não houve quem não se banhase em lágrimas» (*Primeira Parte das Chronicas dos Reis de Portugal*, 1600, fls. 13v-14). A identificação dos principais senhores que logo se ofereceram para integrar a Cruzada (f. 14), terá igualmente servido de matriz ao comentário – um pouco mais conciso – de D. Marcos. E o mesmo se verifica a respeito da caracterização de Gofredo de Bulhão, destacado como um chefe sem mácula na conquista de Ierusalém (em termos que recordam Genebrardo: *Godefridus Bilonius ab uniuerso exercitu constitutus primus rex Hierosolymitanus, noluit coronam auream suscipere, quòd Christus ibi tulisset spineam* – 1580, l. IV, p. 353) – conquista que Nunes de Leão situa no ano de 1099: «Ele sendo rogado aceitou o reino, mas não a coroa nem outra insígnia de Rei, dizendo, que onde o senhor do mundo por ele e por outros pecadores trouxera em sua cabeça coroa de espinhos, não havia ele de trazer coroa de ouro.» (1600, f. 15). Onde D. Marcos se distancia de Nunes de Leão (peremptório a negar qualquer participação de D. Henrique nas guerras de Ultramar: «O que na verdade não foi, nem podia ser.» – 1600, 15v) é ao admitir que o Conde poderia ter viajado até Ierusalém, e sobretudo ao fazer silêncio sobre a fundação, «per aqueles mesmos tempos», da «congregação de Cistel, a que a gente vulgar chama ordem de São Bernardo» (1600, f. 16v).

tamento que aos Cristãos<sup>I</sup> faziam, e tudo bem visto e notado, e também com informação do patriarca Simeão, que lhe deu ãa carta pera o Papa Urbano 2.º, com a que se foi a Roma, e deu de tudo larga conta ao Papa, o qual comovido<sup>II</sup> das rezões que Pedro lhe deu, fez ajuntar Concílio em Claramonte de França, como diz Bertoldo, onde se acharam além dos prelados, muitos príncipes seculares, e diante de todos per mandado do Papa contou outra vez Pedro o que vira e ouvira acerca das cousas do Oriente, o qual disse com tanta inergia de palavras, que todos os que presentes estavam assentaram que sem mais detença se havia de acudir àquele negócio, e assi se saíram todos a tratar da partida com tanto fervor, que em breve<sup>III</sup> se aparelharam todos e partiram. Eram entre outros os Príncipes que foram Hugo, Irmão del Rei de França, Roberto Duque de Normandia, Gotfredo de Bulhão Duque de Lorreina, e os Condes (255v)// de Flandres e de Tolosa, os quais logo elegeram pera Capitão-mor desta devota empresa a Gotfredo de Bulhão. E logo no ano seguinte, no mês de Julho de 1097<sup>IV</sup> tiveram ãa brava peleja com os Turcos, de que houveram vitória matando-lhe cinquenta mil homens, e com esta memorável vitória tudo lhe ficou fácil, até tomarem a Cidade de Hierusalém, da qual fizeram per aclamação Rei a Gotfredo seu Capitão, e ele foi tão humilde que nunca quis usar de coroa de ouro, dizendo não ser decente ter tal coroa onde o Rei do Céu foi coroado de espinhos. Vendo-se Gotfredo pacífico possuidor da-

Malmesber. lib. 4, cap. 2<sup>406</sup>

Tracanhota 2.<sup>a</sup> parte, lib. 12<sup>407</sup>; Geneb. l. 4<sup>408</sup>; Ilhescas<sup>409</sup>, e mais largamente Guilherme bispo de Tiro<sup>410</sup>

a 14 de Julho de 1097

<sup>I</sup> No ms.: «que aos Christãos se faziaõ»...

<sup>II</sup> No ms., parece ter sido inicialmente escrita, talvez por lapso, a palavra «comodado», convertida, por retoque, em «comovido». Num aditamento em entrelinha, pode ler-se, como uma confirmação da mudança, a sílaba alterada.

<sup>III</sup> No ms.: «embreve estavaõ-seaparelharaõ».

<sup>IV</sup> No ms.: «no mesde Julho de 1094 tiverão»...

<sup>406</sup> D. Marcos poderia conhecer os *Annales* de Bertholdus Constantiensis (c. 1030-1088), mas parece mais provável que lembrasse o monge medievo através da leitura dos *Annales* de Baronius. Igualmente provável é que dos *Annales* de Baronius tenha retirado a informação que o levou a remeter não só para Guillaume de Tyr mas também para Malmesber ou Willelmus Malmesburiensis (c. 1095-c. 1143). Sem indicar nenhum título (tratar-se-á decerto de *De Gestis Regum Anglorum*), D. Marcos destaca, tal e qual Baronius, apenas duas coordenadas da obra de Malmesber: l. 4. c. 2. (v. *Annalium Baronii Epitomes Pars Altera*, [1622], p. 495).

<sup>407</sup> A reconquista de Jerusalém é narrada por Giovanni Tarcagnota no início do livro XII da sua obra *Delle Istorie Del Mondo [...]. Parte Seconda*, 1585, pp. 450-459.

<sup>408</sup> V. Gilb. *Genebrardi Theologi Parisiensis Divinarum Hebraicarumque Literarum Professoris Regis Chronographiæ Libri Quatuor*, 1580, l. IV, pp. 352-353.

<sup>409</sup> A respeito do Pontificado de Urbano II, Gonzalo de Illescas trata com pormenor do Concílio de Claramonte, destacando o discurso do Papa, com seu enérgico apelo à cruzada, e enfatizando a reacção de entusiasmo que essas palavras teriam desencadeado em quantos as ouviram (*Historia Pontifical*, 1613, l. V, cap. XV, pp. 433-437).

<sup>410</sup> Guillaume de Tyr, Arcebispo a partir de 1175, escreveu nesse final do século XII a *Historia Rerum Gestarum in Partibus Transmarinis*, obra que saiu impressa pela primeira vez em 1549 e que, incluída no volume antológico *Gesta Dei per Francos*, teve ainda mais ampla difusão. A reconquista de Jerusalém, que Guillaume de Tyr data de 15 de Julho de 1099 (v. *Gesta Dei per Francos [...]. Tomus Primus*, 1611, p. 762), na cruzada em que seria vitorioso Godofredo de Bulhão, é matéria desenvolvida nos primeiros VIII livros.

queles estados e de toda Síria, despediu alguns príncipes que o ajudaram pera que viessem pera suas terras, mas inda que o nosso poeta pareça que quer dizer que entre os príncipes que vieram daquela vez<sup>1</sup> foi um deles Henrique, isto não pode ser, como dissemos, porque repugna à ordem dos tempos, mas porém esta não foi a última armada que àquelas partes passou, como vemos que em tempo del Rei D. Afonso Henriques, e de seu filho dom Sancho, gente que passava àquela santa conquista aportou a Lisboa, e assi o nosso Conde Henrique podia com algũa companhia que passasse, na qual quiçá viria algum parente mui chegado seu<sup>II</sup>, em companhia dele, ou per devação, e em romaria; ou porventura comprir algum voto que nalgũa batalha faria (cousa mui ordinária naquele tempo), e tornar-se logo sem que tivesse cá feito muita falta, e pela brevidade com que tornou o não achamos menos.

28

Quando chegado ao fim de sua idade  
o forte e famoso Húngaro estremado, (256)//  
forçado da fatal necessidade,  
o espirito<sup>411</sup> deu a quem lho tinha dado.  
Ficava o filho em tenra mocidade,  
em quem o Pai deixava seu treslado,<sup>412</sup>  
que do mundo os mais fortes igualava,  
que de tal pai, tal filho se esperava.

Estando o Conde Henrique em Astorga, Cidade que ele tinha tomado aos Leoneses, no ano de 1112, tendo gastado 20 nas guerras, adoeceu, e sabendo ser esta a derradeira, mandou chamar a Guimarães seu filho D. Afonso, e dando-lhe os bons conselhos que os pais naquela hora costumam dar a seus filhos, e quais deu o Emperador Teodósio a seu filho Honório<sup>414</sup>, deu sua alma a Deus na dita Cidade, donde seu filho o mandou trazer à Cidade de Braga, onde esteve num

Basilio  
Macedónio  
deixou a seu  
filho Leão 6.º,  
quando morreu,  
sessenta  
conselhos muito  
importantes  
que andam  
na *Biblioteca  
santa*.<sup>413</sup>

<sup>1</sup> No ms.: «vierão daquella \*ves\* foi hũ delles»...

<sup>II</sup> No ms.: «mui chegado seu eõ-elle emcompanhia delle»...

<sup>411</sup> Em 1572, 1584, 1591, 1597, 1609, 1612 e 1613: «espírito». Em 1626, 1631, 1633: «esprito».

<sup>412</sup> Nas edições de 1572, 1584, 1591, 1597, 1609, 1626, 1631 e 1633: «traslado». Em 1612, 1613, «treslado».

<sup>413</sup> Tudo indica que D. Marcos confundiu dois títulos: *Bibliotheca Sancta*, do dominicano Sixtus Senensis ou Sisto da Siena (1.ª ed.: 1566), e *Bibliotheca Selecta*, do jesuíta Antonio Possevino (1.ª ed.: 1593). É nesta que, ao tratar da educação dos príncipes (*Principum filios esse præcipuè rectè instituendos* – l. IV, cap. XVI), vem recomendado um texto cuja versão latina circulava impressa desde 1584: *Basilii Imperatoris Constantinopolitani Capita Sexaginta Sex ad Leonem filium, cognomento Philosophum*. Escrevia Possevino: *Extant item Græcè, & Latine Basilij Imp. capita sexaginta sex Exhortationum, Quibus sanè omnia, quæ ad bonitatem & Pij Principis officium spectant, accuratè sunt scripta*. (*Antonii Possevini Mantvani Societatis Iesu Bibliotheca Selecta De Ratione Studiorum*, 1607, p. 168).

<sup>414</sup> V. Claudius Claudianus, *Panegyricus De Quarto Consulatu Honorii Augusti*, vv. 214-418.

sepulcro raso e humilde, conforme a santidade e temor de Deus daquele tempo sóbrio e pio, onde esteve até o ano de 1513, quando D. Diogo de Sousa, Arcebispo de Braga, lhe levantou o sepulcro em que agora está à parte do Evangelho, e da outra parte lhe fica sua mulher a Rainha D. Teresa.<sup>415</sup>

Que de tal pai tal filho se esperava.

texto

*Fortes creantur fortibus, et bonis*, dizia Horácio<sup>416</sup>. E Marulo poeta:<sup>417</sup>

*Scilicet est olim vis rerum in semine certa  
Et referunt animos singula quaeque patrum  
Non leporem canis emathius timidamve columbam  
Notus Hyperboreo falco sub axe creat. (256v)//*

29

Mas o velho rumor não sei se errado,  
que em tanta antiguidade não há certeza,  
conta que a mãe, tomando todo o estado,  
do segundo Himeneu não se despreza.  
O filho órfão deixava deserdado,  
dizendo que nas terras a grandeza  
do senhorio todo só seu era,<sup>418</sup>  
porque pera casar seu pai lhas dera.

---

<sup>415</sup> D. Marcos segue a *Crónica de D. Afonso Henriques* (pp. 20-22), onde Duarte Galvão representa, num largo discurso directo (inspirado num passo do *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, eventualmente – v. *Portugaliae Monumenta Historica*, II, 1, 1980, pp. 123-124), as últimas palavras do Conde D. Henrique a seu filho. Prefere, no entanto, a versão de Duarte Nunes de Leão no que concerne a decisão do príncipe acerca da sepultura de seu pai. Significa isso que não faz qualquer referência à hesitação de D. Afonso Henriques (explícita, na *Crónica* de Galvão, como na *Crónica de 1419*, na *Crónica Geral de 1344* e no *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*) quanto a permanecer em Leão, para guardar o território conquistado, ou deslocar-se a Braga, para acompanhar as cerimónias fúnebres. A respeito dos túmulos encomendados por D. Diogo de Sousa, D. Marcos poderá ter tido em conta quer a informação fornecida por Duarte Nunes de Leão, na *Chronica do Conde Dom Henrique (Primeira Parte Das Chronicas Dos Reis De Portugal*, 1600, f. 22), quer a informação transmitida por Pedro de Mariz nos *Dialogos de Varia Historia* (1597-1599, Dial. II, cap. III, f. 32), quer ainda a sua própria memória de visitante da Sé de Braga.

<sup>416</sup> Na *Polyanthea Nova*, este verso, indicado como parte de *Hor. 4 Carm. 4*, inclui-se numa citação mais longa, sob o título *Filius, Filia* (1607, p. 431).

<sup>417</sup> Atribuídos a *Marullus Poëta*, estes versos encontram-se também na *Polyanthea Nova*, sob o título *Filius, Filia* (1607, p. 430). Onde na *Polyanthea Nova* se lê *amathius*, D. Marcos escreve *emathius*.

<sup>418</sup> Na edição de 1572, como nas de 1597, 1609, 1612 e 1613: «Do senhorio todo, só sua era». Na edição de 1584 e na de 1591: «Do senhorio todo, sua era». Em 1626, 1631, 1633: «E o senhorio todo, só seu era».

Como o entendimento de Luís de Camões foi mui sutil e enlevado, bem sentiu nestas histórias algũa dificuldade, e a maior a meu ver havia de ser a autoridade de João de Barros, que nega o segundo casamento da Rainha Teresa<sup>419</sup>. Porém vendo por outra parte esta opinião tão corroborada com o tempo e Escritores antigos, pois até o Conde D. Pedro, quarto neto desta Rainha, lhe não encobriu esta falta, contou por excurso a dita história, fazendo primeiro ressalva que o rumor ou fama antiga assi o publicava.<sup>420</sup>

É de saber que morto em Astorga (como dissemos) o Conde Henrique no ano 1112, a rainha esteve viúva doze anos, e no fim deles se casou com o Conde de Trastâmara Dom Fernando Pérez, Grão Senhor em Galiza, de cujo poder e no-

---

<sup>419</sup> Na *Decada Terceira*, João de Barros fala de Duarte Galvão, considerando-o «homem douto nas letras de humanidade»: «Compôs per mandado d'el Rei dom Manuel a crónica d'el Rei dom Afonso Henriques primeiro Rei deste Reino de Portugal, ou (por melhor dizer) apurou a linguagem antiga, em que estava escrita: e quem quer que foi o primeiro compoedor dela, dará conta a Deus de macular a fama de tão ilustres duas pessoas, como foram a Rainha dona Tareija, e el Rei dom Afonso Henriques seu filho, nas diferenças que conta haver entre eles. Pois ao tempo que seu pai o conde dom Henrique faleceu, ele Príncipe dom Afonso ficou em idade de seis anos debaixo da obediência e tutoria de sua madre, sem ela lhe dar padraсто, nem ele a prender, e outras fábulas que a crónica conta. A verdade da vida e feitos do qual Príncipe, se a nosso Senhor aprouver dar-nos vida, se verá em nossa *Europa*.» (1628, I, IV, fls. 12-12v).

<sup>420</sup> D. Marcos parece referir-se ao *Nobiliário* ou *Livro de Linhagens* de D. Pedro, Conde de Barcelos, que circulou em cópias manuscritas até à edição que, preparada por João Baptista Lavanha, «no verão de 620, em San Lourenço, o Real, e as noites do inverno seguinte, em Madrid» (explica Lavanha na dedicatória), foi impressa em Roma, em 1640, já após a morte deste «Coronista Mayor del Reyno de Portugal». Se Camões optou por mitigar a referência a um segundo casamento de D. Teresa, nem na edição de Lavanha (que anotou, *Toda esta historia del casamiento de la Reyna D. Teresa, y su prision, prueva Duarte Nuñez no ser verdadera en el principio de la Chronica deste Rey*), nem na tradição manuscrita do *Nobiliário* se acham fórmulas modalizadoras que insinuem dúvidas: «E ela casara-se com o conde dom Fernando de Trastamar que era em aquel tempo o melhor homem d'Espanha que rei nom fosse» (*Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, 1980, p. 124; *Nobiliário*, 1640, p. 27). Mais adiante, acrescenta-se: «E este conde dom Fernam Pirez, seu irmão, lhe filhou esta rainha dona Tareija, e casou // com ela sem Deus e sem direito, e por este pecado que fez este conde dom Fernam Pirez, foi exerdado do reino de Portugal [...]» (*Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, 1980, p. 175; *Nobiliário*, 1640, p. 64). É significativo que, reconhecendo D. Marcos como provável um novo casamento de D. Teresa, faça silêncio completo sobre a seqüência de ligações em que a rainha se teria envolvido – assunto igualmente contemplado na *Crónica Geral de Espanha*, na *Crónica de 1419* e na *Crónica de D. Afonso Henriques*. Duarte Galvão, que repete o que as crónicas anteriores dizem, fala sem equívocos de dois casamentos (e de uma ligação pecaminosa): D. Teresa, viúva, teria casado «com dom Vermum Paaez de Traua: e depois dom Fernando Comde de Trestamara, seu irmão d'elle, lha tomou, e casou com ella. E dom Vermum Paaez casou depois com huã filha desta Rainha dona Tareyia e do Comde dom Hamrriquez ja finado, que elle tijnha em sua casa, que chamauam dona Tareyia Hamrriquez: e por este peccado foy feito em Galliza huã moesteiro chamado de Sobrado.» (1995, p. 24). Tratava-se de matéria polémica, refutada por Duarte Nunes de Leão na «Relação do que se continha na Historia Antiga del Rei Dom Afonso Henriques que se agora reprova» (*Primeira Parte das Chronicas dos Reis de Portvgal*, 1600, f. 27v) – um texto em que, tirando partido de uma pista deixada por Garibay, segundo o qual D. Teresa seguira *las flacas pisadas de su hermana Doña Vrraca* (*Los XL Libros d'el Compendio Historial*, 1571, XXXIV, VIII, p. 780), Nunes de Leão argumenta que só por confusão haviam sido atribuídos a D. Teresa os erros de D. Urraca.

breza faz muitas vezes menção F. Prudêncio de Sandoval e os Historiadores Espanhóis. E não contente com se casar, quis deserdar o filho D. Afonso Henriques, dizendo que ela era a verdadeira Senhora de Portugal, porque seu pai a ela as<sup>1</sup> dera em casamento. E sobre isto o príncipe lhe fez guer(257)//ra ao padraсто, e a mãe prendeu em ferros *ect.*<sup>421</sup> Muitos escritores portugueses, e entre eles Duarte Nunes de Leão, tomam muito mal estas histórias e dizem que são fabulosas, que nunca tal casamento houve no mundo, porque como eles acharam doações até o ano 1120 assinadas pela Rainha, e por seus filhos, e não viram outras escrituras mais adiante feitas, de que consta do tal casamento, o julgaram por falso, e comentício, e após isso negam histórias de muita honra pera Portugal, que daquele casamento dependiam. Fr. Bernardo de Brito, na segunda parte da sua *Monarquia*, por ter achado três doações antigas que fazem menção do segundo casamento da Rainha D. Teresa, se retracta de ter dito noutra parte o contrário<sup>422</sup>. Gaspar Estaço, por estas e outras escrituras prova o mesmo<sup>423</sup>. Ao que todos disseram, acrescentamos: na *Vida de S. Teotónio*, que compôs um Religioso a quem ele deitou o hábito, e se intitula por discípulo seu, está escrito, que sendo o glorioso santo Prior de Viseu, e estando na sacristia revestido pera dizer Missa, entrara a Rainha D. Teresa pera a ouvir, e ele lhe disse que não iria ao altar até que ela se não fosse daquela Igreja, porque mulher que vivia com tanto escândalo de todo o Reino, com a amizade suspeitosa do Conde D. Fernando, não era digna de se achar

---

<sup>1</sup> A frase apresenta um erro: D. Marcos, decerto pensando no verso camoniano, onde se falava em «terras» dadas a D. Teresa, usa o pronome feminino plural «as» em lugar do singular masculino «o», referente a «Portugal».

---

<sup>421</sup> D. Marcos menciona Fr. Prudencio de Sandoval, mas segue Duarte Galvão – que por sua vez segue, além do *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro* (1980, p. 124), a *Crónica Geral de Espanha de 1344* (IV, 2009, pp. 216-217) –, assimilando até pormenores como as palavras de um diálogo entre o Conde D. Fernando de Trava, D. Afonso Henriques e D. Teresa: «Respomdeo o Príncipe dom Affonso: Nam deuia daprazer a Deus com tall cousa, que uos me queiraes deitar fora da terra que meu pay gaanhou. Acudio a Rainha sua may dizemdo: Minha he a terra e sera, que meu pay ma deu e leixou.» (*Crónica de D. Afonso Henriques*, 1995, p. 25).

<sup>422</sup> Na *Segunda Parte, da Monarchia Lusytana*, Frei Bernardo de Brito queixa-se por haver quem negue «a ida do Conde dom Henrique à terra santa, o aparecimento de Cristo a el Rei D. Afonso, a ida de Egas Moniz a Castela, a batalha dos Arcos de Valdevez, e outras cousas semelhantes, cuja irrefragável verdade se palpa em doações, e escrituras antigas, onde ela não pode faltar.» E argumenta: «E a mim me aconteceu negar na crónica de Cister o segundo casamento da Rainha dona Teresa mulher do Conde dom Henrique, acostado a sofríveis fundamentos, e depois achar-me com três escrituras, que ela, e seu segundo marido fazem, e se chama mulher um tempo do Conde dom Henrique, e então do Conde dom Fernando [...]» (1609, VII, XXI, f. 343).

<sup>423</sup> Nas *Varias Antiguidades de Portugal*, Gaspar Estaço assevera que «não se pode duvidar da verdade do tal casamento», datando-o de «entre os anos 1125, e 1127» (1625, p. 71). Peremptório, refuta Duarte Nunes de Leão, segundo o qual D. Teresa apenas desposara D. Henrique. «A verdade» – diz Estaço – «é, que ela se casou a segunda vez [...], como atrás mostramos por muitas doações antigas, e pelo sumário, dos Reis Godos do doutor Resende, [Resend. na antiguidade de Evora cap. 13] o qual é de grande autoridade por ser feito em tempo d'el Rei D. Afonso Henriques, o qual sumário alega também Gaspar Barreiros [Barreiros tit. de Badajoz], cónego de Évora, na sua *Corografia*.» (p. 78).

presente àquele imaculado sacrifício<sup>424</sup>. E no Cartório de Santa Cruz há muitas escrituras de que consta a certeza daquele segundo casamento. Prossuposto isto, devia o príncipe D. Afonso reprender a rainha sua mãe, como fez o outro Afonso à Rainha D. Joana de Nápoles, e ela sentida desta repreensão se casaria em face (257v)// de Igreja com o Conde, querendo deserdar, ao menos em sua vida, ao dito príncipe, dizendo que seu pai lhe deixara aqueles estados, e que como filha de seu pai os possuía. E nisto algum fundamento tinha de Direito, como vemos hoje que a Duquesa D. Juliana não consente que o seu filho se intitule Duque de Aveiro enquanto ela é<sup>1</sup> viva.<sup>425</sup>

30

Mas o Príncipe<sup>426</sup> Afonso, que desta arte  
se chamava, do Avô tomando o nome,  
vendo-se em suas terras não ter parte,  
que a mãe com seu marido as manda e come,

---

<sup>1</sup> No ms.: «em quantoella for he viva.»

---

<sup>424</sup> O comentário recria com alguma liberdade um trecho da *Vita Theotonii*, onde se recorda, como voz da fama, a pública censura que Teotónio dirigira a D. Teresa e a D. Fernando por viverem em mancebia: *Siquidem fama refert, quadam die in ecclesia Visiensi, eo predicante, memoratam reginam, et consulem Fernandum, qui eo tempore contubernalis eius, non uir legitimus erat, rubore uerecundie suffusus de ecclesia festinanter exisse.* (Aires A. Nascimento, *Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra*, p. 148). Numa tradução quatrocentista da *Vita*, realizada em Santa Cruz, poderia D. Marcos ter lido: «Tanta era a authoritydade deste sancto sacerdote que ainda que os Principes da terra o temiaõ offender porq̄ he fama, que pregando elle hũa ves na Igreja de Viseu ao conde dom Fernando, e a Rainha nomeada [D. Teresa] lançou da Igreja porque estauaõ mal cazados, e de muito corridos e enuergonhados se sairaõ da Igreja, nũ por isso o reprehenderaõ, nem maltratarã.» (*Anais, Crónicas e Memórias Avulsas de Santa Cruz de Coimbra*, 1968, p. 153).

<sup>425</sup> D. Juliana de Lencastre faleceu a 23 de Agosto de 1636. Era a 3.ª duquesa de Aveiro, tendo herdado o título de seu pai, D. Jorge, o 2.º Conde, morto em Alcácer Quibir. Não foi pacífica, essa transmissão, pois contrariava a Lei Mental (que preteria, na sucessão, a descendência feminina), mas o conflito terminou em 1588, resolvido pelo casamento de D. Juliana com seu tio (em alguns documentos, primo) e concorrente, D. Álvaro de Lencastre (v. Francisco Ferreira Neves, *A Casa e Ducado de Aveiro. Sua origem, evolução e extinção*, Separata do volume XXXVIII do *Arquivo do Distrito de Aveiro*, 1972). Novas contendas pelo título (e a estas se referirá D. Marcos) terão sido desencadeadas em 1632 pela morte prematura de D. Jorge, o filho mais velho dos 3.ºs Duques de Aveiro. O problema da sucessão voltava a pôr-se, com D. Afonso, segundo filho de D. Juliana, a reclamar o título e a alegar ter primazia sobre o sobrinho, D. Raimundo, filho de D. Jorge e neto da Duquesa. Este pleito, ganhou-o D. Raimundo, que em 1637 foi reconhecido como 4.º Duque de Aveiro, mas tudo indica que a questão se arrastou por alguns anos, pois vários pareceres elaborados por juristas têm a data de 1634 (*Allegaçam de Direito. Por o Duque de Torres Novas Dom Raymundo. Contra o Marques de Porto Segvro, Sev Tio. Sobre A successão do Estado, & Casa de Aveiro, por falecimento da senhora Duquesa Dona Iuliana [...]. Pello Doutor Francisco Velasco de Gouuea [...]*. Lisboa, Iorge Rodriguez, 1637, fls. 88v-89v), e o mais antigo remontaria a 1633 (v. *Allegaçam*, f. 53). Entende-se assim o comentário de D. Marcos: tomando partido contra as pretensões do seu segundo filho, D. Juliana ter-se-ia oposto ao uso, por este, de um título que de facto viria a ser-lhe negado e que, enquanto a Duquesa fosse viva, só a ela pertencia de pleno direito.

<sup>426</sup> Em 1572, como em todas as edições impressas até 1633: «Príncipe».

fervendo-lhe no peito o duro Marte  
imagina consigo como as tome,  
revolidas as cousas<sup>427</sup> no conceito,  
ao propósito firme segue o efeito.

Esta é a primeira vez que nomea ao Príncipe Dom Afonso Henriques per seu nome.

Do Avô tomando o nome.

Advirto que o Príncipe Dom Afonso se prezou muito de seu pai, pois tomou o nome dele por sobrenome seu, o que de outro Rei de Portugal não lemos, mas que também se prezava mais da decendência de sua mãe que da de seu pai, pois além do nome que dele tomou, nas doações e escrituras públicas se chama neto do grande Rei D. Afonso, e não faz nunca menção do avô da parte do pai, sendo assi que per razão natural estava mais obrigado a este que àcoloutro, donde eu infiro que o Conde Henrique não era filho de Rei, mas de algum senhor grande da casa real. (258)//

31  
De Guimarães o Campo se tingia  
com<sup>428</sup> sangue próprio da intestina guerra,  
onde a mãe que tão pouco o parecia  
a seu filho negava o amor e a terra.  
Com ele posto<sup>429</sup> em campo já se via  
e não vê a soberba o muito que erra  
contra Deus, e contra o maternal amor,<sup>430</sup>  
mas nela o sensual era o maior.<sup>431</sup>

Vendo o príncipe D. Afonso que a Rainha sua mãe<sup>1</sup> o despojava do senhorio de Portugal, considerou consigo quão afrontado ficava, não só por se ver esbulhado de mando, e de vassalos, mas por ver a herança de seus avós nas mãos de um Galego, o qual estava claro que havia de tratar matá-lo por deixar seus filhos

---

<sup>1</sup> No ms., a redacção inicial seria «Rainha sua madre». Parte desta palavra, porém, foi rasurada e transformada por forma a dar lugar a «mãe».

---

<sup>427</sup> Na edição de 1572, como nas de 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1626: «causas». Em 1613, 1631, 1633: «cousas».

<sup>428</sup> Em 1572, como em todas as edições publicadas até 1633: «Co sangue».

<sup>429</sup> Nas edições de 1572, 1584, 1591, 1597, 1609, 1612 e 1626: «Co ele posta»... Nas edições de 1613, 1631 e 1633: «Com ele posta».

<sup>430</sup> Em 1572, como em todas as edições publicadas até 1633: «Contra Deus, contra o maternal amor».

<sup>431</sup> Em 1572, como em todas as edições publicadas até 1633: «era maior».

Hieron. Çurita  
nos *Anais de*  
*Aragão* l. 1,  
c. 49

herdados. Considerando, pois, o príncipe estas cousas que não chegavam menos que à honra e vida, devia de aconselhar-se<sup>1</sup> com o seu fiel aio Egas Moniz, per cujo conselho e ajuda de fiéis e leais portugueses tratou de fazer guerra à mãe e ao padraço, e pera isso lhe tomou dous castelos, o da Feira, em terra de Santa Maria, e o de Neiva, na província de Antre Dour-a-Minho. Daqui começou a fazer guerra ao padraço<sup>432</sup>, acudindo-lhe logo todo Portugal, e junto de Guimarães tiveram ãa rota da qual o príncipe vencido se ia retirando a tempo que com mais gente vinha seu Aio Egas Moniz a socorrê-lo, e o reprende de dar batalha sem ele estar presente, e tornando a ajuntar o exército deu de novo batalha ao Conde D. Fernando de Trava e o venceu, e tanto apertou com ele que o fez dar-lhe homenagem de se ir deste Reino e (258v)// não tornar mais a ele, e assi se partiu pera seus estados. E porque alguém não cuide que o conde D. Fernando com quem a Rainha estava casada ou tratava de se casar, era algum homem muito indigno com quem a Rainha se casava com abatimento seu, saiba que este senhor era filho do Conde Dom Pedro de Trava e da Condessa Dona Maior, filha do Conde de Urgel, e era homem mui devoto e esforçado<sup>II</sup>, porque como afirma F. Prudêncio de Sandoval foi duas vezes à conquista da Terra Santa<sup>433</sup>. Com este foram as pelejas do Príncipe D. Afonso Henriques, que tiveram o fim que vimos.

f. Prud. c. 59  
*Histor.*

32

Ó Progne crua, ó mágica Medea,  
se em vossos próprios filhos vos vingais  
da maldade dos pais, da culpa alhea,<sup>434</sup>  
olhai que inda Teresa peca mais.  
Incontinência má, cobiça fea,  
são as causas deste erro principais,

<sup>1</sup> No ms.: «deviade seaconselharse»...

<sup>II</sup> No ms.: «e erahomê mui devoto eesforçado, edevoto»...

<sup>432</sup> Zurita conta que em 1126, *don Alonso, que se llamaua Infante de Portugal, hijo del Conde don Enrique, auindose apoderado de aquella Prouincia, sacandola de poder del Conde don Hernando hijo del Conde don Pedro Froyaz de Traua, y de la Condessa doña Mayor, hija del Conde de Vrgel, que dexando su legitima muger, estava abarraganado con la Infanta doña Teresa madre del Infante, acabado aquello tuuo grande dissension, y guerra con el Rey de Castilla su primo: porque con mucha presuncion, y orgullo no queria reconocerse por su vassallo: y auiendo adquirido grande estado, siendo el de animo muy generoso, y altiuo, se levanto contra el, y puso en armas con todo su poder [...]* (*Anales*, I, XLIX, 1585, fls. 48-48v). Para lá de Zurita, D. Marcos segue neste passo, muito de perto, o capítulo VI da *Crónica de D. Afonso Henriques*, de Duarte Galvão (1995, pp. 25-26), próximo do que se lê também no *Livro de Linbagens do Conde D. Pedro* (1980, pp. 124-125), na *Crónica Geral de Espanha* (2009, IV, pp. 216-217) e na *Crónica de 1419* (1998, pp. 10-11).

<sup>433</sup> *Muchas vezes se ha nombrado el Conde don Fernando de Galicia, que fue hijo del Conde don Pedro de Traua, Ayo del Emperador, fue vn gran Cauallero en armas, y de señalada virtud. Passò dos vezes a la conquista dela Tierra santa; era Patron y señor del Monesterio de Sobrado, de la Orden de san Benito, por ser descendiente de sus santos fundadores.* (*Historia de Los Reyes de Castilla y de Leon*, 1615, f. 206).

<sup>434</sup> Nas edições de 1572, 1584, 1612, 1613, 1626: «alheia». Em 1591, 1597, 1609, 1631, 1633, «alhea».

Cila por ãa mata o velho pai,  
esta por ambas contra o filho vai.

Compara aqui a Rainha D. Tareja a Progne e a Medea, das quais ambas contam as fábulas que mataram seus filhos próprios, e diz que cada ãa delas teve menos culpa no feito que fez que a Rainha Teresa em deserdar seu filho, porque estas levadas da paxão e ódio que aos pais tinham mataram os filhos, e estoutra de ódio e incontinência.

Ó Progne crua.

Tereu filho de Marte, e Rei de Trácia, foi casado com Progne filha de Pandión Rei de Atenas, o qual tinha outra filha chamada Filomena. Estando Progne em Trácia com seu marido havia já cinco anos, (259)// teve grandes saudades da irmã, e com muitas importunações rogou ao marido que fosse a Atenas visitar el Rei seu pai, e que lhe pedisse que deixasse ir a Filomena a Trácia, porque era grande o desejo de a ver. Foi Tereu a Atenas, visitou a el Rei seu sogro, e contou-lhe as importunações com que sua mulher lhe pedira que lhe levasse sua irmã consigo. Bem quisera o velho deixar de a mandar, todavia houve-o de fazer, obrigado dos rogos da filha e do genro. Indo pelo caminho, pôs Tereu os olhos em Filomena sua cunhada; e pareceu-lhe tão bem que se deixou levar de pensamentos incontinentes, e tratou de a forçar, e saindo fora da nau com ela, entre uns arvoredos a forçou, e dizendo-lhe ela que sua irmã e seu pai saberiam desta injúria que lhe fazia, Tereu com grande crueldade lhe cortou a língua, e deixou-a presa naquele lugar e foi-se, e disse a Progne que sua irmã Filomena era morta. Uns pastores que acharam Filomena presa a desataram e a levaram ao lugar consigo, onde ela num pano de lenço escreveu ãas letras com a agulha, das quais constava de seu sucesso, e mandou um mancebo que o levasse a vender à Progne. A qual, tomando o lenço e vendo as letras, sentiu muito o caso, mas dissimulou, fingindo que queria fazer uns sacrificios a Baco no campo, e foi ter onde a Irmã estava, e achando-a naquele estado se lhe dobrou o sentimento, e finalmente levando-a dali a teve em sua casa escondida, traçando o modo que teria pera se vingar do marido. Tinha ela um filho de Tereu a quem ele amava muito. Progne o tomou e matou, e fez dele guisado e o fez comer ao próprio pai, o qual na mesa tudo era perguntar pelo filho. Levantou-se (259v)// então Progne, e entrou num aposento, e trouxe num prato a cabeça, pés e mãos do filho, e o apresentou diante do pai, dando-lhe a causa por que o fizera. O pai como doudo leva da espada, e vai correndo após ela pera a matar. Aqui dizem os poetas que os Deuses fizeram ãa transformação, convertendo a Progne em andorinha, a Filomena em roxinol, e a Tereu em corça<sup>1</sup> e a Ítis em faisão. Um dístico de um poeta li muito galante a este prepósito:

---

<sup>1</sup> No ms., a palavra foi objecto de emenda ou alteração. Não é inteligível, porém, a forma inicialmente grafada.

*Flet Philomela nefas incesti Thereos, et quae  
Muta puella fuit, garrula fertur avis.*<sup>435</sup>

Strabo, no 9.º Livro de sua *Geografia*<sup>436</sup>, e Ovídio no 6.º dos *Metamorphoseos*<sup>437</sup>, são autores desta fábula, fora outros muitos.

### Mágica Medea.

Estando Medea casada com Jason, houve dela quatro filhos: Dédimo, Téssalo, Alcímene e Tisandro<sup>438</sup>. Era neste tempo Medea muito estimada, assi por sua fermosura, como por sua sabedoria, porém com a idade foi perdendo a graça que tivera em moça, de que tomou o ingrato Jason ocasião pera se namorar de Glauca, filha de Creonte, e finalmente repudiada Medea, tomou a esta senhora por mulher. O que Medea sentia, não há pera que o encarecer. Pera se vingar se aproveitou de suas artes mágicas, pelas quais fez arder a casa de Creonte, onde ele pereceu e sua filha Glauca, e sobre isso tomou os filhos que de Jason houvera e matou-os, tirando Téssalo que fugiu, e ela também sobre um dragão que voava, que seria algum demónio, (260)// e se foi a Atenas a casa de Egeu pai de Teseu. Vendo-se Jason sem mulher e sem filhos, de desesperação se matou. Desta história ou fábula, além de Valério Flaco que escreveu a da *Argonáutica*<sup>439</sup>, são autores os poetas todos, ao menos os que eu li. Um Emblema de Alciato mui galante perei aqui, feito a ã andorinha que fez ninho sobre ã Estátua de pedra de Medea que matava seus filhos:

*Colchidos in gremio nidum quid congeris? Eheu,  
Nescia cur pullos tam male credis avis?  
Dira parens Medea suos saevissima Mater  
Perdidit: et speras parcat ut illa tuis?*<sup>440</sup>

---

<sup>435</sup> Trata-se do satírico poeta latino Marcial (séc. I d.C.) e de «Luscinia» (*Epigrammata*, l. XIV, LXXV). Já antes, nestes Comentários, Marcial foi abertamente citado, mas a ocultação do seu nome pode ser significativa, já que era considerado um autor a expurgar.

<sup>436</sup> A propósito da cidade de Daulis, Estrabão assinala fugazmente, na *Geografia*, que, segundo a opinião de alguns (e contra a versão de Tucídides), aí se desenrolara a mítica história de Filomela e Progne (9, 3, 13).

<sup>437</sup> Publius Ovidius Naso, *Metamorphoses*, VI, vv. 412-674.

<sup>438</sup> Os nomes dos gémeos Téssalo e Alcímenes, junto com o de Tisandro, são apontados por Diodoro Sículo (4, 54, 1). Já o nome de «Dedimo» não se encontra nas fontes clássicas, sendo possível que D. Marcos o referisse por confusão com Dídimo (*Didymus*, séc. I a.C.), autor de escólios sobre a tragédia *Medeia* de Eurípedes.

<sup>439</sup> A história de Medeia e Jasão é narrada nos livros V-VIII da *Argonautica* de Caius Valerius Flaccus (séc. I d.C.).

<sup>440</sup> Trata-se do emblema LIV de Andrea Alciato: *Ei Qui Semel Sua Prodegerit, Aliena Credi Non Oportere* (*Emblemas*, 1985, p. 90). D. Marcos escreve *suos saevissima Mater* em lugar de *suos saevissima natos*.

Cila por ãa mata o velho pai.

texto

Conta Ovídio<sup>441</sup>, que estando Minos, Rei de Creta, sobre Nisea, ou como outros dizem, sobre Mégara, onde era Rei Niso, quis ãa filha sua chamada Cila ver os exércitos de Minos, e olhando pera os soldados, viu entre eles a Minos, que era muito gentil-homem, e logo se namorou dele, e cuidando entre si que serviço faria a Minos com que lhe agradasse, cortou a cabeça a seu pai e lha mandou<sup>1</sup>, o qual, vendo tamanha maldade, como era Rei justo não quis ver a Cila, e ela se converteu em Cotovia.

Ovid., 8 *Met.*

Propostos estes três casos, diz Camões que o pecado de Teresa foi maior que o de nenhum destes, porque Medea e Progne mataram seus filhos só tendo por antolhos o agravo que cada um<sup>II</sup> tinha recebido, e de facto eram agravadas, o que (260v)// não podia dizer Teresa que era. Cila cometeu um grande pecado em matar seu pai, mas a esta só a moveu um imprudente amor que tomou a um Rei inimigo, e só desta incontinência foi vencida, mas Teresa teve duas causas em seu pecado: incontinência em se casar, e cobiça em querer tomar ao filho o que seu era.

33

Mas já o Príncipe<sup>442</sup> claro o vencimento  
do Padrasto e da inica mãe levava,  
já lhe obedece a terra num momento,  
que primeiro contr'ele<sup>443</sup> pelejava.  
Porém vencido de ira o entendimento,  
a mãe em ferros ásperos atava,  
mas de Deus foi vingada em tempo breve,  
tanta veneração aos pais se deve.

Vencido o Conde e despedido deste Reino, o Príncipe D. Afonso, levado da cólera e paxão que contra a mãe tomara, a prendeu e meteu nãa torre. Diz aqui Camões que foi em ferros, e assi o diz a Crónica<sup>444</sup>, mas passou-lhe logo esta ira, e reconciliados ficaram amigos, e tudo se acabou. Verdade seja que ela exclamou

---

<sup>1</sup> No ms.: «aseupay ea \*lha\* mandou a ~~Minos~~: oqual»...

<sup>II</sup> Deveria ler-se «cada uma».

---

<sup>441</sup> Publius Ovidius Naso, *Metamorphoses*, VIII, vv. 1-151.

<sup>442</sup> Em 1572, como em todas as edições publicadas até 1633: «Príncipe».

<sup>443</sup> Em 1572, como em todas as edições publicadas até 1633: «contra ele».

<sup>444</sup> A «Crónica» é decerto a de Duarte Galvão (v. 1995, p. 27), embora a referência à prisão de D. Teresa se ache igualmente na *Crónica de 1419* (1998, p. 11), na *Crónica Geral de 1344* (IV, 2009, p. 218) e no *Livro de Linbagens do Conde D. Pedro* (1980, p. 125). D. Marcos parece tentar um compromisso entre a versão assim transmitida, que fazia ressaltar uma duradoura discórdia, e aquela que Duarte Nunes de Leão e Gaspar Estaço sustentaram, visando a defesa de um retrato pacífico das relações entre mãe e filho.

dizendo, que em prisões se visse quem na ela prendia, o que diz o poeta que se compriu quando ele quebrou a perna no ferrolho e caiu nos canteais onde foi preso por el Rei de Leão seu genro, como logo diremos. (261)//

Tanta veneração aos pais se deve.

Bem sabido é aquele axioma de Aristóteles, *Diis parentibus et magistris non possumus aequalia redere*<sup>445</sup>. E como nós com boas obras lhe não possamos pagar o que lhe devemos, tanto mais longe havemos de estar de os ofender, e chegou a dizer Pítaco poeta grego: tende pera vós que vossos padres são Deuses<sup>446</sup>. E um Cómico grego disse<sup>1</sup>: *Collens parentes laeta speres omnia*<sup>447</sup>. Contudo quando os pais querem dos filhos aquilo que é contra a honra de Deus, *per calcatum perge patrem*, como dizia S. Jerónimo<sup>448</sup>, porque doutrina é de Santo Agostinho num Sermão, *Amandus est generator sed praeponendus est creator*<sup>449</sup>. El Rei D. Afonso Henriques, se prendeu sua mãe, não foi, como diz Ravísio Textor<sup>450</sup>, porque se queria casar, senão porque estando solta se ocasionavam novas guerras e se deramava muito sangue de Cristãos, e se punha o Reino em perigo a tornar às mãos dos mouros donde havia tão pouco que saíra. E assi inda que ela disse que em

---

<sup>1</sup> No ms.: «e hūs Comicos gregos disseraõ»...

---

<sup>445</sup> Sentença muito semelhante figura, sob o título *Parens*, na *Polyanthea Nova*, igualmente atribuído a Aristóteles (*lib. 9 Ethic. in principio*): *Diis, parentibus, & magistris, non potest reddi aequalens*. (1607, p. 846).

<sup>446</sup> D. Marcos terá provavelmente procurado traduzir o preceito que sob o título *Parens* é atribuído a Pítaco na *Polyanthea Nova: Parentes venerare* (1607, p. 846).

<sup>447</sup> Na *Polyanthea Nova*, sob o título *Parens*, apresenta-se este mesmo verso, incluído entre fragmentos retirados *Ex Graecis Com.* (1607, p. 846). D. Marcos escreve *laeta* onde na *Polyanthea Nova* se lê *latea*.

<sup>448</sup> O excerto citado faz parte de uma epístola de S. Jerónimo (XIV, 2, *Ad Heliodorum Monachum*), onde é comentado um passo de S. Mateus, 10, 37 (*Qui amat patrem aut matrem plus quam me, non est me dignus*). D. Marcos lembra-o mas não o traduz, e a sua opção pode ser significativa, atendendo à dureza das palavras em causa. Com efeito, S. Jerónimo intensificava, de modo implacável e ao arripio de modelos clássicos (recorde-se a *pietas* celebrada por Virgílio), uma absoluta separação entre o profano e o sagrado, entre o amor aos pais e o amor a Deus: *licet paruulus ex collo pendeat nepos, licet sparso crine et scissis uestibus ubera, quibus nutrierat, mater ostendat, licet in limine pater iaceat, per calcatum perge patrem, siccis oculis ad uexillum crucis uola*. Não à toa, para acentuar a exigência da ordem que assim preconizava (exigência aparentemente avessa, se não à natureza, à cultura fixada na *doxa*), S. Jerónimo recorria ao paradoxo: *pietatis genus est in hac re esse crudelem*. (*Sancti Eusebii Hieronymi Epistulae. Pars I*, 1996, pp. 46-47).

<sup>449</sup> A sentença figura na *Polyanthea Nova*, sob o título *Parens*, atribuída a *August. in quodam sermon* (1607, p. 845).

<sup>450</sup> Nas *Varias Antiguidades de Portugal*, Gaspar Estaço recorda o nome de autores que haviam falado do segundo casamento de D. Teresa. Nesse rol entra «Rauisio Textor», e uma nota marginal remete para *tom. 2 verbo ingrati* (1625, p. 70). Com efeito na *Officina*, sob o título *Ingrati*, lê-se: *Alphonsus primus rex Lusitaniae, Tiresiam matrem coniecit in uinula, quòd post mariti mortem secundas tentasset nuptias*. (II, 1560, p. 396).

ferros estivesse quem em ferros a metia<sup>451</sup>, não se pode dizer que isto se comprisse em o filho, porque ele in da que caindo do cavalo em Badajoz foi reteúdo pelos Leoneses, nunca foi preso em ferros, antes sempre tratado como quem era. Aconteceu-lhe aquele desastre, logo os homens atribuem aquilo a profecia, ou força da maldição da mãe. Como também na Índia, quando Lopo Vaz de Sampaio disse a Nuno da Cunha quando o prendeu: «Eu prendi-vos, prendestes-me, lá virá quem vos prenda a vós.» E assi houvera de ser se não morrera no caminho<sup>452</sup>. Isto disse aquele fidalgo como bem experimentado no jogo da fortuna e como quem sabia que aqueles lugares altos eram ocasionados a qualquer ruína, e se aconteceu não foi pelo ele ter dito. (261v)// Contudo não podemos deixar de dizer que in da que o Príncipe teve causa pera prender sua mãe, todavia não teve bastante rezão pera a poer em ferros, e por isso bem poderia ser que a maldição ou imprecação que naquele acto fez como magoada fosse ouvida. Porque como diz Platão, *Preces parentum adversus filios saepe audiuntur*<sup>453</sup>. E Séneca dizia que se não espantava de aos homens desde sua mocidade lhe sucederem infortúnios, pois viviam ou se criavam entre maldições de seus padres. *Iam non admiror si omnia nos a prima pueritia mala sequantur si inter execrationes parentum crevimus*<sup>454</sup>. Tomem daqui exemplo os filhos de não ofender a seus padres. E os pais a ser pacientes e não arremessados a deitar maldições a seus filhos. O nosso poeta não aprova este feito do príncipe, mas escusa-o dizendo que a paxão cegou a rezão, e a ira o entendimento. Mas contudo esta prisão da Rainha durou pouco, e assi era rezão que fizesse um príncipe tão benigno à mãe que o parira.<sup>455</sup>

Plato, 11 *De Legib.*

Seneca, *Epis.* 11

---

<sup>451</sup> D. Marcos preferiu abreviar, e em discurso indirecto, a maldição que na *Crónica de D. Afonso Henriques* (como no *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, 1980, p. 125) é representada com o *pathos* próprio das palavras ditas na primeira pessoa: «Dom Affonso filho, prendestesme e deserdasteesme da terra e homrra que me leixou meu pay, e quitastesme de meu marido: a Deus peço que preso seiaaes uos, assi como me eu ueio: e porque posestes minhas pernas em ferros, que uos ajudaram a trazer e a criar com mujtas doores em meu uemtre e fora delle, com ferros seiam as uossas quebradas, e a Deus praza que assi seia.» (1995, pp. 26-27).

<sup>452</sup> É Diogo do Couto quem narra, neste termos, a prisão de Lopo Vaz de Sampaio: «Fazendo-se à vela chegaram a Cochim, onde Nuno da Cunha mandou pelo Ouvidor geral tomar a menagem a Lopo Vaz, e escrever toda sua fazenda, avaliá-la, e depositá-la em mãos de pessoas abonadas pera a levarem pera o reino, o que tudo sofreu Lopo Vaz com muita discrição e ânimo, e disse ao Ouvidor geral quando o prendeu: “Dizei ao Governador que eu prendi, ele me prende, lá virá quem o prenda a ele”, e assi houvera de ser, se não falecera no mar indo pera o reino, porque nas ilhas o esperavam com grilhões [...]» (*Decada Quarta*, 1602, VI, VI, f. 106).

<sup>453</sup> A sentença, também atribuída a Platão e apontada como parte da obra *De Leg.*, figura na *Polyanthea Nova*, sob o título *Parens* (1607, p. 846).

<sup>454</sup> D. Marcos terá citado ainda aqui a *Polyanthea Nova*, sem no entanto reproduzir todo o passo de *Seneca 11 epistol.* ali oferecido: *Jam non admiror, si omnia nos à prima pueritia mala sequantur: inter execrationes parentum crevimus, exaudiunt dii quoque; nostram pro nobis vocem gratuitam.* (1607, p. 846).

<sup>455</sup> D. Marcos parece recriar passos do capítulo XLV da *Crónica de D. Afonso Henriques* («Aqui falla e amoesta Duarte Galluam autor, quamto sse deue escusar as malldições dos pais e das mãys»), mas, ao compor uma concórdia feliz, diverge do cronista. Galvão não anula o conflito, pelo contrário, aponta-o e lamenta-o: embora diga que a «malldiçam de mãy, mais madrasta que

Eis se ajunta o soberbo Castelhana  
 pera vingar a injúria de Teresa  
 contra o tão raro em gente Lusitano  
 a quem nenhum trabalho agrava ou pesa.  
 Em batalha cruel o peito humano  
 ajudado da Angélica defesa  
 não só contra tal fúria se sustenta  
 mas o inimigo aspérrimo afugenta. (262)//

No termo desta  
 vila dos Arcos  
 de Valdevez, há  
 ãa freguesia que  
 chamam Grade,  
 aonde está ãa  
 torre antiga,  
 que os Abreus  
 e Aranhas tem  
 por seu solar.

Nesta, no  
 tempo destas  
 guerras, morava  
 um Capitão  
 que deu traça a  
 que no campo  
 da matança se  
 pusesse ãa[s]<sup>I</sup>  
 grades cobertas  
 de terra onde  
 os cavaleiros  
 Castelhanos  
 caíram e foram  
 alanceados.

Entre eles se  
 achou um  
 trespassado de  
 muitas lançadas  
 e vivo sem  
 deitar sangue.

Admirados os  
 portugueses  
 disto, olharam-  
 -no e lhe  
 acharam ãa  
 Cruz de pau,

a qual tirada  
 se vazou o  
 Cavaleiro em  
 sangue e morreu  
 logo. Esta

ficou àquele  
 Cavaleiro de  
 quem falamos,  
 que deu nome  
 à freguesia da  
 Grade, e nesta  
 Igreja se pôs  
 aquela cruz, e é  
 tida em muita  
 veneração.

Vendo-se a Rainha D. Teresa despojada do governo de Portugal, e reteída na prisão onde o filho a pusera<sup>456</sup>, convocou em seu favor El Rei de Castela D. Afonso 7.º, filho de sua Irmã D. Urraca, renunciando nele o direito que tinha em Portugal; o qual logo veio com um grande exército, e deu ãa batalha ao príncipe seu primo entre os Rios Lima e Vez, junto aos Arcos de Valdevez, nãa veiga grande, por onde eu já passei, a qual inda hoje se chama a Veiga da Matança, pela extraordinária que os nossos Portugueses fizeram nos Castelhanos, a qual, com este nome, e com os indícios de ossos de finados e armas espedaçadas que nela se acham está desmentindo a quem quis tirar este louvor e negar esta vitória a Portugal<sup>II</sup>. El Rei de Castela fugiu desbaratado, a unha de cavalo, e sete Condes ficaram presos daquela feita em Portugal. Esta vitória, por ser entre tão desiguais poderes, foi havida por miraculosa, por isso o nosso poeta diz que o Príncipe<sup>III</sup> alcançou esta vitória ajudado da angélica defesa.<sup>457</sup>

Contra o tão raro em gente Lusitano.

Quer dizer contra o Português que tão pouca gente tinha pera se defender.

<sup>I</sup> No ms.: «huã grades cubertas»...

<sup>II</sup> No ms., a redacção original, «aos portugueses», foi substituída por «a portugal», através de rasura e transformação de palavra.

<sup>III</sup> No ms.: «oPríncipe des alcançou»...

mã» não pesou «na pessoa, na homrra, na fazemda, a filho tam uirtuoso», deseja «que teueramos em outro cabo a proua e exemplo mais lomge e estrangeiro» (1995, p. 157).

<sup>456</sup> Ao retomar a história das desavenças entre D. Teresa e D. Afonso, num recuo cronológico, D. Marcos volta a colher na *Crónica de D. Afonso Henriques* a maior parte da informação de que tece este relato.

<sup>457</sup> Frei António Brandão, na *Terceira Parte da Monarchia Lusitana*, também fala de uma batalha que opôs D. Afonso Henriques a D. Afonso de Leão e Castela, «entre a Vila dos Arcos e a freguesia de S. André de Guilhadeses», na «veiga de Valdivéz», chamada «de Matança» por causa da violência do combate. Diz o cronista: «Alcançou o Infante entre outros despojos ãa grande Relíquia do santo Lenho, a qual se depositou na Igreja de Grade, distante ãa légua do lugar da batalha, e se conserva ainda hoje com memória continuada de muitos milagres, e singular consolação e devação da gente da terra, e é também abonado testemunho desta vitória.» (1632, IX, XVI, f. 90).

35

Não passa muito tempo quando o forte  
Príncipe<sup>458</sup> em Guimarães está cercado  
de infinito poder, que desta sorte  
foi refazer-se o imigo<sup>459</sup> magoado. (262v)//  
Mas com se oferecer à dura morte  
o fiel Egas amo, foi livrado,  
que doutra<sup>460</sup> arte pudera ser perdido  
segundo estava mal aprecebido.<sup>461</sup>

Era o príncipe D. Afonso mancebo, e<sup>I</sup> inda que valeroso pouco exercitado nos sucessos da guerra, e assi alcançando esta vitória se deu por seguro, e despediu sua gente, ficando-se com pouca na nobre Vila de Guimarães, quando o Rei Castelhanao, refazendo seu exército, deu sobre ele tão de repente, que quando soube que vinham inimigos já estava cercado deles e empossibilitado<sup>II</sup> pera buscar socorro. Vendo Egas Moniz, Aio do Príncipe, o perigo em que ele<sup>III</sup> estava, se foi ter com El Rei de Castela, e lhe disse que deixasse o cerco, que ele se obrigava a fazer com o Príncipe que em tudo lhe obedecesse. Donde eu colijo que a vinda del Rei de Castela a Portugal mais era por reduzir o príncipe à sua obediência que pera acudir à injúria e prisão da tia. Como a autoridade de Egas Moniz fosse grande, o Rei Castelhanao se deu por satisfeito com a palavra que ele lhe deu<sup>IV</sup>, e levantando<sup>V</sup> o cerco, se foi pera Castela.

36

Mas o leal vassalo conhecendo  
que seu Senhor não tinha resistência,  
se vai ao Castelhanao, prometendo  
que ele faria dar-lhe obediência.  
Levanta o inimigo o cerco horrendo,  
fiado na promessa, e consciência (263)//  
de Egas Moniz, mas não consente o peito  
do moço ilustre a outrem ser sujeito.

---

<sup>I</sup> No ms: «mancebo, \*e\* inda»...

<sup>II</sup> No ms.: «vinhão sobre elle/inimigos já estava cercado, \*delles\* eempossibilitado»...

<sup>III</sup> No ms.: «Vendo Egas Moniz setu Aio \*do Principe\* operigo emque \*elle\* estava»...

<sup>IV</sup> No ms.: «se deupor satisfeito \*cõ apalavra q̄ ellelhedeu\* e levantou ocerco»...

<sup>V</sup> No ms., a redacção primeira seria «levantou o cerco». Modificando a parte final do verbo, a versão final passou a ser «levantando o cerco».

---

<sup>458</sup> Em 1572, como em todas as edições publicadas até 1633: «Príncipe».

<sup>459</sup> Na edição de 1572, como nas de 1612 e 1613: «inimigo». Em 1584, 1591, 1597, 1609, 1626, 1631, 1633: «imigo».

<sup>460</sup> Na edição de 1572, como nas de 1584, 1591, 1609, 1612, 1613, 1626, 1631 e 1633: «de outra arte». Na edição de 1597: «d'outra arte».

<sup>461</sup> Em 1572, como em todas as edições publicadas até 1633: «aprecebido».

Levantado o cerco sobre a palavra de Egas Moniz, deu ele conta ao Príncipe do que tinha feito, e prometido, ao que ele respondeu, que não estava por isso, mas antes tornaria a arriscar seus estados e pessoa que obedecer nunca a Rei Castelhana.

texto

Fiado na promessa<sup>I</sup> e consciência.

Ambr. *De Offi.*

<sup>II</sup>Consciência. É o conhecimento interior que cada um tem de si. Se conhece e sabe de si males, tem má consciência. Se sabe bens, não se teme de males, porque tem boa consciência. Donde diz Santo Ambrósio: *Bene sibi conscius falsis non debet moveri convitiis nec aestimare plus ponderis in alieno esse convitio quam in suo testimonio*<sup>462</sup>. O que tem boa consciência e conhecimento de si mesmo não se deve alterar quando alguém lhe lançar em rosto o que ele não fez, nem fazer mais caso do dito afrontoso do outro, que do testemunho próprio. Daqui entenderemos, que cousa é boa ou má consciência. Acharam um homem morto. Inquire a Justiça de quem o matou. O homicida não aquieta, porque o conhecimento que n'alma tem de sua maldade o está acusando. Mas o que o não matou está quieto, porque a sua consciência de nada o argui. De sorte que a Consciência é a regra da razão, pela qual tudo se mede, e esta há-de ser a que nos há-de acusar diante do tribunal divino. Diz pois, o nosso poeta, que o Rei (263v)// Castelhana estava bem inteirado na consciência de Egas Moniz, e sabia dele, que não prometera de lhe fazer obedecer ao Príncipe Dom Afonso com má consciência, tendo outro ânimo, e outra vontade, senão que assi como o prometia assi o havia de cumprir e fazer.

37

Chegado tinha o prazo prometido  
em que o Rei Castelhana já aguardava  
que o Príncipe<sup>463</sup> a seu mando sometido  
lhe desse a obediência que esperava.  
Vendo Egas que ficava fementido,  
o que dele Castela não cuidava,  
determina de dar a doce vida  
a troco da palavra mal comprida.<sup>III</sup>

---

<sup>I</sup> No ms.: «fiado na palavra/promessa e consciencia».

<sup>II</sup> No ms.: ~~Palavra he qualquer voz significativa. Em portugues setoma nosingular per fé e promessa.~~

<sup>III</sup> No ms.: «atrocodapalavra prometida/mal comprida.»

---

<sup>462</sup> A sentença figura na *Polyanthea Nova*, sob o título *Conscientia*, atribuída a *Amb. de off.* (1607, p. 231).

<sup>463</sup> Em 1572, como em todas as edições publicadas até 1633: «Príncipe».

Egas Moniz prometeu a El Rei de Castela de fazer com que<sup>1</sup> o Príncipe até certo tempo fosse a ele oferecendo-se a seu serviço e dando-lhe obediência como vassalo; porém como se passou o término entre eles ordenado, vendo Egas Moniz que acerca dos Castelhanos ficava em menos conta e tido per fementido, cousa que tanto a gente nobre teme e avorrece, fabricou no seu conceito de se oferecer à morte por livrar-se desta infâmia.

38

E com seus filhos e Mulher se parte  
a alevantar co eles a fiança,  
descalços, e despídos: de tal arte  
que mais move a piedade que a vingança. (264)//  
Se pertendes<sup>464</sup>, Rei<sup>II</sup> alto, de vingar-te  
de minha temerária confiança,  
dezia<sup>465</sup>, eis aqui venho oferecido  
a te pagar co a vida o prometido.

Ou fosse invenção, e acto prudencial, Egas Moniz não quis ir só diante del Rei de Castela, mas levou naquela postura a mulher e filhos, pera por este meio alcançar a piedade no Rei e livrar-se da infâmia mais depressa pera com o povo.

Se pertendes, ó Rei alto.

Aqui começa a prática que fez o leal Português quando se apresentou diante do Rei de Castela.

Temerária confiança.

Temerário é aquele que se atreve, e ousa onde houvera de recear, e assi Egas chama a sua confiança temerária porque se não temeu da idade do Príncipe nem de sua altiveza e generosidade, tendo pera si que assi como até então lhe obedecera em tudo, assi o faria naquele caso, mas enganou-se.

39

Vês aqui trago as vidas inocentes  
dos filhos sem pecado, e da consorte,

---

<sup>1</sup> No ms.: «comq̄ ElR-oPrincipe»...

<sup>II</sup> No ms., um pequeno borrão, entre «pertendes» e «Rey», leva a crer que uma interjeição terá começado por ser desenhada («o Rey»).

---

<sup>464</sup> Em 1572, como em todas as edições publicadas até 1633: «pretendes».

<sup>465</sup> Na edição de 1572, como nas de 1584, 1597, 1609, 1612, 1613, 1626, 1631, 1633, «Dizia». Em 1591, «Dezia».

se a peitos generosos, e excelentes,  
dos fracos satisfaz a fera morte,  
Vês aqui as mãos e a língua delinquentes:  
nelas sós exprimenta toda a sorte<sup>466</sup>  
de tormentos, de mortes, pelo estilo  
de Sínis e do touro de Perilo.

Como Camões faz esta prática em nome de Egas Moniz, como em tudo é estremado, aqui mostrou também seu (264v)// engenho, porque oferecendo Egas Moniz os filhos e a mulher, e a si à morte, trata d'escusar dela os que amava, pondo diante do Rei sua generosidade e a fraqueza e inocência dos filhos, dizendo

Se a peitos generosos, e excelentes,  
dos fracos satisfaz a fera morte,

que era o mesmo que dissuadi-lo de os matar nem vingar-se neles, e logo abaxo diz «vês aqui as mãos que te dei, e a língua com que te prometi, nelas só te<sup>1</sup> vinga», como se dissera, eu só pequei, em mim só executa tua ira. O mesmo faz Niso em Virgílio, que vendo que os Rútulos queriam matar ao seu querido Euríalo, oferece-se a si à morte por livrá-lo, dizendo:

Virg., 9 *Aen.*

*Me me adsum qui feci in me convertite ferrum  
O Rutuli, mea fraus omnis nihil iste nec ausus  
nec potuit.*<sup>467</sup>

De Sínis, e do Touro de Perilo.

Plutarc. in  
*Teseo*

Deste Sínis fala Plutarco na Vida de Teseu, e diz que era um ladrão famoso chamado também Pessiocampta que andava a roubar no istmo de Corina, que é naquele estreito de terra de que já falámos, e todos os homens que salteava, não só lhes tomava o que traziam, mas também os matava cruelissimamente, atando-os a dous ramos de diversas árvores trazidos abaxo com grande força, e depois largando-os, tornando cada um a seu lugar, levavam o miserável espedaçado pelos ares. Teseu, informado do que passava, o prendeu e atou nas mesmas árvores e o fez morrer espedaçado no tormento que inventara pera os outros.<sup>468</sup>

---

<sup>1</sup> No ms., «se vinga» terá sido transformado em «te vinga».

<sup>466</sup> Em 1572, como em todas as edições publicadas até 1633: «toda sorte».

<sup>467</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, IX, vv. 427-429.

<sup>468</sup> D. Marcos assume como sua fonte a «Vida de Teseu», inclusa nas *Vidas Paralelas*, mas teve em conta igualmente outras obras, entre elas as *Metamorfoses* de Ovídio (VII, vv. 440-442), onde se descreve o tormento que o ladrão aplicava às suas vítimas (*Occidit ille Sinis, magnis male viribus usus./qui poterat curvare trabes et agebat ab altolad terram late sparsuras corpora pinus*). Com

## Do Touro de Perilo. (265)//

Tiranzando o crudelíssimo Fálaris<sup>469</sup> os Atenienses, e desejando de inventar algum tormento extraordinário com que matasse os homens, ofereceu-se-lhe logo um oficial fundidor de metal chamado Perilo<sup>I</sup> (que nunca faltam estes malsins às orelhas dos tiranos) e disse-lhe que tinha inventado um tormento notável, e era, um touro de metal vazado por dentro, no qual por um postigo metendo um homem e pondo-lhe fogo debaixo, daria gemidos, os quais saindo pela boca do touro, imitaria os mugidos dos bois. Contentou-lhe ao tirano a envenção, e mandou-lhe trazer o touro. Ele, cuidando que tinha granjeado a graça do Rei com aquele bom serviço, trouxe o touro<sup>II</sup>, mui abelhudo. Disse Fálaris aos seus criados: «tomai esse homem e metei-o dentro nesse boi, e já que ele inventou essa crueldade seja o primeiro que exprimente sua violência.» Ovídio:

Outros dizem  
que dos  
Agrigentinos –  
ou aos de Sicília.

*Et Phalaris tauro violentus membra Perilli  
Torruiet infelix imbuit auctor opus.*<sup>470</sup>

Claudiano:

*Sic opifex Tauri tormentumque repertor  
Qui funesta novo fabricaverat aera dolori  
Primus inexpertum siculo cogente tyrano  
Sensit opus docuitque suum mugire iuvencom.*<sup>471</sup>

---

<sup>I</sup> No ms., uma chamada indica o ponto de inserção do aditamento registado à margem: «chamado Perillo».

<sup>II</sup> No ms.: «o touro ~~o~~ touro mui abelhudo.»

---

efeito, só pela contaminação de várias matrizes clássicas (fundadas, directa ou indirectamente, em Pausânias), ou pelo recurso a informação já por outros trabalhada (v.g., em notas que acompanham Os *Lvsiadas* de 1584 e 1591), poderia traçar com pormenor a história de Sínis, acerca do qual o texto de Plutarco apenas diz: *In Isthmo etiam Sinnim Pityocamptam, quo pacto ipse multos occiderat, eodem peremit, cum non consuetudine ulla nec exercitatione ualeret, sed declaret uirtutem arti omni atque exercitationi antecellere.* (*Plutarchi Cheronei Græcorum Romanorumque Illustrium Vitæ*, 1542, f. 2).

<sup>469</sup> Os nomes de Fálaris, tirano de Agrigento, e de Perilo, inventor de um instrumento de tortura que nele teve a sua primeira vítima, andam associados. Nos *Moralia*, de Plutarco, entre os *Parallela* (v. *De Phalaride, & Perillo, ac uacca aerea* – *Moralia*, 1541, f. 50), foi incluída esta história, largamente divulgada, como *exemplum*, também por obras como a *Officina* de Ravisius Textor (1560, I, pp. 109-110).

<sup>470</sup> Publius Ovidius Naso, *Ars amandi*, I, vv. 653-654. Na edição de referência: *tauro violenti*. Estes versos, entre vários outros de Ovídio, são citados na *Officina* de Ravisius Textor, a respeito de *Perillus*, sob o título *Qui suis inventis perierunt* (1560, I, p. 109).

<sup>471</sup> Também estes versos, explicitamente atribuídos a *Claudianus lib. I in Eutrop.*, figuram na *Officina*, a respeito de *Perillus*, sob o título *Qui suis inventis perierunt* (1560, I, p. 110).

Conclui Egas Moniz, dizendo a el Rei Dom Afonso de Castela: «assi como estes dous homens morreram com aquilo que inventaram, assi eu morra, cortando-me as mãos e a língua, pois com as mãos firmei, e com a língua prometi de fazer o que não pude comprir.»<sup>472</sup>

40

Qual diante do algoz o condenado  
que já na vida a morte tem bebido  
põe no cepo a garganta, e já entregado  
espera pelo golpe tão temido, (265v)//  
tal diante do Príncipe<sup>473</sup> indinado  
Egas estava a tudo oferecido,  
mas o Rei vendo a estranha Lealdade,  
mais pode enfim que a Ira, a Piedade.

41

Ó grão fidelidade Portuguesa,  
de vassalo que a tanto se obrigava,  
que mais o Persa fez naquela empresa  
onde o<sup>474</sup> rosto e narizes se cortava.  
Do que ao grande Dario tanto pesa,  
que mil vezes dizendo suspirava,  
que mais o seu Zópiro são prezara,  
que vinte Babilónias que tomara.

Muito quadrou a Camões este feito de Egas Moniz, pois duas vezes nestes seus *Lusíadas* o celebrou. Agora diz que foi maior a fidelidade de Egas Moniz pera com o seu príncipe, do que foi a de Zópiro pera com Dario. Em muitos autores li esta história de Zópiro, porém nunca me contentou este feito seu<sup>1</sup>, porque incluiu

---

<sup>1</sup> No ms.: «estefeito deZopiro/seu.»

---

<sup>472</sup> Todo o capítulo X da *Crónica de D. Afonso Henriques*, de Duarte Galvão, é consagrado a este episódio: «Como dom Egas Moniz sse foy apresentar com sua molher e filhos a elRey de Castella dom Affomso, pella menagem que lhe tijnha feito» (1995, pp. 39-41). As palavras que D. Marcos atribui a Egas Moniz parecem ser uma adaptação do discurso apresentado na *Crónica*: «Rrecomtando de hi auamte peramte todos compridamente o feito como passara, e em cabo de todo disse: Por causa disto senhor, me uenho apresentar amte uos, ex aqui estas maãos com que uos fiz menagem, e a lingua com que volla disse: e mais uos trago aqui esta minha molher e estes moços meus filhos, pera sse uossa jra ouuer por mayor minha culpa que a uimgamça de meu corpo soo, per esta molher e per estes moços, a cuja fraqueza e hidade a jra dos imijgos sooe apiadarse, seia uossa jmdinaçam satisfeita.» (p. 40).

<sup>473</sup> Em 1572, como em todas as edições publicadas até 1633: «Príncipe».

<sup>474</sup> Na edição de 1572, como nas de 1597, 1609, 1626, 1631, 1633: «Onde rosto e narizes»... Em 1584 e 1591: «Onde o rosto e narizes». Em 1612 e 1613, «Onde o rosto e narizes»...

em si ũa brutalidade fera em se deformar daquela maneira<sup>1</sup>, e ũa treição e aleivosa, como foi entregar nas mãos dos inimigos aqueles que o tinham tomado por Capitão e defensor contra eles. A história conta Heródoto e Justino<sup>476</sup>. Tomaram os Assírios a Cidade de Babilónia (266)// aos Persas, sendo Rei daquela Monarquia o grande Dario, o qual logo acudiu com sua gente pera recuperá-la, porém os Assírios a tinham tão bem fortalecida, que desconfiava já Dario de a tirar<sup>II</sup> de seu poder. Estava com Dario um grande amigo seu chamado Zópiro, filho de Megazibo<sup>477</sup>, um dos conjurados na morte do falso Oropastes. Este cortou os narizes e beijos e orelhas, e naquela postura correndo se foi meter com os Assírios, que o conheciam bem. Ele lhes disse que Dario o tratara daquela sorte, porque era amigo deles. Os Assírios, cuidando ser verdade (porque quem havia de cuidar que era fingimento?) o fizeram Capitão de gente de cavalo. Saiu com eles Zópiro contra os persas e alcançou deles algũas vitórias leves e de pouca importância. Os Assírios vendo isto lhe entregaram a suma do governo, fazendo-o General de todo o exército, com o qual officio, ele deu ordem com que os Persas entrassem na Cidade, e mortos os Assírios, ficou Dario outra vez Senhor de Babilónia, e sabendo o caso se descontentou tanto dele que com muito sentimento disse: que mais quisesse o seu Zópiro são, que vinte Babilónias ganhadas<sup>478</sup>. Outro persa nos nossos tempos fez um feito de fidelidade pera com seu Rei mais de estimar que não este, e foi, que indo o Grão Turco seguindo ao Rei da Pérsia, Ismael Sufi, depois de o ter vencido, e desejando muito de o haver às mãos, vinham os Turcos já perto do Rei persiano, quando um cavaleiro (266v)// daqueles que o acompanhavam lhe disse: «Senhor, toma o meu vestido e dá-me o teu, e tu acolhe-te como qualquer outro soldado, e põe-te em salvo. Eu deixar-me-ei prender dos Turcos, cuidando eles que te levam preso deixarão de ir após ti, tu salvas-te, e eu se morrer pouco importa.» Fê-lo assi o Rei, e o outro foi preso pelos Turcos, que o levaram a ---<sup>III</sup>, o qual teve aquele triunfo pelo maior que nunca alcançara. Trazendo-o diante de si, lhe disse o cavaleiro: «Quem cuidas que tens diante?» Disse o Turco: «Ao soberbíssimo Rei de Pérsia.» Respondeu o Persa rindo-se: «Eu não sou Rei de Pérsia<sup>IV</sup>

Her., l. 3<sup>475</sup>

Just., l. 1.<sup>o</sup>

<sup>I</sup> No ms., entre «daquella manr.<sup>a</sup>» e «e huã treição» há uma palavra que a rasura torna ilegível.

<sup>II</sup> No ms.: «deatomar deatirar»...

<sup>III</sup> No ms., foi deixado um espaço em branco.

<sup>IV</sup> No ms.: «Eu não souRei #depersia# mas hũ vassallo»...

<sup>475</sup> O feito de Zópiro é contado por Heródoto, nas *Histórias* (III, 153-160). D. Marcos, que lembraria também, muito provavelmente, a concisa narrativa incluída em *Plutarchi Chæronei Regum et Imperatorum Apophthegmata* (*Plutarchi Chæronei* [...] *Opera Moralia*, 1541, f. 57v), abrevia a informação e sobretudo elimina o que na obra de Heródoto é o extenso diálogo que Dario trava com Zópiro quando este se lhe apresenta desfigurado e lhe expõe o plano de passar por trãnsfuga aos olhos dos Babilónios.

<sup>476</sup> *M. Ivniani Ivstini Epitoma Historiarum Philippicarum Pompei Trogi*, I, X (1972, pp. 14-16). A história de Zópiro é narrada no capítulo X do livro I, porém D. Marcos considera igualmente, ao falar do «traidor Oropastes», matéria tratada no capítulo IX.

<sup>477</sup> Megazibo, *i.e.* Megabizo.

<sup>478</sup> Este pormenor figura na versão de Heródoto (III, 160), mas não na de Justino.

mas um vassalo seu, que arrisquei a vida pelo salvar a ele.» O Turco ouvindo isto, e sabendo que era assi, com raiva e ira o mandou matar, e logo lhe pesou de o ter feito, porque obra era aquela pera todo Rei inda que inimigo galardoar, pois nisso autorizava a lealdade dos vassalos e dava exemplo de fidelidade aos seus.<sup>479</sup>

42

Mas já o Príncipe<sup>480</sup> Afonso aparelhava  
o Lusitano exército ditoso  
contra o Mouro que as terras habitava  
d' além do claro Tejo deleitoso.  
Já no Campo de Ourique se assentava  
o arraial soberbo, e belicoso,  
defronte do inimigo Sarraceno,  
posto que em força e gente tão pequeno. (267)//

Vendo-se El Rei o Príncipe D. Afonso desocupado das guerras intestinas, tratou de fazê-las aos Mouros, e a primeira empresa que tomou foi da Cidade de Leiria, a qual tirou aos Mouros, e como primícias de suas empresas a ofereceu a Deus, dando-a ao Mosteiro de Santa Cruz e a seu Confessor e Prior daquele mosteiro, S. Teotónio<sup>481</sup>. Seguiu-se logo a batalha que deu a el Rei Ismar e a quatro<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> No ms.: «e a ~~simco~~/4 reis mouros»...

---

<sup>479</sup> A história destacada por D. Marcos faz parte da narrativa de conflitos travados entre persas e turcos, inserida num longo capítulo da *Decada Segvnda* de João de Barros, «Em que se escreve o fundamento da secta de Hamed, e a diferença que tem os Mouros da Pérsia com os de Arábia acerca dela: e donde nasceu o principio das cousas do Xequé Ismael». Aí se conta que, na disputa de territórios orientais, o Xequé Ismael sofreu um revés. Forçado a bater em retirada, «Indo o Xequé Ismael ao segundo dia nesta corrida já com mui pouca gente, disse-lhe um Ale Soltão, homem mancebo, com que se ele criara: “Senhor, tu vás em grão perigo. Se te aprouver, quero-me deixar ficar, com estes meus familiares que levo, darei azo que me tomem, e direi ser tua pessoa, porque é certo que, como cuidarem que te tem em poder, deixarão de te seguir, e assi podés escapar sem muito trabalho.” O qual conselho o Xequé Ismael aceitou, e assi o fizeram os Turcos, e tanto que Ale Soltão foi tomado mostrando ser Xequé Ismael, com alvoroço de tão grande presa todos paravam ali sem ir mais avante. O Turco como lhe foi nova que o Xequé Ismael era tomado, ordenou-se pera o receber com grande aparato, mandando muitos capitães seus que lho trouxessem em modo de triunfo. Ale Soltão como esteve ante o Turco, vendo que lhe fazia acatamento, como ao Xequé Ismael, que ele cuidou que era, disse-lhe: “Quem cuidas tu, senhor, que tens ante ti?” Ao que o Turco respondeu: “Ao Xequé Ismael, cuja soberba e doudice está debaixo de meu poder”. Ao que ele respondeu: “Enganado estás comigo, porque Xequé Ismael está tão livre e tão senhor, como sempre foi, e eu sou Ale Soltão Mirza, o mais pequeno escravo que ele tem em sua casa, e se os teus, que iam em seu alcanço, se enganaram comigo, por lhe eu dizer ser o Xequé Ismael, que maior serviço lhe podia eu fazer, que oferecer minha vida por salvar a sua?” Quando o Turco se viu assi zombado, foi tamanha a indignação nele, que sem mais consideração o mandou logo ali matar, do qual feito lhe pesou depois, e assi a todolos Príncipes que estavam com ele, e quiseram o ter vivo não somente pera lhe dar liberdade, mas ainda lhe fazer mercê, pois tivera tanta lealdade com seu senhor.» (1628, X, VI, f. 233).

<sup>480</sup> Em 1572, como em todas as edições publicadas até 1633: «Príncipe».

<sup>481</sup> Assim é dito também na *Crónica de D. Afonso Henriques*, de Duarte Galvão (1995, p. 44).

reis Mouros seus companheiros no Campo de Ourique em Alentejo. A tenção do Príncipe, como ele disse aos seus cavaleiros em Coimbra, por que fez esta guerra, foi porque nestas terras de Alentejo moravam os mais ricos mouros da Lusitânia, e com os despojos deles queria o príncipe enriquecer aos seus, e juntamente meter debaxo de seu senhorio estas terras, que eram mais abundantes que as de Antre Dour-a-Minho naquele tempo. A ordem com que saiu foi que com cada mil homens de pé levava cem de cavalo. Chegou com este exército ao Campo de Ourique, e saiu-lhe ao encontro El Rei Ismar, que ficara afrontado de lhe tomarem Leiria, com mais quatro Reis em cujos exércitos vinha inumerável gente.

43

Em nenhuma<sup>482</sup> outra cousa confiado  
senão no Sumo Deus que o Céu regia,  
que tão pouco era o povo baptizado,<sup>483</sup>  
que pera um só cem mouros haveria.  
Julga qualquer juízo sossegado  
por mais temeridade que ousadia  
cometer um tamanho ajuntamento,  
que pera um cavaleiro houvesse cento. (267v)//

Como católico e Santo Príncipe, antes de entrar nas batalhas, D. Afonso Henriques tratava primeiro de ter a Deus propício oferecendo-lhe e grandiosas ofertas e inda maiores que sua possibilidade. E assi antes de ir pera Ourique deu a Santa Cruz Leiria, antes de tomar Santarém deu a S. Bernardo Alcobça, liberalidade que nenhum seu decendente<sup>1</sup> seguiu<sup>484</sup>. E por isso entrava nas batalhas com a confiança que vemos, pois saindo ele com tão pouca gente contra estes cinco mouros, em cinco horas os venceu e desbaratou.

44

Cinco Reis Mouros são os inimigos,  
dos quais o principal Ismar se chama,  
todos experimentados nos perigos  
da guerra, onde se alcança a ilustre fama.

---

<sup>1</sup> No ms.: «nenhũ seu decedentes». A alternativa poderia ser «nenhum de seus decedentes».

<sup>482</sup> Em 1572, como em todas as edições publicadas até 1633: «nenhã».

<sup>483</sup> Na edição de 1572, como nas de 1597, 1609, 1612, 1613, 1626, 1631, 1633: «bautizado». Em 1584 e 1591, «baptizado».

<sup>484</sup> D. Marcos retoma informação transmitida por Duarte Galvão, na *Crónica de D. Afonso Henriques* (1995, pp. 57, 104), e também por Duarte Nunes de Leão, na sua versão «reformada» (*Primeira Parte das Chronicas dos Reis de Portugal*, 1600, fls. 30-30v, 33, 35v, 37v, 38, 55v). Em qualquer um destes textos se destaca a boa relação do rei com os cruzios e com os cistercienses. Já o comentário sobre a quebra da liberalidade régia é acrescentado por D. Marcos.

Seguem guerreiras damas seus amigos,  
imitando a fermosa, e forte Dama  
de quem tanto os Troianos se ajudaram  
e as que o Tremodonte<sup>485</sup> já gostaram.

Seguem guerreiras Damas, *ect.* Entre os cativos e mortos que naquela batalha<sup>1</sup> se acharam depois de acabada, foram muitas mulheres armadas semelhantes às antigas Amazonas, e não se lê que noutra batalha tais mulheres se achassem, se não nesta.<sup>486</sup>

texto

Imitando a fermosa e forte Dama.

Esta foi Pentasilea, Rainha das Amazonas, que veio em ajuda del Rei Príamo acudir-lhe no tempo que os Gregos o cercaram. Virg., 1.º *Aen.*:

*Ducit Amazonidum lunatis agmina peltis  
Pentasilea furens, mediisque in milibus ardens (268)//  
Aurea subnectens exertae cingula mammae  
Bellatrix audetque viris concurrere Virgo.*<sup>487</sup>

texto

E as que o Tremodonte já gostaram.

O Reino das Amazonas<sup>488</sup>, dos Citas se originou. Eram estas ãas mulheres cujos maridos morreram na guerra, e vendo-se elas sós, trataram de se conservar sem machos, e matando os que lhe ficaram, elegeram sua Rainha, e começaram a exercitar as armas pera se defender dos vizinhos, e alcançando deles muitas vitórias vieram a gostar do jogo de Marte, e saíram desta sua província, a qual estava junto de um Rio chamado Tremodonte, o qual nace ao pé de ãa vila chamada Fanoria. Desta Província Setentrional saíram estas guerreiras mulheres, cujas pri-

---

<sup>1</sup> No ms.: «naquella guerra/batalha»...

---

<sup>485</sup> Nas edições de 1572, 1609, 1613, 1626, 1631, 1633: «E as que o Termodonte já gostaram». Em 1612, «E as que o Termo dote já gostaram». Em 1584, 1591: «E as que o Termodonte já passaram». Em 1597: «E as que o Termodoente já gostaram».

<sup>486</sup> A batalha de Ourique e as circunstâncias a ela ligadas têm largo desenvolvimento em cinco capítulos (XIII a XVII) da *Crónica de D. Afonso Henriques*, de Duarte Galvão. Aí se encontra a afirmação segunda a qual acompanhariam o rei Ismar mulheres que eram como amazonas (1995, pp. 50, 66). Pedro de Mariz fez-se eco deste pormenor (*Dialogos de Varia Historia*, 1597-1599, f. 35).

<sup>487</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, vv. 490-493. Na edição de referência: *Penthesilea furens... in milibus ardet, aurea subnectens exsertae...*

<sup>488</sup> É possível que D. Marcos haja tirado partido de informação veiculada na *Officina* de Ravisius Textor (1560, I, pp. 277-278). Estrabão (veja-se a sua *Geografia*, 11, 5, 1-4) ou Justino seriam também fontes importantes, ao sintetizarem a história das amazonas e suas rainhas, até à derradeira, a que Justino chama *Minithya sive Thalestris* (*M. Ivniani Iustini Epitoma Historiarum Philippicarum Pompei Trogi*, II, IV, 1972, pp. 20-23).

meiras Rainhas foram Martesia e Lampedo. A Martesia sucedeu Oritia, que foi sempre casta, e por sua morte lhe sucedeu Pantasilea. Esta foi ajudar aos Troianos, como dissemos, e lá ficou naquela guerra, morta com todas suas companheiras, e aqui começou o seu Império a declinar, e no tempo de Alexandre Magno, ãa Rainha chamada Munitia ou Calestris foi ter com ele pera conceber geração sua, e por este respeito esteve com ele 13 dias, e daí por diante em breve se acabou o nome das Amazonas no Mundo.<sup>1</sup>

Sepontinus in 6  
Epig.<sup>489</sup>

45

A matutina luz serena e fria  
as estrelas do Polo já apartava,  
quando na cruz o filho de Maria  
amostrando-se a Afonso o animava.  
Ele, adorando quem lhe aparecia,  
na fé todo inflamado assi gritava: (268v)//  
aos infiéis, Senhor, aos infiéis,  
e não a mi, que creio o que podeis.

Foi esta batalha  
dos 5 reis o ano  
do Senhor 1139

Aquela noite, antes da batalha, tratando o Príncipe com Deus do sucesso dela, lhe mandou o Senhor um Ermitão santo e virtuoso, que ali perto vivia. Este o consolou, e animou dando-lhe mui certas esperanças de vitória, e pera o mais animar lhe disse, que aquela madrugada, tanto que ouvisse ãa campainha, saísse da sua tenda, porque o Senhor lhe apareceria. E assi foi, porque a tempo que rompia a alva no Horizonte oriental, ouvindo o Príncipe a campainha saiu armado da sua tenda, levantando os olhos, viu no ar um grande resplendor e no meio dele a Jesu Cristo crucificado, que o confortou e lhe deu esperanças não só de alcançar a vitória da presente batalha, mas o seguiu da permanência de seu Reino, ainda quando os seus estivessem mais desconfiados dela.<sup>490</sup>

---

<sup>1</sup> No ms.: «em breve se acabou o seu nome \*das Amazonas\* no Mundo.»

---

<sup>489</sup> D. Marcos segue fielmente as informações de Perotto, que no comentário ao epigrama VI fala das mulheres guerreiras nos seguintes termos: *Due iis regine fuere. Mathesia & Lampedo, que maiorem Europæ partem subegerunt. In Marthesiæ locum filia eius successit Orithya; cui præter singularem belli scientiam eximia seruate in omne æuum virginittatis admiratio fuit & sororem habuit Antiopem. Post Orithyam Pantasilea regno potita est cuius Troiano bello inter fortissimos viros cum auxilium aduersus græcos ferret magnæ virtutis documenta extitere, hæc securi bellica primam omnium inuenisse interfecta deinde Pantasilea exercitumque absumpto, pauca que in regno eius remanserat ægre se aduersus finitimos defendentes usque ad tempora Alexandri Magni durauerunt. Harum siue Munitia siue Calestris regina concubitu Alexandri per dies XIII ad sobolem ex eo generandam obtento reversa in regnum breui tempore cum omni Amazonum nomine intercidit.* (*Cornuopie D. Nicolai Perotti*, 1543?, f. 124, col. 1, l. 32-47).

<sup>490</sup> D. Marcos segue o capítulo XV da *Crónica de D. Afonso Henriques* («Como nosso Senhor apareceu aquella noite ao Príncipe dom Affonso Hamrriquez, posto na cruz como padeço por nos»), onde Galvão escreveu: «tambem se afirma, que neste aparecimento foy o Príncipe dom Affonso certificado per Deus de sempre Portugal aver de seer conseruado em regno, e o tempo, e

Na fé todo inflamado.

Difinindo o Apóstolo S. Paulo a fé, disse: *Fides est sperandorum substantia rerum, argumentum non aparentium*<sup>491</sup>. E como a fé conste de cousas que não aparecem, menos merecimento tem aquele que crê o que vê, que o que está certo sem ter feito prova do que crê. E assi segundo doutrina do mesmo Apóstolo, milagres são pera os Infiéis e não pera os fiéis, e por isso o santo Príncipe D. Afonso grita: «Aos Infiéis, Senhor», como se dissera: «Pera confirmar minha fé, senhor, não há mister milagres. Esses fazei vós diante dos infiéis que não crem vossa santa Lei, e não a mim, que a professo, e guardo.» (269)//

46

Com tal milagre os ânimos da gente<sup>1</sup>  
portuguesa inflamados levantavam  
por seu Rei natural, este excelente  
Príncipe<sup>492</sup>, que do peito tanto amavam.  
E diante do exército potente  
dos imigos, gritando o Céu tocavam  
dizendo a<sup>493</sup> alta voz, real, real,  
por Afonso alto Rei de Portugal.

Este foi o felicíssimo princípio dos Reis e Reino<sup>II</sup> de Portugal, o qual porque foi fundado sobre aquela firmíssima pedra de Cristo crucificado, de quem está escrito

---

<sup>1</sup> No ms.: «das gentes».

<sup>II</sup> No ms.: «dos Reis \*eReino\* dePortugal»...

---

caso, aquella ora, e sua uirtude e merecimentos eram taaes pera lho Deus prometer.» (1995, pp. 58-59). A história do milagre de Ourique (matéria sobre a qual um cronista como Garibay faz absoluto silêncio, quando trata da *memorable y santa batalla* – v. *Los XL Libros d'el Compendio Historial*, XXXIV, X-XI, pp. 786-789) aparece, em textos escritos, a partir do século XV: em *De ministerio Armorum* (1416), na *Crónica de 1419*, numa oração proferida em Roma por Vasco Fernandes de Lucena (1485). No final do século XVI, a divulgação de um «testamento» de D. Afonso Henriques (peça documental forjada decerto nos *scriptoria* alcobacenses) veio amplificar essa narrativa, pondo em destaque as palavras que Cristo teria dito a D. Afonso: *Volo enim in te, et in semine tuo, Imperium mihi stabilire, ut deferatur nomen meum in exteris gentes*. Este texto, que Frei Bernardo de Brito divulgou na *Primeyra Parte. Da Chronica de Cister* (1602, III, III, f. 126), foi pela primeira vez dado à estampa na 2.<sup>a</sup> edição dos *Dialogos de Varia Historia*, de Pedro de Mariz (1597-1599, fls. 37-41v). D. Marcos não devia ignorá-lo, pelo que mais significativa se torna a sua orientação: colocando-se na esteira de Duarte Nunes de Leão (v. *Primeira Parte das Chronicas dos Reis de Portvgal*, 1600, f. 33), nem se faz eco de Bernardo de Brito nem daquele que se orgulha de apelar, noutro passo, como «o meu natural Pedro de Mariz».

<sup>491</sup> Ad Hebraeos, 11, 1. Na edição de referência: *est autem fides sperandorum substantia / rerum argumentum non parentum*.

<sup>492</sup> Na edição de 1572, como em todas as outras até 1633: «Príncipe».

<sup>493</sup> Na edição de 1572, como em todas as outras realizadas até 1633: «Dizendo em alta voz».

*Petra autem erat Christus*<sup>494</sup>, temos firme esperança que durará por largos anos, e que não faltará a palavra divina que nos assegurou nesta parte. Muitos anos estiveram os filhos de Israel em Egipto sofrendo a dura servidão daqueles tiranos, e quando mais desconfiados<sup>I</sup> estavam, lhe veio o remédio de seus males donde menos o esperavam. Foi este Reino ganhado, e herdado, e conquistado<sup>495</sup>. Ganhado pois foi dado ao Conde Dom Henrique em satisfação de seus serviços, herdado porque veio de pai pera filha, conquistado porque o melhor dele saiu da mão dos Mouros à custa do sangue dos Portugueses, e confirmado não só pelo vigário de Cristo, o Sumo Pontífice, mas também do mesmo Cristo, dando ele mesmo per insígnias a este Reino as que pera si tomou, ganhou e mereceu na Cruz. (269v)//

47

Qual c'os gritos e vozes incitado  
pola montanha o rábido Moloso  
contra o Touro remete, que fiado  
na força está do corno temeroso:  
Ora pega na orelha, ora no lado,  
latindo mais ligeiro que forçoso,  
até que enfim rompendo-lhe a garganta,  
do bravo a força horrenda se quebranta.

Compara a confiança dos Portugueses, sendo tão poucos à vista do inumerável exército dos Mouros, a um libréu de fila, quando ousado comete um forçoso touro, sendo seu<sup>II</sup> poder e forças muito inferiores, todavia com manha o busca de ãa e outra parte, até que lhe chega à garganta, e o degola e mata. Quatro<sup>III</sup> comparações de touros fez o nosso poeta neste seu poema. Ûa foi, quando comparou os de Moçambique a um namorado, o qual querendo-se mostrar valente diante da Dama se punha diante do touro, o qual o levava nos cornos e matava. Outra esta presente, na qual compara os Portugueses ao Molosso que matou o touro. A terceira quando comparou ao touro cioso no mês de Maio, que saindo de caminho assalta o caminhante, a D. Afonso Henriques quando se mostrou de repente a El Rei em Badajoz<sup>IV</sup>. E a quarta<sup>V</sup> no décimo Canto, comparando a D. Francisco

---

<sup>I</sup> No ms.: «quando mais desesperados/desconfiados estavam»...

<sup>II</sup> No ms.: «sendoseu seupoder»...

<sup>III</sup> No ms., a redacção original era: «Tres comparações»... O numeral foi rasurado e em sua substituição foi apontado, na margem esquerda, «Quatro».

<sup>IV</sup> No ms., toda esta frase foi acrescentada na margem. Uma chamada no texto indica o ponto de inserção do aditamento.

<sup>V</sup> No ms.: «aterceira/ea quarta no Decimo Canto»...

---

<sup>494</sup> Trata-se de um versículo de S. Paulo (Ad Coríntios I, 10, 4).

<sup>495</sup> É muito provável que este passo seja, mais do que uma discussão de ideias difundidas acerca da união ibérica (v. Fernando Bouza, *Filipe I*, Lisboa, Temas e Debates, 2008, p. 85), uma réplica à frase que se atribuiu a Filipe II de Espanha, na qual o monarca sintetizaria, em tom sobranceiro, o processo que o tornara senhor de Portugal: *lo compré, lo gané, lo heredé*.

d'Almeida a um touro que aguça os cornos no tronco de ùa faia pera sair à pejeja com outro. E todas estas vezes com nova graça, e arte, e excelente propriedade.

48

Tal do Rei novo o estâmago acendido  
por Deus, e pelo<sup>496</sup> povo juntamente,  
o Bárbaro comete aprecebido,<sup>497</sup>  
c'ò animoso exército rompente. (270)//  
Levantam nisto os perros o alarido  
dos gritos, tocam arma<sup>498</sup>, ferve a gente,  
as lanças e arcos tomam, tubas soam,  
instrumentos de guerra tudo atroam.

Aplicação da comparação atrás, em que faz semelhante o Príncipe, já levantado por Rei, ao librêu, mas pera mostrar que não usava da metáfora mais que considerando aquilo que acontece a estes dous animais, torna a dar o seu a seu dono, chamando perros, que quer dizer Cães, aos Mouros<sup>I</sup>, o qual nome dão os homens a todos aqueles que não guardam a sua seita, corruptamente, o qual erro lhes veio da semelhança dos nomes, porque é de saber que entre os hebreus os decendentes de Cham eram tidos por vis, e abatidos por aquela maldição que Noé<sup>II</sup> lhe lançou, em que o condenou a ser servo, e por isso os negros da Etiópia onde quer que vivem servem, e lhe chamam Cães, não dirivando a semelhança dos Cães, senão do<sup>III</sup> amaldiçoado Cam, de quem eles decendem. E porque os Espanhóis chamam aos cães perros, eles e nós chamamos aos Mouros perros, que quer dizer Cães, sendo assi que sempre lhe haviam de chamar Cães, tendo respeito a decendência sua de Cam amaldiçoado.

49

Bem como quando a flama que ateadada  
foi nos áridos campos (assoprando  
o sibilante Bóreas) animada  
c'ò vento, o seco mato vai queimando,  
A pastoral companha, que deitada  
c'ò doce sono estava, despertando, (270v)//

---

<sup>I</sup> No ms.: «aos Mouros. Porque se hadesaber que entre os hebreos: o qual nome»...

<sup>II</sup> No ms.: «maldição q̄ Ds/Noe lhe lançou»...

<sup>III</sup> No ms.: «dos amaldiçoado Cam»...

---

<sup>496</sup> Na edição de 1572, como nas de 1584, 1597, 1609, 1612 e 1626: «polo povo». Em 1591, 1613, 1631, 1633: «pelo povo».

<sup>497</sup> Em 1572, como em todas as outras edições até 1633: «apercebido».

<sup>498</sup> Na edição de 1572, como nas de 1584, 1591, 1609, 1612, 1626, 1631 e 1633: «tocam a arma». Em 1597 e 1613: «tocam arma».

ao estridor do fogo que se atea,  
recolhe o fato, e foge pera a aldeia.

Tal comparação como esta traz Virgílio, declarando<sup>I</sup> com ela a fúria com que os cavaleiros da Arcádia deram nos Rútulos:

*Ac velut optato ventis aestate coortis  
Dispersa immitit sylvis incendia pastor  
Correptis subito mediis extenditur una  
Horrida per latos acies Vulcania campos  
Ille sedens victor flamas despectat ovantes.*<sup>499</sup>

50

Desta arte o Mouro atónito e torvado,  
toma sem tento as armas, mui depressa,  
não foge, mas espera confiado,  
e o ginete belígero arremessa.  
O Português o encontra denodado,  
pelos peitos as lanças lhe atravessa.  
Uns caem meios mortos, e outros vão  
ajuda<sup>500</sup> convocando do Alcorão.

Alcorão é o livro que contém a seita de Mafamede, assi como os hebreus chamam Talmud ao livro em que estão escritas as cousas pertencentes a sua lei.<sup>II</sup>

51

Ali se vem encontros temerosos  
pera se desfazer ãa alta serra,  
e os animais correndo furiosos  
que Neptuno amostrou ferindo a terra, (271)//  
Golpes se dão medonhos, e forçosos,  
por toda a parte andava acesa a guerra,  
mas o de Luso, arnês, couraça e malha,  
rompe, corta, desfaz, abola e talha.

Esta batalha foi a mais insigne que os Portugueses alcançaram de Mouros até aquele tempo, assi pela desigualdade do número, como pela assistência de cinco

---

<sup>I</sup> No ms.: «Virgílio comparando/declarando cõ ella»...

<sup>II</sup> No ms.: «as cousas pertencentes \*asua\* a leidos Judeos.

---

<sup>499</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, X, vv. 405-409. Na edição de referência: *Volcania*.

<sup>500</sup> Nas edições de 1572, 1584, 1591, 1597, 1609, 1613, 1626, 1631 e 1633: «A ajuda convocando». Em 1612, «Ajuda convocando»...

Alguns  
quiseram dizer  
que Egas Moniz  
morrera nesta  
batalha mas  
enganaram-se,  
porque depois  
dela se acham  
memórias  
assinadas por  
ele.

Reis poderosos, mas também custou a vida a muitos dos nossos. Aqui morreu Martim Moniz, filho do grande Egas Moniz, e Dom Diogo ---<sup>1</sup>, ambos capitães mui experimentados, cujos corpos El Rei mandou enterrar naquele lugar apartados, e depois tresladou a sua ossada pera o mosteiro de S. Cruz. Digo dos principais cavaleiros, de cujos ossos se fez aquela curiosa casa que na segunda claustra se mostra.<sup>501</sup>

Os animais  
Que Neptuno mostrou ferindo a terra.

Havendo dúvida entre Neptuno e Minerva sobre qual deles seria protector da Cidade de Atenas, concertaram que aquele que desse melhor dádiva, e mais acomodada à Cidade que se edificara, ficasse sendo padroeiro dela. Neptuno deu com o seu tridente na terra, e saiu um cavalo belicoso. Minerva, ferindo a terra também, fez produzir a oliveira, símbolo da paz. Disseram então que visto aquela Cidade haver de ser mãe das ciências e morada dos Letrados, mais lhe convinha paz que guerra, e assi ficou Minerva por protectora de Atenas, aos cavalos chamando-se animais de Neptuno.

---

<sup>1</sup> No ms., há um espaço em branco, muito provavelmente para o apelido do nobre mencionado.

---

<sup>501</sup> Na *Descripçam e Debvxto do Moesteyro de sancta Cruz de Coimbra* (uma tradução, datada de 1540, do original latino que nesse mesmo ano havia feito D. Francisco, prior do Mosteiro de S. Vicente em Lisboa, como oferta para o Cardeal Antonio Pucci, «protector» romano da Congregação), impressa no próprio cenóbio, em 1541, a «segunda claustra» (a primeira era a «claustra do silêncio») é caracterizada como «ũa grande claustra que se diz da manga, e este nome tomou por razão que o muito poderoso senhor el rei dom João terceiro nosso senhor, que as obras do dito mosteiro mandou fazer, em o tempo que o mandou reformar pera dar ordem como se havia de eger, a traçava em a manga da roupa real de que estava vestido.» O deleite proporcionado pela beleza do lugar, com sua artificiosa fonte, seu jardim e suas capelas, seria, segundo a *Descripçam*, «temperado» pelo contraste com a «Capela de ossos de cavaleiros»: «Saindo pois desta fonte pera a rua que corre contra o norte e tornando a entrar em a claustra, está defronte um arco de pedra parda com ãa grade de ferro, o qual arco é de ãa capela de abóbada toda fabricada, s. abóbada, paredes e altar, de ossos de Cavaleiros que morreram por a fé de nosso senhor Iesu Cristo. Alguns dizem que foram estes aqui tresladados do campo de Ourique per mandado del Rei dom Afonso Henriques, por morrerem em a batalha que deu em esse lugar aos cinco Reis mouros [...]. A vista desta capela, e a contemplação de tantos ossos de defuntos, trazem assi à memória dos que vem da fonte as cousas derradeiras, que de necessidade se desfaz (à maneira de pavão) a roda louçã da deleitação do corpo em a amenidade que viu, com ver em esta capela os pés, s. as cousas tristes e feas e postumeiras dele.» (Révah, 1957). No século XIX (numa altura em que o mosteiro servia «de administração do correio e outras repartições»), Pinho Leal escrevia: «No claustro da *Manga*, há uma capela, cujo tecto e paredes são formadas de caveiras, túbias e outros ossos humanos. São dos bravos portugueses falecidos na gloriosa batalha d' Ourique. Hoje está tapada a porta desta capela.» (*Portugal Antigo e Moderno*, Lisboa, Liv. Editora de Mattos Moreira & C.<sup>a</sup>, 1874, vol. II, p. 327). Actualmente, dela não se acha rasto.

52

Cabeças pelo campo<sup>I</sup> vão saltando, (271v)//  
braços, pernas, sem dono, e sem sentido,  
e doutros as entranhas palpitando,  
pálida a cor, e<sup>502</sup> o gesto amortecido.  
Já perde o campo o exército nefando,  
correm rios do sangue desparzido,  
com que também do campo a cor se perde,  
tornado Carmesi de branco e verde.

Todas estas cousa[s]<sup>II</sup> que o nosso poeta aqui conta não são encarecimentos de poetas, mas verdades puras, e tudo o que se pode dizer é vento pera o que vê com seus olhos o que é seu pera<sup>III</sup> dum encontro tal pera o poder contar.

53

Já fica vencedor o Lusitano,  
recolhendo os troféus, e presa rica,  
desbaratado e roto o Mauro Hispano,  
três dias o grão Rei no campo fica.  
Aqui pinta no branco escudo ufano,  
que agora esta vitória certifica,  
cinco<sup>IV</sup> escudos azuis esclarecidos,  
em sinal destes cinco Reis vencidos.

54

E nestes cinco escudos pinta os trinta  
dinheiros por que Deus fora vendido,  
escrevendo a memória em vária tinta,  
daquele de quem foi favorecido.  
Em cada um dos cinco, cinco pinta,  
porque assi fica o número comprido, (272)//  
contando duas vezes o do meio,  
dos cinco azuis que em Cruz pintando veio.

---

<sup>I</sup> No ms.: «pelo ~~cha~~ campo»... Na emenda, à última letra da palavra rasurada sobrepôs-se a primeira de «campo».

<sup>II</sup> No ms.: «Todas estas cousa que»...

<sup>III</sup> A leitura destas duas palavras não é segura.

<sup>IV</sup> No ms.: «cincos escudos»...

---

<sup>502</sup> Na edição de 1572, como em todas as outras publicadas até 1633: «Pálida a cor, o gesto amortecido».

Ajuntamos estas duas estanças porque o sentido do poeta em ambas se conclui. Trata das armas de Portugal, que neste campo podemos dizer que naceram. Mas antes que tratemos do que o poeta trata de presente, havemos de considerar<sup>1</sup> que o nosso Rei D. Afonso Henriques, sendo Neto del Rei de Castela, e descendente de grandes Príncipes, ou fossem de Aragão, ou de Hungria, ou de França, todavia não quis usar das armas e brasões de tão insignes padres, nem quis enobrecer o seu Reino de louvores alheos, mas só se contentou com a Cruz que seu pai lhe trouxe da guerra santa de Jerusalém, e esta só tinha pintada no seu escudo. Agora favorecido do Céu, vitorioso no campo de Ourique, aclamado por Rei daqueles de quem per natureza era Senhor, e per boas obras pai, e per exercício de armas companheiro, quis ornar este seu branco escudo com novas insígnias, e sem tirar dele a Cruz sagrada, pois per rezão do novo aparecimento, de novo lhe estava obrigado, pintou em cruz cinco escudos azuis, e em cada um deles escreveu a forma dos trinta dinheiros por que Cristo foi vendido aos Judeus, os cinco escudos em memória dos cinco Reis Mouros de quem alcançara tão notável vitória, e os dinheiros e cruz, lembranças da paxão do Senhor de quem tão favorecido e mimoso se via. (272v)//

Estas foram as armas que no escudo deste Rei andaram pintadas, do que eu sou boa testemunha, e muitos o são inda hoje, que viram o seu escudo que no mosteiro de Santa Cruz está<sup>503</sup>. Depois El Rei Dom Sancho seu filho usou algum tempo deste escudo noutra forma<sup>II</sup>. Gaspar Estaço no último capítulo das suas *Antiguidades* traz ãa moeda que ele diz que tinha, feita em tempo del Rei D. Sancho, mas não diz qual foi, e nesta de ãa parte estão as armas de Portugal insertadas entre quatro estrelas que estão em quadro no redondo da moeda, e no meio delas cinco escudos com quatro pontas cada um<sup>504</sup>. Ultimamente se ordenaram

---

<sup>1</sup> No ms.: «avemos de saber, que os./considerar q̄ o nosso Rey»...

<sup>II</sup> No ms.: «noutraforma. ficou aCrus eonumero dos escudos, mas em cada hũ delles escreveo des dinheiros que contandose emtres escudos fasiaõ o numero de 30. de cima p.<sup>a</sup> baxo; eos dous escudos dos braços junto cõ odo meyo, q̄ duas vezes secontava representava o mesmo numero. O q̄ setirou dum sellopendente q̄ estaemSantaCruz de Coimbra dehuã doaçãõ que \*lhe\* fes este Rei: Gaspar Estaço»...

---

<sup>503</sup> Na *Descripçam e Debuxo do Moesteyro de Sancta Cruz*, lê-se, a respeito da Sacristia: «Estão em as paredes (que são todas forradas e pintadas) dous escudos grandes, um del rei dom Afonso Henriques e outro del rei dom Sancho seu filho, que são os próprios de que em suas vidas usaram em as batalhas.» (s/f). Nos preparativos da expedição ao Norte de África, que acabaria por ter o seu trágico desfecho em Alcácer Quibir, D. Sebastião solicitou ao Prior de Santa Cruz, em carta datada de 14 de Março de 1578, o empréstimo das armas de D. Afonso I (*As Gavetas da Torre do Tombo*, VI (Gav. XVI-XVII, Maços 1-3, Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1967, p. 403).

<sup>504</sup> O capítulo 95 das *Varias Antiguidades de Portugal* («Das antigas armas de Portugal, que trouxe, e de que usou el Rei dom Sancho, filho d'el Rei dom Afonso Henriques, segundo estão em ãa moeda de ouro, que o autor tem, cuja imagem é a seguinte») manifesta, para lá de um orgulho de antiquário semelhante ao que se observa em textos de Manuel Severim de Faria, o desejo de exaltar o valor simbólico – firme e unificador – das «armas antigas de Portugal». Reproduzindo uma moeda que considera ser de D. Sancho I, Estaço defende que essas armas, de há muito definidas, tinham

as armas de que hoje usa<sup>I</sup> este Reino, que são a meo do escudo cinco dinheiros, os quais numerados<sup>II</sup> fazem 25, e contando o do meio duas vezes ficam os 30 perfeitos. E este modo de pintar<sup>III</sup> o real escudo foi aprovado de todos, e por isso nunca lhe mais buliram depois que ùa vez assi o puseram. E digo que foi com muita conviniência, porque houvesse memória das cinco chagas, nos cinco dinheiros, e da mercê assinalada do Céu no vencimento de cinco Reis Mouros. (273)// No cartório de Santa Cruz de Coimbra vi duas doações, ùa del Rei D. Afonso terceiro, outra del Rei D. Dinis seu filho, ambas com selos de chumbo pendentos. Num estavam os cinco escudos na forma em que agora estão, e dentro de cada um seis dinheiros, e na orla doze castelos, e o letreiro dizia: *Sigillum D. Alphonso III Regis Portugaliae. Era MCCCIII: 1304.* A outra doação del Rei D. Dinis era feita na era MCCCXLVII. O selo tinha os mesmos cinco escudos, e em cada um dez dinheiros, e na orla doze castelos. O letreiro dizia: *Sigillum D. Dionisii Regis Portugaliae et Algarbiorum.*

1347

O que tinha seis dinheiros contava-os todos, e cinco vezes seis faziam os trinta por que Cristo nosso Redentor foi vendido. O que tinha dez contava os três escudos de alto a baxo, e neles fazia a conta com três vezes dez, e a travessa se contava também, ficando o do meio duas vezes contado. (273v)//

55

Passado já algum tempo que passada  
era esta grão vitória, o Rei subido  
a tomar vai Leiria, que tomada  
fora mui pouco havia do vencido.  
Com esta a forte Arronches sojugada  
foi juntamente, e o sempre enobrecido  
Scablicastro<sup>505</sup>, cujo campo ameno  
tu, claro Tejo, regas tão sereno.

Antes que El Rei D. Afonso partisse pera o Campo de Ourique tomou aos Mouros Leiria, e deu-a como primícias de seus triunfos a seu Confessor S. Teotónio, o qual pôs nela seu presídio, e um Cónego dos do seu mosteiro chamado

---

<sup>I</sup> No ms.: «uzaõ este Reino»...

<sup>II</sup> No ms.: «os quais multiplicados numerados»...

<sup>III</sup> No ms.: «e este modo depintar estasarmas o real escudo»...

---

apenas sofrido, em diacronia, leves flutuações e ajustes. Sem perfilhar o entusiasmo de frei Bernardo de Brito, prefere concluir assim: «As quais armas não sei se foram dadas por Deus, como escreveu um Português douto, mas nossas histórias dizem que foram tomadas de Deus pelo primeiro Rei de Portugal, a quem o mesmo Deus apareceu: e pelo segundo foram dispostas, como se vem nesta moeda. E se me não engano, fora justo, que permaneceram sempre neste estado sem alteração, por honra de tão ilustres e católicos Reis, pai, e filho, um que as mereceu, outro que as dispôs. (1625, p. 331).

<sup>505</sup> Na edição de 1572, como em todas as outras publicadas até 1633: «Scabelicastro».

Paio Guterres, o qual como não era soldado nem sabia os estilos de guerra, não pôs na vila aquela guarda que devera. Os Mouros, que andavam magoados, tanto que viram o Príncipe apartado, e que tão depressa não poderia acudir, deram na vila e tomaram-na. Vendo S. Teotónio aquilo, ajuntou seus criados, e vassalos, e fez um arrezoado exército, e deu de repente sobre a vila de Arronches, e tomou-a aos mouros. E quando El Rei<sup>I</sup> tornou com a vitória dos cinco Reis Mouros, foi-se-lhe o Santo escusar da perda da vila e ofereceu aquela que tomara a El Rei, que a aceitou da sua mão, e tornando logo sobre Leiria a tomou outra vez e deu o espiritual de ambas assi de Leiria como de Arronches ao mosteiro<sup>506</sup>, que o possuiu até que El Rei Dom João 3.º, com título de reformação<sup>II</sup>, (274)// por ordem de um frade chamado frei Brás, que como não era da Ordem dava-se-lhe pouco do mosteiro, lhe<sup>III</sup> tirou ambas as vilas, e de ãa fez Cidade pera fazer dela Bispo ao frade, pera lhe satisfazer o zelo com que tinha tirado ao Mosteiro o que os Príncipes lhe deram, e a outra ficou pera o bispado de Portalegre. As quais vilas nunca houveram de sair da Jurisdição daquele Real mosteiro, pois ãa foi tomada aos mouros por ele, e a outra restituída à coroa, juntamente com a outra, pelo espiritual de ambas.<sup>507</sup>

E o sempre enobrecido Scalabicastro.

*Scalabis* se chamou Santarém no tempo dos Romanos, e era um dos três Conventos de Lusitânia chamado *Praesidium Julium*, e daquela palavra *praesidium* se tirou o nome Castro, que é o mesmo. Chama-lhe «sempre enobrecido», porque o foi em tempo dos Romanos, e de todos os que o possuíram foi sempre estimado, e quando veio a poder dos Cristãos, passaram de Coimbra a viver a ele muitos fidalgos e cavaleiros honrados que El Rei nele pôs, assi pera os aposentar naquela fértil terra como pera o segurar doutro encontro de Mouros, o que lhe valeu muito pera se defender deles<sup>IV</sup> quando o vieram cercar, estando o Infante D. Sancho nele, como adiante veremos.

---

<sup>I</sup> No ms.: «Quando ElRei veio tornou»...

<sup>II</sup> No ms.: «comtítulo #de reformação#»...

<sup>III</sup> No ms.: «mostr.º \*lhe\* tirou»...

<sup>IV</sup> No ms.: «sedefender dos Mouros/elles quando»...

---

<sup>506</sup> A história da conquista e da perda de Leiria, bem como a da conquista de Arronches, andam na *Crónica de D. Afonso Henriques*, de Duarte Galvão, e também na versão reformada por Duarte Nunes de Leão. D. Marcos, porém, não se limita a parafrasear o que nessas fontes encontrou; mitiga afirmações como aquela em que se diz que, perante o ocorrido, D. Afonso Henriques preferiu conceder aos eclesiásticos apenas o poder espiritual sobre essas terras, e não o temporal, «porque não convinha bem a homens, que professavam religião, embarçarem-se em negócios seculares, e muito menos no exercício da guerra [...]» (*Primeira Parte das Chronicas dos Reis de Portugal*, 1600, f. 35v).

<sup>507</sup> Torna-se neste passo muito nítido o ressentimento que aflora noutros lugares e que terá sido motivado pela «reformação» de que D. João III incumbira frei Brás de Braga, a partir de 1527. Religioso hieronimita, frei Brás foi nomeado Bispo de Leiria em 1545.

Esta nobilíssima vila deve muito aos naturais de Coimbra, porque eles a tiraram do poder dos Mouros, porque El Rei D. Afonso, quando a foi tomar, foi com grande cautela e silêncio, (274v)// e por isso não levou mais gente que aquela que na Cidade tinha, e per rezão de semelhança também compete com Coimbra, pois ambas estão em monte e plaino, ambas são regadas de dous Rios, Coimbra do fresco Mondego, Santarém do soberbo Tejo. Ambas tem fertilíssimos campos, vinhas, e olivais, e ainda se acha entre os moradores<sup>1</sup> destes dous lugares ã simpatia de condições e engenhos muito conformes. Nem tem esta terra menos obrigação ao Glorioso Santo Teotónio<sup>508</sup>, o qual só foi sabedor do segredo do Príncipe, que a nenhum outro o revelou fora do seu Conselho, e quando foi o dia e hora em que se havia de tomar a forte vila, estava este Santo com seus filhos espirituais em Oração, na qual lhe foi revelada a vitória dos Cristãos e presa da vila, como ele logo o contou aos seus. No alto Monte estava Mousés orando a Deus pelo bom sucesso do seu povo, enquanto Josué pelejava contra os Madianitas, e enquanto Mousés tinha as mãos levantadas vencia Josué, se afrouxava da oração e as mãos lhe caíam, eram os Israelitas vencidos. De sorte que a vitória mais pendia da oração do justo, que da espada do forte. Tal foi o nosso Mousés português, que enquanto o valeroso Rei conquistava os Mouros, orava pelo povo de Deus. Alcançou-se vitória dos inimigos, muito louvor merece quem ofereceu seu corpo à morte por libertar das mãos dos maus a cativa terra, mas não se deve menos a quem, com espirituais gemidos, alcançou de Deus tão fácil vitória, e de tão pouco custo e de tanto proveito. E na verdade que nesta nobre vila houvera de haver memória dum santo por cuja oração foi (275)// libertada dos Mouros e posta em poder de quem a possui. A Cidade de Viseu tomou a S. Teotónio por Padroeiro só porque foi seu prelado. Leiria o venera porque foi ele o primeiro Senhor Cristão que teve. Tuid o conhece por nacer no seu bispado. Coimbra, por estar de posse de suas relíquias, Évora por devação particular. Santarém mais obrigada está a este santo que nenhũa destas Cidades que nomeei, se o não conhece, é<sup>II</sup>

---

<sup>1</sup> No ms.: «seacha entre \*os moradores\* destes dous lugares»... A redacção primeira da frase seria: «seacha entre estes dous lugares»; o «d», em «destes», foi acrescentado, não em entrelinha, mas sim aproveitando o espaço disponível entre palavras.

<sup>II</sup> No ms., um pequeno borrão antes de «he por descuido» pode ser o resultado da rasura de «ou».

---

<sup>508</sup> Na *Vita Theotonii*, enfatiza-se a ligação de D. Afonso Henriques a D. Teotónio. No que diz respeito à conquista de Santarém, terá sido este texto (além da *Crónica de D. Afonso Henriques*, que o retoma de modo directo ou indirecto) uma fonte crucial para D. Marcos. Também ali se diz que o rei só ao Prior de Santa Cruz revelou os seus planos de conquista; também ali se estabelece uma relação decisiva entre a prece do religioso cruzio e o êxito do ataque afonsino a Santarém, comparado à campanha do bíblico Josué; também ali se admite uma revelação maravilhosa deste sucesso (v. Aires A. Nascimento, *Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra*, 1998, pp. 188-189). Diversamente do que na *Vita Theotonii* (e na *Crónica* de Duarte Galvão) se lê, porém, D. Marcos cria um estreito paralelismo entre o andamento do combate e o desenrolar da súplica do Prior de Santa Cruz, encarecendo mais ainda a sua influência. Não à toa, é a D. Teotónio, e não a S. Bernardo (como escrevera Duarte Galvão, na *Crónica de D. Afonso Henriques* – 1995, p. 105), que atribui a milagrosa revelação da vitória.

por descuido e falta de quem lho lembre<sup>509</sup>. A quem eu lhe hei por requerido da parte deste Santo e da do Santo Rei que nas suas orações tanto fiava, porque não possam alegar descuido invencível, e sô pena de serem tidos por ingratos a um santo a quem tanto devem. Agradecido se mostrou o grande capitão Naamão<sup>510</sup> à saúde que alcançara do Deus de Israel por intercessão do seu profeta Eliseu, e pois que não podia ficar em Israel servindo a quem lhe tinha feito tanto bem, levou<sup>1</sup> da terra de Israel pera em Síria sacrificar sobre ela<sup>II</sup>. Bem fora que levara Santarém parte da terra santa, que são as relíquias deste glorioso Prelado, pera si, em memória da saúde que alcançou, despidendo a lepra de Mafamede e introduzindo a saúde de Jesu Cristo, pera que à vista dessa terra louvasse a Deus e ao seu santo, e o obrigasse no Céu pera lhe fazer novas mercês. (275v)//

56

A estas nobres vilas sometidas  
ajunta também Mafra em pouco espaço,  
e nas serras da Lũa<sup>511</sup> conhecidas  
sojuga a fria Sintra o duro braço.  
Sintra onde as Náiades escondidas  
nas fontes vão fugindo ao doce laço  
onde Amor as enreda brandamente,  
nas águas acendendo fogo ardente.

Primeiro que El Rei Dom Afonso Henriques enrestasse com Lisboa, foi de longe como caçador artiloso e sagaz, sacudindo o mato, ocupando<sup>III</sup> os lugares de em redor, pera assi lhe tirar toda a esperança de escapar de suas mãos e lhe ser mais fácil rendê-la, e por isso depois de tomar Santarém, foi tomar Mafra, daí Sintra, até ultimamente levar a famosa Lisboa nas mãos.

Nas serras da lua.

São as de Sintra, que fazem o promontório chamado Ártabro, ou Ulisiponense. Aqui está a fresca Sintra, delícias dos Reis de Portugal por ter muita abundância de água[s]<sup>IV</sup> frias, as quais inda que não sejam tais como as de Antre Dour-a-

---

<sup>I</sup> No ms.: «levou ~~das~~ XXX da terra de Israel»...

<sup>II</sup> No ms.: «sobre ellas.» A frase não foi revista depois da rasura que a modificou.

<sup>III</sup> No ms.: «omato, ~~ocupando~~ ocupando os lugares»...

<sup>IV</sup> No ms.: «deagoa frias»...

---

<sup>509</sup> Conforme o próprio D. Marcos recorda, D. Afonso Henriques associara a protecção de Cister à conquista de Santarém, e em agradecimento patrocinara a edificação do mosteiro de Alcobça. Todavia, nos Comentários, é nítido o cuidado de salientar São Teotónio e de valorizar, como decisiva, a sua intercessão.

<sup>510</sup> V. Liber Malachim (IV Regum), 5.

<sup>511</sup> Na edição de 1572, bem como nas de 1584, 1597, 1609, 1612 e 1626: «Lũa». Em 1591, 1613, 1631 e 1633: «Lũa».

-Minho são as melhores que há por aquelas partes. Estas Náiades eram<sup>I</sup> as damas do paço, as quais se iam recrear àquelas florestas com as Rainhas de Portugal enquanto Deus quis que ele gozasse destes mimos, dos quais porque não soube usar veio a carecer deles. (276)//

57

E tu, nobre Lisboa, que no Mundo  
facilmente das outras és Princesa,  
que edificada foste do facundo  
por cujo engano foi Dardânia acesa,  
Tu, a quem obedece o mar profundo,  
obedeceste à força portuguesa,  
ajudada também da forte armada,  
que das Boreais partes foi mandada.

Agora trata da tomada de Lisboa, que El Rei Dom Afonso Henriques tomou aos 25 de Outubro, dia em que a Igreja festeja os dous Santos, Crisanto e Daria, e naquele tempo a S. Crispim, e Crispiniano, no ano.<sup>II</sup>

Da nobreza e excelências desta Cidade, por muito que diga sempre ficarei muito aquém do que se deve a suas grandezas, porque a Natureza parece que a criou pera Senhora e Princesa, como diz o nosso poeta, assi pela benignidade do Céu, como pela fertilidade do terreno, capacidade de sítio, comodidade de porto, servida per aquele Rio a quem o Mar saía a receber tão manso que parece um sossegado tanque, tão fundo que sustenta as mores embarcações que no mundo se sabem. Os mármore finos, a louça tão linda que compete com a da China, os pú-caros tão cheirosos, e enfim tudo o bom que no mundo se pode cobiçar, recopilou a natureza naquela Cidade. Livros andam impressos das grandezas desta Cidade que trazem cousas muito notáveis que neles se podem ver.<sup>512</sup> (276v)//

---

<sup>I</sup> No ms.: «Naiades são/erão asdamas»...

<sup>II</sup> No ms., a frase, terminando assim, parece ter ficado incompleta.

---

<sup>512</sup> Elogios da cidade (*i.e.* descrições encomiásticas) surgem, ao longo do século XVI, em obras tão diversas como o *Memorial das Proezas da Segunda Tavola Redonda* (1567), de Jorge Ferreira de Vasconcelos, a *Vrbis Olisiponis Descriptio* (1554), de Damião de Góis, ou a *Primeira Parte das Chronicas dos Reis de Portvgal* (1600), de Duarte Nunes de Leão, onde Lisboa recebe o apelido de «mundo abreviado» (f. 41v). Em pleno regime da Monarquia Dual, Luís Mendes de Vasconcelos, em *Do sítio da cidade de Lisboa* (1608), e Manuel Severim de Faria, nos *Discursos Varios Políticos* (1624), vieram advogar a vantagem de se fazer de Lisboa a capital do império habsburgo. Entretanto, no *Livro das Grandezas de Lisboa* (1620), Frei Nicolau de Oliveira tentara compilar informação pormenorizada acerca da urbe e seus arredores (número de habitantes, edifícios e instituições, ofícios praticados, organização comercial e administrativa, etc.). Vários espanhóis concorreram igualmente para esta exaltação: veja-se, por exemplo, o *Romance de las grandezas de Lisboa* (1610) de Francisco de Segura, ou o capítulo LVII (*De la muy noble ciudad de Lisboa, de su fundacion, y cosas notables*) da *Primera, y Segvnda Parte de las Grandezas y Cosas Notables de España*, de Pedro de Medina e Diego Perez de Messa (1595, fls. 177-179).

## Que edificada foste do facundo.

Que fosse Lisboa edificada por Ulisses, além do nome de *Olisippo* que ela tem em Latim, são tantos os autores que o dizem, que não se poderá dizer que o alevantaram os portugueses, nem que os castelhanos lhe tiram este louvor com boa fé. Porque inda que Ulissea de Strabo<sup>513</sup> se conte entre os lugares de Andaluzia, não nomeou ele<sup>1</sup> outra na boca do Tejo. E neste autor e noutros, notou Pedro Mantuano<sup>514</sup>, que nomeavam terras ãas após as outras estando disparatíssimas, como vemos também que fez Plínio, que descrevendo Lusitânia chegou até Leiria e dali salta no promontório Ártabro que é nas Serras de Sintra, mais de 25 léguas adiante<sup>515</sup>. Mas como os autores Castelhanos sejam mui sutis e especulativos naquelas cousas que diminuem a glória deste Reino, o Doutor Bernardo Aldrete<sup>516</sup> e D. Francisco Fernández de Córdova<sup>517</sup>, achando em Strabo quando descreveu a

Pedro  
Mant. nas  
*Advertencias* a  
Mariana

<sup>1</sup> No ms.: «não nomeou \*elle\* outra»...

<sup>513</sup> Estrabão, na *Geografia* (3, 2, 13), admite que Ulisses (como outros gregos) teria viajado até à Península Ibérica e que Homero se teria inspirado nessa história para a recriar na sua ficção. Em abono desta ideia, Estrabão lembra a existência de uma cidade chamada *Odisseyea*, que situa na Turdetânia (*i.e.*, na região correspondente ao sul de Espanha), e de *Olyssipon*, que localiza na margem do Tejo (3, 3, 1). D. Marcos parece ter presente, na sua crítica, o que Gaspar Estaço escreveu nas *Varias Antiguidades de Portugal*, lamentando a fragilidade das informações às quais faltava a certeza da experiência. «Estar longe» – frisava Estaço – constituía uma dificuldade, se não um impedimento para se alcançar a verdade: «Esta mesma [ignorância] teve Strabo pera assentar Lisboa na costa de Andaluzia. Mas Pompónio Mela natural da mesma Andaluzia a põe em Lusitânia [...]» (1625, p. 253).

<sup>514</sup> Se Juan Mariana havia escrito *Està cerca de Lisboa el Promontorio Artabro*, Pedro Mantuano apressou-se a rebatê-lo, dizendo nas suas *Advertencias: Lo primero y principal, el Promontorio Artabro, està apartado de Lisboa ochenta y siete leguas*. (1613, pp. 11-12).

<sup>515</sup> V. Caius Plinius Secundus, *Naturalis Historia*, IV, XXI, 113: *A Durio Lusitania incipit: Turduli veteres, Paesuri, flumen Vagia, oppidum Talabrica, oppidum et flumen Aeminium, oppida Coniumbrica, Collippo, Eburobrittium. excurrit deinde in altum vasto cornu promunturium, quod aliqui Artabrum appellavere, alii Magnum, multi Olisipponense ab oppido, terras, maria, caelum discriminans. illo finitur Hispaniae latus et a circuitu eius incipit frons.*

<sup>516</sup> Bernardo Aldrete, em *Del Origen y Principio de la Lengua Castellana ò Romãce que oi se usa en España* (1.<sup>a</sup> ed.: 1606), afirmou: *Despues de la guerra de Troia dizen, que vino Vlysses. Strabon lo prueua con la autoridade de Possidonio, i de Artemidoro, i de Asclepiades Myrliano, que fue maestro de Gramatica en el Andaluzia, de cuja venida quedaron memorias en la Gran Ciudad de Lisboa, que del tomo el nombre, i otra ciudad llamada Vlysssea, i el templo de Minerua, donde quedaron los pedaços de sus nauios, i escudos pendientes*. (1606, III, I, p. 266).

<sup>517</sup> Francisco Fernández de Cordova escreveu *Didascalía multiplex* (1.<sup>a</sup> ed.: 1595), obra que mereceu um juízo favorável do P.<sup>e</sup> Aldrete e que, conforme o título promete, de tudo trata, desde as causas dos espirros até às motivações e fins da poesia. O tema do capítulo XLVII (1615, pp. 369-373) é proposto como uma questão: *Vlyssis peregrinantis monumenta conseruata in Hispania, interea Olyssiponem nobilissimam urbem; et an hæc eadem cum ulyssa Strabonis, an verò diversa?* Francisco Fernández sintetiza copiosa informação sobre o assunto e acaba por, concordando com Aldrete (cujo tratado *Del Origen y Principio de la Lengua Castellana* conhecia já – v. p. 371), sustentar a ideia de que Estrabão mencionara duas cidades: uma, *Vlyssipo enim celeberrima [...] Lusitaniæ ciuitas, vulgò Lisboa*; outra, *Vlysssea*, desaparecida, situável no lugar de Málaga (p. 372).

costa do Oceano e terras de Andaluzia feito menção de ãa Ulissea edificada por Ulisses, tomaram motivo pera escrever que Ulissea e Lisboa eram duas Cidades diferentes, deram mais crédito a um autor que escreveu em Grécia que a Pompónio Mela Espanhol<sup>518</sup>, e a Plínio, que em Espanha viveu e como testemunha de vista é digno de mais crédito. E quão errado fosse Strabo nas cousas de Espanha, só daqui se pode coligir, que fez os términos de Lusitânia desde a boca do Rio Tejo, até o cabo de Finisterra, contra todos os Geógrafos, e a este quiseram antes os Castelhanos seguir, que a quantos escritores tão calificados escreveram o contrário.

Esta opinião é mui certa. A cidade de Lisboa foi edificada por Ulisses.(277)//

Muitos autores antigos disseram que Lisboa fora edificada por Ulisses. Solino, cap. 36, diz: *Ibi oppidum Ulyssippo ab Ulisse conditum ferunt*.<sup>519</sup> E Santo S. Isidoro nas *Etimologias* diz que Lisboa tomou o nome de Ulisses seu edificador<sup>520</sup>. Foi o tempo andando, corrompeu o nome de Ulissipo em Olisipo, e ultimamente em Lisboa. Entra agora nosso amigo João Mariana, a quem este Reino deve muito pela boa vontade que sempre mostrou a suas cousas, e começa a perafusar que não era esta a verdadeira Ulissipo que Ulisses edificou<sup>521</sup>, e por aqui diz mil patranhas de que os seus livros estão cheos, pera ver se podia tirar esta glória a este Reino, *sed mentita est iniquitas sibi*<sup>522</sup>, porque Lisboa está de posse deste louvor, de ser edificada por um tão valeroso e antigo Príncipe, e Mariana, Aldrete, e Francisco Fernández, e outros ficarão co a má vontade conhecidos por fementidos e historiadores pouco versados na lição das antiguidades.

S. Isid., lib. 25,  
c. 1

<sup>518</sup> Pompónio Mela fez, em *Geographiae Libri* (III, 1, 6), referência a Lisboa, enfatizando a riqueza do rio que junto da cidade tinha a sua foz: *Ulyssippo, et Tagi ostium, amnis gemmas aurumque generantis*.

<sup>519</sup> Solino, muito devedor de Plínio, reiterou em *De Memorabilibus Mundi: In Lusitania promontorium est quod Artabrum alij alij olisiponense dicunt*. [...] *Ibi oppidum Olisipone ab Ulixite conditum. Ibi Tagus flumen*. (1512, cap. XXXII, f. 22v).

<sup>520</sup> Isidorus Hispalensis, *Etymologiae*, XV, I, 70: *Ulyxbona ab Ulixite est condita et nuncupata* [...].

<sup>521</sup> [...] *Estrabon y Solino testifican, que Vlysses entre los demas vino a España, y que en la Lusitania o Portugal, fundò la ciudad de Lisboa: cosa de que el mismo nombre de aquella ciudad da testimonio, que segun algunos en Latin se escriue Vlyssipo. Si bien otros son de diferente parecer, mouidos assi del mismo nombre de aquella ciudad, del qual por antiguallas se muestra, se deue escriuir Olyssipo, y no Vlyssipo, como tambien porque en las marinas de Flandes en diuersos lugares se halla mencion de las aras o altares de Vlysses, dado que no passò en aquellas partes. Por estos argumentos pretenden, que conforme a la vanidad de los Griegos pusieron a Vlysses antiguamente en el numero de sus dioses: y para honralle en diuersas partes, le edificaron memorias: lo qual dizen pudo ser succediesse en España, y que Lisboa por esta causa tomasse el nombre de Vlysses, sin que el ni su gente aportassen a estas partes*. (Juan de Mariana, *Historia General de España*, 1617, t. I, cap. XII, p. 24).

<sup>522</sup> Psalms Iuxta LXX, 26, 12: *ne tradideris me in animas tribulantium mel quoniam insurrexerunt in me testes iniqui et mentita est iniquitas sibi*.

Nem me estranhe ninguém falar por estes termos, porque historiadores Castelhanos (como já advirti) são hoje mui semelhantes aos Gregos, os quais por soberba, e inveja, acomodavam à sua Grécia todos os louvores do Céu e da terra. Primeiramente chamaram Céu à sua província, e às terras de Itália, França, e Hespanha, Inferno. E assi disseram que Saturno reinara no Céu, que era Grécia, e que dali fora lançado por seu filho Júpiter no Inferno, entendendo por Inferno Itália, pera onde Saturno veio fugindo de Grécia. (277v)//

A Júpiter, Rei dos seus Deuses, deram por Pátria Creta, a Apolo e Diana, Delos, a Minerva, Atenas, a Vénus, Chipre *ect.*<sup>1</sup> Todas as fábulas e transformações puseram nas suas terras. Hércules era de Tebas, e Baco. Juno de Micenas, Mercúrio, e Pã, de Arcádia, Marte de Creta. De sorte, que não queriam comunicar nenhum louvor com os de mais longe. Assi nem mais nem menos os Historiadores Castelhanos. Ao nosso Lusitano Vuamba fizeram de Múrcia, e vendo que a fama prevalecia e o fazia Lusitano, de Príncipe tão nobre e excelente fizeram-no rústico, e lavrador ignorante<sup>523</sup>. A S. Dâmaso de Guimarães, levaram-no a Madrid<sup>524</sup>, a S. Vicente das Irmãs de Évora deram com ele em Talaveira. A S. Vicente de Lisboa, o mudaram a França, e antes o querem em França que em Portugal, com Lisboa deram em Andaluzia, com Évora em Castela. Estou esperando quando hão-de dar com o nosso Santo António em Cuenca, ou Segóvia. E como eu estou escandalizado da pouca fé destes Autores, e principalmente de Mariana, não se espante o curioso Leitor se os eu trato com algũa esquivança que me nasce do sentimento que me dão suas suspeitosas histórias.

---

<sup>1</sup> No ms.: «Chipre. \*ect\* todas»...

---

<sup>523</sup> Também Ambrosio de Morales, que em *Los Otros Dos Libros Vndecimo y Dvodecimo de la Coronica General de España* deu relevo à figura de Vuamba, dizendo-o *natural en Portugal de una parte de aquella prouincia, que llamauan antiguamente Igeditania, donde dura vn lugar llamado agora Idania la vieja*, lamentou, como falsa, a fama que o *acipreste de Murcia* e outros autores haviam criado em torno desta figura:  *cuentan [...] tantas fabulas, haziendolo labrador que estaua arando, y añadiendo otras cosas sin ningun tino ni concierto: que aun no sera menester contradizirlas, segun ellas son vanas y desuariadas, e segun la verdad de todo esto esta clara y manifiesta.* (1577, XII, XLI, pp. 162-163). Por sua vez, na *Segvnda Parte da Monarchia Lusytana*, frei Bernardo de Brito traduziu o que afirmava ser um «cartel de desafio» redigido por Vuamba, e, tendo em conta as imagens naturais que se acumulam no texto, observou: «Deste cartel se deixa entender, que não vão fora de rezão os Autores, que dizem ser Vuamba em seu princípio homem de campo, posto que nobre e de sangue ilustre, contudo tão pouco rico, que sua vivenda era no campo em algũa quintã, granjeada por sua indústria, donde saía o tempo que lhe restaua de negócios domésticos à caça de feras, como exercício próprio de ânimos honrados [...]» (1609, VI, XXV, fls. 242-242v).

<sup>524</sup> Ambrosio de Morales, enfatizando que *fue San Damaso natural de Guimaranes lugar de Portugal en la tierra que llaman Entre Duero y Miño tres leguas de Braga*, lembra que, embora sem fundamento, nem todos pensavam assim: *Este fue san Damaso [...] a quien tienen en Madrid por natural de alli, y en la iglesia de san Salvador tienen mas particularmente su memoria. Y ninguna otra prueua dan de ser esto assi, sino que lo oyeron a sus passados, y a ellos auia venido conseruada esta memoria de vnos en otros.* (*La Coronica General de España*, 1574, X, XL, f. 399v).

58<sup>I</sup>

Lá do Germânico Álbis, e do Reno  
e da fria Bretanha conduzidos  
a destruir o povo Sarraceno,  
muitos com tenção santa eram partidos.  
Entrando a boca já do Tejo ameno,  
c'o Arraial do grande Afonso unidos,  
cuja alta fama antão subia aos Céus,  
foi posto cerco aos muros Ulisseos. (278)//

Estando El Rei D. Afonso Henriques em Sintra, teve novas que no Tejo estava ãa armada das partes do Norte, em que vinham muitos cavaleiros Cristãos que passavam à Palestina, cujo Capitão era Guilherme de Longa Espada, Marquês de Monferrat<sup>525</sup>. Com este falou El Rei e assentaram que de mão comum cercassem Lisboa, e que tomando-a ficasse a Cidade aos portugueses, e o despojo que fosse dos Estrangeiros. Feito este concerto, cercaram a Cidade, tendo os portugueses suas Estâncias onde está o mosteiro de S. Vicente de Fora, e os Estrangeiros pera a parte ocidental onde ora chamam Santos-o-Novo, e cercaram a Cidade, dando-lhe seus assaltos, até que a entraram, depois de a terem cercada cinco meses. Neste cerco se edificou a torre que estava à porta de S. Vicente na Igreja velha, que edificado o mosteiro lhe serviu dos sinos, o qual mosteiro mandou fazer El Rei D. Afonso pera trazer a ele o corpo do bem-aventurado S. Vicente, como logo diremos, e nele mandou enterrar os cavaleiros que morreram naquela batalha portugueses, e os estrangeiros enterraram os seus em Santa Maria dos Mártires, que hoje chamam as Martas. E estando os ossos destes mártires de Cristo nãa cova, recolhia-se nela algũa água no Inverno, que revia<sup>526</sup> em baxo, a modo de fonte, e ali vinham buscar aquela água pera febres, e com a fé que nela tinham, e merecimento daqueles ou de algum daqueles cavaleiros de Cristo, saravam.

No arraial dos portugueses, na tenda dos enfermos vinha ãa devota imagem de Nossa Senhora, chamada por essa causa da enfermaria, que inda hoje neste (278v)// mosteiro está, a que o povo tem muita devação. E os estrangeiros traziam também no seu Arraial a imagem de um S. Bispo seu natural chamado S. Antídio Bispo, a qual também lhe ficou ali e inda hoje é mui<sup>II</sup> venerada do povo.

---

<sup>I</sup> No ms., por lapso, começou por ser escrito o número «38». Parece ter havido um retoque destinado a emendar o erro e a formar «58».

<sup>II</sup> No ms.: «inda hogue he \*mui\* venerada»...

---

<sup>525</sup> Acerca da conquista de Lisboa, D. Marcos compõe uma versão distinta da que se encontra em textos como a carta a Osberno (*De Expugnatione Lyxbonensi*), onde se faz notar que o estabelecimento de relações entre D. Afonso Henriques e os cruzados nada teve de casual, antes foi procurado pelo rei, através do bispo do Porto, logo por altura da primeira aproximação da frota expedicionária à costa portuguesa. Tão-pouco se encontra nesta fonte ou no *Indiculum Fundationis Monasterii Beati Vincentii Vlixbone* qualquer referência ao propósito de edificar o mosteiro de S. Vicente para nele acolher as relíquias do santo (v. Aires A. Nascimento (ed.), *A Conquista de Lisboa aos Mouros*, 2007).

<sup>526</sup> «Revia»: ressumava.

Do Álbis, e Reno, temos tratado no princípio deste canto. Bretanha se divide em Maior e Menor, a Maior é chamada Inglaterra, a Menor é Escócia, tudo dentro de ãa Ilha, pera o Poente está outra Ilha sujeita ao Rei de Inglaterra, chamada Irlanda, ajuntaram-se estes dous Reinos, o de Inglaterra, e o de Escócia, em Jacobo Sexto, o qual se intitula Rei de Grande Bretanha.

59<sup>I</sup>

Cinco vezes a lũa se escondera  
e outras tantas mostrara cheio o rosto,  
quando a Cidade entrada se rendera  
ao duro cerco que lhe estava posto.  
Foi a batalha tão sanguina e fera  
quanto obrigava o firme prossuposto  
de vencedores ásperos, e ousados,  
e de vencidos já desesperados.

Cinco meses, como dissemos, esteve Lisboa cercada, o que o nosso poeta declara pelo crescimento e minguate de Lua, o que ela faz em 27 dias e 8 horas pela maior parte<sup>II</sup>, e a isto chamam os matemáticos *mensis lunaris* ou luação, porque é o verdadeiro curso da lua de Ocidente a Oriente, no qual tempo corre todos os doze signos do Zodíaco. (279)//

60<sup>III</sup>

Desta arte enfim tomada se rendeu  
aquela que nos tempos já passados  
à grande força nunca obedeceu  
dos frios povos Cíticos ousados.  
Cujo poder a tanto se estendeu  
que o Ibero o viu, e o Tejo amedrontados,  
e enfim c'o Bétis tanto alguns<sup>527</sup> puderam  
que à terra de Vandália nome deram.

---

<sup>I</sup> No ms., por lapso, começou por ser escrito o número «39». Por retoque, foi convertido em «59».

<sup>II</sup> No ms.: «mingoante de Lũa. que fas seu curso, em E deixados os movimentos Eccentricos e Epicyclos p.<sup>a</sup> a teorica/theorica dos mathematicos disemos q<sup>a</sup> a Lua fas seu movimento verdadr.<sup>o</sup> de Oriente o que ella fas em 27 \*dias\* e 8 \*horas\* pella maior parte.»..

<sup>III</sup> No ms.: «40 60».

---

<sup>527</sup> Na edição de 1572, tal como nas de 1584, 1591 e 1609: «algum». Em 1597, 1612, 1613, 1626, 1631 e 1633: «alguns».

Conta Paulo Orósio<sup>528</sup> que os Vândalos que passaram de Itália a África destruíram toda Espanha. Mas só Lisboa, que estava pelos Romanos, lhe resistiu fortemente, e os Vândalos passando dali à província Bética, cuja cabeça é Sevilha, a conquistaram, e morando nela lhe mudaram o nome chamando-lhe Vandália, que depois se corrompeu em Andaluzia. Este termo de falar e tomar os Rios pelos moradores das terras por onde passam é mui familiar aos poetas, e a Camões muito mais. Eram os Vândalos citas daquelas bárbaras e ferozes gentes que deceram desses montes de Cítia a castigar os pecados dos Romanos. Ibero é o Ebro, Rio que passa por Aragão e se mete no mar Mediterrâneo chamado Balear, e Bétis é o Guadalquivir, que passa por Sevilha. (279v)//

Os  
Ulispionenses  
deram certa  
contia de  
dinheiro aos  
Vândalos pera  
se irem e não  
lhe destruírem  
as vinhas e  
olivais.

61<sup>1</sup>  
Que Cidade tão forte porventura  
haverá que resista se Lisboa<sup>II</sup>  
não pode resistir à força dura  
da gente cuja fama tanto voa?  
Já lhe obedece toda a Estremadura,  
Óbidos, Alanquer, por onde soa  
o tom das frescas águas entre as pedras,  
que murmurando lava, e Torres Vedras.

A tomada da Cidade de Lisboa quebrou de todo o ânimo aos Mouros de Lusitânia, e assi no resto dela teve El Rei D. Afonso pouco que fazer.

Toda a Estremadura.

Assi chamaram os primeiros moradores de Portugal, depois dos Mouros, àquela fertilíssima Província que está de Coimbra até Lisboa, sem darem a razão por que alguém houve que escreveu que Estremadura se derivava do latim *Extrema Duris*<sup>529</sup>, e assi davam ao Douro por estremo da Estremadura, mas o contrário se há-de ter com Camões, e os Cronistas antigos, porque também Estremadura chamam em Castela a ùia Província a quem o Douro não divide. Mas a esta província de Castela convém-lhe este nome porque divide em muitas partes Portugal de Castela, e esta nossa não, pois que está no Coração de Portugal. (280)//

f. Amador  
Arrais

<sup>1</sup> No ms.: «41 / 61». (A barra oblíqua indica aqui mudança de linha).

<sup>II</sup> No ms., segue-se um verso rasurado: «a grande força nunca obedece».

<sup>528</sup> Orosius, *Historiae adversus paganos*, VII, 40, 3-41, 2.

<sup>529</sup> Nos *Dialogos*, ao ocupar-se «Da Lusitânia, e seus Conuentos Jurídicos», Frei Amador Arrais afirma: «Do Douro começa Lusitânia, e toda aquela terra contra Tejo se chama Estremadura (quer dizer, extra Dorium, Além do Douro) e isto é o mais certo». (1604, IV, V, f. 108).

Óvidos, vila pequena na costa do mar oceano. Alenquer, diz Morales<sup>530</sup> que foi parecer de alguns que foi obra dos Alanos, e que se chamou Alancarcana. É ãa vila real, foi antigamente da Rainha S. Isabel, e antes da Infanta D. Sancha, filha del Rei D. Sancho, virgem Santíssima que teve por hóspedes os cinco Mártires de Marrocos. Está à vista do Tejo num lugar alto. Corre por ela um Rio fresquíssimo de que aqui fala Camões, e chama-se Terena, mete-se no Tejo. Torres Vedras, quer dizer Torres Velhas, assi diz o seu selo: *Sigillum de Turribus veteribus*, e por isso chamaram a outra vila Torres Novas, em diferença desta, porque os Godos por velho deziam Vedro. Daqui naceram Ponte Vedra, Murvedro, *ect.*

62<sup>I</sup>

E vós também, ó terras Transtaganas,  
afamadas c’o dom da flava Ceres,  
obedeceis às forças mais que humanas  
entregando-lhe os muros, e os poderes.  
E tu, Lavrador Mouro, que te enganas,  
se sustentar a fértil terra queres,  
que Elvas<sup>531</sup>, Moura, e Serpa conhecidas,  
e Alcácere<sup>532</sup> do Sal estão rendidas.

Terras Transtaganas chama às de Alentejo, quasi *Trans Tagum*.

Afamadas c’o dom da flava Ceres.

Ceres foi filha de Ópis e de Saturno. De Júpiter pariu<sup>II</sup> Prosérpina. Plutão lha furtou e ela correu todo o Mundo em busca dela, ensinando aos homens a semear trigo, cousa que ela inventou, e juntamente fazer Leis pera o público bem e bom governo das [gentes<sup>III</sup>]. (280v)//

---

<sup>I</sup> No ms., foi inicialmente escrito «42». Por transformação do primeiro algarismo, passou a ler-se «62».

<sup>II</sup> No ms.: «Ceres foi filha de Opis e de Saturno. ~~Casou-se~~ de Jupiter pariu a ~~Mim~~ Proserpina.»

<sup>III</sup> No ms., falta o final da frase. Por hipótese, propomos «gentes».

---

<sup>530</sup> Em *Los Otros Dos Libros Vndecimo y Dvodecimo de la Coronica General de España*, Ambrosio de Morales diz: *Desta vez que assi los Alanos quedaron en Galizia y por alli o de antes quando tenian la Lusitania, piensan algunos con buena conjetura que pusieron el nombre a la villa de Alanquer, que se cree ser la que en tiempo de Romanos llamauan Ierabrica, y esta agora en las comarcas de Lisboa y el nombre verdadero que entonces le pusieron, fue Alanquercana, que quiere dezir templo de los Alanos, de donde se corrompio el vocablo que agora tenemos.* (1577, XI, XVII, p. 23).

<sup>531</sup> Na edição de 1572, bem como nas de 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1626, 1631, 1633: «Que Elvas, e Moura, e Serpa». Em 1613, «Que Elvas, Moura, e Serpa»...

<sup>532</sup> Na edição de 1572, bem como nas de 1584, 1597, 1609, 1612, 1626, 1631, 1633: «Alcaçare». Em 1591 e 1613: «Alcácere».

Resp. Ovídio: *Prima Ceres unco glebas dimovit aratro  
Prima dedit fruges, alimentaue mitia terris  
Prima dedit leges. Cereris sunt omnia munus.*<sup>533</sup>

Donde fica claro que os dões de Ceres são as sementeiras.

Virg.: *Onerantque canistris. Dona laboratae Cereris.*<sup>534</sup>

E dous oficiais elegiam os Romanos que tinham cuidado de prover a Cidade de pão, e a estes chamavam eles *Cereales*, os quais oficiais instituiu Júlio César. Diz o Sepentino<sup>535</sup> que este nome Ceres, que decende do verbo *Creo*, crear, porque a força produtiva da natureza, que no género humano era atribuída a Vénus, nas sementeiras se atribuía a Ceres, nome fictício, *ab effectu*, não que eles tivessem pera si que tal mulher houvesse no mundo. Também se há-de saber que os quatro tempos do ano eram figurados por quatro Deuses. Vénus sinificava a Primavera, Ceres o Estio, Baco o Outono, Vulcano<sup>1</sup> o Inverno. E dos doze deuses que eram chamados *Dii maiorum gentium*<sup>536</sup>, era um Ceres, e chamavam-lhe *Concentus*, quasi consiliários do Céu. Todas as quais cousas tinham seus mistérios, e porque poucos os entendem, condenam tudo com título de fábulas de poetas, e eles são segredos de filosofia.

Virgílio chamou à Ceres Lua, assi como a Baco Sol:

*Vos o clarissima mundi  
Lumina labentem caelo qui ducitis annum  
Liber et alma Ceres etc.*<sup>537</sup> (281)//

Chama às terras de Alentejo afamadas com os dões de Ceres, que quer dizer, celebradas polo muito e bom trigo que produzem. Flava quer dizer loura, per me-

*flavescit campus  
arista*<sup>538</sup>

<sup>1</sup> No ms.: «Vulcano, e Eolo o Inverno.»

<sup>533</sup> Publius Ovidius Naso, *Metamorphoses*, V, vv. 341-343. Na edição de referência: *Prima Ceres unco glaebam dimovit aratro.*

<sup>534</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, VIII, vv. 180-181.

<sup>535</sup> V. *Cornucopiae* D. Nicolai Perotti, 1543?: *Item a creo Ceres appellata: quod cunctarum frugum creatrix sit, haec enim frugum dea, putabatur Saturni, & opis filia [...]* (f. 61v, col. 1, l. 5-6); *Ceres Saturni atque opis filia fuit, genuit ex ioue Proserpinam, quae a Plutone clam rapta fuit.* (f. 83, col. 2, l. 28-30).

<sup>536</sup> Os romanos hierarquizavam o mundo divino, distinguindo deuses *maiores* e *minores*. Num autor como Santo Agostinho, D. Marcos poderia ver lembrada esta ordem pagã: *sed ipsi etiam maiorum gentium dii, quos Cicero in Tusculanis tacitis nominibus videtur adtingere, Iuppiter, Iuno, Saturnus, Vulcanus, Vesta et alii plurimi, quos Varro conatur ad mundi partes sive elementa transferre [...]*. (*De civitate Dei*, VIII, V).

<sup>537</sup> Publius Virgilius Maro, *Georgica*, I, vv. 5-7. Na edição de referência: *quae ducitis annum.*

<sup>538</sup> Publius Virgilius Maro, *Bucolica*, IV, v. 28. Na edição de referência: *molli paulatim flavescet campus arista.*

tonímia, porque as searas quando estão maduras estão louras, e este epíteto é mui comum entre poetas.

Elvas vila, é hoje Cidade. Moura e Serpa são vilas muito ricas e nobres daquela Província. E Alcáçere do Sal, *olim Salacia*, foi tomada por El Rei D. Afonso Henriques, mas depois de sua morte os Mouros a tornaram a tomar, e Dom Mateus, Bispo de Lisboa, lha foi tomar, como adiante diremos, em tempo de D. Afonso 2.º.

63<sup>1</sup>

Eis a nobre Cidade certo assento  
do rebelde Sertório antigamente,  
onde ora as águas nítidas de argento  
vem sustentar de longo a terra, e a gente,  
pelos arcos reais que cento, e cento,  
nos ares se levantam<sup>539</sup> nobremente,  
obedeceu, por meio e ousadia  
de Giraldo, que medos não temia.

Da tomada da Cidade de Évora trata agora o nosso poeta, e diz que foi logo naquele tempo que El Rei tomou as vilas que nomeamos, e assi o diz também a Crónica antiga, inda que Duarte Nunes de Leão<sup>540</sup> quer que fosse mais adiante, no que vai pouco<sup>541</sup>. A tomada desta Cidade se azou deste modo. Um cavaleiro português, natural de Braga, como alguns querem, muito esforçado, fez um delito com que caiu em des(281v)//graça com El Rei Dom Afonso Henriques, e temendo o castigo fugiu pera os Mouros com outros homiziados, como costumavam naquele tempo fazer os culpados.

---

<sup>1</sup> No ms., foi inicialmente escrito «43». Por transformação do primeiro algarismo, passou a ler-se «63».

---

<sup>539</sup> Na edição de 1572, bem como nas de 1597, 1609, 1612, 1613, 1626, 1631 e 1633: «alevantam». Em 1584 e 1591, «levantam».

<sup>540</sup> Na *Primeira Parte das Chronicas dos Reis de Portugal*, Duarte Nunes de Leão indica o ano de 1166 para esta conquista (1600, f. 46).

<sup>541</sup> O relato da conquista de Évora por Giraldo apresenta coincidências, não com o de frei Bernardo de Brito (*Primeyra Parte. Da Chronica de Cister*, V, XII, fls. 315-317) mas sim com o de Duarte Nunes de Leão, que por sua vez se basearia no «tratado» – *Antiguidades da cidade de Evora* – de André de Resende (v. *Primeira Parte das Chronicas dos Reis de Portugal*, 1600, f. 46). D. Marcos, porém, afasta-se em alguns pontos da versão de Duarte Nunes: quando afirma que Giraldo era oriundo de Braga (Duarte Nunes preferira dizer «Donde fosse natural não se deixou em memória» – f. 46v); quando sugere o arrependimento providencial de Giraldo (Duarte Nunes preferiu dar pleno destaque à relação com D. Afonso Henriques: «ou por alcançar dele perdão, ou receando de lhe cair nas mãos», f. 46v); quando recusa (ao contrário de Duarte Nunes, f. 46v) que Giraldo tivesse usado camuflagem «de rama verde» para subir à torre da cidade. No que toca a este último pormenor, a sua reserva tem precedente n'Os *Lvsiadadas* [...] *Commentados* (1613, f. 92), onde tão-pouco se menciona tal estratégia.

Lá se lhe ajuntaram outros que per semelhantes casos andavam amoados<sup>542</sup>, tendo por vida dar assaltos nas terras de Cristãos e roubar o que podiam. Giraldo, que [era] o capitão desta alcateia<sup>I</sup>, ou porque Deus o inspirasse a ver o estado em que andava, ou por se recear de vir às mãos del Rei seu Senhor um dia, tratou com os companheiros de lhe fazer tal serviço que ficassem todos em graça com ele, e ainda com esperança de mercês. E o mor serviço que lhe podiam então fazer era tomar a Cidade de Évora aos Mouros, cousa que El Rei muito desejava, porém isto não o podiam eles fazer a olhos vistos, pois eram poucos a respeito dos Mouros, nem por manha, pois os Mouros se vigiavam muito, e assi tratou de tomar ãa torre que estava sobre um outeiro que está detrás do mosteiro das freiras de S. Bento meia légua da Cidade. Mas nesta torre estava perpetuamente vigiando um mouro<sup>II</sup> com ãa sua filha. Deixo as fábulas populares, que dizem que Giraldo sem Pavor se vestiu de mato *ect.* Tanto que anoiteceu, foi-se ele chegando à torre, a qual não tinha porta, mas só ãa janela per onde se serviam com escada levadiça. Notou Giraldo bem o sítio da torre, e sendo já alta noite chegou a par dela a tempo que o mouro velho dormia e encomendara a vigia à filha, que também teve sono e sobre a janela adormeceu com um braço pendurado pera fora. Teve Giraldo esta por boa ocasião, e subindo por ãa lança como ele pôde chegou à janela, e tomando a moura pelo braço deu co ela em baxo, a qual não disse mais palavra, e entrando (282)// cortou a cabeça ao Mouro que dormia, e trazendo-a na mão se saiu da torre, porventura por escada, pois já era senhor da torre, e chegando abaxo cortou também a cabeça à moça, e com ambas penduradas se foi aos seus, e lhes disse<sup>III</sup> que fossem uns poucos por certa parte por onde fossem sentidos de Mouros, e que dando volta se tornassem onde ele com os outros estavam, e enquanto estes iam foi-se à torre, e deu sinal à outra torre dos Mouros que iam Cristãos. Os da Cidade mandaram escutas e acharam ser verdade, e que a trilha era pequena. Tendo os Mouros este recado saíram aos da trilha, que neste tempo estavam já recolhidos, e foi sua pressa tanta que lhe esqueceu de fechar a porta. Giraldo, que não esperava por outra cousa, entra pela porta deixando guarda nela, e começou a matar pela Cidade à sua vontade. Os que saíram tornaram logo ao repique que os Mouros deram de ser entrada<sup>IV</sup> a Cidade, e entrando poucos e poucos pela porta acharam muito ruim agasalhado, porque um e um todos foram passados das agudas lanças dos Portugueses, e a Cidade ficou em poder de Giraldo, que logo pela posta mandou recado a El Rei D. Afonso que viesse, como veio, e estimou muito a tomada de tal Cidade com tão pouco custo dos seus, e não somente perdoou a Giraldo, mas também o fez Alcaide-mor daquela Cidade.

---

<sup>I</sup> No ms.: «Giraldo que o capitão destaalcatea»...

<sup>II</sup> No ms.: «vigiando hũ velho/mouro cõ»...».

<sup>III</sup> No ms., parece ter sido grafada a forma «dissera». As duas últimas letras, porém, encontram-se rasuradas.

<sup>IV</sup> No ms.: «deser tomada/entrada a Cidade»...

---

<sup>542</sup> Amoados ou amoados: ocultos, retirados.

Nesta Cidade residiu Sertório Capitão Romano, o qual agravado dos seus se fez Capitão dos Lusitanos (282v)// e ornou esta Cidade com obras excelentes, ã das quais foi a da água da prata, que de muito longe por grandes e fortes arcos vem àquela Cidade, e as casas do mesmo Sertório por tantas centenas de anos se sustentam e inda hoje permanecem com o nome do seu edificador<sup>543</sup>. A vida deste Capitão contaremos noutra parte.

64<sup>I</sup>

Já na Cidade Beja vai tomar  
vingança de Trancoso destruída  
Afonso que não sabe sossegar  
por estender co'a fama a curta vida.  
Não se lhe pode muito sustentar  
a Cidade. Mas sendo já rendida,  
em toda a cousa viva a gente irada  
provando os fios vai da dura espada.

Pouco tempo depois da tomada de Évora, tomou El Rei D. Afonso Henriques a cidade de Beja. Cidade lhe chama o nosso poeta, posto que hoje tenha nome de vila, porque no tempo antigo sempre foi Cidade, Colónia e Convento Jurídico dos Romanos, chamada antigamente *Pax Julia*, e depois Baja, e ultimamente Beja, nome duas ou três vezes já corrupto do primeiro *Pax Julia*. Esta tomada dizem que foi no ano do Senhor de 1155. Duarte Nunes de Leão diz que um Fernão Gonçalves com alguns peões<sup>II</sup> tomou Beja aos Mouros no ano de 1162<sup>544</sup>. Mas a verdade é que o próprio Rei D. Afonso a tomou, e depois de tomada, mandou matar os mouros à espada, em vingança da traição com que tomaram e destruíram Trancoso na Comarca da Beira. (283)//

Meneses in  
*Antiquitatib.*  
lib. quinto;  
Mariz, *Dial.* 2  
c. 6<sup>545</sup>; Duarte  
Nu. na vida del  
Rei D. Afonso  
Henr.

---

<sup>I</sup> No ms., foi inicialmente escrito «44». Por transformação do primeiro algarismo, passou a ler-se «64».

<sup>II</sup> No ms.: «peões a tomou Beia»...

---

<sup>543</sup> V. *Historia da antiguidade da Cidade de Evora. Fecta per messtre Andree de Reesende*, 1576, sff.

<sup>544</sup> V. *Primeira Parte das Chronicas dos Reis de Portugal*, 1600, f. 46.

<sup>545</sup> Pedro de Mariz ocupa-se desta matéria nos *Dialogos de Varia Historia* (1597-1599, Dial. II, cap. VI, «De algũas conquistas del Rei Dom Afonso Henriques», fls. 55-57). A respeito da conquista de Beja, remete, numa nota marginal, para *Menetius lib. 5 de antiqui. Lus.* (f. 55v) – e dessa informação terá provavelmente beneficiado D. Marcos, pois também ele lembra a obra de Diogo Mendes de Vasconcelos, que, além de biógrafo de André de Resende, foi editor e continuador dos seus *Libri Quatuor De Antiquitatibus Lusitaniae*. A verdade, porém, é que nesse livro V (logo acrescentado aos de Resende na edição de Roma, em 1597) se faz referência à conquista de Évora por Giraldo, *regnante [...] primo Lusitaniae rege Alphonso Henrico (De Antiquitatibus Lusitaniae, 1597, pp. 314-315)*, mas nada se diz acerca da conquista de Beja.

65<sup>I</sup>

Com esta<sup>546</sup> sojugada foi Palmela  
e a piscosa Sisimbra. E juntamente,  
sendo ajudado mais da<sup>547</sup> sua estrela,  
desbarata um exército potente.  
Sentiu-o a vila, e viu-o a serra dela,  
que a socorrê-la vinha deligente  
pela fralda da serra descuidado  
do temeroso encontro inopinado.

Palmela é ãa vila mui nobre e antiga que fica além do Tejo defronte da Cidade de Lisboa. Nela reside o Prior dos Clérigos regulares chamados freires de Santiago, da Ordem de Santo Augustinho. Sisimbra é também ãa vila marítima que fica ao ocidente de Palmela, pouco espaço<sup>II</sup> apartado dela, onde há muitos pescadores, e por isso lhe chama piscosa<sup>548</sup>, como Virgílio chamou piscoso ao Rio de Padusa em Itália, *Piscosove amne Padusae*.<sup>549</sup>

Desbarata um exército potente.

Tendo El Rei D. Afonso tomada Sesimbra, tratou de tomar Palmela, e acompanhado de sessenta de cavalo e alguns besteiros antes de amanhecer se<sup>III</sup> foi poer à vista da vila, e notado o sítio dela se tornava, e vindo andando pelas fraldas de um monte deu de repente com um exército de Mouros a quem regia El Rei de Badajoz, que com quatro mil de cavalo e sessenta mil de pé vinham socorrer a Sisim-

---

<sup>I</sup> No ms., foi inicialmente escrito «45». Por transformação do primeiro algarismo, passou a ler-se «65».

<sup>II</sup> No ms.: «pouco \*espaço\* apartado»...

<sup>III</sup> No ms., «se» foi acrescentado em entrelinha, sobre uma rasura.

---

<sup>546</sup> Na edição de 1572, bem como nas de 1584, 1597, 1612, 1613, 1626, 1631 e 1633: «Com estas»... Em 1609, por gralha «Cam estas»... Em 1591, «Com esta»...

<sup>547</sup> Em todas as edições publicadas entre 1572 e 1633: «de sua estrela».

<sup>548</sup> Numa carta provavelmente dirigida ao erudito Jorge Cardoso (em 25 de Setembro de 1637, segundo Diogo Barbosa Machado, na *Bibliotheca Lusitana*, vol. III, Coimbra, Atlântida, 1966 [fac-simile de 1752], p. 410), D. Marcos conta: «acaso um dia tomei um livro das *Lusiadas* na mão, que tinha algũas notações ou declarações à margem, e ali donde o poeta fala de Sesimbra chama-lhe piscosa, por caso do muito pescado que naquele mar se toma, a notação declarava este passo, dizendo, piscosa se chama por rezão dos muitos piscos que nele se ajuntam, e quando eu vi tamanho disprepósito senti muito achá-lo escrito em língua portuguesa, e daquele instante tomei a minha conta comentar isto como havia de ser, ou o melhor que eu pudesse». (BAJuda 51-VI-34, fls. 185v-186). Aqui, sem alarde polémico, corrige (como Manuel Correia e Pedro Mariz haviam feito já nos *Lusiadas* [...] *Commentados*, impressos em 1613 – f. 92) a leitura proposta n'Os *Lusiadas* de 1584. Numa nota desta edição (nota logo eliminada na reedição de 1591), explicava-se: «Chama piscosa, porque em certo tempo se ajunta ali grande quantidade de piscos, pera se passarem a África.» (1584, f. 76).

<sup>549</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, XI, v. 457.

bra, não sabendo ainda o estado dela. Os poucos Portugueses ficaram confusos, e duvidosos, e todos esperavam a resolução del Rei. E dando vários pareceres, uns que queriam que se desse bata(283v)//lha, outros que deziã ser temeridade aparecer diante de tantos, e que melhor seria retirarem-se a Sisimbra, El Rei disse que nunca Deus quisesse que os Mouros lhe vissem as costas. Vendo os Portugueses a determinação del Rei, disseram que pois sua Alteza assi o queria, eles estavam aparelhados pera morrer em sua companhia. E nisto apelidando Santiago, começam a ferir nos mouros. Quando eles viram diante de si aquele homem de quem tanto medo tinham, o qual já começava a ferir suas carnes, sem mais acordo nem conselho deitaram a fugir. Os últimos, vendo fugir os primeiros, cuidavam que eram os cristãos muito mais, e assi se puseram todos em desbarato, ficando muitos mortos e cativos, e el Rei se tornou a Sisimbra e logo foi tomar Palmela. Desta miraculosa batalha, nem doutras semelhantes, não fez caso o fiel Historiador João de Mariana, porque seu instituto não era mais que escrever cousas que escurecessem e não ilustrassem o Reino de Portugal (e ainda há quem lea por ele).

66<sup>I</sup>

O Rei de Badajoz era alto mouro,  
com quatro mil cavalos furiosos,  
inúmeros peões, d'armas e de ouro  
guarnecidos, guerreiros, e lustrosos.  
Mas qual no mês de Maio o bravo touro  
c'os ciúmes da vaca arreceosos,  
sentindo gente o bruto, e cego amante,  
saltea o descuidado caminhante,

Muito encarecem as histórias a riqueza que neste arraial dos Mouros ficou em mãos dos Portugueses. (284)//

Badajoz se chamou antigamente *Pax Augusta*, e daqui se converteu em Busaugus, e logo em Badalhouce, e ultimamente em Badajoz.

67<sup>II</sup>

Desta arte Afonso súbito mostrado  
na gente dá, que passa bem segura,  
fere, mata, derriba denodado,  
fuge<sup>550</sup> o Rei Mouro e só da vida cura.  
Dum pânico terror todo assombrado

---

<sup>I</sup> No ms., foi inicialmente escrito «46». Por transformação do primeiro algarismo, passou a ler-se «66».

<sup>II</sup> No ms., foi inicialmente escrito «47». Por transformação do primeiro algarismo, passou a ler-se «67».

---

<sup>550</sup> Na edição de 1572, como em todas as que foram publicadas até 1633: «Foge».

só de segui-lo o exército procura,  
sendo estes que fizeram tanto abalo  
no mais que só sessenta de cavalo.

«Dum pânico terror», *ect.* Os Gregos aos medos repentinos e grandes chamam terror pânico. Entre temor e terror há esta diferença: que temor é do mal que está por vir, e terror é do que já se padece. Propriamente pânico terror é o medo que toma um quando de repente se lhe oferece ãa visão terrível que o deixa assombrado, e esta difinição lhe dá Ângelo Policiano<sup>551</sup>. E Higínio<sup>552</sup> diz que destes repentinos terrores era causa o Deus Pã, e que por isso quando foi dar guerra dos Gigantes<sup>1</sup>, primeiro Pã os (284v)// cometeu com este terror do que Júpiter lhe deitasse os raios do Céu. De tudo isto se pode ver a grande propriedade com que falou Camões chamando pânico terror ao que teve El Rei de Badajoz quando viu diante de si, sem o cuidar nem presumir, a El Rei D. Afonso, de quem ele tinha tanto medo, e não só o viu mas sentiu o ferro da sua lança quando viu passados os seus com ela.

Ang. Polic. in  
*Miscel.*

68<sup>II</sup>  
Logo segue a vitória, sem tardança,  
o grão Rei incansábil ajuntando  
gentes de todo o Reino cuja usança  
era andar sempre terras conquistando.  
Cercar vai Badajoz e logo alcança  
o fim de seu desejo, pelejando  
com tanto esforço e arte, e valentia,  
que a fez fazer às outras companhia.

Alcançada esta vitória, foi el Rei logo cercar Badajoz, cujo Rei tinha vencido, e em breve espaço a tomou, como tomara as outras cidades, que isso quer dizer que fez com que Badajoz fizesse companhia às outras, rendendo-se como elas.

---

<sup>1</sup> Haverá um erro no texto: em lugar de «dar guerra dos Gigantes», deveria ler-se «dar guerra aos Gigantes» ou «da guerra dos Gigantes».

<sup>II</sup> No ms., foi inicialmente escrito «48». Por transformação do primeiro algarismo, passou a ler-se «68».

---

<sup>551</sup> *Angeli Politiani Miscellaneorum Centuria Vna*, 1522, cap. XXVIII, fls. 38v-40. Poliziano escreve: *Panica uocantur (ut arbitror) à Græcis repentini quidam terrores et consternationes, quales utique lymphatici metus, usque adeo inreuocabiles, ut non ratione modo, sed mente etiam careant.* (f. 38v). Entre os autores trazidos à colação, figura aquele que D. Marcos refere: *Facit item Hyginus de Panico terrore mentionem, quo loco de capricorno his uerbis.* (f. 38v).

<sup>552</sup> «Higínio» é Caius Iulius Hyginus (séc. I d.C.), autor de *Fabulae* e de *Poeticon Astronomicon*. Nas *Fabulae* (cap. CXCVI), lembra o poder de Pã; no *Poeticon Astronomicon*, a propósito de Capricórnio, volta a destacar o impacto do *timorem, qui Panicos appellatur* (C. Iulii Hygini [...], *Fabularum Liber* [...]. *Eiusdem Poeticon Astronomicon Libri quatuor*, 1578, f. 44; f. 72).

69<sup>1</sup>

Mas o alto Deus que pera longe guarda  
o castigo daquele que o merece,  
ou pera que se emende às vezes tarda  
ou per<sup>553</sup> segredos que homem não conhece,  
Se até qui sempre o forte Rei resguarda  
dos perigos a que ele se oferece,  
agora lhe não deixa ter defesa  
a<sup>554</sup> maldição da mãe que estava presa. (285)//

Esta Cidade Badajoz que El Rei Dom Afonso Henriques tomou aos mouros, era da conquista del Rei de Leão, seu<sup>II</sup> genro, o qual sabendo como estava de posse dela El Rei seu sogro, veio sobre ela com um grosso exército sem os Portugueses tal suspeitarem, até se<sup>III</sup> verem salteados dos Leoneses, e desordenados se recolheram pera a Cidade onde El Rei estava, o qual sabendo do que passava se armou depressa, e subindo a cavalo saiu fora<sup>IV</sup>, pera socorrer aos seus, e ao sair fechou-se ã das portas<sup>V</sup>, e o cavalo saía com ímpeto estando o ferrolho corrido, e el Rei sem tento deu com a perna no ferrolho e a quebrou, e chegando onde os seus andavam escaramuçando com os inimigos, lhe sucedeu sobre o ter a perna quebrada, que o cavalo caiu com ele entre uns centeais, e os cavaleiros Leoneses o detiveram até chegar el Rei de Leão, que com muita cortesia o levantou. E ali lhe deu menagem de lhe largar a Cidade, e algũa parte de Galiza, do Minho pera além, e juntamente de não se poer a cavalo, e quando se pusesse ficar obrigado a ir às cortes de Castela. Não foi a causa da vinda del Rei de Leão somente a tomada de Badajoz, porque isso com um recado e carta sua se remediaria, mas como os Castelhanos vissem que em quatro dias um estado tão pequeno como Portugal se tinha enobrecido tanto, e tomado um só rei aos Mouros, o que muitos de Castela não puderam fazer em tantos anos, começaram a ter-lhe inveja, e a estimular o seu Rei a que fizesse guerra aos Portugueses, obrigando-os a sujeitar-se a Castela, e ao Rei português, a ir às suas cortes. E assi tanto que os Reis castelhanos podiam algũa cousa (285v)// contra Portugal, logo lhe repetiam esta condição de ir às suas cortes. Mas o Rei D. Afonso Henriques aceitou a condição de se não poer a cavalo porque era velho<sup>555</sup>, e assi andava em carros, nos quais se tornou à sua

---

<sup>1</sup> No ms., foi inicialmente escrito «49». Por transformação do primeiro algarismo, passou a ler-se «69».

<sup>II</sup> No ms.: «delRei De Leão \*seu\* genro delRei D. Af.º Henriques; oqual»...

<sup>III</sup> No ms.: «ate \*se\* verem»...

<sup>IV</sup> No ms.: «saiu fora da cidade, p.ª socorrer»...

<sup>V</sup> No ms.: «portas da Cidade eo cavallo»...

---

<sup>553</sup> Em todas as edições publicadas entre 1572 e 1633: «por».

<sup>554</sup> Em todas as edições publicadas entre 1572 e 1633: «Da maldição».

<sup>555</sup> O relato de D. Marcos aproxima-se do que se lê na *Crónica de D. Afonso Henriques* de Duarte de Galvão: «Emtam sse armaram todos, e sahiram fora da villa. E nisto disseram a ElRey dom

cidade de Coimbra, e como era prudente, logo em chegando fez jurar a seu filho por herdeiro do seu Reino.<sup>1</sup>

Este mau sucesso del Rei D. Afonso atribui o nosso poeta, como outros muitos, à força da maldição da mãe, que ele prendeu, e assi dizem que disse ela que em ferros se visse quem em ferros a punha, e interpretando dizem que os ferros foram o ferrolho da porta onde quebrou a perna, e a prisão, a retenção que el Rei

---

<sup>1</sup> No ms., segue-se o começo da estrofe 71, rasurado («~~O famoso Pompeo não tepene~~») para que o comentário sobre a estância 69 se prolongue ainda.

---

Affonso, como os seus sse embarçauam ja com dom Diogo ho Boom e com dom Fernamdo Rõiz de Crasto, que vinham na diamteira com mujtos boõs caualleiros. Elle com este rrecado aballou rryjo, corremdo a cauallo pera sahir fora da villa a chegar aos seus: e aconteção que o cabo do ferrolho nam fiquara bem colhido ao abrir das portas, e o cauallo assi como hija corremdo, topou nelle com a ilhargua de guisa que sse ferio mujto: e quebrou a perna açerca de todo a elRey, o quall nam leixou por isto de chegar aos seus ajudallos. Nisto o cauallo que hija ferido, nam podemdo mais sosterse cahio com elRey em huũ çemteall sobre a meesma perna, e acaboulha de quebrar de todo, de maneira que os seus não poderam mais alleuantallo, nem poer a cauallo. Entam Fernam Rõiz castelhana, que o vio cahir, foy corremdo dizer a elRey dom Fernamdo: Senhor, alli jaz elRey dom Affomsso com huũa perna quebrada, hi premdello, que mais sem trabalho vollo deu Deus na mão, do que eu cuydava. Cheguou entam elRey dom Fernamdo homde elle iazia, e por esses seus que o viram cahir, e se hi açertaram serem poucos e os imijgos muytos, ouue de sser tomado e preso com esses que eram com elle, nom sse podemdo valler nem ser vallido: e com os outros seus que sse acolhiam aa villa, emtraram os delRei dom Fernamdo de mestura: e deullguamdosse ja o desastre delRey dom Affomsso, foi a villa nessa ora tomada, segumdo loguo tudo falleçe, como falleçe capitam. Leuou assi elRey dom Fernamdo comssigo a elRey dom Affomsso pera a villa, e fezlhe muy bem pemssar da perna em quanto o teue em poder, assemtamdo sempre a par de ssi e fazemdolhe muita homrra. Depois veo a preiteiar com elle que lhe desse a terra do Coronho, que he des o Minho atee o castello da Lobeira, huũa legoa alem de Pomte Vedra, e per çima pellos chaãos de Castella: a quall terra dera elRey dom Affomsso de Castella ao Comde dom Hamrique seu pay, como sse no começo da estoria disse, ffazemdolhe tambem menagem, que tamto que em besta caualguasse, sse tornasse a sua prisam. elRey dom Affomsso nam podemdo all fazer, disse que lhe aprazia: e depois demtregar a terra e fortellezas, e fazer a dita menaiem, elRey dom Fernamdo ho soltou, e elRey dom Affomsso se tornou pera seu rregno. E seemdo muy bem saão da perna, numqua mais quis caualluar em besta, por nam tornar aa menaiem, amtes sempre depois amdou em carro, como sohiam amdar os Reis antijguamente. E loguo no anno seguimte, na era de mill e çemto e sateemta annos, dia dAssumçam de nossa Senhora, em Coymbra fez elRey dom Affomsso, como muy prudente e discreto que era, fazer a todollos gramdes e comçelhos do rregno, menaiem a seu filho o Iffamte dom Sancho. E este seu quebramemto da perna foy sempre atribuido ao que sua mãy lhe rrogou, quando a pos em prisam, segumdo atras nesta estoria sse comtem.» (pp. 153-154). Duarte Nunes de Leão, na «Relação do que se continha na história antiga del rei Dom Afonso Henriques que se agora reprova», inclui, reputando-a mera fábula, a associação do acidente sofrido pelo rei à maldição de sua mãe (*Primeira Parte das Chronicas dos Reis de Portugal*, 1600, f. 23v). Todavia, admite o episódio da perna partida, e escreve que D. Afonso Henriques não voltara a montar para não ter de prestar vassalagem ao genro (1600, f. 49v). Diversamente, na *Terceira Parte da Monarchia Lusitana*, Frei António Brandão formularia o acordo entre os Reis em termos bem distintos, sem nunca aludir à obrigação de vassalagem nem à maldição de D. Teresa: «Fique logo como cousa sem dúvida que o contrato das pazes entre os Reis de Leão e Portugal se fez na ocasião presente, com el Rei de Portugal restituir ao de Leão a parte de Galiza que pretendia ser sua, e mais terras que nestas guerras lhe tomara, e com ficarem os Reis em tudo o mais com seus estados livres, e senhor cada um do que dantes possuía» (1632, XI, XIV, f. 228).

de Leão lhe fez. Se esta foi a causa, Deus o sabe, aos pais e mães se deve toda a honra, e as queixas deles são ouvidas no Céu, e as cousas mal feitas inda que tarde o castigo não ficam sem ele. Sabida é aquela sentença de Valério Máximo que diz, que a vingança divina vem devagar, mas que recompensa essa tardança com a severidade do castigo<sup>556</sup>, a qual sentença tirou Valério Máximo de Homero no 4 da *Iliada*, e disse-a El Rei Agaménon quando Pândaro no tempo das tréguas feriu a Menelau. Os versos de Homero, segundo a versão de Nicolau de Valla, são estes:

Hom., 4 Ili.

*Haud impune sinunt superi scelera impia quamquam  
Distulerint culpas hominum graviora morantur  
Supplicia; aeterni siqua est sententia caeli.*<sup>557</sup> (286)//

Plutar. *de  
sera numinis  
vindicta*<sup>558</sup>

Plut. *ubi supra*

Plutarco por autoridade de Hesíodo disse que o pecado e o castigo eram Irmãos gémeos nascidos no mesmo tempo, dando nisto a entender que tanto que o pecado era cometido, logo o castigo acompanhava ao delinquente, até vir o tempo de esse castigo se manifestar. Diz mais este autor excelente que ninguém fazendo mal cuide que escapará do castigo, nem por escapar um ano ou dous deixará de vir tempo em que pague tudo, e quando faltarem Juizes e acusadores, o próprio pecado os acusará, e pera isto traz muitos exemplos. Um foi de um homicida, o qual estando muito seguro que ninguém sabia parte de seu pecado, andando passeando na praça, ãa estátua de metal que aí estava muito segura caiu sobre ele e o matou<sup>559</sup>. Outro exemplo de Besso, um facinoroso que matou seu pai, e andando escondido muito tempo, tendo pera si que já se não saberia seu pecado, andava muito confiado em público. Um dia convidando-o uns amigos foi-se ao convite, que se deu nãa casa onde estava um ninho de andorinhas, e estando todos comendo levantou-se Besso e tomando ãa lança derrubou o ninho e pisou os passarinhos que nele estavam. Reprendendo-o todos daquele bruto feito, disse ele: «E pois hei-de sofrer que me levantem falsos testemunhos? Não ouvis aqueles pássaros que dizem que eu que matei meu pai?» Atónitos ficaram os convidados do que ouviram e viram, e dissimulando o negócio deram dele conta ao Rei, o

---

<sup>556</sup> D. Marcos deve referir-se a um aforismo que na *Polyanthea Nova*, sob o título *Ira* (1607, p. 601), é atribuído a Valerius Maximus, *Dictorum et factorum*, 1. 4: *Lento enim gradu ad vindictam sui divina procedit ira, tarditatemque supplicii gravitate pensat.*

<sup>557</sup> *Ilias Homeri Quatenus Ab Nicolao Valla Tralata*, [1510], f. 11.

<sup>558</sup> Esta indicação corresponde à designação abreviada de um pequeno livro inserido nos *Moralia* de Plutarco, intitulado *De His Qui Tarde A Numine Corripiuntur Lib*. Nesta secção, encontram-se as palavras atribuídas a Hesíodo, que D. Marcos traduz livremente para acentuar a relação intrínseca entre a culpa e o merecido castigo: *Ait enim, uindictam non admodum remotam esse iniustitiae sectatricem, sed coetaneam, ac ex eadem regione stipiteque pullulantem, inquiens: Consultum malè, consultori pessima res est, / Qui struit insidias alij, sibi construit ipsi.* (*Plutarchi [...] Opera Moralia*, 1541, f. 159v).

<sup>559</sup> Seguindo de perto os exemplos convocados por Plutarco para atestar que o castigo divino chega sempre na altura certa, D. Marcos lembra o caso do assassino de Mício, morto pela queda providencial de uma estátua de bronze (*Plutarchi [...] Opera Moralia*, 1541, f. 159).

qual mandou inquirir da morte do pai de Besso, e achou-o culpado<sup>560</sup> (286v)// nela, e dando-lhe tratos confessou a culpa, e foi castigado por ela como merecia.

A estes exemplos de Plutarco quantos pudéramos nós ajuntar? Eu vi muitos morrer com a mesma arma com que mataram a outros. Vi outro que sendo julgador prendeu infamemente um Eclesiástico sem culpa, e nos mesmos ferros em que o pôs se viu passados poucos tempos com muito maior infâmia. Vi ultimamente com meus olhos o que não deixarei de escrever pera exemplo. Na minha Cidade, sendo eu de pequena idade, vi um rapaz sobre jogo matar outro. Depois de muitos anos, sendo já Religioso, vindo por ãa Rua de Lisboa, vi um tumulto, perguntei o que era, disseram que era um homem morto. Passei por onde estava e soube ser aquele próprio que em Coimbra matara o rapaz, e o matador deste homicida em menos de um mês foi morto nãa briga. Não vi eu só isto, muitas testemunhas há vivas, e cada dia se vem estes casos, com tão evidentes e manifestos indícios da divina justiça, e nem por isso os homens põe emenda em suas vidas, mas assi obram mal como se não houvessem de pagá-lo ainda neste mundo<sup>1</sup>. Trouxe Cícero muitos exemplos a Marco António de homens revoltosos e inimigos da pátria, cujos fins foram desestrados, e exclamando disse: *Te miror, Antoni, quorum facta imitere horum exitus non perhorrescere*<sup>561</sup>. De vós me espanto, António, que sois um homem prudente e avisado, não receardes o fim daqueles cujas obras imitais na vida. Agora diz o nosso poeta que a vingança divina tardou a El Rei D. Afonso, mas que enfim chegou. (287//)

70<sup>II</sup>

Que estando na Cidade que cercara,  
cercado nela foi dos Leoneses,

<sup>1</sup> No ms., a expressão original era «nesta vida». Pela conversão da letra final do demonstrativo e pela substituição, em entrelinha, do nome, passou a ler-se «neste mundo».

<sup>II</sup> No ms., foi inicialmente escrito «50». Por transformação do primeiro algarismo, passou a ler-se «70».

<sup>560</sup> Ao relatar o episódio que desmascarou Besso, o comentador traduz os termos de Plutarco (*Plutarchi [...] Opera Moralia*, 1541, f. 159v).

<sup>561</sup> Marcus Tullius Cicero, *Oratio Philippica Secunda*, I, 1. Na edição de referência: *eorum exitus*.

<sup>562</sup> D. Marcos insiste em desmentir a versão apresentada por Esteban de Garibay y Zamalloa, segundo a qual *Don Fernando Rey de Leon y Galizia* havia, junto de Castelo Rodrigo, causado algum dano em Portugal, *sin considerar, ser tierras d'el Rey su suegro* (*Los XL Libros d'el Compendio Historial*, XXXIV, XIII, 1571, p. 792). Fracassada, inicialmente, a réplica do rei português, que enviara D. Sancho a *destruir y assolar a Ciudad Rodrigo* (p. 792), seguiu-se nova iniciativa. O próprio D. Afonso Henriques, *con toda su vejez* (p. 793), investira contra território galego e, depois, contra Badajoz. *Quando el Rey de Leon supo esto, aunque trataua guerra con su sobrino con Don Alonso, noueno d'este nombre, Rey de Castilla y Toledo, diuidió su exercito, y con la vna parte passando en persona para Badajoz, le sallió al encuentro el Rey Don Alonso Henriquez su suegro. El qual viendo vencidos a los suyos, aunque se retiró a Badajoz, tampoco no se teniendo alli por seguro, acordó de sallir de la ciudad, y tornar a su reyno: pero al sallir a cavallo a priessa,*

Hesíodo:  
*Qui struit  
insidias alii sibi  
construit ipsi.*

Garibay mente  
nesta história  
como noutras  
muitas de  
Portugal,  
porque diz que  
El Rei de Leão  
venceu a El Rei  
de Portugal em  
campo, e que  
querendo-se  
acolher quebrou  
a perna, mas  
a história  
verdadeira  
é a que  
contámos.<sup>562</sup>

porque a conquista dela lhe tomara,  
de Leão sendo, e não dos Portugueses.  
A pertinácia aqui lhe custa cara,  
assi como acontece muitas vezes,  
que em ferros quebra as pernas indo aceso  
à batalha onde foi vencido e preso.

Se o nosso Camões fora Castelhana, bem fora estava de contar esta história com tanta inteireza, mas até isto tinha de português, que era falar verdade. E assi reprende aqui a el Rei D. Afonso de contumaz em não querer largar a Cidade ao Rei de Leão, e noutra parte a El Rei D. Afonso V de ambição em querer ser Rei de Castela. E se todos os historiadores assi foram andara a história mais apurada, mas já hoje os homens escrevem as cousas não como aconteceram, mas como eles queriam que acontecessem, mas por isso também lhe dão tanto crédito.

*Iniqua raro  
maximis  
virtutibus  
Fortuna parcat.  
Nemo se tuto  
diu periculis  
offere tam  
crebris potest  
Quem saepe  
transit casus  
aliquando  
invenit. Seneca  
in Hercule  
Furente*<sup>563</sup>

71<sup>1</sup>  
Ó famoso Pompeio, não te pene  
de teus feitos ilustres a ruína,  
nem ver que a justa Némesis ordena<sup>564</sup>  
ter teu sogro de ti vitória dina,  
posto que o frio Fásis, ou Siene,  
que pera nenhum cabo a sombra inclina,  
o Bootes gelado e a linha ardente  
temessem o teu nome geralmente.

*Solatium est miseris socios habere*<sup>565</sup> etc. Consola a Pompeo, que lhe dará bem pouco no inferno onde está, de semelhante consolação na vitória que contra ele alcançou seu sogro Júlio César, dizendo que não se (287v)// agaste, pois tem companheiro no esforço e obras valerosas, e juntamente na desgraça de ser vencido.

<sup>1</sup> No ms., foi inicialmente escrito «51». Por transformação do primeiro algarismo, passou a ler-se «71».

*de tal manera con la furia quebró la vna pierna enel verojo de la puerta, que cayendo d'el cauallo, con que se paró muy peor, fue preso de los Leoneses enel año de mil y ciento y setenta y nueue* (p. 793). Garibay frisa que o monarca português foi tratado *benignamente, no como prisionero, sino como padre y Principe*, e acrescenta que *se concertaron los Reyes, suegro y yerno: porque el Rey don Alonso Henriquez, no solo le ofreció por su libertad restitucion de lo que en Galizia le auia tomado, mas aun otras cosas de su reyno de Portugal. Don Fernando Rey de Leon siendo Principe naturalmente humano y clementissimo, tratandole como a padre verdadero, se contentó con sola la restitucion, no queriendo tomar nada de lo de Portugal, excepto la conservacion d'el vasallaje, que Portugal deuia a Leon.* (p. 793).

<sup>563</sup> Lucius Annaeus Seneca, *Hercules furens*, vv. 325-328. Na edição de referência: *offerre*.

<sup>564</sup> Na edição de 1572, como em todas as outras publicadas até 1633: «ordene».

<sup>565</sup> Frase proverbial de larga tradição nas letras latinas.

Foi este Príncipe excelente da ilustre família dos Pompeos. Seu pai se chamou Cneo Pompeo Strabo, homem de maus costumes, e tão avorrecido do povo Romano que indo depois de morto num ataúde pera o enterrarem, o povo furioso o arrebatou da tumba e o arrastou e fez em pedaços, e não consentiu que se enterrasse. Diz Plutarco que este viveu por benefício do Céu, que esperava dele um filho tão excelente como foi Pompeo Magno<sup>566</sup>. No princípio de sua vida seguiu as partes de Sila, o qual pelo ver de grandes espíritos o mandou a África vingar-se de seus inimigos, onde venceu a Domício, e cativando a El Rei Jarbas triunfou dele antes da legítima idade, pelo que foi chamado do exército Magno. Depois o mandou o Senado contra Sertório a Hespanha, onde entrou com grande poder, e nem isso lhe valera se não fora morto o insigne Sertório à treição, não por Português algum, senão per outro Romano dos que consigo trazia, morto o qual tudo se rendeu a Pompeo. O qual, feito logo capitão geral do mar contra os Piratas, os venceu em três meses. Sendo depois mandado por sucessor de Lúcio Lúculo a ----<sup>I</sup> venceu a Mitridates e triunfou dele. Venceu também a Tigranes Rei de Arménia, o qual se lhe lançou aos pés, e foi tanta a nobreza de Pompeo que não só não triunfou dele, antes o restituiu a seu Reino. Venceu os Iberos do Ponto Euxínio, os Albanos e os Judeus com seu Rei Aristobulo. Triunfou do Oriente. Foi casado com Júlia, filha de César, e por isso (288)// lhe chama o nosso poeta a César seu sogro. E quando o mesmo César veio de França com ânimo de tiranizar a República, o Senado escolheu a Pompeo pera lhe resistir. Foi finalmente vencido de seu sogro nos Campos Farsálios, e fugindo pera o Egito foi aí morto por mandado do Rei daquela província por um prefeito chamado Aquilas, e não obstante que acabou miseravelmente segundo a condição humana, seu nome sempre viveu na memória dos homens com glória e honra, porque morreu com título de defensor da pátria, nome honroso, e melifluo. Plínio, fazendo menção das inundações do Nilo, diz que no ano que no Egito mataram a Pompeo, fez o Rio a mais pequena que nunca tinha feito, porque não creceu mais que ---<sup>II</sup> côvados. *Quasi* (diz ele) *mortem Magni prodigio quodam aversante fluvio*<sup>567</sup>. Esta é em suma a história da vida de Pompeo. Agora vamos declarando as cousas particulares.

<sup>I</sup> No ms., ficou um espaço em branco.

<sup>II</sup> No ms., ficou um espaço em branco.

<sup>566</sup> D. Marcos resume em poucas palavras o texto de Plutarco, que lembra o caso de Pompeo para dar exemplos de filhos ilustres nascidos de pais criminosos: *Et Romę Pompeius Magnus Strabonis fuit filius, quem uita functum Populum Romanum ob inoffensum odium pedibus conculcauit, insepultumque proiecit. Nunquid igitur absurdum, si quemadmodum rusticus spinas haud extirpet priusquam asparagos collegerit, et Aphri sarmenta non comburant, antequam ab illis ledanum abstulerint, ita Deus scelestam ac perniciosam splendidi ac regij generis stirpem haud antea euellat, quàm fructus debitus ex ea sit productus et generatus?* (Plutarchi [...] *Moralia*, 1541, f. 159).

<sup>567</sup> Caius Plinius Secundus, *Historia Naturalis*, V, X, 58. Na edição de referência: *Maximum incrementum ad hoc aevi fuit cubitorum XVIII Claudio principe, minimum V Pharsalico bello, veluti necem Magni prodigio quodam flumine aversante*. Embora fiel ao sentido do texto de Plínio, D. Marcos substituiu algumas palavras por termos equivalentes, o que deixa supor que citaria de cor.

## A Justa Némesis.

Catulo<sup>568</sup>,  
Estácio, lib.  
13, Macrob.,  
Saturn. lib. 1.º,  
c. 28

Némesis foi ùa Deusa dos Gentios, cujo ofício era, como diz Catulo, castigar os delinquentes. Estácio diz que os Deuses lhe puseram nas mãos todos os bens pera que os repartisse por quem lhe parecesse<sup>569</sup>. Macróbio diz que esta Deusa Némesis tem propriedade de abater os soberbos e levantar os humildes, o que ele atribui ao poder do Sol, o qual escurece toda a luz, e a dá a tudo o que a não tinha.<sup>570</sup> (288v)//

texto

Posto que o frio Fásis.

Plutarco in *vita*  
*Pomp.*<sup>571</sup>

Este é um Rio de Colcos, Região de Ásia, célebre pelo velo de ouro, aonde foi Pompeo em busca de Mitridates que pera lá lhe fugiu, como conta Plutarco.

texto

Siene que pera nenhum cabo a sombra inclina.

Lucano<sup>572</sup>: *Umbras nusquam flectente Syene.*

Esta Cidade Siene é do Egipto, e está no estremo de Etiópia, debaxo do trópico de Cancro, e quando o Sol entra neste Signo lhe fica o Sol a perpendicular, e por isso os poetas usam deste termo de falar poético, porque esta sombra perpendicular um só dia se vê em Siene, mas pera poetas isto basta<sup>573</sup>. Veja-se o que dissemos

---

<sup>568</sup> *Gai Valeri Catvlli Liber*, L. O poeta confessa a um amigo o fascínio que por ele sente, e diz ter-lhe dedicado um poema, para o qual (e para a súplica que insinua haver nele expressa) pede benigno acolhimento. De outro modo – adverte –, Némesis poderá punir o ingrato com a sua habitual dureza: *nunc audax cave sis, precesque nostras/oramus cave despuas, ocelle,/ne poenas Nemesis repositat a te./est vemens dea: laedere hanc caveto.* (vv. 18-21).

<sup>569</sup> No *Dictionarium Historicum, Geographicum, Poeticum* de Charles Etienne, *Nemesis* é apresentada como *dea scelerum vltrix, & bonorum remuneratrix*, remetendo-se para *Stat. 13. Thebaid.* (1590, f. 215). Tudo leva a crer que D. Marcos se apoiou nesta ou noutra fonte semelhante, confiando na informação, sem lembrar que o poema de Publius Papinius Statius apenas tem XII livros.

<sup>570</sup> D. Marcos traduz a comparação entre Némesis e o Sol formulada por Macróbio, em *Saturnalia*, I, 22 : *Et, ut ad solis multiplicem potestatem revolvatur oratio, Nemesis quae contra superbiam colitur quid aliud est quam solis potestas, cuius ista natura est ut fulgentia obscurer et conspectui auferat quaeque sunt in obscuro inluminet offerat conspectui?*

<sup>571</sup> D. Marcos tem bem presente o relato de Plutarco acerca da fuga de Mitridates: *Quibus expeditis dum in Colchos fertur, apud Phasim amnem Seruilius ei occurrit cum nauibus quas ad Ponti praesidium habuerat. Verum hic Mithridatis fuga, quod inter Bosphoranas ac Mæoticas gentes se proripuisset, Pompeio angustias plures intulit (Plvtarchi Cheronei Græcorvm Romanorvmque Illvstrivm Vitæ, 1542, f. 246).*

<sup>572</sup> Marcus Annaeus Lucanus, *De Bello ciuili siue Pharsalia*, II, v. 587. Na edição de referência: *Aegypto atque umbras nusquam flectente Syene.*

<sup>573</sup> Nos *Lvsiasdas* [...] *Commentados pelo Padre Manoel Correa*, lembrara-se já que Siene, cidade egípcia, era «muito celebrada pelos Escritores, por ùa particularidade sua, que os raios do Sol em certo tempo do ano, a horas de meio-dia, são nela tão direitos, que em nenhũa parte há sombra, como diz aqui o nosso Poeta a imitação de Lucano.» (1613, f. 94v).

sobre a 6.<sup>a</sup> estança deste canto. O segundo clima, chamado *Dia Sienes*, desta Cidade tomou o nome.

### O gelado Bootes.

Este nome Bootes é grego, quer dizer Boieiro, e assi chamam a ãa Constelação setentrional chamada por outro nome Arctophilax. Cícero diz: segue-se o Arctofilax, por outro nome chamado Bootes, porque segue a ãa constelação chamada *Plaustrum*, vulgo a Carro<sup>578</sup>. Tem na mão quatro estrelas que nunca se nos põe. Este Bootes segundo as fábulas foi aquele filho de Calisto que juntamente com sua mãe foi convertido em Usso. Chama-lhe congelado, porque os que vivem debaixo desta constelação<sup>1</sup> sintem sempre grande frio, como dissemos. (289)//

<sup>1</sup> No ms.: «cinstellção».

<sup>574</sup> Marcus Tullius Cicero, *De natura deorum*, II, XLII, 109-110. A enumeração das constelações é ilustrada por excertos dos *Phaenomena* de Aratus de Solis, que o próprio Cícero havia traduzido e que assim aplicou, sem deixar de ter em conta o comentário que no século II a.C. Hiparco de Rodes fizera.

<sup>575</sup> Aulo Gélío, nas *Noctes Atticae* (II, XXI), afirma ter discutido, numa noite em que fazia a travessia de Egina para o Pireu, a etimologia das designações grega e romana da constelação *Septentriones*. Neste texto, confirma-se a relação antiga entre o termo helénico (*belike*) e a imagem do carro de bois. No entanto, Aulo Gélío prefere seguir Varrão e justificar o nome de *Septentriones* pela existência de sete estrelas (*septem stellae triones*), agregadas entre si de tal modo que cada conjunto formado pelas três mais próximas compõe a forma de um triângulo (*trigona*).

<sup>576</sup> Quer nas *Fabulae* quer em *Poeticon Astronomicon*, Caius Iulius Hyginus dá relevo à constelação polar Calisto-*Arctos Maxima* ou Ursa Maior (C. *Iulii Hygini* [...], *Fabularum Liber* [...]. *Eiusdem Poeticon Astronomicon Libri quatuor*, 1578, fls. 38v-39; fls. 58-58v).

<sup>577</sup> Publius Ovidius Naso, *Metamorphoses*, II, vv. 401-530. O poeta conta a história de Calisto, a ninfa que, seduzida por Júpiter, foi transformada em urso por Juno, ciumenta também pelo facto de Calisto haver dado à luz um filho, Árcade. É Calisto quem, anos mais tarde, acaba metamorfoseada em estrela por intervenção de Júpiter, pronto a impedir que o jovem Árcade, já caçador, mate – inocente – a sua mãe. Não é claro se, ao afirmar que Árcade «juntamente com sua mãe foi convertido em Usso», D. Marcos segue Ovídio (nesse caso, referir-se-á aos corpos celestes em que mãe e filho foram transformados: Ursa Maior e Ursa Menor) ou acolhe variantes expostas por Hígino, que contemplavam a hipótese de, a par de Calisto, também Árcade haver recebido, antes da conversão em estrela, forma de urso (C. *Iulii Hygini* [...], *Fabularum Liber* [...]. *Eiusdem Poeticon Astronomicon Libri quatuor*, 1578, fls. 58-58v).

<sup>578</sup> D. Marcos segue a lição de Cícero, que explicava: *Septentriones autem sequitur «Arctophylax, vulgo qui dicitur esse Bootes./quod quasi temoni adiunctam prae se quatit Arctum»*, i.e., depois de *Septentriones* vem *Arctophylax*, geralmente chamado *Bootes* (boieiro), porque empurra diante de si a Ursa como se usasse uma vara. Cícero não usa a palavra *plaustrum* (carro) para designar a Ursa Maior, ainda que fontes helénicas o fizessem; Ovídio (*Met.*, X, vv. 446-447) e Hígino, sim. Em ambos se apoiou D. Marcos, no que concerne à tradição mitológica que propagaram, associando à Ursa Maior a história da ninfa Calisto. Pelo contrário, no que diz respeito à informação astronómica, D. Marcos manteve-se fiel ao texto de Cícero, e não se deixou enredar pela exposição errónea de Hígino, que, entendendo *Arctophylax*, não como «o guardião» mas antes como «o filho de Arctus» (*ereptam Calysto cum filio inter sidera collocauit. Eámque Arctum, filium autem Arctophylaca nominavit*), confundira por isso a relação entre *Bootes* (o boieiro), *Arctos Maxima* (Ursa Maior ou Carro) e *Arctos Minima* (Ursa Menor). Ver C. *Iulii Hygini* [...], *Fabularum Liber* [...]. *Eiusdem Poeticon Astronomicon Libri quatuor*, 1578, fls. 38v-39; fls. 58-59; 59v-60v).

texto

Cicer., *De Nat. Deo.* 2<sup>574</sup>; Aulo Gélío, lib. 2, c. 21<sup>575</sup>; Eginus<sup>576</sup>; Ovidius, 2 *Met.*<sup>577</sup>

A Eclíptica, por onde o Sol sempre anda entre os dous Trópicos, como disse-mos. Mas antes que vamos por diante, havemos de saber que a sustância destas Oitavas tirou Camões de Lucano na sua *Farsália*, quando o mesmo Pompeo, jactando-se de suas façanhas fez resenha delas, e depois de ter dito muito, concluiu dizendo:

*Pars mihi nulla mundi uacat: sed tota tenetur  
Terra meis, quocumque iacet sub sole, tropheis:  
Hinc me uictorem gelidas ad Phasidis undas  
Arctos habet calida medius mihi cognitus axis  
Aegypto atque umbras nunquam flectente Syene  
Occasus mea iura timet Thetynque fugacem  
Qui ferit Hesperius post omnia flumina Baetis,  
Me domitus cognouit Arabs, me Marte feroces  
Aeniochi notique erepto uellere Cholchi  
Capadoce mea signa timent: et dedita sacris  
Incerti Iudaea Dei, mollesque Sophenae,  
Armenos Cilicasque feros Taurosque subegi.<sup>579</sup>*

Destes versos tirou o nosso Camões a sustância destas suas oitavas. Das terras que aqui nomea daremos notícia de passagem, porque mais devagar o havemos de fazer no décimo Canto.

72<sup>I</sup>

Posto que a rica Arábia e que o[s] feroces  
Heníocos, e Colcos, cuja fama  
o Véu dourado estende, e os Capadoce,  
e Judea, que um Deus adora e ama, (289v)//  
E que os<sup>580</sup> moles Sofenos e os<sup>I</sup> atroces  
Cilícios, com a Arménia, que derrama  
as águas dos dous Rios, cuja fonte  
está noutro mais alto e santo Monte.

<sup>I</sup> No ms., foi inicialmente escrito «52». Por transformação do primeiro algarismo, passou a ler-se «72».

<sup>II</sup> No ms., decerto por lapso, «eo atroces».

<sup>579</sup> Marcus Annaeus Lucanus, *De Bello ciuili siue Pharsalia*, II, vv. 583-594.

<sup>580</sup> Na edição de 1572 e na de 1609: «E que o moles». Em 1584, 1591, 1597, 1612, 1613, 1626, 1631, 1633: «E que os moles»...

Arábia, Região da Ásia, se chama rica pelas minas de ouro que os antigos criam que nela havia. Horácio: *Intactis opulentior tauris Arabum*<sup>581</sup>. Mas o que nós dela sabemos é que os seus naturais são pobríssimos, e grandes ladrões, e tão amigos do alheio, que segundo diz Botero, se não fora o esforço dos Portugueses, e Espanhóis, foram eles já Senhores do Mundo.

Botero nas  
Relações<sup>582</sup>

Os feroces Heníocos.

texto

*Marteque feroces Aeniochi*<sup>583</sup>. São povos de Ponto, Região de Ásia, vizinhos dos Aqueus e tão grandes ladrões como eles. Plínio, lib 6, c. 5<sup>584</sup>; Strabo, lib. 11.<sup>585</sup>

Plínio. Strabo

Colcos cuja fama *ect.*

texto

De Colcos e do seu velo de ouro temos já falado largamente. Os Capadoces, Povos da região de Ponto, antiquíssimos, de quem faz menção Mousés no Deuteronomio<sup>1</sup>, e diz que indo estes da sua terra deitaram os Eueos desde Auserim até Gaza de Palestina<sup>586</sup>. Justino, lib. 38<sup>587</sup>, diz que nunca estavam sem Rei.

Judea que um Deus adora.

Lucano, como Gentio, disse que Judea adorava um Deus incerto, que quer dizer um Deus oculto, e de quem se não sabia, como os Gentios sabiam dos seus Deuses<sup>II</sup> muitas histórias, ou patranhas.<sup>588</sup> (290)//

<sup>1</sup> No ms.: «Mouses no Exodo Deuteronomio»...

<sup>II</sup> No ms.: «dos seus Deoses de que se sabião m<sup>tas</sup> historias»... A primeira versão desta frase seria «do seu Deos»... A emenda terá provavelmente ficado a dever-se a escrúpulo religioso.

<sup>581</sup> Quintus Horatius Flaccus, *Carmina*, III, 24, vv.1-2. Na edição de referência: *thesauris*.

<sup>582</sup> Nas *Relationi Vniversali*, Giovanni Botero frisou a capacidade de ataque dos Mouros quer no Médio Oriente quer na Europa: *frammettendo sempre in mezo de traffichi, e dell' armi, la predicatione della loro setta, hanno occupati grandissimi regni, e stati nella costa d'Africa, e dell'Asia, et in tutte l' isole quasi dell'Oceano si sono fatti padroni della parte maritima. Et se i Portoghesi prima, et i Castigliani appresso non gli hauessero parte cacciati, parte tenuti indietro, sarebbono hora padroni di ogni cosa.* (1595, f. 73v).

<sup>583</sup> Marcus Annaeus Lucanus, *De Bello ciuili siue Pharsalia*, II, v. 590. Na edição de referência: *me domitus cognouit Arabs, me Marte feroces Heniochi*.

<sup>584</sup> Caius Plinius Secundus, *Historia Naturalis*, VI, V, 16. Plínio alude a uma origem mítica da tribo dos Heníocos (*sunt qui conditam eam [Dioscuriade oppidum] ab Amphito et Thelchio Castoris ac Pollucis aurigis putent, a quibus ortam Heniochorum gentem fere constat*) e inclui os *Achaei* entre os povos da região de Heracleum. Não caracteriza, porém, nem uns nem outros como violentos.

<sup>585</sup> Estrabão refere-se a tribos do Cáucaso em *Geografia*, 11, 5, 6.

<sup>586</sup> Liber Deuteronomii, 2, 23: *Eueos quoque qui habitabant in Aserim usque Gazam Cappadoces expulerunt qui egressi de Cappadocia deleuerunt eos et habitauerunt pro illis*.

<sup>587</sup> *Sed Cappadoces munus libertatis abnuentes negant vivere gentem sine rege posse.* (M. Iuviani *Iustini Epitoma Historiarum Philippicarum Pompei Trogi*, XXXVIII, II, 8, 1972, p. 257).

<sup>588</sup> D. Marcos retoma os versos de Marcus Annaeus Lucanus, *De Bello ciuili siue Pharsalia*, II, vv. 592-593 (*Cappadoces mea signa timent et dedita sacris/ incerti Iudaea dei mollisque Sophene*), para explicitar o sentido de «deus incerto».

Mas eu digo que bem podia quadrar isto aos Judeus, considerando esta incerteza da parte deles, porque ora adoravam um Deus e ora outro. Ūas vezes adoravam o Senhor, outras vezes a Baal, ora o trono de Mênfis era Astarot e Astarte até Belzebu, Deus de Ácaron<sup>589</sup>. E como eram tão inconstantes, eram incertos no Deus que serviam, e por isso o Profeta Elias lhe disse que manquejavam<sup>590</sup>. Mas o nosso Camões vai mais a tento e diz que Judea adorava um só Deus.

Os moles Sofenos.

Povos são estes de ũa<sup>I</sup> Província de Súrria chamada Sofeno, cujos moradores são afeminados e deliciosos.

Os atroces Cilícios.

Cilícia, Região de Ásia, vizinha de Arménia, terra rica e poderosa, de gente belicosa e terrível, nesta província governou Cícero.

texto

Arménia que derrama *ect.*

Não se quis Camões atar tanto ao texto de Lucano<sup>591</sup> que não pusesse de sua casa algũa cousa, como costuma todas as vezes que imita a algum autor, e assi aqui trata das águas dos dous Rios Tigris e Eufrates. Duas Arménias há, Maior e Menor. A Maior se chama Turcomânia, é sujeita ao Turco, e aqui está o Monte Górdio, onde dizem que está a arca de Noé, a menor se chama Anaduele, a Escritura lhe chama Ararat. Pela Maior passam os Rios Tigre e Eufrates, os quais procedem do Paraíso terreal, a que o nosso poeta chama sacro monte. (290v)//

73<sup>II</sup>

E posto enfim que desde o<sup>592</sup> Mar<sup>III</sup> de Atlante  
até o Cítico Tauro, monte erguido,

<sup>I</sup> No ms., grafou-se inicialmente «daProvíncia deSuria». Por retoque de letra e aditamento em entrelinha, passou a ler-se: «de \*huã\* Província de Suria»...

<sup>II</sup> No ms., foi inicialmente escrito «53». Por transformação do primeiro algarismo, passou a ler-se «73».

<sup>III</sup> No ms., o verso começou por ser escrito dizendo «desdeo Monte Atlante». Por rasura e conversão de letras, passou depois a ler-se: «desdeo MardeAtlante»...

<sup>589</sup> Baal, Astarot, Belzebu: nomes de demónios, por várias vezes lembrados nas Escrituras.

<sup>590</sup> Liber Regum, III, 18, 21: *accedens autem Helias ad omnem populum ait/ usquequo claudicatis in duas partes/ si Dominus est Deus sequimini eum/ si autem Baal sequimini illum.*

<sup>591</sup> A respeito da Arménia, D. Marcos apresenta informação similar à que se encontra n' *Os Lusíadas* [...] *Commentados*, e é possível que uma discreta divergência relativamente aos comentários do Padre Manuel Correia se manifeste nesta afirmação. Com efeito, n' *Os Lusíadas* [...] *Commentados* insiste-se na estreita semelhança do texto de Camões com o da *Pharsalia* de Lucano («tresladou de Lucano palavra por palavra»; «como diz aqui o nosso Poeta a imitação de Lucano» – 1613, f. 94v; «como lhe chama aqui Camões, ou por melhor dizer Lucano, que ele imita» – f. 95).

<sup>592</sup> Na edição de 1572, como em todas as outras até 1633: «desd' o mar».

já vencedor te vissem, não te espante  
se o campo Emátio só te viu vencido,  
Porque Afonso verás soberbo, e ovante  
tudo render, e ser depois<sup>593</sup> rendido,  
assi o quis o conselho alto, celeste,  
que o sogro vença a ti, e o genro a este.<sup>1</sup>

O Mar atlântico, que cerca África, e o Monte Tauro<sup>II</sup>, que começa em Cítia e corre quasi todo o Mundo, toma pelos dous extremos de norte a sul, e por isso ajuntou ao monte Tauro o epíteto de Cítico, como quem entendia só o que no setentrião estava. Deste nome falaremos noutra parte.

Os campos Emátios.

Emátia se chamou antigamente aquela célebre Província que depois foi chamada Macedónia. Junto desta estava Tessália, em cujos campos chamados Farsálíos se deu a batalha em que Pompeo ficou vencido, e os poetas, como tem de costume, confundiram os nomes chamando Emátios aos campos Farsálíos, pela vizinhança que tinham. Como faz Virgílio<sup>594</sup> e Lucano<sup>595</sup>, e agora o nosso poeta, que os imitou.

74<sup>III</sup>

Tornado o Rei sublime finalmente,  
do divino juízo castigado, (291)//  
depois<sup>596</sup> que em Santarém soberbamente  
em vão dos Sarracenos ser<sup>597</sup> cercado,

---

<sup>1</sup> No ms.: «O-Monte/ar de Atlante, eo-Tauro este de Sitia e ooutro de Africa, toma aqui por os dous extremos de norte a Sul.»

<sup>II</sup> No ms.: «eo Monte Tauro monte que começa emSitia»...

<sup>III</sup> No ms., foi inicialmente escrito «54». Por transformação do primeiro algarismo, passou a ler-se «74».

---

<sup>593</sup> Na edição de 1572, bem como nas de 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1626, 1631, 1633: «depois». Em 1613, «depois».

<sup>594</sup> Publius Virgilius Maro, *Georgica*, I, vv. 491-492. Na edição de referência: *nec fuit indignum superis, bis sanguine nostro/Emathiam et latos Haemi pinguescere campos*. O poeta recorda os campos de Farsália e de Filipos cobertos pelo sangue derramado em Guerras Civis.

<sup>595</sup> A expressão repete-se ao longo da descrição da batalha, surgindo pela primeira vez nos versos *deserit auerso possesam numine sedem/ Caesar et Emathias lacero petit agmine terras*. (Marcus Annaeus Lucanus, *De Bello ciuili siue Pharsalia*, VI, vv. 314-315).

<sup>596</sup> Na edição de 1572, bem como nas de 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1626, 1631, 1633: «depois». Em 1613, «depois».

<sup>597</sup> Na edição de 1572, como em todas as outras impressas até 1633: «foi cercado».

E depois<sup>598</sup> que do Mártire Vicente  
o Santíssimo corpo venerado  
do Sacro Promontório conhecido  
à Cidade Ulissea ser<sup>599</sup> trazido,

Como El Rei D. Afonso Henriques era tão conhecido e temido dos Mouros, traziam todos sempre o olho nele, e assi sabendo parte desta desgraça sua festejaram-na grandemente, porque desavenças de Cristãos são glórias de infiéis. Sabendo pois os Mouros que não podia El Rei cavalgar em cavalo conforme a homenagem que dera a El Rei de Leão, cobraram ânimo e ousadia pera se vingarem dele, e assi Albojaque, Rei de Sevilha, ajuntou de toda Andaluzia muita gente, e atravessando por Alentejo, veio pôr cerco a Santarém, onde El Rei D. Afonso estava, o qual ficou pesarosíssimo de se não achar em estado pera sair à guerra como costumava, mas determinou de sair num carro, contra o parecer dos seus, que queriam que ficasse ele na vila. E estando pera sair, soube El Rei de Leão parte desta afronta em que o velho estava, e partiu do seu Reino com um arrezoadado exército, dizem que pera lhe socorrer seria. Os Portugueses, vendo de ãa parte Mouros, doutra Castelhanos, e todos inimigos, assentaram de dar primeiro batalha aos Mouros, e depois aos Castelhanos. Os Mouros tiveram pera si que os Castelhanos vinham contra eles, (291v)// também se apressavam pera pelejar. Os Portugueses os venceram em breves horas, e os fizeram fugir deixando mui rico despojo no campo. El Rei de Leão vendo os Mouros vencidos tornou-se, mandando primeiro dizer a El Rei seu sogro que viera ali pera o ajudar, o que ele lhe mandou agradecer muito. Isto sucedeu o ano de 1181, sendo El Rei D. Afonso de 86 anos.<sup>600</sup>

E depois que do Mártire Vicente.

Foram tantas as cousas notáveis que sucederam em tempo del Rei D. Afonso Henriques, que o nosso poeta já que não as pode declarar e contar todas, as vai tocando brevemente, e assi o faz agora, nesta memória da tresladação das Relíquias do Mártir S. Vicente, a qual história guardou pera este lugar, havendo de o ter mais atrás, mas os poetas pera tudo tem licença. A história é esta.<sup>601</sup>

---

<sup>598</sup> Na edição de 1572, bem como nas de 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1626, 1631, 1633: «depois». Em 1613, «depois».

<sup>599</sup> Em todas as edições publicadas entre 1572 e 1633: «foi trazido».

<sup>600</sup> Apesar de D. Marcos não indicar a sua fonte, são evidentes as coincidências textuais com o relato da *Crónica de D. Afonso Henriques*, de Duarte Galvão, e com o de Duarte Nunes de Leão, na *Primeira Parte das Chronicas dos Reis de Portugal*, 1600, fls. 49v-50.

<sup>601</sup> A chegada dos prisioneiros a Coimbra é narrada na *Vita Theotonii (Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra*, 1998, pp. 176-177). D. Marcos suaviza os termos que neste texto manifestam o escândalo do Prior de Santa Cruz e classificam como «pecado», merecedor de severíssima punição divina, o tratamento dado aos cativos (*cur fratres uestros uobis in seruos et ancillas subiugatis?*). Não se estabelece, porém, na *Vita Theotonii* uma ligação entre os moçárabes e o despertar do

Entrando El Rei D. Afonso Henriques na Cidade de Coimbra, triunfante da vitória que alcançara dos cinco Reis Mouros no Campo de Ourique, saiu-o a receber seu Confessor S. Teotónio, Prior de Santa Cruz, e vendo ele entre os cativos alguns que não pareciam Mouros, e perguntando quem eram, soube que eram Cristãos. Ouvindo o Santo isto, estranhou muito a El Rei trazê-los daquela sorte presos, El Rei se lhe escusou dizendo que não sabia parte que tais homens eram Cristãos, e assi os mandou logo soltar, e chamando diante de si dous muito velhos lhe perguntou quem eram e como vieram a morar entre Mouros? Eles lhe responderam que sua origem era de Valença, e seu nascimento no Algarve, junto ao Cabo de Sagres, pera onde seus padres se tinham passado fugindo da perseguição de um Rei Mouro chamado Abderramen<sup>I</sup>, e trazendo (292)// consigo o corpo do mártir S. Vicente que na mesma Cidade de Valença padecera martírio pela fé de Cristo, o qual puseram nãa Ermida que fizeram, e pera si ãas casinhas pobres em que se recolhiam, guardando sempre o Santo corpo, até que por aquela parte viera um Mouro<sup>II</sup> poderoso que matara todos, deixando alguns moços, que levava cativos a Fez, dos quais eram eles que ali estavam. E que se quisessem saber se era isto assi, fossem àquela parte, e que pelo indício das casinhas e ermida achariam

<sup>I</sup> No ms.: «Abderramen/n»...

<sup>II</sup> No ms.: «hũ Mouro chamado poderoso»...

interesse do rei pelas relíquias de S. Vicente. Essa relação é estabelecida noutras obras, como a *Crónica de D. Afonso Henriques*, de Duarte Galvão (1995, cap. XVIII, pp. 69-71), a *Primeira Parte das Chronicas dos Reis de Portugal* (1600, fls. 34v-35) e a *Descrição do Reino de Portugal*, de Duarte Nunes de Leão (cap. LXXI, «De Sam Vicente Levita martyr», 1610, fls. 109v-113v), ou ainda a *Vida, Martirio, e Vltima Trasladaçam do Martyr S. Vicente*, do Padre Diogo de Cinza (1620, fls. 69v-87v). Tudo indica que estas foram, para D. Marcos, fontes cruciais: também ali se fala de dois velhos e das informações que teriam dado acerca do lugar de sepultura de S. Vicente; também ali se conta a primeira demanda (capitaneada pelo rei) das relíquias em terra dos Algarves, ainda em tempo anterior à conquista de Lisboa, e a segunda busca, plena de êxito, já em 1179; também ali se atribui ao primeiro fracasso um sentido providencial (nas palavras de Diogo Cinza, seria necessário esperar pela conversão da «Misquita mor dos Mouros» em «Catedral Metropolitana» para honrosamente sepultar S. Vicente – 1620, f. 87); também ali se destaca o milagre desse achamento e os sinais maravilhosos que teriam marcado a viagem até Lisboa. No que diz respeito aos pormenores da trasladação das relíquias para a Sé, D. Marcos apoiar-se-ia quer em relatos hoje desaparecidos (o caso do texto de Otto) quer, muito especialmente, na versão veiculada pelo Padre Diogo de Cinza na *Vida, Martirio, e Vltima Trasladaçam do Martyr S. Vicente* (fls. 90-97).

<sup>602</sup> D. Marcos teve acesso a materiais historiográficos produzidos no *scriptorium* conventual (v. *Catálogo dos Códices da Livraria de Mão do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra na Biblioteca Pública Municipal do Porto*, coord. Aires Augusto Nascimento, José F. Meirinhos, Porto, Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1997) – alguns perdidos, outros preservados e disponíveis em edição moderna (v. *Anais, Crónicas e Memórias Avulsas de Santa Cruz de Coimbra*, 1968; *Crónicas breves e memórias avulsas de Santa Cruz de Coimbra*, 2000). Se no século XVII já se não encontrava em Santa Cruz uma primitiva crónica de D. Afonso Henriques (o manuscrito fora emprestado a Duarte Galvão, a pedido do próprio rei D. Manuel, e nunca chegara a ser devolvido), existia, em contrapartida, uma cópia da crónica composta por Duarte Galvão (v. António Cruz, «Nota de abertura», in *Anais, Crónicas e Memórias Avulsas de Santa Cruz de Coimbra*, [p. IX]). Muito provavelmente, é essa a «crónica de mão antiga» aqui referida.

o Santo corpo, ou ao menos pelos corvos que frequentavam muitas vezes aquele lugar, não desamparando o Santo Corpo desde o tempo de seu martírio, donde os Mouros chamavam àquele outeiro Monte dos Corvos. Com muita atenção ouviram El Rei e o Santo Teotónio aquelas cousas, e logo fazendo tréguas com os Mouros foi em pessoa com os velhos El Rei D. Afonso, e chegando ao lugar o acharam muito diferente do que cuidavam, sem indício de ermida nem de casas, até que depois de ser tomada Lisboa fez El Rei tréguas com Alibo Jacob Rei de Sevilha, por cinco anos, e neste meio tempo mandou el Rei ao cabo de Sagres, que já não era de Mouros, e fazendo Oração ao Senhor que lhe revelasse aquele penhor sagrado, viram os corvos sobre certo lugar muito cheo de mato, e alimpando o lugar, acharam a Ermida e debaixo do altar dela cavando descobriram ãa arca de pau dentro da qual estava o Sagrado corpo, e ao tirar dela um dos (292v)// circunstantes furtou<sup>1</sup> um osso, e o escondeu, e ficou logo cego, e tornou-o logo a dar e viu, do que todos tomaram grande medo, e com muita reverência trouxeram as santas relíquias à nau, onde tanto que foram medidas, dous corvos se puseram um na proa, outro na popa da Nau, e assi chegaram a Lisboa e aportaram junto da Igreja de Santa Justa, que naquele tempo estava perto da praia, e por ser noite recolheram o Santo Corpo àquela Igreja. Ao outro dia, sabida na Cidade a nova da chegada das Santas relíquias, veio o povo à Igreja, e uns deziã que as levassem ao mosteiro de S. Vicente, que pera elas El Rei tinha edificado, outros que pera a Sé, como Igreja principal, e houve grandes altercações, ao que acudiu Gonçalo Viegas, governador daquela Cidade e capitão de Ginetes, e aquietou o tumulto dizendo que mandassem à corte saber da vontade del Rei, e assi o fizeram. Entretanto D. Roberto, Deão da Sé, falou em segredo com D. Moniz, prior de Santa Justa, e prometendo-lhe ãa conezia se lhe desse o Corpo pera a Sé, e ele lho deu, e foi levado à Sé, o que sabendo El Rei, houve-o por bem feito, e tomou pera sua recâmara um braço do Santo, que deu ao mosteiro de Santa Cruz, e outras relíquias, que estão em S. Vicente, obrigando-se o Cabido ir todos os anos, dia do mesmo Santo, ao mosteiro de S. Vicente, como vai. Desta história são autores os Cronistas deste Reino e de Espanha, além disso um cidadão de Lisboa que se achou presente a tudo, chamado Oto, a escreveu, e eu a li no mosteiro de S. Vicente, de mão.<sup>603</sup>(293)//

---

<sup>1</sup> No ms.: «hũ dos circunstãtes furtara/ou hũ osso»...

---

<sup>603</sup> Se na tradição medieval (o relato de mestre Estêvão, chantre da Sé, e de Fernando, capelão de D. Matilde – v. Aires A. Nascimento, *S. Vicente de Lisboa: legendas, milagres e culto litúrgico (testemunhos latinomedievais)*, 2011, pp. 92-157) o resgate das relíquias ocorre à margem de D. Afonso Henriques, em textos mais tardios passa a atribuir-se ao rei um papel activo neste processo. D. Marcos valoriza essa intervenção, ao mesmo tempo que se aplica a construir a narrativa de maneira a valorizar a instituição da qual, enquanto cónego regrante de Santa Cruz, era parte. Nada tem de aleatório o relevo que dá às negociações secretas entre o representante do Cabido e o Reitor de Santa Justa (sugerindo que só por um conluio a Sé fora preferida ao Mosteiro de S. Vicente); tão-pouco é inocente o cuidado de indicar a distribuição de algumas relíquias (dizendo-as entregues, sem excepção, a casas da Ordem de Santo Agostinho) e de vincar a obrigação de homenagem

75<sup>1</sup>

Porque levasse avante seu desejo,  
ao forte filho manda o lasso velho  
que às terras se passasse de Alentejo,<sup>604</sup>  
com gente e c'ò belígero aparelho.  
Sancho<sup>II</sup>, d'esforço e ânimo<sup>605</sup> sobejo,  
avante passa, e faz correr vermelho  
o Rio que Sevilha vai regando,  
c'ò sangue mauro, bárbaro, e nefando.

Vendo-se El Rei D. Afonso velho, e cansado, manda seu filho o Infante D. Sancho, em quem via as partes de bom e valeroso capitão, fazer guerra aos Mouros d'Alentejo, porquanto eram acabadas as tréguas com El Rei de Sevilha. Fez-se<sup>III</sup> alardo de muitos e bons cavaleiros e soldados. Foi o bom velho acompanhando o filho a pé pela ponte, e no meio dela lhe beijou o Infante a mão e se despediu do pai, com muitas lágrimas do velho, o qual se não podia acabar de despedir do filho nem daqueles cavaleiros em cuja companhia tanto tempo andara. Enfim despediu-se, e eles por diversos caminhos foram até Alentejo, aonde o Infante mandou chamar os fronteiros e lhe disse que tomassem a gente necessária pera o presídio, e a outra lha mandassem, e assi o fizeram, mas de Beja saiu tanta gente que se sintiu a falta dela. Abalou o Infante de Évora onde estas cousas se tratavam aos 8 de Outubro do ano de 1183<sup>606</sup>, e correram Sevilha até chegar à Serra

---

<sup>1</sup> No ms., foi inicialmente escrito «55». Por transformação do primeiro algarismo, passou a ler-se «75».

<sup>II</sup> No ms.: «Esse Sancho» (leitura hipotética).

<sup>III</sup> No ms., a grafia «fesse» pode representar uma realidade fonética.

---

a que o Cabido se vinculara. Este último pormenor não figura em mais nenhuma das fontes agora consultadas. Ao invés, a referência a um pacto estabelecido entre o Deão e o Reitor de Santa Justa remonta aos primeiros relatos medievos e persiste quer na «Trãsladaçom de Sam Vicente a Lixboa» (texto atribuível a frei Paulo de Portalegre e parte do conjunto de hagiografias «extravagantes» agregadas ao *Flos Sanctorum* de 1513 – v. Cristina Sobral, *Adições Portuguesas no Flos Sanctorum de 1513 (estudo e edição crítica)*. Tese de Doutoramento em Literatura Portuguesa (Época Medieval) apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2000) quer na *Vida, Martirio, e Vltima Trasladaçom do Martyr S. Vicente*. A «Trãsladaçom» (pouco favorável no tratamento das pretensões dos cónegos regrantes) diz que o daião contentou «sabiamente» o Reitor de Santa Justa (*Ho Flos S[an]ctōr[um] em Lingoa jẽ P[or]tugues*, 1513, f. 264v); na *Vida, Martirio, e Vltima Trasladaçom do Martyr S. Vicente*, Diogo de Cinza relata sem escândalo o processo de negociação (1620, fls. 91-91v), para afirmar que «o Adaião Roberto estava concertado [com o Reitor de Santa Justa] pela prebenda que além de sua Reitoria lhe deram» (1620, f. 94).

<sup>604</sup> Nas edições de 1572, 1584 e 1591: «dalentejo». Em 1609, «dalemTejo». Em 1597, 1612, 1613, 1626, 1631 e 1633: «d'Alentejo».

<sup>605</sup> Na edição de 1572, bem como nas de 1584, 1591, 1609, 1613, 1626, 1631, 1633: «e d'ânimo». Em 1597, 1612, «e ânimo»...

<sup>606</sup> D. Marcos continua a reproduzir uma versão muito próxima da narrativa de Duarte Nunes de Leão. No entanto, opta por situar a partida de Évora em 1183, segundo o costume dos «cronistas de Castela», como afirma Nunes de Leão na *Primeira Parte das Chronicas*, 1600, f. 50v.

Morena, de que os Mouros se deram por afrontados, porque depois da perda de Espanha nunca Cristãos ali tinham chegado, (293v)// e assi saíram muitos mouros a esperá-los ao campo de Axarafe. Levava o Infante dous mil e terzentos homens de cavalo, fora os corredores, os de pé não se sabe quantos eram. Pôs-se o Infante na dianteira e com ele seis centos de cavalo, e entre eles o Arcebispo de Braga e outros Senhores. O segundo Esquadrão se encomendou a D. Gonçalo de Sousa, à retaguarda levava D. Lourenço Viegas, na ala direita ia o Conde D. Pedro das Astúrias, na esquerda o Conde D. Ramiro com duzentos e cinquenta de cavalo, e a gente de pé ficou pera guardar a bagagem. Ficou isto assi ordenado da noite; e tanto que amanheceu, com esta ordem deram nos Mouros, e foram deles recebidos mui animosamente, e como o Infante ia na dianteira carregou tanta gente sobre ele, que se os outros Capitães o não defenderam passara mal. Aqui dizem que pelejou o Infante tão valerosamente que bem mostrou ser filho de seu pai. Dom Pedro Pais, Alferes-mor, meteu o pendão do Infante no meio dos Mouros, D. Mendo Moniz, filho de Egas Moniz, remeteu com o Alferes de Sevilha, e dando-lhe duas grandes cutiladas o matou e fez cair o pendão dos Mouros em terra. Nisto, como os Mouros viram o seu pendão derribado, lançaram a fugir, e os nossos atrás deles, e ao entrar de Triana foi tanta a pressa que não se lembraram de fechar a porta, entraram muitos Cristãos de mistura co' eles. Sobre a ponte se tornou a pelejar, e foi tanto o sangue que se derramou, que o Rio Guadalquivir ia envolto nele. Desbaratados, (294)// tornou-se o Infante ao arraial com muita glória, e daí se veio pera Portugal carregado de honra e despojos ricos. Esta história toca o nosso poeta nesta Oitava.

76<sup>1</sup>

E com esta vitória cobiçoso  
já não descansa o moço até que veja  
outro estrago como este, temeroso  
no bárbaro que tem cercado Beja.  
Não tarda muito o príncipe<sup>607</sup> ditoso  
sem ver o fim daquilo que deseja.  
Assi estragado o Mouro, na vingança  
de tantas perdas põe sua esperança.

Como de Beja saiu tanta gente, ficou a vila desprovida, e os poucos que ficaram se foram, pelo muito risco a que ficavam oferecidos. Sabendo isto dous Alcaldes Mouros, Halichamasi e Alboasil, foram com muita gente sobre Beja, e a cercaram. Os de dentro que ainda ficaram, inda que poucos se defenderam

---

<sup>1</sup> No ms., foi inicialmente escrito «56». Por transformação do primeiro algarismo, passou a ler-se «76».

---

<sup>607</sup> Em todas as edições publicadas entre 1572 e 1633: «Príncipe».

valerosamente. Davam-se os Mouros por seguros porque sabiam que o Infante estava muito longe, e davam ordem a máquinas e invenções pera tomar a vila. Os de dentro mandaram com muita pressa um cavaleiro ao Infante, que estava sobre Niebla, dar-lhe conta do que passava. Tendo ele este recado, com conselho dos seus partiu logo com 400 de cavalo e mil de pé, e como trazia bons adaís, veio (294v)// por tais caminhos que nunca os Mouros souberam de sua vinda. Porém os de Mértola tiveram notícia dela e os avisaram, mas já tarde. Tendo eles estas novas estiveram preplexos se esperariam o Infante, ou se se iriam; e antes de avriguar nada, aparece o Infante e foi-lhe forçado defenderem-se, mas foi por seu mal, porque o Infante os venceu e destruiu. Os dous Alcades Halichabasi e Alboasil ficaram mortos, muitos cativos, grande despojo ficou no exército.

77<sup>1</sup>

Já se ajuntam do monte a quem Medusa  
o corpo fez perder, que teve o Céu,  
já vem do Promontório de Ampelusa  
e do Tingi<sup>608</sup>, que assento foi de Anteu.  
O morador de Abila não se escusa,  
que também com suas armas se moveu  
ao som da Mauritana e ronca tuba  
todo o Reino que foi do nobre Juba.

Trata agora como o Miralmolim de Marrocos cercou o Infante D. Sancho em Santarém com muita gente que trouxe de África, que são os lugares que o nosso poeta aqui descreve, e nós logo os declararemos, contando primeiro a história como passou.<sup>609</sup>

---

<sup>1</sup> No ms., foi inicialmente escrito «57». Por transformação do primeiro algarismo, passou a ler-se «77».

---

<sup>608</sup> Em todas as edições publicadas entre 1572 e 1633: «Tinge».

<sup>609</sup> O episódio, que D. Marcos amplifica para exaltar a coragem de D. Sancho e tingir de *pathos* o retrato do rei fundador, é narrado por Duarte de Galvão, na *Crónica de D. Afonso Henriques* (capítulo LVII: «Como Almiramolim Emperador que sse dezia de Marrocos, entrou em Portugall com muitas jentes, e cercou o Iffamte dom Samcho em Santarem, e emfim foi vemçido e desbaratado per elRey dom Affomssso, que veo soccorrello» – 1995, pp. 195-199), e também por Duarte Nunes de Leão, que D. Marcos aponta como sua fonte directa. Duarte Nunes, como Galvão fizera ao dizer que «Vijnham com Almiramolim el Rey Alboiaque, e elRey Albozady, e outros Reis mouros atee treze, cujos nomes se nam acham escriptos» (p. 196), destaca a poderosa aliança de forças muçulmanas (*Primeira Parte das Chronicas*, 1600, f. 53). Tal como Duarte Galvão, que refere o sentimento de Miralmolim («tamto que soube que ho Iffamte o esperaua naquelle pallamque, tomouho por desprezo» – p. 197), assinala a soberba do rei marroquino. E do mesmo modo que Galvão, salienta a riqueza exótica dos despojos de guerra: «No arraial dos Mouros acharam grandes despojos de ouro, prata, e tendas armadas, e grande número de cavalos, e camelos» (1600, f. 53v). Todavia, se Galvão sugere uma ajuda providencial, ao afirmar que «o Senhor Deus pos tall rreço e medo nos mouros com a vinda e chegada delRey dom Affomssso» (p. 198), é só Duarte Nunes

O Miramolim Jacob, Segundo Rei dos Almôades, teve notícia dos grandes danos que os Mouros de Espanha tinham recebido del Rei D. Afonso e seu filho D. Sancho, e parecendo-lhe que era obrigado a acudir a isto, passou o mar com um grosso exército, e ajuntou outros Reis, com Albojaque Rei de Sevilha e outros em<sup>1</sup> número treze. Passou este numeroso exército por Alentejo, fazendo o mal que pôde, (295)// e chegou a Santarém, terra que eles muito desejavam, e pôs cerco ao Infante D. Sancho, que nela estava, o qual sabendo da vinda dos Mouros fortaleceu a vila o melhor que pôde, por não estar ela ainda então cercada mais que a alcáçova<sup>II</sup> desde a torre de Alfar até Alfange. Repartiu logo o Infante a gente pelos palanques, e pera si escolheu o mais perigoso lugar e onde a força da batalha havia de ser maior. Chegou o Miralmolim e deu-se por agravado de o Infante o esperar com tão pouca defesa; que era o mesmo que desprezá-lo. Deu-se o primeiro combate tão rijo que de ùa e outra parte houve bem que fazer em resistir ao contrário, houve muitos mortos e feridos, mas veio a noite e apartou tudo. Estava o bom velho D. Afonso Henriques em Coimbra e soube do aperto do filho, e posto que a cansada idade de mais de 90 anos o desobrigava deste trabalho, ajuntou a gente que pôde, e sobre um carro foi acudir ao filho, com tanta pressa que ao quinto dia estava já com ele, a tempo que os nossos se viam mui apertados dos inimigos. Mas tanto que no arraial se soube que era chegado El Rei D. Afonso Henriques, cujo nome tinha assombrada toda Mauritânia, começaram os Mouros de afracar, e os Cristãos a tomar mais ânimo. Eis que chega o bom Rei à vista dos inimigos, e assi como um nevoeiro escuro se desfaz à vista do Sol de Junho, assi a vista do Santo Rei desfez os nublados daquela gente infiel, que com grande medo e terror mais que pânico se deitou a fugir, sem se atrever a esperá-lo. Os Cristãos que os seguiram mataram neles à sua vontade, o Miralmolim morreu das muitas feridas que levava, o campo ficou em poder dos nossos, cheo de ricos despojos. Foi esta (como diz um historiador) a maior batalha que El Rei D. Afonso Henriques venceu. (295v)// E foi no ano de 1184, depois da qual se tornou o bom velho pera a sua Coimbra, e daí a pouco faleceu como diremos.

Esta história celebra o nosso poeta nesta e nas cinco oitavas seguintes. Agora declararemos as fábulas.

---

<sup>1</sup> No ms.: «eoutros per/em numero trese.».

<sup>II</sup> No ms.: «mais q̄ \*a alcáçova\* desde atorrede Alfar»...

---

de Leão quem estabelece a comparação apolínea que D. Marcos aplica: «Foram desbaratados os Mouros com o favor del Rei Dom Afonso Henriques, que não pareceu, senão como o Sol, que em aparecendo desfaz logo todas as nuvens, tanto pode a autoridade e disciplina de um bom capitão [...]» (1600, f. 53v).

<sup>610</sup> É Duarte Nunes de Leão quem, depois de salientar a idade avançada do rei, comenta: «Finalmente esta foi a mor vitória de quantas el Rei houve, assi por a infinita multidão de Mouros, que com aqueles treze Reis vinham, como por a ferocidade daquelas gentes tão várias e belicosas, e costumadas a tantas vitórias que houveram na Ásia, África, e Europa, como por a pouca gente que o Infante tinha, e a pouca que el Rei trouxe [...]» (*Primeira Parte das Chronicas*, 1600, f. 54).

Já se ajuntam do monte a quem Medusa  
o corpo fez perder, que teve o Céu.

texto

Conta Ovídio<sup>611</sup> que houve três irmãs, filhas de Forco e d'ua balea, chamadas Medusa, Euríale e Stenione<sup>612</sup>, as quais moravam nas Ilhas Górgodas<sup>613</sup> no Oceano Etiópico. Neptuno afeiçoou-se a Medusa por ser fermosa em estremo e ter os cabelos como ouro, e tanto a perseguiu que a houve num templo de Minerva, o que a Deusa tomou mui mal e com rezão, e já que se não podia vingar de Neptuno, tornou-se à pobre Medusa que nenhũa culpa lhe tinha, e assi lhe converteu os cabelos de ouro em cobras peçonhentas, e deu-lhe que todos os que a olhassem se convertessem em pedra, pelas quais qualidades de todos era avorrecida e temida. Perseu filho de Júpiter e de Danaes, querendo tirar do Mundo este monstro tão prejudicial, tomou as armas de Mercúrio e o escudo de Palas, e deu de súbito sobre Medusa estando dormindo, e a matou dum golpe, e cortando-lhe a cabeça a meteu num saco. As gotas de sangue que pela area se espalharam se converteram em serpentes. Passando Perseu com a cabeça de Medusa por Mauritània, foi a casa de Atlante Rei que o agasalhasse. Tinha Atlante ouvido ao oráculo de Témidas<sup>614</sup> que se guardasse de receber em sua casa filho ou decendente de Júpiter, e sabendo ele que Perseu era seu filho o despediu secamente, o que sentindo Perseu tirou do saco a cabeça de Medusa e mostrou-a a Atlante, e converteu-o em Monte chama(296)//do Atlante, que é ùa serra em África, chamada os Montes Claros<sup>615</sup>. Era este Rei Atlante grande Astrólogo e residia muito tempo naqueles altos montes donde descobria mais as estrelas e de lá fazia suas observações, o que deu motivo aos poetas a dizerem que tivera ele o Céu às costas, e que passando por ali Hércules o ajudara a ter sobre si aquela máquina. Tudo tem seu mistério e sinificação.

Ovid. l. 4 *Met.*

S. P. Aug. lib  
18 *De Civit.*<sup>616</sup>;  
Diodor. l. 4<sup>617</sup>

---

<sup>611</sup> Ovídio remata o livro quarto das *Metamorfoses* (IV, vv. 765-802) com a história de Medusa, recordada na voz de Perseu, que confirma o castigo dado por Minerva à vítima de Neptuno. Hesíodo, na *Teogonia* (vv. 270-283), apresenta a descendência de Forco (ou Fórcis) e de Medusa.

<sup>612</sup> «Stenione», *i.e.*, Esteno.

<sup>613</sup> Leia-se: Górgonas.

<sup>614</sup> «Themidas», *i.e.*, Témis.

<sup>615</sup> Também esta metamorfose é relatada por Ovídio, no seguimento das aventuras de Perseu (*Metamorfoses*, IV, vv. 610-664).

<sup>616</sup> Santo Agostinho esclarece a confusão entre o rei Atlante e o monte com base na ligação do astrólogo àquele espaço elevado, vulgarmente conhecido pela sua proximidade ao céu: *Frater eius Atlans magnus fuisse astrologus dicitur; unde occasionem fabula invenit ut eum caelum portare confingeret; quamvis mons eius nomine nuncupetur, cuius altitudine potius caeli portatio in opinionem vulgi venisse videatur.* (*De ciuitate Dei*, XVIII, 8).

<sup>617</sup> Diodoro Sículo, na *Bibliotheca Historica*, diz que os filhos de Urano, Atlas e Cronos dividiram a terra, tendo o primeiro dado o seu nome à montanha mais elevada. Explica também a imagem de Atlas, consagrada na tradição iconográfica, pela sua reputação de astrónomo (III, 60), e acrescenta que, quando Hércules resgatou as Hespérides, filhas de Atlas, este, reconhecido, lhe teria ensinado segredos das estrelas e oferecido uma esfera, dando origem à fabulosa invenção segundo a qual o herói ajudara Atlas a carregar o mundo (IV, 27).

## Ampelusa.

Plin., l. 5<sup>1</sup>, cap.  
1.º

Promontório de África, em Latim *Ampelusia*, está ao pé dos Montes Claros.  
Plínio.

texto

Tinge que assento foi de Anteu.

Anteu, filho  
da Terra e de  
Neptuno

Tinge é Tângere, de quem se denominou aquela parte de África chamada Maurítânia Tingitana. Plínio<sup>618</sup>, Stefano *et alii*<sup>619</sup>. Anteu foi filho da terra, gigante de quarenta côvados de comprido, que havia de ser cousa pera ver. Pelejou com Hércules, o qual advertiu que todas as vezes que Anteu tocava na terra se levantava com novo ânimo e forças dobradas, o que advertido arcou com ele e no ar o matou, antes de chegar à terra. Plutarco diz que Sertório nãa Cidade chamada Tigea achou o sepulcro de Anteu<sup>620</sup>. Eusébio escreve que este Anteu foi grande lutador e que daqui se originou sua fábula<sup>621</sup>. Abila, monte de Maurítânia chamado coluna de Hércules, divide o Estreito de Gibaltar.

---

<sup>1</sup> No ms.: «l. 4 5»...

---

<sup>618</sup> Caius Plinius Secundus, *Historia Naturalis*, V, I, 2. Na edição de referência: *Principio terrarum Mauretaniae appellantur, usque ad C. Caesarem Germanici filium regna, saevitia eius in duas divisae provincias. promunturium Oceani extremum Ampelusia nominatur a Graecis. oppida fuere Lissa et Cotte ultra columnas Herculis, nunc est Tingi quondam ab Antaeo conditum, postea a Claudio Caesare, cum coloniam faceret, appellatum Traducta Iulia.*

<sup>619</sup> Deve tratar-se de Estevão de Bizâncio (*Stephanus Byzantius*), autor de uma obra de referência em matéria geográfica, designada *Peri Poleon*, *De Urbibus* ou *Ethnica*. Não sendo provável que D. Marcos lidasse com edições do original grego, e uma vez que desta obra só tardiamente surgiram traduções latinas, resta admitir que a conheceria indirectamente. Amiúde associada, nos séculos XVI e XVII, à *Naturalis Historia* de Plínio, *Ethnica* teve nas *Castigationes Plinianae*, de Hermolao Barbaro, ou no *Dictionarium Historicum, Geographicum, Poeticum* de Charles Etienne, alguns dos seus mais importantes divulgadores. Tratando de Tingi, Etienne escreveu: *Pompo. lib. I & Plin. lib. 5 cap. 2. Mauritaniae peruetus oppidum ab Antaeo (ut ferunt) conditum, postea à Claudio Caesare, cum coloniam faceret, appellatum, traducta Iulia. [...] Tingitana, pars Mauritaniae Steph. vrbs. Ciuis, Tingites: Gentile, Tingitanus* (1590, f. 331). D. Marcos parece fazer-se eco desta lição ou ainda daquela que Bernardo Aldrete (cuja autoridade escassas folhas antes explicitamente recorda – ver f. 277) deixou nas *Varias Antiguedades de España Africa y Otras Provincias*, onde, citando, entre vários, Plínio e Stefano, dedicou todo um capítulo à «ciudad de Tingi» (1614, IV, V, pp. 506-509).

<sup>620</sup> *Plutarchi Cheronei Graecorum Romanorumque Illustrum Vitæ*, 1542, f. 196: *Tigemmam uero oppidum in quod Ascalius et fratres confugerant, expugnauit. Ibi sepultum esse Antæum incolæ tradunt, eiusque monumentum cum propter magnitudinem asserentibus barbaris fidem non præstaret, Sertorius perdidit, repertoque ibi corpore sexaginta cubitorum, obstupuit, instauratoque tumulo, famam eius honoremque adauxit.*

<sup>621</sup> Vários eram os textos em que D. Marcos poderia ver lembrado Anteu. Por exemplo, Eusébio Cesariense não deixou de falar da intensa ligação de Anteu com a terra (*Dicitur autem Antaeus terrae filius, quia Solorum palestricae artis certaminumque quae in terra exercente scientissimus erat et ob id uidebatur a Terra matre adiuuari. – Chronicon, in Eusebii Pamphili Cæsariensis [...] opera omnia*, 1542, f. 31). Marcus Annaeus Lucanus tão-pouco esquecera essa história mitológica (v. *De Bello ciuili siue Pharsalia*, IV, vv. 598-600).

## O Reino que foi do nobre Juba.

Juba, Rei de Mauritània, grandíssimo amigo de Pompeio, venceu e destruiu a Cúrio e aos seus que César tinha mandado a África. (296v)// Depois da morte de Pompeio se ajuntou com Petreio e Afrânio, e deram ãa batalha em Hespanha a César, na qual vendo-se perdidos, Juba jantou esplendidamente, e sobremesa se matou às punhaladas com Petreio, e por estes se disse «morra Marta e morra far-ta», ou o que costumava dizer Epaminondas aos seus: «Jantai animosamente, Lacedemónios, que porventura iremos hoje ceiar ò Inferno.» E isto aconteceu a estes, que se foram ò Inferno ceiar depois de ter jantado fortemente, inda que o Grego noutro sentido o dizia. Um filho deste Juba veio cativo no triunfo a Roma<sup>624</sup>, e ficando na Cidade estudou e foi mui grande letrado e excelente historiador. Chama-lhe Camões nobre Juba, pois o foi tanto que não se apartou dum amigo nem depois que o viu vencido e morto, porque os homens vis e baxos em se virando a sorte se viram também, o que não tem os nobres, e esta a meu ver é a pedra do toque mais certa da verdadeira<sup>1</sup> nobreza.

Caesar, *De bello ciuili* l. 2<sup>622</sup>; Lucan., *Pharsalia* 4<sup>623</sup>

78<sup>II</sup>

Entrava com toda esta companhia  
o Miralmomini em Portugal,  
treze Reis Mouros leva de valia,  
entre os quais tem o cetro<sup>625</sup> Imperial.  
E assi fazendo quanto mal podia,  
o que em partes podia fazer mal,  
Dom Sancho vai cercar em Santarém,  
porém não lhe sucede muito bem.

«O Miralmomini»: estendeu o nome ao modo Arábico o que os nossos pronunciam ao seu, como S. Hierónimo mudou os nomes hebreus e os intérpretes

<sup>1</sup> No ms.: «mais certada \*verdadr.<sup>aa</sup> nobresa.»

<sup>II</sup> No ms., foi inicialmente escrito «58». Por transformação do primeiro algarismo, passou a ler-se «78».

<sup>622</sup> Caius Iulius Caesar, *De bello civile*, II. Aí se relatam episódios bélicos que Juba protagonizou, mas não há referência ao combate pós-prandial travado com Petreius. Essa história aparece numa obra cuja autoria foi durante largo tempo atribuída a César: *De Bello Africo* (cap. 94).

<sup>623</sup> Lucano, em *De Bello ciuili siue Pharsalia*, não faz referência ao episódio da morte de Juba (IV, v. 699 e ss.).

<sup>624</sup> O destino do filho de Juba é lembrado na *Officina* de Ravisius Textor (1560, I, p. 31): *Iuba. rex Mauritanie à Cæsare superatus, sibi quoque mortem consciuit. Cuius filius puer Romam in triumphum ductus est*. Também Plutarco, na sua biografia de César, confirma a presença deste descendente do rei da Mauritània num triunfo que o levou a Roma, onde conviveu com os maiores escritores (*Plutarchi Cheronei Græcorum Romanorumque Illustrum Vitæ*, 1542, f. 276v).

<sup>625</sup> Na edição de 1572, bem como em todas as outras publicadas até 1633: «cetro».

compondo-os ao modo que melhor se podiam usar na<sup>I</sup> Latindade. (297)// E assi de Ierusalaim, Iequeshel<sup>II</sup>, Ischah, fez Ierusalém, Ezequiel, Isac. Entre nós este<sup>III</sup> nome Miramolim é abreviado ou corrupto de Miralmomeni, que quer dizer Emperador, assi como na Índia Samorim.

79<sup>IV</sup>

Dá-lhe combates ásperos, fazendo  
ardis de guerra mil, o mouro iroso,  
não lhe aproveita já trabuco horrendo,  
mina secreta, Ariete forçoso.  
Porque o filho de Afonso não perdendo  
nada do esforço e acordo generoso,  
tudo provê com ânimo, e prudência,  
que em toda a parte há esforço e resistência.

«Trabuco horrendo». Conforme o que nos livros que tratam de histórias de guerra se acha, sempre houve tiros de arremesso que com alguma envenção despediam com fúria pedras, lanças, *ect.*<sup>V</sup> Uns destes tiros se chamavam Balistas, e deitavam pedras muito grandes dentro nas cidades cercadas. As balistas maiores deitavam pedras.

Sílio. *Phocais effundit graves balista molares*<sup>626</sup>. Os Fenices dizem que foram inventores deste tiro. *Balista minor* era um instrumento<sup>VI</sup> que deitava muitos tiros de ferro compridos, e agudos como espetos, com que fazia muito dano. Desta falou Lucano:

Lucan., 3 *Phar.*

*Neque enim solis excussa lacertis  
Lancea sed tenso balistae turbine rapta  
Haud unum contenta latus transire quiescit  
Sed pandens perque arma viam perque ossa, relictis  
Morte fugit, superest telo post vulnera cursus.*<sup>627</sup> (297v)//

<sup>I</sup> No ms., «no Latindade». A frase parece ter sido retocada, e a sua primeira versão seria «no Latim».

<sup>II</sup> No ms., «Iechesehel» apresenta em entrelinha, sobre o «s», um «z».

<sup>III</sup> No ms., a palavra originalmente escrita era «entre». Sobre o «n» foi grafado um «s».

<sup>IV</sup> No ms., foi inicialmente escrito «59». Por transformação do primeiro algarismo, passou a ler-se «79».

<sup>V</sup> No ms.: «se despedião cõ furia. \*pedras, lanças ect. \* Hūs destes tiros»...

<sup>VI</sup> No ms.: «era hū tiro/ instrum<sup>to</sup> q̄ deitava»...

<sup>626</sup> Caius Silius Italicus, *Punica*, I, v. 335. Na edição de referência: *Phocais effundit vastos balista molares*. Este mesmo verso é citado, a propósito de *Ballista*, na *Officina* de Ravisius Textor (1560, I, p. 340).

<sup>627</sup> Marcus Annaeus Lucanus, *De bello civili vel Pharsalia*, III, vv. 464-468. Na edição de referência: *Nec enim...* D. Marcos parece ter seguido a pista fornecida pela *Officina* (1560, I, p. 340), onde, também a propósito de *Ballista*, os dois primeiros versos do passo que cita são recordados.

Havia entre outros tiros um chamado falárica, de que também fala Lucano, e era ãa trave chapeada de ferro, vazada por dentro, e chea de inxofre, pês e resina, estopa<sup>1</sup> e outros materiais que conservam fogo, e com este instrumento diabólico queimavam as cidades. Os versos de Lucano são estes:<sup>628</sup>

*Hunc aut tortilibus vibrata phalarica nervis  
Obruat.*<sup>II</sup>

E Pamphilo Saxo:

*A summa veniens contorta phalarica turri  
Quae ferit, in cineres; fulminis instar agit.*<sup>629</sup>

Fora estas máquinas havia outras chamadas Trifaces, Maléolos, Chumbadas, Tríbulos, Catafratas<sup>630</sup>, *ect.* A estes tiros que levavam fogo, que eram maléolos, e faláricas, e outros, chamam os nossos historiadores *Trons*, e estes deitaram os Castelhanos sobre os portugueses em Algibarrota. E quando nas histórias antigas se fizer menção de tiros d'artelharia saiba-se que eram estes, e outros tais. Mas todos cessaram à vista das bombardas, e mais tiros de artelharia de metal. Neste lugar, «Trabuco» toma o nosso poeta per qualquer destes tiros de remesso de que tratamos.

«Ariete forçoso». É o vaivém. Chamavam-lhe *Aries*, que quer diz[er]<sup>III</sup> carneiro, porque à maneira de carneiro marrava com fúria nas torres e muros. Era ãa trave, ou madeiro grossíssimo como o eu já vi pintado, e nãa das pontas tinha ãa grande maça de ferro, com a qual batia nos muros muitas vezes, tendo-a pendu-

---

<sup>I</sup> No ms.: «eresina \*estopa\* e outros materiais»...

<sup>II</sup> No ms.: «Obruat; aut vasti». D. Marcos interrompe a citação do verso de Lucano, onde se lê: *Obruat aut vasti muralia pondera saxi.*

<sup>III</sup> No ms.: «Aries que quer dis carnr.<sup>o</sup>»...

---

<sup>628</sup> Marcus Annaeus Lucanus, *De bello civili vel Pharsalia*, VI, vv. 198-199. Neste caso, D. Marcos ter-se-á apoiado não só na definição que Calepino dava de *phalarica* (*Genus est teli ad modum hastæ, ualido profixum ferro [...] inter cuius tubam & hastile sulphur, resina, bitumen stuppa conuoluuntur infuso oleo quod incendiarium uocant*), mas também numa das referências poéticas aí incluídas: *Vnde Lucanus dixit phalaricam neruis mitti tortilibus* (*Dictionarium*, 1560, p. 861). Na verdade, outra obra conhecida de D. Marcos – *Punica*, de Sílio Itálico – oferecia uma descrição mais pormenorizada da arma e do seu poder destrutivo (I, vv. 350-364).

<sup>629</sup> *Pamphili saxi Poetæ lepidissimi. Epigrammatum. Libri quattuor. Distichorum. Libri Duo* [...], 1499, s/f. Trata-se de um dístico, intitulado *Phalarica*, e encontra-se no livro V (que corresponde ao primeiro dos *Distichorum. Libri Duo*) desta obra. No incunábulo: *A summa ueniens contorta phalarica turre.*

<sup>630</sup> O armamento mencionado encontra-se referido, sob o título *Machinæ Qvædam Bellicæ, et Tormenta*, na *Officina* da Ravisius Textor (1560, I, pp. 337-340), que teve por fonte, entre outras, *De Re Militari*, de Vegécio, uma das obras clássicas mais copiadas e traduzidas no Ocidente europeu até ao Renascimento.

rada no ar. Chamamos-lhe vaivém, porque os outros tiros vão, e não tornam, e este não se contentava com ir ãa vez mas tornava muitas.

Virg. 5 *Ille, velut celsam oppugnat qui molibus urbem  
Aut montana<sup>1</sup> sedet circum castella sub armis  
Nunc hos: nunc illos, aditus omnemque pererrat  
Arte locum, et variis assultibus irritus urget.*<sup>631</sup> (298)//

80<sup>II</sup>

Mas o velho a quem tinham já obrigado  
os trabalhosos anos ao sossego,  
estando na Cidade cujo prado  
enverdecem os Campos<sup>632</sup> do Mondego,  
Sabendo como o filho está cercado  
em Santarém do Mauro povo cego,  
se parte diligente da cidade,  
que não perde a presteza co a idade.

Seneca in  
*Hercule Furente*

Desobrigado estava El Rei D. Afonso dos exercícios da guerra. E<sup>III</sup> podia dizer com Séneca, *Detur aliquando otium, quiesque fessis*<sup>633</sup>. Descanse algũ' hora quem trabalhou tanto. Porque como diz Ovídio, *Quod caret alterna requie durable*<sup>IV</sup> *non est.*<sup>634</sup>

Mas como Deus guardava este santo Rei pera os descansos eternos, não lhe primitiu descanso na sua vida. Porém eu digo, El Rei D. Afonso nasceu pera trabalhos honrados e gloriosos, e assi nunca recusou achar-se pessoalmente em nenhum deles, nem agora o quis fazer no fim da vida, porque se não pudesse dizer dele que deixara seus vassalos em afronta, estando ele em sossego. Todas as outras batalhas venceu El Rei D. Afonso Henriques com seu esforço. Esta venceu-a com seu nome, e com sua fama, e com a autoridade de sua pessoa.

<sup>1</sup> No ms.: «Aut monta\*na\* sedet»...

<sup>II</sup> No ms., foi inicialmente escrito «60». Por transformação do primeiro algarismo, passou a ler-se «80».

<sup>III</sup> No ms.: «dos exercicios daguerra mas-E podia diser cõ Seneca»...

<sup>IV</sup> No ms.: «durabiles».

<sup>631</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, V, vv. 439-442. Na edição de referência: *adsultibus irritus*.

<sup>632</sup> Em 1572, bem como em todas as edições publicadas até 1633: «Enverdecem as águas do Mondego».

<sup>633</sup> Lucius Annaeus Seneca, *Hercules furens*, vv. 925-926. D. Marcos segue provavelmente a *Polyanthea Nova* (1607, p. 976), sob o título *Quies*, pois, embora por ordem inversa, cita os versos de Séneca e de Ovídio ali recordados.

<sup>634</sup> Publius Ovidius Naso, *Heroides*, IV, v. 89. A citação é o primeiro exemplo das *Sententiae Poeticae* reunidas na *Polyanthea Nova* sob o título *Quies* (1607, p. 976).

81<sup>I</sup>

E co' a famosa gente à guerra usada  
vai socorrer o<sup>II</sup> filho, e assi ajuntados,  
a portuguesa fúria costumada  
em breve os Mouros tem desbaratados.  
A campina, que toda está coalhada  
de marlotas, capuzes variados,  
de cavalos, jaezes, presa rica,  
de seus senhores mortos chea fica. (298v)//

Mui notável foi esta batalha por vir nela a pessoa do Miramolim de Marrocos, e treze Reis, cujas tendas e despojos ficaram em poder dos nossos.

82<sup>III</sup>

Logo todo o restante se partiu  
de Lusitânia, postos em fugida,  
o Miralmomini só não fugiu  
porque antes de fugir lhe fogue a vida.  
A quem lhe esta vitória permitiu  
dão louvores e graças sem medida,  
que em casos tão estranhos claramente  
mais peleja o favor de Deus que a gente.

Os que escaparam das mãos dos nossos fugiram, e não se deram por seguros em toda Lusitânia. O Miramolim morreu das muitas feridas, fugiu-lhe a vida, termo dos poetas. Virgílio tratando da morte de Turno:

*Vitaque cum gemitu fugit indignata per umbras.*<sup>635</sup>

Virg. 12

A quem lhe esta vitória permitiu  
Dão louvores e graças sem medida.

texto

O agradecimento das mercês recebidas é fundamento de outras maiores, porque os que as fizeram se pagam muito deste agradecimento<sup>IV</sup>. Assi o diz Cassiodoro: *Danti rependi quicquam gratius ab accipiente non potest, quam si gratum*

---

<sup>I</sup> No ms., foi inicialmente escrito «61». Por transformação do primeiro algarismo, passou a ler-se «81».

<sup>II</sup> No ms.: «socorrer os filho»...

<sup>III</sup> No ms., foi inicialmente escrito «62». Por transformação do primeiro algarismo, passou a ler-se «82».

<sup>IV</sup> No ms.: «deste \*a\*gradecimento»...

---

<sup>635</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, XII, v. 952. Na edição de referência: *sub umbras*.

*habuerit, quod gratis accepit*<sup>636</sup>. Nas Escrituras Sagradas a cada passo achamos queixas que Deus dava contra os ingratos<sup>1</sup> e desagradecidos, principalmente dos judeus, que neste vício se esmeraram mais. E assi dos dez leprosos que Cristo sarou, só um se veio deitar a seus pés dando-lhe graças pelo bom ofício, e este era estrangeiro, sendo os nove judeus<sup>637</sup>. Vem aos homens muitas vezes ser pouco lembrados do que receberam, não entenderem o bem que alcançaram. No mesmo Cassiodoro achei isto, que diz, sobre os Salmos: (299)// *Qui quanta sibi gratia collata sit, nescit, quantas largitori grates debeat non intelligit*<sup>638</sup>. E por isso estes nossos soldados e cavaleiros triunfantes, entendendo como bons Cristãos que todo o bem que os homens alcançam lhe vem do alto, tratam de dar os agradecimentos ao Senhor que tais mercês lhe fez. Este bom costume aprenderam os Portugueses de seu bom capitão o Santo Rei D. Afonso Henriques, que em todos os encontros que tinha com inimigos, e empresas que tomava, se valia primeiro das orações dos bons, que das armas dos fortes, e depois de conseguir o fim de seu desejo, dava muitas graças a Deus, não só por palavras devotas, mas também por obras grandiosas, edificando mosteiros, fazendo outras obras pias de que o Reino está cheo, e por isso alcançou de Deus quanto quis, porque dava a Deus tudo o que tinha. E assi se dizia dele, que pelejava pera Deus, e Deus pelejava por ele.

83<sup>II</sup>

De tamanhas vitórias triunfava  
o velho Afonso, príncipe subido,  
quando quem tudo enfim vencendo andava,  
da larga e muita idade foi vencido.  
A pálida doença lhe tocava  
com fria mão o corpo enfraquecido,  
e pagaram seus anos deste jeito  
à triste Libitina seu direito.<sup>639</sup>

---

<sup>1</sup> No ms.: «contra os des ingratos»...

<sup>II</sup> No ms., foi inicialmente escrito «63». Por transformação do primeiro algarismo, passou a ler-se «83».

---

<sup>636</sup> Entre as *Patrum Sententiæ* apresentadas na *Polyanthea Nova* sob o título *Gratitudo* (1607, p. 484), encontra-se o excerto que D. Marcos cita. A atribuição de autoria e de proveniência é ali outra, porém (e trata-se da informação certa, pois o trecho vem das *Epistulae* – 181, *Ad Haimericum cancellarium* – de S. Bernardo de Claraval): *Bern. in epist.* Na edição de referências das *Cartas* de S. Bernardo (1990, p. 615): *Danti itaque rependi quidquam...*

<sup>637</sup> O episódio vem narrado no Evangelho segundo S. Lucas (17, 11-19). No texto bíblico fica claro que o leproso agradecido era *alienigena*, e explica-se: *hic erat Samaritanus*.

<sup>638</sup> Também estas palavras se encontram, sob o título *Gratitudo*, na *Polyanthea Nova*, atribuídas a Cassiodoro, mas *In epist.* (1607, p. 484). Se D. Marcos citou por este repertório, como é provável, parece ter fixado apenas a primeira informação do elenco das *Patrum Sententiæ* (*Cas. In Psal.*), esquecendo a diversidade do *corpus* ali reunido.

<sup>639</sup> Em 1572, bem como em 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1626: «direito». Em 1613, 1631, 1633, «direito».

Faleceu o nobre Rei D. Afonso Henriques na Cidade de Coimbra de idade de 91 anos, à qual nenhum de seus sucessores chegou. Foi enterrado no Real mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, que ele edificara, e que tanto na vida ferquentara, que bem se pudera contar por um dos Religiosos dele. Seu sepulcro ao princípio foi humilde, conforme ao pouco fausto da(299v)//queles sóbrios tempos, donde o tresladou El Rei D. Manuel pera o outro<sup>1</sup> que de novo se lhe fez, juntamente com o del Rei D. Sancho seu filho, na capela-mor do dito mosteiro, onde ambos estão mui venerados, como eles mereciam.

«Libitina». Esta era ãa Deusa em cujo templo se vendiam as cousas necessárias pera o enterramento dos defuntos. Dizem que era Prosérpina, Deusa Infernal. Plutarco diz que era Vénus, e ajunta dizendo que com muita conveniência chamavam presidente da morte à que presedia aos novamente nacidos, porque soubessem os homens pelo mesmo caminho por onde vieram à vida haviam de ir pera a morte, e era tão certa a morte que a mesma Deusa que dava princípio à vida, vendia as alfaias da morte.<sup>640</sup>

Plutarc., in  
Probl.

84<sup>II</sup>  
Os altos promontórios o choraram  
e dos Rios as águas saudosas  
os semeados campos alagaram  
com lágrimas correndo piadosas.  
Mas tanto pelo mundo se alargaram  
com fama suas obras valerosas,  
que sempre no seu Reino chamarão  
Afonso, Afonso os Ecos mas em vão.

Com muita rezão faz o nosso Poeta tanto sentimento sobre a morte d'el Rei D. Afonso Henriques, porque assi como ele foi o primeiro no título Real deste Reino, assi foi único, na virtude, e esforço, e tudo o que neste Reino possuímos a ele o devemos. O Duque, o Conde, o Senhor, o comendador, o Religioso, o popular, todos estão obrigados à alma deste nobre Rei, porque o pão que comemos

---

<sup>1</sup> No ms.: «perao *seputchro*/outro que» ...

<sup>II</sup> No ms., foi inicialmente escrito «64». Por transformação do primeiro algarismo, passou a ler-se «84».

---

<sup>640</sup> D. Marcos abrevia a lição de Plutarco, que nos *Problemata* (ou *Quaestiones Romanae*) interrogava acerca da relação entre Libitina e Vénus: *Quid causæ est, quod in æde Libitinæ quæ ad sepulturam pertinent uendere consueuerunt, Libitinam nihil aliud nisi Venerem esse existimantes? An hoc unum ex Numæ Pompilij commentis fuisse putandum est, ut discant homines talia non aspernari, nec tanquam rem pollutam aut sceleratam fugere? An ea re homines fragilitatis & imbecillitatis humanæ admoneri putant, quod una & eadem dea principium ac finem uitæ in potestate habeat, quippe quæ ingredientibus uitam uel decedentibus præsideat?* (Plutarchi Chæronei [...] *Opera Moralia*, 1541, f. 91v).

ele no-lo deu. Muito poderíamos dizer na matéria, mas deixemo-la ao Cronista de Santa Cruz<sup>641</sup>, como cousa mais própria sua, e nós vamo-nos à nossa poesia.

«Os Altos promontórios». Figura de Retórica cha(300)//mada prosopopea, quando as cousas insensíveis se introduzem falando. Os poetas usam muito desta figura, principalmente nos sentimentos grandes, dizendo que os montes e Rios sentiram, *ect.* Teócrito, *Idilly.1.º*:

*Ingemuere illum pariter Thoesque lupique  
Ipsi etiam in lustris illum flevere leones.*<sup>642</sup>

Nemesianus, Égloga 2.<sup>a</sup>:

*Nulla meae trinis tetigerunt gramina vaccae  
Luciferis; nulloque, biberunt amne liquores  
Siccaque foetarum lambentes ubera matrum  
Stant vituli et teneris mugitibus aera complent.*<sup>643</sup>

Virgílio, Égloga 7:

*Extinctum Nymphae crudeli funere Daphnim  
Flebant, vos coryli testes et flumina nimphis.*

*Et infra \_\_\_Non ulli pastos egere diebus  
Frigida Daphni boves, flumina: nulla neque amnem  
Libavit quadrupes, nec graminis attigit herbam.*

---

<sup>641</sup> A *Chronica da Ordem dos Conegos Rebrantes do Patriarcha S. Agostinho* (a primeira a ser editada sobre os Cruzios), composta por D. Nicolau de Santa Maria, saiu dos prelos em 1668, embora as datas das licenças revelem que, desde 1657, pelo menos a primeira parte da obra estava pronta para impressão. No «Prólogo aos Religiosos da Ordem dos Cónegos de Santo Agostinho, e aos curiosos Leitores», D. Nicolau afirmava pretender «dar remédio» ao «descuido» de seus «antepassados, que como Santos, e virtuosos, tratavam mais de obrar bem, que de escrever o que obravam». Para tanto, declarava ter «desentranh[ado] os Cartórios dos Mosteiros e Conventos» da província de Portugal, ter «revolv[ido] pergaminhos» e ter beneficiado da «ajuda» dos «papéis e memórias que escreveram os Padres Dom Teotónio de Melo, Dom Gabriel de Santa Maria e Dom José de Cristo». Ao aludir ao «Cronista de Santa Cruz», D. Marcos talvez pensasse em D. José de Cristo (activo até 1663); o P.<sup>e</sup> Teotónio de Melo falecera em 1606 e o P.<sup>e</sup> Gabriel de Santa Maria morrera já também, no ano de 1616.

<sup>642</sup> D. Marcos cita os *Idyllia* (I, vv. 71-72) do poeta grego Teócrito pela tradução de Henri Etienne, *i.e.*, Henricus Stephanus, que começou por ser publicada em Paris, no ano de 1579: *Theocriti aliorumque Poetae Idyllia* (ap. *Les Bucoliques de Virgile, Précédées de plusieurs Idylles de Théocrite*, 1806, p. 157).

<sup>643</sup> Marcus Aurelius Olympius Nemesianus (séc. III d.C.), poeta cartaginês, foi autor de poemas bucólicos e de uma (incompleta) obra sobre a caça, *Cynegeticon*. A lição dos versos citados por D. Marcos (parte da Égloga II, vv. 29-32) coincide exactamente com a que se lê em *Venatici et Bucolici Poetae Latini, Gratius, Nemesianus, Calpurnius* (1613, p. 172).

*Daphni, tum Poenos etiam ingemuisse Leones  
Interitum, montesque feri, sylvaeque locuntur.*<sup>644</sup>

E dos Rios as águas *ect.*

texto

Bem pôde isto acontecer à letra quando morreu El Rei D. Afonso, porque foi no Inverno, 6 dias de Dezembro, tempo em que o Mondego costuma fazer suas inundações e cobrir os campos de Coimbra. Já dissemos como no ano que morreu Pompeo, o Nilo, junto do qual ele foi morto, fez aquele ano a mais pequena inundação, a<sup>1</sup> qual cousa atribuíram alguns a sentimento do Rio. Também se lê que a Senhora D. Joana, filha d'el Rei D. Afonso V e Irmã del Rei D. João 2.º, sendo Religiosa do mosteiro de Jesus (300v)// de Aveiro, tinha um jardim pequeno que cultivava por suas mãos, e quando esta senhora faleceu tiraram o seu corpo pelo meio daquele jardim, e as árvores e plantas que ela cultivava sendo viva todas se secaram, como quem mostrava sentimento pela ausência daquela Princesa.<sup>645</sup>

Sempre chamarão  
Afonso, Afonso os ecos mas em vão.

texto

Quer dizer o poeta nisto, que sempre Portugal suspirará por um Rei tal como D. Afonso, mas devalde. Esta repetição «Afonso, Afonso» é mui saudosa, como aquela de Virgílio:

Eglo. 2

<sup>1</sup> No ms.: «da qual cousa»...

<sup>644</sup> Publius Virgilius Maro, *Bucolica*, V, vv. 20-21, 24-28. Na edição de referência: *non ulli pastos illis egere diebus/ frigida, Daphni, boves ad flumina [...] loquuntur.*

<sup>645</sup> Logo no início do século XVI, foi regidido um «Memorial da muito excellente Princesa E muito virtuosa Senhora ha Iffante dona Johanna». Aí se lê: «Nom passarey sem dizer hũa Cousa tâ maravilhosa. E aos que o virõ de mÿ grãde amyraçõ y spãto e Cousa de notar. ¶ A qual foy que ã como fosse no mes de Mayo stãdo todo ho pumar onde esta sancta Senhora tiinha seu solaz e desêfadamento andãdo e stãdo ã elle aos tẽpos e oras que lhe vagauã e no qual passava muitas vezes ha mayor parte do dia mãdando chamar e fazẽdo ajũtar todas as Irmãs pera seu desporto e cõssolacõ. ¶ E cõ muita diligẽcia ho mãdaua Regar e plantar de arvores e ervas. põdo algũas per suas proprias mãos ¶ E aaquele tẽpo stãdo todo mÿ fremoso e deleytoso darvores e froles diuerssas segundo a diligẽcia que no dito pumar per esta Senhora se mãdava fazer. des ho dia que per elle passou e foy levado ho ataude cõ ho Corpo desta santa Senhora. hũdo toda a procysõ cõ ele que ja disse. magnifestamente per todos foy vysto todas as arvores e ervas secarã e lhe cayrã todas as folhas. mayormente per debayxo daquellas per que passarõ. E as que darredor stavã. que erã duas Carreyras de grãdes e muito fremosos marmeleyros que a sobredita Senhora mãdou e per ssy ajudou a põr ã duas ordẽes. E outras de cidreyras. stãdo tudo muito fremoso e carregados de nova fruyta pera vÿjr a seu tẽpo. tudo foy seco e cahido que mais nõ prestarõ nẽ tornarõ. ¶ Em que pareceo e se demonstrou tudo se doer e tomar doo por ho fallecimẽto desta santa Senhora.» (*Crõnica da Fundação do Mosteiro de Jesus, de Aveiro, e Memorial da Infanta Santa Joana*, 1939, p. 173). Além de resumir o texto, D. Marcos apaga a palavra «santa» nas referências a D. Joana. Se a propósito de D. Afonso Henriques nunca hesita em chamar-lhe «nosso santo Rei», neste caso parece evitar o título que a Igreja ainda não confirmara: a beatificação de Joana Princesa, cujo processo começara em 1626, só seria aprovada em 1693.

*Et longum formose vale, vale inquit Iola.*<sup>646</sup>

E noutra parte: *Ut litus Hyla Hyla omne sonasset.*<sup>647</sup>

«Os Ecos». Semelhança da voz que fere<sup>1</sup> nalgum lugar côncavo ou estreito, como nas torres de Císico<sup>II</sup>. Lucrécio escreve que em Grécia havia um pórtico onde a voz ferindo soava sete vezes<sup>648</sup>. Ouçamos Valério Flaco descrever o Eco:

Valer. Flac., 3  
Argon.

*Rursus Hylan et rursus Hylan per longa reclamatione  
Avia, responsant sylvae, et vaga certat imago.*<sup>649</sup>

E Ovídio:

Ovid., 3  
Metamor.

*Planxerunt Dryades, plangentibus assonat Ecco.*<sup>650</sup>

Depois da morte deste Santo Rei se contam muitos milagres dele, que na Crónica de Santa Cruz<sup>651</sup> se não-de relatar. Só direi o que ouvi a Religiosos velhos e

<sup>1</sup> No ms.: «voz \*q̄\* ferida/e nalgū lugar concavo»...

<sup>II</sup> No ms., parece ter havido uma hesitação na grafia deste nome: a primeira forma desenhada parece ter sido «Cizifo».

<sup>646</sup> Publius Virgilius Maro, *Bucolica*, III, v. 79.

<sup>647</sup> Publius Virgilius Maro, *Bucolica*, VI, v. 44. Na edição de referência: *ut litus*, «Hyla, Hyla», *omne sonaret*.

<sup>648</sup> D. Marcos confunde informação ao atribuir a Lucrécio e ao seu *De Rerum Natura* um exemplo que se encontra, sim, na *Naturalis Historia* de Plínio. Lucrécio fala do eco que se pode ouvir em lugares desertos (*loca sola* – 4, v. 573), nas montanhas, e diz que aí teria presenciado o fenómeno da repetição, em seis ou sete réplicas, de palavras lançadas uma vez só: *sex etiam aut septem loca vidi reddere voces./ unam cum iaceres: ita colles collibus ipsi/ verba repulsantes iterabant docta referri* (4, vv. 577-579). Plínio (XXXVI, XXIII, 99-100), tratando das curiosidades de Císico, lembra que nesta cidade havia, junto da chamada Porta Trácia, sete torres que reverberavam abundantemente qualquer som que ali fosse emitido (*eadem in urbe iuxta portam quae Thracia vocatur turres septem acceptas voces numeroso repercussu multiplicant*), e distingue este exemplo daquele que em Olímpia, no «Pórtico das sete vozes» (*in porticu, quam ob id heptaphonon appellant, quoniam septiens eadem vox redditur*), podia ser admirado: em Císico, o eco – por regra associado a uma paisagem de fundos vales – era fruto do acaso (*ibi casu accidit*); em Olímpia, resultava de arte e de uma estupeficação construção (*Olympiae autem arte, mirabili modo*).

<sup>649</sup> Caius Valerius Flaccus, *Argonautica*, III, vv. 596-597.

<sup>650</sup> Publius Ovidius Naso, *Metamorphoses*, III, v. 507. Na edição de referência: *adsonat Echo*.

<sup>651</sup> É provável que D. Marcos tivesse acesso a informações como as que D. Nicolau de Santa Maria veio a apresentar, na *Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes do Patriarcha S. Agostinho*, colhidas em «memórias antigas do Cartório de Santa Cruz» e em depoimentos de crúzios com idade veneranda. De facto, além de exaltar o «Santo Rei», sublinhando, ao narrar a cerimónia de trasladação de 25 de Outubro de 1515, a incorruptibilidade de seu «Santo Corpo» (v. 1668, Parte II, IX, XXXI, pp. 276-277), D. Nicolau apresenta relatos de sonhos maravilhosos e registos de milagres, compilados como argumentos para uma desejada beatificação de Afonso Henriques (v. Parte II, IX, XXXI-XXXII). A *Chronica*, porém, saiu apenas em 1668. Ao tempo em que

per tradição corre naquela<sup>1</sup> santa casa. O escudo deste Santo Rei estava pendurado nãa escápula de ferro nãa casa que era das que pertencem à Sancristia, e tanto que algum Rei de Portugal morria, no mesmo instante caía o escudo no chão ficando a correa por onde pendia e a escápula inteiras<sup>652</sup>. Quando morreu El Rei D. João 3.º, caiu e nunca mais tornou a cair. El Rei D. Sebastião quando passou a África levou de Santa Cruz a espada deste Santo Rei, e por esquecimento ficou no mar, e por milagre tornou ao mosteiro, porque não quis Deus, que espada que tantas vitórias houvera de mouros<sup>II</sup> ficasse cativa em poder de Mouros.<sup>653</sup> (301)//

### El Rei Dom Sancho pr.º

---

<sup>1</sup> No ms.: «per tradição corre na naquela s. caza.»

<sup>II</sup> No ms.: «espada q̄ tantas vitorias ouvera \*de mouros\* ficase cativaempoder deMouros.»  
Todo este último período foi escrito em caracteres de tamanho mais reduzido, ocupando o fim da folha, decerto como um aditamento ao que a respeito de D. João III havia sido dito.

---

D. Marcos redigia os Comentários a *Os Lusíadas*, andavam impressos, ambos de cistercienses, livros em que essa matéria era trazida à colação: frei Bernardo de Brito, nos *Elogios dos Reis de Portugal*, lembrara que «por revelações, aparecimentos, e alguns milagres, e por outros sinais que o Senhor tem mostrado», o monarca fundador era venerado pelas «gentes como a Santo» (1603, p. 12); frei Antônio Brandão, na *Terceira Parte da Monarchia Lusitana*, incluíra um capítulo «Em que se faz compêndio das cousas principais del Rei D. Afonso Henriques, e se tocam alguns indícios de sua santidade, e salvação de sua alma» (v. 1632, XI, XXXIX, fls. 269-269v). Muito provavelmente, D. Marcos manuseou as duas obras; no entanto, não as apontou como referência a propósito deste assunto, que decerto preferiria ver tratado por autores da sua Ordem.

<sup>652</sup> D. Marcos lida com informação idêntica à que D. Nicolau de Santa Maria expõe na *Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes do Patriarcha S. Agostinho*. Aí se conta que, empenhados em desencadear um processo de beatificação de D. Afonso Henriques, os Cruzios haviam coligido, ainda em tempo de D. João III, várias «provanças». Parte delas vinha do que constava «de memórias antigas do Cartório de Santa Cruz»; parte vinha do depoimento de um «Cônego de Santa Cruz dos antigos», por outros corroborado. É o nonagenário Dom Sebastião Afonso de Azambuja quem recorda uma «tradição antiga» segundo a qual, pela morte de cada rei português, caía o escudo de D. Afonso, «sem quebrar a correa e loro de que pende, nem cair a escápula de ferro que o sustém»: «ele testemunha vira cair o dito escudo no chão na morte do Senhor Rei D. Manuel, que foi em 13 de Dezembro do ano de 1521.» (*Chronica da Ordem*, 1668, Parte II, XI, XXXII, p. 512).

<sup>653</sup> V. nota 503. Na *Chronica da Ordem dos Conegos Regrantes do Patriarcha S. Agostinho*, D. Nicolau de Santa Maria confirma esta informação sobre o destino das armas emprestadas, que descreve assim: «A espada é larga, e curta de cinco palmos. O escudo de pau de figueira forrado de couro de boi cru oleado, e pintado, e tem de comprimento cinco palmos e meio, e de largo no mais largo três palmos.» (1668, Parte II, XI, XXXII, p. 513). Pelo *Ordinario dos Canonicos Regulares da Ordem do bem aaventurado nosso padre S. Augustinho*, nas celebrações do aniversário de D. Afonso Henriques e D. Sancho I, a 6 de Dezembro, a igreja de Santa Cruz seria decorada e «Em o altar-mor são postos quatro castiçais grandes de prata com círios belos, e os piquenos em os altares do cruceiro, e as alâmpadas de prata, e em cada sepultura ãa alcatifa em o degrau, e o escudo com a espada del Rei D. Afonso Henriques aos pés de sua sepultura, e o escudo del Rei D. Sancho aos pés de sua sepultura, e quatro tocheiras com quatro tochas.» ([1579], s/f).

85<sup>I</sup>

Sancho forte mancebo que ficara  
imitando seu Pai na valentia  
e que em sua vida já se experimentara  
quando o Bétis de sangue se tingia  
E o bárbaro poder desbaratara  
do Ismaelita Rei de Andaluzia  
e mais quando os de<sup>654</sup> Beja em vão cercaram  
os golpes de seu braço em si provaram.

Por morte del Rei Dom Afonso foi levantado por Rei seu filho Dom Sancho, três dias depois da morte do pai, aos 9 de Dezembro do ano de 1185. E como quasi todo o Reino estava limpo de Mouros, deu-se ao governo Civil, e à agricultura, rompendo terras, pelo que de muitos era chamado Lavrador<sup>655</sup>. Em vida de seu Pai diz Camões que já tinha bem mostrado seu valor assi na batalha que deu em Sevilha, como na dos Mouros que cercavam Beja. Também pudera ajuntar, e quando se defendeu em Santarém contra 13 Reis Mouros.

86<sup>II</sup>

Depois<sup>656</sup> que foi por Rei alevantado,  
havendo poucos anos que reinava,  
a Cidade de Silves tem cercado,  
cujos campos o bárbaro lavrava.  
Foi das valentes gentes ajudado  
da germânica gente<sup>657</sup> que passava,  
de armas fortes, e gente aprecebida<sup>658</sup>  
a recobrar Judea já perdida.

---

<sup>I</sup> No ms., foi inicialmente escrito «65». Por transformação do primeiro algarismo, passou a ler-se «85».

<sup>II</sup> No ms., foi inicialmente escrito «66». Por transformação do primeiro algarismo, passou a ler-se «86».

---

<sup>654</sup> Em 1572, bem como em todas as outras edições publicadas até 1633: «os que Beja»...

<sup>655</sup> O cognome de «lavrador» é registado cedo, na *Crónica Geral de Espanha* (2009, IV, p. 237) e na *Crónica de Portugal de 1419* (1998, p. 84), bem como numa «Arenga [...] quando fezerom as festas aa Emperatriz», incluída no *Livro das Lembranças* do mosteiro de Santa Cruz (*Anais, Crónicas e Memórias Avulsas de Santa Cruz de Coimbra*, 1968, p. 101). Rui de Pina (*Crónicas*, 1977, p. 26) e Duarte Nunes de Leão (*Primeira Parte das Chronicas dos Reis de Portugal*, 1600, f. 57) lembram-no igualmente.

<sup>656</sup> Em 1572, bem como em 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1626, 1631, 1633: «Depois». Em 1613, «Depois».

<sup>657</sup> Em 1572, bem como em em todas as outras edições publicadas até 1633: «Da Germânica armada».

<sup>658</sup> Em 1572, bem como em todas as outras edições publicadas até 1633: «apercebida».

Trinta e dous anos tinha de idade El Rei D. Sancho quando foi levantado por Rei, em tempo que as cousas de Palestina (301v)// estavam quasi arruinadas por razão das guerras do Soldão Saladino<sup>659</sup>, como diremos sobre a seguinte oitava.

87<sup>1</sup>

Passavam a ajudar na santa empresa  
o roxo Federico, que moveu  
o poderoso exército, em defesa  
da Cidade onde Cristo padeceu,  
Quando Guido co' a gente em sede acesa  
ao grande Saladino se rendeu  
no lugar onde aos Mouros sobejavam  
as águas que os de Guido desejavam.

Depois da morte de Balduíno 3.<sup>o660</sup> sucedeu-lhe no Reino de Palestina seu filho Almerico, Príncipe de grande esforço, per cuja morte sucedeu Balduíno 4.<sup>o</sup> seu filho, enfermo e leproso, em idade de 13 anos, mas muito santo, e pio. Este vendo como Saladino Soldão do Egipto avexava de contino os Cristãos, estando ele impossibilitado pera lhe ser bom, casou sua Irmã Sibila com Guilherme de Longa Espada, Marquês de Monferrat, um dos Príncipes que ajudaram a El Rei D. Afonso a tomar Lisboa aos Mouros. A este entregou Balduíno o governo, e o Reino ao filho que Sibila parisse, que logo Deus lhe deu, e chamou-se Balduíno como o tio. Neste comenos morreu Guilherme, e Sibila tornou-se a casar com Guido Lusinhano, que é este de quem fala Camões. Era este soberbo e malquisto de todos, e a primeira vez que saiu com a mais luzida gente que naquelas partes havia, encontrou com Saladino, a quem pudera destruir, mas os soldados não quiseram pelejar, por não dar aquela glória a Guido. O Rei doente sentiu isto muito, e tirou o governo a Guido e deu-o a D. Reimão, que fora seu Aio, e jurou por Rei o filho de Guilherme. Desta desposição de Guido, e provisão (302)// do Conde D. Reimão, se seguiram vários bandos e paxões no Reino, até que morreu Balduíno o doente e Balduíno o menino, e Guido ficou senhor absoluto do governo, o que sentiu tanto Dom Reimão Conde de Tripol, que fez pazes com Saladino, e se meteu com ele e fez guerra a Guido, sendo tão grande Senhor que fora o Condado

---

<sup>1</sup> No ms., foi inicialmente escrito «67». Por transformação do primeiro algarismo, passou a ler-se «87».

---

<sup>659</sup> Saladino (1137-1193) tornou-se sultão do Egipto e Síria, e conquistou Jerusalém para o Islão em 1187. Granjeou fama de soberano piedoso e justo, até mesmo entre os escritores cristãos, tornando-se um exemplo célebre. Logo na Idade Média, lembraram-no autores como Dante (*La Divina Commedia*, Inferno, IV, v. 129) e Boccaccio (*Decameron*, X, 9); em Portugal, Vasco Mousinho de Castelbranco não o esqueceu nos seus emblemas (*Discurso sobre a Vida, e Morte, de Santa Isabel*, 1596, f. 98), inspirado pelas *Devises Heroïques* de Claude Paradin (1557, pp. 53-54).

<sup>660</sup> Parte substancial da informação apresentada sobre a presença cristã em Jesusalém e sobre os conflitos com Saladino virá da obra de Rui de Pina (*Crónicas*, 1977, pp. 28-29).

de Tripol era Senhor de Galilea, que é a gema da terra de promessa, e Tiberiades, por dote de sua mulher. Andando o tempo, caiu D. Reimão no que tinha feito, e arrependeu-se e fez pazes com Guido, e fez guerra ao Saladino, o qual sentiu tanto isto que levantou o cerco que tinha posto sobre Acon e o veio pôr sobre Tiberias, Cidade do Conde posta junto do lago chamado Mar de Tiberiade, causado das águas do Jordão. Sabendo isto Guido foi-lhe socorrer, e por muita pressa que se deu, quando chegou, o Saladino tinha-lhe tomado o posto de junto do Rio, vindo os de Guido mortos de sede, e assi estiveram até o outro dia que se deu a batalha onde foi destruído Guido com os seus, e Hierusalém entrada, e tudo ficou em poder dos Mouros. E nisto pararam as ambições e teimas dos Cristãos de Palestina. Sabida que foi na Críandade a perda de Hierusalém, depois dos devidos prantos e sentimentos tratou-se de a recuperarem. E pera isto se aparelharam muitos príncipes Cristãos. E até El Rei D. Sancho foi convidado a isso pelo Papa Urbano 3.º, mas os seus lho não consentiram, dizendo que tinham inimigos à porta, e outras rezões que o Papa lhe aceitou. Finalmente, o Emperador Federico Barbaroxa se ofere(302v)//ceu pera passar a Ásia, e com ele passou Felipe Rei de França, e Richardo Rei de Inglaterra, e tendo já lançados bons fundamentos nas cousas, morreu Federico afogado no Rio Cidno, onde Alexandre também se houvera de perder, como escrevem Quinto Cúrcio<sup>661</sup> e outros. Morto Federico ficou tudo confuso, porque Felipe e Richardo renovaram paixões antigas, e assi tudo revoltoso tornaram sem fazer nada, ficando os Mouros de posse pacífica de Hierusalém, e estarão enquanto Deus quiser, porque os Príncipes de Europa não sabem mais que fazer guerra uns aos outros, com grande aumento do Alcorão de Mafamede, e estado do demónio, que a isto os move. Desta história fica claro tudo o que o nosso poeta tem dito nas oitavas<sup>662</sup>. Vamos por diante.

88<sup>1</sup>

Mas a fermosa armada que viera  
por contraste de vento àquela parte  
Sancho quis ajudar na guerra fera  
já que em serviço vai do santo Marte.  
Assi como a seu pai acontecera

---

<sup>1</sup> No ms., foi inicialmente escrito «68». Por transformação do primeiro algarismo, passou a ler-se «88».

---

<sup>661</sup> Quintus Curtius Rufus, em *De Rebus gestis Alexandri Magni Regis Macedonum*, conta que Alexandre adoeceu gravemente por causa de um banho tomado, em pleno Verão, no *frigidissimus* rio Cidno (1584, III, fls. 6-9).

<sup>662</sup> D. Marcos, ao focar o tempo presente e deplorar o domínio muçulmano sobre Jerusalém, faz-se eco de críticas como as que haviam sido lançadas por Ariosto, no *Orlando Furioso* (XVII, 73-79), Jorge Ferreira de Vasconcelos, no *Memorial das Proezas da Segunda Tawola redonda* (1567, f. 177), o próprio Camões (*Os Lusíadas*, VII, 4-13) e Pedro de Mariz, nos *Dialogos de Varia Historia* (1597, II, V, [53v]). No caso de Camões e de Mariz, o lamento pela perda de Jerusalém desdobra-se na queixa pela queda de Constantinopla e pela «grandeza do Turco».

quando tomou Lisboa, da mesma arte  
do Germano ajudado, Silves toma,  
e ao bravo domador estrei<sup>663</sup> e doma.

No ano de 1188, havendo três anos que El Rei D. Sancho reinava, chegou a Lisboa ãa fermosa armada de cinquenta e tantas velas, forçada do tempo, que vinham de Dinamarca, Frísia, Holanda e Flandres, que iam pera a guerra de ultramar. Estes povos, que tão zelosos eram da lei de Deus e seu serviço, ocupavam-se naquele tempo em conquistar terras de Mouros e acudir às necessidades da Igreja. Agora feitos hereges, toda sua ocupação é andar roubando o alheo, e por derradeiro tudo lhe leva o diabo, em cujo serviço andam. Estava El Rei D. (303)// Sancho neste tempo em Santarém, e mandou agasalhar e prover de tudo o necessário àqueles homens e suas naus. Mas porque o tempo lhe não dava lugar pera saírem, lhe rogou El Rei que pois iam pera guerra santa, e contra Infieis, ali tinham ocasião pera se exercitarem contra eles, fazendo guerra aos Mouros de Silves, no Algarve, o que eles aceitaram de boa mente. E assi indo por terra os Portugueses com o Conde Dom Mendo de Sousa, e os estrangeiros por mar, puseram cerco a Silves, e a tomaram, ficando os despojos aos do mar, e a El Rei de Portugal a Cidade.<sup>664</sup>

89<sup>1</sup>  
E se tantos troféus do Maometa  
alevantando vai, também do forte  
Leonês não consente estar quieta  
a terra usada aos casos de Mavorte.  
Até que na cerviz seu jugo meta  
da soberba Tui, que a mesma sorte  
viu ter a muitas vilas suas vizinhas  
que por armas tu Sancho humildes tinhas.

Após um tempo próspero, e bem-afortunado, sucede logo outro trabalhoso e cheo de misérias. Depois das vitórias del Rei D. João primeiro, e prosperidades de

---

<sup>1</sup> No ms., foi inicialmente escrito «69». Por transformação do primeiro algarismo, passou a ler-se «89».

---

<sup>663</sup> Em 1572, bem como em todas as outras edições publicadas até 1633: «E o bravo morador destrui e doma».

<sup>664</sup> D. Marcos sintetiza a narrativa de Duarte Nunes de Leão. Aqui, dados como os lugares de origem dos cruzados ou a data da sua aproximação a Portugal coincidem exactamente com os que se encontram na *Primeira Parte das Chronicas dos Reis de Portugal*, ao passo que diferem daqueles que Rui de Pina fornece. Nunes de Leão diz que os navios vinham de «Dinamarca, Frísia e Holanda e [...] Flandres» (1600, f. 57v); Pina fala de «nações desvairadas, ha saber Alemães, e Framenguos, e Francezes» (*Crónicas*, 1977, p. 32). Nunes de Leão situa o episódio no ano de 1188 (f. 57v); Pina, no ano de 1199 (p. 32).

seu tempo, seguiu-se a idade cansada de seu filho D. Duarte. O mesmo aconteceu depois da morte de El Rei Dom Manuel a seu filho D. João 3.º. Como também agora vemos, que logo que El Rei D. Afonso Henriques faleceu, padeceu este Reino muitas misérias e faltas, assi com peste, como com guerras, e não bastavam as dos Mouros senão que também os Leoneses, ou o seu Rei envejoso das prosperidades de Portugal, lhe quis fazer guerra, da qual os miseráveis vassalos levavam o pior, porque El Rei (303v)// Dom Sancho em vingança das entradas que ele fez neste Reino lhe entrou per Galiza, e lhe tomou Tuid e Ponte Vedra e S. Payo, e outras<sup>665</sup>. «Soberba Tuid». Cidade é de Galiza, tão pobre e miserável como são todas as demais desta província. E certo quando vi algũas destas vilas e cidades de Galiza, e ainda algũas de Portugal que da outra parte do Rio lhe respondem, se me representou o estado em que estão as de Palestina depois que Mouros e Turcos são delas Senhores. Foi Tui edificada por Diomedes, que lhe pôs o nome de seu padre Tideu. Vide Frei Prudêncio de Sandoval nas *Antiguidades de Tui*.<sup>666</sup>

90<sup>1</sup>  
D. Afonso 2.º

Mas entre tantas palmas salteado  
da temerosa morte, fica herdeiro  
um filho seu de todos estimado  
que foi segundo Afonso, e Rei terceiro.  
No tempo deste aos Mauros foi tomado  
Alcácer do Sal por derradeiro,  
porque dantes os Mouros o tomaram  
mas agora estruídos o pagaram.

Morreu El Rei Dom Sancho de cinquenta e nove anos de idade, dos quais reinou 27, faleceu no ano de 1212, merecedor certo, de tempo mais ditoso, e de idade mais larga. Deixou muita renda ao mosteiro de Santa Cruz com condição que lhe lessem o seu testamento nos Capítulos Gerais. Teve muitos filhos e a todos deixou herdados. O Príncipe herdeiro foi Dom Afonso 2.º, chamado o Gordo, porque o era, em cujo tempo se recuperou Alcácer do Sal, como diremos quando no 8.º canto tratáremos de D. Mateus bispo de Lisboa.

---

<sup>1</sup> No ms., foi inicialmente escrito «70». Por transformação do primeiro algarismo, passou a ler-se «90».

---

<sup>665</sup> V. nota 562.

<sup>666</sup> Em *Antigvedad dela Ciudad, y Iglesia Cathedral de Tvy*, o Bispo Fr. Prudencio de Sandoval procura relacionar a Galiza com a prestigiada Grécia clássica. Afirma, assim, elogioso, que Diomedes fundou *una gran Ciudad [...] en comarca dela mejor tierra, que tiene España*, e explica: *Puso Diomedes nombre a esta ciudad, en memoria de su Padre Tyde, o Tude, que todo es uno, el qual ha conservado cassi tres mil años, o mas. Pensaron algunos, que Tude era nombre hebreo, o caldeo, pero con engaño, porque los Hebreos nunca poblaron en Galicia, sino solos Griegos, & Egipcios*. (1610, fls. 4r-v).

Morto depois<sup>667</sup> Afonso lhe sucede  
 Sancho segundo, manso, e descuidado, (304)//  
 que tanto em seus descuidos se desmede  
 que doutrem que<sup>668</sup> mandava era mandado.  
 Por<sup>669</sup> governar o Reino que outro pede,  
 por causa dos privados foi privado,  
 porque como por eles se regia  
 em todos os seus vícios consentia.

Morto El Rei Dom Afonso sucedeu-lhe no Reino seu filho Dom Sancho, a quem chamaram Capelo, porque sendo muito doente em pequeno<sup>II</sup>, a Rainha Dona Urraca sua mãe, pela grande devação que tinha a Santo Teotónio, lhe vestiu o seu hábito, e nele andou alguns anos, porque pelos merecimentos deste Santo alcançou saúde<sup>670</sup>.

<sup>1</sup> No ms., foi inicialmente escrito «71». Por transformação do primeiro algarismo, passou a ler-se «91».

<sup>II</sup> No ms., várias emendas marcam esta frase. Aparentemente, a versão inicial seria «sendo muito doente em tenra idade», que terá sido retocada para se converter em «pequeno». Num acrescento rasurado, em entrelinha sobre «em», lê-se «na». A redacção final («em pequeno») acabou por ser definida também em entrelinha, sobre o corte da forma inicial.

<sup>667</sup> Em 1572, bem como em 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1626, 1631, 1633: «depois». Em 1613: «depois».

<sup>668</sup> Em 1572, bem como em 1584, 1591 e 1609: «de outrem quem mandava». Em 1597, 1612, 1632, 1631 e 1633, «d'outrem que mandava». Em 1626, «d'outrem quem mandava».

<sup>669</sup> Em 1572, bem como em todas as edições publicadas até 1633: «De governar»...

<sup>670</sup> Frei Bernardo de Brito, nos *Elogios dos Reis de Portugal*, explicara o cognome do rei lembrando também que, por ser D. Sancho, quando menino, «mui enfermo», «a Rainha sua mãe mui triste por suas indisposições, vendo que não valiam remédios humanos se socorreu aos divinos, tomando por medianoiro com Deus o glorioso Doutor santo Agostinho, a que fez voto de trazer o Infante vestido em seu hábito até idade de doze anos, como em efeito trouxe, com sobrepeliz e murça de cónigo regrente, do modo que andavam e andam no tempo d'agora os cónigos de Santa Cruz de Coimbra, donde lhe deram o apelido de capelo.» (1603, p. 23). Manuel de Faria e Sousa reiteraria esta informação (*Epítome de las Historias Portuguesas*, 1628, p. 384); frei António Brandão introduziria a seu respeito alguma dúvida («alguns dizem [o hábito] ser de Cônegos Regulares de Santo Agostinho, e a outros parece que foi de São Francisco» – *Quarta Parte da Monarchia Lusitana*, 1632, XIV, I, f. 115v). Diferente havia sido a versão de Rui de Pina, que associava o apelido aos «vestidos honestos» usados pelo Rei, «mais de feyçam de Religioso, que de Rey, nem Cavaleyro» (*Crónicas*, 1977, p. 131) – ideia que Duarte Nunes de Leão e Pedro de Mariz retomariam, pelos mesmos termos, na *Primeira Parte das Chronicas dos Reis de Portugal* (1600, f. 71) e nos *Dialogos de Varia Historia* (1597, II, XIV, f. 78), e que Estevan de Garibay a seu modo glosou, considerando verosímil que o cognome viesse por alguma grande gorra, bonete, caperuça, o sombrero, que de ordinario usaria, porque aun de bonetes y sombreros grandes, y ropas largas, especialmente de capuzes cerrados, usan hasta nuestros tiempos en la corte d'estos reynos con muchas votas de cordoban, las quales los gentiles hombres y galanes precian por gala traer arrugadas, deziendo el traer estiradas,

S. P. Aug. in  
*Ep.: Recta  
domus ubi  
vir imperat,  
faemina  
obtemperat.*<sup>671</sup>

Barros; Couto<sup>672</sup>

Lamprid. in *vita  
Severi*

Depois que tomou o governo do Reino, caiu na miséria em que muitos príncipes tem caído, que é o mais infelice estado a que poderão chegar, que é governar-se por privados, peste que tanto dano tem feito no mundo, porque com título de o mandar El Rei, executam suas tiranias, aquirem riquezas que em breve tempo o diabo lhe leva, sendo assi que o pobre Rei cativo, da menor parte das cousas não sabe parte; desta sorte lemos que estavam os Reis de Ormuz, e de Cambaia. Ah infelicidade grande. E este nosso miserável Rei assi vivia cativo sem livre alvedrio, governado por privados desumanos e infiéis, sendo assi que como diz Lamprídio, melhor ser o Rei mau, e preverso, que ter maus, e prevessos Conselheiros<sup>673</sup>. Assi é este nosso miserável Rei, que se dexa governar por gente desalmada, e ouve de melhor mente os conselhos perdidos que os justos e santos. Ó miséria grande, e grandes pecados de um Reino. Casou-se El Rei D. Sancho com ãa fidalga chamada D. Mícia Lopes, muito inferior a ele e sobretudoo já entrada nos dias, e estéril. Ela governava ou por melhor dizer desgovernava.<sup>674</sup> (304v)//

---

*no ser de fidalgos.* (Los XL Libros d'el Compendio Historial, 1571, XXXIV, XVIII, p. 802). Na *Crónica de Portugal de 1419*, apenas era dito: «não achamos em nênhũas delas [estórias] a razão por que lhe este nome foy posto» (1998, p. 119). Quanto a Cristóvão Rodrigues Acenheiro, ao tratar de «Dom Sancho dito Capello», não levanta sequer esta questão (*Chronicas*, 1824, p. 67), e o mesmo se observava na *Crónica Geral de Espanha* (2009, IV, p. 238).

<sup>671</sup> O passo encontra-se no Comentário ao Evangelho segundo S. João. Associando a mulher à carne e o homem ao espírito, Agostinho escreve: *Ponitur ergo caro pro uxore, quomodo et aliquando spiritus pro marito. Quare? Quia ille regit, haec regitur: ille imperare debet, ista seruire. Nam ubi caro imperat, et spiritus seruit, peruersa domus est. Quid peius domo, ubi femina habet imperium super uirum? Recta autem domus, ubi uir imperat, femina obtemperat. Rectus ergo ipse homo, ubi spiritus imperat, caro seruit.* (*Sancti Aurelii Augustini in Iohannis Evangelium*, 1954, II, 14, p. 18).

<sup>672</sup> Na *Decada Segunda da Asia*, bem como na *Decada Terceira*, João de Barros caracteriza a situação do jovem rei de Ormuz enfatizando a sua dependência de conselheiros fraudulentos, que o roubavam e deixavam que outros o roubassem também: «por o Rei ser moço e quasi ãa estátua sem ter eleição de querer.» (*Decada Segunda*, 1628, II, II, f. 27v); «el Rei havia o menos, por ser homem que no governo era ãa estátua.» (*Decada Terceira*, 1628, VII, II, f. 174). Diogo do Couto, na *Decada Setima* (1616, III, II, f. 48v), conta que o rei de Cambaia, ainda «menino», sofria pressões constantes dos seus regedores, «porque andavam estes tiranos com o pobre Rei moço, dando-lhe xaque de um pera outro, porque o que tinha em seu poder, esse governava tudo [...]».

<sup>673</sup> V. nota 234 (Canto I).

<sup>674</sup> Se no que diz respeito à «maldade de seus conselheiros e privados», ao casamento infrutífero com D. Mécia e ao poder que esta exerceu («mandava tudo»), D. Marcos está em sintonia com o relato de Duarte Nunes de Leão na «Chronica del Rei Dom Sancho o II. E dos Reis de Portugal o III» (v. *Primeira Parte das Chronicas dos Reis de Portugal*, 1600, fls. 71- 72), já no que concerne a idade e o estatuto social de D. Mécia («ãa viúva muito moça, fermosa e de grande linhagem», segundo Duarte Nunes), diverge radicalmente. Tão-pouco coincide com Rui de Pina, que, sem prescindir de um tom crítico (o casamento de D. Sancho teria sido «muito contra sua honra, e com grande escandalo, e nojo dos do Regno» – *Crónicas*, 1977, p. 132), caracteriza D. Mécia como «Dona fermosa, e viuua, filha de Dom Lopo, senhor de Biscaya» (p. 132). D. Marcos parece mais próximo da *Crónica de Portugal de 1419*, onde não há nenhuma menção à «fermosura» de D. Mécia e se regista a reacção escandalizada dos «povos», que estranharam a escolha do rei, «por ser ligua de tam baixo lugar segundo o que pertemça a seu estado» (1998, p. 119) – versão polida nos *Elogios dos Reis de Portugal*, de fr. Bernardo de Brito, para quem «Era dona Mécia moça na idade, e de grande fermosura, mas menos na geração (posto que mui nobre) do que pediam as esperanças

O Reino de Portugal andava mui mimoso dos seus Reis passados, cujo governo fora mui justo e brando, e vendo-se tratar com as asperezas que os privados del Rei com eles usavam pediram outro Rei, a cujos brados os Prelados do Reino acudiram, e dentre todos se elegeram o Arcebispo de Braga D. João, e o Bispo de Coimbra D. Turíbio, outros lhe chamam Tibúrcio<sup>675</sup>, os quais foram ao Concílio que em França se celebrava, onde falaram ao Papa Inocência dando-lhe conta das tiranias e sem-justiças que no Reino havia, e o Santo Padre os mandou dizendo que ele proveria o Reino de Regente. E que os mesmos Portugueses o elegessem, contanto que fosse Português e da Casa Real. E logo elegeram a Dom Afonso irmão del Rei D. Sancho, que então era conde de Bolonha em França por razão de sua mulher Matildes. El ordenou mais o Papa que o Rei D. Sancho desposto<sup>676</sup> do governo, fosse tratado com toda a autoridade e respeito, como Rei que era. Foi logo chamado D. Afonso, o qual vindo deixou em França sua mulher Matildes, porque se não atreveu a trazê-la a este Reino por ser velha e estéril. Chegaram estas novas e cartas do Papa a El Rei Dom Sancho, o qual persuadido dos maus conselheiros não quis obedecer, antes se foi a Castela ter com seu primo El Rei D. Fernando pedir-lhe que o socorresse. Algũas Cidades de<sup>II</sup> Portugal, e entre todas Coimbra, com justo título chamada Sempre Leal, antes queriam sofrer trabalhos com o seu Rei natural, que vê-lo privado do governo e posto em tantas angústias, e assi resistiram ao Conde de Bolonha até que souberam que era morto El Rei D. Sancho.<sup>677</sup>

---

<sup>I</sup> No ms.: «Eŕ ordenou»...

<sup>II</sup> No ms.: «Alguãs Cidades \*de\* Portugal»...

---

dos Portugueses, havendo de por meo ser já viúva de dom Álvaro Pirez de Castro, homem nobre e descendente de Reis, mas todavia mui desigual pera lhe suceder no matrimónio um Rei, que entre os de Espanha era grande naquele tempo: e assim foi a Rainha mal recebida no Reino de toda a outra gente que não foram os autores do casamento, a quem ela em reconhecimento deste beneficio consintia tiranizarem o Povo em público e secreto [...]» (1603, p. 24).

<sup>675</sup> Tibúrcio ou Tiburço é o nome que figura na *Crónica Geral de Espanha de 1344* (IV, p. 239), na *Crónica* de Rui de Pina (1977, p. 136), nas *Chronicas* de Cristóvão Rodrigues Acenheiro (1824, p. 68), nos *Dialogos de Varia Historia* (1597, II, XIV, f. 79), na *Primeira Parte das Chronicas dos Reis de Portugal* (1600, f. 73) e na *Quarta Parte da Monarchia Lusitana*, de frei António Brandão (1632, f. 155v). Na *Crónica de Portugal de 1419*, é «dom Tiberyo» (1998, p. 125). Bernardo de Brito, nos *Elogios dos Reis de Portugal*, fala apenas em «muitos prelados do Reyno» (1603, pp. 25-26). Talvez a forma «Turíbio», apontada por D. Marcos, resulte de uma cópia distorcida ou de uma leitura errada de «Tiberyo».

<sup>676</sup> Leia-se «deposto».

<sup>677</sup> Também neste ponto D. Marcos reitera informação coincidente com a que fr. Bernardo de Brito apresenta nos *Elogios dos Reis de Portugal*: «Houve neste tempo grandes finezas de lealdade em senhores Portugueses sobre manterem fé a seu Rei natural, em particular nos Alcaides de Coimbra e Celorico da Beira, que enquanto durou a vida a el Rei D. Sancho permaneceram constantes em seu serviço, sem promessas nem combates lhe abaterem a lealdade do ânimo.» (1603, pp. 26-27). Na tradição cronística, circulava com destaque a história de Martim de Freitas, o alcaide de Coimbra, que se recusara sob graves pressões a ceder a cidade a D. Afonso, e que, sabendo da morte de D. Sancho, teria ido a Toledo para simbolicamente entregar ao rei, no seu sepulcro, as

94<sup>I</sup>  
Afonso 3.º

Por esta causa o Reino governou  
o Conde Bolonhês, depois<sup>678</sup> alçado (305)//  
por Rei quando da vida se apartou  
seu Irmão Sancho sempre ao ócio dado.  
Este que Afonso o Bravo se chamou  
depois<sup>679</sup> de ter o Reino segurado  
em dilatá-lo cuida, que em terreno  
não cabe o altivo peito tão pequeno.

A Rainha de França Dona Branca<sup>II</sup>, mãe de S. Luís e Irmã da Rainha de Portugal D. Urraca, querendo ter no seu Reino alguém que dela se doesse e a socorresse em suas necessidades, se nelas se visse, tratou de casar em França seu sobrinho o Infante D. Afonso com ãa Senhora chamada Matilde, Condessa proprietária do Condado de Bolonha. Era esta Senhora viúva de Felipe o crespo, filho de Felipe Augusto Rei de França. Estando D. Afonso casado com a Condessa, foi chamado pera governar este Reino, e como já dissemos, veio ele e deixou<sup>III</sup> lá a Condessa sua mulher, não se atrevendo a trazê-la a este Reino por sua idade e esterilidade<sup>680</sup>. E estando cá, sendo ainda a Condessa sua mulher viva, tratou de se casar com a Infanta Dona Brites, filha del Rei de Castela Dom Afonso o Sábio, mui

---

<sup>I</sup> No ms., foi inicialmente escrito «74». Por transformação do primeiro algarismo, passou a ler-se «94». D. Marcos esquece aqui as duas oitavas seguintes. Adiante, copia-as e comenta-as, justificando a falta com «descuido».

<sup>II</sup> No ms.: «A Rainha \*deFrança\* Dona Branca Rainhadefrança mãideS. Luis»...

<sup>III</sup> No ms.: «edeixo la»...

---

chaves que dele havia recebido. Num registro mais ou menos dramático, o caso é narrado na *Crónica de Portugal de 1419* (1998, pp. 136-141), nas *Crónicas* de Rui de Pina (1977, pp. 145-150), nas *Chronicas* de Cristóvão Rodrigues Acenheiro (1824, pp. 71-72), na *Primeira Parte das Chronicas* de Duarte Nunes de Leão (1600, fls. 77v-79) e na *Qvarta Parte da Monarchia Lusitana* de frei António Brandão («Dos cercos de Óbidos, Celorico e Coimbra pelo Infante D. Afonso, com exemplos da fidelidade Portuguesa» – 1632, XIV, XXX, fls. 162v-165). D. Marcos, porém, não retoma este *exemplum*.

<sup>678</sup> Em 1572, bem como em 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1626, 1631 e 1633: «despois». Em 1613, «depois».

<sup>679</sup> Em 1572, bem como em 1584, 1591, 1597, 1609, 1612: «Despois». Em 1613, «Depois». Em 1626, 1631 e 1633, «E dès que».

<sup>680</sup> D. Marcos tem em conta os argumentos de Duarte Nunes de Leão, que na *Primeira Parte das Chronicas de Portugal* (1600, fls. 94-95v) se demora a justificar a bigamia de D. Afonso III: o seu casamento com D. Brites não teria tido origem no desejo de mais terras ou mais estado (versão proposta na *Crónica de Portugal de 1419* – 1998, p. 143 –, bem como nas *Crónicas* de Rui de Pina – 1977, p. 171), mas sim na vontade de assegurar descendência, propósito que «a idade e esterilidade» (1600, f. 95) de Matilde de Bolonha tornariam impossível.

conhecido por a sua matemática. Este Rei casou sua filha<sup>1</sup>, a quem queria muito, com El Rei de Portugal, pelo desejo que tinha de a ver Rainha. Este casamento reprovou o Papa, julgando-o por nulo e pondo Interdito ambulatório neste Reino onde quer que El Rei e a Rainha estivessem<sup>681</sup>, o qual durou até que Deus levou a Condessa pera si, e com sua morte cessaram todas as inquietações deste Reino.

95<sup>II</sup>

Da terra dos Algarves que lhe fora  
em casamento dada grande parte, (305v)//  
recupera c’o braço, e deita fora  
o Mouro malquerido já de Marte.  
Este de todo fez livre e senhora  
Lusitânia, com força, e bélica arte,  
e acabou de oprimir a nação forte  
na terra que aos de Luso coube em sorte.

Dera El Rei D. Afonso em casamento com sua filha a El Rei de Portugal a conquista do Algarve, com condição que fosse às cortes de Castela, a qual condição o mesmo Rei lhe levantou, e foi desta sorte<sup>682</sup>. O Príncipe Dom Dinis, filho

---

<sup>1</sup> No ms.: «casou esta sua filha»...

<sup>II</sup> No ms., foi inicialmente escrito «75». Por transformação do primeiro algarismo, passou a ler-se «95».

---

<sup>681</sup> Também frei Bernardo de Brito, nos *Elogios dos Reis de Portugal*, diz que o Papa, vendo por cumprir o breve em que admoestava D. Afonso a «fazer vida com sua legítima mulher», «pôs interdito de ambulatório em todos os lugares onde el Rei se achasse, que durou até a morte da Condessa Matilde [...]» (1603, p. 30).

<sup>682</sup> Esteban de Garibay narra assim este episódio: *Quando el Rey Don Alonso se vió libre de la primera muger, ya que era el infante Don Dionysio su hijo y eredero de ocho años, le embió el Rey su padre con grande acompañamiento de fidalgos y otras gentes a la ciudad de Seuilla al Rey Don Alonso su aguelo, que en Andaluzia estaua, haziendo guerra a los Moros, a suplicar le, alçasse el tributo y subjecion, que los Reyes de Portugal deuian a los de Leon. Movióse a esto el Rey Don Alonso, assi por cognoscer, que el Rey Don Alonso su suegro, aguelo d’el infante, era Principe liberal, como por creer, que no denegaria la merced al infante su nieto. Conta ainda Garibay que embora D. Afonso tivesse de imediato decidido satisfazer este pedido, por ser negocio arduo, quisó para mas auctoridad suya, consultar lo con los grandes, que en Seuilla se hallauan. A releuacion d’el tributo y vassallaje suscitou desagrado aos grandes de Castilla, mas seria D. Nuno de Lara a ousar manifestá-lo, sem vergar perante a indignação do rei. Por fim, el Rey Don Alonso otorgó al infante Don Dionysio, lo que pidió, quedando libre el reyno de Portugal d’el reconocimiento y subjecion antigua, que deuia al reyno de Leon, a cabo de ciento y setenta y nueue años, poco mas o menos, que d’el reyno de Leon se auia desmembrado Portugal en el tiempo d’el conde Don Henrique [...]. (Los XL Libros d’el Compendio Historial, 1571, XXXIV, XXI, p. 808). D. Marcos contraria a versão do cronista espanhol, seguindo Duarte Nunes de Leão, que preferia afirmar: «Esta ida do Infante Dom Dinis a Castela e o relevamento que lhe seu avô fez, contam os cronistas castelhanos de outra maneira e fora da verdade, porque afirmam que o Infante foi pedir a seu avô o relevamento e quitação da obrigação antiga em que dizem que estava o condado de Portugal, quando se deu em dote ao Conde Dom Henrique, de servir com trezentas lanças a el Rei de Leão, e de ir a suas cortes*

Mentiu Garibay  
more suo, o  
qual diz que El  
Rei D. Sancho  
Capelo, fugindo  
pera Castela, El  
Rei seu primo  
D. Afonso o  
quisera vir  
ajudar e que  
o Conde de  
Bolonha lhe  
mandara dizer  
que se faria  
seu vassalo  
contanto que  
não socorresse  
ao Irmão, e que  
ele aceitara a  
palavra, sendo  
falso, porque  
só lhe outrogou  
que iria às suas  
Cortes se lhe  
desse o Reino  
dos Algarves  
como deu, mas  
nunca lá foi.

del Rei D. Afonso, foi um dia de festa bejar a mão a El Rei de Castela seu avô, o qual como lhe queria muito, lhe mandou pedir mercês. O menino industriado lhe pediu que isentasse Portugal de todo de Castela, e ele lho concedeu. E esta foi ãa das culpas que os Castelhanos lhe deram, quando o não quiseram admitir no seu Reino, tornando ele, donde fora chamado pera ser Emperador. Estando pois El Rei de Portugal com o título do Algarve junto ao do seu Reino, tratou de o despejar dos Mouros como fez, com o favor do grande Dom Paio Correa Portu- guês, que andava em serviço dos Reis de Castela, e lhe ajudou a tomar Córdoba e Sevilha; pelo qual serviço os ditos Reis lhe deram o Mestrado de Santiago, do qual adiante falaremos.

Esta[s]<sup>I</sup> duas Oitavas seguintes são as 72 e 73, que por descuido ficaram.

72<sup>II</sup>

Não era Sancho, não, tão desonesto  
como Nero, que um moço recebia  
por mulher, e depois<sup>683</sup> horrendo incesto  
com a mãe Agripina cometia,  
nem tão cruel às gentes, e molesto,  
que a Cidade queimasse onde vivia, (306)//  
nem tão mau como foi Hélio Gabalo  
nem como o mole Rei Sardanapalo.

Disculpa as culpas e erros del Rei D. Sancho, com comperaço de três<sup>III</sup> Prín- cipes tiranos, Nero, Hélio Gábalo e Sardanapalo, dizendo que não foi tal como nenhum destes.

Nero.

Foi este monstro filho, neto, bisneto e tresneto de quatro Domícios, a qual pior, ainda que seu visavô Domício não foi tão pestilencial como os outros. Quando nasceu, dando os parabéns a seu pai do filho nacido, disse: «Não me deis parabéns, que de mim e de Agripina não pode sair cousa boa»<sup>684</sup>. No princípio

Suetonius, in  
*Vita Neronis*

<sup>I</sup> No ms.: «Estaduas Oitavas»...

<sup>II</sup> No ms., foi escrito primeiro o número «72». Sobre o «7» foi grafado «9».

<sup>III</sup> No ms., sobre «dous» foi grafado, como emenda, «tres».

quando fosse chamado» (*Primeira Parte das Chronicas*, 1600, f. 105). Para Nunes de Leão (como já antes para Rui de Pina – *Crônicas*, 1977, pp. 199-200), nada disso era verdade, e se alguma isenção D. Dinis impetrara, seria de «cinquenta lanças por o reino do Algarve» (1600, f. 105v).

<sup>683</sup> Em 1572, bem como em 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1626, 1631 e 1633: «depois». Em 1613, «depois».

<sup>684</sup> D. Marcos segue a *Vida* de Nero narrada por Suetônio (*De Vita Caesarum*, VI), tentando, por um lado, evidenciar a disforia que marca o retrato do imperador, e, por outro, reduzir o número

do governo que sua mãe por más artes lhe aquiriu, era mui humano, e tanto que sendo-lhe forçado dar sentença de morte contra um condenado, disse aos circunstantes: «Quanto melhor fora não ter aprendido<sup>I</sup> Letras que sabê-las pera matar homens.» Foi logo mostrando quem era, fazendo monstruosidades, de tiranias, baxezas, covardias, doudices, e feitos de homem que trazia o diabo no corpo e na alma. Por ùa parte roubava, per outra destruía (como inda hoje fazem alguns tais como Nero). Além de cometer incesto (que quer dizer pecado, com pessoa, com a qual se não podia contrair legítimo matrimónio) com sua própria mãe<sup>II</sup>, tomou um pobre dum moço chamado Esporo e mandou-o castrar e vestir de mulher, e recebeu-o com seu dote como se fora mulher, e muito enfeitado nũa cadeira o trazia à vista por toda a Cidade. Governava-se por outros tais como ele, e bom conselho nunca o admitiu. Não lhe ficou Matrona, nem donzela que não violasse, e até as Virgens Vestais, cousa tão Religiosa, afrontou e forçou. Assi como casou com Esporo, assi se deu por mulher a um liberto chamado Doriforo. Não perdeu a fazenda de ninguém, até no sagrado meteu a mão fazendo mil sacrilégios. Mandou pôr o fogo à Roma, e pôs-se da torre de Trapeia a vê-la arder, com desejo de ver (306v)// a representação de Tróia queimada. Não faltaram pasquins que lhe puseram, em que notavam sua má vida, e de cada vez foi pior. O Céu avorrecendo tantas maldades acudiu com seu castigo. Houve peste que num Outono levou 30 mil pessoas. Cada dia lhe tomavam cidades; rebelou França contra ele. Galba levantou-se-lhe com Espanha. Enfim conjuraram contra ele todos e foi-lhe forçado matar-se. Morreu a mais vil e trabalhosa morte que de homem se lê. Isto escrevi mais por extenso do que houvera, porque quem imita este tirano olhe não tenha o fim que ele teve.

Suet. 28.

29

32

39

40

Hélio Gáballo.

Este foi outro tal como Nero. Filho de António Caracala e de Soémides, filha de Mesa, irmã<sup>III</sup> de Júlia, mulher de Severo Emperador<sup>685</sup>. Morto Antonino e Júlia

<sup>I</sup> No ms.: «naõ ter sabido/ aprendido Letras» ...

<sup>II</sup> No ms.: «contrair legítimo matrimonio. \*consua propria mãi\* Tomou»...

<sup>III</sup> No ms.: «ede Soemides irmã/ filha de Mesa me irmã» ...

de pormenores indecorosos. Quando dá voz a personagens, traduz o texto clássico: assim acontece com a resposta de Domicio às felicitações pelo nascimento do filho (*inter gratulationes amicorum negantis quicquam ex se et Agrippina nisi detestabile et malo publico nasci potuisse* – VI, VI, 1) ou com o lamento de Nero na hora de condenar um homem («*Quam vellem*», *inquit*, «*nescire litteras*» – VI, X, 2). Por regra, D. Marcos resume, fixando informação impressiva. Avoluma, no entanto, a violência de Nero contra «cousa tão religiosa», e transforma num plural («Vestais») o que Suetónio regista como um caso singular (*Vestali virgini Rubriae vim intulit* – VI, XXVIII, 1). Ao referir-se ao incêndio de Roma e ao dizer que Nero a ele assistiu do alto da rocha Tarpeia, afasta-se do relato latino, que situa o imperador *e turre Maecenatiana* e o pinta, com vestes de actor, cantando ao som das chamuscas sobre o Saque de Tróia (VI, XXXVIII, 2).

<sup>685</sup> Leia-se, nesta frase: Soémides foi filha de Mesa, que era irmã de Júlia, a qual foi mulher do imperador Severo.

pela facção de Macrino, deram licença a Mesa que com suas filhas e netos que de Caracala houvera se tornasse pera Fenícia sua pátria. Foi-se Mesa de Roma e foi-se morar a Antioquia com suas filhas e netos, e como era muito rica fez sacerdote a seu neto Bassiano, que daqui tomou o nome Heliogábalo, e depois com seus ardis o fez Emperador. E sendo-o fez cousas que não cabem no entendimento dos homens. Pero Mexia as conta por façanha, onde se podem ver<sup>686</sup>. Fez companheiro do Império a seu primo Alexandre, e depois arrependeu-se, e tratava de o matar. Os soldados, que amavam a Alexandre, sabendo isto mataram a Hélio Gábalo e a sua mãe, e atando-lhe ãa corda no pescoço o trouxeram pelas ruas de Roma arrastando. E este fim teve o Emperador de Roma.

### Sardanapalo.

Justinus, lib.  
primo

Este não fazia mal a ninguém positivamente. Era Rei dos Assírios, o último daquela Monarquia. Do qual diz Justino estas cousas<sup>687</sup>: o último Rei dos Sírios foi Sardanapalo, (307)// homem mais afeminado que ãa mulher, pera o ver, cousa que a ninguém se permitia, com grandes peitas foi introduzido Arabato, perfeito dos Medos. Este o achou num estrado, cercado de mulheres, a fiar nãa roca, vestido de mulher, fazendo gestos e meneos cheios de molícia e lacívia, em que levava a ventagem a todas elas, *ect.* Vendo o Capitão isto, saindo fora disse aos príncipes que no paço estavam que não era bem que homens belicosos estivessem sujeitos a um homem que sendo-o se prezava mais do ofício de mulher, e com isto inflamados rebelaram<sup>I</sup> contra Sardanapalo, o qual vendo-se só, e entre tantos perigos, entrou em sua casa real, e ajuntando<sup>II</sup> as cousas mais preciosas que achou se queimou entre elas. Diz Justino que nenhũa cousa fizera este Rei de homem senão esta.<sup>688</sup>

93<sup>III</sup>

Nem era o povo seu tiranizado  
como Sicília foi de seus tiranos,  
nem tinha como Fálaris achado  
género de tormentos inumanos.

<sup>I</sup> No ms.: «inflamados entraraõ cõ impeto rebellaraõ contra Sardanapalo».

<sup>II</sup> No ms.: «ajuntando m<sup>tas</sup> as cousas mais preciosas»...

<sup>III</sup> No ms., foi inicialmente grafado «73». Ao «7» sobrepôs-se um «9».

<sup>686</sup> Na *Historia Imperial y Cesarea*, Pero Mexia enfatiza os *vicios nefandos, y golosinas, y gastos increíbles* como práticas constantes de Heliogábalo (1578, p. 121), e sublinha que a morte do imperador, tão brutal quanto infamante, foi *condigna, y muy conforme ala vida que biuio, con la qual parece que se quita el enojo, que leyendo sus maldades se toma* (p. 121).

<sup>687</sup> V. M. Iuviani *Ivstini Epitoma Historiarum Philippicarum Pompei Trogi*, 1972, I, III, pp. 5-6.

<sup>688</sup> Todo este passo segue de perto, como uma tradução, o texto de Justino, que narra assim a morte de Sardanapalo: *Victus in regiam se recepit, ubi extructa incensaque pyra et se et divitias suas in incendium mittit, hoc solo imitatus virum.* (M. Iuviani *Ivstini Epitoma Historiarum Philippicarum Pompei Trogi*, 1972, I, III, p. 6).

Mas o Reino de altivo, e costumado  
a Senhores em tudo soberanos,  
a Rei não obedece nem consente  
que não for mais que todos excelente.

Dous Dionísios, Pai e filho, ambos filósofos platónicos, e ambos tiranos, sofreu Sicília. O pai deitou os Cartagineses de Sicília, e ultimamente foi lançado fora e morto pelos seus, que não puderam sofrer tantas tiranias. O filho foi ainda pior que seu pai, e por isso foi despojado do Reino, e andando desterrado em Corinto, pobre e miserável, deu em ensinar meninos pera ganhar de comer. Agátocles também tiranizou Sicília. Justino l. 24.<sup>689</sup> (307v)//

Nem tinha como Fálaris achado.

Este tirano foi Rei dos Agrigentinos, fez muitas crueldades, a este inventou Perilo o touro de metal de que pouco há tratámos.<sup>690</sup>

Mas o Reino de altivo *ect.*

Os Reis no tempo das guerras, como tem necessidade dos vassallos tratam-nos com muito favor, e consentem-lhe às vezes desaforos e isenções, mas no tempo da paz apertam mais com eles, fazendo-lhe guardar as suas leis com todo o rigor. El Rei D. Sancho na verdade descuidado era, e os seus privados e da Rainha sua mulher faziam cousas mal feitas, mas piores as vieram outros depois a fazer e não se lhe estranhavam. Alguém há que acudindo por El Rei D. Sancho diz que não foi mole nem descuidado, antes muito esforçado e guerreiro<sup>691</sup>. Mas deve-se notar

---

<sup>689</sup> D. Marcos apresenta uma brevíssima síntese do que Justino conta nos livros XX a XXIII da sua obra (*M. Iuviani Iustini Epitoma Historiarum Philippicarum Pompei Trogi*, 1972, XX-XXIII, pp. 167-192). Significa isso que, por exemplo, omite a extensa descrição do estado de miséria em que teria caído Dionísio (*humillima quaeque tutissima existimans in sordidissimum vitae genus descendit* – p. 176), bem como as considerações sobre a maldade própria dos tiranos.

<sup>690</sup> V. nota 469. Na *Officina* de Ravisius Textor, entre *Cruelissimi Homines*, Fálaris é recordado como *tyrannus Agrigentorum, non contentus exquisitissimis cruciatibus, aeneo usus est tauro, quo miseri mortales inclusi boum mugitus effingerent. Ouid. Ipse Perilleo Phalaris permisit in aere Edere mugitus, & bouis ore queri.* (1560, II, p. 281).

<sup>691</sup> É provável que esta alusão vise o alcobacense frei António Brandão e a *Quarta Parte da Monarchia Lusitana*, que saiu impressa em 1632 mas estava já pronta desde 1630 (a este ano remontam as primeiras licenças). Ali se defendia uma imagem de D. Sancho II diferente daquela que os cronistas vinham de há muito propondo. Apoiado em documentação de cartórios e nas narrativas do Bispo de Tuy, D. Lucas, e do Arcebispo de Toledo, D. Rodrigo – fontes medievais independentes da influência do «sucesso[r] venturoso[os]», D. Afonso III (1632, f. 123v) –, frei António Brandão afirmava que D. Sancho se destacara «assí na paz [...] como na guerra» (115v), e recordava conquistas (Elvas, Juromenha, Serpa) alcançadas em seu reinado e com a sua participação. No capítulo VI («Das primeiras empresas militares del Rei Dom Sancho: dá-se a causa de ficar menos reputado, sendo belicoso»), argumentava: «Bem sei que há-de parecer a muitos cousa nova ocupar a el Rei D. Sancho

que o D. Sancho guerreiro foi o primeiro do nome, e porque na ordem dos Reis era segundo, chama-se D. Sancho segundo. E estoutro de que tratamos é segundo do nome, e quarto na ordem dos Reis. E às vezes se equivocam, por isso é bom governar-se pela ordem dos tempos<sup>I</sup>. Não falta quem diga que não havia esses desaforos no Reino, mas eu vi no cartório do mosteiro de Refóios ãa lembrança que corrobora o que a Crónica diz; e foi, que como em tempo de D. Sancho 2.º houve muito descuido no castigar das culpas, creciam elas muito, e alguns senhores de terras estenderam mais sua jurisdição do que lhe era lícito, e por isso tanto que el Rei D. Afonso teve o Reino, mandou por Antre Dour-a-Minho (e assi o faria nas outras províncias) um corregedor, que visse todas as doações, coutos e isenções de todos os Senhores e Mosteiros, e soubesse ao presente o estado em que estavam e se havia alguém que se queixasse deles, e se achava que alguém passara dos limites do seu direito, castigava-o por isso, ou avisava El Rei. (308)//

Este Corregedor foi ter ao mosteiro de Refóios de Lima e ali viu os privilégios e doações dos Reis passados em que davam àquele mosteiro Jurisdição cível e crime, mas só o caso de morte reservava el Rei<sup>II</sup> pera o seu Almojarife de Valença. Donde se colige que algum desmancho havia no Reino, quando à petição dos povos isto se ordenou. E eu tenho muito bem conhecido, e experimentado, que mais crédito se há-de dar às Crónicas antigas, que às especulações modernas.

El Rei D. Dinis.

96<sup>III</sup>

Eis depois<sup>692</sup> vem Dinis, que bem parece do bravo Afonso estirpe, nobre e dina,

<sup>I</sup> No ms.: «pella ordem dostempos. isto disse porque não faltaquẽ diga»...

<sup>II</sup> No ms.: «so o caso demorte reservava \*elRei\* p.<sup>a</sup> o seu Almojarife»...

<sup>III</sup> No ms., foi inicialmente escrito «76». Por transformação do primeiro algarismo, passou a ler-se «96».

em guerras, vestir-lhe armas, e não hábito religioso, e o que mais é pôr-lhe o elmo na cabeça em lugar do capelo: mas a tudo se dará satisfação com fundamento, com que restituiremos a este Rei o que mereceu justamente. Algũas vezes reparei no modo de escrever dos nossos no tocante a el Rei D. Sancho, e não acabo de me maravilhar das cousas que publicaram, e muito mais das que encobriram, ou ignoraram; porque havendo dele, e de seu tempo, empresas de muito crédito, vitórias insignes, e conquistas de muitas terras, com cuja relação se ficava ilustrando a história e acreditando o Reino, passam estas cousas em silêncio, e só falam das faltas del Rei, e da inabilidade de seu governo, com tão pouco recato, que se arrojam a dizer o que não foi, e exagerar o que sucedeu em parte.» (1632, fls. 123-123v). Outra hipótese, que não exclui a anterior, é que D. Marcos conhecesse a obra de Manuel de Faria e Sousa, *Epitome de las Historias Portuguesas* (1628): muito mais discretamente do que frei António Brandão (embora reclame, nos comentários aos *Lusiadas*, ter antecipado *casi lo mismo que el dize* – 1639, t. II, col. 127), Faria e Sousa não deixara de lembrar que D. Sancho *Resistio el cerco que por mar i tierra pusieron a la villa de Alcacer los barbaros del Algarve, que despues de muchas muertes i daños pidieron tregua. Assi en esta ocasion, como en todo el tiempo que reinò, conservò enteramente sus Estados, como ya el Emperador Claudio Primero, que si a la posteridad dexò exemplo de descuido (moderacion deve llamarse) no acrecentando mucho su Imperio, no lo dexò diminuido en cosa alguna.* (1628, p. 389).

<sup>692</sup> Em 1572, bem como em 1584, 1591, 1609, 1626, 1631 e 1633: «depois». Em 1597, 1612, 1613: «depois».

com quem a fama grande se escurece  
da liberalidade Alexandrina.  
Co' este o Reino próspero florece  
(alcançada já a paz áurea divina)  
em constituições, Leis, e costumes,  
na terra já tranquila claros lumes.

Por morte del Rei Dom Afonso, foi levantado por Rei Dom Dinis seu filho, de idade de 17 anos. Teve no princípio alguns desgostos com sua mãe a Rainha D. Brites, sobre o governo, que duraram pouco. Foi casado com Dona Isabel, filha del Rei Dom Pedro 3.º de Aragão, mulher santa, e por tal canonizada<sup>693</sup>, a qual mandou Deus a este reino pera pôr pazes entre os discordes, ofício que ela exercitou toda sua vida. Entre os Reis de Castela e Aragão, e o Infante D. Afonso de Lacerda houve neste tempo muitas desavenças, tudo sobre direito que cada um queria ter em certas (308v)// terras. E per ordem do papa Benedito 11, e consentimento das partes, foi eleito El Rei Dom Dinis por Juiz árbitro, o qual sobre isso foi a Castela, e os deixou concertados<sup>694</sup>. Aqui fez El Rei D. Dinis larguíssimas mercês, e ultimamente entrou onde ele estava comendo um fidalgo castelhano pobre, e disse que só ele não participara da liberalidade de Sua Alteza. El Rei lhe deu a mesa em que comia, que era de prata, dizendo<sup>1</sup> que lhe perdoasse, que não lhe ficara outra cousa que poder dar<sup>695</sup>. Gozou de muita paz, e com ela as prosperidades de que as guerras carecem. Fez ordenações pera bom governo do seu Reino.

---

<sup>1</sup> No ms.: «dizendo lhe q̄ lheperdoasse»...

---

<sup>693</sup> Beatificada em 1516, no tempo do Papa Leão X, D. Isabel foi canonizada em 1625, sob o Pontificado de Urbano VIII.

<sup>694</sup> D. Marcos segue especialmente, neste lugar, a versão de Pedro de Mariz, nos *Dialogos de Varia Historia* (III, I, 88v), e a de Duarte Nunes de Leão. Duarte Nunes (na esteira de Rui de Pina – v. *Crónicas*, 1977, pp. 257-258), além de lembrar a intervenção do Papa e a sua recomendação para que os reis desavindos «se louvassem em algum bom juiz que entre eles fizesse amizade», identifica o Pontífice («Benedito XI»), e escreve: «Os Reis de Castela e Aragão e Dom Afonso de Lacerda obedecendo ao Santo Padre se acordaram, e lhe mandaram dizer, que entre eles não podia haver melhor juiz que el Rei Dom Dinis.» (*Primeira Parte das Chronicas dos Reis de Portugal*, 1600, f. 116v).

<sup>695</sup> Rui de Pina recorda a «generosa liberalidade» do rei, juntando também uma versão desta história: «E no cabo destas repartiçoens se acha, que huum Cavalleyro honrado, que era presente de que por ventura a nobreza delRey D. Diniz se esquecera, se aggravou ha elle em pessoa com palavras, que pareciam de fidalguia, estando ElRey comendo em huã meza de prata, que comsigo trazia, ElRey com ho rostro muy alegre lha mãdou logo dar, porque era jaa ha peça menos principal de seu tezouro, que lhe ficara.» (*Crónicas*, 1977, p. 263). A versão de D. Marcos, porém, está mais próxima da que se encontra no texto de Pedro de Mariz: «era naquelas partes sua nobreza e liberalidade tão conhecida, que deu ousadia a um cavaleiro castelhano (de quem a nobreza d'el Rei porventura se esquecera) que estando ele um dia comendo, lhe dissesse, que nenhũa de quantas mercês a todos fazia chegara a ele. Ao que el Rei respondendo com alegre rosto, que lhe pesava muito, lhe mandou dar a mesma mesa em que estava comendo, que era toda de prata, e a última peça que de seu tesouro inda em seu poder estava. (*Dialogos de Varia Historia*, 1597-1599, III, I, f. 89).

Era mui amigo dos lavradores, e chamava-lhe nervos da República<sup>696</sup>. E como era prudente, deu muito, e nunca lhe faltou nada, antes sendo liberalíssimo deixou a seu filho grandíssimos tesouros<sup>697</sup>. E pera que em seu Reino não florescessem menos as letras que as armas, mandou vir mestres de fora, e fez Universidade na Cidade de Coimbra, em tempo que a memória das Letras de todo em Hespanha estava extinta. Esta Universidade tresladou pera Lisboa seu filho El Rei D. Afonso 4.<sup>o</sup>; e depois tornou a seu próprio assento, que é Coimbra, domicílio das Musas, em tempo del Rei D. João 3.<sup>o</sup>.

97<sup>II</sup>

Fez primeiro em Coimbra exercitar-se  
o valeroso ofício de Minerva,  
e de Helicon a Musas fez passar-se  
a pisar do<sup>698</sup> Mondego a fértil erva.  
Quanto pode de Atenas desejar-se,  
tudo o soberbo Apolo aqui reserva,  
aqui as capelas dá tecidas de ouro,  
do Báculo, e do sempre verde louro.

Os antigos nas suas fábulas disseram que Vulcano, com ãa machadinha de diamante, dera um golpe na cabeça de Júpiter, e dela saiu Minerva, Deusa da Sabedoria. Per Vul(309)//cano, entendiam o trabalho corporal que se toma pera alcançar

Cartarius, *De  
imaginibus  
Deorum*<sup>699</sup>

<sup>I</sup> No ms., «D. Afonso 3.<sup>o</sup>» passou a ser, por sobreposição do algarismo, «4.<sup>o</sup>».

<sup>II</sup> No ms., foi inicialmente escrito «77». Por transformação do primeiro algarismo, passou a ler-se «97».

<sup>696</sup> Entre os muitos elogios feitos a D. Dinis nos *Dialogos de Varia Historia*, lê-se: «Foi também muito dado a cultivar, e aproveitar a terra, cujos lavradores costumava chamar nervos da república, per cujas mãos, sem opressão de seus vassallos, se fez senhor de grandíssimos tesouros, e a eles de muita fazenda.» (1597-1599, III, I, f. 87). Duarte Nunes de Leão, na *Genealogia Verdadera de los Reyes de Portugal*, salientou: *Tuuo gran cuidado de la agricultura, y llamaua a los labradores neruios de la republica*. (1608, f. 30v). Rui de Pina, nas *Crónicas*, usara a expressão «nervos da terra, e do Reyno» (1977, p. 222).

<sup>697</sup> D. Marcos parece ter presente o que Frei Bernardo de Brito havia escrito nos *Elogios dos Reis de Portugal*: «E com ser liberalíssimo, e gastar tanto em obras, deixou ao tempo de sua morte um tisouro grandíssimo.» (1603, p. 37).

<sup>698</sup> Em 1572, bem como em 1584, 1597, 1609, 1612, 1626, 1631 e 1633: «de Mondego». Em 1591, por gralha, «de Mondago». Em 1613, «do Mondego».

<sup>699</sup> Na obra de Vincenzo Cartari, o capítulo dedicado a *Minerva* contém uma gravura que mostra Vulcano, de machado em punho, junto de Júpiter, sobre cuja cabeça se vê já, como se daí tivesse acabado de emergir, a figurinha de Minerva. O texto explica: *Dicebatur etiam olim Minerua ex Iouis capite exstitisse; [...] nam Vulcanus adamantina securi Iouis caput scindebat, ex quo Minerua absque matris opera emergebat (Imagines Deorum, 1581, p. 240)*. Apesar de o título indicado em nota marginal sugerir a consulta do livro de um outro autor – *Albrici Philosophi De Deorum Imaginibus Libellus*, onde também se descreve a imagem típica de Minerva (1599, pp. 316-317) –, é no texto de Cartari que D. Marcos se apoia.

cousas espirituais, e a indústria que se aplica pera este fim. E pela machadinha de diamante, pedra duríssima, a continuação e perseverança no mesmo trabalho, dando nisto a entender que até as cousas meramente espirituais e especulativas pendiam do trabalho exterior e indústria com que o estudo se seguia; e por isso, se por ãa parte pintavam a Deusa Palas ou Minerva como donzela pacífica, também lhe atribuíam armas, no sexo femenino, representando a quietação e recolhimento que pera as Letras se requeria; e nas armas a pouca molícia e brandura com que se haviam de tratar os que quisessem alcançar o fim de seu estudo, de sorte que queriam que o letrado e Estudante fosse um homem que na paz, e sem guerra, exercitasse o ofício do soldado. Donde Métrocles<sup>701</sup>, como diz Laércio, dizia, que as cousas alheas com dinheiro se compravam e se faziam próprias, *v.g.* o comer e o vestir; porém as Ciências que se não davam senão por muito estudo e trabalho-sa diligência. E nosso P.<sup>o</sup> Hugo de S. Vítor traz uns versos que deu um sábio por reposta a quem lhe perguntou o modo com que se havia de aprender, e são estes:

O saber  
conquista-se.  
*Non iacet in  
molli veneranda  
scientia lecto.*<sup>700</sup>

Laertius, l. 6,  
cap. 6

lib. 3.  
*Didascalie.*

*Mens humilis, studium quaerendi, vita quieta  
Scrutinium tacitum, paupertas terra remota  
Haec reserare solent multis obscura legendo.*<sup>702</sup>

Nos quais versos vemos o retrato de Minerva armada,<sup>I</sup> humilde e quieta, calada, recolhida, solícita, pobre, e desterrada. As primeiras quatro qualidades pertencem ao sexo quieto<sup>II</sup>, as três últimas às armas trabalhosas. Esta é a causa por que o nosso Poeta diz que El Rei D. Dinis fez exercitar-se o valeroso ofício de Minerva, chamando valeroso, epíteto próprio das armas, ao ofício das Letras, sinificadas

<sup>I</sup> No ms.: «Minerva armada, **porhuã parte** humilde equieta»...

<sup>II</sup> No ms.: «pertencem ao sexo \*quieto\* as»...

<sup>700</sup> A frase, de paternidade incerta, é muito comum e pode encontrar-se aplicada em lugares numerosos. Sinal dessa vulgarização e da correlata diluição de um sentido de autoria, observa-se numa obra como *Refranes o Proverbios Castellanos traduzidos en lengua Francesa. Proverbes Espagnols Traduits en François. Par Cesar Oudin* (1659, p. 293): *Quien mucho duerme, poco aprende. Qui beaucoup dort, peu apprend. Non iacet in molli veneranda scientia lecto.*

<sup>701</sup> No capítulo dedicado a *Metrocles*, nas *Vitæ Philosophorum* (tradução do texto grego de Diógenes Laércio), lê-se a frase que D. Marcos traduz com liberdade, de modo a enfatizar o valor do trabalho: *Res docebat partim emi pecunia, vt domum, partim tempore & diligentia, vt disciplina liberales. Divitias nocere nisi quis dignè utatur.* (1596, p. 297).

<sup>702</sup> Hugo de S. Victor (c. 1096-1141), influente teólogo de matriz agostiniana, provavelmente nascido na Saxónia mas educado em França, activo num denso contexto espiritual e religioso, foi autor, entre outras obras, do enciclopédico *Didascalon*, onde, na esteira do exemplo de Cassiodoro, Santo Isidoro de Sevilha ou Rábano Mauro, pretendia reunir matéria relevante e oferecer preparação para o estudo das Escrituras. Os versos sentenciosos que D. Marcos cita encontram-se, numa lição em alguns pontos distinta, no cap. XIII – *De disciplina* – do livro III (1506, f. 127v). No texto de Hugo de S. Victor lê-se *aliena*, e não *remota*; *nonnulla obscura legenti*, e não *multis obscura legendo*.

em Minerva. E daqui crêo que naceu pintarem os antigos ao seu valeroso Hércules no mesmo altar com as Musas. (309v)//

Paz áurea divina.

Bapt. Mant., *De Pace*

Cicer. in *Phili.*

Dizendo o nosso Poeta que o Reino de Portugal em tempo del Rei D. Dinis esteve em paz, disse tudo o que se pudera dizer acerca da prosperidade e boa fortuna do mesmo Reino. Por isso chama à paz divina, porque Deus a amou tanto que até ao Céu a bem-aventurança chamou Hierusalém, que quer dizer visão de paz, e sem paz não quer dos homens cousa alguma. Baptista Mantuano: *Nil placidum est sine pace Deo, nec munus ad aram*<sup>704</sup>. Andreliño: *Tranquillum est summi pax opus alma Dei*<sup>705</sup>. É cousa tão doce este nome de paz que todas as cousas boas se chegam de boa mente onde há paz, *Nomen pacis dulce est, et ipsa Res Salutaris. Pax est tranquilla libertas*<sup>706</sup>, disse Cícero chorando pela quietação da República, porque assi como a guerra é um mal necessário, assi a paz é um bem que não se escusa. E se a guerra algũa escusa tem, é por se buscar com ela paz. Baptista Mantuano o disse:

*Pax plenum virtutis opus, pax summa laborum,  
Pax belli exacti pretium est, pretiumque pericli.*<sup>707</sup>

Muito devem a seu Rei os vassallos, quando ele os conservou em paz, e prudente é o Rei que quanto pode conserva a paz. E mui mal aconselhado é o Príncipe

---

<sup>1</sup> No ms.: «in Apoteg».

---

<sup>703</sup> D. Marcos procura responder à pergunta que Plutarco lança num dos *Problemata* (59): *Quid est, quòd Herculi ac Musis communem aram statuerunt?* (*Plutarchi Chæronei [...] Opera Moralia*, 1541, f. 95v). No texto de Plutarco, explica-se que se um mesmo altar era dedicado ao culto de Hércules e das Musas, era porque o herói havia ensinado o uso das letras ao povo de Evandro – uma acção nobre, feita por generosidade e alheia a qualquer retribuição material.

<sup>704</sup> O verso faz parte da *Psychomachia* (v. 772) de Prudêncio. O erro de D. Marcos, ao julgá-lo texto de Baptista Mantuano, terá origem na *Polyanthea Nova*, onde, atribuído a *Bapt. Mantuan. de pace*, o verso figura sob o título *Pax* (1607, p. 871). Na edição de referência da obra de Prudêncio (*Avrelii Prudentii Clementis Carmina*, 1966, p. 176): *Nil placitum sine pace deo. Non munus ad aram.*

<sup>705</sup> D. Marcos cita um dístico intitulado *Pax: Securis placida mundus sub pace quiescit / Tranquillum est summi pax opus alma dei.* (*P. Fausti Aegloga moralissima. Eiusdem. Hecatodistichon* (1513, s/f). Provavelmente, a sua fonte é a *Polyanthea Nova*, onde, a respeito de *Pax*, este texto também é lembrado (1607, p. 871).

<sup>706</sup> Marcus Tullius Cicero, *Oratio Philippica Secunda*, XLIV, 113. Este passo figura na *Polyanthea Nova*, sob o título *Pax* (1607, p. 871). Na edição de referência da *Oratio: Et nomen pacis dulce est et ipsa res salutaris, sed inter pacem et servitutum plurimum interest. Pax est tranquilla libertas...*

<sup>707</sup> Os versos fazem parte do mesmo excerto da *Psychomachia* (vv. 769-770), que, erradamente atribuído a Mantuano, foi incluído sob o título *Pax* na *Polyanthea Nova* (1607, p. 871).

que começa guerras que pudera escusar, sem saber se as pode sustentar<sup>708</sup>. Entendo que a nossa Espanha pudera calçar as suas ruas de ouro e prata se não foram guerras, de Flandres, e de Alemanha. E em tal estado está hoje que depois que os homens a conhecem nunca a viram mais pobre. De sorte que parece que as riquezas que de fora entram em Espanha a vem empobrecer mais. E tudo por falta de Paz, a qual teve El Rei D. Dinis no seu tempo, e por isso o teve desocupado pera fazer romper terras e semear pão, porque como diz Ovídio: *Pax Cererem nutrit, pacis alumna Ceres*.<sup>709</sup> E Tibulo:

Aristoteles, 9  
*Ethicorum*

*Interea Pax arva colat<sup>1</sup>  
Pax candida primum  
Duxit araturos sub iuga curva boves<sup>710</sup>.*

Tib., lib.1.º,  
El. 10

Por isso foi tão rico e deixou tantos tesouros, que a paz lhe deu.

Baquílides:

*Res maximas mortalibus producit pax  
Nempe divitias ect.*<sup>711</sup> (310)//

Bachilid. in  
*Paeanibus*

De Hélicon e das Musas temos falado. Bácaro é ãa erva com que coroavam os poetas. Virg.:

*Baccare frontem  
Cingite, ne vati noceat mala lingua futuro.*<sup>712</sup>

Virg., Egl. 7

Por estas coroas de louro e Bácaro entende o poeta as lauréolas que se dão na Universidade, e graus de honra que alcançam os Letrados. Começou esta Universidade mui florente, e estivera hoje muito mais se se não mudara o estilo com que

<sup>1</sup> No ms.: «colat ~~pax can~~»...

<sup>11</sup> No ms., entre «per» e «isso» foi desenhado um caracter hoje ininteligível.

<sup>708</sup> *Aristotelis ad Nicomachvm Filivm de Moribus, quæ Ethica nominantur*, 1540, IX, 6, pp. 170-171. A versão latina vem assinada por *Ioachimo Perionio*. Tudo leva a crer que D. Marcos se apoiou na *Polyanthea Nova* para traduzir livremente parte deste trecho, que, atribuído a *Arist.* in *9 Ethic.*, ali se encontra citado sob o título *Pax* (1607, p. 871).

<sup>709</sup> Publius Ovidius Naso, *Fasti*, I, v. 704. Este verso encontra-se entre os vários exemplos ovidianos apresentados na *Polyanthea Nova* sob o título *Pax* (1607, p. 871).

<sup>710</sup> Albius Tibullus, *Elegiae*, I, 10, vv. 45-46. A citação (parte de um mais extenso elogio da paz) consta dos *excerpta* reunidos na *Polyanthea Nova* sob o título *Pax* (1607, p. 871).

<sup>711</sup> Atribuídos também a Baquílides, em *Paeanibus*, estes versos (tradução do original grego: Τίκτες δέ τε θνατοῖσιν Εἰρήνην μεγάλα) aparecem sob o título *Pax*, na *Polyanthea Nova* (1607, p. 870).

<sup>712</sup> Publius Virgilius Maro, *Bucolica*, VII, vv. 27-28.

começou, que por<sup>II</sup> isso diz um autor moderno, que acabou pouco depois de começar. Ali não se aprende Retórica, nem grego, nem Hebraico, nem matemática, e El Rei paga todas estas cadeiras, e fora melhor aplicar a renda delas a um hospital ou outra obra pia.

98<sup>I</sup>

Nobres vilas de novo edificou  
Fortalezas, castelos mui seguros,  
e quasi o Reino todo reformou  
c'os<sup>714</sup> edificios grandes e altos muros.  
Mas depois<sup>715</sup> que a dura Átropos cortou  
o fio de seus dias já maduros  
ficou-lhe o filho pouco obediente,  
Quarto Afonso, mas forte, e excelente.

Porquanto em Portugal os lugares que saíam das mãos dos Mouros ficavam mui desbaratados, vendo-se El Rei Dom Dinis em paz, e com riquezas, tratou de as gastar no proveito de suas terras e segurança de seus vassalos. E começando por riba de Guadiana, edificou quasi *a fundamentis* os castelos de Moura, Serpa, Olivença, e outros, (310v)// e Antre Dour-a-Minho cercou Braga, Guimarães, Monção (do qual um pedaço caiu agora, e assi estará pera sempre). Cercou tam-

---

<sup>1</sup> No ms., foi inicialmente escrito «78». Por transformação do primeiro algarismo, passou a ler-se «98».

---

<sup>713</sup> D. Marcos alude ao título de um capítulo (45) das *Varias Antiguidades De Portugal*, de Gaspar Estaço: «Do proveito das Universidades: que elas fazem os escritores, e que a de Coimbra pouco depois de começar, começou logo de acabar». A sua crítica, porém, não coincide com a de Estaço. Para este, era lamentável a extinção das «artes» e a falta de patrocínio a professores capazes de dar brilho à Universidade: «Pode-se queixar a sagrada teologia, pola priuarem da companhia e ornato da matemática, filosofia, lógica, retórica, e as mais artes deste género lidas por tais professores, que Santo Tomás e S. Dionísio Areopagita lhe dão por ancilas. E nós também nos podemos queixar pelo que se nos tirou com as tais artes, que nisto se verá claramente, porque elas deram aos Sócrates, Aristóteles, Demóstenes, Tucídides, Catões, Túlios, Lívios, Ciprianos, Hierónimos, Agostinhos, Orósios, e infinidade de escritores outros, cujas obras não se pode explicar de quanta utilidade sejam./ Dos quais homens há neste Reino grande falta, e especialmente vemos que vem estrangeiros a Portugal a escrever nossas cousas, como se fôssemos nós alguns bárbaros, ou Portugal não criasse engenhos que aplicando-se o pudessem fazer muito melhor, como um André de Resende, um Diogo de Teve, e outros muitos, que pudéramos ter, se a universidade perseverara na ordem em que começou, com mestres eminentíssimos de letras humanas, cujos discípulos assi nas línguas latina e grega, como na filosofia deram a este Reino não pequeno lustre e honra, como notou Francisco de Andrada.» (1625, p. 168) Para D. Marcos, o problema é outro e parece tingir-se de cores fraudulentas, pois a sua denúncia incide sobre o desencontro entre o modelo e a realidade: um modelo que, apoiado pelo erário régio, estaria a ser traído pela prática de quem o deveria cumprir e honrar.

<sup>714</sup> Em 1572, bem como em todas as restantes edições publicadas até 1633: «Com edificios»...

<sup>715</sup> Em 1572, bem como em 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1626, 1631 e 1633: «depois». Em 1613, «depois».

bém Miranda do Douro, e edificou<sup>1</sup> de novo na província de Trá-los-Montes, Vila Real. E outras muitas obras insignes fez neste Reino que na sua Crónica se podem ver<sup>716</sup>. Morreu El Rei Dom Dinis em Santarém aos 27 de Janeiro de 1325, de idade de 64 anos, dos quais reinou 46. Está enterrado no mosteiro de Odivelas de Monjas da Ordem de Cistel, que ele edificou.

Sucedeu-lhe seu filho Dom Afonso o quarto, chamado o Bravo<sup>717</sup>, e quanto a D. Afonso 3.º, avô deste, a quem Camões chama bravo, não sei o fundamento que o poeta teve nisso<sup>718</sup>, porque duas vezes lho chama; nem sei doutro Rei que tivesse tal nome senão deste, o qual vendo-se de mais de 30 anos, e a seu pai muito bem disposto, parecia-lhe que nunca reinaria, ou que lhe tardava já o Reino, e sobre isto teve com seu pai muitos enfadamentos, até haver campo formado d'ambas as partes; mas tudo apaziguava a Santa Rainha sua mãe, que pelo meio dos esquadrões se metia pera fazer pazes como sempre fez.

99<sup>II</sup>

D. Afonso Quarto o Bravo.

Este sempre as soberbas Castelhanas  
com<sup>719</sup> peito desprezou firme, e sereno,  
porque não é das forças Lusitanas  
temer poder maior por mais pequeno.  
Mas porém quando as gentes Mauritanas  
a possuir o Hespérico terreno (311)//  
entraram pelas terras de Castela,  
foi o soberbo Afonso a socorrê-la.

De idade de 35 anos começou a reinar El Rei Dom Afonso 4.º. Possuiu muitos tesouros que seu pai lhe deixou, teve muitas desavenças com El Rei D. Afonso un-

---

<sup>1</sup> No ms., lê-se «edificou». Será decerto um *lapsus calami*, pelo que suprimimos a sílaba excedente.

<sup>II</sup> No ms., foi inicialmente escrito «79». Por transformação do primeiro algarismo, passou a ler-se «99».

---

<sup>716</sup> D. Marcos poderá aludir à *Crónica de D. Dinis*, de Rui de Pina, mais exactamente ao cap. XXXII, onde esta matéria é tratada. Não menos provável é que tivesse em mente a *Crónica «reformada»* por Duarte Nunes de Leão (*Primeira Parte das Chronicas dos Reis de Portugal*, 1600, fls. 133-133v). E igualmente provável é que lembrasse quanto Pedro de Mariz havia escrito nos *Dialogos de Varia Historia* (1597-1599, III, I, f. 91v).

<sup>717</sup> O cognome é lembrado por Duarte Nunes de Leão, na *Primeira Parte das Chronicas* (1600, f. 150v).

<sup>718</sup> A estranheza de D. Marcos é idêntica àquela que terá levado os editores d'*Os Lusíadas*, em 1626 e 1631, a alterar a estrofe 94 do canto III, passando a dizer: «Este Afonso o Terceiro se chamou» (1626, f. 40v; 1631, f. 40v).

<sup>719</sup> Em 1572, bem como em 1584, 1591, 1597, 1609, 1612 e 1613: «Co peito». Em 1626, 1631 e 1633, «Com peito».

décimo de Castela seu genro; porque sendo casado com ã Senhora tão principal, e dotada de tantas partes, a tratava mal andando publicamente amancebado com D. Leonor de Gusmão, de quem teve muitos filhos<sup>720</sup>. El Rei, D. Afonso, outros desgostos tiveram sobre o casamento do Príncipe Dom Pedro de Portugal com D. Constança, filha de D. João Manuel, com a qual o dito Rei de Castela fora desposado, e tendo-a dimitido, nem queria casar com ela nem que outrem casasse, fazendo cousas indignas de um cavaleiro nobre, quanto mais de ã pessoa real, mas quem não vive conforme a lei de Deus todas as Leis quebranta.<sup>1</sup>

texto

Mas porém quando as gentes Mauritanas.

Andando os Reis de Castela e Portugal nestas batalhas, o Infante Abomelique, filho de Alboacem, Rei de Pelamarim<sup>721</sup>, passou a Espanha com muita gente e tomou Gibaltar, e fez grande dano aos Cristãos. E um dia deram os Cristãos nos Mouros, e mataram a muitos e com eles o mesmo Infante em Alcalá de los Gazules<sup>722</sup>. Sabendo Alboacem que os Cristãos lhe mataram seu filho, movido de grande sanha, fez liga com (311v)// El Rei de Tunes, e de Bugia, e junto um grandíssimo exército passaram a Espanha, e ajuntaram-se com El Rei de Granada. Era a gente que os mouros traziam infinita, e só a de cavalo passava de cinquenta mil. Vendo-se El Rei de Castela apertado, houve-se de valer das armas portuguesas. E como se sentiu culpado pelos agravos que a El Rei seu sogro tinha feito, não lhe mandou outros Embaxadores que a Rainha sua mulher, filha del Rei de Portugal. A qual entrou em Évora, e pediu com muitas lágrimas ao Pai, que esquecido de quantos agravos El Rei de Castela lhe tinha feito, só se lembrasse da Cristandade, que estava a perigo de se perder. O bom velho, como amava muito a esta filha, e entendia também o perigo em que Hespanha estava, logo ajuntou gente mui escolhida e lustrosa e começou a marchar pera Castela. Sabendo El Rei D. Afonso de Castela que seu tio e sogro vinha em pessoa socorrê-lo, foi-se a Olivença esperá-lo, e agradecer-lhe a ajuda que lhe dava, e aí se viram, e daí partiram a Sevilha.<sup>723</sup>

---

<sup>1</sup> No ms.: «80».

---

<sup>720</sup> Nas *Crónicas* de Rui de Pina (v. 1977, pp. 352-355, 419-421) e na versão «reformada» de Duarte Nunes de Leão (*Primeira Parte da Chronica dos Reis de Portugal*, 1600, fls. 136-159), D. Marcos poderá ter encontrado o relato do comportamento adúltero de Afonso XI de Castela, bem como uma circunstanciada narrativa das peripécias que marcaram o casamento de D. Constança com D. Pedro de Portugal.

<sup>721</sup> Também Belamarim.

<sup>722</sup> A referência a Alcalá de los Gazules (ou *Alcala de los Ganzueles*), ausente das crónicas portuguesas, pode dever-se à leitura de *Los XL Libros d'el Compendio Historial* de Garibay (v. 1571, XXXIX, XXXI, p. 1090).

<sup>723</sup> No destaque dado à intervenção de D. Maria, D. Marcos apoia-se em narrativas como a de Rui de Pina (*Crónicas*, 1977, pp. 436-437) ou a de Duarte Nunes de Leão (*Primeira Parte das Crónicas dos Reis de Portugal*, 1600, fls. 159-159v). Também o *Breviarium Eborense* – obra de André de Resende – poderá ter valido como fonte (1548, cols. 1637-1638).

100<sup>1</sup>

Nunca com Semirâmis gente tanta  
veio os Campos Idáspicos enchendo,  
nem Átila que Itália toda espanta  
chamando-se de Deus açoute horrendo,  
Gótica gente trouxe tanta, quanta  
do Sarraceno bárbaro estupendo  
c’o poder excessivo de Granada  
foi nos campos Tartésios ajuntada.

Foi Semíramis Rainha de Assíria mulher de Nino. Morto o marido ficou ela por tutora de um filho pequeno que (312)// lhe ficou, chamado também Nino como o Pai. E porque o filho era pequeno, e pouco apto para o governo, e os Assírios tomariam mal ser governados por mulher, fingiu-se ser ela o filho, até que ele teve idade para governar. E no tempo que teve o regimento do reino o fez com tanto espírito e fortaleza que não só se defendeu, mas acrescentou Etiópia à sua coroa, e passou à Índia com um poderosíssimo exército, o qual descreveremos com as palavras do grego Suidas.<sup>724</sup>

De pé trazia cem mil homens, de cavalo cem miríades, que é número grego, que contém dez mil, e assim cem miríades fazem um conto. Carros falcatos que traziam ãas como fources agudas com que desmanchavam o exército, dez miríades *i.* cem mil. Homens que pelejavam sobre camelos, outros cem mil. Camelos para serviço, vinte miríades, que são 200000. Couros de boi cosidos como odres para água, trinta miríades. Por mar trazia três mil naus, *ect.* Outras muitas cousas conta aquele autor que não são incríveis a quem ler os exércitos dos Reis Orientais.

---

<sup>1</sup> No ms., à esquerda de «100» está, rasurado e porventura retocado, um outro número («80»).

---

<sup>724</sup> D. Marcos abrevia a descrição que se lê, em *Suidae Lexicon Graece & Latine*, da imponente expedição comandada por Semíramis *ab Hellesponto & Libya, usque ad Bactra: cogens ter millena millia peditum; equitum millena millia; falcatorum curruum centena millia, & virorum e camelis pugnantium totidem: aliorum vero camelorum ad quosvis alios usus, ducenta millia: pellium bubularum, earumque crudarum, ad trecenta millia. Praeterea, naves longæ Bactris ædificentur ad ter mille, æneis rostris munitæ, quarum remiges & milites classarii ex Syria, Phoenicia, Cypro, Cilicia, & ora maritima, Hellespontum usque, conscribantur. Eadem adversus Indos expeditionem faciens, lignea elephantorum simulacra ad ducenties mille fabricavit, intus repleta virgultis & omnis generis materia leviori, quo facilius ferri possent; extrinsecus vero coriis contexta. In singulos autem camelos duos Aethiopes sagittarios & jaculatores imposuit: Indumque flumen, qui est amplius C. stadiorum latitudine, trajecit, eundemque ponte junxit, qua angustissimus esse videbatur. Longitudo vero erat LX. stadiorum: at latitudo CCC. Simulacrorum vero erant ducenta millia. Eadem trajecto Indo flumine, & in interiori regione palatii conditis, \* \* \* \*, in lectum suum discessit.* (1705, t. III, p. 298).

De Simíramis fazem menção muitos autores. Justino lib. 1.<sup>725</sup>; Suidas<sup>726</sup>, Valério Máximo<sup>727</sup>; e outros muitos.

### Nem Átila.

Foi este bárbaro natural de Cítia, deceu com outros muitos desses montes setentrionais, como largamente temos dito, e destruiu Panónia e Aquilea, e fez outros muitos danos. Estando desposado com Honória, irmã do Emperador Valentiniano<sup>1</sup>, bebeu tanto vinho que morreu afogado aquela noite<sup>728</sup>. Chamava-se pera terror, Flagelo de Deus, e dizia bem, porque pelos pecados dos Romanos primitiu Deus este flagelo ao império que tanto o flagelou. Trazia no seu exér(312v)//cito quinhentos mil homens armados.

### Campos Tartésios.

Tartésia querem alguns que seja ãa vila de Andaluzia chamada Tarifa, posta onde o estreito de Gibaltar se começa de alargar<sup>729</sup>. Plínio<sup>730</sup> diz que os Gregos lhe

---

<sup>1</sup> No ms., a palavra «Honorio» está rasurada e substituída pelo nome de «Valentiniano», quase inteiramente escrito na margem esquerda da folha, de modo a aproveitar a ligação com a sílaba «no» de «norio». Em entrelinha, esta mesma sílaba aparece repetida.

---

<sup>725</sup> V. M. Ivniani *Ivstini Epitoma Historiarum Philippicarum Pompei Trogi*, 1972, I, II, pp. 4-5. D. Marcos resume um passo extenso no qual Justino, acumulando pormenores sobre as características físicas da rainha (estatura, voz, semelhanças físicas com o filho Nino), dá conta do expediente adoptado por Semíramis, bem como do valor demonstrado e da admiração conquistada por esta *mulier* que havia sabido impor-se, não só provando ser capaz de suplantar padrões de virtude feminina mas também apta a competir com a coragem masculina (*Nec hoc illi dignitatem regni ademit, sed admirationem auxit, quod mulier non feminas modo virtute, sed etiam viros anteiaret*).

<sup>726</sup> V. Σειράμις, *Suidæ Lexicon, Græce & Latine*, 1705, t. III, pp. 297-298.

<sup>727</sup> Tratando *De ira aut odio*, Valerius Maximus recorda um *exemplum* protagonizado pela mítica figura de Semíramis: um dia, ocupada a pentear-se, a rainha assíria recebera a notícia de que Babilónia se havia revoltado; num ápice, correra a recuperar o poder, e só depois compusera o cabelo. Breve, esta história ilustra a força do desejo de vingança, capaz de tudo suplantar, até a vaidade feminina (*Facta et Dicta Memorabilia*, IX, ext. 4).

<sup>728</sup> O título de *flagellum iræ Dei*, aplicado a Átila, bem como a circunstância da sua morte (*Celebransque nuptias cum una pulcherrima uirgine, multum uini hausit, & in nocte inter cubandum apoplexia suffocatus*), podia D. Marcos lembrá-los pela leitura de *Mathiæ A Michov De Sarmatia Asiana Atque Evropea, Libri Dvo* – texto incluído no volume antológico *Novvs Orbis* (1532, pp. 506, 507).

<sup>729</sup> Logo no início das suas *Advertencias a la Historia del Padre Ivan de Mariana*, Pedro Mantuano critica o facto de o jesuíta identificar «Tartesso» com «Tarifa». Sem hesitar, afirma: *Tarifa nunca se dixo Tartessio* (1613, p. 1). Ao longo de várias páginas, Mantuano arrola autoridades clássicas, que tanto reforçam a sua posição como evidenciam a complexidade da matéria em causa. Embora D. Marcos aqui a não refira, esta pode ter sido uma fonte relevante para o seu Comentário: versos de Sílio Itálico (os mesmos para que D. Marcos remete) são trazidos à colação (p. 3); passos de Estrabão e de Plínio (os mesmos a que D. Marcos alude) recebem destaque (p. 4).

<sup>730</sup> V. Caius Plinius Secundus, *Historia Naturalis*, III, I, 7: *Carteia Tartesos a Græcis dicta*.

chamaram Tartesso, e os Latinos Carteia, o mesmo diz Estrabo<sup>731</sup>; outros como Sílio Itálico<sup>732</sup> as fazem diferentes. Campos Tartésios é o mesmo que terras de Tarifa, que os Mouros tinham de cerco.

Plin., l. 3, cap. 1; Strabo, l. 3. Tarif Capitão mouro mudou o nome de Carteia em Tarifa, Garibay, l. 8<sup>733</sup>

101<sup>I</sup>

E vendo o Rei sublime Castelhana  
a força inexpugnável, grande, e forte,  
temendo mais o fim do povo Hispano  
já perdido ãa vez, que a própria morte,  
pedindo ajuda ao forte Lusitano  
lhe mandava a caríssima consorte,  
mulher de quem a manda, e filha amada  
daquele a cujo Reino foi mandada.

El Rei D. Afonso de Castela, tirando seus vícios, e faltas, foi um dos mais esforçados Reis de Espanha.

«Temendo mais o fim do povo» *ect.* Quando soou por Espanha a vinda dos Mouros, e se soube a multidão que era deles, muitos desmaiavam tendo pera si que era chegada a segunda destruição de Espanha, o que atribuíam a pecados do seu Rei, pois que dexando sua própria mulher andava amancebado.

texto

102<sup>II</sup>

Entrava a fermosíssima Maria  
pelos<sup>734</sup> paternais paços sublimados,  
lindo o gesto mas fora de alegria,  
e seus olhos em lágrimas banhados. (313)//  
Os cabelos angélicos trazia  
pelos ebúrneos ombros espalhados,  
diante do pai ledó, que a agasalha,  
estas palavras tais chorando espalha:

---

<sup>I</sup> No ms., o «0» de 101 resulta da transformação de um «8». Aparentemente, começou por ser escrito «81».

<sup>II</sup> No ms., o «0» de 102 resulta da transformação de um «8». Inicialmente, terá sido grafado o número «82».

---

<sup>731</sup> Estrabão, na *Geografia* (3, 2, 14), admite que, para alguns, Tartessus correspondia a Carteia. Antes, porém (3, 2, 11), havia usado o nome Tartessus para designar, à maneira dos antigos, o Bétis, e, do mesmo modo, para falar de uma cidade situada junto deste rio.

<sup>732</sup> V. Silius Italicus, *Punica*, III, vv. 396-399.

<sup>733</sup> V. Estevan de Garibay y Çamalloya, *Los XL Libros d'el Compendio Historial*, 1571, VIII, XLVIII, p. 384 (numeração correcta: 374). Aí se conta que o capitão mouro Tarif Aben Zarca, ao passar a Gibraltar, teria não só posto *nombre al pueblo y a su montaña, llamada Calpe, deziendo Gebel Tarif, que agora corrompiendo el nombre dizen Gibraltar*, como também teria feito *lo mesmo a Tarifa, llamada antes Carteia*.

<sup>734</sup> Em 1572, bem como em 1584, 1597, 1609, 1612 e 1626: «Polos». Em 1591, 1613, 1631 e 1633, «Pelos».

Era esta senhora mui formosa em extremo, e avisada, e contudo El Rei seu marido não a podia ver, que tão enfeitado o trazia aquela má mulher de Dona Leonor Nunes. E bem se pode crer que assi era, pois ela por feitiços lhe deteve o parto, e se não fora o ardil de um médico nunca a Rainha parira.<sup>735</sup>

103<sup>I</sup>

Quantos povos a terra produziu  
de África toda gente fera, e estranha,  
o Grão Rei de Marrocos conduziu  
pera vir possuir a nobre Espanha.  
Poder tamanho junto não se viu  
depois<sup>736</sup> que o salso mar a terra banha,  
trazem ferocidade e furor tanto,  
que a vivos medo, e a mortos faz espanto.

Ferocidade e furor diferem, porque furor é Ira acesa, e não diferem furor e ira<sup>II</sup> senão *secundum magis et minus*<sup>737</sup>. De sorte, que furor é ãa ira grande, que faz parecer um homem doudo e sem siso. Ferocidade, nome dirivado das feras, quer dizer, condição áspera, semelhante à dos brutos, a qual condição faz a um homem amigo de todas as desavenças, e folga um destes ter ocasião de brigas. Tex.: «Poder tamanho» *ect.* Fora a gente de guerra que trazia, vinham cem mil casais de mouros, já de morada pera Espanha. (313v)//

104<sup>III</sup>

Aquele que me deste por marido,  
por defender sua terra amedrontada,  
co pequeno poder oferecido  
ao golpe duro está da Maura espada.  
E se não for contigo socorrido

---

<sup>I</sup> No ms., parece ter sido originalmente escrito «83». Sobre este número foi grafado «103», de novo rasurado. Ao lado, limpo, «103».

<sup>II</sup> No ms.: «enaõ differê \*furor, e ira\* senaõ»...

<sup>III</sup> No ms., inicialmente foi grafado «84». Sobre este número, convertendo o «8» num «0», foi escrito «104».

---

<sup>735</sup> Rui de Pina e Cristóvão Rodrigues Acenheiro contam que D. Leonor de Gusmão tentou matar D. Maria, impedindo, por feitiços de uma moura, o seu segundo parto. D. Marcos elimina um pormenor relevante: nas *Crónicas* de Pina, a personagem que soluciona o problema é um «Iudeu fisico, & Astrologo muy prudente» (1977, p. 348); na versão de Acenheiro, «hũ Judeo sabedor, que polla ventura saberia das artes da Moura» (*Chronicas dos Senhores Reis de Portugal*, 1824, p. 111).

<sup>736</sup> Em 1572, bem como em 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1626, 1631 e 1633: «Despois». Em 1613, «Depois».

<sup>737</sup> D. Marcos segue a *Polyantha Nova* (1607, p. 464), onde sob o título *Furor* se lê esta definição, atribuída a S. Tomás: *est ira accensa, non differens re ab ira, sed secundum magis & minus*.

ver-me-ás dele, e do Reino ser privada,  
viúva, e triste, e posta em vida escura,  
sem marido, sem Reino, e sem ventura.

105<sup>1</sup>

Portanto, ó Rei, de quem com puro medo  
o corrente Moluca se congela,  
rompe toda a tardança, acude cedo  
à miseranda gente de Castela.  
Se esse gesto que mostras claro, e ledó,  
de pai o verdadeiro amor assela,  
acude, e corre, Pai, que se não corres  
pode ser que não aches quem socorres.

Molucá, Rio de África, dividia os Massilienses dos Cesarienses, de quem fez muitas vezes menção Salústio *de bello Jugurthino*<sup>738</sup>. Estrabo<sup>739</sup> lhe chama *Molochat*, por este Rio entende os Mouros de África.

Salústio; Strabo,  
lib. 17

106<sup>II</sup>

Não doutra<sup>740</sup> sorte a tímida Maria  
falando está, que a triste Vénus quando  
a Júpiter seu pai favor pedia  
pera Eneas seu filho, navegando,  
Que a tanta piedade o comovia  
que caído das mãos o raio infando  
tudo o clemente Padre lhe concede  
pesando-lhe do pouco que lhe pede. (314)//

Falando Vénus a Júpiter seu pai sobre as cousas de seu filho Eneas e dos Troianos, fez-lhe ãa piadosa prática, chea de muitos queixumes. O pai movido a piedade, pôs de parte o raio que na mão tinha, e abraçando a filha a consolou, e lhe

---

<sup>1</sup> No ms., inicialmente foi grafado «85». Sobre este número, convertendo o «8» num «0», foi escrito «105».

<sup>II</sup> No ms., terá sido originalmente grafado «86». Cortando a metade superior do «8» e obtendo um «0», foi depois escrito «106».

---

<sup>738</sup> Caius Sallustius Crispus, em *Bellum Jugurthinum*, faz do *flumen Muluccha* uma referência geográfica e política: o rio delimita territórios e vale como fronteira entre adversários (v. XIX, 7; XCII, 5).

<sup>739</sup> Estrabão, na *Geografia*, menciona o rio Molocath (ou Malocath) igualmente como um elemento de fronteira entre povos de África (17, 3, 6; 17, 3, 9).

<sup>740</sup> Em 1572, bem como em 1584, 1591, 1609, 1626, 1631 e 1633: «Não de outra sorte». Em 1597, 1612, 1613, «Não d'outra sorte».

Virgil., 1.º *Aen.* concedeu ainda mais do que lhe pedia. Virgílio<sup>741</sup>. Tal foi agora El Rei D. Afonso com sua filha a Rainha D. Maria, porque ela lhe pediu socorro, e ele lho deu, e quis inda ir em pessoa socorrê-la, o que lhe ela não pedia.

107<sup>I</sup>  
Mas já c'os esquadrões de<sup>742</sup> gente armada  
os Eborenses campos vão coalhados,  
lustra c'o Sol o arnês, a lança, a espada,  
vão rinchando os cavalos jaezados.  
A canora trombeta embandeirada  
os corações à paz acostumados  
vai às fulgentes armas incitando  
polas concavidades retumbando.

Virg., 8 *Ae.* Descreve a saída del Rei de Portugal com seu exército. No que imitou algum tanto a Virgílio, que diz assi:

*Ut belli signum Laurenti Turnus ab arce  
Extulit et rauco strepuerunt cornua cantu  
Utque acres concussit equos, utque impulit arma  
Ex templo turbati animi, simul omne tumultu  
Coniurat trepido Latium saevitque iuventus  
Effera.*<sup>743</sup> (314v)//

108<sup>II</sup>  
Entre todos no meio se sublima  
das insígnias reais acompanhado  
o valeroso Afonso que por cima  
de todos leva o colo levantado.<sup>744</sup>  
E somente c'o gesto, esforça, e anima  
a qualquer coração amedrontado,  
assi entra nas terras de Castela  
co<sup>745</sup> a filha gentil rainha dela.

---

<sup>I</sup> No ms.: «85 107». Na margem, foi repetido o número «85».

<sup>II</sup> No ms.: «1086».

---

<sup>741</sup> V. Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, I, vv. 223-304.

<sup>742</sup> Em 1572, bem como em 1584, 1591, 1609, 1613, 1626, 1631 e 1633: «da gente armada». Em 1597 e 1612, «de gente armada».

<sup>743</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, VIII, vv. 1-6. Na edição de referência: *acris; extemplo*.

<sup>744</sup> Em 1572, bem como em todas as edições impressas até 1633: «alevantado».

<sup>745</sup> Em 1572, bem como em 1584, 1597, 1609, 1612, 1626, 1631 e 1633: «Com a filha». Em 1591 e 1613, «Co a filha».

*Praestantissima forma digna imperio*<sup>746</sup>, disse o filósofo. Nesta viveram muitos Reis de Portugal, como foi El Rei D. Afonso Henriques, Dom Afonso terceiro, e Dom João primeiro, e outros. Também El Rei Dom Afonso quarto, de quem o poeta aqui fala, era um homem agigantado, o qual posto a cavalo excedia a todos do colo pera cima, e esta grandeza de corpo era acompanhada de muitos dotes e qualidades excelentes, assi como forças, ânimo e bizarria. Muitos fidalgos houve e inda hoje há em Portugal, que só por sua pessoa, somente considerada a bizarria exterior, representam reinos e Impérios. Quando veio El Rei D. Felipe 3.º a este Reino e trouxe consigo fidalgos castelhanos, postos eles a par dos fidalgos portugueses, pareciam anãos. (315)//

Diz a Crónica antiga<sup>747</sup> que antes que El Rei partisse mandou a Álvaro Gonçalves Pereira que trouxesse o Lenho da Cruz que viera de Marmelar, e Álvaro Gonçalves mandou a isso um Clérigo, o qual a trouxe, e El Rei a mostrou ao povo com muita devação sua e lágrimas de todos, e assi animados com este sinal da Cruz, e penhor de nossa Redenção, partiram pera Castela. E chegando a Sevilha

---

<sup>746</sup> Trata-se de um aforismo muito divulgado (por ex., Tirso de Molina aplicou-o na comédia *Amor Medico*, vv. 680-681), de paternidade algo incerta. Terá sido composto sobre uma sentença do grego Porfírio, que, nas palavras de André Tiraqueau, *inter Platonicos propter excellentiam philosophus appellatur* (André Tiraqueau [...] *De Legibus connubialibus, & iure maritali*, 1546, f. 21v). A frase de Porfírio recebeu formas várias: por um lado, uma persistente tradição escolástica, constituída a partir da leitura deturpada que Alberto Magno fez da versão latina dos *Praedicabilia*, dizia *species Priami digna est imperio*; por outro lado (e é nesta linha que D. Marcos se situa), vinha de Boécio (v. *Anitii Manlii Severini Boethi In Omnibus Philosophiae Partibus Inter Latinos & Graecos autores principis Opera*, 1546, p. 66) e de estudiosos renascentistas (v. *Praedicabilia. Liber Porphyri* [...] *Argilopiloy Byzantio: interprete*) uma tradução distinta – *primum quidem species digna est imperio* ou *prima species digna est imperio* –, consonante com o que em versos de Eurípedes, difundidos por Stobaeus, se afirmava. O jesuíta Francisco de Toledo advertiu para as flutuações *circa litteram* deste passo, e escreveu (como já antes, lançando mão de copiosos *excerpta*, André Tiraqueau o fizera – 1546, fls. 21v-22): *at Graecè habetur, prima seu praestans species, digna est Imperio, quasi pulchritudo corporis, animi virtutem arguat: vt dicit Arist. I. Rhetor. lineamenta corporis virtutis animi signa sunt.* (D. Francisci Toleti Societatis Iesu *Commentaria, vnà cum Quaestionibus, In Vniuersam Aristotelis Logicam*, 1589, p. 50). Em causa estava a relação entre exterior e interior, corpo e alma, vivamente tematizada pelos clássicos.

<sup>747</sup> D. Marcos ter-se-á aqui desviado (por distração ou deturpação da memória?) das fontes comuns. A menos que lidasse com outra crónica, não acharia, desde o *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro* até à *Primeira Parte das Chronicas dos Reis de Portugal*, de Duarte Nunes de Leão, referências a qualquer exibição da relíquia de Marmelar ainda em Portugal. No *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, é na iminência da batalha, já no terreno de combate, que D. Afonso IV manda «mostrar a Vera Cruz do Marmelar que lhi el mandara trager» (1980, p. 244). Acenheiro inclui, entre «os que forão na batalha», «o lenho da Cruz em que Cristo noso Senhor padeceo, e o levou do Marmelar Dom Frei Allvaro Gõçallvez Pereira Prior do Crato» (*Chronicas dos Senhores Reis de Portugal*, 1824, p. 105). Na narrativa de Nunes de Leão, bem como na de Rui de Pina, é também «um pouco antes que a batalha rompesse», e após uma fala de D. Afonso IV ao seu exército, que se lê: «E logo mandou a o Prior do Crato Dom Álvaro Gonçalves Pereira, que antes de se encontrarem com os inimigos, mostrasse a todos o lenho da santa vera cruz, que levava do Marmelar, que é ùa grande relíquia.» (*Primeira Parte das Chronicas*, 1600, f. 162v). Sem mencionar o nome de Dom Álvaro (apenas fala de um *sacerdos*), também o *Breviarium Eborense* se inclui nesta tradição (1548, col. 1645).

saiu a Cleresia co'as Relíquias a esperá-los, e assi foram até a Sé. E depois disso entraram em conselho sobre o que fariam naquele caso. Os grandes de Castela, considerado o grande número do inimigo, disseram que se largasse Tarifa aos Mouros, com condição que se fossem e desapressassem Espanha, o que El Rei de Portugal contradisse dizendo que ele se não saíra do seu Reino pera se perder vila nem Castelo da Cristandade, que se não quisessem pelejar, ele o fazia com os seus. El Rei de Castela disse que em todo caso se havia de pelejar. E assi conformados todos assentaram que El Rei de Portugal com os seus tomassem a sua conta os Granadinos, e que os Castelhanos pelejassem com os Africanos. E com esta determinação foram em busca dos Mouros. O número dos soldados Portugueses não pude achar quão grande era. Num Autor Castelhana<sup>748</sup> li que eram mil, o que me parece cousa redícula, porque onde ia a pessoa Real, e tantos Senhores, como foi o Arcebispo de Braga, e o Prior do Crato, e o Mestre de Santiago, e outros, não irem mais de mil homens não é cousa crível, principalmente quando à parte dos Portugueses coube El Rei de Granada, que era um poderoso príncipe. É verdade que pela brevidade do tempo, a gente não foi tanta (315v)// como pudera ser, mas havia de ser tal que pudesse socorrer a um Reino e fazer rosto a tanta multidão. E assi se há-de crer que o exército dos portugueses passava de quatro até cinco mil homens, eram pois mil de cavalo e quinze mil de pé.<sup>1</sup>

Esta batalha e  
a vitória que  
nela os Cristãos  
houveram  
se festeja em  
algũas Igrejas  
de Espanha,  
nas lições dela,  
no breviário  
de Coimbra se  
diz que eram  
os Portugueses  
6000 de cavalo,  
e 15000 de  
pé.<sup>749</sup>

---

<sup>1</sup> No ms., uma mudança na letra leva a crer que esta última frase foi acrescentada. Atendendo a que à margem se indica uma informação retirada do «Breviário de Coimbra» e se fala de «15000 [homens] de pé», é provável que o aditamento tenha sido registado aquando da elaboração da nota marginal.

---

<sup>748</sup> V. *Historia General de España Compvesta Primero en Latin, despues buelta en Castellano por Iuan de Mariana, de la Compañia de IESVS*, t. II, 1616, XVI, VII, p. 19: *Despues que el Rey tornó a Seuilla, dende a poco dias llegó el Rey de Portugal con mil cauallos: gente de estimar, mas por su esfuerço y valor, que por el numero, que era pequeño*. Mariana afirma que os cristãos a penas tenían la quarta parte de gente que los Moros: *Los de a cauallo eran catorze mil, y los de a pie serian hasta veynte y cinco mil*.

<sup>749</sup> Está por esclarecer a que Breviário de Coimbra se refere D. Marcos. Em *Festa propria et specialia Diocesis Conimbricensis*, regista-se, no mês de Outubro, *In Festo Victoriæ Christianorum*, sem referir nenhum número de combatentes: *Per lignum serui facti sumus, prothoplausti trans-gresu, & per sanctã Crucem Domini Iesu liberati sumus, fructus arboris vetiti nos seduxit, filius Dei misericorditer nos redemit, & triumpho mirabili, per Hispanos Reges Chbisticolas, maurorum multitudinem dissipauit*. (1588, f. 50v). Na verdade, é no *Breviarivm Eborense* que se encontra uma extensa evocação da batalha do Salado (1548, cols. 1631-1654). André de Resende, o seu autor, tinha especiais razões para valorizar esta memória, já que parte da relíquia do Santo Lenho passara a pertencer à Sé de Évora. Na sua versão, porém, as hostes portuguesas somariam apenas *equites mille pedites ad quatuor millia* (1548, col. 1644).

109<sup>I</sup>

Juntos os dous Afonsos finalmente  
nos Campos de Tarifa estão defronte  
da grande multidão da cega gente  
pera quem são pequenos campo, e monte.  
Não há peito tão alto, e tão potente  
que de desconfiança não se afronte  
enquanto não conheça, e claro veja  
que c'ó braço dos seus Cristo peleja.

Era cousa muito pera ver o exército dos Mouros, que cobria os montes e campos, tantos cavalos, tantas tendas armadas, tantas armas. E da outra parte pusesse os olhos nos Cristãos, que em comparação dos Mouros e do seu arraial eram ãa pobre aldea à vista duma populosa Cidade. Mas a confiança Cristã posta em seu Deus desprezava todos aqueles aparatos e numerosos exércitos<sup>750</sup>, porque poderoso é Deus pera dar esforço aos poucos e humildes<sup>II</sup> contra os muitos soberbos e poderosos.

110<sup>III</sup>

Estão de Agar os netos quasi<sup>751</sup> rindo  
do poder dos Cristãos, fraco, e pequeno,  
as terras como próprias<sup>752</sup> repartindo  
antemão entre o exército Agareno,  
que com título falso possuindo  
está o famoso nome Sarraceno, (316)//  
assi também com falsa conta e nua  
à nobre terra alhea chamam sua.

---

<sup>I</sup> No ms., terá sido originalmente grafado «89». Cortando a metade superior do «8» e obtendo um «0», foi depois escrito «109».

<sup>II</sup> No ms.: «aos poucos \*ehumildes\* contra os m<sup>tos</sup>»...

<sup>III</sup> No ms.: «88 110».

---

<sup>750</sup> Sobre a abundância dos exércitos adversários, D. Marcos não retoma referências à magia como aquelas que figuram em fontes com que lidou. No *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro*, dizia-se que alguns cristãos, perante os exércitos adversários, «tiinham que, porque os Mouros som grandes estrologos, que faziam parecença de fantasmas d'homees de cavalo, e nom eram tantos como pareciam.» (1980, pp. 242-243); nas *Crónicas* de Rui de Pina (como na versão «reformada» por Duarte Nunes de Leão – *Primeira Parte das Chronicas*, 1600, f. 162v), insistia-se que «aos olhos tendidos viam todos os Montes, & Serras, & Valles delles cubertos, non podiam crer se nam por feitiços, & encantamētos que os Mouros muyto sabiam se fazião falsamente parecer tantos como ali pareciam [...]» (1977, p. 447).

<sup>751</sup> Em 1572, bem como em 1584, 1591, 1609 e 1626: «casi rindo». Em 1597, 1612, 1613, 1631 e 1633, «quasi».

<sup>752</sup> Em 1572, bem como em 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1613, 1626, 1631 e 1633: «como suas».

Tanto que o exército dos Cristãos chegou à vista do dos Mouros, estiveram esperando se vinha mais, mas vendo que não vinha outra gente algũa além daquela deram ãa grande apupada, pedindo a El Rei que logo desse a batalha.

Com título falso *ect.*

Os Mouros, como dissemos, são os Ismaelitas filhos de Ismael, netos de Agar, escrava de Sara, e eles negam dizendo que são decendentes de Isac e dos outros patriarcas e que não pertenciam a Ismael<sup>I</sup>, e já sobre isto se chamam Sarracenos, *i.* decendentes de Sara e não de Agar, e por isso tem em muita veneração os lugares onde estão enterrados ou há memória dos Patriarcas antigos. Texto: «As terras como próprias repartindo». Isto que o poeta diz é tanto assi que já (como dissemos) a essa conta saíram de África cem mil casais de Mouros pera tornar a possuir Espanha, que eles julgavam por melhor terra que a sua. Porque como os Reis Espanhóis e Portugueses fossem apertando com os Mouros, muitos não tendo já lugar onde caber se passaram a África, e como não tivessem nela cousa própria, pois entravam como forasteiros, viviam lá pobrememente, e agora vendo o poderoso exército que passava, deram a cousa por feita, e assi tornavam a Espanha como a cousa sua. Mas lançaram mal a conta, a que o poeta chama falsa, e nua. Falsa porque errou, nua porque não foi considerada. E neste passo, nua quer dizer mal lançada, falta de juízo, e nua de rezão. (316v)//

111<sup>II</sup>

Qual o membrudo, e bárbaro Gigante  
do Rei Saúl com causa tão temido,  
vendo o pastor inerme estar diante  
só de pedras, e esforço aprecebido,<sup>753</sup>  
Com palavras soberbas o arrogante  
despreza o fraco moço mal vestido  
que rodeando a funda o desengana  
quanto mais pode a fé que a força humana.

Excelente comparação e mui apositada em tudo ao intento presente é esta, porque nos apresenta o Gigante Golias<sup>III</sup> armado assi em grandeza de corpo, como em a fortaleza das armas, e experiência de forças confiado. E o moço David, pequeno no corpo, sem arma defensiva, sem exercício de guerra, posto diante dele cheo de esforço e confiança do Céu, com cinco pedras armado, derrubou a

---

<sup>I</sup> No ms., começou por ser escrito «naõ pertenciaõ aos»... Sobre o «o» foi grafado um «I», resultando «aIsmael».

<sup>II</sup> No ms.: «89 / 111» (a barra oblíqua assinala aqui mudança de linha).

<sup>III</sup> No ms., o «s» final parece ter sido desenhado sobre um «t».

---

<sup>753</sup> Em 1572, bem como em 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1613, 1626, 1631 e 1633: «apercebido».

fortaleza, rompeu as armas, venceu e matou o experimentado soldado, e alcançou uma vitória a mais insigne que nunca Israel celebrou<sup>754</sup>. Notem-se todas estas particularidades, e tirem-se os olhos de David e do Gigante, e ponham-se no exército dos Cristãos e dos Mouros. E verá um gigante soberbo confiado em seu poder e um pastorzinho pobre confiado só em seu Deus.

112

Desta arte o Mouro pérfido despreza  
o poder dos Cristãos, e não entende (317)//  
que está ajudado da alta fortaleza  
a quem o Inferno horrífico se rende.  
Co ela o Castelhana, e com destreza,  
de Marrocos o Rei comete e ofende,  
o Português que tudo estima em nada,  
se faz temer ao Reino de Granada.

«A quem o Inferno» *ect.* Esta sentença é semelhante àquela de Cristo Senhor nosso: *Portae Inferi non praevalerunt adversus eam*<sup>755</sup>. Disse Cristo que o poder de Satanás, e de seus ministros, a quem chamou portas do Inferno, nunca pervaleceriam contra a Igreja Católica. Camões diz que a fortaleza divina que ajudava estes cavaleiros Cristãos era mais poderosa para os defender, que o poder infernal para os ofender.

Com ela o Castelhana, e com destreza.

Quer dizer que El Rei de Castela pelejou com a fortaleza divina e com a destreza humana. Com fortaleza divina pela ajuda do Céu. E com indústria humana quanto à diligência e destreza com que as cousas se ordenaram; porque em todos os negócios dificultosos que os homens empreendem, inda que Deus seja o principal ajudador, sempre contudo quer que os homens ponham da sua parte, indústria e diligência. Donde vem que os Santos a quem Deus promete algũa cousa, logo se cansam por ela, aplicando da sua parte tanta diligência, como se lhe não fora prometida. Isto bem se viu no Apóstolo S. Paulo<sup>756</sup>, que navegando de Síria para Roma e vendo-se nãa tempestade mui cruel em que todos tinham a morte

---

<sup>754</sup> V. I Liber Samuhelis, 17, 1-58.

<sup>755</sup> V. Secundum Mattheum, 16, 18: *et ego dico tibi quia tu es Petrus/ et super hanc petram aedificabo ecclesiam meam/ et portae inferi non praevalerunt adversum eam.*

<sup>756</sup> Actus Apostolorum, 27, 14-38. Como um pregador, D. Marcos acomoda o texto bíblico ao seu propósito. De facto, para valorizar a relação entre a ajuda divina e a diligência humana, atribui a S. Paulo acções de que a Escritura não faz menção: transforma um gesto colectivo (*et satiati cibo adleviabant navem iactantes triticum in mare*) numa iniciativa chefiada pelo Apóstolo («mandou dar à bomba por talhas e fazer outros ministérios necessários à conservação daquela nau»); e busca certa verosimilhança (no tempo de Paulo, apenas seria imaginável «dar à bomba» «por talhas»).

Fugiram os mouros contra Algeriza

por certa, disse o Senhor ao Apóstolo, que por amor dele salvaria toda a (317v)// gente daquela nau. O Santo Apóstolo com esta certeza foi animar a todos, e mandou dar à bomba por talhas, e fazer outros ministérios necessários à conservação daquela nau. De sorte que inda que estava seguro pola palavra divina, não quis que faltasse a indústria humana.

Agora continuemos com a história. El Rei de Marrocos, antes de se dar a batalha, foi requerido por um Mouro velho e grande filósofo chamado Amorifa<sup>1</sup> que tal batalha não desse, porque sem dúvida seria vencido. E a Rainha Fátima Tunecia, principal entre as mulheres del Rei, também lhe disse que deixasse a batalha, porque ela estando acordada vira sobre a sua tenda e sobre o seu arraial visões horríveis e espantosas; mas nada disto moveu o ânimo de Alboacem pera deixar de dar batalha<sup>757</sup>. A qual começada, El Rei de Portugal animou os seus, e dando Santiago nos Granadinos depressa lhe fez virar as costas. El Rei Alboacem, que viu a fugida dos Mouros, disse aos seus: «olhai pera aquele bêbado del Rei de Granada, quão depressa virou as costas aos Portugueses»<sup>758</sup>. Os Mouros fugiam, os nossos portugueses os seguiram duas léguas até de todo os desbaratar. E quando tornaram, vendo o caminho por onde foram, acharam que era todo de despenhadouros, altos e baixos, por onde homem a pé mal poderia passar, quanto mais a cavalo, confessando todos que quando seguiam os Mouros lhe pareceu o caminho raso e plaino. E assi se teve por milagre como de feito o foi<sup>759</sup>. Tornados os Portugueses, acharam os Castelhanos encarniçados nos Mouros, e El Rei, e

---

<sup>1</sup> No ms., uma chamada indica o lugar de inserção do aditamento colocado à margem: «#chamado Amorifa#».

---

<sup>757</sup> D. Marcos cruza informação que poderá ter colhido em várias fontes: as *Crônicas* de Rui de Pina, as de Acenheiro, a versão «reformada» por Duarte Nunes de Leão. De Pina vem um pormenor como o nome do mouro sábio («Anrife» – *Crônicas*, 1977, p. 441).

<sup>758</sup> Comentário desdenhoso semelhante, também em discurso directo, encontra-se nas *Crônicas* de Rui de Pina: «Olhai, olhai aquelle bebado, & couardo de el Rey de Grada, que vencido de el Rey de Portugal, lhe vai já fugindo.» (1977, p. 449). Na *Primeira Parte das Chronicas dos Reis de Portvgal*, Duarte Nunes de Leão, mais decoroso, optou por escrever apenas: «Olhai aquele covardo del Rei de Granada, que vai fugindo del Rei de Portugal.» (1600, f. 163v).

<sup>759</sup> Rui de Pina, bem como Cristóvão Rodrigues Acenheiro (*Chronicas dos Senhores Reis de Portugal*, 1824, p. 106), salientam uma dimensão maravilhosa, que se revelaria na diferença do caminho, áspero e estreito em condições normais, mas fácil de trilhar durante o combate guiado pelo Santo Lenho. Para lá disso, porém, Pina salienta o que Acenheiro resume e D. Marcos silencia: a «matansa» ou «mortandade» infligida aos vencidos. «E neste encalço que os Christãos seguirão, claramente se vio, que succederam cousas assas milagrosas, porque se acharam muytos Mouros, & seus cavallos, & Camellos mortos, de tais feridas que nam pareciam ser dadas por mãos humanas, & mais voluendo os Christãos deste alcanço, acharam que pelos lugares que acavallo correndo liurementemente, & sem torua o seguiram, auia tantos montes, & serras, & tam fragosos barrancos, que pela aspereza que no mesmo caminho auia, nam podendo vir acavallo, se deciam todos a pè, & a mortandade dos Mouros posto que fosse muyto grande, ainda fora muyto mayor se os mais dos Christãos non ficaram roubando as muytas riquezas dos Arrayais dos Mouros, & captiuando suas filhas, & molheres, & moços pequenos, onde homens baixos matarõ, & espedaçaram a dita Fatema Tunecia [...].» (Rui de Pina, *Crônicas*, 1977, p. 452).

Dom João Manuel capitão duma das alas, fazendo maravilhas, e Alboacem Rei Mouro, que lhe resestia com os seus valerosamente, com que a cousa esteve mui duvidosa. Eis nisto chegam os Portugueses favorecidos da fortuna e mi(318)//mosos dela, ajuntando-se aos Castelhanos começaram todos a ferir tão denodadamente nos Mouros que<sup>1</sup> não os podendo eles aturar viraram as costas, e os Cristãos os seguiram matando neles à sua vontade. Eis nisto veio a noite, com que cada um se recolheu a seu arraial, festejando os vencedores esta vitória<sup>II</sup> como era rezão. Foi esta batalha chamada do Salado, porque se deu junto de um Rio assi chamado, que corre pelo lugar da batalha. E por ser esta tal, em muitas Igrejas de Hespanha se celebra sua memória dando graças a quem foi autor dela. Sucedeu a ãa segunda-feira 28 de Outubro da Era de César 1378, que são anos do Senhor 1340<sup>760</sup>. Os fidalgos Portugueses que nela se acharam foram entre outros: o Arcebispo de Braga D. Gonçalo Pereira, D. Álvaro Gonçalves seu filho, Prior do Crato, D. Gil Fernandes Carvalho, Mestre de Santiago e de Avis<sup>761</sup>, Lopo Fernandes Pacheco, Senhor de Ferreira, Gonçalo Gonçalves de Sousa. Alferes da bandeira real foi Gonçalo Correa d’Azevedo, neto do mestre de Santiago, D. Paio Correa. E advirto de caminho que este Gonçalo Correa está enterrado em S. Vicente de Fora em Lisboa. E o título ou letreiro da sua sepultura está errado, porque diz: «Aqui jaz Gonçalo Correa d’Azevedo, Alferes-mor del Rei D. Afonso Henriques».

113

Eis as lanças, e espadas retiniam<sup>762</sup>  
por cima dos arneses; bravo estrago,  
chamam segundo as Leis que ali seguiam,  
uns Mafamede, e<sup>763</sup> outros Santiago.  
Os feridos com grita o Céu feriam  
fazendo de seu sangue bruto lago  
onde outros meios mortos se afogavam  
quando do ferro as vidas escapavam. (318v)//

---

<sup>1</sup> No ms.: «q̄ os não os podendo»...

<sup>II</sup> No ms.: «esta ~~batalha~~/ vitória como erarezão» ...

---

<sup>760</sup> Juan de Mariana situa a batalha no ano de 1340 *de nuestra saluacion*, mas observa: *Del dia varian los historiadores, empero nosotros de certissimos memoriales tenemos aueriguado, que esta nobilissima batalla se dio Lunes treynta de Octubre, como está señalado en el Calendario de la Iglesia de Toledo. (Historia General de España, 1616, XVI, VII, f. 21).* Cristóvão Rodrigues Acenheiro, nas *Chronicas dos Senhores Reis de Portugal*, aponta a data de «vimte a oito de Outubro, era de mil e trezemos e setemta e oyto.» (1824, p. 106). 28 de Outubro é igualmente a data referida por Rui de Pina (*Crónicas*, 1977, p. 446) e Duarte Nunes de Leão (*Primeira Parte das Chronicas dos Reis de Portugal*, 1600, f. 162).

<sup>761</sup> D. Marcos fala do «Mestre de Santiago e de Avis» como se se tratasse de um só indivíduo. Rui de Pina, porém, distingue-os (*Crónicas*, 1977, p. 444), e o mesmo faz Duarte Nunes de Leão, que nomeia o Mestre de Avis, «D. Estêvão Gonçalves Leitão» (*Primeira Parte das Chronicas*, 1600, f. 161v).

<sup>762</sup> Em 1572, 1609, 1626, 1631 e 1633: «reteniam». Em 1584, 1591, 1597, 1612 e 1613: «retiniam».

<sup>763</sup> Em 1572 e em 1609, «e os outros». Em 1584, 1591, 1597, 1612, 1613, 1626, 1631 e 1633: «e outros».

Homero e Virgílio no relatar das batalhas se houveram com muita singularidade, porque iam contando, aqui mataram tal homem, depois tal, contando *per suma capita* os que seus capitães matavam e os que os contrários feriam. O nosso Camões, com mais propriedade a meu ver, descrevendo qualquer batalha faz menção das cousas nas batalhas mui ordinárias, que é a confusão, vozaria, votos, estragos, e ultimamente vitória<sup>1</sup>, que é o próprio que nas batalhas acontece, aonde poucos sabem a quem feriram, e nenhum quem o feriu.

Eis as lanças e espadas retiniam.

Virg., 9 *Aen.* Virgilius. *Strepit assiduo cava tempora circum  
Tinnitu galea. Et saxis solida aera fatiscunt.*<sup>764</sup>

114

Com esforço tamanho estrui e mata  
o Luso ao Granadil, que em pouco espaço  
totalmente o poder lhe desbarata  
sem lhe valer defesa ou peito de aço.  
De alcançar tal vitória tão barata  
inda não bem contente o forte braço  
vai ajudar ao bravo Castelhana  
que pelejando está c'o Mauritano.

Brevemente, como dissemos, venceu El Rei de Portugal aos Mouros de Granada, porque além da boa vontade que tinham de lhe chegar, pelejavam à vista dos Castelhanos, e tinham sido de parecer que se desse a batalha, e tudo isto os esforçava mais pera a peleja. (319)//

texto Sem lhe valer defesa ou peito de aço.

Virg., 9 *Aen.* Virg. *Nec sufficit umbo  
Ictibus.*<sup>765</sup>

115

Já se ia o Sol ardente recolhendo  
pera a casa de Tétis, e inclinado  
pera o Ponente o Véspero trazendo  
estava o claro dia memorado,

---

<sup>1</sup> No ms.: «vitorias».

---

<sup>764</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, IX, vv. 808-809. Na edição de referência: *adsiduo*.

<sup>765</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, IX, vv. 810-811.

Quando o poder do Mauro grande e horrendo  
foi pelos fortes Reis desbaratado,  
com tanta mortindade que a memória  
nunca no Mundo viu tão grão vitória.

A construção desta estança é esta. Ia-se o sol recolhendo pera o mar, e o claro dia memorado, *i.* que nunca esquecerá, estava<sup>1</sup> inclinado pera o Poente, trazendo a estrela boeira *ect.* quando os mouros foram desbaratados.

«Com tanta mortindade» *ect.* O número dos Mouros que morreram foi mui grande, a nossa Crónica<sup>766</sup> diz que se pode colegir quão grande foi, por estarem três meses ou mais sessenta galés no estreito de Gibraltar a passar gente a Espanha, e depois à tornada muito menos galés os passarem em quinze dias, e todos os mais ficaram mortos. E não é muito a quem considerar, que os que na terra alhea são vencidos, e vão fugindo, em toda a parte por onde passam acham inimigos, como também aconteceu aos Castelhanos em Algibarrotta. Nas lições da casa desta vitória se diz que eram 460 mil homens mouros, e não escaparam mais que vinte mil com o rei de Marrocos e o de Granada.<sup>II</sup>

116  
Não matou a quarta parte o forte Mário  
dos que morreram neste vencimento, (319v)//  
quando as águas co sangue do adversário  
fez beber ao exército sedento.  
Nem o Peno asperíssimo contrário  
do Romano poder de nascimento,<sup>767</sup>  
quando tantos matou da ilustre Roma,  
que alqueires três de anéis dos mortos toma.

---

<sup>1</sup> No ms.: «q̄ nunca esquecerá, \*estava\* inclinado»...

<sup>II</sup> No ms., a frase que começa em «Nas lições da casa», foi acrescentada, em letra de tamanho reduzido.

---

<sup>766</sup> Nos *Dialogos de Varia Historia*, Pedro de Mariz afirma, a respeito da incerteza, assinalada por vários autores, quanto ao número de baixas na batalha do Salado: «Mas o que destes números eu sei, é, que todos eles concluem, gastar esta gente em passar a Hespanha, cinco meses contínuos, em sessenta galés, que doutra cousa não serviam, e que os outros que se salvaram, foram em cinco dias, e em doze galés somente, posto que ordinariamente o temor empreste asas para fugir.» (1597-1599, III, IV, f. 107v). D. Marcos segue a versão de Rui de Pina, Acenheiro e Duarte Nunes de Leão, segundo a qual a «tornada» durou «quinze dias» (1977, p. 453; 1824, p. 102; 1600, f. 165). Não repete o que Manuel Correia ou Pedro de Mariz escreveram (seguindo André de Resende, no *Breviarium Eborense* – 1548, col. 1650): «deram batalha aos Mouros, dos quais, segundo algũas crônicas dizem, morreram mais de quatrocentos mil, e dos Cristãos vinte homens.» (*Os Lusíadas* [...] *Commentados*, 1613, f. 105).

<sup>767</sup> Em 1572, bem como em 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1626, 1631 e 1633: «nascimento». Em 1613, «nascimento».

«O forte Mário». Plutarco<sup>768</sup> escrevendo a sua vida diz que foi natural Mário de Arpinas, pátria de Cícero, e que de baxo e pobre estado veio a alcançar por seu esforço e ventura (que é tudo) ser sete vezes Cônsul de Roma. Fez Mário muitas guerras, deu muitas batalhas e de todas saiu vencedor, e querendo dar ãa vez ãa a uns povos de Alemanha, tendo alojado seu exército onde a água era pouca, disseram-lhe os soldados donde se haviam de prover de água. Ele mostrando-lhe um Rio junto do qual estavam os inimigos, disse: «Aquele água haveis de comprar com sangue.» Foram então alguns Romanos fazer aguada àquele Rio; e enquanto uns enchiam os vasos, outros pelejavam, e o sangue envolto com a água corria, onde os que enchiam as vasilhas levavam água e sangue misturado, de que o exército bebeu. Ao outro dia deu-se a batalha, tão cruel que os mortos, diz Plutarco, que passaram de dez miríades, que são cem mil. E a terra, que até então fora estéril, esterçada com os corpos mortos se fez fértil; e os lavradores dos ossos dos finados faziam sebes e valados.

«Nem o Peno». Este foi Aníbal, filho de Amílcar<sup>I</sup> capitão Cartaginense, e de ãa Lusitana natural de Lisboa. A este Aníbal dão seus próprios inimigos os (320)// Romanos muitos louvores. Sendo de tenra idade, seu pai Amílcar o fez jurar<sup>II</sup> que tanto que tivesse forças e idade perseguiria os Romanos em tudo o que pudesse, o que ele se o<sup>III</sup> bem prometeu melhor o compriu. Sendo varão, com um exército de Cartagineses passou a Itália rompendo os Alpes por onde até então não havia caminho, e chegando a Itália fez nela muitos estragos tomando cada dia Cidades, vencendo<sup>IV</sup> exércitos consulares. Verdade seja que com Fábio Máximo lhe não foi tanto bem, mas não perdendo nada de seu valor, refazendo o exército, em que muitos Lusitanos, como diz Sílio Itálico<sup>769</sup>, andavam, que muito o ajudaram nestas guerras, deu ãa batalha junto de Canas a dous Cônsules, Paulo Emílio e Terêncio Varrão, em que matou aos Romanos quarenta mil homens de pé, e dous mil e setecentos de cavalo, e dos despojos mandou a África três alqueires de anéis,

---

<sup>I</sup> No ms.: «Ami\*1\*char».

<sup>II</sup> No ms., a última letra desta palavra sofreu retoque, sem que seja exactamente perceptível a sua forma primeira.

<sup>III</sup> No ms.: «se \*o\* bem prometeo»...

<sup>IV</sup> No ms.: «vencendo cada dia exercitos consulares»...

---

<sup>768</sup> Da *Vida* de Mário composta por Plutarco (relato de uma experiência dura e atribulada – v. *Plutarchi Cheronei Græcorum Romanorumque Illustrium Vitæ*, 1542, fls. 182-190v), D. Marcos retém apenas um episódio, que sintetiza e retoca para melhor lhe atribuir valor emblemático (fls. 185-185v). O resultado, porventura influenciado pela leitura de Orósio (*Historiarum Liber*, V, 16, 10), é semelhante ao que se acha n'Os *Lusiadas* [...] *Commentados* (1613, f. 108v).

<sup>769</sup> No texto de Sílio Itálico, entre outras referências, sobressai o passo em que se fala de Viriato. O guerreiro ibérico é o último adversário que Paulo Emílio aniquila antes de ser ferido de morte por mão anónima (*Punica*, X, vv. 215-234).

os quais só traziam os cavaleiros nobres, a vezes. Plutarco<sup>770</sup>, Tito Lívio<sup>771</sup>, Sílio Itálico.<sup>772</sup>

Plutarco, *De viris illust.* Tito Lív., Dec. 3 Síl. Itálico

117

E se tu tantas almas só pudeste  
mandar ao Reino escuro de Cocito  
quando a santa Cidade desfizeste  
do povo pertinaz no antigo rito,  
Permissão e vingança foi celeste,  
e não força de braço, ó nobre Tito,  
que assi dos Vates foi profetizado  
e depois por Jesus<sup>773</sup> certificado. (320v)//

Agora fala com Tito filho do Imperador Vespasiano, e faz este apóstrofe para significar que se este Príncipe matou do povo Judaico tantos, que isso foi por mandado de Deus, e não por seu esforço. *Nonne quia Deus suos vendidit eos*<sup>774</sup>, disse Mousés, dando a entender que o serem os Judeus avexados não nacia do esforço dos contrários tanto como do desamparo de Deus. Mas pois este lugar nos dá ocasião, e nós temos dado conta de outros povos e nações, brevemente recopilaremos os sucessos deste engrato povo até o tempo de Vespasiano.

Foram os Judeus decedentes do Patriarca Abraão, como consta das Sagradas Escrituras. Nos seus princípios viviam por essas soidões em liberdade obedecendo aos Patriarcas, com eles andavam muitos que eram servos, dos quais teve Abraão terzentos que podiam pelejar. O terceiro Patriarca Jacob os levou a Egito onde estiveram como é opinião mais comũ 210 anos, porque Mousés, que os tirou,

---

<sup>770</sup> V. *Annibalís Vita*, in *Plutarchi Cheronēi Græcorum Romanorumque Illustrium Vitæ*, 1542, fls. 94-103. A respeito da batalha de Canas, D. Marcos indica o mesmo número de mortos que Plutarco apresenta, mas não repete as suas dúvidas acerca do rigor desta informação (*Ad quadraginta millia peditum, ad duo millia supra septingentos equites, autore Liviō, eo prælio cæsa dicuntur. Polybius longè maiorem numerum cæsorū affert. Sed his in medio relictis illis affirmare libet* [...] – f. 98).

<sup>771</sup> Aníbal constitui uma figura de relevo em vários lugares de *Ab Urbe Condita*. No livro XXII, Tito Lívio narra a batalha de Canas, sem poupar imagens de violência na descrição da razia provocada entre as tropas romanas pelas forças cartaginesas. D. Marcos não repete essas imagens, como não segue Lívio no que concerne ao destino dos despojos de guerra: na versão de *Ab Urbe Condita*, Aníbal teria reservado para si os cavalos, os homens e a pouca prata que se encontrava nos arneses (*quod plurimum in phaleris equorum erat, nam ad vescendum facto perexiguo, utique militantes, utebantur* – XXII, LII, 5).

<sup>772</sup> Aníbal é figura crucial no poema de Silius Italicus, *Punica*. A batalha de Canas, em particular, é anunciada em I, vv. 38-55, e narrada ao longo dos cantos IX e X. Tão-pouco aí se fala num despojo de guerra que se medisse em «alqueires» de jóias.

<sup>773</sup> Em 1572, bem como em 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1626, 1631 e 1633: «depois por Iesu». Em 1613, «depois por Iesu».

<sup>774</sup> Liber Deuteronomii, 32, 30: *nonne ideo quia Deus suos vendidit eos et Dominus conclusit illos*.

foi bisneto de Levi filho de Jacob. Saídos do Egito tomaram forma de República e tiveram Leis dadas por Deus, per que se governavam. Chegados<sup>1</sup> à terra de promessa depois de andarem desgarrados no deserto 40 anos, se foram governando por Juízes, que foram 15, o último dos quais foi Samuel, e durou esta República ou governo 416 anos. Estes Juízes nem eram verdadeiros Senhores, como Gedeon<sup>775</sup> lhe disse, nem se sucediam por geração, senão faziam-se por eleição do povo, de sorte que o seu verdadeiro Rei era Deus, como ele mesmo lho disse por Samuel<sup>776</sup>. Mudou-se esta forma de governo em Saul, primeiro Rei daquele povo, e começou<sup>II</sup> Israel a chamar-se Reino, o qual título conservou por muitos anos, até a terceira destruição e cativo de Babilónia. (321)//

Jud. 8

Reg. 1, c. 8

Digo a terceira, porque três vezes foi cativo pera Babilónia, todas em tempo de Nabucdenosor. A primeira no 1.º ano deste Rei e 3.º del Rei Joacim<sup>III</sup>, quando Daniel foi levado cativo. A segunda no 8.º ano de Nabucdenosor, sendo Rei de Judea Jeconias, e então foi cativo o profeta Ezequiel. A terceira transmigração foi mais notável aos 19 anos do mesmo Nabucdenosor, e neste tempo tinha El Rei Sedecias preso ao profeta Jeremias. Desta vez ficou Israel despovoado e o templo foi destruído por Nabuzardão general dos Assírios, o qual levando cativos os restantes dos Judeus, deixou só os pobres e miseráveis pera cultivar as vinhas e agricultar as terras, e por seu Capitão Godolias, e eles matando a Godolias dessemparam a terra e fugiram pera o Egito. E aos 25 anos de seu Império deceu Nabucdenosor ao Egito, e achando lá estes fugitivos os levou cativos pera Babilónia. Durou este cativo 70 anos, até que morto Baltasar, neto de Nabucdenosor, os Medos e Persas destruíram Babilónia, e Ciro Rei deu licença aos Judeus que se tornassem a sua terra. Era seu capitão Zorobabel, filho de Salatiel. No tempo deste desterro se governavam os Hebreus por os mais nobres, e Sacerdotes. Este é o terceiro estado que teve aquele povo depois que saiu do Egito, porque no primeiro se governou por Juízes, no segundo, por Reis, e este foi o mais florente, e no terceiro por Sacerdotes, no tempo dos quais foram as histórias dos Macabeus, chamados Assamoneos, nome de família de que procediam quando os Judeus estavam sujeitos à monarquia grega depois que Alexandre Magno destruiu a

Duraram os  
Reis de Israel  
de Saul até  
Sedequias, 494  
anos

<sup>1</sup> No ms., parece ler-se «Chegandos». Trata-se decerto de um erro.

<sup>II</sup> No ms., a redacção original era «eficou»; «ficou» foi rasurado, e, sobre a sílaba riscada, acrescentou-se em entrelinha «come». Com a junção de uma cedilha ao «c», formou-se a palavra «começou».

<sup>III</sup> No ms.: «delRei Sedechias Joacim»...

<sup>775</sup> Liber Iudicum, 8, 23. Aos Israelitas, dispostos a reconhecê-lo, e a seu filho, como chefes, Gedeão responde recusando e lembrando que, na verdade, a Deus caberia esse poder: *non dominabor vestri nec dominabitur in vos filius meus sed dominabitur Dominus*.

<sup>776</sup> No cap. 7 do Liber Samuhelis (Regum Primus), conta-se como Samuel conseguiu que toda a casa de Israel adorasse a Deus (*et servierunt Domino soli* – 7, 4); no cap. 8, diz-se que, sendo já Samuel de avançada idade e não tendo filhos capazes de o substituírem, os israelitas lhe haviam pedido que designasse um rei. Samuel melindra-se e Deus acompanha-o nessa mágoa, pois considera que a rejeição de Samuel é a Sua própria rejeição: *non enim te abiecerunt sed me ne regnem super eos* (8, 7).

Persiana<sup>777</sup> em Dario. Pela virtude destes Macabeus tornou Israel a respirar, inda que deles mesmos (321v)// saíam os que os inquietavam<sup>778</sup>. Foram os Sacerdotes que o povo teve depois que passou a Babilónia, 22 até Aristobulo, que mudou a forma daquele governo. A Matatias sucedeu Judas, em cujo tempo se alimpou e purificou o Templo contaminado dos gregos; a Judas, Jónatas, e a este, Simão, todos filhos de Matatias. Este Simão teve um filho chamado Hircano, que foi pontífice em lugar de seu pai. Este Hircano achou no sepulcro del Rei David três mil talentos com que começou a sustentar prisídio, e tornando da guerra dos Partos recuperou muitas Cidades de Síria, que foram dos Reis de Israel, domou os Idumeus, e tomando a Cidade de Siquen destruiu aquele famoso templo que Jero-boão edificou aos seus Ídolos<sup>779</sup>, cujas ruínas viu frei Pantaleão de Aveiro<sup>780</sup>. Renovou as pazes com os Romanos, e morreu tendo governado 30 anos. E deixou o Reino tão florente que seu filho Aristobulo se intitulou por Rei dos Judeus; e este é o quarto Estado desta República, que começou, como diz Josefo, 481 anos depois de vindos de Babilónia. Um só ano reinou Aristobulo, sucedeu-lhe seu Irmão, Jonneo ou Alexandre, o qual reinou 27 anos, e per sua morte reinou sua mulher Salomé 9. Deixou Alexandre dous filhos, Hircano, e Aristobulo, os quais contenderam sobre o Reino. E Aristobulo tinha tomado Hierusalém. Hircano era mais velho, e contendia com ele. Neste tempo, Pompeo Magno era presidente de Síria, e Hircano lhe pediu socorro contra o Irmão. Ele lho deu, e cativou a Aristobulo, e tomou o Templo. E dizendo-lhe alguns que tomasse o dinheiro que no Templo estava, respondeu aquela sentença que muitos do nosso tempo houveram de saber e imitar s. «As cousas que a Deus se ofereceram, não é justo que se gastem nem apliquem a outro uso.»<sup>781</sup> Daqui por diante ficaram os (322)// Judeus tributários aos Romanos. E Antípatro Idumeu foi nomeado por Procurador daquele Reino

Josephus, *De antiq.* lib. 11, c. 4

Josephus, lib. 13

<sup>777</sup> Persiana, *i.e.* persa.

<sup>778</sup> D. Marcos terá retirado dos livros XI e XII das *Antiguidades Judaicas* matéria que aqui apresenta resumidamente. Do livro XII, em particular, vem a informação sobre a importância dos Macabeus na resistência judaica à nova ordem que as forças do sírio Antíoco procuravam impor.

<sup>779</sup> Trata-se de matéria desenvolvida nas *Antiguidades Judaicas*, de Flávio Josefo (XIII, 254-256).

<sup>780</sup> No *Itinerario da Terra Sancta*, frei Pantaleão de Aveiro descreve: «Está Sicar edificada em um outeiro pequeno junto a dous altos montes, Hebal e Garizin. [...] A parte Oriental tem o monte Garizin, tão propínquo à cidade, que ao Nacente do sol lhe causa sombra, porque naquela parte é altíssimo e íngreme, e no cume e maior altura dele está inda agora um templo de grande fábrica, outavado como o de Salamão, e junto dele outro também de grande fábrica, mas não outavado. Um destes dous templos edificaram os Samaritanos; e neles ofereciam seus sacrifícios, por ser o lugar onde Hieroboão primeiro Rei de Israel, depois que se dividiu o povo em duas partes ficando o tribu de Iudá e o de Benjamin a Roboão filho del Rei Salamão, e os outros dez tribos ao dito Hieroboão, pôs o Bezerro de ouro, com que fez idolatrar o povo, temendo que indo a Hierusalém, como tinham por costume, e a lei lho mandava, adorar ao templo do Senhor, que Salamão edeficara, se tornassem a reduzir à obediência de Roboão e seus sucessores descendentes del Rei David pola linha real. [...] o outro templo se edificou em tempo dos Romanos ao ídolo Iúpiter.» (1593, fls. 212v-213).

<sup>781</sup> D. Marcos segue a narrativa da *Guerra Judaica* (I, 152-153), de Flávio Josefo. No texto original, porém, não existe discurso directo. Conta-se que Pompeio, ao penetrar no interior do Templo, encontrou riquezas múltiplas (peças em ouro maciço, especiarias e uma reserva de dinheiro que somava cerca de 2000 talentos), das quais nada quis.

Suetônio;  
Plutarco

Este foi o  
último da linha  
de Israel que  
reinou

Marco Antônio  
meteu de posse  
de Judea a  
Herodes

em nome dos Romanos. A República Romana passou neste tempo muitos contrastes, assi pelos bandos de César e Pompeio como por a divisão do Império dos Triúnviros<sup>782</sup>, como finalmente pelas guerras de Augusto com Antônio, no qual tempo Antípatro se mostrou muito zeloso do serviço de Antônio, o qual lhe fez a dous filhos seus Tetrarcas, s. a Herodes, em cujo tempo nasceu Cristo, e a Faselos. Os Partos, inimigos dos Romanos, vieram a Hierusalém e levaram cativo a Hircano, e puseram da sua mão por Rei a um filho de Aristobulo que fora a Roma, chamado Antígono. O qual depressa foi morto, e Herodes Antípatro constituído no Reino, porque não ficaram filhos a Hircano. Destruído Marco Antônio, os Romanos, porque se não fiavam muito dos Judeus, lhe tornaram a partir o Reino em quatro tetrarquias. Isto em vida de Cristo. E porque quando naceu era Herodes Rei de Judea, e quando morreu já o Reino estava esquartejado, e neste estado durou até Agripa. E a ordem disto foi esta. Quando os Partos viram os Romanos ocupados em guerras civis, vieram sobre as terras do Império, e fizeram-se Senhores de algũas, entre as quais foi Judea, e matando a Hircano Rei, e a Antípatro e a Faselos, Herodes, filho de Antípatro, fugiu pera Roma, e lá contou como ficava por Rei em Judea Antígono, posto por mão dos Partos, inimigos do Império. Os Romanos então fizeram a Herodes Rei, porquanto não ficaram filhos a Hircano. Governou Herodes tal seja a sua vida, e por morte deixou seu testamento cerrado pera se confirmar no Senado. E primeiro matou três filhos de seis que tinha, Alexandre, Aristobulo, e Antípatro. (322v)//

De Aristobulo ficaram filhos, um deles foi Agripa, mais antigo, e Herodias, que depois casou com Felipe seu tio. Os filhos que ficaram eram Arquelau, Herodes e Felipe, por estes repartiram os Romanos o Reino de Israel, ficando a Arquelau a metade do Reino s. Judea, Idumea e Samaria. As outras províncias ficaram aos dous s. Galilea a Herodes, e a Felipe a Região Traconitis e outras. Arquelau por suas crueldades foi degradado pera Viena<sup>783</sup> de França, Herodes tomou a seu Irmão Felipe a mulher; e com ela foi também desterrado, e morreu má morte, porque parecendo-lhe a eles que aparecendo diante do Imperador Caio lhe acrescentaria o Reino, ou Tetrarquia, vieram de Judea a Roma fazer queixume de Agripa, o qual escreveu ao Imperador Caio que eles se queriam rebelar contra o Império, pelo que o Imperador os desterrou pera Leão de França e deu a sua Tetrarquia a Agripa, mas não lhe deu Judea, porque essa era já de mais tempo sujeita ao Governador de Síria. Este Rei Agripa foi o último que os Judeus tiveram, foi neto, como dissemos, de Herodes Ascalonita que matou os inocentes, e Irmão de Herodias. Alguns querem que lhe sucedesse seu filho chamado Agripa júnior, o qual reinava nalgũa parte de Judea ao tempo que Tito destruiu a Cidade, e que daí se viera pera Roma, onde o emperador o tratara muito bem, e que aí morrera,

---

<sup>782</sup> Em *De Vita Caesarum*, Suetônio lembra estas dissensões ao escrever sobre *Divus Iulius* e *Divus Augustus*. Quanto a Plutarco, refere estes conflitos nas *Græcorum Romanorumque Illustrum Vitæ*, onde quatro textos se destacam: *Marci Crassi Vita* (1542, fls. 223-231v), *Pompeii Vita* (fls. 239v-253v), *C. Cæsaris Vita* (fls. 268-279), *Antonii Vita* (fls. 340v-352v).

<sup>783</sup> Na *Guerra Judaica* (II, 111), Flávio Josefo menciona esta punição. *Vienna* situava-se na *Gallia Narbonensis*, nas margens do Ródano.

pondo termo à geração de Antípatro, vilão soberbo, e dos Herodes, exemplos de crueldade. Resta dáremos conta dos presidentes de Jerusalém e Judea, antes que tratemos da destruição deste Reino. Os Procuradores que governavam esta Província eram postos pelos Presidentes de Síria, mas depois que Arquelau foi desterrado começou Judea a ter próprio Presidente, o primeiro dos quais foi Copônio. Este (323)// dizem que fez a segunda resenha do povo por mandado do Imperador Augusto quando a Virgem Nossa Senhora e S. José foram a Belém escrever-se<sup>784</sup>. O segundo foi Marco Ambívio, o terceiro foi Pôncio Pilatos, o quarto foi Marcelo, este mandou a Pilatos pera Roma dar conta de si. A Marcelo sucedeu outro Marcelo, a quem despachou o Imperador Caio. E Cláudio mandou a Cuspídio por presidente de Judea. Seguiu-se-lhe Tibério Alexandre, após ele Cumano. Seguiu-se a este Cláudio Felix, que levou consigo sua mulher Drusila Judia. Com este tratou S. Paulo e com seu sucessor Pórcio Festo, o qual morrendo entrou Albino, e logo Céstio Floro quando os Judeus tomaram armas contra os Romanos, e o Senado mandou vir a Vespasiano, que estava em Bretanha, pera sojugar aos Judeus. Veio ele com seu filho Tito, e deram de repente nos Judeus no tempo da sua Páscoa, quando estava em Hierusalém grandíssima multidão deles, e os cercaram. Neste tempo deram novas a Vespasiano que o queriam fazer Imperador, deixou o filho continuando com o cerco, e foi a Roma. Tito apertou com os Judeus, que padeceram estranhas fomes, e os entrou a 10 dias de Agosto, no qual dia próprio o templo fora destruído em tempo de Nabucdonosor. Os soldados puseram fogo ao Templo, com grande sentimento de Tito, que trabalhou pelo livrar mas não pôde. Diz Josefo que os que morreram à fome e a ferro foram um conto e duzentos mil homens, e vieram cativos cem mil, entre os quais veio Josefo que escreveu esta história, a quem até 'gora, e a Eusébio na *História Eclesiástica*, e a outros Cronológicos<sup>786</sup> fui seguindo. (323v)//

<sup>784</sup> Nas *Antiguidades Judaicas* (XVIII, 2), Flávio Josefo afirma que Coponius viera com Quirinus para impor a ordem romana aos judeus.

<sup>785</sup> Eusébio afirma, assumindo tratar-se de uma informação colhida in *historijs Græcorum*, que Pilatos acabou por ter a morte dos danados, cometendo suicídio: *Igitur Iudæos pro commisso scelere ultio diuina damnabat. Sed & Pilatus qui in Saluatorem iniqui iudicis functus est officio, iisdem temporibus Caij, tantis ac talibus malorum cladibus cruciatus est, ut propria se manu transuerberans, nephariam uitam ui abiecissee referatur.* (*Eusebii Pamphili Cæsariensis De Historia Ecclesiastica*, in *Opera Omnia*, 1542, II, VII, p. 27).

<sup>786</sup> O jesuíta James Gordon (Jacobus Gordonius) foi seguramente um desses «cronológicos». V. *Operis Chronologici Tomus Alter*, 1614, pp. 14-19.

<sup>787</sup> A síntese traçada por D. Marcos contém discrepâncias relativamente à narrativa proposta por aquelas que diz serem as suas fontes principais. Na verdade, parte da informação virá de *Los XL Libros d'el Compendio Historial* de Garibay (1571, VII, XV, p. 236) Na obra de Orósio, não se fala de uma reconstrução do Templo por Adriano, e muito menos de qualquer concessão aos Judeus; vinca-se, sim, a radical exclusão da gente hebraica de Jerusalém, cujos muros haviam sido refeitos, e cujo nome, também por ordem do Imperador, havia passado a ser *Aelia*: *praecepitque ne cui Iudæo introeundi Hierosolymam esset licentia, Christianis tantum ciuitate permissa; quam ipse in optimum statum murorum extrucone reparauit et Aeliam uocari de pronomine suo praecepit.* (*Historiarum Liber VII*, 13, 5).

<sup>788</sup> Eusébio, ao narrar a queda de Jerusalém, sublinha igualmente a exclusão dos Judeus e a transformação da cidade – *Hælia* [...], *ex cognomento Imperatoris Helij Adriani* – sob o domínio

Euseb., *Hist. Ecles.*<sup>786</sup>, l. 2, c. 7; Josefo, l. 18 c. 8

Os Cristãos que viviam em Jerusalém por ordem divina se saíram, e foram morar nãa Cidade chamada Pela.

O Imperador Adriano reedificou o Templo e a Cidade de Hierusalém, a quem pôs nome Hélia Ádria, e deu o templo aos Judeus, os quais logo rebelaram, e Adriano os desterrou pera Espanha por ser muito longe da sua terra, e deu a Cidade aos Cristãos, como dizem Orósio<sup>787</sup> e Eusébio.<sup>788</sup>

texto

Reino escuro de Cocito.

Rio do Inferno. Virg.: *Cocytus stagna alta vides Stygiamque paludem*.<sup>789</sup>

Ó nobre Tito.

*Nobilis i.  
non vilis, vel  
notabilis*

Suet., c. 10

Nobre lhe chama por muitas razões, e deixadas as comúas de geração e avoengos, a principal é sua liberal condição, pela qual era de todos tão querido que lhe chamavam delícias do Mundo. E o dia que não fazia algũa mercê dezia com sentimento: *Amici diem perdidit*<sup>790</sup>. E quando venceu os Judeus, além de sentir muito a queima do Templo, não quis que lhe dessem parabéns daquela vitória, dizendo que só a Deus eram devidos. Sucedeu a seu pai no Império e durou pouco nele. Diz Suetônio que sua morte maior dano trouxe ao mundo que a ele próprio. *Inter haec morte praeventus est maiore hominum damno quam suo*.<sup>791</sup> E assi depois de morto foi mais louvado do que nenhum Emperador o fora sendo vivo. Foi Justo, Clemente, e manso, e mui liberal. Por estas virtudes é digno de se chamar não só nobre mas nobilíssimo.

Não foi força de braço, ó nobre Tito.

Suetônio, in  
*Vespasiano*

Estavam os Judeus neste tempo mui poderosos, e tanto que mataram a Céstio Floro, e lhe mataram o presídio que em Jerusalém tinha; e ao Legado Consular de Síria, que lhe veio socorrer<sup>I</sup>, lhe tomaram as bandeiras, e o fizeram fugir. As palavras de Suetônio são estas: *Iudaei ad se trahentes*<sup>II</sup> *rebellarunt: caesoque praeposito, Legatum insuper Syriae Consularem suppetias ferentem rapta aquila fugauerunt*<sup>792</sup>. Donde se pode ver o poder que então tinham os Judeus, e cegá-los seu pecado que tantos milhares de homens não soubessem resistir, era força do castigo divino, e não do braço contrário. Isto mesmo advirtiu a Escritura, fazendo

<sup>I</sup> No ms.: «veio socorrer ~~tambem~~ ~~omatarão~~ ~~lhetomaraõ~~ as bandeiras»...

<sup>II</sup> No ms., sobre «trahentes», uma chamada aponta para a nota colocada à margem: «corrige». Talvez D. Marcos quisesse assinalar o desencontro entre a versão de Suetônio, que dá por certo, em *De Vita Caesarum*, VIII (*Divus Vespasianus*), IV, 5, o assassinato do governador Céstio Floro, e a versão de Flávio Josefo, na *Guerra Judaica*, segundo a qual o chefe romano conseguira iludir e fugir aos inimigos (II, 551-555).

romano: *ut in Romanorum ius conuersa, ritum pariter mutaret et nomen*. Mais acrescenta que o primeiro bispo de Jerusalém, depois dos Judeus, foi escolhido entre gentios: *Igitur ex gentibus ut inibi coepit ecclesia congregari, primus post episcopos ex circumcisione, sacerdotium ciuitatis illius accepit Marcus (Eusebii Pamphili Caesariensis De Historia Ecclesiastica, in Opera Omnia, IV, VI-VII, p. 63)*.

<sup>789</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, VI, v. 323.

<sup>790</sup> Caius Suetonius Tranquillus, *De Vita Caesarum*, VIII (*Divus Titus*), VIII, 1.

<sup>791</sup> Caius Suetonius Tranquillus, *De Vita Caesarum*, VIII (*Divus Titus*), X, 1: *Inter haec morte praeventus est maiore hominum damno quam suo*.

<sup>792</sup> Caius Suetonius Tranquillus, *De Vita Caesarum*, VIII (*Divus Vespasianus*), IV, 5.

menção de como (324)// os Assírios desbarataram aos Israelitas e a seu Rei Joás, cujas palavras são estas: *Et certe cum permodicus venisset numerus Syrorum tradidit Dominus in manibus eorum infinitam multitudinem, eo quod dereliquissent Dominum Deum patrum suorum.*<sup>793</sup>

Paralip. 2, cap. 24

Que assi dos Vates foi profetizado.

Sobre aquele verso do profeta Amos, *Et mittam ignem in Iudam, et devorabit aedes Ierusalem*<sup>794</sup>, diz o nosso Dom Pedro Figueroa que inda que isto à letra se compriu quando Nabuzardão queimou Jerusalém e o Templo, que também se pode entender da destruição que Tito fez no mesmo Templo e Cidade. *Misit item Titum qui Templum secundum incendit, et Iudaeos penitus Iudaeamque deuoravit<sup>1</sup>. Prima enim illa Ierosolimae desolatio<sup>II</sup> veluti typus quidam fuit, et praeludium postremae, quae quanto gravior et diuturnior, tanto gravior et diuturnius<sup>III</sup> potest esse peccatum propter quod venit.*<sup>795</sup>

Amos, 2

E depois por Jesu certificado.

Foi confirmado o testemunho dos Profetas pela boca da verdade, Cristo Jesu Redentor nosso, o qual decendo um dia do monte Olivete e chegando a um lugar donde a Cidade de Jerusalém se via quasi toda, chorou como homem e profetizou como Deus: «Ah Cidade, se conhecesses tu o castigo que sobre ti há-de vir, choraras como eu choro, porque virão dias quando teus inimigos te cercarão de valo e trincheiras, e te apertarão, até te destruir sem deixarem em ti pedra sobre pedra.»<sup>796</sup> Isto bem se viu, e os Judeus o sentiram, e mais poucos caem nesta verdade, que por o pecado maior se lhe deu o maior castigo. Pela Idolatria, que é injúria feita a Deus, lhe dava ele castigos, desterrós, guerras, fomes. (324v)// Mas

<sup>1</sup> No ms., percebe-se uma hesitação na grafia do verbo.

<sup>II</sup> No ms., grafou-se primeiro «dessolatio» e procurou-se depois unir, como se de uma única letra se tratasse, o par de sibilantes. A confirmar esta emenda, foi repetida na margem a forma correcta: «desolatio».

<sup>III</sup> No ms.: «diuturnius. propter quod et potest esse peccatum»...

<sup>793</sup> Paralipomenon II, 24, 24. Na edição de referência: *Dominus manibus eorum... quod reliquissent...*

<sup>794</sup> Amos Propheta, 2, 5. Na edição de referência: *in Iuda*.

<sup>795</sup> *Operum P.D. Petri A Figueiro Lusitani Canonici Regularis S. Avgvstini Congregationis Sanctae Crucis Conimbricensis*, 1615, t. II, p. 214. D. Marcos diverge pontualmente, ao escrever *Prima* em lugar de *Prior*, ou ao dizer *quanto gravior et diuturnior* em vez de *quantò grauior est, & diuturnior*.

<sup>796</sup> As palavras atribuídas a Cristo são uma paráfrase do texto evangélico (Secundum Lucam, 19, 41-44): *Et ut adpropinquavit videns civitatem flevit super illam dicens/ quia si cognovisses et tu/ et quidem in hac die tua quae ad pacem tibi/ nunc autem abscondita sunt ab oculis tuis/ quia venient dies in te/ et circumdabunt te inimici tui vallo/ et circumdabunt te/ et coangustabunt te undique/ ad terram prosternent te/ et filios qui in te sunt/ Et non relinquent in te lapidem super lapidem.*

quando seu desaforo chegou a pôr suas mãos sacrílegas no autor da vida, logo se lhe seguiu tal castigo, que não tem os Judeus nesta vida que temer outro maior.

Oseas  
sem sacerdote, e sem sacrifício, e dando a causa disto diz o mesmo profeta, que é porque não conhecem seu pecado, o qual pecado diz o mesmo que é, porque não conheceram a seu Deus, e a David seu Rei, o que à letra se entende do estado presente dos Judeus. Andam como outro Caim com o sangue de seu Irmão às costas. *Sanguis eius super nos*<sup>798</sup>, malditos, vagos, peregrinos, sem pátria, sem Rei, sem sacerdote. E não conhecem seu pecado. Que pecado é este que os Judeus não conhecem? Todos os pecados que hoje se sabem e fazem são manifestos aos Judeus. Só um lhe está encoberto, que lhe houvera de ser mais claro que todos, que é desprezarem a seu Deus, que os criou<sup>I</sup>, e a seu Cristo, que os redimiu. Acerca das profecias que tratavam do castigo dos Judeus, eram tão claras a todos que até os Gentios que as não criam as sabiam. Ouçamos o que diz Suetônio na *Vida de Vespasiano: Percrebuerat Oriente toto vetus et constans opinio: Esse in fatis ut eo tempore Iudaea profecti rerum potirentur*<sup>799</sup>. Andava mui quente<sup>II</sup> por todo o Oriente ãa antiga e constante opinião, que naquele tempo quem saísse<sup>III</sup> de Judea se faria Senhor do mundo<sup>IV</sup>. Era esta opinião tão constante e tão universal no Oriente, e os Judeus que moravam nele não a entendiam, nem alcançaram, senão depois que viram de feito<sup>V</sup>. O mesmo há-de ser deles, porque nascendo no meio do seu Reino, de sua própria geração e sangue, Cristo seu Rei, eles o não conheceram, nem o conhecerão senão no fim do Mundo. (325)//

Vendo os  
Judeus que  
era chegado o  
tempo da vinda  
do Messias,  
levantaram  
per Rei a um  
chamado  
Bencozba e com  
ele se rebelaram  
contra os  
Romanos por  
presuasão  
de um Rabi  
chamado  
Aquiiba.

118

Passada esta tão próspera vitória,  
tornando<sup>800</sup> Afonso à Lusitana terra  
a se lograr da paz com tanta glória  
quanta soube ganhar na dura guerra,

<sup>I</sup> No ms.: «seu Deos #q̄ os criou#»...

<sup>II</sup> No ms.: «mui quente ~~h~~ por todo o Oriente»...

<sup>III</sup> No ms.: «quem fosse ~~XXX~~/saissede Judea»...

<sup>IV</sup> No ms.: «se faria Senhor ~~delle~~ do mundo.»

<sup>V</sup> Propomos uma hipótese de leitura.

<sup>797</sup> D. Marcos procede a uma conversão do registo enunciativo do texto bíblico, tornando as palavras que em Oséas são parte do discurso divino, relativo a um tempo futuro, numa declaração explicativa que se reporta a uma experiência pretérita. V. Osee Propheta, 3, 4-5: *quia dies multos sedebunt filii Israhel sine rege et sine principe/ et sine sacrificio et sine altari et sine ephod et sine therafin/ et post haec revertentur filii Israhel let quaerent Dominum Deum suum et David regem suum / et pavebunt ad Dominum et ad bonum eius in novissimo dierum.*

<sup>798</sup> Secundum Mattheum, 27, 25.

<sup>799</sup> Caius Suetonius Tranquillus, *De Vita Cæsarum*, VIII (*Divus Vespasianus*), IV, 5.

<sup>800</sup> Em 1572, bem como em todas as edições publicadas até 1633: «Tornado»...

O caso triste, e digno de<sup>801</sup> memória,  
que do sepulcro os homens desenterra,  
aconteceu da mísera, e mesquinha,  
a qual depois<sup>802</sup> de morta foi Rainha.

Começa a entrar na lastimosa história da morte da fermosa D. Inês de Castro<sup>803</sup>. Era ela filha de um grande Senhor de Castela chamado Dom Pedro de Castro, filho de Dona Violante, filha bastarda del Rei Dom Sancho o bravo, Irmão da Rainha Dona Brites, avó do Infante Dom Pedro, de sorte que era sua parenta em grau proibido. Vindo a Infante Dona Constança a este Reino casar com o dito D. Pedro, trouxe consigo esta donzela como parenta sua, e como era tão bela e engraçada, viu-a o Infante e logo se namorou dela, o que lhe alcançou a Infanta sua mulher, e pera evitar algum mal a tomou por comadre do primeiro filho que lhe naceu, que foi chamado Dom Luís, mas este foi triste remédio pera apagar fogo ateado num coração rendido. Se muito lhe queria dantes, mais lhe quis depois, e morrendo-lhe neste tempo a Infante sua mulher, houve de Dona Inês muitos filhos. Sabia-se no Reino o mau estado do Príncipe, e receavam-se que, morrendo El Rei, ele se casaria com D. Inês, e seus Irmãos, que eram grandes Senhores em Castela, viriam a Portugal e matariam ao Infante Dom Fernando que já era nacido, pera suceder o filho de D. Inês. (325v)//

E como a lealdade portuguesa era grande naquele tempo, foi El Rei advirtido disto, e apontaram-se-lhe todos estes inconvenientes. E assi disse ele ao Príncipe<sup>I</sup> muitas vezes que se casasse, e ele dissimulava co' isso. O Doutor<sup>II</sup> João das Regras, no arrezoadado que fez nas cortes de Coimbra sobre a sucessão deste Reino, diz, que El Rei D. Afonso disse a seu filho D. Pedro que se ele devia àquela Senhora algũa cousa, que se casasse com ela, e ele que lhe respondera que lhe não devia nada<sup>804</sup>. Era este Príncipe, de sua natureza, pouco afável, e feito ao seu modo, e

---

<sup>I</sup> No ms.: «eassi lhe disse \*elleaoPríncipe\* m<sup>tas</sup> vezes»...

<sup>II</sup> No ms.: «O Doutor ~~das~~ João das regras»...

---

<sup>801</sup> Em 1572, 1597, 1609 e 1626: «dino da memória». Em 1612, «digno da memória». Em 1584, 1591 e 1613: «digno de memória». Em 1631 e 1633, «dino de memória».

<sup>802</sup> Em 1572, bem como em 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1626, 1631 e 1633: «Que depois de ser morta». Em 1613, «Que depois de ser morta»...

<sup>803</sup> D. Marcos segue a versão de Rui de Pina (*Crônicas*, 1977, pp. 464-466), cruzando-a com a de Duarte Nunes de Leão (*Primeira Parte das Chronicas*, 1600, fls. 171-171v).

<sup>804</sup> Para lembrar o discurso do «Chançarel mór; homem de grande authority, e sciencia de direito Civil, que fora discipulo de Bartolo, e dotado de grande eloquencia», D. Marcos não precisaria de ler Fernão Lopes. Duarte Nunes de Leão, na *Cronica del Rey D. Joaõ o I* (só postumamente publicada, em 1643), lembra: «vindo á noticia del Rey D. Affonso como seu filho o Infante D. Pedro estava tão embaraçado com Dona Inez de Castro, e que muitos diziaõ ser cazado com ella, pouzando o Infante nos Paços de Sancta Clara em Lisboa, enviara a elle Diogo Lopez Pacheco, que alli estava prezente, e o Mestre Joaõ das Leys, que era de seu Conselho. E por elles lhe mandou dizer que, pois se não contentava de cazar com filha de Rey, e tanto amava a Dona Inez, que cazasse com ella, e a recebesse por molher: e que elle levaria disso gosto, e a honraria como molher, que avia de vir a

pouco ao cortesão, e não foi muito dar tal reposta a El Rei seu pai, o qual dizem que lhe chegou a dizer, que se cuidasse que o havia de sofrer naquele estado, que se enganava, porque se fosse necessário lhe mandaria matar a Dama. Mas como o Infante não era muito agudo do entendimento<sup>1</sup> cuidou sempre que tudo aquilo eram medos que lhe punham pera se casar, mas na verdade sua tenção era deixar morrer seu pai e logo casar-se em público com D. Inês. Tornavam os Conselheiros del Rei a apertar co ele sobre a matéria sem ele se acabar de resolver no que faria; porque não havia outro remédio senão ou casar-se o Príncipe, ou matar-lhe D. Inês. O Príncipe não queria casar-se. Matar ãa donzela inocente era cousa dura. E nestes dous estremos se via o Rei, mas os conselheiros nunca desistiam de lhe lembrar as defículdades do negócio. Até que um dia estando El Rei em Montemor-o-Velho no ano de 1355, se resolveu de a matar, e pera isso se veio a Coimbra, onde ela estava nãas casas que estavam junto ao mosteiro de Santa Clara além da ponte. Tanto que D. Inês soube que era vindo El Rei, logo o coração lhe adivinhou o que podia ser, e tomando junto de si (326)// os filhinhos que do Príncipe houvera, se pôs de joelhos, e os mininos também, e fez ãa prática ao Rei, tão piadosa e justificada, e acompanhada de tantas lágrimas, que o Rei não podendo ter as suas tratava de lhe perdoar, mas os do seu conselho, principalmente Álvaro Gonçalves meirinho-mor, Diogo Lopes Pacheco Senhor de Ferreira, e Pero Coelho, apertaram tanto com o Rei, que virando-se e saindo pera fora disse: «Nem vos dou licença nem vo-la nego». Eles então desembainhando as espadas se foram à inocente cordeira e a mataram, dizendo esta palavra: «Rei, e nossa intenção basta.»<sup>805</sup>

119

Tu só, tu puro amor, com força crua  
que os corações humanos tanto obriga  
deste causa à molesta morte sua  
como se fora pérfida inimiga.  
Se dizem, fero Amor, que a sede tua  
nem com lágrimas tristes se mitiga,  
é porque queres áspero, e tirano,  
tuas aras banhar em sangue humano.

Torna a culpa desta morte indigna ao Amor, e alguma razão lhe sinto, porque ele foi o autor desta tragédia. E diz que só ele obriga os corações humanos ao que

---

<sup>1</sup> No ms.: «m<sup>to</sup> agudo #doentendim<sup>to</sup>#»...

---

ser Rainha: e que o Infante lhe respondera, que não era contente disso, nem o avia de fazer em dias de sua vida; e que nisso lhe não falassem mais.» (Duarte Nunes de Leão, *Crônicas*, 1975, p. 540).

<sup>805</sup> D. Marcos segue a versão de Rui de Pina (*Crônicas*, 1977, p. 465-466), sem esquecer, no entanto, a de Duarte Nunes de Leão, que enfatiza a dimensão trágica do «espectáculo lastimoso» da morte da «inocente» Inês (*Primeira Parte das Chronicas*, 1600, fls. 171v-172).

quer, e violenta as vontades que a Natureza deixou livres. A um amante, disse o poeta cômico: *Scio te sponte non tuapte errasse, sed Amorem tibi pectus obscurasse*<sup>806</sup>. Sei que não errastes de vossa vontade, mas o Amor vos cegou. Muitos culpados houve na morte de Dona (326v)// Inês, mas só do Amor se queixa, sendo causa mais remota, porque a próxima foi o zelo português, que receava os danos que deste sobejo Amor se podiam seguir.

Plauto in  
*Trinumo*

Se dizem, fero Amor, que a sede tua.

texto

Virg.: *Nec lacrimis satiatur Amor, nec rore cicadae.*<sup>807</sup>

Virg., Egl.

É porque queres áspero, e tirano,  
Tuas aras banhar *ect.*

texto

Muto sangue por Amor se derramou. Per isso dezia um poeta grego, que quem fingia o Amor Deus errava, porque as obras de Deus todas eram boas, e Amor se alegrava com sangue humano.

Traduzido:

*Quis Deum dixit Amorem? Dei malum<sup>1</sup> nullum videmus  
Opus. Ast hic, hominum sanguine  
ridendo gaudet.*<sup>808</sup>

120

Estavas linda Inês posta em sossego,<sup>809</sup>  
de teus anos colhendo o doce fruto,  
naquele engano d' alma<sup>810</sup>, ledo, e cego,  
que a fortuna não deixa durar muto.<sup>811</sup>

---

<sup>1</sup> No ms.: «Amorē & \*Dei malū\* nullū videmus»...

---

<sup>806</sup> Titus Maccius Plautus, *Trinummus*, vv. 666-667. O trecho encontra-se na *Polyanthea Nova* (1607, p. 83) sob o título *Amor Venereus*. Na edição de referência do texto plautino: *opscurasse*.

<sup>807</sup> Giovanni Boccaccio, *Buccolicum Carmen*, I (*Galla*), v. 84, *Non lacrimis satiatur Amor, non rore cicadae*. D. Marcos atribui o passo a Virgílio, mas na verdade trata-se de texto de Boccaccio, que imita, explorando a *contaminatio*, versos de pelo menos duas églogas virgilianas (V, v. 77, *dumque thymo pascentur apes, dum rore cicadae*; X, v. 29, *nec lacrimis crudelis Amor nec gramina rivis*).

<sup>808</sup> Atribuído a *Incertus auctor*, este passo figura na *Polyanthea Nova*, sob o título *Amor Venereus* (1607, p. 84).

<sup>809</sup> D. Marcos, fiel à explicação que apresenta no início dos Comentários (v. p. 9), grafa «socego», diversamente do que acontece na edição de 1572 e na de 1609 («sosego» – sic) e nas de 1584, 1591, 1612, 1626 e 1633 («sossego»). Em 1597, 1613, 1631, «socego».

<sup>810</sup> Em 1572, bem como em 1584, 1591, 1609, 1613, 1626, 1631 e 1633: «engano da alma». Em 1597, 1612, «engano d'alma».

<sup>811</sup> Em 1572, bem como em 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1613, 1626, 1631 e 1633: «muito».

Nos saudosos campos do Mondego,  
de teus fermosos olhos nunca enxuto,  
aos montes ensinando<sup>812</sup> e às ervinhas  
o nome que no peito escrito tinhas.

No nono Canto nos deteremos mais nas matérias de Amor, agora só declararemos brevemente o sentido do poeta. Três cousas nos representa o nosso poeta aqui. A primeira o sossego e quietação em que D. Inês vivia enquanto era favorecida de Amor. Outra, que era esse gosto engano puro como a fortuna o mostrou; e a terceira, como ela contava suas glórias, até às cousas insensíveis. Quanto à primeira, digo, que é grande glória a de quem ama (327)// se goza sem recção o que ama, e se é seu amor recompensado. Donde deziã dous amigos que bem se queriam:

Plauto in *Most.*

*Bene igitur ratio accepti, atque expensi inter nos convenit.  
Tu me amas, ego te amo, merito id fieri uterque existimat  
Haec qui gaudent gaudeant, perpetuo suo semper bono.*<sup>813</sup>

Torcatto Tasso

Nãa Comédia de Torcatto Tasso chamada *Aminta*<sup>814</sup>, dezia ãa Pastora persuadindo a outra a amar:

*Forse, si tu gustassi anco una volta  
La millesima parte de le gioie  
Che gusta un cor amato riamando  
Diresti, repentita suspirando:  
Perduto é tutto il tempo  
Che in amar non si spende.  
O mia fuggita etade,  
Quante vedovi notti,  
Quanti dî solitari*

---

<sup>1</sup> No ms., parece ter sido escrito «doquê ama». Sob o «o» (não rasurado), foi acrescentado um «e».

<sup>812</sup> Em 1572, bem como em 1584, 1597, 1609 e 1612: «insinando». Em 1591, 1613, 1626, 1631 e 1633, «ensinando».

<sup>813</sup> Titus Maccius Plautus, *Mostellaria*, vv. 303-306. O passo encontra-se citado na *Polyanthea Nova* (1607, p. 65), sob o título *Amicitia*.

<sup>814</sup> *Aminta Favola Boschereccia del Sig. Torquato Tasso*, 1590, pp. 6-7 (vv. 117-131). Circulava já impressa, desde 1607, uma tradução castelhana, feita por Juan de Jáuregui y Aguilar, do texto de Tasso. D. Marcos cita pelo original italiano, deixando aqui e ali passar alguma interferência do português: escreve *si tu*, e não *se tu*; *repentita suspirando*, e não *ripentita sospirando*; *etade*, e não *etate*; *vedovi*, e não *vedove*; *endarno*, e não *indarno*; *en*, e não *in*; *suave*, e não *soave*; *que el pentirsi*, e não *ch'el pentirsi*. É merecedor de nota o facto de o cónego crúzio lembrar estes versos – parte de uma insistente exortação ao gozo do amor, na sua plena sensualidade.

*Ho consumati endarno  
 Che si poteano empiegar en quest'uso  
 Il qual più replicato he più suave.  
 Cangia, cangia consiglio,  
 Pazzarella que sei:  
 Que el pentirsi da sezzo nulla giova.*

Este é o doce fruto d' alma que D. Inês gozava, mas isto era porque não sabia o pouco que lhe havia de durar, porque como diz o nosso poeta, a fortuna não deixa durar muito bem tamanho. E quem mete Fortuna com Amor. Diz Séneca que Amor é um dos bens da fortuna, e como os seus bens sejam de pouca dura, este não pode muito durar:

*Vis magna mentis, blandus atque animi calor  
 Amor est, Juventa gignitur, luxu otio  
 Nutritur, inter Laeta Fortunae bona.*<sup>815</sup>

Como seja bem da fortuna dura pouco, e na sua mudança traz males mui duros, e por isso lhe dão os autores vários epítetos, (327v)// ora de brando, doce, favorável, logo de duro, amargoso e cruel. E assi Petrarca definindo o Amor disse: *Est Amor latens ignis, gratum vulnus, sapidum venenum, dulcis amaritudo, delectabilis morbus, iucundum supplicium, blanda mors.*<sup>816</sup> É o Amor fogo encoberto, agradável ferida, saboroso veneno, doce amargura, deleitosa doença, jucundo castigo, branda morte. E Plauto disse que era *Blandiloquentulus, harpago, mendax, cuppes, avarus*<sup>817</sup>, e outros títulos que a estes se seguem, todos os quais lhe convém considerando os dous estados seus, um brando e enganoso, outro cruel mas que desengana, ou descobre o engano que no primeiro estado havia. Gozava do primeiro D. Inês, quando ensinava às ervas o nome do seu querido e não entendia o pouco que lhe havia de durar esse estado e quão amargoso lhe seria o segundo, que foi tal que no momento que começou a acabou a ela, e por ela se pode dizer o que disse Ovídio destes dous estados de amor:

Petrarca,  
*De remediis  
 utriusque  
 fortunae*, dial.  
 69

Plauto in  
*Trinumo*

*Scilicet alterna  
 quoniam  
 iactamur in  
 unda Nostraque  
 non ullis  
 permanet aura  
 locis*<sup>818</sup>

Ovid., 2 de *Arte  
 Amandi*

<sup>815</sup> Lucius Annaeus Seneca, *Octavia*, vv. 561-563. Na tragédia, estes versos fazem parte de uma fala da personagem Séneca, que procura avisar Nero e chamá-lo à razão. O passo encontra-se citado na *Polyanthea Nova* (1607, p. 84) sob o título *Amor Venereus*.

<sup>816</sup> *De Gratis Amoribus*. DIAL. LXIX, in *Francisci Petrarchæ De Remediis utriusque Fortunæ*, 1610, p. 232. Na *Polyanthea Nova* (1607, p. 85), sob o título *Amor Venereus*, esta frase faz parte da extensa citação do diálogo de Petrarca.

<sup>817</sup> Titus Maccius Plautus, *Trinummus*, vv. 239-240. D. Marcos continua decerto a citar pela *Polyanthea Nova* (1607, p. 84), sob o título *Amor Venereus*. No texto de Plauto, a enumeração prolonga-se: *elegans, despoliator, latebricolarum hominum corruptor, inops celatum indagator*.

<sup>818</sup> Sextus Propertius, *Elegiae*, II, XII, vv. 7-8. D. Marcos deve citar ainda pela *Polyanthea Nova* (1607, p. 84) sob o título *Amor Venereus*.

*Quod iuuat exiguum est. Plus est quod laedit amantes.*<sup>819</sup>

Mais de dureza tem o segundo estado de amor, do que teve de brandura o primeiro.

Plaut., in *Cist.*

*Amor et melle et felle est faecundissimus  
Gustu qui dat dulce, amarum ad satietatem usque aggerit.*<sup>820</sup>

Aos montes ensinando *ect.*

Virg., 1 Eg.

S. Amb., *Homi.*  
25

Termo de falar poético, porque os amantes falam com os montes e co as plantas. *Fermosam resonare doces Amari[lli]da<sup>1</sup> sylvas*<sup>821</sup>, porque tem pera si os que amam, que todos sabem a causa de seus amores, e que até as cousas insensíveis podem ter compaixão de seus males. S. Ambrósio: *Vis amoris hoc agere solet in animo, ut quem semper ipse cogitat nullum alium credat ignorare.*<sup>822</sup> (328)//

121

Do teu Príncipe ali te respondiam  
as lembranças que n' alma<sup>823</sup> lhe moravam,  
que sempre ante seus olhos te traziam  
quando dos teus fermosos se apartavam.  
De noite em doces sonhos que mentiam,  
de dia em pensamentos que voavam,  
e quanto enfim cuidava, e quanto via,  
eram tudo memórias de alegria.

Aqui trata da respondência do Amor do Príncipe Dom Pedro pera com sua querida. E diz, que absente dela, o pensamento e a memória lha faziam presente

---

<sup>1</sup> No ms., ao mudar de linha, D. Marcos esquece uma sílaba do nome «Amaryllida».

---

<sup>819</sup> Publius Ovidius Naso, *Ars Amatoria*, v. 515. O excerto encontra-se citado na *Polyanthea Nova* (1607, p. 83), sob o título *Amor Venereus*. Na edição de referência do texto ovidiano: *Quod iuuat, exiguum, plus est, quod laedat amantes.*

<sup>820</sup> Titus Maccius Plautus, *Cistellaria*, vv. 69-70. D. Marcos segue decerto mais uma vez a *Polyanthea Nova* (1607, p. 84), sob o título *Amor Venereus*. Na edição de referência do texto de Plauto: *Amor et melle et felle est fecundissimus; gustui dat dulce, amarum ad satietatem usque oggerit.*

<sup>821</sup> Publius Virgilius Maro, *Bucolica*, I, v. 5. Na edição de referência: *formosam resonare doces Amaryllida silvas.*

<sup>822</sup> Gregorius Magnus, *Homiliae in Evangelia*, XXV, 5 (*Gregorius Magnus Homiliae in Evangelia*, 1999, p. 210. Na edição de referência: *ut quem ipse semper...*). O erro na atribuição da autoria vem da leitura da *Polyanthea Nova* (1607, p. 82), no título *Amor Cupidineus seu Venereus*. O trecho de Gregório Magno figura entre as *Patrum Sententiae*, identificado, após várias citações de S. Ambrósio, apenas como *Hom. 25*.

<sup>823</sup> Em 1572, bem como em 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1626 e 1633: «na alma». Em 1613, «n'alma».

a ela<sup>1</sup>, e desejoso de a tornar a ver. Contava um pastor a outro seus amores, e disse-lhe entre outras cousas, que quando começou a amar, tudo era desejar de ver sempre a sua querida.

Apud Torcat.  
Tasso

*A poco, a poco nacque nel mio petto  
non só da qual radice  
com' herba suol, che per se stessa germi  
un<sup>II</sup> incognito affetto  
che mi fea desiare  
de esser sempre presente  
ala mia bella Silvia.<sup>824</sup>*

Fuja o amante, vá-se a terras desconhecidas, que onde quer que for achará o Amor que lhe represente o que ama.

Dezia Propércio: *Instat semper Amor supra caput instat amanti  
O gravis ipse super libera cola sedet.*<sup>825</sup>

Fugiu Petrarca à sua Laura cuidando que com se absentar, evitaria amorosos pensamentos, mas vendo ser cousa impossível escreveu-lhe ã carta<sup>III</sup> nesta forma:

Esta carta  
está no  
*Petrarchista*<sup>826</sup>.  
Começa: *O sola  
nel mondo dona  
dela mia mente*

<sup>I</sup> No ms.: «lha fasiaõ presente. e \*aella\* deseioso»...

<sup>II</sup> No ms.: «un' *ingo* incognito»...

<sup>III</sup> No ms.: «huã carta a Lauranestaforma».

<sup>824</sup> *Aminta Favola Boschereccia del Sig. Torquato Tasso*, 1590, p. 17 (vv. 424-430). D. Marcos escreve *de esser*, e não (como no texto italiano) *D'esser*.

<sup>825</sup> Sextus Propertius, *Elegiae*, II, XXXA, vv. 7-8. Na edição de referência: *et gravis ipsa super libera colla sedet*.

<sup>826</sup> *Il Petrarchista Dialogo di Messer Nicolo Franco* (texto em que se olha com distância crítica e lente paródica o furor suscitado pelo *Canzoniere* de Petrarca, bem como um modo de ler ávido de revelações biográficas) foi difundido em várias edições, a partir de 1539. D. Marcos não usou a de 1623 (onde os *decreti de la fortuna* se transformam em *decreti inevitabili*); se usou a de 1543, soube emendar a gralha pela qual a palavra *mano* é ali grafada *m'ano*. A *Lettera del Petrarca a Laura* diz assim: *O sola nel mondo Donna de la mia mente. Sallo il mio core, qual fu sempre sincero giudice de le sue pene, Sallo pur la mia fede, dispensatrice di quei pensieri; che morto in me stesso, et in voi viuo mi tengono, Sallo al fine la vaga luce de gli occhi vostri, onde morte me assolue, et amor mi lega se le cagione; che m'ha mosso a partirmi, e stata per altro: che per sperare, o che il mio foco mancas-se, o che la vostra beltà scemasse. Ma o fragile, et o fallita speranza, sei pur rotta a i duri scogli, in cui l'altrui durezza con gli istessi inganni m'ha scorto. Son giunto in Sauoia, mal grado de la morta vita. guidata da la vana credenza./ E cresciuto il foco ne l'imporre a gli occhi la legge: che serua il cielo a gli suenturati a me simili. E aggiunto nuouo ghiaccio a la mente nel contemplare la vostra luce, che non mi lascia vn passo. Son fatti maggiori i tormenti nel rimirare l'aumento de la vostra bellezza. Son raddoppiati gli smesurati desiri con la misura de i lunghi passi. Ma cosi inrauiene quando ne le leggi d'amore s'interpongono i decreti de la fortuna. Andrò dunque, poi che cosi ui piace, con la compagnia de i tormenti, solo e peregrino nel mondo. Andro col sangue mal sparso*

## Ó só no mundo senhora de meu entendimento

Sabe-o meu coração, o qual foi sempre sincero (328v)// Juiz de suas penas, sabe-o também minha fé dispenseira daqueles pensamentos que morto em mim, e em vós vivo me tem, sabe-o enfim a bela luz de vossos olhos onde morte me solta e amor me ata, se a causa que me moveu a partir-me foi outra, senão esperar que ou meu fogo abrandasse ou vossa fermosura diminuísse; mas oh enganada esperança, que te foste quebrar nos duros penedos nos quais com a dureza dou-trem, meus próprios enganos me levaram<sup>1</sup>. Cheguei a Sabóia em que pês à morta vida levada de vã confiança, e vi que creceu meu fogo quando pus a meus olhos aquela lei que o Céu guarda pera os desventurados como eu. E ajuntei novas penas<sup>II</sup> ao entendimento em contemplar o aumento de vossa beleza. Dobraram-se os desmedidos desejos com a medida dos longos passos. Mas assi acontece, quando nas Leis de Amor se entrepõe os decretos da fortuna. Andarei pois, já que disso sois contente, na companhia dos tormentos, só e peregrino no Mundo. Andarei espalhando o sangue por tantas chamas, pedindo vingança ao Céu, fazendo que de mi se doam as feras e os homens com lágrimas e suspiros, até que encontre a morte em cujas prisões porventura acharei a liberdade que na vida busco. Andará sempre comigo a bela imagem vossa pera calificar o testemunho de meus gritos, e pera que se saiba de que olhos fui cego, de que cabelos preso, de que mãos ferido. E vós inda que cruel, sou certo que haveis com piedade de sentir a sentença de minha morte, e ainda chorar com sentimento. (329)//

Mas antes que este cruel conselho se ponha em efeito, havei por bem que torne a contemplar-vos nos últimos fados da vida, de sorte que estampando-se de novo no meu entendimento a imagem bela, possa com mais ousadia pôr-me entre os peregrinos de Amor. E vós entretanto temperai, por amor de Deus, as desumanas frechas, afrouxai a corda ao arco donde tantas setas tem saído, e concedei-me, que por um momento veja tanta piedade em vós quanto tenho visto de beldade,

<sup>1</sup> No ms.: «me levarão eet Emais abaxo dis. Mas assi acontece quando nos†Cheguei a Saboia»...

<sup>II</sup> No ms., terá sido primeiro escrito «nova nova. Sobre esta rasura, em entrelinha, colocou-se a palavra «penas», e pelo desenho da letra tudo indica que um «s» foi então acrescentado ao primeiro adjectivo. Resultado final: «E ajuntei novas ~~nova~~penas aoentendim<sup>to</sup> emcontemplar \*o aumento de\* vossa bellea, queDobrarãose»...

*per tante fiamme, gridando uendetta al cielo, e noiando le fiere, e gli huomini con lagrime, e con i sospiri, fin che mi uerra incontro la morte, ne le cui catene trouarò forse la libertà: che ne la uita io cerco. Verrà pur sempre meco la uaga imagine de la uostra bellezza, per testificare a i testimoni de i miei gridi, da quai occhi son'accecato, da quai capegli legato, e da che m'ano ferito. E cosi voi cruda; che hora de l'altrui mal vi ridete, nel sentire la sentenza de la mia morte, son certo; che pietosa ne piagnerete. Ma prima che il traugliato consiglio si recchi ad effetto, piacciaui al manco; ch'io torni a contemplarui ne gli vltimi fati de la vita chiamata altroue, tal che rinforzando ne la mia mente nel bel simulacro, possa con piu ardita voglia pormi tra i peregrini d'amore. E percio temprate per Dio l'inhumane tempore Rallentate la corda a l'arco, onde sono uscite tante saette, e concedetemi; che per un momento veggia tanta pietate in voi quanta ho vista beltate. Tal che per marauiglia d'amore, la mia morte sia contenta di quello, di cui sempre fu scontenta la vita. (1543, fls. 33-34).*

de tal maneira que por maravilha de Amor minha morte se contente daquilo de quem na vida nunca se contentou. Vale.

Quis pôr esta carta toda e traduzi-la, assi porque vinham a nosso propósito algumas cousas dela, como porque entre todas as de Petrarca esta achei mais avisada e namorada.

122

De outras belas Senhoras<sup>1</sup> e Princesas  
os desejados tálamos enjeita,  
que tudo enfim tu puro amor desprezas  
quando um gesto suave te sujeita.  
Vendo estas namoradas estranhezas,  
o velho pai sesudo, que respeita  
o murmurar do povo, e a fantasia  
do filho, que casar-se não queria,

Requerido foi muitas vezes o Príncipe de seu pai que se casasse, e ele nunca o quis fazer, porque esperava pela morte do pai pera se casar à sua vontade com D. Inês, a qual tirando o labéu de bastarda, (329v)// em sangue e perfeições naturais merecedora era de qualquer Príncipe a tomar por mulher.

123

Tirar Inês ao mundo determina  
por lhe tirar o filho que tem preso,  
crendo co sangue só da morte indigna<sup>828</sup>  
matar do firme amor o fogo aceso.  
Que furor consentiu que a espada fina  
que pôde sustentar o grande peso  
do furor Mauro fosse alevantada  
contra ãa fraca dama delicada?

Catulo:  
*quandoquidem  
fortuna mihi  
tete abstulit*<sup>828</sup>

Cuidou el Rei que quando o Príncipe visse D. Inês morta, lhe passasse aquele amoroso acidente, e que a morte faria seu ofício trazendo consigo o esquecimento que tudo remedeia, mas enganou-se, porque os verdadeiros amantes amam vivos, e dos mortos não se esquecem. Como disse o poeta:

---

<sup>1</sup> No ms.: «Deoutras nobres/bellas Senhoras»... Sob as primeiras letras de «Senhoras», entrevê-se «Dam»...

---

<sup>827</sup> Caius Valerius Catullus, *Carmina*, CI, v. 5. D. Marcos elide a palavra final – enfática – do verso. Na edição de referência: *quandoquidem fortuna mihi tete abstulit ipsum*.

<sup>828</sup> Na edição de 1572, 1597, 1609, 1612, 1626, 1631 e 1633: «indina». Em 1584, 1591 e 1613: «indigna».

*Huius ero vivus, mortuus huius ero.*<sup>829</sup>

Texto: «Que furor», *ect.* Estes cavaleiros e fidalgos que mataram D. Inês tinham vindo havia pouco da batalha do Salado, e por isso lhe estranha o poeta, banharem espadas em o sangue de ãa donzela, que pouco havia tinham morto homens armados.

124

Traziam-na<sup>830</sup> os horríficos Algozes  
ante o Rei já movido a piedade,  
mas o povo com falsas, e ferozes  
razões, à morte crua o persuade. (330)//  
Ela com tristes, e piadosas<sup>831</sup> vozes,  
saídas só da mágoa e saudade  
do seu príncipe<sup>832</sup>, e filhos que deixava,  
que mais que a própria morte a magoava,

Algozes lhe chama, e com justo título, porque homens que se atrevem a matar ãa dama tão fermosa que nunca lhe fez mal a eles, nem a outrem alguém, bem merecem nome de algozes.

125

Pera o Céu cristalino alevantando  
com lágrimas os olhos piadosos,<sup>833</sup>  
os olhos, porque as mãos lhe estava atando  
um dos duros ministros rigorosos,  
E depois<sup>834</sup> nos mininos atentando,  
que tão queridos tinha e tão mimosos,  
cuja orfindade como mãe temia,  
pera o avô cruel assi dizia:<sup>835</sup>

«Os olhos, porque as mãos», *ect.* Pera imitar o lugar de Virgílio, diz que ataram as mãos a D. Inês, o que eles não fizeram, nem era necessário tanto vagar. Virgílio conta que os Gregos levavam presa Cassandra, filha del Rei Príamo, e que

---

<sup>829</sup> Sextus Propertius, *Elegiae*, II, XV, v. 36.

<sup>830</sup> Em 1572, bem como em 1584, 1597, 1612 e 1613: «Traziam-a». Em 1609, «Traziaõ aos»... Em 1591: «Traziaõs». Em 1626, «Traziam aos horríficos algozes». Em 1631 e 1633, «Traziam-na».

<sup>831</sup> Em 1572, bem como em 1584, 1591, 1609, 1626, 1631 e 1633: «piadosas». Em 1597, 1612 e 1613, «piadosas».

<sup>832</sup> Em 1572, bem como em todas as edições publicadas até 1633: «Príncipe».

<sup>833</sup> Em 1572, 1597, 1609, 1612, 1626, 1631 e 1633: «piadosos». Em 1584, 1591 e 1613: «piadosos».

<sup>834</sup> Em 1572, bem como em 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1613, 1626, 1631 e 1633: «despois».

<sup>835</sup> Em 1572, bem como em todas as outras edições publicadas até 1633: «dizia».

ela levantara os olhos ao Céu,<sup>I</sup> e repete, os olhos, porque as delicadas mãos lhe impediam as duras prisões.

*Ad caelum tendens ardentia lumina frustra<sup>II</sup>  
Lumina, nam teneras arcebant vincula palmas.*<sup>836</sup>

Virg., 2 *Aen.*

126  
Se já nas brutas feras cuja mente  
natura fez cruel de nascimento,<sup>837</sup> (330v)//  
e nas aves agrestes que somente  
nas rapinas aéreas tem o intento,  
Com pequenas crianças viu a gente  
terem tão piadoso sentimento  
como co a mãe de Nino já mostraram  
e c'os irmãos que Roma edificaram,

«Se já nas brutas feras cuja mente», *ect.* Mente é a razão e discurso humano, que nos brutos não há. Neste lugar, quer dizer inclinação, ou propensão natural.

Texto: «Como co a mãe de Nino». Semíramis foi esta de quem pouco há tratámos neste canto. E dizem<sup>838</sup> que se chamou assi de ãs pombas que a criaram. Aquele lugar de Hieremias, *A facie gladii columbae*<sup>839</sup>, querem alguns que se entenda das armas dos Sírios, os quais traziam nas suas bandeiras ãa pomba pintada com ãa espada nas unhas.<sup>III</sup> Assi o entendeu S. Tomás, *ut refert* o nosso D. Pedro<sup>840</sup> sobre Hieremias.

Just., 1. 1.º

D. Th.

D. Pet. Fig.,  
*Ierem.* 25

E c'os Irmãos que Roma edificaram.

<sup>I</sup> No ms.: «eque ella levantara os olhos ao Ceo, eajunta, erepete, os olhos»...

<sup>II</sup> No ms.: «frustras».

<sup>III</sup> No ms.: «Porem onosso D. Pedro Figueroa assi»...

<sup>836</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, II, vv. 405-406.

<sup>837</sup> Em 1572, bem como em 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1626, 1631 e 1633: «nascimento». Em 1613, «nascimento».

<sup>838</sup> N'Os *Lvsiadadas* [...] *Commentados*, D. Marcos terá podido ler, a respeito de Semíramis: «Fingem os Poetas que pombas a criaram, e porque em língua siríaca se chama a pomba Semíramis, daqui tem ela este nome.» Se esta foi a sua fonte, não quis, porém, reproduzir todo o passo, onde se refutava a afirmação anterior: «O que tudo é fingido, porque nem Semíramis foi criada de pombas, nem a pomba se chama em siríaco Semíramis, senão Ofa.» (1613, f. 111v).

<sup>839</sup> Hieremias Propheta, 46, 16.

<sup>840</sup> V. *Opervm P. D. Petri A Figueiro*, t. I, 1615, pp. 298-299. Sobre o texto de Jeremias, 25, 38, D. Pedro recorda, para a desenvolver, a lição de S. Tomás: *Columbae, id est, Dei qui sine commotione punit. vel, Ierusalem, quae pro amissione (forte, animaduersione) Dei irascitur. Vel, Nabuchodonosor, propter superbiae stultitiam, vel quia columbam in armis, id est, in suis insigniis habebat. Vel, quia sicut mansuetus praecipitum Domini executus est. Vel per antiphrasin, quia crudelis erat.*

Rómulo e Remo, filhos de Emúlio e de Rea Ília Sílvia, sendo de novo nascidos foram lançados na praia do Rio onde ãia loba a quem os caçadores mataram os filhos, ouvindo chorar os meninos lhe deu as tetas de que mamaram. Inda que esta loba de outros é tomada por ãia mulher. Mas vejam a ordem do poeta, que pera reprender a crueldade do Rei, traz exemplos de benignidade de feras, como se dissera, mais fero sois vós do que foram estes animais, que neles achou-se piedade, e em vós não há nenhũa.

127

Ó tu que tens de humano o gesto e<sup>841</sup> peito,  
se de humano é matar ãia donzela  
fraca, e sem força, só por ter sujeito<sup>842</sup>  
o coração a quem soube vencê-la, (331)//  
A estas criancinhas tem respeito  
pois o não tens à morte escura dela,  
mova-te a piadade<sup>843</sup> sua e minha,  
pois te não move a culpa que não tinha.

Ó tu que pareces homem racional, e não o és, porque se o foras, não te deixaras levar tanto do furor que matasses a ãia donzela fraca, que como tal eras obrigado a defender, e emparar<sup>I</sup>, dando-lhe só por culpa que quis a quem a amou primeiro. Já de mim não curo, nem per mim te rogo, senão por estes pequenos filhos, testemunhas de tua crueldade e de minha inocente<sup>II</sup> morte.

128

E se vencendo a Maura resistêcia  
a morte sabes dar com fogo e ferro,  
sabe também dar vida com clemência  
a quem pera perdê-la não fez erro.  
Mas se to assi merece esta inocência,  
põe-me em perpétuo e mísero desterro  
na Cítia fria, ou<sup>844</sup> na Líbia ardente,  
onde em lágrimas viva eternamente.

eternamente *i.*  
toda minha vida

---

<sup>I</sup> No ms.: «emparar. ~~ia-ç~~ dandolheso por culpa»...

<sup>II</sup> No ms.: «minha ~~desventurada~~/inocente morte» ...

---

<sup>841</sup> Em 1572, bem como em todas as edições publicadas até 1633: «o gesto e o peito».

<sup>842</sup> Em 1572, bem como em 1584, 1591, 1609 e 1626: «sujeito». Em 1597, 1612, 1613, 1631 e 1633, «sujeito».

<sup>843</sup> Em 1572, bem como em todas as edições publicadas até 1633: «piedade».

<sup>844</sup> Em 1572, bem como em 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1613, 1626, 1631 e 1633: «ou lá na Líbia ardente».

Põe-lhe diante seu esforço e a vitória que pouco havia dos Mouros alcançara, porque na verdade não há cousa mais imprópria a um homem esforçado, que ferir e maltratar gente fraca, principalmente mulheres, e por isso (como já noutra lugar dissemos<sup>845</sup>) se envergonhara El Rei D. Afonso Henriques de pelear contra os de Santarém, estando dormindo, porque o ânimo forte de(331v)//seja sempre achar quem lhe resista. E assi lemos dos Portugueses na Índia, que se tomavam ãa nau ou entravam ãa fortaleza, e ela se lhe dava sintiam-no<sup>1</sup>, porque entregando-se-lha lhe tirava a ocasião de mostrar seu esforço.

129

Põe-me onde se use toda a feridade,  
entre leões e tigres, e verei  
se neles achar posso a piedade  
que entre peitos humanos não achei.  
Ali co amor intrínseco e vontade  
naquele por quem mouro, criarei  
estas relíquias suas que aqui viste,  
que refrigério sejam da mãe triste.

Não há dúvida que nos brutos se acha muitas vezes mais piedade que nos homens. Do usso<sup>846</sup> lemos que não ofende a um homem que cuida ser morto, do leão que não faz<sup>II</sup> mal a quem se lhe prostra, de outros muitos animais que não se assanham senão contra quem os busca e inquieta. Quão contrária seja destes a condição de alguns homens, bem o vemos, e sabemos. Quando El Rei Dario condenou a Daniel a ser lançado no lago dos leões, diz a Escritura Sagrada, que depois de o meter dentro no lago cerrou a porta com ãa grande pedra, e que a selou com o seu selo real, e dá a causa dizendo: *nequid mali fieret contra Danielem*<sup>847</sup>. Pera que não fizesse alguém mal a Daniel, de sorte que dos Tigres e leões o não guardava pois antre eles o metia, mas guardava-o dos homens, (332)// os quais julgava por mais nocivos e prejudiciais que os próprios tigres e leões. E por isso com rezão diz D. Inês a El Rei D. Afonso que a mande pera terras habitadas de Tigres e serpentes, porque aí se dava por mais segura que entre gente humana, crua e sem piedade.

---

<sup>I</sup> No ms., uma falha de tinta torna muito difícil a leitura deste passo. Propomos uma hipótese.

<sup>II</sup> No ms., «naõ fas fas mal» ... A duplicação – decerto um lapso – ocorre na mudança de linha.

---

<sup>845</sup> V. p. 204.

<sup>846</sup> «Usso», *i.e.* urso.

<sup>847</sup> D. Marcos acrescenta – visando uma aplicação acomodatória – a palavra *mali* ao passo que cita. Em Danihel Propheta, 6, 16-17, lê-se: *tunc rex praecepit et adduxerunt Danibelem / et miserunt eum in lacum leonum / dixitque rex Danibeli / Deus tuus quem colis semper ipse liberabit te / adlatusque est lapis unus et positus est super os laci / quem obsignavit rex anulo suo et anulo optimatum suorum / ne quid fieret contra Danibel.*

130

Queria perdoar-lhe o Rei benigno  
movido das palavras que o magoam,  
mas o pertinaz povo, e seu destino,  
que desta sorte o quis, lhe não perdoam.  
Arrancam das espadas de aço fino  
os que por bom tal feito ali apregoam.  
Contra ãa dama, ó peitos carniceiros,  
feros vos amostrais e cavaleiros.

Sem dúvida El Rei lhe queria perdoar, e já a deixava se os conselheiros seus que ali o trouxeram, lho primitiram, mas como dissemos, levados do zelo da pátria, e por lhe parecer que acertavam, fizeram aquele bruto feito.

131

Qual contra a linda moça Policena,  
consolação extrema da mãe velha,  
porque a sombra de Aquiles a condena,  
c'ò ferro o duro Pirro se aparelha.  
Mas ela os olhos com que o ar serena  
(bem como paciente e mansa ovelha) (332v)//  
na mísera mãe postos, que endoudece,  
ao duro sacrifício se oferece.

Policena foi filha del Rei Príamo de Tróia, tão fermosa que vendo-a um dia Aquiles passear pelos muros de Tróia, se namorou dela, e pediu-a a seu pai per esposa, prometendo se lha dava de fazer levantar o cerco de Tróia. Aceitou Príamo o partido, e entrando Aquiles de paz em Tróia, querendo fazer oração num templo de Apolo, se pôs de joelhos, e Páris que estava escondido lhe atirou com ãa seta ervada ao calcanhar, e o matou em vingança da morte de seu Irmão Heitor. Destruída Tróia, entre outros despojos que dela os Gregos levavam, era a fermosa Policena. E estando pera se partir apareceu ãa Sombra que dizia ser a alma de Aquiles, que disse ser necessário sacrificarem-lhe a Policena pera aplacar a alma inquieta de Aquiles, que pedia vingança. Eis Pirro filho de Aquiles se aparelhou pera o sacrifício, e Policena se ofereceu de sua vontade a ele. Mas que faria a pobre Hécuba sua mãe quando visse apartada de si esta última consolação que na triste vida lhe ficara? Ovídio relata seu sentimento com muita elegância, e não com menos o traduziu o Anguilara<sup>848</sup> em Toscano dizendo:

Ovid., 13 *Met.*

---

<sup>848</sup> *Le Metamorfosi di Ovidio, Ridotte da Gio. Andrea dall'Anguillara in ottava rima*, 1584, pp. 462-463. Por cotejo, algumas interferências linguísticas, distrações ou até fenômenos de hipercorreção tornam-se perceptíveis: D. Marcos grafa *que* em vez de *che*; *destrutta*, e não *distrutta*; *La infelice*, e não *L'infelice*; *temor*, e não *timor*; *remirlarla*, e não *rimirlarla*; *de Frigia*, e não *di Frigia*; *dil Re*, e não *del Re*; *che altrui*, e não *ch'altrui*; *Perche forsi*,

*L'addolorata madre que rapita  
Vede la sola figlia que le resta  
Come l' honore a perdere, o la vita  
Habbia de' bianchi crin priva la testa  
Languida cade, afflitta, sbigottita.  
La figlia intanto, a la ara empia funesta  
Da i serui gia pietosi era condotta  
Che tal beltà dovesse esser destruta.*

*La infelice fanciulla ardita, e forte  
Come fanciulla no, ma più che donna  
Ben ch' a la tomba, al foco, e a la sorte  
De la funebre<sup>1</sup> del ministro gonna  
La forma de la sua conosca morte  
Non per chesto il temor di lei s' indonna  
Ma stando intanto Pirro, a remirla  
In lui ferma lo sguardo, e cosi parla.*

*Tu che si fisso in me le luci intendi  
Vago del sangue illustre, e generoso (333)//  
Deh questa gola o questo petto ofendi  
Che 'l sangue regio v' è de Frigia ascoso.  
Deh, il ferro che cint' hai ne le man prendi  
E dami al regno oscuro, e doloroso  
Et con questa favella il seno aperse  
Et lieta il petto, e'l colo al Greco offerse.*

*Deh, non restar che di tu mano io muoia  
Per rispetto di quel, che mi vuol serva  
Che la prole real dil Re di Troia  
Prima morra, che altrui s' inchini o serva  
Ne men restar di tormi a tanta noia  
Perche forsi a l' altar santo mi serva  
Che un corpo doloroso o pien di rabbia  
Hostia non vi può dar ch' a giovar vi habbia.*

---

<sup>1</sup> No ms.: «de la funesta/bre»...

---

e não Per chi forse; Che un corpo doloroso, o pien di rabbia, e não Ch'un corpo doloroso, e pien di rabbia; vi habbia, e não v'habbia; si pietà di voi, e não se pietà da voi; La figlia de un, e não La figlia d'un; captiva, e não cattiva; puote, e não potè; su'l corpo, e não sul corpo; i chi la mira, e não e chi la mira; le compiacque, e não la compiacque; de se, e não di se; senza alma, e não senz'alma; duole, e não dole.

E abaxo:

*Deh, si pietà di voi puote impetrare  
La figlia de un che l' Asia hebbe in governo  
Benchè captiva sia, come passare  
Vedete l'alma sua<sup>1</sup> verso l' Inferno  
Non fate che con l'or m' habbia a comprare  
L' affeto miserabile materno  
Il grido e 'l pianto suo vaglia per l' oro  
Quando puote vi spese anche il tesoro.*

*Ah de la madre mia pietà vi mova  
Lasciate che di me cura si pigli  
Si che su'l corpo mio quel pianto piova  
Che sparse sopra gli altri uccisi figli.  
Tanto con questo di pietà ritrova  
Che sforza a lagrimar gli Argivi cigli  
E se ben ella al pianto il fren ritira  
No'l può frenar chi l'ode i chi la mira.*

E abaxo:

*La afflita madre tramortita giacque  
E come in se revenne, alzando il grido  
Fe' si col Capitan, che le compiacque  
Di lasciarla con tre smontar sul' lido  
E giunse, e vedi lei che de se nacque  
A punto in quel ch'apperse il ferro crudo  
A l' intrepida figlia il petto ignudo.*

*Abbraccia il corpo che senza alma vede  
Et a gli alti elementi apre le porte  
Et a lei dà quel pianto che già diede  
A l'arsa patria, a' figli, et al consorte,  
Bacia le smorte labbia e 'l petto fiede,  
Straccia il canuto crin, chiama la morte,  
E fra infinite strida onde si duole  
Vi fa sentir anchor queste parole:  
etc.*

(333v)//

---

<sup>1</sup> No ms.: «l'alma miasua verso»...

132

Tal<sup>849</sup> contra Inês os brutos matadores  
no colo de alabastro que sustinha  
as obras com que Amor matou de amores  
aquele que depois<sup>850</sup> a fez Rainha,  
As espadas banhando, e as brancas flores  
que elas<sup>851</sup> dos olhos seus regadas tinha,  
se encarniçavam férvidos, e irosos,  
no futuro castigo não cuidadosos.

Aplica a excelente comparação de Policena Troiana sacrificada à alma de Aquiles que tanto a amou, a Dona Inês de Castro sacrificada sem culpa pela culpa do Príncipe D. Pedro<sup>1</sup> que a amava. Ûa fermosa, outra fermosa, ùa querida, outra querida, ùa e outra mortas por causa de Amor. «No colo de alabastro, que sustinha», quer dizer, que a feriram no pescoço mais alvo que labastro, o qual pescoço era o pilar em que se sustentava o rosto que recopilava a fermosura que prendeu os olhos e alma do Príncipe que a amou e depois de morta a corou por Rainha.

133

Bem puderas ó Sol da vista destes  
teus raios apartar aquele dia  
como da seva mesa de Tiestes  
quando os filhos por mão de Atreu comia.  
Vós ó cõncavos vales que pudestes  
a voz extrema ouvir da boca fria,  
o nome do seu Pedro que lhe ouvistes  
por muito grande espaço repetistes.

Tântalo foi pai de Pélope, o qual de Hipodamia houve dous filhos, Tiestes e Atreu, os quais foram sempre mortais inimigos. Tiestes tomou a mulher de Atreu chamada Europes<sup>852</sup>, e dela houve filhos. Fingiu Atreu que queria pazes com seu Irmão, deu-lhe (334)// um banquete, e as iguarias foram os filhos adúlteros que Tiestes houvera de Europes. Houve naquele dia um eclipse do Sol, disseram os poetas que o Sol escondera seu rosto, por não ver a mesa e iguarias dela. Sobre esta

---

<sup>1</sup> No ms.: «pella culpa de ~~quẽ a amou~~: Príncipe D. Pedro q̃ a amava.» A preposição «de» parece ter sido também convertida, por retoque, em «do».

---

<sup>849</sup> Em 1572, bem como em todas as edições publicadas até 1633: «Tais contra Inês»...

<sup>850</sup> Em 1572, bem como em 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1626, 1631, 1633: «depois». Em 1613, «depois».

<sup>851</sup> Em 1572, bem como em 1584, 1591, 1609, 1613, 1626, 1631 e 1633: «Que ela». Em 1597, 1612, «Qu'ela».

<sup>852</sup> «Europes», *i.e.*, Aérope.

história ou fábula fez Sêneca aquela célebre Tragédia chamada *Tyestes*, a qual na gravidade das sentenças, e concerto das palavras, excede a todas as outras suas.

134

Assi como a bonina que cortada  
antes do tempo foi, cândida e bela,  
sendo das mãos lascivas<sup>853</sup> maltratada  
da menina<sup>854</sup> que a trouxe na capela,  
O cheiro traz perdido, e a cor murchada,  
tal está morta a pálida donzela,  
secas do rosto as rosas, e perdida  
a branca, e viva cor co' a doce vida.

Lacivas.  
Ociosas e  
brincadoras.  
*ut sequitur  
lasciva capella<sup>1</sup>  
i., brincadora ut  
ait Servius.<sup>855</sup>*

Esta comparação é mui ordinária nos poetas quando descrevem a morte de alguma dama formosa ou mancebo gentil-homem. Como Virgílio descreve a morte de Palas, filho de Evandro, a quem Turno matou:

11. *Aen.*

*Qualem virgineo demessum pollice florem  
Seu molis violae seu<sup>II</sup> languentis Hyacinthi  
Cui neque fulgor adhuc nec dum sua forma recessit  
Non iam mater alit Tellus virisque ministrat.<sup>856</sup>*

Comparam com muita razão e propriedade as flores cortadas à fermosura morta, porque como disse um poeta<sup>857</sup>: *prorsus iuventa floribus similima.*<sup>III</sup>

texto

Tal está morta *ect.*

<sup>I</sup> No ms.: «capellas».

<sup>II</sup> No ms.: «seu ~~purp~~ languentis»... (leitura hipotética).

<sup>III</sup> No ms., a palavra inicialmente grafada parece ter sido «similis». «Similima» resulta da sobreposição e do aditamento de letras a esta forma primeira.

<sup>853</sup> Em 1572, bem como em 1584, 1591, 1597 e 1609: «lacivas». Em 1612, 1613, 1626, 1631 e 1633, «lascivas».

<sup>854</sup> Em 1572, bem como em todas as edições publicadas até 1633: «minina».

<sup>855</sup> Servius Maurus Honoratus, gramático (séc. IV d.C.), foi autor de comentários sobre a obra de Virgílio. D. Marcos, que recorda parte do verso 64 da égloga *Alexis* (*Bucolica*, II), reduz a um termo («brincadora») o que Sêrvio caracteriza em dois pares de adjectivos: *voluptuosa & desidiosa; petulans & lubrica* (*P. Virgilii Maronis [...] Vniuersum Poema*, 1610, f. 12v).

<sup>856</sup> Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, XI, vv. 68-71.

<sup>857</sup> D. Marcos encontraria na *Polyanthea Nova*, sob o título *Juventus*, a sentença grega, apontada como texto de *Menander*, e uma sua versão latina: *Vigor iuventutis penitus nihil à flore differt.* (1607, p. 631).

Sílio Itálico descrevendo a morte do moço Cínipe:

*Solvitur omne decus Letho niveosque per artus  
It Stygius color et formae populatur honores. (334v)//  
Ambrosiae cecidere comae violataque cervix  
Marmoreum in iugulum collo labente recumbit.*<sup>858</sup>

Vide Virg. lib. 9, de morte Euriali<sup>859</sup>. Ovid. 10 Met., de morte Hyacinthi<sup>860</sup>,  
ect.

A pálida donzela.

texto

O mesmo nome lhe tinha posto dantes dizendo:

Se é de humano matar ãa donzela.

Inda que mui bem se possa entender este nome donzela pera qualquer dama nova e fermosa, derivado o nome de *damicella*, inda que não seja virgem, eu digo que em chamar donzela a D. Inês, mãe de filhos, quis imitar a Virgílio, o qual chamou virgem a Pasífae, mãe de três filhos, dizendo na bucólica: *Ah virgo infelix*<sup>861</sup> ect. Porque os poetas imitam os mais antigos não só na ordem da composição, mas também no uso das palavras.

135

As filhas do Mondego a morte escura  
longo tempo chorando memoraram  
e por memória eterna em fonte pura  
as lágrimas choradas transformaram.  
O nome lhe puseram, que inda dura,  
dos amores de Inês que ali passaram,  
vede que fresca fonte rega as flores,  
que lágrimas são a água, o<sup>862</sup> nome amores.

Com menos ocasião que esta criam os antigos gentios ãa fábula poética como cousa mui verdadeira. Junto de Coimbra, pera onde está edificado o mosteiro de Santa Clara, está ãa fonte que antigamente era livre e do povo, hoje já é particular

---

<sup>858</sup> Silius Italicus, *Punica*, XII, vv. 243-246.

<sup>859</sup> V. Publius Virgilius Maro, *Aeneis*, IX, vv. 435-437: *purpureus veluti cum flos succisus aratro/ languescit moriens, lassove papavera collo/ demisere caput pluvia cum forte gravantur.*

<sup>860</sup> V. Publius Ovidius Naso, *Metamorphoses*, X, vv. 185-195.

<sup>861</sup> Publius Virgilius Maro, *Bucolica*, VI, vv. 47 e 52.

<sup>862</sup> Em 1572, bem como em 1584, 1597, 1609, 1612 e 1626: «a água, e o nome». Em 1591, «a água, e nome». Em 1613, «lágrimas são águas, e o nome amores.» Em 1631 e 1633, «que lágrimas são água, e o nome amores.»

e cativa; junto da qual tratava o príncipe D. Pedro seus amores com a (335)// sua querida D. Inês, pela qual causa a fonte se veio chamar dos amores, e ainda aquele lugar se chama o cano dos amores. As filhas do Mondego, diz Camões que longo tempo fizeram memória desta morte de D. Inês, o que se entende nas cantigas que logo saem e se compõe quando algum caso notável acontece, como quando mataram D. Álvaro de Luna em Castela<sup>863</sup>. E estas Cantigas e Romances duram mais na boca das moças de cântaro e lavadeiras, principalmente onde a gente é alegre e prazenteira como a de Coimbra, onde esta história aconteceu.

136. El-Rei Dom Pedro Justiceiro  
Não correu muto<sup>864</sup> tempo que a vingança  
não visse Pedro das mortais feridas,  
que em tomando do Reino a governança  
a tomou dos fugidos homicidas.  
Doutro<sup>865</sup> Pedro cruíssimo os alcança,  
que ambos inimigos das humanas vidas  
o concerto fizeram duro e injusto  
que com Lépidio e António fez Augusto.

Tanto que o Príncipe soube da morte da sua D. Inês, foi tanto o pesar que tomou, e mais sabendo que o fizeram por sua causa, que foi pouco não morrer ou reloucar. E logo tratou de desagradar ao pai, ajuntando gente sua e dos Irmãos de Dona Inês, e veio-se pera ãa vila acastelada mas pobre, que está junto ao Rio Minho defronte de Galiza, chamada Melgaço, e ali esperou os Irmãos de D. Inês, o que eu soube de ãa carta que ele mandou ao Prior de Paderne (335v)// agradecendo-lhe um presente que lhe ele mandara, e dizendo que não tomava aquilo como foro, mas como serviço particular que muito agradecia. Isto dezia a carta com outras cousas, porque como Paderne era couto livre, não quis o avisado Prelado que se perdesse a jurisdição dele com o presente, porque o príncipe

---

<sup>863</sup> V. nota 269 (canto I). Vários romances foram compostos sobre D. Álvaro de Luna e numerosas foram as edições de cancioneiros que agregavam esses textos. Assim aconteceu, por exemplo, em 1561, na *Silva de Romances*, ou em 1620, quando saiu impressa em Sevilha a *Tercera parte de romances de don Alvaro de Luna*. Sobre D. Inês de Castro, existem vários textos: alguns, de elaboração culta (é o caso dos que surgem incluídos na *Primera Parte de Romances y Tragedias*, de Gabriel Lasso de la Vega – 1587); outros, com origem difusa, veiculados quer na tradição oral quer em apropriações escritas, como sucede na *Farsa dos Almocreves*, onde Gil Vicente «glosa», parodicamente, «o romance/de yo me estava en Coimbra» (*Obras*, 1928, f. 228), ou nas «Trovas que Garcia de Resende fez à morte de dona Inês de Castro, que el rei dom Afonso o quarto de Portugal matou em Coimbra por o príncipe dom Pedro seu filho a ter como mulher, e polo bem que lhe queria não queria casar, enderençadas às damas», publicadas no *Cancioneiro Geral* (1516). V. Maria Leonor Machado de Sousa, *Inês de Castro. Um tema português na Europa*. 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, ACD, 2004.

<sup>864</sup> Em 1572, bem como em 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1613, 1626, 1631 e 1633: «muito».

<sup>865</sup> Em 1572, bem como em 1584, 1591, 1609, 1613, 1626, 1631 e 1633: «Do outro Pedro». Em 1597 e 1612, «D'outro Pedro».

logo mandou que lhe acudissem todos com os tributos que aos Reis se deviam, e o prior inda que não estava obrigado a mandar-lhe cousa algũa o quis fazer salvo seu direito. Ora depois que de Melgaço saiu fez muitos danos nas terras del Rei, e ainda queria ir sobre a Cidade do Porto, e porque ela não estava inda acabada de murar, receoso Dom Gonçalo Pereira<sup>866</sup> dalgum dano grande àquela cidade veio meter-se nela, e o Príncipe (que então chamavam Infante) sabendo que D. Gonçalo, o Arcebispo, estava no Porto, teve-lhe tanto respeito que não chegou à dita Cidade e se foi pera Canavezes, onde sua mãe a Rainha D. Brites foi ter com ele, e de tal sorte lhe falou que o fez ir bejar a mão a El Rei seu pai e se fizeram pazes juradas d'ambas as partes. Da parte del Rei, que ele não castigaria os que acompanharam o príncipe naqueles desserviços que lhe tinha feito, e que o Príncipe perdoaria aos culpados na morte de D. Inês. Isto concluído, El Rei D. Afonso quarto morreu. Digno de ser comparado com os grandes Reis se não maculara sua mocidade com as desobediências de seu pai e sua velhice com a morte injusta de D. Inês de Castro.

Morto El Rei D. Afonso, foi logo levantado seu filho Dom Pedro primeiro deste nome. Os matadores de D. Inês, não se dando por seguros com o juramento que El Rei tinha tomado de não ofendê-los, desapareceram e se foram pera Castela, onde reinava outro D. Pedro, sobrinho do nosso, filho de D. Maria sua Irmã, e del Rei (336)// Dom Afonso onzeno, o que venceu a batalha do Salado. Chama-lhe o nosso poeta cruíssimo, com verdade, porque excedeu todas as crueldades dos tiranos antigos, e se mais não fazia era porque o não deixavam. E inda que como diz a Crónica, por força de feitiços não podia sua mãe pari-lo, eu digo, que me parece que a Natureza duvidava<sup>I</sup> de mandar ao Mundo cousa tão péssima, e por isso ditinha aquele monstruoso parto por sua honra<sup>II</sup>. Deste cruel Rei andavam em Portugal fugidos alguns fidalgos castelhanos que eram Dom Pedro Nunes de Gusmão adiantado-mor de Leão<sup>III</sup>, Mem Roiz Tenorio, Fernam Gudiel de Toledo, Fernam Sanches Caldeirão, e em Castela andavam Álvaro Gonçalves, Pero Coelho, Diogo Lopes Pacheco. Fizeram estes dous Reis concerto ímpio, e injusto (como Camões lhe chama), que se entregassem em Castela os Castelhanos, e os Portugueses em Portugal, e assi foi feito. Mas só Diogo Lopes Pacheco<sup>867</sup> escapou miraculosamente, porque

<sup>I</sup> No ms.: «duvida\*va\* de mandar ao Mundo»...

<sup>II</sup> No ms.: «adiantado mor deCastella Leaõ.»

<sup>III</sup> Propomos uma hipótese de leitura.

<sup>866</sup> A revolta de D. Pedro e o seu particular respeito pelo «prior» D. Gonçalo Pereira cedo foram assinalados no *Livro de Linhagens do Conde D. Pedro* (1980, p. 241). D. Marcos, porém, ao designar D. Gonçalo como «Arcebispo de Braga», revela que segue Rui de Pina, em cujas *Crónicas* estes acontecimentos também são relatados (1977, pp. 466-467).

<sup>867</sup> Na narrativa do pacto estabelecido entre D. Pedro de Portugal e D. Pedro de Castela, na identificação dos cavaleiros envolvidos e na história particular de Diogo Lopes (salvo providencialmente pelo aviso de um «pobre», para vir a ser patriarca de «todalas casas grandes que hoje há em Hespanha»), D. Marcos segue Duarte Nunes de Leão (*Primeira Parte das Chronicas*, 1600, fls. 177-177v).

levantando-se muito de madrugada aquele dia à caça, deram nas suas casas, e não o achando souberam que era à caça, e porque ninguém lhe levasse recado fecharam as portas da Cidade. E um pobre, a quem Diogo Lopes costumava dar esmola, passou porque não fizeram caso dele, o qual foi dar recado ao dito Diogo Lopes do que passava, pelo que se pôs em cobro, e guardou-o Deus pelo mericimento da esmola pera ser pai e tronco de tão ilustres famílias de Hespanha.

Os dous presos Portugueses chegaram a Santarém onde El Rei estava, e logo foram postos a tormento pera confessarem (336v)// quais eram os outros culpados, ao que eles não responderam cousa que satisfizesse a El Rei, pelo que<sup>I</sup> deu ele ãa grande bofetada a Pero Coelho; ao que ele soltou muitas palavras injuriosas contra El Rei, chamando-lhe carniceiro, e fedífrago e outras tais, finalmente o Rei irado mandou tirar o coração a Pero Coelho por diante, e a<sup>II</sup> Álvaro Gonçalves pelas costas, e assi se acabou a tragédia de D. Inês de Castro<sup>868</sup>. Ficou-nos per dizer como El Rei D. Pedro mandou levar o corpo de D. Inês de Coimbra a Alcobaça, e primeiro fez coroar a defunta por Rainha, e jurou, e deu testemunhas que estava legitimamente casado com ela<sup>869</sup>. O Doutor João das Regras provou nas Cortes de Coimbra que era falso, e que tal casamento nunca houve. O sepulcro de D. Inês, como dissemos, está em Alcobaça, no Corpo da Igreja, e nele também enterrado o mesmo Rei D. Pedro, e o vulto de pedra de D. Inês tem coroa de Rainha como o del Rei. É o sepulcro mui bem lavrado, e bem diferente das mais sepulturas que naquela casa estão. Dizem que perguntou El Rei D. Pedro ao oficial que o fizera se se atrevia a fazer outro melhor. Disse-lhe o artefece que si, faria. Disse-lhe então

---

<sup>I</sup> No ms.: «pelloque hdedu elle»...

<sup>II</sup> No ms.: «e\*a\*Alvaro»...

---

<sup>868</sup> No que diz respeito ao castigo dos assassinos de Inês, D. Marcos continua a seguir a narrativa de Duarte Nunes de Leão (*Primeira Parte das Chronicas*, 1600, f. 179; numeração correcta: 178), muito próxima da *Crónica de D. Pedro*, de Fernão Lopes (1966, pp. 228-229). Embora fiel à sua fonte, D. Marcos transforma e elide alguns pormenores. Por exemplo, prefere falar de «bofetada» em vez de «açoute», como diz Nunes de Leão; das «muitas palavras de injúria» («trêdor, perjuro, algoz e carniceiro dos homens»), retém «carniceiro», mas busca sinónimos, porventura com valor classicizante (diz «fedífrago», em lugar de «perjuro»). Se conserva a referência ao modo de execução dos réus, omite o pedido do rei para que lhe trouxessem «cebola e vinagre para aquele coelho», e tão-pouco afirma que D. Pedro teria assistido, «comendo à mesa», «àquela dura execução».

<sup>869</sup> As cerimónias fúnebres ordenadas por D. Pedro – a «honrrada trelladaçom» do corpo de D. Inês, de Santa Clara para Alcobaça, com meticuloso cortejo e missa solene – narradas por Fernão Lopes, na *Crónica de D. Pedro* (1966, p. 280) ou Duarte Nunes de Leão (*Primeira Parte das Chronicas*, 1600, f. 183v), quase não encontram eco nos Comentários de D. Marcos. Em contrapartida, na frase «e primeiro fez coroar a defunta por Rainha», percebe-se a interferência de um texto teatral – *Nise Lavreada. Tragedia Segunda de Doña Ynes de Castro, y Valadares*, de Jerónimo Bermúdez (1577) –, em cuja fábula D. Pedro «desentierra a doña Ynes de Castro, y se casa publicamente con ella, y la corona por reyna.» (1577, f. 53v). No que diz respeito ao juramento com o qual D. Pedro determinara de «publicar» D. Inês «por sua mulher», D. Marcos segue Duarte Nunes de Leão (*Primeira Parte das Chronicas*, 1600, fls. 182-183v), e assim, indirectamente, Fernão Lopes (*Crónica de D. Pedro*, 1966, pp. 207-219), omitindo o que nestas obras é a exposição dos vários juízos (uns crédulos, outros desconfiados) feitos sobre o gesto do rei.

El Rei: «Pois mando-vos sô pena de morte que não façais mais obra nenhũa.» E foi muito não o mandar enforçar.<sup>870</sup>

Que com Lépidio e António fez Augusto.

texto

Morto Júlio<sup>1</sup> César pela facção de Bruto e Cássio, e aberto seu testamento, achou-se nele que Octávio seu sobrinho deixava por Herdeiro. Houve muitas contradições, pelo que o dito Octávio com ordem do Senado dividiu o Império em (337)// três partes, dando ãa delas a Marco António, outra a Lépidio, e ficou a terceira com Octaviano. A este modo de governo chamaram Triunvirato, e disseram que o aceitavam até saber que termo teriam as cousas da República. No tempo deste Governo se ajuntaram estes três Príncipes nũa Ilha que faz o Rio Tibre, a tratar das cousas pertencentes ao bom governo daquele Império, ou por melhor dizer, cousas de seu proveito<sup>II</sup> e appetite. E ãa delas foi que os homiziados se entregassem de parte a parte, e posto que cada um desejava defender seus apaniguados, todavia era tamanho o ódio que tinham aos contrários, que se esqueceram da amizade, obrigação e parentesco por satisfazer ao ódio, e má vontade, pelo que Augusto César entregou a Marco António, Cícero, e António a César, Lúcio César seu tio. Marco Lépidio entregou seu próprio irmão Paulo, que todos foram mortos. Causa fea foi esta e contra toda a justiça. Diz Plutarco: *Nil reor unquam crudelius fuisse aut tetrius factum*<sup>871</sup>. Deste feito cruel usaram os dous Pedros pera afronta sua, e opróbrio sempiterno, e mais sendo contra juramento feito. Bem puderam estes, e outros, tomar exemplo no Rei Trimumpara de Cochim<sup>872</sup>, que deixou antes destruir seu Reino que entregar uns poucos de Portugueses, estrangeiros e desconhecidos, e de lei à sua contrária, só porque lhe deu palavra e debaxo de sua fé e protecção se someteram. Parece que seguia o conselho do poeta que tratando da fé e lealdade dizia:

Plut., *De viris illust. in vita Ant.*

*Audite o gentes, non rumpite foedera pacis  
Nec Regnis postferte fidem.*<sup>873</sup>

Sílio Ital., 1.2.

<sup>1</sup> No ms.: «Morto AugJulio Cesar»...

<sup>II</sup> No ms.: «oupor melhordiser, a-tratar cousas deseuproveito»...

<sup>870</sup> Esta anedota, que D. Marcos remata com alguma ironia, talvez fizesse parte da tradição oral. As Crónicas não a registam.

<sup>871</sup> *Plutarchi Cheronei Græcorum Romanorumque Illustrivm Vitæ (Antonii Vita, Leonardo Aretino Interprete)*, 1542, f. 343.

<sup>872</sup> Conta João de Barros, na *Decada Primeira da Asia*, que na batalha de Cochim, contra o Samorim de Calecute, o rei Trimumpara «pelejou animosamente» e perdeu três sobrinhos, «um dos quais, chamado Narmuhi, que era o herdeiro, fez grande minguia na terra, por ser mui excelente cavaleiro, e tanto que foi morto morreu a esperança do povo. O qual povo andava tão descontente dos nossos pela constância que el Rei tinha de os não querer entregar, que temendo ele que poderiam receber algum dano dos seus, ou que ele ficaria desemparado de todos, trazia-os sempre em sua companhia.» (1628, VII, I, f. 127).

<sup>873</sup> Silius Italicus, *Punica*, II, vv. 700-701. Na edição de referência: *neu rumpite...*

Cic., lib. 1.º,  
*Officiorum*.<sup>879</sup>;  
Q. Cur., *De*  
*gest. Alexand.*  
l. 8; *Nulla*  
*impio debetur*  
*pietas*.<sup>880</sup>  
Petrarca, *Dial.*  
44

S. Ambros. in  
*Homil.*

Do excelente  
Emperador  
Severo, nasceu  
António  
Bassiano  
Caracala,  
péssimo  
homem; o filho  
de Cícero em  
nada se parecia  
com seu pai;  
Artaxerxes pai  
foi de Ocho<sup>1</sup>  
vilíssimo.<sup>878</sup>

Esta fé é de tanta autoridade que lhe chamou Cícero (337v)// Fundamento da Justiça. E Quinto Cúrcio disse: *Fides stabile et aeternum facit Imperium*<sup>874</sup>. Estes dous Reis quebrantaram a fé, e assi lha quebraram a eles, porque o de Portugal dizem que morreu de peçonha, e o de Castela seu próprio Irmão o matou, quebrando a fé natural de Irmão, e a política de vassalo pera seu Rei.

Agora considerem os prudentes quantos erros nascem de um vício e quantos pecados tem fundamento em um<sup>1</sup>. Amou o Príncipe D. Pedro a ãa mulher sendo casado com outra, este foi o primeiro pecado. Seguiu-se a execução do mau desejo, feito seu compadre rompeu o respeito da Igreja Católica, teve filhos dela. Seguiu-se a murmuração do povo, a morte injusta da pobre donzela, a desobediência do filho pera seu pai, o dano feito aos povos que lhe não tinham culpa, o quebramento do feito juramento, a fé quebrantada e direito natural em entregar à morte os que a ele se acolheram buscando remédio de vida, a crueldade e bruteza no género de morte que deu aos que o ofenderam. *Quanta in uno facinore sunt crimina*.<sup>877</sup>

137

Este castigador foi rigoroso<sup>879</sup>  
de latrocínios, mortes, e adultérios,  
fazer nos maus cruezas, fero, e iroso,  
eram os seus mais certos refrigérios.  
As cidades guardando Justicioso  
de todos os soberbos vitupérios,

<sup>1</sup> No ms.: «temfundamt.º emhũ quanta in uno facinore sunt crimina. Amou»...

<sup>II</sup> No ms., o nome «Ocho» surge numa nota marginal, em caracteres de tamanho diminuto. Terá havido hesitação na grafia da palavra, e a leitura das letras finais deixa dúvidas.

<sup>874</sup> Q. Curtii *De Rebus gestis Alexandri Magni*, 1584, VIII, f. 135v. No texto de Cúrcio: *faciet*. O passo, tal como D. Marcos o reproduz, consta do rol das *Poeticæ Sententiæ* incluídas na *Polyanthea Nova* (1607, p. 425) sob o título *Fides*.

<sup>875</sup> V. Marcus Tullius Cicero, *De Officiis*, I, VII, 23: *Fundamentum autem est iustitiæ fides, id est dictorum conventorumque constantia et veritas*.

<sup>876</sup> *De filio contumace*. *DIAL. XLIIII*, in *Francisci Petrarchæ De Remediis utriusque Fortunæ*, 1610, p. 488. Na *Polyanthea Nova* (1607, p. 431), sob o título *Filius, Filia*, o trecho faz parte da citação do diálogo de Petrarca.

<sup>877</sup> *De Virginitibus* (III, VI, 26), in *Sancti Ambrosii, Mediolanensis Episcopi, Opera Omnia*, t. III, 1836, p. 247.

<sup>878</sup> Justino caracteriza negativamente os filhos de Artaxerxes (*rex quam pater felicior*) e lembra o processo atribulado da sua sucessão, que teria acabado por recair em Ochus (*M. Ivniani Iustini Epitoma Historiarum Philippicarum Pompei Trogi*, 1972, X, I-III, pp. 89-90). A fonte mais próxima de D. Marcos terá sido, porém, *De Vera Perfectaque Prudentia, Sev De Perfecto Virtutum Vsu, Libri Quatvor. Authore Balthasare Chauassio*, onde, entre vários exemplos de perda de virtude na passagem de gerações, se lê: *Ex Seuero insigni profectò Imperatore aliàs Ethnico prodiit Antonius Bassianus Caracalla [...]. Artaxerxi filius fuit Ochus tam à parente alius, quàm ab homine vermes, lendes, pediculi*. (1622, II, V, p. 302).

<sup>879</sup> Em 1572 e em 1609: «regoroso». Em 1584, 1591, 1597, 1612, 1613, 1626, 1631 e 1633: «rigoroso».

mais ladrões castigando à morte deu  
que o vagabundo Alcides, ou Tedeu.<sup>880</sup>

Trata do governo del Rei D. Pedro, que foi áspero, e rigoroso. (338)// Mas entendo que necessário, pelos muitos desaforos que no Reino havia. Repremem alguns a este Rei porque executava a Justiça apressadamente sem os vagares de provas<sup>881</sup> com que ela se consume e não chega a efetuar-se. Mas ninguém me dirá que El Rei D. Pedro matasse nem castigasse alguém sem razão, no que parece o ajudava o Céu, porque quasi adevinhava, como lemos naquele caso<sup>882</sup> que lhe sucedeu com o lavrador que o agasalhou perdido da caça, ao qual mandou ao outro dia enforcar nãa figueira em pago do agasalhado. E o rústico posto na árvore com o baração na garganta confessou que matara muitos homens e que todos enterrara ao pé daquela figueira. E destas justiças fez muitas. Só o de que o podem reprender é de executar estas justiças e castigos com mostras de alegria, porque assi como o homem liberal e grandioso folga de achar necessitados a quem socorra, assi estimava ele achar malfeitores a quem castigasse. E muitas vezes fazia estes castigos estando comendo. Foi o seu governo tal que os povos confessaram que nunca estes Reinos tiveram melhor tempo que o de dez anos que El Rei Dom Pedro os governou<sup>883</sup>. Mas quão necessário fora hoje neste Reino ressucitar El Rei D. Pedro ou haver um Rei que tivesse o seu espírito.

---

<sup>880</sup> Em 1572, bem como em 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1613, 1626, 1631 e 1633: «Teseu».

<sup>881</sup> D. Marcos visa decerto Duarte Nunes de Leão, que, ao arripio de Fernão Lopes (empenhado em mostrar, na sua Crónica, um D. Pedro «amador de trigosa justiça»), lançara esta condenação, tanto na *Genealogia Verdadera de los Reyes de Portugal* (1608, fls. 34v-35) como na *Primeira Parte das Chronicas*, onde escreveu: «Foi el Rei Dom Pedro de sua natureza cruel, posto que os escritores, por lisonjearem os Reis seus sucessores, lhe chamassem justiceiro, o que ele não foi. Porque examinada a cousa, tudo o que na punição dos homens fazia, era mais contra as leis e regras da justiça, que por elas. Porque as mais das vezes condenava sem ouvir as partes, e dava as penas maiores por delitos não provados, que as que por os bens provados eram ordenadas per dereito, e per nenhum caso as remetia ou moderava, mas deleitava-se em as executar. E posto que não faltassem algozes, pois sempre trazia um consigo, ele por sua mão açoutava e dava os tormentos, e na cinta trazia sempre o açoute, por não haver dilação em o buscar. Porque sem mais prova, nem querer ouvir desculpa, começava o juízo pela exacução.» (*Primeira Parte das Chronicas*, 1600, f. 176v).

<sup>882</sup> É Cristóvão Rodrigues Acenheiro quem narra este caso: «Perdemdose ellRei em hũ môte, foi aquella noite dormir a casa de hũ lavrador, o qual, sem o conhecer, nem elle lhe dizer quem era, lhe fez o gasalhado que pode». Quando «veio a gête buscar EllRei», D. Pedro, em vez de recompensar o seu modesto anfitrião, deu-lhe ordem para «sobir em hũa sobreira» e mandou a «hũ moço destrebaria que o emforca-se». O lavrador confessa então «que certo aquella morte vinha por Deos ordenada, e não por elle; por quanto elle avia pouquo que matára de noite hũ omem, e o tinha emterrado ao pee daquella sobreira omde o achariam soterrado: e asim comffçou, e outras couzas, e foi emforcado». (*Chronicas dos Senhores Reis de Portugal*, 1824, p. 122).

<sup>883</sup> D. Marcos acomoda a frase que remata a *Crónica de D. Pedro*, de Fernão Lopes (1966, p. 282), em parte amplificada e em parte reiterada por Duarte Nunes de Leão: «E sem embargo de seus rigores, por não despeitar seus vassallos, e ser liberal, e aprazível, e castigar os grandes, que naquele tempo tinham pouco frego, por haver muitos Reis em Hespanha em que achavam acolheita, diziam as gentes do povo, que não houvera em Portugal tais 10 anos como os que el Rei Dom Pedro reinou.» (*Primeira Parte das Chronicas*, 1600, f. 187).

## O vagabundo Alcides ou Tedeu.

Pode-se dizer  
que se chama  
vagabundo  
porque ele não  
se chamava de  
pátria algũa,  
senão só,  
Cidadão do  
Mundo: *Civis  
sum Mundanus.*  
Plut., *De  
exilio*<sup>886</sup>

Alcides é Hércules Tebano, querem alguns que se dirive este nome de *Alci* nome grego, esforço, porque nele foi muito grande. Heródoto diz que se diriva de Alceu seu avô, pai de Anfitrião, e assi Alcides é nome patronímico<sup>884</sup>. Vagabundo lhe chama porque andou pelo mundo livrando os homens de tiranos, e tiranias, e assi matou infinitos, como contam Plutarco, Heródoto, Dionísio Halicarnássio<sup>885</sup> e infinitos outros. (338v)//

Teseu, filho del Rei Egeu de Atenas, foi muito valente e também tomou por desenfadamento correr o mundo com Perito seu companheiro, e matou muitos ladrões, entre os quais foi Sínis, de quem há pouco falámos. Plutarco<sup>887</sup> escreveu a vida deste gentil-homem, seus feitos nela se podem ver.

Plutarco, *De  
viris illis.*

*Malo pater tibi  
sit Thersites  
dumodo tu sis  
Aeacidae similis  
Vulcaniaque  
arma capessas  
quam te  
Thersitae  
similem  
producat  
Achilles*<sup>888</sup>

138

Dom Fernando

Do justo e duro Pedro, nasce o brando  
(vede da Natureza o desconcerto)  
remisso, e sem cuidado algum Fernando,  
que todo Reino<sup>889</sup> pôs em muito aperto.  
Que vindo o Castelhana devastando  
as terras sem defesa esteve perto  
de destruir<sup>890</sup> o Reino totalmente,  
que um fraco Rei faz fraca toda a gente.<sup>891</sup>

---

<sup>884</sup> D. Marcos traz à colação o nome de Heródoto, que veria decerto como uma *auctoritas*, mas a informação que dá não coincide com a que se encontra na *História*. Aproxima-se, sim, da que n'Os *Lusiadas* [...] *Commentados* se lê: «A Hércules chama Alcides, porque foi neto de Alceu.» (1613, fls. 115-115v). Heródoto, ao tratar da linhagem do rei Candaules, di-lo descendente de Alceu, filho de Hércules (I, 7). De resto, para o autor grego, haveria que distinguir dois Hércules: um divino, cujo culto, nascido no Egipto, se teria espalhado por várias regiões mediterrânicas; outro humano, de fama heróica (II, 43-45).

<sup>885</sup> Nas *Antiguidades de Roma*, Dionísio de Halicarnasso traça a carreira de Hércules em Itália, fazendo distinção idêntica à que Heródoto propusera: por um lado, lembra-o como o herói que venceu o ladrão Caco e foi por isso aclamado como um ser divino, objecto de culto (I, 39-40); por outro, lembra-o como um grande chefe, justo e generoso, avesso ao despotismo e defensor da ordem (I, 41-42).

<sup>886</sup> *Plutarchi Chæronæi Philosophi Clarissimi, De Exilio Libellus. Angelo Barbato Interprete*. As palavras aí atribuídas a Hércules são: *Argius an Thebanus, haud unam curo/lactare, Græcia omnis est patria*. De Sócrates seria a expressão citada por D. Marcos: *Longè tamen rectius Socrates, qui se non Atheniensem nec græcum, sed ciuem mundanum esse dixit, ut si quis, puta, uel Rhodius, uel Corinthius dici uelit. (Plutarchi Chæronæi [...] Opera Moralia, 1541, f. 115v).*

<sup>887</sup> V. *Vita Thesei. Lapo Florentino Interprete*, in *Plutarchi Chæronæi Græcorum Romanorumque Illvstrum Vitæ*, 1542, fls. 1-6v.

<sup>888</sup> Decimus Iunius Iuvenalis, *Satira* 8, vv. 269-271. Na edição de referência: *dummodo; Vulcaniaque*.

<sup>889</sup> Em 1572, bem como em todas as edições publicadas até 1633: «todo o Reino».

<sup>890</sup> Em 1572, bem como em todas as edições publicadas até 1633: «De destruir-se o Reino»...

<sup>891</sup> Em 1572, bem como em todas as edições publicadas até 1633: «Que um fraco Rei faz fraca a forte gente».

Da Infanta Dona Constança houve El Rei D. Pedro a D. Fernando, que lhe sucedeu no Reino, tão brando e remisso em seu governo, que por esta causa esteve o Reino todo a risco de se perder. Neste tempo havia em Castela bandos e divisões sobre uns quererem conservar a D. Pedro Cruel, outros obedecer a seu Irmão D. Henrique, e os da parte de D. Pedro fizeram a D. Fernando offerimento daquele Reino que lhe não pertencia, o que ele aceitou, e começou àparelhar-se pera ir tomar posse dele gastando os grandes tesouros que lhe ficaram, sem ordem nem prudência algũa. Os fidalgos que o chamaram arrependeram-se disso e zombaram dele. El Rei D. Henrique fez guerra a Portugal e D. Fernando mandava que ninguém lhe resistisse, e assi entravam os castelhanos por Portugal sem achar quem lho contradissesse.<sup>892</sup>

Vede da Natureza o desconcerto.

Parece cousa imprópria e contra o uso, e costume natural, (339)// que do ninho de ãa Águia se levante ãa pomba, ou rola, e da cova de um Leão saia um cervo. Por isso chama o nosso poeta desconcerto da Natureza, que de um forte e feroz homem nasce um remisso e sem cuidado como foi D. Fernando. Horácio diz que de cada vez os homens são peiores:

*Damnosa quid non imminuit dies?  
Aetas parentum, peior avis tulit  
Nos nequiores mox daturos  
Progeniem vitiosiore.*<sup>893</sup>

Bem podemos virificar esta sentença de Horácio nos nossos Reis. El Rei D. Afonso Henriques teve um filho excelente, mas não chegou a seu pai. D. Sancho foi pai de D. Afonso, muito diferente dele. E o filho seu D. Sancho nenhũa comparação teve com seu pai e avós. Eis também vimos a El Rei D. Dinis, Rei cheo de muitas virtudes, seu filho já o vimos inferior a seu pai. O neto D. Pedro muito mais, o bisneto D. Fernando o pior que podia ser. Este desconcerto da Natureza não só nos homens, mas ainda nas plantas se acha, e já os poetas antigos o choravam, como Virgílio, que dizia:

*Vidi Lecta diu et multo spectata labore  
Degenerare tamen.*<sup>894</sup>

Virg., *Geor.* 1.º

---

<sup>892</sup> D. Marcos sintetiza as folhas iniciais da *Chronica del Rei Dom Fernando*, de Duarte Nunes de Leão, muito crítico acerca deste rei «inquieto e cobiçoso de honra» (*Primeira Parte das Chronicas*, 1600, f. 188v).

<sup>893</sup> Quintus Horatius Flaccus, *Carmina*, III, 6, vv. 45-48. Este passo é lembrado na *Polyanthea Nova* (1607) sob dois títulos: *Aetas*, p. 4, e *Filius, Filia*, p. 431.

<sup>894</sup> Publius Virgilius Maro, *Georgica*, I, vv. 197-198.

Lucrecio também chorava dizendo:

*Iamque adeo fracta est aetas effaetaque tellus  
Vix animalia parva creat, quae cuncta creavit  
Saecla, deditque ferarum ingentia corpora partu.<sup>895</sup>  
Praeterea nitidas fruges, vinetaque laeta<sup>896</sup>  
Quae nunc vix nostro grandescunt culta labore  
Conterimusque boves et vires Agricoliarum<sup>897</sup>  
Iamque caput quassans grandis suspirat arator (339v)//  
Crebrius in cassum magnum cecidisse laborem.<sup>898</sup>*

Mas a este desconcerto da natureza acode o Céu reformando o estado caído, e cortando da cepa ilustre o ramo sem proveito, como vimos que fez a El Rei D. Sancho, e a este D. Fernando, os quais tirou da vida, sem lhe deixar filho que lhe sucedesse, porque avorrece o Céu homens que degeneram, e por isso lembrava Deus aos Judeus muitas vezes que eram filhos de Abrão, pera que procurassem de o imitar, mas a geração dos mortais mais depressa fica atrás do que vai adiante. Dezia Eurípedes:

*Iam ego vidi hominem generoso parente natum  
nullius esse pretii.<sup>899</sup>*

E Homero: *Aequat rara patrem<sup>1</sup> soboles sed plurimi ab illis  
Degenerant. Pauci superant probitate parentem.<sup>900</sup>*

De ãa mulher grega chamada Damatria conta Plutarco nos *Apotegmas*<sup>901</sup>, que sabendo que um filho seu era na guerra inútil, o matou, dizendo: «Antes te quero morto, que vivo pera desonra dos esforçados e valentes avós de que procedes.»

---

<sup>1</sup> No ms., a palavra «patrem» parece resultar da rasura e retoque de «parentum».

<sup>895</sup> Titus Lucretius Carus, *De rerum natura*, 2, vv. 1150-1152. Na edição de referência: *effetaque*.

<sup>896</sup> Titus Lucretius Carus, *De rerum natura*, 2, v. 1157.

<sup>897</sup> Titus Lucretius Carus, *De rerum natura*, 2, v. 1160-1161. Na edição de referência: *aucta labore*.

<sup>898</sup> Titus Lucretius Carus, *De rerum natura*, 2, v. 1164-1165. Na edição de referência: *incassum*.

<sup>899</sup> O passo é uma versão latina dos versos 369-370 da tragédia *Electra*, de Eurípedes, onde a personagem de Orestes se pronuncia sobre o conceito de nobreza. Igualmente atribuído a Eurípedes, o excerto figura na *Polyanthea Nova* (1607, p. 294), sob o título *Degener*. D. Marcos diverge apenas num pormenor: escreve *ego* em lugar de *eum* (*Iam eum vidi...*).

<sup>900</sup> O passo citado corresponde aos vv. 276-277 do Canto II da *Odisseia*. Igualmente atribuído a Homero, faz parte dos *excerpta* reunidos na *Polyanthea Nova* (1607, p. 294) sob o título *Degener*.

<sup>901</sup> Sobre Damatria, Plutarco apenas escreveu, nos *Apophthegmata Laconica* (*Raphaële Regio interprete*): *quum audisset filium & timidum, & se indignum aduenisse, necavit. (Plvtarchi Chæronei [...] Opera Moralia, 1541, f. 85).*

Ou foi castigo claro do pecado  
 de tirar Lianor a seu marido  
 e casar-se com<sup>902</sup> ela de enlevado  
 num falso parecer mal entendido,  
 Ou foi que o coração sujeito, e dado  
 ao ócio<sup>903</sup> vil, de quem se viu rendido,  
 mole se fez e fraco, e bem parece  
 que um baxo amor os fortes<sup>1</sup> enfraquece.

Acabamos com um namorado furioso, e entramos com outro mole, e pouco entendido, que foi D. Fernando, o qual tinha ãa Irmã chamada Dona Brites, e era notado da sobeja afeição que lhe tinha. Em casa desta senhora estava ãa donzela nobre chamada Dona Maria Teles, filha de Martim Afonso Telo, Irmão de Dom (340)// João Afonso Telo, Conde de Ourém, que também o fora de Barcelos, chegado à casa Real. Esta D. Maria de Teles tinha outra Irmã chamada Dona Lianor Teles, que é esta de quem fala Camões, casada com D. João Lourenço da Cunha morgado de Pombeiro, de sangue real. Era esta mulher fermosa e engraçada e desenvolta, e vindo a Lisboa ver sua Irmã foi vista del Rei D. Fernando, e de tal sorte se namorou dela, que se deixou governar dos sentidos, a quem deu o governo do entendimento, e sem mais outra autoridade do que querê-lo fazer, se casou com ela na Cidade do Porto vivendo ainda seu marido, que logo se foi pera Castela onde dizem que andava com uns cornos de prata no chapéu<sup>904</sup>, enquanto a adúltera governava o Reino, fazendo por se segurar nele cousas tão diabólicas que mais fecundo teve o entendimento pera fazer mal, que os grandes filósofos pera a espiculação das cousas naturais. Dous casos só contarei que entre muitos fez, onde se verá o diabólico enredo desta mulher<sup>905</sup>. Tinha ela outra Irmã casada com um filho de Dona Inês de Castro que houvera del Rei D. Pedro, e porque este príncipe lhe não fosse à mão a seus desaforos, lhe disse um dia (como que se doía de sua

---

<sup>1</sup> No ms., «fortes» resulta de retoques na palavra «fracos», inicialmente grafada.

<sup>902</sup> Em 1572, 1597, 1609, 1612 e 1626: «co ela». Em 1584, 1591, 1613, 1631 e 1633: «com ela».

<sup>903</sup> Em 1572, bem como em todas as edições publicadas até 1633: «Ao vício vil»...

<sup>904</sup> D. Marcos segue Duarte Nunes de Leão (*Primeira Parte das Chronicas*, 1600, fls. 198v-199), que, mais decoroso, apenas diz sobre o destino do marido abandonado: «Mas João Lourenço, vendo que lhe não convinha defender-se de tão grande competidor, deixou-se vencer na causa, e para assegurar a vida, se passou a Castela.» (f. 199).

<sup>905</sup> Também Duarte Nunes de Leão, ao narrar o caso de D. Maria Teles, na *Chronica del Rei Dom Fernando (Primeira Parte das Chronicas*, 1600, fls. 212-213v), caracteriza a «invenção da Rainha» como «diabólica e nacida da enveja» (1600, f. 212). Na síntese a que procede, D. Marcos parece ter tido em conta o texto de frei Bernardo de Brito (*Elogios Dos Reis de Portugal*, 1603, pp. 50-51). O «segundo caso» faz já parte da *Cronica del Rey D. Joaõ o I*, que D. Marcos abrevia, divergindo num pormenor: na versão de Duarte Nunes, seria a própria Leonor Teles a admitir casar com o Conde D. Pedro (*Crónicas*, 1975, pp. 478-484).

honra) que sua mulher lhe cometera adultério, sendo falsíssimo. O mancebo creu facilmente o que a perversa lhe dissera, e sem mais exame se veio a Coimbra, e matou a mulher como adúltera. Estoutra, que não queria outra cousa, começa-o a acusar diante del Rei, e o mancebo caindo no erro que fizera e na malícia da desleal, fugiu de Portugal, e ela ficou desalivada. O mesmo quisera fazer ao mestre de Avis se o Deus não livrara. O segundo caso foi que (340v)// estando El Rei de Castela, genro da dita Rainha, sobre Coimbra, que com grande esforço e lealdade Conimbricense lhe resistiu, pediu ela a El Rei seu Genro ãa dinidade dos Hebreus pera um Judeu que a servia, a qual dinidade lhe ele negou, porque de sua natureza era seco e desabrido. Ela sentiu a repulsa, e tratava de matar a El Rei seu Genro, e deu disto conta a um Irmão bastardo do mesmo Rei, dizendo-lhe que casaria sua filha com ele e que ficaria sendo Rei de Portugal. Este segredo rompeu-se e el Rei de Castela mandou-a pera Castela presa, mandou ela um recado a um seu primo capitão de ãa fortaleza, que lhe saísse ao caminho e a tomasse. O recado foi-lhe dado tarde, e não lhe saiu ao caminho como ela quisera, e sintida disso, assi presa como ia lhe ia ordindo a morte por não ficar sem se vingar daquela injúria. E se se não executou não foi por ela não dar muito boa ordem a isso. Em Castela morreu miseravelmente, que quem vive mal nunca pode acabar bem. Esta mulher foi a autora da Tragédia del Rei Dom Fernando. Diz Camões que o ócio vil em que ele sempre viveu o pôs neste estado. Os homens que se namoram de vagar consultando o entendimento, inda que fiquem súbditos do amor, não ficam seus escravos, porque de tal sorte lhe obedecem que se não desemparam a si mesmos. Mas os ociosos, regalados, de tal sorte se namoram que todos inteiros se entregam ao sensual amor, sem ter dever co a razão nem com a honra, e por isso aos Reis e Senhores é mui estranhado este ocioso Amor, que<sup>1</sup> assi dizia Ovídio:

*Non bene conveniunt nec in una  
Sede morantur  
Magestas et Amor.*<sup>906</sup>

Rei namorado e sensual não merece nome de Rei, monstruosidade é esta mui grande, a qual os sapientíssimos poetas nos quiseram declarar nas suas fábulas (341)// quando nos representavam os seus Deuses namorados, pelos quais entendiam os Reis e grandes do Mundo; porque no Céu governando os introduziam, graves, resplandecentes e gloriosos, mas na terra namorados os punham em formas horríveis, a Júpiter feito touro, e transformado noutras monstruosas figuras. A Marte escarnecido, gozando de seu amor lascivo, e a outros muitos cujas fabulosas histórias diz Petrarca que são verdades meras: *Linquo fabulosa, et*

Petrarca, Dial.  
69

<sup>1</sup> No ms.: «que por assi»...

<sup>906</sup> Publius Ovidius Naso, *Metamorphoses*, II, vv. 846-847. Na edição de referência: *maiestas*. A citação encontra-se na *Polyanthea Nova* (1607, p. 84), sob o título *Amor Cupidineus Seu Venereus*.

*vera nimis: In beluas transformatum Jovem, ridiculis Martem vinculis implicitum, duris nentem pensa digitis Herculem*<sup>907</sup> *ect.*, nas quais fábulas outra cousa não pertendiam mais que ensinar-nos a deformidade grande que era um Rei lacivo, um Senhor namorado, que esquecidos de si, e de seu estado, dão matéria a seus vassallos de escândalo; e à divina Justiça ocasião de castigo, o qual não há-de ser qualquer mas mui severo e rigoroso, porque *potentes potenter torquebuntur*.<sup>908</sup>

140

Do pecado tiveram sempre a pena  
muitos, que Deus o quis e primitiu:<sup>909</sup>  
os que foram roubar a bela Helena,  
e com Ápio também Tarquínio<sup>910</sup> o viu.  
Pois por quem<sup>1</sup> David Santo se condena?  
Ou quem o Tribo ilustre destruiu  
de Benjamim? Bem claro no-lo ensina  
por Sarra Faraó, Siquém por Dina.

Aqui temos uns poucos de penitentes, ou penitenciados por Amor, quais foram os Troianos que furtaram a Helena, e outros. «E com Ápio». Este foi Ápio Cláudio, não aquele venerável velho que sendo cego foi levado ao Senado quando nele se tratava das pazes com o Rei Pirro; mas outro, (341v)// mais antigo no tempo dos Decênvros, e que era um deles. Este, como conta Tito Lívio, tendo acabado de servir seu ofício subornou pera tornar a ficar nele. Neste tempo, os Sabinos e os Équos fizeram guerra aos Romanos, e os Decênvros lhe saíram ao encontro com seu exército, porém tão malquistos eram estes Decênvros (que eram dez homens eleitos pelo povo, que governavam a República) que os soldados tendo mui boa ocasião pera vencer os inimigos os deixaram ir, por não darem aos Decênvros essa honra<sup>911</sup>. Neste tempo se deixou ficar em Roma Ápio Cláudio com pretexto de governar a Cidade, e namorou-se de ãa donzela nobre e fermosa chamada Virgínia, filha de Virgínio, Cidadão honrado, e desposada com um cavaleiro nobre chamado Icílio. E querendo o lascivo velho desonrar a donzela, subornou testemunhas falsas que jurassem ser ela escrava. O pai e esposo, que andavam na guerra, sabendo isto vieram a Roma, e com rezões mui justificadas

---

<sup>1</sup> No ms., lê-se «porque». Terá faltado um til, porque adiante D. Marcos repete o verso escrevendo «porquê».

---

<sup>907</sup> *De Gratis Amoribus. DIAL. LXIX*, in *Francisci Petrarchæ De Remediis utriusque Fortunæ*, 1610, p. 234. Citado na *Polyanthea Nova* (1607, p. 85), sob o título *Amor Cupidineus Seu Venereus*.

<sup>908</sup> *Liber Sapientiae*, 6, 7: *exiguo enim conceditur misericordia / potentes autem potenter tormenta patientur*.

<sup>909</sup> Em 1572, bem como em 1584, 1591, 1597, 1612, 1613, 1626, 1631 e 1633: «permitiu». Em 1609, «premitiu».

<sup>910</sup> Em 1572, bem como em todas as edições publicadas até 1633: «Tarquino».

<sup>911</sup> V. Titus Livius, *Ab Urbe Condita*, III, XLII.

procuraram provar sua justiça, mas nada disso valeu ao abominável Juiz. O que vendo o pai e esposo, e que ultimamente lha não podiam tirar das mãos, diante dele a mataram, e fugiram pera o exército, onde contaram o caso aos soldados, os quais furiosos vieram a Roma gritando que lhe entregassem os Decênviros pera os matarem, mas sossegados mais se contentaram com os desterrar a todos, e a Ápio carregado de ferros meteram num cárcere, onde ele desesperado se matou a si mesmo<sup>912</sup>. Autores Tito Lívio e Lúcio Floro.<sup>913</sup>

#### Tarquínio.<sup>914</sup>

Tarquínio Soberbo, último Rei dos Romanos, alcançou aquela dinidade tiranicamente. Tinha ele cercada a Cidade de Árdea, que era dos Rútulos, e porque os de dentro se lhe defenderam valerosamente, estiveram os Romanos de vagar. Era de Roma a Árdea 9 milhas, ãa tarde de verão sobre cea vieram a praticar sobre o que faziam suas mulheres naquele tempo. (342)// Dizendo cada um o que lhe parecia, disse Colatino, um cavaleiro nobre: «Apostarei eu que está agora a minha Lucrécia recolhida em sua casa com suas criadas bem solícita de minha ausência». Alguns disseram que não. Sobre aposta cavalgaram alguns e foram a Roma, e acharam as matronas ocupadas em convites ãas com outras, com muita festa e alegria. Só Lucrécia, encerrada com sua família, não era vista nem ouvida da vizinhança. Bateu Colatino à porta, deu-se a conhecer, entrou com os amigos, os quais viram os trajes e exercícios de Lucrécia e sua família e ficaram pasmados da honestidade daquela matrona. Saíram-se pera tornar ao exército, e Sexto Traquínio, primo de Colatino, e filho del Rei, tomou grande afeição a Lucrécia, e por não dilatar o feito mais, fingindo certo negócio<sup>1</sup> tornou a Roma.

---

<sup>1</sup> No ms.: «certa ocupação/negocio tornou»...

---

<sup>912</sup> V. Titus Livius, *Ab Urbe Condita*, III, XLIV-LVIII. D. Marcos resume substancialmente a história narrada por Tito Lívio (interessado no contraste entre modelos de governo: tirania do decenvirato *vs* liberdade da República), e simplifica-a, dando por conjunta a acção de duas personagens distintas: no texto de Lívio, Icílio é noivo de Virgínia, e como tal manifesta a sua revolta e escândalo perante Ácio; a morte da jovem, é o pai quem lha inflige, como fuga desesperada a uma escravatura infame («*Hoc te uno quo possum*» ait «*modo, filia, in libertatem vindico.*» – III, XLVIII, 5).

<sup>913</sup> L. Flori *De Gestis Romanorum Libri IIII*, 1548, I, XXIV, f. 13.

<sup>914</sup> V. Titus Livius, *Ab Urbe Condita*, I, LVII-LX; II, I-II. D. Marcos segue a narrativa de Lívio, que ora abrevia e atenua (por exemplo, mitiga a caracterização do desejo de Tarquínio, cuja brutalidade no texto latino se expõe: *Ibi Sex. Tarquinium mala libido Lucretiae per vim stuprandae capit; cum forma tum spectata castitas incitat* – I, LVII, 10), ora reproduz com fidelidade (assim sucede na retoma do discurso directo das personagens), ora expande (acrescentando, entre outros pormenores, a referência ao castigo infernal do suicídio). Em *Ab Urbe Condita*, a história de Lucrécia e suas consequências voltam a ser lembradas, a propósito do caso de violência sexual protagonizado por Ápio Cláudio: *aliud nefas ab libidine ortum, haud minus foedo eventum quam quod per stuprum caedemque Lucretiae urbe regnoque Tarquinius expulerat, ut non finis solum idem decemviris qui regibus sed causa etiam eadem imperii amittendi esset.* (III, XLIV, 1).

E entrou em casa de Colatino, onde foi recebido bem assi por parente como por filho del Rei, e finalmente entrando onde estava Lucrecia já recolhida e só, lhe disse que se não consentisse com ele a mataria, e juntamente um criado de casa, que lhe deitaria na sua cama, pera que assi perdesse a vida e honra juntamente. A pobre gentia, posta nestas angústias, consentiu com ele. E cuidando bem no mal que fizera, arrependeu-se, e logo de madrugada mandou chamar o marido e os parentes, e diante deles contou o que passara e disse: «E porque a exemplo de Lucrecia outras matronas não façam outra injúria a seus maridos...». Deixa-se cair sobre um cutelo que escondido tinha debaxo do vestido, e matou-se, e foi caminho do Inferno. Atónitos ficaram todos com este espectáculo inopinado, e entre todos Lúcio Júnio Bruto tirando o cutelo da ferida disse: «Eu juro por este castíssimo sangue, e o Céu tomo por testemunha de perseguir com (342v)// todo meu poder e forças a Tarquínio e a sua mulher e a toda sua família.» E dizendo isto meteu o cutelo ensanguentado na mão de Colatino, consolando-o da morte da mulher. Como estes senhores eram os principais da Cidade, divulgado o feito amotinaram os Cidadãos, que pouco havia mister pera isso, pelo ódio que todos tinham a Tarquínio por sua soberba, e malinidade, e formado exército se foram em busca do adúltero. Tarquínio Rei, sabida a conjuração fugiu pera Porsena Rei dos Etruscos. O adúltero Sexto acolheu-se aos Gabinos, a quem havia pouco tinha enganado com treição, e logo foi morto, e por aqui se acabou o Reino dos Romanos, como dissemos. Autores: Tito Lívio, Valério Max., Lúcio Floro e infinitos outros.

Tit. Liv., *Dec.*  
1.<sup>a</sup>, e 2.<sup>a</sup>; Val.  
M., 1. 7, c. 3 e  
4<sup>915</sup>; Flor., *Ep.*,  
l. 1, c. 7<sup>916</sup>

Pois por quem David Santo se condena.

texto

Acaba com as histórias profanas e começa com as sagradas. E diz que também David caiu neste pecado tomando a mulher alhea, que foi Bersabé mulher de Urias, a qual história é mais notória do que haveremos de nos deter nela. Noto o termo do nosso poeta dizer «por quem David se condena», porque ele mesmo deu sentença contra si dizendo ao Profeta Natan, que lhe propôs a parábola da ovelha: «Esse homem é digno de morte». Respondeu-lhe o Profeta: «Pois vós sois esse homem digno de morte, e vós destes sentença contra vós.»<sup>917</sup>

<sup>915</sup> Se no livro VII, 2, dos *Dicta et Facta Memorabilia*, a atenção incide sobre um estratagemata de conquista política urdido por Sextus Tarquinius, a verdade é que é no livro VI, 1, que Valerius Maximus recorda, ao tratar *De Pudicitia*, o exemplo de Lucrecia.

<sup>916</sup> V. L. *Flori De Gestis Romanorum Libri IIII*, 1548, I, VII, fls. 5-5v. No capítulo em que trata *De Tarquinio Superbo*, Lucius Florus lembra que à tirania do rei se somavam intoléráveis agravos cometidos por seu filho: *Tandiu superbiam regis Populus Romanus perpessus est, donec aberat libido: hanc ex liberis eius importunitatem tolerare non potuit: quorum quum alter ornatissimæ foeminae Lucretiæ stuprum intulisset, matrona dedecus ferro expiauit: imperium tum Regibus abrogatum.*

<sup>917</sup> II Liber Samuhelis, 11-12. O cap. 11 narra como o rei David se enamora de Betsabé, *mulier pulchra valde*, e a engravida, na ausência do marido. Disposto a eliminar Urias, David ordena que ele seja exposto ao máximo perigo na guerra que está em curso, longe de Jerusalém (*in loco qui*

Benjamin foi o filho mais novo de Jacob e da fermosa Raquel cujos decendentes são estes de quem fala. A história de sua destruição conta a Sagrada Escritura nos últimos três capítulos do livro dos Juízes<sup>918</sup>, e foi assi. Um mancebo do Tribo de Levi, vindo com sua mulher de casa de seu sogro pera a sua, anouteceu-lhe nãa Cidade do Tribo de Benjamin chamada Gabaa, e pedindo agasalhado ninguém lho deu. E assi se pôs no meio da rua pública sem dele alguém se doer. Um velho honrado (343)// forasteiro que naquela Cidade morava, vendo aquela desumanidade, os recolheu em sua casa, e sucedeu-lhe o que em Sodoma aos Anjos que Lot recolheu, porque em sendo noite a gente da terra malina e sensual lhe cercou a casa, requerendo-lhe que lhe entregasse aquele mancebo. Vendo o velho aquele desaforo saiu fora e rogou-lhe com boas razões que não quisessem fazer aquele mal tão inorme, que antes lhe daria ãa filha que tinha. Zombaram eles disso, e faziam-lhe força. O velho então tomou a mulher do livita e pô-la fora e fechou a porta. Os de Benjamin tal trato deram à pobre mulher, que pela menhã vindo ela pera a casa do marido, à entrada da porta espirou. Vendo o marido aquilo fez o corpo da defunta em pedaços, e mandou-a per todo Israel, denunciando a maldade daqueles homens. Os Israelitas vendo aquilo se armaram contra os de Benjamin e vieram à Gabaa dizendo que lhe entregassem os autores de tamanha maldade pera os castigar. Os de Benjamin zombaram deles, e trataram de se defender ajuntando 25 mil valerosos soldados, e setecentos de Gabaa que usavam de fundas de ambas as mãos, tão certos que um cabelo (diz a Escritura) acertavam com a pedra. De Israel saíram quatrocentos mil, e vindo à peleja foram vencidos dos de Benjamin duas vezes. Vendo os de Israel isto, jejuaram, e encomendaram-se a Deus, e a terceira vez que saíram armados com o jejum venceram os de Benjamin, porque não há armas mais eficazes contra a sensualidade, sinificada nos Benjaminitas, que o jejum, porque *hoc genus Demoniorum non eiicitur nisi in jejunio*<sup>919</sup>. Vencidos os sensuais, os de Israel lhe destruíram a terra, cidades, fazenda, homens, mulheres, e todo o (343v)// Tribo ficou assolado, e só escaparam 600 mancebos que se salvaram no deserto. Este foi o pecado, e este o castigo.

Por Sarra Faraó.

---

*sciebat viros esse fortissimos*). Morto Urias, e cumprido o luto, Betsabé passa a fazer parte da casa de David, onde dá à luz o seu filho. Deus reprova o adultério e o homicídio praticados por David. O cap. 12 conta como Natan, enviado por Deus, se apresenta na corte de David e lhe propõe uma história na qual é figurada a acção injusta do rei. David, sem se reconhecer na fábula, reage com indignação à iniquidade ali traçada, e Natan explica: *tu es ille vir*.

<sup>918</sup> Liber Iudicum, 19-21. D. Marcos resume o texto dos capítulos 19 e 20.

<sup>919</sup> D. Marcos parece contaminar, provavelmente citando de cor, dois passos bíblicos: *hoc genus autem non eicitur nisi per orationem et ieiunium* (Secundum Mattheum, 17, 20); *hoc genus in nullo potest exire nisi in oratione et ieiunio* (Secundum Marcum, 9, 28).

Faraó Rei do Egito foi castigado por Deus, e sua casa, porque tomou a mulher de Abrão, Sara, cuidando que era solteira. *Flagellavit Dominus Pharaonem et Domum eius propter Saram uxorem Habraam.*<sup>920</sup>

Siquém por Dina.

Dina filha de Jacob, saiu-se de casa de seu pai e foi-se à Cidade de Siquém pera ver os trajes das mulheres daquela terra, e como ia levada deste pensamento vão e curioso, não foi muito acontecer-lhe desastres<sup>921</sup>. E foi que vendo-a o Príncipe Siquém, filho del Rei Hemor, se afeiçoou tanto a ela que não se atreveu a dilatar pera mais longe o efeito de seu desejo, mandou buscar a moça e forçou-a, e depois a pediu a seu pai por mulher. Os filhos de Jacob deram de repente na Cidade e mataram os que puderam e entre eles a Hemor, e Siquém, e trouxeram sua irmã pera casa. Este pagou com a vida o mal que fizera, e ela com a honra a curiosidade supérflua, e escusada.

141

E pois se os peitos fortes enfraquece  
um inconcesso Amor desatinado,  
bem no filho de Almena se parece  
quando em Onfale andava transformado.  
De Marco António a fama se escurece  
com ser tanto a Cleopatra afeiçoado,  
tu também Peno próspero o sentiste  
depois<sup>922</sup> que ãa moça vil na Apúlia viste.

Vai fazendo a cama à escusa que quer dar a El Rei D. Fernando, dizendo, que se os fortes caíam nas redes de (344)// Vulcano, não era muito cair nelas um homem mole e ocioso. Hércules<sup>923</sup> filho de Almena, tendo ganhada tanta honra

---

<sup>920</sup> Liber Genesis, 12, 17. Na edição de referência: *flagellavit autem Dominus Pharaonem plagis maximis et domum eius propter Sarai uxorem Abram.*

<sup>921</sup> A história de Dina, narrada em Genesis, 34, é aqui refeita. Por um lado, para enfatizar o perigo da curiosidade feminina (tema caro a pregadores), insinua-se uma disposição pecaminosa: na Escritura, Dina sai *ut videret mulieres regionis illius*; D. Marcos prefere sugerir que Dina sai animada por sentimentos de vaidade («para ver os trajes das mulheres daquela terra»). Por outro lado, elide-se o que na narrativa bíblica é um caso de fria vingança, rasurando vários aspectos (o amor de Siquém por Dina, a aparente conciliação das duas famílias, o facto de apenas ao terceiro dia os filhos de Jacob cometerem violenta traição, depois de estabelecido um pacto de entendimento e aliança). Ao proceder deste modo, D. Marcos compõe um *exemplum* de «desastres de amor», ligando transgressão, tentação e castigo.

<sup>922</sup> Em 1572, bem como em 1584, 1591, 1597, 1609, 1612, 1626, 1631 e 1633: «Depois». Em 1613, «Depois».

<sup>923</sup> Entre outras fontes, poderá ter sido relevante, para D. Marcos, a obra de Diodoro (tanto *Diodori Siculi Bibliothecæ Historicæ*, como *En Damus Diodori Sicvli Historici Græci*, na versão latina), onde a figura de Hércules – suas origens, suas proezas, seu impacto – constitui, em diversos passos, objecto de referência.

no mundo de forte e esforçado, chegou a Lídia onde andava um Dragão mui fero junto do Rio Ságaris, o qual fazia muito dano naquela terra. Hércules foi em busca do drago, e o matou, pelo que Ônfale Rainha de Lídia lhe deu grandes dões; o que Hércules agradecendo se pôs em seu serviço, e tão afeiçoado se lhe mostrou, que pôs de parte a maça, e despiu a pele do leão, e servia a Rainha com tanta humildade que às costas acarretava água e as cousas necessárias ao serviço de casa. E não bastante isto, per agradar a Rainha se punha a par dela com ùa roca na cinta a fiar. Alguns dizem que foi isto penitência que os Deuses lhe deram por matar a Ífito, filho del Rei Êurito, e que como cativo servia a Ônfale, mas a verdade é que Hércules foi fingido, e que tal homem não existiu<sup>1</sup> *in rerum natura*, mas que os antigos assi como fingiram a Júpiter Rei omnipotente pera sinificar o poder divino, assi fingiram Hércules valente pera figurar o esforço humano. E pera declarar e ensinar quanto o sensual amor é prejudicial e danoso fingiram a Hércules namorado, fazendo vilezas indignas de seu nome por amores.

texto

De Marco António a fama se escurece.

Plut. in *vita Anton.*

Plutarco<sup>924</sup> comparando a Marco António com Demétrio diz que assi como Hércules por amor de Ônfale despiu a pele leonina, e deitou a maça fora, e exercitou ofícios afrontosos, assi Marco António com o amor demasiado que a Cleópatra tomou se fez efeminado; e perdeu o (344v)// nome de esforçado que com tantas vitórias tinha alcançado. Dele e dela temos largamente tratado no 2.º canto, e inda trataremos no sexto.<sup>II</sup>

texto

Tu também Peno próspero.

Aníbal africano também foi murmurado por ser afeiçoado a ùa moça que viu em Salápia na Apúlia, com quem andou amancebado muito tempo. Assi o contam muitos, porém Plutarco autor gravíssimo<sup>925</sup>, e muito considerado, diz que não tem esta fama por muito certa, porque diz ele que muitos autores daquele tempo

<sup>1</sup> No ms., parece estar escrito (por lapso, decerto) «extiu».

<sup>II</sup> No ms.: «seisto».

<sup>924</sup> Sob o título *Demetrii et Antonii comparatio*, lê-se, em *Plvtarchi Cheronei Græcorum Romanorumque Illvstrivm Vitæ: Antonium uerò prorsus, quemadmodum Omphalen depictam Herculi clauam eripere, & leonis pelle exuere uidemus* [...]. (1542, f. 353).

<sup>925</sup> Em *Annibalis Vita* (Donato Acciaiuolo interprete), Plutarco lembra, a propósito de Salápia: *Haec est urbs in qua scriptores nonnulli Poenum amore cuiusdam puellæ captum fuisse tradunt, & immodicam cupiditatem uiri calumnijs prosequuntur. Alij sunt qui huius ducis modestiam effe-rentes, nec primum cum bellum in Italia gessit, nec postea cum in Aphricam redijt, aut cubantem coenasse, aut plusquam sextario uini indulsisse dicunt. Quidam etiam reperiuntur, qui Anibali crudelitatem, perfidiam, aliaque eiusdem generis uitia tribuentes, nullam de pudicitia aut de impudicitia hominis mentionem faciunt.* (*Plvtarchi Cheronei Græcorum Romanorumque Illvstrivm Vitæ*, 1542, f. 100).

acusando a Aníbal de muitos vícios, nenhum o arguiu de sensual. E do mesmo parecer é Justino<sup>926</sup>, mas os Romanos como eram<sup>1</sup> inimigos mortais dos Cartagineses, por algũa leve suspeita lhe alevantaram este testemunho. E não é muito porque também Virgílio sem razão nem justiça fez a castíssima Dido manceba de Eneas, metendo-se tantos anos entre um e outro.

142

Mas quem pode livrar-se por ventura  
dos laços que amor arma brandamente  
entre as rosas, e a neve humana pura,  
o ouro, e<sup>927</sup> alabastro transparente?  
Quem de ãa peregrina fermosura,  
de um vulto de Medusa propriamente,  
que o coração converte que tem preso  
em pedra não: mas em desejo aceso?

Eis começa a escusa a aparecer, da parte do objecto forçoso, que é o Amor, mas eu digo com Plauto: *Nimis vile est vinum atque Amor si ebrio atque amanti impune facere quod lubeat licet*<sup>928</sup>. Vinho e Amor é mui fraca escusa se a essa conta os homens hão-de fazer desatinos.

Dos laços que Amor arma.

*Laqueos undique tendit Amor.*<sup>929</sup> (345)//

Alciato

Entre as rosas, e a neve.

Guarino. *Rose de primavera infra le brinne.*<sup>930</sup>

texto

---

<sup>1</sup> No ms., entre «eraõ» e «inimigos», há uma rasura ilegível.

---

<sup>926</sup> O parecer de Justino corrobora o de Plutarco, vincando a *moderatio* de Aníbal: *Ex quibus constat Hannibalem nec tum, cum Romano tonantem bello Italia contremuit, nec cum reversus Karthaginem summum imperium tenuit, aut cubantem cenasse aut plus quam sextario vini indul-sisse pudicitiamque eum tantam inter tot captivas habuisse, ut in Africa natum quivis negaret.* (M. Ivniani Iustini *Epitoma Historiarum Philippicarum Pompei Trogi*, 1972, XXXII, IV, 9-11, p. 238).

<sup>927</sup> Em 1572, bem como em todas as edições publicadas até 1633: «O ouro, e o alabastro»...

<sup>928</sup> Titus Maccius Plautus, *Aulularia*, vv. 750-751. A citação encontra-se na *Polyanthea Nova* (1607, p. 1196) sob o título *Vinum*. D. Marcos prefere grafar «amor» com maiúscula, e desvia-se ligeiramente da sua fonte, onde se lê: *Nimis vinum vile, atque amor, / si ebrio atque amante impune facere quod lubeat licet.*

<sup>929</sup> D. Marcos cita o final do *Emblema XXII (Custodiendas Virgines)* de Alciato (*Emblemas*, 1985, p. 54). O texto é lembrado na *Polyanthea Nova* (1607, p. 1199), sob o título *Virginitas*.

<sup>930</sup> Trata-se do v. 3 do soneto *Rose, che l'arte invidiosa ammira*. Nas *Rime del Molto Illustre Signor Caualiere Battista Guarini* (1599, f. 24), o soneto tem o número 65 e vem acompanhado de uma rubrica (*Loda le bellezze di Lionora*). D. Marcos escreve «brinne» onde no texto italiano se lê «brine».

São fingimentos de amor que isto representa. Diz Aristóteles<sup>931</sup> que se os homens tiveram olhos de linco, e puderam ver o interior dos corpos, dentro do de Alcibíades, que foi o mais<sup>1</sup> gentil que Grécia teve, viriam cousas tão feias que apartariam os olhos por não vê-las. Elegantemente a este prepósito Torcato Tasso:

*Però, figlio,  
Va' su l' aviso e non t' apressar troppo  
Ove sian drappe colorati, e d' oro  
E pennacchi, e divise, e foggie nove.  
Ma sopratuto guarda che mal fato  
O giovenil vaghezza non ti meni  
Al magazzino dele ciancie, ah fuggi  
Fuggi quell' incantato alloggiamento  
Che luogo he questo? Io chiesi, et ei soggiunse  
Quivi habitan le maghe che incantando  
Fan traveder, et tradir ciascuno.  
Cio che<sup>11</sup> diamante sembra, et oro fino  
È vetro, e rame e quelle arche de argento  
Che stimeresti pieni di tesoro  
Sporte son piene di vesicche buge.<sup>932</sup> ect.*

Um vulto de Medusa, *i.* um rosto fermoso que muda os homens de sua primeira forma, como Medusa, não convertendo-os em pedra, como ela fazia; mas em desejo apetitoso. E assi tem menos escusa os amantes, porque mais fácil é de vencer um apetite sensual, que ãa natu(345v)//ral afeição, e quem este não vence é de pouco exercitado nas matérias da prudência.

143

Quem viu um olhar seguro, um gesto brando,  
ũa suave, e angélica excelência  
que em si está sempre as almas transformando,

<sup>1</sup> No ms., observa-se uma hesitação: D. Marcos terá pretendido escrever «muto», mas não chegou a concluir a palavra, que retocou e transformou em «mais».

<sup>11</sup> No ms., sob a primeira letra de «che», vê-se um «q».

<sup>931</sup> É Boécio, num passo em que glosa o tema da *vanitas* (fugaz e frágil é a beleza do mundo), quem atribui esta frase a Aristóteles: *Quod si, ut Aristoteles ait, Lynceis oculis homines uterentur, ut eorum visus obstantia penetraret, nonne introspectis visceribus illud Alcibiadis superficie pulcherrimum corpus turpissimum videretur?* (*Philosophiae Consolationis*, III, pr. VIII).

<sup>932</sup> *Aminta Favola Boschereccia del Sig. Torqvato Tasso*, 1590, p. 23 (vv. 576-590). D. Marcos escreve «drappe» em lugar de «drappi»; «pieni di tesoro» em vez de «piene di tesoro».

que tivesse contra ela resistência?  
Disculpado<sup>933</sup> por certo está Fernando  
pera quem tem de Amor experiência,  
mas antes tendo livre a fantasia  
por muito mais culpado o julgaria.

Dá por assolto de culpa e pena a D. Fernando dos desmanchos que fez por amor, mas bem diz que esta desculpa lhe valerá se for julgado diante do tribunal dos aleijados de Amor. Mas eu digo que diante dos que bem julgam tão culpado está hoje como sempre.

Fim do terceiro canto. Aos 10 de Março de 1633, às 10 da noite na Torre de Paderne. (346)//

---

<sup>933</sup> Em 1572, 1597, 1609, 1612, 1613, 1626, 1631 e 1633: «Disculpado»... Em 1584 e 1591, toda a estrofe foi omitida.

---

*Antigonus Doston appellatus eo quod multa promitteret pauca impleret.*<sup>934</sup>

Gonçalo Justos, ou Gustos, grande senhor em Castela, decendentes dos Condes e Juizes de Castela e Senhor de Salas de Lara, houve de sua mulher D. Sancha de sangue real 7 filhos, os quais foram chamados os 7 infantes de Lara, grandes cavaleiros, e mancebos de muitas partes. Tinham estes senhores um tio chamado Rui Velazques irmão de D. Sancha sua mãe, o qual casou em Burgos com ã principal senhora chamada D. Lambra. Celebraram-se as vodas solenemente, e entre os jogos de cavalo, que se fizeram sobre o comer ou sobre o que quer que foi, Gonçalo Gonçalves, o mais novo dos 7 Irmãos, teve pendências com um primo da Noiva, chamado Álvaro Sanchez, a qual pendência pouco houvera de durar se não foram parte nela mulheres. Assi que sintiu a Noiva o agravo do parente, e estando já tudo apaziguado, e eles estando noutra lugar, a noiva mandou a um seu criado com um<sup>1</sup> colombo<sup>935</sup> cheo de sangue, que atirasse a Gonçalo Gonçalves pelo afrontar, e ele assi o fez. E fugindo pera onde estava a Senhora correram os Irmãos após ele, e diante dela lho mataram sem lhe ela poder valer, e tomando sua mãe se foram pera Salas de Lara sua terra. Com esta segunda injúria mais

---

<sup>1</sup> No ms., parece ter começado por ser grafada a palavra «hum». A consoante nasal foi riscada, e sobre a vogal terá sido acrescentado um til.

---

<sup>934</sup> A respeito dos sucessores de Alexandre, Plutarco nomeia Antígono, dizendo: *Fuit autem eidem cognomen Doston, quod multa promitteret, pauca impleret (Pavli Aemilii Vita. Leonardo Aretino interprete, in Plutarchi Cheronei Græcorum Romanorumque Illustrium Vitæ, 1542, f. 133v).*

<sup>935</sup> Colombo: pequena cabaça.

afrontada a senhora tratou com seu marido de se vingarem, e pera isso, fez-se amigo de Gonçalo Gustos, e porque ambos eram amigos del Rei de Córdoba, que se tinha oferecido a fazer-lhe mercês pera ajuda do gasto das vodas, disse Rui Velasques a seu cunhado que fosse a Córdoba e levasse aquela carta ao Rei Mouro escrita em Ará(346v)//bigio. E o que nela continha era que tanto que visse aquela matasse a Gonçalo Gustos, e mandasse gente pera lhe entregar seus filhos os 7 Infantes, porque estes eram os alvoroçadores do povo contra os Mouros. O Rei vendo a carta e a simplicidade do que lha levava, não o quis matar, mas todavia mando[u]<sup>1</sup> gente às terras de Almenar e ao Gonçalo Gustos meteu em ãa torre. Foram os Mouros, fingiu o traidor que queria sair, chamou os 7 sobrinhos, e depois de os meter na cilada, fugiu, e os Mouros os mataram todos. Estando Gonçalo Gustos na prisão foi visitado muitas vezes de ãa Infanta Moura irmã del Rei. E tantas vezes foi e veio até que dũa das vezes indo só tornou acompanhada de um filho de que se sintiu prenhe. Os Mouros cortaram as cabeças aos 7 Infantes, e a de seu Aio, e as levaram a seu Rei em sinal da vitória. O Rei as mandou mostrar ao pai preso, o qual vendo-as e caindo em seu erro, caiu com um acidente. O Rei mouro teve tanta compaixão dele, que lhe deu liberdade, e muito bem pera tornar a Salas. E ordenou ele com a moura prenhe o que havia de fazer do filho, o qual nacido se chamou Mudarra Gonçalves, e depois de grande se veio pera seu pai. E este matou o traidor de Rui Velasques em vingança dos 7 Irmãos, e sucedeu na casa dos sete Infantes de Lara, que é hoje dos Manriques.<sup>936</sup> (347)//

Nuño Salido

Morto El Rei D. Sancho 3.º de Castela ficou-lhe um filho chamado D. Afonso 9.º, a quem seu pai deixou debaixo da tutoria de um cavaleiro principal chamado D. Guterres Fernandes de Castro, que fora seu aio velho<sup>II</sup>, em cujo poder mandou que estivesse até ser de idade de 15 anos<sup>938</sup>. Neste tempo El Rei de Leão D. Fernando 2.º, Genro del Rei D. Afonso Henriques, desejou ter este menino, que era

Fidalgo, *Fidelis*.  
*Noble, notable*  
*i. non vilis*.  
Garibay, l. 12,  
cap. 20<sup>937</sup>

<sup>I</sup> No ms.: «mando».

<sup>II</sup> No ms.: «chamado D. Fernam Ruiz de Castro /D. Guterres Fernandes deCastro q̄ fora seu aio velho em cuio poder»...

<sup>936</sup> V. *Crónica Geral de Espanha*, III, 1984, pp. 122-129. A versão de D. Marcos será também devedora daquela que Garibay compôs em *Los XL Libros d'el Compendio Historial* (1571, X, XIV, pp. 537-540).

<sup>937</sup> D. Marcos retém termos destacados no texto de Estevan de Garibay, num passo onde se explica: *de fidelis se dixo fidalguia, que quiere dezir cosa de fidelidad; Noble, segun el Catholicon, se deriuó sincopadamente de notabilis, que quiere dezir notable, quitando la sillaba bi, pero segun Sant Ysidoro y otros, dixo se de non vilis, que quiere dezir no vil, y assi es lo vno y lo otro cosa muy consona a razon, por que los tales varones, siendo segun Ligurgo y otros legisladores establecieron, personas que en las republicas y imperios, fueron por los mas señalados, escogidos para su conseruacion y aumento, no auian de hazer cosas viles, sino notables, y sus sucessores siguiendo sus pisadas, dieron principio a la nobleza, y fidelidad, que en España se dize fidalguia. (Los XL Libros d'el Compendio Historial, 1571, XII, XX, p. 709).*

<sup>938</sup> Esteuan de Garibay y Çamálloa, *Los XL Libros d'el Compendio Historial*, 1571, XII, XI, p. 683. A referência aos *quinze años* como idade adulta do Príncipe podia ser colhida em XII, XII, p. 684.

seu sobrinho, em seu poder, e os fidalgos Castelhanos lho tiraram e esconderam. Levantaram-se por esta causa grandes guerras entre os Castelhanos. E o Conde D. Henrique de Lara com seus Irmãos persuadiram a D. Guterre Fernandez de Castro que largasse de seu poder ao Rei menino e lho entregasse a eles, e que com isto logo cessariam as guerras civis<sup>939</sup>. Ele como era sem malícia deu o menino a D. Gracia de Acia, meio-irmão dos de Lara, e este o deu a seu Irmão D. Manrique de Lara. Como os de Lara tiveram o Rei em seu poder, com este título faziam o que queriam, e por esta causa durou muito tempo ódio entre os Castros e os de Lara. O Rei de Leão<sup>I</sup> insistiu muito em levar o menino Rei pera sua casa, porque era seu sobrinho, e os de Lara já lho entregavam, se não fora pelos Castelhanos escondido. E porque antes dos 15 anos lhe quiseram dar<sup>II</sup> o governo, contra o mandado de seu pai, os Castros, principalmente D. Fernam Roiz de Castro, lhe não quis entregar as fortalezas que tinha, até que compridos os 15<sup>III</sup> anos lhas largou todas, e se desnaturizou de Castela e se foi viver com os Mouros dando-se por agravado do termo que com ele se usara. Andando com os Mouros fez (347v)//algũas entradas em<sup>IV</sup> Hespanha, e querendo-o El Rei D. Fernando ter consigo, porque era grande fidalgo e cavaleiro, ele quis antes servir ao Rei de Marrocos. E ultimamente foi vencido per um mestre de Castela, Português de nação.

El Rei D.  
Afonso de  
Castela quis  
fazer que  
os fidalgos  
castelhanos  
lhe pagassem<sup>V</sup>  
cad'ano 5  
maravedis de  
ouro, e eles  
recusaram isso  
até vir às armas.  
O principal que  
os defendeu  
foi o Conde D.  
Pedro de Lara.  
E os fidalgos  
lhe prometeram  
em gratificação  
disto dar-lhe  
cada um seu  
jantar, e nas  
cortes os de  
Lara falam  
primeiro pelos  
fidalgos.<sup>940</sup>

.....

### Ebro Rio

Nace em Fontibre perto de Aguilar de Campo e corre a raiz de Cantábria, e passando Navarra e Aragão e Catalunha se mete no Mediterrâneo em Tortosa, tendo de curso mais de 110 léguas.

<sup>I</sup> No ms.: «~~Ehũ~~ destes O Rei de Leão»...

<sup>II</sup> No ms.: «quiseraõ tirar/dar o governo» ...

<sup>III</sup> No ms.: «atequecompridos os des #15# annos lhas largou todas»...

<sup>IV</sup> No ms., decerto por lapso, lê-se «es Hespanha».

<sup>V</sup> No ms., decerto por lapso, «pagasses».

<sup>939</sup> V. Esteuan de Garibây y Çamálloa, *Los XL Libros d'el Compendio Historial*, XII, XII, pp. 683-685. A versão de D. Marcos não condiz exactamente com a de Garibay, mas aproxima-se em parte da que Juan de Mariana apresenta na *Historia General de España* (1617, XI, VII-VIII e X-XI, pp. 526-530; 532-536). Em especial, esta relação detecta-se quer no que diz respeito à entrega de D. Afonso (*Don Gutierre, con desseo del bien comun, y con exemplo señalado de modestia, mas que de prudencia, facilmente se dexò persuadir, que entregasse el Rey en poder de don Garcia Acia: hombre sin duda templado, pero de mas senzillo animo que parece requeria es estado de las cosas: en tanto grado, que con escusa de los gastos que le era forçoso hazer en la criança del Rey, por no estar las rentas reales del todo desembaraçadas, entregò el Rey niño a don Manrique de Lara [...]*). – *Historia General de España*, 1617, XI, VIII, p. 528) quer no que concerne o exílio e a carreira, em *tierra de Moros*, de D. Fernando de Castro (XI, XI, p. 536).

<sup>940</sup> V. Esteuan de Garibây y Çamálloa, *Los XL Libros d'el Compendio Historial*, 1571, XII, XX, p. 706.

## Douro

Nace perto de Sória<sup>1</sup> na terra dos antigos Duraços, se mete no mar além do Porto de Portugal, corre 120 léguas.

## Tejo<sup>941</sup>

Nace na serra de Molina, atravessa todo o Reino de Toledo, Estremadura e Portugal, entra em Lisboa, corre 120 léguas.

## Guadalquivir

Bétis nace na serra de Segura atravessando Andaluzia se mete em San Lúcar, corre 64 léguas.

## Guadiana

Nasce nũas lagoas em terra de Alambra perto de Montiel. Nestas lagoas nasce muito peixe, mas ruim, e às vezes de seu morre. Onde nace se chama Ruidera, e correndo 8 léguas com este nome entre muitos moinhos se some cerca de Argamasilha, e correndo 7 léguas pelas entranhas da terra torna a nacer, e cerca de Daimiel noutra lagoa chamada olhos de Guadiana, cuja água é verde negra e grossa, entra no mar junto de Castro Marin, entre ele e Ayamonte. (348)//

*Behetrias* eram certos povos que podiam mudar senhores como lhe parecesse. Cada dia 7, se quisessem.<sup>942</sup>

D. Alonso Hernandes Coronel, grão Senhor em Andaluzia, se rebelou contra El Rei D. Pedro cruel e se fez forte na vila de Aguilar, onde sendo cercado, e entrando por um postigo a tempo que ele ouvia missa, lhe disseram que entravam inimigos. Ele mui sossegado disse: «nem por isso deixarei de ver a Deus». Preso ele, lhe perguntou um Cavaleiro, como sendo tão grande cavaleiro tomara tal profia. Respondeu: «Tal es Castilla que hasia<sup>II</sup> los hombres, y los sabia gustar.» Morreu no mesmo dia em que tinha morto a D. Gonçalo Martines de Oviedo, mestre de Alcântara.<sup>943</sup>

---

<sup>1</sup> No ms.: «Nace perto de Soria ~~passando~~ na terra dos antigos Duraços»...

<sup>II</sup> No ms.: «Tal es Castilla que ~~sabe~~hasia los hombres» ...

---

<sup>941</sup> Os apontamentos sobre grandes rios da Península são tirados de *Los XL Libros d'el Compendio Historial*, de Garibay (1571, III, IV, pp. 67-68).

<sup>942</sup> V. Juan de Mariana, *Historia General de España*, t. II, 1616, XVI, XVII, p. 43: *En Castilla la vieja, algunos pueblos tenían costumbre de tiempo inmemorial, de a su voluntad mudar los señores que quisiessen: vnos dellos podían elegir señor entre toda la gente, al que les pareciesse les venia mas a cuento: otros pueblos le escogían de un particular y señalado linage, los vnos y los otros por esta razón se dezian Behetrias [...]*.

<sup>943</sup> V. Juan de Mariana, *Historia General de España*, t. II, 1616, XVI, XVII, p. 45. A versão de Mariana não inclui discurso directo: *Oña Missa don Alonso Coronel, quando le dixeron, que se*

El Rei D. Pedro jurou que era casado com D. Maria de Padilla.

Em Toledo mandando matar o cruel Rei D. Pedro a 24 homens do comum, foi entr'eles um platero cujo filho de 18 anos se ofereceu à morte pelo pai, e o Rei cruel aceitou o partido e o matou.<sup>945</sup>

Garib., l. XIII, c. XI<sup>946</sup>

Os Castelhanos alevantaram que a Rainha D. Branca de Borbon, mulher del Rei D. Pedro, vinha prenhe de D. Fradique, mestre de Santiago, Irmão del Rei. E o mesmo à Rainha D. Maria, mãe de D. Pedro, sendo viúva.

D. Fadrique<sup>I</sup> mestre de Santiago, e D. Henrique Conde de Trastamante<sup>II</sup>, com outros senhores quiseram fazer Rei de Castela (em ódio de D. Pedro Cruel) ao Infante D. Pedro Justiceiro que foi Rei de Portugal, mas El Rei D. Afonso seu pai não quis<sup>944</sup>. Era este Infante neto de D. Sancho o Bravo, filho de D. Brites, sua filha.

Dona Constança Duquesa de Alencastro foi filha de D. Maria de Padilla, amiga del Rei D. Pedro.

D. Pedro Rei de Castela fez muitos despropósitos com os sobejos amores de D. Maria de Padilla.

Três Pedros, de Castela, Portugal, Aragão, foram filhos de três D. Afonsos. (348v)//

D. Lope Dias de Haro Senhor de Biscaia, e o Conde D. Nuño de Lara se rebelaram contra El Rei D. Afonso 11, o sábio, e fizeram com El Rei de Granada que quebrasse as tréguas e com outros muitos se passaram ao serviço del Rei de Granada.

D. Branca filha de S. Luís casou com o príncipe D. Fernando de Lacerda<sup>III</sup>, filho de D. Afonso 11, deste casamento naceram D. Afonso de Lacerda e D. Fernando de Lacerda.

<sup>I</sup> No ms.: «D. João Henrique/Fadrique mestre de Santiago» ...

<sup>II</sup> No ms., parece ter havido hesitação na escrita deste nome. O resultado é algo confuso: «Trastamanta»? «Trastamante»?

<sup>III</sup> No ms.: «o príncipe D Duarte/ Fernando delacerda f.º de D. A.º 11» ...

*entraua la villa, no dexô por tanto de oyrla, hasta que fue la sagrada hostia consumida: estaua cierto de su muerte, y sin ninguna esperanza de ser perdonado.*

<sup>944</sup> V. Juan de Mariana, *Historia General de España*, t. II, 1616, XVI, XVIII, p. 49. Aí se diz que os irmãos de D. Pedro de Castela, aliados a Juan Alonso de Albuquerque *solicitaron al Infante don Pedro, hijo del Rey de Portugal, para que se aliasse con ellos, con esperanças que le dieron de le hazer Rey de Castilla, assi por el derecho de guerra, como por el de parentesco, como nieto que era del Rey don Sancho, hijo de doña Beatriz su hija. Dexôse de intentar esto, a causa que el Rey de Portugal, luego que supo estas traças, estuuu mal en ello, y lo estoruó.*

<sup>945</sup> Fernão Lopes conta esta história, na *Crónica de D. Pedro* (1966, p. 157). O uso do vocábulo *platero*, porém, indica que D. Marcos se apoiou numa fonte castelhana – provavelmente a *Historia General de España* de Juan de Mariana (t. II, 1616, XVI, XXI, p. 56), que se fez eco de uma longa tradição vinda já da *Crónica de don Pedro I* de López de Ayala (v. *Más de Mil y Un Cuentos del Siglo de Oro*. Edición y introducción de José Fradejas Lebrero, Madrid, Iberoamericana, 2008, pp. 97-99).

<sup>946</sup> *Los XL Libros d'el Compendio Historial*, 1571, XIII, XV, p. 820. Garibay conta que D. Sancho, rebelde a seu pai, *reduzió a su seruicio a Don Lope Diaz de Haro, y a Don Nuño de Lara [...]*. Também segundo Garibay, nesta luta contra o revoltoso D. Sancho, D. Afonso aliou-se ao rei de Marrocos, que se dispôs a atacar *la tierra d'el Rey de Granada su enemigo*. (p. 822).

João de Ulloa entregou Touro, e Juan de Porras Çamora a El Rei D. Afonso V de Portugal.

O Duque de Arévalo, conde<sup>I</sup> de Ureña, e o Mestre de Calatrava prometeram a El Rei de Portugal cinco mil homens, e não lhos deram.

D. João da Silva Conde de Cifuentes foi vencido dos Portugueses nãa emboscada donde lhe saiu perto de Arévalo.

Beuter, *Crón.* c. 15 do lib. 2

*Baron quiere dizir cavallero exercitado en toda cosa militar*<sup>947</sup>. André Tiraquello no tratado *De nobilitate*<sup>948</sup> diz que Barões são aqueles que em nome del Rei possuem castelos e fortalezas, e que gozam desta graça por sua nobreza, porque se crê que serão sempre leais. Em Catalunha e Valença aos senhores de título que não são condes chamam Barões (*Nobreza de Espanha*, c. 43<sup>949</sup>), e em Nápoles, todos os nobres que tem jurisdição em seus lugares e castelos, são chamados Barões. (349)//

Conta Anacreonte autor antigo, referido por Fulgêncio no livro das Mitologias, e Eneas Vico nos comentários sobre as medalhas, que Júpter querendo pelejar com os Gigantes sacrificou ao Céu, e estando sacrificando, ãa águia voou sobre ele mui domesticamente, e que alcançada vitória, tomou Júpter por brasão aquela águia, e que venceu a Ganimedes<sup>II</sup> levando estas Insígnias.<sup>950</sup>

Adiantado era presidente ou prefeito de algum lugar ou termo

cap. 37, num. 33

<sup>I</sup> No ms.: «o DuquedeArevalo, Marques/conde de Ureña» ...

<sup>II</sup> No ms., decerto por lapso, encontra-se uma duplicação: «a Ganimedes aGanimedes»...

<sup>947</sup> D. Marcos recolhe decerto informação do *Tratado de Nobleza* de Fray Juan Benito Guardiola, onde se lê, no capítulo XLIII: *Y afirma Per Anton Beuther [c. libr. 2 de la Chronica de España. c. 15] esto mismo con las siguientes palabras formales. Baron quiere dezir cauallero exercitado en toda cosa militar [...].* (1591, f. 117v).

<sup>948</sup> V. *Andreae Tiraquelli [...] Comentarium De Nobilitate Et Iure Primigeniorum: Sed quod ad illam Magnatum appellationem vulgarem pertinet, illud te scire oportet, non omnes nobiles hoc vocabulo contineri ex communi usu loquendi (neque enim alium sumere possumus, cum, vt iam diximus, verbum sit vulgare, & nemini cognitum ex antiquis scriptoribus) sed eos tantum nobiles intelligi, qui in aliquo potentatu, siue Baronia, vel qui aliqua regalia possident, quos vulgò Barones vocant.* (1617, XXXVII, 33, p. 382). D. Marcos terá acedido a esta informação também através do *Tratado de Nobleza* de Fray Juan Benito Guardiola (v. 1591, f. 117v).

<sup>949</sup> D. Marcos refere-se ao capítulo que no *Tratado de Nobleza* de Juan Benito Guardiola tem por título *De los Barones, y Castellanos, que por otro nombre son dichos Alcaydes de los Castillos* (1591, fls. 117-118v).

<sup>950</sup> V. Juan Benito Guardiola, *Tratado de Nobleza* (1591, fls. 33v-34): *Dos cosas se ofrecen aqui saber, la vna dellas, es, porque los Romanos trahian vna Aguila en su vanderá por armas y insignia militar: y la otra, porque en el principio no tuuo mas de vna cabeça, y despues tiene dos? Quanto a lo primero, es de notar, que segun dize Anacreon autor antiguo, y referelo Fulgencio en el libro de las Mitologias: y Eneas Vico en sus comentarios de las medallas de los antiguos, que queriendo Iupiter hazer guerra a los Titanes, hizo sacrificio al cielo, y estandole haziendo, vio vna Aguila bolando sobre el como que aue domestica que le fauorescia: lo qual el tuuo por señal de prospero sucesso. Y ansi fue, porque alcançò maravillosa victoria, por la qual causa tomò una*

Alexand. ab Alex.<sup>951</sup> diz que dos Cretenses tomou Júpiter esta insígnia, e que de Júpiter veio aos Troianos, e destes aos Romanos. Esta águia tinha ãa cabeça, mas depois que houve Império Oriental e Ocidental teve duas cabeças, mas um só corpo, que denotava um ânimo e ãa vontade.

Trazer plumas nos murriões inventaram os de Caria, a qual insígnia se não dava senão aos homens que faziam algũa grande façanha na guerra. Per Anton Beuter na *Crónica de Espanha*, cap. 27, *ut refert* frei João Benito Guardiola<sup>952</sup>, *Tratado da nobreza d' España*, cap. 39.

A Infanta D. Constança, filha d'el Rei D. Henrique que matou a seu Irmão D. Pedro Cru, casou com o Infante Dom João, filho del Rei de Portugal D. Pedro e de D. Inês de Castro.

Castilha, Portugal, Aragão, primeiro tiveram título de condados. O primeiro Conde de Aragão foi Don Aznar neto de Heudo, Duque de Guiaina em França. O primeiro Conde de Portugal foi D. Henrique de Bisançon e Lorena, decendente dos Duques de Lorena. (349v)// O primeiro Conde de Castilha foi D. Fernam Gonçalez filho de Gonçalo Nunes, filho de Nuno Rasura juiz de Castilha<sup>953</sup>. Os

---

*Aguila de oro por armas, la qual trahia en el escudo, y en el pendon. Y porque despues desto vencio a Ganimedes, lleuando en la batalla esta Aguila por armas e insignias, vinieron a dezir los Poetas, que vna Aguila fue la que arrebatô a Ganimedes, y le lleuô a Iupiter. Y porque los Romanos en las guerras tomauan a Iupiter por valedor, escogieron la mesma Aguila de Iupiter por blason de sus armas. Verdad es que dize Alexandro ab Alexando [li. 4 dierũ genial.] que esta insignia militar vino de Iupiter a los Cretenses, y dellos a los Troyanos, y de los Troyanos a Italia por Eneas, del qual la tomaron los Romanos, como aquellos que se jactauan traerla de su generacion. [...] Mas la causa porque entonces pintauan aquella Aguila con vna cabeça, y agora con dos, eran para denotar, que siendo al principio el Imperio vno, despues se diuidio en dos, el Oriental, y Occidental.*

<sup>951</sup> V. *Alexandri ab Alexandro*, [...] *Genialium Dierum Libri Sex*. A respeito dos *militaria signa* usados pelos romanos, lê-se: *Hoc enim insigni Jouem aduersus Titanas vsum ferunt, inde ad Cretenses: à Cretensibus ad Troianos: demum in Latium ab Aenea translatum defluxisse: quo postea Romani velut præcipuo vexillo in bellis vsi sunt* [...]. (1626, IV, II, f. 177).

<sup>952</sup> No capítulo 39 do *Tratado de Nobleza* (*Quan necessaria fue la pragmática que se promulgò año de 1586. cerca de los titulos, y epithetos, que se dauan impropriamente sin diferencia de estados y calidades*), frei Juan Benito Guardiola lamenta os abusos do tempo presente e afirma: *De manera que si las gentes reconociessem el principio, origen y ethymologia de los titulos y epithetos y aun de los trajes, porque fueron inuentados y otras cosas semejantes, que son en testimonio de la honra y merecimientos de cada vno tengo por muy cierto que muchos se apartarian de las vanidades y locuras en que estan engolfados. Y por fin y conclusion de lo mucho que aqui podria dezir bastaria traer este exemplo de los penachos y plumas de que oy día usan algunos, y aun mugeres de baxa suerte por via de gentileza e loçania. Cuyo principio de traberlas si entendiessen no harian semejantes desatinos. Que como dize Plinio, y lo refiere el Doctor Per Anton Beuther en el libro segundo de la Chronica de España [cap. 27] los de Caria inuentaron el uso de las plumas, o penachos que dezimos, para aguzar y subir el coraçon a cosas hazañosas, porque no podia llevar la pluma sino varon que huiesse hecho cosa heroyca.* (1591, f. 111v). Garibay havia já denunciado *el abuso* no uso de *plumages*, que de Caria havia passado a *todas partes, hasta el abuso, que oy vemos, que desde el Rey hasta el moço de cauillos se los ponen.* (*Los XL Libros d'el Compendio Historial*, 1571, XXXIII, IV, p. 752).

<sup>953</sup> D. Marcos traduz um passo do *Tratado de Nobleza*, de Fray Juan Benito Guardiola (1591, f. 115).

filhos primogénitos dos Condes em França<sup>1</sup> se chamavam Viscondes. E estes tinham certas terras por suas, enquanto não herdavam tudo. Garibay, l. X, c. IIII<sup>954</sup>.

O infante D. Manuel foi filho del Rei D. Fernando o Santo e pai de D. João Manuel com cuja filha casou El Rei D. Pedro de Portugal. Adiantado, ofício nobre, o de Castela anda na casa dos Padilhas, o de Andaluzia na casa dos Riberas, o de Múrcia nos Fajardos, de Leão Pimentéis, de Galiza Mendoça.

### Frei João Benito

Não serve ao Rei quem ofende ao povo, nem ao povo serve quem ofende ao Rei.<sup>955</sup>

c. 36

Strabo c. 3 de *Gadibus loquens*:  
*Licet in extremo sita orbe terrarum, universas tamen*<sup>II</sup>  
*nominis celebritate excelat.*<sup>956</sup>

Ano 1276. *puer sex mensium, praedicit reditum Tartarorum in Poloniam.* Martin. Cromer.<sup>957</sup>

O Conde de Trastâmara Dom Pedro Forjaz estando pera dar ãa batalha aos Mouros na terra de Arouca viu ãa cruz resplandecente sobre ãa pereira, tomou a Cruz por armas, e a pereira por nome. (350)//

---

<sup>I</sup> No ms.: «Os f<sup>os</sup> primogenitos dos Condes \*emFrança\* sechamavão Vizcondes.»

<sup>II</sup> No ms.: «tamen eete nominis»...

---

<sup>954</sup> Estevan de Garibay explica que *De los condes se deriuan los vicecondes, que son inferiores a la dignidad de condes, porque vicecondes que agora dezimos quitada la C primera, vizcôdes, quiere decir, persona o cosa puesta en lugar de conde, o que espera sus vezes y lugar, y assi en Francia se usa mucho este nombre de dignidad.* (Los XL Libros d'el Compendio Historial, 1571, X, IV, p. 512). D. Marcos poderá ter coligido este apontamento da obra de Garibay ou do *Tratado de Nobleza* de Fray Juan Benito Guardiola, onde a mesma informação é dada, assinalando-se que *esto dize Estevan de Garibay, y mucho antes del, Fernan Mexia.* (1591, fls. 116v-117).

<sup>955</sup> D. Marcos traduz (buscando, numa construção quiástica, um efeito lapidar) a frase sentenciosa com a qual frei Juan Benito Guardiola, no *Tratado de Nobleza* (c. XXXVI), exalta a fidelidade, a dedicação e o espírito de sacrifício próprios da cavalaria e, em particular, dos *caualleros Españoles*, defensores da ordem cristã e da instituição monárquica: *Y no guarda la Republica quien desirue a Su Rey, ni sirue a su Rey quien daña al pueblo, segun que diriamos que no guarda bien el cuerpo del hombre quien lo hiere en la cabeça, ni le guardaria bien la cabeça quien lo hiriesse en el cuerpo.* (1591, f. 99).

<sup>956</sup> Ao descrever, na sua *Geografia*, o sul da Península Ibérica, Estrabão destaca a ilha de Gades (3, I, 8) quer pela coragem dos seus habitantes enquanto navegadores quer pela relação estabelecida com os romanos, fonte de uma prosperidade que havia tornado a ilha – apesar da sua localização, no extremo da terra – a mais célebre de todas.

<sup>957</sup> Apenas com uma diferença (diz *puer sex mensius*), D. Marcos reproduz a frase com a qual James Gordon regista um prodígio ocorrido no ano de 1276: *puer sex menses natus, praedicit reditum Tartarorum in Poloniam.* Martin. Cromer. (*Operis Chronologici Tomus Alter*, 1614, p. 377).

Jacobus Billius

*Horrendi sceleris poenas tribus una pependit  
Dum reliquae sumunt arma jubente Deo  
Ante tamen meritas quam possent sumere poenas  
Victores, pugna bis cecidere gravi  
Quid sibi vult quod dum Sanctissima<sup>1</sup> jussa Tonantis  
Exequitur populus, bis tamen ille cadit?  
Nempe quod ille alios qui tentat plectere, debet  
Ipse prius vindex criminis esse sui.<sup>958</sup>*

.....

O Cabo Delgado adiante de Moçambique, ao sertão há um Reino chamado Mongalo<sup>II</sup>, que é de um Gentio. Neste Reino há ãa fonte que converte em pedra os paus que lhe lançam dentro.<sup>959</sup>

Há em Moçambique ãa doença que não há noutra parte e é que muitas pessoas não vem de noite inda que faça luar; e em tornando o Sol, tornam a ver, e isto sem dor. Dizem que os fígados do cação assados nas brasas são bom remédio pera isto; outros que lavando os olhos com água do bebedouro de pombas; outros, que indo-se daquela ilha sararam.<sup>960</sup>

A ilha S. Helena está em 16 graus do Sul, tem cinco léguas de circuito pouco mais ou menos. É quasi quadrada, muito fragosa, e de serras altíssimas donde corre muita e boa água pelos vales que são fresquíssimos, e algũa água vem em partes caindo do alto pela rocha abaxo espalhando-se a água. Tem todo ano figos em grande abundância, os figos são como os de Portugal pretos, tem muitas romãs, cidreiras, limeiras, laranjeiras. Tem cabras silvestres grandes bravas pintadas. Não há nesta Ilha, cobra, nem osga nem animal peçonhento.<sup>961</sup>

A volta do regaço começa em 24 graus e acaba 36.

A cidade de Cochim está situada num baxo junto de um Rio de água doce, inda que na barra é salgado. Este Rio vem do Gate, por ele arriba obra de ãa légua

---

<sup>1</sup> No ms.: «San\*c\*tissima»...

<sup>II</sup> No ms.: «ha vista hũ Reino chamado ~~Mongalo~~-Mongalo» ...

---

<sup>958</sup> *Anthologie Sacre Libri Quatvor*, 1591, I, XLIV, pp. 101-102. Nesta edição, tal como na *Polyanthea Nova* (1607, p. 268), onde sob o título *Correctio*, D. Marcos poderá ter encontrado o texto de Jacobus Billius, lê-se (v. 6) *tamen ipse*.

<sup>959</sup> V. Frei João dos Santos, *Ethiopia Oriental*, 1609, f. 82v. Uma referência pormenorizada à fonte cuja água produzia uma «espantosa maravilha, que era converter-se em pedra dura todo o pau que lhe deitavam dentro, mudando a natureza de pau em pedra ferrenha, mui pesada», lê-se no cap. VII do livro II (fls. 51-52).

<sup>960</sup> V. Frei João dos Santos, *Ethiopia Oriental*, 1609, fls. 89v-90.

<sup>961</sup> D. Marcos resume a descrição da ilha de Santa Helena feita por frei João dos Santos, na *Ethiopia Oriental* (1609, fls. 122-122v).

está Cochim<sup>1</sup> de cima, que é dos gentios da terra, onde está El Rei nosso amigo. (350v)// No caminho da Índia, entre os baxos das Chagas, e os baxos dos Garajaus, há duas ilhas chamadas as duas Irmãs.<sup>962</sup>

.....

Véspera de N. Senhora de Agosto houve Lopo de Sousa houve<sup>II</sup> ãa vitória famosa dos mouros de Diu, ano 1537<sup>963</sup>. Couto *D.* 5 fol. 60. Dia da mesma Senhora foi em Cananor a inundação das lagostas.<sup>964</sup>

14 contra 400

.....

Brava está um grau da banda do norte. É povoada de Mouros vassalos de Portugal. Está ãa costa mui brava. Não tem Rei senão República.

Brava é pequena e forte

Magadaxó está mais abaxo em 3 graus ½ do norte, os mouros dela são os mores inimigos que tem Portugal e mui soberbos.

está em 3 graus e ½ Magad. é grande cidade e forte<sup>969</sup>

---

<sup>1</sup> No ms.: «esta Cochim o velho de cima»...

<sup>II</sup> A duplicação não chegou a ser eliminada no ms.

---

<sup>962</sup> V. Frei João dos Santos, *Ethiopia Oriental*, 1609, Parte II, capítulos XVIII (onde se descreve Cochim) e XX-XXI (onde se fala dos baixos das Chagas, dos Garajaus e «de duas ilhas [...] chamadas Duas Irmãs.»).

<sup>963</sup> Lopo de Sousa Coutinho de Santarém é caracterizado por Diogo do Couto como «fidalgo bem conhecido por seu esforço e valor, e que neste cerco todo dos Rumes pelejou valerosamente, e depois fez os Comentários dele, em estilo excelente e grave, e foi o melhor de todos, porque escreveu como testemunha de vista» (*Decada Quinta da Asia*, 1612, III, II, f. 55v). A sua acção é narrada nos capítulos iniciais do livro III da *Decada Quinta*; em particular, nas fls. 59v-60v, trata-se da vitória alcançada e da desproporção numérica dos combatentes – 14 contra 400 (f. 59v).

<sup>964</sup> João de Barros, na *Decada Segunda da Asia*, conta, a propósito do cerco de Cananor: «vieram a tanta estreiteza de fome, que não ficou na fortaleza cão, gato, e ratos, que tudo não fosse mantimento, de maneira que a gente comum, assi com fome, como trabalho dos combates que tiveram e vigias de noite, quasi toda jazia doente. Mas nossa Senhora, a quem os nossos se iam encomendar na ermida sua da vocação da Vitória que dom Lourenço fez na ponta da terra, a quinze d'Agosto, em que a Igreja celebra a festa da sua Assunção, obrou com eles suas misericórdias, com este efeito, mais milagroso que natural. Alevantou-se o mar em fúria, e cada vez que o rolo dele descarregava na terra da ponta onde estava esta sua ermida, lançava dentro grande número de lagostas, que os nossos houveram por maná enviado do céu, porque não somente aos sãos, mas aos doentes deram vida, e foi tanta a cópia, que tiveram nelas uns dias que comer.» (1628, I, V, f. 16v).

<sup>965</sup> V. Frei João dos Santos, *Ethiopia Oriental*: «a cidade de Brava, povoada de Mouros amigos nossos, ou fingidos ou forçados, como são ordinariamente os mais desta costa.» (1609, f. 121). Noutro passo, «a cidade de Brava», situada na costa da Etiópia («a mais estéril, e áspera que se pode ver»), é «pequena, mas muito forte, povoada de Mouros amigos dos Portugueses, e vassalos del Rei de Portugal. É terra muito quente, porque está um grau somente da Linha Equinocial da parte do Norte. É certo que lhe está mui bem o nome de Brava, porque tem ãa barra tão trabalhosa, e brava, que não se pode tomar, nem entrar, senão com muito risco e perigo. Esta cidade não tem Rei, como as mais desta costa, mas é governada por Vreadores, ou Governadores eleitos pola mesma República, como Veneza. Daqui por diante vai correndo esta costa pera o Nordeste com a mesma braveza, até a cidade de Magadaxó, situada em três graus e meio da banda do Norte.

.....

Dos Rios de Cuama até Moçambique são 130 léguas de terra<sup>966</sup>. Etiópia Oriental começa no Cabo de Boa Esperança e acaba no mar Roxo. (351)//

No tempo que o Capitão Tomé de Sousa Coutinho, Irmão do Viso-Rei Manuel de Sousa Coutinho, pelejou em Mombaça com os Turcos, tendo-os desbaratado, e deitando-se alguns a nado pera fugir pera a Cidade, muitos portugueses se deitaram também na água pera os seguir.<sup>967</sup>

Há na Etiópia ãa erva a que os naturais chamam Banguini, e os nossos Dutrú, e por outro nome é chamada Machaya Muroi, *i.* erva feiteiceira, porque serve pera feitiços e é muito semelhante a Beringelas bravas. A semente desta erva moída e lançada no comer faz perder o siso a quem a come por 24 horas; e no mesmo estado em que estava, nesse fica todas as 24 horas. Se triste triste *ect.* Acabado aquele tempo torna em si, e<sup>1</sup> nem se lembra do que passou.<sup>968</sup>

Musseguejos

Musseguejos<sup>II</sup>, Cafres esforçados, amigos e vizinhos do Rei de Melinde, destruíram os Zimbas.<sup>969</sup>

Estes Mosseguejos vindo El Rei de Mombaça sobre Melinde e pelejando com eles, foram os de Mombaça vencidos, e os mesmos Mosseguejos entraram em Mombaça e destruíram a Cidade, e a deram a El Rei de Melinde, que daí por diante ficou senhor dela, e nela vive deixando em Melinde governadores. Aqui em Mombaça temos ãa fortaleza, a qual fez D. Francisco da Gama Conde da Vidigueira invernando ali o ano 1596, indo por viso-rei.<sup>970</sup>

---

<sup>1</sup> No ms.: «emsi, \*e\* nem se lembra»...

<sup>II</sup> No ms., terá sido grafada inicialmente a palavra «Mucegueos». «Eos» foi, por retoque, transformado em «ios»; em entrelinha, acrescentou-se um «e» («Mucegu\*e\*ios»).

---

A qual cidade é grande, forte, e bem cercada de muro alto, tem muitos edificios de pedra de cantaria, é mui sumptuosa e ornada de muitos Alcorões, que são torres das suas Mesquitas, os moradores dela são Mouros soberbissimos, e ricos, e os mores inimigos que os Portugueses tem nesta costa» (fls. 132v-133).

<sup>966</sup> V. Frei João dos Santos, *Ethiopia Oriental* (1609, fls. 44v-74). O curso do rio é longamente descrito no livro II.

<sup>967</sup> Frei João dos Santos conta que os portugueses capitaneados por Tomé Sousa Coutinho acabaram por abalroar as galés turcas que assediavam Mombaça, «com tanto ímpeto, que em menos de cinco credos as renderam e tomaram, matando alguns Turcos que quiseram resistir, porque os mais deles se lançaram ao mar, e nadando fugiram pera a cidade que estava muito perto, e foi tanto o ânimo dos Portugueses que se lançaram alguns a nado no alcance dos Turcos, e na praia mataram alguns à espada, e pera os recolher foi necessário lançar-se um capitão dos navios a nado, e chegar a terra, e mandá-los recolher e embarcar.» (*Ethiopia Oriental*, 1609, f. 123).

<sup>968</sup> V. Frei João dos Santos, *Ethiopia Oriental*, 1609, f. 129v.

<sup>969</sup> Frei João dos Santos caracteriza os Zimbas como canibais (*Ethiopia Oriental*, 1609, fls. 66-67v), que após uma campanha vitoriosa de conquistas foram vencidos por Mateus Mendes de Vasconcelos, ajudado por «três mil Cafres amigos del Rei, chamados Mosseguejos.» (71v).

<sup>970</sup> D. Marcos toma apontamento do que se lê no capítulo XIV, livro IV, da *Ethiopia Oriental*: «De duas vitórias que el Rei de Melinde alcançou del Rei de Quilifé, e do de Mombaça, com ajuda dos Mosseguejos, e do capitão da Costa» (1609, fls. 131-132).

.....

Filhos del Rei D. João Primeiro

Naturais, D. Afonso que foi Duque de Bargaça. D. Brites que casou em Inglaterra. Da Rainha D. Felipa sua mulher houve a Infanta D. Branca em Lisboa, e durou 8 meses, jaz na Sé de Lisboa<sup>1</sup>. O Infante D. Afonso naceu em Santarém, morreu de 12 anos<sup>II</sup>. O Infante D. Afonso jaz em Braga na Sé. O Infante D. Duarte naceu em Viseu, o Infante D. Pedro naceu em Lisboa, D. Henrique naceu no Porto, foi Duque de Viseu, Senhor de Covilhã. D.<sup>a</sup> Isabel naceu em Évora, foi Duquesa de Borgonha. D. João em Santarém, foi regedor do mestrado de Santiago. D. Fernando o Santo em Santarém. (351v)//

Quando morreu Clemente 7.<sup>o</sup>, os Romanos, que lhe não eram afeiçoados, foram dar os parabéns a Misser Cúrcio seu médico, porque lhe causara a morte com certos preceitos que lhe deu de novo regimes de saúde com que de são o fez indisposto, e mudando a compleição deu com ele na sepultura.

As velas com quem passou o Emperador Carlos 5.<sup>o</sup> sobre Tunes passaram de 700.

Álbico Arcebispo de Praga em Boémia médico, tão avarento que vendia os presentes, e trazia consigo a chave da despensa, e despediu um cozinheiro porque se lhe antolhou que gastava muita lenha.<sup>971</sup> (352)//

Do Nilo Rio

*Ethiop.* fol. 105<sup>972</sup>

No Reino de Bagamedrí, que é um dos do Preste João, entra<sup>III</sup> o Rio Nilo, o qual nace no sertão da Etiópia num grande lago chamado Barzena em 12 graus da banda do Sul, o qual é cercado de altíssimas montanhas, principalmente de Leste por onde ele sai, que são terras habitadas de Cafres negros, gentios muito bárbaros chamados Cafates. Daqui vai correndo ao Nordeste até o 2.<sup>o</sup> lago que está debaixo da linha, e dali vai continuando ora a leste, ora a nordeste, passando

---

<sup>1</sup> No ms.: «No Anode O Infante» ...

<sup>II</sup> No ms., uma chamada (+) indica um aditamento, colocado à margem: «o Inf. D. a.<sup>o</sup> jas embraga na Sé.»

<sup>III</sup> No ms.: «preste joão nace/entra oRio Nilo»...

---

<sup>971</sup> Numa ampla tradição anedótica, lançada ou estimulada pela obra de Aeneas Sylvius, *Historia Bohemica*, Álbico é apontado como exemplo de extrema avareza: *unicum extremæ avariciæ baratrum. Qui claus cellæ uinariæ nulli alteri quàm sibiipsi credidit, & animalia uiuentia dono accepta mox uendidit. Et quia sumptuosos esse coquos didicerat, abiectam anum popinæ suæ præfecit.* (1532, p. 73).

<sup>972</sup> D. Marcos segue, por vezes *ipsis verbis*, um capítulo («Dos Reinos de Bagamedrí, e Dambíá, e suas igrejas admiráveis, e do Rio Nilo, e sua Catadupa») da *Ethiopia Oriental*, do P.<sup>e</sup> João dos Santos (1609, IV, III, fls. 104-105). Interpretando informação ali exposta, é seu, porém, o comentário «não primitiu Deus que se perdesse ãa terra tão povoada como é o Egito».

por muitos Reinos do Preste, até chegar à Ilha Méroe, donde volta ao Nordeste até o Reino de Damiá de Cristãos Abexis, e neste Reino faz um cotovelo, e torna a voltar pera Sudoeste por espaço de 50 léguas, e dali faz outras duas voltas. Do cotovelo que faz o Nilo em Damiá, começou o Preste Alebale a querer romper a terra pera o Rio correr pera o mar Roxo, mas não primitiu Deus que se perdesse ãa terra tão povoada como é o Egito. Neste Reino de Damiá faz o Nilo ãa grande lagoa de 30 léguas de comprido e 20 de largo, e nela há muitas e grandes ilhas fertilíssimas, entre as quais é a famosa Siene, onde há muitos mosteiros de Religiosos. Abaixo de Siene 20 léguas faz o Nilo a Catadupa, e é ãa queda que faz do alto de ãa montanha e rochedo<sup>1</sup> que terá de altura mēa légua, e faz em baxo um profundíssimo lago, e soa de muito longe, chama-se o lugar Catadí. Daqui vai pelo meio do Egito até se meter no mar Mediterrâneo defronte de Chipre.

.....

Catullus de Theseo et Adriane

*Tum iam nulla uiro iuranti faemina credat  
Nulla uiri speret sermones esse fideles  
Qui dum aliquid cupiens animus praegestit apisci  
Nil metuunt iurare, nihil promittere parcunt  
sed simul ac cupidae mentis satiata libido est  
Dicta nil metuere, nihil periuria curant.*<sup>973</sup>

ibidem

*- qualem Minoidi luctum  
obtulerat mente inmemori, talem ipse recepit.*<sup>974</sup>

Tibullus

*Iam subrepet iners aetas nec amare decebit  
Dicere nec cano blanditias capiti.*<sup>975</sup>

---

<sup>1</sup> No ms., a grafia original seria «rochego». Por sobreposição de letra, a palavra passou a «rochedo».

---

<sup>973</sup> Caius Valerius Catullus, *Carmina*, LXIV, vv. 143-148. Na edição de referência: *nunc iam nulla viro iuranti femina credat; quis dum aliquid cupiens; satiata libidost; dicta nihil meminere, nihil periuria curant.*

<sup>974</sup> Caius Valerius Catullus, *Carmina*, LXIV, vv. 247-248.

<sup>975</sup> Albius Tibullus, *Carmina*, I, I, vv. 71-72. Na edição de referência: *blanditias capite.*

Proper. lib. 2

*Maxima de nihilo nascit historia*<sup>976</sup>

*ect.*

*Omnes humanos sanat medicina dolores  
Solus amor morbi non amat artificem.*<sup>977</sup>

Plini

*Pudet a Graecis Italiae rationem mutuari.*<sup>978</sup>

.....

Dona Sancha, filha do Conde de Andeiro, casou com Álvaro Gonçalves filho de Gonçalo Vasques d’Azevedo.

.....

No tempo que o papa Bendeto 12 estava em Avinhão, por ordem sua se elegiam cad’ano 2 Senadores que governavam a Cidade de Roma, foram eleitos dous que tiranizavam os Romanos, pelo que houve grandes queixas e murmurações no povo aos 6 meses do seu governo. Um homem baxo, Nicolau Lourenço, notário, mas de grande ânimo, se foi ao Senado, e fez a todos ãa prática provando-lhe que a Cidade de Roma era cabeça de todo o mundo, (352v)// e com tão vivas vozes<sup>1</sup> os persuadiu que lhe deram o governo absoluto da cidade, e ele fez tanta Justiça, e governou tão prudentemente, que diz Petrarca que nos seus dias se viram na terra a paz, e a justiça juntas, todavia acabou-se isto em 7 meses. Dizem que não se soube conservar com a prudência em que começou.

.....

---

<sup>1</sup> No ms., a leitura destas palavras é difícil. Propomos uma hipótese.

<sup>ii</sup> No ms., a redacção inicial seria «93000 pessoas». O segundo algarismo, porém, foi alterado, e passou a ler-se «96000 pessoas». ...

<sup>iii</sup> No ms.: «inficionando as/certas fontes»...

---

<sup>976</sup> Sextus Propertius, *Elegiae*, II, I, v. 16. Na edição de referência: *nascitur*. Descontextualizado, o fragmento ganha o valor de um aforismo. Na elegia de Propércio, o poeta explica a origem da sua inspiração, que associa a pormenores da experiência amorosa. Por exemplo – diz –, uma luta erótica com a amada nua é bastante para que componha longas *Iliadas* (*seu nuda erepto mecum luctatur amictu, itum vero longas condimus Iliadas*); seja o que for que a amada tiver feito, seja o que for que tiver dito, torna-se fábula ou mito (*maxima de nihilo nascitur historia*).

<sup>977</sup> Sextus Propertius, *Elegiae*, II, I, vv. 57-58. Na edição de referência: *omnis humanos*.

<sup>978</sup> Caius Plinius Secundus, *Historia Naturalis*, III, XVI, 122. A frase sentenciosa («envergonha pedir emprestada aos gregos uma descrição de Itália») parece ter impressionado D. Marcos, que a retém, isolando-a do seu contexto: a evocação do testemunho de Metrodoro a respeito do rio Pó (ou Pado).

Ano 1348 – houve ãa peste universal, que fez pazes em Itália e no mundo todo e fez cessar as guerras – durou 3 anos – começou em um tremor da terra, que durou 15 dias, em Veneza principalmente, todas as mulheres prenhes moveram, começou por câmaras, em 4 meses morreram em Florença 96000<sup>II</sup> pessoas, que já não havia onde as enterrar. Suspeitou-se que os Judeus de Alemanha foram causa desta peste inficionando certas<sup>III</sup> fontes e rios. Outros dizem que de Oriente veio este mal. Fosse o que fosse os Judeus o pagaram, porque em Alemanhas, Itália, França, Espanha, mataram infinitos.<sup>979</sup>

.....

O Papa Clemente 6.º restituiu a Jacobo marido de Joana o título de Rei de Nápoles, e ela em gratificação disto ou em paga dos feudos que não pagara até então, deu ao Papa a Cidade de Avinhão, que era de seu património. Illescas na vida de Clemente 6.º.<sup>980</sup>

.....

Huniberto Cavaleiro francês, homem riquíssimo, vendeu a El Rei de França por grande soma de dinheiro as terras do delfinado. Deu licença Carlos 4.º emperador, a quem estava França sujeita, com condição que fosse este potentado património do príncipe de França, que por isso se chama Delfim, e depois disto, repartindo Huniberto todo este dinheiro pelos pobres se meteu frade de S. Domingos, depois foi Cardeal.<sup>981</sup> (353)//

---

<sup>979</sup> V. *Segvnda Parte dela Historia Pontifical y Catholica* [...] *Compvesta y Ordenada por el Doctor Gonçalo de Illescas*, 1602, VI, 4, fls. 18-18v. D. Marcos segue de perto este passo, abreviando-o, porém. Por exemplo, sobre o começo da epidemia, Illescas afirma, com mais pormenor, que *Vnos dizen que començo en camaras, y que despues salto en otros accidentes*. E, a propósito das suspeitas levantadas sobre as causas da peste, manifesta um juízo de valor que D. Marcos não repete: *Pero lo que todos creyeron, fue que ciertos Iudios de Alemaña inficionaron las aguas de ciertas fuentes y rios, y causaron el mal, que despues se vino pegando, de mano en mano: y puesto, que no parece cosa que lleue camino esta, pues es aueriguado que començo y vino del Oriente, toda via se tuuo entonces por verdad, que los Iudios tenian la culpa: y si no la tuuieron, alomenos no dexaron de llevar la pena, por que fue increyble la multitud de los Iudios que se mataron, y en quien se executaron infinitas cueldades, en Italia, Francia, España, y Alemaña*.

<sup>980</sup> V. *Segvnda Parte dela Historia Pontifical y Catholica* [...] *Compvesta y Ordenada por el Doctor Gonçalo de Illescas*, 1602, VI, 4, f. 18v. Illescas afirma que, c. 1350, para conter as ambições do Imperador e evitar a entrada germânica em território de Itália, o Papa *concedio facultad, y libre poder a Iacobo el Principe de Taranto, marido de la Reyna Iuana, para que se pudiesse llamar Rey de Napoles. En reconocimiento desta buena obra, la Reyna dio al Pontifice la ciudad de Auignon (que era de su patrimonio) en donacion, y en pago de los reditos corridos del feudo de Napoles que auia ya algunos años que no lo pagaua*.

<sup>981</sup> V. *Segvnda Parte dela Historia Pontifical y Catholica* [...] *Compvesta y Ordenada por el Doctor Gonçalo de Illescas*, 1602, VI, 4, fls. 19-19v: *Muchos hombres vuo en su tiempo muy señalados: pero el que a mi mas me admira: y me parece que es digno de eterna memoria, es Huniberto, un cauallero Frances, riquissimo de patrimonio, y señor de lo que oy en Francia se llama*

## Dos 12 Pares de França

Esta dignidade instituiu Ludovico Crasso no ano do Senhor 1131. Estes Sumos Consiliários do Rei 6 são Eclesiásticos e 6 Seculares. Conta-os Chavassio por estas palavras: *Ducem et Archiepiscopum Rhemensen, Ducem et Episcopum Landensem, Ducem et Episcopum Lingoniensem, Comitem et Episcopum Noiodunensem, Comitem et Episcopum Beluacensem, Comitem et Episcopum Catalaunensem: et totidem Laicos, Ducem Burgundiae, Ducem Normandiae, Ducem Aquitaniae, Comitem Flandriae, Comitem Campaniae, Comitem Tolosae. Pares appellauerunt quod ex uno ordine tot assumerentur, quot ex altero.*<sup>982</sup>

Chavassius, lib. 2, cap. 4, folha 295

.....

Na eleição e confirmação dos Reis de Aragão diziam estas palavras:

Nós que tanto valem como vós, e podemos mais que vós, vos elegemos em Rei, com tais e tais condições. Entre nós e vós manda e governa um que mais que vós.<sup>983</sup>

Juvenal S. 8.

*Malo pater tibi sit Thersites<sup>1</sup>, dummodo tu sis Aeacidae similis, Vulcaniaque arma cepassas, quam te Thersitae similem producat Achilles.*<sup>984</sup>

.....

---

<sup>1</sup> No ms., existe um borrão sobre a terceira letra da palavra «thersites». Ou porque o borrão cobria um erro ou porque resultou de um acidente, um «e» foi registado em entrelinha, a compor a forma certa: «thersites».

---

*el Delphinado. El qual vendio el estado al Rey de Francia, en vna summa grandissima de dinero, despues que los huuo todos repartido entre los pobres, tomo el habito de Sancto Domingo, en el qual viuio despues sanctissimamente, por toda su vida: y vino a ser Cardenal. Consintio en esta venta del Delphinado, el Emperador Carlos IV (porque aquella provincia era subjecta al Imperio) con tal condicion, que aquel estado fuesse del hijo mayor del Rey de Francia, y que el tomasse nombre de Delphin: y assi se a usado despues aca, y por ventura quiso Dios que se hiziesse assi, porque durando aquel nombre, se perpetuasse la fama, de vn tan heroyco hecho, como el de Huniberto. Que cierto deuria ser confusion, para los auarientos deste mundo, que tan cortamente reparten de lo que tienen con los necessitados.*

<sup>982</sup> *De Vera Perfectaque Prudentia, Sev De Perfecto Virtutum Vsu, Libri Qvator. Authore Balthasare Chavassio, 1622, II, IV, p. 291.* D. Marcos escreve *Landensem* em lugar de *Landunensem*; e tranforma, por metonímia, a expressão original *Pares, inquam, dicti sunt em Pares appellauerunt.*

<sup>983</sup> *De Vera Perfectaque Prudentia, Sev De Perfecto Virtutum Vsu, Libri Qvator. Authore Balthasare Chavassio, 1622, II, IV, pp. 294-295.* À margem, uma nota destaca: *Forma Aragonica Regum eligendorum.* D. Marcos traduz as palavras da eleição: *Nos qui tantum valemus, quantum vos, & plusquam vos possumus; vos Regem eligimus cum his & illis conditionibus. Inter vos & nos unus imperat (summum Iustitię imperium intelligunt) plusquam vos.*

<sup>984</sup> Decimus Junius Juvenal, *Satirae*, 8, vv. 269-271. Também citado em *De Vera Perfectaque Prudentia, Sev De Perfecto Virtutum Vsu, Libri Qvator. Authore Balthasare Chavassio, 1622, II, V, p. 303.*

*Martialis ad Julium*  
*Non est, crede mihi, sapientis dicere vivam*  
*Sera nimis vita est crastina, vive hodie.*<sup>985</sup>

.....

Xerxes escreveu ùa carta de desafio ao monte Atos. Plutarchus *de iracundia*.<sup>986</sup>

.....

*Vindicare se non est actus fortitudinis sed abiectiois et timiditatis.*<sup>987</sup> Amb.,  
*Officium lib. 1, c. 36.*

*Imper. Mauritius Phocam Ducem in se rebellantem dimisit, a quo<sup>1</sup> interfectus est et filii.*<sup>988</sup>

Theod., Arcádio e Honorius

*Nullum maledictum<sup>II</sup> vindicabant dicentes. Si hoc ex levitate procedit, contem-  
nendum si ex insania, miserandum. Si ex iniuria remittendum.*<sup>989</sup>

---

<sup>I</sup> No ms.: «a quo mort interfectus est»...

<sup>II</sup> No ms.: «nullã iniuriam/ maledictũ vindicabant»...

---

<sup>985</sup> Marius Valerius Martialis, *Epigrammata*, I, XV, vv. 11-12. Também citado em *De Vera Perfectaque Prudentia* [...]. *Authore Balthasare Chavassio*, 1622, I, IX, p. 200.

<sup>986</sup> V. *Plutarchi Chæronei De Cohibenda Iracundia Dialogus Syllæ et Fundani* (Erasmus Roterodamo interprete). Uma nota marginal chama a atenção para o bizarro exemplo de Xerxes: *Xerxis epistola ad Atho montem*. No corpo do texto, lê-se: *Xerxes uerò etiam ipsi mari notas ac plagas incussit, ac monti misit epistolas. Atho infelix, ad coelum usque porrecte, ne meis operibus facias tuos lapides magnos, & ad elaborandum difficiles, alioqui excisum te proijciam in mare.* (*Plutarchi Chæronei* [...] *Opera Moralia*, 1541, f. 205v). Também citado em *De Vera Perfectaque Prudentia* [...]. *Authore Balthasare Chavassio*, como exemplo de *stulta audacia, ac præsumptio* (1622, III, VII, p. 730).

<sup>987</sup> O texto de Santo Ambrósio (*De Officiis Ministrorum*, I, 36) vem também citado em *De Vera Perfectaque Prudentia* [...]. *Authore Balthasare Chavassio* (1622, III, VII, p. 731).

<sup>988</sup> V. *De Vera Perfectaque Prudentia* [...]. *Authore Balthasare Chavassio*, 1622, III, VII, p. 733. A propósito da necessidade de o governante punir devidamente as injúrias recebidas, lê-se: *sed meminisse dicti Antigoni Regis: Princeps eóusque mitis sit, ut contemptui non sit, ne prætereà magno suo damno idem experiatur, quod Mauritius Imperator, ubi primùm Phocam ducem militum in se rebellem reliquit impunitum, breui post occupavit Phocas Imperium, & Mauritiij filios omnes in conspectu eius ingulavit.*

<sup>989</sup> V. *De Vera Perfectaque Prudentia* [...]. *Authore Balthasare Chavassio*, 1622, III, VII, pp. 733-734: *Theodosius item, Arcadius, & Honorius nullum maledictum in Cæsares esse voluerunt. Quia, inquit, si illud ex levitate processit, contemnendum est; si ex insania miseratione dignissimum; si ab iniuria, remittendum.*

*Antigoni Regis dictum*  
*Princeps eo usque mitis sit ut contemptui non sit.*<sup>990</sup>

Aristoteles, *Aeth.* l. 4, c. 5

*Tolerare, si lacessaris, patique ut tui contumelia afficiantur. Servile profecto est.*<sup>991</sup>

---

<sup>990</sup> V. nota 988. O passo encontra-se citado em *De Vera Perfectaque Prudentia* [...]. Authore Balthasare Chavassio, 1622, III, VII, p. 733.

<sup>991</sup> O passo encontra-se citado em *De Vera Perfectaque Prudentia* [...]. Authore Balthasare Chavassio, 1622, III, VII, p. 735.



## BIBLIOGRAFIA

Abulense (Alfonso Fernández de Madrigal)

*Alphonsi Tostati Hispani. Episcopi Abulensis [...]. Commentaria In Genesim [...]. In Opera omnia [...].* Venetiis, Apud Io. Baptistam et Io. Bernardum Sessam, 1596.

*Alphonsi Tostati Hispani, Abulensis Episcopi, Philosophi, Theologi, ac Pontificii Juris Cæsareique Consultissimi, Necnon Linguae Græcæ & Hebraicæ peritissimi: Opuscula Eruditissima [...].* Coloniae Agrippinae, Sumptibus Ioannis Gymnici, & Antonij Hierati, 1613.

Acciaoli, Donato

*Caroli Magni Vita. Donato Acciaiole Autore, in Plutarchi Cheronei Graecorum Romanorumque Illustrium Vitæ.* Basileæ, Apud Mich. Isingrinium, 1542, fls. 387v-401.

Acenheiro, Cristóvão Rodrigues

*Chronicas dos Senhores Reis de Portugal Por Christovão Rodrigues Acenheiro, in Collecção De Ineditos De Historia Portugueza, Publicados De Ordem Da Academia Real Das Sciencias De Lisboa. [...].* tomo V, Lisboa, Officina [da Academia Real das Sciencias de Lisboa], 1824, pp. 1-365.

Adon

*Adonis Viennensis Archiepiscopi, Breuiarium Chronicorum ab origine mundi ad sua usque tempora, id est ad regnum Ludouici Francorum regis cognomento Simplicis, an. Domini dccclxxx.* Parisiis, Apud Guil. Morelium [...] & Almaricū Warancore [...], 1561.

Aelianus, Claudius

Aelian, *On the Characteristics of Animals.* With an english translation by A. F. Scholfield, Cambridge, Massachusetts, London, Harvard University Press, William Heinemann, 1958.

*Æliani Variæ Historiæ Libri XIII. Rerumpublicarum descriptiones ex Heraclide. Cum Latina interpretatione. Editio postrema, multo quàm antehac emendatior.* Apud Ioan. Tornæsivm, 1604.

Afranius, Lucius

*Scaenicae Romanorum Poesis Fragmenta Secundis Ciris Recensuit Otto Ribbeck. Volumen II Comicarum Romanorum Praeter Plautum et Terentium Fragmenta.* Hildesheim, Georg Olms Verlagsbuchhandlung, 1962.

S.<sup>to</sup> Agostinho

Augustine, *The City of God against the Pagans [De Civitate Dei Contra Paganos].* With an english translation by George E. McCracken and William Chase Greene, 7 vols., London, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1995.

*Ceuvres de Saint Augustin, III. L'Ascétisme Chrétien (De continentia. De sancta virginitate. De bono viduitatis. De opera monachorum).* Texte, traduction, notes par J. Saint-Martin, Paris, Desclée de Brouwer, 1939.

*Sancti Avrelii Avgvstini Enarrationes in Psalmos I-L,* Tvrnholti. Typographi Brepols Editores Pontificii, 1956.

- Sancti Avrelii Augustini in Iohannis Evangelium Tractatus CXXIV*. Turnholti, Typographi Brepols Editores Pontificii, 1954.
- Sancti Avrelii Augustini Quaestiones Evangeliorum: cum appendice Quaestionum XVI in Matthaevm*. Edidit Almut Mutzenbecher, Turnholti, Typographi Brepols Editores Pontificii, 1980.
- Santo Agostinho, *Confissões*. Tradução de Arnaldo do Espírito Santo, João Beato e Cristina de Castro-Maia de Sousa Pimentel, 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004.
- Albricus  
*Albrici Philosophi De Deorum Imaginibus Libellus*, in *Mythologici Latini*. [...]. *Omnes recensuit Hieronymus Commelinus* [...]. s/l, Ex Bibliopolio Commeliniano, 1599, pp. 313-327.
- Alciato, Andrea  
 Alciato, *Emblemas*. Edición y comentario: Santiago Sebastián. Prólogo: Aurora Egido. Traducción actualizada de los Emblemas: Pilar Pedraza, Madrid, Akal, 1985.  
 V. Stockhamer, Sebastian
- Aldrete, Bernardo  
*Del Origen, Y Principio De La Lengva Castellana Ò Romãce que oi se usa en España*. Roma, Carlo Vulliet, 1606.  
*Varias Antigvedades de España Africa Y Otras Provincias. Por el Doctor Bernardo Aldrete Canonigo en la Sancta Iglesia de Cordoua*. Amberes, Typis Gerardi Wolsschatii et Henrici Ærtsii, 1614.
- Alexander ab Alexandro  
*Alexandri Ab Alexandro, Jurisperiti Neapolitani, Genialium Dierum Libri Sex, Varia ac recondita eruditione referti* [...]. Francofurti, Typis & Sumptibus Wecheliorum, Apud Danielelem & Dauidem Aubrios, & Clementem Schleichium, 1626.
- Álvares, Manuel  
*Emmanuelis Alvari E Societate Iesv De Institutione Grammatica Libri Tres* [...]. Eboræ, Excudebat Emmánuel de Lyra, 1599.
- Amaral Jr., Rubem – v. *Trovas contra D. Garcia de Noronha, Vice-Rei da India Portuguesa*.
- S.<sup>to</sup> Ambrósio  
*Sancti Ambrosii Mediolanensis Episcopi Opera Omnia* [...]. *Patrologiæ Latinae Tomus 14*. Reprint, Turnholti, Typographi Brepols Editores Pontificii, 1985.  
*Divi Ambrosii Mediolanensis Episcopi Opera. Sacrae scripturae contextum, ad faciliorem lectorum intelligentiam, ex ipsa sancti Doctoris lectione, & ex LXX. Interpretum, quos potissimum sequitur, translatione erutum, complectentia. Quae vitio vel incuria erant adiecta, sunt reiecta: quae sublata, restituta: quae transposita, reposita: quae depravata, emendata: omnia ad veterum manuscriptorum & emendatorum codicum excursorum sidem summa cura examinata, & aliorum Patrum lectione, pristinæ integritati ac puritati reddita. Tomus quartus*. Parisiis, Jacques Du Puis, 1586.  
*Sancti Ambrosii Mediolanensis De Officiis*. Cvræ et Stvdio Mavritii Testard, Turnhout, Brepols Publishers, 2000.  
*Sancti Ambrosii Mediolanensis Episcopi Opera Omnia*. Juxta Editionem Monachorum S. Benedicti, t. III, Parisiis, Apud Gauthier Fratrem et Soc. Bibliopolas, 1836.
- S. Ambrosius Autpertus  
*Octavi Sæculi Ecclesiastici Scriptores* [...]. *Accurante J.-P. Migne*, [...]. *Patrologiæ Latinae Tomus 89*. [...]. Reprint, Turnholti, Typographi Brepols Editores Pontificii, 1978.

Andrelino, Fausto

*P. Fausti Aegloga Moralissima. Eiusdem Hecatodistichon* [...]. Argentorat., Ex aedibus Schurerianis, 1512.

*Antologia Grega* – v. *The Greek Anthology*.

Antonino

*Secunda Pars Historiarum Domini Antonini Archipresulis Florētini in tribus tomis discretarum* [...]. s/l, s/n, 1527.

Antonio, Nicolás

*Censura de Historias Fabulosas, Obra Posthuma de Don Nicolàs Antonio* [...]. Valencia, por Antonio Bordazàr de Artàzu, 1742.

Appuleius (Lucius Appuleius Saturninus)

Apulée, *Apologie. Florides*. Texte établi et traduit par Paul Vallette, 2<sup>a</sup> ed., Paris, «Les Belles Lettres», 1960.

Apuleius, *The Golden Ass, being the Metamorphoses of Lucius Apuleius*. With an english translation by W. Adlington (1566), Revised by S. Gaselee, London, Cambridge, Massachusetts, William Heinemann, Harvard University Press, 1965.

Aquino, S. Tomás de

*Suma Teologica de Santo Tomas de Aquino*. 16 vols., 3.<sup>a</sup> edición, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1964.

*Scriptum Super Sententiis in Corpus Thomisticum S. Thomae De Aquino, Opera Omnia*, <http://www.Corpushomisticum.org>.

*Tomus Tertius D. Thomae Aquinatis Doctoris Angelici, Complectens Expositionem, In quatuor libros Meteororum. In tres libros de Anima, et In eos, qui Parua naturalia dicuntur, Aristotelis* [...]. Romæ, Apud hæredes Antonij Bladij, & Ioannem Osmarinum Liliotum socios, 1570.

Ariosto, Lodovico

Ariosto, Ludovico, *Orlando Furioso*. A cura di Cesare Segre, 2 vols., Milano, Arnoldo Mondadori, 1990.

Aristóteles

Aristóteles, *Ética a Nicómaco*. Trad. de António Caeiro, Lisboa, Quetzal Editores, 2004.

Aristoteles Latinus, *Ethica Nicomachea. Translatio Roberti Grosseteste Lincolnensis sive «Liber Ethicorum» B. Recensio Recognita*. Edidit Renatus Antonius Gauthier, Leiden, Bruxelles, E. J. Brill, Desclée de Brouwer, 1973.

*Aristotelis ad Nicomachvm Filivm De Moribus, quæ Ethica nominâtur, Libri decem. Ioachimo Perionio Benedictino Cormoeriaceno interprete* [...]. Parisiis, Apud Ioanem Lodoicum, 1540.

Aristotle, *Generation of Animals*. With an english translation by A. L. Peck, London, Cambridge, Massachusetts, William Heinemann, Harvard University Press, 1963.

Aristotle, *On the Soul*. [...]. With an english translation by W. S. Hett, London, Cambridge, Massachusetts, William Heinemann, Harvard University Press, 1964.

Aristotle, *The «Art» of Rhetoric*. With an english translation by John Henry Freese, Cambridge, Massachusetts, London, Harvard University Press, 1991.

Arrais, frei Amador

*Dialogos de Dom Frey Amador Arraiz, Bispo de Portalegre: Revistos, e Acrescentados pelo mesmo Autor nesta segunda impressão*. Coimbra, Diogo Gomez Lovreyro, 1604.

Aurelius Augustinus (v. S.<sup>10</sup> Agostinho)

- Ausonius, Decimus Magnus  
*Ausonius*. With an english translation by Hugh G. Evelyn White, 2 vols., Cambridge, Massachusetts, London, Harvard University Press, William Heinemann, 1968.
- Assche, Josse Bade d' (Jodocus Badus Ascensius)  
*Jodoci Badij Ascensii In Boetium de cōsolatione philosophie [...]* in *Commentum duplex in Boetium de consolatione philosophie cum utriusque tabula. Item in eundem commentū de disciplina scolarium*. [...]. Lugduni, opera Jacobi Mailleti, 1501.
- Azambuja, Jerónimo de  
*Reverendi Patris Fratris Hieronymi ab Oleastro Lusitani, Prædicatorij Ordinis, ac sacræ Theologiæ Professoris, Atque Hæreticæ prauitatis apud Inclytam Olyssiponem Inquisitoris Commentaria in Mōsi Pentateuchum, iuxta M. Sanctis Pagnini Lucensis eiusdem Ordinis interpretationem [...]*. Antverpiæ, In ædibus Viduæ & Hæredum Ioannis Stelsij, 1569.
- Auxerre, Haymo d'  
*Haymonis Episcopi Halberstattensis commentariorum in Apocalypsim beati Ioannis libri septem [...]*. Parisiis, Ex officina Iacobi Reruer, 1535.
- Aveiro, frei Pantaleão de  
*Itinerario Da Terra Sancta, E Svas Particvlaridades, Composto Por Frey Pantaliã DAVEIRO*. [...]. Lisboa, Simão Lopez, 1593.
- Balbus, Caecilius  
*Caecilii Balbi De Nugis Philosophorum quae supersunt e codicibus et auctoribus vestustis eruit, nunc primum edidit, commentario et dissertatione illustravit Eduardus Woelfflin*. Basiliae, Impensis Librariae Schweighauserianae, 1855.
- Baronio, Cesare  
*Annales Ecclesiastici Avctore Cæsare Baronio Sorano Ex Congregat. Oratorii [...]*. Tomvs Vndecimvs [...]. Coloniae Agrippinae, Sumptibus Ioannis Gymnici, & Antonij Hierati, 1609.  
*Annalium Baronii Epitomes Pars Altera*. Lutetiae, Sumptibus Dionysii de la Noue, 1622.
- Barreiros, Gaspar  
*Chorographia De Alguns Lugares que stam em hum caminho, que fez Gaspar Barreiros ó anno de M.D.XXXVj. começãdo na cidade de Badajoz em Castella, te á de Milã em Italia [...]*. Coimbra, Ioã Aluarez, 1561.
- Barros, João de  
*Decada Primeira Da Asia De Ioaõ De Barros: Dos Feitos Que Os Portugueses Fezerão no Descobrimto & conquista dos mares & terras do Oriente [...]*. Lisboa, Iorge Rodriguez, 1628.  
*Decada Segvnda Da Asia De Ioaõ De Barros [...]*. Lisboa, Iorge Rodriguez, 1628.  
*Decada Terceira Da Asia De Ioaõ De Barros [...]*. Lisboa, Iorge Rodriguez, 1628.  
*Qvarta Decada da Asia de Ioaõ de Barros [...]*. Reformada Accrescentada E Illvstrada Com Notas Geographicas Por Ioaõ Baptista Lavanha. Madrid, Impressão Real, 1615.
- Barros, João de  
*Colecção de Manuscritos Inéditos Agora Dados À Estampa. Geografia d'entre Douro e Minho e Tras-os-Montes pelo Doutor João de Barros*. Porto, Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1919.
- Basílio  
*Basilii Imperatoris Constantinopolitani Capita Sexaginta Sex ad Leonem filium, cognomento Philosophum [...]*. Helmæstadi, Ex officina typographica Iacobii Lvcii, 1616.

Beda

*De sex ætatibus mundi, siue Chronicon, libellus, in Secvndvs Tomvs Opervm Venerabilis Bedæ presbyteri, Philosophica, necnon eorum quæ ad artes excellentiores præcipuè faciunt, miras quasdam & subtiles explicationes continens: eorundem Index, uersa pagella apparet.* Basileæ, s/n, 1563.

Bembo, Pietro

Pietro Bembo, *Prose della volgar lingua. Gli Asolani. Rime.* A cura di Carlo Dionisotti, Milano, TEA, 1989.

Benito Guardiola, Juan

*Tratado de Nobleza, Y De Los Titulos y Ditados que oy dia tienen los varones claros y grandes de España. Compuesto por Fray Ivan Benito Guardiola monje professo del Monasterio de Sant Benito el Real de Sabagun.* [...]. Madrid, por la viuda de Alonso Gomez, 1591.

Bermúdez, Jerónimo

*Primeras Tragedias Españolas de Antonio de Silua.* [...]. Madrid, Francisco Sanchez, 1577.

S. Bernardo

*Obras Completas de San Bernardo.* VII. *Cartas.* Edición preparada por los Monjes Cistercienses de España. Introducción por Iñaki Aranguren, Traducción por Iñaki Aranguren y Mariano Ballano, Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1990.

Beroso

*Berosi sacerdotis Chaldaici, Antiquitatum Italiae Ac Totius Orbis libri quinque, Commentarijs Ioannis Annij Viterbensis, Theologiae professoris illustrati* [...]. *Æditio ultima, cæteris longe castigatior.* Antverpiæ, In ædibus Ioan. Steelsii, 1552.

*Biblia Sacra Hebraice, Chaldaice, Græce, & Latine.* (Sacrorvm Bibliorvm Tomvs Tertivs e Tomvs Quartvs). Antverpiæ, Christoph. Plantinvs excvd., 1569[-1573].

*Biblia Sacra Iuxta Vulgatam Versionem.* Adiuuantibus B. Fischer, I. Gribomont, H. F. D. Sparks, W. Thiele. Recensuit et brevi apparatu critico instruxit Robertus Weber. Editionem quartam emendatam cum sociis B. Fischer, H. I. Frede, H. F. D. Sparks, W. Thiele praeeparavit Roger Gryson, Stuttgart, Deutsche Bibelgesellschaft, 1994.

*Biblia Sacra variarum Translationum: Tribus Tomis distincta.* Antverpiæ, Apud Ioannem Keerbergium, 1616.

*Bibliorum Sacrorum Tomvs Tertivs cum Glossa Ordinaria, & Nicolai Lyrani Postilla, Moralitatibus, Additionibus, & Replicis.* Lugduni, Ex officina Gasparis Trechsel, 1545.

*Hebraica Biblia Latina planeque nova Sebast. Mvnsteri tralatione, post omneis omnium hactenus ubiuis gentium æditiones euulgata, & quoad fieri potuit, hebraicæ ueritati conformata: adiectis insuper é Rabinorum cõmentariis annotationibus haud pœnitendis, pulchre & uoces ambiguas, & obscuriora quæque lucidantibus.* Basileae, [ex officina Bebeliana], 1534.

*Sacra Biblia, Hebraice, Graece et Latine. Cum annotationibus Francisci Vatabli Hebraicæ linguæ quondam Professoris Regij Lutetiæ. Latina interpretatio duplex est, altera uetus, altera noua.* s.l., Ex officina Commeliniana, 1616.

Billy, Jacques (Iacobus Billius)

*Anthologiae Sacrae Libri Quatuor, Quorum Primus & Secundus, à Iacobo Billio, doctissimo viro, ex probatis utriusque linguæ Theologis collecti, atque Octastichis versibus comprehensi & scholiis illustrati sunt. Tertius, Prosperi Aquitanici sacra Epi-*

- grammata in D. Aurelij Augustini sententias continet. Quartus, varios Hymnos sacros, pietatem spirantes, complectitur. [...].* Lvgdvni, Apud Iacobum Chouët, 1591.
- Blancuzio, Benedetto  
*Institutiones In Lingvam Sanctam Hebraicam. Authore Benedicto Blancuccio Romano Sac. Theol. Et Philosophiæ Doctore Ac In Almæ Vrbis Gymnasio eiusdem Linguae Professore.* Romæ, Apud Bartholomæum Zannettum, 1608.
- Blondo, Flavio  
*Blondi Flavii Forliviensis, De Roma Triumphante Lib. X. Priscorum Scriptorum Lectoribus utilissimi, ad totiusq̄ Romanæ antiquitatis cognitionem pernecessarij. Romæ instauratæ Libri III. De Origine ac gestis Venetorum liber. Italia Illustrata, siue Lustrata (nam uterq̄ titulus doctis placet) in regiones seu prouincias diuisa XVIII. Historiarvm ab inclinato Ro. Imperio, Decades III. [...].* Basileæ, Froben, 1559.
- Boccaccio, Giovanni  
*Buccolicum Carmen.* A cura di Giorgio Bernardi Perini, in *Tutte le Opere di Giovanni Boccaccio.* A cura di Vittore Branca, vol. V, t. II, Milano, Arnoldo Mondadori, 1994.
- Boethius, Anitius Manlius Severinus  
*Anitii Manlii Severini Boethi In Omnibus Philosophiæ Partibus Inter Latinos & Græcos autores principis Opera [...].* Basileæ, Apud Henrichvm Petrvvm, 1546.  
 Boethius, *The Theological Tractates [...], The Consolation of Philosophy.* With an english translation by S. J. Tester, London, Cambridge, Massachusetts, William Heine-  
 mann, Harvard University Press, 1973.
- Boissard, Jacques  
*Iani Iacobi Boissardi Vesvntini Emblematum liber. Ipsa Emblemata ab Auctore delineata: a Theodoro de Bry sculpta, et nunc recens in lucem edita.* Francofurti ad Moenum, Theodore de Bry, 1593.
- Botero, Giovanni  
*Relationi Vniuersali di Giovanni Botero Benese. Di novo da lui reuiste, & in più luoghi ampliate [...].* Vicenza, Appresso gli Heredi di Perin Libraro, 1595.  
*Delle Relationi Vniuersali Di Giovanni Botero Benese. Seconda Parte.* Vicenza, 1595.  
*Delle Relationi Vniuersali Di Giovanni Botero Benese. Terza Parte. [...].* Venetia, Appresso Alessandro Vecchi, 1618.
- Brandão, Frei António  
*Terceira Parte Da Monarchia Lusitana. Que contem a Historia de Portugal desdo Conde Dom Henrique, até todo o reinado delRey Dom Afonso Henriques. [...].* Por o Doutor Fr. Antonio Brandão Abbade do Conuento de N. S. do Desterro de Lisboa da Ordem de S. Bernardo, & Coronista mór de Portugal. Lisboa em o Mosteiro de S. Bernardo, Pedro Craesbeck, 1632.  
*Quarta Parte Da Monarchia Lusitana. Que contem a Historia de Portugal desdo tempo delRey Dom Sancho Primeiro, até todo o reinado delRey D. Afonso III. [...].* Por o Doutor Fr. Antonio Brandão Monge de S. Bernardo, Coronista mór de Portugal. [...]. Lisboa em o Mosteiro de S. Bernardo, Pedro Craesbeck, 1632.
- Breviarium Eborensis.* Olisipone, Apud Lvdoovicvm Rotorigium, 1548.
- Brito, frei Bernardo de  
*Elogios Dos Reis de Portugal com os mais verdadeiros retratos que se puderão achar. Ordenados por Frey Bernardo de brito chronista G. e monge da ordem de são Bernardo.* Lisboa, Pedro Crasbeck, 1603.

*Geographia Antiga De Lvsytania. Composta Por Frey Bernardo De Brito Chronista Geral, E Religioso Da ordem de S. Bernardo, Professo no Real Mosteyro de Alcobça.* Alcobça, Antonio Alvarez, 1597.

*Monarchia Lvsytana. Composta por Frey Bernardo de Brito, Chronista geral, & Religioso da ordem de s. Bernardo, proffesso no Real mosteiro de Alcobça. Parte Primeira [...].* Real Mosteiro de Alcobça, per Alexandre de Siqueira & Antonio Aluarez, 1597.

*Primeyra Parte. Da Chronica De Cister, Onde Se Contam Couzas Principais Desta Religiam com muytas antiguidades, assi do Reyno de Portugal como de outros muytos da Christandade. Composta por Frey Bernardo de Brito Religioso, & Chronista geral da própria Ordem.* Lisboa, Pedro Crasbeek, 1602.

*Segunda Parte, Da Monarchia Lvsytana. Em que se continão as historias de Portugal desde o nascimento de nosso Saluador IESV Christo, ate ser dado em dote ao Conde dom Henrique. [...]* pello Doutor Frey Bernardo de Britto Chronista geral, & monge da Ordem de São Bernardo. Lisboa, no Mosteiro de São Bernardo, Pedro Crasbeek, 1609.

Brocardo

*Locorum Terrae Sanctae Exactissima Descriptio, Autore F. Brocardo Monacho (v. Novus Orbis, 1532, pp. 298-329).*

Caesar, Caius Iulius

Caesar, *Alexandrian, African and Spanish Wars.* With an english translation by A. G. Way, London, Cambridge, Massachusetts, William Heinemann, Harvard University Press, 1964.

Caesar, *The Civil Wars.* With an english translation by A. G. Peskett, London, Cambridge, Massachusetts, William Heinemann, Harvard University Press, 1966.

Caesar, *The Gallic War.* With an english translation by H. J. Edwards, London, Cambridge, Massachusetts, William Heinemann, Harvard University Press, 1963.

Calepino, Ambrosio

*Dictionarium Ambrosii Calepini [...]. Vna Cvm Onomastico, siue priorum nominum serie numerosissima. [...].* Basileæ, Ex officina Hieronymi Cvrionis, 1560.

Camerte, Giovanni

*Commentaria In C. Iulii Solini Polyhistora, Et Lucii Flori De Romanorum rebus gestis, libros, Ac Tabulam Ceбетis, Omnibus Et Res Ecclesiasticas Et Civiles administrantibus, siue lucem, siue rerum uarietatem doctrinamq̄ spectes, utilissima, Ioanne Camerte autore Viro in omni literarum genere prestanti [...].* Basileæ, Per Henrichvm Petri, 1557.

Camões, Luís de

*Os Lusiadas de Luis de Camões.* Reprodução facsimilada da 1ª edição de 1572, Lisboa, Imprensa Nacional, 1972.

*Os Lusiadas De Luis De Camões. Agora de nouo impresso, com algũas Anotações, de diuersos Autores.* Lisboa, Manoel de Lyra, 1584.

*Os Lusiadas De Luis De Camoes. Agora de nouo impresso, com algũas anotações, de diuersos Autores.* Lisboa, Manoel de Lyra, 1591.

*Os Lusiadas De Luis de Camões. Polo original antigo agora nouamente impressos.* Lisboa, Manoel de Lyra, 1597.

*Os Lusiadas De Luis de Camoões. Principe da Poesia Heroica.* Lisboa, Pedro Crasbeek, 1609.

- Os *Lusiadas Do Grande Lvis de Camoës. Príncipe da Poesia Heroyca*. [...]. Lisboa, Vicente Aluarez, 1612.
- Os *Lusiadas Do Grande Lvis de Camoens. Príncipe da Poesia Heroica. Commentados pelo Licenciado Manoel Correa, Examinador synodal do Arcebispado de Lisboa, & Cura da Igreja de S. Sebastião da Mouraria, natural da cidade de Eluas*. [...]. Lisboa, Pedro Crasbeeck, 1613.
- Os *Lusiadas De Lvys De Camoës*. [...]. Lisboa, Pedro Crasbeeck, 1626.
- Os *Lusiadas De Lvys De Camões*. [...]. Lisboa, Pedro Crasbeeck, 1631.
- Os *Lusiadas De Lvys De Camões*. [...]. Lisboa, Lourenço Crasbeeck, 1633.
- Cartari, Vincenzo  
*Imagines Deorum, Qvi Ab Antiquis Colebantur* [...]: *Olim a Vincentio Chartario Rhegiensi ex variis auctoribus in unum collectæ* [...]. Lvgdvni, Apvd Barptolemævm Honoratvm, 1581.  
*Le Imagini De I Dei De Gli Antichi, Nelle Quali Si Contengono gl'Idoli, Riti, Ceremonie, & altre cose appartenenti alla Religione de gli Antichi, Racolte dal Stg. Vincenzo Cartari, con la loro esposizione, & con bellissime & accomodate figure nouamente ristampate*. [...]. Lione, Apresso Bartholomeo Honorati, 1581.
- Cassiodoro  
*Magni Avr. Cassiodori Senatoris V. C. Opera* [...]. Parisiis, Apud Marcum Orry, 1588.
- Castanheda, Fernão Lopes de  
*Ho livro primeiro dos dez da historia do descobrimento & conquista da India pelos Portugueses. Agora emmêdado & acrecentado*. [...]. Coimbra, João da Barreyra, 1554.
- Castelbranco, Vasco Mousinho  
*Discurso Sobre A Vida, E Morte, De Santa Isabel Rainha De Portugal, & outras varias Rimas*. Por Vasco Mousinho de Castelbranco. [...]. Lisboa, Manoel de Lyra, 1596.
- Castellà Ferrer, Mauro  
*Historia Del Apostol De Iesus Christo Sanctiago Zebedeo Patron Y Capitan General De Las Españas. Dedicasela Don Mavro Castellà Ferrer*. Madrid, Oficina de Alonso Martin de Balboa, 1610.
- Catullus, Gaius Valerius  
*Catullus, Tibullus, Pervigilium Veneris*. Translated by F. W. Cornish, J. P. Postgate, J. W. Mackail. Revised by G. P. Goold, London, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 2005.
- Cedreno  
*Georgii Cedreni Annales, Sive Historiæ Ab Exordio mundi ad Isacium Commenum usque Compendium* [...]: *Gvilielmo Xylandro Augustano interprete, qui Annotationes etiam addidit, & Tabellas Chronologicas*. [...]. Basileæ, Per Ioan. Oporinvm, Et Episcopios Fratres, [1566].
- Chavassio, Baltasare  
*De Vera Perfectaque Prudentia, Sev De Perfecto Virtutum Vsv, Libri Quatvor. Authore Balthasare Chavassio Societatis Iesu Doctore Theologo* [...]. Lvgdvni, Sumptibus Iacobi Cardon & Petri Cauellat, 1622.
- Cicero, Marcus Tullius  
[Cicero], *Ad C. Herennium. De Ratione Dicendi (Rhetorica ad Herennium)*. With an english translation by Harry Caplan, Cambridge, Massachusetts, London, Harvard University Press, William Heinemann, 1989.  
Cicero, *De Finibus Bonorum Et Malorum*. With an english translation by H. Rackham, London, Cambridge, Massachusetts, William Heinemann, Harvard University Press, 1971.

- Cicero, *De Inventione. De Optimo Genere Oratorum. Topica*. With an english translation by H. M. Hubbell. Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 2000.
- Cicero, *De Natura Deorum. Academica*. With an english translation by H. Rackham, London, Cambridge, Massachusetts, William Heinemann, Harvard University Press, 1972.
- Cicero, *De Officiis*. With an english translation by Walter Miller, London, Cambridge, Massachusetts, William Heinemann, Harvard University Press, 1956.
- Cicero, *De Oratore*. With an english translation by E. W. Sutton, Completed [...] by H. Rackham, 2 vols., London, Cambridge, Massachusetts, William Heinemann, Harvard University Press, 1948.
- Cicero, *De Re Publica. De Legibus*. With an english translation by Clinton Walter Keyes, Cambridge, Massachusetts, London, Harvard University Press, 1994.
- Cicero, *De Senectute, De Amicitia, De Divinatione*. With an english translation by William Armistead Falconer, London, Cambridge, Massachusetts, William Heinemann, Harvard University Press, 1971.
- Cicero, *The Letters to his friends*. With an english translation by W. Glynn Williams, 3 vols., London, Cambridge, Massachusetts, William Heinemann, Harvard University Press, 1965.
- Cicero, *Philippics*. With an english translation by Walter C. A. Ker, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 2001.
- Cicero, *Pro T. Annio Milone – In L. Calpurnium Pisonem – [...]– Pro M. Fonteio – [...]*. With an english translation by N. H. Watts, Cambridge, Massachusetts, London, Harvard University Press, William Heinemann, 1979.
- Cicero, *The Speeches*. [...] *Pro Plancio*. With an english translation by N. H. Watts, London, Cambridge, Massachusetts, William Heinemann, Harvard University Press, 1967.
- Cicero, *Tusculan Disputations*. With an English translation by J. E. King, London, Cambridge, Massachusetts, William Heinemann, Harvard University Press, 1950.
- Cicéron, *De Natura Deorum*. Livre II, ed. M. van den Bruwaene, Bruxelles, Latomus/Revue d'Études Latines, 1978.
- v. Ewbank, W. W.
- Cinza, P.º Diogo Pires  
*Vida, Martirio, E Vltima Trasladaçam do Martyr S. Vicente. Recopilado pello Padre Diogo Pirez Cinza, natural de Alpedrinha*. [...]. Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1620.
- Claudianus, Claudius  
 Claudian, *Works*. With an english translation by Maurice Platnauer, 2 vols., London, Cambridge, Massachusetts, William Heinemann, Harvard University Press, 1976.
- Clemente Alexandrino  
*Clementis Alexandrini, Viri Longe Doctissimi Qvi Panteni Quidem Martyris Fvit Discipulus, præceptor verò Origenis, omnia, quæ quidem extant opera, à paucis iam annis inuenta, & nunc denuò accuratiùs excusa, Gentiano Herueto Aureliano interprete*. [...]. Parisiis, Apud Michaëlem Sonnum, 1572.
- Collenuccio, Pandolfo  
*Del Compendio Dell'Istoria Del Regno Di Napoli Prima Parte. Di M. Pandolfo Collenuccio da Pesaro, E di Mambrin Roseo da Fabriano* [...]. Venetia, Appresso Barezzo Barezzi, 1591.  
*Historia del Reyno de Napoles. Auctor Pandolfo Colenuccio de Pesaro Iurisconsulto, Traduzida de lengua Toscana por Iuan Vazquez del Marmol* [...]. Seuilla, Fernando Diaz, 1584.

## Conimbricenses

*Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesv in Libros Aristotelis, qui Parva Naturalia appellantur.* Olisipone, Ex officina Simonis Lopesij, 1593.

*Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesv. In Libros Meteororum Aristotelis Stagiritæ.* [...]. Olisipone, Ex officina Simonis Lopesij, 1593.

*Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesv, In octo libros Physicorum Aristotelis Stagiritæ.* Conimbricæ, Typis Antonij à Mariz, 1592.

*Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Iesv. In Quatvor Libros De Cælo Aristotelis Stagiritæ.* [...]. Olisipone, Ex officina Simonis Lopesij, 1593.

*Commentarii Collegii Conimbricensis e Societate Iesv in Vniuersam Dialecticam Aristotelis Stagiritæ.* Conimbricæ, Ex Officina Didaci Gomez Loureyro, 1606.

*In Libros Ethicorum Aristotelis Ad Nicomachvm, Aliquot Conimbricensis Cursus Disputationes, In Quibus Præcipua Quædam Ethicæ Disciplinæ Capita Continentur.* [...]. Olisipone, Ex officina Simonis Lopesij, 1593.

## Corte-Real, Jerónimo

*Navragio e Lastimoso Sucesso da Perdiçam de Manoel de Sousa de Sepulueda, & Dona Lianor de Sá sua molher & filhos, vindo da India para este Reyno na nao chamada o galião grande S. João que se perdeo no cabo de boa Esperança, na terra do Natal.* [Lisboa], Simão Lopez, 1594.

*Sucesso Do Segundo Cerco De Diu: Estando Dõ Ioham Mazcarenhas Por Capitam Da Fortaleza. Año De. 1546.* Lixboa, Antonio Gonçalvez, 1574.

## Coutinho, Lopo de Sousa

*Livro primeyro[-segundo] do cerco de Diu, que os Turcos poseram á fortaleza de Diu. Per Lopo de Sousa Coutinho: fidalgo da casa do Inuictissimo Rey dom Ioam de Portugal: ho terceyro deste nome.* [...]. Coymbra, Ioã Aluarez, 1556.

## Couto, Diogo do

*Decada Quarta da Asia [...]. Por Diogo do Couto Guarda Mor da torre do tombo do estado da India.* Lisboa, Pedro Crasbeeck, 1602.

*Decada Quinta da Asia [...]. Por Diogo do Couto Chronista E guarda mór da torre do Tombo do estado da India.* Lisboa, Pedro Crasbeeck, 1612.

*Decada Sexta da Asia [...].* Lisboa, Pedro Crasbeeck, 1615.

*Decada Setima da Asia [...]. Por Diogo do Couto Chronista, & guarda mor da torre do tombo do estado da India.* Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1616.

*Observações Sobre As Principaes Causas Da Decadencia Dos Portuguezes na Asia, Escritas Por Diogo Do Couto, Em Fôrma De Dialogo, Com O Titulo De Soldado Practico.* Publicadas De Ordem Da Academia Real Das Sciencias De Lisboa, Por Antonio Caetano do Amaral [...], Lisboa, Offic. Da Acad. Real Das Sciencias, 1790.

*Tratado dos feitos de Vasco da Gama e de seus filhos na Índia.* Introdução, leitura e glossário de José Manuel Azevedo e Silva, João Marinho dos Santos, Lisboa, Edições Cosmos, 1998.

## Cromerius, Martinus et alii

*Respublica, Siue Status Regni Poloniae, Lituaniae, Prussiae, Livoniae, etc. diversorum Autorum.* Lvgdvni Batavorvm, Ex officina Elzeviriana, 1577.

*Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus, de Aveiro, e Memorial da Infanta Santa Joana Filha Del Rei Dom Afonso V (Códice Quinhentista).* Leitura, Revisão e Prefácio de António Gomes da Rocha Madahil. Aveiro, Edição do Prof. Francisco Ferreira Neves, 1939.

- Crónica Geral de Espanha de 1344*. Edição crítica do texto português por Luís Filipe Lindley Cintra, IV vols., edição fac-similada da publicação de 1961, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984.
- Crónica de Portugal de 1419*. Edição crítica com Introdução e Notas de Adelino Almeida Calado, Aveiro, Universidade de Aveiro, 1998.
- Crónicas breves e memórias avulsas de Santa Cruz de Coimbra*. Ed. Fernando Venâncio Peixoto da Fonseca, Lisboa, s.n., 2000.
- Cruz, António  
*Anais, Crónicas e Memórias Avulsas de Santa Cruz de Coimbra*. Textos publicados com uma introdução por [...]. Porto, Biblioteca Pública Municipal, 1968.
- Demóstenes  
*Demosthenis Et Aeschinis epistolæ, Petro Nannio Alcmariano interprete*. Lovanii, Ex officina Rutgeri Rescij, 1537.
- Diodoro Sículo  
*En Damvs Diodori Sicvli Historici Græci, Quæ Nvnc Qvidem Extare Noscvntvr Ope-  
 ra* [...]. Basileæ, Excudebat Henricvs Petrvs, 1531.  
*Diodori Sicvli Bibliothecæ Historicæ Libri XV, Reliqui* [...]. Hanoviæ, Typis Wechelianis, Apud hæredes Joannis Aubrii, 1611.  
*Diodorus of Sicily*. With an english translation by C. H. Oldfather et alii, 12 vols., London, Cambridge, Massachusetts, William Heinemann, Harvard University Press, 1968.
- Dolce, Lodovico  
*I Quattro Libri Delle Osservationi Di M. Lodovico Dolce, Di Nvovo Da Lvi Medesimo ricorrette, & ampliate, & con le postille. Settima Editione*. [...]. Vinegia, Appresso Gabriel Giolito De'Ferrari, 1562.
- Donatus, Aelius  
*Aeli Donati Qvod Fertvr Commentvm Terenti*, vol. 1. Lipsiæ, In Aedibvs Tevbneri, 1902.
- Egnazio, Giovanni Battista  
*In Hoc Volumine Haec Continentvr Ioannis Baptistæ Egnatij Veneti de Cæsaribus libri III* [...]. Venetiis, In ædibvs Aldi, et Andreae Soceri, 1516.
- Ennius, Quintus  
*Remains of Old Latin*. Newly Edited and Translated by E. H. Warmington, vol. I. Ennius and Caecilius, Cambridge, Massachusetts, London, Harvard University Press, William Heinemann, 1961.
- Epitome Theatri Orteliani* [...]. *Editio vltima, multis locis emendata, & nouis aliquot tabulis aucta*. [...]. Antverpiæ, Apvd Ioannem Bapt. Vrientivm, 1601.
- Erasmus de Roterdão  
*Apothegmatum ex optimis utrisque linguae scriptoribus, per Desiderium Erasmum Rotterdamum colectorum libri octo*. Antuerpiae, Apud Viduam Ioannis Loei, 1569.
- Estaço, Gaspar  
*Varias Antiguidades de Portugal*. *Avtor Gaspar Estaço* [...]. Lisboa, Pedro Crasbeck, 1625.
- Estrabão  
*The Geography of Strabo*. With an english translation by Horace Leonard Jones, 8 vols., London, Cambridge, Massachusetts, William Heinemann, Harvard University Press, 1969.

- [Étienne, Charles]  
*Dictionarium Historicum, Geographicum, Poeticum* [...]. s/l, Apvd Iacobvm Stoer, 1590.
- Eusebius Caesariensis  
*Eusebii Pamphili Cæsariensis [...] opera omnia* [...]. Basileæ, Excudebat Henricvs Petrvs, 1542.
- Eutropius, Flavius  
 Eutrope, *Abrégé de l'Histoire Romaine*. Traduction Nouvelle avec Introduction, Notes, Tables et Index par Maurice Rat, Paris, Librairie Garnier Frères, 1934.
- Ewbank, W. W.  
*The Poems of Cicero*. Edited with Introduction and Notes by [...]. London, Bristol Classical Press, 1997.
- Fernández de Cordoba, Francisco  
*Francisci Fernandii De Cordova Cordubensis Didascalía Múltiplex. Nunc primùm in lucem emissa. Cùm Quinqve Indicibus necessariis*. Lvgdvni, Sumptibus Horatij Cardon, 1615.
- Festa propria et specialia Diocesis Conimbricensis* [sic] iam diu ex obtenta cōsuetudine à S. D. N. Gregorio Papa XIII approbata. s.l., Typis Antonij de Mariz, 1588.
- Figueró, Pedro de  
*Operum P. D. Petri A Figueiro Lusitani Canonici Regularis S. Avgustini Congregationis Sanctæ Crucis Conimbricensis, eximii Sacrarum literarum expositoris Tomi duo*. [...]. Lvgdvni, Svmptibus Horatii Cardon, 1615.
- Firmianus, Lactantius  
*De Ave Phoenixe*, in *Minor Latin Poets*. With introductions and english translations by J. Wight Duff and Arnold M. Duff, Cambridge, Massachusetts, London, Harvard University Press, William Heinemann, 1968.  
 Lactance, *Institutions Divines*. Int., texte critique, traduction et notes par Pierre Monat, Livres I-II, Paris, Les Éditions du Cerf, 1986-1987.
- Flaccus, Caius Valerius  
*Valerius Flaccus [Argonautica]*. With an english translation by J. H. Mozley, London, Cambridge, Massachusetts, William Heinemann, Harvard University Press, 1972.
- Florilegium Sententiarum Oratoriarum, Ethicarum Ac Politicarum. Ex Probatissimis Auctoribus Collectum, & in Locos communes digestum, Per P.O.A.B. A.S.V.* [...]. Noribergæ, Literis Christiani Sigismundi Frobergii, 1695.
- Florus, Lucius  
*L. Flori De Gestis Romanorum Libri IIII*. Parisiis, Ex officina Michaëlis Fezandat, 1548.
- Fonseca, Pedro  
*Commentariorum Petri Fonseca Lusitani, Ex Proensa Nova, D. Theologi Societatis Iesu. In Libros Metaphysicorum Aristotelis Stagiritæ, tomus tertius* [...]. Eboræ, Apud Emmanuelem de Lyra, 1604.
- Franco, Niccolò  
*Il Petrarchista Dialogo di Messer Nicolo Franco, Nel quale si scuoprono nuoui Secreti sopra il Petrarca. E si danno a leggere molte lettere, Che Il Medemo* [sic] *Petrarca, In Lingua Thoscana Scrisse a diuerse persone. Cose rare, ne mai piu date a luce* [...]. Venetia, Appresso Gabriel Giolito di Ferrarj, 1543.

Fulgentius (S. Fulgêncio)

*Sancti Fulgentii Episcopi Ruspensis Opera. Cura et Studio F. Fraipont.* Tvrnholti, Typographi Brepols Editores Pontifici, 1968.

Fulgoso, Battista

*Baptistæ Fulgosii Genvensis Factorum et Dictorum Memorabilium Lib. IX. A P. Ivsto Gaillardo Campano, in Parisiensi Senatu Aduocato, locupletati.* [...]. Coloniae Agripinæ, Sumptibus Arnoldi Mylij Birckmanni, 1604.

Galvão, Duarte

*Crónica de El-Rei D. Afonso Henriques de Duarte Galvão.* Reimpressão da edição de 1986, realizada pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda a partir do texto da *Crónica* e índice, num total de duzentas e dezasseis páginas, compostas e impressas pela Imprensa da Universidade de Coimbra, antes da sua extinção em 1934. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1995.

Garibay, Esteban de

*Los XL. Libros D'El Compendio Historial De las Chronicas y uniuersal Historia de todos los reynos de España.* Compuestos por Esteuan de Garibây y Çamálloa [...], 4 vols., Anueres, Christophoro Plantino, 1571.

Gaza, Teodoro

*Laonici Chalcondylæ Atheniensis, de origine Et Rebus Gestis Turcorum Libri Decem, nuper è Græco in Latinum conuersi: Conrado Clausero Tigurino interprete. Adieci-mus Theodori Gazæ, & aliorum quoq̄ doctorum uirorum, eiusdem argumenti, de rebus Turcorum aduersus Christianos, & Christianorum contra illos hactenus ad nostra usq̄ tempora gestis, diuersa Opuscula, quorum Catalogum proxima post Præfationem pagella reperies.* Basileæ, Per Ioannem Oporinum, 1556.

Gellius, Aulus

*The Attic Nights of Aulus Gellius.* With an english translation by John C. Rolfe, 3 vols., London, Cambridge, Massachusetts, William Heinemann, Harvard University Press, 1970.

Genebrardo

*Gilb. Genebrardi Theologi Parisiensis Divinarum Hebraicarumque Literarum Professoris Regii Chronographiæ Libri Quatuor* [...]. Parisiis, Apud Aegidium Gorbinum, 1580.

Germanicus

*ΑΡΑΤΟΥ ΣΟΛΕΩΣ ΦΑΙΝΟΜΕΝΑ. Ciceronis In Arati Phaenomena interpretatio, quæ multo & amplior est & emendatior, quàm vulgata. Accesserunt His Vergilii, Germanici Cæsaris, & Rufi Auieni carmina, iis respondentia Arati, quæ à Cicerone conuersa interciderunt.* Parisiis, Apud Simonem Colinaeum, 1540.

Gherardus, Johannes

*Iohannis Gerhardi Meditationes Sacræ. Editio postrema, prioribus emendatior.* Lvgd. Batavorvm, Ex officina Elzeviriana, 1627.

Giovio, Paolo

*Pavli Iovii Novocomensis, Episcopi Nucerni, Historiarum Svi Temporis Tomus Secundus.* [...]. Lvtetiæ, Ex Officina Typographica M. Vascosani, 1560.

*Pavli Iovii Novocomensis De Legatione Moschovitarum libellus, ad Ioannem Rufum Archiepiscopum Consentinum* (v. *Novvs Orbis*, 1532, pp. 532-548).

Gócia, Olavo de

*Historia De Gentibus Septentrionalibus, Earumque Diversis Statibus, Conditionibus, Moribus, Ritibus, Svsperstitionibus, disciplinis, exercitiis, regimine, victu, bellis, struc-*

- turis, instrumentis, ac mineris metallicis, & rebus mirabilibus, necnon vniuersis penè animalibus in Septentrione degentibus, eorumq̄ natura. [...] Auctore Olao Magno Gotho, Archiepiscopo Vpsalensi, Suetiæ & Gothiæ Primate. Romæ, Apud Ioannem Mariam De Viottis Parmensem, 1555.*
- Góis, Damião de  
*Chronica Do Felicissimo Rei Dom Emanuel, Composta Per Damiam de Goes, Dividida Em Quatro Partes [...].* Lisboa, Francisco Correa, 1566-1567.  
*Chronica Do Principe Dom Ioam, Rei Que Foi Destes Regnos Segundo Do Nome [...]. Composta de nouo per Damiam de Goes [...].* Lisboa, Francisco Correa, 1567.  
 Damião de Góis, *Elogio da Cidade de Lisboa. Urbis Olisiponis Descriptio.* Versão latina e portuguesa. Introdução por Ilídio do Amaral. Apresentação, Edição Crítica, Tradução e Comentário por Aires A. Nascimento, Lisboa, Guimarães Editores, 2002.
- Gordon S.I., James  
*Opus Chronologicum, Annorum Seriem, Regnorum Mutationes, et Rerum Toto Orbe Gestarum Memorabilium sedem annumque, à Mundi exordio ad nostra usque tempora complectens. Auctore R.P. Iacobo Gordonio Lesmoreo Scoto, Societatis IESV Doctore Theologo. [...].* Coloniae Agrippinæ, Apud Ioannem Crithium, 1614.  
*Operis Chronologici Tomus Alter: Rerum Per Vniuersum Orbem Gestarum Sedem, Breuemque A Christo Ad Annum usque M.D.CXIII. narrationem, complectens. Auctore R.P. Iacobo Gordonio Lesmoreo Scoto, Societatis IESV Doctore Theologo. [...].* Coloniae Agrippinæ, Apud Ioannem Crithium, 1614.
- The Greek Anthology.* With an english translation by W. R. Paton, 5 vols., London, Cambridge, Massachusetts, William Heinemann, Harvard University Press, 1960.
- Gregorius Magnus  
 Grégoire Le Grand, *Homélie sur l'Évangile. Livre I. Homélie I-XX. Texte latin, introduction, traduction et notes par Raymond Etaix, Charles Morel, Bruno Judic, Paris, Éditions du Cerf, 2005.*  
*Gregorius Magnus Homiliae In Evangelia.* Cura et studio Raymond Étaix, Turnhout, Brepols Publishers, 1999.  
 S. Gregorii Magni *Moralia In Iob. Libri XI-XXII.* Cura et studio Marci Adriaen, Turnholti, Typographi Brepols Editores Pontificii, 1979.  
*Sancti Gregorii Papæ I Cognomento Magni, Opera Omnia [...]. Accurante J.-P. Migne, [...]. Patrologiæ Latinæ Tomus 77.* Reprint, Turnholti, Typographi Brepols Editores Pontificii, 1970.
- Guarini, Battista  
 Guarini, Battista, *Il Pastor Fido.* A cura di Luigi Fassò, Torino, Giulio Einaudi, 1976.  
*Rime Del Molto Illustre Signor Caualliere Battista Guarini. [...] Di nuouo in questa quinta impressione ricorrette.* Venetia, presso Gio. Bat. Ciotti, 1599.
- Guevara, frei Antonio  
*Libro Primero de las Epístolas Familiares de Fray Antonio de Guevara.* Edición y Prólogo de José María de Cossío, 2 vols., Madrid, Real Academia Española, 1950-1952.
- Haithon  
*Haithoni Armeni Ordinis Præmonstratensis De Tartaris Liber (v. Novus Orbis, 1532, pp. 419-481).*
- Halicarnássio, Dionísio  
*The Roman Antiquities of Dionysius of Halicarnassus.* With an English translation by Earnest Cary, on the basis of the version of Edward Spelman, 7 vols., London, Cambridge, Massachusetts, William Heinemann, Harvard University Press, 1968.

- Hernández de Velasco, Gregorio,  
*El Parto De La Virgen que compuso el celebre Iacobo Sānazaro, Poeta Napolitano, en verso Heroyco Latino. Traduzido en octaua rima Castellana, por el Licenciado Gregorio Hernandez de Velasco.* Sevilla, A costa de Benito de Montedoy y de Luys Torrero, 1580.
- Heródoto  
*Herodotus.* With an english translation by A. D. Godley, 4 vols., London, Cambridge, Massachusetts, William Heinemann, Harvard University Press, 1966.
- Hesíodo  
 Hesiod, *The Homeric Hymns and Homeric.* With an english translation by Hugh G. Evelyn-White, London, Cambridge, Massachusetts, William Heinemann, Harvard University Press, 1964.
- Hieronymus (S. Jerónimo)  
*Hispaniæ Illustratæ Sev Rerum Vrbiumq. Hispaniæ, Lusitaniæ, Æthiopiæ et Indiæ Scriptores Varii. Partim editi nunc primum, partim aucti atque emendati [...].* Francofurti, Apud Claudium Marnium, & Hæredes Iohannis Aubrij, 1603.
- Ho Flos S[an]ctōr[um] em Lingoajē P[or]tugues.* Lixboa, Herman de Campis e Roberte Rabelo, 1513.
- Homero  
 Homer, *The Iliad.* With an english translation by A. T. Murray, 2 vols., London, Cambridge, Massachusetts, William Heinemann, Harvard University Press, 1965.  
 Homer, *The Odyssey.* With an english translation by A. T. Murray. Revised by George E. Dimock, 2 vols., Cambridge, Massachusetts, London, 1995.  
*Homeri Odysseæ Libri VIII, Francisco Florido Sabino interprete [...].* Lutetiæ, Apud Vascosanum, 1545.  
*Homeri Poemata duo, Ilias Et Odyssea, Sive Vlysea [...]. Cum Latina interpretatione ad verbum [...].* s/l, Excudebat Pavlvus Stephanvs, 1604.  
*Homeri Quæ extant omnia Ilias, Odyssea, Batrachomyomachia, Hymni, Poëmata aliquot Cum Latina versione [...].* Avrelia Allobrogvm, Sumptibus Caldorianæ Societatis, 1606.  
*Ilias Homeri Qvatenus Ab Nicolao Valla Tralata est.* [Wittenburg, Gronenberg, 1510].
- Horapolo  
*Hieroglyphica.* Edición Jesús María González de Zárate, Traducción del texto griego María José García Soler, Madrid, Akal, 1991.
- Horatius (Quintus Horatius Flaccus)  
 Horace, *Odes and Epodes.* Edited and translated by Niall Rudd, Cambridge, Massachusetts, London, Harvard University Press, 2004.  
 Horace, *Satires, Epistles and Ars Poetica.* With an english translation by H. Ruhston Fairclough, London, Cambridge, Massachusetts, William Heinemann, Harvard University Press, 1966.
- Hyginus  
*C. Ivlii Hygimi, Avgusti Liberti, Fabularum Liber [...]. Eiusdem Poeticon Astronomicon Libri quatuor.* Parisiis, Apud Gulielmum Iulianum, 1578.
- Illescas, Gonzalo  
*Historia Pontifical Y Catolica. En La Qual Se Contienen Las Vidas Y Hechos Notables De Todos Los Sumos Pontifices Romanos. [...]. Compvesta Y Ordenada Por El Doctor Gonzalo de Yllescas [...].* Madrid, En la Imprenta Real, 1613.

- Segunda Parte Dela Historia Pontifical Y Catholica [...]. Compvesta Y Ordenada Por El Doctor Gonçalo de Illescas [...].* Barcelona, Sebastian de Cormellas, 1602.
- Index Avtorum Dānatæ memoriæ, Tvm Etiam Librorvm, qui vel simpliciter vel ad expurgationē vsque prohibentur, vel deniq[ue] iam expurgati permittuntur. Editus Avtoritate Ill<sup>mi</sup> Domini D. Fernandi Martins Mascaregnas [...]. Et In Partes Tres Distributus, quæ proxime sequenti pagella explicatē censentur. De Consilio Svpremi Senatvs S.<sup>tae</sup> Generalis Inquisitionis Lvsitanicæ.* Ulyssipone, Ex officina Petri Craesbeeck, 1624.
- Inocêncio III  
*De Contemptv Mvndi, Siue de miseria conditionis humanæ.* Lvgdvni, Apud Theobaldum Paganum, 1555.
- Isidoro de Sevilha  
*Chronicon Gothorum* – v. Jornandes, *Diversarum Gentium Historiæ Antiquæ Scriptores Tres.* [...]. Hambvrgi, Apud Michaellem Heringivm, 1611.  
*Isidori Hispalensis Episcopi Synonyma.* Cura et studio Jacques Elfassi, Turnhout, Brepols Publishers, 2009.  
*Sancti Isidori Hispalensis Episcopi, Opera Omnia,* [...]. *Accurante Et Denuo Recognoscente* J.-P. Migne [...]. *Patrologiæ Latinæ Tomus 83.* [...]. Reprint, Turnholti, Typographi Brepols Editores Pontificii, 1979.  
*The Etymologies of Isidore of Seville.* Stephen A. Barney, W. J. Lewis, J. A. Beach, Oliver Berghof, with the collaboration of Muriel Hall. 3<sup>a</sup> imp., Cambridge, Cambridge University Press, 2007.
- Italicus, Titus Caius Silius  
 Silius Italicus, *Punica.* With an english translation by J. D. Duff, 2 vols., London, Cambridge, Massachusetts, William Heinemann, Harvard University Press, 1968.
- S. Jerónimo  
*S. Hieronymi Presbyteri Opera.* Pars I. *Opera Exegetica.* 6. *Commentarii in Prophetas Minores,* Tvrnholti, Typographi Brepols Editores Pontifici, 1969 (*In Osee*).  
 Saint Jérôme, *Commentaire sur S. Matthieu,* 2 vols., Texte latin. Introduction, Traduction et Notes par Émile Bonnard, Paris, Les Éditions du Cerf, 1977-1979.  
*Sancti Eusebii Hieronymi Epistulæ. Pars I: Epistulæ I-LXX.* Edidit Isidorus Hilberg. Editio Altera Supplementis Aucta, Vindobonæ, Verlag Der Österreichischen Akademie Der Wissenschaften, 1996.
- Jesus, frei Tomé de  
*Trabalhos de Iesu. Segunda Parte. Que passov desde o Orto de Gethsemani, atè sua morte, q̄ são os trabalhos de sua sacratissima payxão [...]. Composta por F. Thomé de IESV Portugues da Provincia de Portugal da orde dos Eremitas de S. Agostinho, & captivo em Berberia. Aos 50 annos de seu degredo da Patria Celestial.* Lisboa, Vicente Alvarez, 1609.
- S. João Crisóstomo  
*Divi Ioannis Crysostomi Archiepiscopi Constantinopolitani Opera [...]. in quinque Tomos digesta.* t. I. Venetiis, Apud Dominicum Nicolinum, 1583.
- Jornandes  
*Diversarum Gentium Historiæ Antiquæ Scriptores Tres. Iornandes Episcop. De Regnorum ac temporum successionibus. Eivsdem Historia De origine Gothorum [...].* Hambvrgi, Apud Michaellem Heringivm, 1611.

Josefo, Flávio

Flavius Josèphe, *Contre Apion*. Texte établi et annoté par Théodore Reinach et traduit par Léon Blum, Paris, «Les Belles Lettres», 1930.

Josephus, *Jewish Antiquities*. With an english translation by H. St. J. Thackeray et alii, 6 vols., London, Cambridge, Massachusetts, William Heinemann, Harvard University Press, 1967.

Josephus, *The Jewish War*. With an english translation by H. St. J. Thackeray, 2 vols., London, Cambridge, Massachusetts, William Heinemann, Harvard University Press, 1967.

Iustinianus

*Imperatoris Iustiniani Institutionum Libri Quatuor*. With introductions, commentary, and excursus by J. B. Moyle, Oxford, Clarendon Press, 1969.

Iustinus, Marcus Iustinianus

*M. Ivniani Ivstini Epitoma Historiarvm Philippicarvm Pompei Trogi. Accedvnt Prologi in Pompeivm Trogvum*. Post Franciscvm Rvehl itervm edidit Otto Seel, Stvtgardiae, in Aedibvs B. G. Tevbneri, 1972.

Iuvenalis, Decimus Iunius

*Juvenal and Persius*. Edited and translated by Susanna Morton Braund, Cambridge, Massachusetts, London, Harvard University Press, 2004.

Lactantius (v. Firmianus, Lactantius)

Laertius, Diogenes

*Vitæ Philosophorum: Scriptoribus Diogene Laertio, Evnapio Sardiario, Hesychio Illustrio. Multis in locis emendatiores*. Lvgdvni Batavorvm, Ex Officina Plantiniana, Apud Franciscum Raphelengium, 1596.

Lagnier, Pierre

*Manipulus Celebriorum Sententiarum Apophthegmatum & Similitudinum [...], Opera Petri Lagnerii Compendienseis [...]*. Coloniae, Sumptibus Bernardi Gualtheri, 1609.

Laguna, Andres

*Pedacio Dioscorides Anazarbeo, Acerca De La Materia Medicinal, Y De Los Venenos Mortiferos, Traduzido de lengua Griega, en la vulgar Castellana, & ilustrado con claras y substanciales Anotaciones, y con las figuras de innumerables plantas exquisitas y raras, por el Doctor Andres de Laguna, Medico de Iulio III Pont. Max. [...]*. Anvers, Iuan Latio, 1555.

Lange, Joseph

*Polyanthea Nova, Hoc Est, Opus Suavissimis Floribus Celebriorum Sententiarum Tam Græcarum Quam Latinarum refertum [...]. Studio & opera Josephi Langii Cæsaremontani [...]. Editio Altera, Priore Correctior. [...]*. Francofurti, Sumptibus Lazari Zetzneri, 1607.

Lapini, Frosino

*Institvtionvm Florentinæ Lingvæ Libri Dvo Euphosyni Lapinij [...]. Secvnda Editio*. Florentiæ, Apvd Ivnctas, 1574.

Lavanha, João

v. *Nobiliario De D. Pedro*.

v. *Quarta Decada da Asia de Ioaõ de Barros [...]*.

Le Tort, François

*Gnomologia Sev Repertorium Sententiarum, Ex Optimis Probatissimisque Authoribus excerptum, & in locos communes digestum, ac omnibus studiosis valde necessarium. Authore Francisco Le Tort Andegauo*. Parisiis, Apud Ioannem Poupy, 1581.

- Leão, Duarte Nunes de  
*Descrição Do Reino De Portugal. Per Duarte Nunez do Leão, desembargador da casa da supplicação.* [...]. Lisboa, Iorge Rodriguez, 1610.  
*Genealogia Verdadera De Los Reyes De Portugal, con sus elogios y summario de sus vidas. Por el Licenciado Duarte Nuñez de Leon del Desembargo de su Majestad. Para El Serenissimo Principe de las Españas Don Philippe nuestro señor.* [...]. Lisbona, Pedro Crasbeeck, 1608.  
*Primeira Parte Das Chronicas Dos Reis De Portugal, Reformadas Pelo Licenciado Duarte Nunez do Lião, Desembargador da casa da Supplicação, per mandado del Rei Dom Philippe o primeiro de Portugal, da gloriosa memoria.* Lisboa, Pedro Crasbeeck, 1600.  
*Crónicas dos Reis de Portugal Reformadas pelo Licenciado Duarte Nunes de Leão.* Introdução e revisão de M. Lopes de Almeida. Porto, Lello & Irmão – Editores, 1975.
- Leão Magno  
*Sancti Leonis Magni Romani Pontificis Tractatus Septem et Nonaginta.* Recensvit Antonivs Chavasse, 2 vols., Tvrnholti, Typographi Brepols Editores Pontificii, 1973.
- Libânio  
*Libanii Sophistae Graeci declamatiunculae aliquot, eæademq[ue] Latinæ, per Des. Erasmum Rot. Cum duabus orationibus Lysiae itidem uersis, incerto interprete, et alijs nonnullis.* Basilea, Ex ædibus Io. Frob., 1522.
- Licofrônio  
*Lycophronis Chalcidensis Alexandra. Poëma obscurum. Ioannes Mevrsius Recensuit, & Libro Commentario illustravit. Accessit Iosephi Scaligeri Ivli Cæs. F. versio centum locis emendatior.* Lvgdvni Batavorvm, Ex officina Ludouici Elzeuirij, 1597.
- Lipsius, Iustus  
 Lagrée, Jacqueline, *Juste Lipse et la restauration du Stoïcisme.* Paris, Librairie J. Vrin, 1994.
- Livius, Titus  
*Livy in fourteen volumes [Ab Urbe Condita].* With an english translation by B. O. Foster et alii, London, Cambridge, Massachusetts, William Heinemann, Harvard University Press, 1967.
- Livro de Linhagens do Conde D. Pedro.* (v. D. Pedro)
- Lopes, Fernão  
*Crónica de D. Pedro.* Edizione critica, con introduzione e glossario a cura di Giuliano Macchi, Roma, Edizioni dell'Ateneo, 1966.
- López Pinciano, Alonso  
*Philosophia Antigua Poetica Del Doctor Alonso Lopez Pinciano, Medico Cesareo.* [...]. Madrid, Thomas Iunti, 1596.
- Lucanus, Marcus Annaeus  
 Lucan, *The Civil War (Pharsalia).* With an english translation by J. D. Duff, Books I-X, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press/ London, William Heinemann, 1977.
- Luciano de Samósata  
*Lucian.* With an english translation by A. M. Harmon, 8 vols., Cambridge, Massachusetts, London, Harvard University Press, William Heinemann, 1953.
- Lucretius  
 Lucretius, *De Rerum Natura.* With an english translation by W. H. D. Rouse. Revised with new text, introduction, notes and index by Martin Ferguson Smith, Cambridge, Massachusetts, London, Harvard University Press, 1992.

Macrobius

*Ambrosii Theodosii Macrobiani Commentarii In Somnium Scipionis*. Edidit Iacobus Willis. [...]. Lipsiæ, In Ædibus B. G. Teubneri, 1963.

*Ambrosii Theodosii Macrobiani Saturnalia*. Apparatu Critico Instruxit *In Somnium Scipionis Commentarios*. Selecta Varietate Lectionis Ornauit Iacobus Willis. Lipsiæ, In Ædibus B. G. Teubneri, 1963.

Maffei, Giovanni Pietro

*Ioan. Petri Maffei, Bergomatis, E Societate Iesu, Historiarum Indicarum Libri XVI. Selectarum, Item, Ex India Epistolarum Libri IV. Accessit liber recentiorum Epistolarum, à Ioanne Hayo Dalgattiensi Scoto ex eadem Societate nunc primum excusus, cum Indice accurato. Dvobus Tomis Distributi* [...]. Antuerpiæ, Ex Officina Martini Nutij, 1605.

Maldonado, Alonso

*Chronica Vniversal de todas las naciones y tiempos, compuesta por fray Alonso Maldonado de la Orden de Santo Domingo* [...]. Madrid, Luis Sanchez, 1624.

Malmesber

*Sæculum XII. Willelmi Malmesburiensis Monachi Opera Omnia* [...] Accurante J.-P. Migne [...]. *Patrologiæ Tomus 179*. Reprint, Turnholti, Typographi Brepols Editores Pontificii, 1977.

Mantuano, Baptista

*F. Baptistæ Mantvani Carmelitæ Theologi, atq; poetæ celeberrimi, Opus diuinũ de purissima virgine Maria, cum ortũ tum totam eius virginis vitam, heroico carmine cõplectens, nup̄er emendate impressum*. Parisiis, Apud Nicolaum Saueretier, 1528.

Mantuano, Pedro

*Advertencias A La Historia Del Padre Ivan de Mariana De La Compañía de Iesus. Impresa En Toledo En Latin año 1592. y en Romance el de 1601. En Que Se Enmienda Gran parte de la Historia de España. En Esta Segunda Impression va añadida* [...]. Por Pedro Mantuano [...]. Madrid, Imprenta Real, 1613.

Manuzio, Paolo

*Orthographiæ Ratio Ab Aldo Manutio Pavlli F. Collecta Ex Libris antiquis* [...]. Venetiis, Aldvs, 1566.

Mariana, Juan de

*Historia General de España. Compvesta Primero en Latin, despues buelta en Castellano por el padre Iuan de Mariana, de la Compañía de IESVS. De nuevo corregida, y muy aumentada por el mismo*. [...] t. I, Madrid, Por la viuda de Alonso Martin, 1617. *Historia General de España Compvesta Primero en Latin, despues buelta en Castellano por Iuan de Mariana, de la Compañía de IESVS. De nuevo corregida, y muy aumentada por el mismo*. [...] t. II, Madrid, por Iuan de la Cuesta, 1616.

*Ioannis Marianæ Hispani, e Soc. Iesu, De rege et Regis Institvione Libri III. Ad Philippum III Hispaniæ Regem Catholicum*. Toleti, Apud Petrum Rodericum typo. Regium, 1599.

Marino, Giovanni Battista

*Dicierie Sacre Del Cavalier Marino*. [...] s/l, Appresso Roberto Meielti, 1618.

Mariz, Pedro de

*Dialogos de Varia Historia* [...]. Autor Pedro de Mariz. Coimbra, Antonio de Mariz, 1597-1599.

- Martialis, Marcus Valerius  
 Martial, *Epigrams*. With an English translation by Walter C. A. Ker, 2 vols., London, Cambridge, Massachusetts, William Heinemann, Harvard University Press, 1961.
- Mártires, frei Timóteo dos  
 D. Fr. Timóteo dos Mártires, *Crónica de Santa Cruz*. T. I, Coimbra, Edição da Biblioteca Municipal, 1955, Separata de *O Instituto*, vols. 103° e 106°.
- Maximus, Valerius  
 Valerius Maximus, *Memorable doings and sayings*. Edited and translated by D. R. Shackleton Bailey, 2 vols., Cambridge, Massachusetts, London, Harvard University Press, 2000.
- Medina, Pedro de  
*Primera, y Segunda Parte De Las Grandezas Y Cosas Notables de España. Compuesta primeramente por el maestro Pedro de Medina, vezino de Seuilla, y agora nueuamente, corregida y muy ampliada por Diego Perez de Messa, Catedratico de Matematicas en la uniuersidad de Alcalá*. [...]. Alcalá de Henares, Iuan Gracian, que sea en gloria, 1595.
- Mela, Pomponius  
 Pomponius Mela, *Chorographie*. Texte établi, traduit et annoté par A. Silberman, Paris, «Les Belles Lettres», 1988.
- Mena, Juan de  
*Las Trezientas del famosissimo poeta Iuan de Mena, con su glosa, y las cinquenta con su glosa y otras obras*. Alcalá de Henares, Iuan de Villanueva y Pedro de Robles, 1566.
- Menandro  
*Fragmenta Comitorum Graecorum*. Collegit et disposvit Avgvstvs Meineke, Berolini, typis et impensu G. Reimeri, 1847.
- Mercatore, Gerardo  
*Chronologia. Hoc Est, Temporum Demonstratio Exactissima, Ab Initio Mvndi, Vsque Ad Annum Domini M.D.LXVIII. Ex Eclipsibus Et Observationibus Astronomicis omnium temporum, sacris quoq; Biblijs, et optimis quibusq; Scriptoribus summa fide concinnata. Avctore Gerardo Mercatore* [...]. Coloniae Agrippinae, Apvd Hæredes Arnoldi Birckmanni, 1569.
- Mexia, Pedro  
*Historia Imperial y Cesarea, En La Qval En Summa Se Contienen Las Vidas Y Hechos De todos los Cesares, Emperadores de Roma, desde Iulio Cesar hasta el Emperador Carlos Quinto. La Qval Compvso El Magnifico Cauallero Pero Mexia, vezino de Sevilla. Agora nueuamente impressa con Tres Tablas muy copiosas*. Anvers, Pedro Belleroy, 1578.  
 Pedro Mexia, *Silva de varia lección*. Edición de Antonio Castro, 2 vols., Madrid, Cátedra, 1989.
- Michou, Mathias  
*Mathiæ A Michou De Sarmatia Asiana Atque Europea, Libri Duo* (v. *Novus Orbis*, pp. 482-531).
- Montemaior, Jorge de  
*La Diana De Iorge De Monte Maior, Nuevamente Corregida, y revista por Alonso de Vilhoa. Parte Primera. Han se añadido en esta ultima impression los uerdaderos amores de Abencerrage, y la hermosa Xarifa. La infelice historia de Piramo y Tisbe*. [...]. Venecia, Io. Comenzini, 1574.

Morales, Ambrosio de

*La Coronica General De España. Que continuaua Ambrosio de Morales natural de Cordoua, Coronista del Rey Catholico nuestro señor don Philipe segundo deste nombre, y cathredatico [sic] de Rhetorica en la Vniuersidad de Alcalá de Henares [...].* Alcalá de Henares, Iuan Iñiguez de Lequerica, 1574.

*Las Antigvedades De Las Cívdades De España. Que van nombradas en la Coronica, con la aueriguacion de sus sitios, y nõbres antiguos [...]. Que escreuia Ambrosio de Morales [...].* Alcalá de Henares, en casa de Iuan Iñiguez de Lequerica, 1575.

*Los Cinco Libros Postreros de la Coronica General de España. Que continuaua Ambrosio de Morales [...].* Cordoua, Gabriel Ramos Bejarano, 1586.

*Los Otros Dos Libros Vndecimo Y Dvodecimo De La Coronica General de España. Que continuaua Ambrosio de Morales natural de Cordoua, Coronista del Rey Catholico nuestro señor don Philipe segundo deste nõbre, y cathredatico [sic] de Rethorica en la Vniuersidad de Alcalá de Henares. Prossiguiendo adelante de los cinco libros, que el Maestro Florian de Ocampo Coronista del Emperador don Carlos V dexo escritos. Van juntas con esta parte de la coronica las Antigvedades de España, que hasta agora se han podido escrevir.* Alcalá de Henares, Iuan Yñiguez de Lequerica, 1577.

Munster, Sebastian

*Cosmographiæ uniuersalis Lib. VI. [...]. Autore Sebast. Munsterus.* Basileæ, Apvd Henrichvm Petri, 1552.

v. *C. Iulii Solini Polyhistor.*

Nascimento, Aires A.

Aires A. Nascimento, S. *Vicente de Lisboa: legendas, milagres e culto litúrgico (testemunhos latinomedievais).* Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 2011.

*A Conquista de Lisboa aos Mouros. Relato de um Cruzado.* Edição, tradução e notas de Aires A. Nascimento, Introdução de Maria João V. Branco, 2ª ed., Lisboa, Vega, 2007.

*Hagiografia de Santa Cruz de Coimbra. Vida de D. Telo, Vida de D. Teotónio, Vida de Martinho de Soure.* Edição crítica de textos latinos, tradução, estudo introdutório e notas de comentário – Aires A. Nascimento, Lisboa, Colibri, 1998.

Nauclero

*D. Iohannis Naucleri Præpositi Tubingen, Chronica, succinctim cõpræhendentia res memorabiles seculorũ omnium ac gentium, ab initio mundi vsq̃ ad annum Christi nati M.CCCCC [...].* Coloniae, ex officina Petri Quentel, 1544.

Nebrija, Antonio

*Dictionariũ Latinohispanicũ, et Vice Versa Hispanicolatĩnũ, Ælio Antonio Nebrissensi Interpretẽ, Nunc Denũ Ingenti Vocũ Accessione locupletatũ, pristinoque nitõri sublata mendarũ colluie restitutum [...].* Antverpiæ, In Ædib. Ioannis Steel-sij, 1560.

Nemesianus

*Venatici et Bucolici Poetæ Latini, Gratius, Nemesianus, Calpurnius, In Germania hactenus non editi, nunc Commentariis luculentis explanati. [...].* Hanovix, In Bibliopolio Willieriano, 1613.

*Minor Latin Poets.* With introductions and english translations by J. Wight Duff and Arnold M. Duff, Cambridge, Massachusetts, London, Harvard University Press, William Heinemann, 1968.

Nicaeus, Dion Cassius

*Dion Cassius Nicævs. Ælius Spartianvs. Iulivs Capitolinvs. Ælius Lampridivs. Vulcaticvs Gallicanvs. Iohannis Baptistæ Egnatij Veneti in eosdem annotationes.* Parisiis, Ex officina Roberti Stephani [...], 1544.

Nicéforo (Nicephorus)

*Chronologia Secundvm Græcorvm Rationem Temporibus Expositis, Avtore Nicephoro archiepiscopo Constantinopolis: Conversa In Sermonem Latinvm De Græco, & explicata à Ioachimo Camerario [...].* Lipsiæ, Imprimebat Iohannes Steinman Typis Vœgelianis, 1573.

*S. Nicephori Patriarchæ Constantinopolitani Breuiarium Historicum, de rebus gestis ab obitu Mauricij ad Constantinum vsque Copronymum. Nunc primum vulgatum, ac Latinè redditum operâ Dionysii Petavii è Scietate Iesu, cum eiusdem Notis Chronologicis.* Parisiis, apud Sebastianum Chappelet, 1616.

Nicephorus Callixtus

*Tomvs Secundvs Librorvm Octodecim Nicephori Callisti Xantopvli, Scriptores Vere Catholici, Ecclesiasticæ Historiæ [...] Et, Magni Aurelii Cassiodori Tripartita, vt vocant, Historia [...].* Parisiis, Apud Bernardum Turrisanum, 1566.

*Novvs Orbis Regionum Ac Insularvm Veteribus Incognitarvm, unâ cum tabula cosmographica, & aliquot alijs consimilis argumenti libellis, quorum omnium catalogus sequenti patebit pagina [...].* Basileæ, Apvd Io. Hervagium, 1532.

Ocampo, Florian de

*Los Cinco Libros Primeros Dela Coronica general de España, que recopilaua el maestro Floriã de Ocãpo, coronista del Rey nuestro señor, por mandado de su Magestad, en Çamora.* Alcalá, Iuan Iñiguez de Lequerica, 1578.

*Ordinario dos Canonicos Regulares da Ordem do bem auenturado nosso padre S. Augustinho, da congregação de sancta Cruz de Coimbra.* s/l, s/n, [1579].

Orósio

Orose, *Histoires (Contre le Païens)*. Texte établi et traduit par Marie-Pierre Arnaud-Lindet, 3 vols., Paris, «Les Belles Lettres», 1990-1991.

Ortélió, Abraão (Ortelius)

*Theatrvm Orbis Terrarvm Abrahami Ortelii Antverp. Geographi Regii. Tabulis Aliquot Novis Vitaq. Avctoris Illustratvm. Editio Vltima.* [Parergon, Sive Veteris Geographiæ Aliquot Tabulæ]. Antverpiæ, Apvd Ioannem Bapt. Vrintivm, 1603.

Oudin, César

*Refranes O Proverbios Castellanos traduzidos en lengua Francesa. Proverbes Espagnols Traduits en François. Par Cesar Ovdin, Secretaire Interprete du Roy. Reueus, corrigez & augmentez en cette derniere edition.* Paris, Chez Pierre Rocolet, 1659.

Ovidius (Publius Ovidius Nasus)

*Le Metamorfsi di Ovidio, Ridotte Da Gio. Andrea dell'Anguillara In Ottava Rima [...]. In questa nuova Impressione di vaghe figure adornate.* Vin[egia], Presso Bern[ardo] Givnti, 1584.

Ovid, *Fasti*. With an english translation by James George Frazer. Second edition revised by G. P. Goold, Cambridge, Massachusetts, London, Harvard University Press, William Heinemann, 1989.

Ovid, *Heroides and Amores*. With an english translation by Grant Showerman, London, Cambridge, Massachusetts, William Heinemann, Harvard University Press, 1963.

Ovid, *Metamorphoses*. With an english translation by Frank Justus Miller, 2 vols., London, Cambridge, Massachusetts, William Heinemann, Harvard University Press, 1966.

Ovid, *The Art of Love, and other poems*. [...] *Ars Amatoria, Remedia Amoris, Ibis* [...]. With an english translation by J. H. Mozley. Second edition revised by G. P. Goold, Cambridge, Massachusetts, London, Harvard University Press, William Heinemann, 1979.

Ovid, *Tristia. Ex Ponto*. With an english translation by Arthur Leslie Wheeler, Cambridge, Massachusetts, London, Harvard University Press, William Heinemann, 1953.

Pagnino, Sanctes

[...] *Hoc est Thesaurus Lingvæ Sanctæ, Sive Lexicon Hebraicum, Ordine & copia cæteris antehac editis antefereudū, autore Sancte Pagnino Lucensi, Sacræ Theologiæ professore: nunc demū cum doctissimis quibusque Hebraeorū ac aliorū scriptis* [...]. *Opera Ioannis Merceri, Ant. Ceuallerii & B. Cornelij Bertrami*. Lvgdvni, Apvd Bartholomævm Vincentivm, 1575.

Panvinio, Onofrio

*Fasti Et Triumphi Rom. A Romvlo Rege Vsque ad Carolum V. Cæs. Aug. Sive Epitome Regum, Consulium, Dictatorum, Magistror. equitum, Tribunorum militum consulari potestate, Censorum, Impp. & aliorum Magistratuum Roman. cum orientalium tum occidentalium, ex antiquitatum monumentis maxima cum fide ac diligentia desumpta. Onuphrio Panvinio Veronensi F. Avgustiniano Authore* [...]. Venetiis, Impensis Iacobi Stradæ Mantuani, 1557.

Paradin, Claude

*Devises Heroïques, Par M. Claude Paradin Chanoine de Beaujeu*. Lion, Par Ian de Tovrnes, et Gvil. Gazeav, 1557.

Paulino

*Vita Sancti Ambrosii Mediolanensis Episcopi, A Paulino Ejus Notario Ad Beatum Augustinum Conscripta*, in *Sancti Ambrosii Mediolanensis Episcopi Opera Omnia*. [...]. *Patrologiæ Latinæ Tomus 14*. Reprint, Turnholti, Typographi Brepols Editores Pontificii, 1985, cols. 27-46.

Paulus Diaconus

*Ex Recognitione Des. Erasmi Roterodami*. [...] *Paulus Diaconus*. [...]. Basileæ, Apvd Ioannem Frobenivm, 1518.

Paulo, Marco

*Marci Pauli Veneti De Regionibus Orientalibus* [...] (v. *Novvs Orbis*, 1532, pp. 330-417).

Pausânias

*Pausaniæ De Tota Græcia Libri decem* [...] *Abrahamo Loeschero Interprete*. Basileæ, Per Ioannem Oporinum, 1550.

D. Pedro (Conde)

*Livro de Linhagens do Conde D. Pedro. Portugaliae Monumenta Historica* [...]. Nova Série, volume II/1. Edição crítica por José Mattoso, Lisboa, Publicações do II Centenário da Academia das Ciências, 1980.

*Nobiliario De D. Pedro Conde De Bracelos Hijo Del Rey D. Dionis de Portugal. Ordenado Y Ilvstrado Con Notas Y Indices Por Ivan Baptista Lavaña Coronista Mayor Del Reyno De Portugal*. Roma, Por Estevan Paolinio, 1640.

Pereira, Benito

*R.P. Benedicti Pererii Valentini E Societate Iesv, Commentariorvm Et Disputationvm In Genesim, Tomi Quatuor.* [...]. Mogvntiæ, Sumptibus Antonii Hierati, 1612.

*R.P. Benedicti Pererii Valentini E Societate Iesv, Opera Theologica Qvotqvot Extant Omnia. Nvnc Primum In Germania ornatiùs & emendatiùs coniunctim in lucem edita.* [...]. Coloniae Agrippinae, Sumptibus Antonij Hierati, 1620.

Pérez de Hita, Ginés

*Historia De Los Vandos De Los Zegries Y Abencerages Caualleros Moros de Granada, de las Civiles guerras que huuo en ella, y batallas particulares que huuo en la Vega entre Moros y Christianos, hasta que el Rey don Fernando V. la gano. Agora Nuevamente Sacada de vn libro Arauigo, cuyo autor de vista fue vn Moro llamado Haben Hamin natural de Granada. Tratando desde su fundacion. Traduzida en Castellano por Gines Perez. Y corregida y emendada en esta vltima impression.* Valencia, Felipe Mey, 1613.

Perotto, Nicolao

*Cornv copiae D. Nicolai Perotti episcopi Sipontini qd est erarium latinę linguę rerūque; ac verborum fœcūdissimum, in lepidissimi epigrammatistę Martialis explanatiōē editum, vna cū ipsius Martialis epigrammatis, & nō solum foliorū, sed & versicolorum seu linearum numero, & tabula fidelissima tam foliorū q colūnarum & linearum, ad exēplar Aldinum recentius repositū, et diligētia multa excussum a solerti calcographo Magistro Petro Gromorso Campano.* Parrhisij, in ēdibus Petri Gromorsi, s/d (1543?).

Persius (Aulus Persius Flaccus)

*Juvenal and Persius.* Edited and translated by Susanna Morton Braund, Cambridge, Massachusetts, London, Harvard University Press, 2004.

Petrarca, Francesco

*Francisci Petrarchæ De Remediis vtriusque Fortunæ, Libri Dvo. Editio Quarta, prioribus longè castigatior.* [...]. s/l, Sumptibus Esaiaë le Preux, 1610.

*Il Canzoniere e I Trionfi.* A cura di Enrico Fenzi, Roma, Salerno Editrice, 1993.

Petrarca, *Lettres de la Vieillesse/Rerum Senilium*, t. IV, Paris, «Les Belles Lettres», 2006.

Petronius Arbiter

*Petronius.* With an english translation by Michael Heseltine. Revised by E. H. Warmington [...]. London, Cambridge, Massachusetts, William Heinemann, Harvard University Press, 1969.

*Picta Poesis Ovidiana. Thesavrus Prope Modvm Omnium Fabularum Poeticarum, Fausti Sabaei Brixiani, aliorumq clarorum virorum (quorum Nomenclatura Dedicationem proximè sequitur) tam Veterum, quàm Recentium, Epigrammatis expositarum. Opus Sane Lepidum, Et Argvum, lectuq in primis vtile, ac iucundum. Ex Recensione Nicolai Revsneri, Iurisconsulti, & Poëtæ Laureati.* Francoforti ad Mœnum, Per Iohannem Spiess, 1580.

Pina, Rui de

*Crónicas de Rui de Pina* [...]. Introdução e revisão de M. Lopes de Almeida, Porto, Lello & Irmão, 1977.

Pineda, frei Juan de

*Los treynta libros de la Monarchia Ecclesiastica, O Historia Vniversal del mundo, diuididos en cinco tomos* [...]. Compuestos por Fray Iuan de Pineda frayle menor de la Obseruancia. Primer volumen de la primera parte [...]. Salamanca, Iuan Fernandez, 1588.

*Tercera Parte De La Monarchia Ecclesiastica, O Historia Vniversal Del Mundo. Compuesta Por Fray Ivan De Pineda, de la Orden del Bienaventurado San Francisco.* Barcelona, Iayme Cendrat, 1606.

Pinto, Fernão Mendes

*Peregrinação de Fernam Mendez Pinto.* [...]. Escrita pelo mesmo Fernão Mendez Pinto. [...]. Lisboa, Pedro Crasbeeck, 1614.

Pinto, Fr. Heitor

*Imagem Da Vida Christam, Ordenada Per Dialogos, Como Membros de sua composição.* [...]. Compostos Polo R.P.F. Hector Pinto, da Ordem de S. Hieronymo: & per elle acrescentados nesta vltima impressam. Lisboa, Antonio Aluarez, 1592.

Platão

Plato, *Laws.* With an english translation by R. G. Bury, 2 vols., London, Cambridge, Massachusetts, William Heinemann, Harvard University Press, 1967.

Plato, *The Republic.* With an english translation by Paul Shorey, 2 vols., Cambridge, Massachusetts, London, Harvard University Press, William Heinemann, 1963.

Plato, *Timaeus* [...]. With an english translation by R. G. Bury, London, Cambridge, Massachusetts, William Heinemann, Harvard University Press, 1966.

Platina, Battista

*Battista Platina Cremonese Delle Vite de'Pontefici Dal Salvator Nostro Sino A Paolo II. Ampliato con le Historie de'Papi moderni da Sisto IV. Sino a Paolo V. scritte dal P.F. Onofrio Panvinio Veronese, da Antonio Cicarelli da Foligno, e da D. Gio. Stringa Venetiano. Con l'Annotationi del Panvinio, e con la Cronologia Ecclesiastica dello stesso: ampliata dal R. M. Bartolomeo Dionigi da Fano, e da D. Lauro Testa* [...]. Venetia, Appresso Il Barezzi, 1643.

Plautus, Titus Maccius

*Plautus.* With an english translation by Paul Nixon, 5 vols., London, Cambridge, Massachusetts, William Heinemann, Harvard University Press, 1969.

Plinius (Caius Plinius Secundus)

Pliny, *Letters and Panegyricus.* With an english translation by Betty Radice, 2 vols., London, Cambridge, Massachusetts, William Heinemann, Harvard University Press, 1969.

Pliny, *Natural History.* With an english translation by H. Rackham et al., 10 vols., London, Cambridge, Massachusetts, William Heinemann, Harvard University Press, 1961.

Plutarco

*Plvtarchi Chæronæi De Liberis educandis, primum Guarino Veronensi interprete conuersus, ac postea ad fidem Græci codicis emendatus.* Parisiis, Apud Guil. Morelium, 1558.

*Plvtarchi Chæronæi Philosophi et Historici Clariss. Opera Moralia, Quæ in hunc usq̄ diem latinè extant, uniuersa* [...]. Basileæ, Apvd Mich. Isingrinium, 1541.

*Plvtarchi Cheronei Græcorum Romanorumque Illustrivm Vitæ* [...]. Basileæ, Apud Mich. Isingrinium, 1542.

Poliziano, Angelo

*Angeli Politiani Miscellaneorum Centuria Vna.* Basileæ, Apvd Valent. Cvrionem, 1522.

Pontanus, Jacobus

*Jacobi Pontani De Societate Iesv Progymnasmatum Latinitatis, Sive Dialogorum Volumen secundum, cum Annotationibus* [...]. Editio quarta. Ingolstadii, Ex Officina Davidis Sartorii, 1591.

- Pontificale Romanum Clementis VIII. Pont. Max. Ivssv Restitutum Atque Editum. Nunc primum Typis Plantinianis emendatiüs recusum.* Antverpiæ, Ex Officina Plantiniana, Apud Balthasarem Moretum, & Viduam Ioannis Moreti, & Io. Meursium, 1627.
- Porfírio  
[*Aristotelis opera*] *Quæ in hoc uolumine continentur [...] Praedicabilia porphyrii.* [...] Venetiis, Bartholomei de Zanis de Portesio, 1507.
- Possevino, Antonio  
*Antonii Possevini Mantvani Societatis Iesv Bibliotheca Selecta De Ratione Studiorum, Ad Disciplinas, & ad Salutem omniü gentium procurandam. Recognita Novissime Ab Eodem, Et Avcta, & in duos Tomos distributa.* [...]. Coloniae Agrippinæ, Apud Ioan-nem Gymnicum, 1607.
- Possidónio  
Posidonius, *II. The Commentary: (i) Testimonia and Fragments 1-149.* I. G. Kidd (ed.), Cambridge, Cambridge University Press, 1988.
- Probus, Marcus Valerius  
*M. Valerii Probi In Vergilii Bucolica Et Georgica Commentarius* [...]. Edidit Henricvs Keil, Halis, Svmptibus Edvardi Anton, 1848.
- Procópio  
Procopius, *Buildings.* With an english translation by H. B. Dewing, with the collabora-tion of Glanville Downey, London, Cambridge, Massachusetts, William Heinemann, Harvard University Press, 1961.  
Procopius, *History of the Wars.* With an english translation by H. B. Dewing, 5 vols., London, Cambridge, Massachusetts, William Heinemann, Harvard University Press, 1971.  
Procopius, *The Anecdota or Secret History.* With an english translation by H. B. Dewing, with the collaboration of Glanville Downey, London, Cambridge, Massachusetts, William Heinemann, Harvard University Press, 1969.
- Propertius, Sextus  
Propertius, *Elegies.* Edited and translated by G. P. Goold, Cambridge, Massachusetts, London, Harvard University Press, 1990.
- Próspero d'Aquitânia  
*Chronica Trium Illustringum Avctorum Eusebii Pamphili Episcopi [...] D. Eusebii Hi-eronymi Presbyteri D. Prosperi Aquitanici Episcopi* [...]. Burdigalæ, Apud Simonem Millangium, 1604.  
*Divi Prosperi Aquitanici, Episcopi Regiensis, Opera, Accvrata Vetustorum Exempla-rium Collatione per viros eruditos à mendis pene innumeris repurgata* [...]. Coloniae, Apud Hæredes Arnoldi Birckmanni, 1565.
- Prudêncio  
*Avrelivs Prvdentivs Clemens Theodori Pulmanni Cranenbvgii, et Victoris Giselini Opera, ex fide decem librorum manuscriptorum, emendatus, et in eum, eiusdem Victo-ris Giselini Commentarius.* Antverpiae, Ex officina Christophori Plantini, 1564.  
*Avrelii Prvdentii Clementis Carmina.* Cvra et studio Mavricii P. Cunningham, Tvr-nholt, Typographi Brepols Editores Pontificii, 1966.
- Prum, Regino de  
*Conradi A Liechtenaw Vrspergensis Coenobii, Ordinis Præmonstratens.* [...] *Chroni-con* [...]. *Accesserunt huic Editioni duorum antiquissimorum Historicorum Annales, Rheginonis Abbatis Brumiensis* [...]. Argentorati, Sumptibus Lazari Zetzneri Biblio-pol., 1609.

- Psalterium Romanum Dispositum per Hebdomadam. Vna cum Hymnario.* Lvgdvni, Apud Gul. Rouillium, 1585.
- Ptolomeu  
*Geographiæ Claudii Ptolemæi Alexandrini, Philosophi ac Mathematici præstâtissimi, Libri VIII, partim à Bilibaldo Pirckheymero translati ac commentario illustrati, partim etiam Græcorum antiquissimorumq̄ exemplariorum collatione emendati atque in integrum restituti.* Basileæ, Ex officina Henrichi Petri, 1552.
- Quintilianus, Marcus Fabius  
 Quintilian, *The Orator's Education.* Edited and Translated by Donald A. Russell, 5 vols., Cambridge, Massachusetts, London, Harvard University Press, 2001.
- Ramusio, Giovanni Battista  
*Primo Volume Delle Navigazioni Et Viaggi Nel Qual Si Contiene La Descrittione Dell'Africa [...].* Venetia, Appresso Gli Heredi di Lvcanonio Givnti, 1550.
- Rangueil, Claude  
*P. Fr. Claudii Rangolii Crespeiensis-Valesii Ordinis Minimorum S. Francisci De Pavla. Commentariorum in Libros Regum. [...].* Tomvs II, Lvtetia Parisiorvm, Ex Officina Nivelliana, 1624.
- Rebelo, Gabriel  
*Informação das Cousas de Maluco, dadas ao Senhor Dom Constantino, em qe se tratam algũas novidades da natureza, e sucintamente de seu descobrimento pelos Portuguezes e Castelhanos [...] composto por Gabriel Rebello in Collecção de notícias para a História e Geografia das nações ultramarinas que vivem nos domínios portuguezes, ou lhe são vizinhas: publicada pela Academia Real das Sciencias,* tomo VI. Lisboa, na typografia da mesma Academia, 1856, pp. 143-307.
- Regiomontano  
*In Ptolemæi Magnam Compositionem, Quam Almagestum Vocant, Libri Tredecim, Conscripti a Ioanne Regiomontano Mathematico clarissimo. In quibus vniversa doctrina de cœlestibus motibus, magnitudinibus, eclipsibus etc. in Epitomen redacta, proponitur.* Noribergæ, Apud Ioannem Montanum & Vlricum Neuberum, 1550.
- Resende, André de  
 André de Resende, *As Antiguidades da Lusitânia.* Introdução, Tradução e Comentário de R. M. Rosado Fernandes, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.  
 v. *Breviarium Eborense.*  
*Historia da antiguidade da Cidade de Evora. Fecta per mestre Andree de Reesende,* s/l, s/n, 1576.  
*Libri Quatuor De Antiquitatibus Lvsitaniæ à Lucio Andrea Resendio olim inchoati, & à Iacobo Menoetio Vasconcello recogniti, atq̄ absoluti [...].* Eboræ, Excudebat Martinus Burgensis, 1593.
- Resende, Garcia de  
*Cancioneiro Geral de Garcia de Resende.* Nova edição. Introdução e Notas de André Crabbé Rocha, t. V, Lisboa, Centro do Livro Brasileiro, 1973.  
*Chronica dos Valerosos e Insignes Feitos del Rey Dom Ião II [...] per Garcia de Resende [...].* Lisboa, Antonio Alvarez, 1622.
- Révah, I. S.  
 «*Descripçam e Debvxto do Moesteyro de sancta Cruz de Coimbra.* Edição fac-símile do único exemplar conhecido, de 1541, com uma introdução por I. S. Révah», Coimbra, 1957 – Separata do *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, vol. XXIII.

- Riccio, Michele  
*Michælis Ritii Neapolitani De regibus Francorum lib. III* [...]. Basileæ, in officina Froben., 1534.
- Rhodiginus  
*Lodovici Caelii Rhodigini Lectionum Antiquarum libri XXX*. Basileæ, Per Ambrosivm et Aurelivm Frobenios fratres, 1566.
- Roman, Jerónimo  
*Republicas Del Mundo. Divididas En Tres Partes. Ordenadas Por F. Hieronimo Roman, frayle professo de la Orden de S. Augustin, y su Coronista general, natural de la ciudad de Logroño*. [...] *Tercera Parte* [...]. Salamanca, Iuan Fernandez, 1595.  
*Segunda parte de las republicas del mundo: diuididas en tres partes*. Salamanca, Diego Cosio, 1594.
- Rufus, Quintus Curtius  
*Q. Cvrtili De Rebus gestis Alexandri Magni Regis Macedonum Opvs. Accesserunt duorum in principio librorum qui hactenus desiderabantur Supplementa, & Fragmentorum restituito. Avctore Christophoro Brvno*. Antverpiæ, Apud Ioannem Belleruni, 1584.
- Rufus, Sextus  
*Sexti Ruffi Viri Consularis Epitoma De Gestis Et Assequvto Dominio Romanorum* [...]. Basileæ, Excudebat Henricvs Petrvs, 1530.
- Saavedra Fajardo, Diego  
*Idea De Vn Principe Politico Christiano Representada en cien Empresas*, [...] *Por Don Diego Saavedra Fajardo* [...]. Monaco, Nicolao Enrico, 1640.
- Sabelico, Marco Antonio  
*Marci Antonii Cocci Sabellici De Memorabilibus Factis Dictisque, Exemplorum Libri X. Præterea adiecimus Stephani Nigri fragmentum, de Helluonibus & bibacibus*. Basileæ, excudebat Henricvs Petrvs, 1533.
- Sacrobosco  
*Libellus Ioannis De Sacro Bosco, de Anni ratione, seu ut uocatur uulgò, Computus Ecclesiasticus*. Parisiis, Apud Gulielmum Cauellat, 1550.  
*Sphæra Ioannis De Sacrobosco Emendata. Eliæ Vineti Santonis scholia in eandem Sphæram, ab ipso authore restituta*. [...] *Adiunximus huic libro compendium in Sphæram per Pierium Valerianum Bellunensem, Et Petri Nonii Salaciensis demonstrationem eorum, quæ in extremo capite de climatibus Sacroboscius scribit de inæquali climatum latitudine, eodem Vineto interprete*. Coloniae, Apud Gosuinum Cholinum, 1594.
- Salisbury, John of  
 Ioannis Saresberiensis, *Policraticus*, I-IV. Edidit K.S.B. Keats-Rohan, Turnholti, Typographi Brepols Editores Pontificii, 1993.
- Sallustius (Caius Sallustius Crispus)  
*Sallust*. With an english translation by J. C. Rolfe, London, Cambridge, Massachusetts, William Heinemann, Harvard University Press, 1965.
- Sandoval, Prudencio de  
*Antigvedad dela Cividad, Y Iglesia Cathedral de Tyvy, Y De Los Obispos Que Se Save Aya auido en ella. Sacada Delos Concilios, y cartas Reales, y otros papeles, por Don Fray Prudencio de Sandoval Su Obispo, Coronista de Su Maiestad*. Braga, Fructuoso Lourenço de Basto, 1610.

*Historia De La Vida Y Hechos Del Emperador Carlos V. [...] Por el Maestro Don Fray Prudencio de Sandoval su Coronista, Obispo de Pamplona. Segvnda Parte. [...]. Pamplona, Bartholome Paris, 1614.*

*Historia De Los Reyes De Castilla Y De Leon Don Fernando el Magno, primeiro deste nombre, Infante de Nauarra. Don Sancho que murió sobre Çamora. Don Alonso sexto deste nombre. Doña Vrraka hija de don Alonso sexto. Don Alonso septimo Emperador de las Españas. Sacada de los Preuilegios, libros antiguos, memorias, diarios, piedras, y otras antiguallas, con la diligencia y cuydado que en esto pudo poner Don Fr. Prudencio de Sandoual Obispo de Pamplona. [...]. Pamplona, Carlos de Labàyen, 1615.*

Santa Maria, frei Nicolau de

*Chronica Da Ordem Dos Conegos Regrantes Do Patriarcha S. Agostinho. Primeira[-Segvnda] Parte [...]. Pello P. Dom Nicolao de S. Maria, natural de Lisboa, Conego Regravante, & Chronista da Congregação de S. Cruz de Coimbra. Lisboa, Ioam da Costa, 1668.*

Santonini, Agostino

*Viaggio al regno d'amore, Padova, Ap. Lorenzo Pasquati, 1592.*

Santos, frei João dos

*Ethiopia Oriental, E Varia Historia De Couzas notauéis do Oriente, Composta Pollo Padre Fr. Ioão dos Santos da Ordem dos Pregadores, natural da Cidade de Euora. [...]. Imprensa no Conuento de S. Domingos de Euora, Manoel de Lira, 1609.*

Saxus, Pamphilus (Panfilo Saxo)

*Pamphili saxi Poetae lepidissimi. Epigrammatum. Libri quattuor. Distichorum. Libri Duo. De Bello Gallico. De laudibus Veronae. Elegiarum liber unus. s/l, Bernardino Misinta, 1499.*

Scaligero, Giuseppe

*Ios. Ivsti Scaligeri Ivlii Cæsaris A Burden Filii Opuscula Varia Antehac Non Edita. [...]. Parisiis, Apud Hieronymvm Drovart, 1610.*

*Iosephi Scaligeri Ivli. Cæsaris F. Opus Novvm De Emendatione Temporum In Octo Libros Tributvm. [...] Lvtetiæ, Apud Mamertum Patissonium, In officina Roberti Stephani, 1583.*

*Josephi Ivsti Scaligeri [...] Isagogicorum Chronologiæ Canonum Libri Tres; In quibus Operis De Emendatione Temporum Doctrinæ totius præcepta demonstrative traduntur, ac multa præterea hactenus non vulgata docentur. Editio novissima, multifariam aucta & emendata ab ipso dum viveret Auctore. Amstelodami, Apud Joannem Janssonium, 1658.*

Scoto, Mariano

*Mariani Scoti, poetæ, mathematici, philosophi & theologi eximii, monachi Fuldensis, Historici Probatissimi, Chronica [...]. Basileæ, Apud Ioannem Oporinum, 1559.*

Sedulius

*C. Ivvenci, Coelii Sedvlii, Aratoris Sacra Poesis, Summa cura & diligentia recognita & collata, tum cum varijs editionibus, præsertim Fabriciana, tum etiam cum manuscripto codice. Lvgd., Apvd Ioan. Tornaesivm, 1588.*

Seneca, Marcus Annaeus

*Seneca, Ad Lucilium. Epistulae Morales. With an english translation by Richard M. Gummere, 3 vols., Cambridge, Massachusetts, London, Harvard University Press, William Heinemann, 1967.*

- Seneca, *De Clementia* in *Moral Essays*. With an english translation by John W. Basore, vol. I, London, Cambridge, Massachusetts, William Heinemann, Harvard University Press, 1963, pp. 356-449.
- Seneca, *De Vita Beata* in *Moral Essays*. With an english translation by John W. Basore, vol. II, London, Cambridge, Massachusetts, William Heinemann, Harvard University Press, 1970, pp. 98-179.
- Seneca, *Tragedies*. With an english translation by Frank Justus Miller, 2 vols., Cambridge, Massachusetts, London, Harvard University Press, William Heinemann, 1979.
- Servius (Servius Honoratus Maurus)  
v. Virgilius
- Sigeberto (Sigebertus Gemblacensis)  
*Rerum Toto Orbe Gestarum Chronica A Christo nato ad nostra vsque tempora. Avctoribus Evsebio Cæsariensi Episcopo/ B. Hieronymo Presbytero/ Sigeberto Gemblacensi Monacho/ Anselmo Gemblacensi Abbate/ Avberto Miræo Brvxell. Aliisq./ Omnia ad antiquos codices mss. partim comparata, partim nunc primùm in lucem edita. Operâ ac studio eiusdem Avberti Miræi, Canonici & Scholarchæ Antuerp.. Antverpiæ, Apvd Hieronymvm Verdvssivm, 1608.*
- Sigonio, Carlo  
*Caroli Sigonii Historiarvm De Regno Italiæ Libri Viginti [...]. Qui libri Historiam ab anno DLXX vsque ad MCCLXXXVI, quo Regnum interiit, & libertas Italiæ redempta est, continent. [...]. Hanoviæ, Typis Wechelianis apud hæredes Claudii Marnii, 1613.*  
*Regvm, Consulvm, Dictatorvm, Ac Censorvm Romanorum Fasti, Vna Cvm Triumphis Actis, A Romvlo Rege Vsque Ad Ti. Cæsarem, Carolo Sigonio Auctore. Eiusdem de Nominibus Romanorum liber. Venetiis, Apud Paulum Manutium, Aldi F., 1555.*  
*Historiæ Romanæ Scriptores Latini Minores, Qui Altius Exorsi, Avgustæ Historiæ Aut Viam Straverunt, aut partem eius aliquam ab vrbe condita vsque ad sua tempora breui compendio deduxerunt: Fasti Capitolini, a Carolo Sigonio suppleti, & Commentario explanati [...]. Addita Variantis scripturæ Notatio, ex optimis quibusque editionibus, scriptorumque partim veterum, partim recentiorum monumentis collecta. Adiecta etiam Græcorum, quæ citantur, interpretatio: tum rerum verborumque notabiliorum Index locupletissimus: opera Friderici Sylburgii. Tomus primus. Francofvrdi, Apud Andrea Wecheli heredes, Claudium Marnium, & Ioann. Aubrium, 1588.*
- Sylvius, Aeneas  
*Historia Bohemica. [...]. Coloniae, Apud Gothardum Hittorpiū, 1532.*
- Soarez, Cipriano  
*De Arte Rhetorica Libri tres ex Aristotele, Cicerone & Quintiliano præcipue deprompti. Authore Cypriano Soarez Sacerdote Societatis IESV. [...]. Conimbricæ [sic], Apud Ioannem Barrerium, 1562.*
- Solinus  
*Solinus de Memorabilibus Mūdi diligēter annotatus et indicio alphabetico prenotatus. Spire, 1512.*  
*C. Ivlī Solini Polyhistor, Rerum Toto Orbe Memorabilium thesaurus locupletissimus. Hvic Ob Argumenti Similitudinem Pomponii Melæ De Situ Orbis Libros Tres, Fide Diligentiaque summa recognitos, adiunximus. [...]. Basileæ, Apvd Michaelē Insignivm et Henricvm Petri, 1538.*

- Sousa, Manuel de Faria e  
*Epitome De Las Historias Portuguesas. Primero i Segundo Tomo [...]. Por Manuel De Faria I Sousa [...].* Madrid, Francisco Martinez, 1628.  
*Lusiadas de Luis de Camões Comentadas por Manuel de Faria e Sousa.* Reprodução fac-similada pela edição de 1639, 2 vols., Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1972.
- Statius, Publius Papinius  
 Statius, *Thebaid*. Edited and translated by D. R. Shackleton Bailey, 2 vols., Cambridge, Massachusetts, London, Harvard University Press, 2003.
- Stella, Erasmus  
*Erasmii Stellæ Libonothani De Borussiae Antiquitatibus* (v. *Novvs Orbis*, 1532, pp. 570-583).
- Stockhamer, Sebastian  
*Clarissimi Viri D. And. Alciati, Emblematum lib. II Nuper adiectis Seb. Stockhameri Germ. in primum librum succinctis commentariolis.* Lvgdvni, Apud. Ioan. Tornaeusium, & Guliel. Gazeium, 1556.
- Suetonius (Caius Suetonius Tranquillus)  
*Suetonius [De Vita Caesarum]*. With an english translation by J. C. Rolfe, 2 vols., London, Cambridge, Massachusetts, William Heinemann, Harvard University Press, 1970.
- Suidas  
*Vitæ Caesarum, quot & Quemadmodum Apud Svidam Inveniuntur collectæ ac simul in Latinum sermonem conuersæ. Autore Hermanno Vvitekindo [...].* Francoforti, ex Officina Petri Brubacchij, 1557.  
*Suidæ Lexicon, Græce & Latine. Tomus III.* [Cantabrigiæ, Typis Academicis, 1705].
- Surius, Laurentius  
*Commentarius Brevis Rerum In Orbe Gestarum, Ab Anno Salvitæ M. D. vsque in Annum M. D. LXXIII. Ex optimis quibusque Scriptoribus congestus, per Laurentium Svrivm Carthusianum [...].* Coloniae, Apud Arnoldum Quentelium, 1602.
- Tacitus, Cornelius  
 Tacitus [...]. *Germania*. Translated by M. Hutton. Revised by E. H. Warmington, London, Cambridge, Massachusetts, William Heinemann/Harvard University Press, 1970.
- Tarafa, Francisco  
*Franciscvs Tarapha Canonicvs Barcinonensis De Origine Ac Rebus Gestis Regum Hispaniæ* (v. *Hispaniæ Illustratæ [...]. Scriptores Varii*, 1603, pp. 518-569).
- Tarcagnota, Giovanni  
*Delle Istorie del Mondo Di M. Giovanni Tarcagnota. Le quali contengono quanto dal principio del Mondo è successo, sino all'anno 1513. Cauate da i piu degni, & piu graui autori, che abbino nella lingua Greca, ò nella Latina scritto. Parte Seconda.* Venezia, Appresso i Giunti, 1585.
- Tasso, Torquato  
*Aminta Favola Boschereccia del Sig. Torquato Tasso. Di novo corretta, & di bellissime, & vaghe figure adornata.* Venetia, Presso Aldo, 1590.  
 Torquato Tasso, *Il Forno overo della nobiltà. Il Forno secondo overo della nobiltà.* Edizione secondo l'antica tradizione a stampa a cura di Stefano Prandi, Firenze, Casa Editrice Le Lettere, 1999.

- Tavola Nella Quale Si Contengono I Nomi Antichi, Et Moderni, Delle Provincie, Città, Castella, Popoli, Monti, Mari, Fiumi, & Laghi, de'quali Monsig. Paolo Giouio ha fatto nelle sue Istorie mentione. Et di molti altri ancora, oltra quelli ricordati dal detto Monsig. Giouio. Raccolti in vno a beneficio di coloro, che si diletmano della Cosmografia, & della Istoria.* Venetia, s/n, 1608.
- Tenreiro, António  
*Itinerario De Antonio Tenreyro, que da India veyo per terra a este Reyno de Portugal. Em que se contẽ a viagem & jornada q̄ fez no dito caminho, & outras muytas terras, & cidades, onde esteue antes de fazer esta jornada, & os trabalhos q̄ em esta pelegrinação passou. Ho anno de mil & D. & vinte noue. [...].* Coimbra, João de Barreya, 1565.
- Teócrito  
*Les Bucoliques de Virgile, Précédées De plusieurs Idylles de Théocrite, de Bion et de Moschus; suivies de tous les passages de Théocrite que Virgile a imités; Traduites En Vers Français Par Firmin Didot.* Paris, Librairie de Firmin Didot, 1806.  
*Les Idylles De Théocrite, Suivies De Ses Inscriptions, Traduites En Vers Français Par Firmin Didot [...].* Paris, Typographie de Firmin Didot Frères, 1833.
- Terentius (Publius Terentius Afer)  
 Terence, *Phormio. The mother-in-law. The brothers.* Edited and translated by John Barsby, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 2001.  
 Terence, *The woman of Andros. The self-tormentor. The eunuch.* Edited and translated by John Barsby, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 2001.
- Textor, Ravisius  
*Ioan. Ravisii Textoris Nivernensis Officina [...].* [Paris], Petrus Vidouçus, 1532.  
*Officinæ Ioannis Ravisii Textoris Epitome. [...].* 2 vols., Lvgdvni, Apvd Hæred. Seb. Gryphii, 1560.
- Tibullus, Albius  
*Catullus, Tibullus, Pervigilium Veneris.* Translated by F. W. Cornish, J. P. Postgate, J. W. Mackail. Revised by G. P. Goold, London, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 2005.
- Tiraqueau, André  
*Andreæ Tiraquelli [...]. De Legibus connubialibus, & iure maritali. Ab Ipso Authore Adeo Reformata, totque ac tantis thesauris locupletata, ut non immeritò nouum opus censerì debeat.* Parisiis, Apud Odoënum Paruum, 1546.  
*Andreæ Tiraquelli Regii In Cvria Parisiensi Senatoris Commentarii De Nobilitate Et Iure Primigeniorum, Quarta hac eadêmque postrema editione, ab auctore ipso diligentissimè recogniti, & tertia ampliùs parte locupletati [...].* Lugdvni, Apud Hæredes Gulielmi Rouillij, 1617.
- Toledo, Francisco de  
*D. Francisci Toleti Societatis Iesv Commentaria, vnà cum Quæstionibus, In Vniuersam Aristotelis Logicam. [...].* Coloniae Agrippinæ, In Officina Birckmannica, 1589.
- Torsellino, Orazio  
*Horatii Torsellini E Societate Iesv, Epitomæ Historiarum Libri X. Nunc primum prodeunt.* Lvgdvni, Sumptibus Jacobi Cardon & Petri Cavellat, 1620.
- Trovas contra D. Garcia de Noronha, Vice-Rei da India Portuguesa. Paródia das Coplas de Jorge Manrique pela morte de seu pai, em códices da Biblioteca Nacional de Lisboa.* Introdução e transcrição de Rubem Amaral Jr., Lisboa, 1986 (texto policopiado).

Tyr, Guillaume de

*Incipit Historia Rerum In Partibus Transmarinis Gestarum* [...] in *Gesta Dei Per Francos, Siue Orientalium Expeditionum, Et Regni Francorum Hierosolimitani Historia A Variis, sed illius aui scriptoribus, litteris commendata: Nunc primum aut editis, aut ad libros veteres emendatis*. [...] *Tomus Primus*. Hanoviae, Typis Wecheliani, Apud heredes Ioan. Aubrii, 1611, pp. 625-1046.

Urreta, Luís O.P.

*Historia Ecclesiastica, Politica, Natural, Y Moral, De Los Grandes Y Remotos Reynos de la Etiopia, Monarchia del Emperador llamado Preste Iuan de las Indias. Muy Vtil Y Provechosa Para todos estados, principalmente para Predicadores*. [...]. *Compuesta por el Presentado Fray Luys de Vrreta, de la sagrada Orden de Predicadores*. [...]. Valencia, Pedro Patricio Mey, 1610.

Valeriano, Giovanni Piero

*Ioannis Pierii Valeriani Bellvnensis Hieroglyphica, Sive De Sacris Aegyptiorum aliarumq̄ gentium literis, Commentariorum Libri LVIII. cum duobus alijs ab eruditissimo viro annexis* [...]. Francofurti ad Moenum, Excudebat Erasmus Kempffer, 1614.

Valla, Lorenzo

*Lavrentii Vallæ de Latina elegantia Lib. VI* [...]. Parisiis, Ex officina Roberti Stephani, 1533.

*Lavrentii Vallæ Patritii Romani, De Rebus A Ferdinando Aragoniæ Rege Gestis Libri III* (v. *Hispaniæ Illustratæ* [...]) *Scriptores Varii*, 1603, pp. 727-785).

Vanegas de Busto, Alexo

*Primera Parte de las diferencias de libros que ay en el vniuerso, declaradas por el maestro Alexio Vanegas* [...]. Madrid, Alonso Gomez, 1569.

Vartema, Lodovico

*Ludovici Romani Patritii Navigationis Aethiopiae, Aegypti, utriusque Arabiæ, Persidis Syriæ, ac Indiæ intra & extra Gangem* [...]. Archangelo Madrignano interprete (v. *Novus Orbis*, 1532, pp. 187-296).

Ludovico de Varthema, *Itinerário* (Primeira tradução Portuguesa). Tradução, Prefácio e Notas de Vincenzo Spinelli. Lisboa, Edição do Instituto para a Alta Cultura, s/d.

Vasconcelos, Diogo Mendes (v. Resende, André)

Vasconcelos, Jorge Ferreira de

*Comedia Avlegrafia: Feita Por Iorge Ferreira de Vasconcellos. Agora Novamente Impressa à custa de Dom Antonio de Noronha*. [...]. Lisboa, Pedro Craesbeeck, 1619.

[Jorge Ferreira de Vasconcelos], *Memorial Das Proezas Da Segunda Tauola redonda*. [...]. Coimbra, João de Barreira, 1567.

Vaseus, Ioannis (João Vaseu)

*Chronicæ Rerum Memorabilium Hispaniæ Tomus Prior. Autore Ioanne Vasæo Brugensi humaniorum literarum in Salmanticensi Academia professore*. Salmanticae, Excudebat Ioannes Iunta, 1552.

Venosa, Riccardo

*Paolino e Polla. Pseudo-Commedia del secolo XIII di Riccardo da Venosa*. Rocco Briscese [ed.], Melfi, Tipografia Giuseppe Grieco, 1903.

Verino, Michele

*Michaelis Verini Hispani, Poetæ ac Iuvenis Doctissimi, Disticha De Moribus, Multis locis emendata, et multis versibus in verum sensum et numerum reducta. Per M. Pigner*. Parisiis, Apud Sebastianum Cramoisy et Sebastianum Chapelet, 1618.

- Verona, Paolo Emilio da (Paulus Æmilius Veronensis)  
*Pauli Æmylii Veronensis, Historici Clariss. De Rebus Gestis Francorum Libri X [...].*  
 Lvtetiæ, Parisiorvm ex officina Vascosani, 1566.
- Vicente, Gil  
*Obras Completas de Gil Vicente. Reimpressão «Fac-Similada» da Edição de 1562.*  
 Lisboa, Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1928.
- Victor, Hugo de S.  
*In hoc volumine cōtinent[ur] tractatus ifrascripti venerabilis magistri Hugonis de scō victore cāonici regularis viri doctissimi & Sanctissimi [...] Didascalon Libri septem [...].* Venet[ia], Per Iacobum pentium Leucensem, 1506.
- Victor, Sextus Aurelius  
*Sexti Avrelii Victoris Liber De Cæsaribus. Praecedvnt Origo Gentis Romanæ Et Liber De Viris Illvstribus Vrbis Romæ. Subsequitvr Epitome de Caesaribus.* Recensvit Fr. Pichlmayr. Editio stereotypa correctior editionis primæ, addenda et corrigenda iterum collegit et adiecit R. Grvndel, B.G. Teubner Verlagsgesellschaft, 1970.
- Villani, Giovanni  
*Storia di Giovanni Villani Cittadino Fiorentino, Nuouamente corretta, e alla sua vera lezione ridotta, col riscontro di Testi antichi. [...].* Fiorenza, Per Filippo, e Iacopo Giunti e Fratelli, 1587.
- Villegas, Alonso de  
*Flos Sanctorum Segunda Parte y Historia General En Que Se Escrive La Vida Dela Virgen Sacratissima madre de Dios [...]. Por el Licenciado Alonso de Villegas [...].* Barcelona, Damian Bages, 1586.
- Virgilius, Polidorus  
*Polydori Virgiliti Vrbinitis De Rerum Inventoribus Libri Octo. [...].* Lvgdvni, Apvd Ant. Gryphivm, 1586.
- Virgilius (Publius Virgilius Maro)  
*P. Virgiliti Maronis, Poetæ Mantvani Vniuersum Poema: Cvm Absoluta Servii Honorati Mauri, Grammatici, & Badij Ascensij interpretatione: Probi, & Ioannis Viuis in Eclogas allegorij [...].* Venetiis, Apud Franciscum Portam, 1610.  
*Pvb. Vergiliti Maronis Opera, quæ quidem exstant, omnia: cvm iustis et doctis in Bvcolica, Georgica, et Aeneida, Commentarijs Tib. Donati & Seruij Honorati, summa cura ac fide à Georgio Fabricio Chemnicense primò collectis & emendatis [...].* Basileæ, Per Sebastianvm Henricpetri, 1613.  
*Virgil, Eclogues. Georgics. Aeneid I-VI.* With an english translation by H. Rushton Fairclough. Revised by G. P. Goold, Cambridge, Massachusetts, London, Harvard University Press, 2006.  
*Virgil, Aeneid VII-XII. Appendix Vergiliana.* With an english translation by H. Rushton Fairclough. Revised by G. P. Goold, Cambridge, Massachusetts, London, Harvard University Press, 2000.  
*Appendix Vergiliana.* Recognovervnt Et Adnotatione Critica Instrvxervnt W. V. Clausen, F. R. D. Goodyear, E. J. Kenney, J. A. Richmond, Oxonii, E Typographeo Clarendoniano, 1975.
- Vives, Juan Luís  
*Libro llamado Instrucion de la muger christiana [...]. Traduzido agora nueuamête de Latin en Romance por Juan Justiniano criado del excelentissimo señor duque de Calabria. [...].* Çaragoça, En casa de Bartholome de Nagera, 1555.

*Vocabolario Degli Accademici Della Crusca.* [...]. Venezia, Appresso Giouanni Alberti, 1612.

Ximénez de Rada, Rodrigo

*Historia Saracenicæ, Qva Res Gestæ Muslimorum Inde A Muhammede Arabe, Vsque ad initium Imperij Atabacæi [...]. Accedit & Roderici Ximenez, Archiepiscopi Tolentani, Historia Arabum, longè accuratius, quam antè è Manuscripto codice expressa.* Lugduni Batavorum, Ex Typographia Erpeniana, 1625.

Zonaras

*Ioannis Zonaræ Monachi, qui olim Byzantij Magnus Drungarius excubiarū seu Biglæ, & protosecretarius fuit, compendium Historiarum, in tres Tomos distinctum [...].* Basileæ, per Ioannem Oporinum, 1557.

Zurita, Jeronimo

*Los Cinco Libros Primeros De La Primera Parte De Los Anales de la Corona de Aragon. Compuestos por Geronymo Çurita Chronista del Reyno.* Çaragoça, Simon de Portinarijs, 1585.



# ÍNDICE

## *Onomástico e Toponímico*

### A

- Abante 19  
Abássia 71, 251, 337  
Abderramen 458, 563  
Abel 344  
Abila 487, 567, 570  
Abimelech 161  
Abnabala 79  
Abomelique 604  
Abraamo (rei de Quíloa) 341  
Abraão/Abrão/Abram/Abraham/Habram (Patriarca) 90, 107, 108, 136, 161, 181, 182, 261, 401, 493, 621, 656, 663  
Abulense/Abulensis (v. Fernández de Madrigal, Alfonso) 136, 160, 366  
Acaia/Achaia 429  
Ácaron 560  
Acates/Achates 19, 20, 21, 24, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 38, 315  
Acaz 243  
Acciaiolo, Donato/Donatus Acciaiulus 78, 664  
Áccio 110, 305, 307, 435  
Acenheiro, Cristóvão Rodrigues 588, 589, 590, 608, 611, 616, 617, 619, 653  
Acestes 21, 30, 31  
Acia, Garcia de/Gracia 670  
Acidália/Acidalia 34, 134  
Acone 496  
Acosta/Costa 455  
Acre (v. Ptolemaida) 496  
Acronânia 306  
Actéon/Acteon 282, 283, 347  
Adão 136, 239, 402  
S.<sup>to</sup> Adelberto/Adalbertus/Adelbertus 414  
Admeto 65  
Ado/Adon de Vienne 78, 80, 436, 443, 444  
Adolos 307  
Adónis 134  
Adraga 269  
Ádria/Adria 363, 441  
Adriana/Adrianes (v. Gnosia) 173, 680  
Adriano (v. Hélio Adriano) 61, 625  
Adriano I (Papa) 79  
Adrianópolis 422  
Adriático (mar) 293, 294, 429, 431, 433  
Aeacides 18, 654, 683  
Aegaeon 94  
Aeminium 536  
Aérope (v. Europes) 645  
Aeschines 380  
Aetes 93  
Aethon 373  
Afonso (filho de D. João I e de D. Filipa de Lencastre) 679  
Afonso (filho natural de D. João I) 679  
Afonso I (rei das Astúrias), o Católico/Alonso 456, 457, 458, 468  
Afonso II (rei das Astúrias), o Casto/Alonso de Asturias 79, 80, 456, 457, 458  
Afonso III (rei das Astúrias), o Magno/Alonso 456, 457  
Afonso/Alfonso (rei de Aragão) 464, 504  
Afonso (rei de Leão), o Cego 456  
Afonso IV (rei de Leão), o Monge 457  
Afonso V/Alonso (rei de Leão e Castela) 457  
Afonso VI (rei de Leão e Castela), o da mão furada/Alonso/Alfonsus 374, 457, 486, 487, 488, 489, 505, 551  
Afonso VII (rei de Leão e Castela) 457, 512, 518  
Afonso VIII (rei de Leão e Castela) 457  
Afonso IX (rei de Leão e Castela)/Alonso 457, 553, 669, 670  
Afonso X (rei de Leão e Castela), o Sábio/Alonso 457, 590, 591, 592, 672  
Afonso XI (rei de Leão e Castela) 457, 603, 604, 607, 613, 649, 672

- Afonso Henriques (rei de Portugal)/Afonso Anriques/Alonso Henriquez/Alphonsus Henricus 5, 58, 69, 70, 76, 77, 78, 92, 112, 127, 128, 203, 204, 211, 457, 486, 489, 490, 491, 492, 493, 494, 500, 501, 502, 503, 504, 505, 506, 509, 510, 512, 513, 514, 520, 521, 523, 524, 525, 528, 530, 531, 532, 533, 534, 535, 539, 541, 544, 545, 546, 547, 548, 549, 550, 551, 553, 554, 561, 562, 563, 564, 565, 568, 572, 574, 576, 577, 579, 580, 581, 582, 583, 586, 611, 617, 641, 655, 669
- Afonso II (rei de Portugal) 544, 586, 587, 655
- Afonso III (rei de Portugal)/Alonso/Alphonsus 77, 78, 531, 589, 590, 591, 592, 595, 596, 597, 603, 611
- Afonso IV (rei de Portugal) 77, 78, 457, 598, 602, 603, 604, 610, 611, 613, 628, 629, 641, 648, 649, 672
- Afonso V (rei de Portugal) 77, 78, 458, 554, 579, 673
- Afrânio/Lucius Afranius 281, 571
- África/Africa/Aphrica 36, 37, 43, 45, 46, 48, 52, 53, 68, 70, 84, 115, 117, 133, 159, 160, 161, 181, 183, 185, 215, 306, 367, 368, 372, 373, 392, 418, 446, 449, 472, 473, 487, 530, 541, 547, 555, 559, 561, 567, 568, 569, 570, 571, 581, 608, 609, 614, 620, 664, 665
- Áfrico/Africus 18, 113
- Afrodísea 133
- Agamémnon/Agaménon/Agamemnon 28, 319, 552
- Aganipe 384, 385
- Agar 182, 493, 613, 614
- Agátocles 595
- Agenor/Agenoris 25, 330, 331, 392
- Agesilau 142
- Agila 453
- Agisimba 159
- Agostinho Irlandês (v. Pseudo-Agostinho) 160
- S.<sup>o</sup> Agostinho/Augustinho/Aurelius Augustinus 11, 12, 50, 65, 99, 122, 124, 125, 137, 156, 160, 180, 199, 205, 206, 217, 218, 254, 315, 332, 390, 406, 438, 485, 488, 510, 543, 547, 564, 569, 578, 587, 588
- Agrário 484
- Agricius, Mathias 319
- Agrigento 517
- Agripa (rei dos Judeus) 624
- Agripa júnior 624
- Agripa Sívio 434
- Agripina 482, 592
- Ags 442
- Aguilar de Campo 670
- Aiace 292
- Aiace Oleu 16
- Aiamonte/Ayamonte 449, 671
- Aichelberg, Ihoanes Kevenhiler de 12
- Aimoin 80
- Aládio 434
- Alambra 671
- Alanos (montes)/Alani 394, 395, 398, 399, 406
- Alarico/Alaricus 404, 405, 452, 453
- Alba 434
- Alba Longa/Aleba Longa 23, 56
- Albânia 429, 430, 431
- Alberto (Cardeal) 416
- Alberto Magno/Albertus Magnus 357, 364, 365, 389, 611
- Albi 240
- Álbico 679
- Albino 625
- S.<sup>o</sup> Albino 78
- Álbis/Albis 408, 409, 417, 420, 539, 540
- Alboacem 604, 616, 617
- Alboasil 566, 567
- Albojaque 562, 567, 568
- Albozady 567
- Albricus 598
- Albuquerque, Afonso de 38, 39, 47, 82, 83, 128, 253, 275, 276, 296, 297, 300, 303, 304, 316, 337, 341, 342, 353
- [Albuquerque], Gabriel/Alburcheche 465
- Albuquerque, Juan Alonso de 672
- Alcácer do Sal (v. Salacia) 479, 542, 544, 586
- Alcácer Quibir 504, 530

Alcalá de los Gazules/Alcala de los Gan-  
 zueles 604  
 Alcântara/Alcantara (v. Norba Caesarea)  
 475, 479, 671  
 Alceu 654  
 Alcheus 3  
 Alciato, Andrea/Andreas Alciatus 39, 40,  
 53, 54, 118, 132, 152, 168, 173, 175,  
 222, 313, 334, 335, 508, 665  
 Alcibiades/Alcibiades 666  
 Alcides (v. Hércules) 238, 653, 654  
 Alcimene 508  
 Alcino/Alcínoo 54, 350, 482  
 Alcmarianus, Petrus Nannius 380  
 Alcmena/Almena 85, 218, 663  
 Alcobaça 492, 521, 534, 650  
 Aldrete, Bernardo de 99, 472, 536, 537,  
 570  
 Ale, Cide 337  
 Alebale (Preste) 680  
 Alectes 19  
 Alecto 209, 215  
 Alemanha/Alemaña/Alamagna/Lamagna  
 89, 392, 400, 405, 408, 412, 413, 414,  
 417, 418, 419, 427, 436, 443, 445,  
 446, 458, 487, 601, 620, 682  
 Alemanni, Nicolò 111  
 Alenquer/Alanquer/Alancarcana/Alan-  
 quercana (v. Ierabrica) 541, 542  
 Alentejo 478, 480, 521, 542, 543, 562,  
 565, 568  
 Aleth 491  
 Alexandre (filho de Herodes) 624  
 Alexandre (irmão de Aristobulo) (v. Jon-  
 neo) 623  
 Alexandre (primo de Heliogábalo) 594  
 Alexandre (pseudomante) 412  
 Alexandre IV (Papa)/Alessandro 463, 464  
 Alexandre V (Papa) 463  
 Alexandre Magno/Alexandro/Alexander  
 Magnus 8, 40, 51, 57, 58, 64, 68, 109,  
 110, 126, 153, 211, 212, 213, 301,  
 320, 343, 377, 395, 428, 429, 491,  
 523, 584, 622, 668  
 Alexandre Páris (v. Páris) 282, 293, 397  
 Alexandria 43, 150, 301, 307, 400  
 Alexandro ab Alexandro 674  
 Aléxio Comeno 494, 495  
 Alexis I 110  
 Alfange 568  
 Alfar (v. Torre de Alfar)  
 Algarve 459, 472, 480, 563, 585, 591,  
 592, 596  
 Algarves/Algarbes 531, 563, 591, 592  
 Algeriza 616  
 Alicante 448  
 Aljubarrota/Algibarrota 77, 112, 459,  
 573, 619  
 Almeida, Francisco de 316, 329, 341, 487,  
 525, 526  
 Almeida, Manuel Pires de 72, 240  
 Almenar 669  
 Almenon 486  
 Almeria 449  
 Almerico 583  
 Alpes/Alpe/Alpi 400, 419, 420, 431, 434,  
 441, 442, 620  
 Alphisibeus 380  
 Álvares, Baltasar 285  
 Álvares, P.<sup>c</sup> Manuel 215  
 Alves, Hélio J. S. 71  
 Alvito 40  
 Amalarico 453  
 Amaltea 329, 330, 331, 333, 334  
 Amão/Aman 148  
 Amaral Jr., Rubem 148  
 Amaryllis 634  
 Amasis (rei de Egipto) 401  
 Amásis (rio)/Amiseus (v. Embs) 408, 409,  
 417, 420  
 Amata 209  
 Ambiano (v. Amiens) 442  
 S.<sup>to</sup> Ambrósio/Ambrosius 13, 155, 156,  
 335, 412, 514, 634, 652, 684  
 S.<sup>to</sup> Ambrósio/Ambrosius Autpertus 481  
 Amburg 420  
 América 221  
 Âmico 22  
 Amiens (v. Ambiano) 442, 498  
 Amílcar 620  
 Aminta 86  
 Amintas 307  
 Amorifa/Anrife 616  
 Amos 627

Ampelusa/Ampelusia 567, 570  
 Ana (rio) (v. Guadiana) 450  
 S.<sup>ta</sup> Ana 261  
 Anacreonte/Anacreon 673  
 Anaduele (v. Ararat) 560  
 Anauro 93  
 Anaxágoras/Anaxagoras 98  
 Anaximandro 244  
 Anaxímenes 244  
 Âncio/Antium 123  
 Anco Márcio/Ancus Martius 123, 435  
 Anconii, Mahamed 341  
 Andaluzia (v. Vandália) 449, 460, 472, 475, 536, 537, 538, 541, 562, 582, 591, 606, 671, 675  
 Andegavis (v. Andes; Anjou) 407  
 Andes (v. Andegavis; Anjou) 463  
 Andrade, Francisco de/Andrada 71, 602  
 Andreino, Fausto/Faustus Andrelinus 66, 600  
 Andrómaca 53  
 Anfínome 94  
 Anfíon 347  
 Anfípolis (v. Empoli) 429  
 Anfitrião 85, 218, 654  
 Anfítrite/Amphitrite 61, 230  
 Anfriso 65  
 Anghiera, Pietro d' 71  
 Angola 459  
 Angra 459  
 Anguillara, Andrea dall' 642  
 Aníbal/Annibal/Hannibal (v. Peno) 129, 301, 478, 620, 621, 664, 665  
 Anjou (v. Andegavis; Andes) 463, 464  
 Anquises/Anchises 32, 55, 132  
 Anselmo (bispo) 495  
 S.<sup>to</sup> Anselmo/Anselmus 145, 147  
 Antenor 22, 55, 291, 292, 293, 430, 431, 445  
 Anteros 133  
 Anteu/Antaeus 136, 567, 570  
 Anteu (personagem da *Eneida*) 21, 29  
 Anticlea/Anticleia (v. Antidea) 54  
 Antidea (v. Anticlea) 54  
 S.<sup>to</sup> Antídio 539  
 Antígono (filho de Aristobulo) 624  
 Antigonus (rei) 153, 668, 684, 685  
 Antíoco 623  
 Antiope 523  
 Antioquia 425, 594  
 Antípater 320  
 Antípatro 624  
 Antípatro Idumeu 623, 624, 625  
 Antístenes/Antisthenes 153  
 Anto Arménio/Aiton Arménio/Haithonus Armenus 399, 400, 425, 426  
 Antonino (Arcebispo de Florença) 426  
 Antonino Caracala/António Caracala (pai de Heliogábalo) 130, 593  
 António (v. Marco António) 110, 130, 305, 306, 307, 435, 553, 624, 648, 651, 663, 664  
 António (Prior do Crato) 478  
 fr. António 187  
 S.<sup>to</sup> António 294, 538  
 Antonio, Nicolás 486  
 António Bassiano Caracala/Antonius Bassianus Caracalla (v. Heliogábalo) 594, 652  
 Antuérpia 259  
 Apeles/Appelles 57, 125  
 Apenino/Appenin 433, 434, 441  
 Ápio Cláudio 659, 660  
 Apolo/Apollo 10, 11, 63, 64, 65, 95, 100, 129, 130, 144, 166, 274, 313, 355, 369, 379, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 397, 422, 538, 598, 642  
 Apolodoro/Apollodorus 396  
 Apolónia 422  
 Apuleio/Lucius Appuleius Saturninus 12, 57, 117, 118, 281, 284  
 Apúlia 663, 664  
 Aqueloo 333  
 Aqueronte 176, 177, 178  
 Aquiba 628  
 Aquilas 555  
 Aquilea/Aquileia 294, 411, 412, 431, 606  
 Aquiles/Achilles 14, 16, 18, 28, 29, 35, 50, 52, 53, 57, 64, 93, 95, 102, 292, 372, 642, 645, 654, 683  
 Aquilo 18  
 Aquisgran 81, 436, 437  
 Aquitânia/Aquitania (v. Guiana) 78, 442, 683

Arabato 594  
 Arábia/Arabia 119, 160, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 221, 262, 264, 276, 307, 424, 520, 558, 559  
 Aragão/Aragonia 68, 458, 459, 460, 461, 464, 465, 467, 471, 490, 491, 530, 541, 597, 670, 672, 674, 683  
 Aragão (rio)/Aragon 460  
 Aragiso 79  
 Arar 441  
 Ararat (v. Anaduele) 560  
 Aratos Soleos/Aratus de Solis 333, 557  
 Araxes 307  
 Árbaces/Arbaces/Arbactus 108, 109  
 Arbela 109  
 Árcade 557  
 Arcádia/Arcadia 86, 99, 313, 430, 434, 527, 538  
 Arcádio/Arcadius 684  
 Archemachus 94  
 Arcos, Christoval de 183  
 Arcos de Valdevez/Valdivez (v. Vila dos Arcos) 457, 503, 512  
 Arctophilax/Arctofilax/Artophilax (v. Bootes) 394, 557  
 Arctus 557, 558  
 Ardabasto/Ardavasto/Ardebasto 455  
 Árdea 660  
 Ares 62  
 Aretinus, Leonardus 320, 651, 668  
 Aretusa 383  
 Arévalo 673  
 Argamasilha 671  
 Argilopilus Byzantium 611  
 Argos/Argo (cidade de Grécia) 430  
 Argos (v. Grécia) 23, 299  
 Argos (pastor) 99  
 Argos (piloto) 94  
 Ariosto, Ludovico 4, 5, 7, 75, 284, 584  
 Ariovisto 411  
 Aristobulo (filho de Alexandre rei dos Judeus) 623  
 Aristobulo (filho de Herodes) 624  
 Aristobulo (filho de Hircano) 623  
 Aristóteles/Aristoteles 12, 57, 58, 68, 98, 104, 117, 122, 126, 132, 140, 141, 150, 155, 156, 158, 164, 179, 211, 225, 251, 254, 279, 319, 326, 361, 364, 365, 485, 488, 489, 510, 601, 602, 611, 666, 685  
 Arménia 61, 307, 425, 555, 558, 560  
 Arnolfo/Arnulphus 436  
 Aron 161  
 Arouca 675  
 Arpinas 620  
 Arpinate (v. S. Tomás de Aquino) 333  
 Arquelau (filho de Herodes Antípatro) 624, 625  
 Arquelau de Capadócia 307  
 Arrais, fr. Amador 42, 541  
 Arriano 58  
 Árrio 453  
 Arronches 531, 532  
 Arsa 294  
 Ártabro (promontório)/Artabro/Artabrus (v. Ulisiponense) 536, 537  
 Artaxerxes 652  
 Artemidoro 536  
 Ascaiorth 425  
 Ascânio/Ascanius (v. Ilo/Iulo) 23, 30, 32, 33, 34, 56, 434  
 Ascatales 395  
 Asclepiades 536  
 Ásia/Asia 26, 36, 37, 48, 61, 73, 107, 183, 309, 331, 376, 377, 393, 394, 395, 396, 399, 400, 409, 418, 419, 425, 426, 446, 494, 496, 556, 559, 560, 568, 584, 644  
 Assáraco/Assaracus 23, 299  
 Assche, Josse Bade d'/Jodocus Badius Ascensius 9, 50, 130  
 Assíria 107, 108, 605  
 Assuero 148  
 Astarot 560  
 Astarte 133, 560  
 Asterie 136  
 Astíages/Astyages 109  
 Astianacte/Astíanax 53, 91  
 Astolfo 74  
 Astoreth 133  
 Astorga/Asturica 448, 449, 500, 502  
 Astúrias/Asturias 79, 80, 448, 455, 460, 465, 468, 469, 470, 566  
 Átalo/Attalus 153, 154

- Atamante 421, 422  
 Atanagildo 453  
 Atanarico 452  
 Ataúlfo/Athaulphus 404, 452, 453, 455  
 Atenas 87, 429, 507, 508, 528, 538, 598, 654  
 Ática/Attica 429, 462  
 Ático 131, 132  
 Átila 431, 605, 606  
 Atlante (astrólogo) 96, 99, 560, 561, 569  
 Atlante (rei de Arcádia) 99  
 Atlante (rei de Itália) 99  
 Atlântico (mar) 561  
 Atlas 35, 99, 569  
 Ato/Atus 396  
 Atos (monte)/Athos 684  
 Atreu 645  
 Atrogastus 444  
 Átropos 140, 602  
 Augsburg 39  
 Augusta 414  
 Augusto/Augustus (v. Octávio, Octaviano) 55, 60, 68, 92, 93, 110, 111, 216, 269, 305, 306, 307, 385, 434, 435, 461, 462, 624, 625, 648, 651  
 Augusto/Augústulo/Augustulus 81, 110, 111, 435  
 Aulo Gélio/Aulus Gellius 106, 557  
 Áurea Quersoneso/Áurea Cresoneso/Aurea Chersoneso 47, 308, 309, 429, 430  
 Aurélio 456, 457, 458  
 Aurora 35, 82, 100, 192, 193, 221, 265, 285, 305, 306, 319, 358, 359, 372, 373  
 Ausenda 493  
 Auserim/Aserim 559  
 Ausónio/Decimus Magnus Ausonius 123, 134, 179, 180, 189, 282  
 Austrasia 490  
 Áustria/Austria 400, 415, 416, 459  
 Austro 142  
 Ave 476  
 Aveiro 402, 497, 504, 579, 623  
 Aveiro, fr. Pantaleão de 402, 497, 623  
 Aventino 434  
 Avernus 375  
 Aversa 464  
 Ávila 136  
 Ávila y Çuñiga, Luís de 451  
 Avinhão/Aviñon/Avignone 464, 681, 682  
 Avis 68, 617, 658  
 Avizela 476  
 Axarafe 566  
 Áxio (cidade) 421  
 Áxio (rio) 427, 428, 429  
 Azambuja, fr. Jerónimo de 161  
 Azambuja, Sebastião Afonso de 581  
 Azevedo, Gonçalo Correa de 617  
 Azevedo, Gonçalo Vasques de 681  
 Aznar 674
- B**
- Baal 560  
 Babel 136  
 Babilónia/Babilon/Babylon/Babylonia 57, 107, 108, 109, 110, 131, 383, 425, 519, 606, 622, 623  
 Baçaim 296  
 Bachão 223  
 Baco/Bacchus (v. Dionísio) 33, 35, 117, 118, 119, 120, 121, 131, 133, 139, 141, 147, 148, 149, 150, 170, 172, 173, 174, 195, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 217, 218, 219, 220, 231, 236, 257, 258, 264, 265, 286, 287, 386, 452, 474, 481, 483, 507, 538, 543  
 Bactra (província) 306, 605  
 Bactra (rio) 305, 306  
 Badajoz/Badalhouce (v. Busaugus, Pax Augusta) 112, 457, 503, 511, 547, 548, 549, 550, 553  
 Bagamedrí 679  
 Baía 234  
 Balarte 487  
 Balduino III 583  
 Balduino IV 583  
 Balduino (sobrinho de Balduino IV) 583  
 Balear (mar) 541  
 Baltasar (gentil-homem da casa de Alemanha) 487  
 Baltasar/Baltassar (rei de Babilónia) 109, 622  
 Báltico (mar) 406  
 Bamba (v. Wuamba) 454

Baptista/Bautista (v. S. João Baptista) 260, 262  
 Baquilides/Bachilides 601  
 Barbança (monte)/Brabanza 461  
 Barbaro, Hermolao 570  
 Barbatus, Angelus 654  
 Barcelona/Barcinona 448, 452, 461  
 Barcelos 502, 657  
 Bardulia (v. Castela) 472  
 Barlesio, Marino 430  
 Barônio/Baronius 413, 414, 494, 498, 499  
 Barreiro 269  
 Barreiros, Gaspar 40, 137, 503  
 Barreto, João Franco 1  
 Barros, João de 38, 43, 44, 46, 47, 51, 52, 68, 73, 83, 94, 138, 146, 151, 159, 164, 165, 166, 169, 183, 186, 187, 196, 205, 208, 229, 236, 251, 253, 275, 276, 296, 297, 298, 299, 302, 303, 304, 308, 309, 316, 337, 341, 342, 354, 390, 429, 476, 487, 489, 490, 502, 520, 588, 651, 677  
 Barros, João de (Doutor) 476  
 S. Bartholomæus 414  
 Bartolino, Ricardo/Ricardus Bartholinus 204, 205  
 Bártolo 629  
 Barzena (lago) 679  
 Basileia/Basilea 78, 419, 426  
 Basilicata 462  
 Basílio (imperador) 409, 500  
 Basílio Macedônio/Basilius 500  
 S. Basílio 151  
 Bassiano (v. Heliogábalos) 594  
 Beda 60  
 Beira 251, 478, 480, 546, 589  
 Beja/Baja (v. Colonia Pacensis, Pax Julia) 479, 480, 546, 565, 566, 582  
 Beja, fr. António de 298  
 Belarmino 60  
 Belchiaroc 425  
 Belém/Bethleem 496, 625  
 Belena/Belenas (v. Dan, Caesarea Philippi) 497, 498  
 Belleforesto/François de Belleforest 413  
 Bellini, Giovanni 432  
 Belo Prisco/Belus 32, 35, 107, 330  
 Belona 62  
 Belzebu 560  
 Bembo, Pietro 4, 7, 8  
 Bemioi 354  
 Bencozba 628  
 Benestarim 38  
 Bengala 310, 353  
 Benjamim/Benjamin 623, 659, 662  
 [Bento VII] (Papa)/Benedictus 492  
 [Bento XI] (Papa)/Benedito 597  
 [Bento XIII] (Papa)/Bendeto 681  
 S. Bento/San Benito 506, 545  
 Beócia/Beotica 65, 130, 134, 429  
 Beraldo, Nicolau/Nicolaus Beraldus 204, 205  
 Berberia 199  
 Berengela 471  
 Bermúdez, Jerónimo 650  
 Bermudo I (rei das Astúrias), diácono 79, 456, 457, 471, 472  
 Bermudo II (rei de Leão) 457  
 Bermudo III (rei de Leão) 457  
 Bernardes, Diogo 71  
 S. Bernardo de Claraval 156, 248, 491, 498, 521, 533, 576  
 Berni, Francesco 187  
 Beroaldus, Mateus 130, 160  
 Béroe 216  
 Beroso Caldeu/Berosus 364, 395, 450, 451  
 Bersabé/Bersabee (cidade da Terra Santa) (v. Giblim) 497  
 Bersabé/Betsabé (mulher de Urias) 661, 662  
 Bertoldo/Bertholdus Constantiensis 499, 494  
 Besançon/Bisaçon 442, 490, 674  
 Besso 552, 553  
 Betanços 470  
 Bética/Baetica 449, 450, 461, 472, 473, 474, 541  
 Bétis/Baetis (v. Guadalquivir) 460, 461, 472, 540, 541, 558, 582, 607, 671  
 Beuter, Per Anton/Beuther 673, 674  
 Biancuzzi, Benedetto/Benedictus Blancucio/Blancucio/Blanchucius 3, 136, 212, 213

Bias 218  
 Bíbrix 446  
 Billio, Jacobo/Jacques de Billy/Jacobus Billius 103, 238, 239, 676  
 Bimarano 458  
 Bireno (v. Mireno) 284  
 Birza/Byrsa 25  
 Biscaia/Biscaya/Vizcaya 448, 453, 469, 470, 588, 672  
 Bítias 35  
 Bitínia 60, 426  
 Bizâncio (v. Constantinopla) 396, 421, 422, 423, 570  
 Bizâncio, Estêvão de (v. Stephanus Byzantius/Stefano) 570  
 Blondo, Flavio/Blondus Flavius 426  
 Boa Esperança (cabo da)/Buonasperanza 13, 42, 43, 45, 46, 368, 678  
 Boa Paz (aguada da) 114  
 Bocácio, João/Giovanni Boccaccio 4, 14, 583, 631  
 Bocicas (ilha das) 269  
 Boco 307  
 Boécio/Anicius Manlius Severinus Boethius 9, 50, 89, 104, 106, 126, 340, 611, 666  
 Boémia/Bohemia 44, 400, 412, 413, 417, 420, 436, 679  
 Boiana 294  
 Boissard, Jean Jacques 239  
 Bolena, Ana 126  
 Boleslaiva/Boleslavia 413  
 Bolonha/Bononia 78, 183, 439, 589, 590, 592  
 Bolonha sobelo mar 490  
 Bonosus 412  
 Bons Sinais (rio dos) 51, 165  
 Bootes (v. Arctophilax) 394, 554, 557  
 Bordéus/Burdigala 442  
 Bóreas/Boreas 142, 310, 398, 526  
 Borgonha/Burgúndia/Burgundia 78, 90, 442, 458, 479, 489, 490, 491, 679, 683  
 Borístenes/Boristhenes 395, 398, 409  
 Borússia/Berússia/Brússia 402, 406, 407, 408  
 Botero, João/Giovanni Botero 46, 83, 294, 302, 408, 411, 418, 428, 429, 434, 437, 439, 442, 443, 445, 461, 462, 465, 466, 468, 470, 559  
 Bouza, Fernando 525  
 Braccio 464  
 Braga/Bracchara Augusta/Bracara/Brachara 346, 448, 449, 467, 469, 476, 478, 479, 480, 490, 495, 500, 501, 532, 544, 566, 589, 602, 612, 617, 649, 679  
 Bragança/Bargança 68  
 Branca (filha de D. João I e de D. Filipa de Lencastre) 679  
 Branca (filha de S. Luís, rei de França) 672  
 Branca (mãe de S. Luís, rei de França) 590  
 Branca de Borbon (mulher de D. Pedro Cruel) 672  
 Brandão, fr. António 490, 495, 512, 551, 581, 587, 589, 590, 595, 596  
 Brandimburg 436  
 fr. Brás de Braga 532  
 Brasil 71, 234, 263, 459  
 Brava 677  
 Breg/Brega 420  
 Brenta 294  
 Bressa 442  
 Bretanha/Bretaña 443, 539, 540, 625  
 Bretanha Maior (v. Inglaterra) 540  
 Bretanha Menor/Britania Minor (v. Escócia) 443, 540  
 Briareu 375  
 Briga 420  
 Briseida 95  
 Brites (filha natural de D. João I) 679  
 Brites (irmã de D. Fernando) 657  
 Brites (rainha de Portugal, casada com D. Afonso III) 590, 597, 629  
 Brites (rainha de Portugal, casada com D. Afonso IV)/Beatriz 649, 672  
 Brito, fr. Bernardo de 69, 396, 454, 455, 475, 477, 491, 503, 524, 531, 538, 544, 581, 587, 588, 589, 591, 598, 657  
 Brito, Lourenço de 304, 677  
 fr. Brocardo de Monte Sião 72, 496, 497  
 Bruno, Giordano 116  
 Bruto/Décio Bruto/Décimo Bruto/Brutus 477, 478  
 Bruto/Lúcio Júnio Bruto/Iunius Brutus/Lucius Junius Brutus 435, 661  
 Bruto/Marco Júnio Bruto 82, 306, 651  
 Bubacar 184

Bucci, Agostino 91  
 Buda 400, 416  
 Budé, Guillaume de 57  
 Bugia 604  
 Búpalo/Bupalus 122, 123  
 Bureus, Andreas 403  
 Burgos 468, 471, 668  
 Busaugus (v. Badajoz; Pax Augusta) 548  
 Busíris/Busiris 321, 322

**C**  
 Cabo Verde 459  
 Cabral, Pedro Álvares 253, 303, 304, 346  
 Caco 654  
 Çacoeja 165, 169, 197, 205, 206, 209, 216, 228  
 Cadetas 443  
 Cadix/Cadis (v. Gades) 310, 449, 675  
 Cadmo/Cadmos 65, 330, 421  
 Caecilius Balbus 344  
 Caesaraugusta (v. Saragoça) 449  
 Caesarea Philippi/Cesarea Philippi (v. Dan, Belenas) 497, 498  
 Cafarnaum 498  
 Cafraria 160  
 Caico 21  
 Caieta 493  
 Caim/Cain 344, 628  
 Caio 624, 625  
 Cairo 150  
 Caius Caesar 570  
 Calatrava 673  
 Caldea 61  
 Caldeirão, Fernam Sanches 649  
 Calecut/Calecute 51, 150, 165, 247, 303, 304, 338, 651  
 Calêncio/Elisius Calentius 381  
 Calepino, Ambrósio/Ambrogio Calepino 38, 40, 41, 50, 188, 209, 215, 265, 266, 398, 417, 420, 573  
 Cales 43  
 Calestris (v. Thalestris; Minithya) 523  
 Calíope/Calliope 64, 162, 379, 380, 381, 382, 384, 386  
 Calipso 54, 95, 97, 156, 287, 292, 319, 481  
 Calisto/Calysto (ninfa) 8, 176, 557  
 Calisto III (Papa) 464  
 Callaecia 478  
 Calmaria (v. Nannetum) 407, 408  
 Calpe (v. Gebel Tarif) 189, 486, 487, 607  
 Calpeto 434  
 Calvário (monte) 497  
 Calvo, Lain 456  
 Calybe 215  
 Cam/Cham 160, 161, 401, 526  
 Camarão (ilha de) 275, 276  
 Cambaia 47, 298, 302, 588  
 Cambalão 308  
 Cambises 109  
 Camerario 111  
 Camertes 420  
 Caminha (top.) 480  
 Caminha, Pero d'Andrade 71  
 Çamora 673  
 Campânia/Campania/Champanha 442  
 Campaspe 57  
 Cananor 303, 304, 677  
 Canas 478, 620, 621  
 Canavezes 480, 649  
 Candaules 654  
 Candia 393  
 Canente 295  
 Canete 459  
 Cangas 455  
 Cantábria/Cantabria 455, 467, 469, 470, 670  
 Capadócia/Cappadocia 307, 426, 559  
 Capeto 434  
 Capeto, Hugo 444  
 Cápis (personagem da *Eneida*) 21  
 Cápis (rei) 434  
 Capitolino (v. Júlio Capitolino) 411  
 Caracala (v. António Bassiano Caracala) 130, 593, 594, 652  
 Cardoso, Jorge 547  
 Caria 674  
 Caribdes/Caríbdis/Charybdis 54, 291, 295  
 Caríntia 416  
 Carlomannus (pai de Arnolfo) 436  
 Carlos (duque de Borgonha), o Temerário 458  
 Carlos I (imperador) (v. Carlos Magno)  
 Carlos II (rei de França) 467

- Carlos III (rei de França), o Crasso 436, 444  
 Carlos IV (rei de França) 436, 682, 683  
 Carlos V (rei de França) 420, 422, 439, 443, 457, 458  
 Carlos VI (rei de França)/Carolus 458  
 Carlos Magno/Carlo Magno/Carolus Magnus 70, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 112, 406, 414, 435, 436, 444, 456  
 Carlos Mano/Carlo Mano (irmão de Carlos Magno) 78, 79  
 Carlos V (imperador)/Carlo 89, 90, 185, 223, 301, 408, 414, 418, 420, 421, 422, 439, 443, 457, 458, 459, 679  
 Carlos (rei de Navarra)/Carolus 467, 468  
 Carmenta 434  
 Carpense, Virgílio/Virgilius Carpensis 265  
 Carpio, Bernardo del 79, 80  
 Cartagena (v. Nova Cartago) 448  
 Cartago/Karthago 15, 16, 24, 25, 135, 156, 279, 287, 311, 370, 372, 482, 665  
 Cartari, Vincenzo/Cartarius 103, 284, 313, 598  
 Carteia/Carteya 606, 607  
 Carvalho, Gil Fernandes de (séc. XIV) 617  
 Carvalho, Gil Fernandes de (séc. XVI) 2  
 Cáspia (serra) 486, 487  
 Cáspio (mar) 194, 195, 424, 487  
 Cassandra/Cazandra 17, 462, 638  
 Cássio 306, 489, 651  
 Cassiodoro/Flavius Magnus Aurelius Cassiodorus 3, 110, 315, 406, 488, 575, 576, 599  
 Castália 129  
 Castalius, Sebastianus 319  
 Castanheda, Fernão Lopes de 146, 253, 338, 339  
 Castela/Castilha/Castella/Castiella/Castilla (v. Bardulia) 68, 112, 223, 310, 448, 458, 459, 460, 470, 471, 472, 474, 475, 480, 486, 491, 495, 503, 506, 512, 513, 514, 515, 518, 530, 538, 541, 550, 551, 553, 554, 565, 589, 590, 591, 592, 597, 603, 604, 607, 609, 610, 611, 612, 615, 629, 649, 652, 655, 657, 658, 668, 669, 670, 671, 672, 674, 675  
 Castelbranco, Vasco Mousinho de 583  
 Castellà Ferrer, Mauro 458  
 Castelo Rodrigo 553  
 Castor 178  
 Castrioto, Jorge (v. Scanderbeg) 430  
 Castro, Álvaro de 155  
 Castro, Álvaro Pirez de 589  
 Castro, Fernam Roiz de/Fernando de Castro 551, 670  
 Castro, Guterres Fernandes de/Guterre Fernandez de Castro/Gutierre 669, 670  
 Castro, Inês de 629, 630, 631, 632, 633, 637, 638, 641, 645, 647, 648, 649, 650, 657, 674  
 Castro, João de 71, 82, 83, 155, 302  
 Castro, Pedro de 629  
 Castro Marinho/Castro Marin 475, 671  
 Catadí 680  
 Catalunha 670, 673  
 Cataneus, Ioannes Maria 205  
 Catarina/Caterina (rainha de Inglaterra) 126  
 Catarina de Navarra/Caterina/Catharina 466, 467, 468  
 Caterina (rainha de Suécia)/Catharina 407  
 Catulo/Caius Valerius Catullus 384, 637, 680  
 Cáucaso 559  
 Cáucasos (montes) 424  
 Cávado 476  
 Cavassio/Balthasare Chavassio/Balthasar Cavassius/Chavassius 652, 683, 684, 685  
 Cazandria 429  
 Cebes 124, 125  
 Cecrops 167  
 Cedreno/Georgius Cedrenus 425  
 Cedron 497  
 Ceifadim/Ceifadino 297, 300  
 Ceilão 2, 37, 48  
 Celim 416  
 Célio Augusto 386  
 Celo 194  
 Celorico da Beira 589  
 Cérbero 375  
 Ceres 21, 34, 133, 311, 542, 543, 601  
 César (pai de Júlio César) 81

César (v. Júlio César) 55, 70, 77, 78, 81, 82, 294, 306, 344, 411, 418, 435, 440, 442, 543, 554, 555, 571, 617, 624, 651  
 Cesarión 306  
 Céstio Floro 625, 626  
 Ceuta/Ceita/Cepta 223, 449, 487  
 Cevallerius, Ant. 101  
 Chagas (baxos das) 677  
 Chalcondylas, Laonicus 426  
 Chale 296  
 [Chaul]/Caul 46  
 Chaves 480  
 Cheiocrates 377  
 Childerico/Childirico/Childericus 444  
 Childerico III 444  
 Childoberto 453  
 China 308, 309, 459, 535  
 Chipre/Cipro/Cyprus 32, 133, 134, 538, 605, 680  
 Christianopolis 407, 408  
 Christianus (v. Cristierno) 408  
 Chromerus, Martinus/Cromerius 413, 414, 675  
 Chrysis 41  
 Cíbele 269  
 Cicarelli da Foligno, Antonio 463  
 Cícero/Marcus Tullius Cicero 10, 14, 15, 40, 66, 87, 99, 105, 106, 122, 133, 143, 147, 157, 170, 171, 179, 181, 202, 203, 206, 215, 239, 288, 325, 333, 344, 345, 347, 389, 430, 543, 553, 557, 560, 600, 620, 651, 652  
 Cid (v. Dias, Rui/Díaz de Bivar, Rodrigo) 77, 128, 456  
 Cidade Hierosólima/Ierosolima (v. Jerusalém) 494, 495, 496, 625, 627  
 Cidade Nova (v. Neapolis) 462  
 Cidno 584  
 Cifuentes 673  
 Cigno 167  
 Cila (filha de Niso) 507, 509  
 Cila/Scylla (ninfa) 21, 54, 291, 292, 295  
 Cilene (monte)/Cyllene 314  
 Cileneu/Cyllenius 312, 314, 328  
 Cilícia/Cilicia 61, 134, 307, 426, 560, 605  
 Cílix 330  
 Címbria Cresoneso/Címbrica Cresoneso 403, 406, 407  
 Cimótoe/Cymothoe 19, 231  
 Cinânia/Cinania/Cinnania/Cinginnia 476, 477  
 Cindas Vindus 454  
 Cindegundo 454  
 Cinia/Cinga 461  
 Cínipe 467  
 Cintila II 454  
 Cíntio (monte) 29, 65  
 Cintius (v. Apolo) 65  
 Cinza, P.º Diogo de 563, 565  
 Cipião 129  
 Cípria (v. Vénus) 134  
 Circe/Circes 53, 54, 55, 295  
 Ciro/Cyrus 109, 319, 622  
 Císico 580  
 Cister/Cistel 498, 503, 534, 603  
 Citânia 476, 478  
 Citera/Citere 33, 233  
 Citerea/Cytherea 23, 33, 134, 139  
 Citero 134  
 Cítia/Scythia 305, 306, 398, 399, 400, 401, 404, 405, 409, 424, 425, 541, 561, 606, 640  
 Ciudad Rodrigo 553  
 Claramonte 494, 495, 498, 499  
 Claros (montes) 569, 570  
 Claudiano/Claudius Claudianus 105, 124, 157, 171, 309, 318, 387, 405, 484, 485, 500, 517  
 Cláudio/Claudio/Claudius Caesar 555, 570, 596, 625  
 Cláudio Felix 625  
 Claudius Unimanus 113  
 Clauserus, Conradus 426  
 Clavijo 458  
 Clemente Alexandrino 167  
 Clemente VI (Papa) 464, 682  
 Clemente VII (Papa) 679  
 Cleobolo/Cleobolus 153  
 Cleópatra 42, 43, 305, 306, 307, 663, 664  
 Cleophilus 191  
 Clície 379, 383  
 Climene/Climena 166, 167, 168  
 Clío 380, 381  
 Cloanto 22, 29, 32  
 Clódio Comato/Clodio Comatus 444

Clodoberto 453  
 Clodoveu/Chlodoveus/Clodoveus Magnus 444, 453  
 Clotilda 453  
 Cloto/Clotho 125, 140, 268  
 Clunia (v. Corunha) 448, 449  
 Cneo Pompeo Strabo 555  
 Cochim/Gocin 2, 46, 151, 296, 303, 305, 341, 459, 511, 651, 676, 677  
 Cocito/Cocytus 177, 621, 626  
 Coelho, Pero 630, 649, 650  
 Cogeçofar 302  
 Coimbra 89, 128, 143, 154, 251, 261, 442, 469, 480, 491, 521, 530, 531, 532, 533, 541, 551, 553, 562, 568, 577, 579, 587, 589, 590, 598, 602, 612, 629, 630, 647, 648, 650, 658  
 Colatino 660, 661  
 Colcos/Colchis 93, 94, 508, 556, 558, 559  
 Colibre 448  
 Collenuccio, Pandolfo/Pandulfo 462, 463, 464, 465  
 Collippo 536  
 Colónia 71, 436, 437, 461  
 Colonia Pacensis (v. Beja; Pax Julia) 479  
 Colonna, Feltria 240  
 Columela 9  
 Comagena 307  
 Cómodo 68  
 Comorim (cabo) 310  
 Compostela 470  
 Congo 8, 459  
 Coniumbrica 536  
 Conon 212  
 Conrado (rei de Alemanha) 436  
 Conrado/Corrado (rei de Nápoles) 462, 629  
 Constança (duquesa de Alencastro) 672  
 Constança (filha de Henrique II de Trastâmara) 674  
 Constança (mulher de D. Pedro) 604, 629, 655  
 Constâncio (conde) 452  
 Constans (imperador) 445  
 Constantino (duque de Bragança) 342  
 Constantino Magno/Constantinus 194, 195, 396, 421, 423, 445  
 Constantino Paleólogo 426, 427  
 Constantinopla/Constantinopolis 71, 79, 111, 248, 256, 297, 396, 423, 425, 426, 427, 490, 494, 495, 584  
 Constantinus Monomachus 425  
 Cópia 333  
 Copónio/Coponius 625  
 Coracen 425  
 Corazaim 498  
 Córdova/Cordova 449, 455, 458, 464, 465, 536, 592, 669  
 Corício 129  
 Corina (istmo) 516  
 Corinto 430, 595  
 Coriolano 310  
 Cornélio Tácito/Cornelius Tacitus 418, 462  
 Cornelius Bertramus, B. 101  
 Coronho 551  
 Correa, Paio 592, 617  
 Corrego 476  
 Correia, Gaspar 146  
 Correia, Manuel/Correa 1, 70, 76, 162, 233, 393, 547, 556, 560, 619  
 Corte-Real, Jerónimo/Hierónimo 71, 72, 273, 302  
 Corunha (v. Clunia) 449, 470  
 Corvos (monte dos) 564  
 Cotte 570  
 Courcelle, Pierre 9  
 Coutinho, Lopo de Sousa (v. Sousa, Lopo de) 47, 71, 677  
 Coutinho, Manuel de Sousa 678  
 Coutinho, Tomé de Sousa 678  
 Couto, Diogo do 2, 4, 42, 43, 46, 47, 48, 129, 146, 155, 263, 276, 297, 298, 301, 302, 309, 341, 342, 511, 588, 677  
 Covilhã 679  
 Cracóvia/Carcóvia/Cracovia 395, 398, 413  
 Crangalor 338  
 Crasbeeck, Pedro 1  
 Crasto, Fernando Rõiz de 551, 670  
 Crato 478, 611, 612, 617  
 Creonte 508  
 Creta 14, 53, 331, 509, 538  
 Creúsa/Creusa 55, 56  
 S. Crisanto 535

Crises 95  
 Crísipo/Chrysippus 106  
 S. Crispim 535  
 S. Crispiniano 535  
 Cristierno/Christiernus (v. Christianus) 408  
 Cristo/Christus 8, 11, 37, 41, 48, 52, 68, 69, 70, 81, 110, 137, 139, 148, 181, 182, 185, 186, 196, 199, 200, 201, 207, 219, 235, 238, 248, 250, 260, 261, 262, 265, 335, 336, 407, 410, 412, 414, 427, 433, 491, 492, 494, 498, 503, 523, 524, 525, 528, 530, 531, 534, 539, 563, 576, 583, 611, 613, 615, 624, 627, 628  
 Cristo, José de 578  
 Cristóbal, Vicente 180  
 Cristóval (top.) 480  
 Croácia (v. Libúrnica) 431  
 Croesus 329  
 Cróia 430  
 Cromberger, Jacobo 183  
 Crotopus 167  
 Cruz, António 563  
 Cruz (ilhéu da) 114, 161, 165  
 Cruzeiro 45  
 Ctesias 94, 108  
 Cuama 269, 678  
 Cuenca 538  
 Cueva, Juan de la 4  
 Cumano 625  
 Cumas/Cumanum 462  
 Cunha, João Lourenço da 657  
 Cunha, Nuno da 296, 511  
 [Cunha], Rodrigo da/Rodrigo d'Acunha 1  
 Cunha, Tristão da 337  
 Cunhale 127  
 Cupido 33, 34, 119, 133, 159, 280, 281, 282, 289, 290, 382  
 Cupido (ao divino) 133  
 Cúrcio (médico de Clemente VII) 679  
 Cúrcio (v. Quinto Cúrcio) 58, 423, 584, 652  
 Cúrio 571  
 Çurrita, Hierónimo (v. Zurita) 80  
 Cus/Chus 160, 161  
 Cuspídio 625

Cynthia 191  
 Cytheron 130

## D

Dácia/Dacia 404  
 Dafne (personagem de *Aminta*) 86  
 Dafne/Dafnes (ninfas) 379, 382, 383  
 Daimiel 671  
 Dalché, Patrick Gautier 43  
 Dalmácia/Dalmatia (v. Sclavónia) 111, 294, 412, 429, 431  
 Damasceno (campo)/Damaceno 401, 402  
 Damasco 402  
 S. Dâmaso/Damaso 478, 493, 538  
 Damatria 656  
 Dambíá 679, 680  
 Dameneto 85  
 Damon 380  
 Dan (v. Belena) 497, 498  
 Dânia/Dania (v. Dinamarca) 402, 403, 408, 410, 413  
 Daniel/Daniel 268, 622, 641  
 Daniel, Pierre 281  
 Dante 484, 583  
 Danúbio/Danubio/Danubius 400, 408, 409, 412, 416, 417, 419, 420, 421, 422, 445  
 Daphnis (pastor) 578, 579  
 Dardânia/Dardania 369, 395, 396, 535  
 Dárdano/Dardanus 16, 99, 395, 396  
 S.<sup>ta</sup> Daria 535  
 Dario/Darius (tio de Ciro) 109  
 Dario (rei de Pérsia)/Darius 395, 518, 519, 641  
 Dario III/Darius 109, 623  
 Daulis 508  
 David 13, 161, 200, 206, 497, 614, 615, 623, 628, 659, 661, 662  
 Dédimos 508  
 Delfinado/Delphinado 442, 682, 683  
 Delfos/Delphi 129, 130, 134  
 Delgado (cabo) 676  
 Délio 65  
 Delos (ilha de) 65, 130, 538  
 Demétrio 409, 664  
 Demócrito/Democritus 66, 98, 122  
 Demódoco 387

- Demóstenes/Demosthenes 180, 214, 380, 602  
Denia 448  
Desidério 78, 79  
Deucalião/Deucalion 167, 428  
Diana 10, 29, 65, 100, 190, 191, 244, 268, 281, 282, 355, 376, 538  
Dias, Bertolameu 114, 161  
Dias, Rui/Ruy Díaz (v. Cid) 128, 456  
Díaz de Bivar, Rodrigo (v. Cid; Dias, Rui) 128  
Diaz de Haro, Lope/Lope Dias de Haro 672  
Díaz Rengifo, Juan 12  
Dídimo/Didymus 508  
Dido 24, 25, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 35, 56, 179, 180, 347, 348, 368, 369, 372, 388, 482, 665  
Dietristenus 417  
Dina 659, 663  
Dinamarca/Denemarch (v. Dânia) 408, 487, 585  
Dinis (rei de Portugal)/Diniz/Dionysio/Dionisius 457, 531, 591, 592, 596, 597, 598, 599, 600, 601, 602, 603, 655  
Diodoro Sículo/Diodorus Siculus 58, 94, 98, 108, 109, 110, 118, 160, 194, 446, 508, 569, 663  
Diógenes (imperador de Constantinopla) 425  
Diógenes Laércio/Diogenes Laertius 134, 154, 599  
Diogo o bom 551  
Diomedes (personagem da *Eneida*) 18, 28, 35, 52, 586  
Diomedes (rei de Etólia) 372  
Diomedes de Trácia 321, 322  
Dion Cassius Nicaeus 58, 60, 411  
Dione 133, 134, 270, 278  
Dionísio (pai) 595  
Dionísio (filho) 595  
Dionísio/Dionysius/Dyonisius (v. Baco) 118, 452, 474  
Dionísio Areopagita 602  
Dionysius Carthusianus 366  
Dionísio de Halicarnasso/Dionísio Halicarnássio 56, 130, 434, 435, 654  
Diopea 17  
Dioscórides 75, 345  
Dite 178  
Diu 46, 47, 71, 83, 155, 296, 297, 300, 301, 302, 316, 677  
Dolce, Ludovico/Ludovicus Dolcis/Ludovicus Dulcis 4, 5, 6, 7, 8  
Domiciano 329  
Domício 555  
Domício (bisavô de Nero) 592  
Domício (pai de Nero) 593  
S. Domingos 269, 682  
Don (v. Tanais) 395  
Donaisinge/Doneschingen 419, 420  
Donato/Aelius Donatus 67, 265, 266  
Doríforo 593  
Dóris/Doris 120, 121, 231, 383  
Douro/Duero/Durius 448, 469, 474, 475, 476, 477, 479, 480, 536, 541, 671  
Drusila 625  
Druso 419  
Duarte (rei de Portugal) 458, 489, 586, 679  
Duas Irmãs (ilhas) 677  
Dulíquio/Dulichium 52, 53  
Durazo/Durazzo 428, 429  
Dynamene 231
- E
- Eba 455  
Ebro (v. Ibero) 422, 461, 541, 670  
Eburobrittium 536  
Éccio 431  
Ecco 152, 580  
Ecija 449  
Edel (v. Volha) 410  
Éfeso 133, 376  
Egeu (mar) 395, 422, 428, 430  
Egeu (rei de Atenas) 508, 654  
Egica 455  
Egina 557  
Eginhardus 80, 81  
Egínio/Aeginus/Eginus (v. Higino) 396, 557  
Egipto/Egito/Egypto/Aegyptus 42, 43, 45, 91, 110, 136, 159, 160, 167, 183, 184, 243, 306, 307, 322, 392, 400, 401,

525, 555, 556, 558, 583, 621, 622,  
 654, 663, 679, 680  
 Egnácio, Baptista/Giovanni Baptista Ci-  
 pelli/Ioannes Baptista Egnatius 185  
 Elb (v. Álbis) 420  
 Electra 16, 99, 395  
 Eliano/Elianus/Claudius Aelianus 133,  
 153, 180, 293  
 Elias/Helias 260, 560  
 Eliseu 260, 534  
 Elísios (campos) 330, 398  
 Elpenor 54  
 Elvas 1, 542, 544, 595  
 Emanuel (v. Manuel, rei de Portugal) 128,  
 458, 489  
 Emátia/Emathia (v. Macedónia) 561  
 Emátio (campo) 561  
 Embs (v. Amásis) 420  
 Emílio/Paolo Emilio da Verona/Paulus Ae-  
 mylius Veronensis 78  
 Empoli 429  
 Empúrias 448  
 Emúlio 433, 434, 640  
 Encélado 102, 375  
 Endímion 168  
 Eneas/Eneias/Aeneas 14, 18, 19, 20, 21,  
 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32,  
 33, 34, 38, 51, 55, 56, 76, 77, 99, 102,  
 118, 132, 135, 141, 156, 176, 178,  
 180, 202, 212, 269, 287, 291, 292,  
 293, 294, 295, 297, 305, 311, 315,  
 318, 320, 368, 369, 372, 375, 379,  
 388, 434, 445, 482, 493, 609, 665,  
 674  
 Eneas Sílvio 434  
 Eneas Vico 673  
 Eneo/Oeneo/Oeneus 172  
 Ênio/Quintus Ennius 3, 10, 127, 163, 302,  
 493  
 Ennius Arista 467  
 Entre Douro e Minho/Entre-Dour-a-Mi-  
 nho/Antre Dour-a-Minho/Entre Duero  
 y Miño 448, 456, 469, 476, 477, 478,  
 480, 506, 521, 534, 535, 538, 596, 602  
 Eólia 17, 53  
 Êolo/Aeolus (rei dos ventos) 17, 18, 19, 53,  
 369, 397, 543  
 Êolo (rei de Tebas) 421  
 Eos (v. Aurora) 319, 352  
 Eous 373  
 Épafo 166, 322  
 Epaminondas 203, 571  
 Epicurus 385  
 Épiro 306, 307, 429, 430, 431  
 Er 177  
 Erasmo/Erasmus Roterodamus 293, 404,  
 684  
 Érato/Erato 379, 380, 381  
 Ericina (v. Vénus) 133, 285  
 Ericínia 134, 285  
 Erictónio 396  
 Erídano (v. Faeton) 167, 168  
 Eringius 454  
 Ervígio (v. Eurigo) 455  
 Eryx 31  
 Escândia/Escandia/Escancia (v. Godlandia)  
 402, 405  
 Escandinávia/Escandinavia/Scatinavia  
 402, 403, 404, 405, 408  
 Esclavónia (v. Sclavonia) 151  
 Escócia 540  
 Esculápio 382  
 Éson 93, 94  
 Esopo 13  
 Espanha/España/Spagna 4, 12, 43, 80, 138,  
 301, 371, 396, 400, 416, 443, 447,  
 448, 450, 451, 452, 453, 454, 455,  
 458, 459, 460, 461, 464, 466, 467,  
 469, 470, 471, 472, 473, 474, 475,  
 478, 480, 486, 487, 492, 495, 502,  
 525, 536, 537, 541, 542, 564, 566,  
 568, 570, 586, 589, 593, 601, 604,  
 607, 608, 612, 614, 619, 625, 669, 682  
 Espichel (cabo) 269  
 Esporo 593  
 Estácio Papínio/Publius Papinius Statius  
 38, 49, 189, 190, 193, 218, 245, 313,  
 320, 358, 359, 556  
 Estaço, Gaspar 42, 68, 474, 476, 477, 478,  
 489, 493, 503, 509, 510, 530, 536, 602  
 Estáfílo/Staphylus 172  
 Estagirita (v. Aristóteles) 98, 132, 326  
 Este (rio) 476  
 Ester/Hester 148

- Estêvão (Mestre) 564  
 S.<sup>o</sup> Estêvão/Sanctus Stephanus 201  
 Estêvão de Bizâncio/Stephanus Byzantius 570  
 Estige 178  
 Estígia (lagoa)/Strygia paludis 166, 177, 178, 626  
 Estrabão/Estrabo/Estrabon/Strabon/Strabone/Strabo/Strabus 42, 45, 87, 118, 129, 130, 221, 293, 294, 377, 417, 423, 428, 429, 471, 472, 474, 508, 522, 536, 537, 555, 559, 606, 607, 609, 675  
 Estrela (serra da) 477  
 Estremadura (província de Castela) 449, 475, 671  
 Estremadura (província de Portugal)/Extremadura/Extrema Duris 480, 541  
 Etelredo de Inglaterra/Ethelredus 407  
 Ethelberdus 407  
 Etienne, Charles 398, 417, 420, 428, 445, 556, 570  
 Etienne, Henri/Henricus Stephanus 50, 319, 578  
 Etiópia/Ethiopia/Aethiopia 43, 158, 159, 160, 161, 167, 175, 262, 306, 337, 526, 556, 605, 677, 678, 679  
 Etna 102  
 Etólia 333  
 Etruria 395, 433  
 Eudoxo de Cízico/Eudoxo de Sítico 42, 43  
 Eufrates 61, 136, 560  
 Eugubinus 366  
 S.<sup>ia</sup> Eulália 475  
 Euriale 569  
 Euríalo/Eurialus 516, 647  
 Eurico 453  
 Eurídice/Eurydice 386  
 Eurigo (v. Ervígio) 455  
 Eurínome 383  
 Eurípides/Eurípedes 104, 255, 482, 508, 611, 656  
 Êurito 664  
 Euro/Eurus 18, 19, 24, 26  
 Europa (amada de Júpiter) 65, 329, 330, 331, 334, 392, 393  
 Europa (continente) 26, 39, 43, 70, 71, 75, 151, 188, 191, 197, 294, 296, 298, 301, 307, 347, 348, 349, 374, 391, 392, 393, 394, 395, 397, 398, 399, 400, 405, 409, 416, 419, 422, 425, 430, 443, 447, 450, 462, 473, 487, 502, 523, 559, 568, 584  
 Europes (v. Aérope) 645  
 Eurota 29  
 Eusébio Cesariense/Eusebius Pamphilus Caesariensis 3, 56, 65, 103, 107, 108, 109, 167, 401, 406, 570, 625  
 Euterpe/Eutrephe 380, 381  
 Eutrópio/Flavius Eutropius 60  
 Evandro 269, 434, 600, 646  
 Evérgetes II/Evergente 42, 43  
 Évora (v. Julia Liberalitas) 137, 269, 467, 478, 479, 480, 503, 533, 538, 544, 545, 546, 565, 604, 612, 679  
 Ewbank, W. W. 40  
 Ezequias 244  
 Ezequiel/Ezechiel/Hiezechiel/Iequesehel 103, 259, 572, 622
- F**  
 Fábio Máximo 620  
 Fabro, Iacobo 262  
 Faeton/Faetonte/Phaeton 98, 166, 167, 168, 170, 175  
 Faetusa 54  
 Fálaris/Phalaris 517, 594, 595  
 Fanoria 522  
 Faorte 307  
 Faramundo/Faramundus/Pharamundus 443, 444  
 Faria, Manuel Severim de 1, 240, 530, 535  
 Faros (ilha de) 293  
 Farsálios (campos) 555, 561  
 Faselos 624  
 Fásis/Faso/Phasis 51, 94, 410, 554, 556, 558  
 Fátima (filha de Maomet)/Fatoma 184  
 Fátima Tunecia (rainha de Marrocos)/Fatema 616  
 Fauno 434  
 Favila 455, 456, 457, 469, 470  
 Fazio, Bartolomeo 238  
 Fé 23  
 Febo/Phoebus 24, 62, 64, 65, 189, 190, 244, 334, 381, 383, 384, 473

Febo, Francisco 467  
 Feira 506  
 Felicitas Julia (v. Lisboa) 479  
 Felipa de Lencastre (rainha de Portugal) 679  
 Felipe (duque de Borgonha) 458  
 Felipe (filho de Herodes Antípatrio) 624  
 Felipe II (rei de Espanha)/Filipe II/Philippus 81, 90, 416, 443, 457, 458, 459, 474, 477, 525  
 Felipe III (rei de Espanha)/Filipe III 154, 459, 486, 611  
 Felipe IV (rei de Espanha) 460, 464  
 Felipe Augusto (rei de França) 584, 590  
 Felipe o Belo/Felipe de Áustria 458, 459  
 Felipe o Bom 491  
 Felipe o Crespo 590  
 Felipe Pulcro 467  
 Fenícia 25, 292, 330, 331, 451, 594  
 Ferdinandus (filho de Frederico, rei de Nápoles) 465  
 Fernan Nuñez 77  
 Fernandez, Domingos 1  
 Fernández de Córdova, Francisco 536, 537  
 Fernandez de Córdova, Gonçalo/Gonçalo Fernandes de Córdova/Cunsalvo Ferrante/Gonsalvus 464, 465  
 Fernández de Madrigal, Alfonso (v. Abulense) 136  
 Fernando (capelão de D. Matilde) 564  
 Fernando (filho de D. João I e de D. Filipa de Lencastre), o Santo 679  
 Fernando (rei de Espanha), o Católico/Ferdinando/Ferdinandus 75, 458, 459, 461, 464, 465, 466, 467, 468, 471, 487  
 Fernando I (rei de Leão e Castela) 457, 471, 472  
 Fernando II (rei de Leão e Castela) 457, 551, 553, 554, 669, 670  
 Fernando III (rei de Leão e Castela), o Santo 589, 675, 679  
 Fernando (rei de Portugal) 92, 629, 654, 655, 656, 657, 658, 663, 667  
 Fernando/Ferdinando (irmão de Carlos V) 185, 418, 422, 423  
 Ferónia 99  
 Ferrara 434, 462  
 Ferreira 617, 630  
 Ferreira (rio) 476  
 Ferreira, António 71  
 Fesulano (monte) 405  
 Fez 165, 205, 563  
 Ficino, Marsilio 66  
 Fidia 284  
 Fidlandia 405  
 Figueiró, D. Pedro/Pedro Figueroa/Petrus a Figuero 161, 627, 639  
 Filadelfo 307  
 Filipe (irmão de Herodes Tetrarca) 498, 624  
 Filipe Arideu 109  
 Filipe de Macedónia/Felipe/Filipo 57, 211, 320, 423, 428  
 Filipos (campos) 561  
 Filo/Philo Iudaeus 3, 156  
 Filoctete 52  
 Filomena/Filomela/Philomela 507, 508  
 Finisterra (cabo) 537  
 Finlândia 403  
 Finmárquia 416  
 Flandres/Flandes/Frandes/Fiandra/Flandria 71, 79, 415, 416, 442, 443, 458, 467, 471, 491, 499, 537, 585, 601, 683  
 Flávio Josefo/Josephus 3, 133, 160, 623, 624, 625, 626  
 Flegetonte 177  
 Flora Laurência/Larência/Larentia/Laurentia 62, 329, 330, 331, 332, 334  
 Florença/Fiorenza 7, 204, 426, 464, 682  
 Florido Sabino, Francisco 63, 312, 313  
 Floro (v. Céstio Floro)  
 Floro (v. Lúcio Floro)  
 Fócides/Phocis 130  
 Focílides/Phocilides 151  
 Fócio 180  
 Fonseca, Pedro 132  
 Fonte Rábia/Fonte Rabia/Fons Rapidus 448  
 Fontibre 670  
 Forbus 49  
 Forco 295, 569  
 Forjaz, Pedro 675  
 Fradejas Lebrero, José 672  
 Fradique/Fadrique (Mestre de Santiago) 672

- Franca Conteadá 442  
 França/Francia 63, 69, 70, 76, 77, 78, 79, 81, 185, 269, 297, 301, 400, 405, 417, 419, 431, 436, 440, 441, 442, 443, 444, 445, 446, 448, 453, 456, 458, 464, 465, 466, 467, 468, 472, 478, 479, 490, 498, 499, 530, 538, 555, 584, 589, 590, 593, 599, 624, 674, 675, 682, 683  
 Francfurt/Francfort 71, 436  
 Francisco (Prior de S. Vicente) 528  
 fr. Francisco 276  
 S. Francisco 587  
 Francisco I (rei de França)/Francisco Valois 63, 185, 297, 301, 525  
 Franciscus 465  
 Franco, Nicolo 635  
 [Frederico]/Federico Barbaroxa 583, 584  
 Frederico II (imperador) 462, 463  
 Frederico III (imperador)/Federico 458, 487  
 Frederico/Fridericus (rei de Nápoles) 464, 465  
 Frederico (rei de Sicília) 465  
 Freitas, Martim de 589  
 Frígia/Frigia/Phrygia 21, 395, 396, 397, 642, 643  
 Frigiderno/Fridigernus 404, 405  
 Frigartil 412  
 Frísia 585  
 Frixo 93, 421, 422  
 Froila 468  
 Fruela 456, 457, 458  
 Fruela II 456, 457  
 Ftias/Phtias 23, 299  
 Fuas (v. Roupinho, Fuas) 75, 76  
 Ful/Phul 108, 109  
 Fulgêncio/Fulgencio 673  
 S. Fulgêncio/Fulgentius 201  
 Fulgoso, Baptista 468  
 Fúlvia 307  
 Funchal 459  
 Furius Victorinus 412
- G**  
 Gabaa 662  
 S. Gabriel 51
- Gades (v. Cadix) 449  
 Gades (ilha de) 675  
 Galácia 307  
 Galalon 80  
 Galba 91, 593  
 Galene 281  
 Gália/Gallia 72, 76, 78, 269, 411, 417, 418, 420, 440, 442, 443, 444, 445, 446  
 Gália Narbonense/Gallia Narbonensis (v. Lenguadoc) 442, 452, 624  
 Galilea 584, 624  
 Galilei, Galileu 116  
 Galileu (mar de) 498  
 Galiza/Galizia/Galicia/Gallitia/Galacia 448, 468, 469, 470, 471, 478, 479, 480, 502, 506, 542, 550, 551, 553, 554, 586, 648, 675  
 Galvão, Duarte 204, 489, 490, 491, 492, 494, 501, 502, 503, 506, 509, 511, 518, 520, 521, 522, 523, 532, 533, 550, 562, 563, 567  
 Gama, Francisco da 678  
 Gama, Vasco da 38, 44, 51, 76, 120, 128, 129, 162, 165, 166, 169, 170, 171, 178, 180, 189, 195, 197, 206, 218, 221, 222, 228, 229, 232, 235, 236, 246, 247, 250, 253, 257, 266, 274, 275, 278, 280, 287, 298, 304, 317, 318, 327, 328, 338, 339, 343, 344, 345, 362, 363, 364, 366, 368, 370, 371, 374, 379, 387, 390, 481, 482, 483  
 Ganges/Gange 72, 183, 184, 310  
 Ganimedes/Ganymedis 16, 673, 674  
 Garajaus (baxos dos) 677  
 Garcia (rei de Leão)/Gracia 456, 457  
 García Hernán, Enrique 81  
 Garibay e Çamalloa, Estevan/Estêvão Garibay 79, 81, 261, 403, 405, 452, 453, 457, 458, 459, 466, 471, 472, 474, 486, 490, 493, 502, 524, 553, 554, 587, 591, 592, 604, 607, 625, 669, 670, 671, 672, 674, 675  
 Garizin 623  
 Garona/Garuna 440, 441, 442  
 Garza, Thedor/Teodoro Garza/Teodoro Gaza 426  
 Gasconha (v. Vascónia) 442, 443

Gaspar (arcebispo de Goa) 342  
 Gate 676  
 Gaza de Palestina 559  
 Gebel Tarif 607  
 Gedeão/Gedeon 622  
 Genebrardo/Genebrardus 408, 435, 458, 492, 498, 499  
 Génova/Genova 167, 434  
 Gerês (v. Jarez) 477  
 Gerhardus, Johannes 239  
 Germânia/Germania 72, 413, 417, 418, 420, 421, 436, 458  
 Germanicus 570  
 Germanicus/Claudius Caesar Germanicus 333  
 Gertigos 454  
 Gesalarico 453  
 Gethsemani 199  
 Gias 22, 32  
 Giblim (v. Bersabé) 497  
 Gibraltar (Estreito de)/Gibaltar (v. Gebel Tarif) 45, 54, 449, 450, 487, 570, 604, 606, 607, 619  
 Gilesa 492  
 Gion (monte) 497  
 Giraldo 544, 545, 546  
 Giulio II (Papa) 466  
 Glauca (filha de Creonte) 508  
 Glauce (ninfa) 231  
 Glauco (amante de Cila) 295  
 Gnosida (v. Adrianes) 173  
 Gnosna/Gnesna 413  
 Goa 2, 46, 47, 253, 269, 296, 297, 302, 303, 459  
 Gócia/Gothia 399, 403, 404, 405, 408  
 Godfredo de Bulhão/Gofredo/Gotfredo/Godefridus Bilonius 425, 494, 498, 499  
 Godlandia 405  
 Godolias 622  
 Góis, Damião de 42, 71, 128, 165, 183, 196, 197, 205, 257, 269, 275, 276, 303, 304, 308, 338, 340, 362, 489, 490, 491, 535  
 Góis, Gonçalo Vaz de 304  
 Golias 614  
 Gómez de Tapia, Luís 1  
 Gonçalves, Gonçalo 668  
 Gonçalves, Mudarra 669  
 González, Fernam (filho de Gonçalo Nunes) 456, 674  
 Gonçalves, Álvaro 681  
 Gonçalves, Álvaro (meirinho-mor) 630, 649, 650  
 Gonçalves, Antão 487  
 Gonçalves, Fernão 546  
 Gondemiro 453  
 Górdio (monte) 560  
 Gordon, James/Jacobo Gordonio/Gordónio Lesmoreo/Gordónio Scoto/Jacobus Gordonius 56, 76, 80, 81, 107, 108, 109, 110, 111, 167, 182, 407, 408, 412, 413, 414, 417, 425, 429, 432, 435, 436, 442, 443, 444, 452, 453, 454, 458, 465, 467, 468, 492, 495, 625, 675  
 Górgonas (ilhas)/Górgodas 569  
 Gouvea, Francisco Velasco de 504  
 Gouveia, fr. António de 187  
 Grade 512  
 Granada/Granata/Grada 185, 449, 460, 472, 487, 604, 605, 612, 615, 616, 618, 619, 672  
 Grécia/Graecia 18, 51, 53, 94, 142, 183, 293, 384, 396, 397, 400, 423, 427, 428, 429, 430, 434, 446, 479, 481, 537, 538, 580, 586, 654, 666  
 Gregório Magno/S. Grégoire/Gregorius Magnus 13, 106, 136, 150, 156, 248, 344, 438, 634  
 Gregório V (Papa) 436  
 Gromorsus, Petrus 251  
 Guadalquivir (v. Bétis) 472, 541, 566, 671  
 Guadiana (v. Ana) 449, 450, 474, 475, 476, 602, 671  
 Guardafu (cabo) 337  
 Guardiola, fr. Juan Benito/frei João Benito 459, 673, 674, 675  
 Guarino, Battista/Battista Guarini 333, 665  
 Guevara, fr. Antonio 59  
 Guaiana/Guiana (v. Aquitânia) 442, 674  
 Guido (conde de Vernol) 491  
 Guido Lusinhano 583, 584

- Guilherme de Longa Espada/Guilhelmo 539, 583  
 Guilherme, bispo de Tiro (v. Tyr, Guillaume de)  
 Guimarães 476, 477, 478, 493, 500, 505, 506, 513, 538, 602  
 Guiné 165, 186, 354, 368, 487  
 Guipúscoa 448  
 Gusmão, Leonor de/Leonor (v. Nunes, Leonor) 457, 604, 608  
 Gusmão, Pedro Nunes de 649  
 Guterres, Paio 532
- H**
- Há (rio) 442  
 Hades 54  
 Hali 184  
 Haliacmon 428  
 Halicarnasso/Halicarnássio (v. Dionísio de Halicarnasso)  
 Halichamasi/Halichabasi 566, 567  
 Hamar/Aumar 184  
 Hamaxóbios (montes) 406  
 Hamed 520  
 Harpálice de Trácia 24  
 Haymo d'Auxerre 50  
 Hebal 623  
 Hebe 16, 96, 157  
 Hebro/Hebreo 24, 428, 429  
 Hebron 402, 496  
 Hécate 65  
 Hécuba 293, 642  
 Hegesias 94  
 Heitor/Hector 18, 29, 35, 53, 91, 318, 372, 642  
 Hele/Heles 421, 422  
 Helena 33, 55, 282, 293, 396, 397, 659  
 Helesponto/Helispono/Hellespontus 394, 395, 421, 422  
 Hélia Ádria/Aelia/Haelia 625  
 Helice 441  
 Hélicon/Helicon 65, 130, 379, 598, 601  
 Hélio Adriano/Helios Adrianus 61, 625  
 Heliogábal/Hélio Gabalo (v. António Bassiano Caracala) 592, 593, 594  
 Hélios 168  
 Hemo (monte)/Haemus 421, 423, 561  
 Hemor 663  
 Henricus Borbonius 76  
 Henricus Sanctus 492  
 Henrique (cardeal) 128, 492  
 Henrique (conde)/Anrique/Enrique/Hamrique/Henricus 486, 487, 489, 490, 491, 492, 493, 494, 495, 498, 500, 501, 502, 503, 505, 506, 525, 551, 591, 674  
 Henrique (infante) 42, 44, 48, 487, 679  
 Henrique (rei de Alemanha) 436  
 Henrique I (rei de Castela) 457  
 Henrique II (rei de Castela) 457, 655, 672, 674  
 Henrique III (rei de Castela) 459  
 Henrique IV (rei de Castela) 68, 459  
 Henrique II (rei de França) 443  
 Henrique VIII (rei de Inglaterra) 126  
 Henrique XIII (rei de Navarra) 467  
 Henrique (rei de Sicília)/Enrico minore 462, 463  
 Héracles (v. Hércules) 133  
 Heraclum 559  
 Heraclio/Heraclius 182, 415  
 Hércules/Hercules (v. Héracles) 10, 14, 51, 52, 159, 178, 295, 313, 322, 331, 332, 333, 372, 375, 393, 446, 450, 481, 487, 538, 569, 570, 600, 654, 659, 663, 664  
 Hércules d'Este 462  
 Hércules (Colunas de)/Herculeas metas 487, 570  
 Hermes (v. Mercúrio) 156, 312  
 Herminias (montañas) (v. Hermínios) 477  
 S. Herminigildo 453  
 Hermínio Menor (monte) 477  
 Hermínios (montes) 477  
 Hernandez Coronel, Alonso 671  
 Hernandez de Velasco, Gregorio/Greg. Hernandez/Gregorio Fernández de Velasco 261, 428, 441  
 Hérocles 481  
 Herodes (filho de Herodes Antípatro) 624, 625  
 Herodes Antípatro 307, 498, 624  
 Herodes Ascalonita 624  
 Herodias 624  
 Heródoto 42, 394, 519, 654  
 Hesíodo/Hesiodus 119, 136, 319, 345, 552, 553, 569

Hespanha 4, 40, 45, 59, 78, 80, 120, 136, 198, 236, 371, 392, 404, 434, 442, 446, 447, 448, 450, 451, 452, 453, 459, 460, 487, 538, 555, 571, 598, 604, 617, 619, 649, 650, 653, 670  
 Hespanha Citerior 448, 460  
 Hespanha Ulterior/Espanha Ulterior 448, 449, 450, 473,  
 Hespéria/Hispéria/Hesperia (v. Itália) 30, 31, 311, 349, 371  
 Hespéria Última (v. Espanha) 371  
 Hespero 261  
 Heudo 674  
 Híadas 35  
 Hiampeo 129  
 Hieremias 201, 639  
 Higino/Higínio/Hyginius/Caius Iulius Hyginus (v. Egínia) 396, 549, 557  
 S.<sup>to</sup> Hilário 264  
 Hilhorst, Anthony 402  
 Himineu 386  
 Hiparco de Rodes/Hipparchus 243, 557  
 Hiperbóreos (montes)/Hyperborei 394, 395, 397, 398, 399, 450, 501  
 Hiperiónio/Hiperión/Hyperion/Hepiriónio 192, 193, 194  
 Hipocrene 62, 64, 65, 130  
 Hipodamia 645  
 Hircano (filho de Alexandre rei dos Judeus) 623, 624  
 Hircano (filho de Simão) 623  
 Hircínia (montanha) 408, 411  
 Hircínio (Bosque)/Silva Hircínia/Hercynia/Ercínia 409, 411, 415  
 Hirom 133  
 Híspalis (v. Sevilha) 449  
 Hispania 72, 113, 185, 446, 451, 453, 454, 461, 466, 475, 479, 536  
 Hespéridas/Hispérides/Hespéridas 368, 372  
 Hespério/Hespério 189, 245, 368  
 Holanda 127, 419, 585  
 Homem (rio) 476  
 Homero/Homerus 3, 4, 9, 11, 12, 14, 37, 38, 50, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 63, 75, 76, 95, 96, 97, 102, 119, 122, 140, 143, 149, 156, 157, 158, 160, 174, 178, 189, 246, 248, 287, 291, 292, 295, 312, 313, 315, 316, 319, 347, 350, 375, 385, 387, 388, 482, 536, 552, 618, 656  
 Honória 606  
 Honório/Honorio/Honorius Augustus 137, 138, 171, 318, 405, 452, 453, 500, 606, 684  
 [Honório] (Papa)/Onorio 185  
 Horácio/Quintus Horatius Flaccus 3, 9, 41, 85, 86, 91, 123, 134, 144, 147, 172, 216, 271, 340, 341, 347, 348, 354, 375, 381, 385, 386, 501, 559, 655  
 Horapollo 334  
 Horóstrato 376, 377  
 Huesca 461  
 Hugo (irmão del Rei de França) 499  
 Hugo Capeto 444  
 Hungria/Hungaria 90, 400, 413, 415, 416, 417, 422, 431, 489, 490, 492, 530  
 Huniberto 682, 683  
 Hus, João de 415  
 Hyacinthus 646, 647  
 Hylas 580  
 I  
 Iacob 259  
 Iacobus Angelus de Scarparia 82  
 Iarbas 56  
 Iásio/Iasius 395, 396  
 Ibero/Iberus (v. Ebro) 113, 461, 540, 541  
 Ícaro 52  
 Icílio 659, 660  
 Idália 33, 34  
 Idanha/Idania la vieja 478, 538  
 Idanhas 454  
 Idaspe/Hydaspes 188  
 Idáspicos (campos) 605  
 Idea (monte)/Ida/Ideos (montes) 281, 282, 284  
 Idumea 624  
 Ierabrica (v. Alenquer) 542  
 Iethro 160  
 Ífito 664  
 Igeditania 538  
 Ílio/Ilium (v. Tróia) 17, 18, 23, 38, 56, 232  
 Ilione 33

- Ilioneu/Elioneu/Ilioneus 19, 30, 31, 32, 347, 348, 350, 482  
 Ilíria (mar de) 292  
 Iliris 294  
 Illescas, Gonzalo de/Ilhescas 499, 682  
 Ilo (v. Iulo) 23  
 S.<sup>o</sup> Inácio 60  
 Índia 38, 42, 43, 44, 47, 48, 52, 60, 61, 76, 93, 114, 115, 116, 117, 118, 120, 121, 127, 129, 139, 141, 146, 149, 150, 151, 154, 155, 159, 160, 164, 165, 176, 178, 179, 183, 186, 187, 188, 197, 198, 206, 210, 212, 213, 228, 229, 230, 231, 232, 251, 263, 276, 278, 296, 297, 298, 299, 301, 304, 308, 315, 316, 323, 327, 328, 337, 338, 341, 346, 349, 367, 422, 487, 511, 572, 605, 641, 677  
 Índia (mar da) 42, 94, 310  
 Índias Orientais/Índias 459, 471  
 Indo/Indus 121, 178, 188, 228, 297, 605  
 Inglaterra 76, 126, 407, 540, 584, 679  
 Inglaterra (Canal de)/Inghilterra 442  
 Iñigo Arista/Yñigo 467  
 Ino 421, 422  
 Inocência III (v. Segni, Lotario de') 238  
 Inocência IV 463, 589  
 Insulíndia 223  
 Interamnense/Interamniense 476, 477, 478, 493  
 Io 202  
 Ioannes (rei de Dinamarca) 408  
 Iohannes (pai de S. Pedro) 438  
 Iopas 35, 388  
 Iovis/Jovis/Giove (v. Júpiter) 5, 10, 26, 96, 149, 205, 211, 318, 322, 333, 380, 428, 439, 598, 659, 674  
 Íris/Iris 156, 216, 364, 365  
 Irlanda 540  
 Isabel de Avis e Bragança 68  
 Isabel (filha de D. João I e de D. Filipa de Lencastre) 491, 679  
 Isabel (imperatriz) 458  
 Isabel (irmã de Carlos V) 408  
 Isabel (rainha Católica) 458, 459, 461, 471  
 Isabel (rainha Santa) 542, 597  
 S.<sup>ta</sup> Isabel 262  
 Isabela Clara Eugénia 416  
 Isac/Ischah 572, 614  
 Isaías/Esaiás/Isaias 90, 182, 237, 244  
 Isela 419  
 Isidoro de Sevilha/Ysidoro/Isidro/Isidorus Hispalensis 137, 315, 398, 405, 445, 537, 599, 669  
 Ísis 65  
 Ismael 70, 161, 181, 195, 493, 614  
 Ismael Sufi/Xeque Ismael 353, 519, 520  
 Ismar (rei) 520, 521, 522  
 Ismarus (v. Tmarus) 290  
 Israel/Israhel 268, 498, 525, 534, 615, 622, 623, 624, 628, 662  
 Istro/Hister/Ister (v. Danúbio) 420, 421, 422  
 Ítaca (ilha)/Itaca 52, 53, 55, 97, 481, 482  
 Ítaco/Itacus/Ithacus (v. Ulisses) 350, 482  
 Itália/Italia 4, 15, 16, 17, 19, 21, 22, 23, 26, 30, 31, 40, 54, 56, 70, 72, 79, 99, 111, 112, 156, 167, 187, 210, 213, 294, 295, 297, 371, 379, 396, 400, 402, 403, 404, 405, 417, 418, 426, 431, 433, 434, 435, 439, 440, 442, 446, 447, 449, 462, 463, 475, 479, 493, 495, 538, 541, 547, 605, 620, 654, 664, 665, 674, 681, 682  
 Itálica 59  
 Ítalo 30  
 Ítis 507  
 Iturca 498  
 Iúlio (v. Augusto) 23  
 Iulo/Iulus (v. Ascânio) 23, 24, 30, 34  
**J**  
 Jaca 461  
 Jacob (Patriarca) 259, 482, 568, 621, 622, 662, 663  
 Jacob, Alibo (rei de Sevilha) 564  
 Jacob (rei dos Almôades) 568  
 Jacobo (marido de Joana de Nápoles)/Iacobo 682  
 Jadera (v. Zara) 294  
 [Jaime VI]/Jacobo VI 540  
 Jano/Ianus 11, 216, 364, 434  
 Japhet 396  
 Jarbas 555  
 Jarez (montes do) 477

Jasão/Jason/Iason 93, 94, 508  
 Jáuregui y Aguilar, Juan de 632  
 Jeconias 622  
 Jeniza 429  
 Jeremias/Hieremias 3, 13, 201, 622, 639  
 Jericó/Iericho 496  
 Jeroboão/Hieroboão 497, 623  
 S. Jerónimo/Hierónimo/Hieronimo/Hieronymus/Jérôme 2, 3, 13, 107, 198, 199, 261, 405, 406, 412, 466, 510, 571  
 Jerusalém/Hierusalém/Ierusalém/Ierusalem/Ierusalaim/Gierusalem/Jesusalaim 185, 221, 402, 464, 494, 495, 496, 497, 498, 499, 530, 572, 583, 584, 600, 623, 624, 625, 626, 627, 639, 661  
 Jesu, fr. Tomé de 199  
 Jesus/Jesu/Iesu 81, 116, 198, 199, 207, 208, 222, 262, 335, 364, 427, 483, 492, 523, 528, 534, 579, 612, 621, 627  
 Joacim 622  
 Joana (filha dos Reis Católicos) 458, 459  
 Joana (princesa, filha de D. Afonso V)/Johanna 579  
 Joana I (rainha de Nápoles) 463, 682  
 Joana II (rainha de Nápoles)/Giovanna/Iuana 464, 468, 504  
 João (arcebispo de Braga) 589  
 João (duque de Flandres e Borgonha) 458  
 João (filho de D. João I e de D. Filipa de Lencastre) 679  
 João (filho de D. Pedro e de D. Inês de Castro) 674  
 João (pai de D. Sebastião) 89  
 João (v. Preste João) 253, 276, 337, 679, 680  
 João XII (Papa) 436  
 João XXIII (Papa) 464  
 João I (rei de Aragão)/Ioannes 465, 467  
 João I (rei de Castela) 459  
 João II (rei de Castela) 68, 459  
 João I (rei de Portugal) 48, 76, 77, 112, 128, 491, 585, 611, 679  
 João II (rei de Portugal) 42, 44, 78, 128, 337, 427, 459, 489, 579  
 João III (rei de Portugal) 68, 71, 89, 90, 223, 275, 298, 476, 490, 528, 532, 581, 586, 598  
 João IV (rei de Portugal) 460  
 S. João/San Juan/Giovanni/Iohannes 201, 254, 261, 262, 438, 439, 440, 588  
 João Alberto (rei de Nápoles)/Juan d'Albret/Giovanni/Ioannes 466, 467  
 S. João Baptista (v. Bautista) 146, 502  
 S. João Crisóstomo/Ioannes Chrisostomus/Chrysostomus 248, 256  
 João das Leis (membro do conselho de D. Afonso IV) 629  
 João das Regras 629, 650  
 João de Dânia/Ioannes Daniae 408  
 S. Joaquim 261  
 Joás 627  
 Job/Iob 3, 13, 237, 238, 344  
 Joel/Iohel 260  
 Jonas/Iona 121  
 Jónatas/Jonathan 259, 623  
 Jónio (mar) 399, 429, 430  
 Jonneo (v. Alexandre) 623  
 Jope/Jafo/Ioppe 496  
 Jordão/Iordan 71, 72, 494, 496, 497, 584  
 S. Jorge 438  
 Jornandes 60, 110, 137  
 Josafá (vale de) 496  
 S. José 496, 625  
 José/Joseph 318, 482  
 Josepe Judeu 44  
 Josué/Iosue 485, 533  
 Jóvio, Paulo/Paolo Giovio/Paulus Iovius 399, 402, 403, 409, 410, 411, 430, 439  
 Juba/Iuba 567, 571  
 Judá/Iudá/Iuda 497, 623, 627  
 Judas 199, 497  
 Judas (sacerdote de Israel) 623  
 Judea/Giudea/Iudaea 307, 440, 494, 496, 558, 559, 560, 582, 622, 624, 625, 627, 628  
 Júlia (filha de César) 555  
 Júlia (mulher do imperador Severo) 593  
 Julia Liberalitas (v. Évora) 479, 480  
 S. Julião 454  
 [Júlio II] (Papa)/Giulio 466  
 Júlio Capitolino/Iulius Capitolinus 411  
 Júlio César/Iulius Caesar 55, 70, 81, 82, 294, 306, 344, 411, 418, 435, 440, 442, 444, 491, 543, 554, 555, 561, 571, 624, 651

- Júlio Pólux 68
- Juno/Iuno 11, 15, 16, 17, 18, 19, 23, 27, 28, 29, 33, 35, 62, 93, 96, 97, 98, 102, 117, 118, 119, 120, 141, 142, 156, 176, 209, 210, 212, 213, 215, 274, 282, 287, 291, 299, 333, 364, 365, 386, 393, 538, 543, 557
- Júpiter/Jupiter/Iupiter/Iuppiter (v. Iovis) 10, 11, 14, 15, 16, 17, 18, 22, 26, 30, 33, 35, 54, 61, 62, 65, 91, 96, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 107, 112, 114, 117, 118, 133, 134, 144, 146, 147, 156, 157, 158, 166, 167, 210, 211, 212, 257, 274, 278, 279, 280, 282, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 295, 297, 305, 311, 314, 322, 330, 331, 333, 347, 348, 375, 380, 393, 395, 538, 542, 543, 549, 557, 569, 598, 609, 623, 658, 664, 673, 674
- Juromenha 595
- Justiniano (imperador) 111, 445, 484
- Justiniano, João 426, 427
- Justino/Marcus Iunianus Iustinus 58, 108, 109, 401, 421, 423, 442, 447, 484, 519, 522, 559, 594, 595, 606, 652, 665
- Justos, Gonçalves/Gustos 668, 669
- Juvenal/Decimus Iunius Iuvenalis 123, 290, 302, 315, 654, 683
- K**
- Kimchi 160
- L**
- Laborinho, Ana Paula 183
- Lacedemónia (v. Sparta, Misithra) 244, 282, 430
- Lacerda, Afonso de 579, 672
- Lacerda, Fernando de 672
- Lacerda, Fernando de (filho de D. Fernando de Lacerda e de D. Branca) 672
- Lácio/Latium 15, 23, 30, 153, 379, 433, 449, 475, 479, 610, 674
- Lactância Firmiano/Lactance/Lucius Caecilius Firmianus Lactantius 10, 14, 15, 122, 135, 140, 193, 263, 332
- Ladislau (rei de Hungria) 492
- Ladislau/Ladislao 463, 464
- Laertes 52, 226
- Lagnier, Pierre 239
- Lago 110
- Lagrée, Jacqueline 124
- Laguna, André de/Andrés Laguna 75, 345, 346
- Lambra 668
- Lampedo 523
- Lampetusa 166
- Lamprídio/Lampridius 58, 148, 588
- Lanciloto 74
- Landim, Pedro 71
- Lange, Joseph/Josepho Langio 122, 125, 141, 485
- Lápia/Lappia 402, 403, 408, 418
- Lapini, Frosino/Euphrosynus Lapinius 7
- Lapónia 403
- Lapus Florentinus 375, 654
- Láquesis 140
- Laquis 497
- Lara, Henrique de/Manrique 670
- Lara, Nuno de/Nuño de Lara 591, 672
- Lara, Pedro de 670
- Larissa/Larizzo 429
- Lasso de la Vega, Gabriel 648
- Latino/Latinus 56, 99, 347, 434
- Latino Sílvio 434
- Latona 29, 65, 274, 355
- Laura 434, 635
- Laurento/Laurentum 56, 610
- Lauso 221
- Lavanha, João Baptista 146, 302, 502
- Lavinia/Lavinia 56, 434
- Lavínio/Lavinium 56
- Lavino 15, 23
- Le Tort, François 125
- Leal, Pinho 528
- Leandro 191
- Leão 455, 458, 460, 470, 471, 472, 501, 510, 512, 550, 551, 552, 553, 554, 562, 649, 669, 670, 675
- Leão/Leon/Legio 455, 468, 472, 501
- Leão de França/Lyon/Lugdune 101, 472, 624
- Leão Hebreu 119
- Leão VI (filho de Basílio Macedónio)/Leo 500

Leão I (Papa)/Leão Papa/Leo Magnus 201  
 Leão III (Papa) 81, 435  
 Leão X (Papa) 184, 185, 597  
 Leão, Duarte Nunes de/Duarte Nuñez 204,  
     449, 477, 478, 486, 490, 492, 494,  
     495, 498, 501, 502, 503, 509, 521,  
     524, 532, 535, 544, 546, 551, 562,  
     563, 565, 567, 568, 582, 585, 587,  
     588, 590, 591, 592, 597, 598, 603,  
     604, 611, 613, 616, 617, 619, 629,  
     630, 649, 650, 653, 655, 657  
 Leão, João de (v. Leone, Giovan) 185  
 Lebrixa, Antonio de (v. Nebrija) 460  
 Leça (rio) 476  
 Lecca 419  
 Lech 412, 413  
 Leda 33, 282, 396  
 Leiria 520, 521, 531, 532, 533, 536  
 Leitão, Estêvão Gonçalves 617  
 Lemno (ilha de) 102  
 Lencastre, Afonso de 504  
 Lencastre, Álvaro de 504  
 [Lencastre], Jorge de (duque de Aveiro)  
     504  
 [Lencastre], Jorge (filho mais velho dos du-  
     ques de Aveiro) 504  
 Lencastre, Juliana de 504  
 Lencastre, Raimundo de 504  
 Leneu/Lenæus (v. Baco) 118  
 Lenguadoc (v. Gália Narbonense) 442  
 Leone, Giovan/Giovan Lioni Africano 185  
 Leonor (filha de D. Duarte de Portugal) 458  
 Leonor (filha de D. João de Aragão) 467  
 [Leonor]/Lianor (rainha de Portugal) 298  
 Leovigildo 453  
 Lete/Letes/Lethe 14, 131, 132, 177  
 Leto, Pompónio 137  
 Leucate/Leucaten 305, 306  
 Leucótoe/Leucotöe/Leucotoe 54, 379, 383  
 Levi 622, 662  
 Libânio Sofista/Libanius Sophista 293  
 Líbano (monte) 497  
 Liber Pater (v. Baco) 11, 65, 118, 382  
 Líbia (filha de Épafo) 322  
 Líbia/Libya/Lybia 16, 20, 22, 24, 25, 26,  
     30, 31, 120, 141, 307, 315, 429, 605,  
     640  
 Líbico (mar) 30, 429  
 Libitina 576, 577  
 Libúrnica/Liburnia (v. Croácia) 294, 431  
 Licaónia 307  
 Lícia 19, 273, 274  
 Lico 22  
 Licofrónio/Lycophron 462  
 Licomede 52  
 Lídia 274, 664  
 Lieu 170, 171, 172  
 Liger/Ligeri (v. Loire) 407, 443, 444  
 Ligurgo 669  
 Lima (rio) 14, 476, 480, 512, 596  
 Lino 3, 386  
 Lippomanus 366  
 Lípsio, Justo 124  
 Lira, Nicolau de 160  
 Lisboa (v. Felicitas Julia) 1, 42, 64, 98,  
     114, 116, 154, 183, 191, 204, 223,  
     268, 269, 273, 430, 443, 449, 476,  
     478, 479, 480, 500, 504, 525, 528,  
     530, 534, 535, 536, 537, 538, 539,  
     540, 541, 542, 544, 547, 553, 563,  
     564, 565, 583, 585, 586, 598, 617,  
     620, 629, 648, 657, 671, 679  
 Lisímaco/Lysimachus 153  
 Lisimaquia 422  
 Lituânia/Lituania/Lithuania 405, 409, 414  
 Livónia/Livonia 403, 405, 410, 411, 414  
 Lobeira 551  
 Loire (v. Liger) 443  
 Loiva 453  
 Loiva II 453  
 Lombardia 167, 495  
 Londres 116  
 Longino 64  
 Lopes, Fernão 489, 490, 629, 650, 653,  
     672  
 Lopes, Mícia/Mécia 588  
 López de Ayala 672  
 López de Mendonça, D. Iñigo 77, 87  
 López Pinciano, Alonso/Pincianus 12, 13,  
     164  
 Lopo (Senhor de Biscaia) 588  
 Loredano, Lorenzo 432  
 Lorena/Lorrena/Lorraina/Lorreina 75, 442,  
     464, 490, 491, 499, 674

- Lot 172, 212, 662  
 Lotaríngia/Lotharingia/Lotoríngia (v. Austrasia; Lorena) 490  
 Lourenço, Nicolau 681  
 Lua (promontório da) 269  
 Lua (serras da) 534  
 Lubeco 410  
 Lucano/Marcus Annaeus Lucanus 12, 39, 51, 188, 190, 213, 245, 257, 306, 310, 314, 410, 556, 558, 559, 560, 561, 570, 571, 572, 573  
 Lucas (bispo de Tuy) 595  
 S. Lucas 219, 254, 483, 494, 495, 576, 627  
 Lucca 101  
 Lucemburg/Lucemburgo 442  
 Lucena, João de 183  
 Lucena, Vasco Fernandes de 524  
 Luciano/Lucianus 168, 281, 411, 412  
 Lucifer 193, 280, 359  
 Lucílio/Lucilius (amigo de Séneca) 240  
 Lucílio 10, 41  
 Lúcio César 651  
 Lúcio Floro/Lucius Florus 46, 60, 113, 660, 661  
 Lúcio Lúculo 555  
 Lúcio Vero/Lucius 411, 412  
 Lucius Varius 67  
 Lucrécia/Lucretia 435, 660, 661  
 Lucrécio/Titus Lucretius Carus 3, 17, 580, 656  
 Ludovico (conde de Flandres) 458  
 Ludovico II (2º duque de Anjou)/Luís 463, 464  
 Ludovico III (3º duque de Anjou)/Luigi III 464  
 Ludovico IV (imperador) 436  
 Ludovico V (imperador) 444  
 Ludovico VI (rei de França), o Crasso 683  
 [Ludovico IX] (rei de França)/S. Luís 467, 590, 672  
 [Ludovico XI] (rei de França)/Luís 78  
 Ludovico XII (rei de França)/Lodovico/Ludovicus 464, 465, 466  
 Ludovico XIII (rei de França) 444, 466  
 Lugo/Lucus 448, 449, 470  
 Luís (v. Ludovico)  
 Luís (primeiro filho de D. Pedro e D. Constança) 629  
 Luna 465  
 Luna, Álvaro de 68, 459, 648  
 Lund 411  
 Lusitânia/Lusitania 148, 285, 374, 396, 449, 450, 451, 452, 469, 470, 473, 474, 475, 476, 477, 479, 480, 481, 483, 484, 486, 493, 510, 521, 532, 536, 537, 541, 542, 546, 575, 591  
 Luso/Lysa/Lisa/Lusus/Lysus/Lyssa 105, 147, 148, 195, 267, 368, 451, 452, 474, 481, 483, 527, 591  
 Lutécia (v. Paris) 443  
 Lutero 408, 415  
 Lyon (v. Leão de França) 101
- M**  
 Macedónia/Macedonia (v. Emátia) 57, 153, 180, 211, 320, 422, 423, 427, 428, 429, 561  
 Machado, Diogo Barbosa 161, 547  
 Machado, João 253, 346  
 Macrino 594  
 Macróbio/Macrobius 11, 12, 37, 65, 98, 158, 180, 216, 381, 382, 556  
 Madagáscar 43  
 Madeira (ilha da) 13, 165, 195  
 Madian 160  
 Madre de Dios, Jerónimo de la 183  
 Madrid 12, 301, 302, 478, 484, 502, 538, 672  
 Madrignan, Archangelus 184  
 Mafamede/Mahamed (v. Maomé) 48, 70, 182, 183, 184, 185, 186, 233, 235, 301, 302, 424, 425, 427, 527, 534, 584, 617  
 Mafeo, Pedro/Giovanni Pietro Maffei/Petrus Mapheus 204, 304  
 Mafoma (v. Mafamede; Maomé) 302, 371  
 Mafra 534  
 Magadaxó 677  
 Magalhães (estreito de) 310  
 Magalhães, Fernão de 223, 310  
 Magnus (promontório) 536  
 Maia 24, 99, 311, 312, 314  
 Maior (condessa)/Mayor 506  
 Malabar 127, 150, 303, 338  
 Malaca/Malacha/Malacca 46, 71, 127, 150, 184, 223, 296, 297, 308, 309, 341, 342, 429, 459

Málaga 536  
 Maldonado, fr. Alonso de 451  
 Malhorca 448  
 Malmesber/Willelmus Malmesburiensis 436, 499  
 Maluco/Moluco 46, 71, 223, 263, 309  
 Mamillus/Momilius (v. Augústulo) 111  
 Mamude 47  
 Manco 307  
 Manetti, Gianozzo 238  
 Manfredo/Manfredi 462, 463  
 Manílio/Manilius 262  
 Manlius 172  
 Manrique, Jorge 316  
 Mantuano, Baptista 13, 14, 600  
 Mantuano, Pedro 80, 81, 536, 606  
 Manuel (filho de D. Fernando o Santo e pai de D. João Manuel) 675  
 Manuel (rei de Portugal) (v. Emanuel) 44, 128, 178, 184, 223, 253, 297, 304, 310, 318, 337, 342, 458, 489, 491, 502, 563, 577, 581, 586  
 Manuel, João 604, 617, 675  
 Manuzio, Aldo/Aldus Manutius 185, 265  
 Manuzio, Paulo 435  
 Maomé/Maometto/Mahumad/Mahumetes/Mahometes (v. Mafamede; Mafo-ma) 182, 184, 185  
 Maomet II 427  
 Maquiem 223  
 Marão (serra do) 480  
 Marcelo (presidente de Síria) 625  
 Marcelo (sucessor de Marcelo) 625  
 Marcial/Marcus Valerius Martialis 140, 188, 314, 329, 376, 508, 684  
 Marco Ambívio 625  
 Marco António/Antonius 110, 305, 306, 307, 435, 553, 624, 648, 651, 664, 651, 663, 664  
 Marco Aurélio/Marcus 411, 412  
 Marco Emílio (pai de Marco Emílio Lépi-do) 202  
 Marco Emílio Lépi-do/Marco Lépi-do 306, 435, 651  
 Marco Varrão/Marcus Varro 148, 170, 451, 543, 557  
 Marcomene 445  
 Marcomirus 444  
 Marcus (bispo de Jerusalém) 626  
 Marcus (Evangelista) 148, 662  
 Mardoqueu 148  
 Mare Magnum (v. Mediterrâneo) 497  
 Marga 425  
 Margarita (duquesa de Borgonha) 458  
 Maria 13, 261, 360, 523  
 Maria (filha de Frederico, rei de Sicília) 462, 465  
 Maria (mulher de Aron) 161  
 Maria (rainha de Castela, filha de Afonso IV de Portugal) 457, 604, 607, 608, 609, 610, 649, 672  
 Maria Cleofé/Maria Cleophe 261, 262  
 Maria de Hungria 90  
 Maria de Padilla 672  
 Maria Salomé 262  
 Mariana, João de/Juan de Mariana 80, 81, 396, 405, 452, 453, 458, 465, 466, 467, 468, 469, 486, 536, 537, 538, 548, 612, 617, 670, 671, 672  
 Mariana Scoto/Mariano Scoto/Marianus Scotus 436  
 Marino, Giambattista 360  
 Mário 619, 620  
 Mariz, Pedro de 1, 69, 128, 162, 233, 490, 494, 495, 501, 522, 524, 546, 547, 584, 587, 597, 603, 619  
 Marmelar/Marmelal 611  
 Marques, João Francisco 149  
 Marrocos 542, 567, 575, 608, 615, 616, 619, 670, 672  
 Marselha 442  
 Marta 571  
 Marte/Mars 8, 11, 23, 51, 61, 62, 66, 67, 93, 100, 102, 133, 143, 144, 146, 147, 149, 156, 157, 211, 238, 279, 284, 290, 301, 302, 305, 306, 327, 421, 422, 423, 433, 439, 505, 507, 522, 538, 558, 559, 584, 591, 658, 659  
 Martesia/Marthesia/Mathesia 523  
 Martim de Boémia 44  
 Martines de Oviedo, Gonçalo 671  
 Martinho/Martinus (irmão de João I de Aragão) 465  
 Martinho V (Papa)/Martino 464

Martins, Fernão 165, 197  
 Mártires, fr. Timóteo dos 491  
 Marulo/Marullus 501  
 Marvão 477  
 Mascarenhas, Fernando Martins 285  
 Mascarenhas, João de 301, 302  
 Mascarenhas, Pero/Pedro 38, 39, 40, 146, 150, 309  
 Massiliense (v. Provence) 442  
 Matagia (v. Micenas) 429  
 Matança (veiga da) 512  
 Matatias 623  
 Mateus (bispo de Lisboa) 544, 586  
 S. Mateus/Mattheus 177, 198, 199, 248, 261, 262, 510, 615, 628, 662  
 Matias/Matthias 417  
 Matilde (filha de D. Afonso Henriques) 564  
 Matilde/Matildes (condessa de Bolonha) 589, 590, 591  
 Maugerato/Mauregato 456, 457, 458  
 S. Maurício 438  
 Mauritània/Mauretania 42, 70, 99, 450, 568, 569, 570, 571  
 Mauritius (imperador) 684  
 Mauro, Rábano 599  
 Mavorte 156, 300, 302, 585  
 Maxentius 56  
 Maximiliano (duque de Milão) 39  
 Maximiliano (imperador) 458, 459  
 Mead, William R. 403  
 Meca/Mecha 183, 185, 197  
 Mecenas/Maecenas 63, 272  
 Medea/Medeia 94, 506, 507, 508, 509  
 Medelim/Colonia Metalinensis 479  
 Medina 183  
 Medina, Pedro de 470, 472, 535  
 Medina del Campo 475  
 Mediterrâneo (mar)/Mediterrano/Mediterraneo (v. Mare Magnum) 43, 45 391, 393, 400, 429, 442, 448, 449, 450, 487, 497, 541, 670, 680  
 Medusa 567, 569, 665, 666  
 Mégara 429, 509  
 Megazibo/Megabizo 519  
 Meinardo/Meinardus 410  
 Meineke 255  
 Meirinhos, José F. 563  
 Melgaço 648, 649  
 Meliapor 459  
 Melinde/Milinde 43, 51, 117, 156, 247, 253, 278, 287, 312, 314, 317, 323, 328, 329, 330, 336, 337, 338, 339, 340, 346, 353, 358, 361, 362, 363, 366, 367, 371, 372, 374, 379, 482, 678  
 Melissa 333  
 Melo, Teotónio de 578  
 Melo/Mello (top.) 497  
 Melpómene/Melpomene 380, 381  
 Mémnon/Memnon/Ménon 29, 35, 358, 359  
 Mena, João de/Juan de Mena 4, 68, 77, 87, 213, 331  
 Menandro de Éfeso/Menander 12, 133, 214, 255, 646  
 Mendoça, André Furtado de/Mendonça 127  
 Menelau 28, 52, 53, 282, 293, 396, 397, 552  
 Meneses, Duarte de 353  
 Meneses, [Garcia de]/Gracia 137  
 Meneses, Jorge de 71, 309  
 Meneses, Luís de 430  
 Mênfis 560  
 Menorca 448  
 Meonia 395  
 Meóticas (lagoas)/Mæotidas 400, 409, 445  
 Meótis/Mæotis 394, 395, 410, 424  
 Mera Grécia/Mera Graecia (v. Acaia) 429  
 Mercador, Gerardo/Mercator/Mercatore 108, 399, 401, 435  
 Mercerus, Ioannes 101  
 Mercúrio/Mercurius (v. Trifónio) 10, 24, 53, 54, 96, 97, 99, 100, 133, 154, 156, 279, 287, 292, 311, 312, 313, 314, 317, 321, 322, 323, 328, 350, 538, 569  
 Mercúrio (filho de Valente e Feronia) 99  
 Mercúrio (filho do Céu e do Dia) 99  
 Mercúrio (filho do Nilo) 99  
 Mérida/Emerita Augusta 475, 479, 480  
 Merodach 109  
 Méroe (ilha) 680  
 Méroem/Meroem (v. Merus) 118  
 Mérope 167

Meroveu/Meroveus 444  
 Mértola/Myrtilis 479, 567  
 Mérula, Giorgio 60, 180  
 Merus 118  
 Mesa (mulher do imperador Severo) 593, 594  
 Mesopotamia 425  
 Messala Cervino/Corvino 130  
 Métrocles/Metrocles 599  
 Metrodoro 681  
 Metz 75, 490  
 Mexia, Afonso 150  
 Mexia, Fernan 675  
 Mexia, Pedro/Pero Mexia 59, 468, 594  
 Mezêncio 221  
 Micenas (v. Matagia) 23, 33, 120, 299, 429, 538  
 Michou, Matias/Mathias a Michou/Mathias à Micou 395, 398, 399, 400, 404, 405, 409, 412, 426, 606  
 Mício 552  
 S. Miguel/Michahel 268  
 Milão 39, 436, 465, 466  
 Minerva (v. Palas) 10, 62, 287, 291, 347, 348, 528, 536, 538, 569, 598, 599, 600  
 Minho (provincia) 480  
 Minho (rio)/Mino 470, 476, 550, 551, 648  
 Minos 91, 331, 509  
 Miranda do Douro 480, 602, 603  
 Mireno (v. Bireno) 284  
 Mirto 429  
 Mirza, Ale 520  
 Misenus 462  
 Mísia/Mysia 421  
 Misithra 430  
 Missao/Miessaus 413  
 Mithridates/Mithridates 307, 555, 556  
 Mnemósine/Memosine 380  
 Moab 498  
 Moçambique 43, 44, 51, 96, 159, 160, 162, 165, 178, 192, 194, 195, 215, 221, 224, 227, 228, 229, 230, 234, 236, 246, 250, 257, 267, 269, 274, 275, 525, 676, 678  
 Moçambique (ilha de) 186, 187, 209, 215, 229, 233, 299  
 Mogúncia 436, 437  
 Moisés/Moses/Mousés/Moysen 13, 160, 161, 181, 182, 533, 559, 621  
 Molina, Argote de 4  
 Molina (serra de) 461, 671  
 Molina, Tirso de 611  
 Molta 420  
 Moluca (rio)/ Muluccha/Molachat/Molocath/Malocath 609  
 Molucas (ilhas) 310  
 Mombaça 186, 230, 235, 236, 237, 243, 246, 247, 250, 253, 255, 257, 266, 275, 287, 311, 316, 317, 329, 337, 338, 678  
 Monção 602  
 Moncayo (serras de)/Moncaco 461  
 Mondego 442, 480, 533, 574, 579, 598, 632, 647, 648  
 Mondonhedeo 470  
 Monferrat 539, 583  
 Mongalo 676  
 Moniz, Mendo 566  
 Moniz, Egas 58, 75, 76, 495, 503, 506, 513, 514, 515, 516, 518, 528, 566  
 Moniz, Martim 528  
 Moniz, Mem 204  
 Moniz (prior de Santa Justa) 564  
 Montaigne, Michel de 87  
 Montbar 491  
 Monte Maior, Jorge 168  
 Monte Regio, Joane de 44  
 Montemor-o-Velho 630  
 Montiel 671  
 Morales, Ambrósio de/Ambrosio de Morales/Murales 59, 138, 405, 406, 448, 449, 451, 452, 453, 454, 455, 456, 458, 459, 468, 470, 471, 472, 475, 476, 477, 479, 480, 538, 542  
 Morávia 412, 420  
 Morea (v. Peloponeso) 429  
 Morena (serra) 566  
 Morfeu 246  
 Moria (monte) 497  
 Moro, Giovanni 462  
 Moro, Tomás/Thomas Morus 318  
 Morto (mar) 498  
 Mosco 410  
 Moscóvia/Moscovia/Moschovia 395, 398, 400, 409, 411, 413

- Mosela/Mosella 442  
 Motir 223  
 Moura 542, 544, 602  
 Moura, Luís de 253  
 Muça/Muza 468, 469  
 Muchli (v. Tegea) 430  
 Mühlberg 421  
 Muleacem 185  
 Múncia/Munitia/Minithya (v. Thalestris) 522, 523  
 Munster, Sebastianus/Munster/Munsterus 395, 408, 413, 417, 418, 420  
 Múrcia/Murcia 75, 454, 538, 675  
 Murvedro 542  
 Muxaera 448
- N**
- Naamão 534  
 Nabatea/Nabateia/Nabathea 221  
 Nabateos (montes) 221  
 Nabi 184  
 Nabucdenosor/Nabucdonosor/Nabucodonosor/Nabuchodonosor 318, 622, 625, 639  
 Nabuzardão 622, 627  
 Náíades 268, 333, 386, 534, 535  
 Nancio/Nancy 458  
 Nannetum 407  
 Nápoles/Napoli 460, 461, 462, 463, 464, 465, 466, 504, 673, 682  
 Narbona 442  
 Narmuhi 651  
 Nascimento, Aires Augusto 127, 497, 504, 533, 539, 563, 564  
 Natan 661, 662  
 Nauck 293  
 Nauclero/Iohannis Nauclerus 90, 415, 426  
 Nausícaa 54  
 Navarra 79, 459, 465, 466, 467, 468, 670  
 Nazaré/Nazaret/Nazareth 496  
 Neapolis (v. Cidade Nova) 461, 462, 465  
 Nebrija, Antonio (v. Lebrixa) 187  
 Néfele/Néfeles 421  
 Neiva (top.) 506  
 Neiva (rio) 476  
 Nembrod 107  
 Nemesianus/Marcus Aurelius Olympius Nemesianus 578  
 Némesis/Nemesis 10, 150, 554, 556  
 Nepote/Nepos 111  
 Neptuno/Neptunus 8, 15, 19, 20, 51, 54, 61, 95, 208, 230, 246, 288, 297, 322, 527, 528, 569, 570  
 Nereu 55, 88, 121, 230, 231, 267, 268, 375  
 Nerine 268  
 Nero 59, 91, 482, 592, 593, 633  
 Nerva 60  
 Neso 422  
 Nestor 14, 173, 319  
 Neves, Francisco Ferreira 504  
 Névio/Cnaeus Naevius 87  
 Nicéforo/Nicephorus 111  
 Nicéforo Calisto Xantopoulos/Nicephorus Callistus 111  
 Nicérato 174  
 Nicolau V 427  
 Nicópolis 307, 422  
 Niebla 567  
 Niestr/Nyestr (v. Tiras) 409  
 Nilo/Nilus 42, 99, 160, 183, 305, 306, 322, 400, 555, 579, 679, 680  
 Nínive/Níneve/Ninive 107, 108, 121  
 Nino/Ninus 107, 108, 325, 605  
 Nino (filho de Nino e de Semíramis) 605, 606, 639  
 Ninus (v. Nínive) 107  
 Nisa/Nysa 118, 120, 188  
 Nisa de Arábia 119  
 Nise 268  
 Nisea 509  
 Niso (troiano) 516  
 Niso (rei de Mégara) 509  
 Noé/Noe 136, 160, 172, 364, 365, 396, 401, 424, 526, 560  
 Nónio (v. Apolo) 65  
 Nónio/Nonius (autor clássico) 41  
 Norba Caesarea/Norba Cesarea (v. Alcântara) 479  
 Normandia 443, 499, 683  
 Noronha, António de 83  
 Noronha, Garcia de 316  
 Noruega/Noruegia/Norbergia 392, 402, 403, 405, 407, 408  
 Noto/Notus 18, 113, 501

Nova Cartago (v. Cartagena) 448  
 Nova Roma (v. Constantinopla) 422, 423  
 Numa 123, 329  
 Numa Pompílio/Numa Pompilius 435, 577  
 Numantia 479  
 Numídia 152  
 Numitor 434  
 Nunes, Gonçalo 674  
 Nunes, Leonor (v. Gusmão, Leonor) 608  
 Nunes, Pedro 116

**O**  
 Obadias 260  
 Óbidos/Óvidos 541, 542, 590  
 Ocampo, Florião de/Florian de Ocampo 396, 448, 451, 475  
 Ocaña 143  
 Oceano 121, 167, 230, 231, 383  
 Ocho/Ochus 652  
 Ochoa de la Salde, Juan 430  
 Octávia 306, 307  
 Octaviano (v. Augusto) 55, 82, 306, 435, 651  
 Octávio (v. Augusto) 110, 306, 307, 651  
 Odisseya (top.) 536  
 Odivelas 603  
 Odoacer 110, 111  
 Oeta 375  
 Ogiges 292  
 Ogígia (ilha) 54, 95, 97, 156, 287, 291, 292, 481  
 Olav de Gócia/Olaus Magnus 399, 403, 408  
 Olénios (campos) 62  
 Olhos de Guadiana 671  
 Olímpia/Olimpia (personagem de *Orlando Furioso*) 284  
 Olímpia/Olympia (top.) 580  
 Olímpias 57  
 Olimpo/Olympus 14, 26, 96, 97, 142, 145, 157, 158, 244, 348, 374, 375, 429  
 Olinda 234  
 Olisipo/Olisippo/Olysipo/Olyssipo/Olissipone (v. Ulissipo) 536, 537  
 Oliveira, fr. Nicolau de 535  
 Oliveiros/Oliveros/Olivier 74, 75  
 Olivença 602, 604

Olivete (monte) 496, 627  
 Ônfale/Omphale 663, 664  
 Onófrio (v. Panvinio, Onofrio) 435, 463  
 Opas 454  
 Ópis/Opis 14, 61, 333, 542, 543  
 Órcamo 383  
 Orcómeno 134  
 Orcus 312  
 Ordonho I (rei das Astúrias)/Ordoño 456, 457  
 [Ordonho II] (rei de Leão)/Ordoño 457  
 Ordonho III/Ordoño (rei de Leão) 456, 457  
 Orense 470  
 Orestes 110, 111, 435, 656  
 Orfeu/Orfeo/Orfeo/Orpheus 3, 10, 11, 15, 94, 347, 379, 382, 384, 385, 386  
 Origenes 3  
 Oriente 30  
 Oritia/Orithya 523  
 Orlando 74, 76, 77  
 Ormesenda 456  
 Ormuz/Ormus 46, 61, 71, 276, 296, 297, 299, 300, 337, 353, 588  
 Oronte 19, 22  
 Oropastes 519  
 Orósio, Paulo/Paulus Orosius 137, 404, 405, 406, 478, 541, 620, 625  
 Orsíloco 53  
 Ortélio, Abraão/Abraham Ortelius 44, 294, 399, 403  
 Osberno 539  
 Oséas/Oseas 628  
 Osíris/Osiris 65, 118, 428  
 Osma 448  
 Ossa (monte) 375  
 Otho (cronista) 436, 444  
 Oto (autor de um relato sobre a transladação das relíquias de S. Vicente) 564  
 Oto (filho de Henrique da casa de Saxónia) 436  
 Oto/Otho (imperador) 413, 414  
 Otomano 426  
 Otomar/Othomar 184  
 Ottho 492  
 Oudin, Cesar 599  
 Ovelha (rio) 476

- Ourém 657  
 Ourique 69, 112, 520, 521, 522, 524, 528, 530, 531, 563  
 Ouro (rio do) 487  
 Ovídio/Publius Ovidius Naso 15, 49, 53, 55, 62, 66, 88, 97, 100, 131, 132, 135, 151, 164, 166, 167, 168, 171, 175, 190, 191, 192, 194, 196, 214, 218, 221, 225, 226, 230, 240, 246, 256, 257, 270, 271, 274, 280, 283, 289, 295, 321, 322, 325, 330, 331, 345, 359, 362, 365, 373, 381, 382, 383, 385, 387, 392, 421, 482, 508, 509, 516, 517, 543, 557, 569, 574, 580, 601, 633, 634, 642, 647, 658  
 Oviedo 468, 469, 671
- P**  
 Pã 99, 538, 549  
 Pacheco, Diogo Lopes 630, 649, 650  
 Pacheco, Lopo Fernandes 617  
 Pacífico (oceano) 223  
 Paderne (v. Torre de Paderne) 648  
 Pado (v. Pó) 166, 167, 681  
 Pádua/Patavium 22, 293, 294, 431, 432  
 Padusa 547  
 Páfia 134  
 Paflagónia 307  
 Pafos (ilha de) 27, 134  
 Pagnino, Sanctes/Santes/Xantes 101, 136, 258, 259, 260  
 Pais, Pedro 566  
 Paládio 248  
 Palamedes 52, 53, 232, 293  
 Palante 86  
 Palanto 434  
 Palas/Pallas (v. Minerva) 10, 16, 28, 52, 55, 96, 97, 213, 232, 282, 346, 347, 569, 599  
 Palas (filho de Evandro) 646  
 Palatino (monte) 434  
 Palestina/Palæstina 182, 495, 496, 498, 539, 559, 583, 584, 586  
 Palmela 547, 548  
 Pamphilus (v. Pânfilo Saxo)  
 Pamplona/Pampelona/Pompeionopolis/Pompeyopolis/Pompeo 466, 467  
 Pan (capitão) 451, 452  
 Pancaia/Panchaia 262, 264  
 Pândaro 552  
 Pandíon 507  
 Panfília 426  
 Pânfilo Saxo/Pamphilus Saxo/Pamphilus Saxonus 193, 204, 205, 573  
 Panofsky, Erwin 484  
 Panónia/Pannonia (v. Hungria) 90, 294, 431, 606  
 Panónias/Pannoniae 413, 415  
 Pânope 281  
 Pantasilea/Pantesilea/Pentasilea/Penthesilea 29, 522, 523  
 Panvinio, Onofrio/Onofre (v. Onófrío) 435, 463  
 Paradin, Claude 583  
 Parcas/Parcae 16, 120, 139, 140  
 Parhalus 94  
 Paris (v. Lutécia) 9, 13, 38, 63, 72, 183, 241, 251, 335, 390, 443, 578  
 Páris (v. Alexandre Páris) 16, 282, 284, 293, 397, 642  
 Pármeno 320  
 Parnaso/Parnasus 121, 129, 130  
 Paro 31  
 Parrhasia 311  
 Parténope/Parthenope (v. Nápoles) 460, 461, 462  
 Parténope/Parthenope (ninfã) 462  
 Pasífae 91, 647  
 Patrício, Francisco/Franc. Patritius 146  
 Patrício, Ludovico/Ludovicus Patritius (v. Varthema, Ludovico) 183, 184, 240  
 Paulino/Paulinus 412  
 Paulo (capitão português) 2  
 Paulo (irmão de Marco Lépidio) 651  
 Paulo III (Papa) 90  
 S. Paulo/Paulus 198, 199, 207, 219, 343, 418, 430, 524, 525, 615, 625  
 Paulo Diácono/Paulus Diaconus 404  
 Paulo Emílio 320, 428, 478, 620  
 Paulo, Marco/Marcus Paulus 399  
 Pausânias/Pausanias (historiador) 122, 123, 517  
 Pausânias (capitão)/Pausanias 423  
 Pavia 79, 301

Pax Augusta (v. Badajoz; Busaugus) 548  
 Pax Julia (v. Beja) 546  
 Pays de Labord (v. Vascónia) 442  
 Pedro (conde das Astúrias) 566  
 Pedro (conde de Barcelos) 502  
 Pedro (filho de D. João I e de D. Filipa de Lencastre) 679  
 Pedro (filho de D. Pedro e D. Inês e Castro) 657  
 Pedro III (rei de Aragão) 597  
 Pedro (rei de Castela), o cruel 457, 648, 649, 651, 655, 671, 672, 674  
 Pedro (rei de Hungria)/Petrus 492  
 Pedro (rei de Portugal) 92, 604, 629, 634, 645, 648, 649, 650, 651, 652, 653, 654, 655, 657, 672, 674, 675  
 S. Pedro/Petrus/Piero (v. Simon) 81, 132, 199, 433, 438, 439, 615, 627, 639  
 Pedro de Amiens/Pedro eremita 494, 495, 498, 499  
 S. Pedro de Ravena 248  
 Pégaso 65  
 Pegu 342  
 Pela 625  
 Pelaiio/Pelayo 451, 455, 456, 457, 469, 470  
 Pelamarim/Belamarim 604  
 Peleu (rei mitológico) 88, 281  
 Peleu (rio) 382  
 Pélias 93, 94  
 Pella (v. Jeniza) 429  
 Pélope 645  
 Peloponeso 307, 429  
 Penélope 52, 55, 97, 99, 226  
 Penjon, Jacqueline 241  
 Peno/Poenus (v. Aníbal) 619, 620, 663, 664  
 [Pepino]/Pipino 78, 79, 415, 444  
 Perdicas/Perdicca 109, 153  
 Pereira, Álvaro Gonçalves 611, 617  
 Pereira, Benito 160, 161  
 Pereira, Duarte Pacheco 82, 128, 305, 308,  
 Pereira, Gonçalo 617, 649  
 Pereira, Luís Álvares 71  
 Pereira, Nuno Álvares 75, 76, 77, 128  
 Pérez, Fernando/Fernam Pirez/Hernando/  
 Fernandus (v. Trastâmara, Fernando de;  
 Trava, Fernando de) 502, 503, 504, 506  
 Pérez de Guzmán, Fernam 451  
 Pérez de Hita, Ginès 75  
 Perez de Messa, Diego 470, 472, 535  
 Pergama 28, 33  
 Periandro/Periander 214  
 Perilo/Perillaeus/Perillus 516, 517, 595  
 Perinéus (v. Pirinéus)  
 Perionius, Ioachimus 601  
 Perito 178, 375, 654  
 Pernambuco 234  
 Perotto, Nicolau/Nicolao Perotto/Nicolaus  
 Perottus (v. Sepentino) 188, 231, 251, 252, 262, 269, 289, 314, 331, 332, 333, 361, 380, 393, 446, 523, 543  
 Pérsia 52, 61, 182, 183, 424, 425, 519, 520  
 Pérsio/Aulus Persius Flaccus 41, 65, 129, 130, 488  
 Pessiocampta/Pityocampta 516, 517  
 Pestana, Francisco Pereira 39  
 Petrarca, Francesco/Francisco Petrarca/  
 Franciscus Petrarcha 4, 6, 58, 151, 320, 325, 330, 340, 434, 439, 440, 481, 633, 635, 637, 652, 658, 659, 681  
 Pétrea/Petra 221  
 Petreio/Petreibus 571  
 Petricóvia/Petricovia 413  
 Petrônio/Petronius Arbitrator 12, 144  
 Pflaumen, Iacobus 298  
 Pfora/Pfozen/Pfortzen 420  
 Philostephanus 94  
 Phlegon 373  
 Phocas 684  
 Phoenicia 605  
 Phoenix 330  
 Phryne 134  
 Picardia 442  
 Pico (personagem mitológica) 295  
 Pico (rei dos Aborigenes) 434  
 Pico Mirândula/Picus Mirandula/Giovanni  
 Pico della Mirandola 64, 364, 365  
 Piéria 429  
 Pigmaleão/Pigmalion 25  
 Pigner, M. 343  
 Pilatos (v. Pôncio Pilatos)  
 Pina, Rui de 128, 582, 583, 585, 587, 588, 589, 590, 592, 597, 598, 603, 604, 608, 611, 613, 616, 617, 619, 629, 630, 649

Píndaro/Pindarus 3, 9  
 Pindo 384, 385  
 Pineda, fr. João de/Juan de Pineda 160, 396, 401, 426  
 Pinhão (rio) 476  
 Pinto, Fernão Mendes 183, 204  
 Pinto, fr. Heitor 364  
 Pio II 464  
 Píramo 325  
 Pirene/Pyrene 440, 446, 450  
 Pireu 557  
 Pirinéus/Pirenéus/Pirenei/Pireneos/Pirinei/Pyrineus/Pyrenaei/Pyrenei 79, 400, 440, 442, 446, 447, 448, 452, 461, 465, 466  
 Pirro (filho de Aquiles) 642, 643  
 Pirro (rei) 659  
 Pisa 81  
 Pítaco/Pythacus 214, 510  
 Pitágoras/Pythagoras 131, 180  
 Píton 382  
 Platão/Plato 12, 63, 66, 119, 156, 167, 174, 177, 202, 319, 364, 365, 380, 484, 511  
 Platina, Battista 426, 463  
 Plauto/Titus Maccius Plautus 84, 85, 86, 87, 134, 202, 218, 238, 239, 254, 283, 340, 341, 631, 632, 633, 634, 665  
 Plínio/Plinius Minor/Caius Plinius Secundus 1, 45, 57, 60, 94, 129, 130, 148, 202, 238, 243, 262, 268, 269, 345, 346, 372, 376, 377, 393, 394, 395, 398, 403, 404, 410, 411, 420, 421, 422, 424, 428, 429, 433, 434, 443, 447, 448, 449, 450, 451, 474, 475, 479, 483, 496, 536, 537, 555, 559, 570, 580, 606, 607, 674, 681  
 Plotino 64  
 Plutão/Pluto 61, 65, 375, 386, 542, 543  
 Plutarco/Plutarchus 10, 57, 58, 59, 68, 78, 82, 85, 86, 88, 90, 91, 92, 98, 109, 123, 126, 141, 142, 153, 203, 292, 306, 320, 332, 364, 365, 375, 481, 516, 517, 519, 552, 553, 555, 556, 570, 571, 577, 600, 620, 621, 624, 651, 654, 656, 664, 665, 668, 684  
 Pó (v. Pado) 166, 167, 431, 681  
 Poitiers 264  
 Pólemon 307  
 Policena 53, 642, 645  
 Policiano, Ângelo/Poliziano/Politiano/Angelus Politianus 4, 194, 352, 383, 549  
 Polídor Virgílio/Polydorus Virgilius 118  
 Polífemo 53  
 Polihímnia/Polyhymnia/Polymnia 380, 381  
 Polónia/Polonia 399, 400, 407, 408, 409, 412, 413, 414, 675  
 Pólux (v. Júlio Pólux)  
 Pólux 178  
 Polybius 621  
 Pombeiro 657  
 Pompeio/Pompeo Magno/Pompeyo/Pompeius Magnus 81, 466, 551, 554, 555, 556, 558, 561, 571, 579, 623, 624  
 Pompeio Trogo/Trogo Pompeu/Pompeus Trogus 58, 108, 109, 155, 484, 519, 522, 559, 594, 595, 606, 652, 665  
 Pompónio Mela/Pomponio 45, 394, 398, 401, 422, 424, 472, 536, 537  
 Pôncio Pilatos/Pilatus 199, 625  
 Pontano, Giovanni 421  
 Pontano/Jacobus Pontanus 384  
 Ponte Vedra 542, 551, 586  
 Ponto/Pontus 400, 556, 559  
 Ponto Euxínio/Ponto Euxino/Pontus Axenus/Pontus Euxinus 393, 394, 395, 404, 405, 409, 410, 420, 421, 555  
 Pórcio Festo 625  
 Porfírio/Profírio 64, 65, 251, 611  
 Poro 212  
 Porras, Juan de 673  
 Porsena 661  
 Porta, Giovanni 58  
 Portalegre 532  
 Portalegre, fr. Paulo de 565  
 Porto 116, 456, 480, 490, 539, 563, 649, 657, 671, 679  
 Portugal/Portugallia 37, 41, 42, 46, 68, 69, 70, 71, 75, 78, 82, 89, 127, 128, 137, 138, 139, 146, 148, 165, 176, 178, 195, 199, 204, 210, 211, 253, 279, 296, 297, 298, 299, 301, 304, 310, 316, 338, 339, 341, 342, 345, 384, 387, 396, 400, 416, 427, 430, 443, 449, 456, 457, 458, 459, 460, 469,

- 470, 472, 473, 474, 475, 476, 477,  
478, 480, 486, 490, 492, 493, 498,  
501, 502, 506, 521, 523, 524, 530,  
531, 532, 535, 536, 544, 546, 551,  
562, 563, 582, 585, 587, 588, 589,  
590, 597, 598, 602, 603, 604, 611,  
616, 617, 653, 655, 657, 658, 671,  
672, 673, 674, 675, 676, 677
- Posnania/Posnania 413
- Possevino, Antonio/Antonius Possevinus  
451, 500
- Possidônio/Possidonio/Posidonius 42, 43,  
45, 536
- Postumianus 216
- Praga 415, 420, 679
- Prasso (promontório) 43, 44, 159, 176,  
214, 215
- Praxíteles/Praxiteles 173
- Preneste 153
- Príamo/Priamo/Priamus 28, 29, 33, 35, 53,  
55, 282, 293, 359, 372, 396, 397, 522,  
611, 638, 642
- Priamo/Priamus (capitão) 445
- Príapo 395
- Primislau/Primislaus 413
- Probo/Marcus Valerius Probus 172
- Proca 434
- Procópio/Procopius 111, 406
- Progne 330, 506, 507, 508, 509
- Propércio/Sextus Propertius 175, 280, 347,  
633, 635, 638, 681
- Propontis 395
- Prosérpina/Proserpina 65, 99, 375, 542,  
543, 577
- Próspero/Prosper d'Aquitaine 103, 406,  
439
- Proteu 95
- Provence (v. Massiliense) 442
- Províncias Unidas 466
- Prudêncio/Aurelius Prudentius Clemens  
200, 475, 600
- Pseudo-Agostinho 160
- Pseudo-Calístenes 58
- Pseudo-Sêneca 240
- Pseudolus 283
- Ptolemaida (v. Acre) 496
- Ptolomeu (filho de Lago) 110
- Ptolomeu/Ptolemaeus 153, 154
- Ptolomeu Auletes 307
- Ptolomeu de Alexandria/Tolomeu/Ptolo-  
meus/Claudius Ptolemæus 43, 44, 45,  
48, 115, 159, 215, 279, 394, 421, 461
- Pucci, Antonio 528
- Puglia 464
- Pungor 2
- Pyrois 373
- Q
- Quadra, Gregório da 183
- Quilife 678
- Quíloa/Quilòda 166, 186, 194, 230, 232,  
233, 235, 250, 268, 329, 341
- Quint, Anne-Marie 241
- Quintiliano/Marcus Fabius Quintilianus  
59, 138, 215, 252, 326
- Quinto Attio 474
- Quinto Cúrcio/Quintus Curtius Rufus/  
Quinto Curzio Rufo 58, 423, 584, 652
- Quintus Catulus Capitolinus 91
- Quirinus (presidente de Síria) 625
- Quírinus (v. Rómulo) 23
- Quíron 93
- R
- Radamonte 74, 76, 77, 331
- S. Rafael 51
- Ragaso/Radagasus 404, 405
- Ragúsia 294, 431
- Raimão de Tolosa/Ramon 489
- Raimon de Borgonha 489
- Ramalho, Américo da Costa 38
- Ramiro (conde) 566
- Ramiro I (rei das Astúrias) 456, 457, 458
- Ramiro I (rei de Aragão) 460
- Ramiro II (rei de Leão) 456, 457
- Ramiro III (rei de Leão) 457
- Ramusio, Giovan Battista 183, 185
- Ranguel, Claude/Claudius Rangolius 58
- Raquel 662
- Rasura, Nuno 456, 674
- Ravena 111, 248
- Rea Ília Sílvia 23, 433, 640
- Rebelo, Gabriel 263
- Recaredo 452, 453

- Recaredo II 454  
 Recife 234  
 Recisvindo/Reccesvindo/Recisvindus 454  
 Refóios de Lima 596  
 Regino de Prum 436  
 Regiomontano 115, 279  
 Reimão (conde de Tripol) 583, 584  
 Remigius 444  
 Remo 23, 331, 332, 433, 434, 640  
 Renato (duque de Lorena) 464  
 Rendino (v. Strímon) 422  
 Reno/Rin/Rhenus 78, 81, 408, 409, 411, 417, 419, 420, 436, 440, 443, 444, 445, 539, 540  
 Resende, André de 38, 396, 474, 477, 478, 480, 483, 503, 544, 546, 602, 604, 612, 619  
 Resende, Garcia de/Gracia de Resende 128, 648  
 Reso 28, 53  
 Révah, I. S. 528  
 Revalia 410, 411  
 Rhemes 442  
 Rhodiginus, Ludovicus Caelius 326  
 Ribadeneyra, Marcelo de 183  
 Ribadeo 468  
 Ribbeck 281  
 Riccio, Michele/Michæel Ritus/Ricius 453, 454, 455  
 Richardo (rei de Inglaterra) 584  
 Rifeus (montes)/Rifeios/Rifeos/Riphaei/Rhiphaei/Ripaei 394, 395, 397, 398, 399, 424, 450  
 Riga 403, 410, 411  
 Roberto (deão da Sé de Lisboa) 564, 565  
 Roberto (duque de Normandia) 499  
 Roberto (filho do duque de Saxónia) 444  
 Roberto (irmão de S. Luís) 467  
 Robertus Grosseteste 126, 141  
 Roboão 623  
 Ródano/Rhodano/Rodano 440, 441, 442, 443, 624  
 Ródope (monte)/ Rhodope 290, 421, 423  
 Rodrigo (arcebispo de Toledo) (v. Ximenes, Rodrigo) 185, 490, 595  
 Rodrigo (mestre) 44  
 Rodrigo/Rodericus (rei) 451, 455, 468  
 Rodrigues, Manuel Augusto 161  
 Rogeiro 74, 76  
 Roldão/Roldan/Rolon 75, 79, 80  
 Roma 15, 56, 59, 60, 70, 76, 79, 81, 87, 110, 111, 116, 137, 183, 185, 244, 307, 396, 399, 400, 404, 405, 410, 411, 414, 431, 433, 434, 435, 437, 439, 440, 444, 463, 464, 479, 483, 498, 499, 502, 524, 546, 571, 593, 594, 615, 619, 620, 624, 625, 639, 659, 660, 681  
 Román de la Higuera, Jerónimo 486  
 România 422  
 Rómulo/Romulus 23, 24, 111, 113, 123, 331, 332, 433, 434, 435, 640  
 Romulus (v. Augusto/Augústulo) 111, 113  
 Roncesvales/Ronces Valles 79, 80  
 Rosas 448  
 Roseo, Mambrino 462, 465  
 Rothomagos (v. Ruão) 443  
 Roupinho, Fuas 76  
 Roxo (mar) (v. Vermelho) 150, 275, 276, 299, 300, 301, 678, 680  
 Roxolânia (v. Rússia) 409  
 Ruão 443  
 Rubicon 444  
 Ruchemiro 454  
 Rudolfo II/Rodolphus 417  
 Ruidera 671  
 Rússia (v. Roxolânia) 400, 409, 410, 413  
  
**S**  
 S. João da Foz 448  
 S. João de Laterão 438  
 S. Jorge (ilha de) 229  
 S. Jorge (ilhéus de) 165  
 S. Lourenço (ilha de) 43, 96, 158, 159, 162, 227, 392  
 S. Payo 586  
 S. Quintim/Saint Quentin 443  
 S. Tomé 323, 459  
 S. Vicente das Irmãs de Évora 478, 538  
 S. Vicente de Fora 539, 617  
 S. Vicente de Lisboa 478, 528, 538, 539, 562, 563, 564, 565  
 S. Victor, Hugo/Hugo de S. Vítor 599  
 Saavedra Fajardo, Diego 4, 319

Sabea 27  
 Sabélio/Marco António Sabélico 130  
 Sabóia/Savoia 434, 442, 635, 636  
 Sacrobosco, Joannes de/John of Holly-  
 wood 115, 116, 334, 335  
 Sadoc 425  
 Safo/Saffus 3  
 Ságaris 664  
 Sagres (cabo de) 563, 564  
 Salacia (v. Alcácer do Sal) 479, 544  
 Saladino 583, 584  
 Salado (top.) 78, 612, 617, 619, 638, 649  
 Salado (rio) 617  
 Salamanca 1, 467, 475, 477  
 Salápia 664  
 Salas de Lara 668  
 Salatiel 622  
 Salduba (v. Saragoça) 449  
 Salegastus 444  
 Salenuta 61  
 Salido, Nuño 669  
 Salisbury, John of /Ioannis Saresberiensis  
 59, 248  
 Salomão/Salamão/Salomon 160, 261, 389,  
 497, 623  
 Salomé (marido de Santa Ana) 262  
 Salomé (mulher de Alexandre) 623  
 Salona 294  
 Salústio/Caius Sallustius Crispus 138, 240,  
 390, 609  
 Samaria 496, 624  
 Samatra (ilha de) 47, 309  
 Samiramis (navegador) 94  
 Samo 15  
 Samothracia 395  
 Sampaio, Lopo Vaz de/São paio 146, 150, 511  
 Samuel/Samuhel 615, 622, 661  
 San Lúcar 671  
 Sanazário/Sanazaro/Sanazzaro 5, 261, 428,  
 440, 441  
 Sancha (mulher de Gonçalo Justos) 668  
 Sancha (filha do conde de Andeiro) 681  
 Sancha (infanta de Leão) 472  
 Sancha (infanta de Portugal) 542  
 Sanchez, Álvaro 668  
 Sanchez de Lima, Miguel 12  
 Sancho (rei de Aragão) 459  
 Sancho II (rei de Castela) 457, 486, 672  
 Sancho III (rei de Castela) 457, 669  
 Sancho IV (rei de Castela), o bravo 457,  
 629, 672  
 Sancho (rei de Leão), o gordo 457  
 Sancho I (rei de Portugal) 92, 500, 530,  
 532, 542, 551, 553, 565, 567, 568,  
 571, 577, 581, 582, 583, 584, 585,  
 586, 595, 655  
 Sancho II (rei de Portugal) 587, 588, 589,  
 590, 592, 595, 596, 655, 656  
 Sancho Arista (rei de Navarra)/Sanctius  
 Arista 467  
 [Sancho Garcia] (conde de Castela)/Sanc-  
 tius Garsias 467  
 Sandomíria/Sandomiria 413  
 Sandoval, fr. Prudêncio de/Prudencio de  
 Sandoval 443, 486, 503, 506, 586  
 Santa Cruz de Coimbra 127, 248, 469,  
 491, 492, 504, 520, 521, 530, 531,  
 533, 562, 563, 564, 577, 578, 580,  
 581, 582, 586, 587  
 Santa Cruz (província de) (v. Brasil) 71  
 Santa Cruz, Telo de 495  
 Santa Helena (ilha de) 221, 676  
 Santa Maria, Gabriel de 578  
 Santa Maria, Nicolau de 578, 580, 581  
 Santa Maria (Terra de) 506  
 Santo André de Guilhadeses (top.) 512  
 Santander/Sant'Ander 468  
 Santarém (v. Scalabis; Praesidium Julium)  
 127, 204, 479, 480, 521, 532, 533,  
 534, 561, 562, 567, 568, 571, 574,  
 582, 585, 603, 641, 650, 677, 679  
 Santiago 41, 97, 470, 547, 548, 592, 612,  
 616, 617, 672, 679  
 Santonini, Agostino 74, 153  
 Santos, Ilda dos 241  
 Santos, fr. João dos 127, 187, 269, 299,  
 676, 677, 678, 679  
 Santos-o-Novo 539  
 Sara/Sará/Sarra 90, 182, 493, 614, 650,  
 662, 663  
 Saragoça/Saragoza (v. Caesaraugusta, Sal-  
 duba) 79, 223, 448, 449, 461  
 Sardanapalo/Sardanapalus 108, 109, 592,  
 594

- Sarmácia/Sarmatia 394, 399, 400, 406, 409, 413
- Sarmático (oceano) 400, 402, 406, 408, 409, 413
- Sarmáticos (montes)/Sarmatici 409
- Sarpédon 18
- Satanás/Satanas 238, 615
- Saturnia (v. Juno) 16
- Saturno/Saturnus 11, 14, 16, 61, 68, 100, 158, 194, 279, 333, 450, 484, 485, 538, 542, 543
- Saturno (rei) 31, 434
- Saúl/Saul 133, 161, 614, 622
- Saxe-Wittenberg, João-Frederico de 421
- Saxónia 408, 412, 415, 436, 444, 599
- Scablicastro (v. Santarém) 531
- Scalígero/Giuseppe Scaligero/Joseph Scalligero/Ios. Iustus Scaligerus 108, 442, 443, 462
- Scanderbeg 430
- Scândia/Scandia (v. Escândia) 403, 404, 405
- Scandiana peninsula 403
- Scandinavia/Scatinavia (v. Escandinávia)
- Schaffusia 419
- Sclavónia/Schiavonia/Sclavonia/Slavonia (v. Dalmácia; Esclavónia) 294, 412, 420, 421, 431
- Sebaste (v. Samaria) 496
- Sebastião (rei de Portugal) 68, 70, 71, 88, 89, 90, 95, 168, 302, 530, 581
- Sedecias/Sedequias 622
- Sedúlio/Sedulius 199
- Séfora/Sephora/Siphporah 160, 161
- Segismundo (rei de Polónia)/Sigismundus III 407, 408
- Segni, Lotario de' (v. Inocência III) 238
- Segóvia 448, 538
- Segura, Francisco de 535
- Segura (serra de) 671
- Seleuco/Seleucus 153, 154
- Seleuco Nicanor/Seleucus Nicanor 109, 110
- Sémeles/Sémele/Semeles 118, 173, 174, 257
- Semíramis/Semirâmis/Simíramis 605, 606, 639
- Sena/Senna 443
- Séneca/Lucius Annaeus Seneca 37, 53, 54, 59, 91, 94, 125, 126, 145, 146, 151, 163, 171, 192, 203, 223, 240, 295, 311, 318, 328, 329, 344, 347, 348, 418, 511, 554, 574, 633, 646
- Sepontino/Sepontinus (v. Perottus, Nicolaus) 188, 231, 251, 252, 269, 289, 314, 331, 332, 361, 380, 393, 446, 523, 543
- Sepúlveda, Manuel de Sousa 273
- Sequana/Secana 440, 441, 443
- Serápis 65
- Sergesto/Serestus 29, 32
- Sérgio herético 182
- Serpa 542, 544, 595, 602
- Sertório/Sertorius 6, 113, 310, 480, 544, 546, 555, 570
- Servénico/Sebenico 294, 431
- Servílio Cépio 478
- Servilius 556
- Sérvio Gramático/Servius Maurus Honoratus 130, 646
- Sérvio Tulo 435
- Sesimbra/Sisimbra 547, 548
- Setóbriga 396
- Setúbal/Setubal/Setúval/Setúvel 396
- Severo/Severus 593, 652
- Sevilha/Sivilha/Sevilla (v. Híspalis) 92, 449, 455, 472, 541, 562, 564, 565, 566, 568, 582, 591, 592, 604, 611, 612, 648
- Sexto Aurélio/Sextus Aurelius Victor 60
- Sexto Rufo/Sextus Rufus 60
- Sexto Tarquínio (v. Tarquínio)
- Sforza, Francisco/Sforça/Esforça 462, 464, 465
- Sibila 583
- Sicambra 445
- Sicania (v. Sicília) 30
- Sicar 623
- Sicília/Secília/Sicilia 16, 21, 30, 31, 53, 54, 95, 102, 216, 230, 244, 291, 295, 462, 464, 465, 517, 594, 595
- Siculus, Martinus 467
- Sidónia 32, 33
- Sidonio Apollinar 405
- Siene/Syene 306, 554, 556, 558, 680

- Sigeberto de Gembloux/Sigebertus Gemblacensis/ Sigibertus/Sigebert de Gembloux 407, 444, 445
- Sigerico 453
- Sigónio/Carlo Sigonio/Carolus Sigonius 78, 435, 495, 498
- Sila 555
- Sílio Itálico/Silius Italicus 39, 63, 244, 348, 352, 359, 478, 572, 573, 606, 607, 620, 621, 647, 651
- Silo 456, 457, 458
- Silva, João da 673
- Silveira, António da 47, 296, 297, 301, 302
- Silves 128, 582, 585
- Silvia (personagem de *Aminta*) 86, 635
- Sílvia/Silvia (personagem da *Eneida*) 209
- Sílvio Póstumo/Sylvius Posthumus 56, 434
- Simancas 458, 459
- Simão (filho de Matatias) 623
- Simeão (Patriarca) 483, 498, 499
- Simois 18, 32, 55
- Simon (v. S. Pedro) 438
- Sinai (monte) 181, 201
- [Singapura]/Sincapura 46
- Sínis/Sinis 516, 517, 654
- Sínon 231, 232
- Sintra 534, 536, 539
- Sion (monte) 496
- Siponto 188, 331
- Siquém/Sichem/Siquen (top.) 496, 623, 663
- Siquém (príncipe) 659, 663
- Siqueu/Sychaeus 25, 34
- Síria/Syria 109, 183, 292, 500, 534, 583, 605, 615, 623, 624, 625, 626
- Síria (mãe de Vénus)/Syria 133
- Sisebuto 453, 455
- Sisnando 454
- Sisto da Siena/Sixtus Senensis 500
- Sixto IV 137
- Slécia 412
- Smalkald 421
- Soajo (montanhas do) 480
- Soares, Lopo 316
- Soarez, Cipriano/Sciprianus 143
- Sobrado 502, 506
- Sobral, Cristina 565
- Sobrarve/Suprarbia 467
- Socotorá (ilha de) 337
- Sócrates/Socrates 59, 63, 380, 481, 602, 654
- Sodoma 212, 662
- Soémides 593
- Sofala 186, 187, 269
- Sofeno 560
- Sófocles 179, 293, 344, 345
- Sol 11, 31, 53, 54, 65, 94, 145, 151, 166, 168, 189, 194, 243, 244, 245, 265, 330, 334, 355, 358, 359, 373, 382, 383, 556, 645
- Solimansa 425
- Solimão 185, 416, 422, 423
- Solino/Caius Iulius Solinus 130, 420, 428, 537
- Soma/Sona/Sonna 442, 443
- Sória 671
- Sousa, Diogo de 490, 501
- Sousa, Gaspar de 276
- Sousa, Gonçalo de 566
- Sousa, Gonçalo Gonçalves de 617
- Sousa, Lopo de (v. Coutinho, Lopo de Sousa) 47, 71, 677
- Sousa, Manuel de Faria e 72, 233, 587, 596
- Sousa, Maria Leonor Machado de 648
- Sousa, Mendo de 585
- Sousa (rio) 476
- Sowerby, Robin 50
- Spálatro/Spalatro 294, 431
- Sparta 430
- Sponde, Jean de 246, 313
- Stefano (rei de Hungria)/Stephanus 492
- Stefano/Stephanus Byzantius (v. Bizâncio, Estêvão de) 428, 570
- Stella, Erasmo/Erasmus Stella 406, 407
- Stenione 569
- Steyner, Heinrich 39
- Stílicon 404, 405
- Stíria 416
- Stobaeus, Joannes 180, 611
- Stobi 180
- Stockhamer 334
- Stoefflerinus, Ioannes 298

Strímon (v. Rendino) 422, 428  
Stringa, Giovanni 463  
Suécia/Suecia 402, 405, 407, 408, 466  
Suetónio/Caius Suetonius Tranquillus 82,  
91, 185, 306, 592, 593, 624, 626, 628  
Suez 150, 151  
Suidas 130, 605, 606  
Suintela 454  
Súria 560  
Súrio, Lourenço/Lorenz Sauer/Laurentius  
Surius 90, 126, 408, 409, 410, 415,  
416, 417, 419, 420, 423, 432, 457  
Syagron 262  
Sylvius, Aeneas 679

## T

Tácito(v. Cornélio Tácito)  
Taighta 330  
Talabrica 536  
Talaveira/Talavera de la Reina 478, 538  
Talia/Thalia 380, 381  
Tâmega/Tâmaga 476, 480  
Tanais 393, 394, 395, 398, 399, 400, 408,  
409, 410, 419  
Tânger/Tângere (v. Tingi) 136, 449, 570  
Tântalo 645  
Taprobana 36, 47, 48  
Taracius/Tarrácio/Tarutius/Tarrutius 331,  
332  
Taranto 682  
Tarcagnota, Giovanni/Joannes Tracanhota  
185, 499  
Tarif Aben Zarca 607  
Tarifa 606, 607, 612, 613  
Tarnóvia/Tharnovia 413  
[Tarpeia]/Trapeia 593  
Tarquínio/Sexto Traquínio/Sextus Tarqui-  
nius 659, 660, 661  
Tarquínio Colatino/Lucius Tarquinius  
Collatinus 435  
Tarquínio Prisco 435  
Tarquínio Soberbo 435, 660, 661  
Tarraco (v. Tarragona) 449  
Tarraconense/Tarragonense 448, 460, 474  
Tarrafa/Francisco Tarafa/Franciscus Tara-  
pha 461, 465, 467  
Tarragona (v. Tarraco) 448, 460

Tarsilo/Trasillo 322  
Tartária/Tartaria 400, 413, 426  
Tartésia/Tartessia/Tartesia 189, 606  
Tartésios (campos) 605, 606, 607  
Tartesso/Tartéssio/Tartesus 606, 607  
Tasso, Torcato/Torquato/Torcatus 86, 91,  
632, 635, 666  
Taudagisilo 453  
Taumante/Thaumas 364, 365  
Táurica (ilha)/Taurica insula 405, 409  
Tauro (monte) 411, 560, 561  
Tautanes 359  
Távora, Francisco de 337  
Tebano (v. Hércules) 450, 481, 654  
Tebas/Thebas 38, 65, 292, 421, 429, 538  
Tegea (v. Muchli) 430  
Teive, Diogo de/Diogo de Teve 71, 602  
Tejo/Tagus/Tajo 62, 64, 82, 112, 113, 191,  
384, 480, 486, 520, 531, 533, 536,  
537, 539, 540, 541, 542, 547, 565, 671  
Telégono 54, 55  
Telémaco/Thelemacus 52, 55, 97, 226  
Teles, Leonor/Lianor 657  
Teles, Maria 657  
Tellus (v. Terra) 151, 167, 646  
Telo, João Afonso 657  
Telo, Martim Afonso 657  
Temérida (lagoa)/Temarunda (v. Meótis)  
395  
Temistitão (lago) 221  
Tenorio, Mem Roiz 649  
Tenreiro, António 353  
Teobaldo 467  
Teócrito/Theocritus 64, 578  
Teodora 111  
Teodorico 110, 453  
Teodorico II 453  
Teodósio/Theodosius 171, 500, 684  
Teofrasto/Theophrastus 98, 153  
S. Teotónio/Theotoniun 58, 78, 127, 503,  
504, 520, 531, 532, 533, 534, 563,  
564, 587  
Terceira (ilha) 478  
Terena 542  
Terêncio/Publius Terentius Afer 118, 133,  
171, 225, 265, 288  
Terêncio Varrão 620

[Teresa]/Tareyia Hamriquez (filha de D. Teresa) 502  
 Teresa/Tareja/Tareija/Tareyia/Tiresia (mãe de D. Afonso Henriques) 486, 489, 490, 493, 495, 501, 502, 503, 504, 506, 507, 509, 510, 512, 551  
 Tereu/Thereus 507, 508  
 Ternate 223, 263  
 Terpsícore/Terpsicore/Terpsichore 380, 381  
 Terra (v. Tellus) 73, 151, 158, 570, 646, 656  
 Terra da Promissão/Terra Promissionis 72, 584, 622  
 Terra Santa/Tierra Santa/Terra Sancta (v. Terra da Promissão) 72, 402, 425, 494, 495, 496, 497, 503, 506, 534  
 Terraconem 461  
 Terrones del Caño, Francisco 149  
 Teruana/Thérouenne 443  
 Teseu/Theseus 4, 178, 375, 508, 516, 653, 654, 680  
 Tesifónio/Tesifon/Ctesiphon/Chersiphron 376, 377  
 Tessália/Thessalia 88, 93, 94, 130, 167, 281, 385, 561  
 Téssalo 508  
 Tessalónica/Salonichi 429  
 Tétis/Thetys 69, 84, 85, 88, 121, 230, 231, 281, 558, 618  
 Teucro 22, 32  
 Teuda 453  
 Teudiselo 453  
 Textor, Ravísio/Ravisius Textor 123, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 204, 244, 245, 310, 311, 320, 321, 322, 352, 358, 359, 376, 381, 510, 517, 522, 571, 572, 573, 595  
 Thaibis/Taibis 160  
 Thalestris (v. Calestris; Minithya) 522  
 Thersites 654, 683  
 Thomaz, Luís Filipe F. R. 223  
 Thyria 428  
 Tiberíades 584  
 Tiberíade (mar de)/Tiberíadis 498, 584  
 Tiberias 584  
 Tiberina (ilha)/Tyberina 414  
 Tiberino 434  
 [Tibério] (bispo de Coimbra)/Tiberyo (v. Tibúrcio) 589  
 Tibério (imperador) 268  
 Tibério Alexandre 625  
 Tibre/Tebre/Tevere/Tyberis 15, 56, 318, 400, 409, 410, 651  
 Tibulo/Albius Tibullus 49, 224, 225, 311, 384, 601, 680  
 Tibúrcio (v. Turíbio)/Tiburço 589  
 Tideu 18, 586  
 Tidore 223, 263  
 Tiestes 645  
 Tifeu/Typhoeus 158, 159  
 Tífis/Tiphys 94  
 Tigea/Tigenna 570  
 Tigranes 555  
 Tigre (rio)/Tigris 61, 560  
 Timavo/Timavus 22, 291, 292, 293, 294, Timeu 63, 380  
 Tíndaro 282, 396, 397  
 Tinge/Tingi (v. Traducta Iulia) 136, 567, 570  
 Tingintana/Tingintânia/Tingitana 132, 135, 136, 450, 570  
 Tioneu (v. Baco) 264  
 Tiraqueau, André/André Tiraquello/Andreas Tiraquellus 611, 673  
 Tiras/Tyras 409  
 Tirésias 54  
 Tiro 15, 25, 31, 133, 360, 362, 499  
 Tiro (v. Tyr, Guillaume de)  
 Tirol 416  
 Tirreno, Mar/Thirreno/Tyrrhenus 17, 56, 400, 433, 441  
 Tisandro 508  
 Tisbe 325  
 Titan 189, 190, 245, 310, 359  
 Titão (v. Títono) 265  
 Tito 474  
 Tito/Titus (imperador) 621, 624, 625, 626, 627  
 Tito Lívio/Titus Livius 55, 58, 68, 113, 126, 154, 155, 293, 390, 418, 621, 659, 660, 661  
 Títono/Tithonus/Thitonus (v. Titão) 193, 319, 359

Tiziano 421  
 Tmarus 290  
 Toledo 13, 185, 453, 455, 471, 486, 487, 490, 553, 589, 595, 611, 617, 671, 672  
 Toledo, Fernam Gudiel de 649  
 Toledo, Francisco de 611  
 Tolosa 431, 442, 489, 490, 492, 499, 683  
 S. Tomás de Aquino/Thomas Aquinas 9, 50, 106, 107, 135, 150, 179, 180, 219, 326, 365, 366, 485, 606, 639  
 S. Tomé 323, 459  
 Tonante/Tonans (v. Júpiter) 96, 97, 98, 99, 288, 676  
 Tónis 293  
 Tordesilhas 223  
 Torismundo 453  
 Tormentório (cabo) (v. cabo da Boa Esperança) 45  
 Torpato/Torpatum 410, 411  
 Torre de Alfar 568  
 Torre de Paderne 377, 667  
 Torres Novas 542  
 Torres Vedras/Turres Veterae 541, 542  
 Torsellino, Orazio 468  
 Tortosa 448, 670  
 Toscana 17, 434  
 Touro 673  
 Trácia/Thracia 24, 53, 293, 307, 322, 386, 404, 421, 422, 423, 428, 429, 507, 580  
 Tracius Bosphorus 395  
 Tracondemo 307  
 Traconítidis/Traconitis 498, 624  
 Treducta Iulia 570  
 Trajano/Traianus 8, 51, 58, 59, 60, 61, 68, 475, 480  
 Trá-los-Montes/Tra los Montes/Tras-os-Montes/Tras los montes 476, 477, 480, 603  
 Trancoso 546  
 Trangolipix/Tragolipace 424, 425  
 Transilvânia 416  
 Trasmiera 448  
 Trastâmara 495, 502, 675  
 Trastâmara, Fernando de/Trastamar/Tres-tamara (v. Pérez, Fernando; Trava, Fernando de) 495, 502  
 Trava, Fernando de/Fernando Pérez/Fernam Pirez/don Hernando/consul Fernandus (v. Pérez, Fernando de; Trastâmara, Fernando de) 502, 503, 504, 506  
 Trava, Pedro de/Pedro Froyaz de Trava 506  
 Trava, Vermum Paez de 502  
 Tremodonte 522  
 Trento 285  
 Trevisis 436, 437  
 Triana 566  
 Trifónio/Trophonius (v. Mercúrio) 99  
 Trimumpara 651  
 Trípoli/Tripol 301, 583, 584  
 Tristan 74  
 Tritão 19, 270  
 Tritónio (lago) 347  
 Trivia (v. Diana) 376  
 Tróia/Troia/Troya 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 26, 28, 29, 31, 32, 33, 34, 38, 40, 41, 52, 53, 55, 56, 91, 95, 96, 99, 202, 232, 282, 293, 315, 318, 319, 368, 369, 373, 387, 388, 394, 395, 396, 397, 423, 434, 536, 593, 642, 643  
 Troilo 28  
 Tros 396  
 Tua (rio) 476  
 Tubal 396  
 Tucídides 508, 602  
 Tui/Tuid/Tuy 470, 533, 585, 586, 595  
 Tule/Thule/Tyle 48, 69  
 Tulgas 454  
 Túlio/Tullius (v. Cícero) 140, 171, 179  
 Tulo Hostílio 435  
 Tunes 604, 679  
 Turcomânia 560  
 Turdetânia 536  
 Turíbio (v. Tibúrcio) 589  
 Turno/Turnus 86, 202, 212, 215, 269, 575, 610, 646  
 Turonis 407  
 Turpino/Turpin 75, 80  
 Turquestan 424  
 Turquia 196, 197  
 Turreno/Turrhenus 395, 396  
 Turriano 471  
 Tyde/Tude (v. Tideu) 586  
 Tydides 28  
 Tyndaris 10

Tyr, Guillaume de/Guillelmus Tyrius 495, 499  
 Tytoreo 129

**U**  
 Ulisiponense/Olisipponense (promontório) (v. Ártabro) 534, 536  
 Ulissea/Ulysseia/Ulyssa 536, 537, 562  
 Ulisses/Ulixes/Ulysses (v. Ítaco) 14, 38, 51, 52, 53, 54, 55, 57, 91, 95, 97, 156, 178, 226, 232, 287, 291, 292, 293, 295, 319, 347, 350, 375, 387, 388, 397, 481, 482, 536, 537  
 Ulissipo/Ulyssipo/Ulyxbona (v. Olisipo) 537, 539  
 Ulloa, João de 673  
 Umbrano 89  
 Umbria 243, 433  
 Urânia/Urania 380, 381  
 Urbano II/Urbanus 494, 495, 498, 499  
 Urbano III 584  
 Urbano IV 463  
 Urbano VIII 597  
 Urbino 188  
 Urgel/Urgellus 461, 506  
 Urias 661, 662  
 Urraca (irmã de D. Teresa) 502, 512  
 Urraca (rainha de Portugal) 587, 590  
 Urreta, Luís 160  
 Usenda 458

**V**  
 Vagia 536  
 Valença 448, 563, 596, 673  
 Valença do Minho 596  
 Valente 99  
 Valente (imperador) 405  
 Valentiniano/Valenteniano/Valentinianus 404, 414, 431, 445, 606  
 Valeriano, Pierio/Ioannes Pierius Valerianus 119, 125, 136, 140, 153, 319, 386, 485  
 Valério Flaco/Caius Valerius Flaccus 94, 244, 508, 580  
 Valério Máximo/Valerius Maximus 341, 389, 429, 476, 477, 478, 552, 606, 661  
 Valério Messala 244  
 Valia 452  
 Valla, Lourenço de/Lorenço de Vala/Lorenzo Valla 215, 319, 460, 461  
 Valla, Nicolau/Nicolau Vala/Nicolaus Valla 56, 96, 102, 119, 157, 319, 552  
 Valladolid 68  
 Vandália (v. Andaluzia) 540, 541  
 Vandari (v. Áxio) 429  
 Vanegas de Busto, Alexo 13  
 Varius (v. Lucius Varius)  
 Varrão (v. Marco Varrão)  
 Varthema, Ludovico/Barthema (v. Patrício, Ludovico) 183, 184, 240  
 Varzia 476  
 Vasconcelos, Diogo Mendes de/Meneses/Menetius 546  
 Vasconcelos, Jorge Ferreira de 128, 535, 584  
 Vasconcelos, Luís Mendes de 535  
 Vasconcelos, Mateus Mendes de 678  
 Vascónia 442  
 Vaseu, João/Vaseo/Johannes Vaseus 461, 466, 467  
 Vatablus, Franciscus 259  
 Vazquez del Marmol, Juan 462  
 Vegécio 573  
 Velasco, Juan de 81  
 Velazques, Rui 668, 669  
 Vélez de Guevara, Luís 486  
 Venasca 461  
 Venceslaus 458  
 Veneza/Venetia 4, 58, 103, 150, 151, 183, 187, 265, 363, 399, 430, 431, 432, 434, 479, 677, 682  
 Venosa, Riccardo da 484  
 Vénus/Venus 10, 13, 22, 24, 25, 26, 27, 31, 32, 33, 34, 55, 62, 97, 100, 102, 119, 120, 132, 133, 134, 135, 139, 141, 143, 144, 159, 172, 225, 233, 267, 268, 270, 271, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 287, 289, 290, 292, 295, 297, 305, 310, 311, 330, 538, 543, 577, 609  
 Vénus (filha do Céu e do Dia) 133  
 Vénus (mãe do segundo Cupido) 133  
 Vénus (filha de Cipro) (v. Astarte) 133  
 Veral 460

- Verino, Miguel/Michele Verino/Michaelis Verinus 343, 344
- Vermelho (mar)/Bermejo (v. Roxo) 43, 345
- Veronese, Guarino 57
- Vespasiano/Vespasianus 216, 475, 621, 625, 626, 628
- Véspero/Vesper 26, 618
- Vesta 23, 543
- Veze (rio) 512
- Vicente, Gil 298, 648
- Vidigueira 678
- Viduuto 407
- Viegas, Gonçalo 564
- Viegas, Lourenço 566
- Vieira, P.<sup>c</sup> António 149
- Viena de Áustria 415, 417
- Viena de França/Vienna 442, 624
- Vignerius 467
- Vila dos Arcos (v. Arcos de Valdevez) 512
- Vila Real 480, 603
- Villani, Giovanni 445
- Villegas, Alonso de 261, 262
- Vindício 307
- Violante 629
- Virgílio/Vergilius/Publius Virgilius Maro 2, 3, 4, 9, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 50, 54, 55, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 76, 85, 86, 88, 92, 93, 94, 95, 97, 99, 102, 105, 107, 117, 118, 119, 120, 121, 124, 125, 127, 130, 132, 134, 141, 142, 143, 145, 154, 157, 158, 159, 163, 176, 178, 179, 180, 187, 189, 192, 193, 194, 195, 202, 203, 207, 209, 210, 211, 212, 213, 215, 216, 222, 227, 230, 231, 232, 244, 245, 246, 264, 269, 271, 278, 279, 280, 281, 287, 288, 289, 290, 292, 293, 294, 295, 297, 299, 305, 306, 311, 312, 313, 314, 315, 318, 320, 321, 324, 331, 342, 343, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 354, 355, 357, 359, 361, 365, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375, 379, 380, 381, 383, 384, 385, 387, 388, 389, 392, 423, 478, 482, 493, 510, 516, 522, 527, 543, 547, 561, 574, 575, 578, 579, 580, 601, 610, 618, 626, 631, 634, 638, 639, 646, 647, 655, 665
- Virgínia 659, 660
- Virgínio 659
- Viriato (ladrão, pastor e caçador) 478, 620
- Viriato/Viriatus (o grande e célebre) 113, 484
- Viseu 503, 504, 533, 679
- Vitellio 365
- Viterbo, Ânio de/Joannes Annius Viterbensis/Iuan Anio Viterbiense 395, 451
- Viterico 453
- Vitikindo 414
- Vives, Luís 458, 459
- Volaterrano, Rafael/Volaterranus 204, 205
- Volga /Volha (v. Edel) 395, 398, 409, 419
- Vrientivs, Ioannes Baptista 418
- Vtiimutaraja 341
- Vualia 453
- Vualis 419
- Vuarta 413
- Vuisogastus 444
- Vuisovastus 444
- Vuitiza/Vuetiza/Vitiza 454, 455, 469, 470
- Vulcano/Vulcanus 101, 102, 133, 161, 203, 284, 290, 305, 327, 357, 370, 543, 598, 663
- W**
- Woodward, David 403
- Wuamba/Vuamba (v. Bamba) 454, 538
- X**
- Xanto 28, 53
- Xenofonte/Xenophon 178
- Xerxes/Xerses 395, 684
- Ximenes, Rodrigo (arcebispo de Toledo)/Rodrigo Ximénez de Rada/Rodericus Ximenez 185, 490, 595
- Ximénez, Garcí 467
- Z**
- Zacarias (Papa) 444
- [Zaccharias]/Zechar. (Profeta) 260
- Zaire 8
- Zamora, Alfonso de 259
- Zante (ilha de) 151

Zanzibar 158, 299  
Zara (v. Jadera) 294  
Zarca, Tarif Aben 607  
Zebedeu 261  
Zech 412, 413  
Zéfiro 19

Zeus 168, 312  
Zisca/Iohannes Zischa 415  
Zonaras 60, 110, 160, 425, 426  
Zópiro 518, 519  
Zorobabel 622  
Zurita (v. Çurita, Hierónimo) 80, 460, 506



## ÍNDICE GERAL

Apresentação.....	VII
Para uma leitura do Comentário de D. Marcos de S. Lourenço.....	XI
Agradecimentos.....	XXV
[Proémio].....	1
[Introdução].....	2
[Canto I] .....	36
Canto segundo de Luís de Camões com o Comento de Dom Marcos de S. Lourenço .....	243
Canto terceiro de Luís de Camões com o Comento de Dom Marcos de S. Lourenço .....	379
Bibliografia .....	687
Índice Onomástico e Toponímico.....	723

